



EVANGELHOS

SEGUNDO MATEUS, MARCOS E LUCAS

REUNIDOS E HARMONIZADOS

*

"O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida."

João, VI, v. 64.

"A letra mata e o espírito vivifica."

PAULO, II Epíst. aos Coríntios. cap. III v.6.

*

LUCAS, Cap. I, v.1- 4

*

Evangelhos

V. 1. Muitas pessoas tendo empreendido escrever a história das coisas realizadas entre nós, - 2, de acordo com o que nos transmitiram aqueles que, desde o começo, as viram com seus próprios olhos e foram os ministros da palavra, - 3, pareceu-me, excelentíssimo Teófilo, conveniente, depois de me ter informado exatamente de todas essas coisas desde o seu início, narrar-vos toda a série delas, - 4, a fim de que conheçais a verdade acerca do que aquelas pessoas não dito, o que tudo sabeis.

N.1.Os evangelistas eram, sem o saberem, médiuns historiadores inspirados mas dentro dos liames da humanidade, guardando, em face da aptidão mediúnica, a independência da natureza que lhes era peculiar.

Assim, escrevendo, recebiam a intuição, que os auxiliava na revelação. E escreviam, ou de acordo com o que tinham visto, ou com o que lhes fora revelado "por aqueles que - como diz Lucas - viram com seus próprios olhos as coisas desde o começo e eram os ministros da palavra".

A intuição lhes vinha da inspiração divina por intermédio de Espíritos superiores, que desempenhavam o papel de ministros de Deus agindo sobre a natureza humana, livre e falível de cada um deles.

O homem precisa compreender que, seja qual for o objetivo que se lhe dê por meta, forçoso é se humanizem os meios postos à sua disposição e que, conseqüentemente, esses meios se tornam imperfeitos; que nada há de impecável nas obras humanas.

A cada evangelista cabia, no quadro geral, uma parte da narração. Os tradutores e interpretadores freqüentemente falsearam a intenção primitiva. As palavras dos apóstolos passaram de boca em boca durante muito tempo antes que fossem escritas, o que deu lugar, de certo modo, às diferenças que se notam nas narrativas. Levado em conta o que, nas relações mediúnicas, há de humano e, por isso, de molde a embaraçá-las, ter-se-á desvendado o segredo dessas diferenças, aliás pouco importantes em si mesmas. Não podendo deixar de ser assim, os evangelistas, em certos casos que vos serão assinalados, ficaram privados da inspiração, entregues ao próprio critério, nalguns pontos da narrativa oriundos da voz pública e que, ao tempo da nova revelação, da revelação da revelação, teriam que ser explicados e compreendidos.

As divergências apontadas servem exatamente para atestar a autenticidade dos Evangelhos. Se eles tivessem sido falsificados, que não somente pela errônea interpretação dos tradutores, nada mais fácil houvera do que pô-los acordes todos quatro. As divergências, repetimos, pouco importantes de si mesmas, devem ser consideradas como a característica da veracidade deles.

Visto que em tudo o que é humano há erro, as diferenças, nos Evangelhos, são devidas à condição humana dos narradores, que conservavam a independência da natureza que lhes era particular, ainda quando sob a inspiração que os auxiliava na revelação. Aliás, essas disparidades não atingem absolutamente nem a base, nem os elementos da revelação messiânica, isto é: nem a origem, senão divina no sentido próprio da palavra, ao menos perfeitamente pura e imaculada do Cristo¹; nem sua missão de devotamento e de amor; nem a doutrina moral que pregou, doutrina que não é sua, mas daquele que o enviara; nem as verdades eternas que ensinou; nem suas predições e promessas; nem o modo, velado pela letra da revelação que o anjo ou Espírito superior fez a Maria e a José, do seu aparecimento e de sua passagem pela Terra; nem sua vida humilde, pura, irrepreensível, quer debaixo do ponto de vista humano, quer debaixo do ponto de vista espiritual; nem os fatos, chamados milagres, operados por ele durante a sua permanência entre os homens; nem sua "morte" infamante; nem o desaparecimento do seu corpo de dentro do sepulcro, não obstante estar selada a pedra que o fechava; nem sua "ressurreição"; nem suas aparições às mulheres e aos discípulos; nem sua volta definitiva à natureza espiritual que lhe era própria, na época denominada da "ascensão".

Sendo assim fiéis, cada uma dentro do seu quadro as narrações se explicam e completam mutuamente, formando o conjunto da obra da revelação messiânica.

Não vos agarreis às contradições de palavras, às diferenças de minúcias, todas secundárias, sem valor e que não afetam a obra do Mestre. Olhai com mais amplitude para a tarefa que vos está confiada. Cumpre-vos revelar os mistérios, que darão a conhecer aos homens, em espírito e verdade, quem é o Filho e os prepararão a saber quem é o Pai. Tendes que patentear aos olhos de todos a verdade tal como precisa ser vista, mas no tocante aos fatos principais, não a respeito de particularidades sem importância alguma.

O tempo corre, vossas horas estão contadas, não as desperdiceis em tardanças inúteis. Ocupai-vos, repetimos, com os fatos graves, que possam alterar a fé, ou que tenham sido adulterados pela tradição. Passai, sem vos deterdes, pelas críticas baseadas em minudências só dignas de prender a atenção das crianças ou de Espíritos pueris, evitando assim entrar em minuciosidades que nada valem.

Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, as palavras ditas pelo Mestre, os atos por ele praticados, as revelações, os acontecimentos, com o que, em tais narrativas, reflete e reproduz, como havia de suceder, as

impressões, opiniões e interpretações dos homens da época, feitas de acordo com os seus preconceitos, ou com as tradições relativas a essas palavras, atos, revelações e acontecimentos, à natureza e ao caráter que revestiam.

Reuni e concordai os versículos que, em Mateus, Marcos e Lucas, se correspondem, a fim de, submetendo a um só comentário os três primeiros Evangelhos, evitarde as repetições. Os Evangelhos são uma reunião de fatos ocorridos, ligados entre si, sem estarem sujeitos a uma ordem cronológica. Ao comentardes separadamente o de João, ainda para evitar repetições, reportar-vos-eis às explicações necessárias que já tiverdes recebido com relação aos pontos correspondentes nos três primeiros. A este respeito, todavia, seguireis a direção que vos dermos e fareis sob as nossas vistas a classificação.

LUCAS, Cap. I, v. 5-25

Aparição do anjo a Zacarias. - Predição do nascimento de João. - Mudez de Zacarias

V. 5. Havia, sob o reinado de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote chamado Zacarias, da turma de Abias ¹; e sua mulher pertencia também à raça de Aarão e se chamava Isabel. 6. Eram justos aos olhos de Deus e obedeciam a todos os mandamentos e ordens do Senhor, de modo irrepreensível. - 7. Não tinham filhos por ser Isabel estéril e estarem ambos avançados em anos. - 8. Ora, desempenhando Zacarias suas funções de sacerdote perante Deus na vez da sua turma, - 9, sucedeu que, tirada a sorte, conforme ao que se observava entre os sacerdotes, lhe tocou entrar no santuário do Senhor para oferecer os perfumes, - 10, enquanto a multidão, do lado de fora, orava no momento em que se ofereciam os perfumes. - 11. Um anjo do Senhor apareceu a Zacarias, conservando-se de pé à direita do altar dos perfumes. - 12. Vendo-o, Zacarias ficou todo perturbado e o pavor se apoderou dele. 13. Mas o anjo lhe disse: "Não tenhas medo, Zacarias, porquanto a tua súplica foi ouvida e Isabel, tua esposa, terá um filho ao qual darás o nome de João. - 14. Exultarás com isso de alegria e muitos rejubilarão com o seu nascimento; 15, pois que ele será grande aos olhos do Senhor, não beberá vinho, nem bebida alguma espirituosa, será cheio de um Espírito Santo² desde o seio materno; - 16, converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus; - 17, e irá à sua frente, com o Espírito e a virtude de Elias, para atrair os corações dos pais aos filhos e os incrédulos à sabedoria dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo perfeito." - 18. Zacarias disse ao anjo: "Como me certificarei disso, sendo já velho e estando minha mulher em idade avançada?" - 19. O anjo, respondendo, lhe disse: "Sou Gabriel, sempre presente diante de Deus, e fui enviado para te falar e te dar esta boa nova. - 20. Vais ficar mudo e não poderás mais falar até ao dia em que estas coisas acontecerem, por não haveres acreditado nas minhas palavras que a seu tempo se cumprirão." - 21. O povo esperava Zacarias e se admirava de que estivesse demorando tanto no templo. - 22. Mas, quando ele saiu sem poder falar, todos compreenderam que tivera uma visão no santuário, pois que lhes dava a entender isso por sinais, e ficou mudo. - 23. Decorridos os dias do seu ministério sacerdotal, voltou para sua casa. - 24. Tempos depois, Isabel, sua mulher, concebeu; e se ocultou durante cinco meses, dizendo: - 25. "Esta a graça que o Senhor me fez quando se dignou de tirar-me do opróbrio diante dos homens."

¹ A oitava das vinte quatro que David sorteara para servirem no templo, cada uma por sua vez.

² O qualificativo "santo" não tinha o significado que hoje tem, mas o de elevado, superior, bom.

N. 2. O nascimento de João, como filho de Isabel, tinha por fim impressionar desde logo o espírito público.

Isabel era estéril, isto é, não havia concebido até então, e tal se dera por ser da sua missão servir aos desígnios do Senhor.

A esterilidade aqui se deve entender no sentido de que Isabel, que ainda não chegara em idade aos limites extremos além dos quais cessa a fecundidade segundo as leis naturais da reprodução em vosso planeta, estivera até aquele momento sem filhos. É o que se verifica pelas palavras do anjo a Maria (v. 36), falando de Isabel: "ela que é chamada estéril..."

De qualquer efeito, na humanidade, se deve procurar a causa nos antecedentes da vossa existência, visto que nenhum ato praticado em encarnação precedente deixa de ter conseqüência. O homem, como sabeis, nasce e morre muitas vezes, antes de chegar ao estado de perfeição no qual gozará, em toda a plenitude, das faculdades espirituais, isto é, em que possuirá a caridade e o amor perfeitos, o conhecimento de Deus e de suas obras, o conhecimento da verdade sem véu na ordem física (material e fluídica), e na ordem espiritual (moral e intelectual), pela ciência adquirida de tudo o que vive, se move, existe na imensidade da criação. Tal sucede quando o Espírito atingiu a culminância da perfeição, a perfeição sideral, que ainda lhe deixa aberto e por percorrer, do ponto de vista da ciência universal, o caminho do infinito.

Cada uma das existências que se sucedem é solidária com a que a precedeu e, se os atos não foram culposos, muitas vezes o Espírito, aceitando uma missão no vosso planeta, aceita uma série de fatos que se hão de realizar mau grado à repugnância que à sua condição de encarnado devam causar e causem.

Assim que Isabel, fazendo parte do grupo de Espíritos que pediram e obtiveram a missão de auxiliar a Jesus na sua obra regeneradora, aceitara a condição de mulher e mulher estéril (o que era tido por opróbrio entre os Judeus), a fim de tornar mais ruidoso o nascimento de João. Assim que, igualmente, Zacarias aceitara viver sem filhos.

Porque a libré da carne lhes tenha feito esquecer os compromissos tomados, estes não se tornaram menos reais e haviam de produzir as devidas conseqüências.

Acontece com a fecundidade da mulher o que se dá com a da planta. Os fluidos que transportam o pólen para a flor depositam o gérmen no seio materno; mas, assim como o pólen se perde no espaço se não é chegada a hora da reprodução, também o gérmen humano se aniquila sem produzir frutos.

Não acrediteis haja, para cada planta, para cada ser organizado, um Espírito especialmente incumbido de lhe superintender a reprodução.

Há a ação espírita, mas geral, exercendo-se sobre as massas. Os fluidos que vos cercam são divididos conforme às necessidades, tanto da planta presa ao solo, como do homem que procura elevar-se para o céu. O nascimento de cada novo ser se verifica a seu tempo e só a seu tempo.

Quer com relação à planta, quer com relação aos animais, a formação dos corpos materiais e o nascimento se dão na ocasião precisa e obedecem às leis gerais. Ocorre o mesmo relativamente ao homem, com apenas a diferença de que aí a formação do corpo e o nascimento são consequência de resoluções tomadas, antes da encarnação, pelo Espírito, cujo invólucro material terá que reproduzir ou não, ou reproduzir somente em certas épocas, conforme àquelas resoluções.

Como se vos há muitas vezes ensinado e bem o sabeis, o Espírito escolhe suas provações. Não lhe cabe compor a matéria do corpo que há de revestir; mas, de acordo com as provações escolhidas, ele pede, antes da encarnação, que esse corpo seja adequado às provas por que lhe cumpre passar. É, pois, o Espírito quem, pela ação da sua vontade, congrega os elementos necessários e repele os impróprios ao fim visado. Preparam esses elementos os Espíritos prepostos à formação dos corpos materiais em geral. Eles atraem as matérias animais para as condensar e formar os corpos, desempenhando assim, segundo as leis gerais, o encargo que lhes toca na obra humana dos encarnados, a fim de que os ditos corpos sejam apropriados ao gênero de provas que hajam de suportar os Espíritos que, no ato de encarnar, tenham de vesti-los. Daí as diversas posições no seio da humanidade.

O Espírito que vai continuar suas provas pede, antes de encarnar, seja a fecundidade material, seja a esterilidade durante todo o tempo da existência, seja ainda a esterilidade ou a fecundidade temporárias, que cessem em épocas determinadas, de acordo com o gênero das provações escolhidas. Resulta que o Espírito, desde os primeiros momentos da encarnação, atrai ou repele os fluidos favoráveis à procriação. Onde os nascimentos inoportunos, conforme aos desejos, ou a ausência da concepção, mau grado aos desejos do encarnado.

Em tais casos, a influência, a ação espíritas apenas se verificam como resultado do pedido do Espírito, da sua vontade, no momento em que escolheu as provas.

Os Espíritos, prepostos à formação dos corpos materiais em geral, agem, desde o primeiro momento, para dar-se a fecundidade ou a esterilidade, congregando ou dispersando os fluidos necessários à fecundação, até ao instante em que as condições do encarnado devam mudar.

Uma vez disposto e preparado o corpo para o gênero de provas escolhido, quer se trate da esterilidade, quer da fecundidade, antes que o ocupe o Espírito para quem ele se formou, submetidos os fluidos respectivos à direção dos Espíritos prepostos, estes se limitam a exercer a vigilância precisa

para que cada provação siga o seu curso, para que os acontecimentos se realizem convenientemente.

Assim, o Espírito que escolheu a prova da esterilidade temporária, tomando o corpo com que a suportará, repele, durante certo tempo, os fluidos que servem à fecundidade e, expirado esse tempo, passa a atrair os mesmos fluidos, sempre sob a vigilância dos Espíritos prepostos.

Refleti agora: Zacarias, marido de Isabel, no uso dos seus direitos, rogara muitas vezes ao Senhor que o libertasse do opróbrio que pesava sobre o seu lar, concedendo-lhe um filho do sexo masculino. Isabel, por seu lado, pedira, dentro das linhas da missão que escolhera e para servir aos desígnios do Senhor, a esterilidade temporária. Dai vem que as condições humanas não se mostraram de molde a favorecer à maternidade, até ao momento em que aqueles desígnios se haviam de cumprir.

Aos olhos dos homens, a súplica de Zacarias foi escutada, pois que o nascimento desejado se verificou. Do ponto de vista espírita, porém, o que se deu foi a cessação da prova da esterilidade. Tendo soado a hora da concepção e do nascimento, nasceu João.

Zacarias era, inconscientemente, médium, como bem o compreendeis: - vidente, intuitivo pela consciência que tinha da sua visão, e audiente. Assim se explica que tenha visto o Espírito e lhe haja falado. Foi condenado ao silêncio, não por haver duvidado, porquanto é avisado o homem que se põe em guarda contra o desconhecido, mas para que aquela enfermidade momentânea corroborasse as predições que lhe vinham de ser feitas.

Insistimos nas palavras do anjo a Zacarias a respeito de Elias, palavras essas repetidas e confirmadas mais tarde pela opinião e pela voz públicas. Sim, Elias seria João e João fora Elias.

Os Espíritos do Senhor vestem muitas vezes - visando erguer a humanidade - uma libré que, aos olhos dos homens, é tida por ínfima, de acordo com os seus preconceitos no tocante às condições sociais. É que o devotamento desses Espíritos sabe ser eficaz sob todas as formas.

São raras as manifestações dos grandes Espíritos, por meio de encarnações ou de aparições conformes ao grau de elevação que já atingiram e à natureza espiritual que lhes é própria; mas, há épocas de transição em que elas são necessárias no vosso, como em todos os outros planetas. Muitos destes, mais adiantados do que a terra, existem, onde Espíritos ainda mais elevados vão reavivar as aspirações do belo e do bem, sempre que se enfraquecem.

No futuro, reconheceréis a origem do Espírito pelo seu presente como encarnado: "Mácula alguma se lhe notará na vida; o amor a Deus e ao próximo presidirá a todos os seus atos e dominará todos os seus pensamentos. A infância té-la-á tranqüila, isenta dos maus pendores que geralmente se manifestam nas crianças, e laboriosa a juventude, sobrepujados todos os instintos materiais pelo amor ao trabalho e ao progresso. Na virilidade, será irrepreensível, pois que nenhum abuso, nenhum excesso a conspurcará. Na

velhice, ver-se-á respeitado, venerado, adorado, no sentido humano da vossa linguagem. Essa velhice será o reflexo de uma vida sem mancha aos olhos do Senhor. Nele encontrarão indulgência todas as fraquezas; amparo, proteção, auxílio todos os desfalecimentos. Esperará serenamente a libertação pela morte”.

Eis aí, ó bem-amados, os sinais que vos farão conhecer que um Espírito superior desceu ao vosso meio para dar novo impulso ao progresso ou ativá-lo.

N. 3. Pretendeu-se, de modo absoluto, que a ciência humana pode, mediante um tratamento humano, por termo à esterilidade.

Não vedes que muitos doentes morrem apesar de tratados pela ciência médica e que outros recobram a saúde? Por que isso? Porque para uns soou a hora, enquanto que os outros têm que prosseguir a sua jornada.

O tratamento que, para os homens, fez com que a mulher até então estéril concebesse, não falhou em outros? Por quê? Porque a hora de uma soou, ao passo que a outra deve continuar estéril, ou por toda a vida, ou até que chegue a época e se verifiquem as condições e as circunstâncias de que resulte a cessação da esterilidade.

Não vejais, nestes dois pontos de vista, nenhuma fatalidade; não concebais, sobre os fatos, nenhuma idéia de fatalismo, de predestinação, de escravidão moral. Reportai-vos à escolha da natureza e da duração das provas.

As coisas se passaram do mesmo modo, tanto pelo que toca ao nascimento, como pelo que respeita à morte; tudo é determinado, dentro da harmonia universal, pelas leis imutáveis que regem a natureza.

No que se refere à morte, nada há de fatal senão o natural limite fixado por essas leis como sendo o momento irrevogável do fim humano. Assim, o instante da morte é fatal no sentido de que o livre arbítrio humano não pode prolongar o curso da vida além desse limite natural e imutável, estabelecido para sua duração. Mas, o livre arbítrio do homem pode deter o curso da sua própria vida em certo ponto - entre o nascimento e aquele limite natural e imutável, que só raramente é atingido. As resoluções espíritas, isto é, as resoluções que o Espírito tomou antes de encarnar, quanto ao gênero das provas, à extensão e ao termo delas, quanto à duração da existência e quanto aos atos que praticará durante a encarnação, assim como o emprego, o uso ou o abuso que ele faz da vida terrena, quase sempre o impedem de atingir esse limite. Dentro da latitude que lhe é concedida, pode o Espírito mover-se à vontade; e da maneira por que usa do seu livre arbítrio, quer antes da encarnação ao fazer a escolha das provas, quer no decurso da existência terrestre, depende o soar para ele, ao fim de determinado tempo, a hora da morte, sob o império das leis naturais que regem a vida humana.

Portanto, para o doente, que morre mau grado ao tratamento médico, o momento chegou, ou porque tenha atingido o limite natural e imutável estabelecido para a duração do homem, ou porque tenha atingido o limite restrito que ele próprio, usando do seu livre arbítrio, traçou, seja ao tomar as suas resoluções antes de encarnar, seja na utilização que fez da existência terrena, isto é, pelos atos que praticou durante a encarnação, ou pelo não preenchimento das condições necessárias ao prolongamento da vida do corpo até ao termo das suas provações³.

No tocante ao nascimento, nada há de fatal senão tempo e as condições determinadas para que ele se dê segundo as leis naturais e imutáveis que regulam a reprodução em vosso planeta. Mas o livre arbítrio do homem ou da mulher, pelas resoluções assentadas antes da encarnação, pode obstar ao nascimento em absoluto, ou temporariamente: em absoluto, subtraindo-se à aplicação da lei de reprodução pela escolha da prova de esterilidade persistente durante a vida toda; temporariamente, escapando ao influxo dessa lei durante um lapso de tempo determinado, pelas resoluções anteriores à encarnação, caso este em que a cessação da esterilidade ficará dependendo de atos ou circunstâncias, que se hão de verificar como conseqüência daquelas resoluções.

De modo que, quando uma mulher até então estéril se tornou, no pensar dos homens, capaz de conceber por efeito do tratamento da ciência, o que se deu foi que se verificaram os atos ou circunstâncias que haviam de fazer cessar a sua condição de estéril, de acordo com as resoluções que seu Espírito tomara antes da encarnação, objetivando passar pela prova da esterilidade temporária.

Com relação àquela em quem o tratamento da ciência nenhum resultado produziu, o que se deu foi que o momento não chegou, ou porque a esterilidade deva ser uma condição de toda a sua existência terrena, conformemente às deliberações tomadas pelo seu Espírito antes de encarnar; ou porque, devendo ter uma duração limitada a esterilidade, não se verificaram os atos ou circunstâncias, que, ainda como conseqüência de tais deliberações, lhe haviam de ocasionar a cessação.

A ciência de que dispõe a vossa humanidade material nada pode produzir contrariamente às leis da natureza, às leis da encarnação, da escolha e duração das provas. Se o Espírito se submeteu, por provação, a uma esterilidade permanente, nada será capaz de destruí-la. Se, porém, preferiu a alternativa: ou ficar estéril, ou tornar-se fecundo, conforme a tal ou tal circunstância, a tal ou tal merecimento, ser-lhe-á dado ver modificar-se o seu futuro humano. Figuremos um exemplo: certo Espírito negligenciou dos seus deveres de chefe de família ou de mãe dedicada. Toma a firme resolução de reparar seus erros, mas não ousa entrar na esfera da família antes de es-

³ Tudo o que se refere ao instante da morte está tratado nos comentários feitos ao Quinto Mandamento e o que acaba de ser dito não se deve separar desses comentários.

tar seguro de que terá a perseverança necessária, ou se condena a uma longa espera, que lhe torne ainda mais caro o nascimento do filho desejado. Dele, portanto, da sua resolução, dos seus progressos, dependerá enveredar pelo caminho da constituição do lar. Só então lhe será possível empregar os meios capazes de determinarem a satisfação dos seus desejos.

Então e só então poderá a ciência auxiliá-lo na consecução de seu objetivo, uma vez que, conformes às determinações que tomou antes de encarnar, seus atos, ou uma circunstância, um acidente estranho, na aparência, à sua vontade, o colocam na situação propícia à cessação da esterilidade. Assim, em certos casos, o auxílio da ciência será eficaz, no sentido de que concorrerá para facilitar, no encarnado, o desenvolvimento dos fluidos necessários à reprodução.

Mas, o certo é que, em tais casos, a esterilidade cessaria sem a intervenção da ciência. De sorte que os casos nos quais a esterilidade haja de cessar constituem para a ciência, cujo auxílio não é de modo algum indispensável, apenas motivo de estudo dos meios a empregar com o fim de desenvolver os fluidos necessários à concepção.

Não há como inferir daí que se deva renunciar às pesquisas da ciência, não. Ela é um dos meios de realização dos desígnios providenciais. À ciência, pelas suas investigações, compete levar o homem à descoberta de tudo quanto até hoje se considerou como segredo da natureza, como mistério. Assim é que muitos encarnados se apresentam, na marcha do tempo e do progresso, sujeitos a provações que confirmam os resultados obtidos, as conquistas feitas.

Compreendi bem o nosso pensamento quanto ao mistério da fecundação humana. Esse mistério será um dia explicado; mas, só a poder de provações, de estudos, de perseverança chegará o homem a ler correntemente no livro misterioso. Ora, é exatamente para facilitar as indagações, animar os investigadores, que muitos Espíritos encarnam, trazendo por missão servir de objeto de estudos, ou de experimentações, se o preferis. Daí vem que alguns resultados imprevistos, encorajando o homem a tentar pesquisas mais profundas, o levarão, seguindo a marcha progressiva do vosso planeta e da sua humanidade no caminho da purificação, a compreender as combinações fluídicas que formam a matéria. E, novo Prometeu, ele saberá materializar os fluidos; porém, mais prudente e humilde, não procurará animá-los, deixando ao Criador o cuidado de lhes enviar a centelha vivificadora. Não vos equivoqueis sobre o sentido destas palavras. Não se vos diz que o homem, como o oleiro que manipula a argila para fazer uma imagem que se lhe assemelhe, manejará os fluidos para, à sua vontade, os condensar e formar corpos materiais idênticos aos vossos. Diz-se apenas que saberá compreender, definir, atrair a si os fluidos, para atingir esse resultado da formação dos corpos, conforme sucede em planetas mais adiantados do que o vosso, onde os fluidos necessários são atraídos uns

para os outros pela só ação de um duplo e uniforme pensamento. O mesmo sucederá no planeta terreno, quando houver alcançado esse grau de elevação.

N.4. Quais o sentido e o alcance destas palavras que haveis ditado mediunicamente, falando da dúvida de Zacarias: "porquanto é avisado o homem que se põe em guarda contra o desconhecido?"

É de bom aviso não abraçar cegamente qualquer idéia nova, não acolher como boas todas as máximas pregadas com mais ou menos eloquência. Deve-se sempre sondar cada fato, cada idéia. Deve-se procurar ver tudo, não com os olhos do corpo, mas com os da inteligência; escutar, não com os ouvidos materiais, mas com os da alma. O homem deve raciocinar, estudar, apreender bem todas as coisas. Eis por que dissemos que não foi por haver duvidado que Zacarias ficou mudo.

Que pedia ele? Uma prova de que a aparição não era um erro, uma alucinação do seu Espírito. Recebeu, pois, uma prova e não um castigo. Poderá o Senhor considerar crime a ignorância do homem?

N.5. Tendo-se em vista estas palavras de Zacarias (v. 18): "De que modo me certificarei disso, sendo eu já velho e estando minha mulher em idade avançada?", como devem ser entendidas, na resposta do anjo ou Espírito enviado (v. 19 e 20), estes dizeres: "por não haveres acreditado nas minhas palavras, que a seu tempo se cumprirão?"

Zacarias pedia, já o dissemos, simplesmente uma prova, sem prevenções de dúvida ou de negação. Pedir uma prova era não querer acreditar, unicamente pelas palavras ouvidas, que o fato ocorresse como lhe fora dito.

N.6. Considerando esta frase: "Insistamos nas palavras do anjo ou Espírito que se manifestou a Zacarias, a respeito de Elias, palavras repetidas e confirmadas mais tarde pela opinião e pela voz públicas: "Sim, Elias seria João e João fora Elias".

1º Que se deve entender por isto: "palavras repetidas e confirmadas mais tarde pela opinião e pela voz públicas"?

João era tido geralmente pelos Judeus como sendo o profeta Elias que voltara. Precisamente porque a opinião geral via em João o reaparecimento de Elias, é que tantas interpelações lhe foram dirigidas sobre esse ponto no curso de sua missão, repetindo mais tarde os discípulos a Jesus o que, a tal respeito, diziam os fariseus.

2º Tendo-se em vista estas palavras: "Sim, Elias seria João e João fora Elias", será lícito dizer-se que as do v. 17: "Ele irá à sua frente com o espírito e a virtude de Elias", tinham por sentido oculto e único

verdadeiro, no pensamento e na linguagem do anjo, indicar que o Espírito do profeta Elias viria reencarnar no corpo daquele menino que ia nascer de Isabel e de Zacarias?

Sim, certamente.

Que esse sentido oculto só mais tarde seria explicado pela revelação espírita, destinada a explicar em espírito e em verdade a lei natural da reencarnação em seu princípio e suas conseqüências?

Sim; mas esse sentido oculto fora entrevisto desde a origem.

Nº7. Na frase: "Os Espíritos do Senhor vestem muitas vezes - visando erguer a humanidade - uma libré que, aos olhos dos homens, é tida por ínfima, de acordo com seus preconceitos no tocante às condições sociais. É que o devotamento desses Espíritos sabe ser eficaz sob todas as formas", que sentido se deve atribuir a estas palavras: "Uma libré que, aos olhos dos homens, é tida por ínfima, de acordo com seus preconceitos no tocante às condições sociais"?

Falávamos de João. Notai a condição humílima de Jesus, do ponto de vista do vosso mundo. Que categoria social ocupava ele? Qual a que ocupavam os apóstolos, os discípulos zelosos e fiéis do Mestre? - Homens, não observais ainda agora, nas classes mais abjetas segundo o vosso ponto de vista, exemplos de abnegação, de nobreza d'alma que o vosso orgulho não desejara ver senão nas classes elevadas da sociedade, no seio das quais, entretanto, é que geralmente, para vergonha delas, menos se produzem esses exemplos?

Nº 8. Qual o sentido destas palavras (v. 15): "Ele não beberá vinho, nem bebida alguma espirituosa?"

Os homens consagrados ao serviço de Deus se obrigavam a uma existência especial. Entre os compromissos que assumiam estava o da abstenção das bebidas espirituosas ou fermentadas. Os Hebreus ofereciam muitas vezes um filho ao Senhor, sobretudo se o tinham desejado durante largo tempo e se se tratava do primogênito, como, entre vós, muitas mães oferecem seus filhos à Virgem.

E o destas palavras (v. 15): "será cheio de um Espírito Santo desde o seio materno?"

As vozes de além-túmulo vos hão revelado, ensinado, a vós espíritas, quais as angústias por que passa o Espírito que vai encarnar de novo para suportar as provações que lhe são necessárias, quais as suas inquietações sobre o resultado dessas novas provas, qual a perturbação que isso lhe causa, perturbação que aumenta de contínuo até ao instante do nascimento e que vai mais longe, ainda que enfraquecendo durante o primeiro período da infância material.

Vós o sabeis: o Espírito, depois de haver expiado, na erraticidade, as faltas ou crimes cometidos, experimentando sofrimentos ou torturas morais adequados e proporcionados a esses crimes e faltas, entra na fase da reparação. Escolhe então as provações que julga mais apropriadas ao seu adiantamento; mas, essas provações se lhe afiguram sempre terríveis. Tão fraco se sente, examinando o passado, que duvida de suas forças no futuro. Começa aí a perturbação, o estado de ansiedade, a princípio bem nítido, mas que depois perde em nitidez o que ganha em intensidade, à medida que no seio materno se forma o invólucro que lhe cumpre revestir e ao qual ele se acha ligado, desde o início da concepção, por um laço fluídico, uma espécie de cordão, que gradualmente se encurta, aproximando-o cada vez mais do seu cárcere. Operado o nascimento, completa é a ligação entre o Espírito e o corpo, do qual não mais pode aquele separar-se. Principiam as suas provações. Sofre logo o efeito da perturbação, que, entretanto, muda de caráter. Já não é a angústia dos primeiros momentos, é o torpor produzido pela matéria, até que, desenvolvendo-se esta, lhe seja a ele possível adquirir, pouco a pouco, relativa liberdade.

Não suponhais, porém, que o mesmo ocorra com um Espírito elevado, que toma a veste carnal como se vestira um uniforme dentro do qual se achasse bem aparelhado para prestar bons serviços à pátria.

Esse é com alegria que recebe os amplexos da carne e mesmo no seio materno, enquanto não se apertaram inteiramente os laços que o prendem ao corpo, ele, livre, aprecia a importância da obra de que foi incumbido, a extensão da confiança de que o Senhor por essa forma lhe dá prova e daí tira motivo de grande júbilo! Não lhe sucede ficar desde a concepção submetido totalmente ao jugo da carne; conserva uma tal ou qual independência. Sem sofrer as angústias que precedem a encarnação, experimenta apenas o entorpecimento que a matéria causa por ocasião do nascimento, quando o corpo constribe por completo o Espírito, e que se prolonga até que, com o desenvolvimento gradual da matéria, aquele readquire relativa liberdade. João era cheio de um Espírito Santo desde o seio materno, porque, sendo o seu um Espírito muito elevado, atraía a si os que lhe eram iguais ou superiores, para assisti-lo.

Nº9, Que se deve entender por "Espírito Santo"?

Segundo o modo de ver dos tempos hebraicos e dos tempos evangélicos, durante a missão de Jesus na terra, essa locução Espírito Santo era uma expressão familiar aos Hebreus, significando a manifestação mesma de Deus por um ato qualquer e a inspiração divina - "o sopro do próprio Deus".

Para exprimir que um homem era como que inspirado por Deus, dizia-se que ele estava cheio de Espírito Santo, que um Espírito Santo estava nele, que

era impelido pelo Espírito, que obrava "por um movimento do Espírito de Deus".

Semelhante expressão foi empregada com relação a Jesus. Era própria da época em que os homens não compreendiam que aquele que supunham um homem igual aos demais, de cuja origem, essência e natureza nada sabiam, pudesse libertar-se tanto da fraqueza humana, sem estar cheio de Espírito Santo, sem que um Espírito Santo estivesse nele, sem ser impelido pelo Espírito, isto é, sem ser inspirado por Deus do mesmo modo que os profetas.

Segundo a maneira de ver dos tempos posteriores à missão de Jesus na terra e segundo a opinião católica, o Espírito Santo era uma parte individualizada do próprio Deus. Uma fração de Deus, inteligência suprema que reina sobre todas as massas, revestira a forma humana para descer visivelmente ao meio dos humanos, sendo uma outra fração a inteligência, a inspiração divinas, que se transmitiam aos homens para os inspirar, capaz, se necessário fosse, de tomar uma forma material a fim de se lhes tornar visível.

No âmago dessas interpretações falsas havia uma mistura de idéias hebraicas, de idéias politeístas, acidentalmente panteístas, e de uma reminiscência confusa de idéias espíritas, alguns de cujos traços a tradição conservara e das quais a imaginação do homem se apropriou, adaptando-as às suas necessidades.

Do ponto de vista espírita e conforme à verdade que a nova revelação vem pôr em foco aos olhos de todos, o Espírito Santo, de modo geral, não era e não é um Espírito especial; mas, uma designação figurada, que indicava e indica o conjunto dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos.

É a falange sagrada, instrumento, na ordem hierárquica da elevação moral e intelectual, e ministra de Deus, uno, indivisível, eterno, infinito, que irradia por toda parte sem jamais se fracionar e cujas inspirações e vontades só os Espíritos puros recebem diretamente, para as transmitir aos Espíritos superiores, e, por meio destes, aos bons espíritos, que, através da escala espírita, as fazem chegar até vós.

É a falange sagrada que promove a execução e executa, de acordo com as leis gerais estabelecidas, imutáveis e eternas, as inspirações e a vontade de Deus nos planos físicos, intelectual e moral, objetivando a organização, o funcionamento e a realização da vida e da harmonia universais, do universal progresso, na imensidade dos mundos mais ou menos materiais, mais ou menos fluídicos, de todos os universos; na infinidade dos Espíritos, quer errantes, quer fluídica ou materialmente encarnados, quer fluidicamente incorporados e investidos do livre arbítrio; na multiplicidade de todos os seres, em todos os reinos da natureza.

É a falange sagrada, verdadeira providência divina, executora, pelas vias hierárquicas de elevação moral e intelectual, na imensidade, nos mundos es-

píritas e em todos os planetas, inferiores e superiores, da justiça, da bondade e da misericórdia infinita de Deus, pai de todos e de tudo o que existe.

Assim, estar cheio do Espírito Santo, ter em si um Espírito Santo, ser impelido pelo Espírito, obrar por um movimento do Espírito de Deus, era e é ser assistido, inspirado, guiado pelos Espíritos do Senhor, Espíritos estes que o encarnado atrai a si, na conformidade da sua elevação moral e intelectual, conforme à natureza e à importância da missão ou da obra que lhe cumpre executar.

Espírito perfeito, puro entre os mais puros que presidem, sob a sua direção, aos destinos, ao desenvolvimento e ao progresso do vosso planeta e da sua humanidade, encaminhando-os, Jesus, cuja pureza, cuja perfeição se perdem na noite da eternidade, Espírito protetor e governador do vosso mundo, vosso e nosso Mestre, obrava, não sob influencia estranha, mas por si mesmo. Poder-se-ia, pois, dizer que era "impelido pelo Espírito" no sentido de que, permitindo-lhe a sua elevação e a sua pureza aproximar-se do centro da onipotência, ele recebia diretamente as inspirações divinas.

Nº10. A aparição do anjo a Zacarias (v. 11) se produziu tal como os Hebreus a figuravam, sob forma humana?

Sim, os Hebreus representavam os anjos vestidos de branco, com o semblante nimbado de raios luminosos, cujo foco não percebiam e, por vezes, lhes punham asas para que o povo compreendesse que podiam percorrer o espaço.

Quanto às aparições que se tem dado em outras épocas e no seio de outros povos, todas se produziram sempre nas mesmas condições, isto é, o Espírito tomou sempre a aparência mais apropriada a ferir a imaginação do homem, ou a lhe lembrar aquela que ele desejara ter diante da vista.

N 11. Qual o sentido destas palavras do anjo, falando de si mesmo(v. 19): "Sou Gabriel, sempre presente diante de Deus"?

Não se deve concluir destas palavras que esse Espírito estivesse continuamente diante de Deus, como um ministro humano que aguarda as ordens de seu monarca. Sendo um Espírito elevado, um dos mensageiros do Senhor, estava, por isso mesmo, em relações contínuas com ele. A inspiração divina lhe vinha como a do vosso anjo de guarda vos chega, levada em conta a diferença das naturezas espirituais e das relações que delas decorrem.

N.12. Por que meios se operou a mudez de Zacarias?

Pela ação fluídica resultante da vontade do anjo. Conforme vos explicaremos mais tarde, assim como há um magnetismo humano, também há um magnetismo espiritual. Por efeito da ação espírita; a língua de Zacarias foi

carregada de fluidos, que a tornaram pesada, determinando uma espécie de paralisia aparente, da mesma forma que, quando o magnetizador quer imobilizar um dos membros do magnetizando, o torna extremamente pesado. O magnetismo, ainda muito imperfeito entre vós outros, é um derivado da nossa natureza. Vossos fluidos atuam mais ou menos, conforme se acham menos ou mais comprimidos ou desnaturados pela carne.

No Espírito, os fluidos são livres e vos influenciam mais ou menos conforme à vossa matéria, do mesmo modo que a influência do magnetizador se faz sentir mais ou menos, conforme o magnetizando é mais ou menos impressionável, mais ou menos lúcido.

Esta explicação deve bastar para todos os casos da categoria dos milagres. Toca-vos tirar dela o partido conveniente.

Nº13. Em face do v. 25: Porque se ocultou Isabel durante cinco meses após a concepção (v. 24), desde que, cessando a sua esterilidade, desaparecera o opróbrio que sobre ela pesava, segundo os preconceitos hebraicos?

Por ato de humildade, a fim de prolongar voluntariamente o opróbrio em que vivia.

LUCAS: Cap. I, v. 26-38

Anunciação

V.26. Estando Isabel no seu sexto mês de grávida, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré, - 27.A uma virgem, noiva de um varão chamado José, da casa de David, e essa virgem se chamava Maria. - 28.O anjo, aproximando-se dela, disse-lhe: "Eu te saúdo, ó cheia de graça; o Senhor está contigo; és bendita entre as mulheres", - 29.Ela, porém, ouvindo-o, se turbou do seu falar e consigo mesma pensava no que significaria aquela saudação. - 30.O anjo lhe disse: "Nada temas, Maria; porquanto caíste em graça perante Deus. - 31.É assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus. - 32.Ele será grande e será chamado o filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai, e ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob. - 33.E seu reino não terá fim." - 34.Então disse Maria ao anjo: "Como sucederá isso, se não conheço varão?" - 35.O anjo respondeu: "O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e por isso o santo que nascerá de ti⁴ será chamado Filho de Deus. - 36.E eis que tua parenta Isabel concebeu na velhice um filho e está no Sexto mês de gravidez, ela que é chamada estéril. - 37.É que nada será impossível a Deus". - 38.Então Maria disse: "Aqui está a serva do Senhor, faça-se em mim conforme às tuas palavras". E o anjo se afastou dela.

Nº14. O homem, desde que habita a terra, não tem ouvido em todos os tempos a mesma linguagem. Em cada época de transição só lhe é dito e dado aquilo que ele pode suportar. A humanidade precisa ser preparada para o que lhe cumpre saber. A cada ida de sua necessário é que se lhe fale a linguagem conveniente, a fim de que ela compreenda e atenda.

Homens, não esqueçais que éreis criancinhas quando Jesus desceu à terra para vos traçar os caminhos da regeneração e lançar-lhe as bases e que agora quase que ainda o sois.

Curvai-vos diante da sabedoria infinita que preside ao vosso progresso e o dirige por intermédio do Cristo, vosso Mestre, protetor e governador do vosso planeta e da sua humanidade, dando-vos pouco a pouco a luz e a verdade, conduzindo-vos gradualmente, através dos séculos, para a perfeição.

O aparecimento de Jesus, segundo o anjo o anunciou a Maria, depois a José, por efeito de uma concepção e de um nascimento que os homens trataram de sobrenaturais, miraculosos, divinos, como obra do Espírito Santo, isto é, por um ato do próprio Deus, pois que o Espírito Santo era, para os Judeus, já o sabeis, a inteligência divina manifestando-se por um ato qualquer,

⁴ O original grego diz: "...que nascerá será..."- (Nota da Editora).

tinha que permanecer e permaneceu secreto durante todo o tempo da sua missão terrena.

Maria confiou a revelação aos discípulos preferidos de Jesus. Preferidos quer dizer que o seguiam mais assiduamente e com a virtude dos quais sabia ele poder contar. Dóceis às inspirações de seus guias, esses discípulos compreenderam que, divulgada, semelhante revelação acarretaria, da parte dos homens, a descrença na pureza de Maria e na origem de seu filho.

Esperaram, para espalhá-la no seio das multidões, que, com o desempenho completo da missão terrena de Jesus, o tempo houvesse amadurecido os frutos.

Assim que, só depois do sacrifício do Gólgota, do reaparecimento do Mestre, reaparecimento a que se deu o nome de "ressurreição", do seu regresso à vida espírita, fato que se chamou a "ascensão", se radicou a crença na divindade que lhe atribuíram.

Nesses últimos tempos seus discípulos prestaram fé a essa divindade, interpretando, ao pé da letra, as palavras - meu pai - de que usava Jesus ao referir-se a Deus e achando que só uma tal origem e a sua vida sem mácula explicavam os fatos surpreendentes chamados milagres, que lhes feriam, de continuo, os sentidos materiais.

Durante a sua missão terrena, Jesus, e assim devia suceder, foi tido, pelos homens, como fruto da concepção humana, como um homem igual aos outros, tendo Maria por mãe e por pai José. Para seus discípulos e para a multidão que o acompanhava, era um profeta revestido da libré material humana, qual os profetas da lei antiga. Para os príncipes dos sacerdotes, para os escribas, os fariseus e seus adeptos, era um impostor, por isso que, segundo eles, declarando-se "o filho de Deus", Jesus se atribuía a si mesmo a divindade, se fazia passar pelo próprio Deus.

Maria tinha que ser e foi, aos olhos de todos, a mãe de Jesus: primeiro, porque o consideraram um homem como outro qualquer, de acordo com as leis materiais da concepção e do nascimento humanos, da reprodução no vosso planeta; em seguida, porque o consideraram como Deus encarnado no seio de uma virgem, mediante uma concepção, uma gravidez e, por conseguinte, um nascimento, que eram obras do Espírito Santo.

Compreendi bem a necessidade, que havia então, de, primeiramente, se materializarem todos os fatos, a fim de os tornar acessíveis à matéria; de, depois, desempenhada a missão terrena de Jesus, idealizar-se a matéria, dando-se-lhe uma origem divina, a fim de que os homens se curvassem ao jugo e a fim de que, graças à divindade atribuída ao Cristo, sua missão fosse aceita e suas leis obedecidas.

Jesus, como Espírito, não teria sido compreendido, suas dores morais, sua abnegação não teriam sido apreciadas. Para que o homem compreendesse o sofrimento, preciso era que o sofrimento fosse físico. A carne tinha necessidade de um sacrifício de carne. Àqueles que vertiam o sangue dos touros e dos cordeiros era preciso que se apresentasse um sacrifício de

carne e sangue. Eles jamais compreenderiam o devotamento sem limites do Espírito luminoso descido à terra para lhes trazer o exemplo da vida preparatória da eternidade.

O homem é orgulhoso; a descida de um Espírito do Senhor à terra não lhe teria bastado; era-lhe mister um Deus.

Não esqueçais que os Judeus se achavam em contacto direto com os Romanos; que as idéias e costumes dos conquistadores se infiltram sempre nos da nação conquistada. Assim, as idéias politeístas vieram a encontrar-se em face do monoteísmo. A vida e os atos de Jesus durante a sua missão terrena; sua "morte" e sua "ressurreição"; os fatos que se seguiram; a interpretação humana dada "às suas palavras"; a divulgação feita pelos discípulos, uma vez terminada essa missão, do que o anjo ou Espírito anunciara a Maria, depois a José, acerca daquela concepção, daquela gravidez, obras do Espírito Santo no seio de uma virgem e como tal consideradas "sobrenaturais", "miraculosas", "divinas", criaram para os Judeus a necessidade de multiplicarem a divindade, tentando manter a unidade na pluralidade. Dai o que os homens chamaram o dogma das três pessoas.

O materialismo, como hoje, esmagava o mundo com o seu peso carnal e o mundo perecia, porquanto toda a carne apodrece. Cumpria erguer o Espírito e dar-lhe a força de lutar contra a matéria. Para se conseguir isso, era indispensável que o mundo tivesse ante os olhos um exemplo imaterial, imaterial sob o ponto de vista da divindade atribuída ao Cristo, não durando a sua materialidade, para os homens, mais do que um tempo muito restrito e não passando de um meio de comunicação.

Na apresentação deste exemplo em vosso mundo é que está, segundo as vistas humanas, o milagre, por isso que, aos olhos dos homens, ela importou numa derrogação das leis estabelecidas.

Não há aí, entretanto, "milagre" algum. A vontade imutável de Deus jamais derroga as leis naturais por ele promulgadas desde toda a eternidade.

Como vereis pela explicação que dentro em pouco vos daremos, na medida do que a vossa inteligência obscurecida pela carne pode receber e comportar, o que houve foi aplicação das leis que regem os mundos superiores e adaptação dessas leis aos vossos fluidos, no planeta em que habitais.

Maria era um Espírito muito puro, Espírito superior, que descera à terra com a missão sagrada de cooperar no preparo da regeneração humana.

Em comunhão espiritual com os Espíritos do Senhor, mas submetida à lei da encarnação material humana tal qual a sofreis, médium inconsciente, ela recebeu, como médium vidente, audiente e intuitivo, no sentido de ter consciência do ser que se lhe apresentava, a predição que lhe era feita.

Sua inteligência, entorpecida pelo invólucro material, não se achava em estado de lembrar-se. É o que explica tenha feito sentir ao anjo, ou Espírito, a impossibilidade de conceber durante a virgindade. Cumpria que, tanto quanto os homens, a Virgem desconhecesse a origem espírita do filho

que se lhe anunciava. A explicação que daremos da concepção, da gravidez e, conseguintemente, do parto de Maria, como obra do Espírito Santo, vos fará compreender que, não devendo conhecer aquela origem, ela de fato não a tenha conhecido e haja acreditado na sua maternidade.

Os Judeus, de acordo com as suas tradições e com as interpretações dadas ao Antigo Testamento, criam que o próprio Deus se comunicava diretamente com os homens; que o Espírito Santo era a inteligência mesma de Deus manifestando-se por um ato qualquer. Isso explica a resposta do anjo ou Espírito ao anunciar a Maria, depois a José, a concepção no seio de uma virgem, a gravidez e o parto - como obras do Espírito Santo. A resposta era adequada, segundo as vontades do Senhor, ao estado das inteligências, de modo a poder ser compreendida e escutada, apropriada às necessidades da época, tendo-se em vista os acontecimentos que iam ocorrer, preparando a humanidade para o que teria de saber mais tarde, mediante uma nova revelação, quando fossem chegados os tempos em que a pudesse suportar.

Para homens que esperavam um chefe temporal capaz de lhes reanimar a nacionalidade, de lhes reavivar as glórias e de os constituir em povo livre, preciso era um chefe que, afastando-se do programa humano, os fizesse compreender não ser deste mundo o seu reino. Tinham necessidade de oferecer um sacrifício ao Deus terrível que, segundo eles, se deleitava com o fumo dos holocaustos. E, para que o sacrifício fosse bastante grande, aqueles a quem era defeso sacrificar homens a Deus, sacrificaram Deus a si mesmo. O valor do homem precisava ser realçado; seus deveres tinham que lhe parecer maiores. Depois de haver tido Jesus, durante todo o tempo da sua missão, na conta de um homem igual aos outros, de um profeta revestido da libré material humana, como os profetas da antiga lei, os homens não o tomaram pelo próprio Deus senão após o sacrifício do Gólgota, à vista desse sacrifício, senão após o seu reaparecimento conhecido pelo nome de "ressurreição", senão em presença e por efeito dos atos que ele praticara e aos quais os mesmos homens deram o nome de "milagres", senão quando se divulgou a revelação que o anjo fizera a Maria e a José.

Dar-lhes a conhecer os segredos de além-túmulo fora atraí-los para um terreno perigoso. Não estavam ainda bastante fortes para se preservarem do perigo das relações com o mundo invisível, para receberem e aceitarem a revelação da lei natural da reencarnação, com seus princípios e suas conseqüências. Por tanto tempo tinham tremido sob o bastão de ferro de Moisés, que o Deus paternal e sempre pronto a lhes perdoar houvera inspirado uma confiança tal, que nenhum esforço tentariam. O redentor Espírito não lhes teria falado aos sentidos. Materiais, eles precisavam da matéria, mas de matéria idealizada, que os pudesse preparar para a compreensão da vida espiritual e, assim, para serem mais tarde conduzidos, pouco a pouco, à vida espírita.

O tempo, cerca de vinte séculos, e as reencarnações sucessivas, trazendo consigo a expiação, a reparação, o progresso, vos prepararam para a compreensão da vida espiritual; deveis achar-vos agora preparados e sereis conduzidos pouco a pouco à vida espírita.

À matéria - a letra; à inteligência - o espírito.

São chegados os tempos de se vos revelar a origem espírita de Jesus. A letra, já tendo produzido seus frutos, agora mata. Soou a hora do espírito que vivifica.

O aparecimento de Jesus entre os homens não foi um fato aberrante das leis da natureza. Escutai essas leis, sondai-as com o sentimento de humildade que deve dominar a criatura em face do seu Criador. A rota está traçada, avançai; nós vos ajudaremos.

Há, como sabeis, mundos inferiores e mundos superiores; mundos materiais e mundos fluídicos.

Quanto mais o Espírito se depura, tanto mais se afasta dos instintos materiais. Quanto mais perto se encontra das encarnações primitivas, tanto mais se entrega às necessidades que o aproximam do animal. O mesmo se dá com todas as necessidades da existência material, que se diversificam e mesmo desaparecem à medida que o Espírito se purifica.

À proporção que sobe na escala dos mundos, mais as necessidades da carne e, por conseguinte, os meios de reprodução se depuram e espiritualizam. A união da matéria com a matéria para formar a matéria é uma das condições inerentes à vossa inferioridade e só existe nos mundos materiais, em cujo número ainda se conta o vosso.

Nos mundos superiores, fluídicos, suficientemente elevados, a vontade constitui a base da lei de reprodução. A vontade é que a provoca, operando, sob a ação magnética, a reunião dos fluidos adequados, no seio da família onde a aludida vontade se manifesta.

Em tais mundos, o Espírito surge por encarnação fluídica, ou, melhor: por incorporação. Ao chegar ao planeta, encontra os fluidos necessários a essa incorporação e, por si mesmo, a executa, com o auxílio daqueles fluidos, na família destinada a tutelá-lo. A vontade ou o desejo dos pais o chama e essa mesma vontade exerce atração sobre os fluidos constitutivos da incorporação, os quais, associando-se-lhe ao perispírito e sendo por este assimilados, compõem, conforme ao planeta, um corpo relativamente semelhante ao vosso.

Os laços que ligam os pais aos filhos são mais fortes do que entre vós e não são suscetíveis, como no vosso mundo, de se desfazerem ou afrouxarem, por isso que pais e filhos compreendem toda a extensão deles.

Lá nesses mundos elevados não há macho e fêmea no sentido que dais a estas expressões. Os instintos experimentam algumas variações, mas nada têm de comum com os vossos sentidos materiais. É difícil e mesmo inútil dar-vos explicações que não podereis apreender. Sabei unicamente que há diferença de sexos sob o ponto de vista moral e fluídico. Essa diferença provém da que

existe na natureza e na propriedade dos fluidos, assim como no emprego que se lhes dá no estado de encarnação ou incorporação. Sabei também que o moral e o físico estão sempre ligados um ao outro em todas as esferas e que os fluidos servem para exprimir os sentimentos e as propriedades do Espírito. Não tendes disso aí um exemplo, ainda que muito material? O Espírito que encarna não sofre a influência da matéria? E a matéria não é senão fluidos espessados e solidificados, do mesmo modo que o gelo dos rios não é senão uma concentração do leve vapor que deles se desprende sob a ação dos raios solares.

Nos mundos elevados, o amor, palavra que profanais, existe com grande desenvolvimento, mas sempre em condições de pureza.

Quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais viva se lhe desenha na memória a miragem do passado.

Somente o Espírito puro, não mais sujeito a encarnação alguma em qualquer planeta que seja, por já haver atingido a perfeição sideral, dispõe de todos os fluidos, como possuidor que é de uma ciência completa, goza de inteira liberdade e independência e tem a consciência exata da sua origem, seja qual for o perispírito ou corpo fluídico que tome e assimile às regiões que percorra. Esse perispírito ou corpo fluídico, apropriado ao planeta, ele o toma, deixa e retoma, conservando-lhe os princípios constitutivos sempre prontos a se separarem ou reunirem, por efeito da sua vontade, segundo as condições e as necessidades da missão superior que lhe caiba desempenhar.

Lembraí-vos destas palavras de Jesus, aludindo, antes e depois do sacrifício do Gólgota, à sua missão terrena e a este sacrifício, referentes essas palavras ao corpo que ele revestira e que constituía sua vida aos olhos dos homens: "Deixo a vida para a retomar; ninguém me tira; sou eu que por mim mesmo a deixo; tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar"(João, X, v. 18).

Jesus houvera podido, unicamente por ato exclusivo da sua vontade, atraindo a si os fluidos ambientes necessários, constituir o perispírito ou corpo fluídico tangível que vestiu para surgir no vosso mundo sob o aspecto de uma criancinha. Maria, porém, antes da sua encarnação, pedira, por devotamento e por amor, a graça de participar da obra de Jesus, atraindo, pela emanção de seus fluidos perispíricos, os fluidos ambientes necessários a constituição daquele perispírito. Dessa maneira se tinha que verificar a sua cooperação, mas de forma para ela inconsciente, porquanto o estado de encarnação humana lhe não permitia lembrar-se. Assim, ao aproximar-se o momento final da sua gravidez aos olhos dos homens, ela, inconscientemente, mas ardendo no desejo de cumprir a missão que o Senhor lhe revelara por intermédio do anjo ou Espírito superior que lhe fora enviado, estabeleceu, pela emanção dos fluidos do seu perispírito, uma irradiação simpática, que atraiu os fluidos necessários à formação do corpo

fluídico de Jesus. Nenhum efeito, entretanto, teria produzido a ação inconsciente de Maria, sem a intervenção da vontade daquele que ia descer ao vosso mundo. Jesus, pois, constituiu, ele próprio, pela ação da sua vontade, o perispírito tangível e quase material, que se tornou, tendo-se em vista o planeta em que habitais, um corpo relativamente semelhante ao vosso.

Falando desse invólucro fluídico, a que chamamos, para sermos percebidos pelo vosso entendimento humano, perispírito tangível, dissemos: e quase material. Era quase material, no sentido de que Jesus assimilara, para formá-lo, os fluidos ambientes que servem à formação dos vossos seres.

Não esqueçais que o Espírito assimila seu perispírito às regiões que percorre; que a terra é um dos mundos inferiores e que, por conseguinte, os elementos de tangibilidade podem aí reunir-se tanto mais facilmente, quanto mais poderosa seja a vontade do Espírito.

A ciência humana acha cômodo rir toda vez que é incapaz de compreender. Sim, o perispírito do homem, sobretudo no estado de tangibilidade, é semi-material. A ciência já encontrou porventura meio de comparar o ambiente que vos cerca com os dos outros planetas? Já pôde acaso o sábio descer aos planetas inferiores, para sentir que o ar que os envolve o sufocaria pelo seu peso, lhe toldaria a vista pela sua espessura e se lhe afiguraria um véu estendido por sobre tudo o que em torno dele se encontrasse? Já subiu às regiões superiores, a fim de experimentar a vertigem que lhe causaria a sutileza do ar? Já sentiu seus olhos se dilatarem com o auxílio das camadas de ar superpostas e, varando distâncias para ele incomensuráveis, ir a sua vista perceber objetos em dimensões tais, que os vossos telescópios não lograriam divisar? Qual a razão dessas diferenças? É que as camadas de fluidos são apropriadas às vossas necessidades. Vós o sabeis e dizeis, mas não compreendeis as causas e não procurais compreender os efeitos. O perispírito humano, como perispírito tangível, com relação a vós, é semimaterial, assim como o vapor é semilíquido e a fumaça semi-aérea.

Relativamente à natureza que vos é peculiar, o corpo dos habitantes dos mundos superiores, bem como o perispírito humano do vosso planeta, é um corpo fluídico. Quando vos é dado vê-lo, tem toda a aparência de material.

O corpo perispirítico de Jesus era mais material do que o corpo perispirítico do Espírito superior, nenhuma comparação podendo, entretanto, ser estabelecida a esse respeito. Maior ainda era a diferença entre esse corpo de Jesus e os vossos corpos de lama. Aquele participava em grande escala do corpo do homem nos mundos superiores, por isso que se compunha dos mesmos elementos, mas modificado, solidificado por meio dos fluidos humanos ou animalizados, de modo a manter-se, segundo a vontade do Mestre e as necessidades da sua missão terrena, visível e tangível para os homens, com todas as humanas aparências corporais do vosso planeta.

Que o homem não se insurja contra a possibilidade desses fatos, por não poder ainda compreender e explicar uma composição que se efetua fora das leis materiais da sua natureza.

Não diremos, como os que, por estas palavras: "Tudo é possível a Deus", explicam o que não compreendem. Dizemos ao contrário: o que o homem, na sua ignorância, considera uma derrogação das leis imutáveis não é, sequer, um deslocamento das leis universais; é, sim, uma aplicação delas. Quando ele tenha vencido as dificuldades que o impedem de se elevar no espaço, quando tiver chegado a decompor as camadas de ar superpostas nas alturas que um dia atingirá, quando compreender as propriedades e os efeitos dos fluidos, o uso que deles pode fazer, verá que o que hoje provoca a zombaria da ignorância e da incredulidade se tornará um fato patente, analisado, decomposto pela ciência, que se admirará de que tão poderosos agentes não hajam estado sempre submetidos ao seu império, como se admira de não ter empregado sempre a eletricidade, cujos efeitos visíveis admite, mas cujas causas ainda não determinou. A cada dia basta o seu labor.

Repetimos: o que o homem considera uma derrogação das leis imutáveis da natureza não chega mesmo a ser uma deslocação das leis universais; é, ao contrário, uma aplicação dessas leis. Não acrediteis seja impossível a produção no vosso planeta, de efeitos semelhantes aos que são próprios dos planetas superiores, atendendo a que tais efeitos, subordinados todos aos mesmos princípios, se encontram modificados, de acordo com a esfera onde se produzem.

Certamente as encarnações fluídicas, idênticas às que se verificam em mundos tais como Júpiter e outros planetas superiores, mais ou menos elevados, seriam uma deslocação das leis estabelecidas, e nada há que jamais derroque essas leis. Mas, uma tal encarnação, modificada pela aplicação dos fluidos terrenos, se torna uma aproximação, um laço entre os dois graus da escala. É uma adaptação e não uma derrogação.

Entramos em tantas minúcias, a fim de suprimir qualquer escrúpulo, de afastar todas as dúvidas. Não censuramos a desconfiança que inspirem estas palavras, tão novas para o homem. Queremos apenas tranquilizar aqueles a quem elas inquietam.

Assim, pois, compreendi-o bem: houve modificação. Os fluidos, que servem para a encarnação ou incorporação nos mundos superiores e que vos são invisíveis, foram materializados, tornados opacos às vossas vistas pela associação dos fluidos animalizados que vos cercam, isto é, dos vossos fluidos ambientes, próprios para a formação dos seres terrenos. Houve, portanto, apropriação dos fluidos superiores ao planeta inferior que ocupais.

Que há nisto que vos possa repugnar, quando admitis os fatos de tangibilidade accidental ocorridos em todas as épocas no vosso planeta e que ainda se produzem sob as vossas vistas, com todas as aparên-

cias de forma corporal humana e, em casos raros, mas verificados, com as aparências de vida e de palavra humanas?

Ora, se Espíritos da vossa categoria podem operar essa combinação fluídica, onde a impossibilidade de ser ela operada, com mais latitude, pela vontade poderosa de um Espírito superior?

Imaginais que sejamos sensíveis à duração do tempo, que com tanto esforço apreciáis, ou que contamos as miríades das eternidades como contaís os segundos da vossa existência?

Porque a Jesus, Espírito perfeito, que conhece, na imensidade, todos os fluidos, todas as suas propriedades, todos os seus efeitos, todas as suas combinações e transformações, todos os modos de empregá-los, todos os segredos da vida e da harmonia universais nos mundos superiores, ainda os mais elevados, como nos inferiores e no vosso; que conhece a formação, a produção e a manifestação, a priori, de todos os seres em todos os mundos superiores e inferiores, seria impossível materializar, pela associação e apropriação dos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos, os fluidos perispiríticos dos mundos superiores e compor desse modo, para o desempenho da sua missão na terra, um corpo perispirítico tangível com as faculdades aparentes do homem, as fases aparentes do seu desenvolvimento?

Este fato, único até hoje nos anais do vosso planeta, se produzirá de novo, quando o tempo for chegado. Então, melhor o compreenderão os homens, que pelo progresso físico, moral e intelectual realizado sob os auspícios e a prática do amor, da humildade e do desinteresse, terão aprofundado suficientemente as ciências e avançado grandemente no estudo da verdade e das leis eternas. É novo este ponto de vista, mas precisa não continuar ignorado, pois que, pelo trabalho que vos levamos a empreender, ele conduzirá os homens à unidade nas crenças.

Não sois, oh! bem amados, os únicos a encarar Jesus por este aspecto. Momento virá em que, publicada esta obra, todos os Espíritos que não ousam divulgar uma idéia nova virão juntar-se a vós e confirmar estes ensinamentos, apoiados nas revelações que já tiveram.

Há perto de vinte séculos, falou-se, é certo, a crianças. Julgais, porém, que já chegastes à maturidade, pobres filósofos, cuja sabedoria consiste em solapar um edifício que sois incapazes de reparar e que não basta às necessidades da vossa época?

Não, Jesus não nasceu do homem. A matéria perecível não entrou por coisa alguma no conjunto das suas perfeições.

Que os que têm ouvidos de ouvir ouçam, que os que negam procurem compreender. Jesus, Espírito perfeito, que nunca faliu, pertencente ao pequeno número daqueles que trabalharam afanosamente por progredir sem se desviarem do caminho reto que seus guias lhes mostraram e que assim atingiram a perfeição; Jesus, cuja perfeição se perde na noite das

eternidades, protetor e governador do planeta onde cresceis e passais pelas vossas provas, tendo presidido à sua formação, desceu à terra para vos dar um exemplo de amor, de caridade, de devotamento.

Mas, não o esqueçais: todo aquele que reveste a carne e sofre, como vós, a encarnação material humana é falível. Jesus era demasiadamente puro para vestir a libré do culpado. Sua natureza espiritual era incompatível com a encarnação material, tal como a sofreis. Sua encarnação foi qual vos temos anunciado. Ele não esperou, sepultado no seio de uma mulher, a hora do nascimento. Tudo, conforme vo-lo explicaremos, como obra do Espírito Santo, isto é, dos Espíritos do Senhor, foi aparência, imagem, no "nascimento" do Mestre, na "gravidez" e no parto de Maria.

O aparecimento de Jesus na terra foi uma aparição espírita tangível. O Espírito tomou - segundo as leis naturais que vos acabamos de explicar - todas as aparências do corpo. O perispírito que o envolvia foi feito mais tangível, de maneira a produzir a ilusão, na medida do que o reclamavam as necessidades. Mas, Jesus, Espírito puro entre os mais puros de quantos trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade e pela realização dos seus destinos, era sempre Espírito. Notai que, contrariamente a todas as leis a que se acha submetido o Espírito encarnado, ele tinha consciência exata da sua origem e a certeza do seu futuro. Isto por si só, espíritas, devia e deve fazer-vos compreender que seu Espírito não fora submetido às leis da encarnação, tal como a suportais.

Ele não estava sujeito a nenhuma das necessidades da existência material humana. Só na aparência, exteriormente, para exemplo, as experimentava, conforme vos explicaremos quando chegar o momento de falarmos da figura emblemática do Jejum e da Transfiguração. Conforme também vos explicaremos então, a natureza do corpo que Jesus tomou não foi mais do que um espécime precoce do organismo humano, tal como será daqui a muitos séculos, em certos centros do vosso planeta, e tal como é em planetas mais elevados; mas, sem a ação da vontade para decompor ou reconstituir o perispírito tangível ou corpo de natureza perispirítica. Esse poder só o tem o Espírito Puro.

Deixai que os materialistas envolvam o Mestre numa veste de carne igual à vossa. Por mais que façam, não conseguirão nunca igualá-lo, nesta desgraçada era. Deixai que os deístas recusem a divindade a Jesus. Eles se aproximam de vós outros, espíritas.

Sim, é tempo de ser arvorado o estandarte da verdade e da fé simples, raciocinada e racional. Sim, Deus é a única potência criadora que reina sobre todos os universos. Deus é o único princípio universal, mas não divisível, que cria, mas não pela divisibilidade de sua essência. Deus é UNO. Jesus, a quem podeis e deveis chamar seu filho bem-amado, de quem podeis e deveis dizer: nosso divino modelo, divino por ser o órgão do Senhor todo poderoso e estar em relação direta com ele; Jesus é a maior essência depois de Deus, porém não é a única essência espiritual desse grau. Cada

planeta tem o seu Espírito fundador, protetor e governador, infalível, por se achar constantemente em relação direta com Deus, recebendo diretamente a inspiração divina, e que nunca faliu. Explicar-vos-emos mais tarde o sentido e o alcance destas últimas palavras.

Nenhum de vós, nenhum de nós, que vos dirigimos na vossa marcha, pode dizer que jamais faliu; mas todos podemos alimentar a esperança de participar da pureza de Jesus, da sua felicidade, pela nossa perseverança na prática do bem e no estudo constante das verdades eternas.

Nosso pai é justo e bom. Todos somos filhos pródigos; voltemos à casa paterna. Apressemos-nos, apressemos-nos, irmãos bem-amados. O divino modelo reacende o facho, cuja luz os vapores deletérios do vosso globo tinham ensombrado. Ele arde com mais vivo brilho. Fixai nele os olhos; acelerai o passo, que se faz tarde. Vosso pai está no limiar, esperando-vos de braços abertos.

Mateus, Marcos, Lucas e João,
Assistidos pelos Apóstolos.

Nº15. Neste trecho: "Deixai que os materialistas envolvam o Mestre numa veste de carne igual à vossa; por mais que façam, não conseguirão nunca igualá-lo nesta desgraçada era" - quais o sentido e o alcance das palavras: *nesta desgraçada era*?

Não há e não haverá por longo tempo ainda um homem que viva a vida de Jesus. Tendes muitíssimo que fazer para lá chegar. Podeis, entretanto, aproximar-vos dela. O homem do vosso planeta, todos os Espíritos, sejam quais forem, quer habitem os mundos inferiores para um fim de provação ou de expiação, ou para o desempenho de uma missão, quer tenham alcançado os mundos superiores, participarão, já vo-lo dissemos e repetimos, da pureza de Jesus, da sua felicidade. Mas, sob que condição e por que caminhos? Adquirindo a perfeição pela prática constante do amor, que, através de todos os séculos, em todos os tempos, na eternidade, é a fonte e o meio de todos os progressos, dá acesso a todas as ciências e conduz a Deus.

Nº16. Nestas frases: "Deus é a única potência criadora, que reina sobre todos os universos, é o único principio universal, mas não divisível, que cria, mas não pela divisibilidade da sua essência", que sentido se deve dar às seguintes palavras: "MAS NÃO divisível – MAS NÃO pela divisibilidade da sua essência"?

Elas encerram a resposta ao dogma das três pessoas.

Nº 17. Estas palavras do anjo (v. 28), "O Senhor está contigo, és bendita entre todas as mulheres", tomadas ao pé da letra e confrontadas com os v. 31, 32, 33, 34, 35 e 38, justificam a divindade atribuída a Jesus, por efeito da encarnação do próprio Deus no seio de Maria?

A matéria humana materializa, a seu mau grado, tudo em que toca. Tirar semelhantes conclusões não é aviltar a divindade? O Senhor estava com Maria, mulher entre todas bendita, por ser ela, entre todas, Espírito muito puro no desempenho de uma missão na terra. Eis tudo.

Nº 18. Qual, despojado da letra o espírito, a significação destas palavras do anjo a Maria (v. 30): "*caíste em graça perante Deus*"?

Obtiveste de Deus a missão que pediste.

Nº19. Que é o que motivou estas palavras do anjo a Maria (v. 31): "*É assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus*" palavras nunciativas de uma concepção material humana em o seio de uma mulher, de uma virgem, *contrariamente* às leis imutáveis de reprodução no nosso planeta, com *derrogação* dessas leis, quando é certo que a vontade imutável de Deus jamais derroga as leis da Natureza, por ele estabelecidas de toda a eternidade, dando isso lugar a que aquela concepção fosse considerada *sobrenatural, miraculosa, divina*, como obra do Espírito Santo?

Não era ainda conveniente que os homens erguessem o véu que lhes ocultava os segredos de além-túmulo. Convinha que acreditassem na matéria sensível e impressionável, na dor *física*, para terem noção do sacrifício. Convinha, já o temos dito e repetimos, que acreditassem na origem divina do Cristo para se curvarem ao seu jugo, para que a missão de Jesus pudesse ser e fosse aceita e suas leis obedecidas.

Nº20. Quais os motivos destas outras palavras do anjo a Maria (v. 32): "O Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai" e "ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob"?

Era necessário um fio que ligasse as promessas do Antigo Testamento e as interpretações que lhe tinham sido dadas às necessidades do momento, às promessas feitas para o futuro. Constituiu esse fio o parentesco aparente por descendência de tribo. Eis por que José encarnou na tribo de David e não em outra. Tudo é concatenado nos desígnios do Senhor e nos acontecimentos sucessivos que *preparam e efetuam*, em cada época de transição, o vosso progresso e a obra da vossa regeneração.

Nº21. Qual, tirado da letra o espírito, a significação destas palavras (v. 33): "*E o seu reino não terá fim*"?

Não terá fim, por isso que o vosso protetor vos há de levar à perfeição. Não é ele o emblema da perfeição e o seu reino não estará eternamente assentado quando a houverdes atingido?

Nº 22. Em face destas palavras de Maria (v. 34): "Como sucederá isso se não conheço homem?" qual a significação da resposta do anjo: *O Espírito Santo descera sobre ti*?

O Espírito superior enviado anunciava *assim* a Maria que seus olhos se abririam e que ela compreenderia um mistério que lhe parecia então impenetrável. Efetivamente, mais tarde, a tempo e a hora, Maria, a exemplo dos homens e sob a inspiração dos Espíritos do Senhor, atribuiu à ação divina, *como convinha que o fizesse*, aquela obra que lhe fora anunciada, tendo em vista as palavras do anjo a José: "*Aquele que nela se gerou foi formado pelo Espírito Santo*". Ela então percebeu a missão especial que Jesus ia desempenhar.

"*E a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra.*" Tem-se perguntado o que significavam estas palavras: "*a sombra do Altíssimo*" e como podia essa sombra fazer que Maria concebesse e desse à luz um filho.

A interpretação foi dada falsamente, de um ponto de vista material. Com aquelas palavras o Espírito enviado objetivava tranquilizar a Maria, que, na sua condição humana, se atemorizava ante a idéia de ficar a sua vida maculada por uma concepção ilegal *aos olhos dos homens*.

"Eis porque aquele que de ti há de nascer será chamado: "o *Filho de Deus*".

Estas palavras confirmam o que acabamos de dizer.

Aquele que de ti há de nascer (*por obra do Espírito Santo*) - será chamado o "Filho de Deus". Esse título, segundo o espírito, em espírito e em verdade, só se aplica a Jesus em consideração à sua pureza. E todos vós podeis conquistá-lo⁵.

Do ponto de vista humano, ele serviria para que os homens se elevassem a seus próprios olhos, para que compreendessem o amor de Deus. De fato: não havendo divindade a que não se oferecessem sacrifícios sangrentos, qual não deveria ser, *aos olhos dos homens*, a grandeza de um Deus que não se contentava senão com o holocausto do seu filho bem-amado e único (relativamente a vós outros) e qual não deveria ser, *aos olhos desse Deus*, o valor dos homens, uma vez que, para os resgatar, era indispensável tal sacrifício!

Homens, não esqueçais (temo-lo dito e repetimos) que éreis criancinhas e que quase ainda o sois; que a cada época se deve falar a linguagem conveniente, para ser-se compreendido e sobretudo escutado.

Não vos deixeis desviar pelos filósofos sem filosofia, que, não compreendendo os meios transitórios e necessários da revelação, empregados para a efetivação do vosso progresso, negam a realidade e o objetivo das manifestações espíritas, manifestações que, em obediência à vontade do Senhor Supremo, se têm produzido e se produzem para o fim de preparar a vossa regeneração e se produzirão ainda para realizá-la. Eles são instrumentos. Preparam os caminhos sem o saberem e muitas vezes sem o quererem. A estrada se achava impedida; eles removem os materiais que a obstruíam. Nós construiremos um edifício que o homem não tentará destruir, porque nele encontrará a paz, a esperança, a felicidade.

Nº 23. Qual a significação das seguintes palavras que o anjo dirigiu a Maria (v. 37): "*É que nada será impossível a Deus*"?

Referem-se, *do ponto de vista espírita*, à manifestação, ao aparecimento de Jesus; *do ponto de vista de Maria* - ao que ela considerava um "milagre", isto é, um fato impossível.

⁵ É o que foi predito e prometido em a revelação feita a João na ilha de Patmos. (Apocalipse cap. 22, v. 6 e 7)

Nº24. Como devem ser entendidas estas palavras humanas tantas vezes repetidas: "Nada é impossível a Deus"?

Deus, só e único princípio universal, só e única potência criadora, na imensidade, no infinito, é imutável e eterno. Ele tudo previu, tudo quis e tudo regulou desde toda a eternidade. Assim, tudo emana da sua vontade e nada se realiza sem a sua permissão. Não há "*acaso*", nem "*milagre*".

As palavras humanas "*acaso*" e "*milagre*" não têm, para Deus, sentido. Deveis considerá-las apenas como exprimindo a ignorância dos homens quanto às verdadeiras causas dos fenômenos e dos fatos, devidos sempre a uma aplicação das leis universais, naturais e imutáveis, à ação dessas leis ou à apropriação delas aos diversos planetas, sob a ação espírita.

As palavras humanas "*possível*" e "*impossível*" são igualmente, como estouras "*espaço*", "*tempo*" e "*duração*", desprovidas, para Deus, de significação. Só têm sentido para as criaturas na vida e harmonia universais, por causa e em consequência da ignorância e da incapacidade dos Espíritos encarnados, ignorância e incapacidade resultantes da carência, neles, de elevação moral e intelectual, de conhecimento científico das leis universais, dos poderes do Espírito, da ação e dos efeitos espíritas nos limites dessas leis e sob a vigência delas.

Nada há contingente, nem facultativo sob a ação espírita com relação ao que é físico. Os efeitos são todos os mesmos e se sucedem regularmente. Tudo é imutável na natureza. Apenas nem tudo está ao vosso alcance. Se à vossa inteligência, como à vossa vista, causam espanto muitos dos efeitos que uma e outra percebem, é simplesmente por lhes serem novos esses efeitos. Todos eles, porém, estão na ordem da natureza. Vós é que não vos achais ainda em estado de os apreender.

Somente o que é moral e intelectual é contingente e facultativo sob a ação espírita e por ato do livre arbítrio dos encarnados, mas sempre nos limites das provações por que devam passar, a título de expiação.

O Espírito, porém, encarnado ou errante, nada pode fazer nem produzir senão pela simples aplicação das leis universais, naturais e imutáveis, ou pela apropriação delas ao meio onde os efeitos se operam.

Unicamente nos limites e sob a ação de tais leis é que, entre vós e em consequência da vossa ignorância, tomam o nome de "*milagres*" as suas aparentes derrogações, que, entretanto, não passam de aplicações, desconhecidas para os homens, das mesmas leis, de efeitos dessas aplicações, apropriadas as leis ao vosso planeta.

Não há nada "*sobrenatural*". Tudo emana, por toda a parte e sempre, da vontade imutável de Deus, conforme às leis universais, naturais e inalteráveis por ele estabelecidas desde toda a eternidade e que desse modo participam da sua essência mesma.

LUCAS, Cap. 1, v. 39-45

Visita de Maria a Isabel

V. 39, Ora, por aqueles dias, Maria, levantando-se, tomou apressadamente a direção das montanhas, indo a uma cidade de Judá. - 40, E, entrando na casa de Zacarias, saudou a Isabel, - 41. Sucedeu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, o menino lhe saltou no ventre e ela ficou cheia de um Espírito Santo, - 42. Exclamou então em altas vozes: "És

bendita entre todas as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre, - 43, E donde me vem a dita de ser visitada pela mãe do meu Senhor? - 44, Sim, que, mal me chegaram aos ouvidos as palavras com que me saudaste, meu filho saltou de alegria dentro de mim, - 45, Bem-aventurada tu que acreditaste, porquanto o que te foi dito da parte do Senhor se cumprirá.”

N. 25.0 Espírito de Jesus estava ao lado de Maria em casa de Isabel. Ele a acompanhava então, como o fazem os vossos anjos de guarda. O de João não precisou *ver chegar* Jesus para sabê-lo lá, pois também lá se achava. Era livre. Os preliminares penosos da encarnação (já o dissemos) não o afetavam. Nenhuma perturbação experimentava e não perdeu a consciência de si mesmo e da sua origem, senão um momento antes de nascer. Não tendo que suportar as angústias da encarnação, a relação entre João-Espírito e o feto se estabeleceu desde a concepção e a ação do Espírito se podia fazer sentir, *quando fosse preciso*, para dar novo testemunho dos fatos. A ação que produziu o estremecimento no seio de Isabel visava aumentar o número das provas do fato anunciado.

As palavras que Isabel dirigiu a Maria foram um efeito mediúnico, fruto da inspiração dos Espíritos do Senhor. Isabel as pronunciou como médium inspirado e, assim, cheia de um Espírito Santo. Dizendo: "Bendito é o fruto do teu ventre" falava a Maria em termos que ambas pudessem compreender e se exprimiu desse modo, sob a inspiração do Alto, de acordo com a crença que ambas e todos haviam de partilhar, crença que se tornaria e que, por efeito da revelação apropriada ao estado das inteligências e às necessidades da época, se tornou comum, vulgar e que estava destinada a subsistir até ao dia em que, mediante a revelação futura, se verificasse a exatidão destas palavras: *a letra mata e o espírito vivifica*, uma vez explicado, em espírito e em verdade, o que da parte do Senhor fora dito a Maria.

LUCAS, Cap. 1, v. 46-56

Cântico de Maria

V. 46. Disse então Maria: "Minh'alma glorifica o Senhor; - 47, - e meu Espírito se arrebatava de alegria em Deus, meu salvador. - 48. Pois que ele deu atenção à humildade da sua serva, eis que daqui por diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada; - 49, porquanto, grandes coisas me fez o Todo Poderoso, cujo nome é santo; - 50, e cuja misericórdia se espalha, de idade em idade, por sobre os que o temem. - 51. Manifestou a força do seu braço; dispersou os que se elevavam cheios de orgulho nos seus pensamentos íntimos; - 52. derribou de seus tronos os poderosos e elevou os humildes; - 53. cumulou de bens os que estavam famintos e despediu os ricos com as mãos vazias; - 54, recebeu a Israel como seu servo, lembrando-o da sua misericórdia; - 55. conforme o disse a nossos pais, a Abraão e à sua posteridade na sucessão dos séculos." - 56. Maria ficou em companhia de Isabel cerca de três meses; depois regressou à casa.

N. 26. (V. 46, 47, 48): "Não há aqui o que explicar. É um transporte de reconhecimento e de amor, que deveis imitar.

(V. 49 e 50): Podeis aplicar as palavras destes versículos ao tempo em que viveis, no qual desponta a aurora da regeneração da humanidade terrena. Glorificai o Senhor que vos envia seus bons Espíritos como portadores do facho do Espiritismo, os quais, agitando-o sobre a terra, espargem ao mesmo tempo, por toda parte, sua luz suave e pura, espalhando entre vós a verdade, a caridade e o amor. Glorificai o Senhor que por vós faz grandes coisas e susta os desígnios dos maus. Ele detém a corrupção que ameaçava de fazer-vos perecer e vos dá o bálsamo que cura as chagas. Agradecei, glorificai o Senhor, pois que imensos são a sua misericórdia e o seu amor.

(V. 52, 53, 54, 55): Ainda por amor de vós, o Senhor mostra o seu poder, servindo-se de instrumentos bem fracos para abater os muito poderosos. Vai ter fim o reino do orgulho. Glorificai o Senhor. O homem é um instrumento; o espírita, o médium, sobretudo, é o instrumento de que se servem hoje os bons Espíritos para rebaixar o orgulho, a ambição, a cupidez, a tirania (sem fazermos qualquer alusão).

Israel é uma palavra simbólica, que designa a humanidade terrestre. Os homens são um aos olhos do Senhor. Para ele não há povos nem nacionalidades. Deus usa de misericórdia para com aqueles que o amam e observam seus mandamentos; Sua mão potente destrói, porém, os orgulhosos que pretendam levantar demasiado a fronte altiva. Dá o pão à criancinha que o implora com o coração cheio de sinceridade; mas, despoja o orgulhoso que só confia nas suas riquezas. É o apoio do fraco, o terror dos maus. Glorificai o Senhor.

N. 27. Estes termos do v. 50: "Sua misericórdia se espalha, de idade em idade, por sobre os que o temem". encerram, no seu sentido, oculto então para todos, mas que a revelação espírita havia de vir e vem pôr a descoberto, uma alusão à reencarnação, lei imutável da Natureza e que é a expressão sublime e harmônica da justiça de Deus e da sua misericórdia infinita?

Sim; mas também se referem ao mandamento que diz (Êxodo, cap. 20, v. 5 e 6): "Puno a iniquidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta gerações daqueles que me odeiam; uso de misericórdia, em mil gerações, para com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos".

O pensamento é o mesmo: a mão do Senhor pesa sobre o homem, de gerações em gerações, *por meio da* reencarnação, objetivando seu aperfeiçoamento moral e seu progresso, mediante a expiação e a reparação, até que ele se tenha despojado de todas as impurezas.

O homem, na sua cegueira, entendeu que o Senhor feria os pais nos filhos. Assim era na aparência. A letra dessa linguagem convinha aos Hebreus, que só pelo terror podiam ser levados. Mas, o conhecimento do Deus de amor mostrava não ser assim. O homem, entretanto, não procurou compreender o desacordo que havia entre a bondade e tais vinganças. A letra era para os povos primitivos. Buscai sempre o espírito.

LUCAS, Cap. 1, v. 57-66

Nascimento de João

V. 57. Entrementes, chegou a época em que Isabel havia de parir e ela deu à luz um filho. 58. Seus vizinhos e parentes, tendo sabido que o Senhor usara para com ela de misericórdia, a felicitavam. - 59. No oitavo dia, como trouxesse o menino para a circuncisão, todos lhe chamavam Zacarias, dando-lhe o nome do pai. - 60. A mãe, porém, disse: "Não, ele se chamará João." 61. Responderam-lhe: "Não há na vossa família quem tenha esse nome. - 62. E ao mesmo tempo perguntavam ao pai do menino como queria que este se chamasse. - 63. Zacarias pediu uma tabuinha e escreveu: "João é o seu nome"; o que encheu de espanto a toda gente. - 64. No mesmo instante se lhe abriu a boca, soltou-se-lhe a língua e ele entrou a falar bendizendo de Deus. - 65. Todos os que habitavam nas vizinhanças se encheram de temor; e a notícia dessas maravilhas se espalhou por toda a região e montanhas da Judéia; - 66, e todos os que as ouviram narrar guardaram delas lembrança e diziam entre si: "Quem pensais venha a ser fim dia este menino? "pois que sobre ele estava a mão do Senhor.

N. 28. Estes versículos não precisam de comentários.

Tudo, nos desígnios do Senhor, se encadeia. Todos os acontecimentos estavam preparados e haviam de concorrer para a execução da obra.

A resposta de Isabel aos vizinhos e parentes:

"Não, ele se chamará João", não foi efeito de mediunidade audiente, ou de inspiração espírita. Por meio da escrita em tábuas, Zacarias identificara a Isabel das palavras proferidas pelo anjo ou Espírito que lhe aparecera no templo.

Pelo que já vos dissemos, explicando como se produzira a mudez de Zacarias, deveis compreender por que modo se lhe soltou a língua, isto é, por que modo cessou para ele a mudez e lhe foi restituída a palavra. Pela ação espírita, por efeito do magnetismo espiritual, houve dispersão dos fluidos que tinham servido para tornar pesada a língua e provocar uma paralisia aparente.

LUCAS, Cap. 1, v. 67-80

Cântico de Zacarias

V. 67. E Zacarias, seu pai, cheio do Espírito Santo, profetizou, dizendo: - 68. "Bendito seja o Senhor Deus de Israel, por ter visitado e resgatado o seu povo; - 69, por nos ter suscitado um poderoso salvador na casa do seu servo David, - 70, conforme prometera pela boca de seus santos profetas, que existiram em todos os séculos passados: - 71, para nos livrar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam; - 72, para usar de misericórdia com os nossos pais, lembrando-se da sua santa aliança, - 73, conforme jurara a Abraão nosso pai, quando nos prometeu a graça - 74, de que, livres dos nossos inimigos, o serviríamos sem temor, - 75, na santidade

e na Justiça em sua presença, por todos os dias da nossa vida. -76. E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo; porquanto irás adiante do Senhor para lhe preparar os caminhos, 77, - para dar a seu povo o conhecimento da salvação pela remissão dos seus pecados; - 78, e pelas entranhas de misericórdia do nosso Deus, graças às quais este sol que vem do alto nos visitou, - 79, para iluminar todos aqueles que estão assentados nas trevas e na sombra da morte e dirigir nossos passos pelo caminho da paz." - 80. E o menino crescia e se fortificava no Espírito, permanecendo nos desertos até ao dia em que havia de aparecer diante do povo de Israel.

N. 29. Podeis, como Zacarias, bendizer do Senhor pela graça que vos fez, de visitar e resgatar agora novamente o seu povo pelo advento da verdade, depois de o ter visitado e resgatado uma primeira vez pela vinda de Jesus.

Os Hebreus contavam que o prometido Messias fosse um libertador material. Atribuindo tudo ao presente, os homens não compreenderam que seus vícios eram os inimigos de cujas mãos deviam ser libertados. Compreendi-o vós, espíritas, e empregai todos os esforços para facilitar essa libertação, como o devem fazer discípulos de Jesus, para os quais às verdades que ele ensinou foram tirados os mentirosos véus com que as tinham coberto. Os discípulos de Jesus, hoje, são aqueles que lhe seguem as pegadas e que, esclarecidos pelo facho do Espiritismo, isto é, assistidos pelos Espíritos do Senhor, por essas virtudes dos céus, que se abalaram de lá e vieram à terra, e por eles guiados, buscam a verdade nas suas palavras. Ainda uma vez o sol luziu para vós. O Senhor vos ilumina: não fecheis os olhos. Preparai as sendas, a fim de que ele possa caminhar e conduzir-vos ao seu reino, isto é: à perfeição moral e intelectual.

Acabamos de dizê-lo e repetimos: o Senhor, ainda uma vez, visita e resgata o seu povo pelo advento da verdade. Jesus disse a verdade, *mas não toda a verdade*, declarou-o ele próprio. Só deu aos homens o que estes podiam suportar e da maneira por que o podiam suportar. Se os homens se houvessem *contentado* com o que *receberam*, a verdade não teria de *conquistar* o seu reino que as tradições, os preconceitos, os dogmas, provocados, encorajados e conservados por espírito de dominação, de tirania mesmo e de cupidez, se conluiaram para destruir.

Estamos, pois, na época do advento da verdade. Ela se despoja de todas as mentiras que a furtavam aos olhos dos homens e a afogavam em trevas, quando é certo que a banham as ondas da luz divina.

Deus não abandonou seus filhos nas garras da mentira. Deixou seguissem o caminho que haviam escolhido, porque assim ganhariam experiência e verificariam a inutilidade dos seus esforços. Hoje, estais crescidos. Vossos olhos, fatigados de tatear nas sombras, pedem a luz e se voltam para ela. A luz, quem a sustém nas mãos é a verdade. Para tudo é preciso um começo. O Espírito da Verdade, como já vos foi dito, descera até vós e o seu advento marcará o fim do mundo, isto é, o fim da vossa fraqueza e da vossa ignorância. Mas, para todo advento é indispensável uma era preparatória. Nela entraís.

João, Precursor de Jesus, concitava os homens ao arrependimento e os batizou com água. Veio Jesus e lhes ensinou o modo de se arrependerem e os batizou *com o Espírito Santo*, isto é, fez que descessem sobre eles os *Espíritos do Senhor*, desenvolvendo-lhes as faculdades mediúnicas, que os punham em condições de receber a inspiração.

O batismo com o *Espírito Santo* é a comunhão com os *Espíritos elevados que velam por vós*; mas, para chegar a essa comunhão, era preciso, ao tempo da missão terrena de Jesus, e o é ainda, ser puro, cheio de zelo, de amor e de fé, como o eram os apóstolos fiéis.

Vem agora o Espiritismo, que vos convida ao estudo da verdade e vos ensina a distingui-la da mentira; vem estimular e desenvolver a vossa experiência, a vossa perspicácia, o vosso devotamento, clarear-vos as inteligências, iluminar-vos os

corações, tornar-vos dignos da assistência dos Espíritos elevados e dignos de ser por eles conduzidos à verdade inteira. Vem como precursor do estado de perfeição que deveis atingir.

Tem por objetivo preparar-vos para esse estado, abrindo-vos pouco a pouco os olhos à luz, desenvolvendo-vos gradualmente as inteligências e pondo-vos assim em condições de romper francamente e para sempre com todas as fraquezas da vossa humanidade, a fim de estardes prontos a receber o "*Espírito da Verdade*" quando começar o seu reinado, isto é, a fim de compreenderdes a verdade em toda a sua extensão.

Para alcançardes essa meta, necessário se faz que trabalheis sem cessar sobre vós mesmos, destruindo tudo o que pertence ao homem velho, repelindo as fraquezas e as faltas, couraçando-vos contra a carne, para não mais sucumbirdes às suas tentações (dentro em pouco, a fim de evitarmos exageros, explicaremos o que designamos por tentações da carne), trabalhando de contínuo pelo vosso progresso moral de modo a auxiliardes o progresso dos vossos irmãos, recebendo a luz que vos é dada e agitando-a por sobre as vossas cabeças, para que as suas centelhas iluminem ao longe, auxiliando por essa forma o advento do "*Espírito da Verdade*".

O Espiritismo tem, pois, este objetivo: a perfeição humana; e três meios a empregar para alcançá-lo: o amor, o estudo, a caridade.

Vamos explicar agora o que queremos dizer por estas palavras: "couraçando- vos contra a carne, a fim de não sucumbirdes às suas tentações". Nós vos exortamos a couraçar-vos contra as tentações da carne. Não concluais daí que vos forcemos, como fizeram vossos pais, às macerações materiais, à abstinência de apetites humanos quaisquer que sejam, impostos pelas leis da vossa natureza. Longe disso.

Não é cobrindo-vos de cilícios que vencereis a carne; não é recusando atender às exigências do corpo, negando-lhe o que for *justo* e *necessário*, que a dominareis. É mantendo-vos constantemente em guarda contra seus *desvios*, contra seus *excessos*.

Não esqueçais estas palavras do Mestre: "O Espírito (pela tentação) é pronto e a carne é fraca". Tende-vos, pois, em guarda contra a tentação, concedendo ao vosso corpo tudo o que a matéria exige, mas sempre nos limites de uma prudente sobriedade.

Não vos martirizeis visando agradar ao Senhor; deveis, ao contrário, manter o vosso corpo num equilíbrio necessário ao curso das vossas *provações*.

Não vos abandoneis à indolência. Vigiai e orai sem cessar, isto é, pensai sem cessar, oh! homens de pouca inteligência e de pouca fé, que estais sob as vistas do vosso Pai, o qual julga não só as vossas mais secretas ações, como também os pensamentos mais ocultos do vosso coração. Vigiai, portanto, a fim de que os vossos pensamentos e ações possam ser postos a nu, não somente diante do vosso Pai, mas também diante de cada um de vossos irmãos; orai, a fim de que os vossos atos estejam sempre em relação com os vossos pensamentos. A oração agradável a Deus é o trabalho: trabalho da inteligência, trabalho do corpo. Cada um de vós deve trabalhar conforme à tarefa que lhe está confiada. Cada um de vós deve, pois, orar continuamente. Trabalhai, eis a oração; vigiai, isto é, garanti-vos, exercendo constante vigilância sobre vós mesmos. Assim, vossa carne se tornará forte, e não mais temereis a tentação. *Vigiai e orai*, irmãos nossos. O Mestre conta convosco.

O Espírito da Verdade virá e vos dará o conhecimento de tudo o que, ainda por muito tempo, terá que permanecer oculto e vos ensinará a fitar a luz santa, sem serdes por ela ofuscados.

O anunciado Espírito da Verdade não é um ser corporal ou fluídico. É o conhecimento integral da verdade, conhecimento que não podereis adquirir senão pelo vosso aperfeiçoamento e o vosso aperfeiçoamento não pode ser operado senão pelos Espíritos do Senhor, quer errantes quer encarnados em missão, sob a direção do vosso protetor. Tal a razão por que Jesus toma o título de *Cristo* ou *enviado* e de *Espírito da Verdade*, como complemento e sanção da verdade.

Esta, personificada em Jesus, não pode descer até vós, senão quando fordes dignos de recebê-la, e não podeis tornar-vos dignos disso sem o auxílio e o apoio dos missionários errantes e encarnados.

Também deveis entender pelo anunciado Espírito da Verdade, de modo complexo e simbólico ao mesmo tempo: - os Espíritos elevados que auxiliam a Jesus na sua missão, como seus precursores, e que vos conduzem gradualmente, através da era nova e preparatória do Espiritismo, ao conhecimento integral da verdade; e o mesmo Jesus, que virá dar aos homens esse conhecimento integral, quando estiverem prontos a recebê-lo e forem dignos e capazes de suportá-lo.

MATEUS Cap. 1, v. 18-25

Aparição do anjo, em sonho, a José.

Geração de Jesus.

V.18. A geração de Jesus Cristo se deu assim: Quando Maria, sua mãe, desposou José, verificou-se que ela concebera *pelo Espírito Santo*, antes que houvessem coabitado. - 19. José, seu marido, sendo justo e não querendo expô-la à desonra, resolveu mandá-la embora secretamente. - 20. Mas, quando pensava nisso, um anjo do Senhor lhe apareceu em sonho e disse: "José, filho de David, não receies receber Maria por tua esposa, porquanto o *que nela se gerou foi formado pelo Espírito Santo*. - 21. Ela terá um filho e tu lhe darás o nome de Jesus, porque ele próprio libertará seu povo dos pecados. - 22. Tudo que há sido feito o foi para cumprimento do que o Senhor disse pelo profeta nestes termos: - 23. "Uma virgem conceberá e parirá um filho a quem será dado o nome de Emanuel, que quer dizer Deus conosco." - 24. José, então, despertando, fez o que o anjo do Senhor lhe ordenara e aceitou Maria por esposa. -25. E. sem que tivessem tido trato carnal, ela deu a luz o seu primogênito ⁶ e lhe pôs o nome de Jesus.

N.30. José não se recordava da sua origem, como Jesus se recordava, e não tinha consciência de seus destinos. Sofria os efeitos da encarnação humana. Assim, como encarnado, estava, mau grado à superioridade do seu Espírito, submetido às leis e aos preconceitos da humanidade. Era homem justo, mas homem. Eis porque, sob a influência dessas leis e desses preconceitos, resolvera a principio desquitar-se de Maria, secretamente.

A revelação que lhe fez em sonho o anjo ou Espírito enviado tinha por fim retirar, em parte, o véu que lhe cobria a inteligência. Homem de Espírito elevado, ele compreendeu, por essa revelação, a santidade da sua missão. Missionário também para cooperar na obra de Jesus, aceitou com alegria, tal como devia ela ser, a tutela humana que o Senhor lhe confiava.

Não vos espanteis de que o Evangelista haja espalhado pelas multidões a resolução secreta de José e a revelação que o levou a revogá-la. Cumpria que todos compreendessem, na época determinada pela vontade do Senhor, que Jesus não era fruto da concepção humana. E as palavras do anjo a José:

"Aquele que nela se gerou foi formado pelo Espírito Santo", servindo para aquela época segundo a letra, salvaguardavam o futuro, no qual teriam que ser, segundo o espírito, a base e o elemento da revelação então vindoura, da revelação da revelação.

Quanto à aparição do anjo, em sonho, a José, da qual a ignorância humana, nos seus mais culposos desvios, tem abusado tantas vezes, para fazer tristes gracejos, insultuosos ao que de mais sagrado há para o homem - o seu Deus - essa aparição vós, espíritas, deveis compreendê-la. Aquele que ainda não percebeu a luz de que é portadora a revelação espírita deve inclinar-se e calar-se - em vez de negar o que não sabe explicar.

Durante o sono, o Espírito muitas vezes se desprende bastante da matéria para poder juntar-se, no espaço, aos amigos, que o cercam. Quando o desprendimento é completo, o Espírito se eleva e, desde que seja de certa ordem, se associa às falanges felizes, sem todavia deixar a zona do planeta. Se o desprendimento não é completo, os Espíritos simpáticos descem e se aproximam dele.

⁶ O original grego não fala em primogênito, mas – "a seu filho"- (Nota da Editora).

Qualquer que seja a condição moral em que vos encontreis, essas relações se estabelecem, mas geralmente com Espíritos que guardam paridade com os vossos. Por vezes, contudo, Espíritos mais elevados vêm a vós, para vos instruir durante esses momentos de liberdade, para vos mostrar os obstáculos que tereis de vencer.

Toda comunicação obtida durante o sono deve ser classificada entre os sonhos, com a diferença, porém, de que os sonhos ordinários provem *geralmente* de recordações, ou da luta da matéria com o Espírito, ao passo que os sonhos da natureza do de José são revelações. Não imagineis, contudo, que, partindo deste princípio, vos seja dado achar a significação de todos os vossos sonhos. O mesmo fora que procurardes o sentido racional das balbúcies de uma criança.

Assim, pelo que diz respeito à revelação que o anjo fez a José, houve com comunicação de *Espírito a Espírito*. Da mesma forma que conservais muitas vezes a lembrança dos vossos sonhos, ainda os mais insignificantes e ridículos, não sendo completo o desprendimento, também José ao despertar se lembrou do sonho que tivera.

Quando o desprendimento foi completo, a lembrança só se verifica em casos excepcionais e nesses casos há, por ocasião do despertar, uma ação espírita que, mediante a inspiração, renova a impressão recebida, a lembrança. Muitas das vossas recordações humanas são igualmente fruto de uma ação dessa natureza, que vos recorda fatos passados, a fim de que sirvam ao vosso futuro.*

* Nota da Editora – O versículo 25, conforme à tradução brasileira do Novo Testamento, não fala em primogênito: “enquanto ela não deu à luz um filho”. A tradução em Esperanto também não diz primogênito, mas somente: “gis si naskis filon”.

LUCAS, Cap. II, v. 1-7
Concepção, gravidez e parto de Maria,
por obra do *Espírito Santo*.
Aparecimento de Jesus na terra

V.1. Sucedeu que, por aqueles dias, se publicou um edito de César Augusto para o recenseamento dos habitantes de todo o orbe. - 2. Esse primeiro recenseamento foi feito por Quirínio, governador da Síria. - 3. Todos iam fazer suas declarações, cada um na sua cidade. - 4. José partiu da cidade de Nazaré, que fica na Galiléia, e veio à Judéia, à cidade de David, chamada Belém, por isso que ele era da casa e da família de David, - 5, a fim de fazer-se registrar com Maria, sua esposa, que estava grávida. - 6. Enquanto ali se achava, sucedeu que se completou o tempo ao cabo do qual devia ela parir; - 7, e Maria deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o em panos e o deitou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria.

N. 31. Para todos, já o dissemos e repetimos, Maria *tinha que ser* a mãe de Jesus. Para todos, sua gravidez era visível. Decorrido o tempo que ela devia durar, igual ao da duração de qualquer gravidez, o simples fato da presença do menino nos braços de Maria bastou para dar lugar à crença no parto. Para todos, pois, houve "parto", "nascimento".

Por isso, já o temos dito e repetimos ainda, durante todo o tempo da sua missão terrena, Jesus foi tido *pelos homens, pelos apóstolos, pelos discípulos*, pela *multidão que se premia em torno dele*, como um homem igual aos demais, como fruto da concepção humana, por obra de Maria e de José. *Mais tarde*, depois de finda aquela missão, isto é, depois da época designada pelo nome de "ascensão"; em conseqüência da revelação cujos frutos haviam amadurecido e que, conservada até então secreta, se tornara conhecida do povo; isto é, em conseqüência da anunciação feita a Maria e da advertência recebida por José, Jesus passou a ser considerado um homem concebido por uma mulher e ao mesmo tempo um Deus encarnado, pois que formado *miraculosamente* no seio de uma *virgem pelo Espírito Santo*.

Dessa crença vulgar, relativa à "concepção", "ao nascimento" de Jesus, à "gravidez" e "ao parto" de Maria, crença que se originou, segundo as vontades do Senhor, de uma revelação espírita apropriada às necessidades dos tempos, ao estado das inteligências e às exigências da época, como *meio e condição* do vosso progresso, de preparo da vossa humanidade para a compreensão da vida espiritual, dessa crença, dizemos, *partilharam* os evangelistas, do mesmo modo que os apóstolos, os discípulos e o povo. *Era necessário* que assim fosse, porquanto, se eles houveram conhecido a *origem espírita*, de Jesus, teriam sido impostores, representando essa origem como

carnal nas condições da vossa humanidade e, ao mesmo tempo, como fruto de uma encarnação divina.

Os evangelistas, bem como os apóstolos e os discípulos, eram simples de coração, eram, na condição de encarnados, criancinhas pela humildade e pela inteligência. Submeteram-se à revelação espírita recebida por Maria e por José, considerando-a emanada de Deus e feita por um de seus enviados. Instrumentos do Senhor, eles transmitiram essa revelação e os fatos. Médiuns historiadores, cada um desempenhou a sua tarefa dentro do quadro que lhe traçaram a influência e a inspiração mediúnicas.

Já o explicamos (n.14): Convinha que fosse assim, pois que os homens precisavam de um exemplo frisante. Por perto de vinte séculos, a matéria idealizada vos preparou, com o auxílio do tempo e das reencarnações sucessivas, mediante as quais se efetuaram a expiação, a reparação e o progresso, para a compreensão da vida espiritual, e vos conduziu à era nova do Espiritismo, cujo advento foi preparado pelo progresso lenta e laboriosamente efetuado desde que o Mestre desceu à terra até hoje.

Já o dissemos e repetimos: A letra produziu seus frutos; não mais basta ao estado e ao progresso das vossas inteligências, às necessidades da época atual. Pois que agora mata, tem que ceder lugar ao *espírito que vivifica*. São chegados os tempos de se vos ensinar, de acordo com a ciência e com a verdade, iniciando-vos nos segredos de além túmulo, o que foram, *como obra do Espírito Santo*, a gravidez e o parto de Maria.

Essa obra, qualificada de "sobrenatural", "milagrosa", "divina", foi, com a permissão de Deus e de acordo com as leis naturais e imutáveis por ele promulgadas de toda a eternidade, o resultado de uma *ação espírita* e de uma *ação magnética*, executadas com o auxílio e por meio de fluidos apropriados.

O magnetismo é o agente universal que tudo aciona. Tudo está submetido à influência magnética. A atração existe em todos os reinos da natureza. Não é por efeito da atração magnética que o macho se aproxima da fêmea nas diferentes partes da terra, ainda nas mais desertas e quando, não raro, os dois se encontram a grande distância um do outro? Não é a atração magnética que leva de uma flor a outra o princípio fecundante; que, nas entranhas da terra, une as substâncias próprias para a formação dos minerais que ela encerra; que atua sobre as águas, dirigindo-as para as terras áridas necessitadas de fecundação?

Tudo é atração magnética no Universo. Essa a grande lei que rege todas as coisas. Quando o homem tiver os olhos bastante abertos para apreender toda a extensão dessa lei, o mundo lhe estará submetido, visto que ele poderá dirigir a ação material daquela força. Mas, para lá chegar, ser-lhe-á necessário um estudo longo, aprofundado das causas e, sobretudo, muito respeito e amor àquele que lhe confiou tão grande meio de ação.

Quando, sob os auspícios desse respeito e desse amor, ele, todo humildade e desinteresse, houver conquistado, pelo estudo e pelo trabalho, o conhecimento de todos os fluidos, das suas naturezas diversas, de suas propriedades e efeitos, das diferentes combinações e transformações de que são passíveis, possuirá o segredo da vida universal e da formação de todos os seres, em todos os reinos, sob a dupla ação espírita e magnética, pela vontade de Deus e segundo leis naturais e imutáveis.

Os fluidos magnéticos ligam todos os mundos entre si no Universo, como todos os Espíritos, encarnados ou não. É um laço universal pelo qual Deus nos ligou a todos, como que para formarmos um único ser e para nos facilitar a ascensão ao seu seio, conjugando-nos as forças. Os fluidos se reúnem pela ação magnética. Tudo em a natureza é magnetismo. Tudo é atração produzida por esse agente universal.

No vosso planeta, além do magnetismo mineral, vegetal, animal, existem o magnetismo *humano* e o magnetismo *espiritual*.

O magnetismo humano consiste na concentração, por efeito da vontade do homem, dos fluidos existentes nele e na atmosfera que o cerca, e mediante os quais, a certa distância, ele atua sobre outro homem ou sobre as coisas.

O magnetismo espiritual resulta da concentração da vontade dos Espíritos, concentração por meio da qual estes reúnem à volta de si os fluidos, *quaisquer que sejam*, encerrados no ser humano ou disseminados no espaço, e os dispõem de modo a exercerem ação sobre o homem ou sobre as coisas, produzindo os efeitos por eles desejados.

A gravidez de Maria foi *obra do Espírito Santo*, porque foi obra dos *Espíritos do Senhor* e, como tal, *aparente e fluídica*, de maneira a produzir ilusão, a *fazer crer* numa gravidez real.

Houve aí um efeito de magnetismo espiritual. Sabeis qual a ação dos fluidos espirituais sobre o homem. Podeis avaliá-la pelo poder dos fluidos humanos bem dirigidos.

Os Espíritos prepostos à preparação do aparecimento do Messias na terra reuniram em torno de Maria fluidos apropriados, que lhe operaram a distensão do abdômen e o intumesceram. Ainda pela ação dos fluidos empregados, o mês parou durante o tempo preciso de uma gestação, contribuindo esse fato para a *aparência* da gravidez, pela intumescência e pelos incômodos ocasionados. Maria, sob a inspiração de seu guia e diante desses resultados, que *para ela* eram o cumprimento da anunciação que lhe fizera o anjo ou Espírito enviado, acreditou na realidade do seu estado.

Nessa crença nada há de surpreendente. Aos hospícios se têm recolhido não poucas vítimas da vossa ciência, as quais se acreditavam prestes a dar nascimento a um ser, quando não passavam de joguete de ilusões provocadas

por Espíritos obsessores. Em tais casos, nenhuma aparência de gravidez havia aos olhos dos homens e, no entanto, os obsessores as faziam experimentar todos os sintomas da gravidez e parto.

Assim, só *aparência* de gestação houve em Maria. A gravidez foi *apenas aparente, fluídica*, sendo a intumescência do ventre produzida por uma ação fluídica, efeito do magnetismo espiritual.

Seu parto foi igualmente *obra do Espírito Santo*, porque também foi *obra dos Espíritos do Senhor* e só se deu na aparência, tal como a gravidez, por isso mesmo que resultava desta, que fora simplesmente *aparente*. Tanto quanto da gravidez, Maria teve a ilusão do parto, na medida do que era necessário, a fim de que acreditasse, como devia acontecer, um nascimento real.

Passado o tempo normal da gravidez, houve efeito de magnetismo espiritual: os Espíritos prepostos à preparação do advento do Messias colocaram Maria sob a influência magneto-espírita e ela teve completa ilusão do parto e da maternidade.

Deveis compreender essa influência recordando-vos da ação e dos efeitos que, por meio do magnetismo humano, o magnetizador exerce e produz sobre o magnetizado, assim como da ação e dos efeitos que, mediante o magnetismo espiritual, os Espíritos exercem e produzem sobre o homem.

O magnetizador pode, como sabeis, pela ação da sua vontade e com o auxílio dos fluidos humanos bem dirigidos, levar o paciente, em estado de sonambulismo, a experimentar todas as sensações e impressões, a *ver e acreditar* em tudo quanto ele queira que o mesmo paciente veja e *acredite*, ao ponto de conseguir que este se impressione com uma ficção, como se fora uma realidade. Pode ainda produzir no paciente todas as aparências de um sofrimento qualquer, fazê-lo mesmo passar por esse sofrimento e por fim livrá-lo dele.

Se haveis estudado o magnetismo humano por todas as suas faces, tereis notado que alguns pacientes, cujo desprendimento se opera com grande facilidade, falam e procedem exatamente como se não estivessem mergulhados em sono magnético, nenhum traço ou sintoma apresentando, por onde o observador possa reconhecer aquele estado. É que a ação magnética se exerce sobre o *Espírito*, deixando ao corpo a *sua liberdade*.

São indivíduos que gozam do desenvolvimento de faculdades extra-humanas, isto é, indivíduos excepcionais que gozam, não só, como todo Espírito desprendido da matéria, de faculdades extra-humanas, mas também de faculdades superiores às que podeis do número ter observado nos vossos melhores lúcidos, e que são capazes, em certos casos, de resolver problemas que o Espírito encarcerado na carne não ousaria, nem poderia abordar. Há questões que o homem não se atreve a propor à ciência, não por humildade, ou

por uma cautelosa apreciação de suas forças, sim por considerar a ciência incapaz de responder a elas.

Raros são ainda tais indivíduos; mas, hão de multiplicar mediante o emprego dessa força que vos está confiada. Servirão imensamente ao progresso das ciências e das artes no vosso planeta. São instrumentos mais perfeitos do que os outros, porém mais fáceis também de se quebrarem, isto é, são indivíduos cujas faculdades mediúnicas, mal dirigidas, se estragariam rapidamente. Tal a razão por que não vos aparecem ainda em grande número. Preciso é que, em matéria de magnetismo, ganheis mais experiência.

Sabeis, também, que o esquecimento do despertar é, em princípio, efeito do sonambulismo. Todavia, excepcionalmente, pode o magnetizador, pela ação da sua vontade e dando ordem nesse sentido, conseguir que, uma vez despertado, o sonâmbulo guarde lembrança de alguma coisa que tenha ocorrido no estado sonambúlico e da qual ele queira que o mesmo sonâmbulo se recorde em seu estado ordinário.

Tudo quanto, pela ação do magnetismo humano, o magnetizador pode fazer com outro indivíduo, podem-no igualmente, pela ação do magnetismo *espiritual*, os Espíritos, sendo que estes atuam com maior discernimento e mais ciência do que o homem sobre o homem e nas condições necessárias à obtenção dos efeitos que queiram produzir, dos resultados que desejem alcançar. Podem (como o sabeis, graças à ciência espírita) fazer que o paciente sinta pancadas, ou dores, que aparecem ou desaparecem à vontade dos operadores invisíveis. Também sabeis, por numerosos fatos observados em todos os tempos e agora mesmo, como são sentidas essas pancadas, essas dores.

Devemos ainda explicar-vos a ação do magnetismo sobre o Espírito do magnetizado. O que a este respeito vamos dizer se aplica tanto ao magnetismo humano, como ao espiritual. *Apenas*, a ação deste é mais pura em suas causas e efeitos. Os mesmos são, entretanto, os resultados da ação de um e outro: o desprendimento do Espírito encarnado se produz em condições mais ou menos boas, conforme o magnetizador (humano ou espiritual) é mais ou menos elevado.

Haveis de compreender que o magnetismo não pode causar ilusão ao *Espírito*, pois que concorre para o seu *desprendimento*. Uma vez desprendido o Espírito, por esse meio, dos entraves da carne, a conseqüência é que se torna cúmplice voluntário de quem sobre ele atua, quer a ação magnética emane de um Espírito *livre*, quer de um *encarnado*. A lembrança que o paciente, depois de acordar, guarde do que ocorreu durante o sono magnético resulta da cooperação do mesmo paciente, que, seja por simpatia, seja por fraqueza, seja por subordinação, conforme às relações existentes entre ele e o magnetizador (humano ou espiritual), consente em obedecer ao que se lhe

impõe ou propõe. Assim, recordar-se-á das palavras ou atos, cuja lembrança tenha; durante o sono, assentido em guardar, sob a influência das sensações e impressões recebidas pela matéria, que conserva a marca do compromisso, assumido pelo paciente, de se recordar dos atos como se realmente praticados foram. O Espírito, iludido pela carne, ao despertar considera reais aqueles atos. Se o Espírito do magnetizador e o do magnetizado são *simpáticos*, a lembrança é devida ao bom entendimento entre ambos. Se o do magnetizado é *mais fraco* que o do magnetizador e este lhe impõe uma vontade arbitrária, o Espírito desprendido cede *algumas vezes*. Se o Espírito do magnetizado é inferior ao do magnetizador, o primeiro, por deferência, levado pelo respeito, obedece.

Maria *tinha que crer* num parto real e lembrar-se de fatos que *lhe cumpria* atestar, como se houvessem ocorrido.

Os Espíritos prepostos à preparação do aparecimento do Messias na terra, colocando Maria, pela ação do magnetismo espiritual, sob a influência magneto-espírita, a puseram, por efeito dessa influência, no estado de um sonâmbulo que vê e acredita, sente e experimenta o que se quer que ele veja e acredite, sinta e experimente. Nesse estado, Maria se achou em condições idênticas às dos indivíduos, ainda raros entre vós, de que há pouco falávamos.

Quando ela ainda se encontrava sob aquela influência, os Espíritos prepostos, que, para produzirem a gravidez simplesmente aparente e fluídica, haviam atraído os fluidos apropriados, os dispersaram. E, assim, cessando as causas, os efeitos deixaram de existir. Pela dispersão daqueles fluidos, a menstruação retomou o seu curso ordinário e Maria se achou nas condições exigidas em tais casos para poder, no prazo estabelecido, preencher as formalidades prescritas na lei de Moisés para a purificação.

A fim de dar a Maria, sempre sob a influência magneto-espírita, a ilusão do parto e da maternidade, os Espíritos prepostos, pela ação fluídica, a fizeram experimentar efeitos semelhantes às contrações naturais em um parto qualquer. Essas impressões recebidas pela matéria a dispuseram a tomar, *por simpatia*, com os Espíritos elevados que sobre ela atuavam, isto é, *por acordo com eles*, o compromisso de se lembrar materialmente de fatos que precisavam ser atestados, submetendo-se ao que lhe era proposto *em nome do Senhor*.

No momento em que Jesus apareceu, exatamente como houvera aparecido por efeito de um nascimento real, sob o aspecto de uma criancinha, cessou a influência magneto-espírita. E Maria, iludida pela carne, sob a influência das impressões recebidas pela matéria, que conservara o sinal do compromisso que seu Espírito assumira, tomou nos braços o menino, como se o parto fora real,

crente assim de que ele era fruto de suas entranhas, por obra do *Espírito Santo*.

Maria era quase uma criança e pouco experiente das coisas humanas, tendo sempre vivido em adoração e contemplação. Tomou o menino e rendeu graças a Deus.

A gravidez e o parto não tiveram, da sua marcha natural, senão a *aparência*. Se fora necessário dar também aos homens a ilusão desses fatos, fácil teria sido aos Espíritos prepostos fazer com que, pelas dores da carne em elaboração, Maria experimentasse todos os incidentes e sintomas de cada uma das fases da maternidade, de maneira a lhes imprimir, aos *olhos humanos*, todos os caracteres aparentes da realidade, segundo as leis da encarnação no vosso planeta.

Sabeis que uso podem os Espíritos que vos cercam fazer dos fluidos que vos envolvem. A gravidez teve, aos olhos dos homens, a aparência da realidade. O mesmo poderia ter-se dado com o parto. Cercando Maria dos fluidos necessários a produzir a ilusão, esses fluidos, pelas combinações que sofreriam sob a ação espírita, teriam impresso, aos olhos dos homens, todos os caracteres da realidade às fases do parto, de modo que este, para os que porventura assistissem a Virgem, revestiria a aparência de um parto real.

Os Espíritos que vos cercam, chegados a um certo grau de adiantamento, atuam, pelo poder da própria vontade, sobre os fluidos ambientes, atraem os que são necessários e, combinando-os, traçam, *para os olhos carnaís do homem*, os quadros que ele deva ver.

Tais meios, entretanto, só são empregados em casos sérios. Assim, não pense o homem estar sempre submetido a essas alucinações espíritas. Mas, todas as vezes que, para um fim útil à humanidade, seja preciso recorrer a esses meios, eles são empregados. Não vos equivoqueis, porém, a respeito do sentido destas palavras - *alucinações espíritas*. Por alucinações espíritas entendemos efeitos espíritas *representando*, para olhos humanos, *uma coisa qualquer que não existe realmente, nem do ponto de vista material, nem do espiritual, e que não passa de ilusão produzida, sob a ação espírita, por uma simples combinação de fluidos*. O fenômeno, que mais tarde explicaremos, chamado - *a multiplicação dos pães e dos peixes*, simples resultado de uma ação espírita, obtida por mera combinação dos fluidos apropriados e necessários a esses efeitos, é de molde a vos fazer compreender como fora igualmente fácil produzir, para aqueles que porventura assistissem a Maria, mediante a ação espírita e a combinação de fluidos apropriados e necessários, a ilusão do parto, dando-lhe os característicos da realidade.

E pelo mesmo princípio e pelo emprego das mesmas causas que os Espíritos culpados defrontam, na erraticidade, com as vítimas que fizeram, com as faltas que cometeram e vêem desenrolar-se o panorama sangrento do passado ou o

cenário das dores que os esperam no futuro. Os fluidos empregados pelos Espíritos prepostos a essa missão apresentam aos olhos do culpado, ou sejam quadros animados, de uma ilusão completa, ou a aparência de objetos, dando também completa ilusão da realidade.

Fácil teria sido, portanto, produzir nos homens, naqueles que porventura a assistissem, a ilusão do parto de Maria. Mas, a isso se opunha o prestígio misterioso de que devia cercar-se o "nascimento" de Jesus. Maria estava só no momento. Fácil era dar a ilusão àquele Espírito cuja existência material apenas começava, tanto mais quando, embora o desenvolvimento da mulher em tais paragens seja mais precoce do que sob o vosso clima, a vida contemplativa de Maria a conservara ao abrigo de todas as aspirações e sensações materiais. Sendo ela, pois, ignorante das leis da matéria, inútil fora levar mais longe a ilusão.

Notai que os acontecimentos se encadeiam de tal sorte que Maria se vê privada de quaisquer socorros humanos, sendo o rebanho encurralado no estábulo a sua única companhia naquele momento em que, achando-se só, *ela tem que acreditar* num parto real; em que, sob a influência magneto-espírita, os fatos se passam para efetivar a ilusão sobre esse ponto; em que, finalmente, se verifica o aparecimento de Jesus sob o aspecto de uma criancinha que ela recebe.

Notai (insistimos neste fato porque, conquanto pueril em si mesmo, pode esclarecer-vos) que nenhum historiador de Jesus fala do trabalho do parto de Maria, nem das conseqüências que pudera ocasionar. Os "espíritos fortes" farão sentir que "sendo a Judéia um país quente, as mulheres eram aí morenas fortes e vigorosas e que assim as condições mórbidas, do ponto de vista das conseqüências do parto, deviam ser quase nulas". Efetivamente, em certas latitudes, a mulher se encontra, senão livre, ao menos aliviada de uma parte de seus sofrimentos. Mas, Jerusalém, Nazaré, Belém de Judá não se acham em condições idênticas às das margens do Ganges, tão amiúde citadas em casos semelhantes.

Maria, portanto, devera ter estado doente, como qualquer outra mulher, durante um certo tempo. *Ninguém disse uma só palavra a tal respeito.* Ao contrário, logo *na manhã seguinte* recebeu os pastores, aos quais o anjo ou Espírito enviado se manifestara, e lhes apresentou o menino.

Ela era, já o temos dito, um Espírito muito puro, tendo por missão prestar-se à obra que se havia de realizar e não procurava, como o fazeis, compreender o mecanismo dos atos ocultos. Avisada pelo anjo de que teria, aos olhos dos homens, *um filho de essência diversa da sua, diversa da essência humana do vosso planeta*, obedece e desempenha com fé, submissão e amor a tarefa que aceitara. Avisada pelo anjo de que não seria mais que um instrumento, recebeu, *como obra do Espírito Santo* e sem inquirir da natureza

da solução do problema, o filho, que acreditou ser o fruto das suas entranhas e do qual tinha que se encarregar aos olhos dos homens.

Que os que sem cessar controvertem não digam que foi, ou que teria sido uma fantasmagoria, um embuste.

Não; a vossa natureza está sujeita a muitos mistérios que não compreendeis e cuja fonte única é a combinação dos fluidos de que dispomos *para vossa utilidade e vosso progresso*. Jamais agimos sem propósito. Cumprimos *sempre* as vontades do Senhor.

O que ocorreu era *necessário* à iniciação da nova era transitória, na qual a humanidade então ia entrar, a fim de preparar o advento da era atual do Espiritismo, o advento da nova revelação.

A cada era uma revelação, progressiva e apropriada às necessidades dos tempos, ao estado das inteligências e aos reclamos da época, velada pela letra, quanto convenha, ensinando-vos sempre a verdade, gradualmente, na medida do que podeis receber e conservar, levantando pouco a pouco a ponta do véu que a esconde aos vossos olhos.

Jesus trazia um corpo semelhante ao vosso, como bem o disseram os Apóstolos: "Seu corpo não tinha a *aparência* do vosso? - Suas necessidades *aparentes* não foram as mesmas?" - Sim, Jesus teve um corpo semelhante ao vosso, mas *não* da mesma natureza.

Seu nascimento foi *obra do Espírito Santo*, por isso que seu aparecimento foi preparado por uma gravidez aparente e, conseqüentemente, por um parto também aparente, obra, uma e outro, dos Espíritos do Senhor, executada conforme já o explicamos (n.14).

Tal aparecimento só Jesus o podia fazer.

Aquela missão lhe competia, primeiro, como encarregado que é do progresso humano; depois, por ser, entre os Espíritos elevados que sob a sua direção se acham consagrados à obra do progresso do vosso mundo e da sua humanidade, o único que, pelo seu poder nas altas regiões, seria capaz de assimilar aos do vosso planeta os fluidos superiores, que servem para a formação dos corpos nos mundos fluídicos e, desse modo, constituir o corpo misto de que usava, quase material e que, aos olhos humanos, se afigurava o corpo do homem da terra; finalmente, por ser o único capaz de manter uma existência terrena *aparente*.

Efetivamente, Jesus, Espírito perfeito, puro entre os mais puros de quantos, sob a sua direção, trabalham para o vosso progresso, vossa regeneração, vossa transformação física, moral e intelectual, a fim de vos conduzir à perfeição; Jesus, não sujeito a encarnar em nenhum planeta, conhecia todos os fluidos adequados a produzir o aparecimento por incor-

poração e a encarnação em todos os mundos, quer materiais, quer fluídicos; assim como as leis universais, naturais e imutáveis, suas aplicações e apropriações. Só ele, portanto, tinha a ciência e o poder de construir para si, debaixo da aparência corporal humana, aquele invólucro de natureza perispirítica, apto a longa tangibilidade, destinado a lhe servir para o desempenho da sua missão terrena. Só ele tinha o poder de deixar esse invólucro e de o retomar a todo instante, mantendo os elementos que o compunham sempre prontos a se reunirem ou dissociarem, por ato exclusivo da sua potente vontade.

Já o dissemos (n.14) e repetimos: Jesus não se revestiu de um corpo material humano tal como os vossos. Sua essência era demasiado pura para poder suportar o contacto com a matéria. Compreendei o sentido destas palavras. Queremos dizer que Jesus, de uma elevação extrema, *incompatível* com a vossa essência, não podia *submeter-se* à encarnação material humana. Era-lhe impossível suportar o contacto da matéria, como vos é impossível suportar um odor fétido.

Quanto mais pesada é a matéria, tanto mais constringe o Espírito. Revestido do invólucro material humano, o Espírito, seja embora um Espírito superior que o tome para desempenhar entre vós uma missão, é mais ou menos falível. Sua vida não decorre sem que uma ou outra mácula lhe empane o brilho. Ainda agora, entre vós, se encontram Espíritos em missão, suportando o peso da carne.

Já pela sua natureza espiritual, já pela sua posição espírita, tal escravidão não a podia nem devia sofrer Jesus que, mesmo quando visível entre os homens, segundo os períodos e as necessidades da sua missão, tinha consciência exata da sua origem e a certeza do futuro, era sempre o protetor e governador do vosso planeta e presidia à vida e à harmonia universais em todos os reinos da natureza, constantemente em relação com Deus, transmitindo pelos seus mensageiros, hierarquicamente, ordens a todos os Espíritos prepostos à obra e ao entretenimento da vida, da harmonia universais, do progresso, relativamente ao vosso mundo e à humanidade terrena.

Já o dissemos (n. 14) e repetimos: Esse fato do aparecimento, entre vós, de um Espírito, por incorporação, único até hoje nos anais do vosso mundo, se há de repetir em tempo oportuno. Quando se repetir, sabereis que soou a hora da regeneração anunciada pelo Cristo e desde longe por nós preparada e continuada.

Que os que têm ouvidos para ouvir ouçam; que, cheios de orgulho, mas ignorantes das leis universais, das leis naturais e imutáveis estabelecidas por Deus, do que diz respeito aos fluidos, suas propriedades, seus efeitos, suas combinações, transformações e apropriações, acordemente com aquelas

leis, para a produção de seres por encarnação ou incorporação nos planetas, tanto materiais como fluídicos, que povoam os universos na imensidade - os homens não neguem o que não podem ainda compreender, nem explicar.

Sim, a gravidez de Maria foi apenas aparente e fluídica como obra do Espírito Santo, isto é, dos Espíritos do Senhor prepostos a essa obra, os quais operaram por meio do magnetismo espiritual. Sim, o "aparecimento" de Jesus, efetuado, conforme à vontade de Deus (era preciso que fosse assim, de acordo com o estado das inteligências, para ser admitido), sob as aparências do parto em Maria virgem e por uma operação do Espírito Santo, foi, como obra deste, isto é, dos *Espíritos* do Senhor, e sob o véu de um "nascimento" apenas aparente, uma manifestação espírita tangível, igual às que se produzem em todas as épocas e ainda hoje podeis observar. A única diferença a notar-se entre aquela e estas manifestações é que, ali, o perispírito, muito humanizado pela ação da vontade poderosa do Mestre sobre os fluidos que vos cercam, era, com *todas as aparências* da vida humana, apto a conservar uma longa tangibilidade, que existia ou cessava ao arbítrio da mesma poderosa vontade, conforme o exigiam os tempos, os períodos, as necessidades e os atos da sua missão terrena.

Reservado estava à nova revelação dizer-vos aquilo que a humanidade ainda não podia entender quando o Cristo desceu à terra, mas que, veladamente, se encontrava nas palavras com que o anjo fez a anunciação a Maria e, em sonho, advertiu a José. Estava-lhe reservado levantar o véu quando fossem chegados os tempos; colocar no lugar *da letra*, que agora *mata*, pois que já produziu seus frutos, *o espírito que vivifica*; explicar o erro que *a letra e a ignorância* dos séculos *haviam* de engendrar e engendraram e que se manteve até aos vossos dias; ensinar-vos a verdade que o progresso das inteligências já vos permite receber e guardar.

Não, Jesus não tomou um corpo material humano no seio de uma virgem, com derrogação das leis naturais e imutáveis que regulam a reprodução no vosso planeta e nos outros mundos materiais. A vontade imutável de Deus jamais derroga as leis da natureza, que ele próprio formulou desde toda a eternidade.

Não, Jesus não tomou um corpo material humano, tal qual os vossos, segundo as leis da reprodução material no vosso planeta, por obra de Maria e José. Afirmar o contrário fora inquinar de falsidade e de impostura o que a estes disse o anjo, fora blasfemar o próprio Deus, rejeitando, por mentirosa, a palavra de seu enviado.

A nova revelação vem explicar, *segundo o espírito*, as palavras do anjo, que foram mal interpretadas porque as tomaram ao pé da letra, com ignorância do sentido que devia ser dado às seguintes proposições: "Aquele que nela se gerou foi formado pelo Espírito Santo. - O Espírito Santo virá sobre ti

- e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra". Ela vem substituir o erro pela verdade; vem ensinar aos homens que, *como obra do Espírito Santo*, isto é, dos Espíritos do Senhor, tudo foi espiritual, espírita, estranho a qualquer ato material humano regido pelas leis da encarnação no vosso planeta, quer se trate da concepção no seio de uma virgem, *obra e efeito espíritas*, dando lugar a uma gravidez apenas aparente, devida a uma ação fluídica emanada daqueles Espíritos, quer se trate do parto, igualmente *obra e efeito espíritas*, também apenas aparente, destinados uma e outro, como já vos explicamos, a produzir ilusão em Maria e a gerar nela a crença em fatos que devia considerar reais e atestar; quer, finalmente, se trate do aparecimento de Jesus sob o aspecto de uma "criancinha", conforme se houvera dado, *aos olhos dos homens*, no caso de um "nascimento real", aparecimento que, *como obra e efeito espíritas*, se produziu pelo emprego e combinação de fluidos superiores e inferiores, de acordo com as leis naturais e imutáveis, que vos temos revelado, mediante a aplicação e a adaptação dessas leis.

Mateus, Marcos, Lucas e João

Assistidos pelos Apóstolos

N. 32. Tendo José e Maria, como tinham, parentes e conhecidos em Belém, de que modo se explica a contingência em que se viram de acolher-se a um estábulo e de aí deitarem o "menino" numa manjedoura, por não haver para eles lugar na hospedaria?

Grande era a afluência de viajantes e excedia os limites da hospitalidade, mesmo na hospedaria. Os hebreus, sobretudo os de ínfima classe, não construíam casas para si como se foram príncipes.

Morava em Belém um irmão de José, mas, não tendo sido avisado da sua vinda, não pudera recebê-lo, por lhe ocuparem toda a casa outros hóspedes.

José não era esperado. Não devendo afastar-se de Maria, atenta a sua adiantada gravidez (*aos olhos dos homens*), seu irmão é quem iria fazer por ele as declarações da lei.

De fato, estando certo de não poder ir pessoalmente, José incumbira seu irmão Matias de inscrevê-lo no registro censitário, assim como sua mulher e o filho que então já teria provavelmente "nascido" e que ele sabia pelo aviso que recebera do anjo, seria varão.

Não era crível que Maria, num estado de gravidez tão adiantado (*aos olhos dos homens*) se aventurasse àquela caminhada. Ninguém por isso a esperava. Mas, *impelida pelo Espírito*, para empregar as expressões de que usam as Escrituras, isto é, sob a inspiração do seu anjo de guarda, ela resolveu, à última hora, empreender a viagem. *Era preciso* que Jesus "nascesse" daquele modo. Sim, *era preciso* que "nascesse" assim, num lugar miserável, longe dos homens e de todos os socorros, a fim de dar um grandíssimo exemplo de humildade, a fim também de que se simplificassem as circunstâncias que lhe haviam de cercar o "nascimento" e que já vos explicamos (n. 31).

Logo que a afluência de forasteiros diminuiu, ela foi recebida pelos parentes, em casa do irmão de José.

A notícia de que o "menino" "nascera" se espalhou, passando de boca em boca, como todas as notícias que os homens transmitem. Zacarias e Isabel tiveram aviso do fato, não por essa maneira, mas porque José lhes foi dar a boa nova. Ambos se apressaram a ir adorar o "menino". Destituídos, porém, de utilidade para a obra evangélica, seus atos e palavras nessa ocasião foram postos de lado, guardando-se sobre eles silêncio. Tendo desempenhado a missão que lhes tocara, voltaram os dois à obscuridade.

Assim, não mais se falava deles e não mais se falou, verificando-se o mesmo com relação a todos os outros Espíritos encarnados que haviam pedido a graça de participar da obra que a missão terrena de Jesus vinha executar.

LUCAS, Cap. II, v.8-20

Os pastores

V. 8. Ora, havia no país muitos pastores que passavam as noites no campo, revezando-se na guarda dos seus rebanhos. - 9. De repente, um anjo do Senhor se lhes apresentou, circunvolveu-os a claridade de Deus e eles se sentiram presa de grande temor. - 10. Então o anjo lhes disse: "Não tenhais medo, pois venho trazer-vos uma notícia que, para vós, como para todo o povo, será motivo de grande alegria: - 11. é que hoje, na cidade de David, vos nasceu um Salvador, que é o Cristo, o Senhor. - 12. Eis aqui o sinal que vos fará reconhecê-lo: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura". - 13. No mesmo instante reuniu-se ao anjo um grande troço da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo: - 14. Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade. - 15. Logo que os anjos se retiraram para o céu, os pastores disseram entre si: Vamos até Belém para verificar o que nos acaba de ser dito, o que sucedeu, o que o Senhor nos mostra. - 16. Partiram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado numa manjedoura. - 17. E, tendo-o visto, reconheceram a verdade do que lhes fora dito a respeito daquele menino. - 18. E todos os que os ouviram se admiraram do que lhes era relatado pelos pastores. - 19. Maria prestava atenção a tudo isso que diziam e tudo reunia no seu coração. - 20. Os pastores regressaram glorificando e louvando a Deus por tudo quanto tinham ouvido e visto, conforme ao que lhes fora dito.

N. 33. Quanto a manifestação espírita, isto é, quanto à aparição do anjo, ou Espírito enviado, aos pastores e quanto às palavras que lhes dirigiu, a mediunidade explica como puderam eles *ver e ouvir*. Foram médiuns videntes e audientes.

Pelo que toca à luz, à claridade que os envolveu, enchendo-os de grande temor, a explicação é a seguinte: sob a ação e a influência do magnetismo espiritual, achando-se em estado de êxtase por efeito de um desprendimento completo, com a visão espiritual, portanto, desimpedida, os pastores viram os fluidos ambientes, que, para vós, são incolores e, para nós, espalham grande claridade. Viram-nos tais como nós os vemos. Essa claridade, relativa ao grau de elevação, de adiantamento do Espírito, não deixa, para este, de existir e de ser por ele percebida, qualquer que seja a sua inferioridade (trate-se de um sofredor ou de um mau), senão quando é condenado às *trevas*.

Não compreendendo a causa simples de tal claridade, que olhos humanos não podem distinguir senão em casos excepcionais, em situações como aquela em que eles se encontravam, os pastores tomaram por uma luz divina, por uma manifestação do próprio Deus, a luminosidade dos fluidos ambientes e, por isso, lhe deram a designação de "claridade de Deus, *claritas Dei*".

A ciência terrena, por meio do magnetismo humano e do sonambulismo, já observou, com auxílio de sonâmbulos suficientemente impressionáveis e lúcidos, a luz, a claridade que os fluidos magnético e elétrico, *em estado latente*, espalham; assim como a luminosidade dos corpos, a luminosidade que apresentam, sob a forma de vapor luminoso, os objetos, os metais, a madeira ⁷.

⁷ É o que já foi efetivamente verificado, por experiências e observações feitas com o auxílio de sonâmbulos lúcidos, notadamente pelo Dr. CHARPIGNON, (Physiologie, Médecine, Métaphysique du Magnétisme, par J. Charpignon, doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, membro de muitas sociedades sábias. – Págs. 24 e 25, 29 e 30, 1848, Paris, Germer Buillère, livreiro editor).

E a ciência, por meio do magnetismo humano e do sonambulismo, com o auxílio de pacientes em condições de aptidão semelhantes às que apresentavam os pastores, será levada a dar testemunho desse estado luminoso dos fluidos ambientes, fonte de grande e permanente claridade para os Espíritos errantes, donde decorre que, para eles, não há noite, nem obscuridade, nem opacidade dos corpos, não existindo no espaço obstáculos nem barreiras que lhes detenham a visão espiritual.

O grande troço da milícia celeste não era mais do que uma multidão de bons Espíritos prepostos à manifestação espírita. Por efeito da mediunidade vidente e audiente, os pastores os *viram e escutaram estas palavras* que conheceis péla designação de *cânticos dos anjos* e que, depois de terem atravessado os séculos, ainda hão de ecoar pelos séculos vindouros:

"Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade".

Um ensino resulta do confronto que se estabeleça entre o que ocorreu com os pastores e o que se deu com os magos: É que o homem jamais deve orgulhar-se da posição que ocupe no mundo; é que, aos olhos do Senhor, o menor pode ser o maior.

Quais as pessoas que primeiro recebem o anúncio do "nascimento" de Jesus? - Humildes pastores, que viviam sem instrução e sem orgulho, na solidão, no seio da natureza, aprendendo no seu livro imenso os segredos da divindade. Ignoram, mas crêem, amam e esperam. Tanto basta para serem considerados dignos de receber, antes de Outrem, a boa nova.

Os dois pontos se extremam: após eles, são os magos, os sábios, os poderosos que recebem a revelação, destinada a transpor todas as classes. Começando pelos degraus inferiores da escala, terá que subir até ao ápice. Os magos também criam; mas neles a fé não era tão pura. Tinham mais curiosidade de verificar um fato duvidoso, do que confiança nas palavras do anjo. Contudo, também vêm prosternar-se diante do menino, trazendo-lhe os tributos que se ofereciam ao Senhor. E que, sem o compreenderem, sentem que aquele menino, se de fato existe, deve ser *de uma essência superior à deles*, para dar causa a tão grandes coisas.

N.34. Falando da revelação feita primeiramente aos pastores e depois aos magos, haveis dito: "*destinada a transpor todas as classes: começando pelos degraus inferiores da escala, terá que subir até ao ápice.*" - Estas palavras são aplicáveis aos tempos atuais do advento da era nova do Espiritismo? E assim o que *primeiro* se operou com relação aos pastores e *depois* com relação aos magos foi um aviso do que se daria por ocasião do advento dessa era nova, relativamente à revelação espírita?

São um conselho e um exemplo que se vos dão. Deveis, antes de tudo, levar a boa nova aos deserdados do vosso mundo, que são os mais ansiosos, sem todavia vos esquecerdes das classes, entre vós, mais elevadas.

Vedes que o anjo *avisa* os pastores e se retira, por saber que eles têm o coração simples e reto. Vigia-os, mas invisivelmente; ao passo que conduz os magos, mostrando-lhes sempre, ao longo do caminho, a estrela que os guiará. Condu-los assim, por saber que as grandezas mundanas os podem desviar e que, portanto, é preciso tê-los de contínuo atentos. Que o anjo que os avisou vos sirva de exemplo. Imitai-o.

Consagrai àqueles de vossos irmãos que o mundo considera ínfimos as primícias dos vossos cuidados e a maior parcela do vosso amor. Mas, por isso, não desprezeis os felizes da terra, porquanto a estes é que se

aplicam, no seu verdadeiro sentido, estas palavras, cujo alcance as interpretações humanas falsearam: "Muitos os chamados, poucos os escolhidos".

Muitos os chamados e poucos os escolhidos, sim, porque bem poucos sabem aproveitar os meios que a bondade divina lhes pôs nas mãos para progredirem e impulsionarem o progresso de seus irmãos.

Sem dúvida, a felicidade na terra é uma provação mais suave do que o são a pobreza e as decepções, mas também muito mais difícil de ser levada a bom termo. Felizes do mundo, as riquezas que possuíis não vos foram distribuídas para satisfação vossa. Não é para vossa ventura que os acontecimentos estão sempre de acordo com os vossos desejos, com as vossas necessidades. Oh! não. Não é para vosso *gozo material*, para incrementar o vosso orgulho, o vosso egoísmo. Nas riquezas, só deveis procurar um benefício *moral vindouro*. Os bens terrenos vos são concedidos como instrumento e meio de amor e de caridade para com os vossos irmãos, de progresso moral e intelectual para eles e para vós, a fim de que aprendais a lhes dar útil e generoso emprego. Não devem servir para que desfruteis existência voluptuosa, mas para suavizardes os sofrimentos dos desgraçados. Não devem contribuir para viverdes na ignorância e na preguiça, mas para adquirirdes a ciência que o estudo, sempre dispendioso, pode proporcionar e, em seguida, para espalhá-la *gratuitamente* a mancheias, por aqueles que carecem de recursos, ou para fazerdes que outros espalhem abundantemente a instrução tão necessária ao povo, se, por muito limitada a vossa inteligência, não puderdes apreendê-la.

Não é para vosso contentamento que tendes as íntimas satisfações. Não deveis limitar-vos a dizer: "Tenho sorte, nasci sob uma estrela feliz; tudo me sorri". Deveis primeiramente agradecer àquele que permitiu fosse tal o vosso destino. Deveis, depois, fazer com que este se reflita sobre todos os que, menos felizes, estão sujeitos às provações morais, às vezes tão pesadas! A esses, dai o excesso da vossa boa fortuna. Consolai, alentai, moralizai, ponde-vos em lugar dos que sofrem, ajudai-os a suportar o peso de seus infortúnios, não superficialmente, com os lábios apenas, mas com amor, do fundo dos vossos corações. Praticai a justiça, o amor e a caridade para com todos e por todos, debaixo dos pontos de vista material, moral e intelectual. Oh! então, não mais vos diremos: muitos são os chamados e poucos os escolhidos, pois que do alto do seu trono o Senhor deixará cair sobre vós um olhar de complacência e, assim como o imã atrai o ferro, ele vos atrairá a todos, ligados pelos laços da solidariedade e da fraternidade universais, a seus pés, a fim de receberdes a coroa dos *eleitos*.

N.35. Haveis dito, falando dos magos: "Tinham mais curiosidade de verificar um fato duvidoso *do que confiança nas palavras do anjo*." - Deve-se daí concluir que receberam uma revelação espírita?

Sim. Explicar-vos-emos este ponto quando tratarmos da visita deles a Belém.

N.36. Quais o sentido e o alcance destas palavras do v. 14: "Glória a Deus *no mais alto dos céus* e paz na terra aos homens de boa vontade"?

No mais alto dos céus exprime a elevação inigualável do Altíssimo.

Os *homens de boa vontade* são os que se consagram ao serviço do Senhor, *não* vivendo em retiro e fazendo macerações, *mas* consagrando a inteligência, a força e o tempo ao bem de seus irmãos, glorificando o Senhor pelo trabalho, que é a prece do coração, pela caridade e pelo amor.

N. 37. Por estas palavras do v. 15: "Logo que os anjos se retiraram para o céu" se deve entender: Logo que os bons Espíritos se afastaram no espaço e deixaram de ser visíveis aos pastores?

Sim, porém há uma explicação mais exata e mais precisa: logo que cessou o estado de êxtase em que se achavam os pastores, logo que, voltando à opressão da carne, eles deixaram de *ver*.

N.38. Que se deve entender por esta expressão: "O céu", com relação a Deus e para Deus?

Não procureis, oh! bem-amados, nessa palavra de que tanto tem o homem abusado, a imagem de um determinado lugar onde o Senhor se encerre.

Quão mesquinho é o espírito humano para haver pretendido encerrar o *infinito* no *céu*, qual potentado em seu palácio!

Como explicar-vos, a vós que não podeis fazer idéia da imensidade sem limites, o que sejam Deus, seus atributos e grandeza?

Não podendo definir um ideal dessa ordem, alguns homens, cujas idéias ultrapassavam as do vulgo, quiseram fazer Deus tão grande que lhe aniquilaram a personalidade.

Outros, confinados na estreiteza de seus cérebros, o fizeram tão pequeno que as igrejas que lhe edificaram são vastas demais para o conterem.

Adotai o termo médio entre estas duas hipóteses: Deus é, na imensidade, o infinito. Espírito de tal modo puro, de tal modo sutil que bem poucos Espíritos podem vê-lo, de tal modo extenso que irradia por todos os lugares *sem jamais se dividir*, conservando assim a sua individualidade.

Para inteligências limitadas como as vossas, só podemos comparar materialmente Deus com o sol que vos ilumina, centro único para o vosso mundo (é um termo de comparação), de luz, de calor, de fecundidade, quer se mostre aos vossos olhos em todo o seu brilho, quer o encubram os sombrios vapores que se elevam da superfície da terra.

O Senhor, ponto individual e central no infinito, em torno do qual gravitam todos os mundos, todos os universos, espalha por sobre todos o seu calor, a sua luz, mas bem poucos gozam da faculdade de lhe ver os raios luminosos!

Os vapores que se evolvem de vossas almas culposas formam uma atmosfera espessa, através da qual alguns desses raios passam de quando em quando, geralmente depois de uma tempestade, para vos lembrar que, logo que as nuvens borrascosas se tenham dissipado, ele brilhará por sobre vós em todo o seu esplendor, em toda a sua pureza.

Linguagem humana, qual poder é o teu para exprimir pela palavra - Deus - o ideal, o imenso, o infinito, o eterno!?

O *céu* é a imensidade sem limites em que se movem todos os seres, procurando aproximar-se do centro de atração - Deus - a cujos pés se vem grupar tudo que é perfeito.

Dar-vos-emos mais tarde, no momento oportuno, as explicações que deveis receber com relação a Deus⁸.

N. 39. Em face do v. 17, quais o sentido e o alcance dos v. 18 e 19?

A aparição do "anjo" aos pastores, a daquele grande troço da milícia celeste, a narração que os mesmos pastores fizeram do que viram e ouviram tinham por objeto e por fim esclarecer cada vez mais os homens,

⁸ Ver: Evangelho de João, n. 11.

chamar ainda mais a atenção e as meditações de Maria para a importância e a natureza da sua missão e dar a todos a confirmação de que aquele menino que Deus lhe *confiara* e de quem *ela se acreditava* mãe *por uma operação divina*, era o Cristo, isto é, o Messias prometido, anunciado pelos profetas da lei antiga.

LUCAS, Cap. II, v. 21-24
Circuncisão - Purificação

V. 21. Decorridos os oito dias ao cabo dos quais tinha o menino de ser circuncidado, foi ele chamado Jesus, que era o nome que o anjo lhe dera antes de ser concebido no seio de sua mãe. -22. E, passado o tempo da purificação de Maria, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor, -23, de acordo com o que está escrito na lei: "Todo primogênito será consagrado ao Senhor", - 24, e para oferecerem ao sacrifício que era devido, conforme à mesma lei, duas rolas ou dois filhotes de pombos.

N. 40. Estes fatos constituem uma lição para os que se revoltam contra o jugo que a religião impõe, para os que querem destruir a lei em vez de a cumprirem, quando, para a humanidade, se abre, na época predita, uma era nova, transitória.

Vedes que os "pais" de Jesus se conformam com a lei estabelecida e a ela submetem o "recém-nascido".

Nunca provoqueis o escândalo, isto é, não escandalizeis vossos irmãos, eximindo-vos, repentinamente, ao jugo que sobre eles pesa.

Quando tiverdes de reconstruir um monumento, servindo-vos dos materiais de outro prestes a desmoronar, não empregueis a mina, porquanto, estilhaçados, os materiais voariam longe e ocasionariam graves acidentes. Não; tirai cuidadosamente pedra por pedra, deponde-as no chão, separando as que não prestarem para lançá-las ao refugio. Feita a escolha, metei mãos à nova obra, substituindo por outras, boas e sólidas, capazes de sustentar os ângulos, as pedras que o tempo haja estragado.

O mesmo se dá com a renovação moral. Não se deve, *de um momento para outro*, subverter as crenças, calcar aos pés os preconceitos. Caíndo sobre vós, os destroços vos feririam. Cumpre deslocá-los um a um, conservar com cuidado as pedras *verdadeiras* que devem sustentar o edifício e rejeitar todas as *falsas* que lhe causariam o desmoronamento.

As pedras *verdadeiras* que deveis conservar são a fé em Deus, a submissão à sua lei, quaisquer que sejam a língua em que a expliquem e a forma de que a revistam. Assim, seja qual for o culto sob que tendes nascido, se ele vos ensina o amor a Deus, pouco importando o nome que dêem ao Criador; se vos ensina a *prática* do amor e da caridade, as pedras são *verdadeiras* - conservai-as.

Mas, rejeitai, pouco a pouco, sem sacudiduras, sem abalos, tudo o que estiver fora da lei divina, que se contém toda, *única e exclusivamente*, nestes dois mandamentos que encerram *toda a lei e os profetas*: amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo, por todos os meios, sob todas as formas, em não importa que circunstâncias, na ordem material, moral e intelectual; amar o próximo qualquer que ele seja, conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo. Só de acordo com esse mandamento é que a cada um terá que ser e será dado *segundo as suas obras*.

Os clericais, pertençam a que seita pertencerem (todo culto conta, no seu clero, um pessoal tenaz e obstinado, com bom número de aderentes), vão bradar anátema contra esta profissão de fé, que vem do Cristo e solapa as seitas, pois não está longe o tempo em que, obedientes à lei divina, os homens, sejam quais forem os cultos

exteriores que ainda *agora* os separam e dividem, caminharão unidos e irmanados, sob a mesma bandeira, trazendo por exergo: ***Amor e Caridade***.

Mas, digam o que disserem, anatematizem, que podem eles com seus dogmas, suas tradições e cerimônias contra a vontade de Deus e a obra progressiva do seu Cristo?

Falam à alma? Em geral - não (referimo-nos às massas, não fazemos nenhuma aplicação), visto que os homens saem das respectivas igrejas tão maus como entraram.

Não falam, portanto, senão aos sentidos. Os sentidos, porém, se embotam, se pervertem. E então, que resta? Em geral (repetimos: consideramos as massas, não fazemos aplicação alguma) - autômatos que se ajoelham, rezam, salmodiam a horas certas, homens e crianças sem crenças, velhos sem esperança, os quais, todos, ao saírem, levam consigo os vícios que traziam ao entrarem, vícios estes originários de alguma destas fontes: o orgulho, ou o egoísmo, com os seus derivados - a avareza, a preguiça, a cólera, a intemperança, o sensualismo, a luxúria, a maledicência, a calúnia, a incredulidade, o materialismo, a intolerância, o fanatismo.

Oh! essas são as pedras falsas, que se devem rejeitar, pois que o edifício desmorona sobre todas as mentiras que o sustentem.

A fé em Deus, a prática da caridade, eis aí, eis aí as *únicas pedras angulares*. Trazei-as perfeitas e rijas.

N.40 bis. Como devem ser traduzidas e compreendidas, *em espírito e verdade*, estas palavras do v. 21, referentes a Jesus: *antes de ser concebido no seio de sua mãe*?

Antes que ele se houvesse colocado nas mãos de Maria, sua mãe *aos olhos dos homens*.

Estas palavras humanas do v. 21 foram a consequência das crenças que deviam (como já vos explicamos no n. 14) ter curso e que o tiveram, a saber que: *aos olhos dos homens*, Jesus foi, durante a sua missão terrena, fruto da concepção humana, tendo Maria por mãe e José por pai, e, depois de desempenhada essa missão, fruto de uma concepção chamada "divina", "milagrosa", no seio de uma virgem, no seio de Maria, *por obra do Espírito Santo*.

LUCAS, Cap. II, v. 25-35

Cântico de Simeão

V. 25. Havia em Jerusalém um homem probo e temente a Deus, chamado Simeão, que vivia à espera da consolação de Israel; e um Espírito Santo estava nele. - 26. Pelo Espírito Santo lhe fora revelado que não morreria antes que houvesse visto o Cristo do Senhor. - 27. Impelido pelo Espírito, veio ao templo e, como os pais do menino Jesus o tivessem levado lá a fim de o submeterem ao que a lei ordenava, - 28. ele o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: - 29. "Agora, Senhor, segundo a tua palavra, mandarás em paz o teu servo, - 30, pois meus olhos viram o Salvador que nos dás, - 31. e que fizeste surgir à vista de todos os povos, - 32, como luz para ser mostrada às nações e para glória de Israel, teu povo. - 33. O pai e a mãe de Jesus se admiravam das coisas que eram ditas dele. - 34. Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: "Este menino vem para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo da contradição dos homens. - 35. E a tua própria alma será traspassada como por uma espada - a fim de que os pensamentos ocultos nos corações de muitos sejam descobertos."

N. 41. Simeão, homem justo e temente a Deus, vivia à espera do Messias predito e prometido.

Estas expressões: "Um Espírito Santo estava nele" - "pelo Espírito Santo lhe fora revelado" - "impelido pelo Espírito" - eram, como sabeis, um modo de falar hebraico.

Já o explicamos (n. 9): *para os JuDeus*, tudo que resultava de uma inspiração, que não compreendiam, era feito pelo *Espírito Santo*, quer dizer, *do ponto de vista em que se achavam*, era o Espírito do *próprio Deus* a animar e inspirar os homens.

Simeão recebeu do seu anjo de guarda a inspiração (é o que, na vossa linguagem humana, chamais um pressentimento) de que não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. Por efeito dessa inspiração, houve, de sua parte, intuição, convicção.

Ainda em virtude da mesma inspiração, ele se sentiu impelido a ir ao templo, onde, esclarecido por ela, tomou nos braços o "menino Jesus" e o proclamou o salvador esperado, pronunciando as palavras do cântico.

Não estão cumpridas e não se hão de cumprir ainda as proféticas palavras do inspirado Simeão?

Jesus não foi exposto no Gólgota, para a atualidade de então e para o futuro, até ao fim dos séculos, à *contemplação de todos os povos, como a luz que havia de iluminar e ilumina as nações, que as iluminou e iluminará?* Não foi exposto pelos apóstolos e discípulos à *contemplação de todos os povos, até aos vossos dias?* Não o vai *ser ainda e cada vez mais* pelo *Espírito da Verdade*, nos tempos da nova era que começa, até que a luz que ele personifica reine sobre todos?

Estas outras palavras de Simeão, falando de Jesus: "e que destinas a ser... *a glória de Israel*" se referem, *segundo o espírito*, no seu sentido oculto, *em espírito e em verdade*, à satisfação imensa que experimentará a nação judia por ter sido eleita para receber esse penhor "de redenção".

Esta parte do cântico se aplica aos séculos vindouros, aos tempos posteriores, não só à época em que Simeão falava, como também à vossa. Compreende-se: quando a luz se houver espalhado por toda a terra, os JuDeus se sentirão felizes por terem sido o primeiro facho donde ela se espargiu. Conquanto a princípio a

tenham colocado debaixo do alqueire, nem por isso será neles menos vivo o sentimento de gratidão. *O tempo virá*, cumpre aguardá-lo.

As últimas palavras de Simeão: "Este menino vem para *ruína* e *ressurreição* de muitos em Israel e *para ser alvo* da contradição dos homens", são, tam-bém no seu sentido oculto, *segundo o espírito, em espírito e em verdade*, uma alusão às querelas religiosas quanto a Jesus, sua origem e sua natureza, quanto ao seu aparecimento e à sua passagem pela terra, quanto à sua posição espírita com relação a Deus, ao vosso planeta e à humanidade terrena, quanto a seus poderes e sua autoridade. Aludem sobretudo à oposição que a maior parte dos notáveis de Israel moveram à moral de Jesus. Tais querelas surgiram então, como pelos tempos adiante até vossos dias e ainda perduram.

Para os notáveis de Israel, Jesus foi causa de *ruína*, porquanto tiveram que *expiar* o orgulho, a cupidez, a ambição e todas as paixões más que os dominavam.

E não só para o Israelita, mas também para muitos outros, Jesus foi, é e será, por algum tempo ainda, causa de *ruína*. Todos os que repelem a sua lei verdadeira, a sua palavra de verdade contida nestes dois mandamentos - *amar a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo*, por toda parte e sempre, tanto na ordem material, como na ordem moral e intelectual - encontrarão nele a pedra contra que se chocarão.

Em tal caso, Jesus é o obstáculo imprevisto de encontro ao qual hão de todos esbarrar.

A culpa daquele que repele a sua verdadeira lei, por não a ter compreendido bem, muita vez por lhe não ter sido bem ensinada, não pode ser considerada tão grave quanto a daquele que, conhecedor do *sentido profundo* dessa lei, o *desnatura*, ao ensiná-la a outros, a fim de os *manter subjugados*.

Para os que caminhavam nas trevas e que, com alegria, se dirigiram para a luz, Jesus foi, é e será uma causa de *ressurreição*. Esses *ressuscitaram*. Ressuscitaram no sentido de que, deixando de permanecer no estado de degradação que os distanciava do "céu" a que aspirais, entraram no caminho do progresso, que rapidamente conduz à mansão celeste. Estavam *mortos*, visto que a existência para eles só tinha uma saída - o sepulcro. Ressuscitaram transpondo as portas do *túmulo* e voando para o seu criador aos impulsos do amor, da fé e da esperança.

Finalmente, as palavras de Simeão a Maria: "E a tua própria alma será traspassada como que por uma espada, a fim de que os pensamentos *ocultos* nos corações de muitos sejam descobertos" fazem alusão à *morte* de Jesus, que foi, humanamente, uma grande dor para Maria e motivo para a profissão de fé, assim como para a deserção de muitos.

Acabamos de dizer que - a *morte* de Jesus foi, *humanamente*, uma grande dor para Maria. Ela estava convencida do futuro brilhante do "Filho de Deus" - "Salvador do mundo" - mas, em virtude das crenças que devia ter e tinha, sofreu *humanamente*, pela *morte* do *filho*, que acalentara nos braços, cujos progressos acompanhara, que admirara e adorara pelas suas obras.

LUCAS, Cap. II, v. 36-40

Ana profetiza

V.36. Havia também uma profetiza chamada Ana, filha de Fanuel da tribo de Aser. Estava em idade muito avançada e não vivera senão sete anos com o marido, desde que se casara. - 37. Era então viúva, contava oitenta e quatro anos e não se afastava do templo, servindo a Deus, dia e noite, em jejuns e orações. - 38. Chegando ao templo naquele momento, pôs-se a louvar o Senhor e a falar do menino a quantos esperavam a redenção de Israel. - 39. Depois de terem cumprido tudo o que era ordenado pela lei do Senhor, eles regressaram à Galiléia, indo para Nazaré, sua cidade. - 40. Entrementes, o menino crescia e se fortificava, cheio de sabedoria, estando nele a graça de Deus.

N. 42. Ana era médium audiente e falante. Chamavam-na profetiza porque possuía (como médium), sob a influência e a ação dos Espíritos do Senhor, a faculdade de predizer certos acontecimentos. Era um Espírito elevado, muito desenvolvido mediunicamente, como os profetas que apareceram em Israel.

O povo considerava os profetas como inspirados mesmo pelo Altíssimo. Na realidade, eram médiuns.

As palavras de Ana foram semelhantes às de Simeão.

Quanto ao v. 40, deve ficar no lugar que ocupa; nenhuma relação tem com os cânticos. Ele se aplica à época que seguiu à apresentação no templo.

Jesus, *estando fora da vossa humanidade*, não teve uma infância semelhante à vossa, por isso que seu corpo, não sendo mais do que um perispírito quase material, com a aparência da corporeidade humana, encobria, dada a sua natureza puramente perispírica, *um Espírito constantemente livre*. Ele, por conseguinte, obrava, sob a influência desse Espírito, de um modo sempre superior a tudo o que se possa esperar do menino mais desenvolvido.

O menino, diz o Evangelista, *crescia e se fortificava cheio de sabedoria, estando nele a graça de Deus*. Isso não é mais do que a apreciação humana que a narração evangélica havia de refletir e reflete.

Tendo a aparência humana, o corpo de Jesus seguia, *aos olhos dos homens*, a linha de desenvolvimento humano, mas sempre em condições de precocidade.

Jesus, para os homens, crescia corporalmente e a sua inteligência se desenvolvia.

Tais progresso e desenvolvimento, na humanidade, podem ser acompanhados, observando-se uma criança. Não há na terra algumas, entre muitas da mesma idade, por menor que seja esta, mais fortes e que parecem mais inteligentes? Como não ser assim com relação àquele em quem não havia mais do que a *aparência* da infância? E não é compreensível que seus primeiros passos na terra, assim como todo o resto da sua passagem por ela, tivessem a assinalá-los um cunho *particular*?

E a graça de Deus estava nele, porque, sendo tudo nele puro e santo, santos e puros haviam de ser e foram seus atos e palavras. Na sua primeira "infância", *aos olhos dos homens*, esteve isento, como podeis imaginar, das fraquezas e faltas da infância humana. Foi perfeito desde os primeiros instantes e isso naturalmente provocou espanto e admiração.

MATEUS, Cap. II, v. 1-12**Adoração dos magos**

V.1. Tendo Jesus nascido em Belém de Judá, ao tempo do rei Herodes, eis que do Oriente vieram alguns magos a Jerusalém,- 2, dizendo: "Onde está aquele que nasceu rei dos JuDeus? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo". 3. Sabendo disso, o rei Herodes ficou sobressaltado e com ele toda a cidade de Jerusalém; - 4. e, tendo reunido em assembléia todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, inquiriu deles onde devia nascer o Cristo. - 5. Disseram-lhe: "Em Belém de Judá, conforme ao que foi escrito pelo profeta: - 6. E tu, Belém, terra de Judá, tu não és a última entre as principais cidades de Judá; pois que de ti sairá o chefe que há de conduzir meu povo de Israel." - 7. Então Herodes, mandando chamar em segredo os magos, lhes perguntou em que tempo precisamente a estrela lhes aparecera; - 8, e, enviando-os a Belém, lhes disse: "Ide, informai-vos exatamente acerca desse menino e, quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, a fim de que eu também o vá adorar." - 9. Depois de ouvirem do rei essas palavras, os magos partiram e logo a estrela que tinham visto no Oriente lhes tomou a dianteira e só se deteve quando chegaram ao lugar onde estava o menino. - 10. Quando viram a estrela, eles se sentiram transportados de extrema alegria; - 11, e, entrando na casa, aí encontraram o menino com Maria, sua mãe, e, prosternando-se, o adoraram; depois, abrindo seus tesouros, lhe ofereceram, por presentes, ouro, incenso e mirra. - 12. Avisados, enquanto dormiam, para que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho às suas terras.

N. 43. A visita dos magos a Jesus em Belém não foi feita no estábulo. Já o "menino" não estava mais na manjedoura quando eles o adoraram. Também não foi antes, mas depois da circuncisão e da purificação que a visita e a adoração se verificaram. Tendes um critério para vos orientardes a esse respeito: é a ordem de morticínio das crianças até à idade de dois anos. Se os magos tivessem vindo antes da circuncisão e da purificação, a ordem não atingiria as crianças de mais de um ano. Notai, com efeito, que aquela ordem Herodes a deu de conformidade com as informações exatas que obtivera dos mesmos magos acerca do tempo em que lhes aparecera a estrela.

Maria *tinha* que estar em Belém, com o menino, na ocasião em que eles chegassem para o visitar e adorar.

Os fatos *tinham* que ocorrer como ocorreram, sob a influência e a ação espíritas, tanto no que se refere a Maria e a José, quanto no que diz respeito aos magos.

Esses encontros, essas ocorrências, que supondes ser o que chamais - obra do acaso, por lhes ignorardes a causa, muitas vezes se produzem entre vós sob a influência e ação espíritas.

José e Maria iam freqüentemente a Belém, a casa de Matias, irmão do primeiro. Os Espíritos seus protetores lhes inspiraram a idéia e o desejo de lá irem na ocasião em que ali *deviam* achar-se para serem, com o menino, encontrados pelos magos. Foi, pois, na casa de Matias que estes adoraram "o menino" Jesus e lhe ofereceram, por presentes, ouro, incenso e mirra.

Mas, como foram os magos induzidos a vir do Oriente a Jerusalém, para indagar onde estava aquele que nascera "rei dos Judeus"? Como puderam saber que a "estrela" que viram no Oriente era a daquele que nascera "rei dos JuDeus"? Como foram levados a seguir essa "estrela", a fim de o irem adorar? E que era essa "estrela"?

Uma revelação espírita os instruiu a tal respeito. Em sonho, receberam dos Espíritos seus protetores o aviso de que - um enviado do *Grande Ser* descera à terra para ser o rei dos JuDeus, a fim de regenerar a raça humana; de que seriam guiados até junto do

"menino" pela sua estrela, que veriam no céu; de que não lhes cumprira mais do que segui-la a fim de chegarem ao enviado celeste. Para cada um a linguagem que lhe convém.

Os magos subordinavam a existência de cada homem à influência de um planeta. Para eles, portanto, aquela "estrela" era um planeta criado para presidir aos destinos de Jesus e lhes fora enviado expressamente para os advertir e guiar. Quanto aos outros homens, esses, segundo as crenças que os magos professavam, nasciam e morriam sob a influência dos planetas já existentes, cada um dos quais podia presidir aos destinos de milhares de indivíduos.

Como sabeis - pois essa crença sobreviveu por muito tempo - os antigos acreditavam que o homem nascia sob uma boa ou má estrela. A idéia que, para os eruditos da época, servia de base a semelhante crença era que tal planeta, sob cuja influência o homem nascera, desprendia fluidos propícios ou contrários, os quais, ou lhe facilitavam a concepção do bem, o estudo das ciências, a aquisição das riquezas terrenas, a realização dos desejos, a saúde, o prolongamento da vida, ou acumulavam desgraças sobre desgraças, conforme a influência era boa ou má. Abri qualquer dos velhos tratados de alquimia, de necromancia, de astrologia e vereis o papel ativo que, por vezes, seus autores atribuem, de muito boa fé, aos planetas, que, entretanto, marcham ascensionalmente pela via do progresso, como tudo o que foi e é criado, pois tudo que é criado é perfectível.

Não vos espanteis da idéia que, apoiados nas suas crenças, os magos fizeram da "estrela" que os havia de guiar, tomando-a por um planeta capaz de executar um ato inteligente, qual o de os conduzir a determinado lugar. A confiança que depositavam na poderosa vontade do Senhor lhes dominava completamente o raciocínio. *Para eles*, a estrela obedecia

a uma ordem dada, como o servo obedece ao amo.

Não dizemos que isso foi real, pois, ao contrário, vamos explicar-vos a natureza da luz que eles tomaram pela de uma estrela.

Alguns "espíritos fortes" que, cheios de orgulho, pensam tudo saber e que, no entanto, ainda são muito ignorantes, pretenderam, negando a ação e os efeitos espíritas, a ação e os efeitos da mediunidade, que tal "estrela" não passava de uma fábula astrológica. Certo, *assim* devem falar os que só compreendem os efeitos matemáticos e que tudo pesam *com o peso que tem à mão*.

A luz que, sob a forma de estrela, cintilava aos olhos dos magos nada tinha de comum com os astros que povoam a imensidade. Não pode o anjo de guarda mostrar-se ao homem sob a forma luminosa que julgue conveniente? O olhar escurecido da matéria será capaz de distinguir a luz emitida por um centro fluídico da que envolve os mundos que brilham sobre as vossas cabeças?

Vós espíritas deveis compreender que o perispírito, sobretudo o de um Espírito superior, pode tornar-se luminoso para olhos humanos, mediante uma agregação, uma condensação de fluidos e uma modificação que lhes dê forma estelar. O que os magos viram não era uma estrela. Tudo na imensidade está submetido à lei da harmonia universal: portanto, uma estrela, o que quer dizer - um mundo, *não se afastaria* do centro de gravitação que lhe fora imposto, *para vagamundear* pelo espaço, como lanterna em mãos de um guia.

Todo e qualquer efeito inteligente, vós o sabeis, decorre de uma causa inteligente. Os magos eram guiados por um Espírito superior encarregado de os levar a render homenagem ao Salvador da humanidade. Esse Espírito se manifestou fluidicamente, de modo luminoso, sob a forma de estrela, tal como os magos o designaram.

A estrela lhes brilhava aos olhos, mas estes eram óptica no caso de carne. Não vos dais conta dos efeitos de óptica? A distância em que se encontram, vedes, porventura, os mundos que vos circundam tais como realmente são? O afastamento, a luz a cintilar, sob o aspecto de estrela, atravessando o ar ambiente que os envolvia, a forma e as dimensões tomadas não podiam bastar para iludir a homens que, embora sábios *relativamente ao século* em que viviam, estavam muito longe de possuir os conhecimentos atuais e não dispunham de nenhum dos vossos instrumentos tão aperfeiçoados e que ainda *se não de aperfeiçoar tanto*?

Outros "espíritos fortes" pretenderam também, ironicamente, que "os magos só viajavam à noite, pois que, à luz do sol, não se vêem as estrelas".

Não é exato. De preferência viajavam durante o dia, porquanto, como vós, repousavam à noite, reservando ao sono o tempo necessário.

Acaso os sábios, que não inventado e empregam lunetas próprias para serem usadas de dia, ignoram que, em certas condições de irradiação, as estrelas podem ser vistas tão bem quando o sol brilha, como à noite?

A esses poderíamos perguntar: Fora impossível apropriar a vista dos magos de maneira a que pudessem perceber um pálido clarão, mau grado à claridade do dia? Por prodígios tão extraordinários quanto este e que admitis, sem que entretanto os compreendais bem, os olhos humanos não são apropriados a desempenhar as funções de microscópio?

Ponhamos, porém, a questão nos seus verdadeiros termos: a "estrela" de que se trata não era, repetimo-lo, um dos mundos que povoam o firmamento e sim, como acabamos de explicar, uma concentração de

fluidos luminosos, sob o aspecto de estrela brilhante, cuja claridade se modificava de modo a poderem os magos, médiuns videntes, distinguir-lhe a luz. Era efeito de óptica produzido para lhes fazer *cintilar* à vista, como as estrelas em noite límpida, um clarão movediço.

Vimos a vós para vos auxiliar na explicação do que, em linguagem humana, se designa pelo nome de "mistério", mas *apenas* para vos auxiliar e só com relação ao que vos seja verdadeiramente incompreensível. Utilizai-vos da vossa ciência e da vossa razão para a solução das questões que uma e outra podem resolver.

Os magos foram primeiramente conduzidos a Visita dos Jerusalém, porque cumpria seguissem o itinerário que magos.

Herodes tinha que ser informado do "nascimento" do "rei dos JuDeus", tinha que reunir em assembléia os príncipes dos sacerdotes, os escribas ou doutores do povo, os quais, consultando as profecias, tinham que indicar, como local destinado ao nascimento do Cristo, chefe que, segundo fora anunciado, haveria de guiar o povo de Israel, a cidade Belém de Judá, onde precisamente "nascera" o "menino" que os magos pro-curavam.

Tudo tem a sua razão de ser: o "nascimento" isolado do "menino" Jesus, no seio de uma classe pobre, devia ter uma repercussão que preparasse o seu aparecimento entre os homens e dispusesse os acontecimentos que se haviam de dar, em consequência dessa passagem dos magos por Jerusalém e da visita deles a Belém.

Dissemos (ns. 33 e 35): "Os magos tinham mais curiosidade de verificar um fato duvidoso, do que confiança na palavra do anjo".

Vamos agora explicar o sentido e o alcance deste conceito.

Eles acreditavam na existência e na comunicação

dos Espíritos e com estes se comunicavam, como vós espíritas, pelos processos mediúnicos; mas, os ensinamentos dos Espíritos eram proporcionados ao *desenvolvimento das inteligências e às necessidades da época*. Então, como agora, existiam as mediunidades. A cada um delas eram deferidas, ou de acordo com a sua organização, ou de acordo com o grau alcançado de adiantamento, de estudo e de experimentação.

Tinham conhecimento do magnetismo e do sonambulismo, do desprendimento da alma no estado sonambúlico e durante o sono, da faculdade, que a alma possui, de, nesse estado de desprendimento, comunicar com os Espíritos, quer sob a influência magnética, quer *em sonho*, durante o sono.

Tendo sido, enquanto dormiam, avisados do "nascimento" de Jesus, a lembrança que, ao despertarem, guardavam do aviso, os deixou em dúvida: fora um *sonho*, isto é, *uma revelação espírita de fatos que lhes eram preditos e que haviam de ocorrer*, ou fora uma alucinação, uma visão falsa?

Só depois que deram com a "estrela" e que a viram pôr-se a caminho, a dúvida se lhes dissipou e, guiados por "essa estrela", vieram a Jerusalém, onde "ela" parou.

A dúvida ainda os empolgava no momento em que a resposta dos príncipes dos sacerdotes, dos escribas ou doutores do povo lhes indicou Belém como sendo o lugar onde devia estar o enviado do *Grande Ser*, o enviado celeste "que nascera rei dos JuDeus", o chefe a quem caberia guiar o "povo de Israel".

Por isso mesmo ficaram transportados de extremo júbilo quando, depois de receberem as ordens de Herodes, viram aparecer de novo a "estrela" e notaram que se punha outra vez em marcha, guiando-os.

A fé se lhes tornou, porém, completa quando, detendo-se a "estrela" sobre a casa, aí penetraram e encontraram "o menino" com Maria. Então, prosternando-se, o adoraram, reconhecendo nele o enviado do *Grande Ser*, que descera à terra para regenerar a raça humana, e, abrindo os tesouros que traziam, lhe ofereceram, por presentes, ouro, incenso e mirra.

N. 44, Em face deste trecho: Tudo na imensidade está submetido à lei da harmonia universal; portanto, uma estrela, o que quer dizer - um mundo, não se afastaria do centro de gravitação que lhe fora imposto, para vagamundear pelo espaço, como lanterna em mãos de um guia, *quais são os elementos*, o fim e o destino do que se chama, na linguagem humana, *estrela cadente?*

Isto sai do quadro do trabalho que vos fizemos empreender. As estrelas cadentes não são mundos colocados em um centro de gravitação e sim fluidos condensados e inflamados, procurando o ponto de atração a que devam reunir-se para completarem suas combinações e formarem planetas.

Repetimos: isto sai do quadro do vosso trabalho, portanto não iremos mais longe. Apenas vos faremos notar:

1º. que, nas palavras que acabais de citar, falávamos dos mundos formados e que ocupam seu centro de gravitação;

2º. que estas palavras não estão em desacordo com o deslocamento que cada planeta (conforme explicaremos mais tarde, quando falarmos da marcha ascensional do vosso) tem que realizar em suas peregrinações progressivas, porquanto os séculos, de acordo com as leis imutáveis da natureza, podem fazer o que não seria possível, sem perturbação, no espaço mensurável de uma viagem humana;

3º. que as "estrelas cadentes", ou amálgamas de fluidos inflamados, em busca do centro a que se tenham de juntar, operam sua evolução com a rapidez do pensamento, enquanto que a *estrela* dos magos se deslocou à frente deles, na marcha lenta e regular de homens que viajam, praticando, como guia de seus passos, um ato inteligente.

MATEUS, Cap.II, v.13-18**Fuga para o Egito - Morticínio das crianças**

V.13. Logo que eles partiram (os magos), um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e lá fica até que eu te diga que voltes; pois Herodes procurará o menino para o matar." - 14. José, levantando-se, tomou o menino e sua mãe e durante a noite se retirou para o Egito, - 15, onde ficou até a morte de Herodes, a fim de que se cumprissem estas palavras que o Senhor dissera pela boca do profeta: "Chamei do Egito a meu filho." - 16. Herodes, vendo que fora enganado pelos magos, encheu-se de grande furor e mandou matar em Belém e nas circunvizinhanças todos os meninos de dois anos para baixo, regulando-se pelo tempo de que se informara exatamente com os magos. - 17. Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias: - 18. "OuvIU-se em Ramá o grande rumor de muitos que choravam e se lamentavam: era Raquel chorando por seus filhos e não querendo ser consolada, pois eles não existem mais."

N. 45. Acompanhai os fatos e vereis sempre o dedo de Deus dirigindo os acontecimentos e preparando o advento do justo.

Os magos haviam fornecido a Herodes indicações tais que este foi levado a ordenar a eliminação de todos os meninos de dois anos para baixo.

Reportando-se à época em que lhes fora feita a revelação espírita, à época determinada para partirem e ao tempo que gastaram na viagem, os magos encontraram dados para calcular aproximativamente a idade que teria então o menino. Conjeturaram assim que estaria com cerca de dois anos.

Se, pois, Herodes ordenou a matança de todos os de dois anos *para baixo*, de modo que mesmo os que acabavam de nascer fossem atingidos, é que, não tendo visto mais os magos e receando algum erro da parte destes, preferiu sacrificar maior número de vitimas a deixar lhe escapasse a que visava.

O cálculo dos magos era, acabamos de dizê-lo, aproximativo; eles não podiam fornecer uma indicação positiva. Essa incerteza preparava os acontecimentos que se seguiriam.

Foi em conseqüência do aviso que lhe dera em sonho o anjo do Senhor, depois de terem os magos saído de Belém, que José partiu para o Egito, com Maria e o "menino".

Quanto às crianças sacrificadas à crueldade de Herodes, não foram vítimas perdidas. O Senhor, na sua previdente bondade, permitira a encarnação de Espíritos quase purificados, aos quais cumpria terminar suas provas na terra, como lugar de expiação, tendo aquele fim, prematuro *aos olhos dos homens*.

Os pais dessas vitimas, inocentes para vós, tiveram também sua parte de progresso, pois que foram experimentados pela dor. Aquela era para eles uma provação necessária. A sabedoria infinita do Senhor *tudo prevê sempre*.

MATEUS, Cap. II, v. 19-23

Regresso do Egito

V.19. Morto Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, 20, e lhe disse: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe e volta para a terra de Israel, pois que estão mortos os que queriam a morte do menino." - 21. José se levantou, tomou o menino e sua mãe e voltou para a terra de Israel. - 22. Mas, ouvindo dizer que na Judéia reinava Arquelaus, em lugar de Herodes seu pai, teve receio de para lá ir e, avisado em sonho, dirigiu-se para as bandas da Galiléia, - 23, e foi residir numa cidade chamada Nazaré, a fim de que se cumprisse esta predição dos profetas: "Ele será chamado Nazareno."

N. 46. Obedecendo ao primeiro aviso do anjo, José intentava fixar residência em Jerusalém ou nos seus arredores. Dele, porém, se apoderou o temor de chamar a atenção sobre o "menino".

Aconselhado, então, pelo anjo, que lhe apareceu de novo em sonho, retirou-se para Nazaré, na Galiléia.

Insistimos neste ponto, a fim de bem vos fazermos compreender que nada sucede senão pela vontade do Senhor e a fim de verificardes que, para alcançar um objetivo humano, os meios humanos são sempre os empregados. O Senhor podia mandar José imediatamente para Nazaré, mas o espírito humano não se deteria sobre este fato. Foi, portanto, em cumprimento de uma profecia que, depois de haver encaminhado José para um lugar afastado do de sua residência, Deus o desvia do caminho que tomara e o faz vir a Nazaré. É Deus quem inspira a José, pai de Jesus *aos olhos dos homens*, temores pelo "filho". É Deus, sempre Deus, quem conduz pela mão aquele que abriria para a humanidade o caminho dos céus.

LUCAS, Cap. II, v. 41-52

Jesus no templo entre os doutores. - Explicação, pela revelação nova, da sua aparente vida humana: desde o seu aparecimento na Terra, chamado "nascimento", até a época da sua vinda a Jerusalém, tendo, entre os homens, a aparência de um menino de doze anos; e desde essa época até a em que começou, aparentando ser homem de trinta anos, a desempenhar sua missão publicamente, às margens do Jordão.

V. 41. Seus pais iam todos os anos a Jerusalém pela festa da Páscoa. - 41 Quando ele tinha a idade de doze anos, lá foram, como costumavam, no tempo da festa. - 43. Passados os dias desta, regressaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que eles dessem por isso. - 44. Pensando que o menino estivesse entre os que os acompanhavam, caminharam durante um dia e o procuraram no meio dos parentes e conhecidos. - 45. Não o achando, voltaram a Jerusalém para procurá-lo aí. - 46. Três dias depois o encontraram no templo, sentado entre os doutores, ouvindo-os e interrogando-os. - 47. Todos os que o ouviam ficavam surpreendidos da sua sabedoria e das suas respostas. -48. Vendo-o, seus pais se encheram de espanto e sua mãe lhe disse: "Meu filho, porque procedeste assim conosco? Aqui estamos teu pai e eu que aflitos te procurávamos." - 49. Jesus lhes disse: "Por que me procuráveis? Não sabeis ser preciso que me ocupe com o que respeita ao serviço de meu Pai?" - 50. José e Maria, porém, não compreenderam o que lhes ele dizia. - 51. E Jesus partiu em seguida com ambos e veio para Nazaré; e lhes era submisso. Sua mãe guardava no coração todas estas palavras. - 52. E Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens.

N. 47. Os fatos falam por si mesmos. Era preciso que Jesus ficasse em Jerusalém.

Sua existência tinha que se dividir, como se dividiu, em três fases distintas, que podeis apreciar: o "nascimento", comportando, pelos fatos e circunstâncias que o precedem, acompanham e seguem, até ao aparecimento no templo entre os doutores, as promessas de redenção, segundo a interpretação dada às profecias da lei antiga; o aparecimento no templo, preparando, para a época conveniente, a afirmação da sua existência, preparando a era do progresso, pela sua presença entre os doutores, sob a aparência de um menino de doze anos, no dia da solenidade da Páscoa, quando em Jerusalém se aglomeravam as multidões vindas de todas as partes; a pregação, abrindo o caminho por onde os homens tinham e têm que enveredar.

Era necessário, dos pontos de vista do passado, do presente e do futuro, que a existência de Jesus assim se dividisse.

Era preciso que ele ficasse em Jerusalém para assinalar a segunda fase dessa existência.

Já o dissemos: os fatos falam por si mesmos.

Aqueles que nada sabem, que confessam nada saber da infância de Jesus, encastelados numa presunçosa ignorância, tacham de inverossimilhança moral esses fatos, cujos motivo e fim, na grande obra preparatória da regeneração humana, não compreendem, nem logram explicar.

Ainda ninguém perscrutara a vida privada e ignorada de Jesus e os que, buscando *humanizar-lhe* todos os atos, hão tentado esquadrihá-la, não explicaram como podia ele, tão exposto aos olhares públicos, *subtrair-se* a esses olhares, nem porque, da sua vida humana, *somente* alguns fatos "*humanos*" se tenham perpetuado e os perpetuados sejam só aqueles

que os Evangelistas, médiuns historiadores, registraram, cada um no quadro que lhe coube na narrativa. apropriada esta, sob a influência mediúnica, aos tempos e às inteligências, servindo ao presente e preparando o futuro.

Falando-se de Jesus na época em que apareceu no templo entre os doutores e desde o seu "*nascimento*", foi-vos dito: "E o menino crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens". Estas palavras refletem as impressões e apreciações humanas.

Jesus crescia aos olhos dos homens, mas aos olhos de Deus era sempre o mesmo: Espírito, Espírito devotado, desempenhando a sua missão.

Sabeis e aqui devemos repeti-lo: Atentos o estado das inteligências, as necessidades da época e com o fim de preparar os tempos vindouros e o advento da era nova e aAqueles que nada sabem, que confessam nada saber da infância de Jesus, encastelados numa presunçosa ignorância, tacham de inverossimilhança moral esses fatos, cujos motivo e fim, na grande obra preparatória da regeneração humana, não compreendem, nem logram explicar.

Ainda ninguém perscrutara a vida privada e ignorada de Jesus e os que, buscando *humanizar-lhe* todos os atos, hão tentado estual do Espiritismo, a origem do "menino" ainda e por muito tempo mais não devia ser conhecida. *Não o devia ser*, senão por meio da nova revelação, que vos trazemos hoje em nome do Espírito da Verdade e por ordem do Senhor, uma vez que são chegados os tempos preditos.

Sabeis também e já vos dissemos: Jesus *tinha que ser, aos olhos dos homens*: - primeiramente, um homem tal como vós, revestido da libré material humana, exatamente como os profetas da lei antiga; - depois, cumprida a sua missão terrena, um Deus *milagrosamente* encarnado, em conseqüência da divulgação do que o anjo revelara a Maria e a José, revelação que *se mantivera até então secreta*, e em conseqüência também das interpretações humanas dadas a essa revelação, as quais prepararam o reinado da *letra*, transitoriamente necessário como condição e meio de progresso; - por último, um homem tal como vós quanto ao invólucro corporal e, ao mesmo tempo, *quanto ao Espírito, um Deus*: portanto, *um Homem-Deus*.

Sendo-vos a origem espírita de Jesus revelada neste momento, em que soou a hora do advento do reinado do *espírito que vivifica*, substituindo o da *letra* que agora *mata*, o que se conservou oculto até hoje tem que *ser desvendado*, o que se manteve *secreto* tem que ser *conhecido*. Trazemos, por isso, a missão de vos dizer qual foi a aparente vida humana de Jesus, desde o instante da sua aparição em o vosso planeta, chamada, na linguagem humana, "seu nascimento", até a época em que surgiu no templo entre os doutores; o que foi feito dele durante os três dias que passou em Jerusalém, tendo, entre os homens, a aparência de um menino de doze anos; qual a sua vida aparente desde esta época até quando, às margens do Jordão, entrou em missão *publicamente* aparentando ser um homem de trinta anos.

Tudo, na vida "humana" de Jesus, foi *apenas aparente*, mas se passou em condições tais que, para os homens, houve ilusão, assim como para Maria e José, devendo todos *acreditar* na sua "humanidade", quando, entretanto, ele tão-somente revestia e revestia um perispírito tangível, conforme já vos explicamos, um corpo meramente perispírico, como tal, inacessível às exigências, às necessidades da vossa existência material.

Quando Maria, sendo Jesus, na aparência, pequenino, lhe dava o seio - o leite era desviado pelos Espíritos superiores que o cercavam, de um modo bem simples: em vez de ser sorvido pelo "menino", que dele não precisava, era restituído à massa do sangue por uma ação fluídica, que se exercia sobre Maria, inconsciente dela.

Não vos espanteis de que o leite fosse assim restituído à massa do sangue. Não admitis que o químico possa, pela síntese, compor e, pela análise, decompor, à sua vontade, um líquido qualquer, restituindo a cada parte heterogênea a natureza que lhe é própria? - Pois admiti igualmente que a ação fluídica dos Espíritos superiores, que conhecem todos os

segredos da vossa organização e da vossa vida humana, possa decompor assim o leite formado e restituir cada uma de suas partes componentes à fonte de origem.

Que os incrédulos encolham os ombros desdenhosamente, nem por isso os fatos serão menos reais. E a experiência já adquirida, por efeito dos trabalhos de síntese e análise executados pela química sobre a matéria, não basta para vos explicar o fato, que se tornará evidente pela experiência, que tereis em breve, da propriedade dos fluidos?

Se um magnetizador, no interesse de um doente, quiser deter a circulação e a emissão do leite, não deixará este de circular e de sair? E pretendereis que a nossa influência sobre vós seja menor do que a que exerceis vós mesmos uns sobre os outros?

Não vos espanteis tampouco de que Maria tivesse leite, uma vez que não sofrera a maternidade humana e era virgem.

A maternidade não é uma condição absoluta para que se produza o leite, que não passa de uma decomposição do sangue, determinável por diversas causas, que nos não cabe enumerar aqui. Neste particular, há exemplos freqüentes, não só na humanidade, mas também entre os animais. A virgindade nada influi em tais casos. Não vos detenhais neste ponto; são fatos conhecidos.

Em Maria, a decomposição se operou porque o sangue, por efeito do magnetismo espiritual e de uma ação fluídica, foi ratificado. Depois, por ocasião da amamentação aparente, o leite que se formara era, a seu turno, decomposto e cada uma de suas partes, como já o dissemos, restituída à massa do sangue.

A amamentação da infância não era então o que é hoje. A mãe amamentava o filho por todo o tempo em que nela o leite se formava. Daí vem que esse modo de maneira de alimentação se prolongava até contar a criança dois ou três anos, idade em que já corria sozinha desde muito tempo, sobretudo naqueles climas.

Lembra-vos de que os homens dessa época, e, principalmente, daqueles países, tinham costumes muito distanciados dos vossos, de que lá a vida se passava tanto fora como no interior das habitações, de que as crianças, logo que sabiam equilibrar-se, iam correr aos bandos onde bem lhes parecia, ou se isolavam, segundo seus caracteres e gostos. Durante tais ausências, comiam frutos ou mel silvestre, não constituindo mais o leite a alimentação exclusiva. A amamentação se adaptava às condições da natureza e cessava quando o menino sabia mais ou menos prover à necessidade do seu sustento.

Haveis de compreender que, nesse período do aparecimento de Jesus, diante da natureza perispirítica da sua aparente corporeidade humana, tudo se havia de realizar nas mais fáceis condições, tudo tinha que concorrer para o fim visado e concorreu, de maneira que se desse o que devia dar-se.

Jesus se criou como todos os meninos precoces da sua idade, tendo falado e andado muito mais cedo do que as outras crianças, revelando aos olhos dos homens, como aos de Maria e de José, excepcional precocidade.

Antes de chegada a época de cessar a amamentação ordinária, começou ele a ir para os campos, ou com os outros meninos, ou só. Depois, passou a ir sozinho, a separar-se das demais crianças, a afastar-se das suas vistas, sem jamais pedir de comer ao voltar para casa. Acreditavam todos que se alimentara, como o faziam seus infantis companheiros, de frutos, ou de mel silvestre e, sendo a atenção de Maria desviada, para que se não preocupasse com os cuidados maternos, ninguém cogitava de alimentar o menino, de modo diferente. Sem compreender o motivo, Maria não era a mãe humana que prevê todas as necessidades do filho e as previne. Ela sentia instintivamente que o seu não precisava dessa vigilância e, junto dele, cumpria muito poucos dos deveres que a maternidade impõe às mulheres. Não se infira daí que fosse uma mãe indiferente. Isso quer dizer apenas que, guiada pelos Espíritos seus protetores e amigos, se abstinha de cuidados e atenções inúteis.

Do que fica dito podeis deduzir que, ainda muito pequenino, Jesus, com a liberdade que os usos do país lhe permitiam, estava amiúde ausente da casa paterna. Por vezes, desaparecia no momento mesmo em que Maria preparava o repasto e deixava passar a hora da refeição. Quando Maria e José o procuravam e esperavam, dizia-lhes ele: "Não tendes que vos inquietar e que me procurar". As solicitações que lhe dirigiam para com eles tomar parte na refeição, respondia: "Não tenho necessidade de coisa alguma".

Dessa resposta nascia a crença de que o "menino" se alimentava de frutos ou de mel silvestre.

Assim principiou Jesus a ausentar-se, desde que, de acordo com os usos do país, isso se tornou possível a um menino como ele, de precocidade muito superior à de todos os outros. E suas ausências se foram fazendo, pouco a pouco e sucessivamente, mais e mais longas, a fim de a elas habituar seus "pais" e a fim de que estes não se preocupassem com a sua alimentação humana.

Já o dissemos e repetimos: Os Espíritos protetores de Maria dispunham-na a estar de harmonia com os desígnios de Jesus. Ela sentia, como José, também colocado sob as mesmas influências, que o "menino" tinha aspirações e tendências diversas das daqueles que o cercavam, sem por isso admitirem que ele não fosse o que parecia ser.

Aos olhos dos homens, os atos exteriores de Jesus nenhum cunho de singularidade apresentavam. Gostava da solidão e seus hábitos eram tidos por quase selvagens, visto não conviver com os meninos da sua idade.

Aos olhos dos pais, sua alimentação era frugal. Como não o vissem definhar, estavam certos de que lhe aprazia viver de frutos e mel silvestre, a exemplo do que faziam muitos pastores. Julgavam que podia viver assim, que as raras ocasiões, que tinha, de se alimentar desse modo lhe bastariam. Notai que não vos dizemos que ele se alimentava dessa maneira; dizemos unicamente que seus pais acreditavam assim fosse.

Notai igualmente que, falando-se das refeições que Maria supunha serem tomadas pelo "filho", não vos dissemos que essas refeições fossem regradas como as vossas, porquanto as ausências de Jesus não eram regulares e periódicas.

Maria não se espantava dessa forma de viver, lembrando-se da origem do filho, tida por ela e por José como milagrosa.

De tal modo impressionados se achavam seus corações, tão viva fé os enchia, tal a elevação moral de uma e outro, que em ambos tinham grande acesso as inspirações dos Espíritos superiores, quando lhes sugeriam o pensamento e a resolução de se não preocuparem com aquele gênero de vida.

Desde alguns anos antes da sua vinda a Jerusalém e de seu aparecimento no templo entre os doutores, Jesus, não raro, se ausentava por um ou muitos dias. Sempre que isso se dava, dizia: "Vou orar". Às vezes passava alguns dias com a família, sem participar das refeições, na aparência bem entendido, porquanto nele (já o dissemos) o corpo, dada a sua natureza perispirítica sob a aparente corporeidade humana, era inacessível a toda e qualquer alimentação material em uso entre vós.

A abstinência ou jejum completo durante um ou muitos dias nada tinham de espantoso para os Hebreus: os mais zelosos praticavam essa abstinência, esse jejum completo, às vezes por três dias.

Que o médium, disposto como está a rejeitar o que não compreenda, pesquise nas suas reminiscências e achará, no seio da sua própria família, exemplo do que, nesse terreno, pode um homem fazer debaixo das vossas vistas, em vossos dias, nos quais a alimentação rebuscada e a frouxidão dos hábitos amesquinharam as faculdades vitais⁹. Porque havia de ser isso impossível a homens vigorosos, sóbrios, rijos e habituados, desde tenra idade, ao jejum, à abstinência? Lembrai-vos não só dos costumes antigos do povo hebreu, mas também dos dos Árabes.

Tendo em vista a origem espírita de Jesus, a natureza perispirítica do seu corpo, o que já vos revelamos e explicamos (ns. 14 e 31), tendo em vista ainda os fatos e circunstâncias que, ignorados e conservados secretos para os homens até aos vossos dias, acabamos de vos revelar, relativos ao que a linguagem humana designa por "infância do filho de Maria", vamos explicar-vos o que respeita ao aparecimento de Jesus no templo, entre os doutores, e dizer-vos o que foi feito dele durante os três dias que passou em Jerusalém.

Jesus foi apresentado no templo pelo irmão de José e pelo próprio José como um dos descendentes de David, segundo a linha da sua parentela e a descendência da sua tribo.

Decorridos os dias da festa da Páscoa, José e Maria regressaram e Jesus, *foi-vos* dito, ficou em Jerusalém, sem que eles o percebessem, supondo-o na multidão com alguns dos companheiros de viagem. Caminharam um dia. Buscaram-no entre os parentes e conhecidos e, não o encontrando, voltaram àquela cidade para procurá-lo.

Será lícito tachar-se de inverossimilhança moral, será lícito pretender-se incrível o fato de haverem Maria e José, que chegaram a Jerusalém no momento em que essa capital regurgitava de estrangeiros, perdido de vista Jesus, que, a seus olhos, era um menino de doze anos, e o de terem, quando já de regresso, caminhado um dia inteiro sem perceberem que o menino não vinha com eles?

Só a uma temeridade da ignorância se pode atribuir semelhante pecha de inverossimilhança moral.

Jesus, já o dissemos, se afizera, desde muitos anos, a uma existência isenta dos vossos hábitos e relações.

⁹ Em 1832, quando o cólera asiático assolava Paris, o Sr. Breárd, pai do médium, se absteve, com efeito, durante quatro dias, de toda e qualquer alimentação, temendo-lhe as conseqüências, dada a epidemia reinante. E, apesar disso, durante aqueles quatro dias, cuidou, bem disposto, dos seus negócios. Os ascetas dos primeiros tempos do Cristianismo nos oferecem exemplos repetidos de abstinência ou jejum completo por muitos dias. No dizer de Sifrônio (cap. CXLVII), o papa São Leão orou e jejuou, durante quatro dias, junto do túmulo dos apóstolo Pedro.

Acostumados à sua vida contemplativa e algum tanto selvagem relativamente aos homens, seus pais não exerciam sobre ele a vigilância que exercestes sobre os vossos filhos.

Qual a causa da solicitude dos pais com os filhos? A fraqueza, a incoseqüência, a ignorância desses pequenos seres que lhes estão confiados. Admiti que reconheçam no filho razão, faculdades, desenvolvimento moral que o ponham ao abrigo dos perigos da idade infantil e achareis natural que os pais se abstenham de uma vigilância inútil e além disso fatigante para a criança que é dela objeto.

José e Maria pensaram, como se vos disse, que Jesus estava com outras pessoas, com algum de seus parentes ou conhecidos, e, como fossem inúmeros os viajantes e caminhassem através de campos (porque de certo não vos vem à idéia que trilhassem uma estrada larga, traçada e aberta como as vossas), não tomaram o incômodo de levar suas pesquisas além dos limites que alcançavam com a vista. Só depois de terem perguntado a uns e a outros por Jesus e de se certificarem de que ninguém o vira é que deliberaram ir procurá-lo. Só no fim do dia se asseguraram de que pessoa alguma o tinha visto. Durante a caminhada pelo dia todo, nenhuma parada haviam feito a fim de tomar alimentos. Para a maioria dos viajantes (e nesse número estavam José e Maria), os frutos das sebes e das árvores constituíam os elementos principais da alimentação no curso da viagem.

Tendo voltado a Jerusalém, Maria e José encontraram a Jesus no templo, sentado entre os doutores, ouvindo-os e interrogando-os.

Ao dar com ele, Maria não lhe disse: "Meu filho, como viveste sozinho numa cidade onde és estrangeiro e desconhecido? - Quem te recebeu à sua mesa para te sustentar? - Onde te abrigaste para reparar tuas forças pelo repouso e pelo sono?"

Não; nada disso lhe pergunta. Manifesta apenas a inquietação que lhe causara, assim como a José, a ausência do filho que, sem o saberem, se deixara ficar em Jerusalém, quando, na companhia de ambos, devia regressar a Nazaré.

Se Maria não perguntou a Jesus o que dele fora feito naqueles três dias, não foi por saber que "seu filho" não era formado de matéria igual à dela, mas porque sabia, conforme já vos explicamos, que sua existência se afastava muito dos hábitos e necessidades da infância. A experiência dos muitos anos transcorridos lho demonstrara. De fato, ela o tinha visto praticar a abstinência ou jejum completo por um ou muitos dias, quando permanecia no seio da família, ausentar-se às vezes também por um ou muitos dias, sem que nessa alternativa de estada em casa e de ausência houvesse qualquer coisa de regular e periódico.

Que fora feito de Jesus durante aqueles três dias?

Os que lhe ignoram a origem espírita e a natureza do corpo, não fantástico, conforme à expressão da ignorância orgulhosa, mas perispirítico, dizem: "Que fez Jesus nesses três dias? Se aquele menino de doze anos não andou vagando sozinho durante a noite, quem o recolheu?"

Semelhantes perguntas são naturais, partindo dos que consideram Jesus um homem como vós outros. Entretanto, os que hão estudado as línguas e também, por conseguinte, os costumes orientais, poderiam dar testemunho de que não era raro ver-se, sob aquele céu, homens, mulheres e crianças passarem a noite ao relento, envoltos nas suas capas.

Em face do conhecimento que vos demos da origem do Cristo, do seu corpo fluídico de natureza perispirítica, deveis compreender que o "menino" não se atormentou por uma pousada, não teve que se afadigar por achar um albergue.

Os que propõem tais questões deveriam propô-las com humildade, com o sentimento da sua ignorância e com o desejo sincero de se esclarecerem, não com uma presunçosa incredulidade, negando as manifestações espíritas, a revelação evangélica e a nova revelação, que traz aos homens os segredos de além-túmulo, a ciência das relações do

mundo visível com o mundo invisível, a luz e a verdade, as vias e meios de progresso intelectual e moral, pelo saber, pela caridade e pelo amor.

Eis o que fez Jesus nos três dias que esteve em Jerusalém: Ao abrir-se o templo, entrava com a multidão e com a multidão saía, quando o templo se fechava. Uma vez fora e longe dos olhares humanos, desaparecia, despojando-se do seu invólucro fluídico tangível e das vestes que o cobriam, as quais, confiadas à guarda dos Espíritos prepostos a esse efeito, eram transportadas para longe das vistas e do alcance dos homens. Voltava para as regiões superiores onde pairava e paira ainda, nas alturas dos esplendores celestes, como Espírito protetor e governador da terra.

Ao reabrir-se o templo, reaparecia entre os homens, retomando o perispírito tangível e as vestes, que o faziam passar por um homem aos olhos dos humanos.

Quanto à resposta que deu a Maria, nem esta, nem José a compreenderam, porquanto ambos, no momento, supuseram que ele se referia ao segundo como pai e não ao pai celestial, cujo reinado preparava.

Os que acham perfeitamente claro o sentido destas palavras: "Não sabeis ser preciso que me ocupe com o que respeita ao serviço de meu pai" - e entendem que claro devia ele ser também para Maria e para José, uma vez que o anjo lhes anunciara ser Jesus "filho de Deus", esses esquecem que em José e em Maria, revestidos da carne, se verificava a imperfeição das faculdades humanas.

Desde o "nascimento", já o dissemos, Jesus vivia, aos olhos de seus pais, uma vida ordinária, no sentido de que seus atos exteriores não apresentavam nenhum cunho de singularidade, relativamente aos homens, nada havendo neles que lhe caracterizasse a origem extra-humana. A impressão produzida pela revelação e pelos fatos que se lhe seguiram, até ao regresso do Egito, se havia pouco a pouco apagado. O termo pai, referido a José, foi a única coisa que, no momento, os impressionou, sem que, entretanto, o houvessem compreendido. Tudo que é de carne é obtuso. Se a existência de Jesus não causava admiração a Maria, nem a José, é que, quando ela pensava na origem do "filho", a inteligência se lhe toldava a esse respeito, com tanto mais razão quanto era necessário que a natureza do "menino", tal como a revelação o anunciara, não fosse ainda conhecida.

Não vos admireis de que Maria e José tenham referido ao último, como pai, a resposta de Jesus, nem de que Maria, dirigindo-se a este, se exprimisse assim:

"Meu filho, aqui estamos teu pai e eu que aflitos te procurávamos", pois que não só Maria se acreditava mãe de Jesus, por encarnação humana e ao mesmo tempo divina, milagrosa, como também Jesus lhe chamava mãe. E devendo José passar, perante os homens, por ser o pai de Jesus, este até então lhe chamara pai. Não vistes que - quando José pretendia repudiar Maria - o anjo lhe disse que a tomasse por esposa sem lhe denunciar a gravidez? Ele, portanto, estava ciente de que devia passar por ser o pai do menino. Com efeito, do momento em que, mau grado ao estado de gravidez, embora fosse esta aparente, a mulher era aceita, o esposo se reconhecia por pai do nascituro.

José ignorava quanto tempo devia esse erro durar. Repetimos: no trato com José, Jesus lhe dava o título de pai, o que dirigiu para ele o pensamento de Maria, ao ouvir a resposta do "filho".

Essa resposta de Jesus foi a primeira alusão por ele feita à missão que vinha desempenhar. Cumpria-lhe proferir palavras que repercutissem no futuro.

Foi-vos dito que ele, no templo, estava assentado em meio dos doutores, escutando-os e interrogando-os, e que todos os que o ouviam ficavam surpresos "da sua sabedoria e das suas respostas".

Naquela idade de doze anos que Jesus aparentava quando se mostrou no templo, os meninos se aplicavam à leitura, se informavam da tradição, se preparavam para estudar os comentários dos doutores e apresentavam suas dúvidas aos mestres. Não é exato que nunca discutissem publicamente com os doutores.

O fato se dava. O menino era provocado para uma discussão pública sempre que, revelando grande aptidão, podia fazer honra ao mestre. Isso tinha que se dar e se deu com Jesus.

Por ser estrangeiro em Jerusalém e não estar sob a direção de nenhum mestre, nem por isso tomou ele assento no templo, entre os doutores, como um desconhecido. Já dissemos que o irmão de José e o próprio José o haviam apresentado como descendente de David segundo a linha da parentela, segundo a descendência da tribo.

Assim é que foi admitido a falar no templo. A princípio, teve de responder aos doutores, que eram levados a interrogá-lo; depois, sentando-se, entrou a discutir, dando-lhes, por sua vez, a lição.

Não vos sucede a vós, que não prestais atenção ao que dizem as crianças, ouvir atentamente as que vos parecem denotar uma inteligência, um adiantamento desproporcionados à idade que contam? Como pretenderíeis que, surpreendidos, maravilhados ante as primeiras respostas de Jesus às perguntas que lhe dirigiram e ante as primeiras questões que propusera, não o impelisses a falar aqueles mesmos com quem ele viera discutir?

Os doutores sabiam-no descendente de David, mas (e não é inútil que vo-lo façamos notar), quanto à sua identidade com o menino anunciado pelos magos, difícil lhes fora verificá-la, ainda quando nisso houvessem pensado, visto ignorarem em que família da tribo ele nascera e estarem completamente tranqüilos, respeito ao Messias, graças ao morticínio das crianças.

Depois da discussão pública no templo, depois que Maria e José aí o encontraram e depois de dar a Maria a resposta de que acima tratamos, Jesus partiu na companhia deles e voltou para Nazaré, onde permaneceu com Maria até à época em que, sob a aparência de um homem de trinta anos, começou a desempenhar sua missão publicamente, às margens do Jordão.

José morreu algum tempo após esse regresso. Sua missão estava finda.

Que fez Jesus durante o período de dezoito anos decorridos desde que regressou a Nazaré até a época em que deu começo ao desempenho da sua missão?

Sua aparente vida humana transcorreu dividida entre o labor manual e a prática do amor, isto é, da bondade e da caridade para com todos os que o cercavam.

Passava por viver retirado e buscar a solidão. Cumpria todos os deveres ostensivos da humanidade, do ponto de vista da família e das relações com os pais e os vizinhos, submisso à lei do trabalho, que ele teria de fazer com que fosse considerada a maior e a mais justa das leis e adotada por homens que, como vós, se revoltavam contra o seu jugo.

Tendo vindo para pregar pelo exemplo, Jesus deu o exemplo; mas, repetimo-lo, sua vida exterior não era íntima e vulgar como a vossa e o gosto que parecia ter pela solidão o isentava de todas as exigências da vida comum. Maria compreendia e animava esse gosto, por isso que, conforme já o dissemos, sob a influência dos Espíritos seus protetores, ela tendia sempre a favorecer aquela maneira de viver do "filho".

Durante o tempo que não consagrava à prática da lei do trabalho, por meio do labor manual, à prática da bondade e da caridade, ao cumprimento de todos os deveres ostensivos da humanidade, Jesus "se ausentava", afigurando-se a Maria e aos homens que repartia assim o tempo entre os deveres humanos e a prece, sem que jamais o tivessem visto fazer qualquer refeição, tomar qualquer alimento humano, seja em casa com a família, seja alhures. O que a este respeito vos dissemos, relativamente ao período longo que decorreu desde o seu "nascimento" em Belém até aparentar a idade de

doze anos, se aplica ao período posterior, que vai do seu aparecimento no templo até ao começo da sua missão, sob a aparência de um homem de trinta anos. Maria se habituara a essa existência tal como vos hemos descrito e explicado.

Ele se ausentava, isto é, desaparecia, quando o julgavam ausente ou em retiro, e voltava às regiões superiores, onde pairava e paira ainda, nas alturas dos esplendores celestes, como Espírito protetor e governador da terra.

Mateus, Marcos, Lucas e João

Assistidos pelos Apóstolos.

N. 48. Suposto que Maria e José nenhum perigo deviam recear para "seu filho", uma vez que o anjo lhes anunciara ser ele "filho de Deus" - como se explica a ansiedade de ambos, quando perceberam que Jesus não regressara com eles, e que, depois de o procurarem entre os parentes e conhecidos, não o encontrando, tenham voltado a Jerusalém para procurá-lo ali?

Já vos dissemos que Maria e José, revestidos da carne, estavam necessariamente sujeitos à imperfeição das faculdades humanas; que Jesus, aos olhos deles, vivia vida ordinária, no sentido de que seus atos exteriores não apresentavam nenhum cunho de singularidade, relativamente aos homens, de que nada lhe caracterizava a origem extra-humana; que a impressão produzida pela revelação e pelos fatos que se lhe seguiram, até ao regresso do Egito, se havia pouco a pouco apagado; que tudo que é de carne é obtuso; que, se a existência de Jesus não causava espanto a Maria, quando pensava na origem do "filho", é que sua inteligência se encontrava amiúde turbada a esse respeito.

Não esqueçais que Jesus, aos olhos de Maria e de José, tinha, como eles, um corpo carnal e uma vida frágil. Não esqueçais que o anjo dissera a José que levasse o "menino" para o Egito, a fim de o subtrair à ação de seus inimigos. A lembrança dessa revelação e desses fatos lhes acudiu quando notaram que o "menino" estava perdido, que não voltara com eles, que ficara em Jerusalém, que há de surpreendente em que, recordando-se da revelação e dos fatos, os dois se tornassem, por isso mesmo, inquietos?

A fuga para o Egito, *aos olhos de Maria e de José*, como aos olhos dos homens, teve por fim a preservação da vida do menino. Na realidade, porém, considerados a utilidade, as condições e o desempenho da missão terrena de Jesus, os frutos que devia produzir, aquela fuga não teve por fim, segundo os desígnios do Senhor, preservar a existência do "menino" - de outros meios dispunha Deus para consegui-lo, se o houvesse querido - mas, sim, afastá-lo, para o tornar esquecido. Jesus não devia aparecer senão em certas épocas, antes que começasse a desempenhar sua missão publicamente. A experiência humana deve bastar para vos fazer compreender que, se ele estivera de contínuo exposto às vistas de todos, as atenções se houvessem cansado e o resultado seria, ao chegar o tempo predeterminado, não conseguir atuar tanto sobre as inteligências.

Acabamos de dizer-vos: "A fuga para o Egito não teve por fim preservar a vida do "menino" - de outros meios dispunha Deus para consegui-lo, se o houvesse querido..." Expressimo-nos assim com relação aos homens e ao aspecto sob que encaram os fatos. Nenhum ato humano, vós o sabeis pela revelação que fizemos da origem do Cristo, podia atentar contra a sua *aparente* vida humana, dada a natureza perispiritual do seu corpo. Os fatos - entendei-o bem e não o percais nunca de vista - nós os consideramos sempre com relação aos homens e lhes apropriamos a vossa linguagem.

N. 49. Como pôde Jesus parecer aos homens um menino recém-nascido e desenvolver-se, crescer, qual criança terrena, e sucessivamente percorrer, na aparência, as fases do desenvolvimento da infância, da adolescência e da idade viril em a nossa humanidade?

Esta é uma questão que podíeis resolver, sem a formulardes.

O perispírito que servia de invólucro a Jesus se desenvolvia aos olhos dos homens, de maneira a lhes dar a ilusão do crescimento humano. Não se vos disse já que o perispírito não é da mesma natureza do vosso corpo?

Qual impossibilidade vedes em que, aos olhos dos homens, o perispírito revista aparentemente as mesmas propriedades que tem o vosso corpo e em que os fluidos que o compõem sejam igualmente adstritos a se desenvolverem e aumentarem?

Para vos darmos explicação a este respeito, teríamos que entrar em minúcias acerca da natureza dos fluidos e isso ainda não é possível.

Mas, porque haveis de achar impossível que os fluidos, reunidos sob a ação da vontade de Jesus, tenham seguido marcha progressiva de aparente dilatação, *aos olhos humanos*?

Um Espírito, ainda que inferior, um Espírito da ordem dos vossos pode, não o ignorais, com o seu perispírito, que constitui sua vida, sua individualidade, afetar, revestir, a qualquer instante, todas as aparências, todas as formas, mesmo tangíveis, sob a única condição de lhe ser dado tomar de empréstimo os fluidos animalizados, necessários à produção do desejado efeito. Um Espírito superior, que tem o poder de assimilar os fluidos animalizados ambientes, espalhados na atmosfera, não precisa de semelhante empréstimo. Como pretenderíeis que um Espírito superior, descendo das regiões mais elevadas ao vosso meio, mediante a assimilação do seu perispírito às regiões que tenha de percorrer, não possa, à vontade, figurar as fases do desenvolvimento de um ser humano, pela assimilação dos fluidos ambientes que servem a formação dos vossos seres e pela dilatação aparente dos fluidos do seu perispírito, assim adaptado e tornado tangível?

A vontade poderosa de Jesus, Espírito perfeito, Espírito puro por excelência, reunira em torno de si os materiais necessários à execução da obra e nas condições precisas a que a obra se executasse.

Já explicamos (nº 14) que ele constituíra um perispírito apto a longa tangibilidade, humanizado com o auxílio dos fluidos ambientes que servem à formação dos seres terrenos, e que, à sua vontade, abandonava e retomava. Com esse perispírito, possível lhe era revestir, aos olhos dos homens, quando lhe aprouvesse, as aparências da infância, da adolescência e da idade viril na humanidade terrestre e figurar a marcha progressiva, as fases do desenvolvimento de uma criatura humana.

Dissemos e repetimos: Jesus crescia aos olhos dos homens, mas, aos olhos de Deus, era sempre o mesmo, isto é, Espírito, Espírito devotado, desempenhando a sua missão.

Nº 50. Qual o sentido destas palavras do v.51: "Sua mãe guardava no coração todas estas palavras"?

Que no pensamento e na inteligência de Maria cada vez mais penetrava a confirmação da missão de Jesus.

Para ela, como para José, a época até então mais frisante fora a daquela separação por três dias, nas circunstâncias em que se verificou, abrindo ensejo ao aparecimento de Jesus entre os doutores, no templo, onde lhe ele deu a resposta que a preparou para compreender que a sua tutela não era necessária. Essa resposta, esclarecendo-os mais e despertando, nela e em José, a lembrança da origem do "menino" origem que ambos tinham por "divina e milagrosa" os preparou também para compreenderem o caráter e o fim da missão de Jesus.

MATEUS, Cap.III, v.1-6 - MARCOS, Cap.IV.1-5
LUCAS, Cap.III, v.1-5

Pregação de João Batista. Batismo

MATEUS: V. 1. A esse tempo, veio João Batista pregando pelo deserto da Judéia. - 2. Dizia: "Fazei penitência, pois que o reino dos céus está próximo. - 3. Porquanto, eis aqui aquele de quem falou o profeta Isaías, dizendo: "Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor: tomai retas suas sendas." - 4. João trazia uma veste de pêlos de camelo e um cinto de couro em volta da cintura; alimentava-se de gafanhoto e mel silvestre. - 5. Os habitantes de Jerusalém, de toda a Judéia e de toda a região circunvizinha do Jordão vinham ter com ele; - 6, e, confessando seus pecados, eram por ele batizados no Jordão.

MARCOS: V. 1. Começo do evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus, - 2, como está no profeta Isaías: "Eis que envio à tua frente o meu anjo e ele te preparará o caminho. - 3. Voz do que clama no deserto: "Preparai o caminho do Senhor; tomai retas suas sendas." - 4. João esteve no deserto batizando e pregando o batismo de penitência para a remissão dos pecados. - 5. Toda a Judéia e todos os habitantes de Jerusalém vinham ter com ele e, confessando seus pecados, eram por ele batizados no rio Jordão.

LUCAS: V. 1. No décimo quinto ano do império de Tibério César, sendo governador da Judéia Pôncio Pilatos: tetrarca da Galiléia Herodes: tetrarca da Ituréia e da província de Traconites, Filipe irmão de Herodes: e tetrarca de Abilina Lisânias, - 2. Anás e Caifás sacerdotes magnos, o Senhor fez ouvir sua voz no deserto a João, filho de Zacarias, - 3, e João percorreu todas as cercanias do Jordão, pregando o batismo de penitência para a remissão dos pecados, - 4, conforme está escrito no livro das palavras do profeta Isaías: "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; tornai retas suas sendas. - 5. Todo vale será aterrado, todas as montanhas e todas as colinas serão arrasadas, os caminhos tortuosos se tornarão retos e os acidentados se aplanarão; e toda carne verá a salvação do Senhor."

N. 51. Os homens se servem dos termos que lhes são compreensíveis e os empregam como podem. A palavra de Deus o mesmo é que a inspiração divina.

Deus não se comunica diretamente com os homens. Por mais puro que seja o Espírito encarnado, o invólucro carnal ergue intransponível barreira entre ele e a divindade. Mas, o Senhor envia os grandes Espíritos e, inspirando-os diretamente, os constitui órgãos transmissores de suas vontades.

Deus nunca falou a João, como nunca falou a nenhum dos profetas, que, uns, eram médiuns videntes e audientes, outros, inspirados, de acordo com a elevação de seus Espíritos.

João, em tempo oportuno, recebeu no deserto a inspiração para dar começo ao desempenho da missão que lhe tocara e inspirado ainda pelos Espíritos superiores foi que percorreu todas as cercanias do Jordão, pregando um batismo de penitência e batizando nesse rio todos os que com ele vinham ter e confessavam seus pecados.

Era um Espírito superior em missão na terra, constituindo esta, como ele o disse, em abrir os caminhos e aparelhá-los, a fim de que mais facilmente a luz se pudesse fazer.

Pelo seu caráter "rípido", pelos seus costumes e hábitos em contraste com os dos contemporâneos, chamava sobre si a atenção de todos. Sua palavra severa e rude forçava os homens a se penitenciarem seriamente. Preparava assim os caminhos do Senhor, preparando os do seu Cristo.

Era a cabeça do rebanho a caminhar à frente, agitando a campainha, para que todas as ovelhas perdidas percebessem de que lado podia vir a salvação.

A confissão nessa época, como mais tarde, nos primeiros tempos do Cristianismo, se fazia diante de todos, publicamente e em voz alta. Despertava assim profundo sentimento de humildade, porquanto demanda grande desprendimento o ousar alguém confessar, diante de todos, as faltas, as torpezas, as infâmias que podem germinar no fundo do coração humano. Era uma barreira oposta às recaídas, pois que o homem que sabe serem conhecidos seus pensamentos mais secretos, seus maus pendores, refreará sua natureza a fim de evitar as suspeitas em que incorreria ao menor desvio. A confissão era pública, feita em voz alta e, então, Deus a ouvia.

Estas palavras: "Todo vale será aterrado, todas as montanhas e todas as colinas serão arrasadas, os caminhos tortuosos se tornarão retos e os acidentados se aplanarão" se aplicam à subversão moral, à ressuscitação moral, à renovação moral que a doutrina de Jesus havia de operar e ainda operará por meio do Espiritismo e da missão do "Espírito da Verdade". Os vales serão aterrados e se elevarão; as montanhas, cuja frente orgulhosa tenta deter a marcha do progresso, serão arrasadas. O nível passará pela natureza toda, elevando os pequeninos, rebaixando os grandes, dando a cada um a medida exata do que lhe caiba. E toda carne verá a salvação de Deus, isto é, todo homem que praticar a lei ensinada por Jesus e a sua moral sublime atingirá o fim.

Nº 52. Na época em que começou a pregação de João Batista, Herodes já tinha morrido. Por que motivo, então, Lucas designa pelo nome de Herodes o seu sucessor?

Para os Judeus daquela época, o nome Herodes ficara sendo típico. Designa aqui antipater.

MATEUS, Cap.III, v.7-12, - MARCOS, Cap.I, v.6-8. - LUCAS, Cap.III, v. 7-18

Exprobração aos Fariseus.

- **Conselhos ao povo, aos publicanos e aos soldados.**
- **Testemunho dado de Jesus Cristo**

MATEUS: V. 7. Mas, vendo muitos Fariseus e Saduceus que vinham para o batismo, disse-lhes: Raça, de víboras, quem vos impeliu a fugir da cólera que há de vir? 8. Tratai de produzir dignos frutos de penitência – 9. e não procureis intimamente dizer: "Temos Abraão por pai"; porquanto eu vos declaro que destas pedras pode Deus fazer que nasçam filhos a Abraão. – 10. O machado já está posto à raiz das árvores: toda árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo. - 11 - Eu, por mim, vos batizo em água para vos induzir à penitência; mas, aquele que há de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, que não sou digno de lhe calçar os sapatos; ele vos batizará em Espírito Santo e em fogo. - 12. Traz na mão a joeira e limpará completamente o seu eirado; empilhará o trigo no celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extingue.

MARCOS: V.6. João vestia pele de camelo, usava uma tira de couro à volta da cintura e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. Pregava dizendo: - 7. Um mais poderoso do que eu virá depois de mim, que não sou digno de lhe desatar as correias das alpercatas prosternando-me a seus pés. - 8. Eu vos batizo com água; ele, porém, vos batizará em Espírito Santo.

LUCAS: V. 7. Dizia ao povo que acorria em bandos para ser batizado: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da cólera que há de vir? - 8. Produzi dignos frutos de penitência e não comeceis a dizer: "Temos Abraão por pai"; porquanto eu vos declaro que poderoso é Deus para destas mesmas pedras fazer que nasçam filhos a Abraão. - 9. Já o machado está posto à raiz das árvores e toda árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo. - 10. E como a turba lhe perguntasse: Que devemos fazer? 11, respondia: Que aquele que tem duas túnicas dê uma ao que nenhuma tem; que aquele que tem o que comer faça o mesmo. 12. Também vieram ter com ele para ser batizados alguns publicanos que lhe disseram: Mestre, que devemos fazer? - 13. E ele lhes disse: Nada exigais além do que vos foi ordenado. 14. Os soldados também o interrogavam. dizendo: E nós, que devemos fazer? Não pratiqueis violência nem calunieis pessoa alguma e contentai-vos com a vossa paga. - 15. E como o povo e todos pensavam consigo mesmo que talvez João fosse o Cristo, - 16, disse aquele a toda a gente: Eu vos batizo com água; um, porém, virá mais poderoso do que eu, de cujas alpercatas não sou digno de desatar as correias, e vos batizará em Espírito Santo e em fogo. -17. Ele traz na mão a joeira e limpará perfeitamente o seu eirado; empilhará o trigo no seu celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extingue. - 18. Assim era que evangelizava o povo, ensinando-lhe ainda muitas outras coisas.

Nº 53. João era precursor da verdade, disse-o ele próprio. Se, respondendo às questões que lhe propuseram os sacerdotes e levitas que os Judeus mandaram a Jerusalém (João, cap. 1, v. 19-29), não reconhece e não confessa a sua encarnação anterior, é porque, bem o sabeis, a matéria humana restringe a inteligência espírita. Espírito superior em

missão, exatamente como José e Maria, João, sob a ação das leis da encarnação humana, perdera a lembrança e se esquecera completamente da existência passada, em que fora o profeta Elias. Era necessário que ignorasse esses mistérios de além-túmulo. Ele conhecia a lei de Moisés, mas suas aspirações não deviam ir e não iam além da missão que lhe cumpria desempenhar.

Em relação, mediunicamente, com os Espíritos superiores a cujo número pertencia, os quais o assistiam e inspiravam, era dirigido em todas as circunstâncias pela intuição e possuía a humildade que deveria guiar-vos a todos na terra. Tinha consciência do que aguarda o Espírito no seu regresso à pátria e tinha consciência da sua missão.

Consistia esta em preparar os homens para o arrependimento, servindo-se de um símbolo que lhes daria a compreender a purificação de que necessitavam. Lavava-lhes os corpos, a fim de os dispor a lavarem os corações. Purificava-lhes o invólucro material, a fim de os compelir a purificarem os Espíritos, exortando-os, em resposta às perguntas que lhe faziam, à prática da justiça, do amor e da caridade.

Sua missão era preparatória; o Cristo a completaria. Era a voz daquele que clama no deserto até que as populações se reúnam para ouvir a pregação da verdade.

Estas palavras:

""Não vades dizer intimamente: temos Abraão por pai, porquanto eu vos declaro que destas mesmas dessas palavras pedras pode Deus fazer que nasçam filhos a Abraão; o machado está posto à raiz das árvores, toda a árvore que não dá bom fruto será cortada e lançada ao fogo", se referem a todos os tempos, ao tempo em que João as pronunciava, aos tempos que se seguiram até vossos dias e aos tempos que hão de vir.

Os Hebreus não reconheciam por filhos do Senhor, senão aqueles que viviam curvados sob o jugo de Moisés, do mesmo modo que a Igreja romana, mais tarde, não admitiu por muito tempo à redenção, senão os que estritamente lhe obedeciam aos mandamentos.

Que é o que Abraão representa para o espírito dos Hebreus? - O chefe da família destinada a herdar o reino dos céus.

Por aquelas palavras inspiradas ao seu enviado, quer Deus, conseqüentemente, que fique bem entendido serem seus filhos todos os que vão a ele. É como se dissera: "Não entram no meu reino os filhos de Abraão, filhos ingratos que desprezaram as minhas leis e desfiguraram meus preceitos, que as desprezam e os desfiguram, que as desprezarem e os desfigurarem no futuro. Todo aquele, porém, que escuta a minha voz, que envereda pela estrada larga, que arranca a árvore má, produtora de maus frutos, e só deixa no coração a boa semente que há de fertilizar a terra, esse está no caminho que a mim conduz, é meu. Filhos de Abraão não são os que me dizem: "Senhor! Senhor!"; mas, tão-somente os que me fazem a vontade, quaisquer que eles sejam. Todos aqueles cujo coração é puro são meus filhos e só esses terão entrada no meu reino".

Vós, espíritas, compreendeis o sentido oculto destas palavras simbólicas e que, apropriadas às inteligências da época, eram destinadas a impressioná-las.

A árvore que não dá bons frutos é o Espírito encarnado que sucumbe nas provas. Depois da morte, quando o anjo da libertação lhe houver ceifado a existência, será lançado ao fogo, isto é, será, primeiro, submetido, ao entrar em expiação no mundo espírita, a sofrimentos ou torturas morais proporcionados e apropriados aos crimes ou faltas que haja cometido; depois, à reencarnação que, abrindo-lhe os caminhos da expiação e da reparação, é, ao mesmo tempo, meio de purificação e de progresso.

O batismo em Espírito Santo é a assistência, a inspiração dos Espíritos purificados, concedidas pelo Cristo, em nome do Senhor, aos homens, que então as recebem mediunicamente e mesmo se comunicam com aqueles Espíritos nas condições e na proporção das mediunidades que lhes são outorgadas. Essa assistência, essa inspiração e essa comunicação Deus só as concede aos homens de boa vontade, para os sustentar e dirigir nas suas provas ou missões, para os ajudar na purificação de seus Espíritos e no avançar pela senda do progresso moral e intelectual.

Jesus, pois, chamando o Espírito Santo para os discípulos, fez que descessem até eles os Espíritos elevados que os haviam de amparar nos seus ásperos e perigosos trabalhos e que, sob a aparência de "línguas de fogo", se manifestaram por meio dos seus perispíritos luminosos.

Ainda hoje, sob essa influência vos colocais quando, subtraindo-vos às paixões humanas, vivendo a vida que pertença a Deus e tudo lhe referindo pela prática do trabalho, da humildade, da caridade e do amor, atraís os Espíritos protetores da humanidade. Não vos orgulheis, porém, disso, porquanto a queda é fácil, mesmo para o mais elevado e os maus pensamentos com facilidade nascem no Espírito encarnado. Recebei, portanto, a luz espírita, que vos é confiada para que a repartais abundantemente com os que queiram esclarecer-se; mas, recebei-a sempre cheios de um profundo sentimento de humildade e de reconhecimento, rendendo graças a essa fonte donde dimana tudo o que é grande, tudo o que é belo, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é eterno.

O Espiritismo é o complemento da lei de amor que há tanto tempo calcais aos pés.

Vossos corações dão maus frutos; sois, portanto, árvores más. O Senhor, porém, na sua misericórdia, arranca a árvore que nada produz ou que dá maus frutos, para deixar que cresça livremente aquela cujas ramagens não de cobrir de benfazeja sombra o universo inteiro. Plantou-a o Cristo com suas mãos, mas os homens não a cultivaram. Cercaram-na as plantas daninhas e a atrofiaram. O jardineiro divino, por isso, ainda se vê obrigado a vir cultivar a sua vinha, a fim de livrá-la dos parasitos que a sufocam. A fé divina que dá sombra e alimento, que dessedenta o sequioso e convida ao repouso o viajante fatigado, vai crescer e estender seus ramos benditos por sobre todo o vosso universo. E a todos aqueles, dentre vós, sejam quais forem os cultos exteriores em que a reencarnação os tenha feito nascer, vindos não importa de onde, que tiverem trabalhado na obra de regeneração pelo exemplo e pela palavra, será concedida a alegria de dizer, voltando ao Senhor: "Ganhei bem o meu dia".

Vós, espíritas, deveis compreender o sentido oculto destas outras palavras inspiradas ao Precursor e por ele proferidas quando falava do Cristo. "Traz na mão a joieira e limpará perfeitamente o seu eirado; empilhará o trigo no seu celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extingue".

O Senhor, pelo órgão do seu enviado, empregou desse modo, para atuar sobre os homens materiais, uma figura de molde a impressioná-los, gerando neles o temor.

Sabei-o bem: Deus nunca abandonou o homem desde o seu aparecimento no vosso planeta. Suas leis são, como ele próprio, imutáveis e eternas. A do progresso (progresso físico do planeta, progresso físico, moral e intelectual da humanidade, de todas as criaturas, porquanto tudo o que foi criado é perfectível) se conta no número dessas leis.

Ao mesmo número pertence a da encarnação e reencarnação, como instrumento e meio de reparação e progresso.

Desde todos os tempos teve o homem junto de si, preposto à sua proteção, um anjo de guarda ou Espírito protetor, incumbido de o guiar pelo caminho do progresso.

Desde todos os tempos houve Espíritos em missão entre os homens, para fazê-los avançar por esse caminho, revelando ou lembrando-lhes a lei natural que é a lei de Deus, na conformidade do meio, do estado das inteligências e das necessidades de cada época.

Desde todos os tempos, investido no livre arbítrio, cercado de influências ocultas, boas umas, outras más, possuindo inteligência para discernir o bem do mal, na relatividade do seu desenvolvimento moral e intelectual, o homem, por haver falido, foi trazido ao vosso planeta, que é um dos mundos inferiores de provação e, expiação, a fim de expiar, reparar suas faltas e progredir.

Desde todos os tempos, esteve submetido, após a morte, em seguida a cada uma das existências na terra, à expiação por meio de sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes ou faltas cometidas e, depois, à reencarnação que, com a expiação precedente no estado de erraticidade, é, simultaneamente, o inferno, o purgatório, a reparação, o progresso, a escada santa que todos hão de subir e cujos degraus correspondem às fases das diferentes existências que lhe cumpre percorrer para atingir o cimo; pois, disse Deus, pelo órgão do seu Cristo, que, para chegar a ele, cada uma das suas criaturas tem que nascer, morrer, renascer até que haja alcançado os limites da perfeição.

Moisés e os profetas da lei antiga prepararam o advento da era da regeneração humana. Jesus, nosso salvador e mestre, Espírito que, como protetor e governador do vosso planeta, presidiu à sua formação e à da humanidade que o habita, que vos há de conduzir à perfeição, desceu ao meio dos homens para lhes abrir esta era e lançar as bases e fundamentos da vossa regeneração.

Ele tem na mão a joeira, pois a obra da regeneração começou desde os primeiros dias do Cristianismo.

Ele fez, faz e fará a separação do joio e do trigo, do trigo e da palha.

O trigo que empilhou, empilha e empilhará no seu celeiro são os Espíritos purificados que terminaram suas provas na terra, tal qual ela é atualmente: mundo inferior e de expiação. Esses Espíritos se tornam seus missionários devotados e inteligentes e trabalham, quer na erraticidade, quer encarnados em missão pelo vosso adiantamento moral e intelectual.

A palha que Jesus queimou, queima e queimará são os Espíritos culpados, rebeldes, que faliram em suas provas e que ele submete à expiação, depois à reencarnação em condições tais que, se forem levadas a bom termo, as novas provações serão para esses Espíritos um meio de expiação, de reparação e de progresso.

O fogo em que a palha foi, é e será queimada, isto é, em que o Espírito culpado, rebelde, sofre a expiação na erraticidade é a consciência culposa a gerar os remorsos, que são despertados ou intensificados, conforme à natureza da culpa e ao grau da culpabilidade, pelos quadros terrificantes ou dolorosos das faltas ou crimes cometidos, postos, como vos explicaremos mais tarde, sob as vistas do Espírito, que tentará em vão fugir-lhes. Esses quadros, produzindo sofrimentos e torturas morais sempre proporcionados e adequados àqueles crimes ou faltas, são o fogo que queima a palha.

Esse fogo não se extingue nem se extinguirá nunca: é eterno, porquanto Deus criou, cria e criará desde e por toda a eternidade. Assim, haverá sempre Espíritos que, devendo vir do estado originário de simplicidade e ignorância aos limites da perfeição, caem em erro, se tornem culpados, rebeldes e sejam forçados a expiar e reparar suas faltas, para progredirem. E eterno esse fogo, porque haverá sempre palha a ser queimada, isto é,

Espíritos culpados, rebeldes, necessitando sofrer a expiação. Mas, para cada Espírito culpado, o fogo da geena eterna se extingue logo que a palha acabou de queimar-se, isto é, logo que o Espírito se humilha e pede perdão, animado de um arrependimento sincero e profundo, bem como do desejo ardente de reparar suas faltas. Então, cercado e ajudado pelos bons Espíritos, ele progride e se prepara para novas provações.

Sim, os remorsos perseguem sempre o culpado até que ele enverede por outro caminho. Sim, sempre haverá Espíritos rebeldes e o fogo da geena eterna não se extingue, não se extinguirá nunca, no sentido de que constitui como que uma herança, que passa de uns a outros.

Jesus limpará perfeitamente o seu eirado. A obra de regeneração, começada desde os primeiros dias da era que se abriu com o Cristo, se há de concluir agora. Vem concluí-la o Espiritismo, terceira e última explosão da bondade de Deus entre os homens. Ele a luz espalhará por sobre todos. Os cegos pertinazes, disse-o Jesus, serão "lançados nas trevas exteriores", onde, acrescentou, "haverá prantos e ranger de dentes".

Chamamos a vossa atenção para estas palavras, a fim de vos fazermos compreender o estilo figurado da época. O Cristo, Espírito puro, tipo de amor e de caridade, poderia condenar ao pranto e ao ranger de dentes os Espíritos culpados? Sem dúvida alguma, mas somente os insensíveis aos sofrimentos físicos.

Por essas palavras, pois, compreendi bem o sentido oculto de todos os ensinamentos de Jesus. O pranto e o ranger de dentes são os remorsos que brotam das consciências dos culpados.

Jesus limpará perfeitamente o seu eirado. Ao tempo determinado por Deus, em que a regeneração se tem de realizar, havendo o Espiritismo espalhado a luz por toda parte; em que o vosso planeta se tornará morada unicamente de bons Espíritos, aqueles que, admitidos até então a reencarnar na terra, continuarem culpados, rebeldes, serão lançados nas trevas exteriores isto é, serão sucessivamente rechaçados, conforme ao grau de culpabilidade, para mundos inferiores, de provações e de expiação, onde, por longos séculos, expiarão a obstinação no mal, a voluntária cegueira.

MATEUS, Cap.III v.13-17.

MARCOS, Cap.I, v.9-11

LUCAS, Cap.III, v.21-22

Batismo de Jesus

MATEUS: V.13. Então Jesus veio da Galiléia ao Jordão ter com João, a fim de ser por este batizado. - 14. Mas João obstava a isso, dizendo: Eu é que devo ser batizado por ti e tu vens a mim? -15. Jesus lhe respondeu: "Deixa-me fazê-lo assim por esta hora, porquanto é necessário que cumpramos a justiça." João consentiu. - 10. Uma vez batizado, Jesus logo saiu da água e eis que os céus se abriram e ele viu descer sobre si o Espírito de Deus em forma de uma pomba. 17. Imediatamente uma voz ecoou no céu, dizendo: Este é o meu filho bem-amado, em quem hei posto todas as minhas complacências.

MARCOS: V. 9. Eis o que sucedeu naqueles dias: Jesus veio de Nazaré, que fica na Galiléia, e foi batizado por João no Jordão. - 10. Logo que saiu da água, Jesus viu abrirem-se os céus e o Espírito de Deus descer em forma de uma pomba e pairar sobre ele. - 11. E uma voz do céu se fez ouvir dizendo: És meu filho bem-amado; em ti me tenho comprazido.

LUCAS: V. 21. Sucedeu que, ao tempo em que João batizava todo o povo, também Jesus foi por ele batizado e, enquanto orava, o céu se abriu; - 22, e um Espírito Santo desceu sobre ele, na forma corporal de uma pomba; e ouviu-se no céu uma voz que dizia: És meu filho bem-amado; em ti hei posto todas as minhas complacências.

Nº 54. Jesus, cuja origem espírita agora conheceis, Jesus, Espírito puro por excelência, Espírito perfeito, não precisava de ser batizado com água por João, de receber um batismo de penitência para remissão de pecados, ele que nenhum pecado tinha, que nenhum confessou, que não trazia, para ser lavado, um corpo de lama qual os vossos. Não precisava tampouco receber o batismo *em Espírito Santo e em fogo*, ele cujo Espírito era de pureza perfeita e imaculada, ele que, ao contrário, vinha administrar esse batismo *primeiramente* aos apóstolos incumbidos de pregar e espalhar entre os homens, de ensinar pelo exemplo a sua moral sublime, *depois* a todos os que se tornassem dignos de ser assim batizados, praticando a sua lei de amor, propagando-a pelo exemplo e pela palavra.

Porque então *foi* Jesus receber de João, diante de todos, o batismo da água no Jordão, como o faziam o povo e quantos acorriam às margens daquele rio?

Para, desde o momento em que entrava a desempenhar publicamente sua missão, pregar pelo exemplo: para receber do próprio Deus, *à vista de todos e em confirmação das palavras que antes da sua chegada o Precursor proferira a seu respeito*, a consagração da sua origem, do seu poder e da sua missão, como regenerador e salvador da humanidade, como sendo quem a conduzirá à perfeição; para receber essa consagração por uma manifestação derivada do próprio Deus e produzida de molde a que os homens compreendessem que, finalmente, descera à terra o Espírito cuja vinda os profetas haviam anunciado.

Jesus desceu para pregar dando de tudo exemplo, para oferecer e deixar aos homens um tipo, um modelo que eles imitassem e em cujas pegadas caminhassem para atingir a perfeição.

Durante a sua missão terrena, *cumpria* que passasse, *à vista dos homens*, por ser um homem *como os outros*, sujeito a todas as provações da humanidade e delas triunfando, exemplificando-lhes a prática do trabalho, da justiça, da caridade e do amor, cujas leis ensinava, ministrando-lhes a luz e a verdade sob o véu da *letra* e o manto da *parábola*, a fim de que o brilho de unia e outra não ofuscasse, não cegasse os olhos humanos de então.

Cumprida aquela missão, os homens, em virtude das interpretações que davam aos fatos, de acordo com o estado das inteligências, com as necessidades da época e com o que a *preparação* dos tempos futuros exigia, teriam que ver um Deus, o *próprio* Deus, naquele que lhes viera proporcionar o tipo, o modelo da perfeição, pelo que toca à humanidade terrestre.

Segui todos os passos de Jesus no curso da sua *aparente* vida humana, desde o instante em que chega às margens do Jordão até o em que se consuma o sacrifício do Gólgota, e o vereis a dar em tudo o exemplo, sempre o exemplo.

Ao encetar essa vida humana aparente, submete-se, como todos os que vinham ter com João, ao batismo pela água, que os disporia à penitência. Mas, notai que, antes de haver Jesus chegado às margens do Jordão, já o Precursor, falando ao povo, aos fariseus, aos publicanos e aos soldados, a quantos tinham ocorrido para ouvi-lo, os quais, entre si, pensavam que bem podia ser ele o *Cristo*, dizia:

Eu, por mim, vos batizo com água; porém, outro virá, mais poderoso que eu e de cujas alpercatas não sou digno de desatar as correias prosternado a seus pés, o qual vos batizará em Espírito Santo e em fogo.

"Ele traz na mão a joeira e limpará perfeitamente o seu eirado; empilhará o trigo no seu celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extingue".

Estas palavras explicam porque, em resposta ao pedido que Jesus lhe faz, João se escusa de o batizar, dizendo: *"Eu é que devo ser por ti batizado e vens a mim para que te batize!"* e explicam também porque, respondendo-lhe Jesus: *Deixa-me fazer assim por esta vez, porquanto é necessário que cumpramos toda a justiça*", isto é, porquanto devemos pregar pelo exemplo, João nenhuma resistência mais opôs, tornando-se o primeiro a dar o exemplo de submissão e de obediência ao Mestre.

Para confirmação das palavras que João proferira diante de todos, antes da chegada de Jesus, é que, ao sair este da água, depois do batismo, se produziu, de conformidade com a época, com as tradições hebraicas e com o estado das inteligências, a manifestação destinada a esclarecer os homens acerca da origem e da missão do mesmo Jesus.

Como consta do que ficou dito acima, *logo que acabou de ser batizado, Jesus saiu da água e, ao fazer a sua prece, o céu se abriu e um Espírito Santo desceu sobre ele* em a forma corporal de uma pomba e se ouviu *uma voz que dizia: "És meu filho bem-amado; em ti hei posto todas as minhas complacências"*.

O Senhor manifestou por esse modo o seu poder, dando dele um sinal *aparentemente* material, *aparentemente* porque só o era *para os olhos humanos*, sinal que, bem como a voz ouvida, não passou de simples manifestação espírita, objetivando chamar a atenção dos homens e lhes fazer compreender que descera finalmente à terra o Espírito que os profetas haviam anunciado.

O Espírito, como sabeis, pode, com o auxílio do seu perispírito, tomar todas as aparências, todas as formas.

A pomba era o emblema da pureza para os antigos que, *não o esqueçais*, a sacrificavam nos altares em resgate dos filhos de Israel. O Espírito superior encarregado da manifestação teve, pois, como deveis compreender, lembrando-vos da origem espírita de Jesus, da sua aparente vida humana enquanto durou a sua missão terrena e do sacrifício do Gólgota, que tomar e tomou a forma capaz de mais fortemente impressionar as inteligências, *no momento mesmo* em que a manifestação se produzisse, e de as impressionar ainda *depois de cumprida aquela missão*.

A voz que se fez ouvir no céu, dizendo: "*És o meu filho bem-amado; em ti hei posto todas as minhas complacências*", não foi a voz de Deus onipotente. Deus não se manifestou. Deus não se comunica *diretamente* com os homens. Já vos dissemos: por mais puro que seja o Espírito encarnado, o invólucro que o reveste põe uma barreira intransponível entre o homem e a divindade; mas, o Senhor transmite suas vontades por intermédio dos Espíritos puros que dele recebem diretamente as inspirações, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, os quais, na ordem hierárquica, se constituem seus órgãos.

Foi um Espírito superior quem fez ressoar a voz que se ouviu e pronunciou aquelas palavras.

Para o povo e para todos os que tinham vindo ter com João, *para os Hebreus, o próprio Deus* falou naquela circunstância, como falara outrora aos profetas da lei antiga. O Espírito Santo, segundo eles, era a inteligência *mesma* de DEUS, inspirando *diretamente* os homens, comunicando-se *diretamente* com os humanos.

Assim, *para eles, o próprio Deus* foi quem tomou a forma de uma pomba e quem, *por outro lado e ao mesmo tempo*, fazendo ouvir a sua voz, pronunciou aquelas palavras.

Vós, espíritas, que, graças à nova revelação, sabeis que, sob a designação simbólica de *Espírito Santo*, se compreende o conjunto dos Espíritos do Senhor, órgãos de suas inspirações e ministros de suas vontades, que sabeis que Deus não se comunica *diretamente* com os homens, deveis perceber que houve duas manifestações espíritas.

E elas se produziram "*ao fazer Jesus a sua prece*". Eis aí o *primeiro exemplo* e o primeiro ensinamento dado por ele aos homens, mostrando-lhes que a prece, não a dos lábios, mas a do coração, atrai as bênçãos do Senhor, os testemunhos do seu amor, fazendo sobre eles descer a influência divina, por intermédio dos Espíritos protetores da humanidade.

O batismo por meio da água, que João Batista administrou e que Jesus recebeu para ensinar pelo exemplo, comprovando *assim* que esse batismo não passava de *uma* figura, era, a um tempo, material e simbólico; material pela ablução do corpo; simbólico pelo arrependimento e pela humildade que a ablução consagrava e que tinham a proclamá-los a confissão pública que, diante de todos, cada um fazia, em voz alta, dos seus pecados, isto é, de suas faltas, de suas torpezas, de todas as infâmias que podem germinar no coração humano.

O batismo pela água era, pois, *uma preparação* para o *batismo pelo Espírito Santo e pelo fogo*, batismo este que vem de Deus e que o Cristo defere aos que dele se tornam dignos, concedendo-lhes a assistência e o concurso dos Espíritos purificados.

Bom é se lembre aos homens o batismo *pela água*, porquanto lhes recorda os grandes acontecimentos ocorridos e as obrigações que lhes são impostas.

A parte material era de necessidade à vista dos tempos, para impressionar homens materiais. *Somente* a parte simbólica *se conserva* para vós.

O verdadeiro batismo é o que vem do Senhor, é o batismo *em Espírito Santo e em fogo* que purificará as almas e não os corpos.

Fizeram do batismo pela água o estandarte do Cristianismo.

O homem esqueceu demasiado a essência divina para só atender à matéria. A esta referiu tudo e seu Espírito, rebaixado, encerrado em tão estreitos limites, acabou por olvidar quase inteiramente que,

saído de uma essência espiritual, deve consagrar-se *ao espírito* e não *à letra*. Purificai-vos, pois, para serdes vivificados.

A Igreja romana desvirtuou a natureza, o objeto, as condições e o fim do batismo pela água, derramando-a na cabeça da criança que acaba de nascer, sob o pretexto de apagar, na pessoa dessa criança, dando-lhe o nome de pecado original, uma falta que ela não cometeu, que teria sido cometida por outrem. E isso quando, segundo a mesma Igreja, a alma da criança foi criada por Deus *expressamente* para o corpo em que veio habitar, alma que, pessoalmente, havia de ser pura e sem mancha, pois que das mãos de Deus nada pode sair, nem sai, maculado.

A Igreja romana não houvera instituído *deste modo* o batismo pela água, se tivesse compreendido bem as palavras do Cristo a Nicodemos, proclamando a reencarnação como uma realidade e não como uma alegoria; realidade, por ser lei emanada de Deus desde toda a eternidade, como meio de purificação e de progresso do Espírito culpado, como meio único posto ao alcance do homem para entrar "no reino de Deus", isto é, para chegar à perfeição que, *só ela*, lhe permitirá aproximar-se do foco da onipotência.

Cristãos de todas as seitas, católicos, protestantes, gregos, deixai de só ter em conta a matéria, abandonai a *letra que mata* para vos ocupardes unicamente com o *Espírito que vivifica*. Do batismo pela água no Jordão conservai *apenas o espírito*; praticai a parte simbólica: *o arrependimento e a humildade*. Preparai-vos assim para o batismo *em Espírito Santo e em fogo*, que purifica as almas e que, se dele vos tornardes dignos praticando o trabalho, a humildade de coração, o amor e a caridade, o Cristo vos ministrará, enviando os Espíritos puros para vos assistirem, inspirarem, ampararem e ajudarem no trajeto pela senda do progresso moral e intelectual.

**MATEUS, Cap. I, v. 1-17,
LUCAS, Cap. III, v. 23-38**

Genealogia de Jesus (aos olhos dos homens)

MATEUS: V.1. Livro da genealogia de Jesus-Cristo, filho de David, filho de Abraão: - 2. Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacob; Jacob gerou Judas e seus irmãos. - 3. Judas gerou Farés e Zara de Tamar; Farés gerou Esrão; Esrão gerou Arão. - 4. Arão gerou Aminadab; Aminadab gerou Naassão; Naassão gerou Salmão. - 5. Salmão gerou Booz de Raab; Booz gerou Obed de Rut; Obed gerou Jessé e Jessé gerou David, que foi rei. - 6. O rei David gerou Salomão por aquela que fora a mulher de Urias. - 7. Salomão gerou Roboão; Roboão gerou Abias; Abias gerou Asá. -8. Asá gerou Josafat; Josafat gerou Jorão; Jorão gerou Osías. - 9. Osías gerou Joatão; Joatão gerou Achás; Achás gerou Ezequias; -10. Ezequias gerou Manassés; Manassés gerou Amon; Amon gerou Josías. - 11. Josías gerou Jeconias e seus irmãos ao tempo em que os JuDeus emigraram para Babilônia. - 12. E depois dessa emigração para Babilônia, Jeconias gerou Salatiel; Salatiel gerou Zorobabel. - 13. Zorobabel gerou Abiud; Abiud gerou Eliacim; Eliacim gerou Azor. - 14. Azor gerou Sadoc; Sadoc gerou Achim; Achim gerou Eliud. - 15. Eliud gerou Eleazar; Eleazar gerou Matam; Matam gerou Jacob. 16. Jacob gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado o Cristo. - 17. Houve, portanto, ao todo, de Abraão a David catorze gerações, de David à transmigração para Babilônia catorze gerações e da transmigração para Babilônia até Jesus-Cristo catorze gerações.

LUCAS: V. 23. Jesus contava então trinta anos, sendo tido entre os homens por filho de José, que foi filho de Heli, que foi filho de Matar, - 24, que foi filho de Levi, que foi filho de Melchi, que foi filho de Jana, que foi filho de José, - 25, que foi filho de Matatias, que foi filho de Amoz, que foi filho de Naum, que foi filho de Hesli, que foi filho de Nage, - 26, que foi filho de Maat, que foi filho de Matatias, que foi filho de Semei, que foi filho de José, que foi filho de Judas; - 27, que foi filho de Joanã, que foi filho de Reza, que foi filho de Zorobabel, que foi filho de Salatiel, que foi filho de Neri, - 28, que foi filho de Melchi, que foi filho de Adi, que foi filho de Cosan, que foi filho de Helmadan, que foi filho de Her, - 29, que foi filho de Jesus, que foi filho de Eliezer, que foi filho de Levi, - 30, que foi filho de Simeão, que foi filho de Judas, que foi filho de José, que foi filho de Jona, que foi filho de Eliaquim,-31. que foi filho de Meléa, que foi filho de Mena, que foi filho de Matata, que foi filho de Natan, que foi filho de David. - 32, que foi filho de Jessé, que foi filho de Obed, que foi filho de Booz, que foi filho de Salmon, que foi filho de Naassão, - 33, que foi filho de Aminadab, que foi filho de Arão, que foi filho de Esrão, que foi filho de Farés, que foi filho de Judas, - 34, que foi filho de Jacob, que foi filho de Isaac, que foi filho de Abraão, que foi filho de Taré, que foi filho de Nachor, - 35. que foi filho de Sarug, que foi filho de Rafgau, que foi filho de Faleg, que foi filho de Heber, que foi filho de Saie, - 36, que foi filho de Cainan, que foi filho de Arfaxad, que foi filho de Sem, que foi filho de Noé, que foi filho de Lamech, - 37, que foi filho de Matusalém, que foi filho de Enoc, que foi filho de Jared, que foi filho de Malaleel, que foi filho de Chainan, - 38, que foi filho de Enos, que foi filho de Set, que foi filho de Adão, que foi criado por Deus.

N.55. Jesus, Espírito de pureza perfeita e imaculada, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, é estranho e anterior às gerações humanas que o tem sucessivamente habitado. Apareceu na terra (já o sabeis, desde que vos revelamos a sua origem espirita) com um corpo fluídico, de natureza perispirítica, visível e tangível sob a aparência da corporeidade humana, por efeito de incorporação

segundo as leis dos mundos superiores, apropriadas aos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos. Esse segredo de além-túmulo (também o sabeis) não devia ser revelado, conhecido, antes do tempo determinado pelo Senhor, antes da época atual, em que se inicia a era nova do Espiritismo e em que os progressos realizados vos tornaram capazes de receber essa revelação.

Não vos preocupeis com o ter Jesus de Nazaré contado, *aos olhos dos Hebreus, aos olhos dos homens*, este ou aquele patriarca entre os seus antepassados carnis. Percorrei-lhe a genealogia *espiritual* e remontareis a Deus, criador, imediato e único, de tudo que é puro e perfeito.

Demais, nenhuma atenção merece essa genealogia *humana* atribuída a Jesus por exigências da época. Destituída de interesse, ela em nada influi nos fatos constitutivos da missão messiânica, nem na obra de regeneração da vossa humanidade, executada pelo desempenho dessa missão.

Qual então a razão de ser da genealogia *humana* atribuída a Jesus?

Compreendi bem a necessidade que há de se materializarem os fatos para os tornar acessíveis à matéria. Preciso era, *naquela* época, que se usasse para com os homens de uma linguagem que pudesse ser compreendida e sobretudo escutada, em um meio que fora *preparado* desde muitos séculos.

Segundo as tradições hebraicas e as interpretações dadas às profecias da lei antiga, o libertador prometido, o Cristo, havia de nascer em Belém, tendo por pai um descendente de David, sendo, pois, ele próprio, pela descendência, um filho de David. A grande obra da redenção *estava preparada* desde a origem tradicional dos tempos, sem que o homem o percebesse, nas condições sucessivamente apropriadas às épocas e às inteligências.

Para a execução dessa grande obra, Maria e José, Espíritos perfeitos, este, porém, menos elevado do que aquele, nenhum dos dois puro desde o início, ambos inferiores, portanto, a Jesus, Maria e José, dizíamos, encarnaram, cada um num meio depurado, com o encargo de auxiliarem o Messias na sua missão terrena. A pureza de Maria e de José não podia compadecer-se com um meio impuro. Cada um, por isso, escolheu uma família que lhe fora de antemão preparada, composta igualmente de Espíritos superiores, se bem que menos elevados do que os deles.

Eis como, remontando de geração em geração, ireis encontrar o homem com todos os seus instintos brutais.

Como sabeis, enquanto durasse a missão terrena de Jesus, Maria *tinha que ser considerada pelos homens* sua mãe e José seu pai. De modo que, dada a descendência deste, *Jesus tinha que ser considerado* filho de David.

O homem, para compreender, precisava que lhe pusessem sob a vista um ponto de partida de onde lhe fosse possível seguir em linha reta. Aquelas coisas eram ditas aos Hebreus, que estavam sujeitos à lei de Moisés, que se governavam pelas tradições vindas de muitos séculos atrás e cuja origem se perdia na noite dos tempos. Forçoso era, portanto, que, para lhes guiar as inteligências, o caminho seguido fosse o que eles tinham o hábito de trilhar.

Efetivamente, qual o tronco que se lhes indicou da genealogia atribuída a Jesus? "Adão", primeiro ente material saído das mãos do Senhor.

Já não ignorais, porquanto os tempos caminharam, as inteligências se desenvolveram e o progresso das ciências se operou, que a criação do primeiro homem, num paraíso, num jardim de delícias, dentro do qual se

encontravam a árvore da vida e a da ciência do bem e do mal, é *uma figura* oriunda da necessidade de se apropriarem os ensinamentos à inteligência humana. Quão poucos são ainda entre vós os que se mostram aptos a compreender uma existência que não teve começo e não terá fim!

Figuradamente, a genealogia de Jesus remonta a Adão, *como* remonta a Deus a criação do corpo formado de limo.

Naquela época, porém, tão formal desmentido à *letra* do *Gênese* houvera revoltado as massas, inquietado os fracos e retardado a marcha da obra de regeneração.

De acordo com essa genealogia *humana*, quer segundo Mateus, quer segundo Lucas, qual a descendência atribuída a Jesus?

A de filho de David por José, que é seu pai, *aos olhos dos homens*, e que por sua vez também aparece como descendente daquele profeta.

Foi com o fim de ligar o "nascimento" de Jesus a David que se estabeleceu a genealogia, tanto segundo Mateus, como segundo Lucas. Ela é o fruto das pesquisas realizadas com esse objetivo. Mas, fizera-se a noite dos tempos e muitos nomes foram introduzidos em lugar de outros que eram ignorados e se supunha deverem existir. Pouco importam, porém, os nomes: as relações genealógicas existem pela filiação da famílias.

Não vos embarceis com as diferenças que as duas genealogias apresentam. São puerilidades. O tronco era o mesmo. De confundirem filhos de dois irmãos nasceu a confusão dos nomes que algumas vezes pertenceram aos mesmos indivíduos. Não vos sucede usar de muitos nomes, em conseqüência de adições, ou de mudanças devidas à vaidade e não é muito natural e provável que, no futuro, os que vos pesquisarem os atos tomem um desses nomes por outro, sem que o indivíduo deixe de ser o mesmo? Assim, com relação aos nomes, um dos Evangelistas seguiu um dos ramos e o outro um ramo diverso. Ambos os ramos, porém, pertenciam ao mesmo tronco.

Não há obras humanas impecáveis. O essencial, *para os Hebreus*, era a origem e as duas genealogias são acordes em apresentar José como descendente de David.

Quanto a Maria, não vos admireis de que não figure na genealogia humana atribuída a Jesus. Entre os Israelitas, as filhas não eram tidas em conta, como não o são entre as vossas raças nobres, para a perpetuação do nome. Maria pertencia à tribo: era quanto bastava que se soubesse.

Não vos detenhais nas controvérsias que surgiram desde os primeiros tempos do Cristianismo, que continuaram e ainda hoje se suscitam, a propósito das duas genealogias (segundo Mateus e Lucas), por motivo das diferenças, omissões e contradições que se lhes imputam. O homem não quer compreender, já o temos dito, que, seja qual for o objetivo *espiritual* que se tenha em vista atingir, necessário é *se humanizem* os meios que lhe são postos ao alcance para isso. A conseqüência é que os meios se tornam imperfeitos. Era a essas controvérsias sobre a genealogia humana atribuída a Jesus, já então suscitadas, que aludia o *apóstolo* Paulo na *1ª Epístola a Timóteo*. v. 4-5, dizendo:

"Peço que não vos entretenhais com fábulas e *genealogias sem fim*, que *mais* servem para gerar disputas do que para fundar, sobre a fé, o edifício de Deus. Ora, o fim de todos os mandamentos é a *caridade que nasce de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera*".

Não vos prendais nos detalhes pueris de uma genealogia humana, que, só do ponto de vista dos Hebreus e de suas tradições, como meio de preparar a missão terrena de Jesus, teve a sua razão de ser; genealogia que

os Evangelistas, como narradores e cada um dentro do quadro que lhe fora traçado, tiveram que lembrar. Esses detalhes pueris vos fariam perder um tempo precioso. Deixai que os "atrilados" da vossa época reúnam todas as suas forças para levantar e deslocar alguns dos pedregulhos com que topam. Não esqueçais que tendes de erguer uma montanha, a fim de abrires passagem à estrada reta e unida que deveis traçar.

Acabamos de dizer-vos que, só do ponto de vista dos Hebreus e de suas tradições, como meio de preparar o desempenho da missão terrena de Jesus, aquela genealogia humana teve a sua razão de ser. Efetivamente, confrontai com as palavras do anjo a Maria (Lucas I, v. 32) e com as do cântico de Zacarias (Lucas I, v. 68-70) o que Jesus disse aos Fariseus:

"Que pensais do Cristo? - De quem é ele filho? - De David, responderam. - Como é então, retrucou-lhes Jesus, que, inspirado pelo Espírito Santo, David, nos *Salmos*, lhe chama *seu Senhor*, por estas palavras: "O Senhor disse a meu Senhor: - Senta-te à *minha direita* até que eu tenha reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo. Ora, se David lhe chama *seu Senhor*, como pode ele ser *filho* de David?" (Mateus, XXII, v. 41-43. - Lucas, XX, v. 41-44).

Não é evidente que *desse modo* Jesus, durante a sua missão terrena, preparou os homens a reconhecerem que aquela genealogia humana lhe era estranha, inaplicável; a receberem mais tarde, no tempo determinado por Deus, a revelação da sua origem e da sua natureza *extra-humana*?

N. 56. Á vista destas palavras: - "...a criação do primeiro homem é *uma figura oriunda da necessidade de se apropriarem* os ensinamentos à inteligência humana. Quão poucos são ainda, entre vós, os que se mostram aptos a compreender uma existência que não teve começo e que não terá fim!" destas outras: "*Figuradamente*, a genealogia de Jesus, Espírito de pureza perfeita e imaculada, remonta a Adão, como remonta a Deus a criação do corpo formado de limo" - destas mais: - "percorrei a genealogia *espiritual* de Jesus e remontareis a Deus, criador imediato e único de tudo o que é puro e perfeito" *qual* é, em verdade, de acordo com a ciência divina, despojado *da letra* o *espírito*, A REALIDADE, quanto à criação do Espírito e do corpo do homem do nosso planeta; A REALIDADE quanto a essa genealogia espiritual de Jesus, "Espírito de pureza perfeita e imaculada"?

A questão que propondes, complexa pelo duplo aspecto sob que a formulais, referindo-se, *de um lado*, ao homem e, *de outro*, a Jesus, exige a solução de um problema de ordem mais geral - o da origem do Espírito, de suas fases e trajetórias, de seus destinos, desde o instante inicial da sua existência, até ao em que chega à perfeição.

Na Criação, tudo, tudo tem uma origem comum, tudo vem do infinitamente pequeno para o infinitamente grande, até Deus, ponto de partida e de reunião.

Não esqueçais que tudo provém de Deus e para Deus volta; de Deus *uno*, criador incriado, pai de tudo e de todos; de Deus, grande motor de quanto existe, pilar inabalável sobre o qual repousam as multidões de mundos disseminados no espaço como os átomos no ar.

O fluido universal, que toca de perto a Deus e dele parte, *constitui*, pela sua quinta-essência e *mediante as combinações, modificações e transformações* de que é passível, o instrumento e o meio de que se serve a inteligência suprema para, pela onipotência da sua vontade, operar, no infinito e na eternidade, todas as criações espirituais, materiais e fluídicas destinadas à vida e à harmonia universais, para operar a criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da natureza, de tudo que se move, vive, é.

O apóstolo Paulo sentia a potência criadora do Senhor, quando dizia: "Tudo é dele, tudo é por ele, tudo é nele; "ex ipso et per ipsum et in ipso sunt omnia" ¹⁰. "E nele que temos a vida, o movimento e o ser: in ipso vivimus et movemur et sumus" ¹¹.

O Espírito, na origem da sua formação, como essência espiritual, princípio de inteligência, sai do todo universal. O que chamamos o "todo universal" é o conjunto dos fluidos existentes no espaço. Estes fluidos são a fonte de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluídico, quer no estado material.

O Espírito, na sua origem, como essência espiritual, princípio de inteligência, se forma da *quinta-essência* desses fluidos, elemento tão sutil que nenhuma expressão pode dar dele idéia, sobretudo às vossas inteligências restritas. A vontade do Senhor Deus todo poderoso, única essência de vida no infinito e na eternidade, anima esses fluidos para lhes dar o *ser*, isto é, para *mediante uma combinação sutilíssima*, cuja *essência* só nas irradiações divinas se encontra, fazer deles essências espirituais, princípios primitivos do Espírito em gérmen e destinados à sua formação.

A vida universal está assim, por toda a natureza, em germens eternos, graças a essa quinta-essência dos universal. fluidos. que somente a vontade de Deus anima, conformemente as necessidades da harmonia universal, as necessidades de todos os mundos, de todos os reinos, de todas as criaturas no estado material ou no estado fluídico.

Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluídica, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar.

O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia a vida. Deus preside ao começo de todas as coisas, acompanha paternalmente as fases de cada progresso e atrai a si tudo o que haja atingido a perfeição.

Essa multidão de princípios latentes aguarda, no estado cataléptico, em o meio e sob a influência dos ambientes destinados a fazê-los desabrochar, que o Soberano Mestre lhes dê destino e os aproprie ao fim a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por ele mesmo estabelecidas.

Tais princípios sofrem passivamente, através das eternidades e sob a vigilância dos Espíritos prepostos, as transformações que os hão de desenvolver, passando sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e espécies intermediárias que se sucedem entre cada dois desses reinos.

Chegam dessa maneira, numa progressão contínua, ao período preparatório do estado de Espírito formado, isto é, ao estado intermédio da encarnação animal e do estado espiritual consciente. Depois, vencido esse período preparatório, chegam ao estado de criaturas possuidoras do livre arbítrio, com inteligência capaz de raciocínio, independentes e responsáveis pelos seus atos. Galgam assim o fastígio da inteligência, da ciência e da grandeza.

Em sua origem, a essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em formação, passa primeiro pelo reino mineral. *Anima* o mineral, se deste modo nos podemos exprimir, servindo-nos dos únicos recursos que oferece a linguagem humana apropriada às vossas inteligências limitadas. Tudo, com efeito, na Natureza, tem existência, porquanto tudo morre. Ora, aquilo que morre traz em si o princípio de vida, sendo conseqüentemente animado por uma inteligência *relativa*.

¹⁰ Epístola aos Romanos, cap. XI, v.36

¹¹ Atos dos Apóstolos, cap. XVII, v. 28

Esta palavra - inteligência - pode causar surpresa, tratando-se da vida de uma coisa inerte. Certamente, em tal caso, não há nem pensamento, nem ação. A essência espiritual, nesse estado, se mantém inconsciente de seu ser. Ela é, eis tudo.

No estado então de simples essência de vida, absolutamente inconsciente de seu ser, ela constrói o mineral, a pedra, o minério, atraindo e reunindo os elementos dos fluidos apropriados, *por meio de uma ação magnética atraente, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos*.

Quanto mais inconsciente é o Espírito no estado de formação, tanto mais direta e incessante é a ação desses Espíritos.

Guardai bem na memória, pois que o dizemos aqui para não mais o repetirmos: em qualquer dos reinos, mineral, vegetal, animal e humano, nada é sem o concurso dos Espíritos do Senhor, que todos têm uma função a desempenhar, uma vigilância a exercer. Não há Espíritos prepostos à formação de um *determinado* mineral, de um *determinado* vegetal, de um *determinado* ser do reino animal, ou do reino humano. Os Espíritos têm uma ação geral e conforme às leis naturais e imutáveis, que ainda não vos é permitido nem possível compreender. A vigilância eles a exercem sobre as massas.

O mineral morre quando é arrancado do meio em que o colocara o autor da natureza. A pedra tirada da pedreira, o minério extraído da mina, deixando de existir, do mesmo modo que a planta separada do solo, perdem a vida natural.

A essência espiritual, que residia nas paredes do mineral, retira-se daí por uma ação magnética, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos, e é transportada para outro ponto.

O corpo do mineral, seus despojos, são utilizados pela humanidade, de acordo com o que suas necessidades lhe impõem.

Não vos admireis de que a coesão subsista no mineral, por séculos muitas vezes, depois que dele se retirou a essência espiritual que foi necessária à sua formação.

Cada espécie de matéria tem suas propriedades *relativas*, segundo leis naturais e imutáveis que ainda não podeis compreender.

O corpo humano, em certas condições, não conserva coesas todas as suas partes materiais, embora o Espírito já se tenha retirado dele?

Não se observam, entre os vegetais, casos de longa duração material? Certas plantas não conservam as aparências da vida, a frescura dos tons e a rijeza da haste, muito tempo depois de separadas do solo que as alimentava e, por conseguinte, do princípio latente da inteligência que nelas residia?

Tudo na Natureza se mantém e se encadeia e tudo se faz em proveito e utilidade do Espírito que se tornou consciente de seu ser.

Os corpos mortos, sejam pedra, planta, ser do reino animal ou do reino humano, têm que concorrer para a harmonia universal, desempenhando as funções que lhes são assinadas.

A essência espiritual, que no mineral reside, não é uma individualidade, não se assemelha ao pólipo que, por cissiparidade, se multiplica ao infinito. Ela forma um conjunto que se personifica, que se divide, quando há divisão na massa em consequência da extração, e atinge desse modo a individualidade, como sucede com o princípio que anima o pólipo, com o princípio que anima certas plantas. A essência espiritual sofre, no reino mineral, sucessivas materializações, necessárias a *prepará-la* para passar pelas formas intermédias, que

participam do mineral e do vegetal. Dizemos - *materializações*, por não podermos dizer - encarnações para estrear-se *como ser*.

Depois de haver passado por essas formas e espécies intermediárias, que se ligam entre si numa progressão contínua, e de se haver, sob a influência da dupla ação magnética que operou a vida e a morte nas fases de existências já percorridas, *preparado para sofrer no vegetal a prova, que a espera. da sensação*, a essência espiritual, Espírito em estado de formação, passa ao reino vegetal.

É um desenvolvimento, mas ainda sem que o ser tenha consciência de si. A existência material é *então* mais curta, porém mais progressiva. Não há nem consciência, nem sofrimento. *Há sensação*.

Assim, a árvore da qual se retira um galho experimenta uma espécie do eco da seção feita, mas não sofrimento. E como que uma repercussão que vai de um ponto a outro, sucedendo o mesmo quando a planta é violentamente arrancada do solo, antes de completado o tempo da maturidade.

Repetimos: *há sensação*, não há *consciência nem sofrimento*. E um *abalo magnético* o que a árvore *experimenta*, abalo que *prepara* o Espírito em estado de formação para o desenvolvimento do *seu ser*.

Morto o vegetal, a essência espiritual é transportada para outro ponto e, depois de haver passado, sempre em marcha progressiva, pelas necessárias e sucessivas materializações, percorre as formas e espécies intermediárias, que participam do *vegetal* e do *animal*. Só então, nestas últimas fases de existência, que são as em que aquela essência começa a ter a impressão de *um ato exterior*, ainda que *sem consciência de sua causa* e de *seus efeitos*, há *sensação de sofrimento*.

Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito em formação efetua assim, sempre numa progressão contínua, o seu desenvolvimento com relação à matéria que o envolve e chega a adquirir a *consciência de ser*.

Preparado para a vida ativa, exterior, para a vida de relação, passa ele ao reino animal.

Torna-se então princípio inteligente de uma *inteligência relativa*, a que chamais – *instinto*; de uma inteligência *relativa* às necessidades físicas, à conservação, a tudo o que a vida material exige, dispondo de vontade e de faculdades, *mas* limitadas àquelas necessidades, àquela conservação, à vida material, à função que lhe é atribuída, à utilidade que deve ter, ao fim a que é destinado em a natureza, sob os pontos de vista da conservação, da reprodução e da destruição, na medida em que haja de concorrer para a vida e para a harmonia universais.

Sempre em estado de formação, pois que não possui ainda livre arbítrio, inteligência independente capaz de raciocínio, consciência de suas faculdades e de seus atos, o Espírito, sem sair do reino animal, seguindo sempre uma marcha progressiva contínua e de acordo com os progressos realizados e com a necessidade dos progressos a realizar, passa por todas as fases de existência; sucessivas e necessárias ao seu desenvolvimento e por meio das quais chega às formas e espécies intermediárias, que participam do animal e do homem. Passa depois por essas espécies intermediárias, que, pouco a pouco, insensivelmente, o aproximam cada vez mais do reino humano, porquanto, se é certo que o Espírito sustenta a matéria, não menos certo é que a matéria lhe auxilia o desenvolvimento.

Depois de haver passado por todas as transfigurações da matéria, por todas as fases de desenvolvimento para atingir um certo grau de inteligência, o Espírito chega ao ponto de preparação para o estado espiritual

consciente, chega a esse momento que os vosso sábios, tão pouco sabedores dos mistérios da natureza, não logram definir, momento em que *cessa o instinto e começa o pensamento*.

Quando se vos falou do Espírito no estado de infância, no estado, por conseguinte, de ignorância e de inocência; quando se vos disse que o Espírito era criado simples e ignorante, tratava-se, está bem visto, da fase de preparação do Espírito para entrar na humanidade. Fora inconseqüente, *então*, dar esclarecimentos sobre a origem do Espírito. Notai que ela foi deixada na obscuridade. Ainda hoje seria cedo para desenvolver esse ponto. Utilizai-vos, porém, do que vos dizemos, porquanto, ao tempo em que este vosso trabalho aparecer *aos olhos de todos*, os Espíritos encarnados já se acharão mais dispostos a receber *o que então*, e mesmo hoje¹², tomariam por uma monstruosidade, ou por uma tolice ridícula.

Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os Espíritos se preparam, de fato, em mundos *ad-hoc*, para a vida espiritual consciente, independente e livre. É nesse momento que entram naquele estado de inocência e de ignorância. A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de suas inocência e faculdades e, por conseguinte, de seus atos, consciência que produz o livre arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de raciocínio, a responsabilidade.

Chegado deste modo à condição de Espírito formado, de Espírito pronto para ser *humanizado* se vier *a falir*, o Espírito se encontra num estado de inocência completa, tendo abandonado, com os seus últimos invólucros animais, os instintos oriundos das exigências da animalidade.

A estátua acabou de receber as formas. Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito formado se cobre dos fluidos que lhe comporão o invólucro a que chamais - *perispírito*, corpo fluídico que se torna, para ele, o instrumento e o meio ou de realizar um progresso constante e firme, desde o ponto de partida daquele estado até que haja atingido a perfeição moral, que o põe ao abrigo de todas as quedas; ou de cair, caso em que o perispírito lhe será também instrumento de progresso, de reerguimento, mediante encarnações e reencarnações sucessivas, expiatórias a princípio e por fim gloriosas, até que atinja aquela perfeição moral.

O magnetismo, já o dissemos (n. 31), é o agente universal. Tudo está submetido à influência magnética, tudo é magnetismo na natureza, tudo, na ordem espiritual, na ordem material e na ordem fluídica, é atração resultante desse agente universal. Essa a grande lei que rege todas as coisas. Os fluidos magnéticos ligam todos os mundos uns aos outros, ligam todos os Espíritos encarnados e desencarnados. É um laço universal que Deus criou para nos unir a todos, de modo a que formássemos um único ser, tendo em vista ajudar-nos a subir até ele, conjugadas as nossas forças.

Ao sair do estado intermediário, que precede à vida do *livre pensador*, para entrar na posse do livre arbítrio, o Espírito organiza a sua constituição fluídica, isso a que chamais *perispírito* e que é, para nos servirmos de uma expressão que vos seja compreensível, o seu "temperamento", havendo entre esse e o temperamento humano a diferença de que este, *aos vossos olhos*, independe do gênero de Espírito que o corpo encerre, ao passo que o temperamento fluídico é resultado das tendências do Espírito.

Há entre os fluidos atração recíproca, donde as relações que se estabelecem entre os Espíritos, conforme às suas tendências, boas ou más, seus pendores e sentimentos, bons e maus.

Daí deriva a influência atrativa dos fluidos similares, simpáticos, constituindo o laço que aproxima um do outro dois Espíritos, senão da mesma categoria, animados dos mesmos pendores, dos mesmos sentimentos.

12 Mês de abril de 1863

Assim, pela natureza de suas inclinações, os Espíritos atraem a si outros Espíritos que lhes são semelhantes, simpáticos pela identidade dos sentimentos e pendores e entram com eles em relação, graças à influência atrativa dos fluidos.

De posse do livre arbítrio, podendo escolher o caminho que preferam seguir, os Espíritos são subordinados a outros, prepostos ao seu desenvolvimento. E então que a vontade os leva a enveredar por este caminho de preferência àquele.

Galgado esse ponto, eles se mostram mais ou menos dóceis aos encarregados de os conduzir e desenvolver.

A vontade, atuando então no exercício do livre arbítrio, traça uma direção boa ou má ao Espírito que, deste modo, pode falir ou seguir simplesmente e gradualmente o caminho que lhe é indicado para progredir.

Muitos se transviam: alguns resistem aos arrastamentos do orgulho e da inveja.

O orgulhoso é invejoso por não poder suportar o que quer que seja acima de si; é egoísta, pretendendo ser para tudo o ponto de referência; é presunçoso, pois deposita em suas energias e inteligência uma confiança, tão errônea quanto condenável, que o leva muitas vezes a revoltar-se contra a prudência de quem lhe interdita atos superiores às suas forças.

Não tendes visto crianças que tentam executar os vossos trabalhos, gabando-se de fazê-lo tão bem como vós, tal a confiança que depositam em si, nas suas inteligências, e que se revoltam, não raro, contra a prudência dos pais, que vedam a esses temerários a prática de atos que estão acima de suas forças e que lhes poderiam ocasionar graves acidentes? São Espíritos que há séculos sofrem expiações e reencarnações sucessivas e que ainda se não purificaram. O orgulho, a presunção, o egoísmo, a inveja que neles assim se manifestam são sinais e foram causa de suas primitivas quedas.

Indóceis, rebeldes à influência dos Espíritos incumbidos de os conduzir e desenvolver, os que se transviam atraem, por seus maus sentimentos, ten-dências e pendores, Espíritos maus a quem esses sentimentos, tendências e pendores são simpáticos. Mas, notai-o bem, porquanto as nossas palavras precisam ser exatamente compreendidas: o Espírito cai por si mesmo, não cai porque outro o arraste à queda. Acabamos de dizer que os Espíritos seguem *livremente* este ou aquele caminho. Portanto, é por ato da própria vontade, por impulso próprio, que entram numa ou noutra senda. A simpatia que experimentam pelos Espíritos inferiores e que os domina resulta *da disposição própria de cada um*. Só após a queda se estabelecem as suas relações com os inferiores.

Inversamente, aqueles que, dóceis, seguem simplesmente e gradualmente o caminho que seus guias lhes indicam para progredirem, atraem os bons Espíritos, simpáticos às suas tendências boas, aos seus bons sentimentos e pendores.

Sob a influência atrativa dos fluidos em geral, os do perispírito variam incessantemente, acompanhando a marcha progressiva do Espírito cujo envoltório formam, até que o mesmo Espírito tenha atingido a perfeição e isso se dá quer se trate de um que permaneceu sempre puro, quer de um que haja falido. De acordo com as suas tendências e com o grau do seu progresso, o Espírito assimila constantemente os fluidos que mais em relação estejam com a sua inteligência e com as suas necessidades espirituais.

Quanto mais inferior ele é, tanto mais opacos e pesados são os fluidos perispíricos. Da maior ou menor elevação do Espírito depende a maior ou menor quantidade de fluidos puros na composição do seu perispírito.

Assim, os corpos fluídicos constituídos pelos perispíritos apresentam maior ou menor fluidez, são mais ou menos densos, conforme à elevação do espírito encerrado *nessa matéria*. Dizemos "*matéria*" porque, efetivamente, *para o Espírito*, o perispírito é *matéria*.

O perispírito, tanto do Espírito que faliu, como do que se manteve puro, forçosamente se modifica de conformidade com as fases da existência e com as provações.

Só quando o Espírito atingiu a *perfeição*, e só então, lhe é dado modificar *voluntariamente* o seu perispírito, de acordo com as necessidades do momento, com as regiões que tenha de percorrer, com as missões que o Senhor lhe confia, conservando-se *inalterável a essência purificada* do mesmo perispírito.

Entre os que se transviam, Espíritos há que, no curso do seu desenvolvimento e por vezes mesmo ao ensaiarem os primeiros passos, teimam em fazer mau uso do livre arbítrio e se tornam obstinadamente orgulhosos, presunçosos, invejosos, indóceis aos seus guias, contra os quais se revoltam.

Esses Espíritos presunçosos e revoltados, cuja queda os leva às condições mais materiais da humanidade, são *então humanizados*, isto é, para serem domados e progredirem sob a opressão da carne, encarnam em mundos primitivos, ainda virgens do aparecimento do homem, mas *preparados e prontos* para essas encarnações. Encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de "corpos". Os elementos dessas substâncias se encontram esparsos na imensidade e, pela ação dos Espíritos prepostos a tal missão, se congregam no meio cósmico do planeta onde a encarnação se há de operar. São substâncias destinadas também a progredir, a desenvolver-se por meio da procriação, nas condições estabelecidas para a execução da lei natural e imutável de reprodução *em tal caso*.

Revestido do seu perispírito e sob a direção e vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito atrai aqueles elementos destinados a lhe formarem o invólucro material, do mesmo modo que o ímã atrai o ferro. Ainda aí se verifica o resultado de uma atração magnética, prevista e regulada pelas leis naturais e imutáveis, constituindo esse resultado uma das aplicações de tais leis.

Após a queda e antes de encarnar, o Espírito, pelas suas tendências naturais, tem composto o seu perispírito, conservando os fluidos, que ele para tal fim assimilou, a influência que lhes é própria. No curso da encarnação, esses fluidos mudam de natureza, de acordo sempre com os progressos ou as faltas do Espírito. Se a encarnação produz uma melhoria no estado moral, os fluidos que constituem o perispírito experimentam uma correspondente melhora. E, para nos servirmos de uma comparação humana, a rapariga do povo despindo suas roupas grosseiras para vestir os trajes de noiva.

A matéria que o Espírito anima lhe auxilia o desenvolvimento, quer se trate do Espírito humano, quer da essência espiritual, ou Espírito em formação nos reinos mineral, vegetal e animal.

Entre os que se transviam, muitos há também cujo transviamento se dá depois de terem sido por largo tempo, por séculos, dóceis aos Espíritos incumbidos de os guiar e desenvolver; depois de haverem trilhado, até certo ponto mais ou menos avançado de desenvolvimento moral e intelectual, a senda do progresso que lhes era indicada. Esses encarnam em planetas mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, conforme ao grau de culpabilidade, a fim de sofrerem uma encarnação mais ou menos material, mais ou menos fluídica, apropriada e proporcionada à falta cometida e às necessidades do progresso, atenta a elevação espiritual.

Assim como Deus criou, cria e criará, em contínua progressão, na imensidade, no infinito e na eternidade, essências espirituais, Espíritos, também criou, cria e criará mundos adequados a todos os gêneros de

encarnação, para os que se transviaram, transviam e transviarão. Assim, sempre houve, há e haverá, por um lado, terras primitivas, mundos materiais, mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, mais ou menos superiores, uns em relações aos outros, e, por outro lado, mundos cada vez menos materiais, cada vez mais fluídicos, até os planetas da mais pura fluidez, a que podeis chamar mundos celestes, divinos, e aos quais só tem acesso os Espíritos puros.

Os Espíritos que, dóceis aos seus guias, seguem a diretriz que lhes é indicada para progredirem, esses trilham o caminho do progresso através de esferas fluídicas sucessivamente mais elevadas, onde tudo está em relação com as inteligências que as habitam.

Permanecendo dóceis, elevam-se dessa forma pela eternidade em fora, depois de haverem passado por todas as fases de existências, por todas as provas necessárias a uma ascensão tão alta, até chegarem à perfeição. Nula se torna então sobre eles a influência da matéria. Dizemos: - *da matéria*, porque, para o Espírito, os fluidos do perispírito e os que ele assimila são *matéria*.

Para atingirem essa perfeição, aos Espíritos que se mantiveram puros na infância, na fase de instrução e ao longo da senda do progresso, cumpre também que, dirigidos pelos seus guias, percorram, na medida e na conformidade da elevação alcançada, todas as esferas, as terras primitivas, os mundos inferiores e superiores de todos os graus, as inúmeras moradas dos que, por terem falido, sofrem as encarnações e reencarnações sucessivas, tanto materiais como fluídicas em suas diversas gradações, até que, tornada nula sobre eles a influência da matéria, tenham entrada na categoria dos Espíritos puros. Esse percurso, porém, aqueles Espíritos o executam sempre na qualidade de Espíritos, porquanto, seus estudos se fazem no espaço, no grande livro do universo.

Os que faliram, para chegarem à perfeição, também são obrigados a percorrer, na medida e na conformidade da elevação de cada um, todos os mundos que os Espíritos puros habitam, assim como os que servem de habitação aos encarnados, em todos os graus da escala espírita.

Com relação aos mundos que os encarnados habitam, bastam àqueles Espíritos os estudos humanos; o dos outros mundos eles o fazem no estado de erraticidade que se segue a cada encarnação. Cumpre-lhes nesse estado percorrer todas as camadas de ar e de globos que flutuam no espaço, aprendendo aqui, ali ensinando, elevando-se sempre às regiões superiores.

Jesus é um Espírito que, puro na fase da inocência e da ignorância, na da infância e da instrução, sempre dócil aos que tinham o encargo de o guiar e desenvolver, seguiu simples e gradualmente a diretriz que lhe era indicada para progredir; que, não tendo falido nunca, se conservou puro, atingiu a perfeição sideral e se tornou Espírito de pureza perfeita e imaculada.

Jesus, já o dissemos, é a maior essência espiritual depois de Deus, mas não é a única. É um Espírito do número desses aos quais, usando das expressões humanas, se poderia dizer que compõem a guarda de honra do Rei dos céus. Presidiu à formação do vosso planeta, investido por Deus na missão de o proteger e governar, e o governa do alto dos esplendores celestes como Espírito de pureza primitiva, perfeita e imaculada, que nunca faliu e infalível por se achar em relação direta com a divindade. É vosso e nosso Mestre, diretor da falange sagrada e inumerável dos Espíritos prepostos ao progresso da terra e da humanidade terrena e é quem vos há de levar à perfeição.

Podeis agora compreender o *sentido e o alcance destas palavras*: "A criação do primeiro homem é uma figura oriunda da necessidade de apropriar os ensinamentos à inteligência humana. A genealogia de Jesus,

Espírito de pureza perfeita e imaculada, remonta a Adão, figuradamente, do mesmo modo que a criação do corpo do homem, formado de limo, remonta a Deus. Acompanhai-lhe a genealogia espiritual e remontareis a Deus, criador imediato e único de tudo o que é puro e perfeito".

Tudo, repetimos, tem uma origem comum: tudo vem do infinitamente pequeno para o infinitamente grande, para Deus, ponto de partida e de reunião. Tudo provém de Deus e volta a Deus.

Observai como tudo se encadeia na imensa Natureza que o Senhor vos faz descortinar. Observai como em todos os reinos há espécies intermediárias, que ligam entre si todas as espécies, umas participando do mineral e do vegetal, da pedra e da planta; outras do vegetal e do animal, da planta e do animal; outras, enfim, do animal e do homem. São elos preciosos que tudo ligam, que tudo mantêm e pelos quais atravessa o Espírito no estado de formação. Passando sucessivamente por todos os reinos e por aquelas espécies intermediárias, o Espírito, mediante um desenvolvimento gradual e contínuo, ascende da condição de essência espiritual originária à de Espírito formado, à vida consciente, livre e responsável, à condição de homem. São elos preciosos que tudo ligam, que prendem as coisas umas às outras, a fim de que o homem possa mais facilmente compreender a *unidade* dessa criação tão grande, tão grande, que a inteligência humana é incapaz de apreendê-la e cujos mistérios se recusa a admitir, por não conseguir desvendá-los com seus olhos de toupeira.

Não falamos dos orgulhosos que esta revelação fará descer dos seus pedestais. Pois que! o rei da Criação, o homem, provindo de tal fonte, tendo tal origem!

Já a primeira baliza plantada no caminho provocou bastante mofa, inúmeras críticas. Obra incompleta, pontilharam-na inexatidões e verdades, para dar tempo a que a boa semente germinasse. É sempre ocasião de *queimar o joio*.

Que a chocarrice da ignorância, procurando assustar e perturbar aqueles a quem temos a missão de esclarecer, por ordem do Mestre, segundo a vontade de Deus, não diga que desse modo o homem leva ao matadouro o Espírito destinado a animar o corpo, de seu filho ou de seu pai.

Tempo longo, tempo cuja *duração sois incapazes de calcular*, demanda a essência espiritual no estado de inteligência relativa, no estado de animal, para adquirir, nesse reino, o desenvolvimento que lhe permita passar ao estado intermediário, que lhe permita, *em seguida*, atravessar as espécies que participam do animal e do homem. Depois de haver passado por todas essas espécies intermédias, ela permanece ainda longo tempo, *cuja duração não sois igualmente capazes de calcular*, na fase preparatória da sua entrada na humanidade, fase esta da qual, pela vontade do Senhor e *mediante uma transformação completa*, sai o Espírito formado, com inteligência independente, livre e responsável.

Nessa grande unidade de Criação e de todos os reinos da Natureza, tudo concorre para a vida e para a harmonia universais, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas, por meio de uma ação recíproca e solidária, do ponto de vista da conservação, da reprodução e da destruição. Tudo concorre para o desenvolvimento e para o progresso de todas as criaturas.

Tudo o que é, vive e morre, nos reinos mineral e vegetal, todos os seres que, no reino animal e no reino humano, vivem e morrem, desde o ser microscópico até o homem, tudo e todos têm um emprego, uma utilidade, uma função, que tendem e servem para o desenvolvimento de cada espécie, para a vida e a harmonia universais.

Essa multidão de microscópicos animálculos, que olhos carnis não logram ver, que só pela ação óptica do microscópio solar se tornam visíveis, que se encontram espalhados no ar, na água, nos líquidos e nos sólidos, concorrem para entreter e desenvolver a existência animal e a existência humana, como os que vivem na água concorrem para a existência da planta e os que se escondem na relva para a alimentação do carneiro ou do cabrito que pastam. Em tais organizações, porém, é completa a ausência do pensamento, que também não é o agente que leva o carneiro a se deixar degolar para servir de alimento ao homem. Entretanto, a faca que abre um escoadouro ao sangue do animal liberta a inteligência *relativa*, o Espírito em estado de formação, e lhe proporciona ensejo de ser utilizado em melhores condições. É pela passagem da essência espiritual, durante eternidades, por todos os reinos da natureza e pelas formas e espécies intermédias, mediante as quais eles se encadeiam, que o desenvolvimento se opera numa progressão contínua, que o pensamento surge e a existência moral começa.

Não concluais, porém, *do que fica dito* que devais, para auxiliar aquele desenvolvimento, destruir o que em torno de vós existe. Cairíeis num erro culposo. Cada um tem que viver, mas somente viver. Não destruais, portanto, senão o que for estritamente necessário à vossa existência. Ao mais só a sabedoria do Senhor deve prover.

Quando o homem perceber os laços que o prendem a tudo o que é na Criação, seu coração se abrandará e ele compreenderá a necessidade de usar sem abusar.

Tudo, tudo, na grande unidade da Criação, nasce, existe, vive, funciona, morre e renasce para a harmonia do Universo, sob a ação espírita universal que, à sua vez, se exerce, pela vontade de Deus e segundo as leis naturais e imutáveis que ele estabeleceu desde toda eternidade, mediante as aplicações e apropriações dessas leis.

Ficai sabendo bem: Nada há de espontâneo em a Natureza, por isso que tudo tem a sua origem *preparada*. Ao homem só é possível observar os efeitos que lhe ferem os sentidos. O que nasce instantaneamente, sem que ele previsse a possibilidade de semelhante nascimento, se lhe afigura uma criação espontânea, uma nova criação instantânea. A verdade é que já existiam os germens dessa criação. *Aos olhos dos homens*, o que há de espontâneo é só a matéria. A inteligência, ou antes o gérmen da inteligência que a tem de habitar é colocado na matéria, logo que esta o pode conter e a vida se manifesta, *as vistas humanas*, instantaneamente, de conformidade com o meio e os ambientes, debaixo da direção e da vigilância oculta dos Espíritos prepostos e de acordo com as leis naturais e gerais que o homem ainda não tem capacidade para compreender nem explicar.

Oh! homens, bem-amados nossos, cuja felicidade desejamos, não vos deixeis arrastar pelo orgulho, vosso inimigo encarnado que queremos destruir, "demônio" que vos subjuga. Não rejeiteis, sem exame, esta revelação da vossa origem infinita; não digais que ela vos rebaixa; reconhecei, ao contrário, que vos engrandece, permitindo-vos entrever a imensidade do vosso Criador.

Sim, vos, nos, todos. todos, *exceto aquele que foi e será desde e por toda a eternidade*, todos fomos, na nossa origem, essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em estado de formação; todos hemos passado por essas metamorfoses, por essas transfigurações e transformações da matéria, para chegarmos à condição de Espírito formado, de inteligência independente, capaz de raciocínio, com a consciência da sua vontade, das suas faculdades e de seus atos, por efeito do livre arbítrio; à condição de criatura independente, livre e responsável.

O que vos revelamos não é a metempsicose. O que pomos sob os vossos olhos é a lei natural, é a igualdade, perante Deus, de tudo o que existe, de tudo que vos pode ferir os sentidos.

Deus, pai uniformemente bondoso para todos os seus filhos, não tem preferências. Todas as criaturas são obra sua; nenhuma será deserdada.

Oh! compreendei bem tudo o que há de profundo e elevado nessa cadeia sem fim que liga todo o conjunto da natureza, que exalta o amor do homem, mostrando-lhe o amor infinito do seu Deus.

Não zombeis, oh! incrédulos e sofistas; não negueis, oh! filósofos sem filosofia! Estudai, homens, estudai!

Cheios de respeito e de amor para com o vosso Criador, de amor e de caridade para com o vosso próximo, para com todos os vossos irmãos, de amor para com todas as criaturas de Deus, armados do amor à ciência e do desejo de progredir, procurai, com o coração humilde e desinteressadamente, compreender e compreendereis; procurai ver e vereis.

Amparados pelos bons Espíritos a quem Deus confia o encargo de ajudar os que trabalham, compreendereis e vereis, porquanto nada há oculto que não venha a ser descoberto, nada ignorado que não venha a ser conhecido. Os estudos de um servirão ao outro (e servirão também a vós mesmos, pois que a reencarnação dá meio ao homem de retomar a obra incompleta ou inacabada), para progredir em ciência e em amor.

E quando a luz se houver feito para vós, então vos elevareis ao vosso Criador e, num esto de entusiasmo, direis: *Sede Bendito!*

Mateus, Marcos, Lucas e João Assistidos pelos Apóstolos.

N.57. Como é que, chegado ao período de preparação para entrar na humanidade, na espiritualidade consciente, o Espírito passa desse estado misto, que o separa do animal e o prepara para a vida espiritual, ao estado de Espírito formado, isto é, de individualidade inteligente, livre e responsável? E como é que, uma vez de posse do livre arbítrio, da consciência de suas faculdades, da sua vontade, da liberdade de seus atos, lhe sucede falir por orgulho ou inveja?

Depois de haver passado pela matéria animal, chegando a um certo grau de desenvolvimento, o Espírito, antes de entrar na vida *espiritual*, precisa permanecer num estado misto. Eis porque e como se opera essa estagnação, sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos.

Para entrar na vida ativa, consciente, independente e livre, o Espírito tem necessidade de se libertar inteiramente do contacto forçado em que esteve com a carne, de esquecer as suas relações com a matéria, de se depurar dessas relações. E nesse momento que se prepara a transformação do instinto em inteligência consciente.

Suficientemente desenvolvido no estado animal, o Espírito é, *de certo modo*, restituído ao todo universal, mas em condições especiais: é conduzido aos mundos *ad hoc*, às regiões preparativas, pois que lhe cumpre achar o meio onde se elaboram os princípios constitutivos do perispírito. Fraco raio de luz, ele se vê lançado numa massa de vapores que o envolvem por todos os lados. Aí perde a consciência do seu ser, porquanto a

influência da matéria tem que se anular *no período da estagnação*, e cai num estado a que chamaremos, para que nos possais compreender, letargia. Durante esse período, o perispírito, destinado a receber o *princípio espiritual*, se desenvolve, se constitui ao redor daquela centelha de verdadeira vida. Toma a princípio uma forma indistinta, depois se aperfeiçoa gradualmente como o gérmen no selo materno e passa por todas as fases do desenvolvimento. Quando o invólucro está pronto para contê-lo, o Espírito sai do torpor em que jazia e solta o seu primeiro brado de admiração. Nesse ponto, o perispírito é completamente fluídico, mesmo para nós. Tão pálida é a chama que ele encerra, a essência espiritual da vida, que os nossos sentidos, embora sutilíssimos, dificilmente a distinguem.

Esse o estado de infância espiritual.

É então que os altos Espíritos que presidem à educação dos que se encontram assim no estado de simplicidade, de ignorância, de inocência, os encaminham para as esferas fluídicas onde deverão ficar durante o seu desenvolvimento moral e intelectual até ao momento em que se achem no uso completo de suas faculdades e, portanto, em condições de escolher o caminho pelo qual enveredem.

Seguem-se as fases da infância: os guias protetores ensinam ao Espírito o que é o livre arbítrio que Deus lhe concede, explicam o uso que dele pode fazer e o concitam a se ter em guarda contra os escolhos com que venha a deparar. O reconhecimento e o amor devidos ao grande Ser constituem o objeto da primeira lição que o Espírito recebe.

Levam-no depois, gradualmente, ao estudo dos fluidos que o cercam, das esferas que descortina.

Conduzido por seus prudentes guias, passa às regiões onde se formam os mundos, a fim de lhes estudar os mistérios. Desce, enfim, às regiões inferiores, a fim de aprender a dirigir os princípios orgânicos de tudo o que é em qualquer dos reinos da Natureza. Daí vai a esferas mais elevadas, onde aprende a dirigir os fenômenos atmosféricos e geológicos que observais sem compreender. Assim é que, de estudo em estudo, de progresso em progresso, o Espírito adquire a ciência que, infinita, o aproximará do Mestre supremo.

Mas (já vos dissemos), quando o livre arbítrio atinge um desenvolvimento completo, os Espíritos fazem dele bom ou mau uso, *uns* logo no início da vida espiritual consciente, *outros* em ponto mais ou menos adiantado da carreira. Todos seguem seus caminhos entregues a si mesmos, como vós outros, isto é, não experimentando mais do que a influência amiga de seus guias, que eles vêem à volta de si como o adolescente vê os membros da sua família se gruparem ao seu redor para o preservarem dos perigos da vida. É o terrível aprendizado, que lhe cumpre fazer, do livre arbítrio.

Tudo é tão belo nas regiões superiores, o Espírito admira tão grandes coisas, que fica maravilhado, deslumbrado! As tendências *então* se desenvolvem. A ambição nobre de aprender, de subir, quase sempre se imiscui o orgulho, ou a inveja.

Nesse ponto, sente a influência paternal de Deus, cuja existência lhe é revelada, mas que ele não vê. Só o que é perfeito se pode aproximar da perfeição e o Espírito, independente e livre, está ainda ignorante e não experimentou por *si* mesmo o seu valor.

Os Espíritos no estado infantil (já o dissemos) são confiados a preceptores que trabalham para o desenvolvimento intelectual e moral de seus discípulos, dando-lhes ensinamentos e exemplos. É então (também já o dissemos) que as tendências se revelam. Os Espíritos ou trilham *laboriosamente* o caminho do progresso espiritual, trabalhando com ardor, dóceis aos seus guias, pelo seu próprio desenvolvimento,

crescendo em sabedoria, em pureza, em ciência, e chegam, sem haver falido, ao ponto onde nenhum véu mais lhes oculta a luz central; ou, ao contrário, confiantes em suas forças, desprezam os conselhos que lhes são dados e, inebriados pela visão dos esplendores que cercam os altos Espíritos, deixam que o orgulho ou a inveja os empolguem.

Já tendo grande poder sobre as regiões inferiores cujo governo aprendem a exercer, *no sentido de que*, sempre sob as vistas dos Espíritos prepostos à missão de educá-los e sob as do protetor especial do planeta de que se trate, aprendem a dirigir a revolução das estações, a regular a fertilidade do solo, a guiar os encarnados, influenciando-os ocultamente, muitos acreditam que só ao merecimento próprio devem o que podem e, desprezando todos os conselhos, caem. É a queda pelo orgulho.

Outros, por nem sempre compreenderem a ação poderosa de Deus, não admitem que haja uma hierarquia espiritual e acusam de injustiça aquele que os criou, porquanto é Deus quem cria, não o esqueçais. Esses os que caem pela inveja.

Até o ateísmo - por mais impossível que pareça - até o ateísmo não raro se manifesta naqueles pobres cegos colocados no centro mesmo da luz. É nunca, como aí, o ateísmo nasce tão diretamente do orgulho. Não vendo aquele de quem tudo emana, negam-lhe a existência e se consideram a base e a cúpula do edifício. Nesse caso, *sobretudo nesse caso*, mais severo é o castigo. É um dos casos de primitiva encarnação humana. Preciso se torna que os culpados sintam, no seu interesse, o peso da mão cuja existência não quiseram reconhecer.

Qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornando-se por isso Espíritos de trevas, são precipitados nos *tenebrosos lugares* da *encarnação humana*, conforme ao grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir.

Não vos equivoqueis quanto ao sentido das nossas palavras relativas à ação desses Espíritos em via de progresso, que ainda não faliram e que se grupam nas regiões inferiores para conduzir os encarnados, influenciando-os a título de guias, de amigos. Nos mundos inferiores, os encarnados têm seus anjos de guarda, que são Espíritos da categoria dos vossos, mais depurados, como dizeis, do que os seus protegidos e os quais também têm, por protetores e guias, outros Espíritos de ordem mais elevada. Tudo se liga e encadeia da base ao ápice, hierarquicamente, na unidade e na solidariedade.

N. 58. Haveis dito que os Espíritos destinados a ser humanizados, por terem errado muito gravemente, são lançados nas terras primitivas, virgens ainda do aparecimento do homem, do reino humano, mas **preparadas** e **prontas** para essas encarnações e que aí encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de corpos, nas condições de macho e fêmea, aptos para a procriação e para a reprodução. Quais as condições dessas substâncias humanas?

São corpos rudimentares. O homem aporta a essas terras no estado *de esboço*, como *tudo que se forma* nas terras *primitivas*. O macho e a fêmea não são nem desenvolvidos, nem fortes, nem inteligentes.

Mal se arrastando nos seus grosseiros invólucros, vivem, como os animais, do que encontram no solo e lhes convenha. As árvores e o terreno produzem abundantemente para a nutrição de cada espécie. Os animais carnívoros não os caçam. A providência do Senhor vela pela conservação de todos. Seus únicos instintos são os da alimentação e os da reprodução. As gerações se sucedem desenvolvendo-se. As formas se vão alongando e tornando aptas a prover às necessidades que se multiplicam. Mas, não é nossa tarefa traçar aqui a história da Criação.

O Espírito vai habitar corpos formados de substâncias contidas nas matérias constitutivas do planeta. Esses corpos não são aparelhados como os vossos, porém os elementos que os compõem se acham dispostos por maneira que o Espírito os possa usar e aperfeiçoar.

Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos. Podeis formar idéia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. São massa, quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes desliza, tendo os *membros*, por assim dizer, *em estado latente*.

Eis, oh! homem, a tua origem, o teu ponto de partida, quando o orgulho, a inveja, o ateísmo, surgindo mesmo no centro da luz, a indocilidade e a revolta te fizeram falir em condições que exigem a primitiva encarnação humana. Não desvies horrorizado o olhar, antes bendize do Senhor que te permite elevar os olhos para ele e entrever a imagem da perfeição nos Espíritos radiosos que o cercam.

Cabe aqui dar aos homens uma instrução séria, a fim de que não sejam levados a ver nessas encarnações primitivas, ou nas suas causas, uma feroz vingança da Divindade.

Deus não se vinga. Que necessidade teria de vingar-se? Apenas, a sua sábia providência coloca o Espírito orgulhoso, que se considera a força do Universo, em condições de reconhecer a sua fraqueza. Procedo como o pai de família que, depois de consentir que o filho presunçoso tente levantar o peso que o vira erguer, exercita a força do menino, proporcionando-lhe meios de a desenvolver pouco a pouco, a fim de aprender a usar dela.

Tais encarnações, por mais horríveis que possam parecer, são um benefício imenso feito ao Espírito. *Tendo falido*, convém que ele se submeta ao jugo dessa mesma matéria da qual se acreditava senhor, a fim de bem compreender a sua impotência e de adquirir, pelo exercício e pelo combate, a força, a destreza e sobretudo a experiência que lhe faltavam. Ora, aquilo que pune o Espírito é também o que o regenera. Sem essa terrível provação, ele ficaria vicioso e seu poder, se fosse mantido, se tornaria nocivo à harmonia universal, *o que é impossível*.

Assim, pois, só por uma paternal providência e *unicamente* no interesse do seu adiantamento meritório, o Espírito se vê condenado a sofrer encarnações que o *seu zelo*, o seu *arrepentimento* e a sua *docilidade* podem *abreviar* e *abrandar* ao infinito.

Dissemos acima: "*A providência do Senhor vela pela conservação de todos*". As espécies incapazes de se defenderem não são atacadas de modo positivo. Têm seus inimigos, mas entre seres tão fracos quanto elas e não entre os que as destruiriam *completamente*, achando-as sem defesa, nem meios de fugir.

Cada espécie busca a alimentação que lhe é apropriada, não procurando nunca a que seja estranha aos seus apetites.

O homem, no estado de encarnação primitiva e rudimentar, não tem que temer mais inimigos do que o tem a esponja, que só é vítima dos insetos que dela se nutrem, quando chegou o termo da sua duração material. Nem a carnívoros, nem a herbívoros, nem a nenhuma das espécies de peixes ou de pássaros serve ela de alimento.

Chegado, no seu desenvolvimento, ao período em que os carnívoros o atacam para devorá-lo, o homem já não se acha *mais* sem defesa e sem meios de fugir. (Dizemos os carnívoros e não os herbívoros, por isso que o *caçador* não persegue a *caça* que não tenha para ele atrativo).

Dissemos há pouco: "O homem, no estado de encarnação primitiva, não é mais do que massa, quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes desliza, tendo os *membros*, por assim dizer, *em estado latente*". Dissemos mais: "As gerações se sucedem desenvolvendo-se. As formas *se vão alongando* e tornando aptas a prover às necessidades que se multiplicam".

A matéria está sujeita a *um desenvolvimento regular*. Os Espíritos, se se elevam, transpõem os graus desse desenvolvimento, sem neles tocarem. Há *sempre* categorias de Espíritos *em correlação* com os *graus das encarnações*.

Desde o estado de encarnação primitiva até a forma humana, não há outra coisa senão *um tipo único* em gérmen, *a desenvolver-se*. Tipo *único mas que se modifica*, à medida que o seu desenvolvimento se opera, de conformidade com os meios em que se vai encontrando. Podeis *daí* tirar outras conclusões relativamente à elaboração do Espírito nos diversos reinos da Natureza. Efetivamente, o que se dá com a origem do tipo humano, que provém do limo diluído e fecundado, se verifica *também* com o princípio das *primeiras* plantas, dos *primeiros* animais.

São, em começo, simples vegetações microscópicas que se desenvolvem, crescem, se estendem por sobre ou sob o solo e produzem sementes que, transportadas a diversos pontos, sofrem as influências da terra que as recebe, das águas que as regam, dos calores que as fecundam, dos fluidos, enfim, que as envolvem. Surgem depois os tipos animais, que passam pelas mesmas transformações, seguem os mesmos desenvolvimentos, determinados pelas mesmas causas.

Preciso é agora compreendais como e porque chega o homem a ter a direção e a supremacia no planeta, não obstante ser o desenvolvimento material das espécies animais, no momento da encarnação humana primitiva, superior ao do Espírito humanizado, sob o ponto de vista do invólucro.

O homem, nessas condições, não é um atrasado, mas um retardatário. Sabeis que o que há, em tal caso, é uma retrogradação física. Nele a inteligência tem que *despertar*, ao passo que nos animais tem que *desenvolver*. Cumpre fique bem compreendido o seguinte: Ao fundar-se um novo planeta, o princípio de inteligência, o princípio espiritual que, em estado latente, ele encerra, tem que *se elaborar, desenvolver, individualizar e adquirir arbítrio*. O princípio espiritual tem, pois, de passar por uma série inumerável de transformações para chegar a esse ponto. O Espírito que encarna, ao contrário, volta à matéria para lhe sofrer a opressão, para se habituar a domá-la, para aprender a se dominar, podendo o princípio inteligente, que, então, já percorreu uma certa categoria de estádios, ascender rapidamente, *se o quiser*, da ínfima condição em que caiu às esferas elevadas que lhe compete atingir. Não se trata mais, aqui, de um progresso lento, insensível, mediante o qual, por assim dizer, se cria o ser espiritual. Trata-se de realizar um trabalho raciocinado, cujos primeiros princípios já foram executados e se cuida de aplicar.

Façamos uma comparação que permita apreender-se o que fica dito. O Espírito que *se prepara* nos diversos reinos inferiores (mineral, vegetal, animal) é como a criança cujo gérmen, fecundado no seio materno, se desenvolve, nasce, "se educa" e chega à *adolescência*. *Nesse ponto*, contrai uma enfermidade terrível, por efeito da qual, na convalescença, não se lembra sequer de uma letra dos seus primeiros estudos. Não mais sabe equilibrar nas pernas o corpo cambaleante e ir de um lugar a outro. Balbucia sons inarticulados e ininteligíveis. Estão mortos seus autores prediletos, seus talentos, suas recordações. Mas, pouco a pouco lhe volta a saúde. Solícita, a mãe extremosa lhe guia os passos, regulariza o falar, mostra nos livros as palavras que ele esquecera e o reconduz à trilha das ciências que estudara. A inteligência se lhe

desperta prontamente; de tudo se vai lembrando e tudo vai reconhecendo. Julga *aprender*, quando apenas gradualmente *recorda*. E tanto mais rápido são os progressos, quanto mais a saúde se avigora.

O mesmo sucede com o Espírito, com o Espírito *que faliu*. Seus progressos espirituais dependem dos cuidados que dispense à sua *saúde moral*. Esses cuidados lhe permitem avançar rapidamente no campo da reminiscência dos progressos feitos no passado, reminiscência que ele toma por um estudo novo, enquanto não galga a altura *donde* o passado pode, *sem inconveniente*, desenrolar-se-lhe aos olhos. Não lhe é dado fazer progressos *novos*, que, esses, *serão realmente* fruto de novos estudos, senão depois de atingir o ponto a *que já chegara, quando caiu nas trevas da encarnação humana*.

N. 59. Que é o que devemos pensar da opinião que se formula assim: "Do mesmo modo que, para o Espírito em estado de formação, a materialização nos reinos mineral e vegetal e nas espécies intermediárias e igualmente a encarnação no reino animal e nas espécies intermediárias é *uma necessidade* e não *um castigo resultante de falta cometida*, também, para o Espírito formado, que *já* tem inteligência independente, consciência de suas faculdades, consciência e liberdade de seus atos, livre arbítrio e que se encontra no estado de inocência e ignorância, a encarnação, *primeiro*, em terras primitivas, *depois*, nos mundos inferiores e superiores, até que haja atingido a perfeição, é uma **necessidade** e não um *castigo*"?

Não; a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa.

O Espírito não é *humanizado*, *também* já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana. Só então ele é preparado, como *igualmente* já o mostramos, para lhe sofrer as conseqüências.

Aquela opinião se fundamenta por esta maneira: "Segundo um sistema, que, à primeira vista, denota algo de especioso, os Espíritos não teriam sido criados para encarnar *materialmente*: a **encarnação humana** NÃO seria mais do que o resultado de uma falta. Tal sistema cai **pela simples consideração** de que, se nenhum Espírito houvesse falido, não haveria homens na Terra nem nos outros mundos. Ora, sendo a presença do homem necessária, como é, para a melhoria material dos mundos, visto que ele concorre, pela sua inteligência e pela sua atividade, para a execução da obra geral, claro está que o homem é um dos meios essenciais da Criação. Não **podendo** Deus **subordinar** o acabamento da sua obra à **queda eventual** de suas criaturas, a **menos que** contasse previamente com um **número suficiente de culpados** para alimentar os mundos criados e por criar, O BOM SENSO *repele* SEMELHANTE modo **de pensar**.

A última frase deve ser riscada. O bom senso, ao contrário, indica que a presciência de Deus lhe faculta saber que, no número dos que ele cria simples, ignorantes e falíveis, haverá sempre muitos que, pelo mau uso do livre arbítrio, sucumbirão às suas fraquezas, se deixarão arrastar pelo orgulho, que se origina da ignorância e tem por derivados a presunção, o egoísmo e a inveja.

Seria porventura mais sensato pensar que Deus, que se vos representa como o tipo supremo de toda perfeição, como a justiça do justo na eternidade, cria seres fracos *expressamente* para adquirirem a força sofrendo as dores das provações? que os cria inocentes *para* lhes ensinar a prática da inocência no assassinio, na indignidade e na multiplicidade dos vícios das encarnações humanas primitivas, vícios que se enraízam tanto nas criaturas, que milhares de séculos por sobre elas passam sem as polir; que a torrente impetuosa do tempo corre sem cessar por sobre esses pedregulhos toscos e ásperos sem conseguir alisar-lhes as superfícies? Sem

conseguir alisar-lhes as superfícies, sim, porquanto, ainda neste dia que para vós brilha, inúmeras baixezas afligem o gênero humano.

Se assim fora, poder-se-ia dizer que Deus concedera ao Espírito o livre arbítrio *sob a condição* de ficar este submetido a uma lei única - a do pecado. Por essa forma teria ele sujeitado a suplício igual (o da encarnação humana) tanto o Espírito que, no estado de inocência e ignorância, dócil a seus guias, segue o caminho que lhe é apontado para progredir, como o Espírito indócil, orgulhoso, presunçoso, invejoso e egoísta que, culpado e revoltado, faliu por usar mal do livre arbítrio.

Não, Deus é grande, justo, bom, paternal. Seus filhos nascem simples de coração - é ele quem o quis: têm a liberdade dos atos - é ele quem a concede: usam *quase sempre* mal dessa liberdade - é que, dando ao Espírito o uso do livre arbítrio, Deus dele se afasta, por assim dizer, a fim de o deixar entregue às suas próprias impressões. É então que o Espírito escolhe o rumo que prefere seguir. Então e só então sofre as conseqüências da escolha que faz. Tudo virá a seu tempo. É esta uma verdade que abrirá caminho, como já o abriram estas outras - a reencarnação e a anterioridade da alma. Uma geração semeia, a seguinte monda e a terceira colhe.

A presciência de Deus lhe faculta saber, desde e por toda a eternidade, pois que o presente, o passado e o futuro lhe estão patentes a todos os instantes, que nada faltou, nem faltará à vida e à harmonia universais: que houve, há e haverá sempre Espíritos culposos para alimentar as terras primitivas, o vosso e os outros mundos que ele criou, cria e criará, destinados a servirem de habitação aos Espíritos que faliram, estão falindo e hão de falir, os quais todos tiveram, têm e terão que expiar e progredir nesses mundos e que trabalhar pela melhoria material deles.

A presciência de Deus lhe faculta saber, desde e por toda a eternidade, que também houve e haverá sempre Espíritos que, puros no estado de inocência e de ignorância, dóceis aos seus guias, se conservarão puros no caminho do progresso, trilhando-o simples e gradualmente, conforme lhes é indicado; que sempre houve, há e haverá Espíritos como esses, que nunca hão de falir, para alimentar todos os mundos fluídicos que ele criou, cria e criará apropriados às inteligências dos que os devem habitar e nos quais essas inteligências têm que progredir em invólucros fluídicos.

Continuando, diz o autor *da opinião acima exposta*: "A encarnação humana é uma necessidade para o Espírito que, desempenhando missão providencial, trabalha pelo seu próprio adiantamento, por efeito da inteligência e da atividade que lhe cumpre empregar para prover à sua existência e ao seu bem-estar. Mas, a encarnação humana se torna um castigo, quando o Espírito, por não ter feito o que devia, se vê constrangido a recomeçar a tarefa e multiplica suas vidas corporais, penosas por culpa sua. Um estudante não chega a tomar o grau senão depois de haver passado pela fileira de todas as classes. Porventura o percorrer essas classes constitui para ele um castigo? Não; é uma necessidade. Se, porém, por preguiça, o estudante é obrigado a permanecer nelas o dobro do tempo, aí está o castigo. Poder dispensar-se de algumas, representa, ao contrário, bastante mérito. A verdade, pois, consiste em que a encarnação na Terra só é, para muitos dos que a habitam, um castigo, porque esses, podendo tê-lo evitado, duplicaram, triplicaram, quíçá centuplicaram, por culpa própria, o número de suas vidas terrenas, retardando deste jeito o momento de entrarem nos mundos melhores. Assim, **errôneo** é admitir-se, **em princípio**, a encarnação humana como um castigo."

Errôneo, ao contrário, é admitir-se que a encarnação humana seja *uma necessidade*, tanto *para* o Espírito que, investido do livre arbítrio no estado de inocência e de ignorância, jamais faliu, por não fazer dele mau uso; que, dócil aos seus guias, trilha o caminho que lhe eles indicam para progredir; *como para* aquele que, indócil, rebelde e revoltado, faliu por usar mal desse mesmo livre arbítrio.

Errôneo, ao contrário, é admitir-se que a encarnação humana não seja, *em princípio*, um castigo, por efeito de uma culpa que o tornou necessário.

Os que não formaram essa opinião errônea ainda não foram esclarecidos, ou não refletiram bastante sobre a natureza e o objeto dos mundos que os encarnados habitam, como planetas de expiações e de progresso; sobre a origem do Espírito e sobre as diversas fases por que ele passa no estado de formação. Sobretudo, ainda não refletiram acerca destas duas situações bem marcadas e que convém sejam perfeitamente distinguidas: - *a situação em que*, no estado de formação, o Espírito segue a sua marcha progressiva, contínua, até chegar à condição de Espírito formado, isto é, de inteligência independente, dotado de livre arbítrio, cômico da sua vontade, das suas faculdades, da sua liberdade e, por conseguinte, da responsabilidade de seus atos; - *e a situação em que*, como Espírito formado, ele se encontra num estado de inocência e de ignorância, podendo ou *usar* do livre arbítrio *no sentido* de trilhar constantemente o caminho que lhe é indicado para progredir, ou fazer mau uso dele, sob a influencia do orgulho, da presunção, da inveja, e tornar-se, conseguintemente, indócil, culposo, revoltado, podendo, *em suma*, falir ou não falir.

A encarnação é *uma necessidade* para o Espírito no estado de formação, é indispensável ao seu progresso, ao seu desenvolvimento, como meio de lhe proporcionar e ampliar progressivamente a consciência de ser, o que ele não logrará senão pelo contacto com a matéria. É a união desses dois princípios que dá lugar ao desenvolvimento intelectual.

A encarnação é *uma necessidade* até ao momento em que; alcançando um certo ponto de desenvolvimento intelectual, o Espírito está apto a receber o precioso dom, mas tão perigoso, do livre arbítrio. Já o explicamos (n. 56) e repetimos:

Um único é, originariamente, o ponto de partida para todos os Espíritos: - formação primitiva e rudimentar pela quinta-essência dos fluidos, substância tão sutil que dela, por nenhuma expressão, podem as vossas inteligências limitadas fazer idéia, quinta-essência que a vontade de Deus anima para lhe dar o *ser* e que constitui a essência espiritual (princípio de inteligência) destinada a tornar-se, por uma progressão contínua, Espírito, Espírito formado, isto é, inteligência independente, dotada de livre arbítrio, consciente de sua vontade, de suas faculdades e de seus atos.

Segue-se a encarnação, ou melhor, a co-materialização dessa essência espiritual mediante a sua união íntima com a matéria inerte, *primeiramente* no reino mineral e nas espécies intermediárias que participam do mineral e do vegetal, *depois* no reino vegetal e nas espécies intermediárias que participam do vegetal e do animal. *Desse modo*, numa contínua marcha progressiva, se opera o seu desenvolvimento, que a prepara e conduz às raias da consciência da vida.

Em seguida vem a encarnação no reino animal, *depois* nas espécies intermediárias que, do ponto de vista do invólucro material, participam do animal e do homem, adquirindo assim aquela essência (Espírito em estado de formação), sempre em progressão contínua, a consciência da vida ativa exterior, da vida de relação. o desenvolvimento intelectual que a levará aos limites do período preparatório que precede o recebimento do livre arbítrio, da vida moral, independente e responsável, característica do *livre pensador*.

Chegados, quanto a desenvolvimento intelectual, ao ponto em que recebem o dom precioso e perigoso do livre arbítrio, os Espíritos, iguais sempre, todos no estado de inocência e de ignorância, se revestem do perispírito que recobre a inteligência independente. Essa operação de revestir o perispírito, que, do vosso ponto de vista material, se deveria chamar *envoltório*, constitui então, para todos, uma encarnação fluídica.

Todos, puros nessa fase de inocência e de ignorância, igualmente submetidos a Espíritos encarregados de os guiar e desenvolver, têm a liberdade de seus atos e podem, no estado fluídico, progredir, indo desse período de infância e de instrução à perfeição, mediante contínuos e sucessivos progressos. É o caso do estudante que, constantemente dócil e atento à voz, aos conselhos e lições dos mestres, passa pela feira de todas as classes e chega a tomar o grau.

Eles podem, todavia, cometer uma falta e *dessa forma* provocar e receber o castigo, a punição a que faz jus o culpado, mas só o culpado. Dá-se então o que sucede com o estudante que, insubmisso, culposo e revoltado, provoca, pela sua própria falta, e recebe a punição, o castigo de ser expulso e ir, noutra estabelecimento, noutra meio e em outras condições, percorrer a feira de todas as classes para chegar sempre a tomar o grau.

A muitos Espíritos acontece falir (já o *dissemos*). porque quase todos fazem mau uso do livre arbítrio. Alguns, porém, dóceis aos incumbidos de os guiar e desenvolver, seguem simples e gradualmente pelo caminho que lhes é indicado para progredirem.

Os primeiros sofrem uma punição, um castigo *que teriam podido evitar*. É para experimentarem as conseqüências da falta cometida, que, como já explicamos, uma vez preparados a ser *humanizados*, eles caem na encarnação humana, conforme ao grau de culpabilidade e nas condições apropriadas às exigências da expiação e do progresso, *ou* em terras primitivas, *ou* em mundos já habitados por Espíritos que faliram anteriormente.

A encarnação humana, *em princípio*, é apenas conseqüente à primeira falta, àquela que deu causa à queda. A reencarnação é a pena da reincidência, da recaída, pois que todas as vossas existências são solidárias entre si. O Espírito reencarnado traz consigo a pena secreta em que incorreu na sua encarnação precedente.

Os Espíritos que, dóceis a seus guias, não se transviam, continuam a progredir no estado fluídico.

Os que faliram e os que se mantiveram puros trabalham, uns e outros, com a sua atividade e com a sua inteligência, pelo seu próprio adiantamento, desempenhando missão providencial na grande unidade da criação, onde, para todos os Espíritos, tudo é reciprocidade e solidariedade, tendo por fim a elevação de todos a Deus, segundo as leis gerais do progresso e mediante a sabedoria, a ciência e o amor.

Desenvolvendo, como encarnados, atividade e inteligência, os que não faliram não cuidam somente de prover às necessidades da vida e do bem-estar; concorrem para a melhoria dos mundos que lhes servem de habitação. Isso constitui o lado material da tarefa. Trabalham também pelo seu próprio adiantamento moral e intelectual e pelo desenvolvimento intelectual e moral das humanidades que povoam esses mundos.

À encarnação material, castigo necessário à expiação e ao progresso, sucedem as encarnações cada vez menos materiais, em mundos cada vez mais elevados (porquanto a matéria acompanha os progressos espirituais) e que se tornam cada vez mais fluídicos, desde que o Espírito, eximido de todo contacto com a carne, graças à elevação alcançada, reingressa nas regiões superiores, percorrendo as camadas de ar

e de mundos, aprendendo aqui, ensinando ali.

Os que se conservam puros também desenvolvem atividades e inteligência, a fim de progredirem, no estado fluídico, por meio dos esforços espirituais que necessitam fazer para, da fase de inocência e de ignorância, de infância e de instrução, chegarem, sem falir, à perfeição! O trabalho é grande, incessante e penoso debaixo do invólucro que constitui o perispírito, invólucro que, para o Espírito, é, conforme já o dissemos, matéria e que, notai-o bem, servindo-lhe de instrumento e meio de progresso, igualmente pode ser, a toda hora, como já foi para o que faliu, instrumento e meio de queda e talvez de recaídas, sendo sempre, porém, instrumento e meio de progresso, no curso das encarnações humanas.

Ao mesmo tempo desenvolvem, na medida da elevação alcançada, inteligência e atividade em prol da vida e harmonia universais, estudando e trabalhando, sempre como Espíritos, nos mundos que servem de habitação a seus irmãos encarnados por terem falido e nas esferas onde se encontram Espíritos no estado de erraticidade; em suma, no espaço todo.

Os mundos se multiplicam ao infinito. A multiplicidade e a multiplicação deles vos deslumbrariam. Dentro do quadro acanhado da vossa inteligência não há os que vos possibilite compreender-lhes a extensão numérica. Ainda mais numerosos, todavia, são os Espíritos.

Estes, quer tenham falido, quer não, chegando a um certo grau de desenvolvimento moral e intelectual, são atraídos para o estudo dos mundos, de seus princípios, de suas organizações e se entregam a esses estudos dirigidos por Espíritos de pureza perfeita. Sob essa direção, eles trabalham na constituição de planetas, os desenvolvem e impelem, de esferas em esferas, para as regiões que lhes são próprias. Esse o momento em que muitos se transviam, dominados

pelo orgulho, que os leva a desconhecer a mão diretora do Senhor, ou a duvidar do seu poder, duvidando de suas próprias forças. Soa então a hora da encarnação humana correspondente ao delito. Em tal caso, o planeta, que não pode ficar sujeito a perecer por lhe faltar o primitivo obreiro, continua sua marcha progressiva sob os cuidados e a ação de um Espírito superior que vem substituir aquele que faliu.

Aludindo à formação dos planetas, acabamos de falar em Espíritos que alcançaram certo grau de ciência. Antes, porém, de lá chegarem, quantos se precipitam do éter na matéria imunda! quantos se desviam do caminho ao entrarem nele! a quantos falece a coragem para ao menos tentarem os esforços necessários, ou para perseverarem nesses esforços, uma vez tentados!

Mas, não percais de vista que todos os Espíritos, tanto os que faliram como os que não faliram, isto é, como os que, dóceis a seus guias, atingem a perfeição; que todos, iguais na origem, no ponto de partida, iguais vêm a ser no ponto de chegada, por isso que igual é em todos a pureza, desde que se tornaram Espíritos puros, seguindo embora caminhos diversos, diversidade essa de caminhos proveniente da circunstância de ter sido dado a cada um segundo as suas obras.

N.60. Quais o sentido e o alcance destas palavras que haveis ditado mediunicamente, falando de Maria e de José quando encarnaram em missão: "Maria, Espírito perfeito; José, Espírito perfeito, porém, menos elevado que Maria; ambos inferiores a Jesus"?

Quais, na perfeição, a causa e o motivo da inferioridade de uns com relação a outros?

Só Deus é perfeito de toda a eternidade, só ele tem a perfeição absoluta: o amor universal infinito, a ciência universal infinita. Só Deus pode dizer: "Não irei mais longe", porquanto desde toda eternidade está no supremo limite. Ele é o único que, tendo sempre sido, tendo sempre sabido, nada tem que aprender.

O Espírito criado jamais o pode igualar. Ora, como tudo, no Universo, na imensidade, no infinito, tende sempre a progredir, o Espírito, não podendo nunca, por mais adiantado que seja intelectualmente, igualar-se a Deus, tem que aprender sempre, através das eternidades e por toda a eternidade.

Para o Espírito, portanto, qualquer que ele seja, o progresso intelectual é indefinido, restando-lhe sempre aquisições a fazer em ciência universal, sem que haja limite algum para esse constante progredir.

A perfeição moral, como a intelectual, é relativa. Um Espírito pode ser moral e intelectualmente perfeito com relação a todos os mundos inferiores ao que ele habita. Pode ser muito elevado relativamente a vós outros, na hierarquia espírita; perfeito, moral e intelectualmente, com relação ao vosso planeta, e não ter chegado ainda ao ponto culminante da perfeição, cumprindo-lhe, para atingi-lo, progredir muito em ciência universal. São esses os Espíritos que indicais pela designação de - Espíritos superiores.

Perfeito, relativamente a vós e ao vosso planeta, é o Espírito que se tornou senhor das paixões e delas soube libertar-se; que se despojou de toda impureza de pensamento e, por conseguinte, de ação; que vive animado do mais ardente e devotado amor a todas as criaturas do Senhor, penetrado do sentimento profundo de respeito e de adoração para com o seu Criador; que alcançou o apogeu do amor e do devotamento, mas não da ciência.

O ponto culminante da perfeição é a perfeição sideral, isto é, a perfeição moral e intelectual relativamente aos mundos superiores e inferiores, materiais ou fluídicos, habitados por Espíritos que faliram, ou por Espíritos que não faliram, até chegarem aos mundos fluídicos puros, onde a essência do perispírito já está completamente purificada, do que resulta não se achar mais o Espírito sujeito a encarnação em planeta algum, nula sendo sobre ele a influência da matéria.

A perfeição sideral só o Espírito puro a possui. Não possui, porém, o saber sem limites, do qual só Deus dispõe. Nem mesmo os Espíritos que mais aproximados dele estão pela ciência desfrutam desse saber sem limites, porquanto nenhum Espírito criado, repetimo-lo, pode jamais igualar a Deus.

Aquele que conquistou a infalibilidade moral não é infalível intelectualmente, senão de modo relativo e por efeito da assistência de que goza, quando lhe falta alguma coisa da ciência para o desempenho de uma missão qualquer. Perfeito moralmente, com relação a todos os Espíritos, sejam quais forem, ele é sempre, porque Deus assim o quer, assistido e sustentado pelos que lhe estão superiores em ciência.

A hierarquia, que, no tocante à ciência, existe entre os Espíritos puros, não passa, dentro da igualdade resultante da pureza que lhes é comum, de um princípio de assistência que se origina de Deus, única fonte donde dimanam e à qual remontam todo mérito e todo poder.

Sabei-o bem: o Espírito puro, embora muito tenha que fazer ainda para ganhar os extremos limites da ciência universal no infinito, é sempre, moral e intelectualmente, perfeito com relação a todos os planetas de que se acerque.

Os Espíritos puros são os intermediários entre a essência eterna de vida, a inteligência suprema, criador incriado, causa primária onisciente e onipotente – Deus - e os Espíritos superiores, ministros das vontades divinas, os quais, segundo a escala hierárquica, por intermédio dos bons Espíritos, as fazem chegar até vós. Eles trabalham, desempenhando a função que o Senhor lhes assinou, concernente ao progresso universal, na preparação, no desenvolvimento, na direção, no funcionamento, na realização da vida e da harmonia universais, segundo as leis naturais e imutáveis estabelecidas desde toda a eternidade, na imensidade, no infinito, em todos os mundos, quer se trate dos que são habitados pelos que faliram, quer dos que servem de habitação aos que, sem falir, seguem a via de progresso que lhes é indicada.

Cada mundo, qualquer que ele seja, tem por protetor e governador um Espírito, um Cristo de Deus, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, infalível, que nunca faliu, que, tendo-lhe presidido à formação, se acha encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, assim como dos de todos os Espíritos que o habitam, a fim de os conduzir à perfeição.

As missões desses Cristos de Deus são relativas, conforme ao grau e ao desenvolvimento do planeta. Às terras ingratas, quais a vossa, eles pregam o amor; aos mundos mais elevados levam as grandes descobertas, as ciências e as artes, desempenhando, em todos, as funções de alavanca para soerguer os instintos adormecidos, sempre de acordo com as capacidades e as necessidades do planeta, cuja direção lhes cabe.

Quaisquer que sejam a inferioridade ou a superioridade dos mundos confiados ao seu governo, é sempre com o máximo zelo que desempenham as missões que lhes tocaram, seja em Marte, seja na Terra, em Vênus, ou em Júpiter.

Os Espíritos que, depois de terem falido, atingiram, purificando-se, a perfeição sideral e se tornaram assim Espíritos puros, olham sempre com uma espécie de respeito e de amor para os que souberam manter-se sem falir e galgar aquela perfeição, conservando-se constantemente puros na via do progresso.

Não acrediteis, porém, que haja uma linha de demarcação entre os que faliram e os que se mantiveram puros, não. Entre eles há a completa igualdade de pureza, de devotamento e de amor. Deixai aos homens do vosso planeta a hierarquia das posições e a desigualdade das condições sociais. Para Deus é igual tudo que é igualmente puro.

Dissemos acima que os Espíritos protetores e governadores de planetas eram infalíveis e nunca faliram. São infalíveis por estarem em relação direta com Deus, recebendo dele as inspirações e as vontades. Nunca faliram: são, portanto, superiores, em ciência universal, aos que, depois de terem falido, se tornaram Espíritos puros.

Não vislumbreis aí nenhum pensamento ou ato de parcialidade. Deus, todo justiça, é incapaz de parcialidade. A hierarquia, como sabeis, se estabelece entre os Espíritos em consequência da elevação e do progresso deles. Deveis compreender que o Espírito que, desde a sua origem, progrediu sem se afastar nunca do caminho que lhe é traçado, está sempre mais adiantado em ciência universal do que outro que se purificou depois de haver falido. Ora, naturalmente aos mais adiantados devem tocar as missões mais importantes no Universo.

Maria e José, dissemos atrás, eram ambos Espíritos perfeitos quando encarnaram em missão. Mantemos aqui essa afirmação e a explicamos: ambos eram perfeitos relativamente a vós, por isso que possuíam a perfeição moral e intelectual relativamente ao vosso planeta. Não o eram, porém, com relação aos mundos superiores que os dois já haviam habitado. Eram Espíritos superiores, muito elevados na hierarquia espírita, com relação a vós outros, mas não tinham ainda ascendido ao ponto culminante da perfeição, à perfeição sideral. Eram Espíritos bons e devotados, mas que ainda precisavam progredir muito em ciência universal, para chegarem àquela perfeição.

Nenhum dos dois pertencia ao número dos que se conservaram sempre puros. Ambos eram Espíritos purificados.

Maria sofrera uma encarnação semimaterial num planeta elevado. Encarnação semimaterial dizemos, porque o corpo era fluídico, participava, por esse lado, da natureza do perispírito.

A natureza desses corpos fluídicos nos mundos superiores não vos será mais compreensível do que a do perispírito, enquanto não estiverdes em estado de conhecer a natureza dos fluidos que os compõem.

O perispírito pode, com propriedade, ser qualificado de semimaterial, em razão de que, de si mesmo fluídico, pode materializar-se à vontade. É com relação à vossa matéria, o que é o vapor com relação à água: matéria tênue, porém matéria, capaz de, em dada ocasião, tomar a aparência de compacta. Não lograreis, repetimos, compreender a natureza dessa parte do vosso ser, senão quando a vossa inteligência se houver desenvolvido bastante para sondar as profundezas do éter que vos cerca.

Para vos inteirardes das qualidades do ar que vos envolve, o decomposestes, medistes, pesastes. O ar estava ao vosso alcance; contudo, quanto tempo vos foi preciso para chegardes a conhecê-lo!

Para compreenderdes os fluidos que se encontram espalhados pelo espaço e que, por assim dizer, o compõem, necessário é que estejais em estado de vos elevar às regiões onde esses fluidos se despojem das partes heterogêneas, é necessário que o aeróstato alcance o máximo grau de aperfeiçoamento e ele está ainda na primeira infância. Que de tentativas infrutíferas para o conseguirdes! e quantas se hão de seguir a essas!

Entretanto, o homem tem que ser senhor do ar, como o é do solo e do mar. Somente então poderá compreender, pois que poderá estudar.

Por enquanto, não vedes mais do que as dificuldades da direção e da respiração. Elas, porém, serão vencidas.

O homem, para alçar-se às regiões elevadas, precisará saber premunir-se contra a falta de ar respirável e contra as correntes pestilenciais para a vossa humanidade.

São dificuldades bem grandes, mas a inteligência foi dada ao homem para que ele a exercite. O horizonte se distende a seus olhos para o incitar constantemente a avançar. Que, pois, avance sem temor. Os estudos de um, repetimos, servirão a outro e mais tarde servirão mesmo ao primeiro. Armado de amor à ciência, do desejo de progredir, sustentado pelos bons Espíritos - porquanto Deus quer que vos ajudemos, mas que trabalheis - o homem chegará um dia ao fastígio dos conhecimentos relativos à sua matéria. Então, essa matéria que o envolve se modificará por sua vez, a fim de se prestar às novas necessidades humanas e ele, de estudo em estudo, de progresso em progresso, atingirá as venturosas mansões onde se encontrará na posse de toda a ciência referente ao vosso planeta e ao turbilhão que o vosso sol ilumina.

Se quiserdes, para imaginardes o que possam ser os corpos fluídicos nos planetas elevados, uma comparação com a matéria que, sob as vossas vistas, muda de natureza, se bem sejam falhas todas as comparações entre coisas do vosso mundo e as dos mundos elevado, compararemos o corpo humano na terra à água, que vedes compacta, e o corpo igualmente humano de alguns outros planetas ao vapor. Como no primeiro caso, neste também o que temos diante dos olhos é água, mas num estado que lhe permite elevar-se no ar, confundir-se com a nuvem, em vez de se conservar pesada sobre um suporte qualquer.

Nas encarnações que se sucedem às vossas, o corpo perde pouco a pouco a densidade e se torna cada vez mais aeriforme. Deixa de ter os pés chumbados ao solo e se mantém em equilíbrio, qualquer que seja a sua posição. Cerca as regiões que esses diversos planetas ocupam uma atmosfera adequada às necessidades da natureza, e, assim como a água do mar sustenta mais facilmente do que outra o corpo que se lhe confia, do mesmo modo o ar dessas regiões tem um peso superior ao dos corpos dos mortais que as habitam.

A queda de Maria foi muito leve, mesmo tendo-se em vista a elevação que, sem falir, ela havia alcançado, tão leve que não seríeis capazes de vislumbrar no ato que a determinou qualquer indício de falta, ainda que levíssima.

Maria encarnou numa dessas terras benditas por que tanto anseais. Para vós, pobres criaturas miseráveis, tal encarnação seria invejável recompensa, que tudo deveis fazer por obter. Para Maria foi uma punição, pois que a privou de um estado mais belo.

Sirvamo-nos ainda de uma comparação humana. Um homem, que viveu na mais abjeta miséria, recebe certo dia uma herança e passa a ter uma renda que lhe proporciona existência razoavelmente venturosa. É, para ele, o cúmulo da felicidade. Um outro, ao contrário, que se embalou em berço de ouro, que teve satisfeitos todos os caprichos, que não manifestava um desejo que não fosse atendido, vê de súbito desmoronar-se o alto pedestal sobre o qual acreditava que se manteria sempre, comprometida e perdida uma parte da sua fortuna. Não é um desgraçado? Certamente, pois que cometeu uma falta e sabe que o que perdeu foi por efeito dessa falta. Impossível é, repetimos, qualquer comparação entre coisas terrestres e coisas celestes. Atentai, portanto, no sentido e não na letra do que acabamos de dizer.

Maria, purificada por essa encarnação, retomou, sem mais falir, o caminho simples e reto do progresso e ainda o trilha, pois que ainda não chegou ao cume, isto é, à perfeição sideral. Conquanto, porém, não se ache ainda na categoria dos Espíritos puros, suas atuais encarnações (empregamos este termo material para que possais compreender o seu estado perispirítico) tão acima estão das vossas inteligências, que não podeis fazer idéia do que sejam.

José, cuja falta fora mais grave, teve a princípio muitas encarnações na Terra. Mas, quando encarnou para auxiliar a Jesus no desempenho da sua missão terrena, já se havia purificado mediante sucessivas encarnações em mundos cada vez mais elevados. Grande é presentemente a sua elevação. É hoje um espírito superior, porém, menos elevado, em ciência, do que Maria.

Ambos, Maria e José, são espíritos inferiores, muito inferiores a Jesus.

Perfeitos, moral e intelectualmente, com relação a vós e ao vosso planeta, muito lhes resta por progredir em ciência universal, já o dissemos, para chegarem à perfeição sideral. Mesmo quando, por haverem-na alcançado, forem Espíritos puros, terão sempre que progredir, nessa direção, visto que o Espírito, seja ele qual for, jamais atingirá o limite extremo da ciência. Tudo em a natureza universal progredirá sempre. Isto, porém, está muito acima das vossas inteligências limitadas para poderdes compreendê-lo.

O próprio Jesus, cuja pureza perfeita e imaculada se perde na noite das eternidades, que é a maior essência espiritual depois de Deus, sem ser a única; cujo saber é tão vasto que dele não podem formar idéia as vossas acanhadas inteligências, tão vasto que nem as inteligências dos Espíritos superiores lhe podem apreciar a extensão; cujo saber é tal que uma inumerável multidão de Espíritos puros o admiram e trabalham por adquiri-lo através das eternidades; o próprio Jesus, quando desceu à Terra, embora já fosse um tipo de amor e de ciência, estudava e ainda estuda. Estudava e estuda, por isso que o progresso é o objetivo único do espírito. Só Deus, repetimos, pode dizer: Não irei mais longe, porque só ele atingiu, desde toda a eternidade, o supremo limite.

Não há que deduzir daí que Jesus tenha tido naquela época ou possa ter que suportar quaisquer provas, não. Ele até então nunca falira, não faliu jamais e é infalível por estar em relação constante e direta com Deus, dada a sua pureza perfeita, que lhe permite aproximar-se do centro de toda a pureza. Era e é o verbo de Deus junto aos homens, qualificado de Deus, relativamente a vós outros, no sentido de que era e é, por e para o seu e vosso Deus, por e para o seu e vosso Pai, Mestre vosso; era e é, para nos servirmos de uma expressão humana, seu vice-rei e vosso rei, como Espírito protetor e governador do vosso planeta.

Tinha e tem o amor do progresso e trabalha sem cessar por adquirir novos conhecimentos no livro do infinito. Só Deus nada tem que aprender. Espírito puro, que nunca falira e já era infalível quando o vosso planeta lhe foi confiado, Jesus progrediu em ciência fazendo-o progredir e sua marcha ascendente tem estado em correspondência com a vossa. É que Deus dá saber ao Espírito por mais adiantado que seja, na proporção e em recompensa dos progressos que o seu amor e o seu devotamento produzem. O progresso pessoal de um Espírito corresponde aos progressos que, graças a ele, seus irmãos realizem.

O amor e o devotamento de Jesus tornaram e tornam cada vez mais ardentes os seus esforços para vos conduzir ao ponto a que deveis chegar: a perfeição, que alcançareis quando o vosso mundo, que, na fase de sua formação, saiu do estado de incandescência dos fluidos impuros e chegou progressivamente, passando pelas fases sucessivas das revoluções planetárias, ao período material, chegar ao estado fluídico puro, depois de haver passado, atravessando as fases de outras revoluções, do estado material a novos estados cada vez menos materiais e em seguida fluídicos.

Então, o próprio Jesus, que já era Espírito de pureza perfeita e imaculada na época em que presidiu à formação do vosso planeta, terá subido em ciência, muito para cima do ponto em que se encontrava por ocasião da sua descida à Terra, há dezoito séculos.

Tudo o que foi, é e será, em todos os reinos da natureza, no vosso planeta, seguiu, segue e seguirá marcha contínua no caminho do progresso físico, moral e intelectual, sob a ação espírita, segundo as leis naturais e imutáveis promulgadas por Deus desde toda a eternidade.

Mas, ao completar-se essa grande obra da purificação da Terra e da sua humanidade, nos tempos predeterminados para a regeneração, quando soar a hora em que ela não mais deva ser senão morada de bons Espíritos – o joio será separado do trigo: os Espíritos que se mostrarem obstinadamente culpados e rebeldes serão afastados e relegados para planetas inferiores, onde, durante séculos, terão que expiar a obstinação no mal, a voluntária cegueira.

Maria e José, como todos nós, continuam a auxiliar a Jesus na sua missão, ajudando-vos, debaixo da sua direção, a cumprir os vossos destinos.

Deveis agora compreendê-lo: quando estiverdes prestes a alcançar a perfeição, os Espíritos que compuseram o grupo de coadjuvantes de Jesus no desempenho da sua missão terrena terão atingido a perfeição sideral, se acharão colocados entre os Espíritos puros.

MATEUS. Cap. IV, v. 1-11.

MARCOS, Cap. I, v. 12-13.

LUCAS, Cap. IV, v. 1-13

Jejum e tentação de Jesus

MATEUS: V.1. Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. 2. Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. - 3. Aproximando-se então dele, o tentador lhe disse: Se és filho de Deus, ordena a estas pedras que se tornem pães. - 4. Jesus lhe respondeu: Escrito está: Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. - 5. O diabo o transportou à cidade santa e, colocando-o no pináculo do templo, - 6, disse-lhe: Se és filho de Deus, lança-te daqui a baixo, pois está escrito que ele ordenou a seus anjos tenham cuidado contigo e te sustentem com suas mãos, para que não firas os pés nalguma pedra. - 7. Jesus respondeu: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. - 8. O diabo o transportou ainda para um monte muito alto, donde lhe mostrou todos os reinos do mundo e a glória que os acompanha. - 9. e lhe disse: Dar-te-ei todas estas coisas se, prosternando-te diante de mim, me adorares. - 10. Disse-lhe em resposta Jesus: Retira-te, satanás pois está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus e só a ele servirás. - 11. Deixou-o então o diabo, cercaram-no os anjos e o serviram.

MARCOS: V. 12. E logo o espírito o impeliu para o deserto; - 13, onde passou quarenta dias e quarenta noites, sendo tentado por satanás. Habitava com as feras e os anjos o serviam.

LUCAS: V. 1. Cheio de um Espírito Santo, Jesus se afastou do Jordão e foi, pelo espírito, impelido para o deserto. - 2. Aí permaneceu quarenta dias e foi tentado pelo diabo; nada comeu durante esses dias e, passados eles, teve fome. - 3. Disse-lhe então o diabo: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem pão. - 4. Jesus lhe respondeu: Está escrito: O homem não vive somente de pão, mas de toda palavra de Deus. - 5. O diabo o transportou para um alto monte e lhe mostrou, num instante, todos os reinos da Terra, - 6, dizendo-lhe: Dar-te-ei todo esse poder e a glória destes reinos, porquanto eles me foram dados e eu os dou a quem quero. - 7. Se, pois, anuíres em me adorar, todas estas coisas te pertencerão. - 8. Jesus lhe respondeu: Está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus e só a ele servirás. - 9. O diabo ainda o transportou a Jerusalém e, colocando-o no pináculo do templo, disse: Se és Filho de Deus, lança-te daqui a baixo; - 10, pois está escrito haver ele ordenado a seus anjos que tenham cuidado contigo, que te guardem. -- 11, e te amparem com suas mãos, para que não firas o pé nalguma pedra. - 12. Jesus lhe respondeu: Está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. - 13. Acabada a tentação, o diabo se afastou dele *por algum tempo*.

N.61. *Satanás. o diabo, o demônio* - são nomes alegóricos pelos quais se designa o conjunto dos maus espíritos empenhados na perda do homem.

Satanás não era um espírito especial, mas a síntese dos piores Espíritos que, purificados agora na sua maioria, perseguiram os homens, desviando-os do caminho do Senhor.

Satanás ainda existe, porquanto maus Espíritos ainda perseguem os homens e os afastam daquele caminho.

Mas, todos se hão de purificar com o tempo, por meio de uma série de provações e expiações em encarnações sucessivas, precedida cada uma, no espaço, na erraticidade, dos sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes ou faltas cometidos.

Tais são, para o espírito culpado, tanto encarnado como errante, o inferno, o purgatório, a expiação, a reparação, o progresso.

A reencarnação é a escada santa que todos os homens têm que subir. Constituem-lhe os degraus as fases das diversas existências nos mundos inferiores, depois nos mundos superiores, porquanto disse Deus ao seu enviado celeste, nosso e vosso Mestre, que, para chegar a ele, teria o homem que nascer, morrer e renascer até atingir os limites da perfeição. E nenhum lá chegará sem se purificar pela reencarnação. Homens, é em vão que debateis entre as possantes garras do progresso. Ele se opera todos os dias, lentamente, é certo, mas se opera. O Espiritismo, auxiliando a reencarnação, o ativará e lhe dará sublime impulso.

O jejum e a tentação de Jesus são igualmente *uma figura* e, como daqui a pouco vos explicaremos, só foram considerados reais *pelos homens* em consequência dos comentários que, finda a missão terrena do Cristo, os apóstolos e os discípulos bordaram em torno do discurso que ele, doutrinando, proferira acerca das tentações a que está sujeita a humanidade, das ciladas que lhe armam os espíritos do mal, da perseverança e da fé com que se lhes deve resistir. Esses comentários, sob a influência dos preconceitos do tempo e das tradições hebraicas, criaram a opinião de que aquele discurso, dadas as circunstâncias em que fora pronunciado, resumia o que se passara com o próprio Cristo.

Daí o tratarem os Evangelistas Mateus e Lucas de um jejum e de uma tentação, a que supunham estivera submetido Jesus, como se falassem de fatos materiais, reais, ocorridos pessoalmente com o Mestre.

Tais fatos, porém, tidos como reais, como materialmente produzidos *do ponto de vista das autoridades religiosas*, são um emblema.

Como pode ter acudido ao espírito do homem a idéia de rebaixar por tal forma aquele que o próprio homem considerara uma fração de Deus, uma parte, conseguintemente, do grande todo que governa o Universo, opinião que, aliás, se enquadra *sufrivelmente* nas idéias panteístas?

Como puderam rebaixar essa fração da divindade ao ponto de pô-la em contacto com o demônio, com o maldito expulso do céu por Deus, sem se lembrarem de que, assim, era o próprio Deus quem, por uma fração de si mesmo, descia à condição de parlamentar com o "orgulhoso e poderoso banido", de ficar até na sua dependência?

Como admitir-se que Jesus, sendo *homem* e, portanto, sujeito às enfermidades, às necessidades da existência humana, tenha podido viver quarenta dias e quarenta noites num deserto sem tomar alimento algum?

Como admitir-se que, sendo *Deus*, haja sentido os aguilhões da fome, ao cabo dos quarenta dias e quarenta noites, que os haja sentido ao ponto de animar tentativas audaciosas do "*anjo decaído*", que, entretanto, seria dentro em pouco forçado a abandonar suas presas (os demoníacos), exatamente pela ação da potente vontade do mesmo Jesus?

Como se vê, foi o homem, *de um lado*, bastante orgulhoso e, *de outro*, bastante inconseqüente, dando a si mesmo por libertador um Deus e submetendo esse Deus ao império do "demônio", pondo-o em contacto com este, de maneira a lhe sofrer a influência *pela tentação*.

Pobre humanidade, que busca o maravilhoso nas coisas mais simples, que repele por impossíveis as mais patentes, que avilta, sem ter disso consciência, aquele a quem, levada pelas suas superstições, ela própria faz partícipe da divindade e a quem, do mesmo passo, põe, quanto ao presente e ao futuro (o demônio o deixou *por algum tempo, ad tempus*), à

mercê desse outro que, *maldito por toda a eternidade, sem esperanças de perdão, emprega a sua força, a sua vontade, o seu poderem lutar contra o Criador!*

Todavia, não a censureis por isso, oh! bem-amados, não a censureis, porque essa crença numa tentação *material* teve sua razão de ser, como vos explicaremos em breve. O que ocorreu *tinha que ocorrer* na marcha dos acontecimentos.

Nunca censureis, pois que tudo tem seu cabimento, como condição e meio de progresso, na marcha gradual dos sucessos, sempre acordes, do mesmo modo que as interpretações humanas, com o estado das inteligências, com as necessidades das épocas, cada uma das quais representa um dos estádios que cumpre à humanidade percorrer para progredir, progredir constantemente, abrindo pouco a pouco os olhos à luz e à verdade, à proporção que vai sendo *preparada* para receber essa luz e essa verdade, que lhe são dadas na medida do que ela pode suportar e de maneira a esclarecê-la sem jamais a deslumbrar.

A nova revelação, que abre uma era nova à humanidade e que vos vem ensinar a *origem espírita de Jesus*, mostrando-vos, *com esse ensino*, que *o jejum e a tentação do Cristo* não podem ser e não são mais do que *um emblema*, vem igualmente fazer-vos conhecer, a este respeito, a realidade das coisas, isto é: as próprias palavras que Jesus dirigiu ao povo e das quais nasceu a crença naquele jejum e naquela tentação. Ela vos vem ainda explicar como e quando os apóstolos e os discípulos foram induzidos a pensar que o que Jesus ensinara de modo geral constituía o resumo do que se passara enquanto o Mestre estivera ausente, o resumo do que ele pessoalmente experimentara. Vem explicar também de que maneira, em conseqüência *da lição* cujo pensamento, cuja substância permaneciam na memória dos homens, quando mesmo já se tinha perdido a lembrança das palavras de que, para dá-la, se servira o Messias, de que maneira, dizíamos, os apóstolos e os discípulos foram induzidos a referir, sob a forma e nos termos por que o fizeram os Evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, o que não passava de uma lição, como sendo fatos materiais, a falar de uma estada de Jesus quarenta dias e quarenta noites no deserto, de um jejum feito por ele durante esse tempo e de uma tentação material levada a efeito por "satanás", o "diabo", o "demônio".

Acompanhai a aparente vida humana de Jesus, pregando constantemente pelo exemplo a dedicação, a caridade, o amor; acompanhai-lhe os atos, as palavras, os ensinamentos e o vereis sempre submisso, na medida do que o exigia a sua missão terrena, aos usos, costumes e tradições hebraicas, adaptando sua linguagem a esses usos, costumes e tradições, assim como às inteligências daqueles a quem se dirigia, a fim *de que o compreendessem* e, sobretudo, *escutassem*, a fim de assegurar o êxito da sua missão e de conseguir que ela desse frutos no momento e no futuro, findo o seu desempenho: que frutificasse primeiro *pela letra*, depois *pelo Espírito*.

Os profetas, como sabeis, se preparavam para desempenhar suas missões por meio da meditação, da prece e do jejum no deserto. Afigurou-se aos homens que Jesus se submetera a esse uso, a essa tradição, antes de dar começo ao desempenho da sua missão publicamente.

Depois de receber diante do povo, pela descida do *Espírito Santo* sob a forma de uma pomba e pela voz que se "fez ouvir no céu", a consagração, como filho de Deus, da missão que ia desempenhar e que João, havia pouco, anunciara a todos os que o cercavam, Jesus se afastou das margens do Jordão e os que lhe seguiam os passos perderam-no de vista. Para impressionar as massas, ele se tornou invisível *durante o tradicional espaço de tempo*: quarenta dias e quarenta noites, número este até certo ponto *sagrado*, segundo as tradições hebraicas. Desapareceu, não porque se internara no deserto, mas porque voltara, como fazia sempre que a sua missão não lhe reclamava a presença entre os homens, para as regiões superiores onde, do alto dos esplendores celestes, governava, governa e governará a terra e a humanidade.

Decorridos os quarenta dias e quarenta noites, reapareceu e dirigiu ao povo e aos discípulos, que o rodeavam e lhe haviam notado a ausência, estas palavras:

"Em verdade vos digo: Se o demônio vos disser: *"Escuta os meus conselhos, submete-te a minha vontade e te darei todos os reinos da terra"*, repeli-o. Não tendes um reino maior do que todos, o reino de Deus, vosso pai?

"Se a fome vos apertar e o demônio vos disser: *Obedece-me e destas pedras farei pão para te alimentar*, recusai-o com horror. O pão da terra não alimenta senão o corpo e vós deveis buscar o pão da vida, que alimenta a alma e a torna apta a entrar na vida eterna.

"Se o orgulho vos arrastar ao fastígio das grandezas e o demônio vos disser: *Precipita-te no espaço que te atrai e não temas a queda, pois que serás amparado*, imponde-lhe silêncio e não tenteis a Deus. Recolhei-vos, medi a vossa fraqueza e a grandeza do Senhor e o demônio se afastará por algum tempo. Mas, não esqueçais que ele ronda constantemente, pronto sempre a deitar as garras à sua presa e a se aproveitar de todas as vossas fraquezas."

Aí tendes, oh! bem-amados, as palavras que Jesus pronunciou quando reapareceu e que, por sua ordem, vos revelamos, vos transmitimos.

Aplicai-vos essas palavras, pois que, como todas as que lhe saíram dos lábios, devem produzir frutos no presente e produzirão no futuro, do mesmo modo que, sob a figura da tentação material, produziram no passado.

Semelhantemente ao que se dava com tudo quanto então se dizia, tais palavras passaram de boca em boca.

Alguns dos apóstolos e discípulos as ouviram do Cristo, a outros elas chegaram transmitidas pela voz pública: mas, enquanto durou a missão terrena de Jesus, tendo todos a atenção de contínuo solicitada por fatos novos, sobre nenhum a demoravam. Só depois de terminada aquela missão, os fatos voltaram a ser considerados mais atentamente e entre eles se apresentaram de novo o do desaparecimento de Jesus durante quarenta dias e quarenta noites e as circunstâncias que o cercaram.

Surgiram então os comentários e destes nasceu a opinião que gerou a crença no fato *material* do jejum no *deserto* e da *tentação feita pelo "demônio"*.

Os apóstolos e os discípulos, como todos os que abraçaram a fé cristã, acreditaram nesse fato *material*. Na sua condição de homens, de Espíritos encarnados, tinham os preconceitos e as crenças da época e estavam imbuídos das mesmas tradições.

Ora, era corrente então que todo profeta ia jejuar no deserto antes de principiar o desempenho da sua missão. Coincidindo as palavras de Jesus com o seu desaparecimento por quarenta dias e quarenta noites, pensaram todos que essas palavras eram o resumo do que com ele ocorrera durante a sua ausência, que o que *ensinara*, relativamente às tentações do demônio, tentações a que está sujeita a humanidade, pela fome, pelo orgulho e pela ambição, relativamente às emboscadas que o espírito do mal lhe arma e à perseverança, a fé com que lhe cumpre resistir, era o resumo do que ele mesmo experimentara. Assim, acreditaram que Jesus havia jejuado quarenta dias e quarenta noites no deserto: que, decorrido esse tempo, tivera fome e que então fora tentado pelo demônio, no sentido das palavras que dirigira ao povo.

Ao homem material são precisos fatos materiais. O Cristo, *para os homens*, era *homem* e, *como tal*, *sujeito às enfermidades, às necessidades da existência humana*.

Em matéria de provações, ninguém, naquela época, podia compreender senão as provações físicas. Ao surgirem os comentários sobre as palavras do Mestre, já se divulgara e espalhara pelas multidões a revelação que o anjo fizera a Maria e a José e que fora conservada em segredo até ao termo da missão terrena de Jesus. Diante da revelação da sua origem, tida em geral, segundo a letra, por "miraculosa", "divina", dada a qualidade que a mesma revelação lhe atribui de "filho de

Deus"; diante da sua vida de perfeita pureza e dos "milagres" que realizara, da sua "ressurreição" e da sua "ascensão", difundiu-se a crença na sua divindade.

Como homem, Jesus, *para os apóstolos e discípulos*, estava sujeito às necessidades da existência humana, às tentações do "demônio"; mas, era, *ao mesmo tempo*, por efeito das impressões que lhes produzira a sua missão terrena, um grande profeta. Em consequência das novas impressões que receberam depois de finda essa missão, passaram a considerá-lo maior do que todos os profetas que até então a Terra conhecera, a considerá-lo o "filho de Deus", partilhando, portanto, da divindade do Pai. Suscetível de ser tentado, fora-o, pensavam todos, e triunfara.

De considerarem o que não passara de um ensinamento como sendo o resumo do que sucedera, durante a ausência de Jesus, entre ele e o demônio; como sendo a súpula de fatos materiais e reais de que o Mestre participara, veio a idéia de um diálogo que se devera ter travado entre os dois.

Se é certo que das palavras de que usou Jesus se apagara a lembrança na memória dos homens, certo é também que o pensamento, a substância do ensino dado se haviam conservado. Para reconstituírem o diálogo de acordo com esse pensamento, com o objetivo da lição, os apóstolos e discípulos recorreram às escrituras.

Confrontai as palavras, que há pouco vos revelamos, pronunciadas por Jesus, com a versão que se criou sob a influência das tradições e dos comentários e vereis que o sentido, o fundo, o pensamento são idênticos, que a alegoria, tomada ao *pé da letra* pela maneira por que foi apresentada e que no futuro seria compreendida *espiritualmente* pela inteligência, encerra o ensino de Jesus, mas transformado num fato material o da tentação real *feita* pelo demônio ao Cristo que, tendo sofrido essa *prova*, dela soubera triunfar, como *homem e filho de Deus*.

A transportação de Jesus para o cume de uma alta montanha, depois para o pináculo do templo de Jerusalém e a fome que lhe atribuíram foram a consequência dos comentários.

Do desaparecimento do Mestre pelo tempo durante o qual, conforme às tradições, devia *ele*, como os profetas, permanecer em jejum no deserto, antes de dar começo à sua missão, *concluíram os apóstolos e discípulos* que, findos os quarenta dias e quarenta noites, necessariamente sentira fome, tanto mais quando coincidiam com a sua ausência as palavras que dirigiu ao povo no *momento mesmo* em que reaparecera.

Aplicando *materialmente* a Jesus essas palavras, calcularam os apóstolos e discípulos que forçosamente o demônio o transportara a dois lugares elevados, a um para lhe mostrar todos os reinos da Terra, a outro para, colocando-o no fastígio das grandezas humanas, lhe dizer que *se precipitasse no espaço, que se atirasse dali em baixo*.

Não percais de vista a ignorância e a ingenuidade dos homens daquela época, dos Espíritos encarnados que se entregavam a tais comentários, relativamente às coisas terrenas.

O cume de um alto monte e o pináculo do templo de Jerusalém foram os lugares mais próximos que acudiram à idéia dos apóstolos e discípulos, que não compreendiam pudesse haver outros.

Para eles; o cume de um monte elevado era o *único* lugar aonde o demônio pudera ter transportado e transportara Jesus, a fim de conseguir mostrar-lhe todos os reinos da Terra.

Quando atribuíam sentido material às palavras do Mestre relativas ao fastígio das grandezas humanas, ao qual o demônio o elevara para lhe dizer:

"Atira-te daqui em baixo, não temas a queda que serás amparado", o único lugar que se lhes afigurava ser *materialmente* o ponto culminante das grandezas humanas, como elevação no espaço, era o pináculo do templo de Jerusalém.

Os crentes aceitavam os fatos, do mesmo modo que hoje, como suas faculdades lhes permitiam. Os incrédulos os rejeitavam, como ainda os rejeitam, sem mais investigações.

Dissemos e repetimos: não censureis que haja sido assim, porquanto a crença numa tentação *material* teve sua razão de ser. O que se deu devia dar-se na marcha dos acontecimentos.

Tudo está previsto, tudo sucede por efeito da lei universal que governa o mundo no caminho do progresso, sendo o desenrolar dos fatos, bem como as interpretações humanas, acordes com o estado das inteligências e as necessidades de cada época. O homem todavia dispõe do livre arbítrio e Deus sabe que uso ele fará desse dom, porquanto o que, para vós, constitui o passado, o presente e o futuro, se acha sempre e por toda a eternidade patente aos olhos do Senhor.

Dispondo do livre arbítrio, o homem tinha a liberdade de escolher entre o modo de pensar acertado e a falsa, ainda que útil, maneira de apreciar as coisas. Dominavam-no, porém, as suas naturais aspirações. *Assim como* preferia, ao de um profeta, o sacrifício de um Deus, por lhe aumentar o valor próprio, *também* a tentação material de Jesus pelo demônio lhe reanimava a coragem e mostrava o caminho a seguir, fazendo-lhe ver que até o *homem-Deus* estivera sujeito à tentação, fazendo-lhe ver que, embora *filho de Deus, fração da divindade*, mas *ao mesmo tempo* homem e como tal sujeito às contingências da humanidade, às enfermidades da existência humana, Jesus fora acessível ao demônio, sofrera pessoalmente a *prova* e dela soubera triunfar.

Nada ocorre sem ser pela vontade de Deus, *no sentido de que*, se lhe aprovesse dar outra diretriz aos atos humanos, ou opor-se-lhes, bastaria querê-lo. Tal, porém, não faz. Essa a razão por que, vendo a seriação e as conseqüências de todas as coisas, Deus não obsta *de antemão* aos atos de nenhuma das suas criaturas.

Ele não governa como tirano; deixa que as coisas sigam o seu curso. Assegurando ao livre arbítrio a independência, auxilia a humanidade a trilhar a senda do progresso, por meio de sucessivas revelações, sempre progressivas, que atuam na marcha dos acontecimentos, encadeando uns aos outros, e que, apropriadas ao estado das inteligências e às necessidades de cada época, desenvolvem, no presente, o progresso realizado e preparam o progresso futuro.

Se o quisesse, Deus certamente houvera podido, por manifestações espíritas, determinando uma influência e uma ação mediúnicamente sobre os apóstolos, os discípulos, os evangelistas, esclarecê-los acerca das falsidades da interpretação humana que transformou um ensinamento de Jesus ao povo em fatos materiais, quais os da permanência no deserto, do jejum por quarenta dias e quarenta noites e da tentação *praticada contra ele pelo demônio*.

Mas, as necessidades da época exigiam essa crença. *Convinha* que ela se implantasse nas massas populares.

À vista da perfeição indispensável para chegar a Deus, à vista da perfeição sempre vitoriosa de Jesus,

qual não seria o desânimo dos homens, se não fossem prevenidos de que ainda o mais forte pode estar sujeito à tentação? Quanta força não adquiriram no exemplo da vontade a repelir sempre a inspiração do mal? Se assim não fora, jamais teriam ousado alimentar a esperança de igualar o modelo que lhes era dado. Contemplando-o em tão grande altura, teriam permanecido desanimados, ao nível do solo, ao passo que, vendo-o submetido à tentação e vitorioso pela fé, reconheceram que todos poderiam esperar a mesma vitória.

Sim, a tentação de Jesus é uma figura que as exigências dos tempos, o estado das inteligências, as aspirações naturais que dominavam os homens e a *preparação* do futuro tornaram necessária.

Jesus, cuja origem espírita a nova revelação vos fez conhecer, espírito de pureza perfeita e imaculada, a quem todos os espíritos estão subordinados e que, durante a sua missão terrena, mostrou a sua onipotência sobre os "*demônios*", não teve que sofrer a influência, nem ainda menos, o contacto dos maus Espíritos. *Nos seus ensinamentos* não há uma só palavra que permita afirmar-se, nem, sequer, pensar-se o contrário.

Os quarenta dias e quarenta noites que *supuseram* tê-los ele passado no deserto são o emblema da vida humana: nesse curto espaço de tempo todas as más paixões assaltam o homem, todas as necessidades se fazem sentir. Cabe-lhe triunfar da prova.

Executai, pois, oh! bem-amados, o que *Jesus disse, ensinou*, servindo-se das palavras que fomos por ele encarregados de vos revelar e que agora conheceis.

Fazei o que vos ensina essa *figura emblemática* de uma tentação *material*, figura que exprime o intuito, o objetivo do ensinamento contido naquelas palavras.

Triunfai das paixões e mesmo das necessidades humanas. Reportai-vos em tudo a *Deus*. Se só a *ele* adorardes e servirdes, os bons Espíritos descerão para vos ajudar a subir aos céus.

O homem, na Terra, quem quer que ele seja, está sujeito às tentativas que, para arrastá-lo ao mal, fazem os maus Espíritos, os quais, ignorantes, não sabem distinguir os que podem dos que não podem resistir-lhes. Daí vem que das suas tentações, nem os que encarnam em missão estão isentos.

Tanto as palavras que Jesus dirigiu ao povo, como a figura emblemática que vo-lo mostra sofrendo a tentação material, indicam a maneira por que vos deveis conduzir.

As tentações e influências mais perigosas para o homem são o orgulho, os apetites materiais e a ambição, que tem por móvel essas paixões más.

São esses os escolhos de encontro aos quais se vêm desgraçadamente quebrar as, a princípio, melhores intenções, sobretudo daqueles a quem Deus concede a graça de encarnar para auxiliarem o progresso de seus irmãos.

Sabei, pois, repelir as tentativas dos maus espíritos e conservar-vos dignos do favor que Deus vos outorgou, enviando-vos o divino modelo, cujas pegadas deveis esforçar-vos por palmilhar.

Sabei tornar-vos dignos do favor que ele vos concede, abrindo-vos a era da nova revelação, enviando-vos os bons espíritos com a missão de vos ampliar o discernimento, iluminar os corações e as inteligências, e que, trazendo-vos a luz e a verdade, vos vêm ensinar o respeito, a gratidão e o amor, que deveis ao vosso Criador, depois ao seu Cristo, vosso protetor, governador e Mestre; que vos vem ensinar a paciência, a resignação, a afabilidade, a doçura, a benevolência, a simplicidade de coração, a humildade de espírito, a castidade segundo as leis da natureza, a frugalidade, a temperança, a sobriedade, o desinteresse, a justiça, a tolerância, o devotamento, a caridade e o amor aos vossos irmãos, o amor ao trabalho e à ciência, o desejo de progredir física, moral e intelectualmente, o amor a todas as criaturas do Senhor, que vo-

las confiou para serem utilizadas ou destruídas, na medida das vossas necessidades, da vossa utilidade, ou da vossa segurança, sem que jamais abuseis; que vem, final-mente, dar-vos a compreensão, inspirar-vos a prática de todos esses deveres e virtudes.

Sabei tornar-vos dignos do favor que Deus vos faz, permitindo que os bons Espíritos venham ensinar-vos a resistir às seduções materiais, a distinguir, *em espírito e verdade*, o bem do mal; que vos venham revelar, pela ciência espírita, os segredos de além-túmulo, a origem e a ocasião dos bons e dos maus pensamentos, das boas ou das más ações pelas influências boas ou más, mostrando-vos que as boas provêm dos vossos anjos de guarda e dos Espíritos bons que procuram inspirar-vos, sempre que vos achais dispostos a receber-lhes as inspirações e que lhes é possível fazerem-se escutados; e que as más, as colheis dos Espíritos impuros, maus, que vos assediam, sempre prontos a se aproveitarem de todas as vossas fraquezas.

Vigiai, portanto, e orai.

Vigiai, exercendo constante vigilância sobre os pensamentos, palavras e ações.

Orai, orai, não com os lábios, mas com o coração, para atrairdes as boas influências, para que Deus vos conceda a proteção dos bons Espíritos, que vos ajudarão a praticar todos os deveres e virtudes que "o Espírito da Verdade", por intermédio dos Espíritos do Senhor, vos vem pregar.

Mateus, Marcos, Lucas e João Assistidos pelos apóstolos.

N.62. Qual o sentido destas palavras que ditastes mediunicamente, falando da opinião segundo a qual Jesus é uma fração de Deus: "opinião que sofrivelmente se enquadra nas idéias panteístas"?

Segundo a doutrina que na linguagem humana tem o nome de panteísmo, tudo sai de um só princípio e tudo volta a se reintegrar nesse mesmo princípio para de novo daí sair e voltar, constituindo estas perpétuas separações e reintegrações a rodagem da máquina universal.

Em menor escala, *Jesus e o Espírito Santo são frações de Deus*, partes integrantes do *todo*, formando, pois, com ele a *unidade*. É uma variante do tema do panteísmo.

No que sucedeu às margens do Jordão, tendes um exemplo do cunho panteísta da *opinião* dos que consideram Jesus e o "Espírito Santo" como *duas frações* de Deus. Lá vemos Deus dividido em três partes: uma - Jesus, num corpo humano idêntico aos vossos, sujeito às necessidades da existência humana e às contingências *humanas* de vida e de morte; outra o *-Espírito Santo* que, afetando a forma de uma pomba, desceu sobre Jesus; a terceira - Deus, de quem aquelas duas frações saíram e cuja voz se fez ouvir no céu, dizendo: "*És meu filho bem-amado em quem hei posto todas as minhas complacências*".

As duas frações de *Deus*, depois de se terem separado *do grande todo*, voltam a reintegrar-se nele, reconstituindo assim a sua *unidade*.

A não se querer enquadrar nas idéias panteístas essa maneira de considerar a Jesus e o Espírito Santo, forçoso será encaixá-la no quadro das idéias do paganismo, relativas à pluralidade dos Deuses.

Semelhante modo de ver, que é tratado de "mistério" e que a razão instintivamente repele, nasceu das falsas interpretações humanas resultantes da ignorância do homem acerca *da origem espírita de Jesus* e do que se deve entender, *em espírito e verdade*,

por "Espírito Santo". Graças à nova revelação, sabeis agora:

que Deus é o só e *unico princípio universal, não divisível*, que cria *mas não* pela divisibilidade da sua essência; que Deus é *uno*";

que Jesus é um Espírito criado, que teve a mesma origem de todos os Espíritos, o mesmo ponto inicial de existência, que se tornou Espírito puro, de pureza perfeita e imaculada sem haver falido jamais, Espírito cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do vosso planeta a cuja formação presidiu, encarregado por Deus de o levar ao estado fluídico, levando-lhe a humanidade à perfeição";

"que "*Espírito Santo*" é uma designação *alegórica*, sob a qual se compreendem indistintamente, de modo coletivo ou individual, os Espíritos puros, os Espíritos superiores e os bons Espíritos, como sendo, em ordem hierárquica, os ministros ou agentes da vontade de Deus, os órgãos de suas inspirações junto dos homens".

N. 63. Corno devem ser entendidas e explicadas estas palavras: "O homem dispõe do livre arbítrio e Deus sabe que uso fará ele desse dom, porquanto o que, para vós, constitui o passado, o presente e o futuro se acha sempre e por toda a eternidade patente aos olhos do Senhor"?

Admitis a presciência divina, ou apoucais a inteligência suprema nivelando-a com as vossas?

A presciência divina é uma faculdade que não tendes possibilidade de analisar.

O *livre arbítrio* seria mera ficção, se estivesse subordinado a uma *ação diretora*.

Quando se monta uma máquina, prevêem-se os resultados do seu funcionamento e o que ela faz tinha que fazer. Se, porém, um operário desasado ou negligente se intromete nas engrenagens, ou se um curioso se aproxima demasiado para ver de muito perto ou tocar numa das rodas, fatalmente é colhido, esmagado ou mutilado. O maquinista não o impeliu direta nem indiretamente, mas sabia que quem fizesse o que fez o operário ou o curioso sofreria *aquela* conseqüência, tanto que, ao ver aproximar-se o imprudente, lhe disse: "Toma cuidado, olha o perigo".

Neste caso que nos serve de imperfeita comparação, onde a fatalidade relativamente à ordem a que está sujeito o movimento da máquina e às pessoas que em torno dela se movem?

Cheios de ignorância e de orgulho, pretendem os homens que Deus se imiscua em todos os atos que praticam, em todos os fatos que lhes dizem respeito. Cada um, pobre vermezinho, quer que a inteligência suprema o conduza pela mão, rebaixando-se ao seu nível.

Oh! considerai com mais elevação a grandeza do vosso Criador. Reinando sobre todos os universos, iluminando todas as trevas, a influência que o Senhor exerce é uma influência superior, dirigente e governativa. Ele deixa que useis com plena liberdade do vosso livre arbítrio, em meio das diversas influências físicas e espirituais que vos rodeiam e sob o império das leis gerais, naturais e imutáveis que a sua sabedoria estabeleceu desde toda a eternidade. Essa influência superior, que dirige e governa, ele a exercita pela *ação espírita universal, instrumento da sua Providência, e que se efetua também sob o império e no âmbito daquelas leis*, de acordo com a sua vontade onipotente e imutável. É essa influência superior que vos atrai de contínuo para a senda do progresso, sem perturbar o exercício independente e pleno do vosso livre arbítrio, quer este vos induza à docilidade, quer vos arraste à rebeldia.

O conjunto se desdobra, desde e por toda a eternidade, aos olhos de Deus. Passado, presente e futuro são palavras que as vossas necessidades inventaram e que para ele carecem de significação. Ele é *o que é de toda a eternidade*.

Não compreendeis que, deixando ao homem inteira liberdade de usar das faculdades de querer, pensar e obrar, seu olhar penetrante veja ao mesmo tempo o que fará o homem dessa liberdade?

O maquinista, que vê o desasado ou o curioso aproximar-se demasiado da máquina, percebe de antemão os efeitos dessa imprudência; mas, de inteligência limitada, não pode saber *de antemão* qual o uso que o homem fará do seu livre arbítrio, se consumará ou não o ato, porquanto não lhe pode ler o pensamento, nem perscrutar a ação da vontade. Para ele haverá sempre solução de continuidade, um passado, um presente e um futuro na sucessão dos atos, por mais imperceptível que seja o intervalo que, *a seus olhos*, os separem, no uso do livre arbítrio.

Deus, porém, para quem passado, presente e futuro nada são, que, sem solução de continuidade, lê o pensamento do homem e vê a ação da sua vontade, Deus tem sempre à vista a série e as conseqüências de todas as coisas e sabe qual o uso que o homem fará do livre arbítrio, por isso que para Deus tudo é eternamente e continuamente instantâneo.

Não há comparação possível entre o astro luminoso que brilha com o máximo fulgor e a pálida centelha que se reflete no arroio em que se extingue; entre o ser imenso que irradia por sobre tudo o que é e as vossas fracas inteligências.

Repetimos: A presciência divina é uma faculdade que não tendes meio de analisar.

N.64. Quais eram os meios de *vida* e de *nutrição* do corpo perispirítico tangível, com a aparência do corpo humano, que Jesus tomara para o desempenho da sua missão terrena?

Já vos dissemos: Jesus tomara um corpo de natureza perispirítica, análogo aos dos habitantes dos mundos superiores, porém mais materializado do que

dos Espíritos estes, por também haver entrado na sua composição uma combinação de fluidos ambientes do vosso planeta. Tal corpo tinha, portanto, as mesmas propriedades que os dos Espíritos superiores, os mesmos meios de vida e de nutrição.

As necessidades da vida e da nutrição materiais, a que estão sujeitos os corpos humanos, desaparecem quando o Espírito, purificado, tendo atingido um certo grau de elevação moral e intelectual, passa, livre de qualquer contacto com a carne, a encarnar, ou melhor, a incorporar fluidicamente nos mundos superiores. Desde então, as necessidades e os modos de vida e de nutrição se tornam conformes ao meio em que o Espírito se encontra revestindo um corpo de natureza perispiritual. Este corpo, bem como o perispírito de cuja natureza ele participa, haure os elementos de vida e de nutrição *nos fluidos ambientes que lhe são próprios e necessários, assimilando-os*. Tais fluidos bastam ao sustento dos princípios constitutivos do mesmo corpo.

A assimilação dos fluidos ambientes para o efeito da nutrição e da conservação da vida se efetua de acordo com as leis a que eles se acham submetidos, leis que *ainda* não podeis conhecer, nem *compreender*.

Somente quando soar a hora vos serão explicados a *natureza* desses fluidos, as leis a que estão submetidos, o emprego a que se destinam e as funções que desempenham. Por ora, é-vos defeso entrar nessas particularidades.

Limitar-nos-emos, por enquanto, a vos fazer notar que, nos mundos materiais, a cujo número pertence atualmente o vosso, onde a união da matéria com a matéria é precisa para a formação da matéria, o homem, revestido de um *invólucro material*, formado segundo as leis da procriação, da reprodução *materiais*, se encontra sujeito a uma alimentação *material* tirada dos reinos vegetal e animal.

Além *desse* invólucro que, depois da morte, é restituído à matéria em forma de cadáver e a que chamais corpo humano, o homem tem *outro*, de natureza fluídica, a que destes o nome de perispírito e que, após a morte, fica sendo o corpo fluídico do Espírito e lhe constitui a individualidade humana.

Para manter a vida e efetuar a nutrição desses dois invólucros, dispõe o homem de órgãos e aparelhos elaboradores dos elementos e dos meios necessários àquele fim, sendo que *uns* se destinam a operar a nutrição material do corpo humano, tirando-a dos elementos líquidos e sólidos, com o concurso dos ambientes que lhes são próprios e necessários; enquanto que os *outros* servem para absorver os fluidos ambientes apropriados à vida e à nutrição do perispírito, ou invólucro fluídico.

A alimentação *material* não é, pois, necessária, nem possível, senão ao homem revestido de um corpo *material*, nos mundos *materiais*.

Quando o Espírito encarna, ou, melhor, incorpora fluidicamente em mundos superiores, onde o corpo é de natureza perispiritica, a vida e a nutrição se mantêm pela absorção dos fluidos ambientes apropriados.

A planta não precisa *beber* nem *comer* para se alimentar. Alimenta-se absorvendo, da terra e do ar, os sucos e os fluidos que lhe são próprios e necessários.

O Espírito, quer na erraticidade, quer revestindo um corpo de natureza perispiritica, não tem necessidade, nem possibilidade, como vós, *de beber* e *de comer*. Também ele absorve, como meio de nutrição, para entreter o funcionamento da vida, os fluidos ambientes necessários à sustentação dos princípios constitutivos do perispírito, se se trata de um Espírito errante, e, se se trata de um Espírito incorporado fluidicamente, à sustentação dos princípios constitutivos do perispírito e do corpo fluídico, de *natureza*

semelhante à desse perispírito que o assimilou, composto unicamente de fluidos e liberto do apodrecimento, o que não se dá com os vossos corpos materiais.

Já vos dissemos (n. 14) e chegou o momento de o explicarmos: Por sua natureza, o corpo que Jesus revestiu não foi mais do que um espécime, prematuro entre vós, do organismo humano tal qual virá a ser, daqui a muitos séculos, em alguns pontos do vosso planeta, para a encarnação de Espíritos que terão atingido, nessa época, um certo grau de elevação. Que a verdadeira ciência, isto é, aquela que não tem o preconceito da imobilidade, observe o passado e o que hoje é futuro, à medida que o tempo for correndo, e descobrirá os precursores materiais dessas organizações que, neste momento, ainda parecem impossíveis.

O homem (referimo-nos aqui à espécie e não ao sexo, pois do contrário designaríamos de preferência a mulher, como sendo de uma organização mais adiantada) - o homem, do ponto de vista fisiológico, se irá modificando, a matéria tornando-se mais fraca, o sistema nervoso mais desenvolvido, a inteligência mais precoce, e ultrapassando muitas vezes as forças físicas; o Espírito, enfim, irá dominando a matéria e a carne diminuindo, à medida que o sistema nervoso se for desenvolvendo e a força vital animal for sendo substituída pela força espírito-nervosa. *Tais* os indícios que vos prevenirão da mudança que se há de operar em vós.

O sistema todo se depurará pouco a pouco: no sangue espesso que vos circula nas veias, o fluido vital cada vez mais substituirá as moléculas corruptoras; o sistema nervoso se desenvolverá à custa da cobertura de carne, até ao momento em que esta última, reduzida ao estado de simples película, acabará por desaparecer inteiramente, cedendo lugar a um envoltório fluídico tangível, dissolúvel sem sofrimento, sem aba-

Io. Os próprios nervos, nesse ponto do desenvolvimento, se assemelharão aos finíssimos filamentos em cuja trama se balouçam no ar os microscópicos insetos que os tecem no outono, filamentos a que dais o nome poético de "fios da virgem". Mudarão de natureza pouco a pouco, invadidos, também gradativamente, pelo fluido vital nervoso. Ganharão em flexibilidade e brandura o que forem perdendo em volume. Na mesma proporção se lhes aumentará a impressionabilidade e, harmonizando-se esta com o invólucro que os cobre, o conjunto acabará por ser o que, para nos fazermos compreendidos, chamamos - um perispírito tangível, um corpo qual o dos habitantes de certos planetas elevados.

Fácil nos é fazer-vos compreender a vida e a nutrição desse corpo. Não conheceis, no reino animal, insetos constituídos de tal sorte que seus órgãos se contentam, para alimentar o corpo, com o ar puro que os banha, com as matérias, inapreciáveis *para vós*, contidas no orvalho que gota a gota cai sobre as folhas que o cercam, gotas que entretanto eles não bebem, limitando-se a lhes aspirar as emanações?

Tal o organismo do Espírito que chegou ao ponto de revestir invólucro idêntico ao que Jesus tomou, porquanto, também já o temos dito, esse corpo, de natureza perispirítica, era, *com relação a ele*, o mais grosseiro que a sua *natureza espiritual* poderia revestir.

Nas encarnações ou incorporações desse gênero, a absorção se efetua tanto pelos poros como pela aspiração. O ser todo se nutre das substâncias sutis que o envolvem, penetram e lhe asseguram a manutenção.

Passo a passo lá chegareis. Estudareis primeiramente indivíduos fenomenais, *do vosso ponto de vista*, uns que se sustentarão somente com água ou com qualquer líquido insípido; outros, enfim, que, contra todas as regras, não terão necessidade de ali-mento algum. Tais fenômenos, incompletos a princípio,

apresentarão o aspecto de uma enfermidade.

A ciência humana os tomará à sua conta, estudará, experimentará e não descobrirá a chave do enigma. Depois, os casos se multiplicarão e a ciência acabará por admitir que *certas combinações* da Natureza podem viver fora das leis orgânicas conhecidas. Depois, ainda, será forçada a reconhecer que as exceções crescem ao ponto de formarem a regra. Disseminai o conhecimento do magnetismo, preparai as coisas de maneira que nas gerações futuras se opere a emancipação espiritual, aligeirai a matéria, purificai o sangue carregando-o de fluidos e auxiliareis a libertação do Espírito, ajudando-o a vencer a mesma matéria.

Acabamos de dizer-vos: "*passo a passo lá chegareis*". Semelhante estado, que *para vós* constitui um fenômeno, não poderá durar na humanidade, como ordinariamente ela é.

Alguns casos apenas, tidos presentemente por mórbidos, oferecerão exemplos desse estado. São os primeiros ensaios que a natureza sempre faz, antes das crises de transformação geral.

Os que até aqui se não apresentaram são realmente casos mórbidos, ou considerados tais, por isso que, *dada a vossa posição atmosférica e com os órgãos* de que dispodes, aos indivíduos que, fora das regras admitidas e necessárias às funções do corpo, tentam esse modo de existência, falecem os elementos para consegui-lo, não bastando *ainda* a alimentação por meio do ar ambiente à grosseria de seus organismos, que se esgotarão ao cabo de certo tempo, por efeito dos esforços que serão obrigados a fazer, a fim de absorverem e assimilarem os fluidos.

Só de longe em longe têm aparecido desses casos. Pouco a pouco, porém, eles se multiplicarão, até ao momento em que a maioria dos Espíritos que povoam o vosso planeta seja composta dos que se acham

libertos das necessidades materiais, por já se haverem elevado bastante. Então, os encarnados materialmente se verão classificados entre os inferiores, até que também se libertem daquelas necessidades. Mas, esse progresso, como toda transformação, só muito lentamente se operará. Sujeito igualmente à lei do progresso, o vosso planeta progredirá no mesmo sentido. Outros virão a ser os princípios alimentares que ele oferecerá; os elementos materiais de nutrição se tornarão cada vez mais raros, pois que o abuso que o homem faz de tudo o que está ao seu alcance ocasionará a destruição dos animais, das plantas alimentícias, das árvores, mesmo das flores. Privado gradualmente dos recursos que a terra lhe fornece, ele buscará na ciência um remédio para essa privação. Criará, então, uma alimentação factícia, produto de combinações químicas; extrairá dos fluidos que o envolvem as partes materiais que o seu organismo possa assimilar, do mesmo modo que da madeira extraiu o calor, do carvão a luz, do ar a força. Estudará a maneira de viver sem alimento material. As gerações que se forem sucedendo trarão progressivamente organismos mais aperfeiçoados, cada vez menos materiais, cada vez mais fluidicos e, assim, chegareis à *época que vos anunciamos*.

Não esqueçais que a temperança, a castidade, a pureza dos pais influem nos organismos dos filhos, não só atraindo Espíritos mais elevados para encarnarem na família, como também fornecendo-lhes um instrumento corporal mais perfeito e manejável.

Não há capricho nem acaso na obra de progresso e transformação. Os Espíritos que encarnem nas condições de serem considerados, *do vosso ponto de vista*, indivíduos fenomenais, serão Espíritos mais ou menos elevados, que têm por missão servir de ponto de partida para as investigações da Ciência, despertar a atenção para certas questões e fornecer os materiais necessários às construções futuras.

Dir-vos-emos ainda, terminando este capítulo: Fácil vos será perceber a transformação que se há verificar na matéria exterior: tempo virá em que, tornando-se cada vez mais rara a alimentação material (e já ela começa a ser difícil), o homem se verá constringido a uma mudança de *substâncias nutritivas*, a chamar em seu auxílio a arte, a química, para sustentar seus órgãos sem precisar recorrer àquelas substâncias.

Essas preparações, conquanto dêem resultado como alimentação factícia, acarretarão desde logo um *desvio da economia animal*, enfermidades, empobrecimento dos organismos. Depois, no curso das gerações que se forem sucedendo, os órgãos que nos pais apresentavam lesões se reproduzirão modificados nos filhos, apropriados ao novo regímen da humanidade. Em seguida, esses órgãos, que se irão tornando cada vez mais sensíveis, também mais facilmente assimilarão os elementos nutritivos que a vossa atmosfera contém. Finalmente, os cataclismos que inevitavelmente se produzirão no vosso planeta e dos quais lhe resultará a reconstituição física, auxiliarão o desenvolvimento das novas faculdades gástricas.

N.65. Estando Jesus isento da necessidade de qualquer alimentação material humana, isento de todas as necessidades inerentes à humanidade terrestre, como se passavam as coisas quando ele, à *vista dos homens*, tornava alimentos durante a sua missão terrena, *quer antes* do seu reaparecimento conhecido pelo nome de "ressurreição", *quer depois*?

Os Espíritos superiores que o cercavam em número, para vós, incalculável, todos submissos à sua vontade, seus dedicados auxiliares, faziam desaparecer os alimentos que lhe eram apresentados e que não tinham para ele utilidade. Aqueles Espíritos os subtraíam da *vista dos homens*, de modo a lhes causar

completa ilusão, à medida que *parecia* serem ingeridos por Jesus, cobrindo-os, para esse fim, de fluidos destes que os tornavam invisíveis. Feito isso, os levavam e dispersavam de forma que pudessem servir e servissem para a satisfação das necessidades de outras criaturas.

Jesus, notai-o bem seguindo-lhe os passos no desempenho da sua missão terrena, só muito raramente, durante todo o tempo daquela missão, assim antes, como depois do seu reaparecimento, chamado "ressurreição", tomou parte, *aos olhos dos homens*, nas refeições humanas. Fazia-o *unicamente* quando era preciso, *seja* para os convencer da sua condição de homem, na qual *deviam* acreditar, a fim de que a sua missão fosse aceita e produzisse frutos naquela ocasião e no futuro, *seja* a título de ensinamento, objetivando dar-lhes uma lição de temperança, um exemplo de caridade, de perdão e de amor.

Os que o acompanhavam não se surpreendiam com a sua maneira de viver. Viam-no orar e, sendo a do jejum uma lei rigorosa entre os JuDeus, *criam* que Jesus a observava, para mortificar-se, para dar testemunho da sua perfeição.

N. 66. Como se davam o desaparecimento de Jesus quando o *supunham* no deserto ou no cume de uma montanha e o seu reaparecimento entre os homens?

Ao Espírito é lícito libertar-se temporariamente do invólucro material humano de que se ache revestido, mas conservando-se sempre ligado e preso a ele por um cordão fluídico, invisível aos homens. Pode assim o Espírito, algumas vezes, libertar-se do corpo pelo desprendimento durante o sono e, em casos muito raros, quando o indivíduo, sem estar dormindo, se encontre num estado de êxtase mais ou menos pronunciado. Pode mesmo, pela bicorporeidade, pela

bilocação e com o auxílio do perispírito, tornar-se visível e tangível, sob todas as aparências do corpo humano, de modo a produzir ilusão completa. Pode ainda, em casos excepcionalíssimos, e tendes disso exemplos bem comprovados e autênticos, tornar-se visível e tangível, com todas as faculdades aparentes da vida e da palavra humanas.

O Espírito materialmente encarnado não tem meios de desmaterializar o corpo de que está revestido. Esse poder só o tem a decomposição resultante da morte.

Ao contrário, os Espíritos superiores, quando em estado de encarnação ou de incorporação fluídica, podem, à vontade, materializar o corpo fluídico por sua natureza, de que se achem revestidos, a fim de vo-lo tornarem visível e mesmo tangível, assim como o podem desmaterializar, a fim de que desapareça das vossas vistas, fazendo-o voltar ao estado normal, em que não o vedes. Podem igualmente modificá-lo, assimilando-o às regiões que devam percorrer. Mas, desde que estejam *sofrendo* encarnação ou incorporação, aqueles Espíritos não podem desligar-se do corpo que tomaram senão pela morte, que, *só ela*, os faz voltar à erraticidade com o perispírito que traziam, apresentando este o grau de purificação que lhe haja resultado da última encarnação ou incorporação. Pelo que respeita ao corpo dos Espíritos superiores, a morte não passa de uma desagregação da matéria que envolve o Espírito. Dizemos *matéria*, porque os fluidos que o perispírito assimilou a fim de operar a encarnação ou incorporação, de fato, para o Espírito, são *matéria*. *Considerada a sutileza dos sentidos de tais*

Espíritos, essa desagregação se aproxima muito da decomposição; *para eles*, as matérias que compõem o corpo, ainda que não mais sujeitas ao apodrecimento, se dissolvem visivelmente. Cada um dos princípios constitutivos do corpo fluídico se separa completamente e volta ao meio donde saíra e que de novo o atrai.

Apropriando as leis naturais e imutáveis que regem a formação dos corpos fluídicos nos mundos superiores, aos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos, conforme já vos explicamos (n. 14), é que Jesus formou o corpo com que se apresentava aos homens, corpo *aparentemente* humano, ao qual, para nos fazermos compreendidos, demos o nome de perispírito tangível e apto, graças aos mesmos fluidos ambientes, a uma longa tangibilidade.

Espírito puro, não sujeito a encarnação ou incorporação alguma em nenhum planeta, Jesus formara *voluntariamente* aquele perispírito tangível, do qual tinha o poder de se libertar. As matérias que o compunham, sutilíssimas de si mesmas *para olhos humanos*, podiam desaparecer, subdividindo-se, e reagregar-se, à vontade do Mestre.

O conhecimento, de que Jesus dispunha e que só os Espíritos puros possuem completo, da natureza dos fluidos empregados para a formação do perispírito tangível, das propriedades de tais fluidos para produzirem este resultado sob a ação das leis naturais e imutáveis de atração magnética, dos efeitos desta atração, esse conhecimento vasto e a sua potência espiritual, cuja extensão as vossas limitadas inteligências são incapazes de compreender, é que lhe facultavam fazer que *da vista dos homens* desaparecesse o mesmo perispírito, dissociando-lhe os princípios constitutivos, mas mantendo-os constantemente, sob o poder da sua vontade, prontos a se reunirem de novo.

Não esqueçais isto: o perispírito que serviu de corpo visível e tangível a Jesus durante a sua permanência na terra não era mais do que uma veste que ele tomava, para estar entre os homens, e que abandonava logo que se afastava de suas vistas, para voltar às regiões superiores. E Jesus se afastava das vistas humanas todas as vezes que a sua presença entre os homens deixava de ser necessária.

Quando desaparecia, as partes constitutivas do perispírito tangível apenas se eclipsavam, para surgirem de novo, logo que o Mestre o quisesse. Dizemos que apenas se eclipsavam, porque elas se separavam, mas sem deixarem de permanecer tais quais eram, sem deixarem de existir, prontas a se reunirem novamente pela ação da vontade de Jesus.

Não havia solução de continuidade na vida orgânica daquele corpo durante a ausência de quem o mantinha.

Assim como a formação desse perispírito tangível, análogo aos corpos dos Espíritos superiores, mas quase material, conforme já o explicamos (n. 14), se dera pela aplicação de leis naturais e imutáveis e pela apropriação dessas leis ao vosso planeta, mediante a utilização dos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos, também as leis naturais e imutáveis obedeciam a sua vida orgânica, seus desaparecimentos das vistas humanas e a maneira por que Jesus se libertava dele, o deixava, o retomava e o abandonou definitivamente, ao cabo da sua missão terrestre, quando se verificou o que chamais a sua "ascensão". Ainda não vos é possível ter a compreensão dessas leis, nem nós vo-las poderemos explicar, enquanto ignorardes, como ignorais, a *natureza* dos fluidos, suas combinações, os efeitos dessas combinações, suas propriedades sob o império da grande lei, da lei universal de atração magnética, sob o influxo dessa atração e, ao mesmo tempo, sob a ação e o poder espirituais dos Espíritos puros.

Quando, pois, desaparecia das *vistas humanas*, Jesus abandonava o seu perispírito tangível, o seu corpo humano *aparente*, que se sumia na massa dos fluidos, permanecendo, porém, os princípios que o constituíam no meio que lhes era próprio.

O liame que os prendia a Jesus, sob a ação da sua *vontade*, era *efeito de atração magnética*, efeito que ainda vos é impossível compreender. Os poderes dos Espíritos puros e mesmo dos Espíritos superiores, a potencialidade espiritual de Jesus estão muito acima das vossas inteligências.

Só à força de estudar, de praticar o magnetismo humano, chegareis a compreender o magnetismo espiritual e as propriedades da sua ação sobre toda a natureza.

Uma vez constituído por Jesus o seu corpo humano *aparente*, os elementos que o compunham se conservaram em estado de permanente e recíproca atração, do qual lhes resultava a reunião logo que, objetivando esse efeito, sobre eles atuava a *vontade* do Mestre. A desagregação do seu perispírito temporário (dizemos - temporário - porque só lhe serviu durante a sua missão terrena) não era obstáculo a que entre as suas partes componentes um traço de união houvesse.

Quiséramos fazer-vos compreender essa ação, mas nos faltam na vossa linguagem os termos. Além disso, obsta a qualquer explicação *direta* a ignorância em que vos achais da *natureza* e das *propriedades* dos fluidos, de suas ações e funções na formação e na vida do corpo fluídico dos Espíritos superiores, na formação do de Jesus, das leis naturais e imutáveis que presidem à formação e à vida desses corpos.

Todavia, considerai uma nuvem tocada pelo vento. Ela se dispersa, se eleva a regiões superiores e desaparece das vossas vistas. Como, porém, há uma tendência para a unificação, logo que sobre favorável aragem, de novo se reúnem as partes que o vento

separara e a nuvem compacta reaparece. Tal era, mas apenas aproximadamente, pois que são falhas todas as comparações, o efeito que o afastamento espiritual de Jesus produzia sobre o corpo perispírico que o tornava visível aos homens. Quando ele se avizinhava destes, todas as partes componentes daquele corpo se aproximavam e reuniam novamente e, conservadas unidas pela sua presença, formavam o todo representativo de um corpo semelhante ao vosso, isto é, tendo a aparência dos vossos, *mas* de natureza *diversa*.

Pela análise e pela síntese, a química vos oferece numerosos exemplos de decomposição e composição de corpos que, enquanto reunidos os componentes, formavam um todo único, de aspecto diverso dos que cada um destes apresenta, quando dissociados.

Considerai o que já consegue a vontade do homem, no campo do magnetismo, de conformidade com a ciência humana, ainda tão pouco desenvolvida, e com as experimentações que realizais, ainda tão limitadas; considerai os efeitos magnéticos que ele obtém pela ação da sua vontade, mediante a influência atrativa dos fluidos e, em seguida, refleti sobre o que poderia ser o poder da vontade de Jesus, para que sob o império dessa vontade se mantivessem os princípios constitutivos do seu perispírito tangível, tendo ele, como sabeis, o conhecimento perfeito de todos os fluidos; de suas *naturezas, propriedades e combinações*, dos efeitos dessas combinações; dos modos por que os aludidos fluidos se comportam na formação e no entretenimento de um corpo perispírico análogo aos dos habitantes dos mundos superiores; da maneira de tornar esse corpo *aparentemente* humano, pela adjunção dos fluidos ambientes que na terra servem para a formação e entretenimento dos seres terrenos; das leis de atração que regulam essas formações sob a ação do magnetismo espiritual e da vontade poderosa do Espírito puro.

Quando chegar o momento de respondermos às críticas com que deveis contar (a incredulidade, filha do orgulho e da ignorância, não é o que falta a muitos homens), desenvolveremos o pensamento que domina tudo o que acabamos de dizer. A cada dia basta o seu labor.

Concluindo, repetimos: o perispírito que servia de corpo visível e tangível a Jesus, enquanto este permanecia no vosso planeta, não era mais do que uma vestimenta que ele tomava para estar entre os homens e que despia, logo que se afastava das vistas humanas.

Somente depois de finda a sua missão terrena, na época da sua chamada "ascensão", os princípios constitutivos desse perispírito, suas partes componentes, se separaram definitivamente e voltaram aos meios que as atraíam. Às esferas superiores volveram os fluidos tirados de lá, reabsorvendo a vossa atmosfera os que dela haviam saído.

N. 67. Haveis dito: "Corno admitir-se que Jesus, na qualidade de *homem*, o que quer dizer *sujeito às necessidades da existência humana*, tenha podido viver quarenta dias e quarenta noites num deserto, sem tomar alimento algum?" Ora, os que se colocam fora da nova revelação não poderão opor o exemplo de Moisés que, revestido de um corpo material humano, permaneceu quarenta dias e quarenta noites no cume de uma montanha, *sem comer, nem beber*, e concluir daí que Jesus, revestido igualmente de um corpo humano material, pudera ter suportado um jejum de quarenta dias e quarenta noites?

Mantemos as palavras que acabais de citar. Moisés (diz o *Êxodo*, cap. 34, v. 28) passou quarenta dias na montanha e não comeu *pão*, nem bebeu *água*, durante todo esse tempo.

Efetivamente, Moisés não tomou alimento algum *preparado*, mas se alimentou de vegetais silvestres e de alguns insetos de que os Hebreus se nutriam, quando era preciso.

Não esqueçais tampouco a sobriedade natural dos Orientais, que de poucos alimentos necessitavam, como todos os habitantes dos climas quentes.

Moisés não foi detido no desempenho da sua missão antes de entrar na *terra prometida*?

Qualquer dos missionários espirituais (Moisés, Elias, João e todos os outros) teve missão semelhante à do Cristo, o ungido do Senhor?

Com relação a Jesus, ter-se-vos-á dito o mesmo que a respeito de Moisés? Não. O que está nos Evangelhos (Mateus, IV, v. 12; Lucas, IV, v. 12) é que Jesus *nada* comeu, que jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, que, portanto, passou todo esse tempo sem tomar alimento de espécie alguma, preparado ou não preparado, que o passou em absoluta abstinência, tal como era o *jejum* entre os Hebreus. Confrontados os textos, não há paridade entre um e outro caso, pelo que repetimos o que dissemos atrás:

"Como admitir-se que Jesus, sendo homem, o que quer dizer sujeito às enfermidades e necessidades da existência humana, tenha podido viver quarenta dias e quarenta noites num deserto sem tomar nenhum alimento, *jejuando* sem alimentação alguma e não semelhantemente a Moisés, que se alimentava de insetos e de vegetais silvestres?"

É tempo de explicarmos porque foi indispensável essa "encarnação" especial de Jesus, tal como vos vem de ser revelada. Se admitis que Jesus era um Espírito mais puro, mais perfeito do que qualquer outro adstrito ao vosso planeta; se admitis que, escolhido para guia desse planeta antes de ser ele tirado do caos, isto é, da massa dos fluidos que lhe continham os germens, preciso era que tivesse supremacia sobre tudo e todos. Como podereis achar razoável que um *Espírito tão sutil* suportasse o contacto de matéria tão grosseira, qual a do corpo humano, tal como o compreendeis? Ah! eis aí onde estaria o "*milagre*",

pois haveria uma subversão da ordem estabelecida desde toda a eternidade!

Quando tendes de guardar líquidos espirituosos ou éteres, sois obrigados a procurar recipientes adequados a contê-los, sob pena de verdes os vasos se quebrarem, ou se evaporarem os éteres e voltarem à massa dos fluidos de onde os extraístes. Porque, então, não admitireis que um Espírito etéreo, como o do Cristo, tenha sido obrigado a fabricar um vaso apropriado a encerrá-lo! Haveis de convir em que há grande presunção da parte dos homens e especialmente dos que se obstinam em considerar a Jesus como *uma parcela* de Deus, embora tenham Deus por *indivisível*, quando pretendem que o Mestre revestiu um corpo igual aos vossos. De fato, isso equivale a dizer que Deus, o *Espírito dos Espíritos*, a *essência* de inapreciável sutileza, se haja encerrado num vaso de argila tão grosseiro como são os vossos corpos. Refleti e respondi com consciência. Podeis admiti-lo?

Dissemos acima que aí é que haveria "milagre". Realmente, só por milagre fora possível que *um Espírito tão sutil, tão etéreo, como o do Cristo*, suportasse o contacto de matéria tão grosseira como a do corpo humano, *visto que tal fato estaria fora das leis naturais e imutáveis*, importando, pois, *numa subversão da ordem estabelecida desde toda a eternidade*.

O Espírito "*imaterial*", isto é, o Espírito *purificado* não pode retomar um invólucro consistente e material, que não esteja em relação *com a sua sutileza*. Pode apropriar para seu uso um invólucro muito inferior à sua natureza espiritual, mas não pode, tendo chegado *ao máximo grau de purificação*, retomar a matéria primitiva. Por ser essencialmente etéreo, o laço fluídico que haveria de prender o Espírito à matéria não *aderiria* à matéria corporal humana. Entretanto, o mesmo Espírito pode pôr-se em relação

com um corpo fluídico que, *para vós*, é imaterial, mas que, de fato, é ainda grosseiro, *relativamente ao estado de purificação e sutileza de certos Espíritos*. O perispírito dos Espíritos puros é, *por sua sutileza*, de natureza *muito diversa, pelo que toca à atração*, da do perispírito dos materialmente encarnados, o que lhes torna impossível aderirem à matéria do corpo humano.

Tomando um corpo próprio de *certos mundos elevados*, Jesus tomava um invólucro *relativamente material, para olhos humanos, uma carne relativa*.

O "*milagre*", na significação que até hoje se há dado a esta palavra, *consiste na prática de um ato ou na ocorrência de um fato em oposição às leis estabelecidas da natureza*. "Milagre" seria um homem gerar um leão, ou um elefante dar a vida a uma baleia. *Milagre* haveria, com efeito, na *realização* das predições segundo as quais as estrelas cairiam do céu, pois que tais fatos estariam fora da lei orgânica e regular das coisas. Mas, os fatos *cujo conhecimento vos falta nada têm de milagroso; se para vós* eles apresentam esse caráter, é porque *lhes ignorais as causas*.

Com o correr dos tempos, com a purificação e o progresso dos Espíritos, o estudo vos demonstrará que o que ainda hoje é tido por impossível, notadamente quanto às encarnações nos mundos superiores, quanto à encarnação especial de Jesus, deve ser classificado entre os efeitos de leis naturais, exatamente como sucede com o movimento dos astros, as mudanças das estações, as marés e tudo o que diariamente se passa sob as vossas vistas, inclusive a geração dos seres e das plantas, fatos que vos parecem naturalíssimos, se bem ainda os não conheceis intimamente.

Que os que rejeitam a revelação que vos fazemos, da *natureza* de Jesus e da *sua origem*, se reportem à vida inteira do Mestre, aos fatos evangélicos que, explicados *em espírito e em verdade*, militam a favor desta revelação; que se iniciem na ciência espírita e compreenderão, admitirão.

Chegará a vez de todos e a todos dizemos: Qualquer que seja a vossa opinião sobre a natureza e a origem do Cristo, quer lhe considereis *material* o corpo, quer *fluídico*, quer vejais nele um homem-Deus, quer um Messias, admirai-lhe a figura a irradiar por sobre vós, admirai-lhe o devotamento e o amor, esforçai-vos por imitá-lo e podeis ter a certeza de chegar um dia, em tempo breve, à luz e à verdade ¹³.

¹³ Recomendamos a leitura dos estudiosos *O Livro de Tobias*, um dos livros incluídos nas edições católicas da Bíblia e publicado em separado pela FEB – (Nota da Editora)

MATEUS, Cap.IV, v.12-17.-MARCOS, Cap.I, v.14-15.-LUCAS, Cap.IV, v.14-15

***Notícia do encarceramento de João. - Retirada de Jesus para a Galiléia. -
Pregações. - Estada em Cafarnaum.***

MATEUS: V. 12. Tendo ouvido dizer que João fora encarcerado, Jesus se retirou para a Galiléia; - 13, e, deixando a cidade de Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima dos confins de Zabulon e de Neftalim, 14. a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: - 15. "A terra de Zabulon e a terra de Neftalim, caminho do mar além Jordão, a Galiléia nas nações, -16.0 povo que jazia nas trevas, viu uma grande luz; e a luz surgiu para os que jaziam na região da sombra da morte." - 17. A partir daí, Jesus começou a pregar e a dizer: Fazei penitencia, pois o reino dos céus se aproxima.

MARCOS: V. 14. Logo que João foi encarcerado, Jesus veio para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus; - 15, e dizendo: Pois que o tempo se cumpriu e o reino de Deus está próximo, fazei penitência e crede no evangelho.

LUCAS: V. 14. Então, Jesus, pela virtude do espírito, voltou para a Galiléia e a sua fama se espalhou por toda aquela região. -15. Ensinava nas sinagogas e era glorificado por todos.

N. 68. Nenhuma explicação temos que dar aqui. Jesus levava a luz onde mais necessária era ela. Sua palavra tinha que ressoar em todos os ouvidos.

LUCAS, Cap. IV, v. 16-21***Vinda de Jesus a Nazaré.*****- Leitura da profecia de Isaías**

V.16. Vindo a Nazaré, onde fora criado, entrou na sinagoga, como era seu costume, num dia de sábado e se levantou para ler. -17. Apresentaram-lhe o livro do profeta Isaías e ele, desenrolando-o, chegou ao ponto em que se achavam escritas estas palavras: - 18. "O Espírito do Senhor está sobre mim; pelo que a sua unção me consagrou. Ele me enviou para pregar o evangelho aos pobres, para curar os de coração despedaçado, - 19, para anunciar aos cativos a sua libertação e aos cegos o recobrimento da vista, para libertar os oprimidos, para apregoar o ano das graças do Senhor e o dia da retribuição." - 20. Enrolado de novo o livro, ele o entregou ao ministro e sentou-se. Toda a gente, na sinagoga, tinha os olhos fitos nele. - 21. Disse então: Cumpru-se hoje esta palavra das escrituras, que acabais de ouvir.

N. 69. Por esse modo afirmou Jesus, no lugar mesmo onde se lhe escoara a vida humana aparente, ser o ungido do Senhor, seu enviado à Terra para desempenhar uma missão de caridade e de amor, de devotamento e de redenção, destinada a preparar por meio do Evangelho e da sua pregação - a regeneração humana, lançando-lhe as bases fundamentais.

LUCAS, Cap. IV, v. 22-30

Jesus designado por "filho de José". - Sua resposta. - Indignação dos que se achavam na sinagoga. - Conduzido por estes ao cume do monte para ser atirado daí a baixo, Jesus lhes desaparece das mãos.

V.22. Todos lhe davam testemunho e, tomados de admiração ante as palavras cheias de graça que lhe saíam da boca, diziam: Não é este o filho de José? 23. Jesus então lhes disse: Sem dúvida me aplicareis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; faze no teu país as grandes coisas que, segundo ouvimos, fizeste em Cafarnaum. 24. Mas, em verdade vos digo que nenhum profeta é bem aceito no seu país. 25. Em verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel, ao tempo de Elias, quando o céu se fechou durante três anos e seis meses e uma grande fome assolou toda a Terra: 26, entretanto, Elias não foi enviado a nenhuma delas, mas a uma que era viúva em Sarepta de Sidônia. - 27. Havia também muitos leprosos em Israel ao tempo do profeta Eliseu e no entanto nenhum foi curado, só o sendo Naaman, que era da Síria. - 28. Todos os que se achavam na sinagoga, ouvindo-o falar desse modo, se encheram de ira, - 29, e, levantando-se, o expulsaram da cidade e levaram ao cume do monte sobre o qual estava a cidade edificada, para o atirarem de lá em baixo. - 30. Jesus, porém, passando por entre eles, foi-se.

N.70. Não vos deve causar espanto a interrogação: "*Não é este o filho de José?*" Sabeis, pois que já vo-lo dissemos, e não o esqueçais, que, para o povo da Galiléia, para os Hebreus, como para os outros homens, Jesus, durante a sua missão terrena, era fruto da concepção humana, tendo Maria por mãe e por pai José. Só depois de finda aquela missão e de divulgada a revelação, que se conservara até então secreta, feita pelo anjo a Maria e a José, foi que Jesus passou a ser considerado filho de Maria virgem e de Deus, mediante uma concepção e um nascimento "miraculosos, divinos", *por obra do Espírito Santo*. Só então a crença na sua divindade germinou no espírito dos discípulos, que interpretavam *ao pé da letra* as palavras "meu pai" - ditas por ele, referindo-se a Deus. Achavam que somente a origem divina do Mestre explicava os fatos chamados - "*milagres*".

Aos que, na sua orgulhosa incredulidade, se negavam a aceitá-lo como sendo o unguido do Senhor, seu enviado, conforme declarara ao terminar a leitura do trecho de Isaías, cujas palavras confirmara, dizendo: "*Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido no seu país*", Jesus deu um ensinamento destinado, do mesmo modo que todos quantos de seus lábios saíram, a produzir frutos *naquele momento* e no futuro.

Suas palavras, constantes dos v. 26 e 27, objetivavam fazer sentir aos JuDeus que as nações nada valem para o Senhor, que a seus olhos só tem valor a virtude; objetivavam patentear-lhes a grandeza do orgulho que os impelia a se considerarem os únicos a quem Deus dispensava graças, o povo privilegiado, merecedor de privilégio.

Que nenhum de vós se encha do vão orgulho dos JuDeus, porquanto o Senhor olha para todos os seus filhos com igual amor. Os *únicos* privilegiados são os que maior mérito têm e os mais puros, abstração feita de todos os cultos e nacionalidades.

Chamamos vossa atenção para os últimos versículos (29-30). Admitis seja possível a um homem qualquer desaparecer *das mãos* de inimigos *encarniçados* que o cerquem, *decididos a sacrificá-lo?*

Podeis admitir que o caráter de Jesus se coadunasse com o emprego de algum miserável subterfúgio para alcançar a piedade ou o perdão de algozes dispostos a precipitá-lo do cume da montanha a baixo?

O certo é, porém, que Jesus desaparece do *meio deles*.

Que conclusões tirais *desse desaparecimento*, fato que muitas e muitas vezes se repete no curso da sua pregação, da sua *aparente* vida humana, antes e após a época da chamada "ressurreição"?

Jesus, no momento mesmo em que ia ser atirado da montanha a baixo, foi-se, diz a narração evangélica, *passando por entre* os que o haviam conduzido até lá, por entre os que o rodeavam, por entre a multidão.

Fazendo cessar a tangibilidade do seu corpo perispirítico, *aparentemente* humano, ele se libertou das mãos dos que o seguravam e lhes desapareceu das vistas. Ao mesmo tempo que *fazia cessar aquela tangibilidade*, os que o cercavam, impedindo-lhe a passagem, foram, por uma ação espírita praticada mediante o magnetismo espiritual, tomados de vertigem. Os que o agarravam largaram-no *sem saber por que motivo o faziam* e, notando o seu desaparecimento, acreditaram que se havia ocultado sob a proteção de cúmplices.

Sabeis que influência pode o mundo invisível exercer sobre a vossa organização.

De que natureza é a influência que instantaneamente vos força a só ter um pensamento, a só pensar num determinado ato, sem que tenhais consciência do tempo decorrido enquanto estivestes assim absortos? O cérebro, em tal caso, fica como que num estado de atonia, por efeito do magnetismo espiritual resultante de ação espírita e por efeito também da ação dos fluidos que o envolvem.

Os Espíritos superiores, que se grupavam em torno de Jesus e dos que o rodeavam, atuaram sobre estes, produzindo-lhes uma espécie de vertigem.

Ides com certeza perguntar de que natureza foi essa vertigem, pois que, não só temos que vos explicar os fatos, como também as palavras e o sentido em que são empregadas.

Dizemos - "vertigem" - porque, naquele momento, influenciados pelos fluidos que sobre eles os Espíritos espalhavam, produzindo uma ação magnética, os que cercavam a Jesus tiveram detido o curso de seus pensamentos e assim o viram desaparecer sem que, no primeiro instante, se apercebessem de que o prisioneiro lhes escapava. Só depois que deixaram completamente de vê-lo é que se inteiraram dos fatos.

Sendo, como era, grande a multidão, a ação espírita se exerceu apenas sobre os que, por estarem mais próximos, podiam observar a retirada de Jesus. Os que se achavam mais distantes, nada tendo visto, acreditaram que ele se fora pelo lado oposto. Os fatos se passaram como vos acabamos de explicar e não de outro modo, porque, ainda então, os homens, por lhes ser impossível compreender o fenômeno, tinham que crer na "humanidade" de Jesus.

Ligais muita importância a estas explicações. Elas a têm, com efeito, porque evidenciam a natureza do corpo do Cristo, *humano* na aparência, mas, na realidade, perispiritual, *estranho à vossa humanidade*.

Tudo tem a sua razão de ser na *aparente* vida humana de Jesus, nos acontecimentos que se encadeiam durante o curso da sua missão terrena, *quer* como exemplo ou lição, *quer* para que os homens da época dessem crédito à *sua humanidade* ou dela se convencessem, quer ainda para, *ao mesmo tempo*, deixar em germen, no seio deles, *com vistas ao futuro*, os elementos das provas da natureza puramente perispirítico-tangível, do seu corpo. Efetivamente, só à luz da nova revelação e por ocasião do advento da era nova do Cristianismo *do Cristo*, a natureza perispirítica do seu corpo poderia explicar, como explica, tornar compreensíveis e admitidos fatos inexplicáveis por outra maneira e que seriam absurdos, impossíveis, absolutamente inadmissíveis, se Jesus houvera sofrido a encarnação humana *tal qual a sofreis*, se houvera tido um corpo *igual aos vossos*.

Não confundais a influência que vos acabamos de descrever e que os Espíritos superiores exerceram sobre os homens no cume da montanha de Nazaré com a influência que, em certos casos, os Espíritos podem exercer sobre algumas pessoas, consistindo em lhes produzir uma espécie de cegueira ou de miragem, com o fim de lhes tirar a visão do que se passa e representar-lhes um outro fato. Isto entra numa ordem mais ou menos complicada de fenômenos que teremos ocasião de explicar oportunamente.

MATEUS, Cap.IV, v.18-22. - MARCOS, Cap.I, v.16-20.

- LUCAS, Cap.V, v.1-11

Vocação de Pedro, André, Tiago e João.

- Pesca chamada milagrosa

MATEUS: V. 18. Andando Jesus pela praia do mar da Galiléia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; - 19, e lhes disse: Segui-me e farei que vos torneis pescadores de homens. - 20. Para logo os dois abandonaram as redes e o seguiram. - 21. Continuando a andar, viu dois outros irmãos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que numa barca com o pai consertavam sua redes, e os chamou. 22. Deixando no mesmo instante o pai e as redes, ambos o seguiram.

MARCOS: V. 16. Passando pela praia do mar da Galiléia, Jesus viu a Simão e seu irmão André que lançavam as redes ao mar, pois que eram pescadores; - 17, e lhes disse: Segui-me, e farei de vós pescadores de homens. - 18. Logo os dois abandonaram as redes e o seguiram. - 19. Tendo caminhado um pouco mais, viu a Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu, que também numa barca consertavam suas redes. - 20. Logo os chamou e ambos, deixando na barca Zebedeu com os jornaleiros, o seguiram.

LUCAS: V. 1. Um dia em que se achava à margem do lago de Genezaré, Jesus, assediado pela multidão que se premia para ouvir a palavra de Deus. - 2, viu à borda do lago duas barcas; os pescadores tinham saltado para lavar suas redes. - 3. Entrou numa delas pertencente a Simão e lhe pediu que a afastasse um pouco da praia e, sentando-se, começou a pregar ao povo, de dentro da barca. - 4. Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo e atira a tua rede para pescar. - 5. Simão lhe objetou: Mestre, trabalhamos toda a noite e nada apanhamos; mas, obedecendo à tua ordem, lançarei a rede. - 6. E, tendo-o feito, pescaram tão grande quantidade de peixes que a rede se rompia. - 7. Acenaram aos companheiros que se achavam noutra barca para que viessem ajudá-los; os outros vieram e as duas barcas ficaram cheias de tal modo que quase se afundavam. - 8. Vendo isso, Simão Pedro se prostrou aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, afasta-te de mim, pois que sou um pecador. 9. Tanto ele como os que o acompanhavam ficaram assombrados da pesca que haviam feito. -10. Tiago e João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão, partilhavam do mesmo assombro. Então, disse Jesus a Simão: Nada temas: daqui por diante serás pescador de homens. - 11. Tendo de novo conduzido as barcas à praia, eles abandonaram tudo e o seguiram.

N.71. O ensinamento aqui decorre da submissão dos primeiros discípulos de Jesus. Inspirados por seus anjos da guarda, eles atenderam à voz que os concitava à obediência. Escolhidos por Jesus, que lia em suas almas e *lhes* conhecia os *Espíritos*, seguiram-no, cedendo a uma espécie de atração que liga os Espíritos simpáticos.

Com relação à pesca, não houve "*milagre*" algum, no sentido que o homem dá a essa palavra, pois que, com efeito, ela não constituiu um fato que se haja produzido com *derrogação* das leis da Natureza. Já o temos dito: a vontade imutável de Deus jamais derroga as leis naturais e imutáveis por ele mesmo estabelecidas desde toda a eternidade.

Nada *há sobrenatural*. Na ordem física, tudo se passa sempre conformemente à vontade do Senhor, sob a ação espírita, segundo essas leis naturais e imutáveis e pela execução delas.

A pesca havia de surpreender e surpreendeu extremamente aqueles homens, simples e ignorantes como encarnados, e os encheu de temor. De coração humilde, eles, ignorando as causas do fenômeno, o atribuíram a Deus, considerando-o um *milagre*, uma manifestação do poder divino, sem cuidarem de lhe perscrutar o segredo.

Que há de estranhável na estupefação dos discípulos quando, em vossos dias, a incredulidade, filha do orgulho e da ignorância, rejeita esse mesmo fato por não o poder compreender e explicar, negando sem estudo e sem exame suficientes, teóricos e experimentais, os poderes dos Espíritos e os efeitos magnéticos, recusando iniciar-se no Espiritismo, que é, ao mesmo tempo, revelação e ciência, repelindo a ciência espírita e o magnetismo, que são, para a vossa humanidade, as duas fontes de toda a luz, de toda a ciência, de toda a verdade e de todo o progresso físico, moral e intelectual?

Já vos dissemos (n. 14) e repetimos: o magnetismo é o agente universal que tudo aciona. Tudo está submetido à influência magnética. A atração existe em todos os reinos da natureza; tudo no Universo é atração magnética. Essa a grande lei que rege todas as coisas. Tudo na Natureza é magnetismo, tudo é atração resultante desse agente universal.

Os fluidos magnéticos entrelaçam os mundos que povoam o Universo, ligam os Espíritos, encarnados ou não. É um laço universal com que Deus nos une a todos, como que para formarmos um único ser e subirmos até ele mais facilmente pela conjugação das nossas forças.

Na ordem material, os fluidos se reúnem sob a ação da vontade do Espírito e, na ordem espiritual, constituem, por efeito dessa mesma vontade, o veículo do pensamento através da imensidade.

Quando o homem se tornar capaz de compreender toda a extensão da atração magnética, o mundo lhe estará submetido, porque então ele terá o poder de dirigir a ação dessa grande lei. Mas, para lá chegar, ser-lhe-á mister longo e aprofundado estudo das causas e *sobretudo* muito respeito e amor àquele que lhe confiou tão poderoso meio de agir. Ser-lhe-á mister o trabalho da inteligência e a prática. O estudo e a prática, feitos com humildade de coração e desinteressadamente, levarão o homem a compreender a força e a utilidade desta alavanca formidável - *a atração magnética*.

O homem, por meio do magnetismo humano, que é a concentração dos fluidos existentes nele e na atmosfera que o envolve dentro de determinado limite, operada por efeito da sua vontade, atua sobre outro homem ou sobre as coisas, até uma certa distância.

Por meio do magnetismo espiritual, resultado da concentração da vontade do Espírito, este reúne em torno de si os fluidos de qualquer espécie existentes no homem ou no espaço e os dispõem de modo a atuarem, conforme ele queira, sobre o homem ou sobre as coisas, produzindo os efeitos que deseje.

O poder da vontade do homem e os efeitos magnéticos que lhe seja dado obter se acham em relação com o grau de pureza que ele haja alcançado e que lhe faculta, em muitos casos, *sem que tenha disso consciência*, a assistência e o concurso dos Espíritos elevados.

O poder da vontade do Espírito e os efeitos magnéticos que lhe seja dado obter *também* se acham *em relação* com o grau de pureza, de elevação moral e intelectual que ele tenha atingido, na medida do conhecimento que adquiriu das causas, o que lhe torna possível remontar à origem das coisas e compreender a força e a utilidade da poderosa alavanca que se chama - *atração magnética*.

A pesca dita *milagrosa* resultou de uma ação toda natural, foi obra exclusiva da vontade de Jesus, que adquirira e possuía o conhecimento daquele agente universal, daquela grande lei a que tudo está sujeito, da natureza dos fluidos,

das causas, o que lhe facultava poder remontar à origem das coisas, compreender e empregar a mesma poderosa alavanca.

A carne não lhe obscurecia a vista, como sucede convosco. Seu olhar penetrava o seio das águas. Espírito, *sempre Espírito*, revestido de um corpo perispirítico que lhe deixava intacta e completa a visão espiritual, ele percebeu, na massa líquida, os fluidos que envolviam certas espécies de peixes. Sua vontade potente, produzindo uma ação magnética, atraiu ao lugar em que se achava a barca os aludidos fluidos, e os peixes daquelas espécies, arrastados pela corrente desses mesmos fluidos, vieram lançar-se nas redes dos pescadores.

Não peçais explicação *das causas, dos meios e das leis* naturais e imutáveis a que recorreu Jesus para, por ato da sua vontade, produzir o efeito *visível* de atrair os fluidos e determinar com eles as correntes que levaram os peixes às redes.

Ultrapassáreis os limites da vossa humanidade, porquanto *atualmente* vos é impossível compreender essas causas, esses meios e essas leis. O homem ainda não pode desvendar tais segredos. Não olvideis que Jesus era Espírito puro entre os mais puros e que só depois de alcançardes uma relativa pureza podereis tentar segui-lo.

A Natureza tem ainda para vós muitos segredos que desvendareis à medida que, purificadas, vossas crenças vos ponham em condições de remontar à origem das coisas.

A única explicação espírita que temos a dar-vos sobre a pesca de que vimos tratando é *que* o Espiritismo representa hoje a rede lançada por Pedro e *que*, atraídos pelos fluidos que os bons Espíritos espalham em torno de vós, os homens virão de comum acordo encher essa rede, que os tirará das águas infectas onde os vícios da humanidade os faziam apodrecer.

Pedro (como vos explicaremos mais tarde) é quem recebeu de Jesus o encargo de presidir aos progressos da fé, ao desenvolvimento das inteligências, à realização das suas promessas; é aquele sobre quem o Cristo declarou que edificaria a sua igreja. Essa igreja é o vosso planeta e a sua humanidade e será edificada conduzindo Pedro a Terra pelo caminho do progresso físico até se tornar um mundo fluídico e a humanidade terrena, pela estrada do progresso físico, moral e intelectual, à perfeição.

N.72. Espíritos elevados como Jesus teriam podido e poderiam ainda, por meio do magnetismo espiritual, provocar e obter uma pesca qual a de que aqui se trata e é chamada *milagrosa*?

Sim, com a permissão de Deus, mediante, se preciso fosse, a assistência e o concurso de Espíritos suficientemente elevados. Mas, nós nada fazemos sem motivo e sem um fim útil. O que foi feito se pode ainda fazer e se faz muitas vezes, sem que o saibais. Nossa influência intervém ocultamente em muitos fatos que atribuíis a *uma circunstância feliz*.

N.73. Por meio do magnetismo humano, poderia *hoje* o homem, com os conhecimentos teóricos e práticos que já possui e ajudado por Espíritos suficientemente elevados, provocar e obter uma pesca semelhante à que é chamada *milagrosa*?

Não; o homem tal como ainda é não o poderia. Cumpre-lhe atingir um grau de pureza que está longe de possuir. Deus não concede seus poderes senão aos que deles se tornaram dignos.

MATEUS, Cap. IV, v.23-25.

- **MARCOS, Cap. I, v.21-28; e Cap. III, v.7-12.- LUCAS, Cap. IV, v.31-37**

Pregações de Jesus. - Sua fama.***- Curas físicas e morais chamadas "milagres"***

MATEUS: V. 23 E Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, curando todos os males e enfermidades do povo. - 24. Sua fama se espalhou por toda a Síria, à sua presença foram trazidos os que se achavam doentes e atormentados por dores e males diversos: - possessos, lunáticos, paralíticos - e ele os curou. - 25. Acompanhava-o grande multidão de gente da Galiléia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judéia e de além-Jordão.

MARCOS: V. 21. Vieram em seguida a Cafarnaum onde, entrando na sinagoga aos sábados, Jesus os instruía. - 22. Todos se admiravam da sua doutrina, por isso que ele os instruía como tendo autoridade para fazê-lo e não como os escribas. - 23. Ora, sucedeu achar-se na sinagoga um homem possuído de um espírito impuro, que exclamou: - 24. Que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus. - 25. Jesus, em tom de ameaça, disse-lhe: Cala-te e sai desse homem. - 26. Logo o espírito impuro, agitando-o em convulsões violentas e soltando um grito estridente, saiu do homem. - 27. Tão grande assombro se apoderou de todos, que uns aos outros perguntavam: Que é isto, que nova doutrina é esta? Ele manda com império mesmo nos espíritos impuros e estes lhe obedecem. - 28. Sua fama se espalhou assim, rapidamente, por toda a Galiléia.

III: V. 7. Jesus se retirou com seus discípulos para os lados do mar, acompanhado por grande multidão de gente da Galiléia e da Judéia, - 8. de Jerusalém, da Iduméia e de além-Jordão, tendo vindo juntar-se-lhe, proveniente de Tiro e Sidônia, outra grande multidão que ouvira falar das coisas que ele fazia. - 9. Disse ele então aos discípulos que lhe arrandassem uma barca onde pudesse meter-se para não ser oprimido pela turba. - 10. É que, como cura a muitos, todos os que sofriam de um mal qualquer se precipitavam sobre ele para tocá-lo. - 11. E os espíritos impuros, quando o viam, se prosternavam gritando: - 12. És o filho de Deus. Ele porém, com grandes ameaças, lhes proibia que o descobrissem.

LUCAS: V. 31. Ele desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e aí os instruía nos dias de sábado. - 32. E todos se espantavam da sua doutrina, porque falava com autoridade. - 33. Ora, estava na sinagoga um homem dominado por um demônio impuro, que exclamou em alta voz: - 34. Deixa-nos; que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus. - 35. E Jesus, ameaçando-o, disse-lhe: "Cala-te e sai desse homem." E o demônio, atirando o homem ao chão no meio da sinagoga, saiu dele sem lhe ter feito mal algum. - 36. O terror se apossou de todos e uns aos outros diziam: Que é isto? Ele ordena com autoridade e poder aos espíritos impuros e estes saem logo? -37. E sua fama se espalhou por todos os cantos do país.

N. 74. Que ensinios, além dos que decorrem naturalmente dos Evangelhos, vos podemos dar, acerca da aparente vida humana de Jesus, dos atos da sua missão terrena?

Não o vedes praticando sem cessar a caridade sob todas as formas, atraindo a si, não os grandes e poderosos, mas os humildes e os desgraçados, pregando o arrependimento e multiplicando em torno de si as curas da alma e do corpo?

Homens, meditai com o coração nesses ensinamentos e não teremos necessidade de os comentar. Acompanhai a Jesus com amor e em vós se desenvolverá a inteligência do amor.

Para operar as curas *materiais*, ele usava do poder magnético que a sua pureza perfeita lhe conferia e d qual ainda não pode o homem fazer idéia precisa.

Todavia, pelo que já tem obtido e obtém sobre os doentes, em certos casos, o magnetizador, com o auxílio do magnetismo humano e, sobretudo o médium curador, *consciente* ou *inconsciente*, mediante ação magnética, com a assistência, a intervenção, o concurso dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, podeis entrever qual fosse e era o poder magnético de Jesus, quando a sua vontade atuava sobre os fluidos regeneradores, fortificantes, que, todos, ele conhecia, conhecendo-lhes a *natureza*, as *combinações*, os *efeitos* e as *propriedades atuantes*.

Não tendes que vos admirar das curas materiais que realizou durante a sua missão terrena, uma vez que nada do que respeita à vossa organização humana, à formação *a priori* dos vossos corpos, às condições de vida e às funções vitais dos mesmos corpos, às vossas doenças e enfermidades, às suas sedes e causas, lhe escapava à visão espiritual, que não tinha a obscurecê-la a carne que vos constringe os Espíritos; e uma vez também que, debaixo do invólucro perispiritico de que se revestia para tornar-se visível e tangível aos homens, *ele, sempre Espírito*, apenas *figuradamente* encarnado, conservava toda a independência, toda a liberdade e, em toda a sua extensão incomensurável, o poder de agir no espaço.

Todos os que se sentiam presa de algum mal, diz o evangelista, se precipitavam para tocá-lo, porque (Lucas, Cap. VI, v. 18) "dele saia uma virtude que a todos curava".

Jesus espalhava em torno de si o princípio magnético vivificante que possuía e que a força, o poder da sua vontade ainda aumentavam. Como Espírito, se bem que, conforme acabamos de dizer, *figuradamente* encarnado, tinha a presciência e antecipadamente via os que o iriam procurar necessitados do seu poder.

Sua vontade então agia, para mais fortemente impressionar a homens que ficariam impassíveis e mesmo incrédulos ante curas *apenas* morais e que bradavam *hosanas* ao menor alívio de uma dor física.

Para operar as curas morais, bastava-lhe mostrar-se aos espíritos maus. Mostrava-lhes, não o invólucro que o cobria, mas o seu próprio Espírito e só a sua vontade poderosa bastava para os afastar. Então, como hoje, estavam e estão submetidos à sua influência moral todos os mais elevados Espíritos que sob a sua direção trabalhavam e trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade. Ele tinha então, como tem agora, sobre todos os Espíritos superiores, ou imundos, impuros, maus, um poder *imediat* que os forçava a lhe obedecerem à vontade no mesmo instante em que esta se manifestava. E esse poder *imediat*, graças sejam dadas ao Senhor, existe e existirá sempre.

Como sabeis, por estas palavras - *satanás*, *demônio*, *diabo* - se devem entender - os *Espíritos impuros*, *imundos*. São sinônimas tais locuções e é sempre essa a significação em que as empregaram os Evangelhos.

Por *possessos*, *possessos do demônio*, deveis entender aqui os encarnados subjugados, *quer* corporalmente, *quer* corporal e moralmente, por maus Espíritos.

Os *lunáticos* eram encarnados sujeitos a obsessões ou subjugações momentâneas, que se repetiam com certa regularidade.

A *possessão* de que falam os Evangelhos nos casos que relatam não era mais do que *subjugação*. Jesus se servia sempre das expressões em uso, de acordo com os preconceitos e as tradições, a fim de ser compreendido e, mais ainda, escutado.

A subjugação consiste na ação dominadora que o Espírito mau exerce, sujeitando-o momentaneamente à sua vontade, sobre outro Espírito que, mais fraco, se *deixou* dominar.

Para produzir os efeitos corporais ou físicos, atua fluidicamente sobre o encarnado, combinando com os deste os fluidos do seu perispírito, utilizando-se de todos os elementos de mediunidade, *tanto* sensitiva e impressionável, *como* de efeitos físicos, que lhe ofereça a organização da sua vítima. Faz-lhe sentir a sua presença, atormenta-a, põe-na em convulsões, numa palavra: por meio da ação fluídica exercida segundo a sua vontade dominante, dispõe a seu bel-prazer do corpo dela.

Para produzir efeitos corporais e morais, o obsessor procede também como acabamos de explicar. Serve-se dos elementos de mediunidade, *audiente, falante, vidente, psicográfica*, que encontra na sua vítima, atuando-lhe sobre os órgãos materiais aptos à manifestação que queira obter. Faz que lhe ouça a voz, que fale, que escreva, que tenha visões. Em suma, atormenta corporal e moralmente o subjugado por todos os meios que a organização deste lhe ponha à disposição. Indu-lo a resoluções muitas vezes absurdas ou comprometedoras, mesmo aos atos mais ridículos, ou então, pela ação fluídica que exerça sobre o cérebro da vítima, chega até a produzir nela, momentaneamente, a aberração das faculdades, o que, *para os homens ainda não iluminados pela luz espírita, é* uma loucura ordinária com intervalos de lucidez.

Desse modo se produziram todos os efeitos, tanto corporais ou físicos, como corporais e morais, nos casos, que os Evangelhos relatam, de subjugação de encarnados, que eles designam por *possessos, possessos do demônio*.

Independentemente da obsessão e da subjugação, quer corporal apenas, quer corporal e moral, há os casos, a que podeis chamar *possessão*, em que o Espírito do obsessor se substitui ao do encarnado no seu corpo, a fim de servir-se deste como se lhe pertencera. Tais casos são muito raros.

A substituição se opera da maneira seguinte:

Pela ação da vontade dominadora do mau Espírito, o Espírito encarnado é, por assim dizer, expulso do seu corpo, ao qual se conserva ligado apenas por um cordão fluídico com o auxílio do perispírito. Combinando os fluidos do seu perispírito com os do perispírito do encarnado, o Espírito mau se introduz no corpo pertencente a este e lhe imprime uma ação que é o produto daquela combinação. O perispírito do encarnado fica sendo o instrumento e o auxiliar indispensável ao outro para que, por ato da sua vontade dominadora, possa servir-se do corpo de que se apoderou, como se seu próprio fora.

Enquanto dura a substituição momentânea, o Espírito do encarnado, fora do corpo que lhe pertence e ligado a ele somente pelo cordão fluídico, vê, sem poder impedi-lo, por se achar dominado e submetido à vontade do outro, o que este faz.

Uma tal substituição, tanto se pode dar em estado de vigília, como no de sonambulismo do encarnado.

No primeiro caso, consideram-no quase sempre um desarranjo do cérebro.

Repetimos: essas substituições são muito raras.

Há ainda um caso excepcional de substituição, que, sempre com um fim útil e com a permissão dos anjos da guarda, se produz *voluntariamente*.

É o em que, *no estado de sonambulismo magnético*, o Espírito encarnado, *cedendo à súplica de um Espírito* que se quer manifestar, consente em *deixar o seu corpo* e empresta, por assim dizer, àquele o *instrumento* necessário à manifestação.

Ainda aqui o processo da substituição é o mesmo. Ela se opera exatamente como quando é obra *da violência* de um Espírito obsessivo, *com a única diferença de que aqui há consentimento, há acordo de vontades para que o fato se produza*

¹⁴.

¹⁴ Fui testemunha de um destes casos excepcionais e raros de substituição, por ato voluntário do Espírito encarnado, que passou ao estado de sonambulismo magnético para auxiliar a manifestação de um Espírito sofredor e, por conseguinte, em benefício de um irmão desgraçado. Eis aqui as circunstâncias em que o fato se deu: No mês de março de 1863, em companhia do Sr. Puginier, tenente do 88º Regimento de Linha, e do Sr. Du Boscq, membro do Conselho Geral do Departamento da Gironda, fui a casa da Sra. D. T., sonâmbula muito lúcida, assistir às consultas que, no estado sonambúlico, ela dava a diversos doentes. No momento em que nos íamos retirar, quando já eu abrira a porta de saída do compartimento, ouviu-se um grito. Voltamo-nos. A Sra. D. T., sempre em estado sonambúlico, se levantara e permanecia de pé. Aproximamo-nos e estas palavras me foram dirigidas: "Sou eu G. D. quem te quer falar." (Tratava-se do Sr. G. D. que eu conhecera muito intimamente durante a sua vida terrena e que morrera, havia meses). "Procurava uma ocasião de conversar contigo e achei-a. Entrei neste corpo e dele me sirvo. Sou imensamente desgraçado e sofro horrivelmente, etc."

Comunicou-se espontaneamente e me descreveu os sofrimentos e as torturas morais que experimentava, tanto mais cruéis quanto não lhes via o termo e se desesperava acreditando que jamais cessariam. Tomou-me da mão utilizando-se da do corpo da Sra. D. T. como se sua fora.

Tive com esse Espírito desgraçado um colóquio longo, que durou mais de meia hora. Esclareci-o e o consolei, concitando-o a ter paciência e resignação, a se arrepender profunda e sinceramente das faltas que cometera durante a sua vida terrena, a tomar o propósito de repará-las, mostrando-lhe a grandeza, a justiça, a bondade e a misericórdia infinitas de Deus, que está sempre pronto a perdoar ao Espírito culpado, transviado, desde que se humilhe, arrependido e submisso: a lhe abrir, pela reencarnação, o caminho a novas provações, ou seja o caminho da reparação e do progresso. Conseguí assim que naquela alma atribulada luzisse um raio de esperança e de fé.

Enquanto durou a substituição, o Espírito de G. D., servindo-se do corpo da Sra. D. T., como se fora o seu, e dos órgãos materiais dela para gesticular e falar, reproduzia os gestos e atitudes corporais que lhe eram próprios na vida terrestre.

Logo que esse Espírito sofredor se foi embora, a Sra. D. T. retornou o corpo que lhe pertencia e, conservando-se no estado sonambúlico, disse: "Pobrezinho! sofre bastante e é bem desgraçado! Desejava falar-vos e então consenti, com a permissão dos nossos anjos de guarda em lhe emprestar o meu corpo, para que, entrando nele, pudesse dizer o que queria. Eu estava ao lado, ligada e presa ao meu corpo por um cordão fluídico luminoso, mas invisível para os vossos olhos humanos."

Essa substituição se reproduziu muitas vezes, em casa da Sra. D.T., na presença do Sr. Du Boscq, que também era amigo de G.D..

Desde o primeiro dia em que nos falamos, exortei o Espírito de G.D. a ir todas as noites a minha casa, à hora em que os Espíritos sofredores, errantes no espaço, se manifestavam por um médium psicográfico, para pedir e ouvir as preces.

As obsessões e subjugações são provocadas, sob a influência atrativa dos fluidos similares, pelas disposições do encarnado, pela natureza de suas más tendências, de seus pendores e de seus sentimentos maus. Também são, não raro, uma provação e muitas vezes uma expiação de fatos de existência anterior.

Se constituem um mal para o encarnado, são um mal permitido, porque Ihe será proveitoso, pois que tudo (inclusive a punição, o castigo) tem sempre por fim o vosso aperfeiçoamento moral e o vosso progresso. Nada ocorre sem ser pela vontade de Deus e, sobre aquilo que ocorre segundo a vontade divina, os Espíritos superiores e os bons Espíritos exercem vigilância para que aquele resultado não deixe de produzir-se.

Os obsidiados e subjugados entre vós aparecem todos os dias e aqueles que ainda não foram tocados pela luz espírita os consideram atacados de enfermidades físicas, de loucura ordinária e tentam inutilmente curá-los pelos meios humanos, em lugar de recorrerem à prece e ao exemplo moral.

Recorrei à prece e ao exemplo moral, vós que ainda não possuíis a pureza perfeita donde dimana o poder *imediate*, que só os Espíritos puros têm, de afastar os impuros *no mesmo instante* em que se manifesta a vontade de o conseguirem. Trabalhai junto do encarnado por esclarecê-lo, por melhorá-lo, dispondo-o a atrair a si os bons Espíritos, seus fluidos, seu auxílio e seu concurso para o afastamento dos obsessores. Lançai mão também da evocação praticada com recolhimento e com fervor, cheios de caridade para com esses irmãos transviados, a fim de os trazerdes ao bom caminho pela prece, pela perseverança na prece saída do coração e não somente dos lábios, pelas exortações feitas e repetidas com benevolência e ao mesmo tempo com a doçura, a firmeza e a bondade, que, apoiadas na prece, acabam sempre por tocar os mais rebeldes, os mais endurecidos. Espíritas, procurai o apoio dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos que vos cercam. Chamai-os em vosso auxílio e todos acorrerão aos vossos apelos amigos e a vós se unirão. Tende confiança, pois que eles atendem sempre aos chamamentos de um coração puro e de uma consciência reta que lhes solicitem o concurso para a realização de uma obra de amor e de caridade.

Há ainda e por muito tempo haverá "*demônios*" entre vós ¹⁵.

A partir daquele dia, todas as noites, o Espírito de G. D. se manifestou espontaneamente. Assim, durante longo tempo orei por ele e ainda oro. Meus esforços, meus conselhos, minhas exortações e minhas preces foram recompensadas. Tive a alegria de haver contribuído para Ihe aliviar os sofrimentos, para o consolar, esclarecer e melhorar, desenvolvendo nele a paciência e a resignação nos sofrimentos morais, o arrependimento e o desejo de reparar suas faltas e de progredir.

¹⁵ Fui também testemunha de um caso em que, com o auxílio da mediunidade sonambúlica, se revelaram a presença e a ação do Espírito obsessivo de um homem que parecia atacado de moléstia nervosa, cujo tratamento, pelos meios humanos empregados para as curas materiais, até então falhara. A dúvida se dissipou, graças a essa mediunidade sonambúlica, que tomou patente haver ali uma obsessão, uma subjugação corporal e, portanto, a necessidade de um tratamento moral, pois que moral era a doença. Eis o que ocorreu:

Em Dezembro do 1863, fui um dia assistir as consultas que, em estado de sonambulismo magnético, a Sra. D. T. dava aos doentes que a procuravam. Nesse dia, entre os consultantes veio um homem que, ao entrar em relação magnética com ela, contou que, havia muitos meses, se achava atacado de uma enfermidade que os médicos qualificavam de nervosa e que consistia em experimentar ele contrações na garganta e às vezes sacudidas no rosto e no pescoço, que pareciam um tique nervoso. Frequentemente, no momento de começar uma refeição, os maxilares e os dentes se lhe cerravam de tal maneira que impossível lhe era comer, vendo-se constrangido a desistir de tomar o alimento, ainda que sentindo muito apetite e precisando de alimentar-se. Acrescentou que os diversos médicos a quem consultara lhe tinham receitado muitos remédios que nenhum resultado, nenhuma melhora produziram.

Esse estado o preocupava e inquietava vivamente.

Apenas o homem concluiu a sua exposição, uma críspação ligeira se lhe manifestou no rosto. A sonâmbula, como se se dirigisse a terceira pessoa, pronunciou estas palavras: "Deixa tranqüilo esse homem." Em seguida, exortou a terceira pessoa invisível a não mais atormentar o homem e acrescentou: "Vou orar por ti." E orou. Dirigindo-se ao doente, disse-lhe, depois de o examinar: "Não tendes doença alguma: Sois atormentado por um mau Espírito em favor do qual deveis orar. Só pela prece o afastareis. Ide e orai, não com o, lábios, mas com o coração, com desinteresse e caridade. Voltai daqui a oito dias."

Aproximei-me o mesmo instante da Sra. D. T., que quando eu chegara já estava em estado sonambúlico, e me pus em relação com ela, tomando-lhe a mão. "Ah! estais aí! - disse-me. Este homem está subjugado por um Espírito obsessivo. Não é um doente; seu mal desaparecerá quando esse Espírito o deixar."

O Espiritismo que, como sabeis, é uma revelação e uma ciência, vem dissipar todas as obscuridades, iluminar todas as trevas, ensinar-vos a distinguir os que só *na aparência* sofrem de enfermidades ou de loucura ordinária, os obsidiados, os subjugados, aos quais unicamente o tratamento moral se deve aplicar, dos que *realmente* são *enfermos* ou *loucos*, passíveis, portanto, de cura material pelos processos humanos.

Em caso de dúvida, *se vos movem* exclusivamente sentimentos de humanidade, o *desinteresse*, o *amor* e a *caridade*, *tendes* ao vosso alcance, na mediunidade psicográfica e, ainda mais, na mediunidade sonambúlica ou *vidente*, que vos revelará a presença e a ação do Espírito obsessor, o meio de vos esclarecerdes, de estabelecerdes a distinção.

Aquele homem que se achava na sinagoga "possuído de um Espírito impuro", "tendo em si um demônio *impuro*", estava subjugado corporal e moralmente por um Espírito mau.

Constrangido por essa subjugação, posta em prática da maneira que acabamos de explicar, submetido inteiramente à vontade do obsessor, que o dominava pela ação fluídica, foi que, agindo o mesmo obsessor fluidicamente sobre os seus órgãos vocais, ele, tornado assim médium falante, pronunciou estas palavras:

"Deixa-nos: que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus". Foi ainda por efeito da ação fluídica do perispírito do obsessor sobre o do obsidiado e da ação da vontade do primeiro sobre a do segundo, sujeita inteiramente e governada aos caprichos do outro, que o homem se agitou em violentas convulsões e se atirou ao chão, soltando um grito estridente, quando Jesus intimou o mau Espírito a cessar a subjugação, exprimindo-se nestes termos apropriados às inteligências, aos preconceitos e às crenças da época: "*Cala-te e sai desse homem*".

Formulando esta interrogação: "*Vieste para nos perder?*" o obsessor aludia ao conhecimento, que Jesus, se o quisesse, podia dar aos homens, das *causas* e dos *efeitos* da subjugação, pondo-os em condições de se preservarem dela.

Mas, não chegara o momento de se desvendarem os segredos de além-túmulo aos homens, que, como na época de Moisés, eram e ainda por muito tempo seriam incapazes de receber o conhecimento, que só a nova revelação lhes ministraria, das relações do mundo invisível com o mundo visível. Por isso é que Jesus retrucou ao Espírito obsessor, dizendo: "*Cala-te e sai desse homem*".

Respondi-lhe: "Pois bem! devemos tentar essa cura moral, porquanto, em vez de um doente, há dois." E, dirigindo-me ao obsessor, disse-lhe: "Vai a minha casa hoje à noite às sete horas. A essa hora lá vão muitos Espíritos sofredores, desgraçados, pedir preces e receber os benefícios das que por eles fazemos. Se não fores espontaneamente, eu te evocarei. Orarei por ti e te farei compreender que estás praticando o mal e que, depois da morte, como na Terra, não devem animar o Espírito senão os sentimentos de amor e de caridade para com os seus irmãos encarnados e errantes."

Nessa mesma noite e nas oito seguintes evoquei aquele Espírito obsessor e pus em prática, a seu favor, a prece, as exortações, os conselhos.

O doente voltou, oito dias depois, a casa da Sra. D. T.. Lá me achava. Pondo-se em relação magnética com ela, disse estar sendo um pouco menos atormentado, mas que ainda o era, se bem que mais fracamente.

A Sra. D. T. vendo, no estado sonambúlico, o Espírito obsessor constantemente ao lado do homem, lhe dirigiu exortação e orou por ele.

As reuniões continuaram a realizar-se assim de oito em oito dias na casa da Sra. D. T. O subjugado persistia nas preces e, por meu lado, persisti nas evocações e nas preces em minha casa durante cerca de um mês.

Decorrido esse tempo, uma noite o Espírito obsessor, conduzido pelo seu anjo de guarda, se manifestou espontaneamente.

Chegava o arrependimento, fizera-se a luz. Ele se tornara Espírito sofredor, renunciara à subjugação do homem e pediu preces.

Passados três dias, fui a casa da Sra. D. T.. Sendo dia do seu comparecimento, o doente lá foi e nos disse: Há cinco dias que não sinto mais nada; estou curado.

Livre aquele homem da subjugação, ainda me restava uma tarefa a desempenhar junto do irmão desgraçado que a praticava e que se tornara sofredor.

Desde que ele se manifestou espontaneamente, continuou a vir todas as noites a minha casa receber os benefícios da prece.

Orei e ainda oro em seu favor. Tenho a satisfação de haver contribuído para seu alívio e sua melhoria moral, desenvolvendo nele cada vez mais a paciência e a resignação nos sofrimentos, o arrependimento e o desejo de reparar suas faltas e de progredir.

Diz o Evangelho: "Quando viam a Jesus, os Espíritos impuros se prosternavam, exclamando: És o *"filho de Deus"*."

Os que assim procediam eram pessoas que, na multidão que se premia à passagem do Cristo, se encontravam subjugadas corporal e moralmente pelos maus Espíritos, pelos Espíritos impuros. Essas pessoas, violentadas *pelos obsessores que, a seu turno, eram subjugados à vista do Senhor*, é que se prosternavam e, tornando-se médiuns falantes, proferiam aquelas palavras de verdade destinadas a atravessar os séculos e a levar a luz às inteligências.

Compelidos pelos Espíritos superiores que cercavam o Mestre é que os Espíritos impuros obrigavam os subjugados a se prosternarem diante de Jesus e a dizerem: *"És o santo de Deus, és o filho de Deus"*, porquanto *assim* eles provavam aos homens a identidade do Cristo.

Aos olhos desses maus Espíritos, Jesus não era um homem e sim um *Espírito, Espírito* mais puro *do que todos os outros*. Por isso mesmo é que o Mestre lhes proibia que o descobrissem. Ainda não soara para os homens a hora de saberem que ele *não pertencia à humanidade terrena*.

Estas expressões - *"o santo de Deus, o filho de Deus, o Senhor"* - são locuções respeitadas, indicativas da superioridade de Jesus com relação a todos os Espíritos, quaisquer que sejam, com relação mesmo aos mais elevados que sob a sua direção trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade. A essas locuções a nova revelação veio dar a significação exata e precisa, desvendando a origem espírita de Jesus como Espírito de pureza perfeita e imaculada.

Cumpria-lhe abalar e impressionar fortemente as massas, impressionando os sentidos grosseiros dos homens por meio de fatos materiais que lhes revelassem o poder sobre a Natureza, sobre o *inferno* e sobre os *demônios*. Daí o virem estes prostrar-se a seus pés, proclamando-o *"filho de Deus"*. Ignorantes e incapazes de compreenderem a causa e os efeitos desses fatos, os homens os tomavam por "milagres".

Assim era *preciso*, naqueles tempos de ignorância, para que a missão messiânica fosse aceita, para lhes assegurar o êxito e fazê-la frutificar no futuro.

Não nos vemos nós ainda obrigados a medir os nossos ensinamentos pelo grau de inteligência e de desenvolvimento moral daqueles a quem falamos?

O que Jesus fizera durante a sua missão terrena tiveram os apóstolos que fazer depois, sancionando-a.

A encarnação nenhum obstáculo lhes opunha a isso, *pela razão de que*, com o apoio dos Espíritos puros, os Espíritos superiores que os cercavam e da vontade do que lhes servira de modelo, eles obravam como se se achassem no estado de Espíritos livres.

Mediante a assistência, a intervenção e o concurso ocultos desses Espíritos e dessa vontade, operavam curas materiais e morais, como o fizera Jesus e pelos mesmos meios. Assim, curavam as enfermidades pelo poder magnético que lhes era transmitido; expulsavam os maus Espíritos obsessores e subjugadores dos homens pelo poder imediato que lhes era dado sobre todos os Espíritos errantes e encarnados; e ressuscitavam os mortos", isto é, faziam voltar a vida aos corpos inanimados, fazendo voltar a habitá-los os Espíritos que, por os terem abandonado, conservando-se apenas ligados a eles pelo cordão fluídico, lhes haviam imprimido todas as aparências dos corpos mortos.

Desde os tempos de Jesus e dos apóstolos até os vossos dias, que marcam o início da era nova e bendita do Espiritismo, os casos de curas materiais e de curas morais se têm sucedido com frequência, *ora* de modo apreciável *para os homens*, que então acreditaram no *"milagre"*, ora ocultamente, sem que os homens lhes compreendessem a origem, por não terem deles consciência.

Toda época apresenta mudanças acordes com o espírito dos que nela vivem.

Atento o ponto a que chegou a Física, *milagres* materiais poderiam produzir-se e os incrédulos continuariam a lhes não dar crédito, atribuindo-os à prestidigitação e ao compadrio.

O de que precisam homens cujas inteligências alcançaram um certo desenvolvimento é de "*milagres*" morais, é de curas *da alma* e não do corpo. Ao que mais sofre cumpre se dêem os maiores cuidados. E, em vós, quem mais sofre não é a alma? Quem mais necessita de cura do que a parte mais doente e, contudo, a mais preciosa do vosso ser?

Hoje, em presença da nova revelação, que vos fez conhecer a ciência das revelações do mundo invisível com o mundo visível, os segredos de além-túmulo, os meios pelos quais Jesus e depois os apóstolos produziram, tanto na ordem física como na ordem moral, os fatos que passaram por *milagrosos*, naqueles tempos de ignorância, hoje, esses fatos, para vós, não seriam senão a conseqüência - da depuração do Espírito encarnado, da sua elevação, ou da proteção que lhe dispensam os Espíritos puros, os Espíritos superiores e a vontade do Mestre; a conseqüência do poder da vontade, por efeito do poder magnético, poderes estes que lhe teriam sido transmitidos ocultamente, mediunicamente, para a realização da cura material das enfermidades humanas; a conseqüência ainda do poder imediato que, também de modo oculto, lhe teria sido dado para *instantaneamente* expulsar os maus Espíritos e restituir a vida a corpos inanimados.

Quando forem chegados os tempos, os Espíritos encarnados poderão, como o fizeram os apóstolos, curar as enfermidades, expulsar os maus Espíritos e restituir a vida a corpos inanimados. Mas, então, notai-o bem, esses fatos, que foram qualificados de "*milagres*" quando se lhes não compreendia a origem, não vos parecerão mais do que uma conseqüência natural da purificação de tais Espíritos, uma prova de que aqueles que os realizam são mais elevados do que os outros, ou mais protegidos por se terem tornado dignos de maior proteção.

Na atualidade, "*milagres*" de curas materiais e morais amiúde se operam entre os homens e passam despercebidos, pela única razão de que, se vós os espíritas vos inteirais deles, os que os não compreendem encaram os fatos dessa ordem com indiferença e incredulidade, ainda quando lhes aproveitam. Ao tempo da missão terrena de Jesus, tais fatos, publicados e multiplicados, feriram muito mais fortemente os sentidos grosseiros dos homens.

Aos Fariseus de hoje, que negam, repelem e rejeitam, como obra "*demoníaca*", a nova revelação que os Espíritos do Senhor, de sua ordem e em nome do Cristo, trazem à humanidade, como os Fariseus de outrora negaram, repeliram e rejeitaram a revelação que o Cristo lhes trazia pessoalmente, acusando-o de "expulsar os *demônios*" pelo príncipe dos *demônios*, exigindo-lhe "*milagres*", respondi simplesmente mostrando os ateus a baterem nos peitos de joelhos ante o seu Deus ofendido e implorando, em altos brados, a herança cuja existência até então haviam negado. Deixai-os falar. Os "*milagres*" virão a seu tempo - "*milagres*" morais que refundirão a humanidade inteira e, do cadinho onde neste momento o deitamos, farão sair purificado o ouro.

MATEUS, Cap. V, v. 1-12.
- LUCAS, Cap. VI, v. 20-26

Sermão do monte

MATEUS: V. 1. Vendo a multidão, Jesus subiu a um monte, sentou-se e os discípulos o rodearam. - 2. Pôs-se então a lhes pregar, dizendo: - 3, "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. - 4. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. - 5. Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. - 6. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. - 7. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. - 8. Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus. - 9. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. 10. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. - 11. Bem-aventurados sereis quando vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal por minha causa. - 12. Rejubilai então e exultai, porque grande recompensa vos está reservada nos céus; visto que assim também perseguiram os profetas, que existiram antes de vós."

LUCAS: V. 20. Jesus, dirigindo o olhar para seus discípulos, dizia: "Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o reino de Deus. -21. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados; bem-aventurados vós, que agora chorais, porque rireis. - 22. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos separarem, quando vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como mau o vosso nome por causa do filho do homem. - 23. Rejubilai nesse dia e exultai, que grande recompensa vos está reservada no céu, porquanto assim é que os pais deles trataram os profetas. -24. Ai, porém, de vós, que sois ricos. pois que tendes a vossa consolação no mundo. - 25. Ai de vós, que estais saciados, pois que vireis a ter fome! Ai de vós os que rides agora, pois que gemereis e chorareis! - 26. Ai de vós quando vos louvarem os homens, porquanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas.

N.75. A humildade, - a doçura que tem por companheiras a afabilidade e a benevolência, - a resignação nos sofrimentos físicos e morais, que são sempre uma expiação justa, porquanto derivam ou de faltas e imprudências com que o homem agrava sua provações terrenas, ou de existências anteriores, todas solidárias entre si de modo que cada um traz consigo a pena secreta da sua precedente encarnação, - o amor ardente, sério, perseverante do dever por toda parte e sempre, - a tolerância também por toda parte e sempre, a indulgência para com os fracos e para com as faltas de outrem, a simpatia viva e delicada pelos sofrimentos e dores, físicos e morais, de seus irmãos, - o perdão, do íntimo d'alma, para as injúrias e ofensas, - o esquecimento, mas de maneira tal que o passado fique morto tanto no coração, como no pensamento, - a caridade e o amor, - a pureza de coração, que exclui não só todas as palavras e ações más, como ainda todos os maus pensamentos, e que só existe quando há abstenção de tudo que é mal, de par com a prática ativa e abnegada de tudo que é bem, assim na ordem física, como na ordem moral e na intelectual, - a moderação, a brandura, - a paciência, a obediência, - a resignação, - a fé, - a firmeza e a perseverança na fé e na prática da justiça, quaisquer que sejam as injúrias, as perseguições físicas e morais que venham dos homens, - o desinteresse, - a renúncia às coisas materiais, como determinantes do orgulho e do egoísmo, dos apetites materiais; das paixões e dos vícios que degradam a humanidade, - a aspiração da felicidade celeste, - o reconhecimento ao Criador que reserva grande recompensa aos que cumprirem esses deveres e praticarem essas virtudes, - eis o que encerram aquelas palavras do Cristo. Estudai-as,

pois, e ponde-as em prática. Não vos fieis na felicidade terrena, não descanséis nas vossas riquezas, na vossa inteligência. Confiai unicamente no vosso Deus, de quem recebeis todas as coisas.

Que aquele que possui riquezas faça como se fora pobre, as reparta com seus irmãos e viva humildemente; que aquele que tem inteligência faça como a criancinha que espera ser guiada pela mãe, mas que ao mesmo tempo a partilhe com seus irmãos, dando-lhes conselhos salutares e brandos, tirados sobretudo do exemplo; que aquele que está saciado pense nos que têm fome e dívida com eles o pão material que sustenta o corpo e o pão espiritual que alimenta a alma; que aquele que se acha alegre faça como se estivesse triste e associe à sua alegria o irmão que chora, prodigalizando-lhe consolações e tomando parte nas suas dores.

Aquelas palavras se resumem nisto: prática do trabalho, do amor e da caridade, tanto na ordem física ou material, como na ordem moral e intelectual.

Os *pobres* de espírito são os que só confiam no Senhor e não em si mesmos; são os que, reconhecendo dever *tudo* ao Criador, reconhecem que *nada* possuem. *Despidos* de orgulho, são como o pobre *despojado* dos bens mundanos. Podem caminhar mais livremente, pois não temem os ladrões que durante a noite assaltam a casa do rico. Apresentam-se *nus* diante do Senhor, isto é, sem se terem apropriado de *coisa alguma*, cômicos de que tudo devem à bondade do pai celestial. A humildade lhes aplaina o caminho a percorrer afastando os obstáculos que o orgulho faz surgir de todos os lados.

Tende o coração simples, oh! bem-amados, e humilde o espírito, porquanto a humildade, que é o princípio e a fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, abre ao homem a estrada que leva à luz e às moradas felizes, ao passo que o orgulho conduz às trevas e à expiação, ao exílio em mundos inferiores.

Estas palavras de Jesus: "Bem-aventurados sereis quando os homens vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal par minha causa; - bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos separarem, vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como maus os vosso, nomes por causa do filho do homem." se *aplicavam*, como quase todas as que lhe saíram dos lábios, tanto ao presente, ao momento em que ele as dirigia aos discípulos, quanto aos tempos futuros.

Eram e são dirigidas a todos os que pela sua fé em Deus se tornaram alvo de quaisquer perseguições, físicas ou morais; aos que, perseguidos pelas suas crenças, sofrem pela sua fé e triunfam das provações por mais rudes que sejam. Efetivamente, enquanto o vosso mundo se não houver purificado, haverá homens perseguidos *por causa da verdade*. Os que triunfarem poderão considerar-se bem-aventurados, pois, *sobretudo hoje*, a defecção é fácil. Os que perseverarem até ao fim receberão grande recompensa.

Espíritas, armai-vos, portanto, de toda a vossa energia. Para o homem, a arma mais perigosa é o ridículo. É a que ele mais teme; é presentemente a que tendes de rebater. Dolorosas são as feridas que ocasiona. Mantende-vos, pois, em guarda e preparai de antemão o *único* bálsamo que as pode curar: - a fé.

Que a vossa fé vos sustente. Ela vos tornará surdos aos sarcasmos e vos fará achar doçura nos pérfidos processos que contra vós intentarem. A fé constitui a vossa égide; abrigai-vos nela e caminhai desassombradamente. Contra esse escudo virão embotar-se todos os dardos que vos lancem a inveja e a calúnia. Sede sempre dignos e caridosos no vosso proceder, no vosso falar, nos vossos ensinamentos, dando o exemplo do que pregais, e nós vos ampararemos.

Compreendi igualmente bem *estas outras palavras* de Jesus: "Mas, *ai de vós, ricos, que tendes a vossa consolação no mundo!*"

A maldição assim lançada pelo meigo e justo pastor não se aplica senão aos que, tudo sacrificando a posse dos bens terrenos, deleitando-se e confiando unicamente no que é material, rejeitam as verdades que se lhes ensinam, repelem seus guias protetores, repelem seus irmãos e se entregam aos maus Espíritos, que deles se apossam.

Jesus disse: - *Ai! deles*, porque terão que sofrer para resgatar suas faltas passadas e o remorso lhes será tanto mais cruel quanto mais voluntário tenha sido o endurecimento.

Ai! de vós que agora rides, disse também o Suave Mestre, *pois que gemereis e chorareis*.

Sim, os que riem *das verdades* lamentarão um dia o *tê-las negado*. Tudo vem a seu tempo. Deixai que ainda riam à vossa custa. Dia virá em que, arrependidos, os que agora riem pedirão *para voltar* ao meio de vós como apóstolos da verdadeira fé, da fé espírita, e não mais rirão.

Não vos agasteis, pois, com os risos; antes chorai pelos que zombam de vós, por isso que bem grandes serão suas penas!

Ai! de vós, disse ainda Jesus, *quando os homens vos louvarem, porquanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas*.

Quando essas palavras eram dirigidas aos discípulos, os falsos profetas tinham sido, eram e, dado o estado de inferioridade moral em que ainda se encontra a Terra, são neste momento aqueles que, impelidos por maus instintos, por más paixões, oriundas, seja do orgulho, do egoísmo, do interesse material, da cupidez, seja da intolerância ou do fanatismo, trabalham por incutir suas idéias nas almas simples e confiantes. São aqueles que, conhecendo a verdade, a ocultam do povo, a fim de o terem *preso e submisso*. São os que, compenetrados da verdade, recusam submeter-se a ela por orgulho e pregam o erro, conscientes do que fazem, mas receosos do "que dirão". "Ai! deles!"

Ai! de vós, quem quer que sejais, quando os que escutam as vozes desses falsos profetas e os bendizem, caminhando-lhes nas pegadas, vos louvarem e disserem bem de vós, porque então sereis atraídos pelos seus elogios e a vossa defecção já se deu ou está para dar-se, arrastando-vos para os caminhos do erro e da mentira voluntários, da hipocrisia e da perversão moral.

MATEUS, Cap.V, v.13-16.

- MARCOS, Cap.IX, v.49 e Cap.IV, v.21-23.

**- LUCAS, Cap.XIV, v.34-35; Cap.VIII, v.16-17;
Cap.XI, v.33-36**

Sal e luz da terra. - Lâmpada. - Nada oculto que não venha a ser manifesto e nada secreto que não venha a ser conhecido e a tornar-se público.

MATEUS: V. 13. Sois o sal da terra. Se o sal perder a sua força, com que se salgará? Para nada mais servirá senão para ser posto fora e pisado pelos homens. - 14. Sois a luz do mundo. Uma cidade situada sobre um monte não pode ficar escondida. - 15. E ninguém acende uma lâmpada para a colocar debaixo do alqueire; coloca-a num candeeiro a fim de que ilumine a todos os que estão na casa. - 16. Que assim também a vossa luz brilhe diante dos homens; que eles vejam as vossas obras e glorifiquem a vosso pai que está nos céus.

MARCOS: IX, v. 50. O sal é bom, mas, se se tornar insípido, com que temperareis? Tende sal em vós e conservai entre vós a paz.

IV, v.21. Dizia-lhes: Porventura vem a lâmpada para ser posta debaixo do alqueire ou da cama, ou para ser colocada no candeeiro? - 22. Porque, nada há secreto que não venha a ser manifesto, nada oculto que não venha a ser público. - 23. Ouça quem tenha ouvidos de ouvir.

LUCAS: XIV, v. 34. O sal é bom, mas se se deteriorar, com que se há de temperar? - 35. Não servirá mais nem para a terra nem para a estrumeira; será posto fora. Ouçam os que têm ouvidos de ouvir.

VIII, v.16. Ninguém, depois de acender uma lâmpada, a cobre com um vaso ou a coloca debaixo do leito; põe-na no candeeiro a fim de que os que entrarem vejam a luz. - 17. Porque, nada há oculto que não venha a tornar-se manifesto, nada secreto que não venha a ser conhecido e a fazer-se público.

XI, v. 33 Ninguém acende uma lâmpada e a coloca em lugar escondido ou debaixo de um alqueire; coloca-a no candeeiro, a fim de que todos os que entrarem vejam a luz. - 34. Teu olho é a lâmpada do teu corpo; se teu olho é simples, todo o teu corpo será luzente; mas, se for mau, todo o teu corpo será tenebroso. - 35. Toma, pois, cuidado: não seja treva a luz que está em ti. - 36. Se, portanto, todo o teu corpo for luminoso, sem que haja nele parte alguma tenebrosa, todo ele luzirá e te iluminará, qual se fora brilhante lâmpada.

N. 76. Temos que vos explicar figuras que, entretanto, não são veladas para espíritas.

O sal, aqui, representa os ensinamentos que o homem traz consigo e que deve espalhar em torno de si. Sua moralidade, seu amor a Deus, sua submissão às leis divinas e, por conseguinte, a observância de todos os mandamentos que venham do Senhor e do seu Cristo são o sabor do homem. Se, arrastado por maus instintos, o homem deixa de ter presente o fim que lhe cumpre atingir e os meios de consegui-lo, perde o seu sabor e é posto fora. Quer dizer: o Espírito culpado, que faliu nas suas provações terrenas, é submetido, primeiro, à expiação na erraticidade, mediante sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados às faltas ou crimes cometidos, depois, à reencarnação, conforme ao grau de culpabilidade,

quer no vosso mundo, quer em planetas inferiores a este, onde, por meio de novas provações, terá que reparar e expiar aquelas faltas e progredir.

Será posto fora. Ouça o que tem ouvidos de ouvir. Na época em que, tendo de completar-se a regeneração humana, o vosso planeta só deva ser habitado por bons Espíritos, aquele que até então houver permanecido culpado, rebelde, será afastado e lançado nos mundos inferiores, onde irá expiar, durante séculos, sua obstinação no mal, sua voluntária cegueira.

Quanto ao mais, precisareis vós, espiritas, que vos expliquemos a figura do sal da terra, da luz do mundo e da lâmpada que ninguém coloca, depois de acesa, debaixo do alqueire ou da cama, mas no candeeiro, para que os que entrem na casa vejam a luz e sejam alumiados?

As palavras de Jesus a esse respeito se aplicam a todos os tempos e a todos os homens que se tornam apóstolos de uma revelação para propagá-la pelo exemplo e pela palavra.

Sois hoje, para a nova revelação, "o sal da terra, a luz do mundo", como os discípulos do Cristo o foram para a revelação que ele trouxera com a palavra evangélica.

Será preciso que se vos diga: Recebestes a luz, porém não para vosso uso exclusivo; tendes que a repartir com os vossos irmãos, dando a cada um de acordo com as suas necessidades? Esclarecei-os, portanto; sede o facho portador dessa claridade bendita; agitai-o para que seus raios penetrem por toda a parte e todos sejam alumiados.

Referiam-se ao futuro estas palavras de Jesus:

"NADA há oculto que não venha a ser manifesto, NEM secreto que não venha a ser conhecido e a fazer-se público: ouçam os que têm ouvidos de ouvir."

Ele apropriava aos homens da época os ensinamentos que lhes dava e que eram sementes destinadas a frutificar no porvir. Seus discursos *velados* teriam que ser compreendidos pelas gerações porvindouras. Apenas alguns homens estavam então em condições de lhes apreender o sentido: os que não os tomaram ao pé *da letra*, que lhe procuraram o *espírito*, que compreenderam não ter tido Jesus por missão opor uma barreira à inteligência humana, traçando-lhe determinados limites, e sim abrir o espaço e o futuro diante dos Espíritos progressistas.

O Cristo falava *por figuras e símbolos*, porque a inteligência humana não dispunha ainda de força bastante para suportar o peso das revelações que se ocultam *sob o véu daqueles símbolos e figuras*. Julgai-o por vós mesmos, que ainda agora vergais debaixo de tal peso.

Nada do que o homem deva saber permanecerá oculto e o homem chegou ao ponto em que a sua ciência terá que crescer rapidamente. Entretanto, não suponhais, tomados de orgulho, que vos acheis no momento da realização de todas as coisas. Vossos Espíritos estão ainda muito carregados de trevas. Ainda sois como as crianças inexperientes que imprudentemente se aproximam do fogo e se queimam de modo cruel. Tomai cuidado; vigiai-vos. Aquecei-vos na fôrnalha que Deus vos prepara, mas tende a prudência de Moisés. Não vos avizinheis demais da sarça ardente, que correríeis o risco de ser consumidos pelas chamas.

Paciência. Deus *prepara* grandes acontecimentos para a vossa regeneração. Aguardai-os seguindo a passo lento, mas sem desvio, a rota que vos traçamos. Conduzir-vos-emos ao ponto de onde parte a luz infinita, porém deixai que estendamos asas protetoras sobre os vossos olhos ainda muito fracos para lhe contemplarem os intensos raios.

Na consciência tendes o facho do vosso espírito, do vosso coração. Se ela for pura, tereis iluminados um e outro. Tudo neles será luminoso, pois que vos vereis assistidos, inspirados e protegidos pelos bons Espíritos. Se for impura, má a

vossa consciência, de trevas se vos encherão o coração e o Espírito, visto que vos tomareis presas dos Espíritos do erro e da mentira, dos maus Espíritos.

Tomai sentido com a vossa consciência, a fim de que essa luz existente em vós não se transforme, para os vossos corações e Espíritos, em verdadeira treva pela impureza de ambos. Conservareis a paz entre vós, se ensinardes pelo exemplo o que pregais.

MATEUS, Cap. V, v. 17-19.

- LUCAS, Cap. XVI, v. 17

Jesus não veio destruir a lei, mas cumpri-la

MATEUS: V. 17. Não penseis que eu tenha vindo destruir a *lei* ou os *profetas*: não os vim destruir, mas cumprir. - 18. Porque em verdade vos digo que, enquanto o céu e a terra não passarem, nem um só iota, nem um só ápice da lei passarão, sem que esteja cumprido. - 19. Assim, aquele que violar qualquer destes menores mandamentos e ensinar os homens a violá-los será chamado o menor no reino dos céus; ao passo que aquele que os *guardar* e *ensinar* será chamado grande no reino dos céus.

LUCAS: V. 17. Será mais fácil que o céu e a terra passem, do que cair um sinal qualquer da lei.

N. 77. Jesus fala da lei e não dos *aditamentos* que lhe foram feitos, das *tradições* que lhe tomaram o lugar, das máximas e mandamentos *humanos*, dos dogmas que os homens decretaram e que, como frutos de suas interpretações, alteraram ou falsearam o sentido e a aplicação dela.

Dizendo que não viera abolir a lei, mas cumpri-la, o Cristo mostrava aos homens não ser a moral que lhes ele pregava diversa da que antes lhes haviam ensinado os enviados do Senhor, Espíritos em missão ou profetas. Mostrava que, *simplesmente*, tudo tem que seguir a marcha do progresso da Natureza.

A lei que até então fora dada aos homens lhes era proporcionada ao desenvolvimento. Trazia em *si uma promessa* a ser cumprida no futuro. Jesus veio cumpri-la e, *cumprindo* as *profecias*, profetizou por sua vez para os séculos vindouros. Hoje, manda o "consolador prometido", o anunciado "Espírito da Verdade" dar cumprimento às profecias por ele enunciadas.

Os Espíritos do Senhor vêm trazer aos homens a nova revelação, a que podeis chamar, como já vos dissemos, "*revelação da revelação*", e, por meio dela, clarear e desenvolver as inteligências, purificar os corações no crisol da ciência, da caridade e do amor.

Eles vos dizem, como disse Jesus outrora:

"Não penseis que tenhamos vindo destruir a lei e os profetas". Não; nada do que está na lei passará, porquanto a lei é o amor, que há de continuamente crescer, até que vos tenha levado ao trono eterno do Pai. Vimos lembrar, explicar, tornar compreensível *em espírito e verdade* - a doutrina moral, simples e sublime, do Mestre, os ensinamentos *velados* que ele transmitiu aos homens, as profecias *veladas* que fez durante a sua missão terrena. Não vimos destruir a lei e sim cumpri-la, escoimando a do Cristo das adições que lhe introduziram, das tradições que lhe tomaram o lugar, dos dogmas que, oriundos das interpretações humanas, lhe alteraram ou falsearam o sentido e a aplicação. Vimos *reintegrá-la* na verdade, estabelecer na Terra a unidade das crenças, convidar-vos e conduzir-vos a todos, abstraindo dos cultos exteriores que ainda vos dividem e separam, à fraternidade, pela prática da justiça, da caridade e do amor recíprocos e solidários.

O Espiritismo é a confirmação do Cristianismo, *não com o feitio que lhe deram os homens, mas tal como Jesus o instituiu* pela sua palavra evangélica, compreendida e praticada *em espírito e verdade*.

Ora, que é o Cristianismo *de Jesus* senão a *religião universal*, que há de encerrar todos os homens *num círculo único de amor e de caridade*?

Não, nem um só iota da lei deixará de ser cumprido, pois que a lei dos Hebreus foi o preâmbulo, a preliminar da do Cristo, e o Espiritismo, repetimos, é a confirmação, *o meio de cumprimento* integral desta última.

Aquele que violar um qualquer, mesmo dos menores, mandamentos da lei, que toda se resume no amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo; que implica a observância do Decálogo, a prática do amor para com todos, em toda parte e sempre, *esse será o último no reino dos céus*. Quer dizer que esse, depois de sofrer a expiação na erraticidade, reencarnará conforme ao grau de culpabilidade, na Terra ou em outros planetas inferiores, a fim de reparar as faltas e progredir.

Aquele, porém, que *fizer e ensinar* o que a lei manda será *chamado "grande no reino dos céus"*, isto é, se elevará, na medida do seu adiantamento moral, do progresso que houver realizado, aos planetas superiores, engrandecendo-se sempre pela humildade, pela ciência, pela caridade e pelo amor.

Aquele que recebeu o encargo de ensinar e não pratica o que ensina é culpado, não só do mal que fez, como também do mal que causou pela contradição entre seus atos e suas palavras.

Espíritas, não façais como os chefes das antigas sinagogas, como os escribas e fariseus de outrora, como os de hoje. Sereis muito culpados, pois que recebestes a luz para clarear os vossos e os passos dos vossos irmãos.

Deveis antes de tudo pregar pelo exemplo. Esta a *única* pregação que produz bons frutos. Lembrai-vos das palavras do Cristo: *"Eles vos colocam sobre os ombros pesado fardo, no qual não consentiriam em tocar sequer com a ponta do dedo"*. Se quiserdes marchar segundo as leis do Senhor e chegar a ele, acompanhados gloriosamente por todos quantos houverdes resgatado, começai por tomar sobre os ombros o fardo que impondes aos outros; mostrai-lhes o meio de o tornarem leve e podereis então obrigá-los a que o carreguem. Tudo se reduz a isto: pregar sempre pelo exemplo, como Jesus pregava. Pregai, pois, assim; que as vossas palavras nunca deixem de ser a conseqüência das vossas ações.

Os espíritas, antes de mais nada, devem praticar santamente e sinceramente a lei do amor que lhes cumpre ensinar. Para que as massas se deixem conduzir, faz-se mister compreendam o bem que podem auferir de um acontecimento qualquer. Demonstrei-lhes, conseqüentemente, pelo vosso proceder, a submissão e o amor ao vosso Deus, o amor e a caridade, que praticamente consagrais aos vossos irmãos. Não vos citeis nunca como modelo - *sede-o*.

Usai de benevolência com os que repelem as vossas crenças, esperai que seus olhos se abram para a luz e a possam suportar.

Porventura, ao tirar a venda espessa que ocultava a claridade do dia ao cego, o oculista lhe consente contemplar imediatamente aquela claridade? Não; o doente ficaria ofuscado. Viva de mais para seus órgãos enfraquecidos, ela o faria mergulhar de novo numa profunda noite, da qual talvez não mais saísse.

Graduai, portanto, o brilho da verdade, para os olhos dos cegos morais, experimentai-os com prudência, lançai-lhes nos corações pouco a pouco a semente e esta germinará. Se os frutos que devam colher dela não amadurecerem sob as vossas vistas, um momento, entretanto, virá em que tais frutos lhes serão proveitosos. À hora da morte material, os vossos ensinamentos se lhes patentearão aos olhos e esplêndida luz os banhará. Tê-los-eis desse modo ajudado a transpor um passo difícil para a matéria. Não choqueis os incrédulos, não vos incomodeis com as zombarias, sede dignos e calmos na vossa fé, perseverantes nas boas obras. Lançai a semente, que ela encontrará a terra fértil e aí se arraigará. Cultivai-a então, cultivai-a com amor, para que um grão produza trinta, outro sessenta e outro cem. Assim será, porque cada um dos que tiverdes conquistado para a *fé* a espalhará por sua vez em torno de si e, quais essas espigas maduras carregadas de grãos, cujas sementes o vento, sacudindo-as, dispersa em longa extensão, a verdade se espalhará e produzirá saborosos frutos.

MATEUS, Cap. V, v. 20-26
- LUCAS, Cap. XII, v. 54-59

Justiça abundante. - Palavra injuriosa.
Reconciliação.

MATEUS: V. 20. Porque, eu vos digo que, se a vossa justiça não for mais abundante do que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus. - 21. Aprendestes o que foi dito aos antigos: "Não matarás e quem quer que mate será condenado no juízo." - 22. E eu vos digo que quem quer que se encha de cólera contra seu irmão será condenado no juízo; - que aquele que disser a seu irmão: *Raca*, será condenado no conselho; e quem disser: és um insensato, será condenado ao fogo da geena. - 23. Se pois, quando apresentares no altar a tua oferenda, te lembrares de que teu irmão tem qualquer coisa contra ti, - 24, deixa-a diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com ele; depois então vem fazer a tua oblata. - 25. Põe-te o mais depressa possível de acordo com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para não suceder que te entregue ao juiz, este ao ministro e que sejas metido na prisão. - 26. Em verdade te digo que daí não sairás enquanto não houveres pago até o último ceutil.

LUCAS: V. 54. E ele dizia ao povo: Assim vedes formar-se uma nuvem do lado do poente, dizeis: vem chuva e com efeito chove. - 55. Quando sopra vento do sul, dizeis que vai fazer calor e assim acontece. - 56. Hipócritas! Sabendo reconhecer o que pressagiam os aspectos do céu e da terra, como é que não reconheceis os tempos que correm? - 57. E porque, por vós mesmos, não reconheceis o que é justo? 58. Quando houveres de comparecer com o teu adversário perante o magistrado, trata de te livrares dele durante a viagem, para evitares que te leve ao juiz, que o juiz te entregue ao esbirro e que este te meta na prisão. - 59. Daí não sairás, eu te digo, enquanto não tiveres pago até o último ceutil.

N. 78. Estes versículos têm por objeto e por fim dar a compreender aos homens que lhes cumpre procurar distinguir sempre o que é justo, material e moralmente, nas relações com seus irmãos. Estava prestes a chegar o tempo em que a justiça seria praticada por maneira diversa da de que usavam os escribas e os fariseus: sem orgulho e sem hipocrisia. Os versículos acima objetivavam ainda dar a compreender aos homens como devem obedecer aos mandamentos que lhes vem do Senhor: não passivamente, *abstendo-se* de cometer as faltas indicadas, *pelo temor do castigo*, mas praticando todas as virtudes que lhes são opostas demonstrando *amor, reconhecimento, submissão àquele que nos traçou a todos uma linha de conduta* para chegarmos a ele. Bem-aventurados os que a sabem seguir sem desvio algum.

Raca, - o juízo, - o conselho, - o fogo da geena - são expressões simbólicas. Deus julga o homem pelos seus atos. Se o homem não trata com indulgência, com brandura, o seu próximo, se o insulta, será punido por aquele que quer que todos se tratem como irmãos. As palavras - *conselho, geena* - são termos emblemáticos, destinados a tornar compreensível aos homens que as suas ações serão submetidas a um julgamento, que eles terão de sofrer o castigo que houverem merecido, castigo esse apropriado e proporcionado à falta cometida e acorde com a natureza e o grau da culpabilidade.

As palavras de Jesus constantes do v. 22 de Mateus são aplicáveis a todos os tempos e a todos os que infringirem a lei de amor universal. Certamente o espírito que a infringir será punido com maior severidade do que outro que ainda não viu a luz ou que, tendo-a visto, não ousou aceitá-la por escrúpulos de consciência, o que não constitui falta punível, oca-

sionando *apenas* um retardamento no progresso do Espírito, que aliás se verá suficientemente castigado pelo pesar que isso lhe causará.

As dos v. 23 e 24 de Mateus indicam, *primeiramente*, ao homem que deve usar de indulgência para com aquele que o ofendeu, indo estender-lhe a mão, a fim de o chamar a si. Indicam, *em seguida*, ao que cometeu *uma* falta, o dever de imediatamente procurar repará-la.

Fazei, portanto, o que o divino Mestre fez e faz todos os dias. Efetivamente, ele não vem a vós sem cessar, ele que em tudo é tão gravemente ofendido? Não estende continuamente os braços para vos receber? Não vos convida ao arrependimento por todos os meios possíveis? E não vedes muitas vezes multiplicarem-se seus benefícios a um que vos parece o mais indigno deles, unicamente com o fim de despertar o reconhecimento num coração ingrato e conquistá-lo?

Quanto às palavras do v. 25 do mesmo Evangelista, elas compõem imagens materiais destinadas a fazer que o homem compreenda a maneira por que deve proceder com seus irmãos, tendo em vista o juízo de Deus. Dai-vos pressa em perdoar aos vossos inimigos, em vos reconciliar com o vosso adversário, enquanto juntos percorreis, vós e ele, o caminho da vida, pois ignorais quando a morte vos virá deter os passos, para levar-vos à presença do soberano juiz, que lê nos corações e muitas vezes encontra aí o fermento de paixões más que não procurais descobrir. Reconciliai-vos, pois, com todos a quem houverdes ofendido e perdoai-lhes, como quereis, como precisais que o Pai celestial vos perdoe.

Disse Jesus: "*Daí não sairás, enquanto não tiveres pago até o último ceitil*". Deveis compreender bem estas palavras. O homem é o devedor de Deus, que lhe outorgou todas as coisas, para que delas fizesse bom uso. Ora, se o homem não pratica as virtudes que lhe são ensinadas, se repele seus irmãos, também será repellido. É uma conseqüência da lei de justiça e de amor na obra da eterna harmonia.

LUCAS, Cap.XIII, v.1-5***Fazer penitência***

V. 1. Por esse mesmo tempo vieram dizer a Jesus o que sucedera a uns Galileus cujo sangue Pilatos misturara com o do sacrifício que eles faziam. - 2. Jesus, em resposta, disse: Pensais acaso que esses Galileus, por terem sido tratados assim, fossem os maiores pecadores da Galiléia? - 3. Declaro-vos que não e que, se não fizerdes penitência, perecereis todos do mesmo modo. - 4. Acreditais igualmente que os dezoito homens sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou fossem mais devedores do que todos os habitantes de Jerusalém? - 5. Declaro-vos que não e que, se não fizerdes penitência, perecereis todos do mesmo modo.

N. 79. Para os Judeus, as calamidades, as dores *morais*, os males físicos eram outras tantas provas de que a cólera de Deus pesava sobre a vítima e concluía daí que esta era culpada. Jesus cuidou de destruir esse erro, sem entrar em explicações concernentes às existências anteriores, porque, segundo a crença que, meio apagada, ainda existia a esse respeito, a reencarnação só a alguns privilegiados era concedida, isto é, só alguns enviados extraordinários, almas de escol, obtinham o favor de reencarnar.

Acreditando na repetição da existência, criam, entretanto, os Judeus que isso só se dava com os grandes missionários, como Elias, que eles reconheceram no precursor João.

A lei natural da reencarnação, indicada por Jesus *veladamente* no colóquio com Nicodemos, não podia ser explicada senão pela nova revelação, na época do Espiritismo, quando os homens se houvessem tornado capazes de recebê-la.

Essa revelação levanta agora o véu sob que a palavra evangélica abrigara aquela lei.

Jesus lembra aos que o ouvem que eles, como os outros, estão na Terra para expiar suas faltas, não unicamente as que lhes são conhecidas, mas *também* as ignoradas; que nem só os atingidos pelas desgraças merecem o labéu de culpados; que todos devem fazer uma introspecção e verificar se não mereceriam a mesma provação, o mesmo castigo.

LUCAS. Cap. XIII, v. 6-9***Parábola da figueira estéril***

V.6. Disse-lhes também esta parábola: Um homem havia plantado uma figueira na sua vinha, e, vindo colher-lhe os frutos, nenhum achou. - 7. Disse então ao seu vinhateiro: há três anos que venho buscar os frutos dessa figueira e não acho nenhum; corta-a; porque há de estar ela ocupando a terra? - 8. O vinhateiro retrucou: Senhor, deixa-a mais este ano, a fim de que eu lavre a terra em torno dela e lhe ponha estrume. - 9. Depois, se der fruto, muito bem; se não, cortá-la-ás.

N.80. Claro é o espírito desta parábola. Ela exprime, emblematicamente, a longanimidade do Senhor e a benévola e dedicada intervenção dos Espíritos prepostos à vossa guarda, ao vosso progresso.

Aquele que, natureza ingrata e árida, que nenhum esforço é capaz de abrandar, deixa, rebelde às inspirações do seu anjo de guarda, escoar-se-lhe a existência terrena fora das vias do Senhor, sem dar os frutos que deviam decorrer das provações que escolhera, é, como a figueira, uma árvore má. Nada produzindo, mau grado aos cuidados do agricultor, aos auxílios da cultura e do estrume, tem que ser cortada, isto é, afastada do meio onde a sua existência só nociva seria. Depois de sofrer a expiação na erraticidade, pecador empedernido, insensível, volta, reencarnando em planetas inferiores, a retomar, mediante novas provações, a via da reparação, da expiação e do progresso numa nova existência, trazendo consigo a pena secreta da encarnação precedente.

Aquele, porém, que, afinal, abre o coração às inspirações dos bons Espíritos que o cercam, é como a figueira que, tardiamente embora, tira proveito da cultura a que a submeteram e começa a produzir bons frutos. Não *mais* a *cortarão*; será apenas *mondada* e sustentada amorosamente pelos que lhe fortaleceram a seiva entorpecida. Dissemos: "será apenas *mondada*", porque aquele que se compenetra de seus erros é submetido às expiações necessárias à reparação deles: porém, não mais será relegado para meios inferiores, como sucede ao culpado insensível a tudo.

LUCAS, Cap.XIII, v.10-13

Mulher doente, curvada

V,10: Certo sábado em que Jesus ensinava numa das sinagogas deles, - 11, veio aí ter uma mulher possuída de um espírito de enfermidade que a tornara doente, havia dezoito anos. Tão curvada era, que absolutamente não podia olhar para cima. -1 2. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: "Mulher, estás livre da tua doença." - 13. E, impondo-lhe as mãos, ela se endireitou no mesmo instante e rendeu graças a Deus.

N.81. Os Judeus atribuíam a *satanás*, isto é, aos Espíritos, tudo o que não podiam compreender, nem explicar. Daí o empregarem o termo *possessão*, falando das curas feitas por Jesus, quando o Mestre diz simplesmente - *doença*.

Notai bem: ao passo que, segundo o modo de ver dos homens, de acordo com as crenças hebraicas, *se diz* que a mulher tinha consigo um espírito de *doença*, de *enfermidade* - spiritum *infirmittatis*, Jesus o que lhe disse foi: "Estás livre da tua doença, da tua enfermidade - *ab infirmitate* tua" e lhe impôs as mãos, o que só fazia nos casos de curas *materiais*, em vez de intimar ao *Espírito* que se *afastasse*, como costumava fazer no caso de "possessão", isto é, de obsessão, de subjugação.

A mulher sofria de um amolecimento da medula espinhal e, portanto, de um enfraquecimento da coluna vertebral, onde a impossibilidade de empertigar-se.

A ação espírito-magnética exercida por Jesus restituiu ao órgão enfraquecido a força de que carecia e a mulher se endireitou.

Não pergunteis qual a *natureza dos* fluidos de que se serviu o Mestre para operar aquela cura, nem *quais eram as propriedades atuantes* desses fluidos. Para que pudésseis perceber uma explicação a este respeito, fora mister conhecêsseis a *natureza* dos fluidos que vos cercam e seus efeitos e longe estais desse conhecimento.

Vem fora de propósito qualquer explanação sobre este ponto. Contentai-vos com o saber que houve ação espírito-magnética, isto é, ação do magnetismo espiritual que se alia à dos vossos próprios fluidos.

Todas as vezes que empregais com fé o magnetismo e visando *exclusivamente* obter alívio para a humanidade, vossos guias vos auxiliam, pela ação do magnetismo espiritual, *imperceptível para vós*. E esta ação mais se desenvolve, se lhes pedis com fervor a assistência.

Praticai com ardor, com perseverança e desinteresse esta ciência celeste que o Senhor vos confiou e também vós fareis, se vos dominarem a fraternidade e a abnegação, que se empertiguem os que se acham curvados, que os surdos ouçam e que os cegos vejam; também vós podereis cauterizar as chagas, sustar as perdas de sangue, fortalecer os fracos e endireitar os coxos. Não vos dizemos que a vossa vontade baste. Ainda vos não desprendestes suficientemente da matéria para que seja assim. Mas, a vossa perseverança, auxiliada pela assistência e pela intervenção ocultas de vossos guias, obterá *com o tempo* o que unicamente a vontade do Mestre conseguia *num instante*. Repetimos: não desprezeis o tesouro que o Senhor vos confiou. A prática séria e perseverante desenvolverá os vossos poderes. Praticai, pois, com fé e o Senhor abençoará os vossos esforços.

LUCAS. Cap.XIII, v.14-17

O dia de sábado. - Culto do sábado

V. 14. O chefe da sinagoga, indignado por haver Jesus feito uma cura em dia de sábado, tomou a palavra e disse ao povo: "Há seis dias destinados ao trabalho, vinde num desses dias para serdes curados e não nos de sábado." - 15. O Senhor, respondendo, disse-lhe: "Hipócritas, qual de vós deixa de soltar o seu boi ou o seu jumento em dia de sábado, de o tirar do estábulo para lhe dar de beber? - 16. Porque então não se devia libertar em dia de sábado esta filha de Abraão dos laços com que satanás a teve presa durante dezoito anos?" - 17. Ouvindo-lhe estas palavras, seus adversários ficaram envergonhados e todo o povo se regozijava de o ver praticar gloriosamente tantas coisas.

N. 82. O sábado fora instituído por Moisés como medida contra os abusos do poder e o arbítrio.

Para que aqueles povos de coração endurecido o escutassem, preciso lhe era bater com violência. Essa a razão por que lhes impôs uma lei que os protegia contra si mesmos. Se assim não fora, os escravos teriam sucumbido ao jugo que suportavam. Nem sequer os animais houveram resistido a esse jugo.

Repetimos: aquela lei sábia e necessária tinha por objetivo evitar os abusos do poder, evitar que o mais forte, pelas exações, sacrificasse o mais fraco e mesmo os animais. O dia de sábado era, por isso, de repouso forçado, obrigatoriamente imposto até à avareza, à cupidez, que desse modo descansavam, dando tempo às suas vítimas de recobrem alento.

Ao homem *material* - leis *materiais*; ao homem *inteligente* - leis *inteligentes*.

Disse Jesus: "O sábado foi feito *para o homem* e não o homem *para o sábado*" (Marcos, cap. II, v. 27), isto é, o sábado foi instituído para facilitar o repouso ao homem, para pôr freio aos seus excessos contra si mesmo e, principalmente, contra os outros. Era, pois, uma medida de proteção em seu próprio benefício. O sábado, conseqüentemente, estava submetido às *necessidades* do homem e não este a uma observância *insensata* do sábado.

Repousai os vossos corpos dos trabalhos que os fatigam; mas, que os vossos corações nunca repousem, deixando de praticar o bem que lhes cumpre fazer.

Não vos admireis de que Jesus, operando *naquela mulher* uma cura *material*, a cura, como ele o declarou, *da sua doença, da sua enfermidade*, tenha dito, respondendo ao chefe da sinagoga: "*Porque não se devia libertar* em dia de sábado esta filha *de Abraão* dos laços com que satanás a teve presa durante dezoito anos?"

O Mestre, como sabeis, apropriava sempre sua linguagem às inteligências, às tradições, às crenças, aos preconceitos dos homens a quem falava, *afim* de ser compreendido e sobretudo escutado, reservando, todavia, *para o futuro*, a compreensão, *pelo espírito*, do verdadeiro sentido da *letra* de suas palavras.

Se Jesus dissesse que apenas havia curado uma *enfermidade*, ninguém o acreditara. Daí vem que, dirigindo-se ao chefe da sinagoga e aos que o cercavam, emprega estas locuções habituais - "*filha de Abraão*" e "*satanás*". Para não ferir as crenças, os preconceitos e para que o fato que acabava de se produzir fosse aceito, *disse-lhes*: "Porque não se devia

libertar esta filha *de Abraão* dos laços com que *satanás* (significando aqui - *espírito de doença, de enfermidade*) a tinha presa havia dezoito anos?" Mas, ao mesmo tempo, *disse* à mulher: "Estás livre *da tua doença, da tua enfermidade*".

MATEUS, Cap. V, v. 27-30***Adultério no coração. - Extirpação de todos os maus pensamentos***

V.27. Aprendestes que aos antigos foi dito: Não cometerás adultério. - 28. E eu te digo que quem quer que olhe para uma mulher, cobiçando-a, já cometeu adultério no seu coração. - 29. Se o teu olho direito te for motivo de escândalo - arranca-o e atira-o longe de ti, porquanto melhor te é que pereça um dos membros do teu corpo do que ser todo este lançado na geena. - 30. Se a tua mão direita te for motivo de escândalo - corta-a e atira-a longe de ti, porquanto melhor te é que pereça um dos membros do teu corpo do que ir todo este para a geena.

N. 83. São simbólicas as palavras de Jesus constantes destes versículos; não devem ser tomadas no sentido que lhes é próprio. Têm uma acepção geral, visando fazer que os homens compreendam o dever que lhes corre de se absterem, não só de todas as más palavras, de todas as ações más, senão também de todos os maus pensamentos.

No que ele diz "do olho direito", "da mão direita", que forem para o homem "motivo de escândalo e de queda", só há imagens inteiramente materiais, adequadas aos espíritos da época, destinadas a impressionar fortemente a homens materiais.

Essas palavras do Mestre são o seguimento do que explicamos no n. 78. Não basta ao homem abster-se do mal, cumpre-lhe praticar o bem. Ora, para chegar a isso, é-lhe preciso destruir no seu eu tudo o que é mau e não olhar a sacrifício algum para purificar o seu coração. A falta cometida por pensamento, embora não exista para os seus semelhantes, é falta aos olhos puríssimos do Senhor que, no homem, só vê o *Espírito* e que dele se desvia se lhe descobre uma mancha.

A cobiça foi comparada ao adultério, por isso que é uma falta que o *Espírito* comete.

MATEUS, Cap.V, v.31-37

- LUCAS, Cap.XVI, v.18

Casamento. Juramento

MATEUS: V. 31. Também foi dito: Quem abandonar sua mulher dê-lhe carta de repúdio. - 32. Eu, porém, vos digo que quem repudiar sua mulher, a não ser por causa de adultério, a torna adúltera; e aquele que tomar a mulher repudiada por outro comete adultério. - 33. Ouvistes ainda que aos antigos foi dito: Não jurarás falso; mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos. - 34. Eu vos digo que não jureis de forma alguma: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; - 35, nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei. - 36. Não jureis tampouco pela vossa cabeça, porque não podeis tornar branco ou preto um só de seus cabelos. -37. "Limitai-vos a dizer: sim, sim; não, não; pois o que passar disto procede do mal.

LUCAS: V. 18. Quem quer que deixe sua mulher e tome outra comete adultério; e quem quer que despose a que o marido abandonou comete adultério.

N.84. O ensino de Jesus acerca do divórcio tinha por objetivo impedir que os homens multiplicassem, divorciando-se, o número de mulheres abandonadas sob os menores pretextos. Não é em vão que, embora *figuradamente*, as escrituras disseram ter feito Deus, no começo, um homem e uma mulher para origem da humanidade.

O homem não se deve nivelar ao bruto, considerando a mulher como - um meio. Deve compreender que, sendo também a mulher um Espírito criado pelo Senhor, Espírito em tudo igual ao seu, cumpre-lhe a ele suportar com ela todas as dores e alegrias da vida humana.

Se a mulher, pela sua constituição física, se mostra mais fraca e necessitada de uma certa proteção do homem, é que, no seio da humanidade, se faz mister haver sempre um motivo de caridade, de amparo do fraco pelo forte.

Por ser o homem levado muitas vezes a deixar a companheira que escolheu, não inculpeis as leis da Natureza, atribuí o fato às leis humanas, à vossa civilização que faz da união do homem e da mulher uma operação mercantil, quando devera ser a aproximação de dois Espíritos simpáticos, felizes de suportarem juntos as provações da humanidade.

Quando o homem se houver despojado dos maus instintos, quando compreender o *fim* exato da sua existência, não mais quererá a lei do divórcio.

Aguardai, pelo que toca as questões de que acabamos de falar, para terdes mais amplos esclarecimentos acerca do casamento, do adultério e do divórcio, as explicações que vos daremos mais tarde, incumbidos como estamos pelo Mestre de vo-las transmitir, quando tratarmos dos v. 1-9 do cap. XIX de Mateus e dos v. 1-12 do cap. X de Marcos.

Quanto às palavras de Jesus *relativas ao juramento*, tinham por fim pôr termo ao abuso que dele faziam os Hebreus. O juramento é inútil para o homem de coração puro, pois nunca lhe virá o pensamento de negar ou faltar à sua palavra e Jesus falava aos que queriam e deviam caminhar nas sendas do Senhor. Mas, para o homem, tal como ainda é hoje, o juramento constitui um freio que a civilização lhe impõe. Todavia, quão poucos são os que o respeitam!

A obrigação do juramento desaparecerá das leis humanas, quando na Terra reinar o Espiritismo. Sim, quando os homens se tiverem despedido das suas paixões más, quando estiver morto o *homem velho*, o homem novo, o homem nascido de Deus não precisará dizer mais do que: Sim, sim; não, não.

Ainda vos achais, porém, muito longe desses tempos felizes.

MATEUS, Cap. V, v. 38-42
- LUCAS, Cap. VI, v. 29-30

Paciência. - Abnegação, caridade moral e material.

MATEUS: V.38. Sabeis que foi dito: *olho por olho e dente por dente*. - 39. Eu, porém, vos digo que não oponhais resistência ao que vos queira fazer mal; que, ao contrário, se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis a outra; - 40, e, àquele que quiser demandar convosco em juízo para vos tomar a túnica, entregai também a vossa capa. - 41. E se algum vos forçar a caminhar mil passos, caminhai com ele mais dois mil. - 42. Dai a quem vos pedir e não volteis as costas a quem vos queira solicitar um empréstimo.

LUCAS: V.29. Se alguém te bater numa face, apresenta-lhe a outra; se alguém te tirar a capa, não o impeças de levar também a túnica. - 30. Dá a todo o que pedir; e ao que te tomar os teus bens não os reclames.

N.85. O sentido destas palavras, apreciadas *segundo o espírito* e não *segundo a letra*, se torna claro, desde que, de *um lado*, nos reportemos à época em que o Mestre desempenhava a sua missão e tenhamos em conta os homens a quem falava; e, *de outro lado*, consideremos o objetivo daquela missão, toda de abnegação, de devotamento, de caridade e de amor, objetivo que consistia em espalhar ele, como espalhou, doutrinando e exemplificando, as sementes que haviam de frutificar no momento e no futuro.

Os preceitos da lei antiga eram de molde a *atemorizar* homens que se não deixavam conduzir senão *pelo temor*, homens cujas naturezas violentas não podiam submeter-se a uma lei cheia de doçura.

Para que os direitos individuais fossem respeitados, era indispensável que cada um estivesse bem convencido de que, como castigo, sofreria tanto ou mais do que fizera sofrer a seu irmão.

A lei do Cristo, contrariamente, põe em relevo o amor e a abnegação que todo homem deve confessar, não só para com os seus, para com os que lhe são parentes ou amigos, mas até para com os que lhe querem mal e procuram prejudicá-lo. Obedecei a essa lei admirável. Tudo se resume nisso.

O ensinamento contido nestas palavras: "Sabeis que aos antigos foi dito - *olho por olho e dente por dente*; eu, porém, vos digo que não oponhais resistência ao mal que vos queiram fazer; que, ao contrário, se alguém vos bater numa face lhe apresenteis a outra", se resume em que o homem deve pregar pelo exemplo a doçura e a resignação; que deve, antes de se revoltar contra a injúria, lançar mão de todos os meios para atrair a si aquele que o injuria; que deve mesmo pôr de parte todo o orgulho e humilhar-se, sendo preciso, para reconduzir ao caminho do amor aquele que do amor se afasta; que não deve fazer justiça nunca por si mesmo, qualquer que seja a gravidade da injúria ou da ofensa. O orgulho

humano se revolta contra isso, mas Jesus vos deu um sublime exemplo de humildade, ele que em consciência *não podia dizer*: "O mal que experimento, eu o pratiquei ou poderia praticar". Puro e inocente no mais alto grau, suportou o ultraje, cuidando de esclarecer os que o ultrajavam. Eis aí a lição que deveis tirar daquelas palavras.

Convindo que tudo seja apropriado aos tempos e às inteligências, conservai as leis que vos regem, as quais, embora ainda imperfeitas, espiritualmente falando, são necessárias à manutenção da vossa segurança.

Deixai que as leis sejam executadas, quando houverdes inutilmente empregado os meios que a caridade vos faculta para encaminhar os que se tenham afastado dela e do amor, injuriando-vos ou prejudicando os vossos interesses humanos.

Dizendo: "Aquele que quiser demandar convosco em juízo para vos tomar a túnica, entregai também a vossa capa; se alguém vos tirar a capa, não o impeçais de levar também a vossa túnica", procura Jesus mostrar aos homens que a boa vontade demonstrada a um irmão culpado pode servir para a sua correção.

Certamente, ninguém imaginará que Jesus tenha pretendido animar o roubo ou a violência, prescrevendo que o homem ceda a um ou a outra, que vá mesmo ao encontro das extorsões. Mas, bem sabeis que, para atingir inteligências obtusas, é preciso bater violentamente. Assim, o Mestre teve de figurar exemplos *tais* de amor e de abnegação que, procurando seguir-lhe, ainda que de longe, os preceitos, os que o ouviam enveredassem pelo caminho do bem.

Bastante compreensível vos deve ser o sentido receber e destas palavras:

"Com aquele que vos forçar a caminhar mil passos, caminhei mais dois mil".

Não recuseis nunca atender a um desejo do vosso irmão, em vos sendo possível. Não só não lho recuseis, como ainda adiantai-vos e ultrapassai, cativando-o, os limites por ele próprio traçados à vossa bondade ou à vossa obsequiosidade. Não vos contenteis com o prestar o serviço pedido, tratai de ver se não há uma necessidade maior por detrás do que se vos pede. Estudai os desejos do vosso irmão, suas precisões e prestai-lhe os favores que quereis ele vos prestasse, se estivesseis no seu lugar. Compreendei toda a delicadeza do obséquio feito, quando se não ousou vo-lo solicitar.

Não menos compreensível vos deve ser o sentido caridoso, moral e materialmente falando, destas outras palavras do Mestre: "Dai a quem vos pedir e não volteis as costas a quem vos queira solicitar um empréstimo".

Não negueis a esmola da vossa bolsa, do vosso coração, ou da vossa inteligência, na medida da vossa capacidade.

Não cuideis de despojar os que de vós hajam obtido alguma coisa, ainda quando tenham, para obtê-la, usado de meios vergonhosos, mesmo da violência. Tratai, ao contrário, de fazer com que o que vos foi tirado redunde em proveito de quem o tirou, em proveito do seu adiantamento moral, testemunhando-lhe vós doçura, boa vontade, propósito de lhe ser útil, apesar dos maus processos adotados, sempre, porém, dentro dos limites que vos traçarem a inteligência e o coração. Jamais alenteis o vício: antes esforçai-vos por desviar dele o vosso irmão, utilizando-vos dos meios que o Cristo indicou.

No estado atual da sociedade humana, no ponto em que ela se acha de adiantamento moral, inegáveis são, em bem da segurança da ordem pública e social, o dever, a necessidade da resistência, pelos meios legais, pelos que as leis e a justiça humana prescrevem, à injustiça, ao ultraje e à espoliação, a fim de impedir que um irmão, por atos criminosos, delituosos, pratique o mal, sucumbindo nas suas provas, ou a fim de trazer um irmão, que desse modo pratica o mal, à condição de não mais falir futuramente. *Da parte dos homens*, porém, o castigo e a pena devem *ter por fim*, como têm da parte de Deus, a *melhoria moral do culpado e seu progresso*.

Cristãos, espíritas de naturezas privilegiadas, seguindo os exemplos dados pelo divino Mestre e esforçando-se por lhe palmilharem as pegadas, podem, individualmente e excepcionalmente, pôr em prática, desde agora, como lições e exemplos que, através dos séculos, frutificarão no futuro, esses preceitos evangélicos de humildade, de abnegação, de

renúncia, de caridade e de amor, com o fim e a esperança de melhorar os bons, de obrigar os maus a refletirem envergonhados.

Compreendei, oh! homens! a lei divina e compreendereis o valor de tais preceitos. Ainda não vos é dado pô-los em prática, vossas leis são apropriadas às necessidades da sociedade humana. Dia, porém, virá em que Deus será o único juiz digno de sentenciar nas contendas entre os homens, em que o tribunal de Deus será o único ao qual tudo se achará sujeito.

Sim, dia virá em que a consciência do homem estará nas condições que lhe permitam apreciar o seu próprio proceder e os seus sentimentos, vendo claro dentro de si. Deus, seu único guia, lhe falará e o julgará. Ele ouvirá então essa voz sublime, tantas vezes desatendida, a da consciência, e não praticará mais nenhum ato sem a consultar previamente. Mas, ainda vos encontrais muito distantes desses tempos felizes, nos quais caminhareis, *em verdade e em amor*, sob as vistas do vosso Pai.

Não chegastes ainda à época da execução dos Evangelhos como Moisés não chegara, do mesmo modo que os profetas de Israel, à do cumprimento da moral que lei de Deus. Esperai a revolução moral que começa pelo advento da era predita do Espiritismo, a qual se inicia com a nova revelação. Aguardai-lhe os efeitos. Se não os puderdes observar com os olhos do corpo, ser-vos-á dado acompanhá-los em espírito e trabalhar com mais eficácia pela realização de todas as palavras de Jesus.

N. 86. A época da execução dos Evangelhos, de todas as palavras de Jesus, será aquela em que, com o tempo e as reencarnações sucessivas dos Espíritos culpados, com o concurso dos Espíritos encarnados em missão e mediante a influência oculta e incessante dos Espíritos do Senhor, a Terra se encontrará iluminada totalmente pelo Espiritismo e pela ação sempre progressiva da nova revelação; em que o nosso mundo se *terá tornado*, feita a separação dos maus e dos bons, dos *bodes* e das *ovelhas*, retirados para planetas inferiores os Espíritos até *então* culpados e rebeldes, morada *exclusiva* de Espíritos bons, morada de paz e de felicidade?

Sim, será ao tempo em que o homem houver despido suas *vestes impuras* e revestido a túnica da inocência que amorosamente lhe tecemos.

N.87. Para que se executem os Evangelhos e todas as palavras de Jesus, a revolução moral, lenta e sempre progressiva, será acompanhada de uma revolução física, também lenta e sempre progressiva, que atinja a humanidade pelo surto de novas raças trazendo corpos diferentes dos nossos, cada vez menos materiais e depois fluídicos, e que atinja igualmente todos os reinos da Natureza e a constituição do nosso globo?

A revolução física que se há de operar *acordemente* com a revolução moral (mostrá-lo-emos e explicaremos quando chegar a ocasião) foi predita por Jesus durante a sua missão terrena. Essa predição se encontra velada na sua palavra evangélica e na revelação feita a João na ilha de Patmos.

O progresso físico se realizará ao mesmo tempo que o progresso moral. As necessidades da Natureza mudarão, quando as da alma se houverem depurado. E pouco a pouco, por uma transição que vos será difícil apreciar, a constituição física do planeta, que já se modificou e transformou progressivamente, como o atestam as fases geológicas já percorridas, se irá apurando, melhorando gradualmente, tornando-o asilo *apropriado* a Espíritos libertos de todos os vícios, de todas as fraquezas.

Do mesmo passo que o homem, também se empenharão nessa marcha ascendente pela via do progresso os animais, os vegetais, os seres de todos os reinos da Natureza, a fim de que a harmonia se mantenha no planeta.

Já podeis verificar que os animais tidos por ferozes ou indomáveis começam a submeter-se ao jugo do homem. É um encaminhamento. Tudo tem que tomar parte nessa ascensão para o bem, que, todavia, será longa e penosa. Poupai, portanto, as vossas forças. Concentrai-as, a fim de atingirdes a meta e poderdes repousar felizes no seio amoroso do Senhor, isto é, concorrer, na medida da vossa elevação moral e intelectual, para a execução de suas vontades e de suas obras, na vida e na harmonia universais.

N.88. Estas palavras da lei antiga - "*olho por olho, dente por dente*" - não se aplicam, *despojada da letra o espírito*, entendidas em espírito e verdade, à justiça de Deus, da qual *veladamente* fala o Antigo Testamento, como a se exercer segundo a lei de talião sobre o Espírito culpado, para sua purificação e seu progresso, *primeiro*, mediante a expiação na erradicidade, por sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados às faltas ou crimes cometidos, *depois*, mediante a reencarnação, para novas provações?

Sim, certamente. Todos os fatos referidos no Antigo Testamento têm um caráter alegórico, que reconheceréis adiantando-vos na ciência espírita.

MATEUS, Cap.V, v.43-48.**-LUCAS, Cap.VI, v.27-28 e 32-36*****Amar os inimigos.- Amor e caridade para com todos.- Via da perfeição***

MATEUS: V.43. Tendes ouvido que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. - 44. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem e caluniam, - 45, a fim de serdes filhos de vosso Pai - que está nos céus - que faz nascer seu sol sobre os bons e sobre os maus - e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. - 46. Porque, se só amardes os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem o mesmo os publicanos? - 47. Se somente saudardes os vossos irmãos, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem o mesmo os gentios? - 48. Sede, pois, perfeitos como é perfeito vosso Pai Celestial.

LUCAS: V.27. Mas, digo eu a todos vós que me escutais: amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; - 28, abençoai os que vos amaldiçoam; orai pelos que vos caluniam. -32. Se não amardes senão os que vos amam, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também amam os que os amam? - 33. Se só fizerdes o bem aos que bem vos fazem, que mérito tereis, uma vez que os pecadores procedem do mesmo modo? - 34. Se só emprestardes àqueles de quem esperais receber, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também emprestam a pecadores, contando receber outro tanto? - 35. Amai, portanto, os vossos inimigos; fazei bem a todos e emprestai sem esperar pagamento. Vossa recompensa então será muito grande e sereis filhos do Altíssimo, que é benevolente para com os ingratos e os maus. - 36. Sede, pois, misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.

N.89. Praticai a lei do amor e da caridade, sempre e em toda parte, para com todos, conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos.

Nisto se resume o ensinamento acima, porquanto a observância da lei de amor e caridade implica a prática de todas as virtudes e de todos os deveres.

Pois que Deus concede os benefícios da Natureza à humanidade toda, porque há de o homem negar-se a dividir com seus irmãos o que recebe do pai comum?

Julgar - só a Deus cabe, porque só o seu julgamento é íntegro e isento das preocupações interesseiras que tantas vezes poluem os vossos. Sede, conseqüentemente, bons para com todos os vossos irmãos e deixai a Deus o encargo de julgar os que de suas mãos saíram e cujos corações e pensamentos só ele sonda.

Nada façais nunca tendo em vista *apenas* a recompensa. Vossas ações, quaisquer que sejam, devem subordinar-se tão-somente ao amor do dever, ao amor e ao reconhecimento a Deus. Se elas não forem mais do que um empréstimo feito a Deus, objetivando *unicamente* a recompensa que ele vos queira dar, estareis, oh! homens que podeis tão pouco, praticando a *usura* com a eternidade. E, enquanto vos mantiverdes sob a influência desse sentimento e egoísmo, não sereis *filhos do Altíssimo*. A *recompensa*, ele não a defere senão aos atos que, pelo coração e pelo pensamento, são fruto do desinteresse e do amor.

A vossa fraqueza se assusta e o vosso orgulho se revolta ante estas palavras do Mestre: *Amai os vossos inimigos*".

Para se praticar este amor não basta a isenção de ódio, de rancor, de desejo de vingança contra os inimigos, não basta a abstenção de *palavras*, de atos, de tudo o que lhes possa ser nocivo ou desagradável, não basta perdoar-lhes e esquecer o mal que fizeram ou fazem. É preciso pagar-lhes, em tudo, por toda parte e sempre, o mal com o bem, por todos os meios, sob todas as formas e em todas as circunstâncias, *com sinceridade* no pensamento e no coração. É preciso trabalhar assim sem cessar por conquistá-los. É preciso que, *sinceramente* e possuídos do *sentimento do amor universal*, que deve de continuo crescer no coração do homem, que o aproxima cada vez mais de Deus, façais o bem aos que vos odeiam. É preciso que, não com os lábios, mas com o coração, abençoeis os que vos amaldiçoam, oreis pelos que vos perseguem ou caluniam.

Aquele que, *desse modo*, faz o bem, abençoa e ora, esse tem o sentimento e está na posse do amor aos inimigos.

Tratai, pois, de vos libertar das influências da matéria pela prática da lei do amor e da caridade, pela prece, e vereis cada vez mais desenvolver-se em vós, sob a influência e a ação da vossa depuração moral, a bondade, a misericórdia, a beneficência de que usa o vosso pai para com os ingratos, os justos e os injustos, os bons e os maus.

Jesus disse: *Sede perfeitos como o vosso pai celestial é perfeito*. Quer isto dizer: exercei, praticai *com sinceridade* todas as virtudes que vos são ensinadas para vos conduzirem àquele que é perfeito.

O Espiritismo, pela nova revelação, pela *revelação da revelação*, terceira e última explosão da bondade de Deus para com os homens, é a luz que vos deve clarear a marcha, que dará vista aos cegos. Não a repilais. Submetendo-vos *cordialmente* à prática dos ensinamentos que vos traz essa nova revelação, por intermédio dos Espíritos do Senhor, os quais vos vêm explicar e tornar compreensíveis as palavras evangélicas de Jesus e inspirar a prática *sincera, esclarecida e completa* delas, alcançareis o objetivo que se vos propõe. O caminho será longo, tortuoso, cheio de escolhos e dificuldades, mas finaliza num sítio pleno de delícias e claridades.

MATEUS, Cap.VI, v.1-4***Humildade e desinteresse. - Segredo na prática das boas obras***

V.1. Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens para que vos vejam; do contrário, recompensa não recebereis do vosso Pai que está nos céus. - 2. Quando, pois, derdes a esmola, não mandeis tocar trombeta à vossa frente, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas praças públicas para serem honrados pelos outros homens. Em verdade vos digo: esses já receberam a sua recompensa. - 3. Quando derdes a esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a direita, - 4, a fim de que a esmola fique secreta; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.

N. 90. De nenhuma explicação precisam estas palavras. Todos deveis compreendê-las.

Praticai o bem pelo dever de praticá-lo e não visando os elogios humanos. Não procureis sequer o proveito espiritual que possais tirar das vossas obras. Esforçai-vos por seguir os passos de Jesus, que nada tinha a ganhar dedicando-se aos homens, que foi bom e caridoso no máximo grau, objetivando unicamente ser bom e útil a homens que tampouco o mereciam!

Procedei sempre assim. Evitai os elogios humanos. Eles *quase sempre trazem um veneno sutil que, cedo ou tarde, produz devastações no coração de quem os recebeu com prazer.*

Buscai *somente* os aplausos da vossa consciência e, quando ela vos disser no íntimo - está bem, ide, cheios de alegria, agradecer ao pai celestial o ter-vos concedido meios de obter a sua aprovação. Quanto à recompensa, esperai-a do seu amor. Os Espíritos bem-aventurados vos dirão o que ela é.

Que nunca a vossa mão esquerda saiba o que faz a direita, isto é, praticai *em segredo* tanto a caridade *material* como a caridade *moral*, com todas as habilidades da inteligência e todas as delicadezas do coração, tendo por sentimentos exclusivos o *desinteresse*, a *sinceridade*, a *humildade*, o *devotamento* e o *amor*.

Segundo o espírito, no pensamento de Jesus, essa palavra esmola, que entre vós tem um sentido humilhante, significa caridade *material* e caridade *moral*.

MATEUS, Cap.VI, v.5-15.

- LUCAS, Cap.XI, v.1-4

Prece - O Pai Nosso

MATEUS: V.5. Do mesmo modo, quando orardes, não façais como os hipócritas que gostam de orar de pé nas sinagogas e nos cantos das praças públicas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. 6. Quando quiserdes orar, *entrai para o vosso aposento e, fechada a porta*, orai a vosso pai *em segredo*; e vosso Pai, que vê o que se passa *em segredo*, vos recompensará. - 7. Quando orardes, não faleis muito como fazem os gentios, imaginando que serão escutados por muito falarem. 8. Não vos assemelheis a eles, porquanto vosso Pai sabe do que precisais antes de lho pedirdes. - 9. Orai assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; - 10. venha a nós o teu reino; - faça-se a tua vontade, tanto na terra como no céu; - 11. dá-nos hoje o nosso pão que está acima de qualquer substância; - 12. perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos nossos devedores; - 13. e não nos abandones à tentação; mas, livra-nos do mal, assim seja. 14. Porque, se perdoardes aos homens as faltas que cometam contra vós, também o Pai celestial perdoará as vossas. - 15. Se, porém, não perdoardes aos homens, vosso Pai não vos perdoará os pecados.

LUCAS: V. 1. E sucedeu que, tendo estado a orar em certo lugar, quando acabou, um de seus discípulos lhe disse: Senhor, ensina-nos a orar, assim como João ensinou a seus discípulos. - 2. Disse-lhes ele então: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome, que o teu reino venha; - 3, dá-nos hoje o pão de cada dia - 4, perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos devem e não nos deixes entregues à tentação.

N.91. As explicações quanto à prece são idênticas como deve ser às que demos sobre a esmola: nada nunca façais *tendo em vista* obter a aprovação dos homens; tudo fazei *procurando* unicamente render ao Senhor as homenagens que lhe são devidas e que consistem simplesmente na observância *sincera e desinteressada* das leis do amor e da caridade, que ele vos impôs.

Prescrevendo o *segredo*, o silêncio e o recolhimento para a prece como para a esmola, proibindo a multiplicação das palavras, Jesus proscovia, de então e de futuro, as pompas e as cerimônias exteriores e as orações longas, pronunciadas pelos lábios, mas não saídas do coração.

Repitamos juntos, oh! bem-amados, a prece que o Mestre formulou para os homens, a fim de vos fazermos compreender, *em espírito*, o sentido e o alcance que ela tem.

Pai nosso: - nosso Criador, de quem todos provimos; - *que estás nos céus*: - que estás tão acima de todas as criaturas humanas, tão elevado, que tens por morada o infinito, dentro do qual não te podem descobrir os nossos olhos impuros.

Santificado seja o teu nome: - que cada uma das tuas criaturas te bendiga o nome; - que, por seus atos e pensamentos, todas demonstrem até que ponto honram a poderosa fonte donde provieram; - que em seus corações nada exista capaz de ofender aquele que é a pureza absoluta.

Venha o teu reino: - que todos os homens se submetam à tua lei; - que todos conheçam e abençoem o manancial donde tiraram a existência.

A tua vontade seja feita assim na terra como no céu: - que todos os homens, submissos às leis imutáveis que lhes impuseste, as pratiquem com amor, com reconhecimento, tendo por escopo honrar-te e glorificar-te, do mesmo modo que os Espíritos bem-aventurados se submetem às tuas vontades sublimes, felizes por serem delas humildes instrumentos e executores.

Dá-nos hoje o pão de cada dia, pão que está acima de qualquer substância: - concede-nos, Senhor, cada dia, os alimentos necessários à existência material que nos deste; - que esses alimentos não nos proporcionem mais do que o sustento preciso, sem contribuírem de maneira alguma para alentar os nossos apetites grosseiros; - faze, Senhor, que, sustentados por esse alimento passageiro, possamos implorar eficazmente e receber o pão de vida, único que nos levará aos pés da tua eternidade.

Perdoa as nossas dívidas como perdoamos aos nossos devedores: - que a tua bondade se estenda por sobre nós, criaturas ínfimas, sempre rebeladas contra as tuas sublimes vontades; - perdoa-nos a nós que tantas vezes temos falido e falimos a cada segundo da nossa vida; - que a tua misericórdia se derrame sobre nós, Senhor. Mas, como o amor e o perdão são lei na nossa existência, se deixarmos de a praticar, que a tua justiça se exerça sobre nós, pois nos disseste, pela boca do teu celeste enviado, nosso Mestre, governador e protetor do nosso planeta: *“Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; abençoai os que vos amaldiçoam”*. É atentando nestas palavras que te pedimos, pai de justiça, uses de represálias conosco e nos perdoes se também perdoarmos aos nossos irmãos suas faltas.

E não nos deixeis entregues à tentação: - dá-nos, bom Deus, força para resistirmos aos maus instintos da nossa natureza tão má; - fortalece-nos a coragem, revigora-nos as energias tantas vezes abatidas; - que o teu pensamento erga permanente e intransponível barreira entre o pecado que tanto te desagrada e os teus servos indignos, mas desejosos de merecerem as tuas graças, a fim de que possamos levar a cabo as nossas provações terrenas, sem fraquezas nem desfalecimentos.

Livra-nos do espírito do mal: - permite, Senhor, que, cercados pelos bons Espíritos, submissos a seus conselhos, inspirações e ensinamentos, consigamos, pela pureza dos nossos corações, afastar os maus Espíritos, que tentam incessantemente apoderar-se de nós e que tão frequentemente nos arrastam para o mau caminho; - livra-nos, Senhor, das suas perniciosas influências e concede-nos a graça de os reconduzirmos a ti, por meio dos nossos conselhos, pelo exemplo moral que colherem dos nossos atos e pensamentos e por nossas preces.

Assim seja, pois que te pertencem o reinado, o poder e a glória: - só tu, Senhor, és grande, pois que estás acima de tudo; és o único criador de tudo que se move no espaço infinito, és onipotente na imensidade, és nosso juiz supremo, nosso soberano, nosso rei bem-amado; - a ti as homenagens dos nossos corações, a ti os nossos cânticos eternos; - faze, Senhor, que bem cedo nos seja dado unir nossas vozes às dos Espíritos bem-aventurados que celebram a tua glória, a tua grandeza e, sobretudo, a tua bondade infinita; - é este, oh! pai nosso, o voto que ousa exprimir aos teus pés o mais humilde dos teus filhos.

Meditai, amados irmãos, sobre este ensinamento que, em nome e da parte do Cristo, Espírito da Verdade, vos acabamos de dar acerca da oração dominical. Estudai com o coração tudo quanto esta sublime prece inspira ao homem para se manter no bom caminho, desenvolvendo e fortificando os verdadeiros sentimentos do dever para com Deus, para

com os seus irmãos e para consigo mesmo. Estudai com o coração tudo que ela encerra de amor, de reconhecimento e de submissão àquele que, desde toda a eternidade, foi, é e será Deus de bondade, de perfeições absolutas e infinitas. Que ele, o Deus de amor, vos abençoe.

Mateus, Marcos, Lucas e João
Assistidos pelos Apóstolos.

MATEUS: Cap. VI, v. 16-18***Jejum***

V.16. Quando jejuardes, não vos ponhais tristes como os hipócritas, que desfiguram o semblante para que os homens vejam que eles estão jejuando. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. - 17. Vós, quando jejuardes, perfumai a cabeça e lavai o rosto, - 18, a fim de que o vosso jejum não seja visível aos olhos dos homens e Sim aos do vosso Pai, que tem presente a si o que haja de mais secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.

N.92. O jejum era, entre os Hebreus, um costume material e físico. As palavras de Jesus tinham por fim evitar que esse jejum constituísse, para os que o praticavam, meio e ocasião de hipocrisia ou de orgulho, pois o que é feito *com o intuito* de chamar a atenção e obter a aprovação dos homens perde, aos olhos de Deus, o mérito que uma intenção pura lhe houvera dado.

Não tomeis aqui o termo *jejum* em sentido material, *segundo a letra*, e sim em sentido simbólico, *segundo o espírito*.

Quando praticardes um ato qualquer, *tendo em vista* agradar a Deus, prestar a homenagem que lhe é devida - quando vos sujeitardes a uma privação qualquer, capaz de mortificar os vossos instintos animais, não o façais de maneira que os homens vejam e vos louvem. Qual seria, do contrário, o vosso merecimento perante Deus?

Compreendei bem o sentido das nossas palavras, quando falamos *de uma privação qualquer capaz de mortificar os vossos instintos animais e a que* vos submetêsseis tendo em vista *agradar a Deus*.

Não dizemos que vos imponhais privações e macerações atentatórias da vida animal, mas que não destroem nada do que há de mau no *Espírito*.

Na medida do que lhe é necessário, deve o homem, com frugalidade, temperança e sobriedade, usar da alimentação humana e de tudo o que for higiênico para conservar a saúde e as forças precisas ao cumprimento da lei do trabalho e de todos os seus deveres.

Não vos inflijais, portanto, privações, que serão totalmente *inúteis*, pois que não servirão *nem* a vos purificar o Espírito, *nem* a aliviar os vossos irmãos. Aos olhos de Deus, só são *úteis* e *sérias* as privações que aproveitem aos vossos semelhantes.

Se vos privardes de alguma coisa, que seja em proveito dos outros, por sentimento e propósito de caridade. Tirai do que vos é necessário, mas para dá-lo aos que precisam. Mortificai os vossos instintos animais, privando-vos de todos os gozos *inúteis* ou *supérfluos*; não vos entregando a excessos de espécie alguma.

Vossa alma, eis o que tendes de salvar, o que tendes de purificar. Limpai-a, pois, de suas faltas; cobri-a com um cilício mortífero; depurai-a por todos os meios que a razão vos indicar. Ocupai-vos com ela e que as privações corporais que vos impuserdes sejam apenas um modo de deter as vossas tendências para os excessos, ou de dar o necessário aos que o não têm.

Sois Espíritos ainda muito decaídos. Cuidai do vosso Espírito para que, da herança, ele *reconquiste* a parte *de que se haja privado*. Convirjam todos os vossos esforços para libertá-lo, desde a atual existência humana, dos laços que o prendem ao bruto. Nada, porém, de excessos, quer se trate *do Espírito*, quer *do corpo*

MATEUS, Cap. VI, v.19-23**LUCAS, Cap. XII, v.32-34**

Desprendimento das coisas terrenas. - Não procureis senão o que, pela caridade, vos aproxima de Deus. - Coração puro, único e verdadeiro tesouro

MATEUS: V.19. Não queirais acumular tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças os destroem, onde os ladrões os desenterram e roubam. - 20. Preparai-vos tesouros no céu, onde não há ferrugem nem traças que os possam destruir, onde não há ladrões que os desenterram e roubem. - 21. Porquanto, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. - 22. Vosso olho é a lâmpada do vosso corpo; se vosso olho for simples, todo o vosso corpo será luminoso. -23. Mas, se vosso olho for mau, todo o vosso corpo é tenebroso. Se, pois, a luz que está em vós não for senão trevas, quão grandes não serão essas mesmas trevas!

LUCAS: V.32. Pequenino rebanho, não temais, porquanto aprovou ao Pai dar-vos o seu reino. - 33. Vendei o que possuídes e distribuí-o em esmolas. Provei-vos de bolsas que o tempo não estrague; amontoai, no céu, um tesouro que não se esgota nunca, do qual o ladrão não se aproxima e que as traças não roem. - 34. Pois que, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

N.93. Aqui tendes novas imagens materiais. Buscai-lhes o *espírito* e encontrareis o sentido verdadeiro e todo o alcance do pensamento de Jesus.

Não procureis o que possa fazer a felicidade do homem na Terra, quando isso estiver em oposição à felicidade do Espírito na imensidade. Não procureis com ardor senão o que vos possa aproximar de Deus. A todos os vossos atos humanos deve presidir a idéia de que não sois deste mundo, de que, estando nele apenas como viajantes transviados, tendes que suportar da melhor maneira possível as provações que vos tocaram, que desempenhar a missão de que fostes incumbidos, a fim de regressardes à vossa pátria e poderdes prestar boas contas de vossos atos àquele que vos enviou.

Não vos deixeis deslumbrar pelos bens perecíveis. Qualquer que seja a luz que os cerque, eles são uma fonte de trevas para o vosso Espírito. Aquela luz desaparecerá com eles e vos achareis perdidos na escuridão de uma existência balda das vaidades terrenas e sem abrigo diante do Senhor.

Vosso tesouro se encontra junto de Deus, detentor de todas as graças, não o esqueçais. Compenetrando-vos desta idéia, vossos sentimentos se inclinarão sempre para ele, todas as vossas ações irão ter a seus pés, todos os vossos pensamentos se elevarão ao seu trono e o vosso coração estará perto do vosso tesouro, estando perto do vosso Deus, fonte de todos os bens.

Estas palavras "Pequenino rebanho, nada temais, porquanto aprovou ao vosso pai dar-vos o seu reino" eram endereçadas *aos primeiros discípulos*, poucos em número, *atenta a tarefa a desempenhar*, mas Espíritos devotados e que marchavam segundo os desígnios do Senhor.

Dirigem-se também aos primeiros espíritas, cujo número é igualmente diminuto para a tarefa a desempenhar, mas, como aqueles, *Espíritos devotados e que marcham segundo os desígnios do Senhor*.

Essas palavras vos concitam, como concitavam os primeiros discípulos, a ter confiança em Deus, a esperar o cumprimento de suas promessas.

Estas outras palavras do Mestre "Vendei o que possuis e distribui-o em esmolas; provei-vos de bolsas que o tempo não estrague; amontoai no céu um tesouro que uso não se esgota nunca, do qual não se aproxima o ladrão e que as devem ser traças não roem" não significam que devais despojar-vos de todos os bens humanos e que só assim podereis chegar a Deus, não. Tal interpretação, *conforme à letra*, mas não *conforme ao espírito*, levaria a conseqüências absurdas, ao mesmo tempo que contrárias a todos os ensinamentos do Mestre.

Elas significam que a posse e uso, pelo homem, dos bens terrenos devem ser isentos *de egoísmo* e santificados *pela caridade*; que as boas obras de ordem material, de ordem moral e intelectual, assim praticadas, constituem as *únicas* riquezas imperecíveis, isto é, que as riquezas espirituais são as *únicas* que, como elementos de progresso moral e caminho para a perfeição, aproximam de Deus o homem.

LUCAS, Cap.XII, v13-21***A avareza.- Rico exclusivamente preocupado
com as coisas da terra.- Rico em Deus***

V. 13. Disse-lhe então um homem, do meio da multidão: Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança. - 14. Jesus, porém, respondeu: Homem, quem me constituiu vosso juiz ou partidor? - 15. Depois acrescentou: Cuidado, preservai-vos de toda a avareza, porque a vida de cada um não está na abundância dos bens que possua. - 16. Em seguida, disse-lhes esta parábola: Havia um homem riquíssimo cujas terras produziram abundantes frutos; - 17. e que pensava consigo mesmo: que hei de fazer, não tendo onde guardar o que colhi? - 18. Disse afinal: farei isto: demolirei os meus celeiros, construirei outros maiores e aí amontoarei toda a minha colheita e os meus bens; - 19. e direi à minh'alma: alma, tens de reserva para longos anos muitos bens; repousa, come, bebe, regala-te. - 20. Mas, Deus disse a esse homem: Insensato, esta noite mesma virão demandar tua alma e as coisas que entesouraste de quem serão? - 21. Assim acontece àquele que entesoura para si e que não é rico em Deus.

N.94. Jesus não viera para reinar sobre o mundo perecível, nem para promulgar leis materiais.

Qual era o fim da sua missão? - desprender *da matéria* homens *materiais*, quebrar-lhes os ídolos carnisais, para lhes elevar os Espíritos. Cumpria-lhe, portanto, bater com força, pois que suas pancadas ainda não repercutiam senão muito fracamente.

Tais o sentido, *segundo o espírito*, e o objetivo desta parábola.

Estais hoje mais adiantados e, no entanto, quantas vezes nos vemos obrigados a repetir com Jesus: amontoai vosso tesouro lá onde a ferrugem não corrói, onde os vermes não devoram, onde os ladrões não roubam!

Quantos dentre vós, apesar de todos os nossos cuidados, apesar de lhes ser pregado todos os dias o Evangelho, só em suas riquezas confiam, amontoando tesouros de lama e enterrando-se neles até aos olhos!

Pensai na vossa alma, porquanto esta noite mesma a morte pode vir surpreender-vos. Sede, no momento que a alma vos for arrebatada, ricos em Deus pela prática constante do amor e da caridade, esforçando-vos, a todas as horas, a todos os instantes, por vos libertardes das influências da matéria, dos desejos e apetites materiais com que vos tentam a sensualidade, o orgulho, o egoísmo, a avareza, na conformidade das vossas tendências naturais.

MATEUS, Cap.VI, v.24-34.

- LUCAS, Cap.XVI, v.13-15, e Cap.XII, v.22-31

Servir a Deus e não a Mamom.- Nada de preocupação exclusiva com as coisas materiais.

- Confiar em Deus, procurando os caminhos que levam a ele.

MATEUS: V. 24. Ninguém pode servir a dois senhores, porque, ou odiará a um e amará o outro, ou se submeterá a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom. - 25. Eis porque vos digo: não vos inquieteis pelo que comereis para o sustento da vossa vida, nem com que vestireis o vosso corpo. A vida não é muito mais do que o alimento e o corpo muito mais do que as roupas? - 26. Vede as aves do céu: não semeiam, não ceifam, não enchem celeiros e, entretanto, vosso Pai celestial as alimenta. Não sois muito mais do que elas? - 27. E qual de vós pode, pelo seu engenho, acrescentar um côvado à sua estatura? - 28. E com as vestes, porque vos inquietais? Considerai como crescem os lírios do campo: não trabalham, nem fiam. - 29. E eu vos digo que, no entanto, nem Salomão em toda a sua glória jamais vestiu como um deles. - 30. Se, pois, Deus cuida de vestir assim o feno dos campos, que hoje existe e amanhã será lançado ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé! - 31. Não vos inquieteis, pois, dizendo: que comeremos? - ou: que beberemos? ou: como nos vestiremos? -32, à semelhança dos gentios que se azafamam por essas coisas, porquanto vosso Pai sabe que delas precisais. - 33. Procurai primeiramente o reino de Deus e sua justiça e todas aquelas coisas vos serão dadas de acréscimo. - 34. Assim, não vos inquieteis pelo dia de amanhã, pois o dia de amanhã cuidara de si mesmo. Basta a cada dia a sua própria aflição.

LUCAS: V. 13. Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou odiara a um e amará a outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.-14. Os fariseus, que eram avarentos, ouvindo-lhe todas estas coisas, zom- bavam dele. - 15. Jesus lhes disse: Ponde grande cuidado em parecer justos aos homens; mas, Deus conhece os vossos corações; pois, o que é elevado aos olhos dos homens é abominação aos olhos de Deus.

XII, v. 22. E disse a seus discípulos: Portanto, eu vos digo: não vos inquieteis pela vossa vida, cuidando do que comereis, nem pelo vosso corpo, procurando com que o cubrais. - 23. A vida é mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa. - 24. Considerai os corvos: não semeiam, nem ceifam, não têm dispensa nem celeiro e Deus os sustenta. Não valeis mais do que eles? - 25. Mas, qual de vós o que, pelo seu engenho, possa aumentar um côvado à sua estatura? - 26. Se as menores coisas estão acima do vosso poder, porque vos haveis de inquietar pelas outras? - 27. Vede como crescem os lírios; não trabalham, nem fiam e, entretanto, eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, jamais vestiu como qualquer deles. - 28. Ora, se Deus veste dessa maneira o feno que hoje está nos campos e amanhã será lançado no forno, quanto mais a vós, homens de pouquíssima fé! - 29. Não vos atribuleis, pois, pelo que haveis de comer ou de beber; não fique em suspenso o vosso espírito. - 30. As gentes do mundo é que procuram todas essas coisas; vosso Pai sabe que delas tendes necessidade. - 31. Procurai, portanto, primeira-mente. o reino de Deus e a sua justiça e todas aquelas coisas vos serão dadas de acréscimo.

N.95. Têm estas palavras de Jesus por objetivo afastar da matéria o homem, obrigá-lo a encarar frente o escopo que lhe cumpre atingir e que ele deve colocar acima de tudo: a vida eterna, isto é, a vida do Espírito puro, do Espírito que, tendo concluído todas as suas provas, chegou ao supremo grau de pureza, donde começa a compreender quem é Deus e a gozar, na eternidade, a vida espiritual, a vida espírita, aproximando-se cada vez mais do foco da onipotência, sem que, entretanto, como já o dissemos, chegue *jamaís* a igualar-se à divindade.

Jesus falava a homens maculados por instintos grosseiros, tinha que combater naturezas rebeldes. Era, pois, obrigado a vibrar golpes que, só sendo muito violentos, lhes repercutiriam, ainda assim fracamente, nas almas endurecidas.

Ninguém deduza das suas palavras que o homem deva entregar inteiramente sua existência e seu futuro humanos aos cuidados exclusivos de Deus. Trabalhador que é, corre-lhe o dever de dar conta da sua tarefa. Sujeito, na sua qualidade de homem, às necessidades do gênero humano, está na obrigação de angariar pelo trabalho os meios de manter a sua existência humana, lembrando-se de que dia virá em que as forças faltarão ao operário.

Aquele, portanto, que puder armazenar *lealmente, sem quebra da sua integridade moral aos olhos do Senhor*, os grãos com que na velhice fabrique o seu pão, deve fazê-lo sem temor, enquanto a idade lho permita; fazê-lo com cuidado, sem desperdiçar a menor parcela, pois terá que prestar contas aos irmãos que não conseguiram mais do que catar algumas espigas para o sustento diuturno e que necessitarão de uma parte dos grãos que o Senhor lhe permitiu colher abundantemente.

Trabalhai de acordo com as vossas forças e os vossos meios e pensai sempre nos que não puderam ou não podem mais fazê-lo. Deus abençoa os corações puros e as boas intenções.

Não podeis servir a Deus e a Mamom. Mamom era uma divindade que os povos antigos adoravam, feita de prata ou de ouro, principalmente de ouro, representando mais ou menos o que representava o Júpiter dos romanos, isto é, os vícios da humanidade com todo o seu cortejo, o que explica o pensamento de Jesus: “*Não podeis servir a dois senhores ao mesmo tempo*”.

Não podeis viver a vida que agrada a Deus, praticando os desregramentos a que vos arrasta a vida mundana. Não podeis ter ao mesmo tempo em vossa alma - o amor e o egoísmo; a caridade e a avareza; o desprendimento e a cólera; a mansidão, a humildade de espírito, a simplicidade do coração e o orgulho; a atividade pelo trabalho material e a preguiça; a bondade para todos e o gosto do assassinio e das violências. Ou amareis a um e odiareis a outro, ou servireis a este e desprezareis aquele.

Quem se *consagra* aos bens terrenos não pode praticar o desprendimento que o progresso espiritual exige.

Aos fariseus dos vossos dias, luxuosos, orgulhosos, avarentos, que zombam das nossas palavras, dizemos, como disse Jesus aos fariseus de outrora: *Pondeis muito cuidado em parecer justos perante os homens, mas Deus vos conhece os corações; e o que é grande aos olhos dos homens é abominável aos olhos de Deus*”. Quer dizer: geralmente, a riqueza, a glória, o orgulho, por eles divinizados, são o que os homens consideram elevado e vós sabeis que o Senhor ama os de espírito humilde, os de coração simples e bondoso.

As palavras de Jesus, constantes dos v. 25-26 e 28-34 de Mateus e dos v. 22-24 e 28-30 de Lucas, na linguagem oriental apropriada às inteligências da época, eram particularmente dirigidas aos que, totalmente preocupados com as riquezas materiais, nada vêem além delas e nada fazem que não seja o que lhes possa melhorar o bem-estar e aumentar a fortuna; aos que cultivam o corpo como planta preciosa e descuram da alma, único bem que deveriam vigiar atentamente. Jesus falava a homens materiais cúpidos. Precisava ser enérgico para que alguma coisa ficasse do que dizia. Seus ensinamentos atingiam sempre a chaga que ele queria cauterizar.

Por aquelas palavras, o Mestre reconduz o homem ao seu ponto de partida - Deus, que, criador de todas as coisas, vela, com igual solicitude, por tudo o que lhe saiu das mãos, dando a cada um o que lhe é necessário. Assim é que dá à *matéria* o alimento *material*, ao *Espírito* o alimento *espiritual*. Releva, porém, acentuar bastante aqui, tal a disposição constante no homem para ultrapassar a meta que se lhe indica, que Jesus não aconselha aos seres dotados de razão que esperem inativos praza ao Senhor alimentá-los, como alimenta os pássaros e vesti-los como veste os lírios.

É dever do homem confiar no Senhor, certo de que ele proverá ao que lhe for preciso, ao que for para seu bem; mas, cumpre, do mesmo passo, que empregue *suas faculdades, sua atividade, sua energia*, em alcançar, pelo trabalho, a proteção de Deus.

O lírio aguarda no seio da terra que o Senhor, desenvolvendo-o, lhe prepare a roupagem que o fará brilhar aos olhos dos humanos e lhe outorgará o cetro de rei das flores dos campos. O homem deve esperar que a vontade de Deus desenvolva nele as virtudes que o farão brilhar aos olhos de seus irmãos, mas deve esperá-lo *em atividade*. Deus ajuda a quem trabalha. Não procureis, pois, nas palavras de Jesus um pretexto para *a fatalidade*, ou para *a incúria*.

Apreeendi igualmente bem o sentido destas outras palavras: "Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porquanto o dia de amanhã cuidará de si mesmo; - a cada dia basta a sua própria aflição".

O que se deve deduzir delas, *conforme ao espírito que vivifica* e não *conforme à letra que mata*, é que Jesus condena o excesso de cuidados com a vida e não a necessidade. Importa que o homem cuide de manter a sua existência. Ele não pode e não deve ser menos providente do que certos animais no tocante ao futuro, mas, também, não deve concentrar todos os seus pensamentos, todos os seus desejos na acumulação dos bens mundanos. Cumpre-lhe ser providente, porém, nunca, ambicioso. Se, mau grado à sua providência, o futuro lhe falha, confie no Senhor, que sabe o que convém a cada um e permite que *a provação purifique a criatura e assim a torne digna do Criador*.

"Qual de vós, disse Jesus, pode, com toda a sua inteligência, com todos os seus cuidados, aumentar de uma polegada a altura do seu talhe? Se, pois, as menores coisas estão acima do vosso poder, porque vos haveis de inquietar pelas outras?"

Eis, *em espírito e verdade*, o sentido e o alcance destas palavras: O homem não deve pretender à viva força mudar a face aos acontecimentos que Deus prepara. Deve, ao contrário, fazer tudo o que estiver ao seu alcance para torná-los úteis à sua salvação e glorificadores de Deus. Nunca deverá tentar desnaturá-los. Uma vez realizados, não tem que dizer: "Se eu houvera procedido desta ou daquela maneira, isto não sucederia". E mister veja no fato ocorrido *uma consequência da sua posição na terra, um efeito das suas provações, ou um corolário das suas fraquezas que ocasionaram a falta, a imprudência ou a negligência*, e reconheça que Deus tudo dirige e governa sempre visando o bem *futuro* do Espírito encarnado.

"Buscai", disse ainda o Mestre, "primeiramente" o *reino de Deus e a sua justiça* e o resto será dado de *acréscimo*."

O dever primordial do homem é viver segundo as vontades do Senhor, por isso que, uma vez que enverede pela senda da pureza, atrairá sobre si as bênçãos do pai celestial, bênçãos que receberá na sua significação real. Não se trata de bênçãos materiais, úteis unicamente ao que há de perecível em vós, ao que mais vos inquieta e sim de bênçãos abundantes que concorrerão para vos purificardes mais e mais, fazendo-vos compreender que os sofrimentos, as dores corporais são outras tantas bênçãos do Senhor, pois que vos depuram o Espírito, rompem os laços que o encadeiam à Terra e lhe permitem, mesmo durante a miserável existência terrena, encaminhar-se para as regiões da felicidade eterna.

Quando a humanidade tiver chegado ao grau de pureza moral que há de adquirir, *as questões relativas*, às leis morais conforme vo-las explicam os Espíritos do Senhor, às leis de *adoração, trabalho, conservação, destruição, sociedade*,

progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade, se resolverão facilmente, porque os bens, tanto materiais, como morais e intelectuais, não mais pertencerão a *este ou àquele*, visto que cada um será por todos e todos serão por um. Quer isto dizer que os filhos do pai celestial viverão como membros de uma grande família, unidos pelo desejo de se auxiliarem mutuamente e auxiliando-se de modo eficaz. Longe, porém, ainda muito longe vêm esses tempos! Assim, não tenteis introduzir prematuramente, em vossos costumes e leis, mudanças que não de ser fruto da que se operará nos vossos corações, trazendo consigo, pela prática da solidariedade e da fraternidade, o desenvolvimento das inteligências, da instrução, da ciência e do amor, o bem-estar moral e, conseqüentemente, o bem-estar material.

Disse também Jesus: *"A cada dia basta a sua aflição, o seu labor"*.

Lavradores de almas, conduzis a charrua por ingratos terrenos. Nós preparamos a semente e somos obrigados a escolhê-la com cuidado, porquanto em bem poucos lugares pode germinar.

Esperai, porém, que a hora da colheita soe. O Senhor chamará então seus trabalhadores operosos. Dos quatro cantos do vento retumbará a trombeta e os obreiros diligentes poderão admirar as numerosas espigas que semearam nos sulcos feitos pelo arado. Coragem! coragem! os tempos chegarão!

Sim, que Jesus disse: *"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão"*. Nenhuma só das palavras que de seus lábios saíram deixará de cumprir-se; mas, para o Senhor, o tempo não tem limites, como não tem mesmo para vós. Quando houverdes transposto a barreira que vos detém; quando, transpondo-a, vos afastardes da morada da matéria, de regresso à vossa verdadeira pátria, apreciareis os progressos da humanidade, tendo debaixo da vista, de um lado, a revelação do Cristo e, de outro, o cumprimento integral dessa revelação.

LUCAS Cap.XVI, v.19-31***Parábola do mau rico e do pobre paciente e resignado***

V.19. Havia um homem rico que se vestia de púrpura e finíssimo linho e se banqueteava magnificamente todos os dias. -20. Havia também um pobre mendigo chamado Lázaro, que jazia coberto de úlceras à porta do rico, - 21, e que bem quisera saciar-se com as migalhas que caíam da mesa deste, mas ninguém lhas dava: e os cães vinham lambe-lhe as chagas. - 22. Ora, aconteceu que o mendigo morreu e foi transportado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico morreu também e teve o interno por sepultura. - 23. Quando este, dentre os seus tormentos, levantou os olhos e ao longe viu Lázaro no seio de Abraão, - 24, disse em gritos estas palavras: Pai Abraão, tem piedade de mim e manda-me Lázaro para que, molhando n'gua a ponta do dedo, me refresque a língua. pois sofro tormentos nestas chagas. - 25. Mas, Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembra-te de que recebeste bens em tua vida e de que Lázaro só teve males; por isso ele agora é consolado e tu és atormentado. - 26. Demais, grande abismo existe entre nós e vós; de modo que os que querem passar daqui para lá não o podem, como também não se pede passar de lá para cá. - 27. Disse o rico: Eu então te suplico, pai Abraão, que o mandes a casa de meu pai, -28, onde tenho cinco irmãos, para lhes dar testemunho destas coisas, a fim de que eles não venham a cair neste lugar de tormentos. - 29. Abraão lhe retrucou: Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem. - 30. Não, pai Abraão, disse o rico, se algum dos mortos lhes for falar, eles farão penitência. - 31. Abraão respondeu: Se não escutam nem a Moisés, nem aos profetas, não acreditarão do mesmo modo, ainda que algum dos mortos ressuscitasse.

N. 96. O rico, de coração duro e egoísta, sofre o castigo de suas faltas, tem *assim* por sepultura o inferno, ao passo que o desgraçado, resignado e paciente, recebe a recompensa de suas dores.

O castigo há que seguir seu curso. Só o arrependimento lhe pode abreviar a duração.

Por mais esforços que faça, não logra o justo deter a justiça do Senhor, enquanto o culpado não se houver arrependido. E, no caso, o rico sofria, mas não se arrependera.

A solicitude que manifestava para com os irmãos provinha do desejo de que estes evitassem a causa daqueles sofrimentos; não era fruto do arrependimento. No apelo que faz, há um pedido, não há pesar. Lázaro, no seio de Abraão, continua a ser para ele o pobre, o homem do povo, servo nato do rico, *mesmo no inferno*, isto é, *mesmo quando o rico está sofrendo o castigo*.

Repassado de infantil simplicidade, apropriado aos tempos, composto em termos imaginosos, de natureza a ferir e impressionar as inteligências da época, aquele diálogo visava os que se achavam em condições de compreendê-lo; mas, é também dirigido a vós outros que julgais a vossa inteligência muito acima de tal linguagem.

Por ele se vos diz: Homens, não caveis um abismo entre vós e o pobre a quem repelis, porquanto, se ele suportar o vosso desprezo resignadamente, com fé e coragem, terá a sua recompensa, ao passo que tereis de pagar a dureza e a segura do vosso coração. E, enquanto perseverardes nesse endurecimento, intransponível será para ambos o abismo que vos separe. Só o arrependimento lançará sobre este uma ponte pela qual vos podereis reunir.

Qual, *conforme ao espírito*, a explicação dos versículos 27-31?

A linguagem do rico na parábola (v. 27, 28 e 30) é a prova e, ao mesmo tempo, a sanção da crença dos Judeus na comunicação dos homens com as almas dos mortos, com os Espíritos.

As duas respostas de Abraão ao rico mostram ser absolutamente inútil, para demover os sistematicamente incrédulos, toda e qualquer comunicação de além-túmulo. Efetivamente, que valor a aparição do pobre teria para os irmãos daquele rico, imbuídos das mesmas opiniões e do mesmo egoísmo que ele, como se depreende da parábola? Acusá-lo-iam de continuar a importuná-los, até depois de morto. Varreriam do pensamento a aparição, do mesmo modo que da vista repeliam o homem, sobretudo sendo aquela ainda mais aborrecida.

Acresce que, de par com a incredulidade sistemática, também a incredulidade filha do endurecimento leva o homem a negar as comunicações de além-túmulo, por isso que estas lhe trazem revelações ameaçadoras da segurança que ele se empenha em manter e lhe impõem reformas urgentes, quando o que lhe apraz é seguir o curso das suas paixões.

Que esses procurem primeiro aplicar a si próprios a lei, a fim de se submeterem a ela.

Em nome do Catolicismo se diz: Tendes o Evangelho e a Igreja, porque procurar outra coisa?

Os que falam *assim parodiam* o que disse Jesus (v. 29 e 31 da parábola). Quando punha na boca de Abraão estas palavras: "*Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem*" - o que o Mestre dizia era: "Tendes a lei e os profetas" isto é, "tendes o amor universal para vos guardar; tendes, para vos guiar, o exemplo dos que o praticaram". Os que vos concitam a reportar-vos aos Evangelhos fizeram destes *letra morta*. Eles deixaram de ser a lei, porquanto, da prática a que os submeteram os que assim falam, desapareceu o amor imenso que se estende por sobre todos indistintamente, que a ninguém repele, que dá alento a todos os fracos e arrebanha todas as ovelhas desgarradas, sem se preocupar com o caminho por onde venham.

O amor - eis a lei, os Evangelhos; a prática do amor - eis os profetas, os intérpretes dos Evangelhos. Os que do amor se afastam não obedecem à lei que pretendem impor aos outros.

Por terem, os que vos apontam os Evangelhos, feito deles *letra morta*, é que, nos tempos preditos, quando a abominável desolação impera no lugar santo, exatamente onde não devera existir, o Senhor envia o Espírito da Verdade para, por uma difusão geral *do espírito* reconduzir os homens à prática do amor, à pureza e à simplicidade da sublime moral do Mestre, para os conduzir à verdade, pois que o progresso é lei da Natureza.

Tomando a parábola *ao pé da letra*, dizem: "Todo o pensamento desta parábola está no v. 15 do capítulo XVI: "*Pois o que é elevado aos olhos dos homens, é abominável para Deus*". Com efeito, o rico tem o inferno por sepulcro (v. 22); Deus o abomina unicamente por ser ele grande perante o mundo; e o pobre é agradável a Deus, "está no seio de Abraão", unicamente por ser pequeno perante o mundo. Não se diz ali que o rico usou mal das suas riquezas, nem que o pobre fez bom uso da sua pobreza, mas que o rico recebeu os seus bens em vida e que a Lázaro só males couberam. É o que implicitamente se nos depara nestas palavras de Lucas, no começo do sermão do monte: "*Ai de vós, ricos, que tendes a vossa consolação neste mundo; - ai de vós, que estais saciados, pois que tereis fome: - ai de vós, que agora rides, pois que sereis condenados ao pranto e às lágrimas*". (LUCAS, VI, v. 24-25).

Este sentimento de animosidade contra a riqueza, essa reprovação do rico se desenvolveu no Cristianismo, ao mesmo tempo que se alargou sua luta contra o mundo, mas o *pensamento mesmo* do seu fundador é diferente: "*Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e todas as coisas vos serão dadas de acréscimo*." (Mateus, VI, v.33).

Os que usam desta linguagem, tendo razão do ponto de vista das falsas interpretações dadas às palavras do Mestre, se enganam redondamente quanto ao sentido e ao objetivo, *segundo o espírito*, segundo o *pensamento* de Jesus, intencionalmente velado *pela letra*, quer da parábola, quer dos textos que citam e que já vos explicamos *em espírito e verdade*.

A falsa interpretação das palavras do Mestre produziu bons frutos a seu tempo. A violência mesma dessa interpretação concorreu para que os prevaricadores, os avaros e os egoístas se despojassem de seus bens, com o propósito de evitarem o castigo e de darem *exemplos* de desprendimento, que *mais tarde seriam mais bem compreendidos*.

Quando se tem que abater uma árvore secular, não é de um canivete que se lança mão, mas de um machado manejado por vigoroso pulso. Quando se tem de destruir paixões más, fundamente enraizadas, não é com palavras brandas e sem alcance que se há de consegui-lo. Será preciso vibrar golpes violentos que repercutam no coração. As palavras de Jesus eram sempre medidas para o efeito de produzirem frutos imediatos e *prepararem* as colheitas vindouras. Mesmo o que considerais desvios resultantes de falsas interpretações não foi mais do que o trabalho profundo da charrua em terras duras, forçando-as a produzir, a fim de que a cultura as possa, ao cabo de certo tempo, amolecer, destorroar e tornar férteis em frutos mais doces e mais saborosos.

Reportem-se os que formulam aquelas objeções à explicação, *conforme ao espírito*, que vimos de dar da parábola em questão; atendam a que "a *letra* mata e o *espírito* vivifica", a que as palavras de Jesus são "*espírito e vida*" e que se encadeiam formando um conjunto harmonioso - e compreenderão.

Qual é, segundo o espírito, o sentido do v. 26?

Alusão à impossibilidade que há, para o Espírito, de deter o curso da justiça divina.

As palavras desse v. 26, veladas pela *imagem material* e pela *letra*, significarão, de acordo com a ciência e a verdade espíritas, que os bons Espíritos não se podem acercar dos Espíritos culpados, enquanto não há, da parte destes, arrependimento - e, reciprocamente que os Espíritos culpados não se podem elevar às regiões em que se acham os bons Espíritos e acercar-se destes?

Não; os Espíritos superiores não entram em contacto com os Espíritos inferiores que sofrem punição, mas os bons Espíritos, de menor elevação, os cercam, conservando-se, *entretanto*, invisíveis. Quanto aos Espíritos inferiores, esses nunca podem elevar-se às regiões ocupadas pelos bons Espíritos, sem que um arrependimento sincero os ponha em condições de experimentarem a influência direta de seus protetores e sem que lhes tenha sido permitido acompanhar os bons Espíritos com o propósito de se instruírem e progredirem.

MATEUS, Cap.VII, v.1-6.

MARCOS, Cap.IV, v.24.

LUCAS, Cap.VI, v.37-38,41-42

Não julgar os outros. - O argueiro e a trave. -

Não dar aos cães as coisas santas

MATEUS: V. 1. Não julgueis, a fim de não serdes julgados; - 2, porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; com a medida com que medirdes sereis medidos, - 3, Como é que vês um argueiro no olho do teu irmão e não percebes a trave no teu? - 4, Ou como é que dizes a teu irmão: - 5, Deixa-me tirar um argueiro do teu olho, quando tens no teu uma trave? - 6. Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás como podes tirar o argueiro do olho do teu irmão. - 6. Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não suceda que as pisem, se voltem contra vós e vos estraçalhem.

MARCOS:V, 24. Dizia-lhes: Atentai no que ides ouvir: Sereis medido com a mesma medida com que medirdes os outros e ainda se vos acrescentará.

LUCAS: V. 37, Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados, perdoai e sereis perdoados; - 38, dai e se vos dará e no vosso regaço será derramada uma boa medida, cheia, atestada, a extravasar; porquanto, para vos medir servirá a mesma medida com que houverdes medido os outros, - 41. Como é que vês o argueiro que está no olho do teu irmão e não percebes a trave que está no teu olho? - 42. Ou, como é que podes disser a teu irmão: Meu irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, tu que não vês a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiramente a trave que está no teu olho e então verás como tirar o argueiro que está no olho do teu irmão.

N.97. O ensino que resulta destas palavras de Jesus facilmente se apreende e não demanda desenvolvidos comentários.

Penetre o homem no seu íntimo, antes de proferir juízo sobre seus irmãos; faça exame de consciência; compenetre-se do seu próprio valor; inquiria de si mesmo o que responderia se houvesse de ir à presença do juiz; e a sua indignidade lhe mostrará a indulgência de que deve usar com seus irmãos. Lembre-se destas palavras e as ponha em prática. "*Perdoai-nos como nós perdoamos*".

"ATENTAI no que ides ouvir. Sereis medidos com a mesma medida com que medirdes os outros. E ainda se vos acrescentará".

Jesus, dirigindo estas palavras a seus discípulos e a todos os homens, os exortava a se instruírem, a não julgarem levemente. Quem for ignorante e quiser julgar seus irmãos procederá sempre com severidade, por não compreender a *causa* dos atos destes e não ser capaz de os pesar. Ora, aquele que julgar com severidade, do mesmo modo será julgado.

"E ainda se vos acrescentará" querem dizer: quanto mais esforços fizerdes para vos aproximar do Mestre, tanto mais o Mestre se dignará de descer até vós. Elas não se ligam às que as precedem. Não se ligam significando que aquele que houvesse julgado severamente seus irmãos seria por sua vez julgado com severidade maior do que a de que usara, não. Não foi para exprimir esse pensamento que Jesus as pronunciou. Sereis medidos, isto é, julgados, pela maneira por que houverdes julgado os vossos irmãos, mas também graças vos serão concedidas em relação com os esforços que

houverdes feito para merecê-las. Elas só se referem às graças que o homem pode merecer ou não, conforme aos esforços que faça para alcançá-las, ou à negligência que ponha em progredir.

Deveis ser caridosos; deveis perdoar aos vossos irmãos as ofensas que vos tenham feito, como pedis que sejam perdoadas as vossas.

Se, pois, não perdoardes, se não usardes de indulgência para com os vossos irmãos, como podeis esperar que vosso pai que está nos céus use de indulgência para convosco? Tê-la-eis merecido? Não tereis transgredido suas leis? Não vos terá faltado a caridade e o amor que sem cessar vos pregamos e que constituem a base *única* sobre que podeis edificar?

Perdoai, portanto, se quiserdes ser perdoados; não julgueis os vossos irmãos, porque também haveis de ser julgados por um juiz íntegro que lê no fundo dos corações e vê todas as paixões miseráveis que aí se agitam. Não julgueis o vosso irmão, vós que não vedes mais que a superfície, porquanto, se a superfície nele vos parece turbada, o fundo pode estar puro aos olhos de Deus, ao passo que, em vós, talvez esteja impuro.

Tira primeiramente a trave do teu olho e então verás como tirar o argueiro do olho de teu irmão."

Começai por expurgar as vossas almas de todos os vícios, de todos os maus instintos que as devoram; tomai os vossos corações puros aos olhos de Deus. *Depois então*, quando fordes perfeitos, podereis censurar. Podereis, mas não o fareis, porque a perfeição das vossas almas vos terá aproximado daquele que, perfeição completa, disse: *"Atire a primeira pedra o que dentre vós estiver sem pecado"* e que, isento de qualquer pecado, acrescentou: *"Vai e não peques mais"*.

"Não deis aos cães as coisas santas e não lanceis vossas pérolas aos porcos, para que não aconteça que, depois de as pisarem, vos estraçalhem".

Compenetrai-vos bastante, *em espírito e verdade*, dessas palavras que Jesus dirigiu aos que então eram seus discípulos e aos que seriam no futuro e da aplicação que deveriam ter, no tocante ao ensino e à propagação da palavra evangélica, e que devem ter na época presente da nova revelação.

As circunstâncias em que vos achardes, o meio em que falardes é que vos deverão inspirar a conduta a seguir. Sondai o terreno, preparai-o e, se descobrires um sinal de fertilidade, por menor que seja, lançai a semente com prudência e precaução. Depois, cultivai-a cuidadosamente, auxiliando-lhe o desenvolvimento. Se, ao contrário, o terreno vos parecer árido e ingrato, encerrai-vos no silêncio. Dai a compreender que não quereis falar. A recusa, em tal caso, excita a curiosidade em certas naturezas e pode desenvolver o *desejo* de saber. *Se isto suceder*, devotai-vos à obra e consagrai-vos aos que a princípio vos repeliram. Estendei os braços às ovelhas desgarradas, ide em socorro das que estiverem perdidas, reconduzi ao Senhor o pequeno rebanho que conseguirdes reunir. O Mestre recompensa generosamente os obreiros vigilantes. A fortuna de haverdes salvo irmãos vossos da incredulidade, do desânimo, da negação, vos recompensará para entrar nas alegrias da eternidade.

- a perfeição sideral, 134
Aarão, 132
Abias, 132, 281
abuso, 138, 139, 361, 433
ação, 135, 136, 143, 150, 159, 160, 161, 167, 171, 173, 174, 175, 181, 190, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 206, 208, 211, 226, 229, 231, 243, 244, 257, 258, 265, 291, 292, 299, 304, 305, 311, 326, 327, 336, 340, 348, 353, 354, 355, 365, 366, 367, 368, 378, 379, 382, 383, 384, 385, 389, 390, 391, 392, 395, 397, 398, 426, 427, 438, 443
além-túmulo, 145, 158, 170, 251, 265, 351, 398, 402, 467
amor, 129, 133, 138, 160, 161, 165, 166, 169, 172, 177, 178, 179, 184, 185, 194, 203, 213, 214, 215, 219, 225, 251, 255, 266, 268, 272, 275, 279, 280, 307, 309, 324, 326, 327, 329, 330, 332, 335, 342, 350, 363, 373, 375, 377, 383, 388, 395, 396, 397, 404, 405, 406, 411, 415, 416, 417, 420, 421, 434, 435, 436, 437, 438, 441, 442, 443, 444, 445, 447, 448, 449, 456, 460, 463, 467, 468, 473
amparo, 138, 433
animais, 135, 244, 295, 312, 315, 316, 361, 428, 439, 440, 450, 451, 462
animal, 159, 194, 290, 291, 292, 293, 294, 300, 303, 304, 305, 308, 316, 317, 322, 356, 358, 359, 362, 451
anjo, 129, 132, 133, 137, 143, 144, 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 161, 169, 170, 171, 173, 180, 188, 189, 190, 195, 203, 207, 209, 210, 212, 213, 215, 217, 218, 222, 231, 233, 237, 238, 239, 242, 252, 253, 256, 261, 267, 269, 287, 340, 345, 377, 397, 424
Antigo Testamento, 157, 440
aparições, 129, 137, 150
apóstolos, 128, 145, 184, 191, 192, 223, 275, 339, 341, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 401, 402, 408, 412
ascensão, 129, 153, 191, 194, 301, 345, 366, 369, 440
atos, 130, 134, 138, 139, 140, 141, 155, 158, 186, 198, 203, 206, 209, 227, 241, 246, 252, 256, 285, 290, 294, 295, 297, 306, 308, 317, 319, 321, 322, 323, 342, 348, 354, 355, 388, 391, 416, 420, 437, 442, 447, 449, 452, 453, 472
audiente, 137, 156, 180, 212, 226, 391
auxílio, 138, 141, 142, 159, 162, 186, 192, 196, 211, 259, 277, 362, 364, 392, 395
belo, 137, 268, 310, 333
bem, 135, 137, 138, 142, 143, 146, 154, 162, 164, 166, 168, 172, 177, 178, 192, 195, 196, 203, 213, 215, 216, 217, 224, 230, 232, 239, 243, 245, 247, 248, 257, 265, 266, 269, 270, 272, 274, 276, 277, 278, 280, 283, 284, 291, 294, 297, 298, 306, 307, 313, 316, 320, 321, 324, 325, 328, 332, 343, 347, 349, 351, 352, 356, 363, 364, 372, 376, 377, 389, 394, 396, 402, 404, 405, 407, 408, 409, 417, 421, 424, 426, 429, 430, 434, 436, 437, 440, 441, 442, 443, 444, 447, 448, 449, 451, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 469
caridade, 133, 166, 177, 185, 214, 215, 219, 220, 251, 255, 266, 268, 272, 275, 280, 286, 307, 342, 350, 363, 375, 388, 395, 396, 397, 405, 406, 415, 416, 417, 433, 434, 435, 437, 441, 443, 445, 447, 451, 452, 454, 456, 460, 463, 473
carne, 127, 134, 146, 147, 151, 155, 156, 159, 166, 167, 168, 185, 186, 197, 198, 200, 205, 216, 232, 252, 256, 261, 263, 299, 308, 324, 356, 358, 372, 385, 389
causa, 133, 145, 147, 174, 211, 213, 224, 229, 231, 249, 293, 297, 311, 324, 326, 328, 400, 404, 407, 432, 466, 472
centelha, 142, 308, 355
céu, 135, 210, 215, 216, 217, 224, 230, 251, 274, 277, 278, 340, 342, 352, 372, 376, 404, 414, 419, 432, 446, 447, 452, 454, 457, 464
chefe, 141, 157, 228, 233, 234, 266, 428, 429
ciência, 134, 138, 140, 141, 142, 160, 162, 163, 193, 195, 197, 204, 211, 214, 233, 251, 284, 287, 290, 307, 309, 310, 324, 326, 327, 328, 330, 332, 334, 335, 336, 350, 351, 358, 360, 361, 368, 373, 383, 397, 402, 413, 415, 416, 427, 440, 463, 470
ciência universal, 134
compromissos, 134, 145
concepção, 136, 137, 142, 146, 147, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 170, 172, 175, 189, 191, 192, 207, 221, 230, 376, 377
conhecimento, 133, 174, 179, 182, 186, 187, 194, 234, 251, 360, 365, 368, 372, 384, 398, 427
consciência, 137, 156, 160, 167, 175, 188, 205, 266, 271, 286, 293, 294, 295, 306, 308, 317, 321, 322, 340, 371, 378, 384, 395, 401, 413, 420, 435, 438, 444, 471
conseqüência, 133, 135, 140, 141, 174, 191, 192, 198, 220, 233, 238, 242, 285, 286, 292, 330, 339, 341, 345, 346, 354, 402, 417, 421, 462
conseqüências, 134, 144, 158, 202, 248, 317, 319, 323, 348, 355, 454
contradições, 130, 286
corpo, 129, 135, 136, 140, 143, 144, 146, 147, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 185, 186, 196, 203, 204, 205, 207, 226, 227, 243, 247, 248, 251, 256, 257, 258, 274, 279, 280, 282, 285, 287, 288, 291, 292, 295, 296, 303, 304, 316, 331, 332, 333, 343, 352, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378, 379, 380, 385, 388, 391, 392, 393, 394, 402, 406, 411, 430, 438, 451, 452, 457, 458, 460
corpos, 135, 136, 142, 143, 163, 204, 211, 212, 266, 279, 292, 298, 299, 312, 331, 332, 333, 356, 358, 365, 366, 367, 368, 371, 389, 401, 402, 429, 439
corpos materiais, 135, 136, 358
criação, 134, 284, 285, 287, 288, 302, 303, 306, 313, 324
Criador, 142, 158, 219, 306, 307, 327, 340, 350, 354, 405, 406, 447, 462
crianças, 130, 138, 166, 220, 229, 237, 238, 245, 251, 254, 297, 413
Cristo, 129, 153, 154, 156, 170, 186, 188, 206, 207, 210, 217, 219, 220, 222, 223, 228, 233, 251, 257, 261, 262, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 276, 279, 280, 281, 283, 287, 329, 339, 341, 343, 344, 346, 350, 370, 371, 373, 379, 380, 386, 399, 403, 406, 411, 412, 414, 415, 416, 435, 437, 449, 464
David, 132, 152, 170, 171, 182, 188, 191, 210, 248, 254, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287

- deliberações, 140, 141
desconhecido, 137, 143, 219, 250, 254
desígnios, 133, 136, 137, 142, 171, 177, 180, 246, 257, 453
Deus, 128, 132, 133, 138, 145, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 163, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 186, 188, 189, 192, 193, 194, 200, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 215, 216, 217, 219, 220, 222, 224, 225, 226, 227, 237, 239, 240, 242, 252, 256, 257, 259, 261, 262, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 278, 279, 280, 282, 283, 285, 286, 287, 288, 289, 296, 300, 302, 303, 304, 305, 307, 309, 310, 311, 313, 318, 319, 322, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 332, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 343, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 371, 373, 374, 377, 381, 382, 383, 386, 387, 388, 393, 394, 398, 399, 400, 403, 404, 406, 407, 411, 413, 416, 417, 420, 421, 422, 426, 432, 433, 437, 438, 440, 442, 443, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 468, 469, 473
diferenças, 128, 129, 130, 162, 285, 286
discípulos, 129, 144, 145, 153, 154, 155, 183, 191, 192, 223, 268, 310, 339, 341, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 377, 382, 383, 387, 388, 404, 407, 409, 412, 446, 453, 458, 472, 473
divergências, 128
divina, 128, 129, 147, 149, 150, 153, 154, 168, 170, 171, 183, 192, 193, 211, 214, 217, 219, 221, 253, 260, 262, 269, 279, 287, 345, 353, 355, 377, 395, 438, 470
divinas, 148, 149, 155, 289, 328, 411
divinos, 153, 301, 377
doente, 139, 202, 244, 396, 397, 402, 417, 426
dogma, 155, 169
doutrina, 129, 263, 352, 387, 388, 415
duração, 139, 141, 165, 173, 191, 292, 304, 314, 466
elementos, 129, 135, 162, 163, 205, 235, 250, 291, 299, 312, 356, 357, 360, 361, 362, 367, 379, 391, 454
Elias, 132, 137, 144, 265, 370, 376, 422
em espírito e verdade, 130, 220, 351, 415, 440, 462, 469, 473
encarnação, 133, 135, 136, 139, 140, 141, 147, 156, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 169, 175, 188, 192, 200, 204, 205, 206, 207, 238, 253, 265, 269, 290, 299, 300, 302, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 326, 328, 331, 333, 334, 358, 364, 365, 370, 372, 380, 401, 405, 424
encarnações, 137, 159, 164, 292, 295, 299, 301, 312, 313, 314, 315, 318, 324, 325, 333, 334, 338, 359, 372
encarnado, 134, 136, 138, 141, 149, 154, 167, 174, 188, 192, 198, 242, 262, 267, 268, 278, 338, 364, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 402, 462
encarnados, 135, 142, 149, 174, 186, 192, 194, 209, 271, 295, 296, 302, 311, 312, 321, 324, 325, 344, 346, 361, 372, 382, 383, 390, 391, 396, 401, 402, 438
encarnar, 135, 139, 141, 145, 204, 300, 318, 350, 356
enfermidade, 137, 316, 360, 396, 426, 429
época, 129, 130, 138, 147, 152, 157, 166, 171, 172, 176, 180, 183, 189, 191, 192, 193, 203, 218, 223, 226, 230, 234, 237, 240, 241, 242, 243, 245, 254, 255, 259, 263, 267, 270, 272, 276, 277, 283, 285, 287, 335, 336, 344, 345, 346, 347, 348, 358, 361, 369, 378, 379, 398, 401, 411, 412, 422, 430, 434, 438, 460, 466, 474
épocas, 135, 136, 137, 150, 164, 206, 257, 283, 341
erraticidade, 146, 201, 270, 271, 302, 325, 338, 357, 364, 411, 416, 424, 440
es-terilidade, 137
escravidão, 139, 205
escribas, 154, 228, 233, 234, 387, 416, 419, 420
espírita, 135, 137, 144, 148, 150, 153, 156, 158, 167, 173, 174, 178, 180, 181, 189, 190, 192, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 207, 210, 212, 213, 215, 224, 229, 234, 237, 242, 248, 251, 265, 267, 268, 274, 277, 282, 302, 305, 327, 330, 336, 341, 349, 351, 352, 354, 373, 378, 379, 382, 383, 385, 391, 395, 400, 408, 420, 458
espíritas, 136, 139, 145, 148, 149, 167, 172, 174, 182, 189, 201, 208, 229, 231, 234, 251, 267, 269, 278, 348, 403, 411, 417, 437, 453, 470
espírito, 127, 130, 133, 144, 158, 170, 171, 172, 176, 179, 183, 189, 193, 207, 216, 220, 223, 224, 239, 242, 266, 280, 287, 298, 334, 335, 337, 338, 339, 344, 349, 350, 351, 352, 358, 372, 374, 377, 387, 401, 404, 406, 407, 412, 413, 415, 424, 426, 427, 429, 434, 438, 440, 445, 447, 448, 450, 452, 454, 455, 458, 460, 461, 462, 466, 468, 469, 470, 473
Espírito, 127, 129, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 216, 221, 222, 223, 226, 227, 231, 242, 243, 252, 256, 258, 259, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 282, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 334, 335, 336, 337, 342, 351, 352, 353, 356, 357, 358, 359, 360, 363, 364, 365, 368, 370, 371, 375, 377, 382, 383, 384, 385, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 400, 402, 408, 413, 414, 420, 424, 426, 431, 432, 440, 449, 451, 452, 453, 458, 461, 462, 463, 468, 470
Espírito superior, 129, 138, 156, 161, 163, 165, 171, 205, 231, 258, 262, 265, 277, 278, 326
Espíritos, 128, 130, 134, 135, 136, 137, 142, 144, 148, 149, 156, 165, 166, 167, 169, 171, 174, 175, 177, 178, 183, 184, 186, 187, 189, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 212, 215, 216, 226, 229, 234, 238, 243, 246, 247, 251, 255, 262, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 278, 279, 280, 283, 284, 290, 291, 293, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 315, 318, 319, 320, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 338, 344, 346, 349, 350, 351, 353, 356, 358, 360, 361, 362, 364, 365, 366, 367, 371, 372, 378, 379, 380, 382, 383, 384, 385, 386, 389, 390, 394, 395, 396, 399, 400, 401, 402, 403, 408, 411, 412, 413, 414, 415, 424, 426, 433, 438, 439, 443, 444, 447, 448, 449, 451, 453, 455, 463, 467, 470
Espíritos superiores, 128, 148, 243, 247, 262, 265, 278, 284, 327, 330, 334, 353, 356, 362, 364, 366, 367, 378, 380, 389, 390, 395, 399, 401, 402, 470

- espiritual, 129, 134, 150, 156, 158, 168, 181, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 206, 207, 211, 212, 244, 279, 283, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 316, 322, 334, 360, 365, 367, 368, 378, 383, 384, 385, 386, 389, 406, 427, 444, 458, 460, 461
- essência, 147, 168, 169, 174, 203, 205, 213, 279, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 299, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 309, 322, 328, 334, 353, 371
- estéril, 132, 133, 134, 138, 140, 141, 152, 424
- esterilidade, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 151
- eternidade, 149, 155, 156, 169, 170, 173, 174, 193, 207, 271, 280, 288, 289, 300, 301, 305, 306, 318, 319, 326, 327, 329, 335, 336, 340, 347, 353, 354, 371, 382, 442, 448, 449, 458, 474
- eterno, 148, 173, 217, 268, 271, 415
- Evangelhos, 127, 128, 129, 130, 370, 388, 390, 391, 438, 439, 467, 468
- evangélicos, 147, 372, 437
- evangelista, 128, 389
- evangelistas, 127, 128, 192, 348
- Evangelistas, 241, 285, 286, 339, 341
- existência, 133, 135, 139, 140, 145, 159, 165, 167, 202, 204, 214, 225, 230, 233, 240, 241, 243, 249, 250, 252, 256, 257, 265, 267, 285, 287, 288, 290, 293, 294, 299, 305, 310, 311, 320, 333, 340, 344, 345, 348, 352, 353, 360, 369, 370, 394, 403, 422, 424, 433, 447, 448, 451, 453, 459, 462, 463
- existências, 134, 270, 292, 301, 324, 338, 405, 422
- faculdades espirituais, 133
- família, 141, 159, 180, 191, 247, 248, 250, 254, 255, 266, 284, 310, 313, 361, 463
- fariseus, 144, 154, 276, 416, 419, 420, 457, 460
- fatal, 139, 140
- fatalidade, 138, 354, 461
- fatalismo, 139
- fé, 130, 154, 168, 184, 186, 203, 212, 219, 220, 225, 230, 234, 247, 269, 286, 339, 344, 349, 386, 393, 405, 407, 408, 417, 418, 427, 457, 458, 466
- fecundação, 136, 142, 193
- fecundidade, 133, 134, 135, 136, 216
- fecundo, 141
- fêmea, 160, 193, 312
- filho, 132, 133, 136, 141, 145, 152, 153, 154, 156, 168, 170, 171, 172, 175, 180, 188, 190, 191, 203, 209, 225, 237, 239, 240, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 261, 274, 277, 278, 281, 282, 283, 284, 285, 287, 304, 313, 337, 342, 345, 346, 348, 352, 376, 377, 388, 399, 400, 404, 407, 465
- Filho*, 130, 152, 172, 225, 337, 338
- filhos, 132, 133, 134, 145, 159, 168, 178, 179, 183, 237, 249, 264, 266, 267, 277, 285, 307, 319, 361, 362, 377, 381, 382, 404, 441, 442, 449, 463
- física, 133, 170, 204, 316, 351, 362, 382, 390, 402, 405, 406, 433, 439
- físico, 155, 160, 165, 174, 269, 336, 383, 386, 439, 450
- fluídica, 133, 149, 150, 159, 165, 195, 199, 206, 208, 243, 244, 289, 296, 300, 323, 357, 364, 391, 398
- fluídicas, 142, 164, 288, 301, 309
- fluídico, 146, 160, 161, 162, 163, 186, 231, 251, 282, 289, 295, 296, 309, 323, 324, 325, 331, 336, 353, 357, 358, 363, 364, 365, 367, 371, 372, 373, 386, 392, 394, 401
- fluídicos, 148
- fluidos, 134, 135, 136, 141, 142, 143, 150, 151, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 181, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 203, 204, 206, 208, 211, 212, 230, 231, 233, 235, 244, 258, 259, 282, 289, 291, 295, 296, 298, 300, 301, 309, 315, 322, 331, 336, 356, 357, 358, 360, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 378, 379, 383, 384, 385, 389, 391, 392, 394, 395, 426, 427
- fraquezas, 138, 184, 185, 227, 318, 343, 351, 439, 448, 462
- frutos, 134, 153, 158, 191, 193, 207, 245, 246, 247, 250, 257, 264, 265, 267, 268, 342, 343, 363, 377, 414, 416, 417, 418, 424, 425, 455, 469
- futuro, 138, 141, 146, 167, 170, 189, 190, 201, 205, 223, 225, 241, 253, 267, 285, 319, 340, 342, 343, 346, 347, 348, 349, 353, 354, 355, 358, 363, 377, 379, 401, 412, 414, 429, 434, 437, 447, 459, 462, 473
- Gabriel, 132, 150, 152
- Galiléia, 152, 191, 226, 239, 261, 274, 374, 376, 381, 387, 388, 422
- genealogia, 129, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 302
- gêrmen, 134, 289, 306, 308, 315, 316, 379
- Gólgota, 153, 157, 161, 223, 276, 277
- governador, 149, 153, 166, 168, 191, 205, 252, 256, 261, 270, 282, 329, 335, 350, 353, 448
- gravidez, 152, 154, 155, 156, 157, 161, 167, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 204, 206, 208, 209, 253
- guias, 153, 166, 298, 299, 301, 309, 310, 312, 319, 320, 324, 326, 408, 427
- harmonia universal, 139, 231, 235, 289, 292, 314
- hebraicos, 147, 151
- Hebreus, 145, 147, 149, 179, 182, 247, 266, 278, 283, 284, 286, 287, 369, 370, 376, 415, 433, 450
- Herodes, 132, 228, 229, 233, 234, 237, 238, 239, 261, 263
- historiadores, 192, 241
- homem, 128, 133, 135, 137, 139, 140, 142, 143, 147, 148, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 162, 163, 164, 165, 166, 169, 171, 173, 178, 179, 185, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 201, 204, 212, 216, 222, 230, 231, 240, 242, 243, 248, 251, 252, 254, 256, 263, 269, 270, 275, 278, 279, 280, 283, 284, 286, 287, 288, 294, 299, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 312, 313, 314, 315, 318, 322, 331, 332, 333, 337, 338, 339, 340, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 352, 353, 355, 356, 357, 358, 361, 362, 363, 368, 369, 370, 372, 373, 377, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 404, 405, 407, 411, 413, 420, 421, 424, 428, 430, 431, 432, 433, 435, 436, 438, 439, 440, 442, 443, 449, 451, 452, 454, 455, 458, 459, 461, 462, 465, 466, 467, 471, 472
- homens, 129, 130, 133, 137, 138, 140, 144, 145, 147, 148, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 163, 165, 166, 170, 171, 172, 173, 174, 178, 182, 183, 184, 186, 187, 191, 192, 195, 200, 201, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 227, 230, 232, 233, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 251, 252, 253,

- 255, 256, 257, 258, 259, 262, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 275, 276, 277, 278, 279, 281, 283, 284, 285, 287, 306, 307, 313, 318, 330, 335, 338, 339, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 349, 353, 354, 362, 363, 365, 366, 368, 369, 371, 376, 379, 380, 381, 382, 385, 389, 390, 391, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 407, 408, 410, 412, 414, 415, 419, 420, 422, 426, 429, 430, 432, 433, 434, 436, 437, 438, 442, 443, 444, 446, 447, 450, 455, 457, 458, 459, 460, 467, 468, 472
- Homens**, 145, 153, 172, 339, 388, 466
- hora**, 134, 137, 138, 139, 158, 166, 171, 206, 209, 242, 246, 274, 325, 326, 336, 356, 393, 394, 396, 400, 417, 464
- horas**, 130, 220, 396, 456
- humana**, 128, 129, 135, 138, 139, 142, 147, 148, 149, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 185, 188, 189, 191, 203, 204, 205, 206, 217, 221, 222, 226, 227, 229, 233, 235, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 252, 253, 255, 256, 257, 259, 265, 270, 276, 277, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 290, 300, 302, 303, 305, 311, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 321, 323, 324, 326, 333, 335, 340, 342, 344, 345, 348, 349, 352, 357, 360, 362, 368, 369, 370, 371, 375, 376, 378, 379, 380, 388, 389, 411, 412, 432, 437, 438, 451, 459
- humanidade**, 127, 133, 135, 137, 141, 142, 144, 149, 152, 153, 157, 167, 177, 178, 184, 188, 192, 201, 203, 204, 205, 206, 218, 224, 226, 227, 231, 239, 243, 244, 255, 258, 259, 268, 269, 270, 275, 276, 279, 283, 291, 295, 299, 302, 304, 307, 332, 336, 339, 340, 341, 343, 344, 348, 353, 360, 362, 379, 383, 385, 386, 390, 397, 400, 403, 405, 427, 432, 433, 439, 442, 459, 463, 464
- humano**, 128, 129, 134, 138, 139, 141, 150, 157, 162, 163, 167, 172, 194, 196, 197, 198, 204, 205, 207, 211, 216, 227, 239, 255, 257, 258, 263, 279, 291, 292, 294, 295, 296, 300, 304, 312, 315, 318, 332, 352, 355, 358, 363, 364, 365, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 378, 379, 384, 386, 389, 435, 459
- humildade**, 151, 158, 165, 177, 192, 194, 197, 209, 251, 263, 265, 268, 279, 280, 350, 384, 405, 406, 407, 416, 435, 437, 445, 460
- idéia**, 139, 143, 166, 172, 216, 229, 230, 249, 289, 313, 322, 334, 339, 345, 347, 389, 452, 453
- imutáveis**, 139, 140, 148, 163, 164, 170, 173, 174, 193, 194, 204, 206, 207, 208, 235, 269, 290, 291, 292, 300, 304, 305, 329, 336, 354, 365, 366, 371, 382, 385, 447
- imutável**, 139, 156, 170, 173, 174, 178, 207, 299, 354, 382
- incorporação**, 159, 160, 164, 204, 205, 206, 282, 364, 365
- indivisível**, 148, 371
- indulgência**, 138, 405, 420, 421, 472, 473
- infância**, 138, 146, 226, 227, 241, 244, 248, 250, 258, 259, 294, 301, 302, 309, 323, 325, 331
- inferiores**, 149, 159, 162, 165, 169, 208, 212, 213, 270, 273, 284, 298, 300, 301, 309, 311, 312, 316, 317, 326, 327, 334, 336, 338, 361, 407, 411, 416, 424, 425, 439, 470
- infinito**, 134, 148, 173, 216, 217, 288, 289, 292, 300, 307, 314, 325, 326, 327, 328, 329, 335, 447, 449
- inspiração**, 128, 129, 147, 148, 150, 168, 171, 175, 176, 180, 184, 190, 192, 195, 209, 222, 223, 262, 267, 349
- inspirados**, 226, 262, 413
- instintos**, 138, 159, 160, 284, 295, 312, 329, 409, 411, 433, 448, 450, 451, 459, 473
- instintos materiais**, 138, 159
- inteligência**, 143, 148, 153, 156, 157, 158, 174, 186, 188, 192, 214, 215, 227, 252, 254, 256, 259, 265, 270, 278, 284, 287, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 295, 297, 298, 302, 303, 304, 305, 306, 308, 316, 317, 318, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 328, 331, 332, 346, 353, 354, 355, 358, 384, 388, 401, 406, 412, 437, 445, 462, 466
- intuição**, 127, 128, 223, 265
- intuitivo**, 137, 156
- invólucro**, 135, 146, 156, 162, 204, 205, 242, 251, 258, 262, 266, 278, 295, 299, 308, 315, 322, 325, 356, 357, 359, 363, 371, 372, 389, 390
- Isabel**, 132, 133, 134, 136, 144, 151, 152, 175, 176, 177, 180, 209
- Jesus**, 129, 134, 144, 145, 147, 149, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 212, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 239, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 268, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 302, 326, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 355, 358, 359, 362, 363, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 407, 408, 412, 414, 415, 416, 420, 421, 422, 423, 426, 428, 429, 430, 432, 433, 435, 436, 438, 439, 443, 444, 445, 447, 450, 452, 455, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 467, 469, 470, 471, 472, 473
- João**, 127, 130, 132, 133, 134, 137, 144, 145, 147, 161, 168, 172, 175, 180, 184, 208, 217, 256, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 307, 342, 351, 370, 374, 381, 382, 422, 439, 446, 449
- José**, 129, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 171, 188, 189, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 221, 229, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 256, 257, 259, 260, 265, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 326, 330, 334, 336, 345, 376, 377
- Judéia**, 132, 180, 191, 202, 239, 261, 387
- JuDeus**, 134, 144, 153, 155, 157, 222, 223, 228, 229, 233, 234, 263, 265, 281, 363, 377, 422, 426, 467
- justos**, 132, 441, 443, 458, 460
- juventude**, 138
- lar**, 136, 141
- lei**, 140, 144, 154, 156, 157, 158, 159, 178, 193, 199, 208, 217, 218, 219, 222, 224, 226, 231, 235, 241, 242, 255, 263, 265, 268, 270, 275, 278, 280, 283, 284, 296, 299, 307, 319, 347, 361, 363, 366, 372, 383, 384, 414, 415, 416, 417, 420, 421, 422, 423, 428, 433, 434, 435, 438, 440, 441, 443, 447, 448, 451, 467, 468
- leis**, 133, 135, 139, 140, 141, 148, 154, 156, 158, 163, 164, 165, 167, 170, 173, 174, 185, 188, 193, 194, 200, 202, 204, 206, 207, 208, 235, 255, 265, 267, 269, 275, 282, 290, 291,

- 292, 300, 304, 305, 306, 324, 329, 336, 350, 354, 356, 360, 365, 366, 367, 368, 371, 372, 382, 385, 411, 416, 428, 433, 435, 437, 438, 447, 455, 463, 473
- leis naturais, 133, 139, 140, 156, 167, 193, 194, 206, 207, 208, 290, 291, 292, 300, 304, 305, 306, 329, 336, 365, 366, 367, 371, 372, 382, 385
- letra, 127, 129, 154, 158, 169, 170, 171, 176, 179, 189, 193, 203, 207, 242, 275, 280, 285, 287, 316, 333, 342, 345, 346, 377, 412, 429, 434, 440, 450, 454, 461, 467, 468, 469, 470
- liberdade, 146, 147, 160, 189, 196, 246, 308, 317, 319, 321, 323, 347, 354, 355, 389, 463
- libertação, 138, 183, 267, 360, 375
- limite, 139, 327, 334, 335, 384
- linguagem, 138, 144, 152, 172, 179, 222, 230, 233, 235, 243, 248, 257, 283, 290, 342, 352, 367, 429, 460, 466, 469
- livre arbítrio, 139, 140, 149, 174, 270, 290, 294, 295, 296, 297, 299, 306, 308, 309, 310, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 347, 348, 353, 354, 355
- Lucas, 128, 130, 168, 208, 256, 263, 285, 286, 287, 307, 339, 341, 351, 370, 389, 449, 460, 468
- LUCAS, 127, 132, 152, 175, 177, 180, 182, 191, 210, 218, 222, 226, 240, 261, 264, 274, 281, 337, 374, 375, 376, 381, 387, 388, 404, 410, 414, 419, 422, 424, 426, 428, 432, 434, 441, 446, 452, 455, 457, 465, 468, 471
- luz, 153, 168, 171, 177, 180, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 210, 211, 216, 217, 222, 223, 224, 231, 232, 233, 251, 262, 268, 272, 273, 275, 307, 308, 310, 311, 313, 341, 350, 361, 373, 374, 379, 383, 391, 395, 397, 399, 407, 410, 411, 412, 413, 416, 417, 420, 443, 452, 453
- macho, 160, 193, 312
- mãe, 141, 154, 175, 180, 188, 191, 217, 218, 220, 221, 222, 228, 237, 239, 240, 244, 245, 246, 253, 259, 284, 316, 376, 406
- mães, 145
- magnetismo, 150, 181, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 206, 211, 234, 244, 296, 360, 367, 368, 378, 383, 384, 386, 389, 427
- magnetizador, 150, 151, 196, 197, 198, 199, 244, 389
- magnetizando, 150, 151
- mandamentos, 132, 178, 219, 224, 266, 286, 411, 414, 416, 420
- Marcos, 130, 168, 208, 256, 307, 341, 351, 428, 433, 449
- MARCOS, 127, 261, 264, 274, 337, 374, 381, 387, 410, 471
- Maria, 129, 133, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 167, 169, 170, 171, 173, 175, 176, 177, 188, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 206, 207, 208, 209, 210, 217, 218, 220, 221, 222, 225, 228, 229, 234, 238, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 265, 281, 283, 284, 286, 287, 326, 330, 331, 333, 334, 336, 345, 376, 377
- matéria, 135, 142, 146, 147, 151, 154, 155, 158, 159, 160, 166, 169, 170, 185, 189, 190, 192, 197, 198, 199, 200, 202, 205, 231, 244, 250, 265, 279, 280, 283, 289, 292, 293, 294, 298, 300, 301, 306, 308, 313, 315, 316, 321, 322, 324, 325, 326, 328, 331, 332, 344, 356, 357, 358, 360, 362, 364, 370, 371, 372, 417, 427, 443, 455, 456, 458, 461, 464
- materiais, 142, 143, 148, 154, 159, 160, 163, 173, 185, 202, 204, 206, 207, 218, 259, 269, 279, 288, 292, 299, 301, 324, 327, 336, 339, 342, 344, 345, 348, 350, 351, 356, 357, 358, 361, 388, 389, 391, 394, 396, 400, 401, 403, 405, 421, 426, 428, 430, 439, 452, 455, 456, 457, 460, 463
- material, 133, 135, 141, 146, 148, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 170, 171, 182, 194, 201, 202, 204, 205, 207, 214, 215, 219, 224, 226, 242, 243, 247, 266, 277, 279, 284, 289, 292, 293, 294, 296, 299, 300, 314, 315, 318, 319, 322, 323, 324, 334, 336, 341, 342, 343, 344, 346, 347, 349, 350, 356, 357, 361, 362, 363, 366, 369, 371, 372, 373, 383, 397, 402, 406, 408, 409, 417, 419, 428, 429, 434, 445, 448, 450, 454, 460, 461, 463, 470
- matérias, 135, 312, 313, 314, 359, 365
- maternidade, 137, 157, 196, 199, 200, 244, 246
- materno, 146
- Mateus, 130, 168, 208, 256, 285, 286, 287, 307, 339, 341, 351, 370, 420, 421, 433, 449, 460, 469
- MATEUS, 127, 188, 228, 237, 239, 261, 264, 274, 281, 337, 374, 381, 387, 404, 410, 414, 419, 430, 432, 434, 441, 444, 446, 450, 452, 457, 471
- médico, 139
- médium, 137, 156, 176, 178, 226, 248, 389, 394, 398
- médiuns, 127, 210, 226, 233, 241, 262, 399
- médiuns historiadores inspirados, 127
- memória, 160, 291, 341, 345
- messiânica, 129, 283, 400
- Mestre, 130, 145, 149, 153, 163, 167, 168, 185, 186, 193, 206, 265, 277, 290, 302, 304, 309, 335, 339, 341, 345, 346, 347, 350, 365, 366, 367, 371, 372, 377, 381, 399, 400, 402, 415, 421, 426, 427, 429, 430, 433, 434, 436, 437, 442, 447, 448, 453, 454, 455, 460, 462, 467, 468, 469, 472, 474
- milagre, 156, 158, 173, 370, 371, 372, 382, 401, 402
- milagres, 129, 151, 154, 158, 174, 345, 377, 387, 400, 402, 403
- miraculosos, 153, 377
- missão, 129, 133, 134, 136, 142, 144, 147, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 163, 165, 169, 170, 171, 184, 186, 187, 188, 191, 201, 203, 204, 205, 206, 209, 217, 221, 240, 242, 243, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 262, 263, 265, 266, 269, 271, 275, 276, 277, 278, 283, 284, 286, 287, 299, 302, 304, 311, 320, 324, 326, 328, 330, 334, 336, 339, 342, 343, 344, 345, 346, 349, 350, 355, 361, 362, 363, 366, 367, 369, 370, 375, 376, 379, 388, 389, 400, 401, 403, 412, 414, 415, 434, 438, 439, 453, 455
- mistério, 142, 171, 233, 352
- Moisés, 158, 199, 218, 265, 266, 270, 284, 369, 370, 398, 413, 428, 438, 465, 467
- monoteísmo, 155
- moral, 129, 134, 139, 148, 149, 160, 165, 174, 179, 183, 185, 189, 204, 214, 215, 219, 224, 241, 247, 249, 251, 263, 268, 269, 270, 271, 275, 280, 295, 296, 300, 305, 309, 310, 317, 322, 324, 325, 327, 328, 330, 334, 336, 351, 356, 383, 384, 386, 390, 391, 394, 395, 396, 397, 401, 402, 405, 406, 409, 414, 415, 416, 434, 436, 437, 438, 439, 440, 443, 445, 449, 454, 459, 463, 468

- morte, 129, 138, 139, 140, 155, 182, 225, 237, 239, 267, 270, 292, 352, 357, 364, 374, 396, 417, 421, 456
- mudo, 133, 143
- mulher, 132, 133, 134, 138, 140, 143, 166, 169, 170, 192, 202, 209, 253, 281, 358, 426, 429, 430, 432, 433
- mulheres, 129, 152, 169, 175, 202, 246, 251, 432
- mun*do, 145, 149, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 184, 193, 204, 205, 212, 213, 214, 216, 225, 231, 235, 251, 267, 271, 329, 332, 335, 337, 347, 378, 383, 386, 398, 402, 404, 407, 408, 410, 411, 412, 439, 453, 455, 458, 468
- mundos, 148, 149, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 169, 194, 204, 207, 217, 231, 232, 235, 270, 273, 282, 288, 289, 295, 296, 299, 300, 301, 302, 308, 309, 312, 317, 318, 319, 320, 321, 324, 325, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 338, 355, 356, 357, 365, 368, 372, 383, 407, 411
- narrações, 129, 130
- narrativas, 128, 130
- nascimento, 132, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 141, 145, 146, 147, 153, 154, 166, 167, 191, 192, 195, 196, 200, 202, 204, 206, 208, 209, 212, 233, 234, 240, 242, 243, 252, 255, 285, 306, 377
- nascimentos, 136
- natural, 139, 144, 158, 200, 249, 270, 285, 291, 299, 307, 370, 384, 402, 422
- natureza, 127, 128, 129, 130, 137, 139, 141, 142, 147, 149, 150, 158, 160, 162, 163, 164, 166, 167, 174, 185, 190, 193, 194, 203, 204, 205, 207, 212, 217, 224, 227, 231, 235, 243, 245, 247, 248, 251, 252, 257, 258, 263, 271, 280, 282, 287, 288, 289, 291, 294, 296, 300, 305, 307, 321, 331, 332, 333, 334, 336, 350, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 364, 365, 366, 367, 368, 371, 372, 373, 378, 379, 380, 383, 384, 389, 394, 420, 424, 426, 427, 448, 466
- natureza espiritual, 129, 137, 166, 205, 359, 371
- Nazaré, 152, 191, 202, 226, 239, 240, 250, 254, 255, 274, 283, 374, 375, 380, 387, 388, 398
- necessidades, 135, 148, 157, 159, 161, 162, 163, 166, 167, 170, 176, 192, 193, 203, 205, 206, 214, 234, 242, 243, 245, 250, 270, 276, 289, 291, 293, 298, 299, 300, 312, 315, 324, 329, 332, 333, 340, 341, 344, 345, 347, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 361, 362, 363, 369, 370, 412, 429, 438, 439, 459
- obra, 129, 130, 134, 135, 146, 149, 153, 157, 161, 166, 170, 171, 172, 180, 189, 191, 193, 195, 200, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 218, 220, 221, 229, 241, 259, 269, 270, 272, 283, 285, 307, 318, 336, 361, 377, 384, 393, 395, 403, 421, 474
- obras, 128, 133, 154, 155, 157, 219, 225, 286, 326, 410, 417, 440, 444, 454
- olhos, 127, 128, 130, 132, 137, 138, 143, 144, 145, 148, 154, 156, 161, 162, 168, 171, 172, 178, 183, 184, 193, 195, 200, 201, 203, 204, 208, 209, 211, 212, 216, 220, 221, 222, 227, 231, 232, 238, 239, 242, 245, 246, 247, 249, 252, 256, 257, 258, 259, 275, 277, 281, 283, 285, 295, 296, 303, 305, 306, 307, 313, 317, 332, 341, 347, 354, 355, 363, 365, 372, 375, 377, 394, 399, 413, 417, 431, 438, 447, 450, 451, 456, 458, 459, 460, 461, 465, 468, 473
- orgulhoso, 155, 178, 297, 313, 319, 340
- origem, 129, 138, 144, 147, 153, 154, 156, 157, 158, 160, 167, 170, 175, 188, 192, 205, 224, 242, 243, 247, 248, 251, 252, 256, 257, 260, 274, 275, 277, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 289, 290, 295, 303, 306, 313, 315, 321, 326, 330, 341, 345, 349, 351, 352, 353, 372, 373, 377, 384, 385, 400, 401, 402, 432
- pai, 149, 152, 154, 168, 170, 180, 182, 221, 222, 239, 240, 248, 252, 253, 264, 266, 283, 284, 285, 288, 304, 307, 313, 343, 376, 377, 381, 406, 410, 442, 443, 444, 446, 448, 449, 453, 463, 465, 473
- Pai*, 130, 186, 240, 335, 345, 415, 421, 438, 441, 444, 446, 447, 450, 452, 457, 458, 465
- país, 132, 159, 177, 178, 179, 182, 185, 202, 218, 222, 238, 240, 246, 247, 249, 252, 255, 297, 361, 362, 404, 405, 408
- palavras, 127, 128, 129, 130, 133, 137, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 154, 155, 161, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 180, 183, 185, 189, 198, 201, 205, 207, 209, 210, 212, 213, 215, 220, 223, 225, 226, 227, 228, 235, 237, 240, 242, 252, 253, 259, 261, 263, 266, 267, 269, 272, 275, 276, 277, 278, 280, 287, 298, 302, 311, 316, 326, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 349, 350, 351, 353, 354, 369, 374, 375, 376, 377, 379, 390, 393, 396, 398, 399, 405, 406, 407, 408, 409, 412, 416, 420, 421, 428, 429, 430, 433, 434, 435, 436, 438, 439, 440, 442, 443, 444, 447, 448, 450, 451, 453, 458, 459, 460, 461, 462, 464, 465, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473
- panteístas, 148, 339, 352
- passado, 146, 160, 201, 218, 241, 292, 293, 294, 301, 304, 306, 308, 317, 319, 320, 336, 343, 347, 349, 353, 355, 358, 405
- PAULO*, 127
- pedra, 129, 218, 224, 291, 292, 303, 337, 338, 473
- pensamento, 142, 143, 144, 178, 235, 247, 253, 259, 263, 268, 290, 294, 305, 327, 330, 341, 345, 346, 355, 369, 378, 383, 405, 430, 433, 442, 445, 448, 449, 452, 459, 467, 468, 469, 472
- pensamentos, 138, 177, 186, 222, 225, 263, 268, 351, 379, 405, 430, 442, 447, 449, 453, 462
- perfeição, 133, 134, 149, 153, 160, 166, 169, 171, 183, 184, 185, 204, 270, 271, 275, 276, 280, 282, 288, 290, 295, 296, 298, 299, 301, 302, 310, 313, 317, 318, 323, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 334, 335, 336, 339, 348, 353, 363, 386, 441, 454, 473
- perfeitos, 133, 197, 283, 330, 441, 443, 473
- perispirítcos, 161, 165, 298
- perispiríto, 159, 160, 161, 162, 163, 167, 206, 226, 231, 243, 252, 258, 259, 277, 295, 296, 298, 299, 300, 301, 308, 309, 323, 325, 328, 331, 356, 357, 358, 359, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 372, 391, 392, 398
- planeta, 133, 134, 140, 142, 143, 149, 153, 154, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 174, 189, 194, 197, 200, 203, 204, 205, 207, 224, 230, 235, 243, 269, 270, 273, 282, 288, 299, 302, 311, 312, 315, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 353, 356, 358, 360, 361, 362, 365, 366, 369, 370, 386, 390, 400, 411, 439, 448

- planetas, 137, 143, 149, 162, 164, 167, 173, 206, 230, 235, 300, 301, 321, 325, 326, 328, 330, 332, 333, 336, 359, 411, 416, 424, 439
- planta, 134, 135, 291, 292, 293, 303, 305, 357, 460
- politeístas, 148, 155
- preconceitos, 130, 137, 144, 145, 151, 183, 188, 219, 339, 344, 390, 398, 429
- predestinação, 139
- predições, 129, 137, 372
- primitivas, 159, 297, 301, 312, 313, 317, 318, 319, 324
- primogênito, 145
- profeta, 144, 154, 157, 182, 188, 228, 237, 261, 265, 285, 344, 345, 347, 374, 375, 376, 377
- profetas, 147, 154, 157, 182, 217, 219, 226, 239, 242, 262, 270, 275, 277, 278, 342, 345, 346, 404, 405, 408, 409, 414, 415, 438, 465, 467, 468
- progresso, 138, 142, 148, 149, 153, 158, 165, 167, 171, 172, 179, 185, 192, 193, 197, 203, 204, 205, 207, 214, 224, 227, 230, 238, 241, 242, 251, 263, 267, 268, 269, 270, 271, 280, 284, 290, 295, 298, 300, 301, 302, 304, 309, 310, 311, 316, 320, 321, 324, 325, 327, 329, 330, 332, 334, 335, 336, 338, 339, 341, 347, 348, 350, 354, 361, 372, 383, 386, 390, 393, 394, 400, 414, 416, 420, 424, 437, 439, 440, 454, 460, 463, 468
- progressos, 141, 225, 283, 294, 300, 317, 323, 324, 335, 386, 407, 464
- promessas, 129, 170, 241, 386, 453
- Prometeu, 142
- proteção, 138, 269, 351, 378, 402, 403, 429, 433, 461
- protetor, 149, 153, 166, 168, 171, 186, 205, 252, 256, 269, 270, 282, 311, 329, 335, 350, 353, 448
- prova, 136, 137, 140, 143, 146, 293, 346, 348, 349, 402, 466
- provação, 136, 141, 169, 214, 238, 270, 314, 394, 423, 462
- provações, 135, 136, 139, 140, 142, 145, 146, 174, 185, 214, 271, 272, 273, 275, 299, 318, 338, 344, 345, 393, 405, 407, 411, 424, 433, 440, 448, 453, 462
- provas, 135, 136, 139, 141, 145, 166, 175, 238, 267, 268, 271, 301, 335, 379, 422, 437, 458
- próximo, 138, 219, 224, 261, 307, 374, 416, 420, 441
- reencarnação, 144, 158, 178, 179, 267, 269, 270, 271, 280, 307, 319, 324, 338, 339, 393, 411, 422, 440
- reencarnações, 158, 192, 295, 297, 301, 438
- rei, 132, 228, 229, 233, 234, 281, 303, 335, 432, 449, 461
- reprodução, 133, 134, 140, 141, 154, 159, 170, 207, 294, 299, 304, 312, 356
- resolução, 141, 189, 247
- resoluções, 135, 139, 140, 391
- ressurreição, 129, 153, 155, 158, 222, 223, 224, 345, 362, 363, 378
- revelação, 127, 128, 129, 144, 148, 153, 157, 158, 172, 176, 178, 188, 189, 190, 191, 192, 203, 206, 207, 212, 213, 215, 229, 234, 237, 240, 242, 251, 252, 256, 257, 278, 283, 287, 303, 306, 341, 345, 349, 350, 353, 369, 372, 373, 377, 379, 383, 397, 398, 400, 402, 403, 412, 415, 422, 423, 438, 439, 443, 464, 474
- revelação da revelação, 128, 189, 415
- revelações, 130, 166, 190, 348, 402, 413, 467
- Romanos, 155, 289
- sabedoria, 132, 153, 166, 226, 227, 238, 240, 242, 253, 305, 310, 324, 354
- sacerdote, 132
- sacerdotes, 132, 154, 228, 233, 234, 261, 265
- sangue, 155, 243, 244, 305, 358, 360, 422, 427
- Santo, 132, 145, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 157, 166, 170, 171, 172, 175, 176, 182, 184, 188, 189, 191, 192, 193, 195, 200, 203, 204, 206, 207, 221, 222, 264, 265, 267, 268, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 287, 337, 342, 352, 353, 377
- santuário, 132, 133
- saúde, 138, 230, 316, 317, 451
- séculos, 153, 158, 166, 167, 169, 177, 182, 192, 207, 212, 223, 235, 273, 283, 284, 289, 291, 297, 300, 318, 336, 358, 399, 411, 414, 437
- seio, 132, 134, 135, 145, 146, 147, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 166, 169, 170, 175, 192, 194, 207, 212, 218, 220, 221, 233, 243, 248, 250, 316, 379, 385, 433, 440, 461, 465, 466, 468
- Senhor, 132, 133, 136, 137, 138, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 152, 155, 156, 157, 161, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 192, 195, 199, 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213, 215, 216, 218, 222, 223, 226, 230, 237, 238, 239, 242, 257, 261, 262, 266, 267, 268, 269, 277, 278, 279, 283, 284, 287, 288, 289, 291, 295, 299, 303, 304, 305, 312, 313, 314, 326, 327, 329, 337, 338, 343, 347, 351, 353, 354, 370, 375, 377, 382, 390, 399, 400, 403, 406, 411, 414, 415, 416, 420, 424, 427, 428, 431, 432, 433, 438, 440, 443, 446, 448, 449, 453, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 466, 468, 474
- sepulcro, 129, 225, 468
- sideral, 160, 302, 327, 328, 329, 330, 334, 336
- silêncio, 137, 209, 343, 447, 474
- sinais, 133, 138, 297
- sobrenaturais, 153, 155
- sofrimento, 155, 196, 293, 358
- superiores, 147, 149, 156, 159, 162, 163, 164, 165, 169, 197, 204, 208, 252, 256, 282, 297, 301, 302, 310, 317, 324, 327, 328, 330, 331, 339, 343, 355, 356, 357, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 372, 416
- tempo, 128, 130, 133, 135, 136, 139, 140, 142, 143, 145, 153, 156, 157, 158, 165, 168, 169, 171, 173, 177, 180, 184, 186, 187, 191, 192, 195, 196, 202, 206, 215, 218, 219, 223, 224, 228, 229, 230, 232, 237, 240, 242, 244, 253, 254, 255, 257, 261, 262, 266, 267, 268, 272, 274, 278, 279, 281, 283, 286, 287, 289, 292, 293, 295, 300, 304, 318, 319, 320, 325, 331, 338, 339, 340, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 349, 355, 358, 360, 362, 363, 366, 369, 370, 373, 374, 376, 378, 379, 383, 394, 395, 397, 398, 403, 406, 408, 420, 422, 427, 428, 429, 438, 439, 452, 454, 459, 460, 464, 466, 468, 469
- Teófilo, 127
- terra, 137, 147, 152, 153, 155, 156, 162, 165, 166, 167, 170, 177, 183, 191, 193, 195, 199, 204, 207, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 223, 224, 227, 228, 229, 235, 238, 239, 252, 256, 262, 266, 267, 270, 271, 273, 275, 277, 282, 302, 315, 332,

343, 357, 361, 366, 368, 370, 374, 404, 410, 412, 414, 417, 419, 424, 432, 446, 447, 452, 455, 461, 462, 464
 Terra, 129, 240, 318, 320, 329, 334, 335, 336, 338, 345, 346, 347, 350, 375, 376, 386, 396, 409, 415, 416, 423, 433, 438, 452, 463
 terrena, 139, 140, 153, 154, 155, 161, 163, 177, 184, 191, 204, 205, 206, 209, 211, 221, 224, 242, 257, 275, 277, 284, 286, 287, 302, 334, 336, 339, 342, 344, 345, 349, 355, 362, 363, 367, 369, 376, 379, 386, 388, 389, 393, 400, 401, 403, 406, 415, 424, 439, 463
 terrestre, 139, 178, 259, 276, 362, 366, 394
 trabalho, 138, 166, 186, 194, 202, 215, 235, 255, 268, 275, 280, 295, 316, 325, 350, 384, 406, 428, 451, 459, 460, 461, 463, 469
 tradição, 130, 148, 253, 342
 tradições, 130, 157, 183, 220, 277, 283, 284, 286, 287, 339, 342, 344, 346, 390, 414, 415, 429
 transição, 137, 152, 171, 439
 tratamento, 138, 139, 140, 396, 397
 uno, 148, 288, 353
 uso, 136, 139, 163, 178, 200, 247, 299, 309, 310, 318, 319, 320, 321, 323, 342, 347, 353, 355, 371, 390, 412, 421, 454, 468
 velhice, 138, 152, 459
 verdade, 127, 130, 133, 144, 148, 153, 165, 168, 172, 176, 177, 182, 183, 184, 186, 187, 193, 203, 207, 210, 223, 224, 251, 265, 266, 275, 287, 306, 319, 320, 341, 343, 350, 352, 372, 373, 376, 377, 383, 399, 407, 409, 414, 415, 417, 418, 419, 438, 444, 446, 450, 468, 470

verdades eternas, 129, 168
 versículos, 130, 177, 180, 377, 419, 430, 466
 vida, 127, 129, 138, 139, 140, 148, 153, 154, 155, 158, 161, 165, 169, 172, 173, 182, 192, 193, 194, 202, 205, 206, 230, 240, 241, 243, 245, 247, 249, 252, 255, 256, 257, 258, 268, 276, 277, 284, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 303, 304, 306, 308, 309, 310, 319, 322, 324, 325, 328, 329, 342, 343, 345, 349, 352, 355, 356, 357, 359, 364, 366, 367, 372, 375, 378, 379, 388, 389, 393, 394, 401, 402, 421, 432, 440, 448, 451, 455, 457, 458, 460, 461, 465, 468, 470
 vidente, 137, 156, 212, 391, 397
 virgem, 152, 154, 155, 157, 170, 188, 192, 206, 207, 208, 221, 244, 359, 377
 Virgem, 145, 156, 200
 visão, 133, 137, 211, 212, 234, 310, 380, 385, 389
 vivifica, 127, 158, 176, 193, 207, 242, 280, 461, 470
 vontade, 135, 136, 139, 141, 142, 148, 150, 156, 159, 161, 162, 163, 165, 167, 170, 172, 173, 174, 189, 194, 196, 197, 199, 200, 205, 206, 207, 210, 212, 215, 220, 230, 239, 243, 258, 259, 267, 268, 288, 289, 294, 295, 297, 298, 304, 305, 306, 308, 321, 322, 331, 340, 343, 348, 349, 353, 354, 355, 362, 364, 365, 366, 367, 368, 382, 383, 384, 385, 389, 390, 391, 392, 394, 395, 397, 398, 401, 402, 427, 436, 437, 446, 447, 461
 Zacarias, 132, 133, 134, 136, 137, 143, 144, 149, 150, 175, 180, 181, 182, 209, 261, 287



Conteúdo

MATEUS, Cap. VII, v. 7-11-LUCAS, Cap. XI, v. 5-13	55
MATEUS. Cap. VII, v. 12 — LUCAS. Cap. VI, v. 31	60
Justiça. — Amor e Caridade.....	60
MATEUS. Cap. VII, v. 13-14.....	61
Porta estreita que conduz à vida	61
LUCAS, Cap. XIII, v. 23-30.....	62
Esforçai-vos por entrar pela porta estreita	62
MATEUS, Cap. VII, v. 15-20 —LUCAS, Cap. VI, v. 43-45.....	66
Falsos profetas. — Frutos da mesma natureza que a árvore.....	66
MATEUS, Cap. VII, v. 21-29. —LUCAS, Cap. VI, v. 46-49.....	68
Deus julga pelas obras	68
MATEUS, Capítulo VIII, v. 1-4 — MARCOS, Cap. I, v. 40-45. — LUCAS, Cap. V, v. 12-16	71
O leproso	71
MATEUS, Cap. VIII, v. 5-13. —LUCAS, Cap. VII, v. 1-10	75
O centurião	75
LUCAS, Cap. VII, v. 11-17.....	84
O filho da viúva de Naim	84
MATEUS, Cap. VIII, v. 14-17. — MARCOS, Cap. I, v. 29-34. — LUCAS, Cap. IV, v. 38-41	92
Cura da sogra de Pedro. — Enfermidades curadas	92
MARCOS, Cap. I, v. 35-39. —LUCAS, Cap. IV, v. 42-44	96
Retirada para o deserto. —Prece. — Pregação.....	96
MATEUS, Cap. VIII, v. 18-22. —LUCAS, Cap. IX, v. 57-62.....	98
Seguir a Jesus. —Deixar que os mortos enterrem seus mortos. —Não olhar para trás.....	98
MATEUS, Cap. VIII, v. 23-27. —MARCOS, Cap. IV, v. 35-41. — LUCAS, Cap. VIII, v. 22-25.....	104
Tempestade aplacada	104

MATEUS, Cap. VIII, v. 28-34. -- MARCOS, Cap. V, v. 1-20. — LUCAS, Cap. VIII, v. 26-40.....	114
Legião de maus Espíritos expulsos. —Libertação dos subjugados. — Porcos precipitados no mar.....	114
MATEUS, Cap. IX, v. 1-8. — MARCOS, Cap. II, t'. 1-12. — LUCAS, Cap. V, v. 17-26	130
Paralítico.....	130
MATEUS, Cap. IX, v. 9-13. — MARCOS, Cap. II, v. 13-17. — LUCAS, Cap. V, v. 27-32.....	133
Vocação de Mateus.....	133
MATEUS, Cap. IX, v. 14-17. — MARCOS, Cap. II, v. 18-22. — LUCAS. Cap. V, v. 33-39.....	137
Jejum. —Pano novo. — Odres velhos. — Vinho novo. — Vinho velho.....	137
MATEUS, Cap. IX, v. 18-26. — MARCOS, Cap. V, v. 21-43. — LUCAS, Cap. VIII, v. 41-56.....	145
A filha de Jairo. —A hemorroíssa.....	145
MATEUS, Cap. IX, v. 27-31	152
Cegos curados	152
MATEUS, Cap. IX, v. 32-34. — LUCAS, Cap. XI, v. 14-20.....	156
Possesso mudo. — Blasfêmia dos fariseus.....	156
<i>MATEUS</i> , Cap. IX, v. 32-34. — <i>LUCAS</i> , Cap. XI, v. 14-20 Erro! Indicador não definido. Possesso mudo. — Blasfêmia dos fariseus Erro! Indicador não definido.	
MATEUS, Cap. IX, v. 35-38.....	159
Ovelhas sem pastor. — Seara. — Trabalhadores	159
<i>MATEUS</i> , Cap. X, v. 2-4. — <i>MARCOS</i> , Cap. III, v. 13-14, 16-19. — <i>LUCAS</i> , Cap. VI, v. 12-16.....	162
Nomes dos apóstolos. — Suas vocações.....	162
LUCAS, Cap. VI, v. 17-19.....	164
Descida do monte. — Curas	164
MATEUS, X, v. 1 e 5-15. — MARCOS, III, v. 15 e VI, v. 7-13. — LUCAS, IX, v. 1-6	165
A missão, o poder, a pobreza, a pregação dos apóstolos. —	

Instruções que lhes foram dadas.....	165
MATEUS, X, v. 16-22. —LUCAS, XII, v. 11-12	182
Prudência. — Simplicidade. —Desassombro diante dos homens. —Assistência e concurso do Espírito Santo.....	182
MATEUS, X, v. 23-27. —LUCAS, XII, v. 1-3 e VI, v. 39-40.....	189
Fugir às perseguições. — Imitar a Jesus. — Predição da revelação nova. —Fermento dos fariseus. A hipocrisia; nada oculto a Deus. — Cego conduzindo outro cego	189
MATEUS, Cap. X, v. 28-31. — LUCAS, Cap. XII, v. 4-7	199
Só temera Deus, sem cuja vontade nada sucede	199
MATEUS. Cap. X, v. 32-36. —LUCAS, Cap. XII, v. 8-9 e 49-53.....	205
Jesus veio trazer fogo à terra. —Não veio trazer a paz e sim o gládio, a divisão, a fim de que chegue a ser conhecido e até que o seja	205
MATEUS, Cap. X, v. 37-39. LUCAS, Cap. XIV, v. 25-27	209
Amor da família. — Cumprimento do dever acima de todas as coisas. — Paciência e resignação nas provações terrenas	209
LUCAS, Cap. XIV, v. 28-33	214
Examinar antes de obrar. —Não parar na estrada do progresso. —Não dar apreço aos bens materiais senão como meio de fazer caridade	214
MATEUS, Cap. X, v. 40-42 e Cap. XI, v. 1.....	216
Aquele que cumpre a lei de amor e de caridade terá sua recompensa	216
LUCAS, Cap. X, v. 1-12 e 16.....	217
Missão e instrução dadas aos setenta e dois discípulos	217
LUCAS, Cap. X, v. 17-20.....	223
MATEUS, Cap. XI, v. 2-6. —LUCAS, Cap. VII, v. 18-23.....	225
Discípulos de João mandados por este a Jesus.....	225
MATEUS, Cap. XI, v. 7-15. —LUCAS, Cap. VII, v. 24-30 e Cap. XVI, v. 16	227
João. precursor, e Jesus. — Pedra fundamental do edifício da regeneração — Missão nova e futura de João.....	227

MATEUS, Cap. XI, v. 16-19. —LUCAS, Cap. VII, v. 31-35.....	235
João e Jesus incompreendidos pelos Hebreus. João e Jesus compreendidos hoje pelos que são os filhos do Senhor.....	235
LUCAS, Cap. VII, v. 36-50.....	239
Pecadora que banha de lágrimas os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos, derramando bálsamo sobre eles	239
MATEUS, Cap. XI, v. 20-24. —LUCAS, Cap. X, v. 13-15.....	244
Cidades impenitentes.....	244
MATEUS, Cap. XI, v. 25-27. —LUCAS, Cap. X, v. 21-22.....	251
Cegos, tidos entre os homens por sábios e prudentes. Esclarecidos, que os homens consideram como obscuros.....	251
MATEUS, Cap. XI, v. 28-30.....	256
Jugo suave e fardo leve	256
MATEUS, Cap. XII, v. 1-8. — MARCOS. Cap. II, v. 23-28. — LUCAS, Cap. VI, v. 1-5.....	258
O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. — Deus, sempre indulgente com as suas criaturas fracas e falíveis, lhes faculta o arrependimento e a reparação.....	258
MATEUS. Cap. XII, v. 9-14. — MARCOS, Cap. III, v. 1-6. -- LUCAS, Cap. VI, v. 6-11.....	264
Cura da mão parálitica, em dia de sábado	264
MATEUS, Cap. XII, v. 15-21.....	268
Missão do Messias. — Seus poderes. — Vias de purificação sempre abertas aos Espíritos culpados, que, como todos os outros, têm que chegar ao fim	268
MATEUS, Cap. XII, v. 22-28. — MARCOS, Cap. III, v. 20-26	272
Subjugado. — Cego e mudo por efeito da subjugação. — Blasfêmias dos fariseus. Reino dividido	272
MATEUS. Cap. XII, v. 29-37. — MARCOS. Cap. III, v. 27-30. — LUCAS. Cap. XI, v. 21-23 e Cap. XII, v. 10.....	283
O forte armado. —Pecado remido. —Blasfêmia contra o Espírito Santo. — Tesouro do coração. Palavra ímpia. — Quem não está com Jesus está contra ele. —Pelo fruto é	

que se conhece a árvore	283
MATEUS, Cap. XII, v. 38-42. — LUCAS, Cap. XI, v. 29-32.....	295
Prodígio pedido pelos fariseus. — Resposta de Jesus. — Prodígio de Jonas. —Ninivitas. Rainha do Meio-dia	295
MATEUS, Cap. XII, v. 43-45. — LUCAS, Cap. XI, v. 24-28.....	300
Dever, que tem o homem, de resistir aos maus instintos, às más paixões. — Respostas de Jesus ao que, do meio do povo, lhe disse uma mulher.....	300
MATEUS, Cap. XII, v. 46-50. — MARCOS, Cap. III, v. 31-35. — LUCAS, Cap. VIII, v. 19-21.....	307
O irmão, a irmã e a mãe de Jesus são os que fazem a vontade de seu pai, ouvindo a palavra de Deus e pondo-a em prática.	307
MATEUS, Cap. XIII, v. 1-23. —MARCOS, Cap. IV, v. 1-20 e 25. — LUCAS, Cap. VIII, v. 1-15 e 18; Cap. X, v. 23-24.	316
Parábola do semeador. —Explicação dessa parábola.	316
MATEUS, Cap. XIII, v. 24-30.....	337
Parábola do joio semeado entre o trigo.....	337
MATEUS, Cap. XIII, v. 31-35. —MARCOS, Cap. IV, v. 26-34. — LUCAS, Cap. XIII, v. 18-22.....	341
Grão de mostarda. — Fermento da massa. — Semente lançada à terra	341
MATEUS, Cap. XIII, v. 36-43.....	351
Explicação da parábola do joio.....	351
MATEUS, Cap. XIII, v. 44.....	359
Tesouro oculto.....	359
MATEUS, Cap. XIII, v. 45-46.....	360
Pérola de alto preço	360
MATEUS, Cap. XIII, v. 47-52.....	361
Parábola da rede lançada ao mar	361
MATEUS, Cap. XIII, v. 53-58. —MARCOS, Cap. VI, v. 1-6.....	363
Nenhum profeta é desestimado senão no seu país, na sua casa e entre seus parentes	363

MATEUS, Cap. XIV, v. 1-12. —MARCOS, Cap. VI, v. 14-29. — LUCAS. Cap. III, v. 19-20 e Cap. IX, v. 7-9.....	366
Morte de João Batista. — Palavras que, ditas com relação a Jesus, confirmam a crença dos Hebreus na reencarnação	366
MATEUS, Cap. XIV, v. 13-22. — MARCOS, Cap. VI, v. 30-45. — LUCAS. Cap. IX, v. 10-17.....	371
Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes.....	371
MATEUS, Cap. XIV, v. 23-33. —MARCOS, Cap. VI, v. 46-52.....	380
MATEUS, Cap. XIV, v. 34-36. —MARCOS, Cap. VI, v. 53-56.....	387
Curas operadas pelo contacto com as vestes de Jesus.....	387
MATEUS, Cap. XV, v. 1-20. —MARCOS, Cap. VII, v. 1-23.....	388
Mãos não lavadas. — Tradições humanas. — Escândalo a desprezar. — Guias cegos. Verdadeira impureza. — O que vem do coração é que suja o homem, que o torna impuro.	388
MATEUS, Cap. XV, v. 21-28. —MARCOS, Cap. VII, v. 24-30.....	400
A mulher cananeiana.....	400
MARCOS, Cap. VII, v. 31-37.....	405
Cura de um surdo-mudo.....	405
MATEUS, Cap. XV, v. 29-39. —MARCOS, Cap. VIII, v. 1-10.....	408
Multidão de doentes curados. — Multiplicação de sete pães	408
MATEUS, Cap. XVI, v. 1-4 —MARCOS, Cap. VIII, v. 11-13.....	411
Recusa do prodígio pedido pelos Fariseus e Saduceus.....	411
MATEUS, Cap. XVI, v. 5-12. —MARCOS, Cap. VIII, v. 14-21.....	414
Fermento dos Fariseus e dos Saduceus.....	414
MARCOS, Cap. VIII, v. 22-26.....	416
Cura de um cego	416
MATEUS, Cap. XVI, v. 13-20. —MARCOS, Capítulo VIII, v. 27-30. —LUCAS, Cap. IX, v. 18-21.....	424
Palavras de Jesus confirmativas da reencarnação. Alusão às relações mediúnicas que podem existir entre os homens e as potências espirituais. Missão de Pedro na Igreja do Cristo. Verdadeira confissão.....	424

MATEUS, Cap. XVI, v. 21-23. —MARCOS, Cap. VIII, v. 31-33. — LUCAS, Cap. IX, v. 22.....	452
Predição. — Palavras de Pedro. —Resposta de Jesus.....	452
MATEUS, Cap. XVI, v. 24-28. —MARCOS, Capítulo VIII, v. 34-38 e IX, v. I —LUCAS, Capítulo IX, v. 23-27.....	461
Meios e condições sem os quais não se pode ver na terra o reino de Deus, em todo o seu poder	461
MATEUS, Cap. XVII, v. 1-9. — MARCOS, Cap. IX, v. 2-10.LUCAS, Cap. IX, v. 28-30 Transfiguração de Jesus no Tabor. — Aparição de Elias e de Moisés. — Nuvem que cobriu os discípulos. — Voz que saiu dessa nuvem e palavras que proferiu	468
MATEUS, Cap. XVII, v. 10-13. —MARCOS, Cap. IX, v. 11-13.....	491
O Espírito de Elias reencarnado na pessoa de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel	491

EVANGELHOS

SEGUNDO MATEUS, MARCOS, LUCAS
E JOÃO

REUNIDOS E HARMONIZADOS CONTINUAÇÃO

"O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são ,espírito e vida."

(JOÃO, VI, v. 64.)

"A letra mata e o espírito vivifica."

(PAULO, II Epíst. aos Coríntios, cap. III, v. 6.)

MATEUS, Cap. VII, v. 7-11-LUCAS, Cap. XI, v. 5-13.

A prece. — Pedi e se vos dará. — Buscai e achareis. — Batei e se vos abrirá.

MATEUS: V. 7. Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei e se vos abrirá; — 8, porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e àquele que bate se abre. — 9. Qual dentre vós dá uma pedra ao filho, quando este lhe pede pão? — 10. Ou, se pedir um peixe, qual lhe dará uma serpente? — 11. Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, com mais forte razão vosso Pai, que está nos céus, boas coisas dará aos que lhas pedirem.

LUCAS: V. S. Disse-lhes ainda: Se alguém que tiver um amigo o for procurar alta noite dizendo: Meu amigo, empresta-me três

pães, — 6, pois um de meus amigos, que está viajando, acaba de chegar a minha casa e nada tenho para lhe dar; — 7, e o amigo lhe responder, de dentro de casa: Não me importunes; minha porta já está fechada e meus servos deitados assim como eu; não posso levantar-me para te dar o que pedes; — 8, se, apesar disso, o primeiro insistir em bater, — digo-vos que, quando o segundo não se levante para dar o que lhe é pedido por ser seu amigo o pedinte, se levantará pelo menos por causa da importunação e dará ao outro tudo o que lhe seja necessário. — 9. E eu vos digo: Pedi e se vos dará; procurai e achareis, batei e se vos abrirá; — 10, porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e àquele que bate se abre. — 11. Se alguém de vós pedir pão a seu pai, este lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? — 12. Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? — 13. Ora, se maus como sois, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com mais forte razão vosso Pai, que está nos céus, dará um bom espírito aos que lho peçam.

N. 98. Por estas palavras Jesus punha seus discípulos em guarda contra o desalento que muitas vezes nasce de um aparente insucesso.

Elas se aplicam a todas as gerações. A perseverança pode tocar a todos.

A perseverança vos fortifica as resoluções, vos aperfeiçoa as obras, vos dá segurança na fé e vos faz dignos da atenção do Mestre que concederá aos vossos reiterados esforços o que não vos quisera dar, enquanto não estáveis ainda seguros de vós mesmos.

O homem nada deve fazer, nem empreender, sem primeiramente implorar ao Senhor, do fundo do coração, a sua assistência.

O Senhor, cheio de bondade, sabe o que convém a seus filhos e sempre lhes dá fartamente o que convenha, se bem que estes, ingratos e cegos, só muito raramente compreendem os desígnios da Providência.

Um pai não dá uma serpente ao filho que lhe pede pão. Vosso pai não vos recusa nunca os favores

que vos são necessários. Mas, sabeis o que vos é necessário?

Estais em estado de decidir por vós mesmos qual o alimento que convém ao vosso estômago? Estais em estado de compreender *o gênero de provação por que* deveis passar? Não. Vosso pai, porém, o sabe e vos alimenta de acordo com a vossa constituição.

Quanto mais a luz se espalhar por entre vós, mais aptos estareis a compreender estas palavras: — O pai de família não dá pedras ao filho que lhe pede pão. Pedi, portanto, a vosso pai o pão da vida e ele vos facultará abundantes meios de o adquirirdes.

"Pedi e se vos dará, disse Jesus, procurai e achareis, batei e se vos abrirá: porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e a quem bater se abrirá."

Compreendei bem estas palavras, mas, como sempre, *segundo o espírito que vivifica e não segundo a letra que mata.*

Pedi ao Senhor que vos torne compreensíveis suas verdades e o vosso entendimento se abrirá. Batei às portas da eternidade e chegareis ao santuário. Dirigi-vos ao dispensador de todas as graças puras e divinas, dirigi-vos a ele com pureza e amor, pedi-lhe a luz que esclareça os vossos irmãos e ele próprio vos colocará nas mãos o facho cujos raios iluminarão o mundo.

O homem não conseguirá jamais mudar os desígnios de Deus; mas, se pedirdes a força e a luz, lograreis compreender o porquê dos vossos sofrimentos e sabereis sofrer com paciência e resignação, mesmo com amor, *por mais rigorosas que sejam as vossas provas.*

Se puderdes, por um arrependimento sincero, apagar as faltas recentes, podereis, pela prece, rogan-

do a graça de não mais as cometerdes, alcançar, se deles vos fizerdes dignos tornando-os possíveis¹, o amparo e os conselhos que vos sustentarão e guiarão, esclarecendo-vos acerca das provações que escolheste e acerca da maneira por que conseguireis vencê-las com felicidade aos olhos do Senhor.

Quando se vos diz: "*Pedi e se vos dará*", isto não significa que possais pedir a Deus *que mude vossas provas*, que detenha de súbito o curso dos acontecimentos cuja realização a sua sabedoria decidiu. Significa que o Senhor vos concederá a compreensão das vistas secretas da providência, que vos concederá entrar assim em comunhão de pensamento com ele e compreender o bem que, na eternidade, vos admirará dos sofrimentos morais ou físicos que vos atormentam na existência humana. O livre arbítrio do homem pode mudar a face aos acontecimentos da sua existência, mas o *fundamento sério* destes será sempre o mesmo.

Não vos podem ser contadas *como provações* as mil contrariedades oriundas da existência em comum e da vossa civilização, ainda bárbara *sob tantos pontos de vista*. São particularidades ínfimas que não têm importância alguma *no conjunto das provas* que vos cumpre suportar.

"Vosso pai que está nos céus", disse Jesus, "dará *um bom espírito* aos que lho pedirem.

O Senhor não se mantém nunca surdo, bem o sabeis, às vozes de seus filhos, quando se dirigem a ele *com confiança e fé*. O pai da grande família nem sempre concede as graças como lhe são pedidas, porque, em vez de constituírem um bem, redundariam em confusão para o homem. Àquele, porém, que o deprecia com sinceridade, ele abre o entendimento que dá o *bom espírito*, isto é, o amor de Deus, a inteligência

¹ **Quer por inspiração, quer por comunicação.**

das coisas sob a influência espírita, permitindo que seus mensageiros o cerquem para esclarecê-lo.

O homem a quem o pai celeste deu bom *espírito* é aquele que compreende as palavras do Mestre, que se aplica em praticá-las e nunca desespera do seu amor e da sua justiça.

**MATEUS. Cap. VII, v. 12 — LUCAS.
Cap. VI, v. 31**

Justiça. — Amor e Caridade

MATEUS: V. 12. Tudo que quereis que os homens vos façam, fazei-o também a eles; pois é nisto que consistem a lei e os profetas:

LUCAS: V. 31. Fazei aos homens o que quereis que eles vos façam.

N. 99. Ama o teu próximo como a ti mesmo. Teu próximo, qualquer que ele seja, conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo, é teu irmão, pois que é filho do mesmo pai, que está nos céus.

Por toda parte e sempre, em todas as circunstâncias, coloca-te no seu lugar, a fim de procederes com ele como quererias que procedesse contigo. Assim, nunca digas ou faças o que não queiras que ele diga ou faça com relação a ti. Ao contrário, dize ou faze, do ponto de vista do que for bom e justo, na ordem material, moral e intelectual, tudo o que quizeres que, invertidas as posições, ele dissesse ou fizesse por ti, praticando a caridade material e moral, em toda a extensão do teu poder, de teus meios e das tuas faculdades, pela palavra e pelos atos e sob todas as formas: com o coração, com a boca, com os braços e com a inteligência.

MATEUS. Cap. VII, v. 13-14*Porta estreita que conduz à vida*

V. 13. Entrai pela porta estreita, pois que larga é a porta e espaçoso o caminho que levam à perdição; e grande é o número dos que por ela entram. — 14. Quão estreita é a porta, quão apertado o caminho que conduzem à vida; quão poucos o encontram!

N. 100. A porta estreita e o caminho difícil indicam os esforços que o Espírito encarnado tem de empregar e as penas que tem de suportar para chegar à vida eterna, isto é, para se despojar de seus vícios, para marchar pela estrada do bem, fazendo nascer no seu íntimo os sentimentos opostos aos vícios de que se for libertando.

Os que *encontram* a porta estreita e o caminho apertado são os que praticam o trabalho, o amor, a caridade e, conseqüentemente, a humildade, a tolerância, o desinteresse, o devotamento a todos; são os que, desse modo, bem cumprem as suas provações, resistindo aos maus instintos, às tendências más que precisam ser combatidas e que tornam indispensáveis as sucessivas reencarnações para a purificação e o progresso do Espírito.

A porta larga e o caminho espaçoso, que conduzem à perdição e pela qual *entram* em tão grande número os homens, são o orgulho, o egoísmo, a ambição, com todos os seus derivados, a avareza, a cupidez, a inveja, a luxúria, a intemperança, a cólera, a preguiça, o materialismo, a incredulidade, a intolerância, o fanatismo, a predominância da matéria sobre o Espírito, ou mesmo a sujeição do Espírito à matéria e, de modo geral, a maldade, pela palavra ou pelos atos, sob todas as formas e em todas as gradações.

LUCAS, Cap. XIII, v. 23-30*Esforçai-vos por entrar pela porta estreita*

V. 23. E alguém lhe perguntou: Senhor, tão poucos são os que se salvam? Ao que ele respondeu: — 24. Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porquanto eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão.

N. 101. Muitos dentre vós tentam percorrer a estrada que leva à casa do pai, mas, aborrecidos com os obstáculos a vencer, com os esforços a empregar, com os sacrifícios a suportar, param e não vão adiante. São os que não podem passar pela porta estreita. Aquele, porém, que segue a estrada que *a sua consciência* lhe traçou, não lhe suplantando *os conselhos* por meio de sofismas e subterfúgios, esse passará facilmente pela porta, por mais estreita que pareça. Quando se aproximar dela, vê-la-á larga e aberta para lhe dar passagem.

Dizemos com Jesus: *“Muitos procurarão entrar e não poderão”*. São os que tentam e não perseveram.

Sobretudo a vós, espíritas, se aplicam *estas palavras*. Muitos, vendo entreaberta a porta, se encaminharam para ela, mas com passo incerto e levando atrás de si o cortejo de fraudes, de vícios, de impurezas que os acompanha. Não avançam. *Julgam* caminhar, porém a estrada de contínuo se renova diante deles e a porta se torna a fechar gradualmente.

Antes, pois, de enveredardes por esse caminho árido e pedregoso, despojai-vos de tudo quanto vos possa estorvar a marcha. Não chegareis nunca, se não fordes conduzidos por uma consciência pura.

Só esta pode ter a certeza de ver abrir-se a porta estreita e de por ela passar.

V. 25. E quando o pai de família houver entrado e fechado a porta, se, do lado de fora, começardes a bater dizendo: Senhor, abre-nos; o Senhor, respondendo, dirá: Não sei donde sois.

N. 102. Também a longanimidade do Senhor tem termo. Quando o Espírito, chamado a progredir na terra, se obstina em permanecer estacionário nas suas faltas, sem seguir a marcha ascensional impressa a tudo na natureza, não chega ao mesmo tempo que seus irmãos e não pode por conseguinte entrar com eles nas esferas dos felizes. E, se a obstinação, o endurecimento resistem a todos os esforços feitos, o Senhor repele o Espírito teimoso para planetas inferiores, onde recomeça as suas peregrinações, até compreender a necessidade do progresso.

V. 26. Se então disserdes: Bebemos e comemos na tua presença e ensinaste nas nossas praças públicas, — 27, ele vos responderá: Não sei donde sois; afastai-vos de mim vós todos que praticais a iniqüidade.

N. 103. Alusão aos que, sob a capa do culto que professam continuam a viver de modo condenado pela lei divina. Não basta intitular-se sectário de uma religião qualquer, cumpre que se lhe pratique a moral. Não basta dizer, "Senhor! Senhor!"; é preciso fazer a vontade do pai que está nos céus.

V. 28. Haverá prantos e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isac, Jacob estão no reino de Deus e que vós sois repelidos de lá.

N. 104. Estas palavras de Jesus, apropriadas, pela forma da linguagem, aos homens a quem ele falava, não são alegóricas, sob o ponto de vista dos sofrimentos e torturas *morais*, simbolicamente figurados pelas expressões — *pranto e ranger de dentes*. Experimentá-los-ão os Espíritos que, por permanecerem cul-

pados, rebeldes, no momento da depuração do vosso planeta e da sua humanidade, serão enviados para planetas inferiores. Tais Espíritos não vão para o degredo sem conhecerem a causa da sua condenação. Porventura punis os culpados sem julgamento?

Sim, eles saberão que o endurecimento de suas almas é a causa *única* de suas dores. Verão a grandeza da queda e medirão a extensão da perda que sofreram. Mas, a palavra do Mestre lhes dará a esperança e a visão dos bem-aventurados lhes despertará o desejo de chegarem a ser desse número.

Haverá entre eles *prantos e ranger de dentes*, mas também haverá uma meta a atingir. O Senhor jamais condena sem deixar uma porta aberta à esperança.

Dirigindo-se aos Hebreus, Jesus falava a Espíritos encarnados, dentre os quais alguns permanecerão culpados na época da depuração.

Pertencer ao número dos selvagens da Oceânia, carecer de ciência, de inteligência, não é o que constitui motivo para ser relegado. A esses o Senhor concede tempo. O motivo consiste em *ser orgulhoso, materialista*, em causar a perda das massas populares, arrastando-as para falsos caminhos, em pregar conscientemente uma corruptora moral.

Sim, dos que cercavam a Jesus alguns há que são da vossa era, que revivem entre vós, que ainda progredirão em ciência, em inteligência, mas que, *desgraçadamente para eles*, não progredirão *em simplicidade de coração*. Acreditam possuir tudo e, *chegando o dia*, verão a nudez de *suas almas*.

V. 29. Do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio-dia virão os que se hão de sentar à mesa no reino de **Deus**.

N. 105. Alusão à comunhão de pensamentos e de crenças que se estabelecerá entre os homens, na época da regeneração.

Alusão também aos Espíritos que virão de diversos planetas para a terra na época em que Jesus, espírito da verdade, aparecerá entre vós. As palavras do Mestre alcançam sempre o presente e o futuro.

V. 30. E eis que serão os últimos os que eram os primeiros e os primeiros serão os que eram os últimos.

N. 106. Muitos dos que se colocaram na frente, entre os primeiros, serão dos últimos a chegar ao fim, por não terem marchado com perseverança.

Os que confiam *em si mesmos e crêem* marchar com mais segurança e passar adiante de seus irmãos, se verão obstados pelo seu próprio orgulho e terão igualmente retardada a marcha.

Para o Senhor nada vale a duração da existência do Espírito. O arrependimento e as virtudes são tudo. Assim, o Espírito que tardiamente entrou na senda do bem, mas que caminha com perseverança, com atividade, pode, não só atingir, como ainda ultrapassar o Espírito preguiçoso, senão culpado, que nenhum esforço faz, mesmo que tenha começado mais cedo a sua rota ascensional.

**MATEUS, Cap. VII, v. 15-20 —LUCAS,
Cap. VI, v. 43-45**

*Falsos profetas. — Frutos da mesma natureza
que a árvore*

MATEUS: V. 15. Acautelai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco sob aspecto exterior de ovelhas, mas que, por dentro, são lobos vorazes. — 16. Conhecê-los-eis pelos seus frutos. Porventura se colhem uvas nos espinheiros, ou figos nas sarças? — 17. Assim, toda árvore boa dá bons frutos, e toda árvore má dá maus frutos. — 18. Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos. — 19. Toda árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo. — 20. É, pois, pelos frutos que os conhecereis.

LUCAS: V. 43. A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; — 44, pois cada árvore se conhece pelo seu fruto; não se colhem figos nos espinheiros nem uvas nas sarças. - 45. O homem bom tira o bem do bom tesouro do seu coração; e o homem mau do mau tesouro tira o mal; porquanto a boca fala do que está cheio o coração.

N. 107. Que aquele que prega com os lábios comece por pregar pelo exemplo. Eis tudo. Pela obra se conhece o obreiro.

Os falsos profetas são os que pregam uma moral que não praticam.

Aquele que não mostra aos outros os frutos da moral que prega é uma árvore má. Se sois boa árvore, dai bons frutos. Se, pois, regardes os vossos atos pela moral do Cristo e pelos seus ensinamentos, serão bons os vossos frutos. Se, porém, vos afastais dessa moral e desses ensinamentos, sejam quais forem as vossas palavras, não estando com elas acordes os vossos atos, sois árvores más destinadas a ser cortadas e lançadas ao fogo, isto é, destinadas à expiação e à reencarnação, como já explicamos.

Espíritas, aos que vos chamarem falsos profetas exemplificai o que ensinai; mostrai os frutos da moral que pregais. Os cegos não admitem que possa existir o fulgor da luz. Abri-lhes os olhos e eles a verão.

**MATEUS, Cap. VII, v. 21-29. —LUCAS,
Cap. VI, v. 46-49**

Deus julga pelas obras

MATEUS: V. 21. Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus; aquele, porém, que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse entrará no reino dos céus. — 22. Muitos me dirão nesse dia: Senhor, Senhor, *não profetizamos em teu nome, não expulsamos em teu nome os demônios e não fizemos em teu nome muitos prodígios?* — 23. Eu então lhes direi: Nunca vos conheci; Afastai-vos de mim, vós que praticais a *iniquidade*. — 24. Aquele que escuta as minhas palavras e as pratica é comparável ao homem ajuizado que construiu sua casa sobre a rocha. — 25. Veio a chuva, transbordaram os rios, os ventos sopraram e se arremessaram contra essa casa e ela não caiu por estar edificada sobre a rocha. — 26. Aquele, porém, que ouve as minhas palavras e *não as pratica* se assemelha ao insensato que construiu sua casa na areia. — 27. Veio a chuva, os rios transbordaram, sopraram os ventos, precipitaram-se sobre essa casa e ela desabou e grande foi a sua ruína. — 28. Ora, terminando Jesus esses discursos, a multidão se admirava da sua doutrina, — 29. porque ele a instruía como tendo autoridade e não como os escribas e os fariseus.

LUCAS: V. 46. Mas porque me chamais: Senhor! Senhor! e não fazeis o que vos digo? — 47. Vou mostrar-vos a quem se assemelha aquele que vem a mim — que escuta as minhas palavras e as pratica. — 48. Assemelha-se a um homem que edifica uma casa e que, cavando fundo, lhe constrói na rocha os alicerces. Um rio, transbordadas suas águas, se arremessou contra a casa e não conseguiu abalá-la, por estar edificada sobre a rocha. — 49. Aquele, que escuta as minhas palavras e não as pratica, se assemelha a um homem que edificou sua casa sobre a terra, sem lhe cavar alicerces. O rio se arremessou sobre ela, a casa caiu logo e grande foi a sua ruína.

N. 108. Nem todos os que dizem: Senhor, Senhor! entrarão no reino de Deus. As palavras morrem no espaço sem chegar ao Senhor, quando não têm por apoio os atos. Portanto, praticai sempre o que ensinais, o que admirais, o que louvais. Não bastará que admireis a lei de Jesus, que digais: ela é perfeita, se nada fizerdes por cumpri-la e por vos aperfeiçoardes. Não vos bastará dizer: somos cristãos, se obrardes contra a vontade do Cristo. Não vos bastará declarar: somos espíritas, se continuardes a ser o que éreis antes. Não bastará declareis: somos médiuns e usamos das nossas diversas faculdades mediúnicas, *se não praticardes os ensinamentos recebidos*, se não puserdes, cordial e intencionalmente, essas faculdades ao serviço da causa de Deus, do melhoramento moral dos vossos irmãos, *dando-lhes o exemplo dos esforços* constantes e porfiados que empregais por vos melhorardes pessoalmente, se não vos utilizardes *com humildade e desinteresse* dessas mesmas faculdades para o fim exclusivo de fazer propaganda séria, útil, eficaz, da lei de Jesus e da sublime doutrina dos Espíritos do Senhor, que, despojando *da letra o Espírito*, vêm explicar essa lei, *fazê-la compreensível, amada, praticada*, preparando o cumprimento das promessas do Mestre.

Hoje, e sobretudo a vós, espíritas, *a prática é necessária*.

Quem quer que haja enveredado por esse caminho fique certo de que não mais pode deter-se, de que não mais deve desviar-se, porquanto, muito lhe tendo sido dado, muito lhe será pedido. Não terá desculpa. Não o protege mais o véu espesso da ignorância, pois que a luz o rasgou. Tampouco lhe servirá de escusa a sua fria indiferença. Dele se aproximou a caridade para aquecê-lo. Se o coração se lhe conserva engegado é porque o quer.

Ao espírita muito será reclamado. Que ele, portanto, se prepare para prestar contas exatas do que lhe foi confiado.

No momento em que estas palavras acabavam de ser escritas, o médium, colocado espontaneamente sob nova influência medianímica, escreveu, com uma grafia *diferente e magistral*, o seguinte:

Não basta se diga que certa moral é sublime; cumpre seja posta em prática. Não basta ser-se *cristão* e mesmo *cristão-espírita*, se se não pratica a moral por mim ensinada. Assim, pois, que os que querem entrar no reino de meu pai sejam seus filhos pelo coração e não pelos lábios, obedeçam com submissão, zelo e confiança às instruções que receberam e recebam hoje dos Espíritos enviados, de acordo com as minhas promessas, para ensinarem progressivamente aos homens todas as coisas, para conduzi-los à verdade e lembrar-lhes o que eu lhes disse.

"Que digam: Senhor, Senhor! mas que o digam do fundo de seus corações; que seus atos correspondam às suas palavras e o reino dos céus lhes pertencerá.

Por aquele cuja mão protetora sustenta os humildes e os fracos e humilha os orgulhosos e poderosos.

ISABEL."

Depois, também de modo espontâneo, o médium escreveu mediunicamente e em caracteres idênticos aos com que fora traçado o ensinamento que acabava de ser recebido, esta última comunicação:

"Bendizei ao Senhor a graça que vos fez e pedi-lhe, de coração, o apoio *daquele que se vos manifestou hoje* por intermédio do seu enviado. Perseverai no caminho que trilhais, tende confiança e fé, mas fé séria, e o Senhor estenderá suas mãos por sobre vós, para afastar os obstáculos que vos pudessem deter.

JOÃO, MATEUS E LUCAS."

MATEUS, Capítulo VIII, v. 1-4 — MARCOS, Cap. I, v. 40-45. — LUCAS, Cap. V, v. 12-16

O leproso

MATEUS: V. 1. Tendo Jesus descido do monte, grande multidão o acompanhou; — 2, e, aproximando-se dele, um leproso se pôs a adorá-lo, dizendo: Senhor, se quiseres, podes curar-me. — 3. Jesus, estendendo a mão, tocou-o e disse: Quero-o; estás curado. E no mesmo instante lhe desapareceu a lepra. — 4. E Jesus acrescentou: Não fales disto a ninguém; mas vai mostrar-te aos sacerdotes e faz a oferta prescrita por Moisés, a fim de que lhes sirva de testemunho.

MARCOS: V. 40. Aproximou-se dele um leproso e, de joelhos, o implorava, dizendo: Se quiseres, podes curar-me. — 41. Jesus se apiedou do homem e, estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Quero-o, fica curado. — 42. Assim que pronunciou estas palavras, a lepra deixou o homem, ficando este curado. — 43. Mandando-o embora, proibiu-lhe terminantemente Jesus que falasse do fato, dizendo: — 44. Não fales disto a ninguém, mas vai mostrar-te aos príncipes dos sacerdotes e oferece, pela tua cura, o que Moisés ordenou, a fim de que lhes sirva de testemunho. — 45. O homem, porém, tanto que dali se afastou, começou a falar da sua cura e a anunciá-la por toda parte, de sorte que Jesus não podia mais aparecer ostensivamente na cidade; permanecia fora, nos lugares desertos, mas de toda parte vinham ter com ele.

LUCAS: V. 12. Sucedeu que, achando-se Jesus em certa cidade, um homem coberto de lepra o viu, dele se aproximou e, prostrando-se, com o rosto em terra, o implorou dizendo: Senhor, se quiseres, podes curar-me. — 13. Estendendo a mão, Jesus o tocou, dizendo: Eu o quero, fica curado; e a lepra desapareceu no mesmo instante. — 14. Jesus lhe ordenou que não falasse a ninguém. Mas vai, disse-lhe, mostrar-te aos sacerdotes e oferece pela tua cura o que Moisés determinou, a fim de que lhes sirva de testemunho. — 15. Sua fama cada vez mais se dilatava e a ele acorria grande multidão de pessoas que vinham aos bandos para o ouvir e ser curadas de suas enfermidades. — 16. Ele, porém, se retirava para o deserto e orava.

N. 109. Jesus conhecia e recompensava a fé, mas também sabia não serem chegados os tempos de publicar abertamente as graças que prodigalizava.

Ainda hoje assim é: o Senhor vos concede o seu apoio e se digna de curar a lepra dos vossos corações; mas, nem todos se acham em estado de compreender a graça que recebem. Eis porque vos dizemos: procedei com prudência.

Na indiscrição e na desobediência do leproso tendes um sinal de que os benefícios do Senhor serão conhecidos, façase o que se fizer.

A cura instantânea daquele homem, efeito da vontade poderosa de Jesus e da sua ação sobre os fluidos apropriados, se operou pela concentração magnética desses fluidos.

O magnetismo humano pode operar curas que ainda não compreendeis e quanto mais o homem se aproxima da vida espiritual, mais se depurará, mais em relação se porá, consequentemente, com os fluidos que o cercam e tanto mais facilmente os dominará e empregará como meios curativos.

Ainda não sabeis o que pode o homem com o magnetismo e sobretudo *o que poderá daqui a algum tempo.*

A cura instantânea do leproso não foi, portanto, mais do que um fato natural, mais do que uma concentração dos fluidos de que Jesus podia dispor e que, penetrando a pele do doente, devoraram, aniquilaram as matérias impuras nela contidas, impedindo fossem interiormente lançadas no organismo e na circulação geral. A purificação dos fluidos sangüíneos destruiu o princípio interno da lepra. O tecido da pele foi instantaneamente limpo e o doente se achou curado. Nisso consistiu, *aos olhos dos homens*, o "milagre", pela razão de que ao homem ainda não é possível conseguir semelhante efeito em virtude da sua impureza moral. Quando for capaz de produzir por essa forma a cura física, sua cura moral estará realizada. A sub-

missão e a fé expelirão de vossos corações as influências impuras que os corroem, tornando-os limpos aos olhos do Senhor.

Repetimos: quanto mais o homem se aproximar da vida espiritual, tanto mais se depurará, tanto mais se porá em relação com os fluidos magnéticos que o cercam, tanto mais os dominará e poderá empregar como meios curativos. A depuração do homem, assim no físico como no moral, se operará mediante uma revolução lenta e progressiva, de modo, por assim dizer, insensível aos que a testemunharem; mas, a revolução moral terá que *preceder* de muito à revolução física.

Que fazem os médicos para chegarem a purificar a pele de um leproso? Tratam a massa do sangue, procurando despojá-la de tudo que a corrompe.

O mesmo trabalho nos toca: antes que o vosso organismo material se torne de natureza elevada, temos que limpar a fonte das vossas impurezas. O corpo vos mantém cativa a alma. Tempo virá em que vossas almas desferirão o vôo, elevando-vos os corpos às regiões puras.

Dizendo ao leproso: "Vai mostrar-te aos príncipes dos sacerdotes e oferece pela tua cura o que Moisés ordenou, a fim de que lhes sirva de testemunho", Jesus o fez para que aquele homem pudesse volver à vida comum, pois que os leprosos eram excluídos do convívio de seus irmãos. Os sacerdotes dispunham, senão da ciência, pelo menos do direito de julgar se o homem atacado de lepra estava curado e podia voltar para o meio dos seus.

Não vos admireis de que o leproso tenha podido ir, por entre a multidão, à presença de Jesus, para provocar e obter a sua cura. Jesus percorria os campos, indo constantemente de um ponto a outro. Não podeis comparar a vossa organização civil à daqueles

tempos. Os leprosos eram expulsos do recinto das cidades, mas os campos não lhes ficavam interditos. Eles se viam afastados dos seus, mas não encarcerados. Ainda não havia asilos para as misérias e os sofrimentos dos pobres.

Quanto à oferenda que devia ser feita, atenda-se a que tudo era emblemático na lei de Moisés. Assim como se sacrificavam as primícias dos rebanhos, imitando-se a consagração do primogênito das famílias, assim como se degolava a vítima propiciatória para resgatar as faltas dos povos, assim também aos leprosos se impunha a obrigação de levarem sua oferenda ao Senhor, a título de penhor da purificação alcançada e de gratidão pelo benefício recebido. Nenhuma lei inevitável dispunha sobre a natureza desse penhor. Podia ser, conforme a posição do leproso, um pássaro, um cordeiro ou frutos. Cada um oferecia o que estava a seu alcance e o que mais oferecia era, pelos homens, como hoje, considerado limpo.

Não se vê entre vós diariamente o interesse do julgador influenciando no julgamento?

Quando os evangelistas dizem que, em conseqüência de haver o leproso divulgado por toda parte o que lhe sucedera, Jesus se viu impossibilitado de aparecer mais na cidade, sendo forçado a conservar-se nos lugares desertos, porque de todos os lados vinham ter com ele, isso significa que as multidões, mais curiosas de milagres materiais do que do reino dos céus, o assaltavam, forçando-o a procurar sítios espaçosos.

Destas palavras humanas: "Mas ele se retirava para o deserto e orava", já vos demos a significação, explicando que todas as vezes que Jesus *desaparecia* das vistas de seus discípulos, estes *acreditavam* que ele se retirara para algum lugar secreto, a fim de se entregar ao jejum e à oração.

**MATEUS, Cap. VIII, v. 5-13. —LUCAS,
Cap. VII, v. 1-10**

O centurião

MATEUS: V. 5. Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, veio ter com ele um centurião e lhe dirigiu esta súplica: — 6. Senhor, meu servo está de cama, em minha casa, atacado de paralisia e sofre extremamente. — 7. Jesus disse: Irei lá e o curarei. — 8. Mas o centurião lhe ponderou: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; dize apenas uma palavra e o meu servo estará curado; — 9, porquanto sou um homem submetido a outro; tenho, sob minhas ordens, soldados; — digo a um: vai lá e ele vai; a outro: vem cá e ele vem; a meu servo: faze isto e ele faz. — 10. Ouvindo estas palavras Jesus se encheu de admiração e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que ainda não encontrara em Israel tão grande fé. — 11. Também vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão à mesa no reino dos céus com Abraão, Isac e Jacob; — 12, mas que os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes. — 13. E, voltando-se para o centurião, disse: Vai e seja feito como acreditaste. Nessa mesma hora o servo ficou curado.

LUCAS: V. 1. Acabando de dizer estas coisas ao povo, entrou em Cafarnaum. — 2. Um centurião tinha doente, quase a morrer, um servo que lhe era muito caro. — 3. Tendo ouvido falar de Jesus, o centurião lhe mandou suplicar, por alguns anciãos judeus, que viesse curar o seu servo. — 4. Falando a Jesus, os anciãos o imploraram instantemente, dizendo: É um homem que merece lhe faças esta graça; — 5, pois que ama o nosso povo e nos edificou uma sinagoga. — 6. Jesus se pôs a caminho com eles; mas, quando chegaram perto da casa do centurião, este lhe mandou dizer por seus amigos: Senhor, não te dês esse incômodo, pois não sou digno de que entres na minha casa, — 7, como não me julguei digno de ir ter contigo; dize uma só palavra e o meu servo estará curado, — 8, porquanto sou um homem submetido à autoridade de outro; tenho, sob minhas ordens, soldados e, se digo a um: vai lá, ele vai; a outro: vem aqui, ele vem; a meu servo: faze isto, ele faz. — 9. Ouvindo isso, Jesus se mostrou admirado e, voltando-se para o povo que o acompanhava, disse: Em verdade vos digo que ainda não vira em Israel tão grande fé. — 10. E quando para a casa do centurião voltaram os que este mandara a Jesus, encontraram curado o servo que estava doente.

N. 110. Tende fé. Para Deus não há diferença entre as suas criaturas, sejam quais forem as leis a que estejam submetidas. Todos os homens de boa vontade são seus filhos. Ide, pois, a ele com confiança, qualquer que seja o jugo humano que suporteis. Ide e ele vos aliviará. Mostrai-lhe vossas misérias, vossos sofrimentos, chamai-o em vosso auxílio e ele vos curará. Robusta seja a vossa fé e atraireis as bênçãos do Senhor.

Quanto à cura do servo do centurião, Jesus a operou pelo mesmo princípio de sempre: o princípio magnético. Todos os fatos de curas materiais qualificados de *miraculosos*, de *milagres*, emanam da mesma fonte.

A paralisia é um resfriamento dos fluidos animalizados que circulam no organismo humano. A vontade poderosa de Jesus mudou esses fluidos, modificando-os e vivificando-os de novo.

Assim como a pilha galvânica pode momentaneamente dar movimento aos músculos e aos nervos de um cadáver, também a concentração, por efeito magnético, de certos fluidos espalhados na atmosfera pode operar sobre o organismo vivo um abalo violento que o regenere.

Na força daquele que, pela ação exclusiva da sua vontade, obtinha tais efeitos é que o homem poderia ver um milagre; mas, a explicação faz ver que essa força é *natural*.

Do mesmo modo que juncou o solo que pisais de plantas benéficas, cujas propriedades curativas ainda não conheceis inteiramente, o Senhor também carregou a atmosfera que vos envolve de propriedades fortificantes, purificadoras e regeneradoras, que nem sequer suspeitais, que para vós ainda são letra morta, por isso que, para vos servirdes delas eficazmente,

tendes que fazer os estudos necessários, estudos morais, únicos que vos podem elevar à altura da ciência que desejais adquirir.

Os estudos morais que vos darão a ciência são os que, em vos elevando, vos libertarão dos instintos brutais. Quanto mais o homem se purificar, mais senhor será da sua vontade, de seus instintos, de seus sentidos, mais se aproximará da perfeição que lhe cumpre atingir, mais aumentará seus poderes.

Só a purificação moral lhe tornará possíveis os estudos necessários ao conhecimento dos fluidos magnéticos dotados dessas propriedades fortificantes, depurativas e regeneradoras, ao conhecimento da natureza e da maneira de atuar de cada um deles e das aplicações a que se prestam, sob o ponto de vista curativo, conforme à moléstia. Sim, à medida que o Espírito se desprender da matéria, ampliar-se-lhe-ão e desenvolverão os conhecimentos a respeito de tudo quanto ainda lhe é obscuro e desconhecido. Porém, muito antes de conhecer os fluidos, o homem se servirá deles com bom resultado, graças ao auxílio dos Espíritos protetores da humanidade, os quais, mediante o magnetismo espiritual, intervindo ocultamente, se sentirão felizes de lhes colocarem, por assim dizer, ao alcance da mão, a fim de que os empregue de acordo com as necessidades.

O conhecimento desses fluidos será progressivo, acompanhando o progresso do estado moral, já o temos dito. Segue-se que só será completo quando o homem houver alcançado a perfeição que pode esperar na terra.

O magnetismo humano ainda tem que progredir muito para chegar ao seu apogeu, para chegar à época em que a força da vontade do Espírito bastará para reunir ou dispersar os fluidos sobre que queira atuar.

A ciência adquirida, porém, já produziu algum bem e preparou para o futuro um bem imenso, pondo-vos em condições de ler através de todos os obstáculos e de perscrutar o seio da terra, para descobrir as riquezas que ela contém. Não falamos aqui das riquezas que o homem deve desprezar como geradoras do orgulho, do egoísmo e da sensualidade, mas das que Deus lhe concede para recobrar a saúde e a força, quando aniquiladas ou diminuídas.

Aludimos ao sonambulismo lúcido, produzido e revelado pelo magnetismo humano, às faculdades de visão espiritual e aos instintos que o sonâmbulo lúcido possui, pelo desprendimento sob a ação magnética, e às descobertas que, do ponto de vista curativo, ele pode e há de proporcionar à humanidade, nos reinos mineral, vegetal e animal e no seio mesmo da terra, entre os detritos e produtos aí sepultados.

Até que se ultime a depuração moral e, como conseqüência, a depuração física do homem, a ação magnética humana não bastará por si só, a maior parte das vezes, para a cura das enfermidades. Na maioria dos casos essencialmente físicos, orgânicos, serão necessários o auxílio e o concurso, tanto da ciência médica, como do sonambulismo magnético, das propriedades curativas já conhecidas e das que virão a ser descobertas, nas substâncias minerais, vegetais e animais.

Ficai sabendo: os auxílios *estranhos* aos fluidos magnéticos podem servir, *combinando-se com estes*. Há simpatia entre as plantas que curam e os fluidos que para esse fim se assimilam. Aquelas se saturam destes fluidos e os levam ao organismo. Atraí-os em seguida, por meio do magnetismo humano e obtereis duplo resultado. Eis porque os sonâmbulos lúcidos, livres, pelo desprendimento magnético, de quaisquer

influências, se mostram aptos a escolher as plantas curativas.

Não desprezeis nenhum dos meios que o Senhor vos confiou para atingirdes o fim.

A medicina não deve ser um sistema e sim um meio de restabelecer no organismo o equilíbrio desfeito, de restabelecer a harmonia das forças vitais quando perturbada. E os homens, quaisquer que sejam, que se consagram ao tratamento físico da humanidade, devem entregar-se a profundos e perseverantes estudos teóricos e experimentais, valendo-se da ciência médica, destinada a progredir sempre, do magnetismo humano e do sonambulismo magnético, lançando mão de todos os meios, usando de todos os recursos que aqueles estudos necessariamente facultam, recursos e meios tirados, pela observação e pela experimentação, das propriedades curativas das substâncias minerais, vegetais e animais, sobretudo das vegetais, e ao mesmo tempo dos fluidos de que se acha carregada a atmosfera que vos cerca.

Dissemos e repetimos: até que se complete a purificação moral e, conseqüentemente, a purificação física do homem, a ação magnética humana não bastará por si só, na maioria dos casos, para a cura das enfermidades essencialmente físicas, orgânicas. Haverá, porém, casos excepcionais em que Deus permitirá ao homem adiantar-se, em que um privilegiado — privilegiado em virtude da elevação e da pureza alcançadas — com o auxílio oculto dos Espíritos superiores, produzirá, por ato de sua vontade e pela ação magnética, fenômenos de cura considerada impossível, fenômenos de cura dos que se chamam "milagres".

N. 111. Que é o que se dará com os sistemas médicos que, do ponto de vista terapêutico, dividem os homens, notadamente com os sistemas chamados "alopatia" e "homeopatia", sendo este

último aquele que, por meio de experiências no homem são, determina os sintomas morais e os sintomas físicos e mórbidos?

Todos os sistemas médicos terão que se unir para formar um único, que se aliará ao magnetismo humano e ao sonambulismo magnético, prestando-se os três mútuo apoio e constituindo o arsenal onde o homem irá buscar armas para combater a moléstia e restituir a saúde a seus irmãos.

O princípio dos contrários, o dos semelhantes, o magnetismo humano e o sonambulismo magnético são do domínio das leis da natureza.

Compete ao homem *aprender*, por estudos *teóricos e experimentais*, o caso em que deve empregar de pronto *tal ou tal* meio. A esse estudo é que tem que se aplicar para restabelecer, no organismo, o equilíbrio desfeito e a harmonia das forças vitais quando perturbada.

Remonte ele à origem do mal, sobretudo procure sempre a causa moral em todas as dores físicas, dores orgânicas — bem entendido.

Aquele que quebra um braço não pode acusar nenhuma dor secreta ou maus pendores; porém, nos inúmeros males que afligem a humanidade, pesquisai bem o fundo dos corações e das consciências e encontrareis a raiz dessa árvore que se estende por todos os membros. O coração ou a alma quase sempre estão atacados. Daí a perturbação do sistema nervoso, fonte de todas as enfermidades, de todos os sofrimentos. Perscrutai os antecedentes do que sofre e muitas vezes descobrireis o pesar oculto de uma ação, um acontecimento que interessou a saúde, viciando o sangue que devia circular puro nas veias.

Médicos, isto é, todos vós que vos consagrais a aliviar os males dos vossos irmãos, sede clarividentes e não apliqueis o remédio na chaga do doente à guisa da

criança que pensa um boneco, representação, para ela, de um homem.

N. 112. Em face destas palavras do v. 10 de MATEUS e do v. 9 de LUCAS: "Em verdade vos digo que ainda não encontrara tão grande fé em Israel", quais são, tanto com relação à época em que Jesus falava a seus discípulos, como em relação à época atual do Espiritismo, o sentido e o alcance deste versículo (MATEUS, v. 11): "Também vos digo que virão do Oriente e do Ocidente muitos que terão lugar no reino dos céus com Abraão, Isac e Jacob"?

Essas palavras encerravam um ensino visando destruir, no espírito dos Judeus, a idéia de que só eles eram filhos de Deus e tinham direito às graças divinas. Por aquela forma, Jesus lhes ensinava que, seja qual for o homem, venha donde vier, se tiver fé, é verdadeiramente filho de Deus; que, ao contrário, os que pertenciam à grande família judia, acreditando-se privilegiados, seriam repelidos, se não seguissem o caminho que o Senhor traçou e Moisés lhes mostrara, chamando-os à prática do amor de Deus e do amor ao próximo.

Podeis aplicar esse ensino à Igreja romana que repele quem não curve a cabeça ao jugo da sua lei, que o repele não só do seu seio, como também do do Senhor.

Filha orgulhosa dos bens que recebeu, não admite que possa e deva partilhá-los e assim rechaça o cãozinho que procura alimentar-se com as migalhas que lhe caem da mesa, sem *pensar que aquele que a fez pode desfazê-la*.

Vem de molde lembrar aqui a resposta da Cananeana quando, provocada por Jesus, que visava dar um ensino para o momento e *sobretudo para o futuro*, disse: "O cãozinho não se alimenta das migalhas que caem da mesa do amo?" A igreja, incumbida de continuar a obra dos primeiros cristãos, tinha uma tarefa

a desempenhar. Começou a executá-la com zelo, desprendimento e coragem; mas, o êxito a embriagou e ela se habituou à grandeza e às honras. Sacrificou a Mamom, ela que era um modelo oferecido aos filhos do Senhor. Esqueceu a humildade do chefe que a instituiu e a lei evangélica que se encarregara de ensinar. Cheia de orgulho, expulsa os que tentam *abrir-lhe os olhos*. Espessa e difícil de arrancar, é a venda que pôs sobre estes. Coragem, espíritas! Consegui-lo-eis, todavia, porque Deus o quer. Não será obra de um dia, porquanto os séculos passaram, colocando-lhe em cima, ano a ano, uma camada de obscuridade. Será, pois, tirando estas camadas uma a uma que se chegará a arrancar a venda que lhe oculta a luz.

Os Espíritos, anjos do Senhor, descem até vós, para vos ajudar no desempenho dessa missão, indicando-vos o meio de consegui-lo. Sede dóceis e sobretudo sede prudentes, por isso que demasiada precipitação poderia demorar a cura. Como médicos, tendes um tratamento importante a fazer. Consultai-vos mutuamente e procedei de acordo todos. Restitui assim a luz brilhante àquela que quer propagar a luz e fenece nas trevas de que se cercou².

O senhor tudo criou puro e *purificam tudo o que se viciou*.

A Igreja do Cristo tem por templo o vosso planeta, por fiéis todos os homens que praticam a sua moral simples e sublime e por sacerdotes todos os corações puros que arrebanham os Espíritos transviados para os reconduzir àquele que empunha o grande cajado de pastor.

N. 113. Quais o sentido e o alcance destas palavras do v. 12 de MATEUS: "Mas, os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, onde há prantos e ranger de dentes"?

² Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de maio de 1862.

Os que receberam a palavra do Senhor e dela não fizeram o uso que deviam fazer serão repelidos e compreenderão claramente o erro em que caíram. Quantos já houve e quantos há que choram as faltas cometidas e que se acreditavam salvos pela única razão de se julgarem com o direito de absolver ou de condenar! É que foram pesados nas mesmas balanças em que pesavam os outros.

Quanto às palavras "prantos e ranger de dentes" — sabeis que *alegoricamente* aludem aos sofrimentos e torturas morais, às expiações que, visando exclusivamente seu aperfeiçoamento moral e seu progresso, o Espírito tem que sofrer e sofre na erraticidade, de modo apropriado e proporcionado aos crimes e faltas que cometeu.

Sim, falando-se de sofrimentos, sempre se devem entender os sofrimentos morais do Espírito culpado e arrependido, inevitavelmente seguidos da reencarnação.

LUCAS, Cap. VII, v. 11-17*O filho da viúva de Naim*

V. 11. No dia seguinte Jesus se dirigiu a uma cidade chamada Naim, acompanhado de seus discípulos e de grande multidão. — V. 12. Ao aproximar-se da porta da cidade, aconteceu-lhe ver que levavam a enterrar um morto, que era filho único de sua mãe, sendo esta viúva; grande número de pessoas da cidade a acompanhava. — V. 13. Vendo-a, o Senhor se encheu de compaixão por ela e lhe disse: Não chores. — 14. Aproximou-se e tocou o esquife; os que o levavam pararam e ele disse: Mancebo, levanta-te, eu o ordeno. — 15. No mesmo instante, aquele que estava morto se sentou e começou a falar e Jesus o restituiu à sua mãe. — 16. Todos os presentes foram tomados de espanto e glorificaram a Deus, dizendo: Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo. — 17. O rumor desse milagre se espalhou por toda a Judéia e por todas as suas cercanias.

N. 114. Conheceis a relação que existe entre o Espírito e o corpo quando este, num estado de repouso a que chamais — sono, fraqueza, catalepsia — se acha separado da inteligência que o anima. O Espírito retoma uma liberdade momentânea e restrita, mas permanece ligado ao corpo, de que se separou, por uma cadeia elétrica, que é o laço fluídico do perispírito, laço que o reconduz ao invólucro material logo que as necessidades humanas o ordenam.

A morte, a morte real não tem despertar material e a vontade imutável do Senhor jamais força o Espírito a se unir à podridão. Dizemos — podridão — porque, uma vez quebrado o laço perispirítico, começa o apodrecimento da matéria, ainda mesmo que a vida orgânica não se tenha extinguido *aos olhos dos homens*. A vossa ciência, por enquanto, é incapaz de comprovar os primeiros efeitos e indícios da decomposição, mas, não obstante, eles existem. Segue-se

que, com relação ao filho da viúva de Naim, como com relação à filha de Jairo, a Lázaro e a todos os outros "mortos", *aos olhos humanos bem entendido*, não se quebrara o laço que une o Espírito ao corpo. A morte, pois, era *apenas aparente*, mas fora considerada *real pelos homens*. Jesus chamou o prisioneiro que se afastara do seu cárcere carnal e ele, submisso e dedicado, voltou incontinenti. Não têm outra causa qualquer os fatos desta natureza, referidos tanto no Antigo Testamento, como na Boa-Nova.

Acabamos de dizer, falando do filho da viúva de Naim, que, submisso e dedicado, o Espírito voltou à sua prisão carnal. Para que ocorressem todos os fatos que se haviam de produzir pela ação de Jesus, deixando, através da narração evangélica, traços e lembranças entre os homens, os Espíritos que, por pertencerem ao grupo dos participantes da obra do Mestre, deviam concorrer para a produção desses fatos, se colocavam voluntariamente, nas condições precisas, ao longo do caminho que ele percorria e desempenhavam assim a missão que trouxeram quando encarnaram. O fato ocorrido com o filho da viúva de Naim, como os que se deram com a filha de Jairo e com Lázaro, estava no número daqueles. O Espírito do filho da viúva obedecia, portanto, com submissão e devotamento à vontade de Jesus.

O estado real em que se encontrava o mancebo era o de catalepsia completa, único estado sincopal que pode apresentar por longo tempo as aparências da morte, de modo a ser tido pelo de morte *real*.

Jesus tocou o corpo e não o esquife, que os Hebreus não usavam para enterrar os mortos, e o fez com o fim de deter a marcha do cortejo. Sua vontade, expressa por estas palavras: "Levanta-te, mancebo; eu o ordeno", reconduziu o Espírito ao corpo, que despertou do seu prolongado sono e imediatamente

readquiriu, pela volta do Espírito e pela influência benéfica do Mestre, pela ação do seu poder magnético, a força e a lucidez que perdera.

Esse Espírito, já o dissemos, submisso e devotado, estava pronto a voltar, por ordem de Jesus, ao corpo. Mas, este, não se achando sustentado pela vitalidade da matéria, desde que, em virtude do afastamento do Espírito, o laço fluídico se distendera cada vez mais e se tornara assim muito fraco, necessitava da ação poderosa do Mestre para readquirir de súbito, graças aos fluidos que o penetravam, a força e a vitalidade. A restituição da vitalidade ao corpo foi devido àquela potência magnética, que restabeleceu a harmonia entre as forças vitais.

Repetimos: uma vez morto realmente, pela ruptura do laço espírita que une o Espírito ao corpo, isto é, por se haver o Espírito, com o perispírito, separado completamente do corpo, jamais pode o homem readquirir a vida corporal humana, pela volta de um e outro à podridão chamada cadáver.

Nesse caso, desde que o Espírito voltou à sua vida primitiva, à vida espírita, não lhe é mais possível retomar a vida corporal humana senão por meio da reencarnação, de acordo com as leis naturais e imutáveis da reprodução, em vigor na Terra.

Repetimos: a vontade imutável de Deus jamais força o Espírito a se unir à podridão; jamais derroga, quer para o vosso planeta e a humanidade terrena, quer para os outros mundos e para suas humanidades, as leis naturais e imutáveis que ele mesmo promulgou desde toda a eternidade e que se executam sob a ação espírita universal.

Repetimos também: em todas as "ressurreições" de mortos segundo os homens, operadas na Terra em todas as épocas; especialmente as de que falam tanto

o Antigo Testamento como a Boa-Nova, a do filho da viúva de Naim, a da filha de Jairo e a de Lázaro, não houve mais do que a volta do Espírito a um corpo que ele não abandonara inteiramente, isto é, a que se conservara ligado e preso pelo laço fluídico do perispírito. Assim, não havia cessação da vida, morte *real*, nem cadáver. Não havia mais do que *suspensão* da vida, morte *apenas* aparente e, por conseguinte, um estado de catalepsia completa, que passava aos olhos dos homens por um estado de *morte real*.

Quanto ao caso do filho da viúva de Naim, o cortejo seguia silenciosamente sua marcha, Jesus o faz parar e diz à mãe do mancebo, como disse aos que choravam e se lamentavam em casa de Jairo: "Não choreis". Tendo todos parado, ordenou: "Mancebo, levanta-te" exatamente como fizera com a filha de Jairo, a quem disse: "Menina, levanta-te". E, em seguida, se afasta.

Ninguém proferiu palavra *na presença de Jesus*, diante de seus discípulos, da multidão que os acompanhava e dos que compunham o cortejo.

Ninguém afirmou, referindo-se ao filho da viúva de Naim: "Ele está morto". Jesus, portanto, nada tinha que dizer para salvaguardar a interpretação futura, *em espírito e verdade*, do ato que acabava de praticar.

Pelo seu silêncio, deixou *intencionalmente* sujeito às interpretações futuras aquele fato, tido por *milagroso* pelos que o presenciaram e pelos que dele ouviram falar. Assim procedeu porque o fato em questão tinha que contribuir para tornar aceita a sua missão e para que esta produzisse frutos naquele momento e no futuro, cabendo à revelação do Espírito da Verdade por ele predita e prometida, à revelação atual, explicá-lo.

Os que formavam o cortejo, os discípulos, a multidão que os seguia, os que ouviram narrar o fato acreditaram todos na morte real do filho da viúva

de Naim e na sua ressurreição. Para todos, o mancebo estava *morto* e Jesus o *ressuscitava* no sentido que davam a esta palavra, acordemente com seus preconceitos e tradições.

Tal crença era fruto exclusivo das opiniões, das apreciações humanas, pois que Jesus *nada* dissera sobre o estado *real* do mancebo.

Os evangelistas, narradores do fato, tiveram, como sempre, que o relatar e relataram registrando o ato e as palavras de Jesus, segundo as opiniões, apreciações e interpretações humanas a que o mesmo fato dera lugar e que eles esposavam. De modo que, conforme haveis de notar, relatam o fato tal como fora por todos compreendido. Assim é que dizem, falando do mancebo: "um morto" (v. 12), "aquele que estava morto" (v. 15).

A resposta a esta pergunta: "o rapaz estava ou não morto?" tinha que ser confiada às interpretações humanas até aos vossos dias, durante longos séculos. A revelação atual, que vos vem explicar, em espírito e em verdade, a situação real daquele que estava morto no entender dos homens, a natureza e o caráter reais do ato que Jesus praticou, responde a essa pergunta e o faz quando os progressos realizados pela ciência humana, os estudos e as observações sobre o magnetismo é o sonambulismo magnético, quando a ciência espírita, que é o facho condutor, vos puseram em condições de compreender a resposta.

Em chegando o momento, explicar-vos-emos os fatos relativos à filha de Jairo e a Lázaro, porém, desde já, a título de nota, vos diremos o seguinte:

Quanto à filha de Jairo: os servos que levaram ao chefe da sinagoga a notícia da morte da menina lhe disseram, na presença de Jesus, dos discípulos e da multidão: "Tua filha morreu, não dês ao Mestre o incômodo de ir vê-la". Jesus, porém, foi e, chegando à casa de Jairo, disse aos que choravam e se lamem-

tavam: "Não choreis; a menina não está morta, apenas dorme".

Aos tocadores de flauta e ao grande número de pessoas que lá se encontravam fazendo grande alarido, disse igualmente: "Retirai-vos, porquanto a menina não está morta, apenas dorme". Estas palavras foram por todos acolhidas com zombeteira incredulidade, por saberem, dizem os narradores, que ela estava morta. E essa opinião da massa ignorante prevaleceu sobre as declarações expressas e contrárias do Mestre. Os discípulos não viram senão um *milagre* no fato que Jesus produzira e que eles não podiam nem explicar, nem compreender. E tal opinião tinha que durar séculos, como durou. Até aos vossos dias, em que a incredulidade por sua vez a atacou e recusou admitir o fato, por não o saber explicar e não crer em milagre, o que os homens daquela época acreditaram é o que a Igreja ainda ensina: a morte real da filha de Jairo e a sua *ressurreição*, no sentido da volta do Espírito a um cadáver.

Mas, já vo-lo dissemos, não censureis; tudo tem a sua razão de ser. Essas crenças constituíram uma condição e um meio de progresso para a Humanidade. Jesus conhecia o estado das inteligências, as necessidades e as aspirações da época e sabia que aquela opinião humana ia prevalecer. Por isso mesmo salvaguardou o futuro, quando disse: "A menina não está morta, apenas dorme", deixando à revelação atual o encargo de, *diante da narração evangélica*, explicar, *em espírito e verdade*, o suposto *milagre*.

Quanto ao fato relativo a Lázaro: Jesus apropriou sua linguagem à situação, ao que devia ser, e dispôs tudo por maneira a que servisse ao presente e preparasse o futuro, reservando aos tempos, então vindouros, da revelação atual, os elementos e os meios de explicar aquele fato *em espírito e verdade*.

Como no caso da filha de Jairo, ele disse: "Esta enfermidade não é mortal; não chega a causar a morte; vosso amigo Lázaro dorme — vou despertá-lo". É

verdade que disse também: "Lázaro está morto", porém disse-o respondendo a esta pergunta dos discípulos: "Mas, se ele está dormindo, curar-se-á?"

Lázaro estava morto aos olhos dos homens, estava-o *para todos*, menos para Jesus, que o sabia apenas *adormecido* e que, assim, o ia *despertar e não ressuscitar* no sentido em que os homens empregam esta palavra. A enfermidade de Lázaro não era mortal, não chegava a causar a morte. Ele, portanto, não morreria, não estava morto.

No momento oportuno, explicar-vos-emos quais são, *em espírito e verdade*, o sentido e o porquê das palavras: "Lázaro está morto", ditas por Jesus como resposta àquela pergunta dos discípulos.

Quando for ocasião, explicaremos o fato ocorrido com Lázaro e a origem da opinião humana de Marta que, como as demais pessoas, lhe acreditou na morte real, chegando a dizer: "Ele cheira mal, pois que está aí há quatro dias".

No desempenho da sua missão terrena, Jesus tudo dispunha tendo em vista a época em que pessoalmente falava aos homens e os séculos ainda distantes. Tinha por isso o cuidado de estabelecer as bases, de preparar os elementos e os meios para a explicação futura, *em espírito e em verdade*, dos seus atos e palavras, de modo que cada era recebesse o que pudesse comportar.

Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, os atos e as palavras do Mestre com o que reflete e reproduz as opiniões, apreciações e interpretações humanas, que trazem o cunho da época e do meio em que ele desempenhou a sua missão. Quanto às suas palavras, não lhes dêis nunca, querendo apreender-lhes o verdadeiro sentido, querendo penetrar o pensamento a que servem de roupagem, querendo apreciar e determinar *a natureza* e o *caráter* de seus atos, um sentido *literal* que as ponha em contradição *consigo mesmas*. Interpretai-as conforme ao espírito e

compreendei-as, como é necessário, sem as isolar umas das outras, de sorte que, consideradas na íntegra, em vez de se contradizerem, formem um composto harmonioso.

**MATEUS, Cap. VIII, v. 14-17. — MARCOS, Cap. I, v. 29-34.
—LUCAS, Cap. IV, v. 38-41**

*Cura da sogra de Pedro. —
Enfermidades curadas*

MATEUS: V. 14. Tendo ido a casa de Pedro, Jesus aí encontrou a sogra deste de cama e com febre. — 15. Tocou-lhe na mão e a febre desapareceu; ela se levantou imediatamente e se pôs a servi-lo. — 16. Pela tarde apresentaram-lhe muitos possessos e de todos expulsou ele com a sua palavra os maus Espíritos e curou os que estavam doentes; — 17, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

MARCOS: V. 29. Saindo da sinagoga, vieram com Tiago e João a casa de Simão e de André. — 30. Ora, achando-se a sogra de Simão de cama com febre, logo falaram dela a Jesus; — 31, e este, aproximando-se, lhe pegou na mão e a fez levantar-se; no mesmo instante a febre a deixou e ela se pôs a servi-lo. — 32. Ao cair da tarde, quando o sol já se escondia, trouxeram-lhe muitos doentes e possessos; — 33, aglomerando-se à porta da casa todos os habitantes da cidade. — 34. E ele curou muitas pessoas atacadas de diferentes moléstias e expulsou muitos demônios aos quais não permitia que falassem, porque o conheciam.

LUCAS: V. 38. Saindo da sinagoga, entrou Jesus na casa de Simão, cuja sogra estava com muita febre e lhe pediram que se compadecesse dela. — 39. Inclinando-se sobre ela, Jesus ordenou à febre que a deixasse e a febre a deixou; ela se levantou imediatamente e começou a servi-los. — 40. Ao pôr do sol, todos os que tinham doentes atacados de moléstias diversas os traziam e ele, pondo sobre cada um as mãos, os curava. — 41. De muitos os demônios saíram gritando e dizendo: És o filho de Deus. Mas Jesus os ameaçava e não lhes permitia que falassem, por isso que sabiam ser ele o Cristo.

N. 115. São sempre doenças e enfermidades físicas a curar, subjugações, tanto corporais, como corporais e morais, a fazer cessar; e os meios empregados, quer para a cura das moléstias, quer para a libertação dos subjugados, são sempre os mesmos, para edificação dos incrédulos.

Sim, tanto a cura da sogra de Pedro, como as dos outros doentes que se apresentaram ao pôr do sol, todas se operaram pelo mesmo processo: pela ação magnética. Aproximando-se da sogra de Pedro, Jesus lhe tomou da mão e a sua vontade imprimiu a esse contacto magnético a força necessária para determinar o desaparecimento da moléstia.

Não acrediteis que Jesus precisasse usar e usasse, para obter cada uma das curas que operou, de fluidos diferentes, especialmente apropriados a cada moléstia; não. Os fluidos mais ou menos se assemelham. Fluidos purificadores e regeneradores, quando se trata de um organismo vital viciado; fluidos fortificantes, quando se trate de restabelecer a ação dos músculos, dos nervos, do mecanismo — tais são os dois princípios fundamentais dos fluidos.

Jesus applicava o remédio adequado ao mal, qualquer que fosse a sua natureza.

Não concluais, porém, que o magnetizador, por não ter consciência nem conhecimento daqueles fluidos e dos efeitos que devam produzir, se ache impossibilitado de obrar com segurança, do ponto de vista da cura, na medida da sua elevação, da sua pureza, das suas faculdades magnéticas, uma vez que tenha fé e o impulsione a vontade de fazer o bem; não. Pelo seu próprio poder vital ele atrai os fluidos, mas nunca atua sozinho. Os Espíritos protetores da Humanidade, que o assistem, escolhem os fluidos e os dispõem para que produzam o desejado efeito, dentro dos limites do que é permitido. Ajudam a boa vontade do operador, conformemente aos desígnios do Mestre.

Pelo que respeita às curas morais, que operou afastando dos subjugados os Espíritos obsessores, fazendo assim cessar a subjugação, Jesus (como já o explicamos no n. 74, 1º vol.) expulsava os maus Espíritos pelo poder superior a que os Espíritos inferiores não podem resistir, quando é posto em ação.

Ele não permitia que os obsessores dissessem que o conheciam, que sabiam ser o Cristo quem os expulsava, porque cada coisa tinha de vir a seu tempo. Se o Mestre fora reconhecido mais cedo, os fariseus, os escribas, os príncipes da *igreja* teriam começado prematuramente a persegui-lo. Não esqueçais que ele tinha a presciência dos acontecimentos, que os Espíritos inferiores eram ignorantes, que, portanto, lhe cumpria dar-lhes ordens conformes ao fim a que desejava chegar.

Jesus não se mostrava aos maus Espíritos, aos obsessores, na glória que cerca o Santo de Deus, o Senhor e Mestre do vosso planeta e da sua humanidade. Mostrava-lhes apenas (já o dissemos no n. 74, 1º vol.) seu Espírito; mas, a força da sua vontade bastava para lhes demonstrar o seu imenso poder.

Quando, ao se afastarem, bradavam pela boca dos subjugados, então médiuns falantes: "És o filho de Deus", os obsessores reconheciam nele os sinais característicos dos Espíritos superiores e estes, como todos nós e vós, são filhos do onipotente, *filhos do Altíssimo*.

Chamando-lhe — "filho de Deus" — não lhe davam dessa filiação título diverso do que Jesus se atribuía diante dos homens, quando os tratava por "meus irmãos", quando lhes ensinava a dizer, referindo-se ao Senhor Deus: "nosso pai".

Os que se apóiam nestas palavras bem sabem quanto é frágil o apoio, tanto que só a tremer descansam nele a mão; não havendo um só que creia *firmemente* no princípio que apresentam como artigos de fé.

Jesus, pela sua vida humana aparente e pelo desempenho da sua missão terrena, tendo uma e outra por objeto ensinar e exemplificar, deu cumprimento a estas palavras do profeta Isaías: "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças". Desceu ao meio dos homens para lhes ensinar a sofrer a fim de se regenerarem. Curou os males que encontrou no seu caminho e, *unicamente* a título de lição e de exemplo, suportou, *aos olhos dos homens*, os males de que se carregara.

**MARCOS, Cap. I, v. 35-39. —LUCAS,
Cap. IV, v. 42-44**

*Retirada para o deserto. —Prece. —
Pregação*

MARCOS: V. 35. No dia seguinte, tendo-se levantado muito cedo, saiu e foi para um lugar deserto onde se pôs a orar. — 36. Simão e os que com ele estavam lhe foram no encalço; — 37, e, quando o encontraram, lhe disseram: Toda gente te procura. — 38. Ele então disse: Vamos às aldeias e cidades próximas a fim de que também aí eu pregue, pois foi para isso que vim. — 39. E assim pregava nas sinagogas e por toda a Galiléia e expulsava os demônios.

LUCAS: V. 42. Ao nascer do dia, saiu e foi para um lugar deserto; a multidão que o procurava veio ter com ele e não o largava com receio de que se fosse embora. — 43. Ele, porém, lhes disse: É preciso que também nas outras cidades eu anuncie o reino de Deus; pois para isso é que fui enviado. — 44. E pregava nas sinagogas da Galiléia.

N. 116. Não esqueçais nunca que a linguagem humana e a narração dos evangelistas são conformes, debaixo da influência e da inspiração mediúnicas, às crenças dos apóstolos, dos discípulos e da multidão que acompanhava os passos de Jesus, crenças que, como homens, eles adotaram (já o explicamos) de acordo com os tempos e as fases da missão que desempenhavam.

Jesus não estava submetido, *materialmente*, às necessidades humanas; mas, *aos olhos dos homens*, as experimentava. Quer isso dizer que elas eram aparentes e não reais. Assim, o repouso noturno não lhe era necessário. Entretanto, ao que supunham os homens, ele se levantara muito cedo, mal despontara o dia, ensinando-lhes, com o exemplo de tão grande atividade,

que não deviam dar-se a um repouso inútil, nem consagrar demasiado tempo aos cuidados pessoais.

Todas as vezes que desaparecia das vistas humanas, é que voltara, como o sabeis, às regiões superiores. Segundo os homens, porém, ele se retirara para lugar deserto, onde se conservava em vigília, orando. Também nesse desaparecimento havia uma lição. Ensinava que todos devem estar constantemente vigilantes, a fim de se acharem sempre prontos a comparecer diante do Senhor.

De volta das regiões superiores, onde estivera durante a noite, *foi visto* saindo de casa ao despontar do dia, muito cedo, *a fim* de indicar a direção que deviam tomar os discípulos e a multidão para encontrá-lo. E, no momento em que o encontraram Simão e todos os que o procuravam, já ele retomara o seu corpo perispírico, com a aparência da corporeidade humana.

Meditai nas palavras que lhes dirigiu, quando a multidão pretendia retê-lo. Encerram também um ensino dado a todos os apóstolos da palavra evangélica e da nova revelação. Ensinam-lhes que não se devem deixar ficar onde já tenham executado a sua tarefa, interessando a todos os seus irmãos o apostolado que desempenham.

MATEUS, Cap. VIII, v. 18-22. —LUCAS, Cap. IX, v. 57-62

Seguir a Jesus. —Deixar que os mortos enterrem seus mortos. —Não olhar para trás

MATEUS: V. 18. Vendo-se Jesus cercado por grande multidão, resolveu atravessar o lago. — 19. Então um escriba se aproximou e lhe disse: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores. — 20. Jesus lhe disse: As raposas têm suas tocas; os pássaros do céu têm seus ninhos; mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça. — 21. Outro discípulo lhe disse: Senhor, permite que primeiro eu vá enterrar meu pai. — 22. Jesus lhe retrucou: Deixa que os mortos enterrem seus mortos.

LUCAS: V. 57. Quando iam a caminho, um homem lhe disse: Senhor, eu te acompanharei para onde quer que fores. — 58. E Jesus lhe disse: As raposas têm suas tocas, os pássaros do céu têm seus ninhos; mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça. — 59. E disse a outro: Acompanha-me. Ao que ele respondeu: Senhor, permite que vá primeiramente sepultar meu pai. — 60. Jesus lhe disse: Deixa que os mortos enterrem seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus. — 61. Disse-lhe outro: Eu te seguirei, Senhor, mas permite que vá antes dizer adeus aos de minha casa. — 62. Jesus lhe disse: Aquele que, tendo posto a mão no arado, olhar para trás não serve para o reino de Deus.

N. 117. Por estas palavras, certamente não pretendeu Jesus prescrever aos homens que, para trilharem o caminho por ele indicado e anunciarem o reino de Deus, isto é, para mostrarem as sendas e os meios que conduzem à vida eterna, renunciassem às exigências e necessidades da existência humana, relativas tanto à habitação como aos alimentos e ao vestuário, que renunciassem ao cumprimento dos deveres para com os despojos mortais daqueles a quem os prendiam os laços do sangue ou da amizade, que rompessem as ligações de família, que a repu-

diassem os deixassem de cumprir as obrigações que lhes ela impõe.

Devendo sempre procurar o *espírito*, o homem frequentemente esbarrou na *letra*.

O erro dos que comentam as palavras de Jesus consiste em admitirem, para umas, o símile, a figura oriental, que recusam às outras; em lhe falsearem ou modificarem o pensamento, de acordo com os tempos, desfigurando-o ao sabor das conveniências, atribuindo assim ao Mestre absurdos de que mesmo o homem se envergonharia.

Buscai nas palavras de Jesus o *espírito* sob o véu da *letra* e encontrareis sempre uma lição de justiça, de amor, de devotamento, de caridade imensa, *uma luz sempre nova* na estrada do progresso.

Tratai, pois, de compreende-las todas em espírito e em verdade, segundo o espírito que vivifica e não segundo a letra que mata.

O conjunto das que se contêm nos versículos que, neste momento, nos cabe explicar ensina que o homem antes de tudo deve cumprir as obrigações que o Mestre lhe impôs.

Cada uma de suas palavras comporta uma explicação à parte, cada uma encerra um ensinamento, um preceito.

Nas que dirigiu ao escriba, mostrava quão pouco caso devem os homens fazer das voluptuosidades da vida humana, se querem segui-lo e caminhar nas suas sendas.

Importa-lhes não procurar as doçuras e o repouso da vida material. A atividade, a energia, a confiança, tais os móveis da vida.

Ensinava-lhes a serem desprendidos de tudo, a nunca se preocuparem demasiadamente, mais do que seja preciso, com seus interesses particulares.

Por estas palavras: "Deixa que os mortos enterrem seus mortos ; e, quanto a ti, vai e anuncia o

reino de Deus", dirigidas ao que pedia permissão para ir, antes de segui-lo, enterrar o pai, não disse Jesus: abandona às aves de rapina, aos cães famintos, os despojos mortais daqueles a quem amaste, daqueles a quem estiveste unido pelos laços do sangue ou da amizade, os despojos mortais de teus irmãos.

Deitaríeis fora, por acaso, as roupas que eles tivessem usado, os objetos que lhes fossem caros? — Não.

Fazei com os corpos mortos o que fazeis com essas nadas que vos lembram os que amastes. Não os profaneis, porquanto, se o Espírito não está mais aí, já esteve. Sepultai os mortos: que a profanação não os conspurque; que suas emanções não empestem o ar; mas, não façais do enterramento um culto, nem — o que é pior — objeto de ostentação e de luxo. A quantos dentre vós importa mais o estrépito de um enterro brilhante do que a lembrança daqueles cujos corpos são assim pomposamente levados à sepultura! Ah! deixai que os mortos enterrem seus mortos e dispensai, oh! bem-amados, ao envoltório material, a atenção devida a um objeto que o defunto amou. Amai, porém, amai com todo o vosso amor aquele que se ausentou desse corpo inanimado. Para ele os vossos cuidados, o vosso amor. Consista o vosso luxo em orações íntimas, saídas do coração. Não deixeis que arrefeça o vosso zelo por aquele que abandonou o corpo, como arrefece com relação a esse corpo.

Entraí num desses recintos povoados de cadáveres e apreciái a progressão decrescente do afeto e da lembrança. Contemplai as flores que fenecem pouco a pouco e das quais não resta o mais ligeiro sinal ao cabo de alguns anos. Vede como o musgo e os parasitas progridem na pedra, tanto quanto os vermes no corpo. Compreendereis então não ser a morte material o que atrai o homem.

Que são os despojos mortais deste? Matéria que os vermes decompõem, um composto tirado do todo universal e que a ele tem que voltar, subdividindo-se. Não deis, portanto, valor pueril a esses restos que a terra reclama. Só o Espírito que os animava não perece, só ele vê, sente, ama e sofre.

Os mortos de que Jesus falava são os que vivem exclusivamente para o corpo e não pelo Espírito e para o Espírito; são aqueles para quem o corpo é tudo e o Espírito nada, aqueles que, tendo ouvidos para ouvir e compreender, não ouvem nem compreendem, que são incapazes de ouvir e compreender, que têm olhos para ver e não vêem, que são incapazes de ver.

Abandonai, pois, os mortos. Que os mortos pelo Espírito e para o Espírito, vivos para o corpo, aos quais falecem outras consolações, se agarrem a esses amontoados de podridões. Deixai-lhos. *Deixai que enterrem seus mortos.* Abandonai-lhes esses mortos e ide vós pregar a vida eterna. Consolai, amparai, exortai os homens e fazei-os entrar nas veredas *da vida*, onde tudo é perfume e luz.

Quanto a estas palavras: "Aquele que, tendo posto a mão no arado, olha para trás de si, não serve para o reino de Deus", dirigidas ao que lhe pedia permissão para ir, antes que partisse com ele, despedir-se dos que deixara em casa, é preciso que o homem lhes busque o espírito e não se atenha à *letra*.

Houve quem acusasse o Mestre de, por essas palavras, pregar a secura de coração, de despedaçar os laços tão brandos da família. Oh! bem longe estava isso do seu pensamento.

Como pudera Jesus, todo amor e devotamento, ensinar o egoísmo? Não, não!

O que, por aquela forma, dizia aos homens era: não olheis para trás, quando vos achardes na estrada

do bem, pois que sempre haverá um laço que vos retenha.

Refleti antes de vos pordes a caminho, antes de colocardes no sulco o arado; mas, uma vez feito isso, uma vez convencidos de que ele rasga o solo no ponto em que a semente deve ser lançada para produzir, não pareis mais, caminhai para diante.

No momento em que estas palavras acabavam de ser escritas, o médium, sob outra influência mediúnica que se fez sentir espontaneamente, escreveu, com uma caligrafia *diferente e magistral* o seguinte:

"Deixa que os mortos enterrem seus mortos e vai tu e anuncia o reino de Deus; deixa entregues a si mesmos os que se mostram incapazes de ver a luz; trata, primeiramente, de levá-la aos que *a desejam*.

"Aquele que, tendo posto a mão no arado, olha para trás de si, não serve para o reino de Deus: É preciso que as condições *pessoais, egoísticas*, não te façam voltar atrás e abandonar a obra que tens de executar. Começaste a caminhar para a frente, segue teu caminho, pois parar é recuar .

Ante tal manifestação, dirigimos aos Espíritos purificados que presidem à execução desta obra e ao que acabava de manifestar-se estas palavras: "Dignai-vos de permitir vos agradeçamos a boa vontade que tendes de nos esclarecer e de nos dar a luz e a verdade; que Deus nos conceda a graça de progredirmos sempre na senda do amor infinito que conduz a ele e na da caridade que se universaliza na imensidade das suas obras.

Espontaneamente ainda e com a mesma caligrafia magistral, o médium escreveu:

"Jesus vos abençoa .

Depois, escreveu mediunicamente, com a caligrafia de que antes usava:

.Foi um Espírito intermediário de Jesus junto de vós quem se manifestou e vos transmitiu a palavra do Mestre, encarregado, como seu mandatário, de assinar por ele. Para bem apreciardes a vossa posição em tal caso, dir-vos-emos: "É a palavra do monarca transcrita pelo secretário, mas selada com as armas reais".

Conheceis as relações que existem entre os homens e seus guias espirituais. Sendo por demais material, a natureza do homem terreno não lhe consente entrar em relação fluídica com os Espíritos de ordem muito superior. A transmissão das palavras do chefe se faz então por intermédio de Espíritos mais ou menos elevados, de conformidade com os extremos que devam ser postos em contacto. O Mestre, com vigilante ternura, olha para todos vós e seu amor leva em conta os vossos menores esforços. Mas, se, por estar Jesus muito acima dos Espíritos que vos servem de guias e protetores, estes não são por ele pessoalmente dirigidos, com mais forte razão, entre ele e vós indispensáveis são os intermediários. O Espírito que vos transmitiu as palavras do Mestre é um dos que recebem suas ordens e espalham, sob a sua direção, a luz e a ciência. Grande seja o vosso reconhecimento!

A bondade do Senhor desce sobre os que se esforçam por submeter-se às suas leis. Paciência, coragem, perseverança, fé e amor.

Mateus, Marcos, Lucas e João,
Assistidos pelos Apóstolos .

**MATEUS, Cap. VIII, v. 23-27. —MARCOS,
Cap. IV, v. 35-41. —LUCAS, Cap. VIII, v. 22-25**

Tempestade aplacada

MATEUS: V. 23. Tomou em seguida a barca, acompanhado pelos discípulos. — 24. E eis que se levantou no mar uma tempestade tão grande que as ondas cobriam a barca. Ele, entretanto, dormia. — 25. Os discípulos então se aproximaram dele e o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos. — 26. Jesus lhes respondeu: Porque tendes medo, homens de pouca fé? E, levantando-se, mandou que os ventos e o mar se aquietassem e grande bonança logo se fez. — 27. Os homens, cheios de admiração, diziam: Quem é este a cujas ordens os ventos e o mar obedecem?

MARCOS: V. 35. Nesse dia, ao cair da tarde, disse-lhes ele: Passemos para a outra margem. — 36. E, despedida a multidão, levaram consigo Jesus na barca onde ele se achava; outras barcas o seguiam. — 37. Levantou-se grande ventania que, atirando as vagas sobre a barca, a enchiam d'água. — 38. Jesus, que se achava à popa, dormia reclinado num travesseiro. Eles o acordaram, dizendo-lhe: Mestre, não se te dá que pereçamos? — 39. Jesus, levantando-se, falou ao vento e ao mar dizendo: Cala-te, emudece; o vento cessou e logo reinou grande calma. — 40. E ele lhes disse: Porque sois tão tímidos? ainda não tendes fé? - 4 1 . E todos, cheios de temor, diziam uns aos outros: Quem julgas seja este a quem o vento e o Mar obedecem?

LUCAS: V. 22. Certo dia, tendo entrado numa barca com os discípulos, disse-lhes: Passemos para a outra margem do lago; e partiram. — 23. Enquanto faziam a travessia, ele adormeceu e grande ventania se desencadeou sobre o lago, enchendo d'água a barca e pondo-os em perigo. — 24. Os discípulos se acercaram dele e, despertando-o, disseram: Mestre, soçobramos. Jesus, levantando-se, falou ameaçadoramente ao vento e às ondas agitadas. Tudo logo cessou e reinou grande calma. — 25. Disse-lhes ele então: Onde está a vossa fé? Eles, porém, cheios de temor e de admiração, perguntavam uns aos outros: Quem julgas seja este que dá ordens aos ventos e às ondas e é obedecido?

N. 118. Jesus, vós o sabeis, não estava sujeito ao sono, nem a nenhuma outra necessidade da existência humana. Para os homens, ele adormecera e tiveram que o despertar. Na realidade, porém, apenas quis, pela demonstração do seu poder sobre os elementos, ferir a imaginação dos discípulos e desenvolver-lhes a fé. Os Espíritos encarregados das águas e dos ventos, obedecendo-lhe, como todos os outros, tudo prepararam para produzir o terror nos discípulos daquele que também lhes era o Mestre e cumpriram docilmente suas ordens, quando ele mandou que toda a agitação cessasse.

A explicação dos meios pelos quais os Espíritos prepostos produziram o tufão, a tempestade e a fizeram cessar se acha ainda muito acima do alcance das vossas inteligências.

Cada reino da natureza está submetido à direção de Espíritos especiais e cada um obra empregando os meios que o Senhor lhe facultou. A produção de tais efeitos, de tais sucessos tem sempre por base a ação do Espírito sobre os fluidos. O choque destes contribui para que sintais a influência do vento. A ação magnética exercida sobre as massas de água as levanta e, diminuída essa atração, a calma se restabelece. Não é que cada vaga do Oceano esteja submetida à ação de um Espírito encarregado de a mover como se fora um brinquedo de criança. Os Espíritos prepostos a tais efeitos concentram os fluidos atrativos nos pontos em que deverá desencadear-se a tempestade.

Tudo para nós tem uma causa explicativa, mas muitas coisas preciso é que se conservem para vós obscuras. Contentai-vos com o pouco que vos podemos dar, de acordo com o estado das vossas inteligências. Tratai de obter mais pelo estudo, pelo trabalho, pela observação, executados com desinteresse, humildade de coração e espírito, fé, amor e desejo de progredir.

Os encarregados das águas e dos ventos, como os outros Espíritos especiais a cuja direção se acha subordinado cada um dos reinos da natureza, são Espíritos purificados, incumbidos de uma missão e, para desempenhá-la, empregam, como lhes apraz, os que lhes estão inferiores, quando o concurso destes se faz necessário.

Ficai sabendo; tudo em a natureza é magnetismo, é atração e ação magnética subpostas à ação espírita e Deus não concede seus poderes senão aos que o mereceram. O Senhor não confia a aplicação e a execução das leis que estabeleceu desde toda a eternidade para a regência da vida e da harmonia universais, para a realização de seus desígnios e da sua providência, senão aos Espíritos que ele sabe serem capazes e dignos desse encargo.

N. 119. Como conciliar-se a ação dos Espíritos na produção do fenômeno das tempestades e, conseqüentemente, dos naufrágios que ocasionam, num instante fatal, a morte de certas pessoas como termo de suas provações terrenas, com as descobertas pelas quais a Ciência, de antemão, determina o lugar e a época dos fenômenos e sucessos meteorológicos, atmosféricos, o que leva alguns homens a não verem nas tempestades e nos naufrágios mais do que a ação de uma força cega e necessária e, na morte dos naufragos, mais do que a obra daquilo a que chamam — acaso, negando assim a intervenção de Deus e a ação dos Espíritos por ele prepostos ao uso, ao emprego, à execução e à aplicação das leis naturais e imutáveis a que estão sujeitos os diversos fenômenos da Natureza?

Porventura a ciência humana também já predeterminou quais os que, ao menos na aparência, seriam vítimas desses efeitos?

Dizemos — ao menos na aparência — porque os que em tais casos perecem, conforme daqui a pouco explicaremos, são apenas *vítimas voluntárias*, no sentido de que são levados a semelhante fim em virtude da escolha, que fizeram, de suas provas; de que são levados a isso *pelos seus próprios Espíritos*, no sentido de que o que lhes sucede é consequência forçada das provações e *expições* que escolheram.

Tudo é sábio, tudo é grande nas leis divinas; só vós, homens, sois pequenos nas vossas orgulhosas apreciações.

A ciência um dia vos anunciará com exatidão o momento dos fenômenos da natureza. Então, dada a vossa elevação moral, física e intelectual, não mais tereis de sofrer expiações e provações quais as do naufrágio. É preciso que seja assim, porque é preciso que tudo progrida e tudo marche regularmente na obra divina.

Dia virá em que, tendo vós alcançado a elevação necessária, todos os casos que hoje vos causam espanto se vos tornarão familiares. Mas, nem por isso menos real será a ação dos Espíritos. A ciência humana, se lhe fora possível, anularia a existência de Deus, dizendo: "Previmos as tempestades, logo, elas se desencadearam porque assim devia acontecer". De tal sorte, os fenômenos da natureza seriam apenas o resultado da ação de uma força cega e necessária e não obra de uma inteligência suprema e providencial, que age por intermédio de Espíritos ativos e devotados, aos quais incumbem o uso, o emprego, o funcionamento, a aplicação e a execução das leis naturais e imutáveis que ela estabeleceu desde toda a eternidade. Deste modo é que aquela inteligência obra, por sua vontade livre e imutável, no sentido de que age segundo essas mesmas leis que ela dirige, aplica, faz funcionar, executar, objetivando o progresso físico, moral e intelectual, dentro da vida e da harmonia universais. Prevendo-lhes e observando-lhes o

uso, a aplicação, os efeitos e a execução, essas leis são reconhecidas por aqueles mesmos que negam, porque não os vêem, o legislador que as promulgou e os agentes a quem incumbiu de as aplicar, de as fazer produzir seus efeitos, de as executar, nas condições e segundo as regras e os meios que lhes pôs nas mãos e se acham estabelecidos nas próprias leis. O legislador é — Deus; os agentes são — os Espíritos puros, aqueles que se podem aproximar do foco da onipotência e que, por sua vez, têm, como agentes submissos e devotados, conformemente à hierarquia espírita, os Espíritos superiores e os bons Espíritos.

O mesmo fora reconhecer a existência de qualquer máquina, prever-lhe e observar-lhe o uso, a aplicação, os efeitos, a execução da obra desde que o operário preposto do mecânico a fez funcionar e, ao mesmo tempo, negar, por não serem visíveis, o mecânico que a inventou e os operários, que a põem em movimento. O mecânico é Deus; os operários prepostos são os Espíritos.

Não, a natureza obedece a determinada marcha regular e, assim como o homem recebe sempre, pelas circunstâncias ou pelos acontecimentos que preparam, precedem, produzem e executam essa marcha, o aviso de que tem que morrer e, por conseguinte, de que lhe cumpre estar pronto para esse momento supremo, do mesmo modo, nas leis da natureza, todos os acontecimentos deixam prever a marcha que seguirão, por meio de sinais que a tempo compreenderéis.

As tempestades como as inundações, os fatos atmosféricos e todos os fenômenos da natureza são produzidos por Espíritos prepostos à produção desses efeitos, Espíritos que, todavia, seguem a marcha que lhes traça o Senhor para os preparar, guiar e realizar pelos meios de que os armou, mas sempre segundo as leis naturais e imutáveis por ele estabelecidas desde toda a eternidade.

Já o declaramos e repetimos: Dia virá em que a ciência poderá predizer o momento exato em que se produzirão os fenômenos da natureza. Quanto, porém, à previsão dos fenômenos atmosféricos, não acrediteis que os possais anunciar com a precisão com que os ponteiros marcam num mostrador as horas. Vossos cálculos serão muitas vezes perturbados, mas chegareis a prever sempre com muita aproximação. Isso vos permitirá, desde que o orgulho humano se resolva a consenti-lo, tomar as precauções necessárias para salvar as vossas colheitas, as vossas habitações e fazer redundar em proveito da Humanidade o que, até então, ela considerara calamidade.

Nada existe na natureza sem um fim. Somente a vossa ignorância impede que o compreendais e o homem tem, até certo ponto, o direito de dizer-se o rei da criação, no sentido de que nada *há secreto* que não deva ser dele *conhecido* e nada *oculto* que não deva ser *descoberto*, à medida que for aumentando a sua elevação moral e intelectual e, concorrentemente, física, segundo a lei morosa, mas regular do progresso. A bondade divina tudo submeteu ao império do homem; preciso é, porém, que ele aprenda a reinar como Senhor, como pai de família e não como tirano. É preciso que despedace as cadeias que prendam seus irmãos, para que aprenda a acorrentar o Oceano. É preciso que esteja sempre pronto a partilhar com seus irmãos o que possuir, para aprender a preservar suas colheitas das geadas, dos ventos e dos raios de um sol demasiado ardente. É preciso, enfim, que se aperfeiçoe *moralmente*, para obter o aperfeiçoamento físico do seu planeta.

Cada um dos séculos que se escoam com tanta lentidão vos traz uma parcela de progresso moral e intelectual. Moral, sim, porque, mau grado a todas as vossas imperfeições, tendes para o bem, tendes disposição para aceitar, *mesmo dentro da vossa cegueira*, as modificações capazes de vos melhorarem a espécie.

Conservais ainda uma parte da catarata que vos tira a vista. É exatamente do que procuramos agora curar-vos, pela nova revelação, pela influência e pela ação espíritas e com o concurso dos Espíritos encarnados aí em missão. Quando enxergardes nitidamente, caminhareis com passo firme e decidido pela via do progresso e a vossa carreira tomará então proporções vertiginosas. Coragem, coragem, bons obreiros! O amo vem visitar sua vinha e volta satisfeito por encontrar na faina os seus trabalhadores. Coragem, perseverança!

Tudo no seio da natureza tem que seguir a sua marcha regular. Longe está ainda a vossa ciência do que virá a ser. Grande poder o Senhor deu ao homem, mas é necessário que este se faça digno de exercitá-lo. Tudo é sábio, repetimos, na obra divina; tudo tem um destino e concorre, pela ação dos Espíritos do Senhor, segundo as suas vontades e sob o império de suas leis imutáveis — para a execução da obra geral, pelos fenômenos da natureza para o progresso do vosso planeta, de tudo o que nele existe e da vossa humanidade, concorrendo também para o cumprimento das vossas provações, das vossas expiações que, no conjunto da obra, representam elementos e meios de progresso. Os homens que sucumbem num naufrágio são levados a morrer assim por efeito das provações que escolheram. Portanto, seja ou não conhecida do homem a causa, o resultado existirá.

Aquele que, ao encarnar, escolheu por provação a morte violenta, precedida das angústias e alternativas que cercam os últimos momentos do naufrago, sujeito a se debater entre a submissão ao Criador, a resignação, o remorso das faltas passadas, a confiança na bondade divina e o pavor, a blasfêmia, a raiva insensata que se apodera de alguns nessa hora terrífica, será levado, pelo seu próprio Espírito, a preferir um navio a outro, a se ver urgido por um negócio a em-

barcar em determinada ocasião, a contar mesmo com um acaso feliz, com a sorte, com a sua boa estrela. E partirá porque, durante o desprendimento a que o sono dá lugar, o seu Espírito se torna consciente das sérias obrigações que contraiu e toma de novo a resolução de conduzir o corpo à situação em que, unidos, devem ambos terminar suas provas, voltando este à massa comum e libertando-se ele, o Espírito, da escravidão corporal e readquirindo a liberdade. A resolução assim retomada e da qual não resta lembrança no estado de vigília deixa no homem uma impressão vaga que vem a constituir o que se chama a sua inspiração, a determinante de seus atos.

Assim como não pode prever o seu naufrágio, também o homem não prevê a hora em que as chamas de um incêndio lhe devorarão a casa, em que será sepultado pelo desabamento da escavação, da mina, pedreira onde trabalhe e os que têm de perecer desse modo perecem. Porquê? Porque, semelhantemente ao náufrago, escolheram, para terminação da vida terrena, a morte violenta, cercada das angústias e alternativas das daquele e precedida da mesma luta entre a submissão ao Criador, a resignação, o remorso, a confiança na bondade divina e o pavor, a blasfêmia, o desespero. Como o náufrago, foram levados, pelos seus próprios Espíritos, a preferir uma habitação a outra, em certa ocasião, a preferir, para trabalhar, esta escavação àquela.

Os que tenham de perecer de qualquer desses modos, *por haver soado a hora final das suas provas terrenas e por serem de qualquer desses gêneros a provação e a expiação que escolheram*, perecem inevitavelmente.

Os que devam escapar à morte, por não haver soado ainda aquela hora, escapam. Os meios de salvamento lhes são facultados pela influência e pela ação dos Espíritos prepostos.

Não tendes visto duas pessoas caírem da mesma forma e nas mesmas condições e dar-se que uma pereça da queda e que a outra não morra? Não costumais dizer: foi milagrosamente salva?

Quando, num naufrágio, num incêndio, ou num desabamento todos perecem, é que todos tinham chegado ao termo de suas provações e haviam escolhido por provação e expiação aquele gênero de morte.

No mesmo dia, à mesma hora, não morre na terra uma porção de homens? Dêem-se ou não no mesmo lugar as mortes, a razão é sempre a mesma: terminação das provas terrenas.

Todos estes fatos ocorrem às vistas dos homens sem que eles procurem conhecer, quer as causas da morte, quer as causas, as influências que preparam e põem em prática os meios, quaisquer que sejam, de salvamento, fazendo-o por forma tal que tudo quanto deva suceder sucede.

Deus nada espera do que chamais — o acaso. Tudo o que tenha de acontecer, do ponto de vista da terminação das vossas provas, das vossas expiações, acontece pela ação dos vossos próprios Espíritos e sob a influência espírita.

Tudo tem, pois, a sua razão de ser: a pena de talião é muitas vezes escolhida pelo Espírito culpado. Um que, em precedente existência, cometeu o crime de assassinio friamente premeditado, pode obter, da bondade e da justiça do Senhor, expiar essa falta por uma lenta agonia, cujos transe e o depurem e o reconduzam Aquele a quem ofendera.

O que acabamos de dizer não convém seja separado, quanto ao que se deva entender pelo que chamais — o *instante fatal da morte*, atento o livre arbítrio do homem, da explicação que vos daremos acerca do Quinto Mandamento do Decálogo.

No estado de inferioridade em que ainda se acha

o vosso planeta, os flagelos, a peste, a fome e a guerra contribuem para o progresso dos povos, porque são meios de provações e expiações e servem para o desenvolvimento da civilização, da ciência, do adiantamento moral e intelectual, abrindo caminhos à atividade, à prática do devotamento e da caridade.

As vítimas dessas calamidades o são voluntariamente, pois que, a título de provação, de expiação ou de missão, procuraram por si mesmas nascer num país, no seio de uma família, viver ou achar-se em um lugar onde viessem a experimentar qualquer daqueles chamados flagelos.

São efetivamente flagelos, no sentido de que atingem indistintamente grandes e pequenos, lembrando assim ao homem que, diante do poder divino, todas as cabeças se encontram à mesma altura e que, uma vez caídas, todas ficam rentes com o solo.

Não vos lamenteis, portanto, quando virdes uma calamidade pública abater-se sobre um país. Dizei, ao contrário: "Bendito seja o Senhor, que estende seu flagelo por sobre as massas e pesa na sua balança o valor de seus povos, que manda às nações o progresso e a paz aos homens de boa vontade".

Tudo segue marcha regular objetivando o progresso de ordem física, de ordem moral e de ordem intelectual.

Tudo, na natureza, é preparado e dirigido pela ação dos Espíritos prepostos, segundo a vontade do Senhor e sob o império das leis naturais por ele estabelecidas desde toda a eternidade.

Foi assim que, pela vontade do Mestre, a quem Deus tudo outorga, que de Deus recebe diretamente a inspiração e ilimitados poderes, e pela ação dos Espíritos prepostos, se desencadeou e aplacou a tempestade, sucedendo-lhe grande calma.

MATEUS, Cap. VIII, v. 28-34. -- MARCOS, Cap. V, v. 1-20. —LUCAS, Cap. VIII, v. 26-40

Legião de maus Espíritos expulsos. —Libertação dos subjugados. — Porcos precipitados no mar

MATEUS: V. 28. Ao chegar Jesus, na outra margem do lago, à terra dos Gerasenos, vieram-lhe ao encontro, saindo dos túmulos, dois possessos tão furiosos que ninguém ousava passar por aquele caminho; — 29, e se puseram a gritar: Jesus, filho de Deus, que há entre ti e nós? vieste aqui para nos atormentar antes de tempo? — Não longe dali havia uma grande vara de porcos pastando; — E os demônios suplicaram a Jesus: Se nos expulsares daqui, manda-nos para aqueles porcos. — 32. Jesus lhes disse: Ide; e eles, saindo dos possessos, passaram para os porcos; logo toda a manada partiu a correr impetuosamente e se foi precipitar no lago, onde os porcos morreram afogados. — 33. Então, os que os guardavam fugiram e indo à cidade narraram tudo o que sucedera aos possessos. — 34. Todos os habitantes da cidade saíram ao encontro de Jesus e, ao vê-lo, lhe pediram que se retirasse do país.

MARCOS V. 1. Tendo atravessado o mar, desembarcaram no país dos Gerasenos; — 2, e, mal Jesus descera da barca, um homem possuído do Espírito imundo veio ter com ele, saindo dos sepulcros.— 3, onde tinha a sua morada habitual, homem esse que ninguém mais conseguia prender, nem mesmo com correntes; — 4, pois que muitas vezes já tinha estado com ferros aos pés e preso por cadeias e os quebrara, não havendo quem pudesse dominá-lo. — 5. Vivía dia ,e noite nas montanhas e nos sepulcros, a gritar e a flagelar-se com pedras. — 6. Ao ver Jesus, de longe, correu para ele e o adorou; — 7, exclamando em altas vozes: Que há entre ti e mim, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Eu te conjuro, por Deus, a não me atormentares. 8. Isso porque Jesus lhe ordenava: Espírito imundo, sai desse homem. — 9. Perguntando-lhe Jesus: Como te chamas? respondeu:

Chamo-me Legião. porquanto somos muitos. — 10. E lhe pedia com instância que não o expulsasse daquele país. — 11. Ora, havia ali uma grande vara de porcos pastando na encosta do monte; — 12, e os demônios faziam a Jesus esta súplica: Manda-nos para aqueles porcos, a fim de que entremos neles. — 13. E como Jesus lhes desse prontamente permissão para isso, os Espíritos impuros, saindo do possesso, entraram nos porcos e toda a manada, que era de perto de duas mil cabeças, correu com grande impetuosidade e foi precipitar-se no mar, onde se afogou. — 14. Os que a apascentavam fugiram e foram espalhar na cidade e nos campos a notícia do que se passara e uma multidão saiu a ver o que acontecera. — 15. Veio ter com Jesus e, vendo o homem que estivera atormentado pelo demônio assentado, vestido e em seu juízo, os que a compunham se encheram de temor; — 16, e, ouvindo dos que presenciaram os fatos a narrativa do que sucedera ao possesso e aos porcos, — 17, se puseram a pedir a Jesus que deixasse aquelas terras. — 18. Ao volver ele para a barca, o homem que estivera atormentado pelo demônio suplicou que lhe fosse permitido acompanhá-lo. — 19. Jesus, porém, lho recusou, dizendo: Volta para tua casa, para o meio dos teus e conta-lhes tudo o que por ti fez o Senhor; e que ele de ti se compadeça. — 20. O homem partiu e começou a espalhar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera, causando admiração a todos.

LUCAS: V. 26. Vieram navegando até ao país dos Gerasenos, que fica defronte da Galiléia. — 27. Ao saltar Jesus em terra, veio ter com ele um homem que desde muito tempo estava possuído do demônio, que não trazia roupa alguma e não morava em casa, mas nos supulcros. — 28. Logo que viu a Jesus, se prostrou diante dele e, em altos brados, dizia: Jesus, filho do Deus Altíssimo, que há entre ti e mim? Eu te suplico, não me atormentes. — 29. Isso porque Jesus ordenava ao Espírito imundo que saísse daquele homem que, havia muito tempo, era por ele violentamente assaltado. De nada servia prenderem-no com correntes e porem-lhe ferros aos pés; quebrava as correntes e os ferros e era impelido pelo demônio para os lugares ermos. — 30. Jesus lhe perguntou: Qual é o teu nome?

Ele respondeu: Chamo-me Legião, pois que muitos demônios tinham entrado nele. — 31. E esses demônios pediam a Jesus que os não mandasse para o abismo. — 32. Como num monte próximo estivesse pastando uma grande vara de porcos, os demônios pediram a Jesus que lhes permitisse entrar nos porcos, o que lhes foi concedido. — 33. Saíram então do homem, entraram nos porcos e logo toda a manada correu com impetuosidade a se precipitar no lago e aí se afogou. — 34. Vendo isso, os que a guardavam fugiram e foram contar na cidade e nas aldeias o que se passara. — 35. De uma e de outras acorreram muitas pessoas a ver o que sucedera e, vindo onde estava Jesus, encontraram o homem que ficara livre dos demônios, sentado a seus pés, vestido e de perfeito juízo, o que as encheu de temor. — 36. E os que tinham visto o que se passara lhes referiram como o possesso fora libertado da legião dos demônios. — 37. Então, toda a multidão de habitantes do país dos Gerasenos pediu a Jesus que se retirasse dali, por se acharem aterrorizados. Jesus tomou de novo a barca e partiu. — 38. O homem de quem os demônios tinham saído suplicava que lhe fosse permitido acompanhá-lo. Jesus, porém, o mandou embora, dizendo: — 39. Volta para tua casa; narra o que Deus fez por ti. E o homem foi por toda a cidade espalhando a notícia do que lhe fizera Jesus. — 40. Regressando este, o povo o recebeu com alegria, pois que todos o esperavam.

N. 120. A homens materiais são necessários ensinamentos de feição material.

Sabeis que horror tinham os Judeus ao porco, animal imundo no dizer das ordenações de Moisés.

Querendo dar a compreender *aos homens* até que ponto eram perigosos e repelentes os Espíritos obsessores, Jesus permitiu que os que atuavam desde tanto tempo, de modo tão cruel e violento, quanto extraordinário *aos olhos humanos*, sobre aquele "demoníaco", isto é, sobre aquele homem que traziam subjogado, assombrassem os porcos que ali perto pastavam. Os homens, crentes de que os Espíritos, abandonando o possesso, entraram nos porcos, compreen-

deram melhor o desprezo que lhes deviam inspirar tão perigosas instigações, a que podiam estar sujeitos todos os que não se esforçassem por trilhar o caminho que leva à salvação.

Notai que os Espíritos impuros se satisfizeram com o espantar os porcos; não foram habitar neles. Assim como o obsessor não habita no subjugado, limitando-se a influenciá-lo por meio de uma ação fluídica, conforme já explicamos (n. 74, 1º vol.), conservando-se-lhe ao lado e atuando moralmente sobre ele, também os Espíritos impuros que, *obedecendo à vontade* de Jesus se colocaram na sua passagem *para servirem de instrumento à lição que ele desejava dar*, se acercaram dos porcos e os espantaram, impelindo-os a se precipitarem no lago.

Não admitais nunca a união, embora momentânea, entre o Espírito e o animal, isto é, a subjugação corporal deste por aquele nem, ainda menos, *a substituição ou a possessão*.

Já explicamos (n. 74) os meios por que se opera, as condições a que obedece e os efeitos que produz a subjugação, quer corporal, quer corporal e moral, bem como a possessão ou *a substituição*. Não temos que voltar a esse assunto.

Sobre o homem subjugado a influência do Espírito obsessor é, como sabeis, fluídica.

Sobre os animais não pode ser e não é senão moral, no sentido de que a ação consiste em produzir neles o espanto, o terror.

O perispírito do Espírito não pode atuar fluidicamente sobre os animais por ser impossível a combinação dos respectivos fluidos, uma vez que os princípios não são idênticos. Para vos explicarmos as causas daquele fenômeno teríamos que entrar em particularidades que ainda não é chegado o momento de conhecerdes. Para podê-las compreender, o homem tem que se entregar a estudos preparatórios sobre *a natureza* dos fluidos, *seus efeitos*, suas

propriedades de ação, segundo as leis naturais que lhes regem o emprego, a aplicação e a disposição em cada reino da natureza. E, bem o sabeis, se Deus quer que vos ajudemos, quer também que trabalheis.

Não vos admireis de que, dirigindo-se ao obsessivo chamado — *legião*, por serem muitos, Jesus tenha ordenado: "Sai *desse homem*", nem de que se vos diga que permitiu aos Espíritos impuros entrarem nos porcos e que assim aconteceu. É que não chegara o momento, ainda distante, de serem explicadas as causas e os efeitos da subjugação, quer corporal e moral, assim como da ação dominadora que os Espíritos podem exercer sobre os animais, e se fazia mister na ocasião usar, para com os homens, de uma linguagem adequada a seus entendimentos e às idéias em voga. À nova revelação estava reservado dar aquelas explicações na era do advento do Espiritismo.

Não vos detenhais em apreciar a acusação, tão pueril quanto fútil, que dirigem a Jesus, por ter, segundo dizem, causado um prejuízo ao dono da vara de porcos com o fazê-los precipitar-se no lago e afogar-se.

Tal acusação só pode provir de homens materiais, que não compreendem o sentido, o alcance e o fim do ensinamento, da lição que, por aquela forma, quis Jesus dar e deu.

Que vale um interesse material quando se trata de salvar os homens? Mas, ficai tranqüilos vós que, apesar das vossas boas intenções, não vos podeis libertar do jugo da matéria. Os porcos pertenciam a ricos proprietários para os quais o prejuízo foi ligeiro, insignificante, tanto que os guardadores nem sequer repreendidos foram, tão grande repercussão teve aquele fato como resultante da vontade de Jesus. Nunca o Senhor comete injustiça; tudo passa pelo crivo da sua sabedoria; tudo tem um fim que há de ser alcançado para a felicidade dos homens.

Tampouco deis atenção à diferença, destituída de importância, sem nenhum valor, sem influência alguma nos fatos e no ensinamento, na lição que deles devia decorrer, entre a narração de Mateus e as de Marcos e Lucas, consistindo em dizer o primeiro que dois eram os "possessos" e os últimos que o "Possesso" era um só. Havia apenas um subjugado.

Foi *para que se realizasse a obra, que Jesus tinha em mente*, que o homem tratado de "possesso do demônio, possesso de um Espírito impuro", veio ao seu encontro, sob a influência e pela ação dos obsessores, que a seu turno obedeciam à vontade do Mestre.

Tudo o que, segundo se vos diz, esse homem fazia, subjugado corporal e moralmente por uma legião de maus Espíritos, era efeito da subjugação. Ele se achava à mercê dos caprichos de seus obsessores e a subjugação lhe servia ao mesmo tempo de provação e expiação, porquanto aquele que na terra necessita de provações tem sempre o que expiar. As provações e as expiações se completam.

O obsidiado era, inconscientemente, médium de efeitos físicos e os obsessores procediam de acordo, pela subjugação corporal e moral e pelos meios que já explicamos (n. 74), servindo-se dos fluidos animalizados da vítima, mas independentemente da vontade desta.

Quando se apresentou a Jesus, *não trazia roupa alguma*, despira-se completamente. Não é que os obsessores lhe houvessem tirado com violência as roupas; apenas lhe tinham inspirado horror a todo e qualquer constrangimento. Assim, ele não podia nem queria suportar vestuário algum, sujeito como estava aos caprichos dos Espíritos impuros.

"Não habitava nas casas, passava os dias e as noites nas montanhas e nos sepulcros, gritando e supliciando-se a pedradas: estivera muitas vezes com

ferros aos pés e preso por correntes; quebrara as correntes e os ferros" .

Tudo isso era efeito dos caprichos dos maus Espíritos que formavam, pelo seu grande número, uma legião; era resultado da subjugação corporal e moral e do constrangimento produzido por essa subjugação. Como médium de efeitos físicos, mas inconsciente, o subjugado praticava por si mesmo, na opinião *dos homens*, aqueles atos. A verdade, porém, é que os maus Espíritos, com força bastante para isso, atuavam de comum acordo sobre ele, para obrigá-lo a praticar tais atos, graças à sua mediunidade, exercendo com seus perispíritos uma ação fluídica sobre a vítima, dominando-lhe a vontade, que governavam arbitrariamente.

"Quebrava as cadeias e os ferros por muito que o vigiassem; ninguém mais podia prendê-lo; nenhum homem conseguia dominá-lo".

Como bem podeis compreender, os maus Espíritos que o cercavam se divertiam em impedir que os guardas lhe pusessem peias, ou, se deixavam que o fizessem, era com o intuito de quebrarem os ferros e correntes. Para a obtenção deste resultado o homem fazia os movimentos, mas os maus Espíritos é que lhe emprestavam a força necessária, exercendo sobre ele violenta ação fluídica, resultado da combinação dos fluidos de seus perispíritos com os do subjugado.

"Era impelido pelo demônio para o deserto".

Em algumas traduções, oriundas de uma falsa interpretação da letra e do Espírito do texto original, se diz que o homem "era *arreatado* pelo demônio".

Colocando-vos no ponto de vista dessas traduções, tomai a palavra "*arreatado*" em sentido figurado e tê-la-eis significando: "impelido violentamente, contra a vontade". Não usais muitas vezes, referindo-vos à carreira desabalada de uma pessoa, dizer que ela é *arreatada* pelo vento?

Sem dúvida alguma o fato fora possível. Tendes disso exemplos nos vossos dias, notadamente o do Espírito chamado — o duende de Baiona — a transportar a irmã pelos ares. No nosso caso, porém, nada se deu de semelhante. Havia apenas uma corrida desordenada, que enchia de terror os que a presenciavam. Uma transportação pelos ares houvera originado a crença de que se tratava mais de um ato "do céu" do que de um ato "do inferno".

Tendo em vista esses fatos conhecidos e notórios, foi que, subjugado corporal e moralmente pelos obsessores, os quais, a seu turno, eram, no momento, dominados e dirigidos pelos Espíritos superiores, aquele homem, tão furioso que "ninguém ousava passar por perto dele", saindo dos sepulcros, correu ao encontro do Mestre, o adorou e, como médium falante, proclamou em altas vozes, diante do povo, ser Jesus — "*filho de Deus, filho do Deus Altíssimo*". Exprimindo-se desse modo pelo órgão do subjugado, os maus Espíritos provavam a identidade do Cristo. Obedecendo às ordens do Alto, os Espíritos do Senhor lhes fizeram ver o futuro e os esplendores de Jesus, em quem reconheceram, não um homem, mas um Espírito mais puro do que os mais puros que o cercavam.

Perguntando a Jesus se viera para os atormentar *antes de tempo*, aludiam à época em que o conhecimento, que o homem havia de adquirir, das *causas* e dos *efeitos* da subjugação, o poria em condições de se escudar contra ela. Por instantes, a presciência lhes foi concedida e eles entreviram de relance o estabelecimento do reino do Senhor no vosso planeta e a sua mão potente a espalhar a luz por sobre os homens, como o sol espalha seus raios por sobre a terra, nos belos dias estivais.

A consciência que assim tiveram do porvir aqueles Espíritos impuros não durou mais que um

momento, logo se apagou. Foi como um raio de luz que brilha em meio das trevas e no mesmo instante se some, deixando que as trevas se tornem de novo espessas.

O pedido que dirigiram ao Mestre, para que os não expulsasse *daquele país*, era motivado pela preferência que certos Espíritos conservam por *tais ou tais* lugares onde viveram, *quer* na última encarnação, *quer* em outra anterior, que lhes deixou vago sentimento de apego a tais sítios.

Usando da faculdade de médium falante do subjugado e servindo-se do seu órgão vocal, os mesmos Espíritos pediam a Jesus que os não mandasse para o abismo. Esta locução — *abismo* — era alegórica e de natureza a impressionar a multidão. O abismo é a imensidade. Para os Espíritos impuros, semelhante locução tinha uma significação precisa: a imensidade onde o Espírito criminoso erra isolado, condenado às trevas e às angústias causticantes do remorso, equivale bem, ficai certos, ao abismo que a vossa imaginação vos representa como sendo uma fornalha ardente a devorar carnes fictícias, sem jamais as consumir.

Os maus Espíritos chamados "*demônios*" suplicavam mui sinceramente que os não condenassem a esse estado de insulamento, que, por assim dizer, mata moralmente o Espírito culpado, mas com o fim de o melhorar, levando-o ao arrependimento.

O Espírito condenado às trevas e às angústias do remorso não sai do espaço. É no próprio espaço que se faz o insulamento, pela vontade do Senhor. O culpado pode ser e é muitas vezes condenado a uma prisão celular de que o homem não logra formar idéia. Pode ser condenado a habitar, por bem dizer, no teatro de seus crimes, como igualmente pode ser constringido a permanecer num insulamento completo, sem a possibilidade de praticar um ato da sua vontade, nem movimento algum, sem contato com qualquer outro Espírito e cercado de espessas trevas que, sobre a sua

organização, isto é, sobre o seu Espírito e o seu perispírito, produzem o efeito que uma atmosfera pesada e empestada produziria num homem todo amarrado.

Em suma, a expiação é, como sabeis, sempre apropriada e proporcionada aos crimes e faltas cometidos e obedece sempre às condições necessárias a incutir no culpado o remorso, a lhe despertar a consciência, a desenvolver nele, cada vez mais, as angústias, que o prepararão e levarão ao arrependimento.

Mas, notai-o bem: nenhum Espírito é condenado a servir de carrasco para seu irmão, por mais culpado que este seja.

Todas as visões do criminoso se produzem pela ação de uma vontade poderosa, que *o condena a ver o que devia ter* diante dos olhos até o instante do arrependimento.

É um efeito de combinação de fluidos, resultante do magnetismo espiritual, da qual ficareis inteirados quando houverdes avançado bastante para dar começo ao trabalho que queremos seja feito pelo médium sobre os fluidos e suas propriedades.

Ainda que pouco desenvolvido e precisando muito desenvolver-se, o progresso já realizado pelo magnetismo humano vos permite fazer idéia do que é capaz de conseguir a vontade poderosa do Espírito superior, no tocante aos efeitos fluídicos.

Como sabeis, o magnetizador pode, por ato de sua vontade e pela ação dos fluidos magnéticos, atuar sobre o seu paciente, achando-se este no *estado sonambúlico*, por maneira a dar-lhe, do que não passa de pura ficção, a impressão de um fato real, a fazê-lo *acreditar e ver o que* queira que ele *veja e acredite, mesmo depois do despertar*, conforme já vo-lo explicamos no n. 31. Tendes disso exemplos obtidos pelo estudo e pela observação, no campo da ciência atual do magnetismo humano.

Assim, deveis compreender qual seja o poder do Espírito superior relativamente às visões do criminoso e como aquele, com o auxílio do magnetismo espiritual, por ato da sua poderosa vontade, tirando das combinações fluídicas os desejados efeitos, consiga produzir tais visões, a fim de que o culpado veja o que está condenado a ver e tenha, do que não passa de ficção, a impressão da realidade.

Quando, pelo órgão do subjugado, diziam a Jesus: "Manda-nos *para aqueles porcos*, a fim de *que neles entremos*", os Espíritos impuros se achavam dominados e governados pelos Espíritos superiores. Estes é que os impeliam a sé exprimirem desse modo.

Logo que Jesus lhes concedeu a permissão pedida, eles se *acercaram dos porcos*, os espantaram por meio de uma aparição só visível para os mesmos porcos e os impeliram na direção do lago, a fim de que aí se precipitassem, perseguindo-os com aquela aparição, que revestia uma forma e fazia gestos e ameaças de natureza a os aterrorizar.

Para lhes infundir esse terror, os Espíritos impuros não se serviram da forma humana. O Espírito, como sabeis, pode tomar a forma, a aparência que julgue necessária à obtenção do resultado que deseje. Para causar terror, muitas vezes o Espírito inferior reveste a forma, a aparência de um animal perigoso e inimigo do que ele quer amedrontar. Foi o que se deu com os que assombraram os porcos e os fizeram precipitar-se no lago.

Acabamos de dizer que a aparição só era visível *para os porcos*. Se assim não fora, o povo não teria acreditado que os Espíritos entraram nesses animais.

Um médium vidente que se achasse entre a multidão não houvera, embora fosse essa a vontade dos Espíritos impuros, podido vê-los sob a forma, a

aparência que tomaram, porquanto a vontade desses Espíritos nenhum poder tinha para consegui-lo. Eles se mostraram aos porcos, porque a isso haviam sido autorizados, mas não lhes era lícito ir além. Tudo se realizava segundo a vontade de Jesus, objetivando o resultado que ele queria alcançar.

O fato de serem os Espíritos impuros visíveis para os porcos, quando não o eram para o povo, não vos deve causar mais admiração do que o de, lado a lado dois médiuns videntes, só um ver o Espírito que se manifesta. Nesse caso, a vontade do Espírito intervém.

Quanto aos animais, a visão para eles se produz exclusivamente pela vontade do Espírito, porquanto a combinação dos fluidos entre o Espírito e o animal é, como o dissemos, impossível, ao passo que, para se tornar visível ao médium vidente, o Espírito obra por ato da sua vontade e exerce sobre o médium uma ação fluídica.

Não admitais nunca, repetimos, a possibilidade de uma união, embora momentânea, entre o Espírito e o animal. Não há subjugação corporal deste por aquele e ainda menos possessão, substituição. Há apenas subjugação *moral*, no sentido de que o Espírito consegue espantar o animal, enchê-lo de terror, obrigá-lo a atos extravagantes, que podeis considerar materiais, mas que nem por isso deixam de tocar a inteligência relativa daquele que a sofre.

A vontade do obsessor basta *por si só* para tornar vidente o animal, pela razão de que o Espírito deste é mais apto do que o vosso a ter a faculdade da *vidência* e ainda porque a vontade do Espírito, por mais inferior que ele seja, domina sempre o Espírito do animal, a menos que a isso se oponha um Espírito superior.

Não infirais daí que o animal vidente seja médium. Não o é na *acepção exata* da palavra, pois que não pode, em caso algum, servir de intermediário ao

Espírito para se manifestar ao homem. O animal goza de uma faculdade que lhe é peculiar. É vidente, mas não médium. Todavia, em certos casos ao alcance da vossa percepção, a faculdade que o animal possui, de *ver*, pode servir, especialmente pelo terror que dele se apodera, para, da presença do Espírito, prevenir o homem, quando coisa alguma material existe, visível ou tangível para este, capaz de justificar aquele terror.

Não pergunteis por que meios e processos o Espírito obsessivo atua sobre a faculdade de visão do animal, para se lhe tornar visível. Entraríeis em particularidades inoportunas. A cada dia o seu labor. Afastando-vos do quadro que se vos traçou, poríeis sobre os ombros pesadíssimo fardo, que ainda nenhum homem pode carregar.

Permitindo aos Espíritos impuros que entrassem nos porcos, Jesus lhes permitia permanecer nas regiões habitadas pelos homens, circunvolvendo a humanidade, isto é, lhes consentia aproximar-se desta e ficar em contacto com ela.

Tal permissão lhes foi concedida para que, junto, *assim* dos que a título de provação ou de expiação viriam a ser vítimas de suas obsessões e subjugações, *como* dos que se interessassem por essas vítimas, pudessem eles receber o benefício das preces e encontrar os meios de reflexão e de encaminhamento moral. Ela lhes foi sobretudo concedida para ensinamentos dos homens, porquanto aqueles Espíritos impuros não se quedaram inativos e foram repelidos pelos discípulos de Jesus.

O subjogado por aquela legião de maus Espíritos, quando, sob o peso da subjugação corporal e moral, tinha acessos violentos de fúria, ficava num estado *aparente*, mas que para os homens era real, de alienação mental, de loucura furiosa; tornava-se in-

capaz de ter conhecimento de seus atos, perdia a consciência de seu ser. Nos momentos, porém, de menor violência, quando a calma se restabelecia, no sentido de ser menor a sua sobreexcitação, tornava-se consciente do seu estado, do constrangimento a que estava submetido e sofria com isso horrivelmente. Aí estava a punição dos crimes que cometera em anterior existência.

Logo que os "*demônios saíram dele*", isto é, logo que se viu livre da subjugação, recobrou, como observais ainda na atualidade, o uso pleno da razão, a liberdade do corpo e do Espírito.

A multidão que acorreu da cidade e dos campos, assim que teve conhecimento do que se passara pelos fugitivos guardadores dos porcos, encontrou o homem sentado aos pés de Jesus, *vestido e de perfeito juízo*. Estava vestido porque os discípulos o cobriram, tirando de suas vestes algumas peças. Uma vez liberto, ele se submetera alegremente aos costumes humanos.

"E de perfeito juízo, o que os encheu de terror". Aquele, que não podia até então ser contido, ali estava aos pés do Cristo, calmo e submisso. Tal submissão bastava para impressionar a multidão. A cessação dos sinais e manifestações de uma demência, furiosa *no entender dos homens*, traduzindo-se em atos violentos, desconexos, bizarros, em desordens e aberrações da palavra, os quais todos desapareceram com a subjugação, cedendo lugar à razão integral, à liberdade do corpo e do Espírito, foi qualificada de "*milagrosa*" por não ser compreensível, nem explicável.

Não negue a incredulidade atual, filha orgulhosa da ignorância, estes fatos autênticos que os evangelistas vos transmitiram. Que não zombe deles! que estude a ciência espírita; aprenda; observe, *sem idéias preconcebidas, com humildade e a necessária perseverança*; que se inicie na nova revelação, e acreditará, porque compreenderá.

Não tem o homem sob as vistas a revelação e a manifestação dos poderes do Espírito, ainda efeitos

físicos que se não produzido em todos os tempos e se produzem hoje, debaixo de todas as formas, no ser humano e no que o cerca?

Não tem sob as vistas a revelação e a manifestação das faculdades dos Espíritos superiores, ministros da vontade de Deus, da sua providência e da sua justiça; do poder que eles exercem sobre os fluidos, visando a aplicação e a execução das leis naturais e imutáveis que regem a vida e a harmonia universais?

Não tem sob as vistas a revelação e a manifestação do poder dos Espíritos superiores sobre os fluidos, pelos efeitos formidáveis e terríveis a que dais o nome de *flagelos*; pelo estalar do raio que derriba os edifícios, fende o carvalho secular e muitas vezes causa a morte? pelo furacão que arranca e arrebatava as árvores e destroça as habitações? pelas inundações que assolam, destroem e arrastam consigo tudo quanto encontram no seu percurso, na sua passagem? pela tempestade que arroja os navios de encontro aos arrecifes, onde se despedaçam e são tragados pelo mar?

O homem, vendo-se livre da legião dos maus Espíritos que o perseguiam, rogou a Jesus lhe permitisse acompanhá-lo. Jesus, porém, recusou, dizendo: "Volta para tua casa e conta as grandes coisas que Deus fez por ti, de quem se apiedou". E ele se foi embora, dando público testemunho do que Jesus fizera em seu benefício. Era seu destino preparar os caminhos para o advento do Senhor. Jesus realizara um "*milagre*", que numerosas pessoas podiam testemunhar; por isso mesmo não ordenou ao homem que se calasse; ao contrário, o concitou a espalhar a notícia do que se dera, ao passo que em outras circunstâncias impunha silêncio aos que tinham logrado a felicidade de se ver livres de males quaisquer. É que, nestes casos, não tendo tido o fato grande publicidade, pudera ser con-

testado, se houvessem querido espalhá-lo. Deixava então que se espalhasse por si mesmo, pronta e seguramente, sob a aparência de um mistério.

**MATEUS, Cap. IX, v. 1-8. — MARCOS, Cap. II, t'.1-12. —
LUCAS, Cap. V, v. 17-26**

Paralítico

MATEUS: V. 1. Tendo tomado de novo a barca, Jesus tornou a atravessar o lago e veio à sua cidade. — 2. E eis que lhe apresentaram um paralítico deitado no seu leito. Jesus, vendo-lhe a fé, disse ao paralítico: Filho, tem confiança; teus pecados te são perdoados. — 3. Logo alguns escribas disseram entre si: Este homem blasfema. 4. Jesus, lendo-lhes o pensamento, disse: Porque abrigais maus pensamentos nos vossos corações? — 5. Que é o que será mais fácil, dizer: "Perdoados te são os teus pecados", ou dizer: "Levanta-te e anda"? — 6. Ora, para que saibais que o filho do homem tem na terra o poder de remir os pecados, — "levanta-te", diz ele ao paralítico, "toma o teu leito e volta para tua casa". 7. Imediatamente o paralítico se levantou e voltou para casa. — 8. Vendo isso, a multidão, tomada de espanto, rendeu graças a Deus, que deu aos homens tal poder.

MARCOS: V. 1. Alguns dias depois voltou Jesus a Cafarnaum — 2. Assim ouviram dizer que ele estava em casa, reuniu-se lá tanta gente, que a casa ficou apinhada, até fora da porta; e ele pregava a palavra de Deus. — 3. Trouxeram-lhe então um paralítico carregado por quatro homens. — 4. Como, por causa da multidão, não o pudessem levar até junto do Mestre, fizeram no teto uma abertura e por aí desceram o leito em que jazia o paralítico. — 5. Observando-lhes a fé, disse Jesus a este último: Filho, teus pecados te são perdoados. — 6. Ora, estavam por ali sentados alguns escribas em cujos corações se aninhavam estes pensamentos: — 7. Que diz este homem? Ele blasfema; quem pode perdoar os pecados senão Deus Unicamente? — 8. Jesus pelo seu Espírito conheceu logo o que eles pensavam de si para si e lhes disse: Porque animais em vossos corações esses pensamentos? — 9. Que é o que será mais fácil de

dizer a este parálítico: Teus pecados te são perdoados? ou: Levanta-te, toma o teu leito e caminha? — 10. Para que saibais que o filho do homem tem, na terra, o poder de perdoar os pecados, — 11, digo-te (dirigindo-se ao parálítico): Levanta-te, toma o teu leito e volta para tua casa. — 12. No mesmo instante o parálítico se levantou, tomou o leito e partiu diante de toda a gente. Todos se encheram de espanto e, glorificando a Deus, diziam: Nunca vimos coisa semelhante.

LUCAS: V. 17. Um dia, em que estava a ensinar entre os fariseus e os doutores da lei que tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém e se sentaram ao redor dele, e em que a virtude do Senhor estava com ele para os curar, — 18, eis que alguns homens, trazendo num leito um parálítico, procuravam meio de fazê-lo entrar na casa e chegar até junto do Mestre. — 19. Como não achassem por onde fazê-lo entrar, por causa da multidão, subiram ao telhado da casa e, levantando as telhas, por aí desceram o leito em que se achava o parálítico e o colocaram no meio da sala diante de Jesus. — 20. Este, observando-lhes a fé, disse ao doente: Homem, teus pecados te são perdoados. — 21. Então os escribas e os fariseus se puseram a pensar, dizendo de si para si: Quem é este que assim blasfema? Quem pode perdoar os pecados senão Deus unicamente? — 22. Jesus lhes conheceu os pensamentos e, respondendo, disse-lhes: Que é o que pensais no vosso íntimo? — 23. Que será mais fácil de dizer: Teus pecados te são perdoados, ou: Levanta-te e anda? — 24. Ora, para que saibais que o filho do homem tem, na terra, o poder de perdoar os pecados, digo-te (dirigindo-se ao parálítico): Levanta-te, toma o teu leito e volta para tua casa. — 25. No mesmo instante o parálítico se levantou diante de todos e, tomando o leito em que estivera deitado, voltou para sua casa, rendendo graças a Deus. — 26. Todos, tomados de assombro, glorificavam a Deus e, cheios de temor, diziam: Que coisas maravilhosas vimos hoje!

N. 121. Fora inútil insistirmos em explicações já dadas. Jesus curou o parálítico pelos mesmos meios

que indicamos (n. 110), quando tratamos do servo do centurião.

Operando aquela cura material, que *os escribas* ou *doutores da lei*, *os fariseus* e *a multidão* consideraram uma *maravilha*, um "*milagre*", assim como proferindo as palavras que dirigiu aos mesmos escribas e fariseus, cujos pensamentos lera, por ser sempre Espírito, embora figuradamente encarnado num corpo perispírico com aparência de corporeidade humana, Jesus teve por fim, no momento, dar a ver aos homens que aquele que dispunha de tal poder estava acima de qualquer inteligência e forçá-los a curvar a frente diante da autoridade divina.

"Vendo isto, a multidão se encheu de espanto e glorificou a Deus por haver dado tal poder ao homem". A multidão, os escribas e os fariseus consideravam então Jesus, como sabeis, um homem igual aos outros. Essas palavras, inspiradas à multidão e reproduzidas por Mateus sob a influência mediúnica, tinham um fim *oculto*, que só mais tarde, por ocasião do advento da nova revelação, se tornaria *patente*: o de *preparar* de antemão os homens a compreenderem que, quando houverem atingido os limites extremos da perfeição que podem conseguir na terra, também lhes será facultado fazer, ao tempo determinado por Deus e segundo os seus desígnios, coisas como aquelas, tidas na conta de *maravilhosas*, mas na realidade *naturais*.

**MATEUS, Cap. IX, v. 9-13. — MARCOS, Cap. II,
v. 13-17. — LUCAS, Cap. V, v. 27-32**

Vocação de Mateus

MATEUS: V. 9. Ao sair dali viu Jesus um homem de nome Mateus, sentado no telônio³, e lhe disse: Segue-me. Logo o homem, levantando-se, o seguiu. — 10. E sucedeu que, achando-se depois Jesus à mesa na casa desse homem, vieram muitos publicanos e pecadores e se sentaram à volta da mesma mesa com Jesus e seus discípulos. — 11. Notando isso, os fariseus diziam aos discípulos: Como é que o vosso Mestre come na companhia de publicanos e de pecadores? — 12. Jesus, ouvindo-os, disse: Não são os que gozam saúde que precisam de médico e sim os doentes. — 13. Eia, pois, aprendei o que significam estas palavras: Quero a misericórdia e não o sacrifício; porquanto não vim chamar os justos, mas os pecadores.

MARCOS: V. 13. Jesus saiu de novo em direção ao mar; todo o povo o assediava e ele a todos ensinava. — 14. Ao passar, viu Levi, filho de Alfeu, sentado no telônio e lhe disse: Segue-me; e Levi, erguendo-se, o seguiu. — 15. Aconteceu que, achando-se Jesus à mesa em casa desse homem, muitos publicanos e pecadores, que em grande número o acompanhavam, se sentaram também à mesa com ele e os discípulos. — 16. Os escribas e os fariseus, vendo-o comer na companhia de publicanos e pecadores, disseram aos discípulos: Como é que o vosso Mestre come e bebe com os publicanos e os pecadores? — 17. Ouvindo o que diziam, Jesus lhes observou: Não precisam de médico os que estão bons e sim os doentes; eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.

LUCAS: V. 27. Depois disso, Jesus partiu e vendo um publicano de nome Levi, sentado no telônio, disse-lhe: Segue-me. — 28. E o publicano, levantando-se e abandonando tudo, o seguiu. — 29.

³ Escritório de cobrador de impostos.

Levi lhe ofereceu, mais tarde, um grande festim em sua casa, onde havia muitos publicanos e outras pessoas que também tomaram lugar à mesa. — 30. Os fariseus e os escribas murmuravam e diziam aos discípulos de Jesus: Como é que bebeis e comeis com publicanos e pecadores? — 31. Jesus, respondendo, lhes disse: Não precisam de médico os que gozam saúde e sim os doentes. — 32. Não foi aos justos, mas aos pecadores que vim chamar à penitência.

N. 122. Provava assim Jesus aos homens que não se deve repelir os que *pareçam* indignos, porquanto onde não vedes senão fraude ou impureza pode o Senhor ter colocado um gérmen de virtude que a cultura fará frutificar. Sede, pois, indulgentes com os vossos irmãos. Estendei mão protetora aos fracos. Esforçai-vos por exaltar os aviltados. Imitai, finalmente, o divino modelo, procurando os *doentes* e tudo fazendo para os *curar*.

Mateus, que Jesus foi buscar entre os publicanos, era um Espírito elevado, que encarnara com a missão de auxiliar o Mestre na obra que ele descera a executar na terra. Inspirado pelo seu anjo de guarda e pelos Espíritos superiores que o cercavam, obedeceu *no mesmo instante* ao chamamento do Cristo e o seguiu. E, oferecendo ao Mestre o grande festim de que falam os evangelistas, lhe proporcionou, como *devia* suceder, ocasião e meio de dar aquela lição.

Tudo tinha sido previamente preparado. Tudo se cumpria, por ordem do Senhor, sob a inspiração, a influência e a ação ocultas dos Espíritos superiores, obedientes à vontade do Mestre.

Como discípulo do Cristo, Levi, filho de Alfeu, adotou o nome de Mateus. Por Levi é que era geralmente conhecido.

"*Não são os que gozam saúde que precisam de médico*", disse Jesus. "*e sim os doentes*". "Não vim em busca dos justos, mas dos pecadores". Assim como

aquele que goza saúde não precisa de médico, aquele que conscientemente obedece à lei do seu Deus não precisa de ser salvo, ele se salva por si mesmo. O Cristo chamava a si os que tinham *reparações* a fazer. Se convidava ao arrependimento, o seu convite só podia ser feito aos que tinham falido.

"Eia, pois", dizia aos escribas, aos fariseus, aos discípulos, aos publicanos, às pessoas de má vida — "aprendei o que significam estas palavras: *Quero a misericórdia e não o sacrifício, porquanto não vim em busca dos justos, mas dos pecadores*".

As palavras do profeta Oséas (cap. VI, v. 6): "Prefiro a *misericórdia* ao sacrifício e prefiro a ciência de Deus a todos os holocaustos", confrontadas com as do profeta Samuel (*Os Reis*, liv. 1, cap. II, v. 6-10), v. 6: "O Senhor dá e tira a vida, lança nos infernos e de lá retira", encerram, veladamente, o sentido oculto destas outras, proferidas por Jesus: "Quero a misericórdia e não o sacrifício".

A nova revelação vos vem ensinar o significado de tais palavras. Vimos, em nome do Cristo, nosso Mestre, dizer: Sejam quais forem as faltas e os crimes cometidos, havendo arrependimento, não haverá, para o Espírito culpado, *sacrifício*, isto é, *penas eternas*; haverá, ao contrário, *misericórdia*, o que quer dizer — *perdão*, subordinado este apenas, conforme à bondade e à justiça infinitas de Deus e com o duplo fim de aperfeiçoamento moral e progresso, às duas únicas condições seguintes: *expiar* o culpado, na erraticidade, após a morte, os crimes e faltas praticados, mediante sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos mesmos crimes e faltas; *expiar, reparar e progredir*, por meio da reencarnação e de novas provações.

Sim, onde quer que haja arrependimento, há perdão. Jesus, pois, queria a misericórdia, despertando no homem o *remorso* da falta ou do crime e o desejo

da reparação. A reparação é a consequência do arrependimento. Convidando ao arrependimento, Jesus facilitava a expiação e salvava assim os que de outro modo estacionariam longo tempo na impenitência.

**MATEUS, Cap. IX, v. 14-17. — MARCOS, Cap. II,
v. 18-22. —LUCAS. Cap. V, v. 33-39**

Jejum. —Pano novo. — Odres velhos. — Vinho novo. — Vinho velho

MATEUS: V. 14. Então, vieram ter com ele os discípulos de João e Ihes perguntaram: Porque os fariseus e nós jejuamos freqüentemente e os teus discípulos não jejuam? — 15. Jesus Ihes respondeu: Podem acaso chorar os filhos do esposo quando o esposo está com eles? Dia, porém, virá em que o esposo Ihes será tirado; eles então jejuarão. — 16. Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, por isso que aquele esgarçaria uma parte da roupa e Ihe aumentaria o rasgão; — 17, e não se deita vinho novo em odres velhos, porque os odres se quebram, o vinho se derrama e os odres ficam perdidos; ao passo que, deitando-se vinho novo em odres novos, um e outros se conservam.

MARCOS: V. 18. Alguns discípulos de João e alguns fariseus que costumavam jejuar vieram e perguntaram a Jesus: Porque os discípulos de João e os fariseus jejuam e os teus discípulos não jejuam? — 19. Jesus Ihes respondeu: Os filhos das núpcias podem acaso jejuar enquanto o esposo está com eles? Não podem jejuar, enquanto têm consigo o esposo. — 20. Mas, dia virá em que o esposo Ihes será tirado; eles então jejuarão. — 21. Ninguém cose um remendo de pano novo em roupa velha, porquanto aquele arrancaria uma parte desta e tornaria maior o rasgão. — 22. Ninguém põe vinho novo em odres velhos, porquanto o vinho quebraria os odres, se derramaria e os odres ficariam perdidos; vinho novo em odres novos deve ser posto.

LUCAS: V. 33. Então, disseram-Ihe: Porque é que os discípulos de João, assim como os fariseus jejuam freqüentemente e fazem orações, enquanto que os teus comem e bebem? — 34. Jesus Ihes disse: Podeis obrigar os filhos do esposo a jejuar,

enquanto o esposo está com eles? — 35. Dias virão em que o esposo lhes será tirado; eles então jejuarão. — 36. Fez-lhes também esta comparação: Ninguém prega remendo de pano novo em roupa velha, porque o novo rompe o velho e assim o pedaço de pano novo não convém à roupa velha. - 37. Do mesmo modo, ninguém deita vinho novo em odres velhos, porque, se fizer isso, o vinho novo rebentará os odres, se derramará e os odres ficarão perdidos. — 38. O vinho novo deve ser posto em odres novos, porque assim tudo se conservará. — 39. E não há quem, bebendo vinho velho, prefira o novo, pois que diz: o velho é melhor.

N. 123. Todas as explicações que aqui cabem, para a compreensão do fim que Jesus objetivava com o ensinamento que deu de modo velado, entendem com o futuro espírita.

Os homens eram a roupa velha que, remendada impensadamente, teria sido destruída. Eram os odres velhos, impróprios para recipientes de um licor ativo que, fermentando, os despedaçaria.

Vós, espíritas, sois os odres novos nos quais o vinho novo é despejado abundantemente. Guardai-o como preciosidade e ele dará em vós bom produto; envelhecerá nos odres, melhorará e restituirá a força, a saúde e a vida aos que vierem bebê-lo.

O termo — *"esposo"* — pelo qual o Mestre se designava a si próprio, era tomado às idéias, às tradições e aos costumes hebraicos, pela consideração dispensada aos Hebreus que se casavam. Ora, sendo o chefe desta doutrina, que vos tem amparado apesar de todos os vossos desvios, Jesus era considerado como o mancebo puro que depõe a coroa nupcial, a fim de assumir o governo da família que constituiu para si.

Os filhos, os amigos do esposo são expressões sinônimas pela significação, indicando os que mais ligados e mais caros eram ao esposo.

Procurai compreender bem, *segundo o espírito que vivifica e não segundo a letra que, agora, mata,*

procurai compreender, *em espírito e em verdade*, estas palavras que Jesus dirigiu aos discípulos de João e aos fariseus:

"Podem os filhos, os amigos do esposo jejuar, enquanto com eles está o esposo? Não podem jejuar, enquanto o esposo está com eles. Mas, dias virão em que o esposo lhes será tirado. Eles então jejuarão."

A presença de Jesus entre os discípulos os mantinha na senda que deviam trilhar. Não precisavam, pois, submeter-se a privações expiatórias. Mas, o futuro se distendia aos olhos do Mestre e ele antevia os *abusos*, os *transviamentos* que não tardariam a perverter a sua *igreja*, os seus filhos, isto é, à *humanidade* e os que tomariam a si a continuação da obra dos *apóstolos* e dos *primeiros* cristãos.

Antevia, portanto, necessária a expiação como meio de reparação. E o jejum material era, entre os Hebreus, o emblema da expiação.

O jejum de que Jesus falava e que os homens teriam de praticar nos tempos que se seguiriam ao desempenho da sua missão terrena não era o jejum *material* que os discípulos de João e os fariseus praticavam. Não; Jesus aludia às *expições* a que os homens teriam de submeter-se, para *reparar* suas faltas; aludia ao jejum *moral*. O jejum material constituía entre os Hebreus um ato expiatório, destinado a reparar os erros leves da vida. Teve sua razão de ser (como daqui a pouco explicaremos), numa época em que só *as leis materiais* podiam dominar a matéria.

Consiste o jejum *moral* no remorso das faltas graves que cometeis todos os dias para com Deus, transgredindo suas leis, deixando de praticar o amor e a caridade, entregando-vos ao orgulho, ao egoísmo, à inveja, vícios que muitas vezes não chegais mesmo a lóbrigar no fundo de vossos corações, tão grande é a vossa cegueira, tanta a confiança que cada um de vós

deposita em si próprio. Ah! jejuai, mortificando vossas almas para que se purifiquem. Bom é o jejum, mas o jejum *moral*. Ele é útil à alma culpada, pois que a expurga das impurezas.

Esse jejum, único que o Senhor exige, consiste em a criatura não se submeter nunca aos seus maus instintos, por mais agradável que isso lhe seja, em infligir voluntariamente a si mesma humilhações; quando tenham por fim o adiantamento de seus irmãos, ou constituam para eles um exemplo; em não se entregar a ato algum de culposa levandade; em não se dar a excessos de qualquer natureza.

Não julgueis seja muito penoso para o homem viver tranqüilamente diante de Deus. Basta-lhe estar com a sua consciência em paz e satisfeita, para ter a força e a saúde do corpo.

De onde provém, senão dos excessos de toda ordem a que sujeitais vossos corpos, a degeneração das raças humanas? Que é o que produz o apoucamento das vossas inteligências, senão o arrojo desavergonhado das vossas idéias, senão o desejo imoderado de saber prematuramente mais do que lhe deva ser dado?

Formais uma sociedade — vivei em sociedade. Sede bons, amorosos e, assim, dignos de ser amados. Não procureis o luxo material que enerva, nem adquirir *inconsideradamente* a ciência que desvaira.

Jesus não pretendeu impor e não impôs a obrigação do jejum material, disse-o ele próprio.

"O que mancha o homem não é o que lhe entra no corpo, porquanto isto não lhe vai ao coração, mas aos intestinos e daí ao lugar secreto. O que mancha o homem é o que lhe *sai do coração*; são os maus pensamentos, as más palavras, as ações más, os vícios que degradam a Humanidade, as infrações da lei de Deus consignada no Decálogo e nestas palavras que encerram *toda a lei e os*

profetas: — amar a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo."

Os mandamentos humanos relativos ao jejum material, prescrevendo a privação de alimentos ou só permitindo, em determinadas épocas e em determinados dias, certas espécies de alimentos, foram e são inúteis para o homem de inteligência e de coração. Jamais o Senhor lhe impõe a obediência a tais mandamentos. Entretanto, tiveram sua razão de ser. A observância desses preceitos, por mais ridículos que sejam em si mesmos, foi um freio posto aos excessos da gula e da luxúria, numa época em que somente as leis materiais podiam dominar a matéria. Sujeitando o corpo a um regímen rigoroso, diminuía-se-lhe as *forças animais e continham-se* assim muitos abusos.

Mantendo as prescrições materiais do jejum e da abstinência, a Igreja romana se conservou contemporânea dos escribas e dos fariseus. Sim, ela impõe um fardo pesado, que já não é necessário. Não quis caminhar com a Humanidade e hoje se acha distanciada desta. Mas, tudo voltará aos seus eixos, porque Deus o quer e suas vontades são imutáveis.

Os v. 16 e 17 de Mateus, 21 e 23 de Marcos, 36 a 39 de Lucas encerram, como dissemos ao começar estas explicações, *alegorias espíritas*. Aos homens daquele tempo e às gerações que se seguiram até aos vossos dias, precursores da era nova, se referia Jesus, quando falava da roupa já velha à qual não convinha pôr um remendo de pano novo; quando falava dos odres velhos dos quais o vinho novo, rebentando-os, se escaparia, ficando um e outros perdidos. Quer isso dizer que aqueles homens eram incapazes de receber, aceitar e conservar a nova revelação que, assim, ficava reservada para os tempos vindouros, para quando chegasse o momento de cumprir-se esta sentença: "a *letra mata e o espírito vivifica*"; para quando os

séculos e a reencarnação, que é meio de expiação, de reparação e de progresso, houvessem *preparado* as inteligências e os corações de maneira a fazer deles *odres novos* capazes de conservarem o *vinho novo*.

Materiais, ignorantes, obstinados nos seus preconceitos e tradições, os homens daquela época teriam sido esmagados pelo peso de um fardo para eles onerosíssimo, tê-lo-iam alijado dos ombros, ou teriam cegado pelo brilho de tão *viva luz*. Convinha-lhes primeiramente a linguagem da parábola, o regímen da *letra*, sujeita a interpretações humanas e materiais, a fim de que os necessários esforços e as constantes lutas do pensamento *preparassem o advento do espírito*.

"O vinho novo deve ser posto em odres novos, porque assim tudo se conserva."

Constituem o vinho novo os ensinamentos dos Espíritos do Senhor, que vêm dispor as coisas de modo a que tenham fim o mundo moral do erro e da mentira, a vossa fraqueza e a vossa ignorância; que vos vêm explicar, tornar compreensível e desdobrar, *em espírito e em verdade*, a lei simples e sublime de Jesus, tirando da letra o *espírito*, escoimando-a das falsas interpretações que lhe deram e que a alteraram ou desnaturaram, impedindo-a de produzir seus frutos.

Os *odres novos* são os verdadeiros espíritas que recebem e praticam esses ensinamentos; são os Espíritos que, purificados e esclarecidos pelo Espiritismo, farão rebentar o *velho odre*, *incapaz* de resistir à fermentação das idéias novas.

O *odre velho* existe em vossos dias. São aqueles que, cegos e interesseiros, bebendo em fontes impuras ou falsificadas, procuraram, procuram e ainda procurarão entrar a obra da regeneração humana, a formação da Igreja do Cristo, cujo templo é o vosso planeta e à qual todos os homens se tornarão fiéis

(Judeus e Gentios) pela prática da lei do amor e da caridade.

A igreja que os homens fizeram tem que ser transformada, vós o sabeis. Preparai, pois, espíritos, os materiais que hão de servir para a reedificação, a fim de que os obreiros do Senhor encontrem talhadas as pedras, quando for tempo de levantar o edifício.

O vinho novo e o odre novo se conservarão *pela nova fé*, nova no sentido de que avançará por estrada muito diversa da que segue a igreja que tendes.

"Não há quem, bebendo vinho velho, prefira o novo, pois que logo dirá: o velho é melhor."

Compreendei bem o sentido alegórico destas palavras de Jesus, que, *veladamente*, se referia à era nova que começa.

O vinho velho que deve ser preferido é o que já se despojou de todos os corpos estranhos, é aquele cuja fermentação o livrou de todas as impurezas, é aquele que, posto em odres novos, nestes envelheceu.

Quando, pois, vós outros da nova geração houverdes deixado fermentar nos vossos corações os desdobramentos, que trazemos, da doutrina de Jesus, podereis dar a vossos irmãos, para que o saboreiem, o vinho velho, que será preferido ao novo.

Se sois odres novos, recebei o vinho novo tal como em vós o despejam os Espíritos do Senhor. Não deixeis que se altere, vície, corrompa, obstando à fermentação que vos purificará as almas de suas leveduras. Toda doutrina não conforme à lei de amor e de caridade que o Cristo pregou e ainda manda pregar; os erros em que se esforçam por vos mergulhar os cegos ou interesseiros, erros que são vinho novo adulterado, falsificado, a fermentar nalguns cérebros, enlouquecendo-os — eis o que impediria o vinho novo de

envelhecer, ou o alteraria, viciaria e corromperia em vós, arrastando-vos a atos de demência.

Dai o exemplo a vossos irmãos pela prática dos ensinamentos dos Espíritos do Senhor e da lei de Jesus que eles vos explicam em toda a verdade. Solidários e ligados pelos laços da caridade e do amor recíproco, *preparai* o advento da fraternidade universal. Então, emocionados e atraídos por esse exemplo, vossos irmãos dirão: *o velho é melhor*.

Sim, porquanto o velho será realmente velho, embora muitos o considerem novo. O que vos pregamos hoje não é a mesma lei que Jesus vos deu a conhecer? Que é o que intentamos senão fazer-vos voltar atrás em busca desse vinho que, há mil e oitocentos anos, espera que os homens o saboreiem?

Ele é novo no sentido de que está hoje apropriado, pela nova revelação, aos vasos que o devem conter.

**MATEUS, Cap. IX, v. 18-26. — MARCOS, Cap. V, v. 21-43.
— LUCAS, Cap. VIII, v. 41-56**

A filha de Jairo. — A hemorroíssa

MATEUS: V. 18. Tendo dito essas coisas, aproximou-se dele um chefe de sinagoga que, adorando-o, lhe disse: Senhor, minha filha acaba de morrer; mas vem, impõe-lhe as mãos e ela viverá. — 19. Jesus se levantou e, acompanhado pelos discípulos, partiu com o homem. — 20. Ao mesmo tempo, uma mulher que, havia doze anos, sofria de um fluxo de sangue, acercando-se dele por detrás, lhe tocou a fimbria da túnica; — 21, pois que dizia consigo mesma: Bastar-me-á tocar nas suas vestes para ficar curada. — 22. Jesus, voltando-se, a viu e lhe disse: Filha, tem confiança, tua fé te curou. E desde aquele momento a mulher se achou curada. — 23. Chegando à casa do chefe de sinagoga, disse Jesus aos tocadores de flauta e à multidão tumultuosa que lá encontrou: — 24. Retirai-vos, porquanto a menina não está morta, apenas dorme. Todos, porém, zombavam dele. — 25. Afastada a multidão, ele entrou e tomou a mão da menina, que logo se levantou. — 26. A notícia do fato se espalhou por toda a redondeza.

MARCOS: V. 21. Tendo passado na barca para a outra margem, grande multidão o cercou à beira mar. — 22. Um príncipe da sinagoga chamado Jairo, que viera à sua procura, ao vê-lo, se lhe lançou aos pés, — 23, e lhe dirigiu instantemente esta súplica: Minha filha está moribunda; vem e lhe impõe as mãos para que ela se cure e viva. — 24. Jesus partiu com ele, acompanhado pela multidão que o premia. — 25. Então, uma mulher que sofria de um fluxo de sangue, havia doze anos, — 26, e que padecera muito nas mãos de vários médicos, com os quais gastara todos os seus haveres, sem melhorar do seu mal, que antes se agravara, — 27, tendo ouvido falar de Jesus, se meteu na multidão e, aproximando-se dele por detrás, lhe tocou a túnica. — 28. Dizia: Se eu conseguir tocar-lhe apenas na roupa, estarei curada. — 29. No mesmo

instante o sangue deixou de correr e ela sentiu em seu corpo que estava curada do mal que a afligia. — 30. Jesus percebeu imediatamente que de si saíra uma virtude e, voltando-se para a multidão, perguntou: Quem tocou as minhas vestes? — 31. Os discípulos lhe ponderaram: Vês que a multidão te comprime por todos os lados e perguntas quem te tocou! — 32. Jesus, porém, passeando o olhar em torno de si, procurava descobrir quem o tocara. — 33. A mulher, que sabia o que se passara nela, atemorizada e a tremer, aproximou-se e, lançando-se-lhe aos pés, confessou toda a verdade. — 34. Jesus lhe disse: Filha, tua fé te salvou; vai em paz e fica curada de tua enfermidade. — 35. Estando ele ainda a falar, chegaram alguns familiares do príncipe da sinagoga e, dirigindo-se a este, disseram: Tua filha morreu; porque hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe? — 36. Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao príncipe da sinagoga: Não temas; tem fé. — 37. E não permitiu que, afora Pedro, Tiago e João irmão de Tiago, mais alguém o acompanhasse. — 38. Chegando à casa do príncipe da sinagoga, deparou com um bando confuso de pessoas que choravam e soltavam grandes lamentos. — 39. Logo que entrou na casa, disse a essas pessoas: Porque vos achais aflitos e porque chorais? A menina não está morta, apenas dorme. — 40. Todos, porém, zombavam de suas palavras. Ele mandou que saíssem e, acompanhado pelo pai, pela mãe da menina e pelos que tinham vindo na sua companhia, entrou no aposento onde se achava a menina deitada. — 41. Tomando-lhe as mãos, disse: *Talitha cumi*, isto é, menina, levanta-te, eu o ordeno. — 42. No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a caminhar, pois já contava doze anos, ficando todos admirados e maravilhados. — 43. Jesus lhes recomendou muito expressamente que ninguém viesse a saber do fato e mandou que dessem de comer à menina.

LUCAS: V. 41. Veio ter com ele então um homem chamado Jairo, que era príncipe da sinagoga e, lançando-se-lhe aos pés, lhe pediu que entrasse na sua casa, — 42, dizendo ter uma única filha de cerca de doze anos que estava a morrer. Partiu com ele Jesus, apertado pela multidão. — 43. Uma mulher que, havia doze anos,

sofria de uma perda de sangue e que gastara com médicos tudo o que possuía, sem que nenhum houvesse conseguido curá-la, — 44, se aproximou dele por detrás e lhe tocou a fímbria da túnica, com o que logo o fluxo de sangue cessou. — 45. Perguntou então Jesus: Quem me tocou? Como todos negassem ter sido quem o tocara, Pedro e os que o cercavam lhe disseram: Mestre, pois que a multidão te aperta e comprime, como podes perguntar: Quem me tocou? — 46. Jesus replicou: Alguém me tocou, porquanto percebi que uma virtude saiu de mim. — 47. A mulher, verificando assim não poder ocultar-se, aproximou-se toda trêmula e, prostrando-se aos pés de Jesus, declarou diante de todo o povo o motivo por que o tocara e que ficara imediatamente curada. — 48. Jesus lhe disse: Filha, tua fé te salvou, vai em paz. — 49. Ainda não acabara de falar, chegou alguém e disse ao príncipe da sinagoga: Tua filha morreu; não dês ao Mestre mais incômodo. — 50. Mas, ouvindo isso, Jesus disse ao pai da menina: Não temas, tem fé somente e ela será salva. — 51. Chegando à casa de Jairo, não deixou que aí entrassem senão Pedro, Tiago e João, com o pai e a mãe da menina. — 52. Todos a choravam e lamentavam. Ele, porém, disse: Não choreis, ela não está morta, apenas dorme. — 53. Zombavam, porém, dele, por saberem que estava morta. — 54. Jesus, pegando--lhe na mão, exclamou: Menina, levanta-te: — 55. Seu Espírito voltou ao corpo, ela se levantou imediatamente e Jesus mandou que lhe dessem de comer. — 56. Os pais da menina se mostraram cheios de espanto e ele lhes ordenou que não dissessem a ninguém o que sucedera.

N. 124. Aí tendes a consolação de um pai; um exemplo de fé oferecido à multidão; a continuação, em suma, por parte do Cristo, daquela vida de ensinamentos, que constituía o desempenho da sua missão terrena.

Quanto à cura da mulher doente, Jesus a operou pelos meios que conheceis, pelo seu poder magnético.

Envolto em fluidos vivificantes, distribuía-os pelos que deles necessitavam.

Quanto aos de que se serviu para fazer cessasse o fluxo sanguíneo, nada podemos dizer, por vos ser ainda impossível entrar no conhecimento das combinações fluídicas. O homem, como já o temos dito, não se acha ainda capaz de compreender a *natureza* dos fluidos, *seus efeitos* e suas *propriedades de ação*. Jesus dispunha dos fluidos vivificantes e reparadores; que isso por enquanto vos baste.

A pergunta: Quem me tocou? — pergunta que, feita pelo Mestre, pode causar estranheza, ele a formulou *intencionalmente* para provocar, diante da multidão, a confissão da mulher e assim tornar patente a todos o "*milagre*".

Pelo que respeita à filha de Jairo, o Espírito não abandonara o corpo, apenas se ausentara e Jesus o chamou. Ele tivera permissão de prolongar a sua ausência a fim de que o corpo, tornando-se completamente inerte, apresentasse todas as aparências da morte.

Para os homens, a filha de Jairo estava morta; essa era a *aparência*. *Aos olhos de todos*, a morte ali era indubitável, positiva. *Na realidade*, porém, não havia mais do que um estado de catalepsia completa, um estado, portanto, de morte *aparente*, de natureza a iludir os mais hábeis peritos.

Havia, dissemos, inércia completa, isto é, suspensão de todas as sensações, de todos os movimentos, da vida em suma, com ausência de pulso, de respiração, de calor, aspecto cadavérico, insensibilidade física, material, tão profunda que as pancadas, os ferimentos nenhuma impressão provocariam, nenhuma contração, nenhum sinal de vida.

Vindo ao encontro do chefe de sinagoga, seus servos lhe disseram: *tua filha morreu*. Mas, aos que choravam e faziam grande alarido Jesus disse: "Por que vos achais aflitos e porque chorais? *A menina não está morta, apenas dorme*".

Aos tocadores de flauta e ao grupo de pessoas que faziam grande algazarra, disse: "*Retirai-vos, pois que a menina não está morta, apenas dorme*". E todos, *por saberem que ela estava morta, zombavam dele*.

Afastada a multidão, disse ele à menina: "*Levanta-te*". E sua alma, tendo voltado ao corpo (uma vez que não estava morta, que apenas dormia), ela se levantou.

A menina *não está* morta, disse Jesus, *apenas dorme* — essa a *realidade*.

Não havia ali, com efeito, mais do que sono e sono natural ordinário, o que não deveis ter dificuldade em compreender, pois sabeis que a ausência do Espírito mergulha o corpo num sono profundo. Pelo desprendimento completo do Espírito se produz o estado de catalepsia.

Ao Espírito da filha de Jairo fora permitido ausentar-se, já o dissemos. Ele tivera uma permissão, não recebera uma ordem, porquanto o Espírito não precisa de ordem para se desprender do corpo. Precisa, sim, para entrar nele. O pássaro que se evade da gaiola apertada onde definhava não deseja voltar para a prisão. Procurai compreender aqui a posição do Espírito, reportando-vos aos atos da vida humana: o soldado que obtém uma licença sabe a que horas ela termina. Com mais forte razão o mesmo se dá com o Espírito em condições semelhantes.

Se o da filha de Jairo se houvera esquecido de voltar ou resistido ao regresso, os Espíritos superiores que o cercavam, vigilantes para que a ausência se prolongasse pelo tempo que necessário fosse à realização exata e integral da obra que Jesus intentava e ia realizar, o teriam impedido de frustrar por essa forma a execução do intento do Mestre. Aliás, semelhante resistência fora uma rebelião que de modo algum se verificaria contra a vontade de Jesus, acrescentando que

aquele Espírito não podia pensar em tal, uma vez que aceitara a missão que desempenhou.

O estado de catalepsia em que a menina caiu e que deu lugar à crença numa morte real e, por conseguinte, numa "ressurreição", no sentido que entre os homens essa palavra tem, se produziu porque entrava nos designios do Senhor que assim acontecesse para cumprimento da missão de Jesus e para que esta desse os frutos que devia dar naquele momento e no futuro.

Tudo o que assinalou a passagem de Jesus pela Terra fora previsto e preparado mediante as encarnações dos Espíritos que haviam de concorrer para a execução da sua obra de missionário.

Supondes, porventura, que o soberano Senhor do Universo possa esperar alguma coisa do que chamais — *efeito do acaso?*

Repetimos: o Espírito da filha de Jairo não abandonara o corpo. Completamente desprendido deste, que se achava imerso em profundo sono, estava a ele preso pelo cordão fluídico do perispírito, invisível para olhos humanos. Graças a essa ligação do Espírito com o corpo, a vida neste continuava a ser mantida, mas se achava *suspensa* pelo estado de catalepsia completa, que dava aos homens a impressão da morte *real*.

A filha de Jairo (disse-o Jesus aos que o cercavam) não estava *morta*, dormia.

Por ato de sua vontade poderosa, ele fez voltar o Espírito à sua prisão e, pela ação magnética, restituiu a saúde ao corpo da menina. Assim é que *houve o despertar e a mocinha foi curada*.

Para mais prender a atenção dos homens, mandou o Mestre que lhe dessem de comer.

Quanto à presença dos tocadores de flauta de que se vos fala, isso indica a observância de um uso hebraico em situações como aquela.

"O rumor da ressurreição e do restabelecimento da filha de Jairo se espalhou por todo o país; mas Jesus ordenou aos que tinham estado presentes, ao pai e à mãe da menina, que nada a ninguém dissessem do que fora feito, do que se passara."

A multidão, como sabeis, não entrara. Não se vos disse que Jesus a deixou fora?

O Mestre conhecia o que o futuro reservava e assim não queria que, *naquele momento*, sua reputação se estendesse até aos sacerdotes e levitas.

O desprezo que uns e outros votavam à credulidade e à ignorância do povo os mantinha em guarda (no sentido de que nenhum crédito lhes davam) contra os fatos milagrosos, isto é, impossíveis, para eles, de se produzirem e que a voz pública espalhava.

Aspecto diverso, porém, tomaria o caso se a "ressurreição" da filha de Jairo fosse atestada pelo próprio Jairo, chefe de sinagoga, homem justo e estimado.

Se, a propósito da notícia emanada do povo, interpelessem a Jairo, um pretexto qualquer lhe teria bastado para tapar a boca aos inquiridores. Mas, nada disso sucedeu. Os sacerdotes e os levitas pouco se preocupavam com o que não lhes dizia respeito *pessoalmente* e, sobretudo, com os falatórios do povo, aos quais, repetimos, nenhum crédito prestavam.

MATEUS, Cap. IX, v. 27-31*Cegos curados*

V. 27. Ao sair Jesus dali, dois cegos o seguiram, clamando: Filho de David, tem piedade de nós! — 28. Quando chegou a casa, os cegos se aproximaram e ele lhes perguntou: Credes que eu possa fazer o que me pedis? Os dois responderam: Sim, Senhor! — 29. Ele então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se conforme a vossa fé. - 30. Os olhos de ambos se abriram e Jesus lhes proibiu terminantemente que falassem do fato, dizendo: Vejam que ninguém o saiba. — 31. Mas os dois se foram e espalharam por todo o país a fama do Mestre.

N. 125. A cura dos cegos se operou como as outras curas materiais já anteriormente obtidas: por ato da vontade do Mestre e por sua ação magnética. Ele fez convergir, sobre os olhos dos cegos e sobre os organismos de ambos, os fluidos apropriados à natureza e à causa da cegueira que os havia atacado.

Se o espírito condenado às trevas humanas, quer nascendo cego, quer cegando mais tarde, só tem que sofrer essa condenação por um certo tempo, ele encontrará, ao longo do seu caminho, a luz de que se acha privado. Tais casos são raros; porém, quanto mais a humanidade se purificar, menos longa e penosa será a expiação humana e mais apto se encontrará o homem para o emprego daqueles meios de cura que o Senhor vos pôs nas mãos e que ainda desconheceis.

O emprego dos fluidos magnéticos pode fazer cessar a cegueira, quaisquer que sejam a sua natureza e a sua causa, assim como a surdez e a mudez, mas *somente* no caso em que o Espírito tenha que suportar apenas uma prova passageira e a suporte de modo a obter do Senhor a sua cessação. Se murmura, se não

a sofre com paciência e resignação, o castigo pode ser prolongado e, neste caso, *os meios* de destruir o mal são postos fora do alcance do homem.

Não é impossível a este conseguir, *acidentalmente*, aquele resultado, por ato da sua vontade e pela ação magnética; mas, para isso, se faz mister que *uma grande pureza* lhe dê *tão grande poder*, com o auxílio, que então não lhe faltará, dos Espíritos superiores, os quais procedem à escolha e lhe colocam à mão os fluidos apropriados ao resultado que deva obter. É esse um tesouro que vos está *reservado* e que vos cumpre *adquirir*, porquanto mãos profanas, isto é, indignas de semelhante favor, só imperfeitamente podem usar dele. Para alcançar a pureza necessária à posse de tão alto poder, para contar com o auxílio e o concurso dos Espíritos superiores, tem o homem que se purificar, que se elevar.

Tais casos são raros, dissemos acima, mas, ficai sabendo, o Espírito que haja sido condenado a sofrer apenas por um certo tempo as trevas humanas achará no seu caminho Espíritos encarnados com a missão de pôr termo a essas provações ou expiações passageiras.

O Senhor tudo prepara e prevê, a fim de que todas as coisas se passem *como devem passar-se*.

Para chegar, de modo seguro e previsto, a curar a cegueira, a surdez, a mudez e todos os outros males e enfermidades humanas, *como as curava Jesus*, preciso é que o homem, ao mesmo tempo, *se eleve e se ponha em condições* de apreciar o valor dos fluidos de que se possa servir, de conhecer e distinguir *a natureza, os efeitos e as propriedades de ação dos fluidos* vivificantes, fortificantes e reparadores, dos fluidos purificadores e regeneradores, próprios a destruir as causas de doenças e enfermidades, tanto quando essas causas sejam internas, residam num viciamento do organismo, como quando sejam externas. Neste último caso,

os fluidos purificadores e regeneradores destroem e devoram de pronto, com muito mais eficácia e muito melhor do que por meio de uma operação cirúrgica, as substâncias estranhas causadoras do mal. Os fluidos fortificantes e reparadores se destinam a destruir as causas de enfermidades de origem *nervosa, ou paralisante*.

Toda enfermidade que contribua, de maneira *sensível*, para modificar a existência ordinária do homem é *provação ou expiação*.

A cegueira, quer permanente, quer temporária, é imposta, como *provação ou expiação*, segundo o grau de culpabilidade, àquele que recusou auxílio a seus irmãos, que abusou de suas faculdades, fossem elas quais fossem, e que assim ficou sujeito a sofrer a pena de *talião*. Terá que viver na dependência dos outros e suportar as privações resultantes da ausência daquelas faculdades, que foram sua força ou seu orgulho em precedente existência.

Quanto à proibição de Jesus aos dois cegos, de falarem da cura que neles acabara de operar, tinha por fim não dar a crer aos homens que se servira de meios humanos próprios a criar uma reputação humana. Aquele que tais coisas fazia, proibindo que as divulgassem, não podia passar, aos olhos de seus irmãos, por ser um charlatão ou um homem comum, ávido de uma reputação com que atraísse os doentes, tendo em vista vantagens mercantis.

Jesus, em certas ocasiões, como que se cercava de mistério, a fim de que a fama das grandes coisas que fazia crescesse, realçada por esse tom misterioso. Procedia sempre de acordo com as circunstâncias e com o meio em que se achava. Os efeitos tirados das leis naturais então conhecidas deviam ter um alcance moral, mas nem todos estavam aptos a recebê-lo nas mesmas condições. Para uns a publicidade era necessária, outros acolhiam mais favoravelmente o que se

Ihes contava rodeado de uma sombra de mistério. O grande talento do médico está em saber aplicar o medicamento na dose proporcionada à força do doente.

**MATEUS, Cap. IX, v. 32-34. — LUCAS,
Cap. XI, v. 14-20**

Possesso mudo. — Blasfêmia dos fariseus

MATEUS: V. 32. Logo que eles saíram, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. — 33. Tendo sido este expulso, o mudo falou; e a multidão admirada dizia: Nunca se viu coisa semelhante em Israel. — 34. Mas os Fariseus diziam: Ele expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios.

LUCAS: V. 14. Jesus expulsou o demônio de um homem que estava mudo e, logo que expulsou o demônio, o mudo falou e todo o povo se encheu de admiração. — 15. Mas, entre os populares, alguns diziam: É por Belzebu, príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios. — 16. Outros, para o tentarem, lhe pediam um sinal do céu. — 17. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo será desolado, e casa sobre casa cairá. — 18. Se, pois, Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Sim, porquanto dizeis que é por Belzebu que expulso os demônios. — 19. Ora, se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem os expulsarão vossos filhos? — Eis porque serão eles mesmos os vossos juizes. — 20. Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.

N. 126. Era exercendo uma ação fluídica sobre os órgãos da voz, da palavra, que o mau Espírito, obsessor daquele homem, a quem chamavam possesso do demônio, o tornava mudo, subjugando-o.

Do mesmo modo por que o obsessor do cego lhe paralisa a vista, que o do surdo lhe paralisa o ouvido, cobrindo cada um desses órgãos com uma parte do fluido que o envolve e retirando-lhe assim, momentaneamente, as faculdades, também o do mudo lhe paralisa a voz, privando-o da faculdade de falar.

Jesus ordenou ao Espírito obsessivo que abandonasse a vítima e, tendo-se aquele Espírito no mesmo instante afastado, cessou a ação fluídica que produzia a mudez e o mudo falou.

A subjugação a que se achava sujeito o homem e a sua conseqüente mudez eram para ele uma provação e uma expiação.

Quando observardes uma punição, procurai do outro lado o abuso a cuja reparação e expiação ela se destina. O mudo, constrangido a guardar silêncio, quando as palavras e a necessidade de se exprimir lhe fervilhavam no íntimo, expiava um abuso de eloquência; orador de talento, contribuía para arrastar os povos a profundos erros. Expiava.

A provação e a expiação da mudez lhe foram impostas por limitado tempo. Sofrera o castigo sem murmurar, paciente e resignado. Jesus o libertou.

A acusação dos fariseus e dos sacerdotes era análoga à de que sois objeto hoje vós outros espíritos.

Não se vos acusa de estardes em relação com os Espíritos infernais?

Não é ao "demônio" que ainda hoje *acusam* de vos pregar o amor a Deus, a renúncia às coisas da terra quando sejam instrumento e meio de satisfação do orgulho, do egoísmo, da avareza, da intemperança, da sensualidade, da luxúria, dos vícios e paixões más? Não é ao "demônio" que ainda *acusam* de vos pregar a *caridade sem limites* para com vossos irmãos, o horror a tudo o que vos possa conduzir ao mal, o perdão, sem restrições, das injúrias e ofensas, qualquer que seja a gravidade delas⁴?

Assim sendo, fácil se vos torna perceber as con-

⁴ Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de Fevereiro de 1863.

seqüências que podeis tirar da acusação feita ao *Justo*.

Caminhai *nas suas pegadas*, firmando-vos na sua resposta, que é completa.

"Se expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsarão vossos filhos? — Eis porque serão eles mesmos os vossos juízes."

Por estas palavras, Jesus aludia aos que, seguindo-lhe os passos, procuravam purificar-se e elevar-se, expulsavam os "demônios" pelo jejum e pela prece.

Os verdadeiros espíritas são esses filhos dos homens, que se purificam e se elevam acima de seus pais, que se tornam seus juízes naturais e expulsam ainda os "demônios" pelo jejum (moral) e pela prece.

MATEUS, Cap. IX, v. 35-38*Ovelhas sem pastor. — Seara. — Trabalhadores*

V. 35. Jesus percorria as cidades e as aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, curando todos os males e todas as enfermidades. — 36. E, vendo todas aquelas gentes, teve piedade delas, pois estavam maltratadas e jaziam por ali como ovelhas que não têm pastor. — 37. Disse então aos discípulos: A seara é verdadeiramente grande, mas poucos os trabalhadores. — 38. Rogai, pois, ao dono da seara que mande trabalhadores para ela.

N. 127. Os homens, entregues a si mesmos, precisavam ser grupados sob uma lei a que pudessem obedecer, porquanto a lei de Moisés, excetuados o Decálogo e os preceitos do amor a Deus e ao próximo, se lhes tornara, no tocante às prescrições materiais, ao seu ponto de vista humano e sobretudo às tradições que os levaram a colocar a lei de Deus debaixo do alqueire, um jugo que repeliam, como fazeis hoje com o que, na lei *da Igreja, excetuada a lei de Jesus*, é obra humana — os mandamentos humanos, as interpretações humanas, que, fazendo aditamentos àquela lei simples e sublime, a alteraram, lhe falsearam o sentido e a aplicação.

A multidão era grande. Dispondo de limitado tempo para estar entre os homens, Jesus concitava seus discípulos a reunirem a volta de si todos os de boa vontade que pudessem pregar a moral pura que ele ensinava. Pastor vigilante, tinha necessidade de outros pastores que fossem por toda parte arrebanhar suas ovelhas.

Não nos cansaremos de repetir: tudo tem sua razão de ser. Tanto da parte dos incumbidos de continuar a obra de Moisés, como da parte da igreja encarregada de continuar a obra de Jesus, tudo o que

ocorreu tinha que ocorrer, de acordo com os tempos e as inteligências, sob a ação e por entre as lutas da razão humana e do livre arbítrio do homem a se debaterem nas mãos possantes do progresso. Tudo tem sua razão de ser, conformemente às épocas e a cada fase da vida da humanidade, que vai recebendo progressiva e sucessivamente, em cada era, nos tempos predeterminados pelo Senhor e mediante uma nova revelação, o desenvolvimento e o progresso adequados ao estado das inteligências. Hoje, passou o tempo do reinado da *letra*, que agora *mata*. Soou a hora do advento do *espírito*, que *vivifica*.

Nos vossos dias em que se abre uma nova era, vendo Jesus, como ao tempo da sua missão terrena, todos os povos carregados de males e dispersos como ovelhas sem pastor, deles se apiedou e nós vimos, em seu nome e de ordem do Senhor, repetir-vos estas palavras que ele dirigiu a seus discípulos: "A seara é verdadeiramente grande, mas há poucos trabalhadores; rogai ao dono da seara que mande trabalhadores para ela".

Reuni em torno de vós todos os homens de boa vontade que possam pregar a moral que Jesus ensinava.

Pastor vigilante, ele ainda necessita de outros pastores que vão por todos os pontos da terra arrebanhar suas ovelhas.

Trabalhadores novos e fiéis, verdadeiros espíritas, novos discípulos do Mestre, ide, guiados pelos Espíritos do Senhor, que se comunicam com os homens trazendo-lhes a nova revelação, que não vêm destruir a lei mas completá-la por meio dessa revelação, ide e ensinai às nações. Explicai-lhes, *em espírito e em verdade*, a lei do Mestre, explicai-lhes essa mesma revelação, os ensinamentos daqueles Espíritos, virtudes dos céus que de lá se abalaram; exortai vossos irmãos,

pelo espírito e pela palavra, na ordem material, moral e intelectual, à prática da virtude e do dever, do trabalho, do amor e da caridade e, desse modo, à prática da fraternidade humana. Reconduzi ao aprisco às ovelhas desgarradas, que erram pelas charneças áridas do erro e da mentira, presas da intolerância, do fanatismo, da superstição, do despotismo religioso, ou da incredulidade, do materialismo e, graças a essas influências deletérias, presas também do orgulho, do egoísmo, da avareza, da cupidez, da inveja, do ciúme, da sensualidade, da intemperança, da luxúria; numa palavra — dos vícios e más paixões que degradam a humanidade.

MATEUS, Cap. X, v. 2-4. —MARCOS, Cap. III, v. 13-14, 16-19. —LUCAS, Cap. VI, v. 12-16

Nomes dos apóstolos. — Suas vocações

MATEUS: V. 2. Estes são os nomes dos doze apóstolos: o primeiro, Simão, que é chamado Pedro, e André, seu irmão; — 3. Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o Publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; — 4, Simão Cananeu e Judas Iscariotes, o que o traiu.

MARCOS: V. 13. Subindo a um monte, chamou Jesus a si os que quis e esses acudiram ao chamado. — 14. Designou doze para estarem com ele e para serem enviados a pregar⁵. — 16. A saber: Simão a quem deu o nome de Pedro. — 17. Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais chamou Boanerges, que significa — filhos do trovão. — 18. André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago filho de Alfeu, Tadeu, Simão Cananeu, — 19, e Judas Iscariotes, que o traiu.

LUCAS: V. 12. A esse tempo, tendo Jesus subido a um monte para orar, lá passou toda a noite orando a Deus. — 13. Quando amanheceu, chamou os discípulos, escolheu, dentre eles, doze, chamando-lhes apóstolos: — 14. Simão, a quem cognominou de Pedro, e André seu irmão, Tiago e João, Filipe e Bartolomeu; — 15, Mateus e Tomé, Tiago, filho de Alfeu, e Simão chamado o Zeloso. — 16. Judas, irmão de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor.

N. 128. Jesus, *para os homens*, subira a um monte a fim de orar e aí passara a noite orando a Deus. *Na realidade*, porém, voltou, como já vos temos explicado, às regiões superiores de onde preside às coisas do vosso globo e distribui as ordens do soberano Mestre e lá permaneceu enquanto esteve fora das vistas humanas.

Quando amanheceu, tornando-se novamente

⁵ *Nota da Editora* — Na Vulgata assim está escrito, no Evangelho de Marcos:

Vers. 14 — "...enviados a pregar, e deu-lhes o poder de curarem enfermidades e expulsarem demônios."

visível e tangível, chamou os discípulos e procedeu, entre eles, à escolha dos doze apóstolos.

Quanto aos apelidos que lhes deu, tinham por fundamento o caráter e a missão de cada um dos apelidados.

Entre os doze estava Judas Iscariotes que traiu a Jesus. Conforme vereis pelas explicações que mais tarde vos daremos, Judas Iscariotes era um Espírito elevado em inteligência; mas, pedindo permissão para auxiliar a Jesus, se encarregara de uma missão acima de suas forças, tomara um peso superior ao que lhe era possível suportar e faliu. Quando chegar o momento, dir-vos-emos como foi essa missão pedida por ele, como lhe foi concedida e como foi levado a falir.

LUCAS, Cap. VI, v. 17-19*Descida do monte. — Curas*

V. 17. Jesus em seguida desceu com eles do monte e se deteve numa planície, cercado dos discípulos e de grande multidão de gente de toda a Judéia, de Jerusalém e das regiões marítimas de Tiro e de Sídon. — 18, gente que viera para ouvi-lo e para ser curada de suas enfermidades. Eram também curados os que se achavam possessos de Espíritos imundos. — 19. Todos procuravam tocá-lo, porque dele saía uma virtude que a todos curava.

N. 129. Relativamente à cura das enfermidades e ao afastamento dos Espíritos obsessores, já recebestes todas as explicações (n. 74). Não temos que voltar a esse assunto.

Compreendeis o que era a virtude que saía de Jesus. Eram os fluidos que, por ato de sua vontade e do seu poder magnético, ele dirigia sobre os doentes e notadamente sobre os que dele se aproximavam.

**MATEUS, X, v. 1 e 5-15. — MARCOS, III, v. 15
e VI, v. 7-13. — LUCAS, IX, v. 1-6**

A missão, o poder, a pobreza, a pregação dos apóstolos. — Instruções que lhes foram dadas

MATEUS: V. 1. Tendo reunido os doze apóstolos, Jesus lhes deu poder sobre os Espíritos impuros, a fim de que os expulsassem, e o de curar todas as doenças e enfermidades. — 5. E enviou esses doze, depois de lhes haver dado as instruções seguintes: Não procureis os Gentios e não entreis nas cidades dos Samaritanos: — 6, ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel; — 7, ide e pregai, dizendo: O reino dos céus está próximo; — 8, curai os doentes, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios; dai de graça o que de graça recebestes. — 9. Não tendes ouro, nem prata, nem qualquer moeda nos vossos cintos, — 10, nem saco para a viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão; porquanto, o obreiro merece que o sustentem. — 11. Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, perguntai onde há um justo e em sua casa permaneci até que partais de novo. — 12. Ao penetrardes na casa, saudai-a, dizendo: Que a paz esteja nesta casa. — 13. Se a casa for digna disso, vossa paz descerá sobre ela; e, se o não for, a vossa paz voltará para vós. — 14. Quando alguém não vos quiser receber e não vos escutar as palavras, ao sairdes da casa ou da cidade onde tal se deu, sacudi a poeira dos vossos pés. — 15. Em verdade vos digo: No dia do juízo, menos rigor haverá para com a terra de Sodoma e de Gomorra do que para com essa cidade.

MARCOS: V. 15. E lhes deu o poder de curar as enfermidades e de expulsar os demônios.

VI: V. 7. Jesus chamou os doze e começou a enviá-los dois a dois, dando-lhes poder sobre os Espíritos impuros. — 8. Recomendou-lhes que levassem consigo apenas o bordão; que não levassem nem saco, nem pão, nem dinheiro nos cintos. — 9, que calçassem unicamente suas sandálias, mas não cuidassem de ter duas túnicas.

— 10. E lhes dizia: Na casa em que entrardes, permaneçei até que partais de novo. — 11. Quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber nem escutar, sacudi, ao vos retirardes, a poeira dos vossos pés, dando assim testemunho contra elas. — 12. Tendo partido, os apóstolos pregavam aos povos que fizessem penitência; — 13, expulsavam muitos demônios e ungiam com óleo muitos doentes, curando-os.

LUCAS: V. 1. Jesus, tendo reunido os doze apóstolos, lhes deu poder e autoridade sobre todos os demônios e o poder de curar as enfermidades. — 2. E mandou que fossem pregar o reino de Deus e curar os enfermos. — 3. Disse-lhes: não leveis em viagem nem bordão, nem saco, nem pão, nem dinheiro e não tenhais duas túnicas. — 4. Na casa em que entrardes ficai e dela não saiais; — 5, e, quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber, sacudi, ao deixar-lhes a cidade, até a poeira dos vossos pés, a fim de que isso constitua um testemunho contra elas. — 6. Os apóstolos partiram e foram de aldeia em aldeia, evangelizando e curando por toda parte os enfermos.

N. 130. Jesus mandou que os apóstolos pegassem primeiramente aos da sua nação "humana", para que mais se apertassem os laços da família, da fraternidade, da pátria. Proibiu-lhes se munissem do que quer que fosse, a fim de bem compreenderem que, missionários do Senhor, deviam tudo confiar dele no tocante às coisas da vida e nenhuma importância ligar ao bem-estar material. Recomendou-lhes que abençoassem os lugares onde encontrassem boa acolhida e que sacudissem a poeira dos pés onde os repelissessem, a fim de bem os persuadir de que por toda parte os acompanhava o Mestre, ligando o que eles ligassem e desligando o que desligassem.

Jesus atuava *humanamente* sobre a imaginação humana de seus discípulos, quando, *pronunciando palavras positivas*, se dirigia àqueles a quem falava. Ao mesmo tempo, aludia figuradamente à missão de

todos os que, como os apóstolos, seriam encarregados de levar de porta em porta a palavra do Senhor. Dizemos figuradamente, porque ele se dirigia também às gerações futuras, que viriam a pôr-se nas condições necessárias à execução dessa obra. Se o preferis, podemos usar do termo profeticamente, se bem que aquela promessa devera cumprir-se em todos os séculos; porquanto, se é certo que tem havido pastores infiéis, não menos certo é que sempre houve também guardas severos de seus rebanhos, praticantes da moral que pregavam de coração e não com os lábios unicamente. Esses se punham em condições de ligar e desligar na terra como no céu.

Os discípulos tinham que espalhar a verdade, como hoje vós outros espíritas tendes que a disseminar. Ponde-vos, pois, a caminho, e segui os discípulos do Cristo, que vos preparam as estradas. Entrai nelas resolutamente.

N. 131. Em face do que acabais de dizer: que "Jesus atuava *humanamente* sobre a imaginação humana de seus discípulos e *figuradamente* aludia à missão de todos os que seriam encarregados de levar de porta em porta a palavra do Senhor" — quais o sentido e o alcance destas palavras, referentes aos discípulos: "a fim de bem os persuadir de que por toda parte os acompanhava o Mestre, *ligando* o que eles *ligassem* e *desligando* o que *desligassem*; e destas outras referentes a todos os que, cumprida a missão terrena de Jesus, praticavam a moral que 'pregavam: "Esses se punham em condições de ligar e desligar na terra, como no céu."?

Os verdadeiros sucessores dos discípulos de Jesus podiam alcançar os mesmos privilégios, com a condição de adquirirem e terem a mesma pureza. Assim é que aqueles dentre vós que, verdadeiros espíritas, tentarem, com todas as suas forças, elevar-se ao Senhor, *podem ligar e desligar na terra, certos de que ligaram*

e desligaram igualmente no céu. Mas, a acepção verdadeira, na qual a vossa humildade deve entender essa faculdade, é a seguinte: o homem não pode traçar a linha de conduta que o Senhor haja de seguir, nem, por conseguinte, lhe ditar suas maneiras de ver. O Espírito encarnado, porém, tendo atingido um certo grau de elevação, pode e deve compreender, de antemão, as vontades do supremo Juiz. Eis porque, pelos atos humanos, o mesmo Espírito se encontra em estado de sentir, dentro de si, a sentença que será proferida e, pela sinceridade do arrependimento, a indulgência com que o juiz sentenciará. Tal o sentido em que deveis compreender aquelas palavras, que o orgulho humano falseou, fazendo-as exprimir um ato arbitrário⁶, um tráfico vergonhoso⁷, e não uma faculdade altíssima de cujo uso os que de tais palavras abusaram sentiam bem e sentem hoje mais do que nunca ser incapazes.

Servindo-nos dos termos — *ligar e desligar*, empregamos as expressões que as escrituras adotam e que explicaremos de modo especial, quando chegar a ocasião.

Os discípulos fiéis de Jesus eram Espíritos elevados, que se não deixavam dominar pelo sentimento da animosidade pessoal, que, com segurança, julgavam do Espírito e não do homem, visto que se achavam em condições de apreciar, pela inspiração que recebiam sob a influência e ação espíritas, o valor daqueles a quem se dirigiam. Se, portanto, encontravam Espíritos *humildes e retos*, eles os abençoavam, exortando-os a seguirem a trilha que lhes mostravam. E Jesus lhes aprovava o proceder. Se, ao con-

⁶ Arrogando-se o poder de absolver ou de condenar, concedendo ou recusando a absolvição, de perdoar ou não os pecados, não como simples declaração, mas como sentença proferida em julgamento.

⁷ Pela venda das indulgências.

trário, topavam com Espíritos atrasados, cujas provas longe estavam de chegar a seu termo, rebeldes ao que lhes eles pregavam, sacudiam contra esses a poeira que traziam nos pés, isto é, se afastavam, porquanto os Espíritos de ordem superior não se juntam aos Espíritos culpados, endurecidos. E sobre estes deixava o Senhor cair o peso da expiação, por mais dolorosa que houvesse de ser.

Eis aqui os frutos do erro *da igreja*: apoiando-se nas palavras que Jesus dirigia a Espíritos encarnados, mas *em missão*, ela acreditou poder apossar-se da herança de infalibilidade que, naqueles Espíritos, o *Espírito Santo* viera *selar*, isto é, da infalibilidade que, por ordem do Senhor, lhes vinha da assistência, da inspiração, da proteção, do amparo e do concurso dos Espíritos superiores, esquecendo-se, entretanto, de chamar a si a herança de santidade, de virtudes e de elevação moral por eles deixada. Pretendeu ela, portanto, fazer uso de armas que era incapaz de manejar; ter em suas mãos, baldas da pureza das dos apóstolos e muitas vezes manchadas, a chave da morada de toda a pureza. Assim que, repeliu os *eleitos* e acolheu os *repelidos*. Voluntariamente cega, mergulhou cada vez mais nas trevas que o orgulho e a confiança em si mesmo geram. *A igreja, porém, despertará; o sonho em que ainda se compraz, dissipar-se-á ao clarão da nova aurora.*

A trombeta do *juízo final* vai retumbar para ela nos quatro cantos do mundo. Os anjos do Senhor aparecerão em sua glória, não do modo por que ela o diz nas suas errôneas interpretações, mas na glória da pureza; e os discípulos de Jesus, reencarnando outra vez para acabarem a obra que começaram, virão ainda *ligar e desligar* na terra e o Senhor *ligará e desligará* no céu, pois que tal será deles a missão. E o julgamento não se achará inquinado de nulidade.

Coragem, filhos da nossa igreja, da *Igreja do Senhor*, aproximam-se os tempos em que os discípulos e o Mestre aparecerão *de novo* entre vós, em que vossos olhos desvendados verão o Justo nas nuvens do céu, em que os anjos, isto é, os Espíritos purificados, descerão à Terra para mais eficazmente vos estenderem seus braços fraternais.

Entoai cantos de alegria, rejubilai, rejubilai — os tempos se aproximam.

MATEUS, MARCOS, LUCAS e JOÃO,
Assistidos pelos Apóstolos.

N. 132. Quais o sentido, o objeto e o fim destas palavras de Jesus aos apóstolos: "Não procureis os Gentios e não entreis nas cidades dos Samaritanos; ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel"?

Queria *antes de tudo* ensinar o apoio aos parentes, apertar, já o dissemos, aos olhos dos homens, os laços da família, da fraternidade, da pátria. Queria *igualmente* evitar se alvoroassem desde logo os preconceitos dos Judeus, que se *julgavam os únicos aptos* a receber os benefícios do Senhor. Estes bradariam — sacrilégio, se vissem os discípulos de Jesus falar de arrependimento e pregar o amor de Deus aos que eles, os Judeus, consideravam *excluídos*, pelo pai de todos os homens, da parte da herança que lhes devia tocar.

A pregação aos Gentios se faria mais tarde, a tempo e à hora.

Os Samaritanos, como sabeis, formavam uma seita dissidente do hebraísmo. Gentios eram todos os que não professavam a fé dos Judeus.

E os destas outras palavras: "Ide e pregai, dizendo: "O reino de Deus está próximo!"

O reino de Deus está próximo todas as vezes que o

homem aceita os meios de chegar a esse reino. O Cristo ensinava aos homens as virtudes humanas que lhes abreviariam a série das provações terrenas. O reino dos céus estava próximo para os que lhe seguiam os ensinamentos.

Ainda hoje, hoje mais do que então, o Cristo, por nosso intermédio, diz aos *verdadeiros* espíritas: O reino dos céus está próximo, pois que não mais se vos indicam caminhos indiretos para lá chegar; pois que não mais podeis extraviar-vos tomando uma direção falsa. Servindo-se dos Espíritos do Senhor, que vos trazem a nova revelação, ele vos mostra a estrada *reta e contínua* por onde cumpre enveredeis. Ele vos assinala previamente, apontando-os com o dedo, mediante essa revelação, os obstáculos que vos detiveram os passos até agora, e diz: *Evitai-os; eu vos estendo as mãos para vos ajudar a transpô-los*. Mostra-vos os *sítios de repouso* onde podereis readquirir as forças prestes a vos abandonarem: *a prece, o amor e a fé praticados sinceramente* e não com os lábios apenas. Mostra-vos a fé a vos clarear o caminho com o seu facho divino, caído o véu que *por tanto tempo* vos impedira de ver essa claridade benfazeja, que restitui aos cegos a vista. Mostra-vos a esperança estendendo-vos a mão e vos conduzindo, filhos dóceis e submissos, ao lugar onde descansareis. Mostra-vos, enfim, o amor, o amor poderoso e vivificante do vosso Deus, abrindo-vos as portas do santuário, pensando-vos as chagas, curando-vos as feridas; o amor do vosso Deus que, no limiar da morada celeste, vos diz: Vinde todos vós que chamei dos quatro cantos do mundo; vinde aqui gozar do repouso e da frescura.

Não vos equivoqueis *quanto ao sentido* destas palavras figuradas que acabamos de vos dirigir e que a vossa inteligência humana pode facilmente compreender.

O lugar onde descansareis é o espaço infinito, onde os Espíritos bem-aventurados gozam, numa eterna atividade, da alegria dos eleitos, que todos os homens são chamados a gozar e da qual todos gozarão.

O repouso e a frescura exprimem a calma de que desfruta o Espírito que chegou ao termo de suas provações, mediante a comparação com um viajante extenuado que alcançou o lugar onde repousará, fruindo a calma e a frescura após a fadiga e os ardores do Sol. Mas, vós o sabeis, tanto para o Espírito que chegou ao termo de suas provas, como para o que percorre o caminho delas, o trabalho, e não o repouso numa inação e numa contemplação eternas, constitui a eterna lei, dentro da imensidade, na condição de obreiro e servo do pai que trabalha sempre, que criou, cria e criará por toda a eternidade. Todavia, para o Espírito que chegou ao fim de suas provações, o trabalho não é o que é para vós. Ele encontra no trabalho uma alegria, uma felicidade imensa, complemento da que lhe está prometida. O trabalho, para nós, é mil vezes mais suave do que, para vós, o repouso indolente da vossa existência.

N. 133. Qual, *despojado da letra o espírito*, em espírito e em verdade, a significação do v. 1 de Mateus: "Ele deu aos doze discípulos poder sobre os Espíritos impuros, a fim de que os expulsassem e o de curar todos os males e enfermidades"; — do V. 15 de Marcos: "E lhes deu o poder de curar as doenças e de expulsar os demônios"; — do v. 1 de Lucas: "Jesus, tendo reunido seus doze apóstolos, lhes deu poder e autoridade sobre todos os demônios e o poder de curar as enfermidades"? — Qual a destas palavras de Jesus (v. 8 de Mateus): "Restituí a saúde aos doentes, ressuscitei os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios"?

Os discípulos de Jesus, como já dissemos, eram Espíritos elevados, encarnados em missão, que aceitaram as condições rigorosas da primeira fase de

suas existências humanas, da fase que lhes precedeu à vocação, a fim de concorrerem para a obra de redenção. Em seus trabalhos tiveram o auxílio dos Espíritos superiores que os acompanharam sempre, neutralizando neles a influência da carne sobre o Espírito, adicionando-lhes às faculdades as de que dispunham. Desse concurso resultaram as grandes coisas que os apóstolos realizaram.

Eles aceitaram aquela existência humana, cuja primeira parte devia transcorrer em condições tão humildes quanto vulgares, a fim de melhor fazerem sentir a *transformação* do portageiro, do pescador ignorante em *homem inspirado*, manejador de todos os idiomas e capaz de operar milagres à *vista das nações espantadas*.

Assim, Jesus deu aos apóstolos poder e autoridade sobre todos os maus Espíritos, o poder de curar todos os males e enfermidades, de restituir a saúde aos doentes, de *ressuscitar os mortos*, de purificar os leprosos, de expulsar os Espíritos maus, chamados ao mesmo tempo "demônios" e "Espíritos impuros" — dando-lhes a assistência, o apoio e o concurso dos Espíritos superiores, sustentados estes pelos Espíritos puros, que tinham poder imediato sobre todos os maus Espíritos, bem como o de curar todas as enfermidades, ressuscitar os mortos *segundo o entender dos homens*.

Os apóstolos eram médiuns, quer dizer: intermediários entre os Espíritos superiores que os assistiam e os homens. Com o auxílio das faculdades mediúnicas, sob a ação e a influência medianímicas, é que eles obraram e falaram, a fim de concorrerem para a obra de redenção.

Para expulsarem os maus Espíritos, isto é, para libertarem os homens da subjugação, *tanto* corporal, *como* corporal e moral, ordenavam aos obsessores que se afastassem da vítima, empregando as mesmas

palavras de que usava Jesus: "Sai desse homem". E os obsessores se afastavam no mesmo instante por ato da vontade dos Espíritos superiores, sustentada, se necessário, pela dos Espíritos puros.

Para restituir a saúde aos doentes, limpar os leprosos, curar todos os males e enfermidades, impunham as mãos ou ungiam com óleo os enfermos, obrando por ato da própria vontade e pela ação magnética humana. *Ao mesmo tempo*, os Espíritos superiores, associando sua vontade à deles por meio do magnetismo espiritual, escolhiam e lhes punham ao alcance os fluidos apropriados aos efeitos, aos resultados que tinham de ser obtidos, à cura que se havia de operar.

Ungiam com óleo muitos doentes apenas para tornar a ação que exerciam mais compreensível aos homens. Nenhuma necessidade tinham, para obterem a cura, de recorrer a esses meios materiais, externos, porquanto a mão do magnetizador humano, ou a vontade do *Justo* teriam enviado, sem isso, ao organismo os fluidos de que se achavam carregados os óleos empregados. Aplicando o das oliveiras, usavam dos meios postos a seu alcance, *a fim* de mostrarem que tudo pode servir para a execução dos desígnios de Deus, quando se tem a fé.

Quanto a estas palavras de Jesus aos apóstolos: "Ressuscitai os mortos", tratai de as compreender em espírito e em verdade.

As leis naturais, que Deus estabeleceu desde toda a eternidade, são imutáveis, já o temos dito, e a vontade também imutável de Deus não as derroga nunca, nem jamais força o Espírito a se unir à podridão, a um cadáver.

Jesus precisava, a bem do êxito de sua missão terrena, para que ela produzisse os devidos frutos naquele momento e no futuro, impressionar fortemente a imaginação dos homens materiais e atrasados da época, apropriando, *ao mesmo tempo*, a lin-

guagem de que se servia a seus preconceitos e crenças. Precisava *preparar* as gerações que teriam de receber, nos tempos determinados pelo Senhor e quando o indispensável progresso estivesse realizado, a nova revelação que fora predita e que hoje vos é trazida pelos Espíritos, órgãos do Espírito da verdade.

Quando Jesus dizia aos apóstolos: "Ide... e ressuscitai os mortos", empregava palavras humanas, conhecidas e compreendidas. Nenhum termo havia com que se exprimisse o estado cataléptico e a volta do Espírito ao corpo a que se achava ligado e preso pelo laço fluídico do perispírito.

O estado cataléptico, reconhecido mais tarde, era quase ignorado dos antigos que, solícitos em afastar de si os focos de infecção, queimavam seus "mortos", ou os encerravam em túmulos, logo que se apresentavam sinais indicadores, para eles, da cessação da vida. Quantas expiações pelo fogo ou pela fome se verificaram assim naquelas épocas em que a ignorância dos homens servia para que muitos pagassem crimes cometidos em anteriores existências!

Vimos de dizer que os antigos quase ignoravam o estado cataléptico, porque apenas alguns homens mais adiantados tinham dele noção. Esta era, porém, vaga, porquanto não a compreendiam, nem científica, nem espiriticamente.

Os apóstolos, os discípulos, a multidão que se premia em torno de Jesus, a turba dos escribas, dos fariseus e dos sacerdotes o desconheciam completamente.

Os evangelistas, médiuns historiadores inspirados, reproduziram, debaixo da influência e da inspiração mediúnicas, tal qual Jesus as pronunciara, estas palavras: "Ide... e ressuscitai os mortos". Empregaram as expressões de que dispunham para relatar os fatos, mas sem possuírem o *segredo* do pen-

samento que Jesus ocultara sob aquelas palavras, as quais, para eles como para os outros homens, ficavam sujeitas às interpretações humanas.

Já o dissemos e explicamos: todas as ressurreições de pessoas *consideradas mortas pelos homens*, de que falam tanto o Antigo Testamento como a Boa-Nova, não foram mais do que a cessação do estado cataléptico. Todos os indivíduos tidos por mortos se achavam nesse estado, não se havendo produzido neles o rompimento do laço que prende o Espírito ao corpo.

Considerados por todos como mortos, mortos teriam eles ficado realmente, se não fora o socorro dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores que, com a sua vontade poderosa e com o seu poder magnético, assistiam — tanto aos profetas que, inconscientes dessa assistência e desse concurso, atribuíam, do mesmo modo que os outros homens, a *ressurreição* do morto a uma ação *direta* do próprio Deus — como aos apóstolos que, inconscientes também dessa assistência e desse concurso, atribuíam, do mesmo modo que os outros homens, a *ressurreição* a uma ação *direta* do *próprio Mestre*.

Quer com relação aos profetas, quer com relação aos apóstolos, os Espíritos puros, os Espíritos superiores obravam sob a direção de Jesus, pois, como sabeis e nunca deveis perder de vista, Jesus é o protetor e o governador do vosso planeta, é quem presidiu à sua formação e quem desde então o dirige, como também o é da humanidade terrena, que será por ele conduzida à perfeição.

N. 134. Qual o sentido destas palavras de Jesus: "Dai de graça o que de graça recebestes"?

No pensamento de Jesus, essas palavras eram ditas para aquele momento, mas também para o futuro.

A mediunidade, as faculdades mediúnicas que os apóstolos possuíam, a assistência e o concurso dos Es-

píritos puros e dos Espíritos superiores eram, ao mesmo tempo e concomitantemente, os meios pelos quais, no desempenho de suas missões, eles espalhavam a Boa-Nova, pregavam o reino de Deus, curavam as moléstias e enfermidades, ressuscitavam os que os homens consideravam mortos, expulsavam os maus Espíritos. E essa mediunidade, essas faculdades mediúnicas, essa assistência e esse concurso eram um dom gratuito de Deus.

Dizendo aos apóstolos: "Dai de graça o que de graça recebestes", Jesus lhes ensinava que as coisas de Deus *jamais* devem constituir objeto de tráfico, de especulação, de meio de existência material humana; que, no desempenho das missões de que se achavam investidos, suas palavras e seus atos não deviam ter por móvel senão o amor a Deus, o amor ao próximo, a humildade e o mais absoluto desinteresse.

Aquelas palavras *também* eram dirigidas aos que, médiuns, investidos de faculdades mediúnicas, seriam chamados a servir de intérpretes aos bons Espíritos, de seus intermediários junto dos homens; a todos os que, apóstolos da nova revelação, inspirados pelos Espíritos do Senhor, seriam chamados a pregar a *lei* de Jesus, explicada em espírito e verdade e *desenvolvida* por essa mesma revelação.

O Cristo, por nosso intermédio, diz a vós outros espíritas, médiuns, como disse aos apóstolos: "Dai de graça, seguindo-lhes as pegadas, o que de graça haveis recebido", porquanto, para vós como para eles, tudo vem de **Deus** e vos é dado de graça, a fim de desempenhardes a vossa tarefa.

N. 135. Em face dos termos dos v. 9 e 10 de Mateus, 8 e 9 de Marcos, 3 de Lucas, quais foram, na realidade, as palavras ditas por Jesus?

"Não tenhais e não leveis convosco nem saco, nem pão, nem ouro, nem prata, nem moeda nos vossos cin-

tos; não tendes duas túnicas; tomai um bordão para vos apoiardes durante a viagem e colocai aos pés sandálias para suportardes a caminhada .

N. 136. Quais o sentido e o alcance dessas palavras de Jesus?

Por esse mandamento dado aos apóstolos, o Cristo ensinava a homens materiais o desprezo dos bens terrenos e a confiança na bondade do Senhor.

Para os homens dos vossos dias, para vós, espíritas, consideradas aquelas palavras como ditas por Jesus tendo em vista o futuro, o ensino é este: 'Não ligueis vossa vida às coisas sem duração, mas às que não perecem; não cuideis *antecipadamente* de vos proverdes de erudição e de ciência *perecíveis* e sim de vos instruídes no que conduz à vida eterna". Não quer isto dizer que vos concitamos a desprezar os estudos e os cuidados que a vossa existência humana reclama. Esta tem exigências a que deveis submeter-vos, é uma obrigação a cumprir; mas, não deveis torná-las o objetivo *único* da vossa vida. Armazenai, portanto, o pão que sustenta o corpo, tanto para vós como para os vossos irmãos que não tiverem podido fazer o mesmo; porém, armazenai sobretudo o pão da vida. Adquiri a instrução necessária ao desenvolvimento da vossa inteligência; mas, adquiri principalmente a instrução *preciosa* que vos *eleva* o Espírito.

N. 137. Como devem ser entendidas estas palavras de Jesus: "Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, perguntai onde *há um justo e em* sua casa permaneçei até que partais de novo e, ao penetrardes na casa, saudai-a, dizendo: Que a paz esteja nesta casa; se a casa for digna disso, vossa paz descerá sobre ela; se o não for, vossa paz voltará para vós? "

Entrando na casa do justo, os discípulos de Jesus pediam as bênçãos do Senhor e, por conseguinte, a proteção dos bons Espíritos para aquele que os acolhera. Se, no entanto, falsa era a apreciação humana, se o homem considerado justo por seus irmãos era velhaco e mentiroso, se era hipócrita, como o homem pode iludir os outros homens, porém não engana a Deus, as bênçãos, em vez de descerem sobre ele, caíam sobre o que delas se mostrava digno, afastavam-se do coração viciado e, com solicitude, acompanhavam o coração puro.

O justo é aquele que se esforça por trilhar os caminhos do Senhor e por não sair deles; é o que pratica, em toda a extensão, as virtudes impostas aos homens como condição para chegarem a Deus; é o que pratica a verdadeira caridade; o que se oculta, vela seus atos e palavras, se faz humilde ante os homens e procura mesmo fazer-se humilde *no segredo* do coração; porquanto, se sois caridosos, mas confiais em que praticastes um ato meritório de que outros não seriam capazes, bem insignificante é o vosso mérito. O justo é aquele que faz o bem sem egoísmo, sem idéia preconcebida, sem esperar o reconhecimento dos beneficiados ou o louvor dos indiferentes e, ainda mais, sem contar com a recompensa que possa obter do Mestre. O justo é aquele que tem fé, forte e tenaz, que não pode ser abalada, que a tudo resiste, fé bondosa para com todos, que não se impõe pela força, que se insinua pouco a pouco pelo exemplo e pela prática das boas obras, fé que pode levar os outros homens a dizerem dele: "Porque não tenho a sua fé?" — "Ali está um justo aos olhos de Deus".

N. 138. Quais são, despojado da letra o espírito, *em espírito e em verdade*, o sentido e o alcance destas palavras de Jesus: "Quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber nem escutar, sacudi, ao vos retirardes, a poeira dos vossos pés, a fim de

que isso constitua um testemunho contra elas; em verdade vos digo: No dia do juízo, menos rigor haverá para com a terra de Sodoma e de Gomorra do que para com essa cidade"?

Essas palavras, segundo o pensamento de Jesus, eram ditas para aquela época e para os tempos vindouros. Dirigiam-se não só aos discípulos de então, como também aos que viriam a ser discípulos na era nova.

Aqueles, a quem o Senhor envia a luz e que recusam aceitá-la, mais culpados são do que os que, imersos nas trevas, nenhum socorro direto recebem para sair delas. Não vos conserveis perto dos primeiros, não percais vosso tempo a pregar aos que não querem ouvir. Consagrai-o antes aos que se acham dispostos a enveredar pelo novo caminho.

Vosso tempo é precioso; ide, pois, trabalhar sempre na vinha do Senhor. Ela se abre em aléias diante de vós e borda o caminho, mas nem todas as cepas são boas. Quando houverdes tentado melhorar as que vos pareçam estéreis, se verdes que, mau grado aos vossos esforços, não dão fruto algum, deixai-as, seu tempo ainda não chegou, e passai a outras em que, com afetuosos e inteligentes cuidados, podereis observar o desenvolvimento dos sucos, que dão força e vida.

Não percais o vosso tempo. Trabalhai sempre com ardor, mas trabalhai caminhando para a frente, pois tendes que percorrer estrada longa para chegardes ao fim.

Sim, no dia do juízo, houve e *haverá* menos *rigor para com as terras de Sodoma e de Gomorra*, quer dizer: para com os Espíritos culpados que, imersos nas trevas, não tiveram socorro algum direto a fim de sair delas, do que para com "essa cidade", isto é, do que para com os Espíritos rebeldes e culpados que recusaram receber a luz que o Mestre ainda hoje lhes

envia por intermédio de seus novos discípulos, os apóstolos da nova revelação.

Sim, quem rejeitou todos os socorros para se tornar melhor é um Espírito obstinado no mal. Longa será por isso a duração das suas provas e expiações: eternidades de sofrimentos correspondendo a eternidades de faltas. Quer isto dizer que os sofrimentos ou torturas morais, apropriados e proporcionados às faltas, ao grau de culpabilidade, *supportados* na erraticidade após a morte, ao fim de cada existência sucessiva, e a *reencarnação*, nos mundos inferiores de expiação, *se reproduzirão*, para o Espírito culpado, até que, por meio de provações bem sofridas, deixe ele de se manter rebelde à lei de reparação e de progresso, segundo a qual se purificará, para tomar lugar entre os bons Espíritos, o que ocorrerá quando, por se haver tornado incapaz de praticar o mal, só o seja de praticar o bem.

Empregamos a palavra — *eternidade*, tendo em vista a vossa locução — *penas eternas*. Dizemos — *eternidades*: não percebeis que *é figurado o sentido* desse termo? A única *eternidade* existente, que se possa citar, é Deus.

MATEUS, X, v. 16-22. —LUCAS, XII, v. 11-12

*Prudência. — Simplicidade. —Desassombro
diante dos homens. —Assistência e
concurso do Espírito Santo*

MATEUS: V. 16. Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede prudentes, pois, como as serpentes e simples como as pombas; — 17, mas, guardai-vos dos homens, pois que eles vos farão comparecer perante seus juízos e vos flagelarão em suas sinagogas. — 18. Sereis levados, por minha causa, à presença dos governadores e dos reis para dardes testemunho de mim diante deles e das nações. — 19. E, quando vos fizerem comparecer, não vos cause inquietação o como haveis de falar, nem o que direis; o que houverdes de dizer vos será dado na ocasião. — 20. Porquanto, não sois vós quem fala, é o Espírito do vosso Pai quem fala em vós. — 21. O irmão dará morte ao irmão e o pai ao filho; os filhos se revoltarão contra os pais e lhes darão a morte; — 22, e todos vos odiarão por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.

LUCAS: V. 11. Quando vos conduzirem às sinagogas e à presença dos magistrados e poderosos, não vos cause inquietação o modo por que respondereis, nem o que direis; — 12, pois o Espírito Santo vos ensinará, na ocasião, o que for preciso que digais.

N. 139. Estas palavras de Jesus, conquanto aplicáveis a todas as épocas e a todos os homens de boa vontade, eram dirigidas principalmente aos *apóstolos* e se referiam às perseguições físicas. O Mestre os prevenia da sorte a que iam estar sujeitos eles e seus imitadores, no período, nos séculos que se seguiriam ao cumprimento da sua missão terrena, até aos tempos em que a intolerância, o fanatismo, a ignorância, a superstição, a ambição orgulhosa e cúpida, o despotismo religioso deixariam de ter sob o seu domínio e

por auxiliares os governadores, os reis, os magistrados, o braço secular; em que deixariam de fazer vítimas por meio das torturas, dos autos de fé, das fogueiras, e cederiam lugar, respeitada a vida dos homens, à liberdade de consciência e à liberdade de exame, já proclamadas entre vós e desfrutadas pelos povos verdadeiramente civilizados.

"Eu vos envio, dizia Jesus aos apóstolos, como ovelhas para o meio de lobos; o irmão dará morte ao irmão e o pai ao filho; os filhos se revoltarão contra os pais e lhes darão morte". Por esta forma ele os avisava das perseguições físicas que teriam de sofrer e das dissensões que surgiriam no seio da pátria, da família e nos lugares mais íntimos do lar doméstico.

Também vós, apóstolos da nova revelação, deveis esperar as perseguições, senão físicas, pelo menos morais. Todos os que se acham mais elevados do que aqueles que os cercam provocam a inveja destes.

Em o século que atravessais, no qual predomina o amor ao dinheiro, às dignidades, às honrarias, aos gozos materiais, à superstição e à religião mal compreendida, geralmente os homens, *apenas sob o ponto de vista material*, despertam a inveja dos que os cercam, pela fortuna que possuem, ou pela inteligência que demonstram *no tocante às coisas da terra*. Contudo não vos iludais: o sarcasmo, a zombaria são muitas vezes a máscara que cobre o sentimento instintivo da inveja. Os que de vós zombam sentem no fundo de seus corações que caminhais com maior segurança do que eles e que mais depressa alcançareis a meta.

As perseguições de que já sois e ainda sereis alvo são estas: *Os escribas e os fariseus dos vossos dias vos perseguirão com seus ódios e suas injúrias*, formulando contra vós as mesmas acusações que os escribas e fariseus de outrora faziam a Jesus: as de serdes agen-

tes do demônio, do diabo, de satanás, as de charlatanismo e de loucura. *Da parte dos materialistas e dos incrédulos* tereis o sarcasmo e a zombaria.

Os homens são de tal feitio que, a fazerem qualquer esforço para galgar o cume da montanha e respirar aí um ar puro e vivificante, preferem miná-la pela base, correndo o risco de ser esmagados pelo seu desmoronamento. Essa a razão por que toda inteligência superior, por um aspecto qualquer, às das massas, se torna objeto das perseguições da ignorância, da cupidez, ou do orgulho, sempre que se constitui, na ordem moral e na ordem intelectual, órgão de uma verdade nova, de um novo progresso e, como tal, se choca com os prejuízos, as idéias aceitas, os interesses e as paixões humanas.

Sede, pois, disse também Jesus aos apóstolos, *prudentes como as serpentes e simples como as pombas.*

Tendo que fazer triunfar a divina moral que pregavam, os apóstolos, para o conseguirem, deviam empregar os meios que achassem à sua disposição, conservando íntegra *a pureza de pensamento e de ação.*

Não creiais, espíritas, que, para obterdes o triunfo das vossas máximas, das verdades imutáveis que pregais, devais falar em todas as ocasiões no mesmo tom, não. A ciência do pregador, do propagandista está em apropriar sua linguagem às inteligências daqueles a quem fala.

Se traçardes e seguides sempre uma só linha de proceder, em tal matéria, alcançareis êxito com uns e sereis mal sucedidos com outros.

Tende, portanto, a prudência da serpente. Não é que possais fazer vítimas, nem sufocar o desgraçado que apanheis. É que, dirigindo-vos a Espíritos orgulhosos e suscetíveis, cumpre *avanceis* com prudência. Enleai-os destramente com os vossos raciocínios, atai-os com os vossos exemplos, de tal sorte que,

quando perceberem que procurais apoderar-vos deles, não mais lhes seja possível evitar esse benéfico contágio da *moral prática*.

Mas, para chegardes a semelhante resultado, nunca empregueis senão os meios que a simplicidade e a doçura vos facultem. *Sobre vós mesmos* é que deveis exercer todo o vosso império, de modo que as *vossas vítimas só o sejam do vosso amor sem limites*. Sede prudentes, pois, como a serpente e brandos como a pomba.

"Sereis levados, por minha causa, dizia Jesus aos apóstolos, à presença dos governadores e dos reis, para dardes testemunho de mim diante deles e das nações. Quando vos fizerem comparecer. quando vos conduzirem às sinagogas, à presença dos magistrados e dos poderosos, não vos cause inquietação o como haveis de falar, nem o que responderéis, nem o que direis; o que houverdes de dizer vos será dado na ocasião, pois o Espírito Santo vos ensinará, no momento mesmo, o que for preciso que digais; não sereis vós quem falará, mas o Espírito de vosso pai que falará em vós."

Se os apóstolos, homens saídos do povo, sem educação, sem maneiras, não depositassem confiança na inspiração, não teriam caminhado para a frente. A desconfiança de si mesmos os houvera paralisado. Certos de que a inspiração do *Espírito Santo* os ampararia, avançaram com passo firme para todas as lutas. As ciências, latentes neles, se desenvolveram, a assistência dos Espíritos do Senhor os fortificou e a obra se executou de modo tanto mais frisante, tanto mais notável para as massas, quanto ninguém ignorava donde provinham aqueles homens que, com facilidade, falavam as línguas estrangeiras, pleiteavam com suma eloqüência sua própria causa e as de seus irmãos, mostravam, finalmente, em tudo, um saber, um cabedal de conhecimentos que ninguém pudera supor possuísem. Notai de passagem que em

parte alguma se diz que cada um deles era senhor de todas as ciências. Cada um tinha as suas especialidades, de acordo com os *antecedentes de sua existência*.

Eram médiuns inspirados e, conforme às circunstâncias e às necessidades da situação, audientes ou falantes.

Quando inspirados, o mecanismo da palavra lhes pertencia, só o pensamento lhes era dado.

Toda vez que, excepcionalmente, se fazia necessário, eles se tornavam médiuns falantes e, como tais, instrumentos, por assim dizer, dos Espíritos superiores que os guiavam e que, pela ação de seus perispíritos sobre os deles, atuando fluidicamente sobre o órgão da palavra, se serviam deste, fazendo-os dizer o que devia ser dito.

Espíritos elevados em missão, tinham os apóstolos grande aptidão para a comunicação com os Espíritos superiores, o que tornava suas mediunidades diferentes das vossas.

Para vós, a mediunidade ainda não chegou ao seu completo desenvolvimento e nem mesmo a compreendeis.

Que é o que se dá em certos casos, com o orador cuja linguagem de repente muda, sob a inspiração do momento; com o orador que, tendo-se preparado para tratar do assunto desta ou daquela maneira, se vê arrastado por uma força irresistível a desenvolvê-lo *sob outro ponto de vista*?

Cede, dizeis, à inspiração do gênio. — Mas, de que gênio, senão do Espírito que veio em seu socorro e lhe prestou momentaneamente auxílio, fazendo dele um médium inspirado, inconsciente muitas vezes da influência espírita a que ficou sujeito?

Aquelas expressões de que se serviu Jesus dirigindo-se aos discípulos: "*o Espírito Santo*", — "*o Espírito de vosso pai*" significam: os Espíritos supe-

riores, inteligências superiores enviadas pelo Senhor para os guiar. Também tinham por fim fazer-lhes compreender quanto era elevada a inspiração. Não convindo que revelasse aos homens a escala espírita, Jesus não podia indicar mais do que o seu ponto de partida: "*O Pai, Deus*".

O Senhor não inspira *diretamente* o homem; envia-lhe seus Espíritos para que o guiem. Ora, os Espíritos que serviam a Jesus no desempenho da sua missão eram, temo-lo dito, Espíritos já elevados, assistidos, conseguintemente, por Espíritos ainda mais elevados.

A inspiração divina lhes vinha, pois, mais diretamente.

Pelas locuções *Espírito Santo*, — *Espírito de vosso pai* (vós o sabeis) se designam os Espíritos puros, os Espíritos superiores e os bons Espíritos que o Senhor envia para guiar ou inspirar os que têm por missão fazer triunfar a verdade.

Daí se segue que as palavras de Jesus, dirigidas aos apóstolos, se aplicavam também, no seu pensamento, a todos os homens de boa vontade que, *então* e de futuro, se constituíssem, *com humildade e fé*, os campeões da verdade.

Podeis e já tendes podido verificar a realidade desse apoio prestado ao fraco, quando lhe é necessário, não para que brilhe e prenda a atenção, mas sempre que seja preciso estabelecer uma verdade séria.

Ainda hoje, espíritas, o *Espírito Santo* vos ensinará o que deveis dizer, ainda hoje fala em vós o *Espírito de vosso Pai*, pois que o Senhor manda seus bons Espíritos para vos guiar e inspirar, quando falais aos homens *com humildade e fé*, tendo em mira a vitória da verdade, a propagação da lei de Jesus e da nova revelação, que vem *explicar e desenvolver* em espírito e verdade essa mesma lei.

"Todos os homens vos odiarão por causa do meu nome, dizia Jesus aos apóstolos, mas aquele que perseverar até ao fim, será salvo."

Nós, em nome do Cristo, vos dizemos a vós, espíritas: Sereis objeto do ódio e das injúrias dos homens que se acham ligados pelo interesse, pelo orgulho, pelo espírito de dominação e de intolerância, a esse passado prestes a esboroar-se e que em vão tentam manter de pé; dos sarcasmos, das zombarias e não raro das injúrias dos que, pela incredulidade, pela ignorância filha do orgulho, pelo materialismo, pelo sensualismo e pelos apetites materiais, se conservam afastados das vias do Senhor e repelem desdenhosamente e de intento, sem exame prévio e suficiente, sem o indispensável estudo teórico e experimental, a ciência espírita, a nova revelação. Certo já haveis tido ocasião de julgar do acerto destas palavras.

Imitai os discípulos de Jesus. Aquele que, verdadeiro espírita, dócil à voz do Mestre, caminhando nas pegadas dos apóstolos, perseverar até ao fim, será *salvo*, isto é, tomará lugar entre os bons Espíritos, conformemente ao grau de pureza e de elevação que haja atingido.

Nota da Editora — A palavra — Juízos, do versículo 17, de Mateus, foi substituída, pelos tradutores modernos, por — tribunais, ou por sínédrios.

**MATEUS, X, v. 23-27. —LUCAS, XII, v. 1-3
e VI, v. 39-40**

Fugir às perseguições. — Imitar a Jesus. — Predição da revelação nova. — Fermento dos fariseus. A hipocrisia; nada oculto a Deus. — Cego conduzindo outro cego

MATEUS: V. 23. Quando, pois, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. Em verdade vos digo: Não tereis percorrido todas as cidades de Israel antes que o filho do homem venha. — 24. O discípulo não está acima do mestre nem o servo acima de seu senhor. — 25. Basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo como o senhor. Se ao pai de família chamaram Belzebu, quanto mais a seus domésticos. — 26. Porém, não os temais; porquanto nada há oculto que não venha a ser revelado e nada secreto que não venha a ser conhecido. — 27. O que vos digo nas trevas, dizei-o vós às claras; e o que escutais no ouvido, pregai-o de sobre os telhados.

LUCAS: V. 1. Tendo-se reunido grande multidão em torno de Jesus, de tal sorte que todos uns aos outros se apertavam, entrou ele a dizer aos discípulos: Preservai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia; — 2, porquanto, nada há oculto que não venha a ser conhecido. — 3. Assim, o que dissestes nas trevas será ouvido às claras; e o que houverdes dito no ouvido, dentro dos aposentos, será pregado de sobre os telhados.

VI, V. 39. Propunha-lhes também esta comparação: Pode acaso um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no fosso? — 40. O discípulo não está acima do seu mestre; mas todo discípulo será perfeito, se for como seu mestre.

N. 140. As palavras de Jesus se aplicavam principalmente, no tocante às perseguições físicas, aos apóstolos e aos seus imitadores até à época do advento da liberdade de consciência e de exame, em que já respeitada seria a vida dos homens. Aplicavam-se es-

pecialmente, atenta a profecia da vinda do filho do homem, aos tempos, marcados pelo Senhor, que se seguiriam à revelação do Espírito da verdade, da qual vos é portadora a era nova do Cristianismo *do Cristo*, a era espírita, aplicando-se igualmente à nova missão dos apóstolos e dos seus imitadores, missão que há de preceder a esse advento do Cristo, por ele próprio predito quando desempenhava a sua missão terrena. Sob todos os outros aspectos elas se referiam à época em que eram ditas e ao futuro, em todos os séculos.

Deveis *imitar* aquele que vos conduz. O amo não é mais do que o servo, quando o servo se coloca à altura do amo; altura moral bem entendido. Procedei, pois, como o vosso Mestre; praticai a moral que ele praticava e galgareis o fastígio da felicidade eterna.

"Quando vos perseguirem numa cidade, dizia ele aos apóstolos, fugi para outra!"

Com relação aos espíritas, que são e serão chamados a propagar a fé e a espalhar a nova revelação no seio dos povos verdadeiramente civilizados, os quais, portanto, não têm e não terão que temer e que sofrer senão as perseguições morais, aquelas palavras significam: Não descoroçoéis com os obstáculos e, se vos tiverdes que haver com Espíritos rebeldes e endurecidos, deixai-os por algum tempo e ide a outros a fim de os encaminhardes.

"Em verdade vos digo: "Não tereis percorrido todas as cidades de Israel antes que o filho do homem venha."

As cidades de Israel são, *sob o véu da alegoria*, todas as nações da terra, do mesmo modo que a geração a quem Jesus se dirigia é a geração de Es-

píritos que, purificados com o auxílio do tempo, das expiações e das reencarnações sucessivas, executarão, nas épocas preditas, as coisas anunciadas.

O Cristo se manifestará ainda aos homens, quando forem chegados os tempos.

Espírito protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, encarregado do vosso progresso e de vos levar à perfeição, ele recebeu do pai, seu e vosso pai, vosso Deus e seu Deus, três missões. As duas primeiras consistiram em preparar, entre os homens, a realização do progresso físico do vosso mundo, do progresso físico, moral e intelectual da humanidade terrena e a da regeneração humana. A terceira consiste em levar a efeito a realização daquela obra, conduzindo-vos à perfeição.

A *primeira* ele a cumpriu desempenhando a sua missão terrena e continuou a cumpri-la no estado de Espírito invisível aos homens, com o concurso do *Espírito Santo*, isto é, dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, que, sob a sua direção, trabalham na sua obra.

A *segunda* é a da nova era que se abre diante de vós pela revelação espírita: a era do *Espírito da Verdade*, que vem, por intermédio dos messias, isto é, dos enviados especiais e dos missionários, errantes e encarnados, conduzir progressivamente as gerações humanas à verdade, ensinar-lhes todas as coisas e anunciar-lhes as que hão de vir.

A *terceira* ele a virá cumprir nos tempos preditos, como Espírito da Verdade, trazendo o complemento e a sanção da verdade, para vo-la mostrar sem véu. Manifestar-se-á então aos homens em todo o seu poder, em toda a majestade da sua pureza perfeita e imaculada, cercado dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, que vos terão preparado e levado a esses tempos, em que sereis, do mesmo passo, capazes e dignos de receber o Mestre e de suportar a verdade *sem véu*.

Sim, tudo se cumprirá. Jesus preparou a infância, hoje prepara e vai desenvolver a inteligência da idade madura. Dentro em pouco virá colher os frutos de seus trabalhos e receber aqueles de seus discípulos que houverem aproveitado de seus ensinamentos.

Não vos equivoqueis a respeito do sentido destas palavras — *dentro em pouco*, nem do das de Jesus quando na terra falava do futuro, *da aproximação dos tempos*. Nós não contamos, sabeis-o bem, os anos e os séculos na eternidade, como contaís os minutos, as horas, os dias e os anos da vossa existência humana.

“O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do Senhor: basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo como o Senhor.”

Aos olhos do Senhor eterno são iguais todas as condições sociais; conseqüentemente, o senhor não é mais do que o servo. Só tem maior valor aquele que pratica, *com humildade*, a lei de amor que vos é ensinada. Só será igual ao mestre em moral aquele que praticar a moral.

Compreendam bem os homens, no seu princípio, no seu objetivo e nas suas conseqüências, a lei natural e divina da reencarnação, que lhes vem ensinar serem a vida humana e as condições sociais, para cada um deles, uma *provação*, ou uma *expição*.

Compreendam e não esqueçam nunca que, pela pluralidade das existências e conformemente ao grau de culpabilidade, as provações e as expiações, tendo por fim a purificação e o progresso, são apropriadas às faltas cometidas nas encarnações precedentes. Assim, por exemplo, o senhor de ontem, duro e arrogante, que faliu nas suas provas como senhor, fossem

quais fossem, dentro da ordem social, sua posição ou seu poder na terra, é o escravo, o servo, ou o criado *de amanhã*. O sábio que *ontem*, materialista e orgulhoso, abusou da sua inteligência, da sua ciência, para desencaminhar os homens, para perverter as massas populares, é o cego, o idiota ou o louco *de amanhã*. O orador *de ontem*, que abusou gravemente da palavra para arrastar os homens ou os povos a erros profundos, é o surdo-mudo do *dia seguinte*. O que *ontem* dispôs da saúde, da força, ou da beleza física e gravemente abusou de tudo isso, é o sofredor, o doente, o raquítico, o deserdado da natureza, o enfermo *de amanhã*. Se é certo que os corpos procedem dos corpos, não menos certo é que são apropriados às *provações* e às *expições* por que o Espírito haja de passar e que a encarnação se dá no meio e nas condições adequados ao cumprimento de tais *provações* e *expições*. É o que explica *como e porque*, na mesma família, dois filhos, dois homens, nascidos do mesmo pai e da mesma mãe, se encontram em condições físicas tão diversas, tão opostas. De igual modo a diferença nas *provações*, a disparidade do avanço realizado nas existências precedentes explicam porque e como, do ponto de vista moral ou intelectual, esses dois irmãos se acham em condições tão diversas, tão opostas.

Compreenda o homem e não esqueça *nunca* que o mais próximo e mais querido parente *de ontem*, que o mais caro amigo *da véspera* podem vir a ser e são muitas vezes o estranho, o desconhecido *do dia seguinte*, que ele a todo instante poderá encontrar, acolher ou repelir.

Que, pois, os homens, cientes e compenetrados de que a vida humana e as condições sociais são *provações* e ao mesmo tempo meio e modo de amparo e de concurso recíproco nas vias da reparação e do progresso, pratiquem a lei de amor, partilhando mutuamente o que possuam de natureza material ou

intelectual, dando aquele que tem ao que não tem, dando de coração o auxílio do coração, dos braços, da bolsa, da inteligência, da palavra e *sobretudo do exemplo*. Então, quando tal se verificar, estarão cumpridas em toda verdade, sob os auspícios e a prática da fraternidade recíproca e solidária, estas palavras de Jesus: *"Basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo como o senhor"*.

"Pode um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no fosso?"

O cego que guia outro cego é aquele que, em vez de praticar a lei de amor, de a ensinar e exemplificar ao que é por ele guiado, se adstringe exclusivamente às práticas materiais, exteriores, e a elas mantém adstrito o outro a quem se encarregou de guiar e cujos olhos tapa com espessa venda, obstando-lhe assim a percepção da luz e da verdade. Ambos cairão no mesmo fosso: serão ambos submetidos à expiação. Mas, o cego que se fez guia de outro cego será mais culpado do que este e *mais* terá que expiar.

Se quiserdes guiar vossos irmãos, começai por examinar o vosso proceder, que deve ser irrepreensível. Se quiserdes dar um conselho, começai *por praticar o que aconselhais, por vos absterdes do que censurais*. Ensinai, pois, o caminho, percorrendo-o sem desvio, e então sereis discípulos de Jesus.

"O discípulo não está acima de seu mestre, mas o discípulo será perfeito se for como o mestre."

Jesus, modelo de perfeição, vos diz, dessa forma, que o mestre não está acima do discípulo, porque o discípulo pode tornar-se igual ao mestre. Ora, como será isso possível, senão trilhando o discípulo, sem desvios, as pegadas do mestre, percorrendo *passo a*

passo a estrada que lhe este abriu, seguindo sempre os movimentos e a direção do modelo que o guia?

Palavras de humildade! Não estão elas cheias de encorajamento para vós outros? A esperança de chegardes um dia, pela aquisição da pureza perfeita, a igualar àquele que o Pai vos enviou como o tipo mais perfeito da humanidade, não é de molde a vos sustentar a coragem, a vos levantar as forças e a vos fazer marchar para diante, sempre para diante?

"Se ao pai de família chamaram Belzebu, quanto mais a seus domésticos."

Também estas palavras de Jesus, dirigidas aos discípulos, se referiam àquela época e aos então futuros tempos, a vós espíritas. Assim como o Mestre não foi compreendido pelos que lhe presenciavam as obras, incompreendidos serão igualmente e escarnecidos os que hoje tentam reavivar-lhe a lembrança e seguir-lhe os passos. Mas, a paciência, a perseverança triunfarão da malignidade e da calúnia.

"Não os temais, porém; porquanto, nada há oculto que não venha a ser revelado e nada secreto que não venha a ser conhecido."

Por maiores que tenham sido os esforços dos inimigos do Justo por impedi-lo, sua admirável doutrina não deixou de atravessar os séculos, progredindo sempre, não na sinceridade da prática, mas no número dos adeptos. Pois bem! ainda hoje, sejam quais forem os esforços que façam por lhe deter o vôo, alcançareis o fim, pois que a nova revelação vem, pelo Espírito da Verdade, continuar a obra de Jesus, alargando cada vez mais o espaço e o futuro aos Espíritos progressistas. Nada, portanto, do que o homem deva

saber poderá ficar oculto. E o homem chegou ao ponto em que o seu saber tem que aumentar rapidamente.

"Preservai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia, porquanto, nada há oculto que não venha a ser revelado e nada secreto que não venha a ser conhecido."

Em nome do Cristo, nós vos repetimos estas palavras que ele dirigiu aos apóstolos, mas que, no seu pensamento, se aplicavam a todos os tempos e eram também dirigidas a todos os que se tornariam seus discípulos, sobretudo na época da nova revelação.

. O vosso pensamento, como o vosso proceder, precisam ser sempre puros aos olhos do Senhor. De que vos servirá iludir os homens, afetando semblantes de virtudes, se aquele que sonda os corações e as entranhas somente vir no vosso íntimo a hipocrisia? Para Deus nada há oculto, nada permanecerá oculto para os homens. Todos estes lerão, no passado como no futuro, o livro que têm aberto ante seus olhos. Mas, é necessário que o homem se ache em estado de compreender. Quem dá, para ser lido, à criança que apenas soletra em francês, uma obra de Schiller na língua materna? Quem haverá que peça a previsão das tempestades a um que não distinga o dia da noite.

Sabereis tudo o que os Espíritos do Senhor têm para vos ensinar, mas somente quando fordes bastante inteligentes para compreenderdes, quando estiverdes bastante adiantados nos estudos preliminares, a fim de vos *preparardes* para as classes de filosofia. Repetir-vos-emos as palavras ditas por Jesus a seus discípulos: Dá-se-vos o que podeis suportar; dar-se-vos-á progressivamente o que puderdes ir suportando.

"O que vos digo nas trevas, dizei-o às claras; e o que escutais no ouvido pregai-o de sobre os telhados; porquanto, o que dissestes

nas trevas será dito às claras e o que houverdes dito ao ouvido, nos aposentos, será pregado de sobre os telhados."

Pequeno sendo o número das inteligências capazes de o compreenderem, a Jesus não era possível espalhar abertamente a sua moral, por não encher de espanto e paralisar, a bem dizer, a boa vontade dos que o ouviam. Seus discípulos, porém, como homens que viviam entre os homens, esses, tendo que espargir a luz em diversos pontos ao mesmo tempo, não alarmariam tanto os espíritos fracos aos quais se dirigissem.

Falava à multidão apenas por parábolas, a fim de preparar as inteligências, sem as sobrecarregar com um fardo de peso excessivo para a fraqueza delas. Se pregasse a sua moral sublime em termos claros e precisos, houvera assustado a maioria dos ouvintes, que, percebendo o abismo entre as crenças que professavam e as novas crenças que lhes eram trazidas, não ousariam sequer uma tentativa para o transporem. As parábolas apresentavam aos espíritos orientais a vantagem de permitir que cada um procurasse dar-lhes interpretação que lhe parecesse mais apropriada e mais simpática. Desse modo se familiarizavam com as novas doutrinas ainda cobertas *por véus*, cabendo aos discípulos arrancar uma a uma, porém sempre sob o império e o *véu da letra*, as vendas que ocultavam a luz àquelas inteligências obscurecidas.

Novos apóstolos, que sois, do Cristo, chamados a propagar a nova revelação, imitai os discípulos de Jesus. O Espírito da Verdade desce para, despojando *da letra* o espírito, levantando o véu que Jesus teve que lançar e lançou sobre as suas palavras, *explicar e desenvolver* sua doutrina simples e sublime, os fatos qualificados de *mistérios*, de *milagres*, os ensinamentos por ele dados, as revelações que fez, as promessas,

as predições ou profecias que formulou. Publicai e pregai o que *assim* vos ensinam os Espíritos do Senhor, missionários errantes e encarnados, órgãos do "Espírito da Verdade" no tocante à nova revelação. Arrancai uma a uma as vendas que ocultam a luz às inteligências obscurecidas. Paciência e perseverança; nós vos assistiremos.

Nota da Editora — No versículo 27, de Mateus, onde está — *nas trevas*, outros tradutores colocaram — *às ocultas*, *às escuras*. —

MATEUS, Cap. X, v. 28-31. — LUCAS, Cap. XII, v. 4-7

*Só temera Deus, sem cuja vontade
nada sucede*

MATEUS: V. 28. Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temeí sim aquele que pode precipitar tanto o corpo como a alma na geena. — 29. Não é verdade que dois pásseres se vendem por um asse?⁸ Pois, nenhum deles cai na terra sem ser pela vontade do vosso pai. — 30. Até os cabelos das vossas cabeças estão todos contados. — 31. Nada, portanto, temais; bem mais valeis do que muitos pásseres.

LUCAS: V. 4. E eu vos digo, meus amigos: Não temais os que matam o corpo e que, depois disso, nada mais têm que fazer. — 5. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: Temei aquele que, depois de haver tirado a vida, tem o poder de lançar na geena; a esse sim, eu vos digo, temeí. — 6. Não se vendem cinco pásseres apenas por dois asses? Entretanto, não há um só deles que Deus tenha esquecido. — 7. Até os cabelos das vossas cabeças estão contados. Não temais, pois; bem mais valeis do que muitos pásseres.

N. 141. Apropriando sempre sua linguagem à época e ao estado das inteligências, de modo a impressionar fortemente aqueles a quem falava, Jesus dirigia essas palavras aos discípulos, para infundir confiança a homens que se atemorizavam com a perspectiva das missões cheias de provas e de perigos que lhes eram confiadas. Dizendo-lhes *que não temessem os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma, que só temessem aquele que pode precipitar alma e corpo na geena*, ensinava-lhes a não se arre-

⁸ Três centavos.

cearem dos homens, a não recuarem diante de nenhum perigo, de nenhuma perseguição, de nenhum ato dos homens, a só temerem a Deus. Dizendo-lhes que dois passarinhos não valem mais do que um asse, que cinco não valem mais do que dois asses, que nenhum deles cai na terra sem ser pela vontade do pai, que Deus de nenhum se esquece e acrescentando que todos os cabelos das vossas cabeças estão contados, que nada deveis temer, que valeis bem mais do que muitos passarinhos, o Mestre lhes inspirava a confiança sem limites que o homem deve depositar em Deus, os exalçava aos seus próprios olhos e lhes fazia compreender que, aos olhos do Senhor, muito mais importância tinham eles do que essas criaturas ínfimas, a cuja existência nenhum valor davam então os homens, ignorantes de que *tudo sai do mesmo princípio, por efeito da mesma vontade.*

Jesus foi o primeiro a dizer aos Hebreus que a onipotente bondade do Senhor vai ao ponto de não descurar a existência de tão fracas criaturas. Preparava-os, por essa forma, para compreenderem que muito embora o Espírito *humanizado* seja, como dizeis, o rei da criação, tudo o que se move no Universo, tudo o que existe só se move e existe pela vontade suprema de Deus que, com o mesmo paternal carinho, olha tanto para o oução, como para o rei da terra.

As palavras que dirigia a todos os homens, daquela época e do futuro, vos devem ser explicadas *em espírito e em verdade*, porquanto *a letra mata e o espírito vivifica*. E não foi senão por tomar a letra pelo espírito que a Igreja incorreu em todos os seus erros.

As palavras acima, objetivam mostrar ao homem que seu proceder, seus sentimentos devem ser regrados pela vontade daquele que pune ou premeia, daquele cujo infatigável amor vela continuamente pela menor das suas criaturas. Elas têm por objetivo estabelecer a

confiança que o homem deve depositar no seu Criador, cuja inteligência infinita pousa sobre o Universo, distinguindo no seio da massa geral as mínimas particularidades, sem jamais separar estas daquela. Exprimindo-nos assim, é nosso intento levar-vos a compreender a imensidade do olhar criador que paira sobre tudo, tudo envolvendo num golpe de vista infinito, sem, como vós outros, fazer distinção entre a massa, ou seja o conjunto do Universo, e os milhares de partículas que o compõem. Tudo, ainda o que se oculta nos mais recônditos escaninhos, se acha patente aos seus olhos. E, todavia, só o conjunto o toca.

"Não remais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temei, sim, aquele que pode precipitar a alma e o corpo na geena; a esse, sim, eu vos digo, temei."

Estas palavras não têm por fim, *segundo o espírito*, senão libertar o homem do amor de si mesmo e chamar-lhe a atenção para o que, nele, não pode perecer, isto é, para a inteligência, filha de Deus, que de Deus provém e que, partindo do infinitamente pequeno para chegar ao infinitamente grande, tem que voltar a ele, na individualidade e na imortalidade.

Os que tomaram a *letra* pelo *espírito* consideraram a geena um lugar material e circunscrito, um *inferno*, à maneira do Tártaro do paganismo, à maneira da cloaca, da caverna que o rei Josias mandara construir perto de Jerusalém e onde os Judeus lançavam as imundícies da cidade e os cadáveres privados de sepultura e onde se alimentava um fogo contínuo para consumir essas matérias vis e desprezíveis.

A palavra *geena*, despojado da *letra* o *espírito*, é uma expressão alegórica de complexa significação. A *geena* é a imensidade onde, quando errante, o Es-

pírito culpado passa pelos sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes e faltas por ele cometidos. O termo *geena* abrange também as terras primitivas e todos os outros mundos inferiores, de provações e expiação, onde, pela encarnação ou reencarnação, se vêem lançados os Espíritos culpados, a alma e o corpo que ela reveste, corpo que, para ela, é igualmente uma *geena*, como são, na erraticidade, aqueles sofrimentos ou torturas morais.

Não temais os homens. Quando vos for preciso, para salvar a alma, sacrificar o corpo, não recueis diante dos que o podem matar e nada mais. Temei, porém, a Deus que pode, se falirdes nas vossas provas, lançar-vos, por ato da sua justiça, que se exerce para vossa melhoria e vosso progresso, em a *geena* dos sofrimentos, das torturas morais na erraticidade após a morte, em a *geena* da reencarnação na terra e nos outros mundos inferiores de provações e expiação.

Sim, o homem não deve ver no seu corpo mais do que um invólucro, o aparelho, o instrumento das provações, das expiações, da purificação e do progresso do Espírito. Se, portanto, essa emanção divina que o corpo encerra, o Espírito, correr o perigo de perder-se ou mesmo de alterar-se, deve o homem sacrificar, sem pena, o invólucro perecível. O Espírito, que provém do Senhor, lhe deve a existência e não pode dar valor real senão ao que do Senhor o aproxima. Guarda do envoltório material, cumpre-lhe isentá-lo de todas as máculas; mas, se tiver de escolher entre a pureza espiritual e a do corpo, deverá preferir sacrificar esta para conservar aquela. Se, numa emergência perigosa, a vida do corpo se achar em paralelo com a do Espírito, isto é, com a sua pureza, com o seu progresso, se o Espírito se achar na iminência de incorrer numa culpabilidade que o levará à morte moral, deve a criatura sacrificar o vaso ao precioso perfume que

ele contém, deixar que se quebre aquele para que este possa escapar-se e subir como incenso odorífero aos pés do Criador.

"Dois pásseres não custam mais que um asse e cinco mais que dois asses; entretanto, nenhum deles cai na terra sem que seja pela vontade do pai, que de nenhum modo se esquece."

Não é Deus a bondade infinita, cujo olhar criador, como já o temos dito, envolve, num só golpe de vista, todas as suas criaturas? Não é ele a vontade onipotente que governa o Universo? E tudo o que sucede não sucede com a sua permissão?

Todavia, não acrediteis que a sua grandeza infinita desça a ocupar-se com as particularidades da vossa existência ínfima. Uma vez, porém, que o seu poder regula todas as coisas, que os Espíritos prepostos à organização dos mundos, desde o ato da formação deles até as mais mínimas particularidades, não obram senão de conformidade com a impulsão superior que receberam e que, passando de um a outro, chega até vós, dizer-se pode que nem mesmo um passarinho cai na terra sem que seja pela vontade de Deus.

Não concluais desta explicação que o vosso livre arbítrio se ache assim comprometido de qualquer forma. A ação dos Espíritos, exercendo-se sob a potente direção do soberano Senhor, *em nada* altera essa prerrogativa do Espírito, encarnado ou não: — o livre arbítrio, emanação divina, eterna, que o Senhor concede a suas criaturas, fogo sagrado que nos cumpre alimentar para dele prestarmos contas *ao foco imenso donde foi tirado*.

"Até os cabelos das vossas cabeças estão contados."

Tomadas *ao pé da letra*, estas palavras de Jesus levariam à negação do livre arbítrio no homem, ao

fatalismo. Elas são alegóricas, como todas as que o Mestre, a título de ensinamento, proferiu. O homem goza da liberdade de praticar ou não um ato qualquer; mas, esse ato tem seu principio e suas conseqüências regrados nas leis naturais, imutáveis e eternas, cujas execução e aplicação ele provoca. Nada lhe sucede que não tenha sido previsto pela sabedoria infinita do Senhor, a qual, entretanto, deixa que os acontecimentos da vida humana sigam seu curso e sua marcha, conformemente ao uso que o homem faz do seu livre arbítrio. Se bem que, sujeito a experimentar as boas e más influências ocultas que de contínuo sobre ele procuram exercer-se, lhe caiba lutar entre o bem e o mal, o homem dispõe sempre do livre arbítrio, de uma vontade própria, pessoal e, pois, em virtude desse livre arbítrio, dispõe da faculdade de praticar tanto o bem como o mal. Depois da morte, procede-se à apuração dos pensamentos, palavras e atos, bons e maus.

Sim, a bondade infinita de Deus vela incessantemente pelas suas criaturas. É assim que, em lhe sucedendo qualquer coisa na existência terrena, a solicitude do Senhor, por intermédio dos bons Espíritos, faz sentir a sua influência no homem. Nenhum ato deste, nenhum dos seus mais secretos pensamentos escapam a Deus e, chegada a hora da prestação de contas, pode ele estar certo de que encontrará, no livro da vida, a sua página exatamente escriturada. O Senhor não abandona um só de seus filhos, não esquece uma só ação boa e não deixa impune nenhuma ação má.

**MATEUS. Cap. X, v. 32-36. —LUCAS,
Cap. XII, v. 8-9 e 49-53**

*Jesus veio trazer fogo à terra. —Não veio trazer
a paz e sim o gládio, a divisão, a fim de que
chegue a ser conhecido e até que o seja*

MATEUS: V. 32. Aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. — 33. Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus. — 34. Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer a paz e sim o gládio; — 35, porquanto, vim separar de seu pai o filho, de sua mãe a filha e de sua sogra a nora; — 36, e o homem terá por inimigo os de sua própria família.

LUCAS: V. 8. Ora, eu vos digo que aquele que der testemunho de mim diante dos homens, dele o filho do homem dará testemunho diante dos anjos de Deus. — 9. Mas aquele que me negar diante dos homens será também negado diante dos anjos de Deus. — 49. Vim trazer o fogo à terra; e que é o que quero senão que ele se acenda? — 50. Tenho que receber um batismo e quão ansioso estou para que ele se cumpra. — 51. Pensais que vim trazer a paz à terra? Não, eu vo-lo digo, vim trazer a separação; — 52, porquanto, doravante, se numa casa se encontrarem cinco pessoas, estarão todas divididas, três contra duas a duas contra três; — 53, estarão divididos o pai contra o filho e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, a filha contra a mãe; a sogra contra a nora e a nora contra a sogra.

N. 142. Não deveis ter dificuldade em compreender estas palavras de Jesus, claras por si mesmas e confirmadas pelos fatos.

(V. 32 e 33 de Mateus e v. 8 e 9 de Lucas): Aquele que, simples de coração e humilde de espírito, caminha pela senda da verdade, das boas obras, do

amor e da fraternidade, lei divina outorgada aos homens por Jesus, dá testemunho dele e se acha, por conseguinte, na *única* senda que leva à salvação. Jesus, o divino modelo que devemos imitar, conduz a porto de salvamento aquele que assim escolheu a boa estrada.

Aquele que, ao contrário, se embrenha pelos caminhos tortuosos, isto é, pelos caminhos do orgulho, do egoísmo, da hipocrisia, dos vícios e das paixões que degradam a humanidade, esse se afasta do alvo, renega o bom pastor, repudiando-lhe a doutrina, a lei. Ora, o bom pastor não o pode receber na classe dos bons Espíritos, nem apresentá-lo ao rei dos reis. Esse estará, portanto, renegado, até que dê testemunho do Cristo, tomando a sua senda, pela prática da sublime moral que ele personifica.

(V. 49 e 50 de Lucas): Jesus vinha trazer fogo à terra dando, pelo desempenho da sua missão terrena, lições e exemplos de fé, de esperança, de desinteresse, de abnegação, de devotamento, de caridade e de amor, de todas as virtudes, em suma, aos homens atrasados daquela época, enleados na teia dos abusos, dos preconceitos e das tradições que a sua doutrina saparia e que eram sustentados pelos escribas, pelos fariseus; pelos sacerdotes orgulhosos e cúpidos. Queria ele *que esse fogo se acendesse*, isto é, que os homens se grupassem em seu derredor para porem em prática aquelas lições, aqueles exemplos e espalhá-los pela multidão. Manifestava ardente desejo *de receber o batismo que lhe estava reservado*, isto é, de sancionar a sua missão pelo sacrifício do Gólgota, que a faria dar todos os seus frutos e prepararia o futuro advento da nova revelação.

(V. 51, 52 e 53 de Lucas): Trazendo aos Espíritos atrasados o progresso, Jesus ia provocar a luta entre os que desejariam enveredar pelo novo caminho e os preguiçosos ou obstinados que queriam permanecer estacionários. Ele via a divisão que a marcha e a

realização do progresso *determinariam* entre os homens e *mesmo no seio das famílias. Assim foi e assim será ainda.* Preparai-vos, portanto, pois que se, ao tempo da colheita, estivesseis todos maduros, inútil seria proceder-se a *uma escolha* entre vós e trazer-vos os raios da luz vivificante que acabará de dourar a messe que os Espíritos do Senhor vêm fazer.

(V. 34 e 35 de Mateus): Jesus antevia os acontecimentos, os ódios e as inimizades que nasceriam até entre os mais próximos parentes, sob o mesmo teto. Antevia o sangue que seria derramado *em seu nome!* Antevia sua doutrina, sua lei mal compreendidas e irreconhecíveis; substituídos por uma fé *cega e falsa* o amor, a caridade e a fraternidade, que ele declarou serem, para e entre todos os homens, *toda a lei e os profetas.* Antevia os massacres levados a efeito *em seu nome,* as lutas sangrentas e fratricidas que *em seu nome* se travariam entre os homens, apesar de lhes ele haver dito: *"Vós todos sois irmãos".* Antevia as torturas praticadas, as fogueiras acesas, em seu nome! pela intolerância, pelo fanatismo, pela superstição e pela ambição dominadora.

Sim, Jesus via já então as ondas de sangue que jorriam desde o sacrifício do primeiro mártir, até o dia vindouro da paz universal. Desgraças foram sem dúvida, pois provam a que ponto os Espíritos na terra estavam e estão ainda atrasados. Mas, foram desgraças necessárias, por isso que o sangue dá lugar à regeneração.

Dissemos — *"dia vindouro* da paz universal". O estado atual das coisas não vos dá a compreender que a paz universal, cujo reinado se há de implantar na terra, ainda está longe de espalhar seus benefícios civilizadores?

Com o abrir, para vós, a nova revelação esta era nova, os Espíritos do Senhor vêm, tal qual Jesus com o

desempenho da sua missão terrena, atear novamente *fogo à terra*; trazer, não a *paz*, mas a *divisão*.

O Espiritismo é ainda, com efeito, Jesus presente entre vós; é ainda essa influência que impele o homem para o progresso e lhe abre a estrada por onde chegará mais depressa. Quando mesmo, por último, vier o Mestre completar, pela separação do joio e do bom grão, a obra que adiantamos, haverá divisão entre vós, porquanto, qualquer que seja o vosso progresso, haverá ainda Espíritos atrasados. A *divisão* entre os homens será sempre a propulsora do progresso até ao dia em que, acabada aquela separação, completada assim a obra de Jesus, todos os Espíritos rebeldes, voluntariamente cegos, tenham sido relegados para mundos onde possam melhorar. Só então a missão do Cristo se tornará em missão de *paz*. Depois de ter sido até aí *rei da justiça*, ele será "*rei de Paz*".

Apressai, pois, espíritas, por todos os vossos esforços, o advento dessa nova era, aplainando as dificuldades que se apresentam de todos os lados. Trabalhai com ardor por arrancar os parasitas que sufocam a vinha do Senhor. Esclarecei as inteligências obscuras, sustentai os fracos, ajudai vossos irmãos a chegar ao ponto em que vos achais, a fim de que, vendo todos a luz, ela a todos igualmente ilumine.

**MATEUS, Cap. X, v. 37-39. LUCAS,
Cap. XIV, v. 25-27**

*Amor da família. — Cumprimento do dever acima
de todas as coisas. — Paciência e resignação
nas provações terrenas*

MATEUS: V. 37. Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe mais do que me ama, não é digno de mim; e aquele que ama a seu filho ou a sua filha mais do que me ama, de mim não é digno. — 38. Aquele que não toma sua cruz e me segue não é digno de mim. — 39. Aquele que acha sua vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará.

LUCAS: V. 25. Jesus, voltando-se para a multidão que o acompanhava, disse: — 26. Aquele que vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher, a seus filhos, a seus irmãos, a suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo; — 27, e aquele que não toma sua cruz e me segue não pode ser meu discípulo.

N. 143. Muitíssimo comentados têm sido estes versículos. Foram, porém, mal compreendidos, ou não o foram judiciosamente por homens que não souberam levar em conta os tempos, os lugares e as inteligências a que Jesus falava. Sem procurarem penetrar-lhes o *espírito*, detiveram-se *na letra*, atendo-se principalmente a um termo que, com significação demasiado forte na vossa linguagem, a tradução emprestou ao Mestre. A expressão que na língua hebraica corresponde a esse termo não tem tanta energia e não encontrou equivalente da parte dos tradutores.

Compreendi, *primeiramente, em espírito e verdade, conforme ao espírito que vivifica e não segundo a letra que mata*, as palavras de Jesus, o pensamento a que servem de roupagem, o ensinamento que delas decorre.

Para o homem, o único interesse deve ser o do futuro de seu Espírito. Se, portanto, um laço *humano* qualquer é de molde a desviá-lo do caminho que deve trilhar, cumpre se liberte dele.

Não suponhais que Jesus tenha pretendido pregar e que nós vos preguemos em seu nome o egoísmo místico e a secura de coração. Longe disso, pois o homem pode amar a seu Deus acima de todas as coisas e, contudo, ou antes: *com mais forte razão*, isto é, *por isso mesmo*, cumprir todas as obrigações que os deveres para com a família lhe imponham, quaisquer que sejam as *dissensões* existentes entre o pai e o filho, a mãe e a filha: *dissensões no modo de pensar*.

Ele pode e deve cumprir todas as obrigações humanas no que tenham de mais escrupuloso.

O que Jesus quis fazer sentir é que, por condescendência ou por um interesse humano qualquer, a ninguém será lícito *jamais* renegar a lei de amor que ele veio pregar.

Não pratiqueis, portanto, nenhuma ação repreensível, *tendo em vista* satisfazer a *esta ou àquela* pessoa, objeto do vosso amor na terra, pois, do contrário, renegareis o vosso Mestre, que a seu turno vos renegará.

"(V. 37 de MATEUS): Aquele, disse Jesus, que ama a seu pai ou a sua mãe mais do que me ama não é digno de mim; e aquele que ama a seu filho ou a sua filha mais do que me ama não é digno de mim."

Aquele que, por agradar a seu pai ou à sua mãe, a seu filho ou à sua filha, cometer um ato *contrário* aos ensinamentos de Jesus não é digno dele, não pode ser seu discípulo. Jesus personificava e personifica a sua doutrina moral e, por conseguinte, a fé. Como poderia ele, modelo de amor, condenar o amor da família? Certo não vos passa tal coisa pela mente. O Mestre o que fez foi atacar o abuso. Por mais vivo que seja, o

amor da família *jamaís* deverá levar o homem a um ato culposo. Admitido que haja atos desculpáveis pelo motivo que os determinou, quantos homens não se julgariam absolvidos de qualquer ação má, desde que pudessem acoitar-se por trás do devotamento à família!

Como lição, Jesus praticava, *aos olhos dos homens*, o mandamento: honra a teu pai e a tua mãe; mas também lhes lembrava que, acima de tudo, está o dever a cumprir. Recordai-vos da resposta que deu a Maria quando esta e José voltaram a Jerusalém à sua procura e o encontraram no templo entre os doutores. (Tomo I, n. 47, pág. 211-213).

"(V. 38 de MATEUS): Aquele que não toma sua cruz e me segue não é digno de mim. não pode ser meu discípulo."

Aquele, que não aceita com resignação e mesmo com reconhecimento as provações de que está cheia a vida humana, não é digno de Jesus, não pode ser seu discípulo. Jesus as aceitou, para o progresso de todos, *como lição e exemplo aos homens, pois nenhuma lhe cumpria sofrer*. Assim, cada um deve submeter-se às suas provações em proveito do seu próprio adiantamento.

"(V. 39 de MATEUS): Aquele que acha a sua vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará."

Estas palavras, dirigidas *especialmente* aos discípulos, eram, *para eles*, uma advertência. Objetivavam fazer-lhes compreender que aquele que falisse no desempenho da sua missão, por conservar a vida humana, renunciaria ao acabamento da obra, perderia a vida espiritual; que, ao contrário, aquele que não recuasse diante da morte e a sofresse para levar a cabo a obra, teria a vida eterna.

De modo geral e referindo-as a todos os tempos e a todos os homens, aquelas palavras de Jesus exprimem este pensamento: a vida do Espírito é a única existência real; logo, se, durante a encarnação, o Espírito pratica um ato irreversível *tendo em vista conservar* o corpo, perderá a vida espiritual, pois fica obrigado a *recomeçar* suas provações numa *nova encarnação*. Aquele que, contrariamente, *sacrificar* o corpo, quando for *inevitável*, para não falir *nas suas provações*, receberá, num mundo melhor, a recompensa das provas bem suportadas, à custa até daquele sacrifício.

"(V. 26 de LUCAS): Aquele que vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida não pode ser meu discípulo."

Esta expressão "*não odeia*", oriunda das traduções, muito forte na vossa língua, não tem, já o dissemos, tanta energia na língua hebraica, onde o termo empregado não encontrou equivalente nos vossos idiomas.

Jesus lançava uma semente que tinha de frutificar em solo árido e ingrato. Precisava, conseguintemente, que fosse vigorosa, para nele enterrar as raízes. Supondes que se pudesse falar aos homens de então, sobretudo aos hebreus, a linguagem de que vos servis? Imaginais que, daqui a alguns séculos, vossos descendentes não acharão que dizer das palavras que aceitais com admiração? Não tenteis enfiar num povo as vestes de outro. *Deixai a cada um o que lhe foi, o que lhe é necessário*. Tendes a pretensão de admirar os autores antigos; admitis a linguagem de que usaram, tão diferente da vossa, sob o pretexto de que estava adequada ao século em que viveram e não quereis que seja *assim* tratando-se da era em que na terra apareceu Jesus, que não falava a sábios habi-

tuados às elegâncias e aos apuros de linguagem, mas ao povo, atrasado, material, endurecido que, *para se decidir a compreender*, precisava ouvir palavras enérgicas e observar exemplos frisantes.

Não; por aquelas palavras não pretendeu Jesus condenar e não condenou o amor da família, mas o *excesso* que, *em tudo, prejudica* o homem e o *transvia*. O homem deve consagrar-se à família, cumprir devotadamente todos os deveres para com ela, mas não deve fazer disso um culto, não deve sacrificar ao amor que consagra a seus parentes os interesses, a felicidade de seus irmãos em Deus. Fora egoísmo.

Jesus, cheio de amor e devotamento para com todos, empregava as expressões que mais impressionassem seus ouvintes, visando libertá-los *desse egoísmo* e fazer-lhes compreender que, como já o dissemos, devendo ser o futuro do Espírito o *único* interesse do homem, desde que um laço qualquer humano o possa desviar do caminho que lhe cumpre trilhar, importa que ele se desprenda desse laço. Para ser discípulo de Jesus, jamais será lícito ao homem, sob o pretexto do amor aos seus ou para conservar a vida humana, praticar um ato contrário aos ensinamentos do Mestre, à moral que ele personifica.

Nota da Editora — Nas traduções modernas, o verbo *odiar*, do versículo 26, de Lucas, foi substituído por — *aborrecer*.

LUCAS, Cap. XIV, v. 28-33

*Examinar antes de obrar. —Não parar na estrada
do progresso. —Não dar apreço aos bens materiais
senão como meio de fazer caridade*

LUCAS: V. 28. Qual aquele dentre vós que, desejando edificar uma torre, não orça de antemão, com vagar e calma, a despesa necessária, para saber se tem com que acabá-la, — 29, a fim de não suceder que, por não poder acabá-la depois de lhe haver lançado as fundações, todos os que a vejam entrem a escarnecê-lo, 30, dizendo: Este homem começou a construir, mas não pôde acabar? — 31. Ou, qual o rei que, tendo de entrar em guerra contra outro rei, não examina antes, com vagar e calma, se pode marchar com dez mil homens contra o inimigo que vem ao seu encontro com vinte mil? — 32. Se o não pode fazer, manda embaixadores, quando o inimigo ainda está longe, e lhe apresenta proposta de paz. — 33. Assim, pois, aquele dentre vós que não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo.

N. 144. (V. 28, 29 e 30): Antes de entrar em uma nova via, o homem precisa verificar se terá a enérgica vontade de percorrê-la, pois *não* é bom que pare depois de haver começado o percurso da estrada do progresso. Uma vez despojado ele do invólucro material, o tempo perdido se lhe patenteia e amargo será o seu pesar ao apreciar o caminho que houvera percorrido, se perseverara, e o que lhe resta por palmilhar. A indecisão aumenta as dificuldades.

(V. 31 e 32): Aquele que não se sentir com a força necessária para levar a cabo grandes coisas, não as empreenda. Espere e fortaleça-se; estude e trabalhe *sobre si mesmo*, mas não se aventure a tentativas infrutíferas.

(V. 33): Para marchar na via do progresso, da caridade universal, cumpre que o homem se desprenda dos bens materiais, que não lhes crie afeição, que os tenha *unicamente* como meio de conseguir o bem e o alívio de seus irmãos. *Renunciar ao que se possui* não é deitá-lo fora, não é desfazer-se de tudo. É não se apegar aos haveres, é não os querer senão visando o bom emprego que se lhes possa dar.

MATEUS, Cap. X, v. 40-42 e Cap. XI, v. 1

*Aquele que cumpre a lei de amor e de caridade
terá sua recompensa*

MATEUS: V. 40. Aquele que vos recebe a mim me recebe; e aquele que me recebe recebe o que me enviou. — 41. Aquele que recebe o profeta como profeta receberá a recompensa do profeta; e aquele que recebe o justo na qualidade de justo receberá a recompensa do justo. — 42. E todo aquele que der de beber a um destes pequeninos, só por ser dos meus discípulos, um copo d'água fria, em verdade vos digo, não perderá sua recompensa.

XI, v. 1. Logo que acabou essas instruções a seus doze discípulos, Jesus partiu a ensinar e pregar nas cidades vizinhas.

N. 145. O sentido e o alcance destas palavras, dirigidas por Jesus, como ensino, aos homens de então e do futuro, se podem resumir da forma seguinte: Aquele que deposita fé em Deus e procede tendo em vista a vida eterna, tendo em vista cumprir a lei de amor e de caridade, obterá a recompensa reservada *ao fiel*.

As palavras do v. 40 eram endereçadas aos apóstolos: Aquele que recebe os vossos ensinamentos recebe os meus e quem recebe os meus ensinamentos recebe os daquele que me enviou.

As do v. 41 *são simbólicas*: Aquele que proceder com louvável intuito será recompensado pela sua intenção.

Quanto às do v. 42, podeis explicá-las como encerrando, *para todos os homens*, a seguinte lição: O bem que fizerdes vos será contado, por menor importância que tenha o vosso ato e seja qual for a dos irmãos que aliviardes ou socorrerdes.

LUCAS, Cap. X, v. 1-12 e 16*Missão e instrução dadas aos setenta e dois discípulos*

LUCAS: V. I. Algum tempo depois, o Senhor escolheu setenta e dois outros discípulos e os enviou dois a dois, precedendo-o, a todas as cidades e a todos os lugares aonde ele próprio tinha que ir; — 2, e lhes dizia: A seara na verdade é grande, mas poucos os trabalhadores; rogai, pois, ao dono da seara que mande trabalhadores para ela. — 3. Ide; eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos.— 4. Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias e a ninguém saudeis pelo caminho. — 5. Ao entrardes em qualquer casa, dizei primeiramente: paz a esta casa. — 6. Se aí estiver algum filho da paz, a vossa paz ficará com ele; senão, voltará para vós. — 7. Permanecei na casa comendo e bebendo do que nela houver, porquanto o obreiro é digno do seu salário; não andeis de casa em casa. — 8. Quando entrardes numa cidade qualquer onde vos acolham, comei do que se vos apresentar; — 9, curai os doentes que aí encontrardes e dizei-lhes: O reino de Deus está próximo de vós. — 10. Mas, se entrando nalguma cidade, não vos receberem, ide pelas ruas e dizei: - 11. Sacudimos contra vós até a poeira da vossa cidade, que se agarrou aos nossos pés; sabei, todavia, que o reino de Deus está próximo. — 12. Digo-vos que nesse dia os de Sodoma serão tratados com mais indulgência do que os de tal cidade — 16. Aquele que vos escuta a mim me escuta; aquele que vos despreza a mim me despreza; e o que me despreza despreza aquele que me enviou.

N. 146. Jesus deu aos setenta e dois discípulos as mesmas instruções que dera aos apóstolos. Já explicamos, nos ns. 127 e 139, os v. 2 e 3 e do n. 132 ao n. 138, os v. 4 a 12. Não temos necessidade de voltar a esses pontos. Todavia, algumas passagens há a respeito das quais precisamos dar-vos explicações *especiais*.

"Não saudeis a ninguém pelo caminho", disse Jesus aos setenta e dois discípulos. Preciso é tirar *da letra o espírito*. Por essas palavras, Jesus lhes recomendava: "Não vos deixeis desviar da senda em que ides; não pareis; avançai para a vossa meta até que a tenhais alcançado".

Vejamos as expressões do v. 6: *filhos da paz — a vossa paz*. Por *filhos da paz* designava Jesus os que estavam dispostos a enveredar pela nova estrada que os faria adiantarem-se nas vias do Senhor. A paz dos discípulos se deve entender no mesmo sentido. Por essa paz se compreendem *a fé e os conhecimentos* que possuíam e que para eles voltavam desde que se achassem num meio refratário a aceitá-los.

"Permaneçei na mesma casa; não passeis de uma casa para outra". Por esta maneira Jesus aconselhava aos discípulos a perseverança. As mudanças comprometeriam os resultados que eles tinham de visar e que só perseverando alcançariam.

"Comei e bebei do que na casa houver e vos for apresentado; porquanto o obreiro é digno do seu salário".

Os discípulos davam o alimento do espírito e recebiam de outros o alimento do corpo. Nem só pelo Espírito vive o homem. Importa-lhe, pois, prover as necessidades do corpo. Mas os discípulos tinham que se limitar à satisfação da necessidade e davam *gratuitamente* o que *gratuitamente* haviam recebido.

Longe disso está o que fazem aqueles que, dizendo-se discípulos de Jesus e sucessores dos apóstolos, mas pretextando que o obreiro é merecedor do salário, traficam com as coisas de Deus e recebem paga pelas suas orações; que se esforçam por conseguir o bem-estar material, a voluptuosidade, o luxo, o fausto; que desse modo vivem à custa de seus irmãos, absorvendo inutilmente a alimentação, o pão cotidiano de inúmeras famílias.

Todo aquele que quiser ser discípulo de Jesus, seja padre ou pai de família, Judeu ou Gentio, tem que se contentar com o *necessário*; procurar o luxo, *nunca*. Possuindo *mais do que o necessário*, deixa o homem de ser discípulo do Mestre, que deu na terra a lição e o exemplo da humildade, do desinteresse, da abnegação, do devotamento, da caridade e do amor, que cada um deve ter e praticar com seus irmãos.

"Aquele que vos escuta, disse Jesus aos setenta e dois discípulos, a mim me escuta; aquele que vos despreza a mim me despreza; e o que me despreza a mim, despreza aquele que me enviou."

Estes dizeres se aplicavam aos apóstolos e aos discípulos escolhidos que, uns e outros, tinham sempre a assistência e o concurso do *'Espírito Santo'*, isto é, dos Espíritos superiores que constantemente os acompanhavam no desempenho de sua missões e que, assim, como ecos fiéis dos ensinamentos do Mestre, os repetiam e punham em prática, juntando desse modo, entre aqueles a quem pregavam, *o exemplo à palavra*.

Apoiando-se nessas proposições de Jesus, os homens se arrogaram o direito de vida e de morte sobre a alma. Não compreenderam que não se confia a execução da *obra* senão ao operário que se *sabe* capaz de executar e que não basta tenha sido hábil o pai para que o filho o seja igualmente.

Enviando os discípulos que escolhera para transmissores da sua palavra, com autoridade para abençoar ou reprová-los, Jesus não deu esse direito a quem quer que entendesse de exercê-lo. Conquanto um *Gentio* pudesse expulsar os demônios em seu nome, ainda assim preciso era que o invocasse *seriamente*, isto é, *com fé viva, humildade, caridade e amor*.

Disse Jesus aos discípulos: parti; ide levar a minha palavra a todas as cidades e a todas as povoações; ide pregar a boa nova. *A verdade vos pôs nas mãos o seu facho; iluminai com seus ardentes raios todas as inteligências. Que a luz se espalhe. Ai dos que se recusarem a vê-la; em torno desses, mais densas se farão as trevas. Não condeneis os que a repelem. Sacudi a poeira de vossos pés, isto é, afastai-vos sem deles nada aceitar, ou levar, nem mesmo a poeira que vossos passos levantem. Esses serão tratados com mais rigor do que os de Sodoma e Gomorra, por isso que se lhes mostrou a luz e eles fecharam os olhos; por isso que se lhes fez ouvir a palavra de paz e taparam os ouvidos.*

Os que, aplicando a si mesmos as palavras do Mestre, se investiram do poder de ligar e desligar, esqueceram que Jesus recomendava aos discípulos que não se munissem de duas túnicas, nem de dois pares de sandálias. Nisto, como em tudo, cada um tomou o que lhe convinha, sem se importar com o resto.

Dando *aquela* poder aos discípulos, Jesus lhes proibiu, ao mesmo tempo, que cogitassem do bem-estar pessoal, que recebessem *coisa alguma* em troca *de seus ensinamentos, de suas preces*, que se preocupassem com o bem-estar, de qualquer natureza que fosse.

Como procederam os que interpretaram ou aplicaram as palavras do Mestre? Como ousaram, desde o momento *em que se tiveram por herdeiros* dos poderes que Jesus conferira a seus discípulos, transgredir suas vontades ao ponto de passarem a vida no fausto e na voluptuosidade, ligando e desligando *do alto de seus tronos*, pregando o desprendimento, a abstinência, do seio do luxo e da abundância, lavando os pés de alguns desgraçados e consentindo (*cheios de humildade*) que lhes beijem os seus?

Por vergonha sua, o homem não compreende que a única maneira de erigir para si um trono consiste em assentá-lo *no exemplo de uma vida austera e humilde*, esforçando-se por trilhar as pegadas do Cristo, por imitar seus apóstolos e discípulos, praticando os ensinamentos e a doutrina moral do Mestre.

Quão maior seria o poder desses homens que se *dizem herdeiros* dos apóstolos, quão mais persuasivas e escutadas seriam suas vozes, quão mais obedecidos e respeitados seriam eles se, *pelo exemplo*, pregassem as virtudes que apenas lhes caem dos lábios rosados, como uma ironia atirada à face dessas pobres, macilentas e miseráveis criaturas, a quem pregam o desprendimento dos bens deste mundo!

Não está, porém, dentro deste quadro a nossa tarefa atual, por isso encerramos aqui as nossas observações. A cada dia basta o seu labor. As virtudes que hão de atrair os homens virão um dia assentar-se, ativas e benevolentes, no cume da montanha.

Somente os *que* em tudo se esforcem por seguir os passos do Cristo, os que imitam seus apóstolos e discípulos, os que praticam sinceramente suas lições, sua doutrina moral, têm o direito, sejam o que forem, padres ou leigos, Judeus, ou Gentios, de se dizerem discípulos de Jesus, herdeiros dos apóstolos e de aplicarem a si mesmos estas palavras suas: *"Aquele que vos escuta a mim me escuta; aquele que vos despreza a mim me despreza; e o que me despreza a mim despreza aquele que me enviou"*.

Essas palavras do v. 16 também se aplicam hoje a vós outros, novos discípulos de Jesus, que, guiados e inspirados pelos Espíritos do Senhor, sois chamados a divulgar a nova revelação, a *pregar em espírito e em verdade e a desenvolver*, de acordo com essa revelação, a lei do Cristo, seus ensinamentos, sua moral. Sede os legítimos descendentes e herdeiros dos após-

tolos, caminhando constantemente nas suas pegadas, pela prática constante do dever e de todas as virtudes. Que nenhuma nódoa venha a sujar a branca túnica de que vossas almas se revestiram.

LUCAS, Cap. X, v. 17-20*Retorno dos setenta e dois discípulos.
Seus nomes escritos nos céus*

V. 17. Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome. — 18. E Jesus lhes disse: Eu via satanás caindo do céu como relâmpago. — 19. Vedes que vos dei o poder de esmagar as serpentes, os escorpiões e todo o poder do inimigo; nada vos causará dano. — 20. Contudo, não vos alegreis por vos estarem os espíritos submetidos, alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.

N. 147. Dizendo aos discípulos que via Satanás cair do céu qual relâmpago, Jesus lhes falava, como sempre, *figuradamente*. Toda vez que tentardes combater o mal sob qualquer forma que se apresente, mas tendo em vista o progresso e o amor universal, o mal se precipitará nos abismos insondáveis e *sua queda* servirá para vos *esclarecer*. Sempre que vos aventurardes por uma estrada desconhecida, difícil, mas ao fim da qual entrevedes o progresso da humanidade, o bem dos vossos irmãos, caminhai desassombradamente. Os reptis venenosos que se ocultam por onde passais não levantarão as cabeças malfazejas, não lançarão seus dardos contra vós. Esmagá-los-eis com os pés e eles se ocultarão envergonhados da derrota. O Senhor protege os que trabalham com zelo na obra de que os encarregou.

Jamais vos orgulheis do que o Senhor permita que façais. Vosso objetivo, vossa única ambição devem consistir em ganhar a recompensa prometida. Rejubilai-vos, portanto, se virdes que vossas obras vos autorizam a esperá-la, mas não tireis daí nenhum motivo de vaidade.

Os que caminham sinceramente nas sendas do Senhor podem rejubilar-se, pois seus nomes estão escritos no céu. O Mestre paga sempre ao trabalhador na razão do seu trabalho. Se, portanto, sentirdes que vossas obras são boas, sentis igualmente que tendes os nomes escritos para o recebimento do salário.

Espíritas, idêntica à dos discípulos deve ser a vossa alegria, porquanto também sois designados para trabalhar na obra e conseguireis tudo o que tentardes *em seu nome*, com confiança e sinceridade, com o fim exclusivo de impulsionar o progresso da Humanidade.

**MATEUS, Cap. XI, v. 2-6. —LUCAS,
Cap. VII, v. 18-23**

Discípulos de João mandados por este a Jesus

MATEUS: V. 2. Tendo, na prisão, sabido das obras do Cristo, João mandou que dois de seus discípulos fossem ter com ele — 3, e lhe dissessem: És aquele que tem de vir ou esperamos outro? — 4. Jesus lhes respondeu: Ide contar a João o que vistes e ouvistes. — 5. Os cegos vêem, os coxos caminham, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam; o evangelho é pregado aos pobres. — 6. Bem-aventurado o que não se houver escandalizado de mim.

LUCAS: V. 18. Os discípulos de João lhe referiram todas as coisas que Jesus fazia. — 19. E João chamou dois deles e os mandou a Jesus para lhe perguntarem: És aquele que tem de vir ou é outro o que esperamos? — 20. Esses homens encontrando a Jesus lhe disseram: João Batista nos mandou aqui para te perguntarmos se és aquele que tem de vir ou se é outro o que esperamos? — 21. Nesse mesmo instante, Jesus curou muitas pessoas de enfermidades e chagas e dos maus Espíritos e restituiu a vista a muitos cegos. — 22. Em seguida, respondendo aos discípulos de João, disse: Ide narrar a João o que vistes e ouvistes: que os cegos vêem, que os coxos caminham, que os leprosos estão curados, que os surdos ouvem, que os mortos ressuscitam, que o evangelho é pregado aos pobres. — 23. E bem-aventurado aquele que não se houver escandalizado de mim.

N. 148. A fama levava a João o rumor dos atos de Jesus. João, porém, não tinha a certeza de que Jesus fosse quem devia ser. Enviou-lhe por isso dois de seus discípulos para verificarem se se não tratava de algum hábil impostor. Foi, portanto, para comprovar-lhe a identidade que João lhe mandou seus emissários. O Precursor queria certificar-se de que Jesus era realmente aquele cuja vinda ele anunciara.

Quanto aos chamados "*milagres*" que Jesus praticou diante dos discípulos de João, nada diremos, por ser inútil repetir explicações já dadas.

Jesus disse: *O Evangelho é pregado aos pobres*. As palavras "*aos pobres*" eram ditas mais para aquela época do que para o futuro. Os pobres se viam desprezados, abandonados; ninguém com eles se importava. Falando como falou, o Mestre tinha em mira elevar aquela classe miserável e fazê-la partícipe do progresso intelectual humano.

Tomadas numa acepção geral, aplicando-as a todas as épocas, as palavras "*aos pobres*" se devem entender como abrangendo *todos* os que, sentindo a necessidade de se enriquecerem com a palavra evangélica, queiram ouvi-la.

Bem-aventurado, disse também Jesus, *aquele que não se houver escandalizado de mim*.

Quem quer que repila a moral do Cristo, repele-o. Feliz, pois, daquele que lhe acolhe os preceitos e os *põe em prática*, porque progride e não tem que temer uma repulsa.

**MATEUS, Cap. XI, v. 7-15. —LUCAS, Cap. VII,
v. 24-30 e Cap. XVI, v. 16**

*João. precursor, e Jesus. — Pedra fundamental
do edifício da regeneração — Missão
nova e futura de João*

MATEUS: V. 7. Logo que eles se foram embora, começou Jesus a falar de João ao povo nestes termos: Que é o que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? — 8. Que é, pergunto, o que fostes ver? Um homem vestido de finas roupas? Sabeis que na casa dos reis é que vivem os que se vestem assim. — 9. Que é então o que fostes ver? Um profeta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que profeta; — 10, porquanto dele é que está escrito: "Eis que envio, na tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho." — 11. Em verdade vos digo: Nenhum dentre quantos hão nascido de mulher foi maior do que João Batista, mas aquele que for o menor no reino dos céus é maior do que ele. — 12. Desde os dias de João Batista até o presente o reino dos céus sofre violência e os violentos o arrebatam; — 13, pois, até João, todos os profetas e a lei profetizaram; — 14, e, se quiserdes, compreendei: ele é o Elias que há de vir. — 15. Ouçam os que têm ouvidos de ouvir.

LUCAS: V. 24. Logo que se foram os mensageiros de João, entrou Jesus a falar deste à turba, dizendo: Que é o que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? — 25. Que é, pergunto, o que fostes ver? Um homem vestido de finas roupas? Sabeis que nas casas dos reis é que se encontram os que se vestem magnificamente e vivem nas delícias. — 26. Que é, então, o que fostes ver? Um profeta? — Sim, certamente, eu vo-lo digo, e mais que um profeta; — 27, porquanto, dele é que está escrito: Eis que envio, na tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho adiante de ti. — 28. Pelo que, eu vos digo que, dentre os que hão nascido de mulher, nenhum ainda houve maior do que o profeta João Batista; mas, aquele que for o menor no reino de Deus é maior do que ele. — 29. E todo o povo e os publicanos que o ouviram se submeteram aos designios de Deus recebendo de João o batismo. — 30. Mas os fariseus e os doutores da lei desprezaram os designios de Deus para com eles, não se fazendo batizar por João.

XVI. v. 16. A lei e os profetas duraram até João; a partir daí, o reino de Deus é pregado aos homens e cada um lhe faz violência.

N. 149. Falando de João naqueles termos, Jesus dava testemunho da missão que o Precursor viera desempenhar, assim como anunciava a nova e futura missão que ele desempenhará e lançava a pedra fundamental em que assentaria o edifício da regeneração, edifício que se vai erguendo, embora lentamente.

A época do aparecimento de Jesus na terra, sob a forma corporal humana, vos é indicada como sendo a base do progresso que *nas idéias* se havia de produzir. E elas se elevaram, fracamente é certo, mas o bastante para se despojarem do envoltório material que as constringia. Tendem, cada vez mais, a se elevar para as regiões espirituais. O acabamento dessa grande empresa, a continuação da obra de Jesus, tal a tarefa que desempenhamos sob as vistas e a direção do Mestre.

Referindo-se a João, dizia Jesus à multidão: *Fostes ver um profeta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que um profeta, porquanto, dele é que está escrito:* "Envio, à tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho".

Jesus se exprimia assim porque João, Espírito adiantado, já atingira um grau de elevação muito mais alto que os profetas. Contai os séculos de trabalho e de saber, decorridos depois da existência de Elias, e compreenderéis que, comparando os profetas, nas diversas épocas em que apareceram, com Elias *reencarnado como precursor do Cristo*, Jesus mos-

trava a extensa linha de progresso que fora percorrida. Hoje, *Elias* é muito mais ainda do que o Elias dos *Hebreus*. Quando desempenhar a sua missão espírita, assinalando com essa missão a sua passagem pela terra, maior será ainda, não sob o aspecto da austeridade dos costumes e do Espírito, mas sob o do poder e da ciência.

Nada há imutável na criação. O progresso moral só no seio de Deus pára; ele prossegue sempre, até ao instante em que atinge, nos pés do eterno, os últimos limites da perfeição moral. Quanto ao progresso intelectual, isto é, quanto ao progresso *em ciência universal*, esse é indefinido. Para o Espírito que se tornou perfeito, vem ele *diretamente* de Deus, a quem, todavia, o Espírito *jamaiz* poderá igualar-se.

"Em verdade vos digo, acrescentava Jesus, falando de João ao povo, que nenhum dentre quantos hão nascido de mulheres foi maior que João Batista; mas, aquele que f o r o menor no reino dos céus é maior do que ele."

Expressando-se desse modo, procurava Jesus impressionar fortemente os homens materiais e atrasados a quem se dirigia. Apresentando-lhes João, que tão grande era na terra, como inferior ao que menor fosse no reino dos céus, intentava desenvolver naqueles homens as aspirações por esse reino e o desejo de alcançá-lo, ouvindo e guardando as palavras do Precursor e as suas próprias palavras, seguindo os caminhos que ambos traçaram.

A diferença estabelecida entre João *encarnado* e João *Espírito* dizia respeito aos entraves da matéria. Por mais elevado que seja, o Espírito sofre sempre a influência do corpo que o constrange. Mas, por isso mesmo, o Senhor não se serve de uma só medida, como fazeis, para julgar dos atos de seus filhos.

Quantas vezes anatematizais o vosso irmão por faltas humanas derivadas da organização da máquina e fechais os olhos às faltas graves provenientes de desvios do Espírito!

João *humanizado* era naturalmente menos do que João *Espírito* e Jesus, comparando-o ao menor no reino dos céus, queria que o homem compreendesse a diferença que existe entre o *Espírito livre de entraves* e o *Espírito aprisionado no corpo*.

Além disso, afirmava, indiretamente *e sob um véu que só a nova revelação levantaria*, que, fora da humanidade, ele *Jesus era superior a João*.

As palavras: "*Desde os dias de João Batista até o presente o reino de Deus sofre violência e os violentos o arrebatam*" encerravam uma figura destinada a fazer sentir aos Hebreus que os que pretendiam ser os *únicos* a alcançar o reino dos céus eram incapazes de entrar nele. Tais palavras, repetimos, foram empregadas *figuradamente*, porquanto o Espírito culpado jamais gozou, nem jamais gozará da felicidade celeste, enquanto não se houver *transformado*.

E "*os violentos o arrebatam*", dizia Jesus, porque os fariseus e os escribas pretendiam que *só eles* alcançavam a paz do Senhor por praticarem *ostensivamente* uma lei que *com o coração* violavam. Alardeando a posse de todas as graças de Deus, não arrebatavam eles, *aos olhos da multidão ignorante*, a morada eterna?

Não havia da parte deles nenhuma tentativa, nenhum esforço. Na sua maioria, era o que são os vossos filósofos, os vossos espíritos fortes, os vossos crentes que em nada crêem. Cegavam a massa popular, chamavam a si as honras e os proveitos terrenos e também usurpavam, *à vista daqueles pobres cegos*, a felicidade e a paz do céu.

Pois, até João todos os profetas e a lei profetizaram."

E ninguém escutou as profecias; ninguém procurou verdadeiramente ganhar a morada celeste; todos, *pelo pensamento*, a usurparam.

O João que *tinha de vir* veio. Os publicanos constituíam a classe dos empregados subalternos que, obedecendo aos chefes da sinagoga, arrecadavam os impostos, desempenhavam, portanto, funções que sempre despertam a animosidade popular. Eram os mais humildes. Receberam com o povo a palavra de João e, conseqüentemente, o batismo de penitência.

Os fariseus eram os *sectários orgulhosos*, que cumpriam as mais difíceis prescrições de Moisés com o fim exclusivo de demonstrar a sua supremacia. Os doutores da lei eram os que preparavam e punham sobre os ombros de seu irmãos fardos que eles não ousariam tocar com o dedo.

Os fariseus e os doutores da lei, acastelados no seu orgulho, rejeitaram a palavra de João, repeliram os desígnios de Deus para com eles, desprezando a ocasião que se lhes oferecia de entrarem no caminho que conduz a Deus. O batismo era *um emblema*, mas a palavra de João era *o meio*.

"A lei e os profetas duraram até João; a partir daí, o reino de Deus é pregado aos homens e cada um lhe faz violência."

Cada um lhe faz violência (linguagem figurada) no sentido de que ninguém se aplica a fazer o que deve para alcançá-lo.

Desde João até os vossos dias o reino de Deus é pregado. Como aqueles de quem falava Jesus, cada um trabalha por criar para si um reino da *terra* e força o reino do céu, isto é, faz da *hipocrisia* ou do *anátema* um *meio* de conquistá-lo, mas ninguém procura penetrar nele para lá se manter.

"Se quiserdes, compreendei, acrescentou Jesus falando de João, ele é o Elias que há de vir."

E concluiu dizendo: *"Ouçam os que têm ouvidos de ouvir"*, a fim de chamar a atenção, tanto dos homens daquela época como dos do futuro, para as palavras que acabava de proferir, as quais encerravam um sentido oculto, pois que o Elias que *havia de vir já viera*.

Dissemos que Jesus tinha a presciência do futuro, que todos os séculos vindouros se lhe patenteavam aos olhos. Essas *palavras*, portanto, devem hoje prender-vos a atenção, tal como sucedeu na época em que foram ditas.

Cumpra que todos os que começaram a obra a conclua.

Não acrediteis que, terminada a sua missão terrena, como Precursor do Cristo, João tenha deixado de trabalhar pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade. Na condição de Espírito, ele continuou e continua a desempenhar o seu cargo de Precursor.

Neste momento, em que para vós se abre a era nova, que preparará e realizará o advento de Jesus como *Espírito da Verdade*, como complemento e sanção da verdade, João, em Espírito, vem profetizar de novo. Abri os ouvidos e os corações à sua prédica. Escutai a Elias, que novamente clama ao povo, aos publicanos, aos escribas, aos fariseus e aos doutores da lei dos vossos dias e a todos os homens:

"Arrependei-vos, arrependei-vos; aproxima-se a hora do julgamento, pois que a morte, de um instante para outro, pode surpreender-vos e entregar os Espíritos culpados à expiação na erraticidade e, depois, às angústias e penas da reencarnação. Aproxima-se a hora do julgamento, pois não vem longe o instante em que o vosso planeta passará pelo cadinho da depuração, no qual os maus serão separados dos bons; o

instante em que os Espíritos que então permanecerem culpados e rebeldes, voluntariamente cegos, se verão deportados para mundos inferiores, onde terão que expiar durante longos séculos a sua rebeldia. Vigiai, vigiai, a fim de não serdes surpreendidos. Purificai-vos, porquanto, embora os ladrões tentem penetrar na morada celeste, só os eleitos serão aí recebidos. Todos sois destinados a figurar no número dos eleitos, visto que, para o Senhor, não há *eleitos*, nem *réprobos*, segundo as falsas interpretações humanas. Mas, como o que é *impuro* não se aproxima dele, os eleitos não podem ser e não são senão Espíritos *puros* e os Espíritos, para alcançarem a pureza, a perfeição, têm que galgar todos os degraus da escala do progresso, única que conduz ao cume. Purificai-vos, pois. Todos vós podeis consegui-lo. Tornai-vos puros, tornai-vos perfeitos e então, *mas só então*, sereis *eleitos* e penetrareis na celeste morada, aproximando-vos do centro da onipotência".

"João é o Elias que há de vir. Ouçam os que têm ouvidos de ouvir."

Elias-João, o Precursor, ainda reaparecerá no meio de vós. Sua presença assinalará um imenso progresso, tanto no terreno moral, como no da ciência. Sua futura missão consistirá em alargar o círculo das vossas idéias, dos vossos conhecimentos, fortificando em vós o amor universal e a caridade que lhe é conseqüente.

Não nos é permitido, portanto não nos é dado, dizer-vos em que dia estas coisas ocorrerão, mas os tempos se aproximam. Já o dissemos (tomo 1º, n. 2, pág. 138) e repetimos: Quando puderdes acompanhar a vida de um homem, passo a passo, desde a primeira infância até os últimos extremos da existência terrena, sem lhe notardes *jamaiz* qualquer mácula ou fraqueza, vendo-o erguer para o céu a fronte pura, sem que *jamaiz* uma lembrança amarga o faça corar,

ouvindo-o pregar exatamente a moral que *todos os seus atos*, ainda os *mais ocultos*, sancionem, podereis dizer: Ali está em missão um Espírito superior. E se, em torno de vós, se multiplicarem as individualidades dessa ordem, podereis dizer: aproxima-se o momento em que o Precursor virá anunciar-nos a boa nova, preparar-nos para entrar na vida espiritual, que nos porá em condições de recebermos a Jesus como Espírito da Verdade, como sanção e complemento da verdade. Nessa época, também se repetirão na terra os casos de *aparicação* idênticos ao da de Jesus quando ai foi desempenhar sua missão terrena, isto é, por incorporação puramente perispírita, mediante o revestimento de um perispírito tangível com a aparência do corpo humano.

Nota da Editora—Algumas traduções acrescentam ao vers. 28 do Cap. 7 de Lucas, a palavra *Profeta*, que não existe no texto grego; mas as traduções modernas já corrigiram, eliminando o enxerto. Vemos na excelente Edição Brasileira: "Entre os nascidos de mulher não há nenhum maior do que João; mas o que é menor no reino de Deus, é maior do que ele." Na fidelíssima tradução em Esperanto: "*Inter naskitoj de virinoj estas neniu pli granda ol Johano: tamen tiu, kiu estas nur malgranda en la regno de Dio, estas pli granda ol li.*"

**MATEUS, Cap. XI, v. 16-19. —LUCAS,
Cap. VII, v. 31-35**

*João e Jesus incompreendidos pelos Hebreus.
João e Jesus compreendidos hoje pelos
que são os filhos do Senhor*

MATEUS: V. 16. Com que compararei esta geração? Ela se assemelha a crianças que, assentadas na praça pública e aos gritos, — 17, dizem aos seus companheiros: Tocamos flauta para vós outros e não dançastes; lamentamos e não chorastes. — 18. Veio João e, porque não come, nem bebe, dizem: Está possesso do demônio. — 19. O filho do homem veio e porque come e bebe, dizem: "Ali está um comilão e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores". Mas, a sabedoria é justificada pelos seus filhos.

LUCAS: V. 31. Disse o Senhor: Com que compararei os homens desta geração? A quem se assemelham? — 32. Assemelham-se a meninos que, sentados na praça pública e falando uns para os outros, dizem: Tocamos flauta para vós e não dançastes; entoamos lamentações e não chorastes. — 33. João Batista veio e, porque não come pão nem bebe vinho, dizeis: Está possesso do demônio. — 34. O filho do homem veio, come e bebe e dizeis: É um comilão e beberraz, amigo dos publicanos e dos pecadores. — 35. mas, a sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

N. 150. Nesta linguagem apropriada à capacidade intelectual daqueles que o ouviam, Jesus fazia ver aos homens que suas inteligências rebeldes recusavam todos os testemunhos, quaisquer que fossem, procurando para o que observavam uma razão de ser estranha à bondade de Deus e não se rendendo nem à evidência.

"Mas, a sabedoria é justificada por todos os seus filhos".

Estas palavras visavam o futuro. Os que *viram* não compreenderam. Com os séculos, os Espíritos se desenvolveram e vós hoje compreendeis. Sábios, filhos de Jesus, são os que compreendem as verdades que os cegos negaram.

João veio e, porque não come pão e não bebe vinho, dizeis: Está possesso do demônio."

João, o Precursor, vivia afastado dos homens. Sua grande sobriedade espantava os Hebreus, que sacrificavam o que lhes fosse possível à satisfação dos apetites materiais. A vida de insulamento, de contemplação, de toda sorte de continência, que João se impusera, causava surpresa ao povo. E, como não pudessem compreender que um homem voluntariamente se submetesse a *tal* existência, tinham-no por vítima de uma obsessão, que o impelia para o deserto, a viver fora de todas as leis estabelecidas.

João, porém, assim procedendo, cumpria a sua missão, dava, como Precursor, o ensinamento e o exemplo da *penitência*, que tinha por *emblema* o batismo às margens do Jordão, sendo a sua palavra o *meio* de os homens se prepararem para entrar nos caminhos do Senhor.

"O filho do homem veio e, porque come e bebe, dizeis: É um comilão e beberaz, amigo dos publicanos e dos pecadores."

Ao contrário de João, Jesus vivia no meio dos homens, a fim de mostrar a todos o que é praticar o amor e a caridade.

Vulgarizava, por assim dizer, as virtudes que pregava, a fim de as tornar mais compreensíveis. Incorporava-se nas classes desprezadas, para mostrar aos orgulhosos que o primordial dever do homem é dispensar assistência, *primeiramente* aos que estão, *ou que ele julga* estarem, abaixo de si. Assentava-se, *diante dos homens*, à mesa do pobre, para que este

aprendesse a descobrir o verdadeiro sabor do seu pão. Dormia (ao que todos supunham) sob o teto do portageiro, para lhe dar a ver a calma que resulta da pureza da consciência. Navegava com os pescadores, a fim de lhes inculcir o desprezo à morte, tendo por fundamento a fé e a eternidade. "Vivia" a vida do homem na companhia do homem, mas não na do orgulhoso, razão por que os orgulhosos o acusavam de se comprazer nos centros abjetos da sociedade de então.

Haveis porventura mudado, oh! homens, que dizeis, com Jesus, que ele não veio curar os que gozam saúde, nem salvar os que não estão perdidos, nem ainda dar coragem aos que não desesperam?

Haveis porventura mudado? Estais dispostos a entrar na cabana do portageiro, a sentar-vos à sua mesa, para que ele, esquecendo a distância que vos separa, não vendo diante de si senão um homem seu igual, apenas mais instruído e, sobretudo, melhor, se decida a receber as lições de probidade, de desinteresse que lhe podeis dar? Estais dispostos a estender a mão aos de má vida, *dizendo-lhes*: "Irmãos, enveredastes por mau caminho; vinde comigo; apoiai-vos em mim, que não temo os salpicos da lama que vos cobre. Minha mão, ao contrário, vos enxugará o rosto, vos limpará os olhos obscurecidos e vos mostrará a luz que guia para fora desta estrada perigosa em que penetrastes. Irmãos, vinde comigo, eu vos abrirei caminho; levantai-vos e, pouco a pouco, crescereis e transporeis esse oceano de vasa prestes a tragar-vos"?

Homens, espíritas, fazei como Jesus, sem vos preocupardes com os orgulhosos escribas e fariseus do vosso tempo. Pois que não viveis na solidão, como o Precursor, segui o exemplo de Jesus: *comei e bebei*, como Jesus, à mesa do *pobre*, do *desprezado*, do *réprobo*, porquanto lhe levareis então uma porção

do alimento que o sustentará pelos séculos vindouros: o pão de vida que nutre a alma, clareia a inteligência e purifica o coração.

LUCAS, Cap. VII, v. 36-50

*Pecadora que banha de lágrimas os pés de Jesus
e os enxuga com seus cabelos, derramando
bálsamo sobre eles*

V. 36. Tendo-lhe um fariseu pedido que em sua casa fosse comer, Jesus entrou na casa do fariseu e tomou lugar à sua mesa. — 37. Logo uma pecadora da cidade, sabendo que Jesus estava à mesa em casa desse fariseu, aí veio ter, trazendo um vaso de alabastro cheio de bálsamo; — 38, e, colocando-se por trás dele, se pôs a banhar-lhe de lágrimas os pés, a enxugá-los com os cabelos, ao mesmo tempo que os beijava e os ungia com o bálsamo. — 39. Vendo isso, o fariseu que o convidara disse de si para si: Se este homem fora profeta, saberia quem é esta mulher que o toca, que é uma pecadora. — 40. Jesus então lhe disse: Simão, tenho alguma coisa a te dizer. Ao que ele respondeu: Mestre, fala. — 41. Um credor, disse Jesus, tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinquenta. — 42. Como não tivessem com que pagar, o credor perdoou as dívidas a ambos. Qual dos dois, em consequência, mais o estimará? — 43. Simão respondeu: Creio que aquele a quem ele mais perdoou. Jesus lhe retrucou: julgaste bem. — 44. E, voltando-se para a mulher, disse ainda a Simão: Vês esta mulher? Entrei na tua casa, não me deste água para lavar os pés, enquanto que ela, ao contrário, mos banhou com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. — 45. Não me deste ósculo e ela, desde que entrou, não cessa de me beijar os pés. — 46. Não me ungieste com bálsamo a cabeça, ao passo que ela me unge com bálsamo os pés. — 47. Eis te declaro que muitos pecados lhe são perdoados, pois que ela muito amou. Aquele a quem menos se perdoa menos ama. — 48. E disse à mulher: Teus pecados te são perdoados. — 49. Os que com ele estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa os pecados? — 50. Jesus disse ainda à mulher: Tua fé te salvou; vai em paz.

N. 151. O fato aqui referido constitui um exemplo da influência que, sobre os destinos do homem, tem o arrependimento.

Não por haver banhado os pés de Jesus com bálsamo e com lágrimas obtém a pecadora o perdão, mas porque esse ato era a conseqüência do pesar sincero e profundo que lhe causavam suas faltas e por serem imensas sua fé e sua esperança naquele diante de quem se prosternava.

Mulher de costumes livres, que vendia o corpo, ela, na sua beleza, se humilhava, enxugando com os cabelos aqueles pés que o seu arrependimento banhava de lágrimas. Ela, que era vaidosa de seus encantos, sacrificava ao arrependimento os perfumes que serviam para torná-la mais sedutora e para, pelo aroma penetrante, excitar os desejos dos que lhe pagavam as carícias. Esses perfumes, elementos das suas orgias, se santificavam ao contacto com o santo dos santos. E a pecadora se limpava das suas faltas pela satisfação com que se separava desses objetos de luxo, únicos que possuía. *Renunciava* assim ao seu passado de desordens e fazia *sinceras* promessas de reparação no futuro.

Não zombeis da pecadora aos pés de Jesus. Ao contrário, imitando-a, vinde todos, todos sem exceção, derramar na fronte do Mestre os inebriantes perfumes que vos perdem e ouvireis de sua boca palavras de paz, de consolação e de amor. A ele e só a ele o pai onipotente deu o poder de ligar e desligar na terra e no céu. Os apóstolos lhe obedeciam, eram os agentes que ele escolhera e obravam inspirados e guiados pelos Espíritos superiores, quando também ligavam e desligavam na terra e no céu.

Temos ainda que vos chamar a atenção para alguns pontos.

Como veio ao fariseu Simão a idéia de convidar a Jesus para lhe entrar em casa e sentar-se à sua mesa?

Como pôde a mulher, sendo uma pecadora, penetrar na sala do festim?

O fariseu queria sondar a Jesus para descobrir nele o ponto vulnerável. Só se aproximando do Mestre *podia* esperar consegui-lo. Mesmo a introdução de Maria na sala era uma cilada. De outra forma ela não houvera podido penetrar lá, do mesmo modo que, sem a vossa autorização, uma desclassificada não entrará em vossas casas.

Dirigindo ao fariseu Simão as palavras dos v. 41 a 46, Jesus estabeleceu uma comparação *toda material*, para ser compreendido por um homem *material*. Os fariseus não só eram orgulhosos, como também cúpidos e avarentos. O exemplo que Jesus figurou não podia, portanto, deixar de ser compreendido e apreciado por um Espírito dessa ordem.

Sim, aquele a quem mais se perdoou será certamente o mais reconhecido. Todavia, o perdão não é concedido sem ser suplicado e as súplicas devem ser fervorosas e reiteradas, pois que o Senhor não *salda* a dívida de quem se mostre propenso a contrair *outras*. Fá-lo somente aquele que seja capaz de, no futuro, manter-se sem desvio no caminho reto.

Jesus, com o que disse a Simão (v. 44-47), apontando para a mulher, aludia respectivamente aos sentimentos dele e dela. Lendo no pensamento do fariseu, conhecia a razão do acolhimento que lhe este dispensara.

Disse então à mulher: "*Teus pecados te são perdoados (v. 48)*"

A graça não é o que a igreja humana forjou. No caso da pecadora, havia remorso sincero e profundo. Seguir-se-ia a reparação, que lhe não seria duramente imposta, como sucede quando se trata de culpados *endurecidos*, mas uma reparação feita *com felicidade, com alegria*, visando alcançar o progresso

que deixara de realizar e entrar de novo em graça perante o amor do Pai.

Disse ainda Jesus à mulher: "Tua fé te salvou; vai em paz."

A fé que ela tivera em Jesus é que Ihe abrisse os olhos para o seu proceder. A comparação entre a vida sem mácula do Mestre e os excessos inumeráveis da sua própria vida de pecadora foi o que a impressionou e impeliu a vir suplicar o perdão de suas faltas, aos pés daquele que ela considerava um enviado celeste.

Nas suas interpretações, os homens se equivocaram completamente quanto ao sentido destas palavras de Jesus ao fariseu Simão:

"Eis te declaro que muitos pecados Ihe são perdoados, porque ela muito amou."

Dizendo de Maria que muito Ihe era perdoado *por haver ela amado muito*, Jesus não entrava em nenhuma das considerações a que deram lugar as interpretações humanas. O amor de que ele falava era o amor considerado *do ponto de vista da caridade*. Conquanto mulher de vida dissoluta, Maria tinha um coração sensível às misérias de seus semelhantes. De natureza fraca e impressionável, sua existência de deboche era mesmo devida ao excesso do seu amor à família, com a qual repartia, em larga proporção, o produto do seu vergonhoso comércio. Grande era a sua caridade; jamais um infortúnio apelara em vão para a sua piedade. Sua própria queda fora um ato de devotamento. Aí tendes o que se não vos havia dito; aí tendes ainda o que será encarado como encorajamento ao vício, sob o pretexto do devotamento a pais pobres; aí tendes, todavia, a fonte de tantos vícios que repelis das vossas vistas com horror, quando, muitas vezes, um conselho, um socorro fariam o que fizeram as santas palavras de Jesus.

Espírito fraco, Maria quisera lutar contra a sua fraqueza, quisera o combate excessivamente rude. Sucumbiu a princípio, porém levantou-se mais forte e mais valorosa, *não aos olhos dos homens*, que nada perdoam, tendo, embora, tanta necessidade de perdão, *mas aos olhos daquele que sonda os corações e as entranhas e para quem o pensamento culposo e oculto o mesmo é que o ato praticado.*

**MATEUS, Cap. XI, v. 20-24. —LUCAS,
Cap. X, v. 13-15**

Cidades impenitentes

MATEUS: V. 20. Começou ele então a exprobrar às cidades onde realizara tantos milagres o não terem feito penitência. — 21. Ai de ti, Corozain! Ai de ti, Betsaida! pois que, se os prodígios operados dentro de vós o tivessem sido em Tiro e em Sídon, elas teriam feito penitência em cilícios e em cinza. — 22. Eis porque vos digo que, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas com menos rigor do que vós. — 23. E tu, Cafarnaum, porventura te elevarás até ao céu? Serás abatida até ao inferno, porquanto, se os milagres operados dentro dos teus muros o tivessem sido em Sodoma, talvez que esta ainda hoje subsistisse. — 24. Eis porque te digo que no dia do juízo a terra de Sodoma será tratada com menos rigor do que tu.

LUCAS: V. 13. Ai de ti, Corozain! Ai de ti, Betsaida! pois que, se os prodígios operados dentro de vós o tivessem sido outrora em Tiro e em Sídon, elas teriam feito penitência nos cilícios e nas cinzas. — 14. Eis porque, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas com menos rigor do que vós. — 15. E tu, Cafarnaum, que te elevaste até ao céu, tu submergirás até ao inferno.

N. 152. Estas palavras de Jesus se referem ao estado dos Espíritos encarnados naquela época.

"*Penitência*" significa "*arrepentimento*". Quando diz que Tiro e Sídon teriam feito penitência, cobrindo-se de cilícios e de cinzas, se houberam visto os milagres que se operaram em Corozain e Betsaida, Jesus se serve de imagens materiais, apropriadas, como sempre, aos Espíritos do tempo. A penitência do *Espírito* consiste no causticante remorso de suas faltas e na expiação que se lhe segue. Mas, tudo na ordem *moral*.

Porventura fora possível conseguir que seres materiais, como eram até mesmo os primeiros adeptos do Cristianismo, compreendessem que a penitência *moral* basta para o resgate das faltas perante a justiça de Deus? Nas suas transgressões, eles não viam mais do que o ato material, consequentemente não podiam admitir uma reparação que não fosse material.

Apreciai de outra maneira as coisas, oh! bem-amados; procurai o ato espiritual, penitenciai-vos dele e, de futuro, não praticareis mais ato material algum capaz de ofender o Senhor. Domine o Espírito em vós o corpo, que a carne, subjugada, se tornará instrumento obediente, próprio a efetuar com maior presteza e maior facilidade a purificação espiritual.

Jesus declara que os habitantes de Tiro e de Sídon serão tratados com menos rigor do que os de Corozain e de Betsaida, porque a estes a luz foi trazida e eles a recusaram.

"A terra de Sodoma. disse igualmente Jesus, será tratada com menos rigor do que Cafarnaum."

É que em Sodoma os crimes tinham principalmente por origem o rebaixamento da matéria, ao passo que os de Cafarnaum se originavam da revolta do *Espírito*. Fazendo aquela distinção entre Sodoma e Cafarnaum, queria Jesus que os homens compreendessem que, de todos os crimes passíveis de castigo, os *mais* graves são os que a *inteligência* comete. Conhecendo o Senhor as fraquezas da vossa matéria, não pune os seus arrastamentos, senão quando o *Espírito* participa deles *conscientemente*. Cafarnaum recebera a luz, fora testemunha dos milagres e, orgulhosa, tudo rejeitara; entretanto Sodoma, atascada no lodaçal da matéria, talvez houvera saído da cloaca imunda das paixões grosseiras, se ouvira a palavra do Mestre; talvez, se vira os milagres, houvera aceitado a luz, es-

cutado a voz do arrependimento e renunciado a seus crimes, dando ao Espírito o predomínio *sobre os instintos brutais*.

Não vos admireis de que Jesus tenha usado do termo "*talvez*" quando, ao falar de Sodoma, disse: "*Talvez* que ainda hoje ela subsistisse".

Sem dúvida alguma, estando em relação constante e direta com Deus, ele, como sabeis, tinha a presciência do futuro e bem assim o conhecimento do passado. Dizia "*talvez*", porque não convinha que falasse aos homens, de modo preciso, dos atos daquele que nenhuma criatura humana *pode* sondar. Era mister (também o sabeis e não o percais de vista) que, como sucedia, Jesus passasse então entre os homens, entre os *hebreus*, por um homem *igual a eles* e, sendo assim, não podia apresentar-se-lhes como conhecedor do juízo de Deus.

Exprimindo-se, relativamente a Cafarnaum, desta maneira: "*Tu que te elevaste até ao céu*", isto é, tu que foste inundada de luz e que, orgulhosa, a rejeitaste, "*submergirás no inferno*", usava Jesus de expressões e linguagem apropriadas à inteligência de seus ouvintes. Por *inferno* designava, *veladamente*, as penas que os Espíritos culpados sofrem, primeiro, na erraticidade e, depois, reencarnando na terra ou em mundos inferiores, de provações e expiação.

O inferno, já o temos dito, é a consciência do culpado e o lugar, *qualquer que este seja*, onde expia suas faltas.

Não se trata de espaço limitado. O lugar, seja qual for, que o Espírito sofredor ocupe quando na erraticidade, é bem o que ainda chamais e Jesus *alegoricamente* chamava *inferno*, pois que, em tal lugar, o Espírito se acha presa de contínuas torturas. Também o Espírito encarnado se acha realmente num *inferno* quando, metido na prisão de carne em mundos inferiores, passa por provações, por sofrimentos

ou torturas físicas e morais, por expiações, que constituem a pena secreta da sua encarnação precedente, a pena correspondente ao que lhe cumpre ainda reparar, tendo em vista suas existências anteriores.

Jesus disse: *"No dia do juízo"*, falando dos habitantes de Tiro e de Sídon, de Corozain e de Betsaida, de Cafarnaum e de Sodoma. Foi *uma figura, uma comparação* de que se serviu o Mestre. Deveis compreender-lhe as palavras do modo seguinte: "Digo-vos que os de Corozain e de Betsaida serão julgados mais severamente do que os de Tiro e de Sídon que, *juntos com os primeiros*, se apresentarão ao Juiz Supremo; — que os de Cafarnaum serão julgados mais severamente do que os de Sodoma, que, *com eles*, se apresentarão ao Juiz Supremo".

Tende sempre em conta o estilo *figurado* de que usava Jesus, forçado pelas necessidades da época, pelos preconceitos respeitadas, pelo estado das inteligências, pela conveniência de *velar* a verdade, até que chegassem os vossos dias, em que o *espírito*, mediante o advento da nova revelação, seria despojado da *letra*, a fim de preparar os homens para se tornarem adoradores do pai *em espírito e em verdade*.

As palavras — "no dia do juízo" — não tinham, no pensamento então *velado* de Jesus, a significação de *um juízo final*, a que sejam chamados, *como o diz a Igreja*, todos os que morreram desde a origem dos tempos. Não; os habitantes de Tiro e de Sídon, de Corozain e de Betsaida, de Cafarnaum e de Sodoma, bem como todos os Espíritos culpados que hão vivido na terra desde que o homem aí apareceu, passaram, depois da morte ao cabo de cada existência, *pelo julgamento*, isto é: pela expiação na erraticidade e, em seguida, pela reencarnação.

Dentre os Espíritos culpados das diversas cidades de que falava Jesus, alguns já terminaram suas provações expiatórias, outros progrediram muito.

Poucos chegarão à época da renovação do vosso planeta, sem terem logrado a satisfação de seus desejos.

Não haverá, repetimos, juízo final, *como o diz a Igreja*. O que de fato se dará é que, nos últimos dias da era *material* da humanidade terrena, os que se conservarem rebeldes serão degradados para mundos inferiores. Só os que tiverem chegado ao grau de aperfeiçoamento que devem atingir poderão permanecer na Terra, para aí continuarem a avançar na senda do progresso. Não é essa, porém, a idéia que, influenciados pelas falsas interpretações próprias do reinado da letra, os homens fazem do juízo final. Os Espíritos culpados irão sendo afastados gradualmente da terra e esta se purificará de modo quase imperceptível para vós outros. A renovação do vosso planeta não resultará de um violento abalo, mas de um progresso contínuo.

Atualmente, ainda estais *numa era material*, pois que vos achais ainda sob o império da *matéria* e as coisas no vosso planeta estão dispostas por maneira a que este preencha as condições necessárias à vossa existência. Mas, tempos virão em que a Terra progredirá, do mesmo passo que os vossos corpos, e se elevará como essência, purificando-se, eternizando-se.

Quanto mais crescer em vós o domínio do Espírito, tanto mais diminuirão as necessidades materiais e, entre os homens de então e os de agora, mais sensível será a diferença material, do que a que existe entre os de hoje e os primeiros habitantes do vosso globo. Na época da *matéria*, vida e órgãos materiais; na do Espírito, a espiritualidade. O vosso planeta está destinado, como todos os que gravitam na imensidade, a percorrer a via do progresso até ao dia em que a transformação se complete e em que, quais homens despojados da *matéria*, vivereis espiritual e fluidicamente, num mundo fluídico.

A época da renovação da Terra será aquela em que os Espíritos ainda rebeldes, ao voltarem para o mundo dos Espíritos, começarão a ser afastados dela e mandados para mundos inferiores. Nessa época, as calamidades, ou seja o que chamais calamidades públicas, abrirão grandes claros nas fileiras humanas, a fim de que estas se renovem mais depressa.

Do ponto de vista físico, a Terra, já o temos dito, acompanhará o progredir do Espírito e o progresso físico deste, de harmonia com o do planeta, será conseqüência do seu progresso moral e intelectual.

Como todos os mundos já formados e todos os que se hão de formar na imensidade e na eternidade, segundo as leis naturais e imutáveis estabelecidas por Deus, destinados ao progresso da essência espiritual ou Espírito em formação e ao dos Espíritos *que faliram* e que, *por isso*, ficam sujeitos à encarnação humana, o vosso planeta saiu dos fluidos impuros, depois chegou, progressivamente, ao estado material, donde passará, num progredir contínuo, a estados cada vez menos materiais, até chegar, por sucessivas transformações, ao de pura fluidez, no qual ele e a humanidade a que serve de morada se encontrarão livres de todas as impurezas da matéria.

Sim, cada abalo, cada deslocamento do mundo terráqueo serve para levá-lo à transformação. Deveis compreender que, chamado a desempenhar outras funções, não pode ele permanecer no mesmo meio. Com o correr dos tempos e mediante esses gradativos deslocamentos, a Terra tomará lugar nas regiões dos fluidos sutis, onde tendes que viver. Enquanto isso, outro planeta, afastando-se por sua vez do seu centro de formação, virá desempenhar as funções que o vosso desempenhava. No último período dessa transformação, isto é: no momento em que a Terra estiver prestes a passar ao estado fluídico puro, e ao de Es-

píritos puros os que compõem a humanidade terrena, é que Jesus aparecerá, como ele próprio disse, na plenitude do seu poder, da sua glória, da sua pureza perfeita e imaculada, para vos mostrar a verdade *sem véu*, para vos conduzir ao foco da onipotência e vos fazer conhecer o Pai.

**MATEUS, Cap. XI, v. 25-27. —LUCAS,
Cap. X, v. 21-22**

Cegos, tidos entre os homens por sábios e prudentes. Esclarecidos, que os homens consideram como obscuros

MATEUS: V. 25. Proferiu então Jesus estas palavras: Graças te dou, meu Pai, Senhor do céu e da terra, por haveres ocultado estas coisas aos sábios e aos prudentes e por as teres revelado aos pequeninos. — 26. Assim é, meu Pai, porque te aprouve que fosse assim. — 27. Todas as coisas me são dadas por meu Pai e ninguém, senão o Pai, conhece o filho; e ninguém conhece o Pai senão o filho e aquele a quem o filho o queira revelar.

LUCAS: V. 21. Nessa mesma hora, Jesus exultou pelo Espírito e disse: Graças te dou, meu Pai, Senhor do céu e da terra, por haveres ocultado estas coisas aos sábios e aos prudentes e por as teres revelado aos pequeninos. Graças, Pai, porque assim te aprouve. — 22. Todas as coisas me são dadas por meu Pai e ninguém sabe quem é o filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o filho e aquele a quem o filho o queira revelar.

N. 153. (V. 25 e 26 de Mateus e v. 21 de Lucas). Pelas palavras desses versículos, Jesus felicitava e animava seus discípulos *a fim* de que se não amedrontassem com a tarefa que lhes era deferida. A obra do Senhor é confiada aos *simples* e aos *inocentes*, aos *fracos* e aos *obscuros*, não como o entendeis, mas como deveríeis compreender. Ela é confiada aos que se entregam ao Senhor, aos que têm confiança e fé e não aos que, entre os homens, passam por ser os grandes e os poderosos do espírito humano, os quais não admitem senão aquilo que *julgam* ter descoberto, *matematizado*, ensinado, e negam, de dentro do seu orgulho, a

influência e os socorros espíritas, tudo atribuindo *unicamente* à força de suas inteligências e de suas vontades.

A esses as verdades permanecerão ocultas ainda por muito tempo. São terras muito gordas, onde nascem abundantemente ervas imprestáveis, que estiolam a boa semente espalhada nelas pelo vento. Preciso é que suas forças se esgotem em tentativas inúteis, em inúteis esforços para produzirem. Preciso é que a superabundância da seiva se consuma bastante para que a boa semente encontre o necessário e não seja estiolada pelo excesso dessa mesma seiva.

Jesus mostrava que o Senhor não escolhe os que gozam das faculdades que os homens admiram e sim os de coração simples e de espírito humilde, os que confiam e amam.

Os *sábios, os prudentes e os pequeninos* de quem falava Jesus são os que como tais os homens consideram. O juízo de Deus, porém, não é idêntico ao do homem.

(V. 27 de Mateus e v. 22 de Lucas). Pelas palavras destes versículos, Jesus aludia à sua elevação e à sua missão como Espírito protetor e governador do vosso planeta.

Entre os homens a quem falava, só ele estava apto a compreender a grandeza infinita do Senhor. Fora a vontade de Deus que lhe dera a *lembrança* da sua origem, lembrança que a matéria apaga. Fora a vontade de Deus que lhe dera a visão *do futuro*, de que os olhos humanos não são capazes.

Ele era, entre os homens, o único que, revestido de um *perispírito tangível*, isento da encarnação humana *tal como a sofrais*, conservando sempre a sua qualidade de *Espírito*, de *Espírito puro* sob a aparência corporal de um homem, podia compreender o seu Deus e compreender-se *a si mesmo*.

As palavras — *todas as coisas me são dadas por meu pai* — se referem às relações diretas que havia entre o Senhor e seu enviado. Graças a essas relações, todas as coisas lhe eram constantemente postas nas mãos pelo pai.

As palavras — *ninguém sabe quem é o filho senão o pai e ninguém sabe quem é o pai senão o filho e aquele a quem o filho queira revelá-lo* — têm por fim fazer sentir aos homens que eles nada podem saber das coisas celestes, extra-humanas e de além-túmulo, senão *por meio da revelação*.

Aludem à que os Espíritos do Senhor, por sua ordem, vos trazem, no momento que ele determinou para início da era em que entraís, revelação que vos vem dar a conhecer *quem é o filho*, isto é: a origem e a situação *do filho*, de Jesus, e da doutrina que ele personifica, *explicando e desenvolvendo, em espírito e em verdade*, suas palavras, suas lições, sua doutrina moral, as revelações por ele feitas e as profecias que enunciou durante a sua missão terrena.

Aludem à futura revelação que *o filho* — o Cristo — vos trará, na época por ele predita, e que, mostrando-vos a verdade *sem véu*, vos fará saber *quem é o pai*.

Os Espíritos do Senhor vos dão *a conhecer quem é o filho*; esforçai-vos por lhe seguir os passos.

Preparai-vos para receber o Mestre que vos virá mostrar *quem é o pai*; tornai-vos capazes e dignos de recebê-lo, caminhando ativamente e sem descanso pela via do progresso moral e intelectual.

Aquele, que não compreende nem a grandeza nem a justiça de Deus, não o conhece. Aquele, que lhe traça limites ao poder e o confina no âmbito da inteligência humana, também não o conhece. Só aquele que *recebe e aceita* a revelação pode, quando esta lhe é feita, dizer que conhece o seu Deus, na medida do

que, a esse respeito, lhe vai sendo progressivamente revelado.

Fazendo-vos conhecer *quem é o filho*, a nova revelação vos prepara para serdes capazes e dignos de *conhecer quem é o pai*, porquanto vos põe na situação de compreenderdes o vosso passado e de conhecerdes o vosso futuro. Não percebeis, vós outros espíritas, que, saídos das mãos do Senhor, fostes incumbidos do desempenho de uma tarefa, que vossas faltas tornaram pesada, mas que, trabalhadores infatigáveis, chegareis a desempenhá-la e obtereis o salário, voltando para aquele donde proviestes?

Não vos levantamos, quando necessário, o véu do passado? As particularidades das vossas existências anteriores não têm despertado entre vós a lembrança da vossa origem, lembrança que a matéria abafa?

De contínuo incentivando em vós, igualmente, as aspirações pela perfeição, não levantamos também uma ponta do véu que ocultava o futuro, para vos mostrarmos o vosso Deus no seu trono imutável, esperando que, arrependidos, seus filhos venham acabar junto desse trono a obra que lhes ele confiou?

Aquele que queira compreender, se entrou *sinceramente*, com fé e amor, na via espírita, não precisa de explicações.

Quem recebe e aceita a nova revelação pode compreender o seu passado e conhecer o seu futuro, pois que sabe donde vem e para onde vai, sob que condições se acha na Terra, o que deve aí fazer e não fazer, o que o espera e lhe acontecerá depois da morte, conforme fizer ou não fizer o que lhe é, de um lado, prescrito e, de outro, defeso.

"Pode compreender o seu passado". Efetivamente, não sabe ele que *faliu*? não sabe que, por haver falido, foi *humanizado* e mandado para mundos in-

feriores de provações e expiação? não sabe que começou nesses mundos a obra da sua reabilitação e que a tem de continuar na terra pelo trabalho, pela humildade, pelo desinteresse, pela caridade e pelo amor, praticados tanto na ordem material, como na ordem moral e na intelectual?

Não sabe que, conquanto a matéria lhe anuvie a lembrança de suas existências anteriores, possível lhe é achar os traços dessas existências e saber o que tem de *reparar* e de *expiar*, de *evitar* e de *adquirir* na existência atual, desde que proceda, no foro da sua consciência, a um exame preciso e completo de seus pensamentos, palavras e atos, desde que estude seus maus pendores e tendências, seus instintos maus?

"Pode conhecer o seu futuro". Não sabe ele, com efeito, que, cumpridas, terminadas, segundo a vontade de Deus, suas provas, sua tarefa, ingressará na categoria dos bons Espíritos? não sabe ainda que terá, *em seguida*, de progredir, simples e gradualmente, na erraticidade e também por meio de sucessivas reencarnações, *seja* em missão nos mundos inferiores, seja nos mundos superiores, até atingir a perfeição que, só ela, pode e há de conduzi-lo a Deus?

Nota da Editora — Nos versículos 25 de Mateus e 21 de Lucas, encontramos a palavra *prudentes*, que, nas traduções modernas, foi substituída por — *entendidos*, *inteligentes*.

MATEUS, Cap. XI, v. 28-30*Jugo suave e fardo leve*

V. 28. Vinde a mim vós todos que vos achais fatigados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. — 29. Tomai sobre vós o meu jugo, aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para vossas almas. — 30. Porque, o meu jugo é suave e o meu fardo leve.

N. 154. Segui pela estrada que vos é indicada. Jesus mostrou o *único* caminho que vos pode conduzir à felicidade eterna. Peça-lhe amparo a alma que se sentir carregada de dores e, quaisquer que sejam seus sofrimentos, nele achará o grande médico que cura todas as chagas. Sendo a luz das inteligências, ele iluminará a obscuridade que a carne vos impõe. Por vós se fez homem *aos vossos olhos*; *aos vossos olhos* sofreu convosco e como sofreis. Vossas lágrimas lhe saem dos olhos e no seu coração repercutem as vossas dores. Manda-vos os Espíritos que podem abrandar as vossas penas e, em paga de tanto amor e de tanta abnegação, que é o que pede façais? algum sacrifício? que lhe deis glória? No fastígio da glória se acha ele! Pede-vos amor? Todos os Espíritos do Senhor se curvam diante dele, felizes de o fazerem. Não; só vos pede que trabalheis, sob a sua direção, pela vossa própria glória. Estende-vos a mão e sustenta mesmo os que a recusam.

Ah! acudi-lhe ao chamado! Seu jugo é leve e *ele não o impõe*, pois que sois livres de o aceitar ou repelir. Não emprega, como faz o homem, a violência para vos forçar a enveredar pelas suas sendas. Não vos diz: — *crê* ou *morre*; mas: — *em mim está a vida*. Escutai-lhe os conselhos santos, caminhai-lhe nas pegadas e, como quer que vos apelideis — Cristãos,

Judeus ou Muçulmanos — sejam quais forem o culto exterior que pratiqueis e a nação a que pertenceis na terra, vinde todos, todos a ele. As ovelhas são por ele levadas aos campos de bom pasto, onde o lobo feroz jamais aparece: — os mundos superiores, moradas dos Espíritos puros; os mundos fluídicos, onde habitam os que chegaram ao estado de perfeição.

Vós todos que estais fatigados e carregais o peso dos sofrimentos, que se originam das provações, *vinde a Jesus e Jesus vos dará forças*. Não vos dá ele o exemplo da coragem e da resignação? Não é a sua palavra meiga, simples e persuasiva que levanta o ânimo abatido e vos faz entrever o bálsamo que podeis aplicar às vossas feridas? Não é Jesus quem as pensa e vos sustém com sua mão poderosa, ajudando-vos a vencer os obstáculos contra os quais a vossa fraqueza se *julga* sempre prestes a quebrar-se?

Tomai sobre vós o seu jugo, aprendei de sua boca que ele é manso e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas.

Achareis repouso para vossas almas quer dizer: a perfeição a que chegareis pelo progresso. Seguindo-lhe a moral é que vos depurareis; despojando-vos de todas as impurezas é que alcançareis o repouso para vossas almas, isto é: nada mais tendo que expiar, elas entrarão na paz do Senhor. Por paz do Senhor entenda-se aqui: uma paz ativa, cheia de boas obras e de grandes coisas. Não se trata da paz *tal como a compreendeis*, mas como termo dos sofrimentos, das expiações.

O jugo de Jesus é suave e leve o seu fardo. Aquele que, do fundo de sua alma, segue a Jesus não suporta pesado jugo, porquanto sua moral é de fácil prática para quem quer que se forre aos objetivos mesquinhos da humanidade.

**MATEUS, Cap. XII, v. 1-8. — MARCOS. Cap. II,
v. 23-28. — LUCAS, Cap. VI, v. 1-5**

*O sábado foi feito para o homem e não o homem
para o sábado. — Deus, sempre indulgente
com as suas criaturas fracas e falíveis,
lhes faculto o arrependimento
e a reparação*

MATEUS: V. 1. Naquele tempo, passou Jesus em dia de sábado por uns trigais. Seus discípulos, tendo fome, se puseram a colher algumas espigas e a comê-las. 2. Vendo isso, os fariseus lhe disseram: Teus discípulos estão fazendo o que não é permitido se faça em dia de sábado. — 3. Disse-lhes então Jesus: Não lestes o que fizeram David e os que o acompanhavam quando tiveram fome? — 4. Como entrou na casa de Deus e comeu os *pães da proposição*, que nem a ele, nem aos que o acompanhavam era lícito comer, só o sendo aos sacerdotes? — 5. Também não lestes na lei que os sacerdotes no templo violam o sábado e não cometem pecado? — 6. Ora, eu vos digo que está aqui o que é maior do que o templo. — 7. Se soubésseis o que significam estas palavras: "Quero misericórdia e não sacrifício", jamais condenaríeis inocentes; — 8, porquanto o filho do homem é Senhor até mesmo do sábado.

MARCOS: V. 23. Sucedeu ainda que, atravessando Jesus em dia de sábado umas searas, seus discípulos, por elas avançando, se puseram a colher algumas espigas. — 24. Ao que os fariseus, disseram: Como é que teus discípulos fazem em dia de sábado o que não é permitido fazer-se? — 25. Respondeu-lhes Jesus: Não lestes o que fez David premido pela necessidade, quando teve fome, assim como os que o acompanhavam? — 26. Que entrou na casa de Deus, sendo Abiatar o príncipe dos sacerdotes e comeu os pães da proposição e os repartiu com os do seu séquito, não obstante só aos sacerdotes ser permitido comê-los? — 27. E acrescentou: O sábado

foi feito para o homem e *não* o homem para o sábado. — 28. Assim, pois, o filho do homem é senhor também do sábado.

LUCAS: V. 1. Ora, sucedeu que num dia de sábado chamado o segundo-primeiro, passando Jesus por uns trigais, seus discípulos se puseram a cortar algumas espigas, a debulhá-las com as mãos a comê-las. — 2. Alguns fariseus então lhes disseram: Porque fazeis o que não é permitido fazer-se aos sábados? — 3. Jesus, tomando a palavra, lhes disse: Não lestes o que fez David quando, com os que o acompanhavam, teve fome? — 4. Como entrou na casa de Deus, tomou os pães da proposição, os comeu e distribuiu com os de seu séquito, muito embora só aos sacerdotes fosse lícito comê-los? — 5. E acrescentou: O filho do homem é senhor também do sábado.

N. 155. Já vos explicamos (n. 82, vol. 1º, pág. 428) os motivos por que Moisés instituiu o sábado, assim como o sentido e o alcance destas palavras de Jesus: "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado". Não temos que voltar a estas explicações.

Por *segundo-primeiro* se designava o segundo sábado da primeira parte do mês.

Os *pães da proposição*, que só os sacerdotes podiam comer, eram os pães oferecidos no altar.

Lembrando aos fariseus o que fizera David, ensinava Jesus que nada do que Deus pôs à disposição do homem e lhe possa servir de alimento está defeso às necessidades da existência humana; que os pães da proposição, como o próprio sábado, estão submetidos a essas necessidades.

Aos fariseus, que pretendiam ter sido o homem feito para o sábado, com o exigirem a observância absoluta, desarrazoada, desse dia, perguntou Jesus: "*Não vistes na lei que, no templo, os sacerdotes violam o sábado e não cometem pecado?*"

Segundo a lei, o Hebreu, em dia de sábado, devia abster-se de todos os atos manuais, de tocar em qualquer metal. Ora, os sacerdotes, cumprindo os ritos do

culto, violavam o sábadno no templo. Deveriam, pois, considerar-se culpados.

Digo-vos que está aqui o que *é maior do que o templo*, isto é: está aqui *o representante da vontade divina*.

Estas outras palavras, que Jesus recordava aos fariseus, dizendo-lhes que não tinham sabido e não sabiam compreendê-las: "Quero misericórdia e não sacrifício", significavam e significam, tirando-se *da letra o espírito*, que Deus, sempre indulgente com as suas criaturas fracas e falíveis, lhes dá a faculdade de se *arrependerem e de repararem* suas faltas.

Dizendo: "Não teríeis condenado inocentes", aludia às numerosas condenações proferidas contra os que, sob os pretextos mais fúteis, eram acusados de sacrilégio e lapidados sem compaixão.

Disse ainda que — "O filho do homem é senhor também do sábadno" — por ter sido ele o primeiro que ousara atacar a inviolabilidade do sábadno e também porque, mesmo para os seus discípulos, era mister que se apoiasse, a fim de os não revoltar, na origem da sua missão, origem que acabava de recordar declarando: "Está aqui o que é maior do que o templo": — o representante da vontade divina.

N. 156. Em face e em consequência do advento da era do Cristianismo do Cristo, da era espírita que se inicia com a nova revelação trazida aos homens pelos Espíritos do Senhor, como deve ser entendido e praticado o dia de sábadno?

Aproximam-se os tempos em que não se adorará mais a Deus nem no cume da montanha, nem em Jerusalém; em que os homens serão os adoradores que o pai deseja, seus adoradores *em espírito e em verdade*. Aproximam-se, mas ainda não chegaram, os tempos em que os homens estarão unidos por uma só crença,

pela fé espírita, que assim se resume: Deus, único, uno, criador universal: — *o pai*; Jesus, Espírito puro e perfeito, protetor e governador do vosso planeta e da sua humanidade, vosso mestre: — *o filho*; os Espíritos do Senhor prepostos por Deus à obra do progresso do vosso planeta e da sua humanidade, trabalhando nela sob a direção de Jesus: — *O Espírito Santo*.

Aproximam-se os tempos, mas ainda não chegaram, em que, adoradores do pai *em espírito e verdade*, os homens compreenderão que no coração, quando puro, está o *único e o verdadeiro* templo de Deus; que o Cristo está onde duas ou muitas pessoas se reúnam em seu nome, isto é: formulem com fé, humildade e amor, abstração feita de todos os cultos exteriores que ainda os dividem e separam, a prece do coração e não dos lábios somente, pratiquem a instrução *em comum*.

Aproximam-se, mas ainda não chegaram, os tempos em que os homens compreenderão que a lei divina se contém toda nestes mandamentos: "Amai-vos uns aos outros", "amai a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos", procedendo sempre com os vossos irmãos, em qualquer emergência, como quereis que eles procedessem convosco; em que compreenderão que, sob os auspícios e a ação desse duplo amor, é que devem praticar, conformemente às lições de Jesus, explicadas e desenvolvidas *em espírito e em verdade* pelos Espíritos do Senhor, as leis morais de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade.

Semelhantemente ao dos Hebreus, obra meramente disciplinar e transitória, os cultos exteriores, derivados das instituições e interpretações humanas a que a missão terrena de Jesus deu lugar, *ainda separam os homens* que, entretanto, hão de constituir,

pela fé espírita, um só rebanho com um único pastor — o Cristo, vosso protetor, governador e mestre.

Estais numa época *transitória* e, até que se operem a reforma e a transformação dos cultos exteriores, a unificação dos homens pela fé espírito, pela adoração do pai *em espírito e em verdade*, forçoso será que se tenham em conta os aludidos cultos, do ponto de vista do sábado.

Esse dia, destinado ao descanso do corpo, deve pertencer de modo especial a Deus e muitos meios tendes de lho consagrardes.

Elevai ao pai, com mais fervor e mais amiúde, os vossos pensamentos, pois que nesse dia menos os perturbam as necessidades da vida. Sejam mais numerosas as vossas boas obras. Lembrai-vos, quer começando, quer terminando a vossa semana, das pobres criaturas que, sob as vistas de Deus, esperam de seus irmãos socorros. Santificai, portanto, esse dia reservado ao repouso, tornando mais *útil* este mesmo repouso. Imitai vossos irmãos do espaço cujos instantes todos se assinalam por uma obra útil. Repousai o corpo dos árduos trabalhos da semana, o Espírito — dos fatigantes estudos filosóficos ou científicos, o coração — das preocupações com os interesses materiais.

Começai o dia oferecendo-o ao Criador, santificai-o, primeiro, fazendo preces fervorosas por vós mesmos e por vossos irmãos; prestai a Deus a homenagem pública do vosso culto. Vós, espíritas, qualquer que seja o templo onde pratiqueis o culto exterior a que pertençaís pelo nascimento, prestai a Deus o culto da vossa adoração *em espírito e em verdade*. É um exemplo que dareis aos irmãos que vos cercam, conhecedores da vossa fé, das vossas crenças e para os quais, por menos adiantados do que vós, o culto externo *ainda* é um freio necessário. Servireis ao mesmo tempo de motivo de emulação aos mais tíbios,

que, tendo despertados os sentidos pelas práticas exteriores e pelas imagens materiais, serão levados a pensar no seu Criador.

Depois, ide levar aos vossos semelhantes o alívio, as consolações que puderdes. Ide aos que vos ofenderam e pedi-lhes esqueçam vossas faltas. Ide aos que vos feriram cruelmente nos vossos interesses, na vossa felicidade, no vosso orgulho, levar-lhes o perdão e a paz.

Ide aos enfermos pobres, animai-os à submissão, esclarecei-os e dai-lhes esperança.

Ide aos desgraçados que carecem do necessário à vida e socorrei-os como puderdes. Para isso, filhos do nosso amor, bem-amados nossos, imponde-vos todos os dias, no correr da semana, uma pequena privação atinente às vossas faculdades, à vossa posição. Levai essa oferenda aos deserdados e, se não estiverdes em condições de fazê-lo, se, por muito restritos, os vossos recursos não vos permitam retirar deles coisa alguma, ide ao menos levar consolações aos que sofreram de quaisquer males.

Ide, filhos nossos, santificar o dia do Senhor pelas boas obras, pelas resoluções firmes e, ao fim desse dia, agradecendo a Deus o bem que houverdes podido fazer, pedi-lhe a graça de, no futuro, poderdes fazer mais e verificaí, no fundo de vossa alma, se obrastes tão santamente quando podíeis.

Ide, procedei assim e as bênçãos do Senhor descerão sobre vós.

Não esqueçais nunca que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.

Repetimos o que já vos dissemos (n. 82, 1ª vol., pág. 429): Repousai vossos corpos dos trabalhos que os fatigam, não repouseis *nunca* os vossos corações do bem que lhes cumpre fazer.

**MATEUS. Cap. XII, v. 9-14. — MARCOS, Cap. III,
v. 1-6. --LUCAS, Cap. VI, v. 6-11**

Cura da mão parálitica, em dia de sábado

MATEUS: V. 9. Dali saindo, veio Jesus à sinagoga deles. — 10. Aí se achava um homem, que tinha seca uma das mãos, e, para acusarem a Jesus, lhe perguntaram: É permitido curar em dia de sábado? — 11. Jesus lhes respondeu: Qual, dentre vós, aquele que, tendo uma ovelha e vendo-a cair num fosso em dia de sábado, não pegará nela para retirá-la de lá? — 12. E não vale o homem muito mais do que uma ovelha? Sim, é permitido fazer o bem em dia de sábado. — 13. E disse ao homem: Estende a tua mão. O homem a estendeu e ela ficou sã como a outra. — 14. Os fariseus, porém, saindo dali, se reuniram em conluio contra ele, cogitando do modo por que o perderiam.

MARCOS: V. 1. Jesus entrou de novo na sinagoga. Como aí se achasse um homem que tinha seca uma das mãos, — 2, eles se puseram de observação para ver se Jesus, o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. — 3. Disse então Jesus ao homem que tinha a mão seca: Vem aqui para o meio. — 4. E perguntou: É permitido em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar ou tirar uma vida? Eles se calaram. — 5. Perpassando então por eles o olhar, tomado de cólera, aflito pela cegueira de seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão; o homem a estendeu e ela ficou sã. — 6. Os fariseus se retiraram logo e, com os Herodistas, fizeram um conciliábulo buscando meio de o perderem.

LUCAS: V.6. Entrando num outro sábado na sinagoga, começou a ensinar. Lá estava um homem cuja mão direita era seca. — 7. Os escribas e os fariseus o observavam para ver se ele curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. — 8. Jesus, conhecendo--lhes os pensamentos, disse ao homem, que tinha a mão seca: Levanta-te e fica de pé aqui no meio. O homem se levantou e ficou

de pé. — 9. Disse então Jesus: Pergunto-vos: É lícito em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la? — 10. Depois de olhar para todos, disse ao homem: Estende a tua mão; ele a estendeu e esta ficou sã. — 11. Cheios de furor, os escribas e fariseus perguntavam uns aos outros o que fariam a Jesus.

N. 157. Nenhuma explicação reclama o que, nestes versículos, se refere ao sábado e ao emprego que o homem pode e deve dar-lhe. Já dissemos tudo o que tínhamos a dizer a esse respeito.

Quanto à cura que Jesus operou na sinagoga, tratava-se de uma paralisia que atacara a mão direita do homem de quem se fala.

Nas traduções se lê: mão *árida*, mão *seca*. De acordo com o texto original corretamente interpretado, o caso era de mão *paralítica*.

Já por duas vezes (ns. 110 e 121, 2? vol.) explicamos as curas de paralisia feitas por Jesus. A mão paralítica, a que aludem os versículos acima, se tornou sã como a outra por ato da vontade do Mestre, que dirigiu, mediante a ação magnética da vontade e do olhar, para a mão doente e para o organismo do homem, os fluidos fortificantes. Não tendes visto o magnetismo operar pelo olhar?

Relativamente aos escribas e fariseus, nas traduções da narrativa de Marcos (v. 5) se diz que Jesus os olhou "tomado de cólera, aflito pela cegueira de seus corações". Palavras humanas. Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, o que reproduz as impressões, as idéias, a opinião, as apreciações dos que se grupavam em torno de Jesus, daqueles a quem ele falava, com as próprias palavras do Mestre, com a sua pessoa, com seus atos.

A cólera jamais entrou no coração de Jesus.

A palavra do texto original, bem interpretada, pode ser tomada nas acepções de cólera e de indig-

nação. Nesta última e não naquela é que deve ser entendida.

Os Hebreus não cessavam de falar e vós mesmos ainda falais de contínuo *na cólera* do Todo Poderoso a cair sobre o culpado. Como admitir-se que Deus e o Cristo, reprovando a *cólera* no homem, fossem dela passíveis? Jesus pareceu, aos *homens que o cercavam*, indignado por ver que os escribas e os fariseus resistiam voluntariamente aos esforços que ele empregava para os reconduzir ao bom caminho. Sofria, *realmente*, vendo que os Espíritos culpados a quem trazia a luz fechavam os olhos para não a perceberem.

Vossos anjos de guarda não se afligem com o vosso endurecimento? E os escribas e fariseus não tinham o livre arbítrio?

Não vos admireis das impressões penosas que Jesus experimentava, se bem tivesse a presciência do futuro.

Compreendei o que é a presciência de Deus, o que era a de Jesus como representante *direto* da vontade divina, em presença do livre arbítrio do homem.

Deus vê, sabe (como já o temos explicado) qual o estado do Espírito; sabe, vê e acompanha as fases de progresso, as fases sucessivas das existências que o Espírito tem a percorrer munido do seu livre arbítrio, usando-o para o bem ou para o mal, por impulso da sua vontade pessoal ou sob a influência oculta dos bons ou dos maus Espíritos, que ele atrai ou repele, conforme à natureza boa ou má de seus sentimentos, de seus pendores, de suas tendências.

Essa influência, sob a qual o Espírito se acha a todo instante, constitui a *tentação* a que ele pode ceder ou resistir, uma vez que é sempre livre de escutar ou não as boas inspirações, de as seguir ou não, de aceitar ou repelir as más. É sob a ação e os efeitos dessas influências que o assediam que o Espírito, no

pleno gozo do seu livre arbítrio, tem que avançar ou parar, avança ou pára, na estrada do progresso. Assim, pois, era sob a ação e os efeitos de tais influências que aos escribas e aos fariseus, no pleno gozo do livre arbítrio, cumpria escutar ou repelir os ensinamentos de Jesus.

Os escribas e os fariseus, que o rodeavam na sinagoga, eram, como Espíritos encarnados, muito empedernidos. Provavelmente, portanto, não aceitariam a luz, mas, nem por isso a luz deixava de ser, para eles, um meio de escaparem a cruéis expiações. Da parte do Senhor nunca *há prevenção*.

Em geral, os Espíritos encarnam procedendo livremente à escolha, tanto do meio, *como* do gênero das provações.

Em regra escolhem os meios que lhes são simpáticos. Ora, nos grupos que os fariseus, os príncipes dos sacerdotes, os escribas e todos os que exerciam qualquer autoridade entre os Judeus formavam a volta de Jesus, o orgulho reinava soberanamente e, por conseguinte, lhes tapava os olhos e os ouvidos. Mas, Deus, em sua bondade, lhes abria, como a todos, aquela nova via para que se purificassem. Seus anjos guardiães por eles faziam o que fazem por todos. Eles, porém, os repeliam pela sua vontade independente e, no pleno gozo do livre arbítrio, aceitavam as más influências, as inspirações dos maus Espíritos. Se é certo que nenhum resultado produziu o abrir-se-lhes, naquela existência, uma nova senda, não menos certo é que essa obra havia de dar frutos de purificação, após a morte deles e nas suas existências posteriores.

Nota da Editora — Nas traduções modernas, o versículo 5, de Marcos, diz: *indignação*, no lugar de *cólera*, e *entristecido*, em vez de *afrito*.

MATEUS, Cap. XII, v. 15-21

Missão do Messias. — Seus poderes. — Vias de purificação sempre abertas aos Espíritos culpados, que, como todos os outros, têm que chegar ao fim

V. 15. Sabendo disso, Jesus se retirou daquele lugar; muitos doentes o seguiram e ele a todos curou, — 16, ordenando-lhes que não o descobrissem, — 17, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: — 18. "Eis aqui o servo que elegi, o meu bem-amado, em quem muito se compraz minha alma. Sobre ele porei o meu Espírito e ele às nações anunciará a justiça. — 19. Não discutirá, não gritará e ninguém lhe ouvirá a voz nas praças públicas. — 20. Não acabará de partir o caniço já quebrado e não apagará a mecha ainda fumegante, enquanto não alcance a vitória da justiça. — 21. E no seu nome as nações porão todas as esperanças".

N. 158. Despindo-se da *letra o espírito*, facilmente compreensíveis se tornam não só as palavras do profeta Isaías aos Hebreus, com referência ao Cristo, mas também a indicação do cumprimento dessa profecia relativamente aos fariseus que conluiavam contra Jesus, estudando os meios de que poderiam lançar mão para perdê-lo, inquirindo uns dos outros como contra ele atentariam, e ainda a proibição feita pelo Mestre aos doentes que o haviam acompanhado e que foram curados.

Jesus é *servo e bem-amado* de Deus, pela sua qualidade de Espírito puro e perfeito. Deus o *elegeu* quando o fez protetor e governador do vosso planeta. *Nele se compraz*, fazendo-o participar do seu poder, da sua justiça e da sua misericórdia, dando-lhe a investidura de vosso Mestre, encarregando-o de presidir à formação da Terra, de a guiar e conduzir, com tudo

o que nela se move e existe, com a humanidade que a habita, pelas vias do progresso físico, moral e intelectual, incumbindo-o de vos levar à perfeição que haveis de atingir.

Deus fez e faz que *seu Espírito* constantemente sobre ele pouse, comunicando-lhe *diretamente* a inspiração.

Pelo desempenho da sua missão terrena, Jesus *anunciou às nações* a justiça, mostrando-lhes *a única linha de proceder segura e reta* que conduz ao fim colimado. Ainda agora, chegados os tempos da era nova e regeneradora do Espiritismo, ele anuncia a justiça às nações por intermédio dos Espíritos do Senhor, os quais, em seu nome, desenvolvem e explicam, *em espírito e em verdade*, a boa nova que ele em pessoa pregou aos homens. Esses Espíritos também mostram a todos, novamente, aquela linha de proceder segura e reta, iluminando, em nome do *Espírito da Verdade*, a estrada do progresso, por onde todas as criaturas, tendo a guiá-las a luz espírita que se irradia do facho da verdade, podem avançar com passo firme, cultivando a ciência, a caridade, o amor: selos da aliança entre a fé e a razão.

Estas palavras do profeta, referentes a Jesus: *Ele não discutirá, não gritará e ninguém lhe ouvirá a voz na praça pública*, encerravam uma alusão ao hábito que tinham os Hebreus de se reunirem nas praças públicas a fim de deliberarem sobre assuntos graves, procurando cada um abafar com a voz a dos seus adversários, para que sua opinião prevalecesse. Jesus não discutiu *desse modo*, não gritou. Ninguém lhe ouviu *assim* a voz nas praças públicas. Ele, como já se vos tem dito, falou *com autoridade*, mas não da maneira por que falavam os escribas e os fariseus.

O "caniço já quebrado", a "mecha ainda fumegante" significam "os Espíritos culpados", nos quais uma tendência, por muito fraca que seja, há sempre para se melhorarem.

Jesus "*não acabará de partir o caniço já quebrado, não apagará a mecha ainda fumegante*" como nunca o fez, porque, tendo todos os Espíritos que alcançar a meta, ele a nenhum culpado repele, *até que venha a justiça*, isto é: até que o Espírito, pela expiação, se despoje dos vícios que o tornam injusto, impuro. Assim como dais a Jesus o qualificativo de *justo*, na significação de *puro*, do mesmo modo, *aqui*, o termo *injusto* é empregado como sinônimo de *impuro*.

Não acabará de partir o caniço já quebrado e não apagará a mecha ainda fumegante, *enquanto não alcance a vitória da justiça*. Estas últimas palavras querem dizer: enquanto os Espíritos que encarnam na Terra não se tenham purificado, seja nesse planeta, *ao tempo da sua renovação*, seja nos mundos inferiores, para onde serão mandados a expiar suas faltas, durante séculos, os que, *naquela época*, se conservarem culpados e rebeldes. Sendo certo, porém, que todos os Espíritos hão de chegar ao fim para que foram criados, certo é também que Jesus não acabará de partir o caniço já quebrado, nem apagará a mecha ainda fumegante. Os que, *na época da renovação da terra*, se conservarem culpados e rebeldes, verão claramente que no endurecimento de suas almas e na sua voluntária cegueira está a causa de serem degredados para mundos inferiores. Neles se manifestará então, sob a ação do terror da expiação, do pesar e do remorso, uma tendência, por mais fraca que seja, para se melhorarem.

E as nações nele porão suas esperanças. Significam estes dizeres que todos compreenderão ser a sua moral a *única* que pode obrigar os homens a progredir. Todos confiarão na sua influência para atingir a perfeição. A revelação atual abre e inicia esta fase nova.

As palavras do profeta Isaías tinham de cumprir-se com relação aos fariseus que conspiravam contra

Jesus, por isso que eles eram "o caniço já quebrado" que o Mestre não acabaria de partir; e seriam, depois da morte, "a mecha ainda fumegante" que o Cristo não apagaria, porquanto lhes cumpria, como a todos os Espíritos, purificar-se pela expiação, despojando-se dos vícios que os faziam *injustos*.

E para que tais palavras se cumprissem mais depressa, Jesus proibiu aos doentes que o acompanhavam e foram por ele curados *que o descobrissem*. Fazendo-lhes essa proibição, queria o Mestre evitar que aqueles Espíritos culpados, excitando-se ainda mais, mais culpados se tornassem, expondo-se, conseguintemente, a expiações ainda mais duras.

**MATEUS, Cap. XII, v. 22-28. — MARCOS,
Cap. III, v. 20-26**

*Subjugado. — Cego e mudo por efeito da
subjugação. — Blasfêmias dos fariseus.
Reino dividido*

MATEUS: V. 22. Apresentaram-lhe então um homem cego e mudo, possesso do demônio. Ele o curou, de sorte que o homem começou a ver e a falar. — 23. A multidão estupefacta perguntava: Porventura é este o filho de David? — 24. Os fariseus, porém, ouvindo isto, diziam entre si: Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios. — 25. Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino que se dividir contra si mesmo será destruído e toda cidade ou casa que se dividir contra si mesma não subsistirá. — 26. Ora, se Satanás expulsa a Satanás, está ele dividido contra si mesmo; como poderá então o seu reino subsistir? — 27. Se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? Estes, por isso mesmo, é que serão os vossos juízes. — 28. Mas, se expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.

MARCOS: V. 20. Entraram em casa e ai se aglomerou tão grande multidão que nem sequer podiam comer. — 21. Ao saberem disso os parentes de Jesus vieram para se apoderarem dele, dizendo que perdera o juízo. — 22. Os escribas vindos de Jerusalém diziam: Ele está possesso de Belzebu e expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios. — 23. Jesus, porém, tendo-os chamado, lhes dizia por parábolas: Como pode Satanás expulsar a Satanás? — 24. Se um reino estiver dividido contra si mesmo, não poderá subsistir. — 25. Se uma casa está dividida contra si mesma, não pode subsistir. — 26. Se, pois, Satanás se rebelar contra si mesmo, estará dividido, não poderá subsistir e terá fim.

N. 159. Aquele homem "possesso do demônio", isto é: subjugado por um mau Espírito, estava cego e mudo por efeito da subjugação.

O Espírito obsessor, lançando-lhe sobre os órgãos da visão e da audição os fluidos de que dispunha, combinando seu perispírito com o do subjugado, lhe paralisara aqueles órgãos e o deixara, por essa forma, privado momentaneamente do uso das faculdades de ver e ouvir.

Jesus o curou pela ação da sua poderosa vontade, afastando o obsessor. Por meio da ação magnética restituiu ao estado normal, instantaneamente, graças aos fluidos que penetraram no homem, os órgãos sobre que atuava o Espírito mau.

O homem, que se achava cego e mudo por efeito da subjugação, expiava *desse modo* graves abusos da palavra anteriormente cometidos e expiava também o não ter sabido aproveitar-se da luz que se lhe concedera.

A multidão, presenciando um fato que não lograva compreender nem explicar, tomada de espanto e de admiração, perguntava: *Porventura este é o filho de David?* porque predito fora que o maior dos profetas descenderia da linhagem de David e ainda porque as interpretações hebraicas consideravam o *filho de David* como um libertador material.

As palavras que Jesus dirigiu aos escribas e aos fariseus e bem assim as que, com relação a ele, proferiram os que eram, *no entender dos homens, ou se intitulavam seus parentes, alcançavam tanto o presente quanto o futuro; tinham, pois, um alcance tanto espírita, quanto evangélico. Foram ditas como lição, com ensino, necessário, naquele momento, aos apóstolos e aos discípulos; como ensino, como lição que frutificariam no futuro, na época atual do Espiritismo, assinalada pelo advento da nova revelação. As épocas se ligam e, quanto mais avançades, tanto melhor compreenderéis a ligação que existe entre o aparecimento de Jesus na terra e a presente manifes-*

tação dos Espíritos. Tal aparecimento, como o sabeis desde que vos revelamos a origem do Mestre, foi uma manifestação espírita produzida por aquele que, como protetor e governador do vosso planeta e da sua humanidade, veio lançar os fundamentos básicos da vossa regeneração. A atual é *também* uma manifestação espírita. Produzem-na os Espíritos enviados ao vosso meio, para *continuarem e desenvolverem* a obra do Messias.

Jesus, para que o compreendessem e sobretudo o escutassem, apropriava sua linguagem ao estado das inteligências, às idéias em voga, aos preconceitos e tradições dos homens a quem falava. Por isso é que empregava as expressões *Belzebu, Satanás, príncipe dos demônios, diabo*, que para ele não tinham, como não devem ter para os homens, quando compreendidas *em espírito e em verdade* (vós o sabeis), mais do que um sentido figurado, servindo para designar os Espíritos maus que, depois de haverem falido na sua origem, conforme já o explicamos, permanecem nas sendas do mal, praticando-o contra os homens.

Acusado de usar dos poderes do Espírito das trevas para realizar as obras admiráveis que praticava, Jesus aponta aos fariseus e aos escribas, que o acusavam, seus próprios filhos, Hebreus como eles, dotados daquela faculdade, se bem que em grau muito inferior.

De fato, entre os Hebreus, havia alguns homens de escol, Espíritos em missão naquele meio, como há *sempre*, em todas as nações, para mostrarem "o melhor" no centro mesmo do que exista de "pior".

Havia homens sinceramente piedosos, que *de coração* obedeciam à lei de Moisés, tendo em vista servir a Deus. Estes conseguiam, algumas vezes, *por meio da prece e da perseverança*, afastar os Espíritos malfazejos, que se manifestavam pela obsessão, ou pela subjugação.

Como já o explicamos (n. 126), esses filhos dos homens se purificavam e elevavam acima de seus pais, constituindo-se assim os juizes naturais destes últimos.

Hoje, vós outros espíritas sois acusados pelos escribas e fariseus vossos contemporâneos, como Jesus o foi pelos de outrora, de obrar sob *influência diabólica*. Nós vos repetimos o que dizia Jesus: Nenhum reino dividido contra si mesmo pode subsistir.

Vós, filhos dos homens, podeis, pela fé, pela prece, pela sabedoria, aliviar vossos irmãos sofredores e repelir os Espíritos de trevas que venham instalar-se entre vós. Tratai, pois, de adquirir a elevação de pensamento, de dominar a carne, de levar a efeito a renúncia, meios pelos quais transformareis a prisão carnal, em que vos achais encerrados, numa veste flexível e maleável, e lograreis, cada vez em maior escala, expulsar os Espíritos maus e, ao mesmo tempo, purificar-vos, preparando, para as gerações que vos hão de suceder, guias esclarecidos que as conduzirão facilmente ao termo da viagem.

Coragem! praparaí-vos, purificai-vos e não esqueçais *nunca* que um reino, que se divide contra si mesmo, não pode subsistir. Uni-vos e caminhai desassombadamente sob o estandarte que vos fizemos arvorar. Segui-o sempre, que nós marchamos à frente.

Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, dizia Jesus, é que o reino de Deus veio até vós.

A expressão — *Espírito de Deus* — considerada em relação a Jesus, significa, tirado da letra o espírito, a influência *direta* que o Senhor sobre ele exerce. *Em relação ao homem*, vós espíritas deveis compreendê-la como designando os *Espíritos* purificados que o Senhor vos envia, na qualidade de medianeiros entre a sua vontade e os vossos Espíritos.

Deus, o Senhor onipotente, é, como sabeis pelo que já vos dissemos, uno, único, indivisível. Esse o grande segredo que só *revelaremos inteiramente* quando houver soado a hora. Eterno, infinito, ele reina sobre todos os universos, na imensidade sem limites. Criando contínua e eternamente, é o pai de tudo e de todos, de tudo o que é, no infinito.

Para todos os mundos promulgou a lei imutável do progresso, mas a cada mundo deu a constituição que lhe era apropriada. Nem todos têm que passar humanamente pelas mesmas fases. Assim como há Espíritos (conforme já o explicamos) que nunca faliram, também há mundos que se conservaram sempre fluídicos e outros mais ou menos materiais, de acordo com as necessidades dos Espíritos a cuja habitação se destinam.

Quando chegar a ocasião de vos dizermos o que significam, *em espírito e em verdade*, estas palavras de Jesus: "Há muitas moradas na casa de meu pai", dar-vos-emos, acerca da natureza dos mundos, explicações que não damos agora, porque nos fariam sair do círculo em que presentemente nos devemos manter.

Cada mundo, cada planeta (já o dissemos), tem um Espírito de pureza perfeita encarregado de o dirigir e fazer progredir, depois de lhe haver presidido à formação. Tais Espíritos são perfeitos, não só do ponto de vista moral, como também do saber, considerado este em face da obra, da missão que lhes foram confiadas. Eles estão sempre em relação *direta com* Deus, podem aproximar-se do *foco universal* e, por intermédio deles, é que as vontades do Senhor onipotente se transmitem aos grandes Espíritos primeiramente e deste, passando pelos sucessivos graus da escala espírita, aos homens, por intermédio de seus anjos de guarda e dos bons Espíritos, com a rapidez do pensamento. E desse modo que o Espírito de Deus obra e desce até vós.

Jesus, que tem a seu cargo a direção da Terra e da humanidade, é um dos que podem aproximar-se daquele foco, sendo, como já o explicamos, de uma essência que se conservou sempre pura, de perfeita e imácua pureza, visto que jamais faliu.

É quem, como *servidor* de Deus, vosso e nosso Mestre, preside aos destinos do planeta terreno, quem o governa e lhe acompanha a marcha com paternal solicitude.

Em relação direta com o Senhor, do mesmo modo que aqueles de seus irmãos que, sendo-lhe iguais em pureza, desempenham missões análogas à sua, ele recebe, *sem intermediários*, as vontades do onipotente. Neste sentido é que se pode dizer que só o pai conhece o filho e só o filho conhece o pai.

Inclinai-vos com respeito, reconhecimento e amor diante desse Salvador cheio de devotamento que, desde o instante em que o vosso globo saiu dos fluidos espalhados na imensidade, em que esses fluidos, para formarem um mundo, se reuniram pela ação da sua vontade *divina*, divina no sentido de ser ele *órgão de Deus*, velou sempre por vós com solicitude, através de todas as fases por que hão passado os vossos Espíritos, atraindo sempre, pela sua poderosa simpatia, para a Terra e para a humanidade, a proteção do Todo-Poderoso.

Amai, amai com todas as forças de vossa alma a Jesus que, *para surgir as vistas dos homens*, aceitou a encarnação, tomando um corpo fluídico, de cuja natureza e propriedade já tratamos, a fim de lançar as bases, os fundamentos da obra de vossa regeneração. Amai, amai com todas as veras da vossa alma a Jesus, que aceitou a encarnação, sendo embora de uma perfeição que se perde na noite das eternidades; que a aceitou, embora nunca houvesse merecido encarnar, como expiação, ainda que em mundos elevados, porquanto chegou à perfeição sem jamais

haver falido. Ele não teve que sofrer, por expiação, repetimos, a encarnação, mesmo em mundos elevados, onde se exilam, para resgatar suas faltas, por mais leves que sejam, os Espíritos que se conservaram puros na via do progresso até alcançarem grande elevação, mas que vieram a falir, se bem que ligeiramente, visto que diante do Senhor onipotente só a perfeição sem mancha alguma pode apresentar-se.

A menor fraqueza, tão mínima que com os vossos órgãos de percepção sois incapazes de a apreciar, constitui uma falta que o Espírito, adiantado no caminho do progresso, reconhece imediatamente e expia, por meio de uma encarnação mais ou menos material, mais ou menos fluídica, conforme ao grau do seu adiantamento, à extensão ou à gravidade da mesma falta. Todo castigo é adequado ao erro cometido. Uma falta que, por demasiado sutil, vos escapa, é uma ofensa ao Senhor onipotente e não escapa ao Espírito que, já bastante elevado, tem dela consciência antes mesmo de germinar, por assim dizer, no seu íntimo, e que se exila para expiá-la, privando-se temporariamente dos gozos infinitos do Espírito puro e livre.

Amai, amai com todas as forças de vossa alma a Jesus que, continuando a sua obra de regeneração, vem hoje de novo para, por meio da revelação atual, pelo Espírito da Verdade — estrada contínua de progresso moral e intelectual — conduzir-vos, de degrau em degrau, até ao Deus único e eterno, rei do céu e da terra, a quem deveis a homenagem e o tributo das vossas adorações.

"Mas, se expulso o demônio pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus, dizia Jesus, veio até vós.

O reino de Deus vem para aquele que, afinal, encontra o caminho que leva mais diretamente ao fim.

Para os Judeus endurecidos e prevaricadores da lei de Moisés, que por eles fora ainda mais deformada do que a lei do Cristo o foi pelo Catolicismo, aquele reino viera, a fim de que os que preparavam para si mesmos longa e dolorosa expiação achassem aberta diante de si a porta da esperança e o meio de chegarem ao bem pela linha mais curta.

O reino de Deus veio ainda para os que, em vez de simplesmente seguirem a lei de Jesus, o que fora bastante, *a amoldaram*, arrastados pelo orgulho e pelo egoísmo, às suas impurezas, fazendo de uma lei tão pura — *para uns* (os que se servem da religião como de um meio, os que só a praticam exteriormente e a afeiçoam às suas necessidades) elástica vestimenta, dentro da qual pudessem executar os movimentos mais desregrados; e, *para os outros*, uma geena a lhes tolher os movimentos numa constrição dolorosa. Estes últimos, no nosso entender, são os que tomam ao sério a religião, mas que, dotados de pouca inteligência, se adstringem a carregar todo o peso *do jugo que lhes é imposto*, por maior que seja esse peso.

Também para vós veio o reino de Deus, porquanto, depois de termos nós, os apóstolos e discípulos de Jesus, trabalhado no caminho que ele abrira, hoje, com a nova revelação e ajudados pelos nossos irmãos, os outros Espíritos do Senhor, o limpamos dos juncos, dos espinhos, das pedras agudas, estendendo-vos ao mesmo tempo as mãos para vos ajudarmos a avançar nele, tirando a venda aos que ainda têm a vista fraca e fazendo brilhar a luz para os que já a podem suportar.

Esperai: o reino de Deus se aproxima cada vez mais e cada vez maiores esplendores seus vos vamos mostrando. Aguardai, porém, o terdes a vista bastante forte, a fim de que a sua luz não vos ofusque.

Fizemos que reunísseis aqui os v. 20-26 de Marcos aos v. 22-28 de Mateus, para evitarmos repetições, visto que um e outro relatam nos mesmos termos a acusação dos fariseus e dos escribas, assim como as palavras com que Jesus lhes replicou.

Em várias ocasiões, em diferentes lugares e em circunstâncias diversas, os fariseus e os escribas acusaram a Jesus de ser agente de *Belzebu*, de *Satanás*, do *príncipe dos demônios*, do *demônio*, do *diabo*.

Assim é que o que Marcos refere no trecho acima transcrito não ocorreu na mesma ocasião e nas mesmas circunstâncias em que se passou o que consta na narração de Mateus. O que Marcos relata se deu quando Jesus acabava de escolher os doze apóstolos e de lhes conferir o poder de curar as enfermidades e expulsar os maus Espíritos, chamados "demônios".

"Ao saberem disso, diz o Evangelho, os parentes de Jesus vieram para se apoderarem dele, dizendo que perdera o juízo."

Sabeis, pois já o temos dito, que, durante a sua missão terrena, Jesus tinha que passar e, *para a sua família*, como *para os homens em geral*, passava por ser um homem *igual aos outros*. A revelação feita a Maria e a José tinha que permanecer e permaneceu secreta até ao termo daquela missão. Nessa época, por efeito da mesma revelação, que encerrava veladamente a da origem espírita de Jesus, origem que a revelação atual vos deu a conhecer, os homens fizeram do Mestre um Deus, pois que entraram a considerá-lo como parte e fração *do próprio Deus*.

Os Hebreus, pelo consórcio dos de uma tribo com os de outras, eram parentes quase todos, ou se intitulavam parentes uns dos outros. Em tais condições, Jesus, *no entender dos homens*, estava cercado de primos mais ou menos próximos.

Esses parentes, segundo os quais Jesus saíra do mesmo tronco que eles, achando-se nas mesmas condições de humanidade em que eles se encontravam, não podiam admitir que o Mestre se elevasse tão alto, que instituísse apóstolos e lhes desse *tais* poderes.

Eis porque resolveram apoderar-se dele, dizendo *que perdera o juízo*, que fora atacado de loucura.

Jesus personificava a doutrina que hoje *renasce* entre vós. Como sucede com todas as grandes e generosas idéias, ela foi mal compreendida. Daí veio a oposição que se lhe deparou, sobretudo entre os que, *segundo os homens*, desconhecadores da sua origem extra-humana, eram membros da sua família.

Não disse ele que ninguém é profeta no seu país? Não vedes, ainda agora, entre as famílias, muitos de seus membros apedrejarem os que não lhes seguem a rotina? *O homem nega tudo o que não compreende e condena tudo o que o embaraça ou assusta.*

Vós, espíritas, que, aceitando a nova revelação, saís da rotina, sois, *como o foi Jesus pelos seus parentes e pelos outros homens*, acusados de haver perdido o juízo, de estar atacados de loucura, dê vos achardes sob a influência demoníaca, segundo os escribas e os fariseus dos vossos dias. Como novos discípulos do Cristo, que, juntando à *palavra o exemplo*, pregais a doutrina do Mestre, que renasce explicada e desenvolvida *em espírito e verdade* pela nova revelação, opõe a essas acusações a paciência, a doçura, a indulgência, a firmeza, a coragem. Caminhai ousa-

damente. O Cristo vela por vós, vos protege e manda que os Espíritos do Senhor vos guiem os passos.

MATEUS. Cap. XII, v. 29-37. — MARCOS. Cap. III, v. 27-30. — LUCAS. Cap. XI, v. 21-23 e Cap. XII, v. 10

O forte armado. — Pecado remido. — Blasfêmia contra o Espírito Santo. — Tesouro do coração. Palavra ímpia. — Quem não está com Jesus está contra ele. — Pelo fruto é que se conhece a árvore

MATEUS: V. 29. Como poderá entrar alguém na casa de um homem forte e roubar-lhe as alfaias, se antes não o amarrar? Depois disto é que lhe pilhará a casa. — 30. Quem não está comigo está contra mim; quem comigo não entesoura — dissipa. — 31. Eis porque vos digo: Todos os pecados e todas as blasfêmias serão perdoados aos homens, menos a blasfêmia contra o Espírito Santo, que não o será. — 32. O que alguém disser contra o filho do homem ser-lhe-á perdoado; mas, não terá perdão nem neste século nem no futuro o que alguém disser contra o Espírito Santo. — 33. Se uma árvore for boa, bom será o seu fruto; se for má, seus frutos serão maus, visto que pelo fruto é que se conhece a árvore. — 34. Raça de víboras, como podeis, sendo maus, dizer boas coisas, uma vez que da boca só sai o que abunda no coração! — 35. O homem que é bom tira boas coisas de bom tesouro e o homem mau tira coisas más de mau tesouro. — 36. Ora, eu vos digo que os homens, no dia do julgamento, prestarão contas de toda palavra ociosa que houverem proferido. — 37. Porque serás justificado pelas tuas palavras e pelas tuas palavras serás condenado.

MARCOS: V. 27. Ninguém pode entrar na casa de um homem forte e lhe roubar as alfaias, se antes o não manietar; só depois disso conseguirá pilhar-lhe a casa. — 28. Em verdade vos digo que aos filhos dos homens serão perdoados todos os pecados que hajam cometido e todas as blasfêmias que tenham proferido; — 29, mas, aquele que houver blasfemado contra o Espírito Santo não terá perdão na eternidade, será réu de eterno delito. — 30. Jesus falava assim, porque diziam: Ele está possesso de um Espírito impuro.

LUCAS: V. 21. Quando um homem forte guarda armado a entrada de sua casa, em segurança está tudo o que ele possuia. — 22. Porém, se outro mais forte vem e o vence, levará consigo todas as armas em que ele confiava e se apossará dos seus haveres. — 23. Aquele que não está comigo está contra mim e aquele que comigo não entesoura dissipa.

XII, V. 10. Se alguém falar contra o filho do homem, isso lhe será perdoado; mas, não terá perdão aquele que blasfemar contra o Espírito Santo.

N. 160. Jesus, como já o temos dito muitas vezes, falava aos homens daquela época a linguagem que lhes era adequada, a linguagem que, convindo ao momento, não comprometia o futuro, que, ao contrário, o preparava, salvaguardando-o. Para ser compreendido e impressionar a imaginação dos daquele tempo, usava de imagens materiais, que todas encerravam uma advertência, uma lição, um ensinamento.

Ele o disse: *o espírito é que vivifica; as palavras que vos digo são espírito e vida*. Para vós outros, chamados a receber a nova revelação e a compreender, por meio desta, o sentido e o alcance de tais palavras, é que elas foram pronunciadas. Sabei, portanto, tirar *sempre da letra o espírito*, a fim de apreenderdes o pensamento do Mestre, o sentido *verdadeiro* de seus ensinamentos.

Dizendo o que consta nos v. 29 de Mateus e 27 de Marcos, aludia Jesus ao pecado que, pondo cerco ao homem, o rodeia de seduções para dele se apoderar. E, uma vez que o haja empolgado, o despoja de todas as virtudes. Aquelas palavras eram, pois, *emblemáticas*.

(V. 21 e 22 de Lucas). O homem pode estar certo de vencer, desde que se mantenha forte contra si mesmo, vigilante sobre a sua consciência, sempre pronto a

combater os maus instintos, os maus pendores e as más paixões. Se, porém, se descuida, se se entrega à voluptuosidade, ao sono da consciência, nele penetram os vícios, o maniatam com suas perniciosas algemas e o escravizam. Tomam-lhe uma a uma as *ar-mas*, arrancando-lhe uma a uma as *boas resoluções*, as virtudes e, depois de o terem suplantado, voltam contra ele as suas mesmas armas, porquanto as virtudes perdidas se tornam vícios.

Quem não pratica o mal deve praticar o bem que lhe é oposto, por isso que quem negligencia em praticar o bem inevitavelmente cai no mal, que lhe é oposto. Aquele a quem falta a caridade não é egoísta, orgulhoso? Aquele que se esquece do seu Deus não se torna ímpio? O mesmo se dá com todas as virtudes que não são praticadas. Tomam-lhes o lugar os vícios, que elas, se cultivadas, destruiriam.

Estas palavras (Lucas, v. 22): "*e se apossará de seus haveres*" não são emblemáticas *relativamente às inteligências para as quais falava o Mestre*; são o complemento da *figura material* que ele apresentava aos *Hebreus*. Quem quer que, como ladrão, penetra na casa de outrem, o desarma e amarra, há de ter necessariamente um objetivo material. Por essa razão é que Jesus acrescentou: *e se apossará dos seus haveres*. Sem este acrescentamento os Judeus não teriam compreendido o motivo do proceder do ladrão, desde que do seu ato não colhia qualquer proveito.

Certamente os vícios que substituam as virtudes no coração daquele que adormece, confiante em si mesmo, não tiram proveito das virtudes destruídas, mas *tiram-no* da destruição delas, do seu banimento do coração em que floresciam, no sentido de que assim logram penetrar lá, onde, de outro modo, não teriam acesso, logram alojar-se lá onde não teriam entrado. *Despojam, portanto*, as virtudes do asilo que lhes fora preparado.

(V. 30 de Mateus e 23 de Lucas). "*Quem não está comigo está contra mim*", declarou Jesus. Quer isso dizer: quem não segue a lei do Cristo, isto é, a doutrina moral que ele personificou, dela se aparta. Logo, está contra ele, pois que trilha senda oposta à que foi por ele traçada.

E quem comigo não entesoura — dissipa. Aquele, que não caminha pela estrada que Jesus abriu, não reunirá os tesouros que o Senhor reserva para os justos. Desviando-se dessa estrada, dissipa esses tesouros e perde precioso tempo.

(V. 31 e 32 de Mateus, 28 e 29 de Marcos, 10 de Lucas). Não vos admireis das ligeiras diversidades que se notam entre as três narrativas. Cada um desses evangelistas registrou palavras ditas por Jesus em lugares e ocasiões diferentes. Elas se encontram aqui reunidas unicamente para não estarmos a repetir explicações de ensinamentos dados quase que nos mesmos termos e para melhor fazermos realçar o pensamento do Mestre, tirando-o do conjunto das lições.

Como deveis compreender, Jesus repetia muitas vezes, aos Hebreus que o cercavam, os mesmos ensinamentos, sem contudo usar sempre das mesmas palavras. Ele, dizemo-lo mais uma vez, apropriava a lição à inteligência, às necessidades dos que a recebiam. Dai as ligeiras diferenças que se notam nas Escrituras. Cada evangelista narra fatos mais ou menos semelhantes ocorridos com pequenos intervalos, mas cujas particularidades não coincidem precisamente. Cada um, dentro do quadro que lhe foi traçado, relata, debaixo da inspiração mediúnica, o que viu, ou ouviu, ou soube por informação.

Disse Jesus:

"Todos os pecados e todas as blasfêmias serão perdoados aos homens, menos a blasfêmia contra o Espírito Santo, que não o será. O que alguém disser contra o filho do homem ser-lhe-á perdoado,

mas não terá perdão, nem neste século, nem no futuro, o que alguém disser contra o Espírito Santo." (MATEUS, 31 e 32). — "Em verdade vos digo que aos filhos dos homens serão perdoados todos os pecados que hajam cometido e todas as blasfêmias que tenham proferido, mas, aquele que houver blasfemado contra o Espírito Santo não terá perdão na eternidade, será réu de eterno delito." (MARCOS, v. 28 e 29). - "Se alguém falar contra o filho do homem, isso lhe será perdoado, mas não terá perdão aquele que blasfemar contra o Espírito Santo." (LUCAS, v. 10).

Por essa forma Jesus patenteava, em primeiro lugar, a diferença que há entre ele, não obstante a sua essência preciosa, a sua origem e a sua posição espíritas, e o Senhor onipotente.

Sabeis que, no entender dos Judeus, o *Espírito Santo* era a inteligência *mesma* de Deus. Falando, pois, *ali*, da blasfêmia contra o *Espírito Santo*, Jesus se referia à blasfêmia contra o Senhor onipotente que reina sobre todos os universos.

Consiste a blasfêmia em negar a Deus, em acusar de injustiça ou erro aquele que é todo amor, ciência e justiça, que é a verdade absoluta. Que crime se pode a esse comparar? A blasfêmia contra Deus não constitui a maior ofensa que se lhe possa fazer?

Se, numa família, os filhos se revoltam contra o irmão mais velho, ainda que este represente o pai, cometerão falta menor do que se insultarem o próprio pai, se o injuriarem. A mesma relação, pelo que respeita a Jesus, podeis estabelecer, lembrando-vos de que ele personifica a moral que pregou mais por exemplos do que por palavras.

Quanto a uma ameaça de penas eternas, feita pelo Mestre, não existe. Para os Hebreus, de acordo com os seus preconceitos, tradições e escrituras, os termos: — *eternidade, na eternidade, eterno, eternamente*, tinham dois sentidos, podiam ser tomados em duas acepções diversas. No sentido absoluto, quando empregados *relativamente a Deus*, desig-

navam a eternidade propriamente dita. No sentido relativo, quando empregados com *relação aos homens*, designavam uma duração imensa, mas, por maior que fosse, limitada, condicionada a ter fim⁹.

Ora, proferindo as palavras que acima citamos, constantes nos v. 10 de Lucas, 28 e 29 de Marcos, 31 e 32 de Mateus, palavras que a nova revelação explicaria umas pelas outras, tornando-as, quando reunidas todas, compreensíveis *em espírito e em verdade*; exprimindo-se daquele modo, Jesus entregava às interpretações humanas o conjunto delas. Os homens as *interpretaram falsamente*, dando ao vocábulo "eternidade" sentido *absoluto*, quando o Mestre o empregara em sentido *relativo*.

Não compreenderam que, no pensamento do Mestre, se tratava de uma *eternidade relativa*, de "mais de um século", de "mais do que o século vindouro", modo pelo qual objetivava ele dar uma idéia da extensão do castigo, da sua duração imensa, qualquer que fosse a palavra dita contra Deus, na intenção de negá-lo, de o acusar de injustiça ou de erro.

Não censureis, já o temos dito muitas vezes e repetimos, os que erroneamente interpretaram as palavras de Jesus. Tudo tem a sua razão de ser. As falsas interpretações humanas, devidas ao estado das inteligências, às necessidades da época e dos tempos que se seguiriam, serviram, como condição e meio de progresso, à atualidade de então e prepararam o futuro que se abre ante vós pela nova revelação.

Jesus se dirigia a homens cuja imaginação precisava ser despertada. Vede que o mesmo ainda hoje se dá: não usamos de idêntica linguagem para com todos vós. Adaptamo-nos muitas vezes às vossas

⁹ Êxodo, XV, v. 18; Miqueias, IV, v. 5; Esdras, II, v. 3; Josué, XIV, v. 9; Isaías, LVII, v. 16 (segundo a Vulgata).

fraquezas, aos vossos preconceitos, a fim de vos conduzirmos gradualmente às verdades que, reveladas de chofre, poderiam determinar o vosso afastamento. Jamais chocamos inutilmente as crenças humanas, enquanto possam conciliar-se com o progresso da humanidade. Mas, desde que um Espírito fraco se apegue fortemente a tal ou tal dogma, a tal ou tal cerimônia, nós lhe dizemos: "O culto que agrada ao Senhor é *unicamente* o culto que vem do coração; a *seus olhos* nenhum valor têm os atos *exteriores*". Inversamente, ao homem fraco, que necessite de um apoio para sua crença, de uma barreira que o impeça de transpor certos limites, dizemos: "Servi, em consciência, ao Senhor; praticai com regularidade e devida atenção o vosso culto, qualquer que ele seja; cumpri zelosamente as vossas obrigações exteriores; mas, por isso, não vos descuideis do culto da alma, grato ao Senhor. Sois fraco e tendes necessidade de amparo; buscai-o onde costumais encontrá-lo; mas, buscai também o dos vossos amigos, os Espíritos do Senhor, que vos cercam e auxiliam, que sabem ser um único o objetivo que deveis alcançar: a felicidade na vida futura e a paz na presente existência".

Desta maneira conformamos os nossos ensinamentos com os preconceitos e fraquezas humanas. Para que, porém, não haja obscuridade nas nossas palavras, declaramos: *Jamais* os conformamos com os *erros e faltas*. Falamos a uns com doçura, a outros com severidade, apropriando nossa linguagem ao caráter e às disposições de cada um.

Ora, Jesus que era sábio por excelência, *soube*, muito melhor do que nós, tornar a lição compreensível, de modo oportuno e útil, aos Espíritos obstinados que o ouviam.

Não, não há, da parte de Jesus, ameaça de *penas eternas*.

Compreendei bem, portanto, estas palavras:

"Aquele que houver blasfemado contra o Espírito Santo não achará perdão *na eternidade*, será réu de um delito eterno; não terá perdão *nem neste século*, nem no futuro."

Ele apropriava a palavra à inteligência. A falta acarreta um castigo que podeis considerar *eterno*, tendo em vista *a medida* de que usais *para medir o tempo*. O Espírito rebelde, que blasfema contra o seu Deus, tem que sofrer longas provações para voltar ao cumprimento do dever. Esse ato inaudito denota no Espírito um sentimento de rebelião e de orgulho que o levará a muitas quedas. Não concebeis que as diversas categorias de delito impliquem a idéia de maior ou menor perversidade? Necessariamente, quem cometer certa falta que, comparada a outra, seja leve, está mais perto de se arrepender, é menos radicalmente vicioso, ficando entendido que a diferença de culpabilidade resulta da intenção e *não* da carência de oportunidade.

Não há caso algum em que o Espírito fique absolutamente excluído do perdão. Apenas, *relativamente*, semelhante exclusão existe para o culpado, pelo temor, que este experimenta, de que ela seja real, à vista do castigo e da sua duração. Esta nada é, em face da eternidade, mas se afigura ser *a própria eternidade* àquele que nada vê para lá dos limites acanhados da sua inteligência.

Não tendes ouvido Espíritos culpados dizerem, por entre gemidos, que se acham condenados a "penas eternas" e não sabeis que *a existência, neles, desta crença constitui um dos meios* de os levar ao *arrependimento*?

Não vedes como? Eis aqui: o rigor e a duração do castigo consomem as más energias do culpado. Cansado de sofrer, aterrorizado com a perspectiva de dores *sem fim*, ele se volta para si mesmo, olha com

desespero para o seu passado, conta todas as faltas, todos os crimes que o precipitaram no abismo e, por fim, exclama: "Se houvesse de recomeçar!" Os Espíritos que o cercam principiam então a intervir, impelindo-o a pesquisar se *terá que recomeçar e a saber como faria*, se, de fato, houvesse de recomeçar. Pouco a pouco o arrependimento lhe vai penetrando no íntimo, fazendo nascer a esperança do perdão. Ao influxo desta esperança, o arrependimento se desenvolve, a expiação passa a ser suportada com paciência e resignação. Depois, à medida que aquele se torna mais sincero e profundo, vem surgindo o desejo de reparar, de expiar e de progredir, com o auxílio de novas provações. E Deus perdoa e concede ao culpado, que se arrependeu e submeteu, a graça da reencarnação, a fim de que retome o caminho da reparação e do progresso.

Quando Jesus falava, ou os evangelistas nas suas narrações falam do Espírito Santo, esta expressão, como já sabeis, designa os Espíritos puros, os Espíritos superiores, os purificados, os bons Espíritos, que desempenham junto dos homens as funções de órgãos do Senhor, de seus mensageiros, ministros ou agentes, conforme o grau da elevação de cada um. Servindo-se da expressão "*Espírito Santo*", quando tratou da blasfêmia contra Deus, Jesus o fez porque, como também já o dissemos, os Judeus entendiam por *Espírito Santo* a inteligência mesma de Deus. Em última análise, tudo vem a dar no mesmo, num caso e noutro, por isso que os Espíritos elevados não são menos do que o reflexo da vontade do Senhor onipotente.

O homem que blasfema contra Deus é um rebelde às inspirações do seu anjo de guarda e dos bons Espíritos, incorre em culpa grave e não obtém perdão enquanto permanece culpado e rebelde, correspondendo a *eternidade* do castigo à *eternidade* da falta.

Se o Espírito permanecesse *eternamente* rebelde, seria réu de delito *eterno*, *jamaís* obteria perdão na *eternidade*, *nem além dela*, para nos servirmos das expressões bíblicas. Mas, não pode ser e não é *assim*.

Por efeito da onipotência, da justiça, da bondade e da misericórdia infinitas do Senhor e de acordo com a promessa que Jesus fez, em nome do Deus de amor, na parábola do filho pródigo e quando disse: *Meu pai não quer que nenhum destes pequeninos pereça; — vim salvar o que estava perdido; — sede perfeitos como é perfeito vosso pai que está nos céus*; não há Espírito culpado e rebelde que, no curso da eternidade que se desdobra diante de si, não experimente o influxo das leis imutáveis do progresso e da perfectibilidade, do sofrimento e da expiação. Nenhum há que, usando do seu livre arbítrio, sob a ação da sua consciência, presa do remorso e do arrependimento, auxiliado, na erraticidade, pelos sofrimentos ou torturas morais adequados e proporcionados aos crimes e faltas cometidos, auxiliado pelas provações e expiações, deixe, *com o tempo e mediante a reencarnação*, de voltar ao aprisco como a ovelha tresmalhada; de voltar à casa paterna, como o filho pródigo, arrependido e submisso. Nenhum há que, purificado, não venha a ser *um dia* acolhido pelo pai da família, pelo Deus do amor e da misericórdia inesgotáveis.

(V. 33 de Mateus). *Se uma árvore for boa, bom será o seu fruto; se for má, seus frutos serão maus, visto que pelo fruto é que se conhece a árvore*. Por estas palavras dirigidas aos discípulos, Jesus lhes ensinava a conhecer os homens. Indubitavelmente, o homem de maus instintos praticará más ações. Se, porém, o verdes esforçar-se por fazer o bem, por cumprir os deveres que a humanidade impõe, podeis dizer: *"a árvore é boa"*. E ficai certos de que, se for cultivada, melhor se tornará.

(V. 24 e 25 de Mateus). "Raça de víboras, dizia Jesus aos fariseus, como podeis, sendo maus, dizer boas coisas, uma vez que a boca fala do que abunda no coração? O homem bom tira boas coisas de bom tesouro e o homem mau tira coisas más de mau tesouro."

Pelos termos "*raça de víboras*", apropriados aos tempos e aos homens, designava Jesus aquela raça de Espíritos inferiores e orgulhosos, que *acreditavam* poder alcançar, *sem socorro*, o céu e que não queriam *receber* luz alguma. A palavra emerge do coração, quando exprime abertamente a maneira de pensar. Se, porém, oculta o pensamento, ou lhe dá a aparência da doçura, sendo ele agressivo, a palavra é mentirosa, hipócrita e má. Por isso é que Jesus perguntava aos fariseus: *Como é que, sendo maus, podeis dizer boas coisas?* As palavras saem do tesouro do coração. Se o tesouro é mau, más serão as palavras e as ações, quer as primeiras exprimam *abertamente* a maneira de pensar, quer sirvam de disfarce à mentira, à hipocrisia ou à maldade.

(V. 36 e 37 de Mateus). "Ora, eu vos digo que os homens, no dia do julgamento, prestarão contas de toda palavra ociosa que houverem proferido. Porque sereis justificados pelas vossas palavras e pelas vossas palavras sereis condenados."

De acordo com o texto original judiciosamente interpretado, o que Jesus disse foi: "de toda a palavra *ímpia*".

As traduções preferiram os termos "*ociosas, inúteis*" para, dando maior extensão ao texto, fazerem que as palavras do Mestre abrangessem a todos e não somente aos blasfemadores. Essa alteração do original teve por efeito reprimir os costumes, pôr um freio à depravação da linguagem. Estendendo a sentença do Cristo até às palavras *ociosas*, circunscrevia-se a linguagem nos limites do necessário ou do justo.

Sendo mister coibir as conversações mais que levianas, capazes de desviar as inteligências do fim elevado que se lhes propunha, necessário era que se batesse com força para alcançar esse objetivo. Daí vem o ter-se mudado a palavra, a fim de dar maior alcance à frase.

O dia do julgamento, em que os homens *prestarão contas* (já o explicamos) é aquele em que o Espírito culpado, após a morte, faz uma introspecção, observa a sua passada existência, seus crimes ou faltas e, tocado pelo remorso e pelo arrependimento, sofre a expiação, inevitavelmente seguida da reencarnação.

Nota da Editora — Em algumas traduções encontramos a expressão — *Espírito Santo*, no versículo 31, de Mateus; noutras, porém, somente se encontra a palavra — *Espírito*.

**MATEUS, Cap. XII, v. 38-42. — LUCAS,
Cap. XI, v. 29-32**

*Prodígio pedido pelos fariseus. — Resposta de
Jesus. — Prodígio de Jonas. — Ninivitas.
Rainha do Meio-dia*

MATEUS: V. 38. Então, alguns dos escribas e fariseus lhe disseram: Mestre, quiséramos ver um prodígio por ti feito. — 39. E ele lhes respondeu: Esta geração má e adúltera pede um prodígio; nenhum outro lhe será dado senão o prodígio do profeta Jonas. — 40. Assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de uma baleia, também o filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra. — 41. Os ninivitas se levantarão no julgamento contra esta geração e a condenarão, pois que eles fizeram penitência ao ouvirem a pregação de Jonas; e, aqui, há mais do que Jonas. — 42. A rainha do Meio-dia se levantará contra o juízo contra esta geração e a condenará, pois que ela veio dos confins da terra para escutar a sabedoria de Salomão; e aqui, há mais do que Salomão.

LUCAS: V. 29. Disse então à turba que o cercava: Esta geração é uma geração perversa; pede um prodígio; não lhe será dado outro diverso do do profeta Jonas. — 30. Assim como Jonas foi um prodígio para os de Nínive, também o filho do homem será um prodígio para esta geração. — 31. A rainha do Meio-dia se levantará, no dia do juízo, contra os homens desta geração e os condenará, pois que ela veio dos confins da terra para escutar a sabedoria de Salomão; e, aqui, há mais do que Salomão. — 32. Os Ninivitas se levantarão no dia do juízo contra esta geração e a condenarão, pois que eles fizeram penitência, atendendo à pregação de Jonas; e há, aqui, mais do que Jonas.

N. 161. Aquela geração, que resistia a todos os esforços empregados para conduzi-la ao caminho era

má e adúltera. Era *adúltera* no sentido de desprezar a fé no seu Deus para se entregar a práticas materiais.

Não é este o lugar de vos explicarmos como se deu o que os *homens consideraram* a passagem de Jesus da vida material para a morte e a sua volta à vida espiritual. Dizei-nos, porém, se a sua ressurreição, depois de três dias e três noites de morte *aparente*, mas *considerada* real *pelo vulgo*, não constitui um "*milagre*", idêntico ao que se *atribuiu a Jonas*?

Dizemos :— *que se atribuiu a Jonas*, porque o fato que com este se deu foi referido aos Hebreus ampliado, comentado e desnaturado. Houve, da parte do narrador, erro e falsa interpretação quando disse: "que Jonas fora *atirado ao mar*; que Deus preparara *um peixe imenso* para engolir o profeta; que este passou três dias e três noites *dentro de tal peixe*; que o Senhor *falou ao peixe* e que este pela boca deitou Jonas na praia .

Jonas não foi lançado ao mar. Esteve, sim, três dias e três noites a ferros no fundo do navio que o levava. Um marinheiro devotado de lá o tirou e trouxe num bote até à praia onde o deixou. Salvou-o, portanto, a dedicação de um homem, que serviu de instrumento à Providência, pois que, por influência e inspiração espíritas, cumpriu a vontade de Deus, libertando Jonas das cadeias que o prendiam, trazendo-o num bote do navio e depondo-o na praia. A credulidade e a atração que exerce no homem tudo o que revista o caráter de maravilhoso deram origem à crença num acontecimento miraculoso.

O peixe outro não era senão o navio a cujo bordo se achava Jonas e a boca do peixe — o bote que o depôs na praia.

Dizendo: "Assim como Jonas foi o prodígio para os Ninivitas, também o filho do homem será um prodígio para esta geração", Jesus se colocava, sem-

pre, no ponto de vista das crenças humanas, relativamente a Jonas e a si próprio.

Jonas, que era um homem igual aos *demaís*, foi tido pelos Ninivitas como um ente excepcional na raça humana, visto que pudera *viver* dentro de um peixe e dali sair são e salvo, depois de haver passado lá três dias e três noites.

Para o vulgo, mesmo para os discípulos, Jesus era um homem *igual aos outros*, com um corpo de carne e ossos como os deles. Em tais condições, sua ressurreição e sua ascensão não podiam ser *mais compreensíveis*, nem *menos miraculosas* do que a *volta* de Jonas.

Vós, espíritas, que conheceis as causas e compreendeis, portanto, os efeitos, não podeis ver na "*ressurreição*" e na "*ascensão*" de Jesus mais do que uma consequência da sua missão e da sua organização fluídica. Uma e outra se explicam e tornam evidentes pela revelação, que vos trazemos, da origem espírita do Mestre, do seu aparecimento na terra e do corpo fluídico, ou perispírico tangível, que ele tomou, com a forma ou aparência do corpo humano. Mas, os *homens daquela época*, repetimos, presenciando a "*ascensão*", o que viram foi um *corpo*, feito de *matéria* impura, elevar-se por si mesmo, para ir instalar-se eternamente lá onde tudo é *espírita*.

Bem mais sensível era o milagre para os homens de então. Foi, por assim dizer, essa *impossibilidade* da reunião da matéria com a espiritualidade, que preparou a era em que entráis. Foi ela que, da crença nos *milagres*, afastou os pensadores. Tão inconcebível se lhes patenteou aquela reunião, que eles *procuraram* uma explicação possível para o fato e acabaram negando-o, por não poderem *acreditar* nele. *Todos*, porém, hão de aceitar a explicação simples e racional da tangibilidade conferida ao perispírito do Redentor.

Roto o véu, compreendeis agora que Jesus, desde o momento em que não quis mais conservar aquela tangibilidade, haja, sob a aparência do corpo humano, mantido a sua essência etérea; haja podido sair do sepulcro sem arrombamento, não ficando lá nenhum fragmento de corpo material humano; haja podido apresentar-se a muitas pessoas em diversos lugares e retomar a tangibilidade, quando isso se fez preciso; haja, finalmente, voltado à plenitude das suas faculdades espíritas quando; elevando-se na presença de seus discípulos, voltou para a esfera etérea donde se exilara voluntariamente para vos convencer e vos salvar de vós mesmos.

(V. 41 e 42 de Mateus, 31 e 32 de Lucas). Dizendo o que consta destes versículos, tinha Jesus a intenção de, como sempre, ferir a imaginação dos Judeus por meio de um paralelo entre a época das Escrituras e a em que ele falava.

Com relação aos Ninivitas: Está bem visto que a comparação não era possível e não foi feita por Jesus senão com os que haviam tirado proveito da pregação de Jonas, permanecendo nas vias do Senhor, depois de nelas terem entrado. Com os que a receberam e para logo a esqueceram não fora possível estabelecer comparação alguma.

Com relação à rainha do Meio-dia: A rainha de Sabá viera das montanhas do Líbano, que, *para os Hebreus*, ficavam nos confins da terra, a fim de ouvir a Salomão, cuja grande reputação de sabedoria a atraía. Depois de com ele haver conversado, de o ter ouvido, disse:

"Bem maiores do que a fama que chegou até mim são a tua sabedoria e as tuas obras. Felizes dos que te pertencem. Felizes dos teus servos, que estão sempre na tua presença e escutam a tua sabedoria! Bendito seja o Senhor teu Deus, que te dispensou as suas com-

placências, que te colocou no trono de Israel e te fez rei, para reínares com eqüidade e distribuíres a justiça.”

Os Ninivitas que, aproveitando da pregação de Jonas, entraram e permaneceram nas vias do Senhor e a rainha do Meio-dia que, cedendo à impulsão que recebera, reconheceu a grandeza de Deus e a sabedoria daquele a quem Deus fizera rei, para reinar com eqüidade e distribuir a justiça, eram a condenação dos Judeus, que resistiam a todos os esforços de Jesus para os reconduzir ao bom caminho.

Depois de aludir às Escrituras, comparando o que elas narram com o que se passava em torno de si, Jesus chamou a atenção dos homens para a *superioridade* da sua missão, superioridade que só a nova revelação *patentearia*, na vossa época, *em espírito e em verdade*, e para a culpabilidade dos que se rebelavam contra suas palavras, seus ensinamentos, seus exemplos, dizendo: *E há, aqui, mais do que Jonas; e há aqui mais do que Salomão.*

Jonas e Salomão eram Espíritos em missão, mas de ordem inferior. Fora possível que Jesus se equiparasse a qualquer dos dois, sendo ele o Cristo de Deus e, como representante do Pai, o mestre, o rei do vosso planeta e da sua humanidade?

**MATEUS, Cap. XII, v. 43-45. — LUCAS,
Cap. XI, v. 24-28**

*Dever, que tem o homem, de resistir aos maus
instintos, às más paixões. — Respostas de
Jesus ao que, do meio do povo, lhe disse
uma mulher*

MATEUS: V. 43. Quando o Espírito impuro tem saído de um homem, vagueia pelos lugares áridos em busca de repouso e não o encontra. — 44. Diz então: "Voltarei para a casa donde saí". E, voltando, a encontra vazia, limpa e ornada. — 45. Parte então de novo, arrebanha sete outros Espíritos ainda piores do que ele, entram todos na casa e passam a habitá-la; e o último estado do homem fica sendo pior do que o anterior. Assim acontecerá com esta geração criminosa.

LUCAS: V. 24. Quando o Espírito impuro tem saído de um homem, anda por lugares áridos em busca de repouso. Não o encontrando, diz: Voltarei para a casa donde saí. — 25. E, voltando, a encontra varrida e ornada. — 26. Vai-se, então, de novo, reúne outros sete Espíritos mais malvados do que ele e, entrando todos na casa, lá se instalam. E o último estado do homem fica sendo pior do que antes. — 27. Ora, sucedeu que, quando ele dizia estas coisas, uma mulher, elevando a voz do meio do povo, lhe disse: Felizes o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram! — 28. Jesus, porém, disse: Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam.

N. 162. Jesus fazia ver aos homens que lhes cumpria estar sempre em guarda contra as más paixões que, repelidas a princípio facilmente, voltam depois com mais força e maior tenacidade.

Tomai, se quiserdes, por emblema das más paixões, os Espíritos imundos, na linguagem dos Evangelhos, os maus Espíritos, cuja influência vos temos ensinado a evitar.

Aquele que, fraco de Espírito, cede com facilidade às más inspirações, por serem más as suas tendências, oporá, tomando boas resoluções, sério obstáculo aos esforços que empreguem os Espíritos malfazejos, no sentido de o arrastarem para o mal.

O Espírito que o influenciava se afasta e vai em busca de alguma outra inteligência que lhe seja mais fácil impressionar, a fim de se apoderar dela, tendo sempre, porém, debaixo das vistas aquele sobre quem exercia sua ação funesta e que fora obrigado a abandonar. Ora, assim note da parte deste um descuido, por menor que seja, um relaxamento das resoluções, volta prontamente a se apossar da sua antiga vítima. Se encontrar resistência, não podendo esta ser forte, pois que não nasce de um sentimento realmente puro, ele se obstinará e, se for preciso, chamará em seu auxílio os Espíritos inferiores, que o cercam e que o secundarão.

Não concluais, todavia, das nossas palavras que todas as vossas ações más, todos os vossos maus pensamentos sejam resultado de uma influência oculta. Se em vós não existir o germen do mal, não atraireis os Espíritos do mal. As vossas tendências, *boas ou más*, é que determinam a ordem dos Espíritos que virão grupar-se em torno de vós. Cercar-vos-ão os que simpatizarem com os vossos pendores.

Vigiai, pois, a todos os instantes os vossos mais secretos pensamentos, varrei cuidadosamente a vossa *casa*, - purificai a vossa alma e montai guarda à entrada do santuário, *a fim* de impedirdes a aproximação dos que não sejam dignos de nele penetrar. Vigiai e orai, oh! bem-amados, vigiai e orai.

(V. 43 de Mateus e 24 de Lucas). *Os lugares áridos* por onde erra o Espírito impuro, o mau Espírito, sem achar abrigo, são os homens purificados que não lhes dão entrada às sugestões.

Busca repouso e não o encontra. Busca uma ocupação condizente com os seus instintos, tendências, ou caprichos e não a encontra. Jesus, não o esqueçais, falava aos Judeus e os Judeus acreditavam que o Espírito impuro habitava no subjugado. O Mestre os deixava nessa crença, a fim de que ainda mais horror lhes inspirasse a "possessão". Ora, falando para ser compreendido por aqueles homens, era natural que lhes figurasse o Espírito impuro a procurar repouso nos lugares áridos sem o encontrar, isto é: a rondar os homens fortes e a encontrá-los surdos às suas instigações. Aí tendes, espíritas, na altura do vosso entendimento, o espírito despojado da letra.

Tentando penetrar *num homem*, cuja alma se ache bem guardada, e não o conseguindo, sendo forçado a afastar-se sem lhe deparar um lugar onde possa repousar, *aí tendes a lição na altura do entendimento dos Judeus a quem Jesus falava.*

(V.44 de Mateus e 24 e 25 de Lucas). Aquele que, embora por muito pouco tempo, expurga a alma dos maus pendores, dá imediatamente acesso aos sentimentos bons, que se opõem aos maus instintos. As virtudes são o ornamento da alma. É preciso que, quando o Espírito impuro, o mau Espírito queira voltar para a casa donde saiu, a encontre limpa e ornada. Nutrindo sentimentos de real pureza, conservai vossa alma firmemente inacessível aos maus instintos, às más inclinações, sugestões e instigações.

Ornai-a de virtudes para que o Senhor encontre nela morada digna dele, para que lhe seja grato ampliar cada vez mais o vosso progresso moral e intelectual, concedendo-vos sempre a assistência e as inspirações dos bons Espíritos, cujo amparo e concurso obtereis, atraindo-os para junto de vós.

Nenhuma relação têm as nossas palavras com o "sacrifício da Eucaristia". Não admitais que o corpo do homem possa servir de morada, nem eterna, nem

temporária, à divindade, como o pretende a Igreja, cujos erros todos provieram (já o temos dito) e provêm das interpretações por ela dadas às Escrituras, de as haver sempre interpretado *segundo a letra* e nunca segundo o espírito, com menosprezo da advertência do Mestre. Não admitais que "o corpo e o sangue reais" (expressões da igreja romana) do Salvador se possam equiparar aos alimentos humanos e ficar, desse modo, sujeitos às leis da digestão no corpo do homem. Não admitais que o perispírito tangível de que Jesus se revestiu temporariamente, atendendo às exigências e à duração da sua missão terrena, vaso precioso que continha uma essência ainda mais preciosa, formado de fluidos que, na época da chamada "ascensão", foram restituídos aos meios donde haviam sido tirados, possa estar submetido àquelas leis. Não admitais que o Espírito de Jesus, essência sempre pura, de pureza perfeita e imaculada, faça do corpo humano sua habitação, não.

A comunhão do Cristo, *simbolizada* pela ceia, foi, como vos explicaremos quando chegar a ocasião, um último e solene apelo por ele feito à fraternidade. A comunhão dos discípulos era um repasto *comemorativo, lembrança simbólica* daquela outra comunhão.

Cristãos de todas as seitas, católicos, protestantes, gregos, aprendei o que vos ensina a nova revelação que Deus vos manda e que vos trazemos em nome do Cristo, isto é: que para o Espírito tudo deve ser espiritual, que o homem recebe "o corpo e o sangue" de Jesus apenas *emblematicamente*, "o corpo" para lhe alimentar a alma, "o sangue" para lavá-la de suas impurezas, mas que a matéria de modo algum participa desse "sacrifício".

Que tomeis as vossas refeições antes ou depois de tal "sacrifício", pouco importa. Das superfluidades

humanas é que cumpre vos abstenhais antes do ato da "comunhão", que deverá *simbolicamente* aproximar o vosso Espírito do daquele que, fazendo a sua aparição na terra, se abaixou até vós para vos elevar. Tal a abstinência que deveis praticar. Com o intuito de vos *preparardes* para *essa festa de família*, imponde-vos algumas privações que redundar possam em proveito, tanto material, como moral ou intelectual, de vossos irmãos. Imponde-vos mortificações morais; convidai para o *repasto* santo, três vezes santo, *aqueles que se houverem afastado de vós ou de quem vos houverdes afastado*; convidai-os pelo pensamento, se o não puderdes fazer de outra *maneira*, perdoando-lhes, de coração, as ofensas, tomando a resolução irrevogável de não mais guardar deles queixa alguma.

Praticai e renovai espiritualmente, em comum, esses repastos que os discípulos de Jesus realizavam, semelhantes ao em que haviam tomado parte com o Mestre e que continuaram a realizar até à época em que as paixões e os maus instintos forçaram a uma mudança, em bem da ordem, nas práticas seguidas, determinando a instituição da comunhão *aparente*, pois que quem se aproxima da mesa do Mestre, levando no coração um mau sentimento, incorre no crime de traição, como Judas Iscariotes.

Fazei o repasto *emblemático, comemorativo*, como o faziam os discípulos do Mestre. Fazei-o em comum, com a *intenção, o desejo* de praticar a fraternidade e praticando-a *com todos*. Convidai todos os vossos irmãos, Judeus e Gentios, abstraindo dos cultos que vos separem. Chegareis assim aos tempos preditos em que não se adorará mais o pai nem no monte, nem em Jerusalém; em que os homens, tornados todos espíritas *verdadeiros e*, portanto, verdadeiros irmãos, serão os adoradores do pai *em espírito e em verdade*, serão os verdadeiros adoradores que o pai quer ter.

Chegareis *assim* ao tempo em que não haverá mais do que um só rebanho com um só pastor — Jesus, o Cristo de Deus, vosso Mestre, protetor e governador do vosso planeta e da sua humanidade.

(V. 45 de Mateus). "Parte então de novo (o Espírito impuro), arrebanha sete outros Espíritos ainda piores do que ele, entram todos na casa e passam a habitá-la; e o último estado do homem fica sendo pior do que o anterior". Depois de pronunciar estas palavras, cujo sentido e alcance conheceis pelas explicações que vos temos dado, Jesus acrescenta: "Assim acontecerá com esta geração criminoso".

A recaída é pior do que a moléstia. A geração de que falava Jesus dispunha de todos os meios para se esclarecer e progredir. Parte dela, tocada pelas prédicas do bom pastor, tentara reformar-se. Mas, a boa semente caíra sobre pedregulhos: as más paixões, um instante sopitadas, voltaram com mais força à antiga habitação, tornando a expiação mais longa e mais dolorosa.

Que o mesmo não suceda com a geração a quem o Cristo hoje se dirige, mediante a nova revelação. Disse ele: *muito se pede àquele a quem muito se deu*. Ora, os que repelem a luz que se lhes apresenta, os que a apagam ou fecham os olhos para não a verem, terão que prestar muito maiores contas do que os que vivem na ignorância e nas trevas.

(V. 27 e 28 de Lucas). A mulher que elevou a voz do meio da multidão falou, como médium, sob a inspiração momentânea de um guia que, desse modo, abriu ensejo à resposta de Jesus. Tudo que pudesse servir para o ensinamento do povo fora previsto. As palavras da mulher tinham todo cabimento, do ponto de vista das crenças humanas de então, segundo as quais Jesus era filho de Maria e de José.

Realmente, o fato de haver Maria, *como os homens acreditavam*, gerado e amamentado a Jesus,

indicava da parte dela grande elevação. Esta porém, ela a alcançara antes que lhe fosse concedido desempenhar a missão de mãe do Salvador, ao passo que aqueles para quem Jesus pregava, pecadores e culpados, pouco até então haviam merecido, mas muito viriam a merecer, desde que recebessem com fé e pusessem em prática as preciosas lições que lhes eram dadas. Bem podia Jesus, portanto, dizer: *Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam.* Ele antevia o progresso imenso que fariam os que *sinceramente* enveredassem pela nova estrada.

Também nós vos dizemos, oh! bem-amados: Felizes os que recebem a luz e se esclarecem com os seus raios, que escutam a palavra de Deus e a praticam *em espírito e em verdade.* Grande será deles o progresso. Iniciando-vos, desde a existência terrena, nos mistérios da vida, abreviais a duração das provas no estado de Espíritos livres; evitais sobretudo a expiação, pondo-vos em guarda contra vós mesmos; progredis, pois, desde a vida humana e ainda mais rapidamente progredireis quando voltardes à verdadeira vida.

MATEUS, Cap. XII, v. 46-50. — MARCOS, Cap. III, v. 31-35. — LUCAS, Cap. VIII, v. 19-21

O irmão, a irmã e a mãe de Jesus são os que fazem a vontade de seu pai, ouvindo a palavra de Deus e pondo-a em prática.

MATEUS: V. 46. Estando ele ainda a pregar para a multidão, sua mãe e seus irmãos do lado de fora procuravam falar-lhe. — 47. Então alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão ali fora procurando-te. — 48. Respondendo a esse que assim falara, disse ele: Quem é minha mãe e quais os meus irmãos? — 49. E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; — 50, porquanto, quem quer que faça a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

MARCOS: V. 31. Sua mãe e seus irmãos, tendo vindo e ficado do lado de fora, o mandaram chamar. — 32. Ora, como a multidão o cercasse, alguém lhe disse: Olha que tua mãe e teus irmãos te procuram. — 33. Ao que perguntou ele: Quem é minha mãe e quais são os meus irmãos? — 34. E, olhando para os que se achavam sentados ao redor de si, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; — 35, porquanto, aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

LUCAS: V. 19. Sua mãe e seus irmãos vieram ter com ele, mas não puderam aproximar-se dele por causa da multidão. — 20. Disseram-lhe então: Estão lá fora tua mãe e teus irmãos que te querem ver. — 21. Jesus, respondendo, disse: Minha mãe e meus irmãos são os que escutam a palavra de Deus e a praticam.

N. 163. Não estando ligado a Maria por nenhum laço humano, Jesus patenteava *aos homens* os sentimentos de fraternidade e de amor que os deviam unir.

Efetivamente, qual poderia ser o desejo do bom pastor que vinha à procura das ovelhas tresmalhadas? qual poderia ser o seu objetivo? — Reuni-las em torno de si. Todas, fossem quais fossem, eram dele bem-amadas.

Sendo, *com relação aos homens*, pela sua pureza e pelo seu poder, filho único do pai e vindo dizer-lhes: Sois todos, como eu, filhos de Deus, Jesus precisava demonstrar que punha em prática os ensinamentos que dava à multidão e provar que todos os seres humanos são de fato filhos de Deus e, por isso, irmãos dele Jesus, *enquanto caminham nas vias do Senhor*.

Referindo-nos a Jesus, acabamos de usar das expressões —*filho único do pai*. Ele o era e é, no sentido de ser, pela sua elevação espiritual, única relativamente à de todos os Espíritos que se acham ligados ao vosso planeta, quem lhe preside aos destinos. Desse ponto de vista e *comparado a vós outros*, Jesus pode e deve, já o temos dito, ser considerado filho único do Senhor. Sua essência pura, que nunca se desviou da linha do progresso, se aproxima da natureza do Criador universal. Seu poder ilimitado sobre quanto concerne ao orbe terreno participa do poder do supremo Senhor, com o qual ele, pela sua pureza, se acha em relação direta.

Maria e os *chamados* irmãos de Jesus o foram procurar, induzidos pela influência espírita de seus anjos da guarda e também levados pela idéia de que, devendo o Mestre atender à necessidade de alimentar o corpo, lhes cumpria ir à sua procura, para esse fim.

Conquanto fosse um Espírito muito elevado, Maria estava, até certo ponto, submetida à matéria que a envolvia e não compreendia que Jesus pudesse resistir a tão grandes fadigas sem tomar os alimentos que sustentam o corpo.

Tinha ela a intuição da sua sorte futura; mas, o

passado se lhe apresentava, como a vós, coberto por um véu, o véu *da carne*.

Nunca será demais que repitamos, pois não o deveis perder de vista, o seguinte: Em virtude da revelação que lhes fora feita e que se conservou secreta, como devia acontecer, até depois de finda a missão terrena de Jesus, este, *para Maria e para José*, era um ente excepcional, grande aos olhos de Deus, por ser filho do mesmo Deus, e que encarnara *milagrosamente*, mas sem deixar de participar da natureza do homem e de estar sujeito às exigências, às necessidades da humana existência. *Para os homens*, ele era um homem *igual aos outros*, filho, por obra humana, de José e de Maria e como *tal* o consideraram enquanto durou a sua missão terrena e até à época em que, já finda essa missão, aquela revelação se tornou conhecida do povo.

A ida de Maria e dos *chamados* irmãos de Jesus à procura deste lhes foi inspirada para provocar, como provocou, a observação do Mestre.

Ao que lhe dissera: "Tua mãe e teu irmão te procuram", ele respondeu inquirindo: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E acrescentou, apontando para os discípulos: "Eis aqui minha mãe e meus irmãos, pois que aquele que houver feito a vontade de meu pai, a vontade de Deus — esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe; minha mãe e meus irmãos são os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática".

As versões de Mateus, Marcos e Lucas são exatas e se completam umas pelas outras: Jesus apontou com a mão para os discípulos que o cercavam e *respondeu*, deixando cair sobre o povo a atração poderosa do seu olhar, irradiação magnética que atraía os homens como o ímã atrai o ferro. Por esse gesto ele apresentava seus discípulos como exemplo e atraía para eles a multidão que os teria de imitar.

Ao dar *aquela resposta*, o presente e o futuro se confundiam no seu pensamento. Deu-a, tendo por fim, *atento o motivo que determinara a ida de Maria e dos que eram designados por irmãos dele*, provar que a missão, a cujo desempenho se consagrara no meio dos homens, sobrelevava aos laços da família humana, às necessidades da natureza humana, que, no entender dos mesmos homens, se lhe faziam sentir. Em todas as ocasiões feria as inteligências.

Tinha também por fim, *atentas as palavras que lhe eram dirigidas*, mostrar *veladamente* que nenhum laço humano o prendia a Maria, nem, por conseguinte, àqueles com quem o supunham ligado por humano parentesco. Quis mostrar que não o ligava a Maria, nem aos que eram tidos por seus irmãos, nem aos seus discípulos, nem à multidão que o rodeava, senão um laço *espíritual*, um parentesco *espíritual*, um laço de parentesco e de fraternidade *segundo o espírito e não segundo a carne*: Quis ainda mostrar que mesmo esse parentesco e essa fraternidade, *segundo o espírito*, entre ele e os homens, assim como entre estes de uns para os outros, não eram reais nem verdadeiros, senão relativamente aos que houvessem feito a vontade divina, escutando e pondo em prática a palavra de Deus, de quem era ele o representante e o órgão.

Tinha igualmente por fim *preparar* os homens para, nos tempos preditos, receberem a nova revelação, que hoje vos trazemos e que, tirando *da letra o espírito*, lhes faria conhecer, *em espírito e verdade*, a sua origem espírita, as condições e o modo por que se deu o seu aparecimento na terra, sua missão, sua potencialidade e seus poderes como delegado e representante do pai, no que diz respeito ao vosso planeta, a cuja formação presidiu, tendo por encargo dirigir-lhe o progresso e levá-lo à realização de seus destinos, conduzindo a humanidade terrena à perfeição pelas vias do progresso, que são a caridade, o

amor e a ciência. Por essa nova revelação, ficarão os homens sabendo, *em espírito e verdade*, que ele Jesus é de todos *irmão* e ao mesmo tempo *senhor*, pelo poder ilimitado que tem sobre quanto respeita ao mundo em que habitais.

Tinha, pois, também por fim *preparar* os homens para, *quando chegasse o momento*, abandonarem, esclarecidos pela nova revelação, a crença na sua divindade, crença que, *previa-o ele*, se havia de generalizar, uma vez terminada a sua missão terrena; de acordo com o estado das inteligências, com as impressões, aspirações e interpretações humanas, assim como com as necessidades da época. Correspondendo a essas necessidades e servindo para preparar os tempos de hoje, que então eram o futuro, para preparar o advento da era que se vos abre, tal crença seria, como foi, uma condição e um meio de progresso.

Disseram a Jesus: "*Tua mãe e teus irmãos te procuram*". Confrontando essas palavras com estas outras (Mateus, XIII, v. 55): "Não é esse o filho do carpinteiro; sua mãe não se chama Maria; não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?" com estas (Mateus, XIII, v. 56): "E todas as suas irmãs não se acham entre nós?" com estas ainda (Marcos, VI, v. 3): "Não é esse o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?" e com estas mais (Mateus, I, v. 25): "E ele (José) não a tinha conhecido quando ela pariu o seu primogênito, ao qual deu o nome de Jesus" — pretenderam alguns homens e ainda pretendem poder afirmar que Jesus teve *irmãos e irmãs* por obra de José e de Maria.

Há nisso um *erro manifesto* que, após as discussões travadas outrora e mesmo nos dias de hoje, não mais devera reproduzir-se. Diante da nova revelação *no que respeita à* origem espírita de Jesus, ao seu aparecimento na terra, à natureza e ao caráter da sua

missão no passado, no presente e no futuro, à elevação e à pureza de Maria e de José, à natureza e ao caráter da missão que os dois desempenharam, auxiliando a obra do Mestre, semelhante erro tem que desaparecer dos debates e controvérsias humanas.

Só aos olhos dos homens, mas não na realidade das coisas, existia parentesco próximo entre Jesus e os que eram chamados seus irmãos e irmãs.

Em hebreu a palavra — *irmão* — tinha várias acepções. Significava, ao mesmo tempo, o *irmão* propriamente dito, o *primo co-irmão*, o simples *parente*. Entre os Hebreus, os descendentes diretos da mesma linha eram considerados *irmãos*, se não de fato, ao menos de nome e se confundiam muitas vezes, tratando-se indistintamente de irmãos e irmãs. Geralmente se designavam pelo nome de *irmãos* os que eram filhos de pais-irmãos, os que agora chamais *primos-irmãos*.

Os *chamados* irmãos e irmãs de Jesus eram, segundo o parentesco humano que entre eles havia *aos olhos dos homens*, seus *primos-irmãos*.

Maria não era filha única; tinha uma irmã, que também se chamava Maria, mulher de Cleofas e mãe de Tiago, de José, de Simão e de Judas, que os homens tratavam de irmãos de Jesus.

Do mesmo modo, as chamadas irmãs deste eram suas *primas co-irmãs*, de acordo com o parentesco humano que, *segundo os homens*, havia entre elas e o Mestre.

Que importaria aos homens que Jesus tivesse tido irmãos e irmãs na humanidade, uma vez que a essência deles não podia ser igual à do Mestre, Espírito perfeito, que encarnara, *para ser visto dos mesmos homens*, tomando um perispírito tangível, com a forma ou a aparência do corpo humano, adequado às necessidades e à duração dá sua missão terrena?

Tal, porém, não podia dar-se e não se deu. Espíritos muito elevados, José e Maria sofriam o cons-

trangimento do envoltório carnal que haviam aceitado, mas não estavam sujeitos a instintos de que já se haviam libertado. Exilados momentaneamente da verdadeira pátria, dela guardavam intuitivamente a lembrança e um único era o anelo de ambos: voltar para lá.

Nunca se deve acompanhar o curso de um rio de águas impuras. Deixai que os ímpios desnaturem os fatos mais sérios. Repetimos: Espíritos muito elevados, encarnados em missão, José e Maria não experimentavam as necessidades carnis da humanidade. Intuitivamente preparada para a missão que lhe cumpria desempenhar na execução daquela grande obra de regeneração, cujo desenlace constituiu exemplo para todas as raças humanas que, a partir de então, se sucederam, Maria foi e permaneceu sempre virgem. José, menos elevado do que ela, mas desempenhando também uma missão sagrada, compreendeu, pela revelação do anjo, qual o objeto da sua existência material e a ele se consagrou inteiramente.

Com a locução — "filho primogênito" — em que alguns homens se apoiaram para atribuir a Maria muitos filhos, verifica-se o que acabamos de apreciar com relação aos vocábulos — *irmãos, irmãs*. As interpretações humanas truncaram em falso. Filho primogênito o mesmo é que filho único, no verdadeiro sentido da palavra hebraica. Quando um único filho havia nascido, esse necessariamente era o primeiro. Ide ao texto hebreu, à língua hebraica, investigai a maneira por que os Hebreus dela usavam e achareis a significação exata das palavras.

Eles empregavam indiferentemente, na sua linguagem, a locução *filho primogênito*, tanto no caso de haver um só filho, como no de haver muitos, quando aludiam ao que primeiro nascera, quer outros tivessem nascido depois, quer não.

No verdadeiro sentido da frase hebraica (Mateus, I, v. 25), a locução *filho primogênito* significa apenas que Maria não tivera *antes* outro filho. Jesus era, pois, o primogênito. O autor não previu as considerações e interpretações a que tal locução daria lugar. *Sob este aspecto*, sua contextura é defeituosa *para o vosso entendimento*.

O v. 25 do cap. I de Mateus teve por fim, exclusivamente, confirmar o que fora dito nos v. 18 e 24, resumindo o que deles se deduz, isto é: que José não tomou parte alguma na concepção do filho de Maria, *nessa obra do Espírito Santo*; que não se aproximara dela; que aquela concepção fora *obra exclusiva do Espírito Santo*. Já sabeis pela revelação que vos fizemos do modo por que Jesus apareceu na terra, o que significam essas palavras: — concepção *por obra do Espírito Santo*.

Assim, pois, a locução "*filho primogênito*" não objetivava senão certificar que Maria concebera sendo virgem. *Absolutamente* não foi empregada para exprimir a prioridade do nascimento de um irmão entre muitos, para registrar a primogenitura de um deles, fato que, na vossa jurisprudência, política, ou feudal, conferia, sob o título de "direitos de primogenitura", certos privilégios ao irmão mais velho.

Pelo que vos revelamos com relação à gravidez e ao parto de Maria, sabeis agora como se conservou ela virgem, não obstante a gravidez e o parto, pois sabeis que estes, como obra do *Espírito Santo*, *como obra espírita*, realizada por meio do magnetismo espiritual, foram *apenas aparentes*, tomando-os ela, entretanto, *e os homens por fatos reais*.

Jesus, portanto, sendo "filho primogênito", era o que chamais "filho único". Terminada a sua missão terrena, os Hebreus, por não quererem admitir que o Mestre tivesse tido a vida *especial* que lhe atribuíam não só a revelação que, conservada até então secreta,

se tornara conhecida do povo, mas ainda as interpretações a que essa revelação dera lugar, tomaram a locução *primogênito* como indicando que ao de Jesus se seguiram outros nascimentos.

Vós outros cristãos vos apegastes ao sentido *verdadeiro*, que é o de filho único. Eis aí a explicação destas palavras de que nos servimos: — *o que jamais* filho único.

Nota da Editora — As traduções brasileiras, do Novo Testamento, quer a protestante da Sociedade Bíblica, quer a católica de Rohden, bem como a excelente tradução em Esperanto, não falam em primogênito. Dizem: "e não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus," "Kaj li ne ekkonis sin, gis fi naskis f:lon; kaj li donis al li la nomon JESUO. "

**MATEUS, Cap. XIII, v. 1-23. —MARCOS, Cap. IV,
v. 1-20 e 25. —LUCAS, Cap. VIII,
v. 1-15 e 18; Cap. X, v. 23-24.**

*Parábola do semeador. —Explicação
dessa parábola.*

MATEUS: V. 1. Naquele dia, saindo Jesus de casa, foi sentar-se à beira mar. — 2. E grande multidão se lhe reuniu em torno. Entrando então para uma barca, ele aí se sentou, ficando a multidão na praia. — 3. E começou a dizer muitas coisas por parábolas, falando assim: Eis que o semeador saiu a semear. — 4. Enquanto semeava, uma parte das sementes .caiu à margem do caminho, os pássaros do céu vieram e as comeram. — 5. Uma outra parte caiu em terreno pedregoso, onde muito pouca terra havia; as sementes germinaram prontamente, pois que a terra ali não tinha profundidade. — 6. O sol, nascendo, crestou-as; e, como não tinham raízes, secaram. — 7. Uma outra caiu entre espinheiros que cresceram e a abafaram. — 8. Uma outra finalmente caiu em terra boa e as sementes frutificaram, produzindo aqui cem, ali sessenta, acolá trinta por um. — 9. *Quem tiver ouvidos de ouvir, ouça.* — 10. Os discípulos, aproximando-se, lhe perguntaram: Porque lhes falas por parábolas? — 11. Respondeu ele: É porque a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas a eles não. — 12. Aquele que tem, mais ainda se dará, ficando ele na abundância; mas ao que não tem se tirará até o que tem. — 13. Eis porque lhes falo por parábolas; é que, vendo, eles não vêem, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. — 14. Neles se cumpre esta profecia do profeta Isaías: "Escutareis com os ouvidos e não entendereis; olhareis com os olhos e não vereis. — 15. O coração deste povo se embotou, os ouvidos se lhe tornaram surdos e os olhos se lhe fecharam, para que não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, não compreendam com os corações e, não se convertendo, não sejam curados por mim." — 16. Felizes os vossos olhos porque vêem, os vossos ouvidos, porque escutam; -17, porquanto, em ver

-dade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvís e não ouvíram. — 18. Escutai, pois, a parábola do semeador. — 19. Do coração de todo aquele que escuta a palavra do reino e não a compreende vem o mau Espírito tirar o que nele foi semeado; é a semente que caiu ao longo do caminho. — 20. A que caiu em terreno pedregoso representa aquele que ouve a palavra e a recebe com mostras de alegria no primeiro momento; — 21, mas, não tendo raízes no seu coração, só por pouco tempo subsiste: sobrevindo as tribulações e perseguições por motivo da palavra, ele logo se escandaliza. — 22. A semente lançada entre os espinheiros representa aquele que ouve a palavra, mas em quem os cuidados do século e a ilusão das riquezas a abafam e impedem de produzir frutos. — 23. A que foi semeada em terra boa indica aquele que escuta a palavra e a compreende, aquele em quem ela frutifica, produzindo cada grão cem, sessenta ou trinta.

MARCOS: V. 1. Pôs-se de novo a ensinar próximo ao mar e como enorme fosse a multidão que ali se reuniu, ele subiu para uma barca e se sentou, ficando todo o povo na praia. — 2. Muitas coisas ensinava por parábolas, dizendo, segundo o seu modo de doutrinar: — 3. "Escutai: O semeador saiu a semear; — 4, e, enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à borda do caminho; vieram as aves do céu e a comeram. — 5. Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde pouca terra havia; as sementes germinaram logo, pois que pequena era a profundidade da terra; — 6, veio, porém, o sol, crestou as plantas e estas, por não terem raízes, secaram. — 7. Outra parte caiu entre espinheiros, estes cresceram e a abafaram, de sorte que ela não deu frutos. — 8. Outra, finalmente, caiu em terra boa; os grãos deram fruto; elevaram-se, multiplicaram-se e produziram cem, sessenta, trinta por um." — 9. E acrescentava: *Ouçã quem tiver ouvidos de ouvir.* — 10. Quando com ele ficaram a sós, os doze que o seguiam interrogaram-no acerca dessa parábola, - 11, e ele lhes respondeu: Dado vos é a vós conhecer o mistério do reino de Deus; mas, para aqueles que são de fora, tudo se faz por

parábolas; — 12, a fim de que, vendo, vejam e não vejam e, ouvindo, ouçam e não compreendam, para que não se convertam e os pecados lhes sejam perdoados. - 13. Perguntou-lhes em seguida: Não entendeis esta parábola? Como podereis entender todas as parábolas? — 14. O semeador semeia a palavra. — 15. A margem do caminho ao longo do qual a semente caiu são aqueles de cujos corações Satanás vem arrancar a palavra logo depois de ter sido nos seus corações semeada. — 16. Semelhantemente, o terreno pedregoso são os que, ouvindo a palavra, a recebem jubilosos. — 17. Como, porém, nesses ela não cria raízes, dura pouco tempo. Em vindo as tribulações e perseguições por causa da palavra eles logo se escandalizam. — 18. Os outros, designados pela parte das sementes lançadas entre espinheiros, são os que ouvem a palavra, — 19, mas os cuidados do século, a ilusão das riquezas e as outras paixões, entrando em seus corações, a sufocam e ela não frutifica. — 20. O terreno bom onde a última parte das sementes é lançada são os que ouvem a palavra, a recebem e dela tiram frutos, na proporção de cem, de sessenta, de trinta por um. — 25. Mais será dado ao que já tem e ao que não tem se tirará mesmo o que tem.

LUCAS: V. 1. Algum tempo depois, ia Jesus de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando e evangelizando o reino de Deus. Acompanhavam-no os doze, — 2, e algumas mulheres, que tinham sido livradas dos Espíritos malignos e curadas de enfermidades: Maria, apelidada — a Madalena, da qual sete demônios haviam saído; — 3, Joana, mulher de Cusa, intendente de Herodes; Susana e muitas outras que o assistiam com seus bens. — 4. Como o cercasse grande multidão de gente vinda de todas as cidades, disse ele esta parábola: — 5. O semeador saiu a semear a sua semente e, enquanto o fazia, uma parte delas caiu à margem do caminho, foi pisada e os pássaros do céu a comeram. — 6. Outra parte caiu sobre pedras e, por falta de húmus, secou, logo depois de haver germinado. — 7. Outra caiu entre espinheiros que, crescendo, a sufocaram. — 8. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa, germinou e frutificou, produzindo cem por um. E, dizendo isso, exclamava: *Quem tem ouvidos de ouvir ouça.* — 9. Os discípulos lhe pergun-

-taram o que queria dizer aquela parábola. — 10. Ele lhes respondeu: Dado vos foi a vós conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos outros só por parábolas se lhes fala, a fim de que vendo não vejam e ouvindo não compreendam. — 11. Eis o que quer dizer esta parábola: A semente é a palavra de Deus. — 12. A que cai junto do caminho indica os que ouvem a palavra, mas de cujos corações Satanás a vem arrancar, pelo temor de que, crendo, eles se salvem. — 13. As que caem sobre pedras indicam os que, tendo-a ouvido, recebem com alegria a palavra: esta, porém, não cria raízes, porquanto eles crêem apenas durante algum tempo, retrocedendo assim chegam as tentações. — 14. A parte que cai entre espinheiros corresponde aos que escutaram a palavra, mas em cujos corações ela é abafada pelas preocupações terrenas, pelas riquezas, pelos prazeres da vida e não produz frutos. — 15. A boa terra onde cai a última parte das sementes são os que, ouvindo a palavra, a guardam nos seus corações bons e excelentes e dela tiram fruto pela paciência. — 18. Vede, pois, de que modo ouvis; porquanto, mais se dará àquele que já tem e ao que não tem se tirará até o que julgue ter.

X. v. 23. Voltando-se para os discípulos, disse-lhes: Felizes os olhos que vêem o que vedes; — 24, porquanto, eu vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvis e não ouviram.

N. 164. A parábola do semeador não precisa de explicações. A que Jesus deu aos apóstolos, na medida do que eles podiam e deviam receber, como encarnados, a fim de desempenharem suas missões, basta para que a compreendais. Entretanto, convém que, por meio de explicações especiais sobre alguns pontos, tornemos conhecidos e, tirando da *letra o espírito, desenvolvamos*, para vós outros espíritas e para os que hão de vir a sê-lo, o sentido e o alcance integrais do que disse Jesus aos apóstolos. Antes de tudo, porém, cumpre vos façamos compreender de que pontos de vista deveis encarar o que disse Jesus à multidão, ser-

vindo-se da parábola, e o que disse aos apóstolos explicando-a, porquanto algumas das palavras daquele Mestre indulgente e bondoso, daquele bom pastor desejoso de não perder nenhuma das suas ovelhas, *parecem* desmentir os atos de toda a sua vida humana, humana no *entender dos homens*.

A geração que vivia ao tempo em que Jesus desempenhava a sua missão se compunha de Espíritos orgulhosos e fúteis, voluntariamente surdos e cegos, revoltados contra qualquer autoridade, Espíritos que, mesmo antes de encarnarem, recusavam todo amparo que lhes era oferecido para se tornarem melhores.

Filhos humanos dos Hebreus vindos do Egito, Espíritos que, havia séculos, passavam por provações, sem contudo perderem a tendência à murmuração e à revolta que caracterizavam os Hebreus desde os primórdios da formação de sua nacionalidade, os homens daquela época, ainda quando fossem capazes de receber *sem véu* a palavra do Mestre, não se lhe submeteriam, com o que incorreriam em maior culpa.

Já por ai podeis admirar a previdente bondade de Jesus, modelo de perseverança e de doçura, poupando ao merecido castigo o filho rebelde e temerário, evitando fazer-lhe uma imposição à qual sabia que ele se furtaria.

Recebendo *velada* a palavra de Jesus, os que estivessem dispostos a caminhar para a frente podiam, como o fizeram os discípulos, esforçar-se por lhe descobrirem o sentido oculto.

Os que, ao contrário, não quisessem curvar-se ao jugo daquela lei que lhes prescrevia uma reforma por demais pesada para suas naturezas más, seriam culpados apenas de indiferença, de não procurarem devassar os mistérios que de pronto não compreendiam.

Dizendo, pois: "não se lhes falará senão por parábolas e símiles, para que não se convertam", Jesus *aludia* aos que, cedendo a um primeiro impul-

so, tentariam avançar, mas que, detidos bruscamente pelos seus maus instintos, fariam sem demora um recuo, que lhes viria a ser causa de grande castigo; porquanto, atentai bem, muito será dado ao que já tem, isto é: aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados receberá amparo; ao passo que àquele que pouco tenha, mesmo esse pouco será tirado. Quer isto dizer que este último, indiferente ao que lhe foi dado, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as más paixões se apoderem do seu coração, que os vícios e males que o oprimirão durante séculos tomem o lugar das poucas virtudes de cuja posse já desfrutasse.

Devendo tornar-se pública a explicação que da parábola Jesus deu, *em segredo*, a seus discípulos, ela foi publicada pelas narrações evangélicas; como já o tinha sido pelos apóstolos e discípulos, mas somente depois de finda a missão terrena do Mestre, porque só então a massa popular, *preparada* por todas as palavras que ele pronunciara e por todos os atos que praticara durante aquela missão, até o momento da sua chamada "ascensão", se mostrou apta a ouvir com proveito, da boca dos apóstolos e dos discípulos, a explicação de tudo o que dissera o Cristo, explicação que era dada na medida do *que ela* podia suportar e do modo por que o devia suportar. Só depois de concluída a missão messiânica, a massa popular se mostrou apta a ter conhecimento daquelas palavras e atos pela narração evangélica, que na ocasião oportuna se lhe transmitiu. Essa narração tinha que ser, *sob o império da letra*, e foi, tanto naquela época, quanto no presente, como terá que ser no futuro, sob o reinado *do espírito*, o livro do progresso, a fonte donde jorram e hão de jorrar sempre a luz e a verdade.

(Mateus, v. 11-15; Marcos, v. 11, 12 e 25; Lucas, v. 10-18). Aqui tendes agora, despojado *da letra* o es-

pírito, o pensamento do Mestre, sem mais incertezas no modo de entender os textos desses versículos.

"Dado vos é a vós conhecer os mistérios do reino dos céus — os segredos do reino de Deus; mas, A ELES, não, — esse conhecimento não lhes é proporcionado, senão por parábolas, — tudo se faz por parábolas. (MATEUS, v. 11; MARCOS, v. 11; LUCAS, v. 10)."

Aos apóstolos e aos discípulos era dado conhecerem o mistério do reino dos céus, os segredos do reino de Deus, porque, sendo seus Espíritos mais elevados do que os dos outros homens da época, eles se achavam aptos a espalhar as verdades que Jesus trazia ao mundo. Mas, para o fazerem, tinham que começar por compreendê-las, *razão pela qual não lhes foi dado senão o que podiam e deviam comportar, para o desempenho da missão que lhes incumbia.*

Com relação à época em que viveis, o mesmo sucede. Vossas inteligências progrediram e nós, trazendo-vos a revelação do mundo invisível, os mistérios do reino dos céus, os segredos do reino de Deus, vo-las faremos compreender, a fim de que possais espalhar por toda a terra esse conhecimento; a fim de que, como os discípulos do Mestre, possais ir de cidade em cidade, de povoado em povoado, pregar o arrependimento e dizer como eles diziam: "Apressai-vos, aproxima-se o momento!"

As expressões — *reino dos céus, reino de Deus* — compõem uma imagem destinada a materializar, por assim dizer, a felicidade dos bem-aventurados. A homens, que não viam mais do que a matéria, preciso era que se apresentasse uma figura *material* da outra vida, a respeito da qual nada perceberiam, se lhes fosse mostrada em toda a sua espiritualidade.

Os *mistérios* do reino dos céus, os *segredos* do reino de Deus eram os *meios*, desconhecidos até então, de chegar-se àquela felicidade.

Antes das revelações feitas por Jesus, os homens nenhuma idéia clara formavam da outra vida. Por muito vaga, a intuição que dela tinham os havia deixado na indiferença, relativamente à existência e à felicidade que poderiam esperar no além-túmulo. Jesus veio levantar o véu e esclarecer as inteligências. Mas, apenas uma ponta do véu foi levantada; a *luz* permaneceu *velada*. Continuamos *hoje* a levantar o véu que vos oculta a outra vida. Conquanto ele não tenha sido ainda *totalmente* erguido, já a luz brilha com mais vivo fulgor, com o fulgor que os vossos olhos, tornados mais fortes, já podem suportar. Ela, porém, ainda não brilha em todo o seu esplendor, porque ainda não estais bastante maduros para uma revelação *completa*. Bem orgulhoso seria aquele que pretendesse haver sondado a profundidade desses mistérios, impenetráveis para as vossas inteligências humanas. Esperai: quando atingirdes a idade da razão, obtereis, vós espíritas, todas as revelações do mundo invisível. Preparai os vossos corações, alargai o âmbito da vossa ciência, desenvolvei as vossas inteligências e, *em chegando o momento*, conhecereis *todos os mistérios do reino dos céus, todos os segredos do reino de Deus*.

Conhecê-los-eis quando houverdes alcançado uma purificação moral completa e quando, sob a influência e o desenvolvimento progressivo dessa purificação moral, houverdes, também progressivamente, aprendido a conhecer a onipotência de Deus, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinitas, suas vontades e suas obras na imensidade; quando houverdes adquirido a ciência dos elementos e das propriedades de ação dos fluidos, no que concerne à vida e à harmonia universais, a ciência dos meios que se

devem empregar para a obtenção das graças do Senhor, debaixo do ponto de vista do bem, que leva à felicidade, e do mal que, não evitado, leva à punição.

Ao que tem, mais ainda se dará e ele ficará na abundância. (MATEUS, v. 12; MARCOS, v. 25; LUCAS, v. 18).

Sabendo, como sabeis, que o Espírito, ao revestir um invólucro de carne, traz consigo o tesouro que pôde acumular nas suas existências anteriores, facilmente compreendereis que esse tesouro tanto mais depressa aumentará, quando mais sólidas forem as bases sobre que se constituiu. Aquele que nasce com o desejo ardente de rapidamente progredir se esforçará pelo conseguir e a luz lhe será tanto mais abundante, quanto maior seja o ardor com que deseje vê-la. Já o dissemos e repetimos, atentai bem: muito será dado ao que já tem e ele ficará na abundância, isto é: aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados receberá amparo.

Mas ao que não tem se tirará mesmo o que tem (MATEUS, v. 12 e MARCOS, v. 25). E ao que não tem se tirará até o que ele julgue ter. (LUCAS, v. 18).

Estas palavras precisam ser entendidas *segundo o espírito* e não *segundo a letra*, pois que, dirigindo-se aos discípulos e à multidão, disse Jesus: *Ouçá quem tiver ouvidos de ouvir.*

O fim com que foram pronunciadas era tornar mais frizante, para as inteligências humanas, o pensamento de quem as proferia. Jesus *assim* se exprimiu para dar mais força à imagem.

Todo Espírito encarnado possui alguma coisa. Por pouco que haja progredido antes de chegar ao vosso planeta, sempre *tem* algum progresso feito.

O pensamento *velado* do Mestre era este: "àquele, que tem pouco, se tirará mesmo o que tenha; ao que nada tem, mas julga ter, se tirará mesmo o que julgue *ter*".

Ao que tem pouco se tirará mesmo o que tenha, porque, conforme já o dissemos, indiferente ao que obteve, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as más paixões se apoderem do seu coração, que os vícios e males, que o oprimirão durante séculos, tomem o lugar das virtudes em cuja posse já estivesse. Efetivamente, da negligência na prática do bem nascem as raízes do mal. Quando, por indiferença, recusais a esmola ao desgraçado, não é porque seja mau o vosso coração que assim procedeis, sim por uma espécie de lassidão de espírito, que vos impede de atentar no bem que teríeis podido fazer. Faltais à caridade. Aquele que, verificando ser mau o caminho por onde entrou, não trata, por indiferença, de se retirar dele, cai em todos os precipícios que o margeiam. Aquele que não é devotado se torna egoísta. O que não é caridoso se torna insensível. O que não é humilde de coração e de espírito se torna vaidoso e orgulhoso. O que não é submisso à vontade de Deus se torna rebelde e murmura contra seus decretos. O mal nasce sempre da negligência em praticar o bem. O Espírito não retrograda, mas permanece estacionário, o que equivale a uma retrogradação, pois que ele é de essência ativa e progressiva.

Ao que tem pouco se tirará mesmo o que tenha.

Aquele que não entesoura, que, ao começar a sua vida humana, pouco traz das anteriores existências, enlanguesce cada vez mais. Nenhum desejo nutre de progredir e, como nada adquire, *perde*, por isso que, para o Espírito, o estacionamento se torna, ao cabo de algum tempo, fonte de dores e remorsos.

Tendes por destino progredir sem cessar; ide para diante. Pedi, pedi sempre, mas com humildade de coração e de espírito, desinteressadamente, sem outro móvel que não seja o amor a Deus e ao próximo, sem outro desejo que não o de progredir moral e intelectualmente, de trabalhar só para Deus, auxiliando o progresso moral e intelectual de vossos irmãos. Pedi, pois que, quanto mais pedirdes, tanto mais vos será concedido; quanto mais vos esforçardes, tanto mais se aplanarão as dificuldades. E neste sentido *que mais se dá ao que já tem* e que, de certo modo, se tira àquele que nada tem. Melhor falando: este é quem tira de si mesmo, porquanto a falta de progresso representa, para o Espírito, perda cem vezes maior do que, para o usurário, a do seu tesouro.

"E àquele que nada tem, mas que julga ter, se tirará MESMO O QUE julgue ter."

Por estas palavras queria Jesus combater o orgulho inato nos homens, os quais, por pouco que valham, se atribuem um valor fictício, muito acima do seu valor real.

Depois da morte, o Espírito, ao fim de certo tempo, vê claramente o que é e o que vale. O orgulho, considerado do ponto de vista dos obstáculos que opôs ao seu progresso e das faltas a que o arrastou, se lhe torna então uma fonte de dores e de remorsos. *É também neste sentido que ao que nada tem, mas julga ter, se tira*, de certo modo, o que julgue ter. Ou antes: é ele próprio quem tira de si, aos golpes da expiação.

"Eis porque lhes falo por parábolas: é que, vendo, eles não vêem, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. Com relação a eles se cumpriu esta profecia do profeta Isaías: "Escutareis com os ouvidos e não entendereis: olhareis com os olhos e não vereis. O coração deste povo se embotou, os ouvidos se lhe tornaram surdos e os olhos se lhe fecharam, para que não veja com os olhos, não ouça com os ouvidos, não compreenda com os corações e, não se

convertendo, não seja curado por mim." (MATEUS, v. 13, 14 e 15). Mas, para os que são de fora. tudo se faz por parábolas, a fim de que, vendo, vejam e não vejam, ouvindo, não ouçam nem compreendam; para que não se convertam e os pecados lhes sejam perdoados. (MARCOS, v. 12 e 22). Mas, aos outros, só por parábolas se lhes fala do reino de Deus, a fim de que, tendo olhos, não vejam e, tendo ouvidos, não compreendam. (LUCAS. v. 10).

A interpretação dessas palavras de Jesus foi falseada pela significação dos vossos vocábulos, assim como pelas repetições e traduções.

Vamos dar-vos, sem a menor incerteza quanto à inteligência dos textos, o *pensamento* do Mestre e o *sentido* das suas proposições.

Repetindo-o, diremos: *Ouçã quem tiver ouvidos de ouvir; porquanto*, suas palavras, compreendidas *em espírito e em verdade*, não poderiam desmentir e não desmentem os atos de toda a sua vida, *tida por humana pelos homens*.

Para Jesus, pastor das almas transviadas, os homens daquela época se assemelhavam a frutos verdes que, expostos aos raios de um sol demasiado ardente, secam, em vez de amadurecer, razão por que o pomareiro trata de os abrigar dos ardores solares, a fim de que tenham tempo de desenvolver-se. Chegados ao *ponto* de maturação, o calor, a que com arte foram subtraídos, acabará de dourá-los com seus raios benéficos.

Muitos são chamados e poucos os escolhidos, disse Jesus, mas não *no sentido* que, interpretando-as de um ponto de vista humano, a Igreja romana deu a essas palavras, isto é: não *no sentido* de que o Mestre atraiu todos os homens para junto de si, com o fim de escolher um pequeno número deles e deixar que os restantes, em grandes massas, fossem levados para essas regiões de dores onde só se ouvem prantos e ranger de dentes. Ao contrário, os homens, frutos verdes

e duros, se aproximavam lentamente do sol benfazejo que os havia de desenvolver e madurar e que, para consegui-lo, atenuava o seu brilho e o seu calor.

Falais porventura a uma criança como falais a um homem? Podeis expor à criança as questões morais e filosóficas que lhe fareis compreender quando chegar aos vinte anos? Não. À criança falais de modo apropriado à sua inteligência que desponta, deixando-lhe, contudo, entrever que mais tarde direis muitas outras coisas, fazendo-lhe ver que a sua pouca idade a torna incapaz de apreender um raciocínio. Será com o propósito de lhe retardar o desenvolvimento que procedeis assim? Será porque, uma vez homem, este seja incapaz de compreender, de se instruir? Não. É que o fruto está verde e por isso o abrigais do calor e da luz, temendo que o excesso destes dois princípios benéficos, atuando muito cedo, o estiole em vez de o fortificar.

Jesus, que era a bondade por excelência, não podia, bem o deveis compreender, privar *voluntariamente* as criaturas humanas da salvação que ele mesmo lhes trazia. Ao contrário, para não as arrastar a faltas, deixava sempre aos Espíritos indolentes o recurso de não lhe compreenderem as palavras. Assim, as que se lêem acima, constantes nos citados versículos de Mateus, Marcos e Lucas, não devem ser encaradas senão como uma forma de falar às inteligências dos homens de então.

Os apóstolos, surpreendidos ante aquela linguagem *velada*, que se lhes afigurava *confusa*, procuraram a explicação do fato. A Jesus, porém, não era dado patentear-lhes o motivo por que assim procedia, uma vez que, tendo *também eles* de ser instrumentos da obra, só recebiam o que podiam e deviam suportar no momento, para o bom êxito da mesma obra, mediante o desempenho de suas missões, no meio que

lhes estava *preparado*. Assim sendo, o Mestre lhes deu uma razão capaz de satisfazê-los, de os mover à piedade para com os que ele intencionalmente deixara na obscuridade da parábola e de os encher do mais ardente amor e do mais vivo reconhecimento para com aquele que os escolhera, a fim de os iniciar.

É evidente que quem viera para ensinar aos homens a expiação de suas faltas não iria voluntariamente obstar a que os culpados obtivessem o perdão de seus pecados. Mas, onde não houver arrependimento, não pode haver remissão de faltas. Jesus, prevendo as recaídas, evitara incorressem em mais grave falta os que, num ímpeto ardoroso e irrefletido, entrassem pelo novo caminho que se lhes abria. De fato, esses, embora aos olhos dos homens parecessem merecer a remissão de seus pecados, em falta mais grave incorreriam, porque, não tendo consistência nem fundo as suas novas crenças, eles de pronto cairiam num estado pior do que o precedente, tornando-se merecedores de mais severo castigo. Jesus cuidava de lhes poupar mais duras reprimendas. Com a sua bondosa providência, poupava aos rebeldes as probabilidades de queda e, aos ingratos empedernidos, ensejo de praticarem novas ingratidões.

Como podeis imaginar, os milagres que o Cristo operava nos doentes grande influência tinham nos Espíritos. Muitos, porém, dos que no momento ficavam impressionados, se atinham apenas ao ato material e, assim como em geral pouco reconhecidos vos mostrais ao hábil cirurgião que vos livrou de um mal perigoso, também os doentes curados pelo médico das almas depressa esqueciam os socorros materiais e morais que dele recebiam. Jesus, por isso, evitava os "milagres" e usava de linguagem velada, sempre que falava onde sabia que suas palavras e seus atos não dariam fruto, tal a esterilidade da terra, capaz unicamente de produzir flores efêmeras.

Espiriticamente o mesmo sucede. O Espírito encarnado que contorna a luz, sem procurar aproximar-se dela, será apenas punido pela sua indiferença. Mas, aquele que, atraído pelo clarão bendito, começa a se esclarecer e depois fecha os olhos e recua, terá que expiar a sua inconstância e a traição que praticou consigo mesmo. Não é que o Senhor lhe faça cair sobre a cabeça, especialmente, o peso da sua justiça. Ele expiará pelos remorsos, pela incessante visão do bem que teria feito, do progresso que teria realizado, os quais brilharão sem cessar aos seus olhos, como a presa que foge no momento em que vai ser apanhada.

A ninguém é lícito recuar, já o temos dito. Uma vez que entrastes no caminho, tendes que avançar constantemente, estendendo as mãos para a direita e para a esquerda, a fim de levardes convosco os que não possam ir sozinhos. Procedei, pois, com prudência e reflexão e dizei sempre aos que queiram seguir-vos: caminharemos continuamente para diante; quem pára — recua e quem recua — cai.

(V. 16 e 17 de Mateus e 23 e 24 de Lucas). Dizendo o que consta destes versículos, Jesus aludia ao Espírito encarnado. Os profetas e os justos de quem ele fala previam a vinda do Messias e felizes teriam sido, se ela se houvera verificado durante o tempo da encarnação deles.

"O caminho a cuja margem a semente caiu são aqueles que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, que a escutam e de cujos corações, mal a têm escutado, o Espírito maligno, satanás, o diabo a vem arrancar, pelo temor de que esses, crendo, se salvem." (MATEUS, V. 18 e 19; MARCOS, v. 15; LUCAS, VIII, v. 12).

"A *palavra do reino*" — quer dizer: os ensinamentos dados por Jesus para que os homens aprendessem a merecer o reino dos céus. Conquanto não

fosse o próprio Deus, ele podia dizer que personificava a palavra dos céus, por ser de Deus o *órgão* que se fizera carne, no *entender dos homens* que o *julgavam* encarnado, *como eles*, num invólucro corporal humano, mas que, na realidade, se fizera *carne*, encarnando *apenas visualmente* num perispírito tangível, num corpo perispíritico incorruptível. Quanto às expressões — *Espírito maligno, satanás, diabo*, empregadas para exprimir a mesma coisa, são sinônimas. Como já o temos dito, designam *figuradamente*, de modo *emblemático*, os Espíritos maus, Espíritos de erro e de mentira, Espíritos inferiores, impuros, levianos ou perversos.

Falando do *Espírito maligno*, de *satanás*, do *diabo*, que arranca do coração do homem a palavra do reino, "pelo temor de que, *crendo*, o homem se salve", aludia Jesus aos Espíritos maus que se congregam em torno dos que não lhes resistem e se esforçam por impedi-los de sair da situação precária em que se encontram.

A crença humana na personificação de *satanás*, do *diabo*, com seu inferno eterno, se originou da necessidade de materializar os símbolos, a fim de os tornar perceptíveis à matéria; foi um freio, um meio de infundir terror salutar, durante os séculos que a humanidade terrena tem atravessado.

Como impedir que o Espírito humano modifique as verdades ao sabor das suas necessidades? Como impedir que o homem explore o homem? que o inteligente domine o crédulo, que o forte esmague o fraco e que, para consegui-lo, empregue os meios a seu alcance? Qual o freio mais próprio do que o terror, para ser usado naquela época de ignorância e de barbaria, em que começou o reino de "*Lúcifer*"? O terror era o meio de que se podia lançar mão, tanto contra o forte quanto contra o fraco; era um jugo que

se aplicava *igualmente* a todas as frentes; era um freio que domava todas as naturezas.

Não reproveis que tal se tenha dado. O que, na antiguidade, se passou com os Hebreus e depois convosco tinha que ser assim. Impotentes teriam sido então a lei de amor e de meiga caridade que vos pregamos hoje, a lei natural e imutável da reencarnação, que vos revelamos, sem véu, em seu princípio e nas suas conseqüências, leis que, pela reparação, pela expiação e pelo progresso, vos mostram o caminho que tendes de percorrer, para entrardes, purificados e santos, no reino dos céus, isto é: para chegardes à perfeição; leis que vos mostram o Deus de amor, o Deus paternal e bom conduzindo-vos pela sua onipotência ao seu seio, sob a ação da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia infinitas.

Ao fogo das paixões humanas foi preciso contrapor um fogo ainda mais ardente, capaz de abalar aqueles homens de ferro que, sem isso, se houveram estrangulado uns aos outros desapidadamente.

O que se deu tinha que se dar. A fonte era boa, *mas o homem a turvou e o lodo das paixões humanas continuou a escurecê-la.*

Hoje, pela nova revelação, restituímos ao manancial a sua limpidez de outrora e a fonte de vida, em vez de se despenhar sobre pedras que seriam arrastadas pela torrente, vai deslizar tranqüila e clara por sobre dourado saibro que lhe formará o leito.

Nada mais dos vãos temores, úteis todavia naqueles bárbaros tempos! Abaixo a exploração do homem pelo homem! O ignorante deixará de ser presa do instruído, porquanto a ciência tem que se universalizar; o forte não mais esmagará o fraco, porquanto a força do primeiro não servirá senão para amparar o segundo; o poderoso não mais pisará a frente do pequenino, porquanto, ao contrário, se abaixará cheio

de solicitude para tomar o outro nos braços e ajudá-lo a erguer a cabeça para o céu.

Cada século tem tido suas criações, destinadas todas ao progresso da humanidade. Comparai, julgai, aproveitai, mas não reproveis.

"O que sucede ao grão que cai em terreno pedregoso, onde há pouca terra, é o que se dá com aquele que ouve a palavra e a recebe com mostras de alegria no primeiro momento; não tendo ela, porém, raízes em seus corações, esses só por pouco tempo crêem: sobrevindo a tentação, eles se afastam, retrocedem e, em chegando as tribulações e perseguições, logo se escandalizam." (MATEUS, v. 20 e 21; MARCOS, v. 16 e 17; LUCAS, v. 13).

Os que, *sobrevindo a tentação*, se afastam, recuam, são os que cedem desde que se lhes apresente *oportunidade de reincidirem nos seus antigos transviamentos*, tornando-se rebeldes e surdos à palavra de Deus, deixando-se levar de novo pela corrente de seus erros e faltas, influenciados pelos maus Espíritos, que seus maus pendores atraem e aos quais não sabem resistir.

Os que de pronto escandalizam, logo que cheguem as tribulações e perseguições por causa da palavra, são os que, baldos de energia, se impressionam ou amedrontam com as tribulações e perseguições e se retiram.

Com relação aos apóstolos e discípulos, Jesus aludia às tribulações e perseguições físicas e morais.

Com relação aos espíritas, as tribulações e perseguições são todas de ordem moral: são o ridículo, que muitos se esforçarão por lançar sobre a doutrina e seus sectários. Dizemos *sectários*, aludindo à falsa opinião, geralmente espalhada, de que vós, que *simplesmente* procurais a luz e a verdade, seguindo o caminho traçado por Jesus, formais uma *nova seita*.

Aquelas tribulações e perseguições são ainda os mil obstáculos que se vos opõem, que se vos oporão por mais algum tempo, pois que, até aqui (1), amigos, caminhastes sobre rosas, apenas alguns espinhos apareceram. Vem próximo o momento das contrariedades sérias *para a humanidade*. A Igreja e seus adeptos se elevarão como barreiras, para vos deterem os esforços, barreira que será tanto mais temível, quanto parecerá que se some à vossa aproximação, para logo adiante se erguer mais ameaçadora. Vãos, porém, serão seus esforços. Contra ela se voltará o ridículo de que faz arma para vos combater. Sobre ela recairá o anátema que lançará sobre vós. Vê-la-eis, *um dia*, humilhada ante a inutilidade dos seus esforços, abrir-vos as portas e pedir-vos a luz que hoje tenta abafar em trevas.

É destas pequenas oposições que se amedrontam os que, baldos de energia, não ousam afrontar a opinião pública, quando a sentem contrária, fraqueiam na guerra de família que se vem travando e que cada vez mais ardente se tornará, guerra que nos faz hoje dizer-vos, *como Jesus*: não vos trazemos a paz e sim a divisão.

Não se tornem, pois, pedra de escândalo os que se encontram às voltas com essas oposições domésticas e não abandonem a pugna, se não querem perder a parada. Para vós, espíritas, a parada é a paz, é o progresso, é um adeus definitivo às misérias do vosso mundo. Não abandoneis, pois, a luta. Oponde a doçura aos ataques íntimos; a razão, a firmeza e a dignidade aos ataques exteriores. Tende por divisa: paciência e resignação.

Sustentados pela fé, vencereis todos os obstáculos que vos criem. Sob os vossos passos, eles se desman-

charão como montículos de areia. Coragem! não escandalizeis, pois não tendes o direito de retirar-vos.

"O grão semeado entre os espinheiros representa aquele que ouve a palavra, mas deixa que os cuidados do século, as preocupações, a ilusão das riquezas, os prazeres da vida e as outras paixões a abafem e impeçam de dar frutos." (MATEUS, v. 18; LUCAS, v. 14).

Aqueles em quem *desse modo* a palavra é abafada e não dá frutos são os que tudo sacrificam aos instintos e apetites materiais, que dão causa à predominância da matéria sobre o Espírito, ou mesmo à escravização do Espírito à matéria.

"Os que são designados pela terra boa onde é semeada e cai uma parte dos grãos, são os que escutam a palavra de Deus, a compreendem, aceitam, guardam, põem em prática e fazem germinar pela paciência e frutificar na proporção de cem, de sessenta, de trinta por um." (MATEUS, v. 23; MARCOS, v. 20; LUCAS, v. 15).

A boa terra são os que, de conformidade com o seu desenvolvimento intelectual e moral, se esforçam por pôr *em prática* a palavra de Deus semeada primeiro pelo seu Cristo, depois pelo Espírito da Verdade. São os que a fazem germinar pela paciência, isto é: são os que, tendo maus pendoros a combater, se aplicam com toda a perseverança em os combater e substituir pela boa semente.

A lei de amor é isenta de egoísmo. Jesus pregava às multidões, para que suas palavras fossem ouvidas e encontrassem a terra boa.

Do mesmo modo, vós outros, novos discípulos do Mestre, deveis hoje elevar a voz, sempre que puderdes esperar que ela seja ouvida.

O grão produzido pela semente lançada em terra boa tem que ser por sua vez semeado, a fim de que produza colheita abundante, eis o pensamento de

Jesus. Aquele, pois, que representa a boa terra, de cujo seio brotou o bom grão, deve fazer a colheita e empregá-la, semeando nos seus irmãos os grãos colhidos, o que quer dizer: operar neles, *primeiro* pelo exemplo, *depois* pelo ensinamento, pela palavra, o desenvolvimento intelectual e moral que adquiriu.

MATEUS, Cap. XIII, v. 24-30*Parábola do joio semeado entre o trigo*

V. 24. E lhes propôs outra parábola, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou bom grão no seu campo. — 25. Enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e se foi embora. — 26. A plantação do homem germinou, cresceu e deu espigas, mas com ela cresceu também o joio. — 27. Os servos do pai de família vieram dizer-lhe: Senhor, não semeastes bom grão no vosso campo? Como é que nele há joio? — 28. Ele lhes respondeu: Foi um inimigo quem o semeou. Os servos lhe perguntaram: Quereis que vamos arrancá-lo? — 29. E ele respondeu: Não; receio que, arrancando o joio, arranqueis ao mesmo tempo o trigo. — 30. Deixai que um e outro cresçam juntos até à ceifa; quando chegar a ocasião de ceifar, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiramente o joio e atai-o em feixes para ser queimado; o trigo empilhai-o no meu celeiro.

N. 165. Os Espíritos não se acham todos no mesmo grau de desenvolvimento. Entre vós, uns são elevados, enquanto que outros se encontram no início de suas provações morais. Assim sendo, fora cabível que, para operar-se a renovação de vossa geração espiritual, se condenasse toda a geração material a perecer num novo dilúvio, semelhante ao de que falam os antigos? Não. O joio cresce ao lado do bom grão. Depois, *em cada colheita*, o joio, para se purificar, é lançado ao fogo da expiação, ao mesmo tempo que o bom grão é guardado nos celeiros do Senhor.

Não vos equivoqueis quanto ao sentido das nossas palavras ao falarmos do dilúvio *tal* como é *figurado*. Quisemos *tão-somente* apresentar-vos ao espírito a idéia de uma calamidade geral.

Se o dilúvio se houvera produzido nas condições em que o narram as tradições, não diríamos — *semelhante ao de que falam os antigos*. Não, não houve dilúvio, não houve cataclismo completo; houve apenas renovamentos parciais. As transformações sucessivas, por que a terra tem passado, desde que saiu do estado de fluidez incandescente até os vossos dias, são a obra de *preparação* e de *progresso* graduais dos reinos mineral, vegetal e animal e ainda do reino humano, à qual se seguirá, no futuro, a obra de depuração e transformação, por meios progressivos, novos, graduais, insensíveis e contínuos, dos fluidos planetários, minerais, vegetais, animais e humanos. Os elementos têm que mudar de natureza em cada nova fase que a humanidade atravessa. As matérias se depuram e progridem sob a ação espírita e o solo tem que satisfazer às necessidades das gerações humanas que o habitam.

As expressões — "*o inimigo do pai de família*", "*o inimigo*" (v. 25 e 28), indicando aquele que semeou o joio, eram as que estavam ao alcance dos homens a quem Jesus se dirigia. Não se fazia mister compreendessem o que lhes dizia o Mestre?

Este, servindo-se delas, aludia às inteligências do mal, encarnadas ou não, que trabalham por destruir no coração do homem as sementes que os bons Espíritos aí lançaram. O joio pode crescer ao lado do bom grão, porque este, ou seja — o coração puro, repele a semente má. O contacto com esta, portanto, nenhum prejuízo lhe acarreta.

A pergunta dos servos: "*Quereis que vamos arrancar o joio?*" respondeu o pai de família: "Não; receio que, arrancando o joio, arranqueis ao mesmo tempo o trigo (v. 28 e 29).

Ao compor este ponto da parábola, teve Jesus em mira refrear o zelo dos apóstolos que, levados pelo desejo de fazer progredir a humanidade, poderiam ir

longe demais. A força de quererem reprimir os abusos, poderiam chegar ao extremo de amedrontar os homens retos, porém simples, e de os afastar.

Nesse ponto dava ele ainda um ensinamento para o futuro. No ensinar as verdades eternas, toda a ciência está em apropriá-las às inteligências que as tenham de receber. Não sendo assim, um, por exemplo, que teria aceitado a moral, se lhe houveram apresentado sob aspecto condizente *com o seu ponto de vista*, dela se afasta e a repele, *ou* ofuscado pela intensidade da luz que a envolve, *ou* atemorizado com as grandes dificuldades que lhe ela deixa antever.

(V. 30). A ceifa, de que fala a parábola, se dá na ocasião em que os Espíritos voltam à sua condição de origem, isto é: em que voltam ao estado de Espíritos, despojando-se de seus invólucros carnis. Regressando ao mundo espiritual, eles o fazem, *ou no estado de joio* que tem de ser queimado, *ou* no de bom grão que será recolhido ao celeiro do pai de família. Verifica-se a primeira hipótese, quando vão sofrer, na erraticidade, a expiação, a depuração pelo fogo das torturas morais e depois a reencarnação em mundos inferiores ao vosso, *ou* mesmo no vosso, conforme às tendências e à culpabilidade, para o fim de resgatarem as faltas e de progredirem mediante novas proações. A segunda hipótese se verifica quando merecem ir para mundos superiores ao vosso, onde continuarão a aperfeiçoar-se e a progredir.

Encarada por este duplo aspecto, a ceifa já foi, está sendo e será feita ainda durante longo tempo.

Por outro lado, considerada destes dois pontos de vista, a época da ceifa definitiva será, com relação ao vosso planeta, aquela em que ao joio não mais se permita crescer aí de envolta com o trigo, em que o primeiro será arrancado e lançado fora, pela expulsão

de todos os Espíritos que se tenham conservado culposos e rebeldes, os quais se verão compelidos a afastar-se desse mundo e a ir para mundos inferiores, desde que na terra não deva mais crescer senão o bom grão, desde que ela tenha passado a fazer parte do reino de Deus, o que quer dizer, desde que se haja tornado, exclusivamente, morada de bons Espíritos.

Os ceifeiros, no caso, são os Espíritos superiores, aos quais incumbe velar pelas expiações dos Espíritos culpados, na erraticidade, e classificar os que, por terem cumprido suas provas, mereceram ascender a mundos mais elevados do que o vosso.

**MATEUS, Cap. XIII, v. 31-35. —MARCOS,
Cap. IV, v. 26-34. —LUCAS, Cap. XIII, v. 18-22**

*Grão de mostarda. — Fermento da massa. —
Semente lançada à terra*

MATEUS: V. 31. Propôs-lhes uma outra parábola, dizendo: O reino dos céus se assemelha ao grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. — 32. Esse grão, que é a menor de todas as sementes, quando cresce, torna-se planta maior do que todas as outras, torna-se árvore em cujos ramos os pássaros do céu vêm habitar. — 33. Disse-lhes também esta outra parábola: O reino dos céus se assemelha ao fermento que uma mulher toma e mistura com três medidas de farinha até que a massa fique inteiramente levedada. — 34. Jesus disse por parábolas todas essas coisas à multidão; não lhe falava sem parábolas — 35, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta: Abrirei minha boca para falar por parábolas; revelarei coisas que estão ocultas desde a formação do mundo.

MARCOS. V. 26. E dizia: O reino de Deus é como quando um homem lança à terra a semente. — 27. Quer o homem durma, quer vele dia e noite, a semente germina e cresce sem que ele saiba como; — 28, pois que a terra, por si mesma, produz primeiro a erva, depois a espiga e afinal o grão que cobre a espiga. — 29. E, amadurecido o fruto, passa-se-lhe a foice, pois é esse o momento da ceifa — 30. E dizia: A que compararemos o reino de Deus? Por que parábola o representaremos? — 31. Ele se assemelha a um grão de mostarda que, ao ser semeado, é a menor de todas as sementes que existem na terra. — 32. Uma vez, porém, semeada, ela cresce e se torna maior do que todos os arbustos; dá galhos tão grandes que os pássaros do céu se podem abrigar à sua sombra. — 33. E assim lhes falava por muitas parábolas, de acordo com o que eles podiam entender — 34. Não lhes falava sem parábolas; mas, a sós com os discípulos, tudo lhes explicava.

LUCAS: V. 18. Dizia: O reino dos céus a que se assemelha e com que o compararei? — 19. Assemelha-se ao grão de mostarda que o homem toma e planta no seu horto; ele germina, cresce e se torna árvore grande, em cujos ramos pousam os pássaros do céu. — 20. E repetiu: Com que compararei o reino de Deus? — 21. Ele se assemelha ao fermento que uma mulher toma e mistura com três medidas de farinha até que a massa fique completamente levedada. — 22. E assim ia ensinando pelas cidades e aldeias a caminho de Jerusalém.

N. 166. Assemelhando e comparando, na parábola, o reino dos céus ao grão de mostarda, Jesus mostrava à multidão que, por mínimo que seja o ponto donde se parta para chegar ao céu, ele se pode desenvolver e produzir grandes resultados.

Esses o objetivo e a razão de ser da parábola do grão de mostarda, aplicada à época em que Jesus falava.

Seu pensamento, porém, abrangia o presente e o futuro. Despojando da *letra o espírito* e apreciando-a *do ponto de vista espírita*, ela comporta uma explicação mais ampla. A comparação do reino dos céus com um grão de mostarda, que se torna árvore grande, em cujos ramos os pássaros do céu vêm habitar, encerra uma figura alegórica. Nessa figura, o *grão de mostarda* representa o ponto de partida, a origem, o gérmen do planeta e da humanidade terrena, o *estado rudimentar* de um e outra; o *crescimento* oculto do grão, sua *afloração*, seu *desenvolvimento* e sua *transformação* em *árvore* simbolizam as fases por que passou, no estado latente, o vosso planeta durante a sua formação, que se operou, de acordo com as leis naturais e imutáveis, sob a ação espírita dirigida pela vontade inabalável do Senhor onipotente; simbolizam as fases da formação dos reinos mineral, vegetal, animal e humano, as do aparecimento, desenvolvimento e progresso desses reinos, as de depuração e

transformação física do planeta e de transformação física, intelectual e moral da humanidade. *Os ramos da árvore, onde os pássaros do céu virão habitar*, indicam o grau de desenvolvimento que o planeta tem de atingir para se tornar morada de paz e de felicidade, que os Espíritos purificados virão habitar, para com ela continuarem *a progredir* por uma nova via ascendente, que os levará à perfeição, mediante o auxílio e o concurso dos Espíritos do Senhor, sob a direção do Mestre.

Formulando a parábola em que comparava o reino dos céus, o reino de Deus ao fermento que se mistura com três medidas de farinha para fabricar uma massa inteiramente levedada, figurou Jesus, para que os homens o compreendessem, o trabalho, secreto mas contínuo, da semente regeneradora que ele lançava nos corações. Os séculos a desenvolveram, mas, na maioria dos homens, ela apenas aflora. Quão longe estais ainda da época em que essa semente, como o grão de mostarda, se tornará árvore em cujos frondosos galhos se abrigarão os fiéis!

Precisando na parábola o número de medidas de farinha a serem misturadas com o fermento, Jesus só o fez para apropriar sua linguagem aos costumes da época. Aquela quantidade de farinha era a que as donas de casa levedavam de cada vez.

Tirando-se da *letra o espírito* e considerando-se a parábola do ponto de vista espírita, o reino dos céus, o reino de Deus, que nela é comparado ao fermento com que se leveda a massa de farinha, representa aquela semente que, pela sua doutrina moral, pelos seus atos, palavras e ensinamentos, Jesus lançou nos corações e que, por um trabalho secreto e contínuo, no passado, trabalho que no presente vimos ativar mediante a nova revelação e que prosseguirá no futuro, elevará o Espírito, fazendo-o atingir a perfeição, graças à qual Ihe será dado gozar da felicidade

divina, onde quer que seja. A levedação da massa representa a meta que estará alcançada pelo Espírito quando houver adquirido aquela elevação, aquela pureza.

Todos tendes nos vossos corações a levedura que o Senhor neles depositou. Esperamos que a fermentação que provocamos e ativamos, na medida do que nos é prescrito, faça chegar a levedação da massa ao ponto que deve atingir. O fermento ainda se acha na massa e muito tempo passará até que ela fique inteiramente fermentada. Dizemos, *como dizia Jesus*: nossas palavras não passarão, mas as vossas gerações humanas se sucederão em grande número, antes que o fermento haja acabado de levedar a massa.

Regular tem *que ser a* marcha do progresso daqui por diante, como regular foi até aqui, idêntica, embora inversa, à da bola que desce da montanha. De fato, enquanto que a bola desce, o progresso inversamente galga a montanha. Seus passos são, a *princípio*, lentos e penosos; mas, pouco a pouco, vencidas as primeiras dificuldades, ele abre passagem mais facilmente e acaba por descobrir, cavado na rocha, o carreiro que o conduzirá ao cume. Desde então acelera a marcha e, aos saltos, como cabrito que caçadores perseguem, se lança em desabalada corrida, transpõe todos os obstáculos e chega afinal ao sítio bendito que buscava.

A marcha da bola que desce da montanha — símbolo do progresso que a galga — foi a *princípio* lenta, depois se acelerou pouco a pouco e, agora que chegou quase à metade do percurso que tem de fazer, sua rapidez aumenta na razão da impulsão inicial que recebeu. Em breve, descenderá aos saltos para atingir o termo da descida. Mas, repetimos: por ora, ela se acha apenas a meio do percurso.

Não vos deis pressa, pois, em *acreditar* num próximo renascimento do vosso mundo. Trabalhai

com zelo pela melhoria moral e intelectual dos homens e, quando o trabalho *moral* se adiantar (não estais sequer no começo da obra e sim, apenas, no da sua concepção), vereis que o aspecto físico do planeta mudará. Antes, porém, que a habitação seja reconstruída segundo novos planos, mister se faz que os habitantes se achem em condições de nela entrar. Tudo se encadeia na obra divina: ao que é matéria só a matéria convém. Quando, progredindo *moralmente*, houverdes chegado a viver mais a vida espiritual do que a vida animal, vereis que o aspecto do vosso planeta irá mudando *gradualmente*. Sua constituição material se aperfeiçoará na mesma gradação. Mudando de natureza as necessidades do homem, outra passará a ser a destinação dos produtos do solo. A matéria não foi criada para o Espírito e sim para o corpo. Quanto menos a carne imperar em vós, tanto mais diminuirão as necessidades materiais e tanto mais, por conseguinte, o planeta se modificará, para adaptar-se às mudanças operadas na vossa natureza. Tanto a terra como a humanidade têm por destino progredir, sem cessar, para condições fluidicas. Esse o objetivo universal.

Comparando o reino de Deus à semente que o homem lança à terra e dizendo: *Quer ele durma, quer vigile noite e dia, a semente germina e cresce sem que o homem saiba como, pois que a terra produz, por si mesma, primeiro a erva, depois a espiga e finalmente o grão que cobre a espiga; e, quando o fruto está maduro, passa-se-lhe a foice, pois é esse o momento da ceifa*, Jesus mostrava que o Espírito do homem tem que passar, como a semente lançada à terra, pelas fases de germinação, de crescimento, de transformação, de desenvolvimento, de frutificação e tem que atingir a maturidade moral e intelectual, a fim de se pôr, chegado o tempo da ceifa, ao alcance das mãos dos ceifadores incumbidos da colheita para o reino de Deus.

"Quer o homem durma, quer vigile noite e dia, ela germina, e cresce, sem que ele saiba como", disse-o Jesus, falando da semente lançada à terra, porque, na época da sua missão, os homens e especialmente aqueles que o ouviam cuidavam pouco de remontar à origem das coisas, de aprofundá-las para lhes seguirem a marcha. Notai que de todos os povos da antiguidade, o povo hebreu era um dos mais ignorantes. Aceitava, embora com repugnância, os progressos que se lhe impunham, já realizados, mas tão orgulhoso se mostrava da sua raça, que nada procurava alcançar por si mesmo.

Até hoje a semente divina germinou e cresceu sem que o homem soubesse como: o progresso se efetuou, sem que ele soubesse quais os *secretos caminhos* que lhe eram abertos pela influência oculta dos Espíritos do Senhor, secundados pelos Espíritos em missão na terra.

O homem, não fora a sua apatia, desde muito tempo houvera podido observar o trabalho da semente divina. Mas, à semelhança dos Hebreus orgulhosos e fátuos, os que obtiveram a semente deixaram-na crescer sem perscrutarem esse fenômeno.

A nova revelação, esclarecendo-vos acerca das influências que vos cercam, vem iniciar-vos nos meios de realizardes o vosso progresso e pôr-vos nas condições de compreenderdes os fenômenos da germinação e do crescimento da semente divina.

Nasça ou morra o homem, durma ou vele, o progresso continuará a sua marcha. Com o tempo e mediante a expiação e a reencarnação, o progresso dos culpados e rebeldes se operará, a luz espírita brilhará na terra e iluminará os passos de todos os homens. Ai dos que se conservarem voluntariamente cegos! Também eles progredirão, mas, para acompanharem a marcha do progresso, terão que sofrer,

em planetas inferiores, as longas e dolorosas expiações que se houverem tornado necessárias a fazê-los melhorar moralmente.

Despido da *letra o espírito*, a parábola da semente lançada à terra é o emblema dos períodos que a humanidade terrena percorreu e transpôs na via do progresso, desde o aparecimento do homem na terra, assim como dos períodos que ela tem de percorrer e transpor para sua regeneração. O olhar profundo do Mestre sondava tanto o passado quanto o futuro. A erva que aflorou ao solo, produto da germinação da semente, designa o tempo escoado antes que Jesus aparecesse no mundo. A formação da espiga indica o tempo decorrido desde esse aparecimento, até os vossos dias. A formação dos grãos que cobrem a espiga, os próprios grãos já formados e o fruto ao qual, quando maduro, se passa a foice, por ser essa a época da ceifa, designam os tempos atuais e futuros da era do Espiritismo, que vem *preparar e efetivar a regeneração da humanidade* e as promessas que as proféticas palavras de Jesus encerram.

Desde que o homem apareceu na terra, o progresso das gerações humanas e a ampliação desse progresso, a germinação e o crescimento da semente que produz a erva e depois a espiga, foram auxiliados, de acordo com a vontade imutável de Deus, pela influência oculta dos Espíritos do Senhor, na erraticidade, e pelos Espíritos sempre superiores aos da massa geral dos homens, sucessivamente enviados em missão ao mundo, trabalhando uns e outros debaixo da direção do Mestre. Esses mesmos Espíritos vão agora auxiliar, conformemente à natureza e ao estado dos produtos, ao grau de fertilidade e de calor dos terrenos, a formação do grão, a maturação do que já esteja formado, a fim de que, em chegando a época da ceifa, por eles possa a foice passar, como já tem passado pelos que

hão amadurecido e passa pelos que vão amadurecendo, desde que a nova revelação espargiu a sua luz na terra, pois para esses chegou a ocasião da sega.

Neste momento o grão se está formando, o grão amadurece e, em certas partes escolhidas, já se acha maduro ou já foi ceifado. Compreendi bem o sentido das nossas palavras: o Espiritismo nasceu há algumas horas apenas; contudo, em muitos lugares o grão já não está formado? Noutros, não começaram já os raios benfazejos do sol da verdade a produzir a maturação de muitos corações? Finalmente, em certos lugares escolhidos, os ardores vivificantes deste sol não maduraram já algumas espigas que cuidadosamente colhemos? A seara não está ainda toda madura; *longe disso*. Mas já se fazem colheitas parciais e o vasto campo que o Senhor nos confia apresenta terrenos mais férteis e mais quentes, melhormente preparados para o amadurecimento dos frutos.

O sol da verdade doura as espigas que se formam e os grãos se desenvolvem. Submetei, portanto, ao calor de seus raios as espigas com que contamos, a fim de que vão madurando até ao momento em que se haja de fazer a colheita. Deixai que nelas penetrem as fecundantes ardências com que o Senhor as banha e cada espiga madura se confiará às mãos dos ceifeiros.

Quando os feixes de espigas escolhidas estiverem formados, lançaremos de novo na terra esses grãos fecundos e eles então, penetrados do amor divino, fornecerão abundantes colheitas e tornarão produtivos os mais ingratos terrenos. Preparai, pois, as espigas que terão de fornecer as sementes. A alegoria é clara; deveis compreendê-la: os grãos fecundos são Espíritos purificados que descerão à terra em missão, para ajudar os encarnados a progredir moralmente e intelectualmente e passar pelas suas provas, trilhando o caminho traçado por Jesus e iluminado pela nova revelação.

Vamos, filhos, purificai-vos, elevai-vos, curvai sempre as vossas frentes diante da majestade divina; abaixai-as tanto mais, quanto mais se houverem elevado os vossos corações.

Quando o fruto chega à maturidade, passa-se-lhe a foice, pois que chegou o momento da colheita, disse-o Jesus. Pois bem: quando estiverdes maduros, iremos buscar-vos para junto de nós, a fim de vos darmos, sob as vistas do Mestre e de acordo com a vontade do Senhor, as instruções que forem precisas para irdes auxiliar o amadurecimento do grão. E, passada por ele a foice, realizada a colheita, prepararemos a semente para a sementeira seguinte. Assim se efetivarão a depuração e o renovamento da geração humana.

Mateus, v. 34 e 35: O que, com relação à vida eterna, Jesus revelava aos homens sob o mistério e nas obscuridades da parábola, ainda não fora dito. Já vos explicamos esse ponto: os Hebreus acreditavam na imortalidade da alma, porém de modo vago; o Cristo veio dar corpo ao que não passava de uma sombra, tanto para os discípulos, como para os Judeus rebeldes.

"Jesus, diz MARCOS nos v. 34 e 35, falava aos da multidão e aos discípulos por muitas parábolas, de acordo com o que eles podiam entender; não lhes falava .sem parábolas: mas, longe da multidão, tudo explicava aos discípulos."

Ensinava aos discípulos o sentido em que *deviam* tomar as palavras que lhes dirigia; todavia, apenas lhes deixava entrever o que elas tinham de proféticas, não lhes dando *mais do que* eles podiam suportar como encarnados, nem mais do que deviam ter consigo para o desempenho de suas missões, sob o império e o véu da *letra*. Deixava *velado* tudo o que

devesse permanecer *secreto e oculto*, para só ser descoberto e desvendado pela nova revelação, nos tempos em que os homens se houvessem tornado capazes de ir recebendo sucessivamente os ensinamentos dessa revelação, de maneira progressiva, na medida do que pudessem suportar.

MATEUS, Cap. XIII, v. 36-43*Explicação da parábola do joio*

V. 36. Tendo despedido a multidão, entrou Jesus em uma casa e os discípulos, acercando-se dele, lhe pediram: Explica-nos a parábola do joio semeado no campo. — 37. Ele respondendo, disse: Aquele que semeia o bom grão é o filho do homem. — 38. O campo é o mundo; os filhos do reino são o bom grão; os filhos da iniquidade são o joio. — 39. O inimigo que o semeou é o diabo; o tempo da colheita é o fim do mundo; os segadores são os anjos. — 40. O que se faz com o joio, que é arrancado e queimado no fogo, far-se-á no fim do mundo. — 41. O filho do homem enviará seus anjos; Estes reunirão e levarão para fora do seu reino todos os que são causa de escândalo e de queda; — 42, e os lançarão na fornalha do fogo; lá haverá prantos e ranger de dentes. — 43. Então, os justos brilharão como o sol, no reino do Pai. *Aquele que tiver ouvidos de ouvir, ouça.*

N. 167. Estas últimas palavras de Jesus: "*Aquele que tiver ouvidos de ouvir, ouça*", mostram que ainda *era velada* a própria linguagem usada na explicação da parábola; deixam ver que, para a compreensão exata dos termos empregados naquela explicação, dos pensamentos que eles vestem, necessário é se tire *da letra o espírito*, se procure *o espírito que vivifica*, se não pare *na letra* que mata. Elas advertiam os homens de que tivessem cuidado com a maneira de entender a explicação que lhes era dada.

Os homens, porém, compreenderam e interpretaram as palavras de Jesus *segundo a letra*, de acordo com os preconceitos e tradições da época. Materializando as expressões do Mestre, falsearam-lhes a interpretação e o sentido.

A nova revelação, que vos trazemos, vem explicar, *em espírito e em verdade*, todo o pensamento do Cristo.

(V. 37). Encarregado do progresso do vosso planeta e do da sua humanidade, isto é: do dos Espíritos que nele encarnem, Jesus, desde o aparecimento do homem na terra, vem semeando o bom *grão* e o semeará sempre; sempre trabalhou e trabalha na obra do vosso progresso, por intermédio dos Espíritos que o coadjuvam no desempenho da sua missão, e trabalhará nela até que aqueles Espíritos atinjam a perfeição, que os fará ocupar, dentro da hierarquia espírita, a categoria dos Espíritos puros.

Tendo vindo, pelas palavras que proferiu, pelos atos que praticou, pelos ensinamentos e exemplos que espalhou desempenhando a sua missão terrena, traçar a via do progresso, assentar as bases fundamentais da regeneração humana, Jesus veio, é claro, semear o bom *grão*.

Chamando-se a si mesmo de *'filho do homem'*, lembrava aquela missão que, *aos olhos dos homens*, era humana. *Ao mesmo tempo*, pela explicação *velada* que deu da parábola, apropriando às inteligências e às condições da época a sua linguagem que, pela *letra*, atendia às necessidades do momento e, pelo *espírito*, atenderia às do futuro, mostrava seu poder e sua soberania: como *enviado* de Deus; como tendo recebido de Deus a investidura de *rei do vosso planeta*, ao qual chama *"seu reino"*; como tendo debaixo da sua autoridade e às suas ordens os *"anjos"*; como tendo todo poder sobre a terra, que é *"seu reino"*, e bem assim sobre as gerações humanas que nela se sucederão; como *sendo quem, no fim do mundo*, fará que *"seus anjos"* reúnam e levem *para fora* da terra, para fora do *"seu reino"*, os filhos da iniquidade simbolizados pelo *joio*, e quem os mandará lançar *"na fornalha do fogo"*, onde haverá *"prantos e ranger de dentes"*. Nessa ocasião, os filhos do reino, simbolizados pelo bom *grão*, já se havendo tornado justos, permanecerão no *"seu reino"* e aí brilharão *como o sol*.

(V. 38). O campo simboliza o mundo, isto é: o vosso planeta e a humanidade terrena; os filhos do reino, simbolizados pelo bom grão, são os que tendem a progredir e se esforçam por consegui-lo; os filhos de iniquidade, cujo símbolo é o joio, são os que cedem às más influências, por serem maus seus instintos.

(V. 39). O diabo, que semeou, semeia e semeará ainda por muito tempo na terra o joio e que figura na parábola como sendo "o inimigo" — são todos os Espíritos maus, Espíritos de erro ou de mentira, impuros, levianos, perversos (errantes ou encarnados) que, procurando exercer perniciosas influências sobre os homens, trabalham por lhes obstar ao progresso, com o fazê-los evitar o bem e praticar o mal pelos pensamentos, palavras e atos; que trabalham por arrastá-los para fora das vias do Senhor. Estas vias são as que, de modo completo, se acham indicadas pelas seguintes palavras de Jesus, uma vez que sejam bem compreendidas e praticadas, em toda sua extensão, dos pontos de vista material, moral e intelectual, tanto nas relações sociais, como nas de família, como ainda no trato de cada um consigo mesmo; palavras essas que encerram *toda a lei e os profetas: "Amai a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a vós mesmos; procedei sempre, em tudo, com os outros como quereríeis que procedessem convosco"*.

O fim do mundo, predito por Jesus e que, na parábola, corresponde ao tempo da ceifa, não é o que as interpretações humanas figuraram. Não se trata de um fenômeno repentino, como o imaginaram erroneamente quantos acreditaram que, de um instante para outro, o universo inteiro seria transformado, renovado.

O fim do mundo vem sendo preparado desde há muito e pouco a pouco se vai operando. Avançais para

a época em que, pela só influência da vossa presença, os Espíritos inferiores que encarnam na terra serão repelidos e fugirão para meios que melhor lhes quadrem. Os Espíritos inferiores, como sabeis, temem a presença dos Espíritos elevados. Não é natural que o homem devasso e vil se sinta embaraçado e pouco à vontade numa reunião de pessoas de escol, das mais instruídas e virtuosas? e não é natural também que volte, assim lhe seja permitido, para o meio de seus iguais? É o que se dará com os Espíritos inferiores, *quando chegar o fim do mundo*, isto é: quando, por se haverem as vossas naturezas elevado e mudado de ordem, subido na hierarquia espírita, tudo mudará em torno de vós. O joio *terá sido*, então, lançado ao fogo da purificação e o bom grão refulgirá aos olhos do pai de família.

Nessa época, em que o vosso progresso já será bastante para repelir os Espíritos inferiores que vos cercam, entrareis na fase espírita. *Quer isto dizer* que, tanto para o homem como para o planeta, a matéria se depurará, sem passar, contudo, às condições de fluidos puros. Compreendi bem todas as fases, todos os graus que, de modo mais ou menos material, mais ou menos sutil, separam os Espíritos encarnados nos diversos mundos que eles ocupam. Chegando à primeira fase espírita, à primeira separação da matéria espessa, entrareis numa categoria de Espíritos cujo invólucro leve difere inteiramente do vosso invólucro atual, sem, todavia, ser completamente fluídico. Será uma nova vestimenta, que tereis de mudar ainda muitas vezes, antes que chegueis à condição de poderdes habitar *mundos fluídicos*, o que sucederá um dia, porquanto não deveis acreditar que, alcançado esse ponto de *adiantamento*, estejais amalhados no planeta em que viveis. Ele também terá progredido, mas, nessa ocasião, todos os mundos, cuja categoria corresponda à dos vossos Espíritos, vos

poderão servir de morada; não estareis adstritos a habitar estes de preferência àqueles.

O fim do mundo, compreendido como sendo a época da colheita, se apresenta dividido em três períodos distintos: o primeiro é o em que aos Espíritos inferiores foi e será permitido encarnar na terra para, por sucessivas expiações e reencarnações, se purificarem, passarem de "filhos de iniquidade", que eram, a "filhos do reino".

O segundo é o em que o joio começará a ser separado do trigo, o em que os Espíritos que se mantiverem culpados, rebeldes, voluntariamente cegos, serão afastados do vosso planeta e deportados para planetas inferiores.

O terceiro é o em que, concluída a separação do joio e do trigo, estará acabado o afastamento dos Espíritos inferiores; é, portanto, o em que a terra se terá tornado morada de paz e de felicidade, de bons Espíritos já aptos a entrar na fase espírita, o que se efetuará conforme *acabamos de explicar*, e a avançar, sob a influência dos Espíritos do Senhor e de Espíritos encarnados em missão, na via do progresso, pela ciência, pela caridade e pelo amor.

Os *segadores* são, indistintamente, todos os Espíritos do Senhor, encarnados em missão, ou não encarnados, que trabalham na obra do progresso, da purificação e da regeneração da humanidade terrena. Facilmente se compreende que os que trabalham nessa obra sejam incumbidos da colheita.

(V. 40, 41 e 42). O reino do filho do homem é a *terra com a sua humanidade*. Quando uma e outra houverem chegado ao período de depuração e de progresso, no qual os Espíritos inferiores, culpados, rebeldes, voluntariamente cegos, serão afastados do vosso planeta e deportados para planetas inferiores, os anjos, no dizer de Jesus, "*reunirão e levarão para*

fora de seu reino os que são ocasião de escândalo e de queda e os que cometem iniquidade. Os anjos de que aí se fala serão os puros Espíritos, os Espíritos superiores e não os encarnados em missão, porquanto a seleção e a classificação dos Espíritos que permanecerem culpados, rebeldes, se fará estando eles na erraticidade. Não esqueçais que, revestidos da libré de carne que trazeis, todos os Espíritos são mais ou menos falíveis, embora se trate dos que na terra se acham empregados na regeneração humana. Nenhum, pois, por aquela só razão, tem o direito de julgar seus irmãos também encarnados, de dizer a qualquer destes: "Tu és culpado, sou teu juiz", ou: "Falis-te e eu te condeno ou te absolvo". Um Espírito, por mais purificado que esteja, logo que toma o invólucro corporal humano, lhe sofre a influência mais ou menos forte. Sendo, desde então, mais ou menos falível, é-lhe interdito julgar. Portanto, os Espíritos puros, os Espíritos superiores são os que, livres de qualquer contacto humano, virão separar do trigo o joio.

Quanto a vós, obreiros que também trabalhais no campo do Senhor, contentai-vos com ajudar o mais que puderdes a maturação do grão. Exponde-o, quanto vos for possível, aos raios benfazejos da verdade; *mas, não julgueis os vossos irmãos, não os julgueis nunca*, pois que não estais em condições de perceber os secretos desígnios do Senhor, tolhidos como vos encontrais *pelo véu da carne*.

No fim do mundo, nessa época em que se operará a depuração gradual do vosso planeta, mediante a separação do bom grão e do joio, este ainda será queimado, como o terá sido antes. Entretanto, não mais poderá crescer ao lado do bom grão. Os "filhos de iniquidade" serão ainda, como o foram sempre, no passado, submetidos à expiação, mas, daí em diante, não se lhes permitirá *mais* reencarnar *na terra*.

Os anjos, que o Cristo enviará, os afastarão do vosso planeta, levando-os para mundos inferiores, onde os classificarão de acordo com as suas tendências e a sua culpabilidade. Assim, *uns* irão para mundos de categoria abaixo da que o vosso então ocupará; *outros* (e ainda serão muitos) irão para planetas da mesma categoria que o vosso atualmente¹⁰.

Antes, porém, que lhes seja permitido reencarnar nesses planetas, serão lançados "*na fornalha do fogo, onde haverá prantos e ranger de dentes*", isto é: entrando em expiação, os Espíritos culpados, rebeldes, voluntariamente cegos, serão lançados ao fogo dos remorsos morais apropriados e proporcionados aos crimes e faltas que hajam cometido, como já o explicamos, verdadeiro fogo de purificação, que gera e desenvolve o arrependimento e o desejo da reparação por meio de novas provações.

Lá nesses mundos inferiores, longa e dolorosa expiação consumirá o joio, a má planta. Mas, o Espírito *não* é passível, como o joio, como a planta má, de ser, pelo fogo, reduzido a pó. Purificado pela ação do fogo regenerador, germina a boa semente que ele traz em si e das cinzas do joio brotam messes de bom grão. O joio será queimado tantas vezes quantas forem precisas, para que se torne bom grão, para que os "filhos de iniquidade" se tornem "filhos do reino" e entrem a seu turno na classe dos "*justos*".

Já o temos dito e agora repetimos, pela última vez: Quaisquer que sejam os versículos dos Evangelhos onde se leiam estas palavras — *fornalha de fogo, geena, fogo de geena, prantos e ranger de dentes* — elas significam *sempre* a expiação do Espírito, seguida da reencarnação, de novas provações, e são *sempre* emblemáticas.

(V. 43). "*Então os justos brilharão como o sol no reino do pa*". Estas palavras têm um sentido *figu-*

¹⁰ Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de fevereiro de 1863.

rado. A luz que brilha nos filhos do Senhor é a da verdade, da fé e do amor. Os filhos do Senhor são os justos, isto é: os Espíritos purificados, cujos perispíritos, por efeito da purificação, se tornaram mais luminosos, irradiando uma luz cuja pureza e cujo brilho correspondem ao grau da elevação alcançada. Os mundos superiores formam *o reino do pai*. O vosso planeta, desde que atinja a necessária elevação, lhes pertencerá ao número, constituindo, se quereis uma comparação humana, "uma das províncias do reino *de Deus*".

MATEUS, Cap. XIII, v. 44*Tesouro oculto*

V. 44. O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto num campo; o homem que o achou o esconde e, cheio de alegria por o haver achado, vai vender tudo que possui e compra aquele campo.

N. 168. Aquele que recebe a palavra de Deus se sente tão feliz quanto o homem que acha um tesouro, se é que se pode estabelecer comparação entre sentimentos tão dessemelhantes.

Cumpra-lhe encerrar no coração essa fonte de riquezas eternas e esforçar-se por que nenhum dos vícios da humanidade lhe possa arrebatá-lo o precioso tesouro.

Vai o homem e vende o que tem. Quer isto dizer: ele se despoja dos erros, dos maus instintos, dos maus pendores, dos vícios, numa palavra — de tudo que o prende à matéria, como os bens terrenos o prendem ao solo que os encerra.

E compra o campo: Faz, para conservar o tesouro espiritual, todos os sacrifícios que a humanidade exija.

MATEUS, Cap. XIII, v. 45-46*Pérola de alto preço*

V. 45. O reino dos céus ainda se assemelha a um negociante que procura belas pérolas; — 46, que, achando uma de alto preço, vende tudo o que possui e a compra.

N. 169. Esta parábola tem quase a mesma significação que a do tesouro. De fato, ela traça a imagem do homem que sinceramente procura a verdade e que, achando-a, recebendo-a, se desembaraça, sem hesitar, de seus erros, de suas fraquezas, dos maus instintos, dos maus pendores, dos vícios, dos apetites materiais, que, anteriormente, constituíam toda a sua riqueza ilusória e funesta, e dela, com a maior diligência, procura desfazer-se, empregando todos os esforços por conservar a pérola de alto preço que, como o tesouro, é a verdade que ele encontrou com o aceitar a palavra de Deus.

MATEUS, Cap. XIII, v. 47-52*Parábola da rede lançada ao mar*

V. 47. O reino dos céus se assemelha também a uma rede de pescar que, lançada ao mar, apanha toda espécie de peixes. — 48. Quando fica cheia, os pescadores a puxam para bordo, onde, assentados, se põem a separá-los, deitando os bons nos vasos e lançando fora os maus. — 49. Assim será no fim do mundo: os anjos virão e separarão os maus do meio dos justos; — 50, e os lançarão na fornalha de fogo, onde haverá prantos e ranger de dentes. — 51. Haveis compreendido todas estas coisas? Eles responderam: Sim. — 52. Disse-lhes ele então: Todo escriba instruído acerca do reino dos céus se assemelha ao pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e coisas velhas.

N. 170. Não temos necessidade de vos explicar o símile da pesca. Facilmente compreendeis que se trata *da escolha dos bons e do afastamento dos maus*. Ele deve ser entendido, compreendido, explicado, em tudo e por tudo, do mesmo modo por que o foi a parábola do joio. Podeis notar que muitas palavras têm o mesmo sentido. Foram ditas a homens diferentes, muitas vezes em ocasiões diversas, mas sempre com o mesmo objetivo.

Compreendestes bem tudo isto? perguntou Jesus aos discípulos. "Sim", responderam-lhe.

Eles haviam compreendido a parábola da pesca *tal como lhes foi apresentada*, isto é: como uma imagem da escolha que, pouco a pouco, se iria fazendo entre os Espíritos, a fim de que, no momento determinado, já não houvesse muitos Espíritos rebeldes a afastar.

"Todo escriba", disse-lhes também Jesus, *instruído acerca do que concerne ao reino dos céus, se assemelha ao pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e coisas velhas*".

Por escriba designava Jesus o homem mais esclarecido do que as massas e encarregado de espalhar no meio delas as luzes contidas no tesouro da sua erudição e da sua inteligência.

Os escribas, vós o sabeis, eram, naquela época, os sábios, os eruditos. Espalhavam, ou melhor: tinham o dever de espalhar a luz; mas, não raro, a punham debaixo do alqueire.

Tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas aquele que se serve da ciência que recebeu dos tempos antigos para fortificar e, por assim dizer, tornar recomendável aquilo que ele quer fazer crido.

Assim, vós outros espíritas deveis, dentro dos limites da vossa instrução, das vossas faculdades, investigar as crônicas antigas, escutar as lendas, desencavar os velhos manuscritos sepultados no fundo das bibliotecas seculares ou dos conventos avaros do que possuem — e, armados dos vetustos documentos que possuídes, demonstrar aos tímidos, aos incrédulos, aos pseudo-sábios a autenticidade e a ancianidade da ciência que professais.

**MATEUS, Cap. XIII, v. 53-58. —MARCOS,
Cap. VI, v. 1-6**

*Nenhum profeta é desestimado senão no seu país,
na sua casa e entre seus parentes*

MATEUS: V. 53. Tendo acabado de dizer essas parábolas, Jesus partiu dali; — 54, e, voltando ao seu país, os instruía nas sinagogas; de sorte que, tomados de admiração, eles diziam: Donde lhe vieram esta sabedoria e estes milagres? — 55. Não é ele o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria e Tiago, José, Simão e Judas seus irmãos? — 56. E suas irmãs não vivem todas entre nós? Donde então lhe vêm todas estas coisas? — 57. Assim era que dele se escandalizavam. Jesus, porém, lhes disse: Nenhum profeta é desestimado senão no seu país e na sua casa. — 58. E não fez lá muitos milagres por causa da incredulidade deles.

MARCOS: V. 1. Dali saindo, voltou Jesus para o seu país, acompanhado pelos discípulos. — 2. E, chegando o dia de sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos dos que o ouviam, admirando-se da sua doutrina, diziam: Donde lhe vieram todas estas coisas? Que sabedoria é essa que lhe foi dada? Como é que suas mãos obram tais maravilhas? — 3. Não é ele o carpinteiro filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E suas irmãs não estão aqui entre nós? E se escandalizavam dele. — 4. Jesus, porém, lhes disse: Nenhum profeta é desestimado senão no seu país, na sua casa e entre os seus parentes. — 5. E não pôde fazer lá nenhum milagre; apenas curou alguns poucos doentes, impondo-lhes as mãos. — 6. E se admirava da incredulidade deles. E lá ia percorrendo as aldeias dos arredores, a ensinar.

N. 171. Pelo que respeita aos que eram *tidos* por irmãos e irmãs de Jesus, pelo que se refere à maternidade humana de Maria e à paternidade humana de

José, *segundo o modo de ver dos homens*, nenhuma explicação mais temos que dar, além das que constam do n. 163. Já sabeis "quem é o filho", pela revelação, que vos fizemos, da origem espírita de Jesus, do modo e das condições em que se deu o seu aparecimento na terra, do que foram a gravidez e o parto de Maria, da genealogia do Mestre. Não temos que voltar a esses pontos.

(Mateus, v. 57 e Marcos, v. 4). Dizendo: "*Nenhum profeta é desestimado senão no seu país, na sua casa e entre seus parentes*", tinha Jesus o intento de lembrar aos que o ouviam o caráter e a missão de profeta que os outros homens lhe davam, pois que aqueles, supondo-o um homem como os demais, nas mesmas condições de faculdades e de poderes que eles, se surpreendiam profundamente com a sabedoria da sua doutrina, com as suas palavras, com os seus ensinamentos e com os fatos que produzia e que eram considerados "milagres".

Do ponto de vista espírita, essas palavras de Jesus encerram uma reflexão filosófica, cujo valor tendes podido verificar.

(Mateus, v. 58). *E não fez lá muitos milagres por causa da incredulidade deles.*

Não sabeis que a oposição dos Espíritos, encarnados ou não, prejudica a influência que se possa exercer? Jesus, se o *quisesse*, houvera dominado aquela influência contrária. Mas, que é o que conseguiria? Que aqueles Espíritos, voluntariamente cegos, fossem *forçados* a ver. Eles, porém, se obstinariam em fechar os olhos e desde então passariam a merecer castigo mais severo. Ora, o Mestre, com a doçura do seu coração, jamais provocou a revolta de qualquer Espírito, a fim de lhe poupar o remorso da falta.

(Marcos, v. 5). *'E não pôde fazer lá nenhum milagre; apenas curou alguns poucos doentes, impondo-lhes as mãos'*.

Acabamos de dizer que Jesus *não pôde* fazer milagres, *porque não quis exercer autoridade sobre os Espíritos rebeldes*. Assim, não houve *impotência*, mas *ausência de vontade*, o que, *aos olhos dos homens*, era tido por impossibilidade. Não sucede muitas vezes vos absterdes de fazer uma coisa, de ficardes *sem poder* executá-la, por se apresentar um obstáculo que não quereis *destruir*?

A versão de Marcos é equivalente à de Mateus. Ambos, em termos que pouco diferem, exprimem a mesma idéia.

(Marcos, v. 6). "*E Jesus se admirou da incredulidade deles*". É este um modo humano de exprimir a impressão, a opinião de homens que não viam no Mestre mais do que um homem *igual aos outros*. Jesus não tinha que se admirar, nem podia admirar-se da incredulidade dos que o ouviam, por isso que lia no pensamento de todos, observava os instintos e as tendências do^s que compunham a multidão e via os Espíritos que atuavam neles, graças ao livre arbítrio de cada um, atraídos por aqueles maus instintos, aquelas tendências más.

**MATEUS, Cap. XIV, v. 1-12. —MARCOS, Cap. VI,
v. 14-29. —LUCAS. Cap. III, v. 19-20
e Cap. IX, v. 7-9**

*Morte de João Batista. — Palavras que, ditas com
relação a Jesus, confirmam a crença dos Hebreus na
reencarnação*

MATEUS: v. 1. A esse tempo chegou aos ouvidos do Tetrarca Herodes a fama de Jesus; 2, e ele disse a seus servos: Esse é João Batista; é o próprio João que ressuscitou dentre os mortos; daí vem o fazerem-se por seu intermédio tantos milagres. — 3. Herodes mandara prender a João, pusera-o a ferros e o metera na prisão, por causa de Herodiade, mulher de seu irmão. — 4. É que João lhe dizia: Não te é permitido tê-la por mulher. — 5. Herodes queria dar-lhe a morte: mas temia o povo, que considerava João um profeta. — 6. Porém, no dia do aniversário de Herodes, a filha de Herodiade dançou diante dele e lhe agradou; — 7, tanto que ele prometeu sob juramento dar-lhe tudo o que pedisse. — 8. Ela, industriada de antemão por sua mãe, disse: Dá-me, aqui mesmo, num prato, a cabeça de João Batista. — 9. Esse pedido muito aborreceu o rei, que, todavia, por causa do juramento que fizera e dos que com ele se achavam à mesa, mandou que lha dessem. — 10. Ao mesmo tempo ordenou que a João Batista cortassem a cabeça na prisão. — 11. E a cabeça de João foi trazida num prato e dada à moça, que a levou à sua mãe. — 12. Os discípulos de João vieram, carregaram-lhe o corpo, o sepultaram e foram comunicar tudo isso a Jesus.

MARCOS: VI. 14. Ora, o rei Herodes ouviu falar de Jesus, cuja nomeada se espalhara muito, e dizia: João Batista ressuscitou dentre os mortos; daí vem que tantos milagres se operam por seu intermédio. — 15. Outros, porém, diziam: É Elias; outros: É um profeta igual a um dos profetas. -16. Ouvindo isso, disse Herodes: Este homem é João a quem mandei cortar a cabeça e que ressuscitou

dentre os mortos. — 17. Herodes, tendo desposado Herodíade, não obstante ser ela mulher de Filipe, irmão dele, mandara prender a João, pusera-o a ferros e o metera na prisão por causa dela, — 18, porque João lhe dizia: Não te é permitido ter por mulher a mulher de teu irmão. 19. Desde então, Herodíade sempre lhe armava ciladas, desejosa de fazê-lo morrer, o que não conseguia, — 20, visto que Herodes temia a João por saber que era um varão justo e santo. Guardava-o, pois, e fazia muitas coisas aconselhando-se com ele e o escutava de boamente. — 21. Afinal, chegou um dia favorável, do aniversário de Herodes, no qual este ofereceu um banquete aos grandes de sua corte, aos tribunos e aos maiores da Galiléia. — 22. A filha de Herodíade teve entrada, dançou diante de Herodes e de tal modo lhe caiu no agrado, bem como no de todos quantos se achavam à mesa, que ele lhe disse: Pedeme o que quiseres e eu to darei. — 23. E acrescentou, jurando: Sim, o que me pedires eu te darei, ainda que seja a metade do meu reino. — 24. Ela, quando saiu, perguntou à mãe: Que é o que pedirei? Sua mãe lhe respondeu: A cabeça de João Batista. — 25. Ela se deu pressa em voltar à sala onde estava o rei e fez o seu pedido, dizendo: Quero que neste mesmo instante me dê num prato a cabeça de João Batista. — 26. O rei se aborreceu com esse pedido; mas, por causa do juramento que fizera e dos que com ele estavam à mesa, não quis desatendê-lo. — 27. Tendo ordenado a um dos da sua guarda que trouxesse a cabeça de João Batista num prato, o guarda foi ao cárcere e aí degolou a João; — 28, trouxe a sua cabeça num prato, deu-a à moça e esta a deu à sua mãe. — 29. Sabendo do ocorrido, os discípulos de João vieram, levaram-lhe o corpo e o puseram num sepulcro.

LUCAS, III. V. 19. Herodes, o Tetrarca, tendo ouvido de João uma censura por causa de Herodíade, mulher do irmão dele Herodes, e por causa de todos os males que fizera, — 20, juntou a todos os seus crimes o de meter a João num cárcere.

IX. V. 7. Herodes, o Tetrarca, tendo ouvido falar de tudo o que Jesus fazia, não sabia o que pensar, pois uns diziam — 8, que João ressuscitara dentre os mortos, outros que Elias voltara, enquanto outros afirmavam que um dos antigos profetas ressuscitara.

tara. — 9. Herodes dizia: Pois que mandei degolar a João, quem é este de quem ouço dizer tais coisas? E procurava vê-lo.

N. 172. Aquelas palavras: "*É Elias; — é João Batista que ressuscitou dentre os mortos; — é Elias que voltou; — é um dos antigos profetas que ressuscitou*, ditas e repetidas como sendo o que a voz pública afirmava com relação a Jesus; estas outras, que o rumor público levava Herodes a proferir, falando de Jesus: "*Pois que mandei cortar a cabeça a João Batista, quem é este? — Este homem é João Batista, a quem mandei cortar a cabeça; João Batista ressuscitou dentre os mortos*, confirmam a existência, entre os Hebreus, da crença popular na reencarnação.

Com efeito, *os homens não poderiam considerar a Jesus como sendo ou Elias, ou João Batista, ou um dos antigos profetas, que voltara a viver na terra, senão admitindo que a alma ou Espírito, quer de Elias, quer de João, quer de um dos antigos profetas, reencarnara em aquele novo corpo que, conforme então acreditavam, era obra humana de José e de Maria, os quais, como sabeis, passavam por ser o pai e a mãe de Jesus.*

Não vos admireis de que Herodes tenha dito: "*Pois que mandei cortar a cabeça a João, quem é este a respeito do qual ouço dizer tão grandes coisas*" (Lucas, Cap. IX, v. 9); *Este é João Batista; — João Batista ressuscitou dentre os mortos; — este homem é João Batista, a quem mandei cortar a cabeça e que ressuscitou dentre os mortos*" (Mateus, v. 2; e Marcos, v. 14 e 16).

Herodes (deveis compreendê-lo) não ouviu falar de Jesus só uma vez. Conseqüentemente, não fez só uma observação relativamente ao Cristo. As palavras que Lucas menciona foram as primeiras que a tal respeito Herodes pronunciou e que repetiu em diversas ocasiões. As que constam das narrativas de Mateus e

de Marcos *só mais tarde* ele as disse e repetiu também, em ocasiões diversas.

Quanto ao que se refere à morte de João e às particularidades dessa morte, nenhuma explicação temos que dar. É uma simples narração de fatos.

Notai apenas que as narrativas de Mateus e de Marcos se explicam e completam uma pela outra. A filha de Herodíade não podia, *de antemão*, saber qual o efeito que a sua dança produziria no rei, nem que este lhe faria um oferecimento. Portanto, só depois que ouviu a promessa do Tetrarca, foi consultar a Herodíade. Para dizer a Herodes: *Dá-me*, aqui, neste mesmo instante, *num prato, a cabeça de João Batista*, sua mãe a industriara *previamente*, porquanto ela saíra e, depois de referir a Herodíade, não só o efeito que a dança produzira no rei, como também o oferecimento que este lhe fizera, perguntou-lhe: *Que hei de pedir?* respondendo Herodíade: *A cabeça de João Batista, neste mesmo instante.*

Esta explicação nós vo-la demos somente porque, lendo os vossos pensamentos, quisemos dissipar as preocupações do vosso Espírito, que julgava ver, naquele ponto, uma contradição entre as duas narrativas. Mas, não vos detenhais *nunca* ante tais futilidades destituídas de valor.

Que importaria, para a fé que professais, que Herodíade houvesse dito à filha, antes ou depois da dança, antes ou depois do oferecimento do rei, que pedisse a cabeça de João Batista? Herodíade e a sua filha haviam escolhido, tomando cada uma a sua parte, aquela temível prova e o meio em que deveriam suportá-la. Sendo essa prova superior às suas forças, tinham ambas por isso mesmo que sucumbir e sucumbiram.

Tendes dificuldades em compreender que o Senhor conheça antecipadamente quais os que sucumbirão? Assim é. A sua sabedoria, conhecendo a

fraqueza do Espírito, prevê a que transviamentos este, no uso do seu livre arbítrio, será levado por aquela fraqueza. Se um dos vossos filhos vos pedir o consentimento para desempenhar tarefa superior às suas forças e se obstinar nesse intento, não prevereis, ao conceder-lhe a licença solicitada, que a força ou a perseverança lhe faltarão? Condescendendo, apesar disso, qual o vosso objetivo, senão lhe dar ensejo de apreciar com justeza o seu valor real?

Herodíade e sua filha, depois daquelas provas a cujo peso sucumbiram, tinham que encontrar e encontraram, na expiação, mediante novas provações, uma fonte e um meio de purificação e de progresso.

**MATEUS, Cap. XIV, v. 13-22. — MARCOS, Cap. VI, v. 30-45.
—LUCAS. Cap. IX, v. 10-17**

Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes

MATEUS: V. 13. Ouvindo a narração que lhe fizeram os discípulos de João, Jesus partiu numa barca e se retirou secretamente pra um lugar deserto. Ao saber disso, o povo deixou as cidades e o foi seguindo a pé. — 14. Quando ele saltou em terra, viu grande multidão e, compadecendo-se dela, curou os doentes. — 15. Como caísse a tarde, os discípulos se aproximaram e lhe disseram: Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada; manda-os embora, a fim de que vão às aldeias comprar o que comer. — 16. Jesus, porém, lhes disse: Não é necessário que se afastem daqui; dai-lhes vós mesmos de comer. — 17. os discípulos replicaram: Não temos mais que cinco pães e dois peixes. — 18. Disse-lhes ele: Trazei-mos. — 19. Em seguida mandou que a multidão se assentasse na relva, tomou os cinco pães e os peixes e, olhando para o céu, os abençoou, partiu e deu aos discípulos, que os passaram ao povo. — 20. Todos comeram, ficaram saciados e ainda levaram doze cestos cheios dos pedaços que sobraram. — 21. Ora, os que comeram eram em número de cinco mil, sem contar as mulheres e as crianças. — 22. Feito isso, Jesus ordenou aos discípulos que tomassem a barca e passassem para a outra margem do lago antes dele, que ficava despedindo o povo.

MARCOS: V. 30. Ora, os apóstolos, reunindo-se em torno de Jesus, lhe deram conta de tudo que haviam feito e ensinado. — 31. E ele lhes disse: Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto, a fim de aí repousardes um pouco. É que eram tantos os que iam e vinham, que eles não tinham tempo para comer. — 32. Subindo, pois, para uma barca, retiraram-se para um lugar deserto. — 33. Mas, tendo-os visto partir e muitos tendo sido informados da

partida, grande multidão acorreu a pé de todas as cidades e chegou antes deles. — 34. Ao saltar da barca, vendo Jesus grande multidão, dela se compadeceu, pois era como rebanho que não tem pastor, e começou a ensinar-lhe muitas coisas. — 35. E como já se fizesse tarde, os discípulos se aproximaram dele e lhe disseram: Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada; — 36, manda-os embora, a fim de que vão às cidades e aos povoados dos arredores comprar o que comer. — 37. Respondendo, disse Jesus: Dai-lhes vós mesmos de comer. Eles replicaram: Onde iremos comprar por duzentos denários pães que bastem pra lhes darmos de comer? — 38. Jesus perguntou: Quantos pães tendes? Ide e vede. Depois de o verificarem, disseram eles: Cinco pães e dois peixes. — 39. Jesus então lhes ordenou que fizessem o povo sentar-se em ranchos na relva. — 40. Todos se assentaram formando diversos ranchos, uns de cem pessoas outros de cinqüenta. — 41. E Jesus, tomando os cinco pães e os dois peixes e olhando para o céu, abençoou e partiu os pães e os entregou aos discípulos para que os pusessem diante do povo; repartiu assim também os dois peixes com todos. — 42. Todos comeram e ficaram fartos. — 43. E ainda levaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe que haviam sobrado, — 44, não obstante serem em número de cinco mil os que comeram. — 45. Em seguida, Jesus mandou que os discípulos tomassem de novo a barca, passassem para a outra margem do lago em direção a Betsaida, enquanto ele ficava despedindo o povo.

LUCAS: V. 10. De volta, os apóstolos relataram a Jesus tudo que haviam feito e Jesus, levando-os consigo, se retirou para um lugar deserto próximo de Betsaida. — 11. Informadas disso, as turbas o seguiram e Jesus, recebendo-as, entrou a falar-lhes do reino de Deus e a curar os que precisavam ser curados. — 12. Ora, como o dia começasse a declinar, os doze vieram a ele e lhe disseram: Manda embora esta gente, a fim de que vá procurar alojamento e o que comer nas granjas e aldeias dos arredores, pois estamos num lugar deserto. — 13. Mas Jesus lhes disse: Dai-lhe vós mesmos de comer. Ao que eles replicaram: Só se formos nós

mesmos comprar comida para todo este povo, pois não temos mais do que cinco pães e dois peixes. — 14. Eram cerca de cinco mil pessoas. Disse então Jesus aos discípulos: Fazei que se assentem divididos em grupos de cinqüenta. -15. Os discípulos obedeceram e fizeram que todos se sentassem. — 16. Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu e os abençoou, depois os partiu e entregou aos discípulos para que os distribuíssem pela multidão. —17. Todos comeram, ficaram saciados e ainda encheram doze cestos com os pedaços que sobraram.

N. 173. Já vos temos falado da força de que dispunha Jesus, por efeito da sua potencialidade superior, para atrair os fluidos de que necessitava.

Pela ação da sua vontade poderosa sobre os Espíritos que o obedeciam pressurosamente, conseguiu ele, mediante transportes e o emprego de fluidos, multiplicar ao infinito a pequena quantidade de alimentos que os discípulos tinham à sua disposição. *Preparados* com os fluidos próprios à sua produção, os quais lhes davam as necessárias propriedades nutrientes, aqueles alimentos satisfaziam às exigências da matéria, bastando uma diminuta porção deles para saciar a fome mais devoradora.

Para que a multidão ficasse saciada, não bastaria que o Cristo o *quisesse*? Sem dúvida e para isso não lhe seria preciso mais do que reunir em torno dela os fluidos convenientes que, sendo aspirados, fariam cessar as exigências do estômago. Era, mister, porém, que, diante daqueles observadores materiais um efeito físico se produzisse. A multiplicação dos pães e dos peixes causou impressão muito maior do que houvera causado a vontade de Jesus atuando nos homens.

Para os *apóstolos, os discípulos e a multidão* foi com os pedaços em que Jesus dividiu os cinco pães e os dois peixes, pedaços que, multiplicados ao infinito, ele entregou aos apóstolos e estes distribuíram pelo povo,

que todos se saciaram, dando ainda, depois de estarem todos satisfeitos, para encher doze cestos.

Foi isso que todos viram, esse o fato que se passara à *vista de todos*, o fato de que todos eram testemunhas e do qual todos haviam participado desde que comeram os pedaços dos cinco pães e dos dois peixes, partidos pelas mãos de Jesus e distribuídos pelos discípulos.

Foi isso e só isso o que viram, o que podiam atestar e atestaram.

Por lhes ser incompreensível e inexplicável, dada a ignorância de todos, dos apóstolos, dos discípulos e da multidão, relativamente à *origem*, às *causas* e aos *meios ocultos* que o produziram, o fato da multiplicação dos pães e dos peixes foi por todos considerado um "*milagre*". Foi e *ainda* o é pelos que se conservam estranhos à nova revelação.

Alguns homens, de coração simples e de espírito humilde, acreditaram na sua autenticidade, sem o compreenderem, firmados no testemunho dos apóstolos, dos discípulos e da multidão e na fé que lhes inspira a narração evangélica, baseada naqueles testemunhos.

Os outros *ou fingiram* acreditar por não ousarem negá-lo, ou o negaram e rejeitaram abertamente, encastelados na sua orgulhosa ignorância, pela simples razão de não o poderem compreender e não saberem explicá-lo.

E sem a nova revelação, que vos vem iniciar nos segredos de além-túmulo, na ciência espírita, que vos vem mostrar a origem, as causas e os meios ocultos por que se operou a multiplicação dos pães e dos peixes, este fato não seria ainda, para vós, um "*milagre*"?

Porventura vedes o que a todos os momentos se passa em torno de vós no mundo espiritual? Sem a nova revelação que vos trazemos, saberíeis que aquela

multiplicação se produziu pela *ação espírita e pelo emprego de fluidos*, uma vez que a ciência é impotente para comprová-la, por isso que não vê, não observa, não descobre senão com os olhos carnaís? Saberíeis quais os *meios ocultos* que, com o auxílio daquele emprego, serviram para efetuar a multiplicação de que se trata?

Os evangelistas que, como os apóstolos, os discípulos e a multidão, não podiam compreender o fato, por ignorarem também a fonte, as causas e os meios que o produziram, se limitaram, *e assim devia ser, a narrá-lo debaixo da influência mediúnica.*

"Jesus, dizem eles, partiu com as mãos os cinco pães e os dois peixes, os deu aos discípulos e estes os deram ao povo; todos comeram e ficaram saciados e ainda levaram doze cestos cheios dos pedaços de pão e de peixe que sobraram".

Estas últimas palavras indicam que Jesus partia os pães e os peixes e dava os pedaços aos discípulos que os depositavam em cestos, onde os transportavam para distribuí-los pelo povo.

Os cestos eram os que as mulheres do Oriente costumam trazer à cabeça e que servem para o transporte de frutos e legumes, assim como para abrigá-las dos ardores do Sol. E muitas mulheres havia na multidão.

Antes que começasse a multiplicação dos pães e dos peixes, os discípulos, cumprindo o que Jesus lhes ordenara, haviam arrebanhado e colocado junto dele todos os cestos que as mulheres traziam.

Eis aqui agora como se operou a multiplicação: Tendo na mão os pães e os peixes, Jesus os envolvia em fluidos apropriados à produção de tais alimentos, fluidos produtores. Como deveis compreender, o Mestre, para multiplicá-los entre os seus dedos, atraía a si os fluidos próprios ao efeito desejado e os tomava visíveis e tangíveis, dando-lhes o aspecto, a forma, o

sabor de pedaços de pão ou de peixes, pois que jamais os cinco pães e os dois peixes teriam fornecido pedaços, ainda que de tamanho mínimo, na quantidade que era precisa. Por esse meio ia ele substituindo nos pães e nos peixes as porções que deles tirava. Assim era que, com o auxílio dos fluidos produtores em que os envolvia, "*multiplicava*" os pães e os peixes e os pedaços em que os partia, pedaços que entregava aos discípulos e que estes colocavam nos cestos. No momento em que nos cestos eram depositados sob a forma de pedaços de pão e de peixe os produtos fluídicos obtidos por Jesus, logo a eles se juntavam os que os Espíritos, por sua vez, traziam e que imediatamente se tornavam visíveis e tangíveis. Esses fornecimentos de pedaços de pão e de peixes, os Espíritos os preparavam, nas mesmas condições dos que Jesus entregava aos discípulos, com o auxílio dos fluidos produtores e os depositavam, invisíveis, nos cestos vazios. A medida que os discípulos deitavam nestes os pedaços que recebiam de Jesus, aqueles Espíritos tornavam visíveis e tangíveis os pedaços que já lá haviam depositado. Assim, *de um lado*, Jesus e os Espíritos tiravam indefinidamente dos fluidos produtores, que o primeiro atraía para junto de si, os elementos e os meios de multiplicação dos peixes e dos pães e, *de outro lado*, os discípulos tiravam dos cestos indefinidamente os pedaços de pão e de peixe cuja provisão se renovava por si mesma, mas sempre mediante a intervenção dos Espíritos prepostos à produção de tal efeito, que se verificava à medida que os discípulos ali depositavam os pedaços que recebiam de Jesus.

Foi por esse processo que, pela ação de Jesus e dos Espíritos superiores que invisivelmente o cercavam, se operou a multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes e que os pedaços partidos pelo Mestre pareciam às *vistas* carnis multiplicar-se infinitamente nas suas mãos e delas saírem para os cestos.

Sabeis que o Espírito não deixa ver o objeto que ele transporta senão quando quer se veja que está operando, caso em que torna visível o fluido que envolve o mesmo objeto e que serve para efetuar o transporte. Mas, sabeis igualmente que o Espírito pode tornar, à sua vontade, invisível, aos *olhos grosseiros do homem*, o objeto que transporta, só o fazendo visível *quando e como queira*. Os fluidos que envolvem o objeto transportado não são visíveis, senão querendo o Espírito que o sejam. Fora disso, o Espírito passa despercebido assim como o próprio objeto, que ele não submete à *vista do homem* senão quando julga oportuno o momento.

Se o houvesse querido, Jesus pudera ter produzido, *ele só*, o fato. Mas, os meios empregados eram mais prontos e mais fáceis para a consecução do fim visado. Com efeito, não era mais fácil e mais pronto que os Espíritos que o cercavam depositassem invisíveis, nos cestos vazios, os produtos que eles mesmos preparavam e os fossem tornando visíveis à medida que os discípulos ali depositassem os produtos que recebiam do Mestre, do que fazer este sair de suas mãos para as dos discípulos tudo o que fosse preciso para encher os ditos cestos?

Os produtos da multiplicação, tendo recebido as formas de pedaços de pão e de postas de peixe, como tais foram comidos. Não há aí de que vos espantades. Os sonâmbulos magnéticos não tomam a água, o vinho, ou qualquer alimento como sendo o que se lhes diga que são? Não sabeis qual seja o poder da influência espírita no homem? Não compreendeis que fosse muito grande, sobre aqueles homens, a de Jesus e a da falange inumerável de Espíritos que o rodeavam? Não tendes visto aparecerem, sem que ninguém saiba como, sob a forma de coisas materiais, próprias para a alimentação humana, produtos obtidos com o em-

prego de fluidos produtores e que têm, *para o homem*, o aspecto, o sabor dos produtos humanos que representam?

Todos comeram e ficaram saciados e doze cestos, dizem os evangelistas, foram levados, cheios dos pedaços que sobraram.

Não se vos diz o que foi feito desses doze cestos, nem que os cinco pães e os dois peixes estivessem com os apóstolos. Não se vos diz igualmente se os pedaços que sobraram foram conservados.

Isso tudo pouco importa. Quaisquer que tenham sido a quantidade dos pães e dos peixes, as pessoas que forneceram os cestos e o destino dado a estes e ao que continham, o que é real é que o fato produzido por Jesus se verificou. Eis tudo o que importa se saiba.

Deveis compreender que, numa multidão tão numerosa quanto aquela, há sempre uma certa agitação. Terminada a distribuição dos pães e dos peixes, os apóstolos deixaram atirados ao chão os cestos de que se tinham servido para fazê-la e foram tomar a barca, a fim de se transportarem à outra margem, onde, conforme à ordem recebida, esperariam o Mestre, que ficava assistindo à dispersão do povo.

Mais preocupados com as suas necessidades espirituais do que com as do corpo, que no momento se achavam satisfeitas, os apóstolos não cuidaram de mais nada. A influência oculta que sobre eles era exercida lhes dirigia a atenção para aquilo que os pudesse interessar, sempre que se fazia preciso desviá-la de outros pontos. A ordem que Jesus lhes dera de passarem, *antes dele*, para a outra margem, tinha por fim preparar um novo fato que se devia produzir.

Na sua retirada, desordenada e confusa, aquela tão grande massa de homens, de mulheres e de crianças ia tropeçando nas cestas, algumas das quais foram

apanhadas vazias, enquanto que outras lá ficavam esmagadas, sem que ninguém se preocupasse com elas nem com o seu conteúdo.

Os fluidos componentes dos produtos fluídicos que, sob as formas de pedaços de pão e de postas de peixe, sobram da distribuição, voltaram à fonte donde tinham sido tirados, logo que, sob a ação espírita, desapareceu dos mesmos produtos a tangibilidade e tudo entrou de novo na ordem da humanidade.

Tudo fora *preparado e previsto* para a execução das obras do Mestre.

Notai, por último, que a narração evangélica, feita sob a influência mediúnica, tratando do fato que acabamos de apreciar, reproduz mais uma vez, como convinha que se desse sempre, as impressões e as apreciações humanas. Notai também que Jesus, segundo decorre dessas impressões e apreciações, teve por fim, como sempre, despertar e chamar sobre si a atenção de seus discípulos e da multidão, por maneira que, acreditando todos, como acreditavam, *ser ele* de uma natureza humana igual à dos outros homens, ficassem vivamente impressionados por seus atos e palavras.

**MATEUS, Cap. XIV, v. 23-33. —MARCOS,
Cap. VI, v. 46-52**

Jesus e Pedro caminham por sobre o mar

MATEUS: V. 23. Tendo despedido o povo, subiu a um monte para orar; e, ao cair da noite, lá se achava ele só. — 24. Entretanto, a barca era impelida de um lado para outro pelas ondas no meio do mar, pois o vento era contrário. — 25. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus veio ter com eles, caminhando por sobre o mar. — 26. Ao vê-lo andando sobre o mar, eles se turbaram e diziam: É um fantasma e, apavorados, se puseram gritar. — 27. Logo, porém, Jesus lhes falou assim: Tende confiança; sou eu; nada temais. — 28. Pedro lhe respondeu: Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro caminhando sobre as águas. — 29. E Jesus lhe disse: Vem, e Pedro, descendo da barca, andou sobre a água em direção a Jesus. — 30. Mas, vendo que o vento estava forte, teve medo; e como começasse a submergir-se, bradou: Senhor, salva-me! — 31. Ato continuo, Jesus, estendendo-lhe a mão, o segurou e lhe disse: Homem de pouca fé, porque duvidaste? — 32. Assim que subiram para a barca, cessou o vento. — 33. Então, os que estavam na barca se aproximaram dele e o adoraram, dizendo: És verdadeiramente o filho de Deus.

MARCOS: V. 46. Depois de haver despedido o povo, subiu a um monte para orar. — 47. Ao cair da noite, a barca se achava no meio do mar; e Jesus estava só em terra. — 48. Vendo que seus discípulos tinham grande dificuldade em remar por lhes ser contrário o vento, Jesus, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, caminhando sobre o mar; e queria passar-lhes adiante. — 49. Eles, porém, desde que o viram caminhando sobre o mar, supuseram ser um fantasma e começaram a gritar; — 50, pois que todos o viram e ficaram apavorados. Ele logo lhes falou, dizendo: Tranqüilizai-vos, sou eu, nada temais. — 51. Subiu para a barca

onde eles estavam e o vento cessou, e eles ainda mais espantados ficaram; — 52, visto que não tinham compreendido a multiplicação dos pães: é que seus corações estavam cegos.

N. 174. Facilmente deveis compreender o fato de Jesus andar sobre as águas. Do mesmo modo que o Espírito pode atravessar os ares, podia Jesus, unicamente pela ação da sua vontade, privar o seu perispírito tangível do cunho humano que lhe ele imprimira e dar-lhe as condições etéreas das nossas formas espirituais.

No momento em que, caminhando por sobre o mar, veio ter com seus discípulos, *ele se colocara nas condições perispiríticas das aparições*. Seu corpo perispiritual, conservando a aparência do corpo humano, a visibilidade e a tangibilidade, era, quando deu a mão a Pedro, mais levedo que a água, do que as ondas do mar, tendo-se em vista o peso específico destas.

Seus discípulos, como se vos diz, julgaram tratar-se de *um fantasma*, quando o viram a caminhar sobre as ondas. Ficaram sem *saber* se o que viam era mesmo o Mestre ou uma simples aparição. E que, nessa ocasião, como acabamos de dizer, Jesus se colocara nas condições perispiríticas das aparições que alguns deles já tinham podido observar. Em todos os tempos o mundo invisível esteve sempre em comunicação com a humanidade. Suas manifestações, que os homens não compreendiam por lhes desconhecerem as causas, passavam, mesmo na época do Cristo, por ser *ou fantasias* da imaginação, ou obra dos Espíritos malfazejos, ou ainda uma graça especial que o Senhor se dignava de conceder a esta ou àquela de suas criaturas na terra.

Entre os idólatras, vós o sabeis, essas aparições deram lugar a uma multiplicidade de deuses e deusas, dos quais foi vítima a credulidade do povo, explorada pela ambição ou pela cupidez.

Os Judeus, como os outros povos, tinham, nas suas famílias, médiuns videntes, que às vezes observavam a aparição de um amigo, de um parente, ou mesmo de alguns de seus patriarcas e profetas, pois, não o ignorais, os Espíritos podem revestir todas as formas.

Daí vem o não ter Pedro, que era médium audiente e vidente muito adiantado, muito desenvolvido, e médium também de efeitos físicos, podido reconhecer a Jesus e o haver tomado por *um fantasma*. Ele via no Mestre apenas a aparência inconsistente das aparições que já observara. Só quando Jesus o segurou pela mão verificou o apóstolo que era realmente o Mestre, pois ainda não tivera ensejo de experimentar a *tangibilidade* nas aparições.

Estando Pedro decidido, pela sua fé, a obedecer a Jesus, ordenou este, mentalmente, aos Espíritos que o cercavam, prepostos ao efeito de sustentarem o apóstolo sobre as ondas, que o sustentassem e assim pôde ele caminhar também por sobre o mar. Foi ainda obedecendo a uma ordem mental de Jesus que os mesmos Espíritos deixaram que ele se submergisse um pouco, no momento em que lhe voltava a dúvida.

Não era preciso que Jesus desse a mão a Pedro para que este, caminhando com ele sobre as águas, voltasse à barca. O amparo dos Espíritos prepostos à sustentação do apóstolo houvera bastado. Jesus, porém, querendo demonstrar a Pedro ser mesmo o Mestre quem ali estava e quem o sustentava pelo seu poder, lhe estendeu a mão. De fato, assim era, porque, se Jesus não o houvesse ordenado, os Espíritos não teriam auxiliado a Pedro a manter-se em equilíbrio caminhando pela superfície do mar.

Conforme há pouco dissemos, Pedro era, para nos servirmos de uma expressão consagrada, médium de efeitos físicos da mais alta monta. Assim, foi com o auxílio dos fluidos nele existentes que os Espíritos

prepostos lograram sustentá-lo, de modo que pudesse caminhar sobre as ondas. Foi ainda graças a essa mediunidade que ele conseguiu, auxiliado pelos Espíritos prepostos à realização desse outro acontecimento, libertar-se das correntes com que o ataram na prisão ¹¹, fato que vos explicaremos quando chegar o momento.

Mas, quando mesmo Pedro não fosse médium de efeitos físicos, nem por isso teria deixado de ser sustentado pelos Espíritos prepostos e de caminhar, com o auxílio deles, por sobre o mar, uma vez que o Mestre o quisesse. Desde que tal fosse a vontade de Jesus, os Espíritos reuniriam em torno de Pedro os fluidos de que necessitavam para sustentá-lo e o fato se produziria exatamente como se deu.

Logo que Jesus e Pedro entraram na barca, *cessou o vento*. Cessou porque assim o ordenou Jesus mentalmente aos Espíritos prepostos ao governo dos ventos e das águas. Reportai-vos quanto a isto, ao que dissemos (n. 118, pág. 105 deste volume) com relação à tempestade que se desencadeou no mar e que por ordem de Jesus cessou.

Então os que estavam na barca se aproximaram dele e o adoraram, dizendo: És verdadeiramente o Filho de Deus.

Para o homem, fatos que tanto o surpreendiam não podiam provir senão do próprio Deus. Ora, sendo Jesus quem servia de intermediário para a produção dos fatos "milagrosos", o apelido que ele a si mesmo dava de *filho de Deus* lhe valeu imediatamente, aos *olhos dos homens*, o cunho da divindade. Sem atinarem com o sentido genérico das palavras — *meu pai* — que ele freqüentemente empregava, falando do Criador universal, os homens lhes deram de pronto

¹¹ *Atos dos Apóstolos, cap. XII, v. 6 e 7.*

o *sentido restrito* e assim o consideraram como tendo sido gerado pelo *próprio* Deus, como sendo, portanto, uma personificação da divindade. Em consequência, adoraram-no, o que deu lugar ao erro, que tão profundamente se arraigou, segundo o qual Deus, querendo salvar a humanidade e resgatar-lhe as faltas, se oferecera *a si mesmo* em holocausto de propiciação. Aliás, foi bom que tal erro se houvesse generalizado, pois que *serviu* àquela época e *preparou* o futuro reservado à nova revelação.

O homem, sempre orgulhoso do seu valor pessoal, tão importante aos olhos do Criador se julgou, que entendeu só poderem suas faltas ser resgatadas por este em pessoa. Só Deus, isto é, só aquele que, por efeito exclusivo de sua vontade, segundo o modo de ver do próprio homem, precipitaria, se o quisesse, num completo caos todos os globos disseminados pelo espaço infinito, poderia operar tal resgate, mediante um sacrifício, imolando-se a si mesmo, rebaixando-se, conseqüentemente, ao nível de suas criaturas indignas. Só assim, *sem dúvida*, a vítima imolada *seria digna daqueles cujo resgate representaria o preço da imolação*. Orgulho, orgulho do homem, que sempre se *considerou* o rei da criação, quando não é mais do que um miserável inseto que passa, por assim dizer, despercebido, como o mosquito que voa num raio de sol.

Mas, a nova revelação, erguendo o véu que ocultava às vossas vistas *a luz e a verdade*, vem, na época que o Onipotente predeterminou, quando as inteligências se desenvolveram e o progresso se realizou, dar-vos a conhecer "*quem é o filho*" e fazer-vos compreender quais o objeto e o fim da missão terrena de Jesus, a que *título e com que objetivo* é ele o representante do Pai, no que respeita à terra e à humanidade, mostrar-vos enfim que é o vosso protetor, vosso governador e vosso Mestre.

"O espanto, diz a narração evangélica, *de que se tomaram* os discípulos quando viram Jesus caminhando sobre o mar, mais ainda cresceu, ao verificarem que o vento havia cessado logo que ele entrara na barca; pois, não *tinham compreendido a multiplicação dos pães. porque o coração deles estava cego.*"

Estas últimas palavras — "*porque o coração deles estava cego*" significam: — porque não procuravam compreender.

Seus olhos ainda estavam *velados*. Para os discípulos, a multiplicação dos pães se produzira, a bem dizer, por si mesma, pois que os pães e os peixes que Jesus partia pareciam renovar-se incessantemente nas suas mãos, do mesmo modo que nos cestos os pedaços se multiplicavam sem eles poderem ver por que meios e sem mesmo procurarem inteirar-se do fato. Não vos sucede algumas vezes ser testemunhas de acontecimentos que, na aparência, se produzem com derrogação das leis comuns à humanidade, observá-los sem os compreenderdes e sem sequer fazerdes o menor esforço por consegui-lo?

O caminhar Jesus por sobre as águas e a tentativa de Pedro para fazer o mesmo impressionaram mais os discípulos do que a multiplicação dos pães, porque, para o entendimento humano deles, o primeiro fato mais surpreendia, por isso que mais perceptível lhes era a impossibilidade de qualquer criatura transformar a superfície móvel do mar em terreno capaz de lhe resistir ao peso. Concorrendo cada um daqueles fatos, reciprocamente, para avivar a impressão do outro, ambos concorreram para que seus olhos se desvendassem e eles acabaram compreendendo os dois acontecimentos que, num só dia, presenciaram.

Compreenderam-no, não porque houvessem adquirido o conhecimento de suas origens e causas e dos meios por que se produziram, porquanto só à nova revelação estava reservado dar esse conhecimento aos

homens, mas porque apreenderam que tais acontecimentos denunciavam a ação de uma potência tão superior ao homem, que somente podiam ter por autor Deus, constituindo assim "*milagres*" operados pela própria divindade.

Não foi por não terem compreendido o fato material da multiplicação dos pães que os discípulos se encheram de espanto vendo Jesus caminhar sobre as ondas. Foi porque, na ocasião, não encararam aquele fato como obra do *próprio* Deus, conforme o consideraram posteriormente. Se assim o tivessem considerado logo que se deu, não se teriam admirado do outro. O primeiro "*milagre*" os houvera feito compreender do mesmo modo o segundo.

**MATEUS, Cap. XIV, v. 34-36. —MARCOS,
Cap. VI, v. 53-56**

*Curas operadas pelo contacto com as
vestes de Jesus*

MATEUS: V. 34. Tendo atravessado o lago, vieram eles à terra de Genesaré; — 35, e, reconhecendo-os, os do lugar espalharam a notícia por todo o país e lhe apresentaram todos os doentes; — 36, e lhe pediam que os deixasse apenas tocar na fimbria de suas vestes; e todos os que as tocaram ficaram sãos.

MARCOS: V. 53. Tendo atravessado o lago, vieram à terra de Genesaré onde aportaram. — 54. Assim que desembarcaram, os habitantes do lugar reconheceram a Jesus. — 55. Transmitiram a notícia a todo o país e começaram a trazer de todos os lados os doentes em seus leitos, para onde quer que ouviam dizer que ele estava. — 56. Em qualquer lugar que entrasse, burgo, aldeia, ou cidade, punham os doentes nas praças públicas e pediam lhes fosse permitido apenas tocar a fimbria de suas vestes; e todos os que nelas tocavam se curavam.

N. 175. Já vos explicamos o poder magnético de que dispunha Jesus. O tocar-lhe nas vestes, fato que, devido à ignorância das causas e dos efeitos, os homens tinham por "*milagroso*"; não passava de um meio material que lhes era indispensável.

A cura se operava pela ação da vontade daquele que exercia poder soberano sobre os elementos etéreos.

Os doentes se curaram todos, não por terem tocado na fimbria das vestes de Jesus, mas pela ação de sua vontade poderosa, como acabamos de dizer, pela ação magnética que ele exercia, pela emissão que fazia, sob o influxo desta ação, dos fluidos apropriados a cada espécie de doença, os quais eram dirigidos para o organismo do doente.

**MATEUS, Cap. XV, v. 1-20. — MARCOS,
Cap. VII, v. 1-23**

*Mãos não lavadas. — Tradições humanas. —
Escândalo a desprezar. — Guias cegos.
Verdadeira impureza. — O que vem
do coração é que suja o homem,
que o torna impuro.*

MATEUS: V. 1. Então alguns escribas e fariseus que tinham vindo de Jerusalém se aproximaram de Jesus e lhe disseram: — 2. Por que transgridem teus discípulos a tradição dos antigos, não lavando as mãos antes de comer? — 3. Respondeu-lhes ele: E por que transgredis vós os mandamentos de Deus em obediência à vossa tradição? Deus disse: -4. "Honra a teu pai e a tua mãe; e: "Seja punido de morte aquele que houver ultrajado a seu pai ou a sua mãe". — 5. Vós, porém, dizeis: Quem quer que haja dito a seu pai ou a sua mãe: "Tudo que ofereço a Deus vos é útil", satisfaz à lei, — 6, embora, em seguida, deixe de honrar e assistir a seu pai e a sua mãe. Tornastes assim nulo o mandamento de Deus pela vossa tradição. — 7. Hipócritas, bem profetizou de vós Isaías, dizendo: — 8. "Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. — 9. E pois em vão que me honram ensinando doutrinas e mandamentos dos homens." — 10. E, chamando para perto de si a multidão, disse: Ouvi e compreendei: — 11. Não é o que lhe entra pela boca o que suja o homem. — 12. Então, os discípulos, aproximando-se, lhe disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo o que acabaste de dizer, se escandalizaram? — 13. Ele respondeu: Toda planta que meu pai celestial não plantou será arrancada pela raiz. — 14. Deixai-os, são cegos a conduzir cegos; ora, se um cego se faz guia de outro cego, cairão ambos no fosso. — 15. Disse então Pedro: Explica-nos essa nova parábola. — 16. Jesus lhe replicou: Também vós ainda sois tão baldos de inteligência? — 17. Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce ao ventre e é em seguida lançado em lugar

escuso? — 18. Mas o que sai da boca vem do coração e é o que mancha o homem, o torna impuro; — 19, pois que do coração vêm os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os roubos, os falsos testemunhos, as blasfêmias, as maledicências. — 20. Estas as coisas que mancham o homem; mas, comer sem ter lavado as mãos não o torna impuro.

MARCOS: V. 1. Alguns escribas e fariseus vindos de Jerusalém foram ter com Jesus; — 2, e, tendo visto seus discípulos tomarem a refeição com as mãos impuras, isto é, sem as terem lavado, os censuraram; — 3, pois os fariseus e os Judeus não comem sem terem lavado as mãos muitas vezes, guardando a tradição dos antigos. — 4. E quando voltam da praça pública não comem sem se haverem banhado, tendo muitos outros costumes mais, cuja observância lhes foi transmitida pela tradição e eles conservam, como o de lavarem os copos, os jarros, os vasos de bronze e os leitos. — 5. Perguntaram-lhe, pois, os fariseus e os escribas: Porque não seguem os teus discípulos a tradição dos antigos, comendo sem terem lavado as mãos? — 6. Jesus respondeu: Bem profetizou Isaías a vosso respeito, hipócritas, conforme está escrito: "Este povo me honra com os lábios, mas o seu Coração está longe de mim; — 7, é em vão que me honram ensinando doutrinas e mandamentos dos homens" — 8, pois, deixando de lado o mandamento de Deus, observais com cuidado a tradição dos homens, lavando os jarros e os cálices e fazendo muitas outras coisas semelhantes. — 9. E lhes dizia: Anulais totalmente o mandamento de Deus, para guardardes a vossa tradição. — 10. Assim, enquanto que Moisés disse: Honrai a vosso pai e a vossa mãe; e: Seja punido de morte aquele que houver ultrajado a seu pai ou sua mãe; — 11, vós dizeis: Se um homem diz a seu pai ou a sua mãe: "Tudo o que ofereço a Deus vos é útil", ele satisfaz à lei. — 12. E lhe permitis que não faça mais coisa alguma por seu pai ou sua mãe. — 13. Revogais assim a palavra de Deus pela tradição, que vós mesmos estabelecestes e deste modo fazeis muitas outras coisas semelhantes. — 14. Chamando novamente o povo para perto de si, disse: Ouvi-me vós todos e compreendei: — 15. Nada há do que existe fora do homem que,

entrando nele, o possa manchar, tornar impuro; o que sai do homem é que o mancha e torna impuro. — 16. *Se alguém tiver ouvidos de ouvir ouça.* — 17. Logo que, apartando-se do povo, entrou em casa, seus discípulos lhe perguntaram o que queria dizer aquela parábola; — 18, e ele lhes disse: Tão pouco inteligentes ainda sois? Não compreendeis que tudo o que está fora do homem, entrando nele, não pode sujar, tornar impuro; — 19, pois que nada disso lhe entra no coração e sim desce ao ventre, donde as fezes da alimentação têm que ser expelidas e lançadas no lugar secreto? — 20. E acrescentava: O que macula o homem é o que sai do próprio homem; — 21, pois de dentro dos corações dos homens é que saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicções, os homicídios, — 22, os roubos, as avarezas, as iniquidades, as felonias, o orgulho, os desregramentos. — 23. Todos estes males vêm de dentro do coração do homem e o mancham.

N. 176. *Como Jesus*, também nós vos dizemos: desconfiai das tradições. As palavras dirigidas *pelo Justo* aos fariseus com inteiro cabimento se aplicam aos tempos de hoje. Desconfiai das tradições, pois que elas *deturparam* a lei de amor, de perdão, de olvido das ofensas, de mútuo auxílio, que Jesus pregou. Dessa lei suave a tradição fez o que já fizera da de Moisés. Deixai, portanto, de lado a tradição. *Retornai, retornai* singelamente ao Cristianismo *do Cristo*, segui-lhe os conselhos fraternais, caminhai *pelas sendas que traçou* e deixai que os orgulhosos fariseus dos vossos dias se escandalizem. Eles falam e procedem *com relação* a vós outros espíritas exatamente como falaram e procederam com relação a Jesus os fariseus de outrora. Deixai se escandalizem, porquanto também serão forçados a abandonar suas tradições e a voltar para aquela lei, mãe de todas as virtudes. Preservai-vos de tudo o que vos possa sujar. Não pronuncieis nenhuma palavra, não pratiqueis ato algum que a vossa consciência condene, ainda que

muito ligeiramente. Não vos entregueis a nenhum pensamento mau. Conduzi-vos com simplicidade, tirando boas coisas do bom tesouro do vosso coração e repartindo-as com os vossos irmãos, a fim de que por toda parte nasçam abundantes as virtudes e se encham de paz os corações.

Os Hebreus, fazendo um voto ou uma oferenda, podiam dispor, em favor do culto, de uma certa parte de seus bens. Desde então, pretextando que essa parte representava tudo o de que poderiam dispor em benefício de seus pais, se consideravam dispensados de lhes prestar assistência. Alegavam, para se justificarem, que do que ofereciam ao Senhor os pais aproveitariam sob a forma de bênçãos celestes. Hipocrisia, tanto do ímpio, que *desse modo* profanava a divindade, quanto do sacerdote indigno, que tolerava e animava semelhantes profanações.

Esse o exemplo que Jesus escolheu para induzir os escribas e os fariseus a refletirem sobre o que chamavam — *a tradição dos antigos*, a rejeitarem tudo o que essa tradição encerrava de contrário à lei divina, tal qual o Senhor a revelara por intermédio de Moisés e dos profetas. Esse o exemplo que o Mestre escolheu para os reduzir ao silêncio, antes de dizer à multidão:

"Escutai-me e compreendei: Nada há fora do homem, que, entrando nele, o possa sujar, tornar impuro. Não é o que entra na boca do homem o que o suja, que o torna impuro; o que sai da boca do homem é que o suja, que o torna impuro. *Se algum de vós tem ouvidos de ouvir, que ouça.*"

Os costumes *aditados* às leis reais é que constituíam a tradição dos antigos. O termo "costumes", aqui, indica — todas as doutrinas, prescrições, preceitos e mandamentos oriundos dos homens e por eles estabelecidos. Por leis reais designamos — as leis

divinas que, em obediência à vontade do Senhor, foram reveladas aos Hebreus por Moisés, *seja* a que ele recebeu no monte Sinai, mediante uma manifestação espírita¹², *seja* a que recebeu como médium inspirado, audiente, mediante, pois, manifestações espíritas também, porquanto, bem o sabeis, Deus não se comunica *diretamente* com os homens.

Vós outros cristãos tendes igualmente *a vossa tradição dos antigos*, representada pelas doutrinas, pelos preceitos, prescrições e mandamentos que os homens formularam, *alterando, deturpando, falseando*, com os seus acrescentamentos, a lei divina, que, em obediência à vontade de Deus, Jesus lhes revelou, mediante uma manifestação espírita, qual o foi o seu aparecimento na terra, seguido da aparente vida humana que teve, durante o desempenho da sua missão. Aquela lei, *com exclusão de qualquer outra*, se contém integralmente na palavra do Mestre, na palavra evangélica que, *velada pela letra* enquanto *era* isso *necessário*, constituiu a base, o fundamento e a fonte da nova revelação, que a vem explicar, tornar compreensível e desenvolver, *em espírito e em verdade*, na época marcada pelo Senhor para o advento do *espírito que vivifica*, em substituição *da letra que mata*.

Assim como Jesus veio combater, entre os Hebreus, *a tradição dos antigos*, arrancando desse modo toda planta que pelo pai celestial não fora plantada, também hoje o Espírito da Verdade, que representa o Cristo, complemento e sanção da verdade, vem, pela nova revelação, pelos Espíritos do Senhor, seus enviados, e mediante manifestações espíritas, combater entre vós tudo o que constitui *a tradição dos antigos*, arrancando igualmente toda planta que pelo pai celestial não foi plantada.

¹² Ver a este respeito a explicação dos mandamentos (Decálogo).

O que Jesus disse aos escribas e fariseus daquela época se aplica aos escribas e fariseus de hoje, os quais, repelindo e rejeitando a nova revelação, trazida aos homens pelos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, se esforçam também por manter a *tradição dos antigos*, honram a Deus com os lábios, ensinando doutrinas e mandamentos humanos, com o que o honram em vão. Efetivamente, pode Deus admitir a pureza exterior, quando vê que o coração está sujo? Pode aceitar o culto dos lábios, quando vê que o coração se conserva frio? Pode abençoar o homem e perdoar-lhe, quando vê que este amaldiçoa e se vinga? Honrai a Deus, homens, do fundo dos vossos corações; submetei-vos, com simplicidade, à lei de amor que ele vos impõe; não sejais sepulcros caiados por fora; fazei que a pureza resida nas vossas almas, qualquer que seja o invólucro que a encerre.

"Toda planta que meu pai celestial não plantou, disse Jesus, será arrancada."

Dando esta resposta aos discípulos, que lhe diziam estarem os fariseus escandalizados, o pensamento de Jesus abrangia aquele momento e o futuro.

Com relação àquela época, havia nas suas palavras alusão às doutrinas e mandamentos humanos que a era hebraica produzira e que alteraram, desnaturaram, falsearam a lei divina do amor a Deus e ao próximo, lei que no Decálogo fora, por intermédio de Moisés, revelada aos Hebreus e que lhes traçara a via da moral, do dever, do progresso.

Com relação ao futuro, havia naquelas palavras uma alusão às doutrinas e mandamentos que o Mestre, com a presciência que tinha das fases e das condições do progresso humano, sabia que os homens viriam a promulgar, alterando, desnaturando,

falseando a lei de amor, a moral sublime que os seus ensinamentos e exemplos revelavam e se resumiam nestes dois mandamentos, que ele não prescreveu para os limites acanhados de uma nacionalidade, mas para todos os homens da terra, dizendo que toda a lei e os profetas se acham neles encerrados: "Amái-vos uns aos outros; — amái a Deus sobre todas as coisas e ao vosso próximo como a vós mesmos"; — "procedei sempre com os outros como quereríeis que procedessem convosco". Quer isto dizer: não façais nunca aos outros, nem material, nem moral, nem intelectualmente, quer nas relações sociais, quer nas de família, quer no trato íntimo, seja por palavras, seja por atos, o que não quereríeis que vos fizessem; do mesmo modo, fazei aos outros todo o bem que desejaríeis vos fizessem, se na posição deles estivésseis.

Aludia ainda Jesus às doutrinas e mandamentos humanos que viriam alterar, desnaturar, falsear o culto, todo espiritual, que ele viera instituir na terra: culto interior da alma, consistindo na pureza do coração, na retidão da consciência e na prática das boas obras, tendo por símbolo divino e único a justiça, o amor, a fraternidade, a liberdade e a igualdade perante Deus e perante os homens, a unidade e a solidariedade humanas entre todos, Judeus e Gentios.

Aludia também às doutrinas e mandamentos que os homens estabeleceriam como fruto de suas interpretações e que alterariam, deturpariam, falseariam o sentido da revelação que, *sob o véu da letra*, fora dada de sua origem, e o sentido, igualmente velado *pela letra*, das palavras que ele pronunciara, originando-se de tais interpretações os preceitos *materiais, disciplinares*, que ainda hoje se observam, e os dogmas, outros tantos mandamentos de instituição humana, os quais, como aqueles preceitos, serão arrancados, *pois são plantas que o pai celestial não plantou*.

Contudo, nada disso vos deve merecer censura. Tinha que ser assim, por efeito do livre arbítrio do homem e dos esforços e lutas do pensamento, de acordo com os preconceitos, as tradições e o estado das inteligências. Tais tinham que ser as condições e as fases do progresso humano.

Assim como a era hebraica *preparou* o advento da era cristã, também esta, sob o império e o véu *da letra*, preparou o advento da era nova do Cristianismo do *Cristo*, da era espírita. O reinado da *letra* preparou o reinado do *Espírito*, ainda *para* vós futuro, que se inicia com a nova revelação, com a revelação da revelação.

Sim, *toda planta que o Pai celestial não plantou será arrancada*. Estais pelo Mestre prevenidos de que, seja qual for o motivo que daí tirem os fariseus de hoje para se escandalizarem, tudo o que não provier da *fonte pura* será rejeitado, a fim de que o homem *recomece a sua trajetória e avance*, guiado pela fé, pela esperança e pelo amor. Em nome de Jesus e repetindo-lhe as palavras, nós vos dizemos: *Que os que têm ouvidos de ouvir* ouçam, porquanto chegaram os tempos de se cumprirem estas palavras: *a letra mata, o espírito vivifica*.

O Espírito da Verdade vem começar e levar por diante aquela obra de luz, de progresso, de regeneração. Vem destruir as doutrinas humanas, os mandamentos humanos e reconduzir os homens ao Cristianismo *do Cristo*; vem recordar-lhes, explicando-o e desenvolvendo-o *em espírito e em verdade*, tudo o que Jesus disse; vem ensinar-lhes toda a verdade, progressivamente, na medida do que puderem ir suportando; vem encaminhá-los para a unificação das crenças. E não está longe o tempo em que as diversas opiniões se congregarão ao redor de uma só verdade, esta: Deus, uno, único e indivisível, criador incriado de tudo que é; — Jesus,

puramente Espírito, Espírito puro e perfeito, protetor e governador da Terra e da humanidade terrena; e os Espíritos do Senhor, Espíritos purificados, submetidos ao suave e bem-amado poder do nosso chefe, recebendo dele as ordens do pai comum e servindo de instrumentos da vossa regeneração e da vossa felicidade. É o que a palavra evangélica, *sob o véu da letra*, designa por: *Pai, Filho e Espírito Santo*.

O Espírito da Verdade vem reconduzir os homens à compreensão e à prática, *em espírito e em verdade*, da *lei divina*, tal como Jesus a revelou; vem, assim, reconduzi-los à prática da justiça, do amor e da caridade e, conseqüentemente, à liberdade de pensamento e de ação, origem e meio de todos os progressos, à prática da igualdade perante Deus e perante os homens, pela observação de recíproca tolerância, pela simplicidade de coração, pela humildade de espírito, pelo desinteresse, pela renúncia de si mesmo, pelo devotamento, virtudes que trazem consigo a predominância do Espírito sobre a matéria, a afabilidade e a benevolência de todos para com todos, a severidade de cada um para consigo e a indulgência para com os outros.

O Espírito da Verdade vem induzir os homens a deixarem de adorar o pai no alto do monte ou em Jerusalém; vem torná-los de mais em mais, abstração feita dos cultos exteriores que ainda os separam e dividem, os adoradores que o pai quer ter, seus verdadeiros adoradores *em espírito e em verdade*.

"Deixai-os, dizia Jesus aos discípulos, falando dos fariseus de então, que rejeitavam a revelação por ele trazida aos homens, deixai-os, são cegos a conduzir cegos; ora, se um cego conduz outro cego, ambos cairão no fosso."

Estas palavras do Mestre se aplicam também aos fariseus dos vossos dias. Os que se obstinam em

caminhar nas trevas, arrastando consigo seus irmãos, sofrerão as mesmas penas que estes, até que abram os olhos. A expiação, porém, para os que *houverem persistido* em se fazer condutores de cegos, será mais longa e mais dolorosa do que para o cego que eles hajam conduzido e feito cair consigo no fosso. *Que os que têm ouvidos de ouvir ouçam.*

"Fora do homem, disse Jesus, não há coisa alguma que, entrando nele, o possa sujar, tornar impuro; o que o suja e torna impuro não é o que lhe entra pela boca, pois que isso não lhe vai ao coração e sim ao ventre, donde sai para o lugar secreto tudo o que, nos alimentos, se separa do que servia para a nutrição do corpo e deva ser expelido. O que sai da boca do homem é que o suja, que o torna impuro, porquanto o que sai da boca do homem vem do coração e do coração é que vêm e saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os roubos, os furtos, a avareza, a felonía, as impurezas, a dissolução, o olhar perverso, invejoso (a cobiça), os falsos testemunhos, as maldades (toda e qualquer ação má, culposa), as blasfêmias, as maledicências (toda e qualquer palavra que traduza um mau pensamento, *quer* contra o Criador, *quer* contra os outros homens), o orgulho, a altivez (fruto do grande apreço de si mesmo, do seu mérito pessoal, do ponto de vista da inteligência ou da condição social, sentimento que leva o homem a desprezar seus irmãos ou a tratá-los com sobrançeria e desdém), a loucura (transbordamentos do Espírito, que levam irrefletidamente a excessos criminosos)."

Com esse ensinamento quis Jesus que os apóstolos e, por intermédio deles, todos os homens compreendessem que os preceitos relativos aos alimentos, à natureza destes, à prática do jejum *material*, das privações *corporais*, destituídas de utilidade e proveito para o próximo, eram e são vão e inúteis aos olhos de Deus. Quis fazer-lhes compreender que só havia, que só há um jejum agradável a Deus e que ele

admite: o jejum *moral, espiritual*, que se resume na abstenção de tudo o que seja mal, isto é: de tudo o que, nos pensamentos, nas palavras e nos atos, seja contrário à lei divina, evangelicamente revelada, de justiça, de amor, de caridade, de fraternidade.

Não vos admireis de que os que chamaram a si a sucessão dos apóstolos, os que se declararam seus *herdeiros* e se disseram *infalíveis*, hajam, no que respeita aos mandamentos humanos, às práticas materiais, ao jejum material, enveredado pela senda dos escribas e dos fariseus. Não vos admireis de que, passados dezoito séculos após a explicação que, respondendo a Pedro, Jesus deu aos apóstolos, nos vejamos obrigados a repetir: "*Como estais ainda baldos de inteligência! quão pouco inteligentes sois!*"

A Igreja que os homens instituíram era *humana* e, portanto, obrou *humanamente* quando, atendendo às suas necessidades, fez se curvassem as frentes dos que lhe podiam criar embaraços, dominou a matéria por meio de leis materiais e obstou ao desenvolvimento das inteligências, que, do contrário, um dia compreenderiam que ela se transviara. A falta da Igreja não consistiu em haver usado do seu poder material numa época em que os homens precisavam de freios e em que só ela se achava nas condições de lhes impor. Qual então a sua falta? A falta da Igreja consistiu na sua inércia, no seu espírito estacionário e mesmo retrógrado. Os séculos passaram trazendo cada um o seu contingente de civilização, de progresso, de luz. Só a Igreja se obstina em manter sobre os homens o véu com que lhes cobre as inteligências; só ela persiste em perpetuar a infância da humanidade, quando esta, em plena virilidade, se debate por lhe fugir aos entraves. Esforço vão o dela: a seu mau grado o homem usará da sua inteligência. E quantos, impelidos pela inteligência a que ela não quis amoldar-se, a repu-

diaram, considerando-a demasiado velha para lhes satisfazer às aspirações da alma! Uns chamaram em seu auxílio *o nada*; outros esperaram, por não saberem nem negar, nem crer. Aproxima-se, porém, a hora da libertação. As faixas vão cair e o espírito humano, regenerado, esclarecido, *esquecerá* todos os maracás que a Igreja ofecere à infância, se armará francamente com as armas *do Cristo* e entrará na liça.

**MATEUS, Cap. XV, v. 21-28. —MARCOS,
Cap. VII, v. 24-30***A mulher cananeiana*

MATEUS: V. 21. Partindo dali, Jesus se retirou para os lados de Tiro e de Sidon. — 22. E uma mulher cananeiana, vindo dessa região, lhe bradou: Senhor, filho de David, tem piedade de mim; minha filha está sendo cruelmente atormentada pelo demônio. — 23. Jesus não lhe respondeu uma só palavra e seus discípulos, aproximando-se, lhe rogaram: Faze o que ela pede, a fim de que se vá embora, pois vem gritando no nosso calçado: — 24. Ele respondeu: Não fui mandado senão para as ovelhas perdidas da casa de Israel. — 25. A mulher afinal se aproximou dele e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me. — 26. Ele lhe respondeu: Não convém pegar do pão dos filhos e dá-lo aos cães. — 27. Replicou-lhe ela: Sim, Senhor; mas, os cãesinhos comem ao menos as migalhas que caem das mesas de seus amos. — 28. Disse então Jesus: Mulher, grande é a tua fé: seja-te feito como desejas. E no mesmo instante lhe ficou a filha curada.

MARCOS: V. 24. Dali partindo, foi Jesus para os confins de Tiro e de Sidon; entrou numa casa, desejando que ninguém o soubesse, mas não pôde ocultar-se; — 25, por isso que uma mulher cuja filha se achava possessa de um Espírito impuro, tanto que ouviu dizer achar-se ele ali, entrou e se lhe prostrou aos pés. — 26. Ela era gentia e de origem siro-fenícia. Suplicou-lhe que expulsasse da filha o demônio. — 27. Jesus lhe disse: Deixa que primeiro se saciem os filhos; pois, não se deve tomar do pão dos filhos para dá-lo aos cães. — 28. Ela, porém, respondeu: É verdade, Senhor; mas, os cãesinhos, debaixo da mesa, comem ao menos as migalhas das crianças. — 29. Ele então disse: Vai, que, por efeito do que acabas de dizer, já o demônio saiu de tua filha. — 30. Ao regressar a casa, verificou ela que o demônio saíra de sua filha, achando-se esta deitada no leito.

N. 177. Ai tendes uma apreciação da marcha do Cristianismo e da do Espiritismo que vem concluir a obra.

Jesus, que era todo amor e caridade, não repeliu a sério aquela mulher, nem o fez pelo fato de ela não pertencer à nação judia. Fê-lo para dar uma lição aos homens, mostrando-lhes que, por muito distanciado que se esteja das crenças cristãs, a fé em Deus pode operar o "*milagre*" que se lhe pede.

Que fora o que impelira a mulher a vir ter com o Mestre, senão a confiança que depositava na sua missão divina? Quem lhe inspirou a resposta que deu a Jesus, senão a sua fé viva, a sua confiança sem limites?

Podeis todos ser como a Cananeiana. Podeis todos, todos sem exceção, obter o que pedirdes, pela força e pela tenacidade da vossa fé. De nada serve que eleveis o coração a Deus, se, por não haverdes obtido logo o que pedistes, vos deixais abater e desanimais.

E necessária a perseverança na fé. Cumpre que o homem compreenda, como a Cananeiana, que o "*milagre pedido* se pode operar fora de suas vistas e que regresse *com paciência* a casa para verificá-lo. Falemos mais claramente e ao alcance de todas as inteligências: o que pedirdes com fé e perseverança sempre vos será concedido, mas nem sempre em condições que os vossos sentidos grosseiros possam no mesmo momento apreciar. Muitas vezes a graça humana que pedis não produz frutos senão na eternidade; mas, ficai certos que produz.

Compreendei bem quais o motivo e o fim que levaram Jesus a falar e a proceder com a Cananeiana da maneira por que se vos refere acima. Assim procedeu para dar uma *lição e um exemplo*, necessários àquela época e ao futuro. Fazia-se mister

chamar a atenção dos Judeus para a fé, a perseverança daquela mulher, cuja crença tanto diferia da deles. Cumpria também, para firmeza da obra empreendida, que, *por mais algum tempo*, ele deixasse medrar a crença na supremacia deles aos olhos do Senhor. Notai que só ao cabo da sua missão e *unicamente* aos discípulos disse Jesus que fossem pregar *por toda a terra*. Nas suas prédicas públicas nenhuma alusão faz aos Gentios, *parecendo* concentrar toda a sua atenção no povo judeu.

Para os Judeus, os *filhos* eram *eles*. Para Jesus, os filhos eram e são os que crêem e seguem a lei divina.

Ainda hoje, a Igreja, como os Judeus outrora, pretende ter o privilégio de constituir a família divina. Os Judeus que restam espalhados pela terra se consideram como os "*verdadeiros filhos*".

E vós? Não diremos que vós somente sois os *filhos*, que só das migalhas que deixais cair se alimentam, debaixo da mesa, os cãesinhos; mas vós os espíritas estais mais perto do que todos os outros de merecer o qualificativo de filhos de Deus.

Sede, pois, o que devem ser os que desejem usar dignamente desse grandioso título; tende fé forte e vivaz; tende a coragem das vossas opiniões e dos vossos atos; não *transijais* nunca com a vossa consciência; recebi o pão destinado aos "filhos", mas distribuí-o copiosamente com os "cãesinhos" que, famintos, pedem lhes seja permitido partilhar do alimento sagrado: o pão de vida e de verdade. Repetimos, porém: para isso é necessária uma fé viva, ativa e produtiva, que não descoroça com coisa alguma, que nada teme; é preciso um amor fecundo, que espalhe por toda a terra a semente santa e a force a dar bons frutos; é preciso, e aqui está para vós a maior dificuldade, uma abnegação completa, um absoluto

esquecimento das ofensas, uma caridade do coração e dos lábios, que não só perdoe, como ainda esqueça que tenha havido ofensa, um amparo, um concurso mútuos, mediante os quais o mais forte, o mais destro, o mais inteligente, o mais rico, sustente o que lhe é inferior, sem que este o perceba sequer. Disseram-vos, num falar criminoso, que a falta *oculta* era *absolvida*. Nós vos dizemos, em verdade, que o benefício e o perdão *ocultos* são dez vezes maiores do que os que se ostentem ou reclamem agradecimentos.

Sede, pois, perfeitos, o bem-amados, quanto vo-lo permita a imperfeição da vossa natureza. Podeis muito, podeis mais do que ousais esperar. Ponde, portanto, em jogo todos os recursos da vossa inteligência, todas as forças da vossa alma para adquirirdes essa perfeição que vos exigimos. Ela se exalará dos vossos corações como fecundante perfume e nivelará, em toda a Terra, a condição humana, espalhando e fazendo frutificar em todos os corações as virtudes que vos pregamos.

Lançai, lançai em profusão as migalhas do pão que vos é dado, a fim de que os "cãezinhos famintos" se elevem à categoria de "filhos do Senhor".

Deixai que se *saciam os filhos*, isto é, todos os homens de boa vontade que, sejam eles quais forem, sejam quais forem os cultos exteriores ou as crenças que os separem, buscam com fé a luz e a desejam receber. Deixai que se *saciam antes dos cãezinhos* que se conservam afastados da mesa donde caem abundantemente as migalhas do pão de vida e de verdade, que até rejeitam esse pão quando lhes é oferecido. Estes últimos são os que, incrédulos ou materialistas, intolerantes ou fanáticos, repelem a nova revelação, como os escribas e os fariseus repeliram a palavra do Cristo e depois a dos apóstolos.

Sim, os *filhos*, hoje, são os que procuram a verdade, esforçando-se por trilhar as sendas da justiça,

da caridade, do amor, da fraternidade. Perante o Senhor, os homens não são nem católicos, nem cristãos, nem judeus, nem muçulmanos, nem pagãos, nem heréticos, nem ortodoxos. Eles se dividem apenas em submissos à lei divina e em rebelados contra ela. Quem quer que, *em verdade*, se esforce por andar nas veredas do Senhor, seja qual for a designação que lhe dêem, *é filho do pai de família*.

Quanto à cura da filha da Cananeiana, já demos as explicações necessárias tratando de assuntos análogos. Está entendido que ela se achava subjugada por um Espírito mau.

O obsessor a trazia sempre em movimento e a impelia a não se sujeitar aos hábitos humanos, isto é: aos hábitos que o homem mais ou menos civilizado se impõe. Jesus a libertou, ordenando mentalmente ao obsessor que dela se afastasse e a sua libertação se verificou no instante mesmo em que a ordem foi dada. Liberta da subjugação, a filha da Cananeiana retomou os hábitos próprios do seu meio e sentiu a necessidade de um repouso que havia muito não tinha. Daí vem que a sua mãe a foi encontrar deitada no leito.

MARCOS, Cap. VII, v. 31-37*Cura de um surdo-mudo*

V. 31. Deixando as cercanias de Tiro, veio Jesus, por Sídon, ao mar da Galiléia, atravessando o território de Decápolis. — 32. Trouxeram-lhe um surdo-mudo e lhe pediram que impusesse as mãos nele. — 33. Jesus, fazendo-o sair do meio da multidão e levando-o para um lado, lhe pôs os dedos nos ouvidos e saliva na língua. — 34. E, levantando os olhos para o céu, suspirou e disse: *Eph pheta*, isto é: "abri-vos". — 35. Logo se abriram os ouvidos ao surdo-mudo e se lhe soltou a língua, entrando ele a falar distintamente. — 36. Jesus a todos recomendou que nada dissessem a ninguém; porém, quanto mais ele o proibia, tanto mais divulgavam o que viam. — 37. E cada vez mais admirados diziam: Ele tudo tem feito; tem feito que os surdos ouçam e que os mudos falem.

N. 178. Já por muitas vezes temos tratado de casos análogos.

Jesus, o grande médico das inteligências, atuava então sobre a matéria, impressionando os sentidos grosseiros e materiais do homem. Hoje, porém, diante da multidão imensa que é a humanidade, ele se aproxima dos surdos e dos cegos, toca-os com o seu bendito dedo e diz: *Eph pheta*.

Abri-vos, inteligências entorpecidas; abri-vos, olhos vendados pela matéria; abri-vos para escutar as vozes dos Espíritos do Senhor que vos trazem seus ensinamentos, que vos ensinam a sua lei; abri-vos para contemplar a aurora do novo dia, do dia em que vos é trazida, da parte do Senhor, a liberdade, que implica o uso livre da razão, a apreciação dos fatos e das coisas, a aplicação da ciência e a marcha progressiva em todos os terrenos. A liberdade é o oposto da escravidão. A liberdade que *o Senhor* vos concede é o

despedaçamento das cadeias que a escravização *humana* vos impunha. Tende, pois, livre a consciência e não queirais outro guia que não seja o amor a Deus acima de tudo e ao próximo *mais do que a vós mesmos*.

"Para operar a cura do surdo-mudo, Jesus, diz o evangelista, *lhe pôs os dedos nas orelhas e saliva na língua e, elevando o olhar para o céu, suspirou e disse: Eph pheta: abri-vos*".

Foi um exemplo dado aos discípulos, aos homens. Por ato exclusivo da sua vontade, unicamente pela sua força magnética, podia o Mestre restituir ao surdo-mudo a faculdade de ouvir e de falar. Mas, tanto os discípulos como os que os seguiam precisavam concentrar suas forças e usar da prece para alcançarem o resultado almejado, obtendo dos Espíritos superiores o necessário auxílio, consistente em escolherem e lhes porem nas mãos os fluidos apropriados. Era, portanto, preciso que o Mestre lhes ensinasse os diversos meios que tinham ao seu alcance, quando houvessem de operar.

Que, de dentro da sua ignorância orgulhosa, os "espíritos fortes", que desconhecem completamente o poder magnético dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores, a natureza, os efeitos e as propriedades de ação dos fluidos sobre o organismo humano, não tachem de impossíveis esses fatos autênticos chamados "*milagres*", os quais todos se enquadram na ordem da natureza e se produzem segundo suas leis.

O magnetismo prova a possibilidade de tais fatos. A surdez de nascença e, portanto, o mutismo que lhe é conseqüente, provém muitas vezes de uma relaxação do órgão respectivo e, às vezes, também, de uma obstrução. A ação fluídica, exercendo-se sobre o aparelho da audição, sobre o tímpano, quando se ache distendido ou espessado, o contrai ou dilata, conforme ao

caso, dispersa os fluidos que se tenham acumulado ou prendido nos tecidos e restitui ao órgão a flexibilidade que perdera. E, assim, o surdo, logo que começa a ouvir, deixa de ser mudo.

Não vos cause espanto haja falado incontinenti aquele homem, que jamais articulara uma só palavra desde que nascera.

Deveis compreender que as palavras não lhe saíam a princípio tão distintas como as vossas. Quaisquer que tenham sido, porém, as que pronunciou, bastaram para encher de espanto a multidão. Além disso, como deveis igualmente compreender vós outros espíritas, sendo aquela cura de grande importância para a aceitação da crença que Jesus viera difundir, os Espíritos que sempre o acompanhavam auxiliaram, no mesmo instante, por meio do magnetismo espiritual, o desenvolvimento da nova faculdade que ele acabava de dar ao homem e, por meio da inspiração, facilitaram a este o uso dela.

Demais, não estava junto dele o seu anjo de guarda?

**MATEUS, Cap. XV, v. 29-39. —MARCOS,
Cap. VIII, v. 1-10**

*Multidão de doentes curados. — Multiplicação
de sete pães*

MATEUS: V. 29. Jesus, ao sair dali, veio costeando o mar da Galiléia e, tendo subido a um monte, lá se sentou.— 30. Logo dele se acercou grande multidão, onde havia mudos, cegos, coxos e muitos outros doentes que foram colocados a seus pés; e ele a todos curou; — 31, de sorte que a multidão se mostrava maravilhada por ver que os mudos falavam, que os coxos andavam, que os cegos enxergavam; e todos glorificavam ao Deus de Israel. — 32. Jesus chamou os discípulos e lhes disse: Faz-me compaixão este povo, pois há três dias está comigo e não tem o que comer; não os quero mandar embora em jejum, para que não desfaleçam pelo caminho. — 33. Os discípulos lhe disseram: Onde iríamos achar, neste deserto, pães que bastassem para saciar tão grande multidão? — 34. Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes? Sete, responderam eles, e alguns peixinhos. — 35. Ele ordenou ao povo que se sentasse no chão, — 36, e, tomando os sete pães e os peixes e rendendo graças, os partiu e deu aos discípulos, que por sua vez os deram ao povo. — 37. Todos comeram, ficaram saciados e ainda levaram sete cestos cheios dos pedaços que sobraram. — 38. Ora, os que comeram eram em número de quatro mil, fora crianças e mulheres. — 39. Tendo em seguida despedido o povo, Jesus tomou uma barca e veio para os arredores de Magadan.

MARCOS: V. 1. Naqueles dias, sendo de novo muito numerosa a multidão e não tendo o que comer, Jesus chamou os discípulos e lhes disse: — 2. Faz-me compaixão este povo, que há três dias está comigo e nada tem para comer. — 3. Se eu mandar que voltem para suas casas sem terem comido, desfalecerão pelo caminho, pois que vieram de longe. — 4. Os discípulos lhe responderam: Onde quem os possa fartar de pão neste deserto? — 5. Jesus perguntou: Quantos pães tendes? Eles responderam: Sete.

— 6. Ordenou então ao povo que se sentasse no chão e, tomando os sete pães e rendendo graças, os partiu e deu aos discípulos para que os distribuíssem e estes os distribuíram pelo povo. — 7. Tinham também alguns peixinhos. Ele os abençoou e ordenou que do mesmo modo os distribuíssem. — 8. Todos comeram, ficaram saciados e ainda encheram sete cestos com os pedaços que sobraram. — 9. Os que comeram eram cerca de quatro mil e Jesus os mandou embora. — 10. Logo, tomando uma barca com os discípulos, veio para as bandas de Dalmanuta.

N. 179. Com relação às curas que Jesus operou, não precisamos repetir explicações já dadas a esse respeito. Entre os cegos e os mudos que lhe apresentaram, uns padeciam de cegueira ou de mudez por efeito de subjugação, outros por efeito de enfermidade física do organismo humano.

Já recebestes explicações concernentes aos dois casos. Sabeis assim que, no primeiro, a cura se operava pelo afastamento do Espírito obsessor e pela ação magnética que, fazendo cessar a perturbação causada pela subjugação e pela libertação, restituía no mesmo instante ao órgão da audição ou da palavra o estado normal. No segundo caso, a cura se operava por ato da vontade de Jesus e pela ação fluidica que resultava dessa mesma vontade poderosa e da sua força magnética. O mesmo se dava com todos os outros doentes. Quanto aos coxos, Jesus os curava também pelos meios magnéticos, restituindo aos músculos a elasticidade que lhes faltava.

Pelo que toca à multiplicação dos sete pães e dos peixes, já vos explicamos (n. 173), de modo geral, os meios pelos quais essa multiplicação se operava. Não temos que voltar a esse ponto. O que vos dissemos relativamente ao fato da multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes basta para que compreendais o fato análogo de que aqui agora se trata.

Não vos admireis de que os discípulos hajam perguntado a Jesus: "Onde quem os possa faltar de pão neste deserto?" O fato anteriormente ocorrido já lhes não prendia mais a atenção.

Repetindo a multiplicação, quis Jesus, exatamente, impressioná-los com dois exemplos iguais, a fim de, *mais tarde*, lhes dar a conveniente explicação, falando *do fermento dos Fariseus e dos Saduceus*.

**MATEUS, Cap. XVI, v. 1-4 —MARCOS,
Cap. VIII, v. 11-13**

*Recusa do prodígio pedido pelos Fariseus
e Saduceus*

MATEUS: V. 1. Os fariseus e saduceus se acercaram dele para o tentar e pediram lhes mostrasse um sinal no céu. — 2. Ele lhes respondeu: Ao cair da tarde dizeis: Fará bom tempo, amanhã, porque o céu está avermelhado; — 3, e ao amanhecer dizeis: O dia hoje será tempestuoso, pois o céu está de um vermelho sombrio. — 4. Sabeis portanto reconhecer o que pressagia o aspecto do céu e não podeis reconhecer os sinais dos tempos? Esta geração má e adúltera pede um sinal; nenhum lhe será dado senão o do profeta Jonas. E, deixando-os, se foi embora.

MARCOS: V. 11. Vieram os fariseus e começaram a discutir com ele, pedindo-lhe, para o tentarem, um sinal no céu. — 12. Jesus, dando profundo suspiro, lhes disse: Porque pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que nenhum sinal lhe será dado. — 13. E, tendo-os deixado, tomou de novo a barca e passou para a outra margem.

N. 180. Estes versículos carecem de importância.

Pelas palavras "fariseus e saduceus" — neles empregadas, os apóstolos designavam, de um modo geral, os incrédulos. Se bem que, sob o ponto de vista histórico ou religioso, os fariseus e os saduceus se diferenciassem por outra coisa, que não apenas pela incredulidade, os discípulos, emparelhando-os, provaram que eles se assemelhavam como incrédulos, relativamente à missão e à doutrina de Jesus.

Os "fariseus e os saduceus" vieram ter com Jesus para o *tentar*. Quer dizer: para apanhá-lo em falta,

pois não reconheciam poder no Mestre para fazer o que lhe pediam.

Pediram-lhe que mostrasse no céu um sinal, isto é, qualquer coisa de surpreendente, fosse o que fosse. Não tinham, quanto à natureza do sinal, nenhuma idéia assentada, mas desejariam que Jesus, por exemplo, detivesse o movimento dos astros, ou fizesse aparecer no firmamento uma visão qualquer. Aquele que, para acreditar, faz questão de *ver* não sabe muitas vezes dizer o que deseja se lhe mostre. E ainda quando obtivesse a satisfação desse desejo, mesmo à *custa das leis naturais*, isso não lhe bastaria. Trataria de explicar o fato de um modo que se lhe afiguraria racional, *dado o seu ponto de vista*, e exigiria *outra coisa*.

As versões dos dois evangelistas se completam, reproduzindo ambas as seguintes palavras de Jesus: "Esta geração má e adúltera pede um sinal no céu; em verdade vos digo que nenhum sinal lhe será dado; *nenhum sinal lhe será dado senão o do profeta Jonas*"¹³. "Jesus, diz o evangelista, *deu profundo suspiro*". Apreciação humana. Jesus procurou chamar a atenção dos discípulos para o que havia de doloroso no orgulho e na cegueira daqueles Espíritos culpados, que se condenavam por tal forma a uma longa e cruel expiação.

Apartando-se daqueles homens incrédulos, orgulhosos, obstinados e rebeldes, o Mestre se foi embora: deixando-os, Jesus tomou de novo a barca e passou para a outra margem".

N. 181. Será acertado dizer-se hoje: 1º que Jesus, com a *antevisão do futuro*, quando respondia aos fariseus e saduceus de outrora, estendia, em mente, a sua resposta aos incrédulos de agora, os quais, fazendo oposição à revelação espírita e hostilizando-

¹³ Ver, para compreensão e explicação *destas últimas palavras*. o n. 161

a, pedem aos espíritas, por prova da veracidade dela, um sinal no céu, "*um milagre*", e que a esses *novos* fariseus e saduceus se aplicavam e devem ainda aplicar-se aquelas palavras: "*Em verdade vos digo que nenhum sinal lhes será dado; 2?* que o Espírito da Verdade, à semelhança do que fez Jesus com os fariseus e saduceus da época evangélica, *deixa* hoje esses incrédulos Espíritos, como os de então, orgulhosos, cegos, obstinados e rebeldes, sujeitos aos Espíritos do erro e da mentira?

Certamente.

**MATEUS, Cap. XVI, v. 5-12. —MARCOS,
Cap. VIII, v. 14-21**

Fermento dos Fariseus e dos Saduceus

MATEUS: V. 5. Seus discípulos, tendo passado para a outra margem do lago, se esqueceram de levar pães. -6. Jesus lhes disse: Vede bem, preservai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. — 7. Ouvindo isso, os discípulos pensaram de si para si: É porque não trouxemos pães. — 8. Conhecendo-lhes o pensamento, Jesus lhes disse: Homens de pouca fé, porque haveis de estar pensando que vos falei por não terdes trazido pães? — 9. Ainda não compreendeis e não vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos enchestes com o que sobrou? — 10. Nem dos sete pães para quatro mil homens e dos cestos que levastes? — 11. Como pois não compreendeis que não vos falei de pão quando disse: Preservai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus? — 12. O discípulos então compreenderam que ele não lhes dissera que se preservassem do fermento dos pães e sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus.

MARCOS: V. 14. Ora, os discípulos se esqueceram de prover-se de pães, de sorte que um único pão traziam consigo na barca. — 15. E Jesus lhes deu este preceito: Vede bem, preservai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes. — 16. Eles pensavam e diziam entre si: É porque não trouxemos pães. — 17. Jesus, conhecendo-lhes o pensamento, disse: Porque cogitais de não terdes trazido bastante pão? Ainda não sabeis, ainda não compreendeis? Ainda estão cegos os vossos corações? — 18. Tendo olhos, não vedes? tendo ouvidos, não ouvís? Perdestes a memória? — 19. Quando parti cinco pães para cinco mil pessoas, quantos cestos enchestes do que sobrou? Doze, disseram eles. — 20. E quando parti sete pães para quatro mil pessoas, quantos cestos de pedaços ficaram? Sete, responderam eles. — 21. E Jesus acrescentou: Como é então que ainda não compreendeis o que vos digo?

N. 182. Os próprios discípulos vos explicam as palavras de Jesus, comunicando-vos a interpretação que eles lhes deram, em seguida à observação que o Mestre lhes fez.

Também vós, novos discípulos de Jesus, preservai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus e do fermento "de Herodes", isto é: preservai-vos de todas as inspirações do orgulho, preservai-vos de toda submissão covarde ao poder, sempre que este tente exercer qualquer ação sobre as vossas consciências ou sobre os vossos atos morais. Sede humildes de coração, submissos aos vossos superiores, quaisquer que estes sejam. Dai a César o que é de César, mas não esqueçais *nunca* que é Deus quem faz os Césares e que só ele tem direito sobre todos.

Repetimos: preservai-vos de toda submissão covarde ao poder, sempre que este tente exercer qualquer ação sobre as vossas consciências ou sobre os vossos atos morais. Deveis resistir, com respeito, mas também com firmeza, a qualquer oposição, venha donde vier, visando impedir que executem a vontade de Deus os bons Espíritos que se comunicam com os homens *para*, mediante a nova revelação, concluir a obra do Cristianismo *do Cristo*, *regenerar* a Humanidade por meio da luz e da verdade, implantar, pela prática recíproca da justiça, do amor e da caridade, a fraternidade universal, dando assim cumprimento a estas palavras de Jesus: "*Tendes um único Senhor e sois todos irmãos*".

Sim, por maior que seja a oposição e venha donde vier, deveis, com respeito, mas com firmeza, defender o exercício do vosso livre arbítrio, da vossa liberdade de consciência. A verdade tem que se difundir: não deixeis que a sufoquem ao nascer.

MARCOS, Cap. VIII, v. 22-26*Cura de um cego*

V. 22. Como chegassem a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediram que o tocassem. — 23. Tomando o cego pela mão, ele o conduziu para fora da aldeia e, passando-lhe saliva nos olhos e impondo-lhe as mãos, lhe perguntou se via alguma coisa. — 24. O homem, olhando, disse: Vejo a caminhar homens que parecem árvores. — 25. Jesus lhe colocou de novo a mão sobre os olhos e ele começou a ver, ficou curado, de sorte que via tudo distintamente. — 26. Jesus o mandou embora para casa, dizendo: Vai para tua casa e, se entrares na aldeia, não digas a ninguém o que te sucedeu.

N. 183. Jesus não se achava só; estava, como sempre, acompanhado. A recomendação que fez dizia respeito à visão do cego.

Da primeira vez que lhe impôs as mãos, o Mestre deu ao homem a vista espiritual. Viu ele então os Espíritos que se grupavam em torno de Jesus. Ao seu entendimento obscurecido esses Espíritos pareceram homens de gigantescas proporções. Pela segunda imposição das mãos, o Mestre curou os órgãos animais do homem e ele começou a ver, mas a ver apenas os outros homens seus semelhantes. A vista corporal lhe fora restituída. A proibição de Jesus se entendia, portanto, com a primeira visão. Só os discípulos ouviram as palavras do cego, por isso que, formando círculo em torno do Mestre, mantinham a multidão a certa distância.

Acabamos de dizer que, pela primeira imposição das mãos, Jesus desempecera no homem a vista espiritual. Expliquemos. Obedecendo à vontade do Mestre, o que mostra ter sido ele o autor do ato, os Espíritos que o cercavam fizeram com que o cego se

tornasse, na ocasião, *vidente*, desembaraçando-lhe da *matéria o espírito*. Para terdes a explicação deste fenômeno não precisareis mais do que recorrer à dos fenômenos magneto-espíritas. As coisas se passam em ambos os casos de igual maneira, só havendo a menos, no de que aqui se trata, o sono.

Falando dos fenômenos magneto-espíritas, não aludimos aqui *unicamente* ao magnetismo espiritual, mas *também* ao magnetismo humano *empregado* com o fim de desenvolver a vista espiritual. O Espírito, pelo contacto com os fluidos humanos que o cercam, adquire maior força. Seu perispírito, forrando-se, por assim dizer, com os eflúvios perispíricos que o rodeiam, pode subtrair-se ao corpo que o envolve, o que lhe permite recobrar, momentaneamente, alguma liberdade.

O magnetismo ainda ensaia seus primeiros passos. O homem tem por demais desprezado o poder que o Senhor lhe pôs nas mãos; mal se dignou de lançar os olhos para a primeira página da introdução desse grande livro da ciência. Que o folheie com perseverança e lhe preste toda a atenção.

O magnetismo não constitui um jogo para divertimento dos curiosos; não é uma ciência ligeira destinada *apenas* a aliviar alguns sofrimentos. *É* um estudo grave, profundo, que reclama, para se tornar proveitoso, ilimitado desinteresse, fé viva, inesgotável amor ao próximo. Com esses três auxiliares, podereis, homens, colher ousadamente os frutos da árvore da ciência; repelireis horrorizados o mal e caminhareis a passos largos na senda do progresso.

Magnetizadores, a vós outros é que especialmente nos dirigimos. Trazeis em vós a fonte de todas as descobertas, de todas as ciências. Abri, trabalhando seriamente, as páginas desse grande livro e ai descobrireis todos os dias alguma beleza nova e vereis até onde pode chegar o poder do homem, quando tem a sustentá-lo o amor do bem, da verdade e do belo.

O magnetizador *sério*, que trabalhe visando o progresso da Humanidade, deve pôr o máximo cuidado na escolha dos sonâmbulos que hajam de secundá-lo nas suas pesquisas. Um só não basta, pois que *tal* Espírito, adiantado num dos ramos da ciência, pode ser completamente ignorante no que respeita a outro. Não falamos *aqui* da ciência *humana*, porquanto o sonâmbulo que, na condição de encarnado, seja extremamente simples de espírito, poderá ser *espiritualmente* muito adiantado, desde que seja também simples de coração. E o desprendimento traz *ao homem*, como sabeis, *inesperadas revelações*, graças aos Espíritos superiores aos quais o sonâmbulo serve de instrumento.

Ao fazer a escolha dos sensitivos, deve o magnetizador ter a preocupação de encontrar corações puros e devotados que ele instruirá na ciência magnética, moldando-os desde o primeiro momento, a pouco e pouco, para o gênero de trabalho acorde com a aptidão que manifestem. Este, quando em êxtase, poderá ser o *auxiliar* de um químico; *aquele* projetará luz nas trevas da história; *aquele outro* resolverá problemas mecânicos sobre os quais a Humanidade tem encanecido sem lhes achar a solução. Mas, para chegar a semelhante resultado, cumpre que tanto o magnetizador como o magnetizado sejam *puros de coração* e não busquem na ciência uma *exploração mundana*. De outro modo, ambos verão falir suas esperanças e os *Espíritos embusteiros* lançarão seus *lucilantes véus* sobre as mais sérias questões, por isso que os Espíritos superiores não se aproximam senão do que é puro, de conformidade com as leis de atração espiritual, fluídica. Só aos que tenham o *coração puro* eles auxiliam nas suas pesquisas, nos seus estudos, dando-lhes a luz, a ciência, a verdade. Só prestam o seu concurso, repetimos, aos que, *tendo em vista unicamente o progresso da Humanidade*, trabalhem

com ilimitado desinteresse, fé viva e inesgotável amor ao próximo, jamais procurando na ciência um meio de levar a efeito mundanas explorações. Só esses são capazes e dignos de se constituírem, entre vós, os auxiliares de Deus e dos Espíritos superiores, no tocante à marcha e à realização do progresso.

Repetimos novamente: o magnetismo ainda está na infância. Estudai-lhe com afinco as tendências, as possibilidades, *a fim* de o desenvolverdes. Apoiar-vos nele e mais depressa atingireis o ponto culminante para onde se orientam todos os vossos esforços. Qual é, com efeito, o estado do sonâmbulo? O do Espírito quase liberto do corpo. Esta massa de carne nada mais fica sendo para ele do que um instrumento que lhe serve a transmitir-vos seus pensamentos, suas sensações: exatamente o que sois, para nós, vós outros evocadores e médiuns — simples instrumentos.

O estado sonambúlico, desenvolvido e produzido repetidamente, eleva o Espírito, habituando-o a se libertar da sua prisão, mesmo durante o estado de vigília. Deste modo, espalhando pouco a pouco em torno de vós seus eflúvios libertadores, habitua-reis o homem a viver, por bem dizer, fora de si mesmo. A atmosfera que vos envolve se impregnará desses fluidos humanos e, assim como a miragem que flutua no horizonte se avoluma com as nuvens que a cercam e se lhe agregam, também esses fluidos atrairão os fluidos ambientes que vos circundam, e apressarão o desenvolvimento das vossas faculdades e a emancipação das vossas almas.

Acabamos igualmente de dizer que *o cego* viu os Espíritos que se grupavam em torno de Jesus e que, *ao seu entendimento obscurecido*, esses Espíritos pareceram homens de gigantescas *proporções, semelhantes a árvores pela altura do porte.*

Como a maioria dos que vivem na terra, ele desconhecia os efeitos do desprendimento espiritual. *Não lhe foi possível, pois, inteirar-se* do que se passava aos olhos do seu Espírito.

Os Espíritos que cercavam o Mestre, Espíritos aos quais *mais tarde* ele se referiu *dizendo que*, "se o quisesse, *seu pai enviaria milhares de anjos para o servirem*", não precisando apoiar-se no solo, se reuniam no espaço e, como a parte inteligente do ser é sempre o que mais atrai o olhar dos outros seres, o olhar *espiritual* do cego se dirigiu para a região superior dos que por ele eram vistos.

Nas aparições espíritas, ou no caso de desprendimento do Espírito do *vidente*, o que mais lhe prende a atenção é a sede propriamente dita do Espírito, a parte superior do corpo. Só depois de haver experimentado o contacto visual com essa parte superior do vulto é que o olhar do vidente desce e percebe o resto das formas, *isto mesmo se for necessário*, porquanto, na maioria das vezes, essas formas se apresentam indistintas, como que diluídas numa espécie de vapor.

As dimensões espíritas não são apreciáveis pelas medidas de que usais. Os Espíritos, librando-se no espaço, ultrapassavam as árvores na visão espiritual do cego. Suas formas imprecisas não lhe chamaram a atenção, por se achar esta voltada toda para as fisionomias que ele distinguia. Podemos acrescentar, para satisfazer à curiosidade minuciosa de alguns, que as formas humanas conservadas pelos Espíritos são geralmente mais amplas do que o eram na terra. Mesmo o homem, nos mundos superiores ao vosso, tem maior estatura do que vós outros e de muito maior pureza são as linhas de seu talhe.

Na terra, que ainda é um mundo inferior, um mundo onde ainda predomina a inferioridade moral, os fenômenos magneto-espíritas são amiúde obra de

maus Espíritos, tanto que produzem efeitos fluídicos violentos e dolorosos ou perigosos, tais como, em particular, as subjugações corporais, ou corporais e morais ao mesmo tempo. São também obra de Espíritos levianos, embusteiros, dando lugar a mistificações.

Tudo isso, porém, se passa debaixo da vigilância dos guias. Se produzem efeitos violentos, dolorosos, ou que pareçam perigosos, é que tais efeitos fazem parte da série de provações que o encarnado tem que sofrer. Sendo assim, os Espíritos protetores deixam que eles se produzam.

Tudo tem sempre um *objetivo sério*. Procurai, *cuidadosamente*, quais possam ter sido as causas determinantes da mistificação e deparareis ou com uma incredulidade sistemática, ou com uma confiança *orgulhosa*, ou com uma credulidade, uma inexperiência que precisavam esclarecidas para conduzirem à perspicácia e ao devotamento. Algumas vezes também é o caso de uma lição que convinha fosse dada às testemunhas, cuja atenção o encarnado se encarregara de despertar.

"A segunda imposição das mãos, dissemos, curou os órgãos animais do homem e este começou a ver, mas apenas os outros homens, seus semelhantes. A vista corporal lhe fora restituída".

A este respeito não precisais de explicação alguma. Já as tivestes, quando tratamos de casos análogos (ns. 121 e 178). Ao cego, cuja cegueira era acidental, mas antiga, a vista foi restituída pela vontade poderosa de Jesus, como sabeis, e pela ação de sua força magnética.

Para curá-lo, não precisava o Mestre de lhe passar saliva nos olhos nem de lhe impor as mãos. Também não era preciso que lhe desembaraçasse a visão espiritual e, para o conseguir, não se fazia mister igualmente que lhe passasse saliva nos olhos, nem que

o submetesse a uma primeira imposição das mãos, como não era necessária a segunda, para o que o homem recuperasse a vista corporal.

Procedendo *da maneira que se vos refere*, os atos e palavras de Jesus tinham, como sempre, o objetivo de dar aos homens de então e aos do futuro um *ensinamento, um exemplo*.

Duplo era o seu objetivo com relação aos discípulos. Pondo saliva nos olhos do cego e fazendo-lhe as imposições das mãos, ensinava-lhes, conforme já o explicamos tratando do surdo-mudo (n. 178), os diversos meios de que dispunham para operar.

Desembaraçando a visão espiritual do homem e interrogando-o nesse estado de desprendimento, Jesus atraía a atenção dos discípulos (do mesmo passo que a dos homens vindouros, que são os da época atual da nova revelação) para os mistérios de além-túmulo, para a imortalidade da alma, para a persistência da individualidade após a morte, tendo em vista o conhecimento, que a mediunidade vidente dera a alguns deles, das aparições espíritas e que hoje dá a alguns de vós.

Desembaraçando a visão espiritual do cego, interrogando-o e restituindo-lhe em seguida a visão corporal, mostrava Jesus aos homens, principalmente aos que no *futuro* viriam a ser esclarecidos pela nova revelação, viriam a aceitar a luz espírita, que aquele, cujo Espírito se acha dominado pela matéria ou a ela escravizado, está moral e intelectualmente cego, do ponto de vista espiritual, espírita; que esse não poderá recobrar e não recobrará a *vista*, senão quando seu Espírito exercer domínio sobre a matéria, dela se desprender, isto é, se libertar para dominá-la; que deste modo é que começa o progresso moral a que o desprendimento da visão espiritual do cego servia e serve de *símbolo*; que no progresso moral está a fonte, o instrumento, a senda e o meio de realização do

progresso material e intelectual, tendo por *símbolo* a restituição da vista corporal ao mesmo cego, logo depois do desprendimento espiritual, que faculta ao homem, progressivamente, sob a influência espírita, o conhecimento dos mistérios de além-túmulo, as descobertas e os segredos da ciência divina, o descortino dos horizontes do infinito.

MATEUS, Cap. XVI, v. 13-20. —MARCOS, Capítulo VIII, v. 27-30. —LUCAS, Cap. IX, v. 18-21

*Palavras de Jesus confirmativas da reencarnação.
Alusão às relações mediúnicas que podem existir
entre os homens e as potências espirituais.
Missão de Pedro na Igreja do Cristo.
Verdadeira confissão*

MATEUS: V. 13. Chegando às cercanias de Cesaréia de Filipe, Jesus perguntou a seus discípulos: Que é o que os homens dizem do filho do homem? — 14. Eles responderam: Uns dizem que é João Batista; outros que é Elias; outros que é Jeremias, ou um dos profetas. — 15. Jesus lhes perguntou: E vós quem dizeis que eu sou? — 16. Simão Pedro respondeu: És o Cristo, filho de Deus vivo. -17. Jesus respondeu: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu pai que está nos céus. — 18. E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e contra ela não prevalecerão as portas do inferno. — 19. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será também ligado no céu e o que desligares na terra será desligado nos céus. — 20. Ordenou em seguida aos discípulos que a ninguém dissessem ser ele Jesus o Cristo.

MARCOS: V. 27. Jesus partiu dali com seus discípulos para as aldeias dos arredores de Cesaréia de Filipe e pelo caminho lhes perguntava: Quem dizem os homens que eu sou? — 28. Responderam eles: Uns dizem que João Batista; outros que Elias; outros que um como os profetas. — 29. Disse-lhes ele então: Mas, vós, quem dizeis que eu sou? Pedro, respondendo, disse: És o Cristo. — 30. E ele lhes proibiu que o dissessem a pessoa alguma.

LUCAS: V. 18. Sucedeu que um dia, estando de parte a orar rodeado de seus discípulos, Jesus lhes perguntou: Quem diz o povo que eu sou? — 19. Eles responderam: uns — João Batista; outros

— Elias; outros — algum antigo profeta que ressuscitou. — 20. Disse-lhes ele: E vós quem dizeis que eu sou? Simão Pedro respondeu: O Cristo de Deus. — 21. Ele então lhes proibiu muito expressamente que o dissessem a pessoa alguma.

N. 184. Uma explicação especial se faz aqui necessária.

(Mateus, v. 13-17; Marcos, v. 27-29; Lucas, v. 18-20). São muito importantes estas passagens dos Evangelhos, por isso que têm um *duplo objetivo*: lembrar aos homens os princípios da reencarnação e não deixar se esquecessem das relações mediúnicas que podem existir entre eles e as influências espirituais.

Jesus sancionava *assim*, de antemão, o que estava reservado a ser posto em evidência, explicado e desenvolvido, *em espírito e verdade*, pela nova revelação, *sob aquele duplo ponto de vista*.

Ali se encontra, *primeiramente*, em poucas palavras, a confirmação desta grande verdade, ainda por muitos contestada e rejeitada: *a reencarnação*.

Consideremos o que disse Jesus a seus discípulos:

"Que é o que os homens dizem do filho do homem? — Quem dizem que eu sou? — Quem diz o povo que eu sou? — E a resposta dos discípulos: Uns dizem que és João Batista; outros que és Elias; outros Jeremias, ou algum dos antigos profetas.

Vemos pelas perguntas e respostas acima que a opinião pública atribuía a Jesus uma origem espiritual anterior àquela sua existência terrena, vendo nesta uma existência nova num novo corpo. Tal opinião, que abrangia *a anterioridade da alma e a reencarnação*, era geralmente partilhada, sem encontrar oposição. Por quê? Porque os Hebreus sabiam pelas tradições conservadas, embora confusamente,

que o homem pode voltar muitas vezes à terra para concluir uma obra começada e interrompida pela morte humana.

Voltemos a Jesus: Vós outros, Católicos, Protestantes, *chamados* Ortodoxos, e Judeus, que não admitis a anterioridade da alma, a reencarnação, duvidais porventura da missão superior de Jesus?

Esse, Católicos, é o fundamento da vossa crença, pois que a fazeis remontar *até ao trono do Eterno*.

Vós, Judeus, sois forçados a admirar o caráter do reformador, embora maldizendo-o, pois ainda fazeis com ele o que vossos pais fizeram com os profetas. Todavia, concordais em que era um gênio superior, um homem animado de boas intenções — um *reformador* em suma.

Qual foi, Judeus, a resposta desse homem, que com a idade de doze anos causava assombro aos doutores da lei?

Dizei, zelosos Católicos, qual a resposta daquele que, descido do Pai para trazer a luz aos homens, conhecia, segundo a vossa doutrina, desde toda a eternidade, os segredos da natureza e da Criação?

Porventura, ele, que aos discípulos ensinava as verdades do alto, os repreende por motivo de uma heresia largamente espalhada?

Diz-lhes, por acaso, que a alma, *criada* para a carne em que habita, não pode nem deve mais voltar à terra, uma vez que a tenha deixado? Diz-lhes que, ao ser criada, a alma se une de tal modo ao corpo que, separada deste, não lhe fica mais pensamento humano algum, nem vida ativa — que ela se perde num infinito difícilimo de explicar, porquanto, *segundo a Igreja católica*, que destinação se há de assinar aos que morrem *com a mácula* do que essa Igreja chama *pecado original*?

As opiniões divergem a tal ponto que se torna difícil precisar as coisas. Expressando-nos, *como*

acabamos de fazê-lo, nós nos colocamos no ponto de vista da Igreja católica, ou, pelo menos, dos seus ministros. De fato: qual a sorte daquele que não recebeu o batismo? A condenação. Mereceu-a? Irá para os limbos, se viveu na ignorância. Há nisso, da parte de Deus, justiça? Que fez o recém-nascido para desmerecer aos olhos do Senhor? E, depois de batizado, que fez para ser colocado entre os eleitos? Que fez, para ir juntar-se a essas almas infantis condenadas a uma eterna neutralidade de sensações, a uma eternidade sem dores, mas sem alegrias, o homem *íntegro e inteligente* que, pelo "acaso, como dizeis, do seu nascimento", viveu desconhecendo o que fosse o batismo? Mandá-lo-eis expiar durante um lapso de tempo mais ou menos longo, no "*purgatório*", a culpa de haver nascido na obscuridade em vez de nascer na luz, a culpa de não ter adivinhado essa *verdade católica* que tantos outros conhecem e desprezam, por não encontrarem nela o que lhes satisfaça à inteligência? Eis aí porque, em nos colocando no ponto de vista da Igreja humana, ou, pelo menos, de seus ministros, dissemos ser difícil determinar as coisas, proceder a uma escolha entre tantas diferentes posições, inadmissíveis todas para o homem que reflete.

Não. Jesus, longe de repreender seus discípulos por se fazerem eco de um erro, longe de lhes dizer que a alma é *criada* para a carne em que habita, que não pode nem deve mais voltar à terra, se limita a lhes perguntar: *E vós quem dizeis que eu sou?* Nesta só pergunta não está a confirmação das idéias enunciadas? Formulando-a, não demonstrou o Mestre que admitia a possibilidade de ser ele João Batista, ou Elias, ou Jeremias, ou qualquer outro?

Por essa forma atendia ele ao presente, sem se descuidar do futuro. Como sabeis, sua palavra era e precisava ser *velada* quanto à reencarnação. Não havia chegado ainda o tempo de apresentar-se *aber-*

tamente aos homens, em espírito e em verdade, esta lei natural e imutável nos seus princípios e nas suas conseqüências. Tal encargo estava reservado à revelação, que o Espírito da Verdade, por intermédio dos Espíritos do Senhor, vos traz hoje, isto é: no tempo designado para a era nova.

A resposta de Pedro: *És o Cristo, filho do Deus vivo, o Cristo de Deus*, isto é, o enviado do Senhor; assim como as palavras que Jesus lhe dirigiu: *Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que te revelaram isto, mas meu pai que está nos céus; não foste tu que o disseste, foi meu pai quem to revelou*", patenteiam, oh! bem-amados, a revelação toda, revelação que foi, naquele momento, de *atualidade*, pela mediunidade de Pedro, e também *futura* pelas relações mediúnicas dos Espíritos do Senhor com os homens. Estes, como Pedro, são hoje e serão no porvir, para a nova revelação, médiuns *sinceros e humildes*, instrumentos escolhidos para transmissores da verdade ao gênero humano.

Por que meio houvera o Senhor feito a Pedro aquela revelação? Não é claro que, na ocasião, Pedro foi o instrumento falante que serviu para revelar a verdade? Que foi Pedro, em tal ocasião, senão um médium falante?

Já temos dito que Pedro possuía em altíssimo grau as faculdades mediúnicas. Por isso mesmo foi ele e não outro quem serviu naquele momento.

Não vos apegueis às inspirações e revelações dos "*santos*", dos "*padres da Igreja*", para dizer: também eles eram médiuns, logo devemos crer *cegamente* nas suas palavras.

A vós, que compreendeis a verdade, podemos mostrar porque não vos deveis apegar às inspirações reveladas e *tantas vezes mentirosas*. Mas, para os incrédulos; que valor terão nossos esclarecimentos?

Não sabeis que a influência espírita sempre existiu e que, em todos os tempos, houve médiuns, alguns tendo perfeito conhecimento da fonte e da causa da ciência que possuíam, outros de todo em todo inconscientes?

Foi *assim*, graças à mediunidade e com o auxílio das relações mediúnicas com os Espíritos do Senhor, que os apóstolos, os discípulos, os evangelistas operaram por toda parte os *milagres* da fé. Multiplicando-os, eles espalhavam a fé por entre os homens, ignorantes, materiais.

Médiuns de todas as espécies, os apóstolos e seus discípulos serviam de instrumento às grandes vontades superiores. Em seguida, serviram de instrumentos, como eles, seus discípulos, os primeiros padres da igreja *do Cristo*, não os que fazem ato de fé no clericalato, mas os primeiros cristãos sinceros e devotados; que morriam ignorados e humildes, após uma vida de propaganda laboriosa e perigosa, sem jamais requestarem a publicidade, as honras espirituais.

Depois, pouco a pouco, a mediunidade foi ficando na sombra, porque era preciso que os acontecimentos seguissem seu curso, que se fundissem todos os povos, adiantados e atrasados, e também porque, *vulgarizado* no seio de povos bárbaros, aquele conhecimento teria ocasionado grandes desordens. Deus permitiu que o conhecimento das nossas relações com a humanidade caísse no esquecimento, porque os homens eram maus e se achavam cercados de maus Espíritos. Em contraposição a um que caminhava nas sendas do Senhor, milhares de outros, provindos do meio de Espíritos inferiores, se compraziam no contacto com estes, mantendo-se sempre no mesmo meio.

Daí o tornar-se a mediunidade, a pouco e pouco, entre todos os povos da cristandade, apanágio de reduzido número de criaturas e afinal o desaparecer quase inteiramente, ou ficar na sombra. Tão profundo

foi, de fato, o esquecimento em que caíram aquelas faculdades, que os que, por orgulho ou cupidez, tentavam explorá-las, eram tidos na conta de feiticeiros e como tais encarcerados ou queimados. Igualmente tratados eram, ou pelo poder e pelo braço seculares, ou pela Inquisição romana, como possessos do demônio ou como heréticos, no longo período que se seguiu aos primeiros tempos do Cristianismo e no qual dominaram as potências clericais, o absolutismo religioso, a ignorância, a intolerância, o fanatismo, quer os que de boa fé, porém submetidos a influências más, produzem efeitos físicos ou manifestações mediúnicas, quer os que, livres pensadores, mas debaixo de boas influências, proclamavam uma verdade, ensinamentos contrários às prescrições dogmáticas, disciplinares da Igreja humana, uns e outros médiuns conscientes ou inconscientes.

Repetimos, não vos apeguéis às inspirações reveladas dos *padres da Igreja* e dos *santos*, para dizer: "Também eles eram médiuns, logo devemos crer *cegamente* nas suas palavras".

Eram médiuns, sim, mas ignorais quanto a mediunidade é perigosa para *quem não sabe servir-se dela*?

Ignorais que o Espírito encarnado atrai a si os Espíritos que se lhe assemelham pelas tendências, pelas idéias preconcebidas ou sistemáticas, de acordo com os preconceitos ou as tradições do meio em que se ache; que, como médium, pode ser submetido a uma influência má, tornar-se instrumento, inconsciente e muitas vezes patente, de Espíritos embusteiros e, assim, instrumentos do erro ou da mentira, do mesmo modo que o pode ser dos bons Espíritos, quando escolhido, como o foi Pedro, para a revelação da verdade que o Senhor queira se faça conhecida dos homens, nos tempos determinados?

Ignorais também que a charlatanaria ou a exaltação do Espírito encarnado pode tomar ou inculcar

como fruto da inspiração o que não passa de produto de uma organização *fraca ou má*?

Imaginais se deva atribuir a influências benéficas e elevadas os jejuns, as macerações, as flagelações, que certos religiosos se impunham, as existências ociosas e inutilmente passadas longe do mundo, de suas tentações, de seus combates, mas também das suas vitórias, na prática de mortificações que só o "*demônio*" podia inspirar, pois que o Deus de amor e de bondade as repele?

Aquele, que confiou ao homem a vida como um depósito precioso que lhe cumpre conservar e do qual tem que prestar contas exatas, poderia aprovar as torturas que os solitários se infligiam e cuja única utilidade era abreviar-lhes, *aos olhos dos homens*, a existência; era mudar o objetivo e os fins de uma vida que o homem deve conduzir e dirigir, segundo a lei divina, pela prática da lei do amor, que o Cristo proclamou, dos mandamentos, que declarou encerrarem toda a lei e os profetas e que sancionou com as suas lições e seus exemplos? pela prática, portanto, das leis morais de *adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade*¹⁴, que, em seu nome, os Espíritos do Senhor vos explicam?

Não; não acrediteis *cegamente* nas palavras dos "*padres da Igreja*" e dos "*santos*", porquanto, se entre eles havia muitas vezes inspirações, mediunidade inconsciente ou patente, não raro também havia má influência, devida, já à exaltação de Espírito encarnado, já à fraqueza e precaridade da organização, já a tendências e idéias preconcebidas e sistemáticas, a preconceitos ou tradições do meio. Essa influência má era uma fonte de erros e embustes que tomavam, para a igreja humana, o caráter de "*milagres*" ou de "*re-*

¹⁴ Ver, para explicação destas leis, O *Livro dos Espíritos*, parte III, cap. I a XI, ns. 614-892.

velações" do Alto, se vinham por intermédio daqueles cuja santidade era, aos olhos dela, manifesta pelo misticismo ou ascetismo e pela observância de todas as suas prescrições *materiais, dogmáticas e disciplinares*.

(Mateus, v. 18-19): Do ponto de vista espírita, portanto mediúnico, é que deveis considerar as palavras de Jesus registradas nestes versículos.

Pedro, médium desenvolvido e adiantado, era, nas mãos dos Espíritos do Senhor, um instrumento poderoso para a difusão da luz. Todos os discípulos do Cristo tinham utilidade, mas cada um na sua especialidade.

Pedro, ao contrário, dotado de uma organização física bastante maleável para se prestar a todas as influências mediúnicas, Espírito mais elevado do que os outros apóstolos fiéis, senão em pureza, pelo menos em inteligência, tinha mais amplo poder. Servia *assim* de pedra fundamental ao edifício. Sobre ele foi construída a *Igreja do Cristo*, que desse modo assenta em alicerces inabaláveis, porquanto a faculdade que ele possuía se vai espalhando e cada vez se espalhará mais. E, tal como a pedra principal do ângulo, todos, todos os verdadeiros espíritas e sobretudo médiuns *sinceros e humildes*, servireis para a construção desse edifício, trazendo cada um a sua pedra. E podereis, *espalhando* de mais em mais, *ao redor de vós, a luz que fordes obtendo, ligar* também e *desligar* na terra e o Senhor *ligará e desligará no céu*.

Já vos dissemos em que sentido deveis tomar *estas palavras*. Elas não significam que o homem, pecador e sempre culpado, possa *absolver ou condenar*, proferindo na terra sentenças das quais não haja apelação; nem mesmo para Deus. Significam *apenas* que, conservando a integridade da alma e do coração, obtendo sempre e cada vez mais as luzes dos bons Es-

píritos, vos tornareis cada vez também mais aptos a julgar das coisas da terra e das coisas do céu, a dirigir os vossos irmãos pelo bom caminho e a distinguir com segurança os que se desviam e os que marcham fiéis.

É preciso vos expliquemos e façamos compreender aos homens, *em espírito e em verdade*, as palavras de Jesus, cujo *pensamento e sentido* a igreja humana *desfigurou, falseou* completamente.

(MATEUS, v. 18): E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha igreja.

Estas palavras de Jesus, particularmente dirigidas a Pedro, constituíram o ponto de partida do erro, tão largamente aceito, da *infallibilidade* do “*papa*”, dito o sucessor daquele apóstolo, assim como da organização clerical, mas não do culto, que teve por base a *emblemática* ceia pascal.

Pedro, Espírito adiantado e devotado, além disso excelente instrumento mediúnico (era preciso que fosse assim), dispunha, por ser da vontade de Jesus e graças aos Espíritos superiores que o assistiam, de uma perspicácia que não podeis avaliar com exatidão. Seu olhar penetrante descia ao fundo das consciências, sondava os mais íntimos pensamentos. Não é certo que, ao dar começo à sua missão, ele se achava em comunicação com os emissários divinos? Ora, dotado de tal faculdade, ao seu alcance estava *ligar e desligar* na terra, pois que não fazia mais do que pronunciar, em voz humana, os decretos que *espíriticamente* lhe eram revelados. Mas, depois dele, quantos Pedros já se contaram entre os que se não intitulado seus *sucessores*?

A *Igreja do Cristo, em sua origem*, foi a reunião dos fiéis escolhidos por Pedro e os outros apóstolos, que tinham consciência da superioridade do primeiro e obravam quase sempre de acordo com os seus com-

selhos e sob a sua direção, no tocante à difusão da boa nova. Constituíam aquela igreja os sinceros e verdadeiros crentes (Judeus ou Gentios) que aceitavam a lei de amor que o Mestre viera pregar aos homens. Dizemos Judeus e Gentios, porque todo aquele que *sinceramente* crê no seu Deus e se esforça por cumprir a lei de amor, faz parte da *Igreja* do Cristo. Qualquer que seja o terreno que forneça a pedra, esta virá reunir-se ao monumento.

A Igreja do Cristo é o conjunto dos filhos do Senhor, filhos submissos e zelosos, que se reúnem pelo pensamento, quando não podem fazer de fato. Ela não está nos templos que os homens edificam, nos quais, segundo o dizer do apóstolo Paulo, Deus não habita.

Pertence à *Igreja do Cristo* aquele que, qualquer que seja o culto exterior a que a reencarnação o tenha submetido, trabalha com todas as suas forças por obedecer, constante, séria e porfiadamente, à lei divina, praticando o amor a Deus acima de todas as *coisas*, e ao *próximo como a si mesmo*, *procedendo sempre para com os outros, em todas as circunstâncias, pelo pensamento, pela palavra e pelos atos*, como quieria que, para consigo, os outros procedessem.

Sim, *da Igreja do Cristo* fazem parte todos os que se submetem à lei divina escrita no livro que no coração de cada um se acha depositado.

"Sobre ti, Pedro, edificarei a minha igreja."

Pedro preside ao progredir da fé, ao desenvolvimento da inteligência, ao cumprimento das promessas de Jesus. Ele continuou no desempenho da sua missão espiritual, depois de haver cumprido a sua missão humana. Desempenhando esta, começou, com o auxílio dos outros apóstolos e dos discípulos que se

lhes associaram, a construir a Igreja do Cristo. Pelo desempenho da sua missão espiritual, prossegue na execução desta obra e a *concluirá*.

"E contra ela não prevalecerão as portas do inferno."

Compreendi o que exprimem estas palavras. Sendo a Igreja do Cristo o conjunto dos filhos do Senhor, não será atingido pelo sofrimento, pela expiação aquele que, tendo sabido manter a integridade do coração e da alma, se esforçou por cumprir, segundo a lei divina, todas as suas obrigações, todos os seus deveres para com o Senhor e para com os homens. Pedro, no desempenho da sua missão terrena, foi um discípulo enérgico, devotado, fiel *até à morte*. Quem quer que construa sobre *tal* base, não terá que temer as portas do inferno, isto é, a expiação e o sofrimento do remorso, pois que o seu proceder será reto e puro.

(MATEUS, v. 19): "E te darei *as chaves do reino dos céus*."

Dar-te-ei o conhecimento exato dos meios de chegar-se à perfeição moral.

"E tudo o que ligares na terra será ligado no céu e tudo o que desligares na terra será desligado no céu."

Jesus, assim falando, abrangia nas suas palavras o momento em que as proferia e o futuro, referindo-se a Pedro. Do ponto de vista da missão humana desse apóstolo, elas significavam que, Espírito adiantado e devotado, excelente instrumento mediúnicamente, como já o dissemos, em comunicação com os emissários divinos, tendo, porque tal era a vontade de Jesus e graças ao auxílio dos Espíritos superiores que o assistiam, a faculdade de sondar o fundo das consciências, de perscrutar os pensamentos mais íntimos, Pedro *ligaria e desligaria* na terra, pronunciando, em linguagem humana, os decretos que lhe seriam revelados *espiritualmente*.

Dos pontos de vista da sua missão *espiritual* e do futuro, que é a época atual em que se prepara a era predita do advento *do espírito*, aquelas palavras significam que Pedro, presidindo, como também já o dissemos, ao progresso da fé, ao desenvolvimento da inteligência, ao cumprimento das promessas de Jesus, *ligaria e desligaria* na terra, quando a faculdade que ele possuía durante a sua missão humana se fosse espalhando progressivamente e cada vez mais, para servir à nova revelação e à construção da *Igreja do Cristo*, igreja que o tem por pedra angular. *Ligaria e desligaria*, transmitindo, por intermédio dos verdadeiros espíritas e, sobretudo, dos médiuns *sinceros e humildes*, que seriam, como ele o foi, instrumentos mediante os quais os Espíritos superiores, os bons Espíritos, revelariam *espiriticamente* a verdade, o exato conhecimento dos meios de chegar-se à perfeição moral, pondo assim, gradualmente, os homens em condições de também *ligarem e desligarem*. Não quer isto dizer que Pedro os ponha em condições de *absolver ou condenar*, porquanto esse poder só o tem Deus e o seu Cristo, a quem o primeiro conferiu poderes ilimitados no tocante ao vosso planeta e que com ele se acha em relação direta. Quer dizer: em condições de viverem íntegros de coração e de alma, de obterem a assistência e as luzes dos bons Espíritos, de se tornarem por essa forma cada vez mais aptos para julgar das coisas da terra e das coisas do céu, para dirigir seus irmãos pelo bom caminho, para distinguir com exatidão os que se transviam e os que marcham fielmente.

Quanto ao fato de haver Jesus proibido aos discípulos que dissessem a quem quer que fosse ser ele o Cristo, filho do Deus vivo, o Cristo de Deus, bem deveis perceber o motivo de tal proibição: era necessário que os acontecimentos seguissem o seu curso.

N. 185. Para exprimirmos, *em espírito e verdade*, o pensamento, o sentido e o alcance destas palavras de Jesus (v. 18): *"E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha igreja*, poderemos, resumindo numa fórmula tudo o que nos acabais de explicar acerca dos v. 18 e 19 de MATEUS, traduzir esses versículos da seguinte maneira: "Tu és Pedro e sobre ti, principal pedra angular, se apoiarão os homens; tu, que presidirás ao progresso da fé, ao desenvolvimento da inteligência e ao cumprimento das minhas promessas, congregarás esses mesmos homens, pedras também necessárias à construção da minha igreja, que será constituída pela reunião dos fiéis obedientes à lei do Senhor, de todos os que se esforcem por praticar, com integridade de coração e de alma, qualquer que seja o culto exterior de que se sirvam para adorar ao pai sobre a montanha ou em Jerusalém, o amor a Deus sobre todas as coisas e o amor ao próximo como a si mesmos, material, moral e intelectualmente; de todos os que se esforcem por observar a lei de amor e de fraternidade que trago ao mundo em nome daquele que me enviou, lei que os Espíritos do Senhor virão, de acordo com a minhas promessas e dirigidos por mim como Espírito da Verdade, explicar e desenvolver, nos tempos preditos, despojando da *letra o espírito*.

"E as portas do inferno não prevalecerão contra ela": O sofrimento e a expiação não atingirão a nenhum daqueles que, fazendo parte da minha igreja, se houverem esforçado por cumprir todas as suas obrigações, todos os seus deveres para com Deus e para com os homens?

"E te darei as chaves do reino dos céus": Dar-te-ei o conhecimento exato dos meios de chegar-se à perfeição moral?

"E tudo o que ligares na terra será ligado no céu e tudo que desligares na terra será desligado no céu": Enquanto cumprires a tua missão humana, sendo, como és, Espírito adiantado e devotado e, mais ainda, excelente instrumento mediúnico, estarás em relação com os emissários divinos. Por minha vontade e auxiliado pelos Espíritos superiores, que te assistirão, sondarás o fundo das consciências, os pensamentos mais íntimos; ligarás e desligarás na terra e tudo o que ligares e desligares na terra será ligado e desligado no

céu, por isso que pronunciarás, em voz humana, os decretos que te serão espiriticamente revelados. Depois de teres desempenhado a tua missão humana, prosseguirás no da tua missão espiritual; então ligarás e desligarás na terra e tudo o que ligares e desligares na terra será ligado e desligado no céu, por isso que a faculdade que possuíste durante a tua missão humana se espalhará, nos tempos preditos, progressivamente, para servir à nova revelação e à construção da minha igreja, cuja principal pedra angular és tu. Presidindo ao progresso da fé, ao desenvolvimento da inteligência e ao cumprimento das minhas promessas, ligarás e desligarás, transmitindo progressivamente ao mundo a verdade pelos verdadeiros espíritos e sobretudo pelos médiuns sinceros e humildes, que serão, como foste durante a tua missão humana, instrumentos dos Espíritos do Senhor, por meio dos quais será espiriticamente revelado o conhecimento exato, que te foi dado, dos meios de chegar-se à perfeição moral. Porás desse modo os homens, também progressivamente, em condições de ligarem e desligarem, como fizeste, mas não de absolverem ou de condenarem, porquanto esse poder só o têm Deus e o seu Cristo, a quem o primeiro conferiu poderes ilimitados no tocante ao planeta terreno e que com o pai se acha em relação direta; e sim de viverem íntegros de coração e de alma, de obterem a assistência e as luzes dos bons Espíritos, de se tornarem por minha vontade e com o auxílio dos Espíritos do Senhor, que os assistirão, cada vez mais aptos a julgar das coisas da terra e das coisas do céu, a dirigir seus irmãos pelo bom caminho, a distinguir os que se transviam e os que marcham fielmente?

Sim, como resumo do que vos dissemos em nome e da parte do Mestre.

N. 186. A Igreja romana, apropriando-se das palavras que Jesus dirigiu a Pedro, pretende ser a herdeira das promessas assim feitas àquele apóstolo, dos poderes e da missão que lhe foram conferidos; pretende que sobre ela *unicamente* deve a Igreja do Cristo edificar-se; que nas suas mãos estão as *chaves do reino dos céus*; que lhe assiste o direito de *absolver e de condenar*; que tudo o que absolve e vier a absolver na terra está absolvido e o será nos

céus; que tudo o que condena ou condenar na terra, está ou estará condenado nos céus; que fora *dela, da observância de seus dogmas e mandamentos*. não há salvação, o que exprime por esta divisa dogmática: "*Fora da Igreja não há salvação.*"

Já dissemos que as palavras de Jesus eram *especialmente* dirigidas a Pedro. Nenhum homem na terra podia ou tinha o direito de atribuir-se a si a herança dessas palavras.

A Igreja desnaturou e falseou completamente o sentido e o alcance delas, dando-lhes interpretações humanas conformes à *letra* que mata, sem lhes apreender o *espírito que vivifica*.

Só lhe assistia o direito de se apropriar daquelas palavras *no seu verdadeiro sentido, que é o que, em nome do Mestre, vos acabamos de revelar espiriticamente*, se houvera trilhado *singelamente* o caminho que Jesus traçou, como podem apropriar-se delas todos os que, Judeus ou Gentios, trilharem esse caminho, com a assistência, a inspiração e o concurso que os bons Espíritos dispensavam a Pedro. Ela, porém, se transviou, do que resultou ficar privada da proteção concedida aos "*primeiros pais da Igreja*", que não são (já o dissemos) os que fazem ato de fé no clericalismo, e sim os primeiros cristãos *sinceros e devotados*, que morriam *ignorados e humildes*, depois de uma propaganda laboriosa e perigosa, *sem jamais buscarem a publicidade, as honras espirituais*.

Volte a Igreja ao caminho de que se afastou, retomando as *pegadas* dos apóstolos, *esclarecida* pela revelação do *Espírito da Verdade*.

Dispa o pastor, o "sucessor" de Pedro a púrpura que o cobre.

Fazendo-se a pedra angular do edifício, reconstrua e sustente a Igreja, que sobre ele repousa, ou, pelo menos, devia repousar, e lhe será dado "*ligar e*

desligar", no verdadeiro sentido destas palavras, trabalhar na verdadeira construção da Igreja *do Cristo e participar* da sua direção. A fé é humilde, teme o lustre e o fausto. Os esplendores da púrpura e do ouro perturbam a vista do chefe da Igreja, as pedras preciosas da tiara lhe fizeram esquecer o *simples bastão, o burel e os pés descalços* de Pedro.

Daí vem que a fé desertou, amedrontada, da Igreja e foi procurar abrigo entre os simples e os fracos. Abri-lhe os vossos corações, ela vos procura, chama e pede asilo. Não a repilais, oh! meus filhos. Quando os tempos forem consumados, os "sucessores" de Pedro descerão do trono para se assentarem no relvado do caminho.

Quando o cetro do "príncipe da igreja" houver cedido o lugar ao cajado do viajor, quando a púrpura houver caído e o burel cobrir os ombros daquele a quem os homens chamam o "Santo Padre" e os dos "príncipes da igreja", o que sucederá, pois que todos hão de voltar à *humildade* de que jamais se deveram ter apartado, então a fé, evolvendo-se dos vossos corações, se elevará grande e forte, para dominar ainda na Igreja *do Cristo*, e o sucessor de S. Pedro estenderá sua santa mão para abençoar o universo. E o universo lhe receberá a bênção *quando ele houver dito*:

AOS CATÓLICOS: "Levantai-vos; não sou mais do que homem, não sou mais do que vós outros; em verdade, creio que Deus não faz seleção de pessoas, que do seu agrado é todo aquele que o teme e cujas obras são justas, seja qual for a nação a que pertença";

quando houver dito, dirigindo-se a todos os homens indistintamente, qualquer que seja o culto exterior que professem:

"Deus me ensinou a não tratar de profano ou impuro a nenhum homem. Na terra, não chameis vosso *pai* a pessoa alguma, porquanto um ÚNICO pai *tendes* — o que está nos céus: não

chameis vosso mestre a pessoa alguma, porquanto UM só doutor tendes e UM só mestre: o Cristo e vós todos sois irmãos; segui os mandamentos, as lições e os exemplos do mestre, sua moral simples e sublime, esforçando-vos por lhe caminhar nas pegadas; amai a Deus, vosso criador, acima de todas as coisas e o próximo como a vós mesmos, porquanto nestes dois mandamentos ESTÃO ENCERRADOS toda a lei e os profetas; amai-vos uns aos outros, porquanto o fim visado por todos os mandamentos é a caridade, que nasce de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera, que se traduz em palavras e atos; lembrando-vos de que a cada um será dado de acordo com as suas obras e de que todos, pelas suas obras e de conformidade com estas, serão julgados. Rejeitando todas as doutrinas e mandamentos humanos, não adoreis MAIS ao pai nem sobre o monte nem em Jerusalém. E vós, Judeus e Gentios, não vos differenceis, abstração feita dos cultos exteriores, no seio da grande família humana; tornai-vos, desse modo e de mais em mais, sob o império das leis de amor, de fraternidade, de unidade, os verdadeiros adoradores que o pai reclama, seus adoradores em espírito e em verdade. QUANDO isso se verificar, não haverá MAIS que um só rebanho e um só pastor; o Cristo e a Igreja do Cristo estará edificada, porquanto vós todos sereis filhos do Senhor. Trabalhai, pois, na obra comum da regeneração, por isso que todos vós sois chamados a pertencer ao número dos ELEITOS.

Orai para que assim seja, meus filhos. Nós trabalhamos cheios de zelo e os tempos se aproximam. Que o Senhor sobre vós estenda a sua poderosa mão.

Pedro vos abençoa.

N. 187. A Igreja romana pretende que, como sempre, o Espírito Santo a assiste e inspira; considera-se infalível e pretende que, por efeito dessa infalibilidade, nunca poderia ter-se enganado, nunca se enganou e não se enganará jamais; e, fundada nessa pretensa infalibilidade, proscreve a revelação espírita, que o Espírito da Verdade traz para a nova era por intermédio dos Espíritos

do Senhor, dizendo que essa revelação vem destruir o que ela chama — a *Igreja, seus dogmas e mandamentos*.

Pretensão humana, fruto do orgulho e da ambição, pretensão cega e falsa, que nenhum homem que pense pode tolerar.

Para admitir-se a infalibilidade da *Igreja*, fora preciso admitir-se como infalíveis os homens que a têm composto.

Não admitais que a influência misteriosa sob a qual praticais os vossos atos sérios se faça sentir em vós, quando não vos mostrais dignos de um contacto elevado.

O "Espírito Santo", debaixo de cuja influência pretendem estar "os príncipes da Igreja", quando ditam suas leis, não desceria a animar corpos impuros, sepulcros caiados. E quantos nem se dão ao trabalho de cair-se!

O "Espírito Santo", isto é, essa influência oculta que guia o homem pela vontade do Senhor, não atua senão quando o homem se faz digno, dela.

Nos concílios houve jamais unidade de vistas? Os príncipes e maiores da Igreja eram unânimes nas suas maneiras de ver, nas suas decisões? E acreditais que a justiça, a equidade, o que eles chamam: "a inspiração do Espírito Santo", tenham estado sempre do lado da maioria? Porventura, estiveram desse lado a verdade, a fé, a virtude? Não.

As opiniões, nos concílios, não se mostravam divididas? Ora, se os seus membros fossem todos inspirados *pelo Espírito Santo*, haveria divergências de opiniões?

As sentenças, que proferiram, apresentaram sempre o cunho, que deviam trazer, da equidade e da justiça? Ao contrário, as mais das vezes o que nelas se nos depara não são os interesses materiais e pessoais envolvidos no manto da religião? a vingança e a má fé armadas com a cruz para, em nome da intolerância e

do dogmatismo que o divino modelo proscreeva, acusar de *heresia* e condenar os *inocentes*?

Onde estava a inspiração, quando havia debates? onde o *Espírito Santo* e quais as suas funções?

Não vos equivoqueis quanto ao *sentido* destas palavras de que acabamos de usar: "O Espírito Santo, debaixo de cuja influencia pretendem estar os príncipes da Igreja" quando ditam suas leis, *não desceria a animar corpos impuros, sepulcros caiados*".

Exprimimo-nos *assim*, para usarmos dos termos de que se serve a Igreja romana. Poderíamos ter dito "*os Espíritos superiores*", os "*bons Espíritos*", pois que sabeis, pela nova revelação, que "*Espírito Santo*" é apenas uma designação simbólica, indicativa da falange sagrada dos Espíritos do Senhor. A Igreja, porém, não admite isso, persiste em espalhar a *falsa* crença dos Hebreus, ensinando que o *Espírito Santo* é o próprio Deus, é uma fração, se bem que *indivisível*, do grande todo. Tínhamos, pois, que nos cingir aos *termos de que ela usa*. Dizendo que "*o Espírito Santo não desceria a animar corpos impuros*", quisemos referir-nos, *sempre do ponto de vista católico*, ao fato de ser o corpo do homem ocupado pelo *Espírito Santo*.

N. 188. A Igreja romana pretende que a confissão auricular, por ela organizada e ainda praticada, foi instituída por Jesus; que ele a quis e prescreveu, conforme se deduz das palavras que dirigiu a Pedro (MATEUS, v. 19) e a seus apóstolos (JOÃO, XX, v. 22-23), e que essa confissão é, portanto, "obrigatória".

Mais uma vez — pretensão humana; erro oriundo de haver a Igreja considerado como dirigidas a si palavras que o eram *especialmente* a Pedro e aos apóstolos e de lhes ter, do mesmo passo, *desfigurado* e

falseado o sentido e o alcance. Estas palavras de Jesus aos apóstolos: "Os pecados serão perdoados àqueles a quem os perdoardes e serão retidos àqueles a quem os retiverdes" lhes foram então dirigidas como conseqüência do que o Mestre lhes acabava de dizer: "Recebei o *Espírito Santo*, dando-lhes, com a assistência e o concurso dos Espíritos superiores que os guiaram no desempenho de suas missões, o poder de, em linguagem humana, pronunciarem os decretos que lhes seriam espiriticamente *revelados*."

Não, não, Jesus não instituiu a confissão *tal* qual a Igreja a *organizou*. Ela teve que chegar a isso, como ides ver. O ponto de *partida* era racional; mas, a *origem* da confissão está no ato de *humildade* que todo cristão tinha que praticar, confessando *publicamente a seus irmãos* as faltas que cometera ou premeditara.

O ponto de partida se encontra nestas palavras de Jesus aos discípulos: "*Confessai-vos uns aos outros*", palavras cujo sentido era: "Dai, uns aos outros, abertamente, testemunho da vossa fé, *nada ocultando*, a fim de que mutuamente vos ampareis."

Baseado nessas palavras, que Jesus nos encarregou de vos repetirmos tais quais as pronunciou e que, conquanto nenhuma autenticidade *humana* tenham, pois não foram *impressas* com aquele sentido, os discípulos ouviram dele e as repetiram — foi que Tiago disse aos *primeiros* cristãos (*Ep. V, v. 16*): "*Confessai vossas faltas uns aos outros* e orai *uns pelos outros*. Foi ainda em conseqüência delas que Paulo, o apóstolo dos Gentios, disse (*Ep. aos Hebreus, III, v. 12-13 e X, v. 24-25*):

"Tomai cuidado, meus irmãos, para que algum de vós não caia num *desregramento do coração* e numa *incredulidade* que o separe do Deus vivo. Antes, exortai-vos todos os dias, *uns dos outros*, enquanto durar este tempo que a Escritura chama hoje,

para que algum de vós, seduzido *pelo pecado*, não caia no *endurecimento*. CONSIDEREMO-NOS *uns aos outros*, A FIM de nos excitarmos reciprocamente à *caridade* e às *boas obras*. Não nos *retiremos das assembléias dos féis*, como alguns se acostumaram a fazer, mas, EXORTEMO-NOS uns aos *outros*, pois vedes que o dia se aproxima."

Os irmãos que compunham as primeiras assembléias cristãs confessavam *em voz alta, diante de todos*, as faltas que haviam cometido, as fraquezas, os desfalecimentos a que tinham sucumbido. Esta a origem da confissão, que se tornou, pouco a pouco, *restrita* e acabou *não sendo mais* ouvida senão por um só, ao qual, *criação e instituição humanas*, foi atribuída a missão de *absolver* ou de *condenar*. Mas, nos primeiros tempos em que se praticou esta decisão, ao confessor, que deixou de ser aquele que proclamava sua fé, suas fraquezas, seus desfalecimentos, suas faltas em público, para se tornar o confidente de seus irmãos, cumpria, sem mencionar os culpados, submeter os fatos ao julgamento de uma assembléia composta do bispo, dos diáconos da igreja, e comunicar ao penitente a sua absolvição ou a condenação de que fora objeto. Dadas, porém, as delongas que a extensão do Cristianismo e o número dos penitentes tornavam cada vez mais difíceis de ser vencidas, o poder de julgar foi inteiramente posto nas mãos do confessor.

Estas palavras de Jesus aos discípulos: "*Confessai-vos uns aos outros*" significavam que, *praticando a igualdade humana, a fraternidade completa*, aquele que acabava de fazer a sua confissão sincera diante de seus irmãos reunidos ouvia em seguida, *por sua vez, a confissão* de cada um dos assistentes: de réu passava a ser juiz.

Semelhante confissão, feita *com sinceridade*, refreava os homens, pelo temor que lhes causava o

terem de desvendar um pensamento duvidoso que fosse, inspirava-lhes recíproca indulgência. Cada um temia o julgamento de seus irmãos e, conseqüentemente, pregava pelo exemplo a caridade fraternal. Acreditais, porém, que fora possível conservar-se a prática de tal confissão?

Arrastados pelos novos vícios de uma era nova, os homens se afastaram pouco a pouco das assembléias cristãs e a confissão das faltas teria cessado de existir, se a houveram mantido em toda a sua pureza primitiva. Tornou-se então preciso restringir o auditório.

A confissão passou a ser feita *diante de pequeno número de fiéis escolhidos entre os íntegros*. Depois, como a licenciosidade aumentasse, imperiosa também se tornou a necessidade de diminuir ainda mais o número dos confessores. Limitou-se mais o número dos ouvidos que teriam de receber a confissão das faltas. Assim foi que se chegou a não as confiar senão a um só homem.

Deu causa igualmente a este resultado o se ter o abuso insinuado entre os que eram escolhidos para ouvir as confissões dos seus irmãos e guiá-los. Entraram a especular, traindo segredos que juravam guardar e deles faziam vergonhoso uso.

Esclarecido zelo animava os discípulos de Jesus e seus primeiros imitadores. Guiados pelos Espíritos do Senhor, sempre prontos a lhes mostrar a verdade por meio da inspiração, tinham eles o poder *de ligar e desligar*.

Seus sucessores, indignos dessa proteção, transviados da fé, não se conformaram todavia com perder a prerrogativa da *infallibilidade* e também qui-

seram *ligar e desligar*. Mas, os laços com que vos prenderam as almas nunca as impressionaram e muitas das que por esses laços foram despedaçadas deixaram traços profundos. *Infalível só o é Deus*. Os Espíritos não participam da sua infalibilidade, senão na medida das inspirações que dele recebem, imediata ou mediatamente, segundo a ordem hierárquica. Seja qual for o Espírito que tome um corpo de carne, isto é, que sofra a encarnação humana, está sujeito às fraquezas da carne. Resistir-lhes-á mais ou menos, porém as experimentará sempre.

Falando dos discípulos de Jesus e de seus primeiros imitadores, dissemos que, animados de *esclarecido* zelo e inspirados *pelos Espíritos do Senhor*, tinham o poder de ligar e desligar. Dissemo-lo no sentido de que, como já o temos explicado, se achavam em condições de julgar da pureza ou da culpabilidade dos que lhes pediam *conselhos*. Justo era, por conseguinte, da parte deles, o julgamento. Mas, nenhum se arrogou *jamais* o direito de julgar sem apelação, de *absolver ou de condenar*.

Não é certo que, se encontrardes um malfeitor, lhe direis: Não cometas essa ação culposa, incorrerás na sanção da lei e sofrerás *tal ou tal* repressão? Ao saberdes da morte voluntária de um de vossos irmãos, não pensais imediatamente que longa e penosa lhe será a expiação? E se vos achardes perto dele no momento escolhido para a consumação do ato de desespero, que o condena a penas cruéis, não lhe direis: "Detém-te, insensato; o gládio está suspenso sobre a tua cabeça, teu futuro será prenhe de torturas, verás a todos os instantes o teu corpo mutilado exprobrar-te o lhe teres privado da existência que te estava confiada; detém-te, em nome do teu Deus, em teu nome mesmo"? Porque podeis *dessa maneira* prevenir vossos irmãos e prever a sorte que lhes está reservada? Porque, com o código numa das mãos e

com os ensinamentos espíritas na outra, podeis prever o castigo que será infligido a *tal* ou *tal* falta.

O mesmo se dava com os apóstolos e com os discípulos que, tendo recebido a luz, eram inspirados e guiados pelos Espíritos do Senhor.

Acabamos de dizer: "Com o código numa das mãos e com os ensinamentos espíritas na outra", porque figuramos dois exemplos, um em face das leis humanas, outro em face das leis divinas.

No caso em que advertis o malfeitor prestes a cometer um ato repreensível, previsto e punido pela lei humana, tomamos para exemplo um ato humano passível de castigo que o vosso código humano permite prever.

No outro caso, são os ensinamentos espíritas que vos levam a advertir o homem prestes a cometer um ato cujas conseqüências, por ser este repreensível aos olhos de Deus e passível do castigo de Deus, prevedes, graças à luz que vos traz a revelação espírita.

N. 189. Que se deve pensar da confissão auricular, tal como a Igreja romana a instituiu?

Tem que cessar, mas ainda não chegou o momento.

Para as almas desejosas de caminhar nas sendas do Senhor, é ilusória. Para os Espíritos fracos é um freio.

Desgraçadamente, também constitui às vezes um abuso, pois que, no seio da humanidade, por toda parte, o mal está ao lado do bem. Em contraposição a uma criatura tímida e dócil que um bom sacerdote amparará com seus piedosos e esclarecidos conselhos, cem haverá (e poderíamos multiplicar o número) que não procuram o confessor senão para preencher uma formalidade que o rito exige; muitos que dela riem e fazem objeto de escândalo; muitos que deixam de praticá-la por terem descoberto que seus diretores espirituais são homens falsos, que abusam do caráter

sacerdotal, imiscuindo-se nos segredos das famílias, para daí auferirem qualquer vantagem, mas nunca no interesse de seus penitentes; que se esforçam por afastar o Espírito de seu confitente das *grandezas* e da justiça de Deus, a fim de o enclausurarem num círculo de miúdas práticas e de idéias mesquinhas que o enleiam, impedindo-o de *voar* para o trono do Senhor.

Dia virá, já o dissemos, em que essas práticas *materiais* desaparecerão, em que os homens reconhecerão que devem amar o seu Deus *com a sinceridade nos corações*. E o melhor meio *de o amar é caminhar nas suas sendas*. A submissão às vontades do pai é a melhor prova de amor que o filho lhe pode dar.

Todo o culto então consistirá numa adoração sincera, da qual nada afastará o crente, na prática das boas obras, do amor, da caridade, da fraternidade. Tendo-se tornado adoradores do pai *em espírito e verdade*, os homens, seguindo a trilha da luz e da ciência, se entregarão à pesquisa, sempre progressiva, da verdade, cheios de humildade, de desinteresse, sem obedecerem a outro móvel que não ao desejo do progresso pessoal e do progresso coletivo, na ordem moral, na ordem física e na ordem intelectual. Todos, Judeus e Gentios, se reunirão nos templos, abstração feita dos cultos externos que por enquanto ainda os dividem e separam, a fim de entoarem louvores ao Altíssimo, celebrarem sua glória e sobretudo seus benefícios. Mas, a presidência dessas assembléias solenes será confiada ao mais digno, *eleito pelo voto unânime de todos*. Os homens, nessa época, rivalizarão em amor e virtude, pois que o eleito da assembléia, o chefe dos crentes, estará certo da proteção dos Espíritos do Senhor e suas revelações serão iluminadas e isentas de dúvidas e de incertezas.

Então, ó bem-amados, a confissão terá deixado de ser lei da Igreja e constituirá uma necessidade da alma.

Aquele que se sentir perto de uma fraqueza virá *publicamente* pedir a seus irmãos o amparo de suas preces, comparecerá naquelas assembleias, onde haverá um só coração e uma só fé, para rogar aos Espíritos protetores que o livrem dos maus pensamentos e lhe sustentem o ânimo periclitante.

Coragem, ó bem-amados; chegará o dia do reino de Deus, não duvideis. Não desanimeis por motivo da lentidão com que ele vem. Os materiais ainda não estão todos prontos, mas os obreiros já se acham entregues à obra, já talham as pedras que hão de ser utilizadas na edificação do templo do Senhor.

N. 190. A Igreja romana *pretende* ter, por meio da confissão auricular que ela instituiu, o poder *de ligar e desligar, de perdoar e de reter os pecados*, "não, ao que dizem seus ministros, *por uma simples declaração* do que Deus faz *no pecador*, MAS por um ato *jurídico* e por uma *sentença proferida com a autoridade de um juiz*, DESLIGANDO pela *excomunhão*, pela *recusa* e pelo *adiamento da absolvição*, ratificando Deus nos céus o julgamento dos ministros do culto católico, quando julgam segundo as regras que lhes ele prescreveu pela sua palavra e *pela sua Igreja*."

Orgulho. Que outra coisa senão o orgulho levou o homem a se arrogar *semelhante* poder?

Criatura ínfima, sujeita a todas as vicissitudes da matéria, enlaçada por todos os liames do vício, que outra coisa senão o orgulho levou o homem a acreditar que Deus, servindo de instrumento cego e complacente a suas vinganças, a seus instintos, à sua política, lhe ratificaria, sem mais exame, as decisões?

O orgulho insensato é que leva o homem a só duas coisas saber fazer: ou negar o seu Deus, ou colocar-se no lugar dele.

Volte a Igreja ao caminho e continue a percorrê-lo do ponto onde a deixaram Pedro e os apóstolos, os discípulos e seus primeiros imitadores, e então achará a Igreja do *Cristo*, cuja edificação eles começaram e o

Espírito da Verdade vem, progressivamente, acabar, por meio da nova revelação.

Compreenda ela o *verdadeiro* sentido das palavras que Jesus dirigiu a Pedro e aos apóstolos, sentido que *espíriticamente* vos revelamos em nome do Mestre, e então, como os *verdadeiros* espíritas, também trabalhará, inspirada pelo Espírito da Verdade, na edificação da Igreja *do Cristo*. Só então poderá, realmente, *ligar e desligar*, o que não quer dizer — *absolver ou condenar a* seus irmãos, e *sim* tornar-se pelo seu viver moldado na integridade do coração e da alma, pela obtenção das luzes dos bons Espíritos, cada vez mais apta a julgar das coisas da terra e das coisas do céu, a dirigir os homens, abstração feita dos cultos exteriores, pelo bom caminho, que é o dos mandamentos que Jesus declarou *encerrarem toda a lei e os profetas*, e a distinguir, com exatidão, os que se desviam e os que marcham fiéis.

MATEUS, Cap. XVI, v. 21-23. —MARCOS, Cap. VIII, v. 31-33. — LUCAS, Cap. IX, v. 22

Predição. — Palavras de Pedro. —Resposta de Jesus

MATEUS: V. 21. Em seguida começou Jesus a declarar aos discípulos ser preciso que ele fosse a Jerusalém, que aí sofresse muito dos anciãos, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que aí fosse morto e ressuscitasse ao terceiro dia. — 22. Pedro, chamando-o de parte, se pôs a repreendê-lo, dizendo: Tal não aconteça, Senhor; nada disso te sucederá. — 23. Jesus, voltando-se para Pedro, lhe disse: Afasta-te de mim, Satanás, tu me és motivo de escândalo, pois que não tens o gosto das coisas de Deus e sim o das coisas dos homens.

MARCOS: V. 31. E começou a lhes declarar ser preciso que o filho do homem sofresse muito e que fosse rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, que fosse morto e que ressuscitasse três dias depois. — 32. Como falasse abertamente dessas coisas, Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo. — 33. Jesus, porém; voltando-se e olhando para os discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: Tira-te da minha frente, Satanás, pois que não tens o gosto das coisas de Deus e sim o das coisas dos homens.

LUCAS: V. 22. E acrescentou: É preciso que o filho do homem sofra muito e que seja rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, que lhe seja dada a morte e que ressuscite ao terceiro dia.

N. 191. (Mateus, v. 21; Marcos, v. 31; Lucas, v. 22): Tendo descido à terra para dar aos homens a maior prova, o maior exemplo de amor e de abnegação que na terra pudessem existir, cumpria que Jesus preparasse seus discípulos para aquele ato im-

portante da sua missão, a fim de que, aos olhos de todos, naquela época como no futuro, ficasse demonstrado que sua "morte" e sua crucificação estavam *previstos*, não foram acontecimentos puramente humanos.

Usando das expressões — "*ser morto*", "*ressuscitar*" —, dizendo ser preciso que *lhe dessem a morte* e que *ressuscitasse*, o Cristo se servia de linguagem que os homens pudessem compreender. Tendo o seu corpo a *aparência do corpo humano*, cumpria-lhe sofrer a metamorfose da *morte*. Depois, deixando no esquecimento o corpo de carne que *parecia* trazer, cumpria-lhe mostrar-se aos homens, para que ficasse comprovada a sua identidade. Preciso era, pois, que os homens fossem prevenidos do acontecimento que sobreviria, a fim de o apreenderem, porquanto os próprios discípulos não teriam compreendido o fato do *reaparecimento* de Jesus no meio deles, se o não houvessem encarado do ponto de vista da *ressurreição*, no sentido que davam a este termo.

Notai que, para os Hebreus, a ressurreição consistia no regresso da alma a um corpo de carne, a um corpo material, sem indagarem se se tratava sempre do mesmo corpo, sem inquirirem da origem nem do fim de tal corpo. Jamais se preocuparam com essa questão. Mas, tanto os discípulos como os Hebreus compreendiam a "*ressurreição*" anunciada por Jesus, como tendo que ser a volta da alma ao mesmo corpo. Essa a razão por que a Tomé permitiu ele pusesse a mão na abertura que lhe fizeram de um lado e os dedos nas chagas que os cravos lhe abriram nas mãos e nos pés. *Para esse efeito*, seu corpo fluídico de natureza perispírica retomara, com a tangibilidade, a consistência, a aparência de um corpo humano.

Pela revelação que vos foi feita, *conheceis* a natureza do corpo de Jesus, de Jesus que era sempre Espírito, mesmo quando revestia aquele perispírito

tangível para, submetendo-se às necessidades da sua missão terrena, estar visivelmente entre os homens. Não houve nem *morte, nem ressurreição, no sentido dado a essas expressões*. Houve *simples aparência* de uma e outra coisa.

Foram *todos morais* os sofrimentos que o Mestre suportou na cruz. O que das chagas lhe saía era uma combinação puramente fluídica com as aparências de sangue. Bem sabemos que estas revelações vão alarmar grande número de Espíritos que muito se atêm às torturas *físicas* do grande modelo que vos foi enviado. Mas, indispensável é se resignem a ver em Jesus somente um Espírito, superior a todos os outros que concorreram para a formação do vosso planeta, que hão cooperado, cooperaram e cooperarão nas suas transformações, na realização de seus destinos, no seu progredir para a perfeição. Que se resignem a ver nele apenas um puro Espírito, *que revestiu* uma forma visível aos homens, mas cujos sofrimentos foram *todos morais*, resultantes do amor que consagrava e consagra a seus protegidos, por vê-los tão endurecidos. Dissemos: *a seus protegidos*, porque, como sabeis, ele é o protetor e o governador do vosso planeta. Nessa qualidade, experimentava o sofrimento que causa a urna mãe carinhosa o ter que punir o filho bem-amado.

Sim, vivendo o Cristo entre os homens vida espiritual, apenas revestido de um perispírito tangível com a aparência do corpo humano, a sua crucificação e bem assim todos os atos *materiais* praticados contra ele, não só por ocasião do sacrifício do Gólgota, como antes, nenhum efeito *físico-humano* tiveram. Nem de outro modo podia ser, pois que não havia a matéria do homem terreno.

E num Espírito que se apresentava visível e tangível poderiam tais efeitos produzir-se?

Atentai bem nos sentimentos que animavam a Jesus, na missão que viera desempenhar, no exemplo que dava aos homens. Ele se limitou a pronunciar em voz alta as palavras que serão mais tarde objeto de explicações nossas e que assim se resumem: "Está tudo cumprido, eis-me aqui, Senhor". E ele as pronunciou a fim de mostrar aos homens, por meio de um exemplo prático, a resignação, a obediência e a submissão que lhes cumpre ter diante das vontades do soberano Senhor. O brado que soltou não foi tampouco um brado de sofrimento. Ao "render a alma" (está claro que apenas no entender dos homens), semelhante brado tinha por fim chamar-lhes a tenção para aquele momento supremo e fazer-lhes compreender, por uma expansão *de alegria* e não *de angústia*, a felicidade do Espírito que se desprende do grosseiro invólucro, para elevar-se ao seu Criador.

Os homens interpretam aquelas diferentes manifestações de acordo com as suas sensações pessoais. Regulando-se pelo que experimentaríamos em situação análoga, atribuíram as mesmas sensações ao Cristo, em quem não viam senão a parte material, acreditando-o possuidor de um corpo completamente material, *idêntico aos seus*.

Dissemos ser preciso que se *resignem* a ver no Cristo *simplesmente um Espírito*, isento por conseguinte das sensações *materiais e físicas*, porque sem dúvida a maioria dos homens dirá: "Que mérito era o dele em se submeter a tais torturas, se não experimentava o sofrimento físico?" *Não compreendem* os que assim falam que o sofrimento, na essência espiritual, é mais forte e mais vivo do que o possam ser, para os vossos corpos, quaisquer sofrimentos *humanos*. Jesus sofreu, oh! sim, sofreu cruelmente, não na sua "carne", mas *em seu Espírito*. Cada pancada do martelo nos cravos que lhe traspassavam as mãos e os pés fluídicos, mas tangíveis, lhe ia ferir a sensibilidade e

lhe fazia correr da alma o sangue mais precioso: o sangue *do amor e do devotamento* que *vos consagra*.

Homens carnisais que *nada* mais vedes além das convulsões da carne, nunca vos sucedeu experimentar sofrimentos *morais* que de bom grado trocaríeis por todas as torturas da Inquisição?

A quantos pais e mães não tem acontecido verem o filho amado pagar com a mais negra ingratidão, com o abandono, com os maus tratos e mesmo com o crime, a ternura e a dedicação que lhe votavam? Se, em tal caso, lhes fosse oferecida a troca do sofrimento *moral* por uma dor física, ainda que das mais agudas, não aceitariam? Pois bem! o divino modelo, que por vós subiu ao Calvário, que padeceu por vós, sofreu, sofreu muito. Porém, não chegou ainda o momento de entrarmos nestas particularidades. Voltaremos a este ponto.

Quanto ao fato de haver o corpo de Jesus desaparecido do sepulcro, sabeis que o Mestre, todas as vezes que se achava longe das vistas humanas e não era solicitado pelas exigências de sua missão terrena a estar visível entre os homens, privava da tangibilidade o seu perispírito tangível e lhe restituía a aparência fluidica etérea, tornando-se invisível, conservando-se, todavia, os elementos que o compunham, prestes a se reunirem quando lhe aprouvesse. Então, seu Espírito puro e livre voltava para o espaço, para as regiões superiores.

Conforme o explicaremos oportunamente, Jesus fez que no sepulcro fosse achado o seu perispírito tangível, semelhante ao corpo humano, tal como fora retirado da cruz e depositado lá por José de Arimateia. Assim, o corpo perispirítico estava no sepulcro quando os príncipes dos sacerdotes e os fariseus compareceram, a fim de selarem o mesmo sepulcro e lhe porem guardas, depois de se certificarem de que o

corpo lá se achava. Logo que tais precauções foram tomadas, o sepulcro ficou vazio. Jesus tirou ao seu corpo de natureza perispiritual a tangibilidade, fê-lo retomar a aparência fluídica, etérea, sob a qual era invisível aos homens, e saiu do sepulcro, pois que, como sabeis, para o Espírito não há obstáculos, nem barreiras.

Desde então, repetimos, seu Espírito puro e livre voltou para o espaço, para as regiões superiores, conservando-se os elementos do seu corpo fluídico, instrumento da sua missão terrena, prontos a se agregarem outra vez, quando ele o quisesse, a fim de se apresentar de novo, "ressuscitado", no entender dos homens, de reaparecer, nas condições e circunstâncias de que mais longe trataremos e ser visto até à época da sua chamada ascensão. Nessa época, tendo concluído a sua missão na terra, deixou definitivamente aquele corpo de natureza perispirítica, que lhe servira para desempenhá-la, voltando seus elementos fluídicos aos meios donde haviam sido tirados. A partir de então, retomou ele, como Espírito, Espírito puro e perfeito, o desempenho da sua missão espiritual, na qualidade de protetor e governador do vosso planeta, missão que neste momento desempenha entre vós *por meio do Espírito da Verdade e da nova revelação*.

(Mateus, v. 22-23; Marcos, v. 32-33): Vamos agora explicar-vos as palavras que Pedro dirigiu a Jesus, ao acabar este de predizer os seus sofrimentos, sua "morte" e sua "ressurreição", e também a resposta do Mestre ao apóstolo. Do mesmo modo que os médiuns atuais, Pedro nem sempre estava debaixo de uma influência estranha e, desde que isso se verificava, seu Espírito agia livremente, como o fazem os vossos. Foi, pois, como homem que ele se viu presa do temor de perder o Mestre bem-amado. Naquele momento,

ficou entregue às suas próprias inspirações, como em outras ocasiões diversas. A influência dos Espíritos do Senhor que o dirigiam não se fazia sentir incessantemente. Não era possível que ele se visse sempre impedido de usar do seu livre arbítrio. Porventura supondes fosse a inspiração dos bons Espíritos que o levou a negar o Mestre?

Notai que Pedro ficava entregue a si mesmo todas as vezes que a seu lado estava Jesus para lhe corrigir os desvios e lhe ensinar a desconfiar da fraqueza da carne. O desempenho da sua missão humana ainda não principiara. Sua condição era ainda a do aluno que, sob as vistas do mestre, experimenta as forças e reconhece que nem sempre estas lhe bastam. Logo, porém, que o Cristo concluiu sua missão terrena, começou a de Pedro e dos outros discípulos e desde então se tornou incessante a assistência *dos* Espíritos superiores, incumbidos de os guiar, a fim de que *se desse o que devia dar-se*.

Passemos à severa resposta de Jesus. Todo Espírito encarnado é, conforme já o temos dito, falível, pela só razão de ser encarnado. Ora, Jesus queria que Pedro se mantivesse em guarda contra as fraquezas humanas, que sempre induzem a criatura a não sentir o gosto das coisas de Deus e a só ter o das coisas dos homens.

A expressão *Satanás* de que o Mestre usou com relação a Pedro, num sentido *puramente figurado*, significa a má influência. Pedro procurava desviar o Mestre de seu dever, personificava *desse modo a má* inspiração.

Respondendo ao apóstolo por aquela forma, apropriada ao momento e ao futuro, *quis* também Jesus lembrar a todos os que lhe ouviram as palavras, aos que as leriam e aos que as hão de ler, que a vontade do Senhor tem que predominar sobre qualquer outra vontade e que todos, encarnados e não encar-

nados, temos que nos curvar às suas leis, com submissão, respeito e amor. Mantende-vos, pois, em guarda contra as fraquezas humanas; uni-vos, uni-vos numa santa comunhão de pensamentos; confessai-vos sinceramente uns aos outros, isto é: exortai-vos uns aos outros, a fim de vos esclarecerdes, de vos amparardes mutuamente, fazendo a confissão das vossas fraquezas, sondando os vossos mais secretos pensamentos. Sede dulçurosos e humildes de coração, mas que a doçura em vós seja a que atrai o culpado para lhe conceder a graça, ou para obter-lha. Sede humildes de Espírito, mas que a humildade em vós seja essa humildade séria e profunda que impele o que a possui a se tornar pequenino diante de seus irmãos; a receber prazerosamente um conselho, venha donde vier; a não se julgar nunca acima de seus semelhantes, nem pelo dinheiro, nem pela posição social, nem pelas faculdades, nem pela inteligência, nem pelas virtudes; a procurar, ao contrário, dissimular o seu valor aos olhos dos outros, a fim de os não amedrontar e de não lhes fazer sombra. Sede submissos à vontade do vosso pai, demonstrando, porém, uma submissão cheia de reconhecimento, que com alegria recebeis as provações que lhe apraza enviar-vos, quaisquer que sejam. Sede submissos como o foi Job e mais ainda. Estejam vossos lábios, vossas almas sempre prontos a bendizer de todas as decisões do Senhor.

Não choreis nunca, homens, e menos ainda vós outros espíritas, que recebestes a luz bendita, senão de reconhecimento. São estas as *únicas* lágrimas que a fé pode derramar.

Ide em paz, ó bem-amados, son dai as vossas consciências e que o fundo delas esteja sempre limpo às vistas do Senhor.

N. 192. Por estas palavras que dirigiu a Pedro: "Afasta-te de mim, satanás; tu me és motivo de escândalo, pois que não tens o

gosto das coisas de Deus e sim das coisas dos homens", teria querido aludir Jesus: 1? aos que se encarregariam de continuar a obra de Pedro e dos discípulos e que, entretanto, devido à falibilidade de todo Espírito encarnado e às fraquezas humanas, haviam de expor a lei evangélica às fases de erros e de materialidade, por que tem passado, *deturpando-lhe* o sentido e o objetivo, afastando-a das linhas puras, simples e doces da sublime moral do Mestre, por efeito dos dogmas e mandamentos humanos, do orgulho, da intolerância, do fanatismo, do espírito de dominação, do despotismo religioso e também por efeito do gosto das coisas dos homens, isto é: das honras, do fausto, das dignidades, do poder, dos favores e vantagens de ordem espiritual e temporal, que não são coisas de Deus? — 2? a todos os que, nos tempos atuais da era nova, se mostram hostis e rebeldes à revelação espírita, como hostis e rebeldes à revelação do Cristo se mostraram os escribas, os fariseus, os príncipes dos sacerdotes e seus adeptos?

Sim. Como sabeis, Jesus possuía a presciência do futuro, das fases e condições dos progressos vindouros e todas as suas palavras tinham e têm ainda que alcançar o presente e o porvir.

**MATEUS, Cap. XVI, v. 24-28. —MARCOS,
Capítulo VIII, v. 34-38 e IX, v. 1 —LUCAS,
Capítulo IX, v. 23-27**

*Meios e condições sem os quais não se pode
ver na terra o reino de Deus, em
todo o seu poder*

MATEUS: V. 24. Disse então Jesus a seus discípulos: Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; — 25, porquanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará. — 26. De que serve a um homem ganhar um mundo inteiro e perder a alma? Que preço dará o homem para recobrar sua alma? — 27. Pois o filho do homem tem que vir na glória de seu pai, com seus anjos; e então dará a cada um de acordo com suas obras. — 28. Em verdade vos digo: Alguns há, entre os que aqui se acham, que não morrerão sem ter visto o filho do homem vindo ao seu reino.

MARCOS: V. 34. E, chamado para junto de si o povo e os discípulos, disse: Se alguém me quiser acompanhar, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz e siga-me; — 35, porquanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá, mas aquele que perder a vida por minha causa e do Evangelho a salvará. — 36. Pois, de que serviria a um homem ganhar um mundo inteiro e perder a alma? — 37. E que daria o homem em troca da sua alma? — 38. Aquele que de mim se envergonhar e das minhas palavras, nesta raça adúltera e pecadora, desse o filho do homem também se envergonhará, quando vier, acompanhado dos santos anjos, na glória de seu pai. — IX, 1. E acrescentou: Em verdade vos digo que, entre os que aqui se acham, alguns há que não morrerão sem que tenham visto chegar o reino de Deus em seu poder.

LUCAS: V. 23. E dizia a todos: Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; — 24, porquanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele

que perder a vida por minha causa a salvará. — 25. Pois, de que serviria a um homem ganhar um mundo inteiro, fazendo-o em seu detrimento, e perder-se? — 26. Aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras, desse o filho do homem também se envergonhará, quando vier na sua glória, na de seu pai e dos santos anjos. — 27. Em verdade vos digo que, entre os que aqui se acham, alguns há que não morrerão sem que tenham visto o reino de Deus.

N. 193. Compreendi as advertências de Jesus. Sabeis que o devotamento absoluto, a submissão sem limites são as condições *únicas* mediante as quais chegareis à perfeição relativa que a humanidade pode alcançar. Não era demais, portanto, que ele insistisse neste ponto. Nunca o deveis perder de vista.

Quanto à promessa que fez a seus discípulos, afirmando-lhes que *a geração deles não passaria* e que muitos dentre eles *não morreriam sem ter visto aquelas coisas*, vós espíritas deveis apreender o sentido em que cumpre sejam tomadas estas palavras. Como as interpretarão os *doutores em teologia*? No sentido *figurado*? Que significação se lhes há de então atribuir? No sentido *literal*? Onde então achar a verdade delas e a realização do que afirmam?

Para vós, que ouvis e recebeis a revelação que vos faz o *Espírito da Verdade*, essas palavras, no seu verdadeiro sentido, que é o que *espíriticamente* se vos revela, eram dirigidas à categoria dos Espíritos que, encarnados naquela época, tinham de chegar, de reencarnação em reencarnação, ao tempo em que o reinado de Deus se estabelecerá realmente na terra, em que o filho do homem, aquele Espírito devotado e meigo, se mostrará em todo o seu esplendor aos homens, bastante puros para *lhe* poderem suportar o *fulgor espírita*. As palavras — "*não morrerão*" — foram empregadas para tornar a frase compreensível às inteligências dos que as escutavam, uma vez que

seus Espíritos não podiam apreender, em toda a extensão, a lei do retorno do Espírito à terra e uma vez também que ainda não era tempo de serem esclarecidos a tal respeito.

A maior parte dos Espíritos aos quais Jesus se referia, falando dos que viveriam na terra ao tempo da sua vinda, serão nesse tempo Espíritos purificados e se acharão reencarnados em missão.

Compreendi bem o sentido, *em espírito e verdade*, de todas as palavras do Mestre, para as quais se vos chama, *neste momento*, a atenção, palavras que, *veladas pela letra*, eram apropriadas aos tempos e às inteligências da época, que por elas tinham que ser tocadas e impressionadas: Desde o momento em que se entrega aos gozos materiais, o homem entra para a categoria dos que perdem a alma pelos bens mundanos, dos que a "vendem ao *demônio*", na frase tantas vezes repetida e mal compreendida. Para vender-se ao *demônio* e perder a alma, não é necessário que o homem faça, com "*o anjo das trevas*", isto é, com os maus Espíritos, pactos escritos em caracteres de sangue. *Basta* que, ultrapassando os limites do necessário, se entregue inteiramente aos instintos materiais da humanidade; pois que, assim, desce abaixo dos irracionais, por ele tão desprezados, mas que, entretanto, guiados por um instinto que também vós possuís, jamais saem dos limites que as necessidades da vida lhes traçam.

O homem não se pertence. Sua existência corporal humana é um empréstimo que o Senhor lhe faz, um meio que lhe concede de se depurar e de mais facilmente chegar até ele. O homem, portanto, assim como não deve apegar-se ao tesouro que afadigosamente conseguiu formar, tampouco se deve apegar ao corpo que traz, pois nenhum dos dois irá com ele para o outro mundo, nenhum dos dois lhe servirá de nada no outro mundo. Ambos, porém, nesse mundo

de provações, constituem um meio, que cada um tem de se experimentar a si mesmo, de cumprir suas obrigações para com Deus pela gratidão, para com seus irmãos pela caridade, para consigo próprio pelo desinteresse e pelo bom emprego de seus bens.

Nem ao corpo, nem ao tesouro deveis apegar-vos *exclusivamente, pessoalmente*. Cumpre que o vosso corpo constitua para vós, bem como o ouro que tendes em giro, apenas um meio de serdes úteis aos vossos irmãos. Tudo, pois, deveis fazer tendo em vista o adiantamento deles, sem que nenhum cálculo egoístico vos detenha, sem que leveis em conta o embaraço, as contrariedades, os inconvenientes que vos advenham das obras que *possais* realizar, em bem dos vossos irmãos, com o auxílio do vosso corpo, do mesmo modo que não deveis pensar nas privações que vos imporeis dispondo do vosso ouro em benefício deles. Todavia, preciso é que nem de um nem de outro useis com prodigalidade, mas com *critério e ponderação*. Tudo, na vossa vida, deve estar submetido a este grande regulador: a razão, razão esclarecida pelo facho do amor e da verdade. Se vos dignardes de consultá-la *seriamente*, ela nunca vos deixará sem resposta; mostrar-vos-á sempre a linha *reta, sábia e segura*.

Não custareis de certo a compreender que de nada serve a um homem fazer na terra todos os sacrifícios, desde que não viva conformemente às vontades do Senhor. De que lhe vale, de fato, *objetivando* a sua felicidade *pessoal*, sujeitar-se a todas as privações, a todas as macerações que um ritual mesquinho impõe, se lhe falta a caridade *para com seus irmãos*, o reconhecimento *para com o seu Deus*, se só o egoísmo o impele a procurar "*salvar*" a sua alma, se não cogita, para chegar ao bem, da alegria que, observando-lhe os esforços, seu Deus experimenta? Sob a influência de tal egoísmo não se assemelha o homem à criança que, tendo tido a promessa de uma recompensa se

bem cumprir os seus deveres, a isso se apega de todo o coração, ao ponto de não repousar nem dar tréguas ao seu esforço, enquanto não põe a mão no prêmio prometido; e que, não existindo o prêmio ou duvidando dele, cai de novo na indolência e na indiferença, pouco se incomodando com o amor e a satisfação do pai?

Não vos preocupeis, homens, com os vossos corpos mais do que for *necessário*, nem com as vossas almas de um ponto de vista pessoal. Cuidai dos primeiros como de instrumentos que vos são indispensáveis, a fim de que se prestem, o mais tempo possível, às exigências da causa comum.

Que as vossas almas sejam como as virgens que cercais de cuidados, de ternuras, de vigilância, para as entregardes puras às mãos daqueles que as venham desposar. Que o vosso objetivo, em qualquer ocasião, seja sempre o bem geral dos vossos irmãos, tanto na ordem material, quanto na ordem moral e intelectual, seja sempre a satisfação do vosso Deus.

Não vos pergunteis nunca: que progresso tenho feito para a felicidade eterna? Perguntai antes: que alegria tenho proporcionado ao pai eterno, que espreita todas as minhas ações, todos os meus pensamentos, que rejubila por ver germinar em mim a semente da verdade e do amor, lançada por ele em minha alma?

Oh! filhos bem-amados, que todos os vossos atos, que todos os vossos pensamentos tenham a guiá-los a gratidão ao vosso Deus e o amor aos vossos irmãos; que jamais o *egoísmo*, o interesse *pessoal*, manche a pureza das vossas consciências.

"Aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras, nesta raça adúltera e pecadora, disse Jesus, desse se envergonhará o filho do homem, quando vier na sua glória, na de seu pai e dos santos anjos, pois ele tem que vir e a cada um dará de acordo com as suas obras.

Estas palavras do Mestre abrangiam o passado, o presente e o futuro. Referem-se especialmente aos que, na era nova que se abre diante de vós, depois de terem conhecido a verdade, disfarçarem, *pelo respeito humano*, ou ocultarem suas convicções. Notai que não censuramos, aqui, aqueles que se vêm, mau grado seu, constrangidos, pelas suas posições sociais, a calar durante mais ou menos tempo seus pensamentos secretos. Esses devem, como os outros, espalhar a verdade, mas com prudência e medida, por isso que, muitas vezes, comprometendo suas existências materiais, comprometeriam igualmente o bom êxito do seu empreendimento. Falamos, sim, dos que temem o ridículo, os gracejos malévolos, dos que não ousam afrontar as atoardas de um meio contrário e se submetem, rindo com os que riem, motejando com os que motejam, receosos de que se lhes diga: *Também sois deles!* A esses Jesus se dirigirá como se dirigiu a Pedro e, quando o compreenderem, o mal estará feito e a expiação se seguirá. Assim como Pedro, desde que compreendeu, chorou, também os que houverem repellido a Jesus por temor dos homens compreenderão e expiarão. Com relação a eles, isso não será passageira fraqueza pelo desfalecimento da carne, *mas prolongado ato da vontade*. A expiação se regulará pela *duração* da falta.

Sim, dos que se não envergonharam de Jesus, desde o seu aparecimento na terra até hoje, também o filho do homem se *envergonhou*. Esses, porém, não estão mortos. Expiaram primeiramente, depois lhes foi permitido reencarnar, de sorte que fizeram parte das gerações de Espíritos que se têm sucedido no vosso mundo, formando as gerações humanas. Consentido foi que o joio continuasse a crescer ao lado do trigo, para no cadinho da reencarnação tornar-se, a seu turno, bom grão, por meio da reparação e do progresso.

Ainda em vossos dias, neste período da era nova do Cristianismo *do Cristo*, da era espírita, que vai seguir o seu curso, até à época em que começará a *separação do joio e do bom grão*, de todos os que dele se envergonharem o filho do homem se envergonhará. Isso se há de dar, porque o respeito humano, de que acima falávamos, ainda existirá e se produzirá. Como outrora, os que se envergonharem de Jesus expiarão, *mas não morrerão*. Ser-lhes-á também permitido reencarnar na terra, visto que o joio tem que continuar *ainda* a crescer ao lado da boa semente.

Dos que dele se houverem envergonhado, Jesus se envergonhará até que a separação do joio e do trigo esteja acabada, até, portanto, ao momento em que ele virá ao seu reino, na sua glória, na de seu pai e dos santos anjos, isto é, dos Espíritos que nesse momento o cercarão, Espíritos que são os que o assistem na sua missão e que têm trabalhado pelo progresso do vosso planeta, no qual se estabelecerá *então* o reino de Deus em seu poder. Nessa ocasião, todos os Espíritos que até aí se conservaram culpados, rebeldes, morrerão *para* o vosso *planeta*. Quer isto dizer que não lhes será mais permitida a *reencarnação na terra*. Eles se verão degredados para planetas inferiores, onde, como condição necessária a que se melhorem moralmente e progridam, a expiação corresponderá à duração da falta.

Também nessa ocasião é que Jesus dará a *cada um de acordo com as suas obras*. Estareis depurados, tereis progredido, mas não vos encontrareis todos *no mesmo grau* de desenvolvimento. Se não fora assim, de que serviria o julgamento, considerado do ponto de vista da recompensa? que utilidade teria tido a separação do joio e do trigo, encarada do ponto de vista da expiação e da depuração, que há de preceder àquela separação.

**MATEUS, Cap. XVII, v. 1-9. — MARCOS, Cap. IX,
v. 2-10. LUCAS, Cap. IX, v. 28-36**

*Transfiguração de Jesus no Tabor. — Aparição
de Elias e de Moisés. — Nuvem que cobriu os
discípulos. — Voz que saiu dessa nuvem
e palavras que proferiu*

MATEUS: V. 1. Seis dias depois, Jesus chamou a Pedro, a Tiago e a João irmão de Tiago e, afastando-se com eles, os conduziu a um monte elevado. — 2. E se transfigurou diante deles; seu rosto resplandeceu como o sol, suas vestes se tornaram como a neve. — 3. E eis lhes apareceram Elias e Moisés, que com ele falavam. — 4. Disse então Pedro a Jesus: Senhor, estamos bem aqui; se quiseres, faremos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. — 5. Pedro ainda falava quando uma nuvem luminosa os cobriu e uma voz, que da nuvem saía, disse: Este é meu filho dileto em quem hei posto todas as minhas complacências; escutai-o. — ó. Ouvindo isso, os discípulos caíram de rosto em terra, presas de grande temor. — 7. Jesus se aproximou, tocou-os e lhes disse: Levantai-vos e não temais. — 8. Erguendo então os olhos, eles a ninguém mais viram senão somente a Jesus. — 9. Quando desciam do monte, Jesus lhes fez esta recomendação: Não faleis a pessoa alguma do que vistes, até que o filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos.

MARCOS: V. 2. Seis dias depois, Jesus chamou de parte a Pedro, a Tiago e a João e os levou consigo a um alto monte e se transfigurou diante deles. — 3. Suas vestes se tornaram brilhantes e alvíssimas como a neve, de uma brancura tal como nenhum lavandeiro na terra poderia conseguir. — 4. E lhes apareceram Elias e Moisés a falarem ambos com Jesus. — 5. Disse Pedro então a Jesus: Mestre, aqui estamos bem; façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. — 6. Ele não sabia o que dizia, pois todos três estavam aterrorizados. — 7. Uma nuvem se formou e os cobriu; e dela uma voz saiu, dizendo: Este é meu filho

muito amado, escutai-o. — 8. Logo, porém, olhando a volta de si, a ninguém mais viram, senão a Jesus. — 9. Quando desciam do monte, Jesus lhes ordenou que a ninguém falassem do que tinham visto, até que o filho do homem houvesse ressuscitado dentre os mortos. — 10. E eles guardaram segredo do fato, excogitando entre si o que quereria dizer: até que o filho do homem ressuscite dentre os mortos.

LUCAS: V. 28. Cerca de oito dias depois de haver dito essas palavras, Jesus chamou a Pedro, a Tiago e a João e subiu a um monte para orar. — 29. E, enquanto orava, mudou-se-lhe o semblante; suas vestes se tornaram alvas e resplandecentes; — 30, e eis que dois homens com ele falavam, a saber: Moisés e Elias, — 31, que apareceram cheios de glória. Falavam-lhe da sua saída do mundo, a verificar-se em Jerusalém. — 32. Pedro e seus dois companheiros, que haviam adormecido, despertando, viram a majestade de Jesus e os dois homens que com ele se achavam. — 33. Sucedeu que, quando estes se iam afastando de Jesus, Pedro, não sabendo o que dizia, propôs: Mestre, aqui estamos bem; façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. — 34. Quando ele ainda falava, veio uma nuvem e os cobriu; e, como a nuvem os envolvesse, amedrontaram-se. — 35. E uma voz saiu da nuvem dizendo: Este é meu filho bem-amado; escutai-o. — 36. Enquanto a voz falava, Jesus estava só. Os discípulos se calaram, nada disseram a ninguém, por então, do que tinham visto.

N. 194. Respondendo a esta pergunta que Jesus dirigira a seus discípulos: *"E vós, quem dizeis que eu sou?" já, algum tempo antes, havia Pedro dito, sob a influência espírita, sob a inspiração mediúnica: "És o Cristo, filho de Deus vivo, o Cristo de Deus", e Jesus lhe replicara: "Não foste tu que o disseste, foi meu pai quem falou em ti".*

A manifestação que se produziu no monte, em presença de Pedro, Tiago e João foi uma estupenda

manifestação espírita, que teve por fim mostrar a elevação espiritual de Jesus, afirmar a sua missão como Cristo, filho de Deus vivo, Cristo de Deus, e estabelecer, *sob um véu que a nova revelação mais tarde levantaria*, as promessas para o futuro.

Retomando, durante alguns momentos, à *vista dos discípulos*, por meio da transfiguração, os atributos da sua natureza, se bem que *velados*, pois de outro modo eles não teriam podido suportar-lhes o brilho, Jesus lhes dava uma idéia da sua elevação espiritual e da glória da vida que eles ambicionavam.

A presença de Moisés e Elias, visíveis para os discípulos, foi um meio de lhes ferir a imaginação e de, por assim dizer, *confirmar* diante deles a elevação espiritual do Cristo, como sendo *o Messias prometido*. Moisés e Elias tinham ambos prometido o Messias. A presença dos dois santificava e sancionava, aos olhos dos apóstolos, a missão que Jesus desempenhava, mostrando-lhes essa missão em toda a sua santidade.

A voz que saiu da nuvem e que disse, ainda presentes Moisés e Elias, embora suas figuras já começassem a apagar-se, como que sumindo-se pelo afastamento: *"Este é meu filho bem-amado em quem pus todas as minhas complacências, escutai-o"*, afirmava, desse modo, em nome do onipotente, do pai, a missão de Jesus como sendo o Cristo, filho de Deus vivo, o Cristo de Deus, o Messias prometido.

Do ponto de vista do futuro, isto é, *da época atual* em que começa a era nova do Cristianismo *do Cristo*, a era espírita, a presença de Moisés e Elias consagrava, *para todos*, a intervenção dos Espíritos junto dos homens; era a manifestação espírita revelada aos apóstolos, era (conforme a nova revelação o explicaria e faria compreender nos tempos preditos, que são os vossos) a promessa para o futuro.

Jesus prometera a seus discípulos que sua lei se estenderia por sobre toda a terra e que todos os homens se congregariam em torno da bandeira que eles arvoravam. Ora, os discípulos necessariamente achariam que a duração da existência humana era por demais insuficiente para o desempenho dessa tarefa. Assim sendo, a presença de Moisés e de Elias, que também haviam empreendido a regeneração da Humanidade e fizeram promessas para o futuro, teve por fim ensinar aos apóstolos *como e em que condições eles continuariam* a obra que tinham empreendido.

Jesus também consubstanciava em si promessas para o futuro. Moisés e Elias prometeram o Messias, Jesus prometeu outro Consolador, o *Espírito da Verdade*, a revelação espírita, pela intervenção dos Espíritos do Senhor junto dos homens, intervenção que teve a consagrá-la, *para todos*, a presença de Moisés e de Elias no monte, em colóquio, *diante dos discípulos*, com o mesmo Jesus transfigurado. Desse modo se patenteou aos homens a glória, cujos caminhos teriam que ser *abertos e preparados* pela revelação espírita, glória que esta mesma revelação terá que realizar, a fim de que Jesus, como Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade, possa, cumprindo suas promessas, aparecer e descer, em todo o seu fulgor espírita, ao vosso planeta, já então depurado e transformado, descer ao seio dos homens, já regenerados e purificados.

A narração dos mesmos fatos, isto é, da transfiguração de Jesus, da aparição de Moisés e de Elias, do envolvimento dos três discípulos por uma nuvem de onde saía a voz e das palavras ditas por essa voz, feita pelos três evangelistas sob a influência mediúnica, reflete impressões, apreciações e interpretações humanas. Cada um dos discípulos, relatando aqueles fatos, exprimiu as suas próprias sensações

e cada um dos evangelistas referiu o que lhe foi relatado.

Pedro, Tiago e João, obedecendo às ordens de Jesus, guardaram segredo do ocorrido. Só depois de concluída a missão terrena do Mestre, cada um narrou os fatos tais como se haviam passado consigo, de acordo com as sensações que lhe produziram e como a sua inteligência pôde apreender. Pelas narrativas dos três é que os fatos se divulgaram.

As três narrações evangélicas, coordenadas e reunidas, reproduzem, *no conjunto*, esses fatos como se passaram para os três discípulos, *relativamente as suas inteligências*.

Vamos coordená-las e reuni-las numa só para, em seguida, explicarmos sucessivamente, de acordo com a ciência espírita, *em espírito e em verdade*, os fatos narrados.

Jesus subiu a um monte para orar; chamou a Pedro, Tiago e João, levou-os consigo e os conduziu, sem mais ninguém, a um lugar à parte, nesse monte."

Jesus chamou e levou consigo Pedro, Tiago e João, porque, de todos os apóstolos, eram os que apresentavam disposições físicas mais favoráveis a torná-los aptos, mediunicamente, à manifestação espírita que se ia produzir, como devia suceder. Deus, já o temos dito e repetimos, nada espera do que chamais — o acaso. Tudo estava *previsto e preparado* para o desempenho da missão do Mestre na terra. Entrava no quadro dessa missão o serem os fatos, que teriam de passar-se no monte, presenciados por Pedro, Tiago e João, cujas encarnações se verificaram nas condições necessárias a que tudo quanto estivesse dentro das linhas de suas missões pudesse realizar-se e se realizasse.

"Chegados ao monte, enquanto Jesus orava. Pedro, Tiago e João foram mergulhados no sono. "

Não se trata aqui do sono ordinário, natural. Os três apóstolos ficaram nesse estado de torpor, que os médiuns experimentam quando se produz uma forte manifestação espírita. Foram envolvidos pelos fluidos que os Espíritos prepostos à manifestação lançaram sobre eles, a fim de os tornar aptos a ver. Sublinhamos as palavras *a ver*, porque só Pedro possuía a *faculdade da vidência*. Os dois outros, menos desenvolvidos, tiveram, sob a influência magneto-espírita, que ser postos em condições de ver com o Espírito a manifestação espiritual. Esta parte da narração evangélica é devida ao relato que Tiago e João fizeram das sensações que experimentaram. O evangelista referiu o fato *tal como* lhe foi narrado.

Despertando, eles viram.

Tendo-lhes sido, pelo desprendimento, desembaraçada a visão espiritual, eles ficaram aptos a ver os Espíritos de Jesus, de Moisés e de Elias, os quais logo se tornaram visíveis, e a manifestação se produziu.

"E Jesus, estando ainda a orar, se transfigurou diante dos três. Eles viram a sua glória: o aspecto do seu rosto se tomou muito outro, resplandeceu como o sol; suas vestes se tornaram resplendentes, brilhantes de luz. brancas como a neve, de uma brancura tal que nenhum lavandeiro na terra jamais seria capaz de a igualar."

Para os discípulos, para as suas inteligências, dada a ignorância em que se achavam das causas e dos efeitos, Jesus, semelhantemente ao homem que tira o manto quando este o estorva, se despojara, momentaneamente, do invólucro, que para eles tinha a aparência do corpo humano, e também das vestes que o cobriam.

Certo, se o quisera, Jesus teria podido despojar-se de suas vestes humanas, fazê-las desaparecer, tornan-

do-as invisíveis a olhos terrenos, como fazia sempre que voltava para o espaço, para as regiões superiores, o que acontecia quando se achava longe da vista dos homens, quando o desempenho da sua missão na terra não exigia que estivesse presente no meio destes. Teria podido igualmente privar da tangibilidade o seu corpo de natureza perispírica e, conservando-o intangível, atrair a si os fluidos necessários a se tornar *visível* aos três discípulos com o aspecto, as formas, as aparências sob as quais cumpria que se mostrasse transfigurado. Retornaria depois a aparência corporal do homem e as vestes humanas, quando a nuvem cobriu os discípulos, que, cheios de assombro, caíram de rosto em terra, momento esse que Moisés e Elias aproveitaram para se subtraírem à vista dos três. Nada, porém, se faz sem utilidade ou necessidade e sem objetivo. Quais foram, então, a utilidade, ou a necessidade e o objetivo que determinaram passarem-se as coisas *como* se passaram?

A fim de operar a transfiguração, Jesus, por ato da sua poderosa vontade, atraiu a si os fluidos apropriados à produção dos efeitos que os três discípulos deviam ver. Com esses fluidos cobriu ele a aparência corpórea que lhe davam o seu perispírito tangível e as roupas humanas que o revestiam e tomou, para serem vistas pelos discípulos, a forma e as aparências sob as quais queria mostrar-se-lhes. Deveis compreender que, mostrando-se-lhes transfigurado, Jesus se colocou ao alcance da observação dos discípulos. Efetivamente, *ao ver destes*, o perispírito tangível do Mestre, que *para eles* era um corpo humano, desapareceu. Foi como se Jesus houvesse despedido as vestes que trazia e tomado outras. Vós, porém, deveis compreender que as vestes com que Jesus se apresentava não podiam dissolver-se para se tornarem fluidicamente luminosas, como o pode um perispírito tangível. Jesus, portanto, o que fez foi cobrir aquelas

vestes de fluidos luminosos que, sem ofuscarem os olhares humanos dos três discípulos, lhes dessem todavia uma idéia da glória que ambicionavam.

Para eles, o rosto de Jesus resplandeceu como o sol, mas apenas quanto ao brilho. Não tendo podido suportar as irradiações do semblante do Mestre, os discípulos as compararam às fulgurações do sol, cuja luz os forçava a baixar os olhos. Jesus, porém, não se lhes apresentou em toda a sua glória, em todo o seu fulgor espírita, em todo o seu esplendor. Ele se vestiu de escuro, por assim dizer, cobrindo-se de fluidos que, *para olhos* humanos, eram luminosos, mas de fato muito sombrios, relativamente à humanidade que lhe é própria.

Quanto ao brilho luminoso e à nívea alvura que as suas vestes tomaram por efeito dos fluidos que as envolveram, que as cobriram, o que houve foi apenas uma combinação fluídica, produzindo a aparência de roupagens, como sucede toda vez que um Espírito se apresenta com a forma corporal aparentemente vestida.

Lestes que *"a alvura das vestes de Jesus era tal, que nenhum lavandeiro na terra poderia jamais igualá-la"*. Estas palavras precisam ser entendidas, segundo o espírito, *no sentido* de que ninguém na terra poderia jamais igualar ao Cristo em elevação. Ainda quando haja alcançado a perfeição sideral, isto é, se tenha tornado puro Espírito, o homem do vosso planeta. será sempre menos adiantado do que Jesus, ser-lhe-á inferior em *ciência universal*.

Jesus, como já o dissemos, retomou em parte, naquele momento, diante dos discípulos, os atributos da sua natureza. Ora, não sabeis que quanto mais elevado é o Espírito, mais luminoso parece às vistas humanas?

Para nós, para todos os Espíritos elevados, essa emanção luminosa nada tem de ofuscante, como não

o tem para vós outros um semblante ou um corpo mais ou menos belos. *Apenas* nos serve para comprovar a elevação dos Espíritos que nos cercam, do mesmo modo que pela tez verificais se um homem nasceu nas regiões glaciais ou nas areias do deserto.

Quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais brilhantes parecem a sua luminosidade, a sua alvura, tanto mais suave, luminosa e nívea é a sua emanção.

Os mundos, considerados do ponto de vista do estado que lhes é próprio e do progresso planetário, estão sempre em relação com o estado e o progresso dos Espíritos que os habitam. São materiais ou espirituais, classificando-se de materiais os que servem de habitação aos Espíritos que encarnam na matéria. Quanto aos outros, não os há que sejam especialmente espirituais. Todos o são, desde que não mais os habitem Espíritos encarnados na matéria, isto é, Espíritos que revistam corpos *materiais*.

No que respeita aos mundos; sejam de ordem material, sejam de ordem espiritual, tantas são as suas gradações, dos pontos de vista da sua sucessão na categoria dos mundos, da sua progressividade e da sua utilidade como mundos intermediários, que não se lhes pode formar a escala, quer se trate de ir dos mundos materiais aos que se acham no estado fluídico, quer se trate de ir destes, que são os em que cessou a materialidade, aos que atingiram o estado de pura fluidez.

À medida que os mundos se depuram, a luz que os cerca se vai descolorindo por transições insensíveis, vai do vermelho ao azul e ao branco, passando por gradações sucessivas e intermédias de tons, que apreendereis atentando no que pode dar a paleta de um pintor. Notai que as chamas, quando as alimenta um corpo material, se colorem de nuances diversas e parecem, por assim dizer, materiais, ao passo que as que provêm da inflamação de um gás são mais tê-

nues e mais brancas. Naturalmente, quanto mais elevado é o planeta, tanto mais branca e brilhante é a sua luz. Os mundos espirituais, que apelidais de celestes, aos quais só têm acesso os puros Espíritos, mundos que atingiram o estado de pura fluidez, são, na hierarquia dos mundos, os que projetam luz mais branca e mais brilhante.

Também entre os puros Espíritos, que, em pureza, são todos iguais, por haverem chegado todos à perfeição moral, há hierarquia, conforme já o explicamos (1º vol., n. 60, pág. 326), sob o ponto de vista da ciência universal. Todos, através da eternidade, se aproximam de Deus, sem, todavia, jamais poderem igualar o Criador incriado, eterno, infinito, Ser dos seres, Espírito dos Espíritos, tão sutil, tão resplandecente de alvura e de luz, que nenhum dos Espíritos puros mais elevados pode abrangê-lo com o olhar, nem lhe suportar as irradiações, quando se avizinha do foco da onipotência para receber a inspiração das vontades do soberano Senhor, do pai de tudo o que é.

O arco que se forma nas nuvens e a que dais o nome de arco-íris, arco que Deus, por intermédio de Moisés, seu enviado, indicou aos Hebreus como sendo "*o sinal da aliança perpétua entre ele e todas as criaturas vivas da terra*", é, em espírito e verdade, tirado da letra, que o vela, o espírito: o emblema — do progresso, dentro da unidade e da solidariedade, de todos os mundos e de *todas as essências espirituais*, em todos os reinos da natureza, quer *materializadas*, quer *encarnadas* no estado material ou no estado fluídico, quer perispiriticamente *incorporadas*, quer errantes na imensidade; é o emblema da marcha ascendente, una e solidária, de todos os mundos e de todas as essências espirituais a todos os graus da escala. Não esqueçais que, *para os Hebreus*, a terra era a criação inteira, não passando o céu, o firmamento, de acessórios integrantes da mesma terra.

O fenômeno da transfiguração, que Jesus realizou, não foi, como indicador de poder físico, um prodígio extraordinário, conforme pensais. Já não vos dissemos que Jesus não se mostrou em todo o seu esplendor, que ele se cobriu de fluidos, luminosos *para olhos humanos*, mas sombrios *em comparação com a luminosidade que lhe era própria?*

Dessa faculdade, desse poder dispõem todos os Espíritos elevados. Todos são aptos a produzir o mesmo fenômeno em condições correspondentes ao grau de elevação a que tenham chegado. Nós, como todos os Espíritos elevados, podemos alcançar o mesmo fim, *desde que isso seja necessário e permitido*. Assim é que podemos, *primeiro*, fazer-nos visíveis e tangíveis sob a forma humana; *depois*, operar a transfiguração, reunindo à volta de nós os fluidos luminosos necessários, tornados visíveis aos olhares humanos, fluidos esses, porém, sempre inferiores aos que correspondem à nossa elevação espírita.

Também no seio da vossa humanidade se pode produzir, como sabeis, o fenômeno da transfiguração. Esta, todavia, nenhuma relação tem com a que Jesus, Espírito apenas revestido de um perispírito tangível, realizou e que só os Espíritos elevados podem igualmente realizar. Dar-vos-emos ainda, ao concluir o presente capítulo, explicações a esse respeito.

"Ao mesmo tempo que viam a Jesus transfigurado, Pedro, Tiago e João viram dois homens, a saber: Moisés e Elias, que lhes apareceram a falar com Jesus, cheios de glória."

Moisés e Elias se tornaram visíveis aos apóstolos, *cheios de glória*, por isso que, como todos os Espíritos superiores, eles eram *luminosos* sob a forma ou a aparência humana.

Para reconhecerem a Moisés e Elias os discípulos não precisaram do socorro da inspiração, como quan-

do Pedro respondeu a esta pergunta do Mestre: "E vós quem dizeis que eu sou?"

No caso de Moisés e de Elias, eles viram e isso lhes bastou. Moisés apareceu com o sinal que mostrara aos Hebreus: as duas chamas sobre a cabeça. A tradição falava delas e os apóstolos o reconheceram por esse sinal. Quanto a Elias, não ignorais que a tradição referia ter esse profeta, no momento em que fora *arrebatado* para o céu, deixado o manto que trazia a Elizeu, seu discípulo e sucessor em Israel. Não ignorais tampouco que os Judeus jamais se apresentavam em público, numa solenidade qualquer, sem ser envoltos no manto que usavam. Ora, apresentado-se Elias ao lado de Moisés, sem o manto, os discípulos logo compreenderam de quem se tratava. Compreenderam, porquanto, como sabeis, Pedro e seus companheiros eram Espíritos adiantados, tolhidos pela carne, é certo, mas cujas inteligências, *em dados momentos*, a dominavam.

"Moisés e Elias falavam a Jesus da sua saída do mundo, fato que tinha de verificar-se em Jerusalém."

Isso foi apenas uma explicação dada aos homens, uma interpretação humana, que a compreensão do fato fez necessária. Foi o resultado das apreciações ou comentários a que deu lugar a presença de Moisés e de Elias, em circunstâncias tais que aos discípulos pareceu que eles falavam com Jesus. Foi ainda o resultado da interpretação destas palavras do Mestre: "Até que o filho do homem haja ressuscitado dentre os mortos", interpretação que o evangelista, sob a influência mediúcnica, teve que registrar, conforme à narração que lhe fizeram os três discípulos, cada um exprimindo suas próprias sensações. Segundo o comentário que chegou a Lucas, Jesus recebera de Moisés e de Elias, que lhe apareceram cheios de glória, as necessárias instruções.

Jesus, que tinha a presciência do futuro, *já havia predito* sua ida a Jerusalém, sua *morte* e sua *ressurreição*. Nada tinha que aprender com Moisés e Elias relativamente a esses sucessos vindouros. Os três discípulos, tão perturbados ficaram com a manifestação, que perguntavam entre si o que queriam dizer estas palavras do Mestre: *"até que o filho do homem haja ressuscitado dentre os mortos"*.

A presença de Moisés e de Elias nada teve que aberrasse dos fatos ordinários. Ambos estavam sempre junto de Jesus. Naquele momento *apenas se tornaram* visíveis. Não só Moisés e Elias, porém muitos outros Espíritos ainda mais elevados, estavam, como estão hoje, constantemente ao lado do Mestre, aguardando a manifestação de suas vontades para agirem.

O fato de *somente* Moisés e Elias se terem tornado visíveis explica-se pela circunstância de haverem ambos prometido o Messias e pela de que só a presença deles era necessária, *atentas às tradições dos Hebreus*, à manifestação e ao fim que ela visava.

"Ao afastarem-se Moisés e Elias, disse Pedro a Jesus: Mestre. estamos bem aqui; se quiseres, faremos três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias; ele não sabia o que dizia, pois estavam assombrados."

A proposta de Pedro para a construção de três tendas era ainda uma conseqüência dos erros hebraicos. Pedro *via* Moisés e Elias *"ressuscitados"* em corpos que *supunha* carnis e queria conservá-los junto do Mestre bem-amado. Ele estava perturbado. Como deveis imaginar, a manifestação não durou muito tempo.

Ao que se afigurou aos discípulos, já Moisés e Elias se iam embora, quando Pedro propôs a Jesus construir as três tendas.

Essa foi a sensação que eles tiveram, em conseqüência, ao mesmo tempo, da crença, filha dos erros hebraicos, de que Moisés e Elias haviam "*ressuscitado*" e traziam corpos carnis e da ignorância em que estavam das causas e efeitos espíritas. O que na realidade se passou é que, quando os discípulos supuseram que Moisés e Elias se iam afastando, estes começaram de fato a desaparecer das vistas deles, cuja tensão de espírito se enfraquecia. Para realizarem o desaparecimento aos olhos dos discípulos, Moisés e Elias se foram sumindo no ar, dando, porém, a impressão de que desapareciam por efeito do afastamento.

"Pedro ainda estava falando, quando viu uma nuvem que, tomando-se espessa e luminosa, os cobriu e de repente uma voz que saía da nuvem se fez ouvir, dizendo: "Este é meu filho bem-amado em quem hei posto todas as minhas complacências, escutai-o." Ouvindo essas palavras, os discípulos caíram de rosto em terra e foram presas de grande temor. Enquanto a voz se fazia ouvir, Jesus se aproximou deles, os tocou e disse: Levantai-vos e não temais; erguendo então os olhos e olhando logo para todos os lados, viram unicamente a Jesus, que se achava a sós com eles."

A nuvem luminosa que, fazendo-se espessa, cobriu os discípulos, não era senão a massa dos fluidos que os cercavam, os quais, reunidos e tornados *para eles visíveis* no estado luminoso, os envolveram.

Já vos demos a este respeito explicações, quando tratamos da luz que envolveu os pastores.

No momento em que Jesus tocou os discípulos e lhes disse: *Levantai-vos e nada temais já* Moisés e Elias se lhes haviam feito invisíveis. Pedro, Tiago e João, libertos da influência mediúnica, de posse novamente da vista corporal humana, não viram a mais ninguém, além de Jesus. E que o Mestre, dispersando os fluidos que atraía a si, tornando-os de novo

incolores e invisíveis *para olhos humanos*, fizera cessar os fenômenos e os efeitos da transfiguração, de modo que ficou ali outra vez sozinho junto dos discípulos e com a mesma aparência que tinha quando, na companhia deles, subiu ao monte, isto é: com a que tinha, sempre que as exigências de sua missão terrena o obrigavam a estar presente entre os homens — a aparência da corporeidade humana.

"E, ao descerem do monte, Jesus lhes ordenou que a ninguém falassem do que acabavam de ver, até que o filho do homem houvesse ressuscitado dentre os mortos. — Eles guardaram segredo sobre o fato e, por então, a ninguém disseram o que tinham visto. E entre si perguntavam o que quereria dizer isto: *até que o filho do homem haja ressuscitado dentre os mortos.*"

Não vos admireis de que, perturbados como ficaram, os discípulos inquirissem entre si o que teria querido Jesus dizer por estas palavras: — *até que o filho do homem haja ressuscitado dentre os mortos*. Eles não compreendiam o que isso significava, pela razão de que a reencarnação passara para a categoria das superstições, embora ainda houvesse quem nela acreditasse. Compreendiam que, decorridos séculos, uma alma voltasse a habitar outro corpo, tanto assim que compreenderam houvesse podido a alma do profeta Elias vir habitar o corpo de João Batista, filho de Zacarias e de Isabel. Mas, não logravam compreender que Jesus pudesse recomençar imediatamente *outra* existência no mesmo corpo. De acordo com o que pensavam, o reaparecimento da alma só se dava mediante sua união com a matéria. Ora, *de um lado*, Jesus, *para eles*, estava revestido de um invólucro corpóreo idêntico aos dos outros homens, sujeito, como os destes, à morte *real e*, sendo assim, o Mestre não poderia retomar a existência, senão voltando sua alma ao cadáver. Neste sentido é que entendiam a palavra

"ressurreição". *Por outro lado*, ignoravam a natureza perispírica do corpo de Jesus, a qual só pela atual revelação deveria ser e foi divulgada, explicada. Inteiramente desconhecidas lhes eram as combinações do perispírito e da tangibilidade.

Jesus proibiu a Pedro, Tiago e João que falassem a pessoa alguma do que tinham visto, *até que ele houvesse ressuscitado dentre os mortos*, porque, se os discípulos divulgassem imediatamente os fatos que presenciaram, antes de ocorrido o reaparecimento, a chamada "ressurreição" do mesmo Jesus, *ninguém lhes daria crédito*. Cumpria que o testemunho deles, com relação ao que se passara no monte, fosse aceito pelos homens, os quais, concluída a missão terrena do Mestre, tinham que ver nele, por efeito dos fatos realizados e das revelações que então se divulgariam e espalhariam, *um homem igual aos outros*, revestido de um corpo material humano, mortal e perecível, e, ao mesmo tempo, o filho de Deus *milagrosamente* encarnado.

Só nos resta agora explicar-vos o fenômeno da transfiguração do ser humano.

Este fenômeno, já o dissemos e repetimos, nada tem de comum com o que, na sua qualidade de Espírito revestido de um corpo perispírico, Jesus produziu e que só os Espíritos elevados podem também produzir.

O homem por si só não pode operar o fenômeno da transfiguração. Indispensável lhe é para isso o concurso de seus irmãos errantes.

A transfiguração se produz igualmente, *ou* pela vontade do encarnado, ou independente da sua vontade, a seu mau grado, tanto tendo ele consciência do fenômeno, como não a tendo. No primeiro caso, a vontade do encarnado obra atraindo a si os Espíritos cujo concurso lhe é necessário. Para consegui-lo, não precisa fazer evocação alguma. Basta-lhe a vontade de

se transfigurar, desde que haja necessidade de que essa transfiguração se opere, isto é, desde que haja um fim *sério* a alcançar, para que os Espíritos que lhe são simpáticos o venham auxiliar.

Quando a transfiguração se verifica independentemente da vontade do encarnado, a seu mau grado, ele não passa de instrumento dos Espíritos que provocam o fenômeno, instrumento muitas vezes inconsciente, sobretudo se, por lhe ser estranha a ciência espírita, ignora as causas e os efeitos de tal manifestação.

Em geral, para a realização do fenômeno da transfiguração concorrem o perispírito do encarnado e o do Espírito, ou os dos Espíritos que produzem o fenômeno. Em virtude desse concurso, dessa adição de perispíritos, há uma combinação fluídica, por isso que o Espírito toma de empréstimo ao encarnado uma parte do seu fluido animalizado. O Espírito que opera mistura o seu perispírito com o do encarnado e este, envolvido assim em fluidos perispíriticos combinados, toma a aparência que o primeiro lhe queira dar. Coberto de tais fluidos, que não lhe é dado ver nem sentir, *mas* que sobre ele se estendem formando uma espécie de campânula, o encarnado toma, *para os que presenciaram o fenômeno*, a aparência que o Espírito entenda de lhe dar, seja qual for. Mascarado pelos fluidos que o envolvem, não o podeis ver, senão como vo-lo queiram mostrar.

Falando dos fluidos, acabamos de dizer que "o *encarnado não os sente, nem os vê*". É que alguns encarnados, submetidos às influências que produzem o fenômeno, ficam num estado análogo ao estado magnético ou sonambúlico. Outros, como sucede com os médiuns, sentem a influência que os força, pela ação fluídica, a dirigir o olhar para *tal ou tal* ponto, sem terem consciência da mudança de aspecto que lhes foi imposta. Sentem que falam, quando por si mesmos não o teriam feito, mas não percebem quem lhes põe

nos lábios as palavras. Sentem, finalmente, que obram sem intervenção de suas vontades, nem de suas faculdades, mas não sentem nem vêem o agente que os impulsiona, que os envolve e transforma. Dá-se com eles o que se dá com o médium psicógrafo, que sente o braço impelido por ligeira pressão, mas não sente nem vê quem lhe atua no braço, para pô-lo em movimento, desde que não se trate de um médium também vidente, ou de um encarnado que possua a faculdade da vidência, da qual o Espírito use para se lhe tornar visível. No caso da transfiguração, o encarnado não sente nem vê o perispírito do Espírito, quando este torna visível e tangível a forma corpórea por ele mesmo produzida.

Só para os assistentes essa forma corporal é visível e tangível, a menos que uma causa fortuita exija que aquele que se transfigura a sinta e veja. Em tal caso, poder-se-ia, colocando-o defronte de um espelho, tornar-lhe visível aquela forma. Mas, semelhantes experiências pouca utilidade têm.

Pelas combinações fluídicas de seu perispírito com o do encarnado, pode o Espírito, que opera a transfiguração, não só tornar visíveis e tangíveis *aos assistentes* todas as aparências, que julgue conveniente mostrar-lhes, senão também dar ao paciente os traços fisionômicos, o olhar, o som da voz e até as maneiras habituais de falar da pessoa cuja aparência corporal queira reproduzir por meio da transfiguração. Para tudo isso conseguir, o operador se utiliza dos órgãos visuais e vocais daquele que lhe serve de instrumento, como se utiliza de seus membros para agir de qualquer modo. Se é preciso, os Espíritos se reúnem, a fim de alcançarem o objetivo visado. Mas, para tanto se faz mister que o paciente tenha em si latentes muitas mediunidades, o que é raro, principalmente *agora*. O futuro, porém, desenvolverá essas faculdades nos homens.

Em casos como o que acabamos de figurar, a ilusão é tal que os assistentes *acreditam* estar vendo, ouvindo e apreciando, em seu modo de proceder, a pessoa cuja aparência se lhes mostra pela transfiguração.

O Espírito que opera também pode, com o concurso de outros Espíritos que se lhe reúnem, visando esse resultado e mediante combinações e ações fluídicas exercidas sobre o paciente, dar-lhe a forma e a aparência de uma pessoa morta, com todos os sinais e caracteres da morte. Tal é ainda aqui a ilusão, que os assistentes acreditam ter diante dos olhos o morto cujo aspecto aparente se lhes mostra.

Seja qual for a aparência que apresente o transfigurado, seja, por exemplo, a de uma pessoa mais alta e mais robusta, seja a de uma criança, o peso *natural* do paciente não se altera, desde que para isso não concorram os Espíritos e que só a aparência tenha mudado. Somente com o concurso dos Espíritos aquele peso pode variar para mais ou menos.

Se não houver esse concurso, isto é, se não houver ação espiritual tendente a modificar o peso, a aumentá-lo ou diminuí-lo, se só a aparência mudou, o peso se conserva o mesmo. E facilmente deveis compreender a razão disso: é que, em tal caso, a quantidade de matéria, no corpo do paciente, não aumentou nem diminuiu. O aumento do peso *natural não* poderia provir senão do adicionamento dos perispíritos dos Espíritos que se comunicam, ao do paciente, da adição, aos deste, dos fluidos que o envolvem e operam a sua transfiguração. Ora, os fluidos mediante os quais nós operamos são ponderáveis para *nós*, mas, atualmente, são, para vós, imponderáveis. Não vos são mais ponderáveis do que o era o ar para vossos pais, antes que se inventassem os instrumentos apropriados a pesá-lo. O ar foi sempre pesado, entretanto vossos pais não o podiam pesar e o consi-

deravam uma essência sem peso nem capacidade. O mesmo se dá *atualmente* convosco, relativamente aos fluidos por meio dos quais operamos a transfiguração.

O fluido universal é um composto de fluidos diversos, formando uma única massa donde extraímos as partes de que necessitamos. Ele recebe a destinação que lhe é necessária e se amolda a tudo, conforme aos casos. Esses diversos fluidos são *para nós* ponderáveis, tanto na massa do fluido universal, como quando dela separados, constituindo o produto das extrações ou combinações que o Espírito realiza. Tudo tem peso na natureza, que é a fórmula e a síntese de todas as criações orgânicas e inorgânicas, assim do ponto de vista fluídico, como do ponto de vista material.

Os diversos fluidos de que se compõe o fluido universal, especialmente aqueles com que o Espírito opera a transfiguração, todos ainda imponderáveis *para vós outros*, não serão reconhecidos como ponderáveis, tal qual sucedeu com o ar que agora sabeis que o é, senão por meio de instrumentos e processos que ainda desconheceis e desconhecereis por muito tempo. Todavia, lá chegareis, porquanto grandes mistérios se vos desvendarão, quando conhecerdes as propriedades e o valor dos fluidos que vos cercam. A fim de alcançar esse conhecimento, faz-se mister que o homem aprenda a elevar-se através das camadas de ar que, para ele, são o que os mares distantes são para o camponês que jamais saiu da sua cabana.

Na depuração moral achareis o caminho desse progresso. Na depuração moral e no progresso intelectual se vos depararão os degraus por onde subireis a tais alturas. A primeira vos granjeará *mais poderoso concurso*, porque vos tornará aptos a compreender a ciência sem dela abusar. A aquisição do saber vos será então *facilitada*. E, quanto mais aprenderdes, tanto *mais facilmente vos elevareis*.

Só com o concurso e pela ação dos Espíritos prepostos pode o peso natural do paciente variar para mais ou para menos. O aumento e a diminuição desse peso são produto de uma ação espírita e fluídica exercida pelos Espíritos. Dizemos — pelos Espíritos — porque, para a realização de tais fenômenos, é necessário o auxílio de muitos Espíritos.

Para efetuar aumento ou diminuição de peso no paciente transfigurado, os Espíritos que o cercam e envolvem atuam fluidicamente, servindo-se dos meios de que usam para fixar no solo uma mesa leve, ou para levantar, como se se tratara de uma pena, um peso considerável.

Se querem obter aumento de peso do transfigurado, aqueles Espíritos tornam pesados os fluidos que o envolvem.

Se, ao contrário, o que querem é a diminuição de peso, os mesmos Espíritos o sustentam.

Assim, quando dão ao paciente a aparência de uma pessoa mais alta e mais robusta, eles, tornando mais pesados os fluidos, lhe produzem, *desde que isso seja necessário*, um aumento de peso que, para os assistentes, corresponda à diferença existente entre a pessoa cujo aspecto se lhes mostra e o mesmo paciente.

Assim também, quando a aparência dada a este é a de uma criança, os Espíritos operam nele a diminuição do peso, sustentando-o, de modo que, sendo preciso, ele tenha um peso correspondente ao talhe da criança que aparenta ser.

Nestes casos, em havendo ação dos Espíritos, o peso varia, correspondendo à aparência, *uma vez que isso seja necessário*. Do mesmo modo, *se também for necessário*, podem os Espíritos produzir aumento de peso, quando o paciente, alto e robusto, tenha a aparência de uma criança e *diminuição* de peso quando, sendo uma criança, tenha a aparência de uma pessoa alta e robusta.

Para, desse modo, produzir a transfiguração e os diversos efeitos que vimos de apreciar, não pode um Espírito obrar sozinho e o concurso dos perispíritos é indispensável, sempre que o Espírito, ou os Espíritos que operam são pouco elevados, sempre que o são tanto ou pouco mais do que vós. Eles então se servem dos elementos de mediunidade que encontram ao seu dispor. *Assim como*, para produzir ruídos ou outros efeitos físicos dessa natureza, é necessário o concurso de perispíritos análogos, *também*, para produzir-se a transfiguração, o paciente deve apresentar as disposições, as condições ou aptidões físicas necessárias a tal efeito. Quais sejam essas disposições, condições ou aptidões não podeis compreender, porque isso se prende à combinação dos fluidos perispíricos e ainda não chegou a ocasião de entrarmos nesse estudo. E de simples intuição que, posto de parte o concurso dos perispíritos, o Espírito é o único agente do fenômeno. Porventura, quando ouvís estranhos ruídos, tendes dúvida de que o Espírito que os produz seja, no caso, o agente, o provocador?

Os Espíritos elevados, para operarem a transfiguração do ser humano, podem prescindir da existência de aptidões físicas no paciente. Gostam, porém, de encontrar neste condições favoráveis à obtenção do que desejam.

Se o encarnado não tem as aptidões físicas necessárias, recorreremos aos fluidos que desejamos empregar e neles o envolvemos. Lançamos, por assim dizer, sobre o paciente de que nos servimos uma cobertura, que lhe dará a aparência que ele deva apresentar por efeito da transfiguração.

Assim é que, por meio dos fluidos luminosos, que tornamos visíveis aos *olhares humanos*, podemos colocar o paciente em condições de apresentar uma luminosidade tal, que lhe faça perder a habitual aparência humana. Podemos mudar-lhe esta aparência, dando-lhe, para ser visto pelos assistentes, aquela

que o momento nos indique ser a que mais lhes fira as imaginações. Desse modo podem alguns seres encarnados, como pacientes transfigurados, chegar não a um ponto de transfiguração tão elevado como o em que Jesus se apresentou aos três discípulos, mas a um ponto próximo desse, uma vez que o permitam suas disposições morais e físicas.

Diremos mesmo que as disposições morais só são necessárias debaixo de certo ponto de vista, por isso que, sendo preciso ferir as imaginações, podemos utilizar-nos de um instrumento indigno, mas no qual encontremos as aptidões físicas convenientes. Da mesma forma que vos servis de um instrumento imperfeito até que descubrais um bom, caso em que abandonais o que não preenchia senão uma apenas das condições precisas, e passais a fazer uso do que as reúne todas, também nós abandonamos o instrumento que só possui as qualidades materiais, isto é, as disposições físicas, logo que podemos servir-nos de outro, bom, que reúna as disposições morais e físicas necessárias. Deparando-se-nos um encarnado que preencha, do ponto de vista moral, as condições desejadas, estamos sempre prontos a fazer todos os esforços para remediar ao que lhe falte fisicamente. Mas, quão poucos sois os que possuí a fé assaz forte, a elevação dalma assaz grande, a renúncia assaz poderosa, a caridade assaz benigna, para nos atrair suficientemente!

Estes casos de transfiguração *ainda são mais raros* do que os *que emanam* de Espíritos da vossa elevação, ou pouco mais elevados do que vós, *os quais*, mesmo esses, são, como já o dissemos, *raros, muito raros*.

Nota da Editora — Conversando com os mortos, Moisés e Elias, ordenando a retirada de obsessores e, finalmente, ele mesmo aparecendo depois da morte e dando instruções aos apóstolos, Jesus revogou a lei antiga e promulgou o Espiritismo.

**MATEUS, Cap. XVII, v. 10-13. —MARCOS,
Cap. IX, v. 11-13**

*O Espírito de Elias reencarnado na pessoa de João, o
Precursor, filho de Zacarias e de Isabel*

MATEUS: V. 10. Seus discípulos então lhe perguntaram: Porque é que os escribas dizem ser preciso que Elias venha primeiro? — 11. Jesus lhes respondeu: Em verdade Elias tem que vir e restabelecer todas as coisas. — 12. Mas, eu vos digo que Elias já veio; eles não o conheceram e contra ele fizeram tudo o que quiseram. Assim também farão sofrer o filho do homem. — 13. Então, seus discípulos compreenderam que ele lhes havia falado de João Batista.

MARCOS: V. 11. E o interrogavam, dizendo: Porque é que os fariseus e os escribas dizem ser preciso que primeiramente venha Elias? — 12. Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias tem que vir primeiro e restabelecer todas as coisas; que sofrer muito e ser desprezado, como está escrito a respeito do filho do homem. — 13. Mas, eu vos digo que Elias já veio e que eles o trataram como lhes aprouve, de acordo com o que a respeito dele fora escrito.

N. 195. Deveis compreender o fim e o alcance das palavras de Jesus em resposta à pergunta que lhe dirigiram os discípulos. Chamando-lhes a atenção para a volta de Elias na pessoa de João Batista, Jesus assentava as bases da revelação espírita, revelação que, mais tarde, no colóquio com Nicodemos, deixaria *veladamente* entrever e que depois os Espíritos do Senhor fariam aos homens, nos tempos marcados por Deus, explicando-lhes, *em espírito e verdade*, a lei natural e imutável da reencarnação, seu princípio fundamental, suas regras, seus fins e suas conseqüências.

Talhava assim Jesus a *pedra angular* em que repousaria o edifício do futuro.

Aquelas suas palavras, cobertas pelo véu da *letra*, pouca importância tinham, é certo, para os apóstolos, dada a natureza da época em que foram ditas, assim como para as gerações que se seguiram até aos vossos dias. Grande influência, porém, teriam que exercer no futuro, sob o império do *espírito*. Naquele momento, apenas ratificavam as profecias dos livros antigos. Os apóstolos não precisavam do apoio da reencarnação. Se bem esta não constituísse lei entre os Hebreus, estava, todavia, como já o explicamos, no domínio das crenças da maioria deles. Verdade é que já "os *espíritos fortes*" a haviam combatido, cobrindo-a de ridículo, atribuindo-a a erros da superstição, fazendo enfim, séculos antes de Jesus e até à sua época, o que fizestes depois e fazeis ainda, isto é: pondo a luz debaixo do alqueire, para que o seu brilho não torne patentes, aos *olhos de todos*, tantos segredos que a *alguns* convinha ficassem ocultos. Jesus, pois, *ressuscitou* essa velha crença, *ressuscitando* Elias na pessoa de João Batista.

Ele proclamou assim, *segundo* o espírito e em *verdade*, a reencarnação do Espírito (da alma) de Elias no corpo de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel, mostrando a todos a lei natural e imutável do renascimento, lei essa da qual aquela reencarnação era apenas *um exemplo e uma aplicação*, entre vós, na ordem *geral* da natureza, pelo que respeita ao *reino humano*.

Não vos admireis de que os discípulos, aludindo ao que diziam os escribas e os fariseus: *ser preciso que primeiro viesse Elias*, tenham feito a Jesus aquela pergunta. Lembrai-vos do que eram *então* os discípulos de Jesus, todos saídos de ínfima classe social. Admirar-vos-íeis de que pergunta semelhante vos dirigisse algum dos vossos operários, que não soubesse ler e que não houvesse aprendido da história sagrada mais do que as poucas palavras baldas de sentido

com que a ela se refere o catecismo? Ao tempo do Mestre, a ciência teológica era, dentro da Igreja hebraica, o que ainda é nos dias de hoje: uma luz que se oculta, para que não esclareça a multidão e não lhe patenteie todas as feridas que a Escritura, essa pobre desfigurada, recebeu das interpretações humanas.

Falando de João Batista, disse Jesus a seus discípulos, com referência aos escribas e fariseus: *E eles não o conheceram*, isto é: não compreenderam que aquele que pregava o arrependimento e o advento do Reformador era o Elias que o Antigo Testamento prometera.

Por estas palavras: *Eu vos digo que Elias já veio e eles não o conheceram; contra ele fizeram tudo o que quiseram, conforme tinha sido escrito; e é assim que, farão sofrer o filho do homem*", os discípulos compreenderam que o Mestre lhes falava de João Batista, porque tais palavras lhes chamaram a atenção para o *único* homem que, aos olhos deles, podia preencher todas as condições do precursor prometido.

A *letra* da tradição¹⁵ parece contrária à palavra de Jesus, que os discípulos compreenderam, relativa à volta de Elias à terra, à reencarnação de seu Espírito no corpo de João. Explicada, porém, *em espírito e em verdade*, a tradição confirma, em todos os pontos, o que disse o Mestre.

A razão e a ciência humanas, esbarrando *na letra* e não sabendo achar o *espírito*, rejeitam o que, pela sua ignorância, não podem explicar. Os Espíritos do Senhor vêm exatamente, pela nova revelação, projetar sobre tudo e por toda parte a luz e a verdade. Segundo a tradição interpretada *ao pé da letra*, Elias fora, à *vista de Eliseu*, arrebatado e, *encarnado e vivo*, subira ao céu num turbilhão.

Como, então, seria possível que, continuando

¹⁵ Os Reis, liv. 4º, cap. II, v. 1-18.

Elias a viver encarnado, no céu, onde tudo é eternamente *Espírito*, a viver lá a vida *material do homem*, experimentando *todas as necessidades peculiares a essa vida*, seu *Espírito (sua alma)* reencarnasse no corpo de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel?

Quem quer, dentre vós, que pense, sente logo que, entendida assim segundo a letra, constituindo um desmentido às palavras de Jesus e conduzindo às mais inadmissíveis e absurdas conseqüências em face da razão e da ciência, aquela tradição *não exprime* a verdade.

A realidade das coisas, a verdade, ei-las aqui, segundo a mesma tradição, mas entendida, explicada *em espírito e verdade*:

Elias e Eliseu, sob a influência e a ação espíritas, eram, conforme os casos e as necessidades das missões que um e outro desempenhavam, médiuns videntes, inspirados, audientes e, como tais, instrumentos das vontades do Senhor.

Prevenido mediunicamente do seu próximo fim, portanto do termo próximo da sua missão terrena, inspirado e guiado pelos Espíritos do Senhor, Elias se afastou do meio dos homens, levando consigo seu discípulo Eliseu, a fim de prepará-lo para a revelação a que ia servir de instrumento, desempenhando entre os Hebreus a missão de profeta. Não sabendo até que ponto a mediunidade se poderia desenvolver em Eliseu, ao pedido que este lhe fez de ser o seu sucessor, para guiar e corrigir o rebanho de Israel, Elias respondeu: "Se me vires, *terás o que me pedes*". O mesmo era que dizer a Eliseu: "Se a faculdade mediúnica está em ti bastante desenvolvida, tu me verás em ocasião que outros olhos não o conseguiriam e isso será o sinal de que o Senhor te aceita para meu sucessor".

Caindo das alturas, o raio consumiu o corpo material de Elias e seu Espírito, revestido do peris-

pírito que conservava ainda os caracteres e a forma do corpo de que acabava de separar-se, se elevou no espaço, em direção às regiões superiores, visível ao olhar mediúnico de Eliseu, e depois desapareceu, tornando-se-lhe invisível. As nuvens de vapor que se escapam das locomotivas, dos fornos das usinas, e se elevam no espaço não são a princípio visíveis para os vossos olhos carnis, depois não se vão sumindo, até desaparecerem inteiramente, tornando-se-vos de todo invisível?

"Quando eles, prosseguindo seu caminho, dizem as Escrituras, marchavam conversando, eis que surge um carro de fogo, puxado por cavalos de fogo, e os separa um do outro, subindo Elias ao céu num turbilhão. Ora, Eliseu via e exclamava: Meu pai, meu pai, vós, o carro de Israel e seu guia. Depois disso nada mais viu."

Naquele momento, pois, Eliseu teve, como havia de suceder, visão mediúnica. O carro de fogo e os cavalos de fogo representam o raio que fulminou o corpo material, humano, de Elias, ao mesmo tempo que o seu invólucro perispíritico se elevava sob os olhares do discípulo atento. Como não ignorais, os Espíritos do Senhor se servem muitas vezes dos elementos como meio de realizar atos determinados pela sabedoria divina.

Não vos espanteis de que o raio tenha tomado, para a visão mediúnica de Eliseu, as aparências ou a forma de um carro de fogo puxado por cavalos de fogo. Não é verdade que o raio toma, às vossas vistas, diversas formas? Não cai, ora como um globo ígneo, ora como uma barra, como lâminas torcidas, etc.? Eliseu o viu, naquele caso, conforme à *disposição* em que os Espíritos do Senhor o haviam colocado *para ver*, pois que ele acreditou, *como devia acontecer*, que Elias fora arrebatado pelo carro e pelos cavalos de fogo. Dissemos que os *Espíritos do Senhor o dispuseram a ver* as coisas sob aquele aspecto. Essa proposição nossa não vos pode causar estranheza, porquanto sabeis que, por meio de uma ação espírita

exercida sobre o cérebro do médium, os Espíritos conseguem que este *veja* o que eles *queiram* seja visto, com as aparências que dão às combinações fluídicas apropriadas à visão mediúnica.

Não vos surpreendais, tampouco, de que, no instante mesmo em que o raio lhe consumiu o corpo material, Elias, Espírito elevado encarnado em missão, se haja inteirado do que acabava de passar-se e se tenha tornado, sob a forma humana da qual vinha de ser separado, visível ao olhar mediúnico de Eliseu. Nenhum esforço era necessário para isso, pois, como sabeis, o perispírito conserva o aspecto, a forma do corpo que o revestiu, sobretudo no momento em que acaba de separar-se deste. Mesmo, portanto, que se tratasse de um caso ordinário, não teria havido mais do que simples ação mediúnica da parte de Eliseu. Mas, ainda quando se fizesse necessário um ato de vontade, um esforço qualquer, imaginai que a Elias, preparado como estava para uma separação imediata do corpo em que habitava e sendo como era um Espírito muito elevado, fosse preciso tempo para se inteirar do seu novo estado? Não vedes que a maior parte dos vossos irmãos, iniciados na nova revelação, recobram instantaneamente, uma vez desencarnados, suas faculdades espíritas?

À visão *mediúnica* de Eliseu se afigurou que o carro e os cavalos de fogo subiam como um turbilhão, isto é: qual coluna de vapores luminosos que, *diante de seus olhos*, rodopiasse, como as nuvens que o furacão açoita.

Deveis compreender que, vivendo numa época em que se ignoravam os efeitos do raio, a Eliseu não acudisse a idéia de procurar os vestígios do corpo de Elias, vestígios que, aliás, não encontraria. Os Espíritos prepostos lhe desviaram de semelhante pesquisa o pensamento, fazendo-o *ver* Elias a subir para o céu num turbilhão.

Daí vem que, aos que lhe propunham ir procurar o seu mestre, respondia ele: "Não o *façais*".

Nada obstante, muitos insistiram em procurar Elias. Não o encontraram, dizem as Escrituras.

Ao regressarem esses, Eliseu lhes ponderou: "Não vos havia eu dito que não o fizésseis?" Os Espíritos prepostos ocultaram de todos os pesquisadores os vestígios do corpo consumido.

Deus, com a sua presciência e sabedoria infinitas, apropriada aos tempos, às inteligências, às necessidades de cada época, de cada era, os acontecimentos, os atos, as revelações, fazendo que se produzam nas condições mais convenientes à marcha lenta, porém regular e sempre progressiva da vossa humanidade.

Em face da resposta que, quando interrogado *relativamente a Elias*, lhes deu o Mestre, seus discípulos compreenderam que João Batista era Elias, o mesmo Elias que as profecias anunciavam como devendo ser o precursor do Cristo.

O que, porém, Jesus naquela ocasião não podia nem devia dizer e que agora tem que ser dito é o *seguinte*: *Moisés — Elias — João Batista — são uma mesma e única entidade*. Estamos incumbidos de vos revelar isso, porque chegou o tempo em que se tem de "*realizar*" a "*nova aliança*", em que todos os homens (Judeus e Gentios) se têm que abrigar debaixo de uma só crença, da crença — em um Deus, uno, único, indivisível, Criador incriado, eterno, único eterno: o *Pai*; em Jesus Cristo, vosso protetor, vosso governador, vosso mestre: o *Filho*; nos Espíritos do Senhor, Espíritos puros, Espíritos superiores, bons Espíritos que, sob a direção do Cristo, trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade: o *Espírito Santo*.

Sim, Moisés, Elias e João Batista são um só; *são o mesmo Espírito* encarnado três vezes em missão. Esse Espírito, quando foi Moisés, preparou a vinda do Cristo e a anunciou *veladamente*; quando foi Elias,

deu grande brilho à tradição hebraica e anunciou, nas suas profecias, que teria de ser o precursor do Cristo; quando reencarnou em João, filho de Zacarias e Isabel, foi esse precursor.

Essas três figuras eram o *emblema* da tríplice missão desempenhada em três épocas diferentes, e, por meio da aparição de Moisés e de Elias no Tabor, aos três discípulos, foram postas ao alcance das inteligências humanas, ensinando Jesus aos homens que João Batista era Elias, que voltara à terra.

Moisés, Elias e João foram sempre o mesmo Espírito reencarnado, mas não a mesma personalidade humana, a mesma individualidade terrena.

Assim é que, no Tabor, quando da transfiguração de Jesus, um Espírito superior, da mesma elevação que Elias e João, tomou a figura, a aparência de Moisés.

Tais substituições se dão *quando necessárias* — por Espíritos da mesma ordem.

A reencarnação esteve esquecida durante longo tempo. Convinha que tal acontecesse, porque se tornou preciso que um véu fosse lançado *entre os* homens, cheios de vícios, de charlatanices, de superstições, e os mistérios de além-túmulo, até que a humanidade, pelos progressos realizados, se mostrasse apta a apreender esses mistérios e a lei natural e imutável da reencarnação, que lhe seria pelos Espíritos do Senhor revelada, *em espírito e verdade*, no seu fundamento e nas suas conseqüências. Aqueles mistérios e esta lei desvendam aos homens as sendas da expiação, da reparação e do progresso, sempre abertas ao Espírito, que, trilhando-as, chegará à perfeição moral e também à realização de seus destinos, por efeito da justiça de Deus, cujos tesouros de bondade e misericórdia infinitas são inesgotáveis.

No seu diálogo com Nicodemos, Jesus deixou *intencionalmente* envolto em sombras, obscuro, o prin-

cípio da reencarnação, aguardando a luz espírita que, mediante a nova revelação, viria patenteá-lo *em todo o seu brilho*, mostrando-o, ao mesmo tempo, incrustado, *sob o véu da letra*, em diversos pontos, *nos seus ensinamentos*.

Tudo tem a sua razão de ser na marcha dos acontecimentos. Quantos abusos não se houveram originado do contacto, consciente e voluntário, dos Espíritos com a humanidade!

Ainda agora, quando as vossas inteligências estão mais desenvolvidas, os vossos Espíritos mais fortes, mais instruídos, que de práticas ridículas da parte de uns, da de outros que confiança absurda! E, no entanto, deveríeis todos estar *maduros*, pois que se *aproxima o tempo da colheita*.

Pelo transviamento de tão grande número de espíritas, podeis julgar do que teria acontecido *outrora*.

Não vos socorrais do argumento de que a influência espírita existia igualmente, então como hoje.

Existia, sim, mas em termos muito diferentes. *Na sua maioria*, os ignorantes e culpados da terra, quando volviam ao estado de Espíritos livres, isto é, quando na erraticidade, eram conservados na ignorância da faculdade, que possuíam, de se aproximarem dos encarnados.

Somente os que se haviam, *em comparação com os outros*, elevado e desprendido da matéria, podiam usar daquela faculdade. Hoje, todos dela fazem uso, porque lhe podem e devem compreender os efeitos.

Servimo-nos há pouco da expressão — *na sua maioria* — porque havia naquela época e houve sempre, tanto no período cristão, como no período hebraico, em todas as épocas e em todos os lugares, Espíritos que se constituíram instrumentos das provações e expiações dos encarnados.

Os que *então* eram de elevação superior à destes atuavam sobre alguns dos homens menos maus, a

fim de os elevar e tornar guias dos outros. O Senhor não vos confiaria uma arma perigosa; mas, também não seria capaz de deixar-vos expostos, sem defesa, aos golpes dessa mesma arma.

Hoje, estais aptos a compreender e a vos manter em guarda. A criança, se se aproxima de armas perigosas, fere-se; o homem as maneja e delas tira partido.



By Moura Régio

3

OS QUATRO EVANGELHOS

Revelação da Revelação



L. B. Hunsberger

Conteúdo

i

MATEUS, Cap. XVII, vv. 14-21. — MARCOS, Cap. IX, vv. 14-30. — LUCAS, Cap. IX, vv. 37-43 e Cap. XVII, vv. 5-6.....	53
Lunático. — Fé onipotente. — Prece e jejum.....	53
MATEUS, Cap. XVII, vv. 22-23. — MARCOS, Capítulo IX, vv. 31-32. — LUCAS, Cap. IX, vv. 44-45	70
Predição, feita por Jesus, da sua morte e da sua ressurreição.....	70
MATEUS, Cap. XVII, vv. 24-27	75
Jesus paga o tributo	75
MATEUS, Cap. XVIII, vv. 1-5. — MARCOS, Capítulo IX, vv. 33-41. — LUCAS, Cap. IX, vv. 46-50.....	78
Lição de caridade e de amor, de amparo ao fraco, de fé, confiança, humildade e simplicidade	78
LUCAS, Cap. IX, vv. 51-56	85
Palavras de Tiago e João. — Resposta de Jesus.	85
MATEUS, Cap. XVIII, vv. 6-11. — MARCOS, Capítulo IX, vv. 42-50. — LUCAS, Cap. XVII, vv. 1-2.....	88
Evitar o escândalo. — É necessário que se dêem escândalos, é impossível que não se dêem. Mas, ai do homem que cause o escândalo	88
MATEUS, Cap. XVIII, vv. 12-14. — LUCAS, Cap. XV, vv. 1-10.....	98
Ovelha desgarrada. — Dacma perdida.....	98
LUCAS, Cap. XV, w. 11-32.....	104
Parábola do filho pródigo.....	104
LUCAS, Cap. XVI, vv. 1-9.....	111
Parábola do mordomo infiel.....	111
LUCAS, Cap. XVI, vv. 10-12.....	116
Continuação da parábola do mordomo infiel.....	116
MATEUS, Cap. XVIII, vv. 15-17. — LUCAS, Cap. XVII, vv. 3-4.....	118
Palavras de Jesus destinadas a servir de transição, relativas ao perdão e ao esquecimento das injúrias e das ofensas, os quais, segundo ele o proclamou, devem ser absolutos e sem condição.....	118
LUCAS, Cap. XVII, vv. 7-10.....	125
Cumprimento do dever com humildade e desinteresse, com o sentimento de amor e gratidão ao Criador.....	125

<i>LUCAS</i> , Cap. XVII, vv. 11-19	126
Os dez leprosos.....	126
<i>LUCAS</i> , Cap. XVII, vv. 20-24	130
O reino de Deus está dentro de nós	130
<i>LUCAS</i> , Cap. XVII, vv. 25-37	134
Sinais precursores da segunda vinda de Jesus.....	134
<i>MATEUS</i> , Cap. XVIII, vv. 18-20.....	144
Poder de ligar e desligar dado por Jesus aos apóstolos. — Sua presença onde duas ou três pessoas se acharem reunidas em seu nome.....	144
<i>MATEUS</i> , Cap. XVIII, vv. 21-35.....	159
Perdão das injúrias e ofensas. Parábola dos dez mil talentos.....	159
<i>MATEUS</i> , Cap. XIX, vv. 1-9 — <i>MARCOS</i> , Cap. X, vv. 1-9.....	162
Divórcio. — Casamento.....	162
<i>MARCOS</i> , Cap. X, vv. 10-12. — <i>MATEUS</i> , Cap. XIX, vv. 10-12.....	174
Resposta de Jesus à pergunta que lhe dirigiram os discípulos acerca das condições do casamento. Os que são eunucos desde o ventre materno e que assim nasceram. — Os que foram feitos eunucos pelos homens. — Os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus.	174
<i>MATEUS</i> , Cap. XIX, vv. 13-15. — <i>MARCOS</i> , Capítulo X, vv. 13-16. — <i>LUCAS</i> , Cap. XVIII, vv. 15-17.....	189
A humildade, fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, caminho único que leva à perfeição.....	189
<i>LUCAS</i> , Cap. XVIII, vv. 1-8.....	191
Parábola da viúva e do mau juiz	191
<i>LUCAS</i> , Cap. XVIII, vv. 9-14.....	194
Fariseu e publicano	194
<i>MATEUS</i> , Cap. XIX, vv. 16-26. — <i>MARCOS</i> , Capítulo X, vv. 17-27. — <i>LUCAS</i> , Cap. XVIII, vv. 18-27.....	196
Parábola do mancebo rico.....	196
<i>MATEUS</i> , Cap. XIX, vv. 27-30. — <i>MARCOS</i> , Capítulo X, vv. 28-31. — <i>LUCAS</i> , Cap. XVIII, vv. 28-30.....	204
Resposta de Jesus a Pedro. — Os doze tronos. — As doze tribos de Israel. — Apostolado. — Amor purificado. — Humildade é perseverança na senda do progresso	204
<i>MATEUS</i> , Cap. XX, vv. 1-16.....	211

Parábola da vinha e dos trabalhadores da primeira e da última hora	iii 211
<i>MATEUS</i> , Cap. XX, vv. 17-19. — <i>MARCOS</i> , Cap. X, vv. 32-34. — <i>LUCAS</i> , Cap. XVIII, vv. 31-34.....	220
Predição do sacrifício do Gólgota	220
<i>MATEUS</i> , Cap. XX, vv. 20-28. — <i>MARCOS</i> , Cap. X, vv. 35-45.....	222
Filhos de Zebedeu. — A humildade e o devotamento para com todos são a fonte e o meio único de toda elevação. — Nunca alimentar no coração a inveja. — Seguir o exemplo de Jesus e fazer esforços por andar nas suas pegadas.....	222
<i>LUCAS</i> , Cap. XIX, vv. 1-10.....	227
Conversão de Zaqueu	227
<i>MATEUS</i> , Cap. XX, vv. 29-34. — <i>MARCOS</i> , Cap. X, vv. 46-52. — <i>LUCAS</i> , Cap. XVIII, vv. 35-43.....	229
Cura dos cegos de Jericó.....	229
<i>MATEUS</i> , Cap. XXI, vv. 1-17. — <i>MARCOS</i> , Cap. XI, vv. 1-11 e 15-19. — <i>LUCAS</i> , Cap. XIX, vv. 28-48.....	232
Entrada de Jesus em Jerusalém. — Mercadores expulsos do templo. — A casa do Senhor é casa de oração e não, pelo tráfico, um covil de ladrões. Predição da ruína de Jerusalém	232
<i>MATEUS</i> , Cap. XXI, vv. 18-22. — <i>MARCOS</i> , Cap. XI, vv. 12-14 e 20-26.....	242
Parábola da figueira que, secou.....	242
<i>MATEUS</i> , Cap. XXI, vv. 23-32. — <i>MARCOS</i> , Capítulo XI, vv. 27-33. — <i>LUCAS</i> , Cap. XX, vv. 1-8.....	247
Reposta de Jesus aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos anciãos do povo. Parábola dos dois filhos	247
<i>MATEUS</i> , Cap. XXI, vv. 33-41. — <i>MARCOS</i> , Capítulo XII, vv. 1-9. — <i>LUCAS</i> , Cap. XX, vv. 9-16.....	250
Parábola da vinha e dos vinhateiros	250
<i>MATEUS</i> , Cap. XXI, vv. 42-46. — <i>MARCOS</i> , Capítulo XII, vv. 10-12, — <i>LUCAS</i> , Cap. XX, vv. 17-19.....	257
Continuação da parábola da vinha e dos vinhateiros. — Jesus, pedra angular.....	257
<i>LUCAS</i> , Cap. XIV, vv. 1-6.....	261
Cura de um hidrópico, em dia de sábado, na casa de um dos principais fariseus.....	261
<i>LUCAS</i> , Cap. XIV, vv. 7-11	263

Ocupar o último lugar. — Humildade	263
LUCAS, Cap. XIV, vv. 12-15.....	264
Convidar os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos.	
— Desinteresse.....	264
MATEUS, Cap. XXII, vv. 1-14. — LUCAS, Cap. XIV, vv. 16-24	267
Parábola das bodas e dos convidados que se escusam	267
MATEUS, Cap. XXII, vv. 15-22. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 13-17.	
— LUCAS, Cap. XX, vv. 20-26.....	273
Deus e César.....	273
MATEUS, Cap. XXII, vv. 23-33. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 18-27.	
— LUCAS, Cap. XX, vv. 27-40.....	279
Saduceus. — Ressurreição. — Imortalidade da alma. — Sua sobrevivência ao corpo. — Sua individualidade após a morte	279
MATEUS, Cap. XXII, vv. 34-40. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 28-34.	
— LUCAS, Cap. X, vv. 25-28	284
Amor de Deus e do próximo.....	284
LUCAS, Cap. X, vv. 29-37	290
Parábola do Samaritano.....	290
LUCAS, Cap. X, vv. 38-42	293
Jesus em casa de Marta. — Ninguém deve preocupar-se demasiado com as necessidades do corpo. Dever de se aliarem os cuidados do corpo aos que o Espírito reclama. — O alimento espiritual jamais se deteriora	293
MATEUS, Cap. XXII, vv. 41-46. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 35-37.	
— LUCAS, Cap. XX, vv. 41-44.....	295
O Cristo, Senhor de David.....	295
MATEUS, Cap. XXIII, vv. 1-7. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 38-40. — LUCAS, Cap. XX, vv. 45-47.....	297
Orgulho e hipocrisia dos escribas e dos fariseus. — Ouvia- los, porém não os imitar	297
MATEUS, Cap. XXIII, vv. 8-12.....	299
Nenhum homem deve desejar ou aceitar o título ou o apelido de mestre. — Deus, único pai. O Cristo, único doutor, único mestre. Os homens, irmãos todos.....	299
MATEUS, Cap. XXIII, vv. 13-22	302
Escribas e fariseus hipócritas.....	302
MATEUS, Cap. XXIII, vv. 23-39. — LUCAS, Cap. XI, vv. 37-54 e Cap. XIII, vv. 31-35.....	304
Doutores hipócritas que têm o coração viciado e	

enganam os homens pelos atos exteriores, que os afastam da luz e da verdade.....	v 304
<i>MARCOS</i> , Cap. XII, vv. 41-44. — <i>LUCAS</i> , Cap. XXI, vv. 1-4.....	312
O óbolo da viúva.....	312
<i>MATEUS</i> , Cap. XXIV, vv. 1-14. — <i>MARCOS</i> , Capítulo XIII, vv. 1-13. — <i>LUCAS</i> , Cap. XXI, vv. 5-19.....	314
Respostas de Jesus à pergunta que lhe fizeram os discípulos acerca do seu advento e do fim do mundo, bem como sobre os sinais prenunciadores de uma e outra coisa. — Guerras. — Sedições. — Pestes. — Fomes. — Falsos profetas. — Afrouxamento da caridade. — Perseguições. — Assistência do Espírito Santo. — Língua e sabedoria dadas por Deus. — Paciência. — Perseverança.....	314
<i>MATEUS</i> , Cap. XXIV, vv. 15-22. — <i>MARCOS</i> , Capítulo XIII, vv. 14-20. — <i>LUCAS</i> , Cap. XXI, vv. 20-24.....	324
Abominação da desolação no lugar santo. — Males extremos. — Cerco de Jerusalém.....	324
<i>MATEUS</i> , Cap. XXIV, vv. 23-28. — <i>MARCOS</i> , Cap. XIII, vv. 21-23	335
Falsos Cristos. — Falsos profetas	335
<i>MATEUS</i> , Cap. XXIV, vv. 29-31. — <i>MARCOS</i> , Capítulo XIII, vv. 24-27. — <i>LUCAS</i> , Cap. XXI, vv. 25-28.....	340
Predição dos acontecimentos de ordem física e de ordem moral que precederão o advento de Jesus em todo o seu esplendor espiritual e predição desse advento.....	340
<i>MATEUS</i> , Cap. XXIV, vv. 32-35. — <i>MARCOS</i> , Capítulo XIII, vv. 28-31. — <i>LUCAS</i> , Cap. XXI, vv. 29-33.....	346
Parábola da figueira. — Predição da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita. — Espíritos haverá que, encarnados ao tempo em que Jesus falava, verão, reencarnados na Terra, as coisas por ele preditas para a depuração e a transformação do planeta e da humanidade terrenos. — A Terra passará, mas as palavras de Jesus não passarão.....	346
<i>MATEUS</i> , Cap. XXIV, vv. 36-39. — <i>MARCOS</i> , Cap. XIII, vv. 32-37. — <i>LUCAS</i> , Cap. XXI, vv. 34-38.....	350
Desconhecida é a hora em que se darão os acontecimentos preditos para a depuração da Terra e da humanidade terrena. O homem não pode nem deve procurar devassar os segredos do futuro, mas deve estar sempre pronto a comparecer diante do Senhor e a se tornar digno de evitar tudo quanto há	

de suceder, trabalhando desde já, ativa e continuamente, vi pela sua purificação e pelo seu progresso	350
MATEUS, Cap. XXIV, vv. 40-44. — LUCAS, Cap. XII, vv. 39-40	356
O homem deve estar sempre alerta. — Palavras muitas vezes repetidas por Jesus com referência à separação do joio e do trigo	356
MATEUS, Cap. XXIV, vv. 45-51. — LUCAS, Cap. XII, vv. 41-46	358
Parábola do servo fiel e prudente e do mau servo	358
LUCAS, Cap. XII, vv. 47-48	361
A culpabilidade e a responsabilidade do Espírito são proporcionais aos meios postos a seu alcance para se instruir e à luz que recebeu	361
MATEUS, Cap. XXV, vv. 1-13	362
Parábola das virgens loucas e das virgens prudentes	362
LUCAS, Cap. XII, vv. 35-38	365
Vigiar. — Estar pronta a receber a Jesus por ocasião da sua segunda vinda	365
MATEUS, Cap. XXV, vv. 14-30. — LUCAS, Cap. XIX, vv. 11-27	366
Parábola dos talentos. — Servo inútil. — Parábola dos dez marcos	366
MATEUS, Cap. XXV, vv. 31-46	374
Depuração pela separação do joio e do trigo, apresentada sob a figura emblemática de um juízo final	374
MATEUS, Cap. XXVI, vv. 1-13.— MARCOS, Cap. XIV, vv. 1-9	383
Perfume derramado sobre a cabeça de Jesus	383
MATEUS, Cap. XXVI, vv. 14-19. — MARCOS, Capítulo XIV, vv. 10- 16. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 1-13	388
Pacto de traição feito por Judas Iscariotes com os príncipes dos sacerdotes. Lugar escolhido para a Páscoa	388
MATEUS, Cap. XXVI, vv. 20-30. — MARCOS, Capítulo XIV, vv. 17- 26. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 14-23	395
Ceia pascal. — Jesus prediz a traição de Judas	395
LUCAS, Cap. XXII, vv. 24-30	405
Orgulho. — Ambição. — Dominação. — Interditos	405
MATEUS, Cap. XXVI, vv. 31-35. — MARCOS, Capítulo XIV, vv. 27- 31. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 31-38	408
Predições de Jesus. — Predição da negação de Pedro	408

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 36-46. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 32-42. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 39-46.....	vii 412
MATEUS, Cap. XXVI, vv. 47-56. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 43-52. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 47-53.....	423
Beijo de Judas. — Um dos que acompanhavam a Jesus corta a orelha de um dos do séquito do sumo sacerdote e Jesus o cura. — Fuga dos discípulos	423
MATEUS, Cap. XXVI, vv. 57-68. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 53-65. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 54-55 e 63-71	430
Jesus levado à presença do sumo sacerdote. Jesus ultrajado e tido por merecedor de condenação à morte	430
MATEUS, Cap. XXVI, vv. 69-75. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 66-72. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 56-62.....	434
Negativa de Pedro.....	434
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 1-10.....	437
Arrependimento e morte de Judas. — Lugar do seu suicídio e da sua sepultura	437
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 11-26. — MARCOS, Cap. XV, vv. 1-15. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 1-25.....	439
Jesus diante de Pilatos. — Jesus é entregue para ser crucificado	439
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 27-30. — MARCOS, Cap. XV, vv. 16-19.....	446
Flagelação. — Coroa de espinhos. — Ultrajes. Insultos.....	446
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 31-32. — MARCOS, Cap. XV, vv. 2Q-21. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 26-31.....	448
Jesus conduzido ao lugar do suplício. -- Simão de Cirene o ajuda a carregar a cruz. — Palavras que dirige às mulheres que o lamentavam e pranteavam.....	448
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 33-38. — MARCOS, Cap. XV, vv. 22-28. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 32-34 e 38.....	451
Crucificação de Jesus e dos dois ladrões. Palavras por ele ditas como ensinamento e exemplo.....	451
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 39-43. — MARCOS, Cap. XV, vv. 29-32. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 35-37.....	454
Blasfêmias. — Zombarias. — Insultos	454
MATEUS, Cap. XXVII, v. 44. — MARCOS, Cap. XV, v. 32. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 39-43.....	456
Palavras que Jesus dirigiu a um dos dois ladrões, ao que é chamado o bom ladrão	456
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 45-50. — MARCOS, Cap. XV, vv. 33-37. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 44 e 46.....	459

Morte de Jesus, no entender dos homens.....	450
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 51-56. — MARCOS, Cap. XV, vv. 38-41. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 45 e. 47-49.....	466
Rasga-se o véu do templo. — Tremor de terra.— Aparição dos mortos. — Obscurecimento do Sol. — Palavras do centurião	466
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 57-61. — MARCOS, Cap. XV, vv. 42-47. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 50-56.....	471
MATEUS, Cap. XXVII, vv. 62-66.....	473
Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus chumbam a pedra que fechava a entrada do sepulcro. Guardas são aí postados.....	473
MATEUS, Cap. XXVIII, vv. 1-15. — MARCOS, Cap. XVI, vv. 1-11. — LUCAS, Cap. XXIV, vv. 1-12	477
Visita de Maria Madalena e das outras mulheres ao sepulcro. — A pedra que lhe fechava a entrada é encontrada com os selos partidos e derribada. — Aparição dos anjos às mulheres. — Narrativa que os guardas fazem, do que se passara, aos príncipes dos sacerdotes. — Estes subornam os guardas. — Aparição de Jesus a Maria e às outras mulheres. — Narrativa que estas fazem aos discípulos. — Pedro e João, à vista do que elas contam, visitam o sepulcro.....	477
MARCOS, Cap. XVI, w. 12-13. — LUCAS, Cap. XXIV, w. 13-35.....	506
Aparição de Jesus aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús. — Jesus, estando com eles à mesa, lhes desaparece das vistas	506
MARCOS, Cap. XVI, v. 14. — LUCAS, Cap. XXIV, vv. 36-49.....	511
Aparição de Jesus aos apóstolos.....	511
MATEUS, Cap. XXVIII, vv. 16-20. — MARCOS, Cap. XVI, vv. 15-20. — LUCAS, Cap. XXIV, vv. 50-53.....	516
Novas e sucessivas aparições aos discípulos. Volta de Jesus à natureza espiritual que lhe era própria, nas regiões etéreas, volta essa chamada: ascensão — Concordância estabelecida a esse respeito entre as narrações evangélicas, que se explicam e completam umas pelas outras	516

EVANGELHOS
SEGUNDO MATEUS, MARCOS, LUCAS
E JOÃO
REUNIDOS E HARMONIZADOS
CONTINUAÇÃO

*

"O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são, espírito e vida." (JOÃO, VI, v. 64.)

"A letra mata e o espírito vivifica." (PAULO, II Epíst. aos Coríntios, cap. III, v. 6.)

MATEUS, Cap. XVII, vv. 14-21. — MARCOS, Cap. IX, vv. 14-30. — LUCAS, Cap. IX, vv. 37-43 e Cap. XVII, vv. 5-6

Lunático. — Fé onipotente. — Prece e jejum

MATEUS: V. 14. Quando voltou para onde estava o povo, chegou-se a ele um homem que, ajoelhando-se a seus pés, lhe disse : — 15. Senhor, tem piedade de meu filho, que é lunático e sofre cruelmente; muitas vezes cai, ora no fogo, ora na água. — 16. Já o apresentei a teus discípulos, mas estes não o puderam curar. — 17. Jesus respondeu: Oh! geração incrédula e perversa, até quando estarei entre vós? até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino. — 18. E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que ficou no mesmo instante curado. — 19. Então os discípulos vieram ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Porque não pudemos nós expulsar esse demônio? — 20. Jesus lhes disse: Por causa da vossa

nenhuma fé; pois, em verdade vos digo que, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis àquela montanha : Passa daqui para ali, e ela passaria; nada vos seria impossível. — 21. Não se expulsam os demônios desta espécie senão por meio da prece e do jejum.

MARCOS: V. 14. Vindo ter com seus discípulos, viu Jesus que grande multidão os cercava e que com eles alguns escribas discutiam. — 15. Logo que deu com Jesus, todo aquele povo, tomado de espanto e temor, correu a saudá-lo. — 16. Ele então lhes perguntou: Que é o que discutíeis? — 17. Um homem do meio da turba respondeu : Mestre, eu te trouxe meu filho que está possesso de um Espírito mudo, — 18, o qual todas as vezes que dele se apodera o atira ao chão e o menino espuma, range os dentes e fica seco; pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. — 19. Jesus lhes disse: Oh! geração incrédula, até quando estarei convosco? até quando vos sofrerei? Trazei-me o menino. — 20. Trouxeram-no; e, tanto que viu a Jesus, o Espírito o agitou e atirou por terra, a estorcer-se no chão e a espumar. — 21. Jesus perguntou ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? O pai respondeu: Desde a infância; — 22, e o Espírito o tem muitas vezes lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer. Se puderes alguma coisa, tem piedade de nós e socorre-nos. — 23. Jesus lhe disse: Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê. — 24. Logo o pai do menino exclamou, banhado em lágrimas: Senhor, eu creio, ajuda a minha pouca fé. — 25. Jesus, vendo o povo acorrer, ameaçou o Espírito impuro, dizendo: Espírito surdo e mudo, eu te ordeno, eu: Sai deste menino e não entres mais nele. — 26. O Espírito, soltando um grito e agitando violentamente o menino, saiu, ficando este como morto, de sorte que muitos diziam: Morreu. — 27. Mas, tomando-lhe Jesus as mãos e erguendo-o, ele se levantou. — 28. Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: Porque não pudemos nós expelir aquele demônio? — 29. Jesus respondeu: Os demônios desta casta não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum. — 30. Dali partindo, atravessaram a Galiléia. Ele não queria que ninguém o soubesse.

LUCAS : V. 37. No dia seguinte, quando desciam do monte, grande multidão lhes veio ao encontro; — 38, e eis que, do meio do povo, um homem exclamou: Mestre, eu te suplico, olha para meu filho: é o único que tenho. — 39. Um Espírito se apossa dele e o faz subitamente gritar, atira-o por terra e o agita em violentas convulsões, fazendo-o espumar e só o larga depois de o haver esfarrapado. — 40. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. — 41. Jesus respondeu: Oh! geração infiel e perversa, até quando estarei convosco e vos suportarei? Traze-me aqui teu filho. — 42. Ao aproximar-se o menino, o demônio o atirou por terra e o pôs em grandes convulsões. — 43. Jesus, tendo falado ameaçadoramente ao Espírito impuro, curou o menino e o restituiu ao pai.

XVII: V. 5. E os apóstolos disseram ao Senhor: Aumenta-nos a fé. — 6. O Senhor lhes disse : Se tiverdes a fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Desenraiza-te e transplantate para o mar e ela vos obedecerá.

N. 196. Estes versículos encerram uma das mais frisantes provas da missão de Jesus e do seu poder. As palavras: "*Eu te ordeno, eu, que saias dele*" — passam despercebidas à maioria dos homens e no entanto contêm a mais formal demonstração da superioridade do Cristo.

Do ponto de vista espírita, podeis, bons amigos, para bem compreenderdes o fato que aqui se vos descreve, recorrer a um símile, buscando-o no que ainda hoje ocorre entre vós. Exatamente como o menino que pelo pai foi levado à presença de Jesus, vós outros sois todos surdo-mudos e mesmos cegos. As vossas enfermidades, provocadas por influências más, vos arrastam a todos os perigos, ocasionam todas as vossas quedas. E os discípulos do Mestre se vêem impotentes para vos livrar delas, por não terem a fé bastante forte, por não praticarem bastante o jejum e a prece *espirituais*. (Dentro em pouco explicaremos o que, segundo Jesus, deveis entender por

prece e jejum *espirituais*.) Encarregados de expulsar para longe de vós os "demônios" que vos subjugam, de vos libertar das paixões, dos vícios, que vos lançam "ao fogo e à água", para que aí encontreis a morte, eles conservam, no fundo de seus corações, o fermento desses mesmos vícios, dessas mesmas paixões, que lhes cumpria combater. O resultado é que, exorcizando apenas com a boca, o "demônio" ri dos esforços que empregam e persiste na subjugação.

Fazei como Jesus, vós todos que quiserdes libertar vossos irmãos da influência dos Espíritos malfazejos que os dominam.

Orai e jejuai. Mas, compreendei bem a força da prece, a ação do jejum. Prece não é a repetição de palavras mais ou menos harmoniosas, mais ou menos sonoras, mais ou menos humildes, ditas *com os lábios* para que subam ao Senhor.

Oh! não será nas vossas bocas que ela encontrará o necessário ponto de apoio para subir a Deus. Só no fundo de vossos corações reside essa força de impulsão, pela ação da qual a prece *espiritual*, pensamento puro, surto de amor e de adoração, se evola de um só ímpeto para o trono do eterno. Que importam as palavras! Que importa mesmo o pensamento! O que é preciso é *amor, é humildade, são* os atos da vossa vida, os quais, reagindo sobre os vossos pensamentos, formem um todo perfeito, digno de aproximar-se da sede da perfeição.

Jejuai, mas *espiritualmente*. Que importam ao Senhor os alimentos que concorrem para o sustento da vossa matéria! Que lhe importa o momento em que satisfaçais às vossas necessidades materiais ! Em tais casos, é a lei orgânica que se executa; o Espírito nada de comum deve com ela ter. Jejuai pela abstenção de pensamentos culposos, inúteis, frívolos sequer. Jejuai pela sobriedade no satisfazerdes às vossas necessidades materiais. Jejuai pela vossa modéstia, pela regu-

laridade de vossos costumes, pela austeridade do vosso proceder. Jejuai, sabendo impor-vos privações que não atentem contra o vosso organismo e que possam espalhar um bálsamo salutar sobre o organismo dos vossos irmãos. Jejuai, tirando, do que julgais servos *necessário*, um pouco do que vos é *supérfluo*, para dá-lo ao irmão a quem falta o indispensável ao sustento do corpo: o pão, a roupa, ou o teto. Eis *aí*, amigos, quais são o jejum e a prece que expõem o "demônio" da pior espécie, os "demônios" que vos tornam surdos, cegos, mudos.

Não temos mais que explicar, à luz da ciência espírita, as causas e os efeitos da subjugação exercida sobre o menino trazido pelo pai à presença de Jesus. Nos ns. 74 do 1º volume e 120 do 2º demos, a este respeito, todas as explicações.

Quanto à falta de poder, nos discípulos, para expulsarem aquele Espírito obsessivo, a explicação desse fato se nos depara no que lhes disse Jesus. Nas palavras do Mestre está a explicação clara e precisa das causas que os impediam de afastar o Espírito mau e muito sofredor que atuava sobre o menino.

A fé, alavanca poderosa, capaz, como nenhuma outra, de levantar o mundo, constitui o único meio de que podereis lançar mão para tal fim. Da fé nasce a prece e esta, se, além de fervorosa e perseverante, vem acompanhada, como há pouco dissemos, do jejum *espiritual*, acaba sempre por tocar o Espírito culpado, por o esclarecer e reencaminhar.

Jesus não precisou recorrer à prece porque, puro Espírito, Espírito perfeito, investido da onipotência sobre os Espíritos impuros, sua vida, aquela vida *que os homens supunham* humana, decorria piedosamente aos olhos do Senhor e também porque a sua missão era *um ato* de fé e de amor, uma prece ativa e permanente, que o colocava (mesmo posta de lado a sua superiori-

dade *espiritual*) acima de todos os Espíritos, pela força e pela persuasão.

Tratai de reconhecer bem a força da prece, de conhecer os extraordinários recursos que podeis auferir dela, atraindo a vós os Espíritos protetores da humanidade.

A prece, insistimos em dizê-lo mais uma vez, não é o que supondes : uma reunião de palavras que se repetem todos os dias, com determinado fim. Em tais condições, cedo ou tarde, ela se torna maquinal.

A prece poderosa, a prece *de Jesus* são os atos *da vida* sempre praticados com o pensamento em Deus, sempre reportados a Deus; é um arroubo contínuo do pensamento, a todos os instantes, sejam quais forem as ocupações do momento; é uma aspiração incessantemente dirigida ao Criador, guiando a criatura na prática da verdade, da caridade e do amor, em bem do seu progresso intelectual e moral e do progresso de seus irmãos, aspiração que a liberta das condições humanas, fazendo *reinar* o Espírito sobre tudo que é *matéria*.

Vamos agora dar-vos algumas explicações especiais.

(Marcos, vv. 14-15.) O povo, atraído pela simpatia, para junto de Jesus, o esperava, desejoso de vê-lo praticar novo "*milagre*". Os escribas procuravam afastar dali a multidão, lançando a Jesus as mesmas ridículas acusações que hoje vos são atiradas. Em apoio do que diziam para convencê-la, apontavam a tentativa infrutífera, que os discípulos haviam feito, de curar o menino, mostrando-se impotentes para consegui-lo.

Ao chegar Jesus, a massa popular foi presa de forte impressão. Os termos "*espanto, temor*", usados nas traduções dos Evangelhos, não exprimem, no que respeita à multidão, o que se passou. Percorreu-a esse frêmito que faz pulsar com força as artérias do homem, quando pressente que um fato grave vai ocorrer. Foi essa situação indefi-

nível o que, pelos termos "espanto, temor", se procurou exprimir.

Quanto aos escribas, que eram, entre os Hebreus, os sábios, esses pressentiam que Jesus levaria a efeito a libertação do menino. Mas, da parte deles, ao pressentimento se misturava, na realidade, o *temor*, porque muito os assustava o ascendente cada vez maior do Cristo.

(Mateus, v. 15; Marcos, vv. 17-22.) O pai do menino subjugado disse a Jesus, conforme referem os Evangelistas :

"Senhor, tem piedade de meu filho, que é lunático e sofre cruelmente; muitas vezes cai no fogo e muitas vezes na água. — Senhor, eu te trouxe meu filho, que está possesso de um Espírito mudo — e o Espírito o tem lançado muitas vezes ora no fogo, ora na água, para fazê-lo perecer. Se puderes alguma coisa, tem compaixão de nós e socorre-nos."

O pai do menino dizendo primeiro : "ele é *lunático*" e depois: "ele está possesso" "de um *Espírito mudo*", exprimiu sucessivamente as duas impressões, as duas opiniões sob cujo império se achava e, impellido pelo ardente desejo de ver curado o filho, chamava a atenção do Mestre para tudo o que, pensava ele, poderia esclarecer o caso.

Tendes, nos Evangelhos, *uma* exposição de fatos que, *reunidos*, formam a narrativa *completa*.

As palavras ditas pelo pai do menino e pelos discípulos não foram trocadas de improviso. Houve discussão. Guardai bem isto em mente e não procureis ver desmentidos onde só há uma série de palavras, de acontecimentos, que, naturalmente, não foram calcados uns nos outros.

Quando falais demoradamente *sobre um assunto*, porventura vos conservais sempre dentro de determinadas linhas, empregando sempre as mesmas palavras? A discussão não atravessa diversas

fases correspondentes à maneira por que ides encarando os fatos?

Até ao momento em que Jesus chegou, ninguém vira no estado do menino, que fora apresentado aos discípulos para que estes o curassem, senão uma afecção material. Tinham-no por *lunático*, atribuindo à ação das fases da Lua os efeitos que nele se manifestavam. Na realidade, o menino estava sob a influência de um Espírito obsessor. Entretanto, a suposição de que a influência fosse lunar nada tinha de despropositada, uma vez que, exatamente para dar lugar a essa suposição, para que ninguém suspeitasse das verdadeiras causas do mal, aquele Espírito provocava no menino os acessos em épocas periódicas. Esse obsessor que, como sabeis, exercia a subjugação sobre a sua vítima desde a primeira infância desta, adotou o processo de provocar nela acessos periódicos, por haver percebido o partido que podia tirar, fazendo crer a todos, durante muito tempo, que se tratava de uma afecção material.

O pai do menino, quando o apresentou aos discípulos, esperava uma cura material. Houve então, repetimos, grande discussão. Os do séqüito de Jesus, pelos seus esforços, demonstravam ao homem que a influência dos astros não se fazia sentir na criança, que o que ali havia era "possessão", subjugação dizemos nós. Só *depois disso* ele se decidiu a pedir aos discípulos que lhe libertassem o filho, dando-o como "posse de um Espírito mudo", isto é: subjugado por um Espírito que, em virtude da subjugação e da ação fluídica, não lhe permitia o uso da palavra.

Vê-se assim que, apresentando em seguida o menino a Jesus como lunático e ao mesmo tempo como possesso de um Espírito mudo, o homem procedeu, não só sob a influência das suas primeiras e antigas impressões, mas também sob a da discussão havida, que lhe sugeriu a idéia da obsessão, e ainda sob a da verificada impotência

dos discípulos para operarem a cura. Ele, pois, obedecia simultaneamente à idéia que primeiro lhe acudira e às impressões e opiniões que a discussão lhe dera. Foi debaixo desta dupla influência que disse a Jesus, considerando o filho como lunático: *"Ele cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água"*; e que disse a seguir, considerando-o possesso de um Espírito mudo: *"e o Espírito o tem muitas vezes lançado, ora ao fogo, ora à água, para fazê-lo perecer"*. Isto acontecia porque o Espírito obsessivo, pela sua ação subjugadora, levava o menino a cometer imprudências.

(LUCAS, v. 39; MARCOS, v. 18.) "Um Espírito se apodera dele e o faz soltar de repente grandes gritos."

Os gritos que o menino soltava de repente eram gritos de pavor. Ele os soltava no momento em que sentia a aproximação do inimigo, o obsessivo, que lhe anunciava a sua presença, a sua influência, por meio da ação fluídica que, produzindo a combinação dos perispíritos, dava lugar à subjugação e seus efeitos.

"Ele o atira por terra e o agita em convulsões violentas, fazendo-o espumar. Todas as vezes que se apossa do menino o atira por terra e o menino espuma, range os dentes e fica seco. Só o deixa depois de o haver esfarrapado."

A obsessão, a subjugação produzia no menino uma espécie de epilepsia, por efeito da qual ele ficava inteiriçado, frio, com a pele seca e os músculos tão contraídos, que formavam saliências por todo o corpo.

(Mateus, vv. 16-17; Marcos, vv. 18-19; Lucas, vv. 40-41.) Falando a homens, Jesus empregava termos humanos à altura das suas inteligências e de natureza a impressioná-los fortemente.

A exclamação do Mestre era dirigida aos que não possuíam a fé bastante forte, porquanto, se

houvessem depositado mais confiança na sua palavra, teriam tido maior ascendente, teriam sido auxiliados por ele, que lhes daria a ajuda e o concurso dos Espíritos superiores, como já lhes tinha dado. De fato, como sabeis, os discípulos já haviam produzido, dentro de certos limites, fatos chamados "milagrosos", quando foram por Jesus enviados às cidades vizinhas, investidos do poder de curar os enfermos e expulsar os demônios (Mateus, X, v. 8).

Estas palavras dirigidas aos discípulos: "Oh! geração incrédula e infiel", significavam que, não tendo confiança, eles não obedeciam. Não esqueçais que a fé *por si só* pode fazer "milagres", mas que, em compensação, os que se *desviam*, os que *duvidam* são privados de suas faculdades e arrastados a desordens que, algumas vezes, não mais conseguem refrear.

Note-se ainda que tais palavras Jesus não as disse visando unicamente os discípulos. Alcançavam todo o povo, objetivando patentear-lhes o poder e a santidade daquele que, com uma só palavra, ia libertar o menino.

(Marcos, v. 20.) O Espírito obsessivo fez sentir a sua influência ao menino e este, pressentindo uma crise, soltou gritos de terror. Jesus deixou que o Espírito obrasse segundo os caprichos do seu livre-arbítrio, até ao momento em que lhe disse: *Eu te ordeno*, eu, *que saias dele e não voltes mais*. Isto teve a sua razão de ser. Jesus pudera ter ordenado ao Espírito que se afastasse sem convulsionar o menino, mas então o fato houvera perdido grande parte do seu prestígio aos *olhos da multidão*. Não esqueçais que Jesus, obrando em benefício da *pessoa* do menino, também obrava em benefício da *massa popular*. Tudo era feito com o objetivo do bem geral.

(Marcos, v. 23.) "Se puderes crer, todas as coisas são possíveis àquele que crê". Assim respondeu Jesus a isto que lhe dissera o pai do me-

nino : "Se puderes alguma coisa, tem compaixão de nós e socorre-nos". Aqui, notai-o bem, Jesus falou por figura, como, aliás, ordinariamente sucedia. Mas, dentro da figura, encontrareis a verdade. Que prodígios, efetivamente, não pode a fé operar? que é o que não consegue essa alavanca poderosa, essa força motriz, esse calor fecundante?

Sim; àquele que crê, tudo é possível, por isso que em torno dele os Espíritos do Senhor se grupam para assisti-lo. Não haja, porém, equívocos, nem falsas interpretações: a fé precisa ser clarividente, instruída, providente e sábia. *Crer* não é aceitar de cabeça baixa todas as absurdidades místicas que certos cérebros doentios engendram. *Crer não é*, para o espírito especialmente, pedir a assistência dos bons Espíritos para puerilidades ou atos culposos. A fé precisa ser *esclarecida*, pois que tem que caminhar sempre, com passo firme, pela estrada que conduz a Deus; deve ser *forte*, pois tem que contar consigo mesma para a obtenção do que seja justo que obtenha; deve ser sábia, pois jamais deverá ultrapassar os limites traçados à vontade e a meta que lhe é proposta.

(Marcos, v. 24.) "*Eu creio, Senhor, dizia, banhado em lágrimas, o pai do menino, ajuda a minha pouca fé.*"

Expansão de simplicidade e de humildade. O pai do menino acreditava que Jesus tinha o poder de lhe atender à súplica, mas, humilde, simples de coração, não se sentia bastante forte na sua fé para merecer tal graça. Esse receio mesmo militava a seu favor.

(Mateus, v. 18; Marcos, vv. 25-26.) O grito estridente que, sob a ação do Espírito obsessivo, o menino soltou, foi devido ao sofrimento e ao abalo violento que lhe produziu a separação súbita e brusca dos dois perispíritos, que o obsessivo combinara para se verificarem a subjugação e seus efeitos.

No momento em que cessou a subjugação, diz a narração evangélica, o menino ficou como morto, de sorte que muitos diziam ter ele morrido.

Os sinais de morte aparente que, para muitos, o menino apresentava, eram devidos à lassidão produzida nele pelo abalo que experimentara e de molde a salientar ainda *mais, aos olhos da multidão*, o poder de Jesus.

Logo que o Mestre o segurou pelas mãos e o soergueu, ele se levantou. Para obter esse resultado, Jesus lhe restabeleceu a força fluídica, empregando a ação magnética. Como sabeis, esta se produz por ato da vontade de quem atua. Qualquer Espírito bem-intencionado poderia, pois, tê-la exercido.

(Mateus, v. 19; Marcos, v. 28.) *Porque não podemos nós outros expulsar aquele demônio? Qual a causa de não termos podido expulsá-lo?* Esta pergunta, que os discípulos dirigiam a Jesus, vos mostra que *já* eles antes haviam curado doentes, expulsado Espíritos obsessores, livrado a muitos de subjugações. Se não possuíssem *já*, dentro de certos limites, essa faculdade, se não a houvessem *já* exercido, não se teriam espantado daquele insucesso, não teriam mesmo em caso algum tentado a *prova*.

O Mestre os preparava enquanto se achava na companhia deles. Dentro da série e do encadeamento dos fatos, dos acontecimentos, tudo tinha que concorrer e concorria para lhes desenvolver a fé e torná-los aptos ao desempenho da missão que lhes seria confiada, quando Jesus terminasse o da sua na Terra.

Só quando eles entrassem a desempenhá-la ativamente, depois de se terem tornado capazes de cumprir com segurança a tarefa de que foram incumbidos, é que poderiam exercer, como de fato exerceram, o poder de curar os enfermos e de expulsar os maus Espíritos, sem que nenhum insucesso se verificasse, graças à assistência, ao auxílio

e ao concurso constantes e ocultos dos Espíritos superiores.

Deu-se com as faculdades dos discípulos o que se dará com as dos médiuns atuais. Conservaram-se limitadas enquanto tinham de girar dentro de um círculo acanhado e de súbito se desenvolveram, logo que o Mestre julgou oportuno o momento.

A mediunidade dos que, entre vós, servem de instrumentos aos Espíritos está apenas em começo. Mas, *contrariamente* ao que sucedeu na época dos discípulos, os vossos médiuns só entrarão no gozo completo de suas faculdades mediúnicas quando estiver entre os homens o Regenerador, Espírito que desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é: ao grau de perfeição a que ela tem de chegar. Até lá, obterão somente fatos isolados, estranhos à ordem comum dos fatos.

Não nos cabe fixar de antemão a época em que tal se verificará. O Senhor disse: vigiai e orai, porquanto desconheceis a hora em que soará retumbante a trombeta, fazendo que de seus túmulos saiam os mortos. Quer dizer: desconheceis a hora em que Deus fará que renasçam materialmente na Terra os Espíritos elevados, incumbidos de dar impulso às virtudes que eles descerão a pregar, praticando-as em toda a sua extensão.

O chefe da Igreja católica, nessa época em que este qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se *universal*, como sendo a Igreja do *Cristo*, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de *humildade*, cingido de *uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante*, podereis dizer: "*Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio*".

Entendemos por missão superior aquela que objetiva a regeneração da humanidade e que, pelo

seu conjunto e pela sua força, se estenderá, dominando a ação de todos os outros missionários. Podeis *daí* deduzir facilmente que o Espírito que desempenha uma missão superior está acima de todos quantos, como ele, trabalham na realização de uma obra humana.

Debaixo da influência e da direção do Regenerador, caminhará o chefe da Igreja católica, a qual, repetimos, será então católica na legítima acepção deste termo, pois que estará em via de tornar-se *universal*, como sendo *a Igreja do Cristo*.

Não há necessidade de que penetreis *nos segredos do futuro*. Tudo quanto, com relação ao presente, cumpre que conheçais vos é revelado.

(Mateus, v. 20; Lucas, XVII, vv. 5-6.) Reportai-vos às explicações que demos das seguintes palavras que Jesus dirigiu ao pai do menino: *Todas as coisas são possíveis àquele que crê*. Essas explicações bastam para que sejam interpretadas, *em espírito e verdade*, estas outras palavras que dirigiu aos discípulos: *E nada vos seria impossível*.

O que, porém, Jesus disse, disse-o *figuradamente*. Suas palavras, está claro, não se aplicam ao ato material. Proferindo-as, quis ele ensinar a seus discípulos que, com o auxílio da fé, poderiam fazer, *sobre si mesmos*, coisas que pareceriam tão impossíveis como serem obedecidos dizendo a uma montanha: *Passa daqui para ali*, ou a uma árvore: *Tira-te daí e lança-te ao mar*.

Não penseis que o Mestre, por aquele modo, prevenia os discípulos e os homens dos fatos materiais que uns e outros poderiam produzir. Isso fora antecipar a indagação das *causas*, que importava se conservassem ainda ocultas.

Não; as palavras do Mestre encerravam um sentido oculto, uma predição *velada*, *mas* não um aviso a respeito dos fatos materiais que os discípulos mais tarde conseguiram realizar, como já o tinham algumas vezes conseguido, inconsciente-

mente, dentro de certos limites, sem darem por isso. Para a época atual, porém, para o espírita, uma vez que a nova revelação viria pôr a *descoberto* o sentido daquelas palavras, tinha Jesus em mente, com relação ao futuro, dar um aviso, a fim de que a produção de tais fatos fosse obtida com conhecimento de causa. Para o espírita, *pois*, essas palavras têm um sentido mais direto, *porquanto* lhe dão uma idéia do que pode obter com o auxílio da fé; mas, repetimos, da fé *clarividente, esclarecida, forte e sábia, com o auxílio dessa poderosa alavanca, dessa força motriz, desse calor fecundante.*

As palavras ditas por Jesus e registradas por Lucas foram pronunciadas em lugares e ocasiões diferentes daqueles em que o foram as que constam da narração de Mateus. Mandamos que as reunísseis aqui, para evitarmos repetições escusadas.

Os ensinamentos do Mestre eram, muitas vezes, os mesmos quanto ao fundo, mas amiúde variavam de forma, para estarem, de acordo com os lugares e o auditório.

(MATEUS, v. 21; MARCOS, v. 29.) Esta casta de demônios, disse Jesus aos discípulos, não se pode expulsar, não se expulsa, senão pela prece e pelo jejum.

Quanto mais perversos forem os Espíritos impuros, tanto mais necessidade têm os encarnados de se elevar para os dominar. Um Espírito apenas transviado pode ser e é acessível às advertências, aos conselhos, aos testemunhos de afeição. Mas um grande culpado é sempre empedernido, só à força sede. O que subjugava o menino era dos mais perversos.

Para vencer demônios dessa espécie não podeis empregar senão a força moral que o encarnado só adquire pela elevação moral e pela superioridade. E que é o que mais pode elevar o vosso

Espírito do que o jejum e a prece praticados *espiritualmente e de coração*, tais como, em nome do Mestre, vos explicamos?

Quanto ao jejum, consiste ele em *vos absterdes* de pensamentos culposos, inúteis, frívolos sequer, dos pensamentos, segundo o disse Jesus, de *adultério*, de *fornicação*, de *latrocínio*, de *roubo*, de *homicídio*, de *avareza*, de *felonia*, de *falso testemunho*, de *dissolução*, de *inveja*, de *ciúme*, de *maledicência*, de *orgulho*, de *egoísmo*, de *loucura*, significando este último termo todos os *transbordamentos* de paixões que arrastam o Espírito a cair irrefletidamente nos mais abomináveis excessos; em vos absterdes de todas as *maldades*, por palavras e por atos ; em vos absterdes, finalmente, de qualquer falta, por mínima que pareça. E não é tudo. O jejum espiritual consiste ainda *em praticar* a sobriedade na satisfação das necessidades materiais, a *sinceridade* na modéstia, na regularidade dos costumes, na austeridade do proceder; em praticar *de todo o coração*, pelo pensamento, pela palavra e pelos atos, a humildade, o desinteresse, o perdão e o esquecimento das injúrias e das ofensas, o devotamento, a justiça, o amor e a caridade, para com todos, na ordem material, na ordem moral e na ordem intelectual, no lar doméstico e no seio da grande família humana.

Quanto à prece espiritual, tornamos a dizer: ela não consiste na repetição de palavras mais ou menos harmoniosas, mais ou menos humildes, ditas com os lábios. A prece espiritual é o arrebatamento de amor, de adoração, o pensamento puro que, de um só ímpeto, se transporta ao trono do Eterno e que, por efeito da humildade, pelos atos da vossa vida, reagindo sobre o mesmo pensamento, dele faz um todo perfeito, digno de aproximar-se da sede da perfeição.

N. 197. De que natureza era a falta que dera causa a ficar o filho daquele homem sujeito, desde

o seu nascimento para expiá-la, a tão horrível subjugação?

Por abuso de *poder* moral, numa existência precedente. É fácil de perceber o sentido destas palavras. Não conheceis a influência perniciosa que um Espírito desenvolvido, mas perverso, pode exercer sobre homens de inteligência mais fraca? Não temos, porém, que fazer *aqui* o histórico da existência daquele Espírito, pois, se o fizéssemos, nos afastaríamos muito do quadro que vos foi traçado.

N. 198. O Espírito obsessor fora vítima desse abuso de poder moral?

Não; mas, pouco importa que o Espírito vítima tenha sido este ou aquele. Entretanto, deveis compreender que o Espírito, fraco, crédulo, que foi vítima do abuso de poder moral, não incorreu por isso em grande culpabilidade e que o papel desempenhado pelo obsessor do menino denotava uma natureza perversa.

São relações que se estabelecem por analogia. A punição atrai para junto do culpado aquele que virá a ser o instrumento dela. *Quer isto dizer* que os guias do culpado sujeito a uma expiação não se opõem à ação que sobre ele queira exercer outro Espírito para o atormentar. Assim, aquele que se deixa arrastar por seus maus instintos, se aferra ao que escolhe para sua vítima, *julgando-a* indefesa. Dizemos — *julgando-a*, porque, se ele tentasse ultrapassar os limites do sofrimento, moral ou físico, que o paciente *tenha* de suportar, os Espíritos superiores imediatamente o deteriam.

MATEUS, Cap. XVII, vv. 22-23. —
MARCOS, Capítulo IX, vv. 31-32. —
LUCAS, Cap. IX, vv. 44-45

*Predição, feita por Jesus, da sua morte e da sua
ressurreição*

MATEUS : V. 22. Quando voltaram para a Galiléia, Jesus lhes disse : O filho do homem será entregue às mãos dos homens, — 23, e estes lhe darão a morte, mas ele ressuscitará ao terceiro dia. Os discípulos ficaram profundamente contristados.

MARCOS : V. 31. Ensinando a seus discípulos, dizia: O filho do homem será entregue às mãos dos homens, que o farão morrer, mas ele ressuscitará ao terceiro dia depois da sua morte. — 32. Os discípulos, porém, não entenderam essas palavras suas e receavam interrogá-lo.

Lucas: V. 44. Todos pasmavam do grande poder de Deus e como se mostrassem admirados do que ele fazia, disse a seus discípulos: Guardai nos vossos corações o que vos vou dizer: O filho do homem há de vir a ser entregue às mãos dos homens. — 45. Mas os discípulos não entendiam essas palavras; tão veladas eram que não as compreendiam; e tinham receio de o interrogar a tal respeito.

N. 199. Estes versículos se explicam por si mesmos. Jesus revelava *de antemão* os acontecimentos que se iam dar, a fim de tocar mais fundamente o Espírito dos discípulos e de lhes aumentar a fé. Predisse-lhes que habitaria "*com os mortos*", a fim de tornar mais frisante a "*sua ressurreição*". Aquelas não eram, de fato, para os discípulos, homens ignorantes mas devotados, palavras cobertas com o véu do luto? O que compreenderam foi que o Mestre se preparava para morrer. A "*ressurreição*" não era um problema que eles se pusessem a resolver. Considera-

vam-na fato tão extraordinário, que não se detiveram um instante sequer procurando compreender como poderia Jesus passar três dias longe deles.

Acabamos de dizer, falando dos discípulos: "homens ignorantes, mas devotados". Notai que não dissemos: — "*Espíritos* ignorantes". É que, conquanto fossem Espíritos elevados em missão, experimentavam os efeitos da lei da encarnação, suportando a que haviam escolhido.

Podemos, por meio de uma comparação muito vulgar, trivial mesmo, mas que dá uma idéia da pressão da matéria sobre o Espírito, fazer-vos compreender aquela encarnação, do ponto de vista do meio em que os discípulos tiveram que nascer e viver e do ponto de vista do objetivo da missão que, em seguida, lhes cumpria desempenhar.

Observai o que se passa com o molho de feno que é submetido à compressão para torná-lo mais fácil de ser expedido. Seu volume se reduz e seus filamentos, por assim dizer, deixam de existir. Desde, porém, que seja submetido à ação da umidade, readquire a sua liberdade, se distende novamente e retoma o volume primitivo.

Se o Espírito, embora muito desenvolvido, sofre uma encarnação em que tenha de ser ignorante, simples, mesmo idiota, só encontra no corpo em que encarna um instrumento pesado, indócil, incapaz de lhe servir para uma utilização que corresponda ao seu desenvolvimento. É um piano cujas cordas metálicas foram substituídas por cordas de cânhamo. Por mais perfeito que seja o pianista, dele não tirará som algum.

Era absolutamente necessário à obra de Jesus que os instrumentos de que se servia fossem ignorantes e reconhecidos como tais. Mais retumbante viria a ser o subsequente desenvolvimento de suas faculdades. O som, o pensamento foram simplesmente devidos à substituição das cordas de cânhamo por cordas sonoras.

Jesus prometera a seus discípulos que *Ihes* enviaria o "*Espírito Santo*", isto é : a inspiração do céu, a direção superior. Foi o que se deu quando, debaixo da influência e da ação dos Espíritos superiores, eles sentiram que suas faculdades intelectuais se desenvolviam, que o entorpecimento da matéria cerebral cedia lugar à lucidez e que suas faculdades mediúnicas também se ampliavam, ajudando-os a vencer os obstáculos que a matéria, por mais tênue que se mostre, opõe ao Espírito mais elevado que se tenha revestido de um corpo carnal, como os vossos.

Além do fluido vital que circula nas veias misturado ao sangue, influenciando nas suas qualidades e, por conseguinte, na organização humana; além do fluido nervoso, que serve para imprimir elasticidade aos músculos, aos nervos, às articulações, auxiliando o movimento da máquina organizada, existe ainda no homem o fluido espiritual, que serve para o desenvolvimento da inteligência, envolvendo a matéria cerebral que recebe as inspirações e tornando-a mais ou menos flexível, mais ou menos apta a recolher essas impressões e a conservá-las.

Se vos fosse dado ver, observaríeis uma camada luminosa estendida por sobre o cérebro, como uma espécie de verniz sobre um quadro. É nessa camada de fluido que nós executamos o trabalho de vos transmitir os pensamentos, trabalho de que resulta para vós a inspiração e que, indo afetar consecutivamente o fluido vital e o fluido nervoso, produz as mediunidades psicográfica e psicofônica. Vosso cérebro, reservatório e sede de impulsão e de direção dos fluidos espiritual, vital e nervoso, é então, por assim dizer, a pilha galvânica que pomos em movimento e que transmite o abalo a todo o corpo, nas condições que correspondam aos efeitos que se devam produzir.

Damos estas explicações para que compreendais como, sob a influência e a ação dos Espíritos

superiores que os assistiam no desempenho de suas missões, as cordas de *cânhamo* se mudaram, nos apóstolos, em cordas sonoras.

"Os discípulos ficaram profundamente contristados; mas, não entendiam coisa alguma das palavras de Jesus: tão ocultas lhes eram elas que não as compreendiam e receavam interrogá-lo."

Eles não compreenderam senão uma coisa: que corriam o risco de perder o Mestre bem-amado. Já vos dissemos que um véu espesso lhes encobria o sentido dos fatos a que Jesus se referia quando falava da sua "morte", da sua permanência "*no túmulo*", da sua "*ressurreição*". Durante a missão terrena que lhes fora confiada e para o cumprimento dessa missão, eles não tinham que penetrar e conhecer, *em espírito e verdade*, o sentido daquelas alusões do Cristo, pois que só à revelação atual estava reservado desvendá-lo aos homens.

Ficaram profundamente contristados, porque acreditavam, como era mister acreditassem (temo-lo explicado muitas vezes) que Jesus pertencia à humanidade terrena pelo seu invólucro corpóreo; que, portanto, sofreria realmente, fisicamente, as dores, as torturas e o suplício de uma morte real, material, violenta.

As palavras de Jesus tão ocultas lhes eram que eles não as compreendiam. É que não compreendiam a natureza e o objetivo do ato que, *sob a aparência* da morte, não seria *mais do que um exemplo* de amor e de sacrifício, exprimindo os sentimentos e a dor de uma mãe que vê seus filhos transviados, rebeldes, cruéis e homicidas, mostrando pela prática do *crime* desconhecem o devotamento e o afeto maternos que elevam, consolam e procuram salvar.

Receavam interrogar a Jesus, porque a "*ressurreição*" quase instantânea, após uma morte que

a seus olhos seria real, material, lhes povoava de dúvidas os Espíritos, quanto à possibilidade de tal fato, mesmo como um milagre. Essas dúvidas é que lhes infundiam o temor de interrogarem o Mestre sobre aquele ponto.

MATEUS, Cap. XVII, vv. 24-27*Jesus paga o tributo*

V. 24. Tendo eles vindo a Cafarnaum, os que recebiam o tributo das duas dracmas se aproximaram de Pedro e lhe perguntaram: Teu Mestre não paga as duas dracmas? — 25. Ele respondeu: Sim. Ao entrarem em casa, Jesus lhe perguntou: Que te parece, Simão? De quem recebem os reis da terra os tributos ou impostos? De seus filhos ou dos estranhos? — 26. Pedro respondeu: Dos estranhos. Jesus replicou: Então os filhos se acham isentos; — 27, mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar e lança o teu anzol; pega do primeiro peixe que apanhares, abre-lhe a boca, que encontrarás dentro um estáter¹; toma-o e vai entregá-lo por mim e por ti.

N. 200. Nestes versículos há um ensinamento de submissão dado aos homens. Eles ensinam que todos devem submeter-se às leis que regem o seu país, por mais rigorosas e injustas que lhes pareçam, até que sejam derogadas pela ação dessa força moral que se personifica na razão e na discussão ativas, sábias, esclarecidas e perseverantes, força que, com o auxílio do tempo, põe em foco a justiça e a verdade, fontes de toda civilização verdadeira e de todo progresso.

Pedro, antes mesmo de haver falado a Jesus, respondeu — sim, aos que cobravam o tributo, por estar certo de que o Mestre cumpriria as obrigações do cidadão, isto é: do homem pacífico que se submete às leis do seu país ainda que as tenha por injustas e que elas o sejam realmente.

Querendo acentuar a injustiça do tributo que se lhes exigia, perguntou Jesus a Pedro: *"De quem* cobram os reis da terra os tributos ou impostos?

¹ Moeda do valor de quatro dracmas.

De seus filhos ou dos estrangeiros?" Respondendo Pedro: "Dos estrangeiros", Jesus lhe observou : "Então os filhos se acham isentos deles".

Os filhos, com relação aos reis da terra, eram os naturais do país.

Ao passo que, para os Romanos, eram filhos os cidadãos de Roma, sendo estrangeiros os povos subjugados, para os Hebreus, ao contrário, no país que aqueles haviam conquistado, estrangeiros eram os conquistadores — o povo romano, representado pelos seus procônsules, e filhos os naturais do país — os povos conquistados. Justo seria, portanto, que, estando nas suas terras, os filhos do país não pagassem tributo.

Mas, ao mesmo tempo, ordena Jesus a Pedro que pague o tributo, a fim de que (palavras suas) não os escandalizemos. É que, sendo Hebreus, os discípulos desejariam encontrar um pretexto para se forrarem às obrigações que lhes impunha o poder estrangeiro. Não esqueçais que os judeus persistiam em querer que o Mestre fosse um chefe temporal. Procedendo daquele modo, Jesus lhes dava um exemplo de humildade e de submissão às leis estabelecidas, embora fossem estas rigorosas, injustas, e do mesmo passo demonstrou o seu poder por "um milagre".

"Vai ao mar, diz ele a Pedro, lança a tua linha, pega do primeiro peixe que apanhares e abre-lhe a boca que encontrarás dentro uma moeda de prata de quatro dracmas; toma-a e vai entregá-la por mim e por ti aos que cobram o tributo."

Acerca deste fato nada mais há que dizer, além do que já sabeis relativamente a todos os que considerais *milagrosos*. Já tivemos ocasião de dar-vos explicações gerais sobre os efeitos dessa natureza, quando tratamos da pesca tida por *miraculosa*.

Por ato da sua vontade e auxiliado pelo magnetismo espiritual, o Espírito preposto à realiza-

ção do fato com que nos ocupamos, exercendo uma ação magnética, dirigiu para o lugar, onde, no fundo do mar, se achava o *estáter*, os fluidos que envolviam o peixe. Arrastado este, assim, para aquele lugar pela corrente desses fluidos, o Espírito preposto, acionando outra corrente magnética, fê-lo aspirar a moeda, reconduziu-o à superfície das águas e o encaminhou para o anzol que o tinha de fisgar como fisgou.

Ignorais, porventura, que o fundo do mar encerra muitos tesouros que a cupidez humana ambicionaria, se os conhecesse? Que há de surpreendente em que o peixe, que teria de trazer à superfície do mar a moeda, haja sido, pela ação das correntes magnéticas, impelido para o lugar onde ela se achava e a tenha aspirado, ainda sob a ação de tais correntes, dirigidas estas pelo Espírito que, desse modo, fez do mesmo peixe o portador da dita moeda?

Quando disse a Pedro: *Entrega-lhes essa moeda de prata por mim e por ti*, Jesus, como se vê, mandou pagar o tributo por si e por Pedro, com exclusão dos demais apóstolos, que certamente já o haviam pago a expensas da caixa comum.

**MATEUS, Cap. XVIII, vv. 1-5. —
MARCOS, Capítulo IX, vv. 33-41. —
LUCAS, Cap. IX, vv. 46-50**

*Lição de caridade e de amor, de amparo ao fraco, de fé,
confiança, humildade e simplicidade*

MATEUS: V. 1. Naquela hora os discípulos se acercaram de Jesus e lhe perguntaram: Quem julgas que é o maior no reino dos céus? — 2. Jesus, chamando um menino, o colocou de pé no meio deles, — 3, e lhes disse: Em verdade vos digo: se não vos converterdes e tornardes quais crianças, não entrareis no reino dos céus. — 4. Aquele, pois, que se fizer humilde e pequeno como este menino, esse será o maior no reino dos céus. — 5. Aquele que receber em meu nome um tal menino, a mim me recebe.

MARCOS: V. 33. Vieram a Cafarnaum e, quando chegaram a casa, perguntou-lhes ele: De que vínheis tratando pelo caminho? — 34. Todos se calaram, por isso que tinham vindo a discutir sobre qual deles era o maior. — 35. Jesus então se sentou, chamou os doze apóstolos e lhes disse: Se algum quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos. — 36. Em seguida, tomou de um menino, colocou-o no meio deles e, depois de o beijar, — 37, disse-lhes: Quem receber em meu nome a uma criança como esta a mim me recebe e quem me receber não me recebe a mim, recebe sim àquele que me enviou. — 38. Disse-lhe em seguida João : Mestre, vimos um homem que expulsa os demônios em teu nome, mas que não te segue; nós lho proibimos. — 39. Jesus disse : Não lho proibais, porquanto não há ninguém que, tendo feito em meu nome um milagre, possa depois dizer mal de mim; — 40, visto que quem não é contra vós é por vós; — 41, e quem quer que em meu nome vos dê de beber um copo d'água, por serdes do Cristo, não perderá, eu vo-lo digo em verdade, sua recompensa.

Lucas: V. 46. Veio-lhes então à mente saber qual dentre eles era o maior. — 47. Mas Jesus, vendo

o que lhes ia nos corações, tomou de um menino e o colocou perto de si; — 48, e lhes disse: Quem quer que receba em meu nome esta criança me recebe e quem quer que me receba recebe aquele que me enviou; porquanto, aquele que entre vós for o menor esse é o maior. — 49. João, replicando, disse: Mestre, vimos um homem que expulsa os demônios em teu nome e nós lho proibimos, pois que ele não te segue conosco. — 50. Jesus lhe disse: Não lho proibais, porque quem não é contra vós por vós é.

N. 201. Tomadas no seu conjunto, essas palavras de Jesus encerram uma lição de caridade, de amor, de amparo ao fraco, de fé, confiança, humildade e simplicidade. Não disse ele: aquele que queira ser o primeiro seja o último de todos, o servo de todos; aquele que dentre vós for o menor, esse é o maior? Nessas palavras está tudo. Sede como a criança que Jesus tomou nos braços.

Quer isto dizer: se, fracos como sois, tiverdes confiança nele, encontrareis amparo; se fordes simples de coração, achareis nele a chave de toda a ciência. Sede caridosos para com os vossos irmãos e nele se vos deparará o mais admirável tipo da caridade.

Segui o exemplo dado por Jesus. Sede as criancinhas que ele em seus braços carrega. Sede humildes, compenetrados da vossa ignorância e da vossa fraqueza. Sede brandos e submissos, compenetrados de que tudo deveis esperar de quem é mais poderoso do que vós. Sede, sobretudo, confiantes na força dos possantes braços que vos sustêm e elevam à altura do Mestre dos mestres.

Não procureis elevar-vos pelas vossas próprias forças: elas vos *trairão*. Não acrediteis que valhais mais do que vossos irmãos aos olhos de vosso pai. Não desejeis elevar-vos mais do que eles; procurai, ao contrário, ajudá-los a se elevarem, dando-lhes o melhor dos conselhos: o conselho do *exemplo* !

(Mateus, v. 1; Marcos, vv. 33-34; Lucas, v. 40.) Foi o ciúme que trouxe ao espírito dos apóstolos a idéia de saber qual dentre eles era o maior, idéia que deu origem à discussão em que se empenharam e que os levou a inquirirem de Jesus: "Quem é o maior no reino dos céus?" depois de terem guardado silêncio, quando o Mestre lhes perguntou: "De que vêmheis vós tratando pelo caminho?" Aquela idéia proveio do Espírito encarnado, nasceu da tendência que lhe é natural. Sabeis quão forte é, para o Espírito, a constrição da carne. O mais elevado lhe sofre a influência.

Afigurava-se aos discípulos que Jesus tinha preferência por um deles. Isso provocou entre os outros o ciúme, ciúme até certo ponto desculpável por provir do amor imenso que consagravam ao Mestre.

João não era o mais amado, era antes o que mais amava, o que o impelia a se aproximar constantemente do Mestre, dando lugar a que os outros pensassem que lhe coubera a melhor parte.

Não vos admireis de que aos discípulos tenha Jesus perguntado: "De que vêmheis tratando pelo caminho?", quando é certo, como se vos diz, que ele via o que lhes ia nos corações, antes que proferissem qualquer palavra. Lembrai-vos *sempre* de que os discípulos acreditavam que o Mestre era homem *como eles*, crença esta em que convinha *permanecessem*.

(MATEUS, v. 3.) *Se vos não converterdes, não entrareis no reino dos céus.*

Se vos não converterdes queria dizer: se não abandonardes as idéias e tendências humanas. A carne leva ao orgulho, à ostentação, à ambição. Imitai a simplicidade da criança. Esperai tudo do mestre e não conteis nunca com o vosso mérito próprio.

Não entrareis no reino dos céus : não chegareis à perfeição.

(Marcos, v. 35.) O Espírito que busca a preeminência está imbuído de orgulho. Ora, sabeis que o orgulho *tem que* ser abatido para ser destruído. É, pois, intuitivo que aquele que procurar *eleva-se* acima de seus irmãos, por orgulho, terá que sofrer a correspondente expiação, encarnando em condições ínfimas. Esta a conseqüência inevitável.

(Mateus, v. 4.) A humildade do coração e a simplicidade do Espírito são o princípio e a fonte de todas as virtudes e abrem o caminho que conduz a toda ciência, a todo progresso moral e intelectual.

(Mateus, v. 5; Marcos, v. 37; Lucas, v. 48.) "*Aquele que em nome de Jesus recebe a uma criança recebe ao mesmo Jesus*, isto é: aquele que se põe ao alcance do fraco e do simples, aquele que com este partilha o que possui, que o faz aproveitar da inteligência, da força, da ciência que lhe foram outorgadas, esse imita o Mestre, que fez outro tanto por todos vós. O que *assim* procede atrai as bênçãos do Senhor e o Cristo se compraz em lhe estar ao lado.

Quem, recebendo assim *a uma criança, recebe a Jesus, recebe também aquele que o enviou*. Isto significa: aquele que obedece à lei de amor, que Jesus trouxe à Humanidade, solícito concede amparo, auxílio, proteção ao fraco e o sustenta da maneira que lhe seja possível. O que procede *assim* obedece à lei do Cristo e o Senhor lê no seu coração. Esse recebe o pai, pois que não cogita dos serviços, dos proveitos que possa auferir do seu procedimento. "A criança", por demasiado fraca, nenhuma retribuição lhe pode oferecer. Ele, pois, se faz credor do seu reconhecimento, por amor do filho, por amor, conseqüentemente, do pai que o enviou. Esse, que será o menor *aos olhos dos homens, é, perante Deus, o maior* pela pureza da intenção, pela integridade da alma, pela integridade da vida.

(Marcos, vv. 38-40; Lucas, vv. 49 e 50.) Porque pretender soffrear os impulsos da fé? Porque pretender forçar os homens a caminharem por uma determinada senda que se lhes abriu, quando podem, seguindo a que lhe fica paralela, chegar ao mesmo fim? Já naquela época Jesus condenava a tirania mística que vos diz: Crede *como eu*, adorai como eu, do contrário sereis condenados às penas eternas.

Compreendei bem o alcance destas benfazejas palavras do Mestre: "*Porque o impedistes?*" "Aquele que não é contra mim (textual), é por mim."

Sim, filhos bem-amados, aquele que segue os passos do guia divino, que lhe admira as leis, mas que, não se contentando com uma admiração estéril, as pratica, esse é pelo Cristo, *é seu irmão*. E ele, o *irmão mais velho*, que entrou no "reino do pai", isto é: que atingiu a perfeição, lá prepara lugares para os que caminham nas suas pegadas.

O Mestre não vos abriu uma única estrada. Onde quer que se possa fazer o bem, aí descobrireis a marca de seus pés. Segui-o sem vos inquietardes com os que vos queiram deter. Expulsai, em seu nome, todos os "demônios" que tentam e assaltam a humanidade. Começai por expeli-los dos vossos corações e fareis "milagres" de fé e de amor, porquanto, obrando *em seu nome*, estareis *com Jesus* e Jesus *estará convosco*. Dele recebemos a incumbência de dizer-vos: Ide, ó bem-amados, a graça do Senhor pousa sobre as vossas cabeças.

Repetindo estas palavras do Mestre: "*Aquele que não é contra mim é por mim*", dissemos acima serem elas textuais. Com efeito, essas são, textualmente, as palavras que o Mestre pronunciou.

Nada valem os erros cometidos pelos tradutores. Alguns as tomaram num sentido genérico e traduziram: "*Aquele que não é contra vós é por vós*". Outros as tomaram num sentido particular e traduziram: "*Aquele que não é contra nós é por nós*".

O Espírito encarnado que expulsava os demônios em nome do Mestre, sem pertencer ao número dos que, com os discípulos, o seguiam, era *um Espírito em missão*. Não vos equivoqueis quanto ao sentido *destas palavras*. Um Espírito pode estar em missão, sem que por isso seja um Espírito *superior*.

O que desempenhava a missão a que aludimos era um Espírito esclarecido, a quem os laços da carne não haviam impedido de compreender a missão divina de Jesus. Animado de uma fé viva e ardente, ia, por seu lado, pregando aos homens que seguissem o Mestre de quem apenas ouvira falar. Certo de que, apoiando-se no seu nome, atrairia para si as graças do Senhor, expulsava os Espíritos impuros, sustentado por Espíritos superiores, que lhe secundavam os esforços. Era uma pedra isolada que servia para a construção do edifício, como tantas outras houve, há hoje e haverá no futuro.

(Marcos, v. 41.) "Fazei a caridade pelo amor de Deus".

O amor de Deus é o amor por excelência, o amor universal, razão por que se eleva acima de todas as influências da matéria aquele que faz a caridade em toda a extensão de suas forças e de seus meios, com o coração e o Espírito, na ordem material, na ordem intelectual e na ordem moral, ao primeiro que encontra, conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo.

O que desse modo pratica a fraternidade humana mais e mais se aproxima do tipo divino, caminha cada vez mais perto das pegadas do grande modelo, caminhando conseguintemente para a perfeição, pois que se esforça por em si realizar esta sentença de Jesus: "*Sede perfeitos como é perfeito vosso pai que está nos céus*".

N. 202. No v. 39 de Marcos, assim como em todos os outros versículos dos Evangelhos, qual a ver-

dadeira expressão que corresponda à das traduções latinas *virtutem* e à das traduções francesas — *miracies*, tendo-se em vista a definição que ao termo *milagre* dá a Igreja romana e do sentido que lhe atribui, dizendo ser — uma *derrogação* das leis na natureza?

Milagre é a única palavra que, na linguagem humana, se pode empregar para exprimir, *do vosso ponto de vista*, a idéia de um ato que escapa ao âmbito das *conhecidas leis* da natureza.

A vossa linguagem carece de um termo técnico que sirva para revestir esse pensamento.

A Igreja romana devera definir o "milagre" como sendo um ato que se efetuou pela vontade de Deus, segundo leis verdadeiras e imutáveis da natureza, *ainda desconhecidas* dos homens, *mas existentes* desde toda a eternidade, ato esse que ela, e bem assim a ciência humana, será obrigada a reconhecer como realizado sob a ação espírita, por efeito daquela vontade.

LUCAS, Cap. IX, vv. 51-56

Palavras de Tiago e João. — Resposta de Jesus.

V. 51. Como se aproximasse o tempo em que havia de ser arrebatado do mundo, ele, de semblante resoluto, se pôs a caminho para ir a Jerusalém. — 52. Enviou adiante alguns mensageiros que de passagem entraram numa aldeia de Samaritanos a fim de lhe prepararem pousada. — 53. Estes, porém, não o receberam por ter ares de quem ia para Jerusalém. — 54. Vendo isso, seus discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres digamos que o fogo desça do céu e os consuma? — 55. Jesus, porém, voltando-se para eles, os repreendeu, dizendo: Não sabeis de que espírito sois? — 56. O filho do homem não veio para perder e sim para salvar os homens. Dirigiram-se a uma outra aldeia.

N. 203. (V. 51.) O tempo que se aproximava, tempo esse em que Jesus tinha de ser *arrebatado* do mundo, era o momento em que, pouco depois, ele desapareceu das vistas humanas. O termo — *ascensão* — traduz bem o pensamento, pois que, diante dos discípulos reunidos, ele se elevou nos ares até que deixou de ser visto.

(V. 53.) O fato de se haverem os Samaritanos recusado a recebê-lo nada tem que vos possa espantar. Ignorais porventura que os Samaritanos não partilhavam das idéias dos Judeus propriamente ditos e que, *para eles*, o templo de Jerusalém não tinha o prestígio que fascinava os Israelitas?

(V. 54.) *Foi* sob a influência de idéias nacionalistas e sob o império da tradição que João e Tiago, por inspiração própria, pediram a Jesus fizesse descer o fogo do céu para consumir os Samaritanos. Criam eles que a ruína daquela vila e de seus habitantes encheria de espanto a toda gente e, pelo terror que havia de inspirar, aumen-

taria o prestígio do Mestre. Cediam a uma impressão *retrógrada*, em vez de acompanharem a marcha que Jesus lhes imprimia na senda do progresso. Essa a razão por que ele os repreendeu, dizendo-lhes: *O filho do homem não veio para perder e sim para salvar as almas.*

Como sempre, um exemplo de caridade. Atentai nestas palavras de Tiago e de João, filhos de Zebedeu: *Senhor, queres digamos que o fogo desça do céu e os consuma?;* atentai, também, na resposta de Jesus: *"Ignorais de que espírito sois, porquanto o filho do homem não veio para perder e sim para salvar as almas; e lembrai-vos do apelido que o Mestre, com a presciência que tinha do futuro, dera a Tiago e a João, quando foi da vocação dos doze apóstolos — o apelido de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão.*

Apropriada aos tempos e aos homens, a lei de Moisés era dura e cruel.

Ensinamentos mais brandos se tornavam necessários, para abrandar aquelas naturezas violentas, que já os séculos tinham esclarecido. Fazia-se mister uma lei que lhes ensinasse o amor em troca do ódio, o perdão em troca da injúria, o benefício em troca da ofensa.

Jesus não viera abolir a lei, mas completá-la.

A lei de Moisés era como um desses blocos informes que o mestre confia ao desbastador. Os séculos lhe haviam limado as asperezas mais fortes, os ângulos mais agudos.

Veio Jesus e com o seu cinzel pleno de doçura, ainda que vigoroso, lhe deu as formas e poliu os contornos. Por sobre a sua obra passaram os séculos e a matéria amoleceu.

Chegou o momento de concluí-la. O Mestre toma do buril e os traços mais delicados em breve aparecerão. Desses traços feitos no mármore vai nascer o amor divino. No coração de pedra vai penetrar o mesmo amor. E quando a obra estiver

acabada, quando o sopro do divino artista lhe houver transfundido a vida, a estátua, animada, por todas as virtudes, mostrará ao mundo que Jesus não veio abolir a lei, mas justificá-la, tornando-a perfeita.

**MATEUS, Cap. XVIII, vv. 6-11. —
MARCOS, Capítulo IX, vv. 42-50. —
LUCAS, Cap. XVII, vv. 1-2**

Evitar o escândalo. — É necessário que se dêem escândalos, é impossível que não se dêem. Mas, ai do homem que cause o escândalo

MATEUS: V. 6. Aquele que escandalizar a um destes pequeninos que em mim crêem, melhor fora lhe pendurassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao fundo do mar. — 7. Ai do mundo por causa dos escândalos, pois é necessário que venham escândalos; ai, entretanto, do homem por quem vem o escândalo. — 8. Se vossa mão ou vosso pé vos for motivo de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós. Mais vos vale entrar na vida coxo ou estropiado do que com duas mãos e dois pés e ser lançado no fogo eterno. — 9. Se vosso olho vos for motivo de escândalo, arrancai-o e atirai-o longe de vós; mais vale entreis na vida com um só olho do que com dois e serdes lançados na geena do fogo. — 10. Tende muito cuidado em não desprezar a um destes pequeninos, pois vos digo que seus anjos, no céu, vêem sempre a face de meu pai que está nos céus. — 11. Porque o filho do homem veio salvar o que estava perdido.

MARCOS: V. 42. Aquele que escandalizar a um destes pequeninos que crêem em mim, mais valera lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar. — 43. Se vossa mão vos é motivo de escândalo, cortai-a; mais vale entreis na vida com uma só mão do que com duas e irdes para a geena do fogo que jamais se extingue, — 44, onde o verme que os rói não morre e o fogo não se apaga. — 45. Se vosso pé vos é motivo de escândalo, cortai-o; mais vale entreis coxos na vida eterna do que com dois pés e serdes precipitados na geena do fogo que jamais se extingue; — 46, onde o verme que os rói não morre e o fogo nunca se apaga. — 47. Se vosso olho vos é motivo de escândalo, arrancai-o; melhor será que entreis no reino de Deus com um só olho do que com dois e serdes precipitados na geena do fogo, — 48,

onde o verme que os rói não morre e o fogo jamais se extingue, — 49, pois todos terão que ser salgados com fogo, como toda vítima tem que ser salgada com sal. — 50. O sal é bom, mas, se se tornar insípido, com que temperareis? Tende sal em vós e entre vós guardai a paz.

Lucas: V. 1. Disse Jesus a seus discípulos: É impossível que não venham escândalos; mas ai daquele por quem vêm os escândalos. — 2. A esse melhor fora lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar, do que escandalizar a um destes pequeninos.

N. 204. (Mateus, v. 6; Marcos, v. 42; Lucas, v. 2.)
Aquele que escandaliza a uma criança, aquele que, pelas palavras e exemplos, arrasta um de seus irmãos, por mais ínfimo que o julgue, a praticar o mal, *seja* por atos, *seja* por pensamentos, se torna culpado perante Deus, não só da falta em que, assim procedendo, incorreu, mas também das em que tenha feito incorrer os outros e as expiará.

Destruí em vós todas as raízes do pecado, isto é, tudo o que vos leve a infringir a lei divina; arrancai de vossos seres tudo o que vos possa, de qualquer maneira, induzir ao mal. Tratai de compreender bem o *sentido figurado das palavras* de Jesus: — destruí nas vossas almas todas as causas do mal, qualquer que seja o sofrimento humano que vos possa isso causar. Mais vale que sofraís durante alguns dias da vossa miserável existência, rompendo com os vícios, do que vos arriscardes a sofrer, por séculos, na vida errante do Espírito culpado. Considerai que o fogo, que devora, não se extingue, e que o verme, que rói, não morre.

Imagens são estas de uma dor ardente, incessante, que consome o Espírito, sem jamais o reduzir a cinzas; de uma tortura de todos os instantes da sua vida na erraticidade, sem que lhe sorria a

esperança de ver-lhe o *fim*. A esperança é gota d'água que cai nas terras áridas, é o maná que o faminto apanha do chão, é o bálsamo que se deita na chaga sangrenta. O culpado não a pode sentir até que o arrependimento lhe haja aberto o coração para aninhá-la.

(Mateus, v. 7; Marcos, v. 42; Lucas, v. 2.) É impossível que, no seio da humanidade, não se encontrem Espíritos menos adiantados, ou mais obstinados no mal do que outros e que não provoquem o escândalo pelos seus atos maus, pelos seus maus conselhos e maus exemplos. Ai deles! melhor fora que, reconhecendo a sua inferioridade moral, não houvessem encarnado em meios muito elevados, em pontos, para eles, muito civilizados do planeta, pois que seus vícios e sua ignorância podem induzir ao mal os que os cercam e causar escândalo, detendo a estes os passos e arrastando-os à queda. Melhor fora que não houvessem encarnado, que tivessem esperado acharem-se mais amadurecidos para uma vida melhor, porquanto terão que sofrer o castigo correspondente ao orgulho que os domina e aos seus maus pendores. Prevenidos, que são, antes de encarnarem, das conseqüências boas ou más da encarnação que pedem, cientificados de que as más preponderarão, dadas as tendências naturais do Espírito, os que se obstinam em reclamá-la aceitam *de antemão* a solidariedade com a conduta que tiverem. Assinam uma letra que hão de pagar no dia do *vencimento*.

Aos Espíritos é concedido escolherem livremente os mundos onde queiram encarnar, contanto que não saiam dos limites que *lhes traça o grau do desenvolvimento* que atingiram. Um Espírito que sai *da classe* em que lhe compete estar não o faz sem ser prevenido das conseqüências que lhe pode acarretar a sua temeridade. Se essa mudança de classe viesse a ser prejudicial aos outros homens; se, principalmente, obedecesse a um propósito de viciosa maldade, tivesse por

único fim causar dano àqueles entre os quais o Espírito viria a viver no mundo, ele seria impedido de sair da sua esfera, isto é : de encarnar fora da categoria daqueles em *cujo* meio se acharia entre seus iguais no adiantamento, na inteligência, na moralidade.

Assim, essas encarnações de um Espírito entre outros de ordem superior, *relativamente* à que ele ocupa, se originam de duas causas: do desejo que tem o Espírito de progredir, desejo temerário mas sincero no momento em que escolhe a encarnação; conveniência de ferir, para fazê-los progredir, ou os povos, *ou* as famílias em cujo seio tais encarnações se verificam. A intromissão desses seres inferiores no meio de outros encarnados serve sempre para castigo, para expiação e, por conseguinte, para o progresso dos que se tornam suas vítimas e, mais ainda talvez, para o progresso dos que lutam contra os maus exemplos, os maus conselhos e triunfam. Serve também para a moralização e o progresso do Espírito inferior que encarnou fora da sua classe. Pela sua convivência, enquanto encarnado, com outros Espíritos de ordem mais elevada, ele cria relações úteis, recebe na sua alma boas sementes, que acabarão por germinar.

Nem sempre, pois, a faculdade do livre-arbítrio é absoluta quanto à escolha das provas. Ela sofre limitações. Ao Espírito que deseje progredir, por mais atrasado que seja, se deixa a escolha dos meios de o conseguir. Apenas é guiado nessa escolha. Mas o Espírito que, *apesar de tudo*, continua perverso, esse sofre, oportunamente, o castigo e as provas que lhe são infligidas. O que persevera no mal se vê constrangido a esperar que lhe seja permitido reencarnar. Algumas vezes mesmo não o quer, porém sofre à força a encarnação, como meio de se desenvolver e depurar. então, encaminhado para um meio de antemão escolhido para tal efeito, de modo que a encarnação lhe aproveite

e concorra ao mesmo tempo para o adiantamento dos que o recebem em seu seio.

Assim, não diz a verdade quem afirma que o Espírito usa sempre do livre-arbítrio quanto à faculdade de encarnar ou não e quanto às provações, *quaisquer que sejam na sua perversidade, suas intenções e o fim malfazejo que se proponha atingir pela reencarnação*. O exercício livre daquela faculdade, a liberdade na escolha constituem a regra, é o que se dá na maioria dos casos. Mas, há exceções, de harmonia com a natureza dos que a tais exceções dão lugar. Se fora sempre voluntária a encarnação de Espíritos endurecidos no mal, isso acarretaria perturbações nas leis que regem o progresso de todos.

Viveis num meio composto de Espíritos inferiores em a sua generalidade, num meio onde poucos se contam elevados. Entre os primeiros, alguns há muito culpados, que cometem escândalos. Ai deles! Porquanto terão que os expiar.

São uma pedra de toque para os que se acreditam com força bastante a resistir às suas tentações, aos maus exemplos. Estes, por seu turno, se os traiu a confiança que em si mesmos depositavam, se não se mostram suficientemente fortes para resistir, também terão que expiar, não só as faltas cometidas, mas ainda o orgulho que os induziu a procurarem uma prova mais difícil do que deveriam ser as suas.

Necessário é, portanto, que haja escândalos no mundo, pois que é pelo contacto com os vícios que as virtudes se fortalecem e deles triunfam. Mas, ai dos que ocasionarem o escândalo! Ai, também, ainda que menor lhes seja a culpa, dos que se deixam levar até ao escândalo.

Doçura, fé, bons exemplos, tais as armas de que vós outros, espíritas, vos deveis utilizar para propagar a nova revelação. Bom êxito alcançareis, com elas, entre muitos de vossos irmãos. Mas, nem todos se acham ainda amadurecidos. Deveis falar

desassombradamente das vossas crenças, assentá-las nas suas bases. Fazei-o, todavia, com brandura e persuasão. Se, porém, encontrardes naturezas obstinadas (e as há muitas), deixai-as. O tempo fará, ou nessa mesma existência, ou em outras, com o auxílio da reencarnação, o que não tiverdes podido conseguir. O futuro é longo: toda a eternidade se contém nele.

(Mateus, vv. 8-9; Marcos, vv. 43-48.) Aquele que vive engolfado nos vícios não entra na vida eterna. Após a morte do corpo, terá uma existência espírita limitada e toda de sofrimento. Dela só sairá, uma vez que se tenha arrependido, para recomeçar, a título de provação e de expiação, uma nova existência terrena.

Contrariamente, aquele que soube despojar-se das causas de faltas a que poderia ser arrastado, esse entra na vida espírita *vendo* desdobrar-se a seus olhos o futuro que lhe está reservado. Entra, conseguintemente, no reino dos céus, isto é: na senda que conduz à perfeição, pois que a Terra se lhe apaga da vista, desde o momento em que o grau de pureza que haja atingido lhe permita compreender a vida eterna, que é a vida espírita — vida normal do Espírito na imensidade.

Chegado a esse ponto, pode dar-se que lhe cumpra passar por uma nova existência na Terra. Essa, entretanto, *não será mais* uma existência expiatória. Ser-lhe-á concedida para o desempenho de uma missão, o que representa, para tal Espírito, se ainda não atingiu a perfeição moral, *uma prova* . Se já alcançou essa perfeição, a nova existência lhe servirá para auxiliar a realização de um progresso científico, para realizá-lo ele próprio, a fim de galgar, em adiantamento intelectual, o grau a que ascendera em adiantamento moral.

O Espírito pode ser muito adiantado sob o ponto de vista moral e muito ter ainda que avançar no tocante aos conhecimentos, embora, por ter chegado desse lado a certa altura, nada mais possa

adquirir na Terra. Isto nada importa, porque, primeiramente, o vosso mundo não é o único apropriado às encarnações materiais. Conquanto nunca penseis senão no minúsculo ponto em que habitais, inumeráveis se reconhecerá que são os mundos daquela categoria, desde que se considere serem inúmeras as diferenças, as condições várias e os diversos graus através dos quais, por gradações insensíveis, se vai da matéria compacta ao estado fluídico.

Em segundo lugar, os progressos que o Espírito possa imprimir às ciências, *no vosso ou noutros mundos*, quando vise um fim humanitário, se decuplicam, para ele, com a sua volta ao estado espírita. O que, na prisão de carne, esboçou, se aperfeiçoa subitamente, desde que a liberdade lhe é restituída. O artista, estrangido num espaço acanhado, modela a estatueta cuja criação ideou, dá-lhe depois, quando vem a encontrar-se livre daquele estrangimento, proporções gigantescas, visto ter ao alcance das mãos todos os materiais necessários e em torno de si o ar, o espaço e grandioso cenário.

(Marcos, v. 49.) O fogo exprime *emblematicamente* a expiação como meio de purificação e, portanto, de progresso para o Espírito culpado.

O sal, entre os Hebreus, era o *emblema* da purificação de toda vítima oferecida em oblata ao Senhor.

Jesus, a fim de ser compreendido das inteligências a que se dirigia, compunha a sua linguagem *figurada*, recorrendo aos costumes ou aos preconceitos e tradições hebraicas para as comparações de que precisasse servir-se, conforme os casos.

Como sabeis, os Espíritos que faliram, os Espíritos culpados, para se despojarem das impurezas morais, têm que sofrer, nos mundos inferiores, com um fim de expiação, de reparação e de progresso por meio de provações, a encarnação, as reencarnações sucessivas, precedida cada uma des-

tas, em conseqüência da anterior, da expiação no mundo espírita, por meio de sofrimentos e torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes e faltas cometidos.

Uma vez purificados de tudo o que para eles e para seus irmãos constituía "motivo de escândalo", não mais têm que "ser salgados com o fogo", ou que ser precipitados na "geena do fogo", onde o verme que rói não morre e o fogo nunca se extingue. Continuam a avançar pela senda do progresso moral e intelectual, mediante reencarnações sucessivas, porém *não mais* expiatórias. Reencarnam em mundos cada vez mais elevados, moradas de paz e de felicidade, até que, por se haver nulificado neles a influência da matéria, se tenham tornado puros Espíritos.

(Marcos, v. 50.) Tende valor próprio, mas que o mérito de cada um não se torne fonte de discórdias, pois que o Senhor poderia, *pela natureza da encarnação*, destruir esse mérito. Ficareis sendo então como o sal que perdeu o sabor, isto é: nulos.

Trate cada um de adquirir valor aos olhos de Deus e dos homens. Se todos os vossos esforços tenderem a esse fim, sereis forçosamente levados a progredir. Mas, não vos orgulheis desse valor, visto que, por grande que o julgueis ou que pareça *aos outros homens*, pouco sabor tem ele para Deus. Não o façais perder esse pouco sabor, tornando-o insuportável aos que vos rodeiam. Não esqueçais nunca que nada sois diante do Ser supremo e que é somente tendo em vista o *seu juízo* que deveis aspirar a tornar-vos alguma coisa. Não procureis que os outros o percebam e ainda menos que o admirem. Ao contrário, *na humildade do vosso coração*, cuidai de aumentá-lo por forma tal que o vosso pai o julgue bastante grande pelo progresso intelectual e sobretudo moral que haja determinado em vossos irmãos e em vós mesmos.

(MATEUS, v. 10.) *Tende cuidado, dizia Jesus a seus discípulos, em não desprezar a um destes pequeninos, pois vos digo que seus anjos, no céu, vêem sempre a face de meu pai, que está, nos céus.*

Não esqueçais que Jesus falava quase sempre *por figuras*. Apresentava aos discípulos a infância como *emblem*a da pureza e da virtude. Ora, os Espíritos protetores dos homens puros e virtuosos são Espíritos elevados que, pela sua mesma elevação, mais se podem aproximar da luz. O estado de pureza que atingiram lhes permite comunicar com os Espíritos mais elevados, mensageiros dos puros Espíritos, dos Espíritos perfeitos que "vêem" Deus.

Mas, repetimo-lo, Jesus falava em estilo *figurado*. Os Espíritos que se aproximam do Senhor e o "vêem" são extremamente elevados para descerem até à humanidade. Mais geral e extensa é a missão que desempenham. Projetam sobre os mundos as claridades que irradiam do Senhor e que nós vos transmitimos diminuídas para que as possais suportar.

(MATEUS, v. 11.) *"O filho do homem veio salvar o que estava perdido."*

Ao pronunciar estas palavras, Jesus compreendia no seu pensamento o passado, a época em que falava e o futuro.

A lei fora dada aos homens para guiá-los, mas os homens *abusaram* da lei. Não obedeciam *mais aos mandamentos*, desfiguravam os *preceitos e faziam das tradições* o fundamento de *seus dogmas*. Jesus viera salvar os que se haviam extraviado, os que se tinham perdido. Abriu-lhes uma estrada nova em seguimento da de que eles se tinham afastado. Porém, *também* essa nova estrada ficou atravancada de dogmas, de tradições, de interpretações, escombros do edifício que o Mestre elevara

a tão grande altura com extrema simplicidade e clareza, proclamando entre os homens e para a humanidade inteira que toda a lei e os profetas se contêm nestes dois mandamentos: — amor a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo, dos pontos de vista material, moral e intelectual, mandamentos que implicam a observância dos preceitos do Decálogo. Preceituando aos homens a prática desse duplo amor, abstração feita de todos os diversos cultos exteriores, prescrevia-lhes que não adorassem o pai nem no alto do monte, nem em Jerusalém, que se tornassem os adoradores que o pai quer ter, seus adoradores em *espírito e em verdade*. Por este modo, todos se farão servos e membros da Igreja do *Cristo*, cujo templo é o vosso planeta e cujos fiéis são os que praticam aquele duplo amor, com simplicidade de coração, humildade de espírito, desinteresse, atividade e devotamento, trabalhando *assim*, pelo exemplo e pela palavra, para que se cumpra a promessa do Mestre, a de haver *um só rebanho conduzido por um só "pastor"*.

Jesus vem de novo em busca do que estava perdido, salvar o que se perdera. Vem, por meio da nova revelação e por intermédio dos Espíritos do Senhor, reconduzir à estrada, em nome do Espírito da Verdade, o que se havia perdido. Cuidai, desta feita, de não mais vos desviardes, pois que, quanto mais avançais, com mais retidão deveis caminhar.

**MATEUS, Cap. XVIII, vv. 12-14. —
LUCAS, Cap. XV, vv. 1-10**

Ovelha desgarrada. — Dracma perdida

MATEUS: V. 12. Que vos parece? Se um homem tem cem ovelhas e uma delas se desgarrar, ele não deixa as outras noventa e nove nos montes para ir procurar a que se desgarrou? — 13. E se acontece que a encontre, em verdade vos digo que essa ovelha lhe dará mais alegria que as outras noventa e nove que não se extraviaram. — 14. Assim, não é da vontade de meu pai que está nos céus que pereça um só que seja destes pequeninos.

LUCAS: V. 1. Os publicanos e os pecadores se aproximaram de Jesus para ouvi-lo. — 2. E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este homem recebe os pecadores e come com eles. — 3. Jesus então lhes propôs esta parábola: — 4. Qual dentre vós aquele que, tendo cem ovelhas e perdendo uma, não deixará as outras noventa e nove no deserto, para ir procurar a que se perdeu até achá-la? — 5. E que, encontrando-a, não a carregará nos ombros cheio de alegria? — 6. Esse tal, voltando a casa reúne seus amigos e vizinhos e lhes diz: Congratulai-vos comigo, pois achei a minha ovelha que se perdera. — 7. Eu vos digo que, igualmente, mais alegria haverá no céu por ter um pecador feito penitência do que por causa de noventa e nove justos que não precisam fazer penitência. — 8. Ou, qual a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma, não acende a sua candeia, não varre a casa e não procura com cuidado a moeda até a encontrar? — 9. Uma vez que a encontre, ela reúne suas amigas e vizinhas e lhes diz: Regozijai-vos comigo, pois encontrei a dracma que havia perdido. — 10. Do mesmo modo, haverá, eu vos digo, grande júbilo entre os anjos de Deus por um pecador que faça penitência.

N. 205. O pensamento que ditou a parábola da ovelha desgarrada é o mesmo do da dracma perdida. Visam o mesmo fim os ensinamentos que

resultam de ambas. *Somente a da dracma perdida objetivava especialmente os pobres a quem Jesus falava.*

Ele viera em socorro dos que fraquejavam, ou que, apavorados com os obstáculos do caminho, retrogradavam. O pai de família cuida com ternura do filho doente e o coração se lhe alvoroça de ventura quando o vê restabelecido.

Foi o que fez o filho bem-amado do pai, durante a sua missão terrena. Era o que fazia antes que descesse a desempenhar essa missão, desde que o homem surgiu no vosso planeta, a cuja formação ele presidiu e do qual é o protetor, o governador, o senhor. É o que continuou a fazer depois do desempenho daquela missão e faz ainda agora, por intermédio dos Espíritos do Senhor, dos enviados do pai, dos missionários, encarnados e errantes, que, sob a sua direção, sempre trabalharam e trabalham pelo progresso da humanidade terrena.

Todos os seus cuidados, todo o seu amor se não concentrado e concentram nas suas "ovelhas". Mas, sobre as que sofrem, sobre as que um mau "pastor" deixou se perdessem, é que mais ativamente se exerce a sua vigilância. Ele as procura, fala para que lhe elas escutem a voz e grande é a sua alegria quando a sua voz amorosa consegue ecoar no coração daquele que se "perdera". Oh! então, o bom pastor corre para a ovelha que respondeu ao seu chamamento e, tomando-a nos braços, a reconduz ao aprisco, para que não mais se aparte do "rebanho".

Compreendi bem o sentido e o alcance destas palavras de Jesus:

"Eu vos digo que igualmente mais alegria haverá no céu por ter um pecador feito penitência, do que por causa de noventa e nove justos que não precisam fazer penitência. — Do mesmo modo haverá, eu vos digo, grande alegria entre os anjos de Deus, por um pecador que faça penitência."

Jesus, aludindo à alegria de encontrar a ovelha desgarrada, não procura desviar do bom caminho os "justos". Entendei por "justos", não os que jamais fraquearam, porquanto não há, encarnadas *no* vosso planeta, criaturas que nunca tenham cometido faltas, mas os que deixaram de fraquear, ou, melhor, os que fazem esforços sérios, constantes e porfiados por não mais fraquejarem.

Muitos há que, não compreendendo o sentido e o alcance dessas palavras do Mestre, lhes imputam o defeito de concorrerem para destruir o amor do bem naqueles que se esforçam por manter-se na senda do bem, com o lhes apresentarem o culpado que se arrepende como mais precioso do que o justo.

Não, elas exprimem tão-somente o carinho de Deus para com todas as criaturas, carinho que lhe faz experimentar frêmitos de alegria sempre que volta ao redil uma ovelha desgarrada.

Estas últimas palavras "carinho que lhe faz experimentar frêmitos de alegria, etc." — são *simbólicas*. O Senhor, pela sua infalível providência, sabe sempre que todos vós voltareis ao seu seio, assim como sabe quando voltareis. Conseqüentemente, aquela alegria, aqueles frêmitos de alegria devem antes ser atribuídos aos Espíritos encarregados de *vos reunir*. Vós, que tendes tido algum de vossos filhos gravemente enfermo, não experimentastes, quando o vistes curado, transportes de ventura e de reconhecimento a Deus, transportes a que jamais os outros filhos deram lugar? E todavia não consagrais àquele mais amor do que a seus irmãos.

Dado que ele venha a crescer denotando tendências más, enquanto que os irmãos se conservam no bom caminho, não concentrareis todos os vossos esforços, toda a vossa solicitude nesse filho que poderia transviar-se, perder-se, segundo a maneira de ver do mundo? E, se os vossos esforços forem coroados de êxito, dissei-nos : não experi-

mentareis grande alegria? Contudo, não lhes consagrais mais amor do que aos outros. É que as dificuldades vencidas, as vitórias alcançadas aumentam o valor da obra realizada.

Os que dizem que aquelas palavras de Jesus concorrem para destruir o amor do bem nos que se esforçam por manter-se na senda do bem, com o lhes apresentarem o culpado que se arrepende como mais precioso do que o justo, esses não compreendem nem o sentido, nem o alcance de tais palavras.

Não, cada um obtém sempre de conformidade com as suas obras. Mas, a nós, Espíritos encarregados *de vos reunir*, Espíritos aos quais Jesus dava a designação de "anjos de Deus", a nós que velamos sobre vós, como sobre as ovelhas vela o pastor, que fazemos os maiores esforços por vos arrebanhar sob as vistas do Mestre, a nós nos é permitido o júbilo quando encontramos uma ovelha que se perdera e que conduzimos ao aprisco.

Jesus disse e nós o repetimos: *Não é da vontade de meu pai que está nos céus que qualquer destes pequeninos pereça. Nenhuma criatura do Senhor permanecerá afastada dele. Todas, mais cedo ou mais tarde, virão reunir-se a seus pés. Diante de vós se desdobra a eternidade. Trabalhai por conquistar o lugar que vos está reservado na vida eterna. Quanto mais depressa o obtiverdes, tanto mais rapidamente entrareis nessa existência de felicidade, onde tudo é atividade, caridade, amor, ciência e progresso.*

Se os "príncipes da Igreja" houvessem querido compreender as palavras de Jesus, não teriam insistido na *"eternidade das penas"* nem na *"queda dos anjos"*, queda que lhes serviu de base para o dogma da *condenação eterna*. É um duplo erro, nascido da *letra que mata e condenado pelo espírito que vivifica*. É um duplo erro que o progresso das inteligências e a consciência moderna já condenaram como uma monstruosidade, uma falsidade,

em face da onipotência, da justiça, da bondade e da misericórdia infinita de Deus; de Deus, o supremo ser, o criador do universo, o soberano Senhor, pai de todos e de tudo o que existe; de Deus, cujo amor universal, infinito, abrange todas as suas criaturas ; de Deus, que olha com paternal afeto tanto para o oução, como para o rei da terra. É um duplo erro que a nova revelação vem condenar, em nome de Jesus, por intermédio dos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade.

N. 206. *Dizem alguns:* Na parábola da ovelha perdida e encontrada, na alegria do pastor que acha de novo a ovelha que ele tomara sob sua guarda e à qual ama, alguma coisa há de comovente; ao passo que a alegria da mulher, que encontra novamente a dracma que havia perdido, é um sentimento todo material, que pouco interesse inspira. Com o primeiro assunto se comporia um quadro encantador, o que não se conseguiria com o segundo.

Os que assim se expressam não compreendem o pensamento de Jesus, nem o fim que ele colimava. Deveriam refletir e procurar compreender, *antes* de criticar a palavra do Mestre.

Jesus, como já dissemos, falava aos pobres, não o esqueçais. O pensamento principal, dominante, na parábola da dracma perdida, corresponde ao sentimento que domina a classe pobre, para a qual a mais insignificante quantia tem uma grande importância, pelas dificuldades que aos dessa classe se deparam para obtê-la, sendo-lhes preciso ganhá-la penosamente. O sentimento material que, naquela parábola, é apenas o seu instrumento, tem grande interesse, porquanto ele visa tornar compreensível à classe pobre que tudo que estiver perdido, do ponto de vista espiritual, deve ser procurado com ardor igual ao que a alma a procurar uma moeda de pequeno valor e deve cau-

sar, quando encontrado, alegria igual à que produz o achar-se a moeda que se perdera.

Assim, o arrependimento por haver desprezado as virtudes e, conseqüentemente, por haver cultivado os vícios, que as substituíram, constitui para o homem o meio e o caminho pelos quais "tornará a encontrar" o que perdeu. Esse arrependimento fará ainda com que ele se sirva do que havia perdido e que de novo encontrou para alimentar sua alma, a fim de que progrida moral e intelectualmente.

Oh! então, para nós, Espíritos do Senhor, "anjos de Deus", na frase do Mestre, grande será a alegria! Quanto temos procurado a dracma perdida! quanto somos felizes por a termos encontrado e podermos dizer aos homens: Filhos, que tanto amamos, ainda temos nas mãos a fonte do alimento que sustenta, não o corpo perecível, mas a alma imortal, temos com que vos alimentar, fortificar, engrandecer, até que estejais bastante fortes para chegardes a Deus.

Falam de quadros e não podem admitir a alegria da mulher que torna a encontrar a parte, que havia perdido, de seus haveres! Olhai a pobre mãe cercada de míseros filhinhos e cujo marido vai regressar do trabalho exausto de fadiga. Como lhe há de ela dizer que uma das dez dracmas, tão penosamente ganhas, esperança e meio de sustento da família, se perdeu? Impossível. A mãe valorosa não se deixa abater pelo desânimo. Procura, procura por fim acha a dracma perdida, instrumento do bem-estar de seu marido e de seus filhinhos. Que alegria poderá ser maior do que a sua? Pois não tem ela de novo com que dar ao marido e aos filhos, durante todos aqueles dias para os quais a moeda ganha assegurará a alimentação, o pão que os sustentará e fortificará?

LUCAS, Cap. XV, w. 11-32*Parábola do filho pródigo*

V. 11. Disse ainda : Um homem tinha dois filhos. — 12. O mais moço disse ao pai : Meu pai, dá-me a parte que me há de tocar dos teus bens. E o pai repartiu com os dois os seus bens. — 13. Poucos dias depois, o filho mais moço reuniu tudo o que era seu, partiu para um país estranho e muito distante e aí dissipou os seus haveres em desregramentos e deboches. — 14. Quando já havia dissipado tudo, grande fome assolou aquele país e ele começou a passar privações. — 15. Foi então e entrou para o serviço de um dos habitantes do país, o qual o mandou para uma sua fazenda a apascentar os porcos. — 16. Aí, muito gostaria ele de encher a barriga com as landes que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. — 17. Afinal, caindo em si, disse : Quantos jornaleiros há, na casa de meu pai, que têm pão em abundância, enquanto que eu aqui morro de fome! — 18. Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e lhe direi : Meu pai, pequei contra o céu e contra ti. — 19. Não mais sou digno de que me chames teu filho; trata-me como a um dos teus jornaleiros. — 20. E levantando-se, foi ter com o pai. Vinha ele ainda longe quando este o viu e, tomado de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. — 21. Disse-lhe o filho: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; não sou mais digno de que me chames teu filho. — 22. O pai disse, porém, a seus servos : Trazei-me depressa a melhor das roupas e vesti-a nele; ponde-lhe um anel no dedo e calçado nos pés; — 23, trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e regozijemo-nos; — 24, pois que este meu filho estava morto e ressuscitou; estava perdido e foi achado. E começaram a festejar o acontecimento. — 25. O filho mais velho, que estava no campo, ao aproximar-se de casa, ouviu música e rumor de dança. — 26. Chamou um dos servos e perguntou o que era aquilo. — 27. O servo respondeu: É que teu irmão voltou e teu pai mandou matar um

novilho gordo por tê-lo recobrado são e salvo. — 28. O rapaz se indignou e não queria entrar. O pai saiu e se pôs a lhe pedir que entrasse. — 29. Ele, porém, disse: Já lá se vão tantos anos que te sirvo, sem jamais haver transgredido ordem tua e nunca me deste um cabrito para que eu me banqueteasse com meus amigos. — 30. No entanto, ao regressar o teu outro filho, que esbanjou todos os seus bens com meretrizes, logo lhe matas um novilho gordo. — 31. Meu filho, disse o pai, estás sempre comigo e o que é meu é teu; — 32, mas, pelo que respeita a teu irmão, era preciso que nos banqueteássemos e rejubilássemos, porquanto ele estava morto e ressuscitou, estava perdido e foi achado.

N. 207. De há muito o pai de família repartiu entre vós os bens que vos tocavam. Deu a cada um a sua parte. Que fizestes delas? Em vez de lhe testemunhardes o vosso reconhecimento, o vosso amor, esbanjastes os tesouros que ele vos entregou. A parte que vos cabe na herança é a ciência, a virtude, a vida eterna diante do Senhor. Perdestes, dissipastes esses tesouros com as meretrizes e os companheiros de deboches, isto é, nos vícios de toda espécie, em que vos chafurdastes. Depois, a fome se fez sentir, pois que ela é grande no país em que habitais. Compreendestes, então, que precisáveis "viver" e procurais voltar à "casa paterna". Não pareis no caminho, visto que, por mais culpados e miseráveis que sejais, por mais despidos que estejais, o "Pai de família" vos receberá de braços abertos e seus servos se apressarão a festejar o regresso do filho.

N. 208. Que se deve pensar da opinião dos que pretendem que, em face dos vv. 14-18, ao pecador, que é o filho pródigo, o arrependimento e a necessidade de voltar para casa paterna vêm, não do amor do bem, mas do desejo de trocar os tormentos da miséria pela satisfação do bem-estar?

O homem sempre esquece que o corpo oculta a alma e que, nos ensinamentos de Jesus (salvo

algumas exceções, *aliás de si mesmas claras*), o corpo não é senão a figura da alma. Ele usava, com relação ao corpo, de palavras *figuradas*, que só se devem aplicar à alma.

Sim, depois de haver esbanjado todos os tesouros que tinha em si mesmo, tesouros de força, de ciência, de sabedoria; depois de haver dissipado o seu tempo e a sua inteligência, o filho pródigo sente a fome que o avassala. Faz-se o vácuo no seu íntimo, domina-o invencível tédio e ele se põe ao serviço das más paixões que o esgotam, sem que suas repugnantes escórias o alimentem. Só então, sofrendo os efeitos da miserável condição em que se encontra, pensa, cheio de amargura, em tudo o que perdeu. Só então se lembra do pai, do seu Deus, tão bom, tão terno, único capaz de lhe restituir os tesouros perdidos.

Nesse momento, humilde e arrependido, dirige-se ao Senhor, dizendo: Meu Deus, meu pai, pequei contra ti, julguei-me bastante forte para, dispensando conselhos e proteção, dispor à minha vontade das riquezas que me entregaste; reclamei-as antes de tempo, quando delas ainda me não sabia servir; esgotei-as, meu Deus, e agora eis-me aqui, despojado de tudo, sem mais possuir a inteligência que guia, o amor da ciência, que eleva, a força de lutar, que engrandece.

Tenho fome, devora-me a fome do futuro. Sinto que não me criaste para viver nesta abjeção, as minhas aspirações te buscam., só *tu* podes reparar as minhas perdas.

Oh! meu pai, abre teus braços paternos para acolher o filho arrependido, restitui à minha alma a força, a inteligência, o amor, a fim de que, compreendendo cada vez mais vivamente as culpas em que incorri para contigo, cada vez mais me esforce pelas reparar.

o sal se torna insípido, com que temperareis? Não servirá mais nem para a terra nem para os adubos, e será, por isso, posto fora; que ouça aquele que tiver ouvidos de ouvir", quais o sentido e o alcance da parábola do filho pródigo?

Aquele, que persevera no mal, que recusa ouvir qualquer conselho, é como a semente estéril: não presta para ser lançada à terra, porque nada produzirá; não presta para ser lançada na estrumeira, porque, devendo o estrume auxiliar a vegetação da terra, o grão estéril que nele se lance, além de inútil para a germinação das outras sementes, ainda se apropriará de uma parte dos sucos nutritivos, para não dar mais do que uma erva abundante e efêmera, nociva ao resto da plantação, sem nada de proveitoso colher para si mesma.

O homem que se obstina no endurecimento fica incapaz de produzir frutos, isto é, de dar exemplos úteis à moralização de seus semelhantes. Absorve os cuidados e a atenção dos que se lhe consagram, ficando esses cuidados e atenções, que em nada lhe aproveitam, de nenhuma utilidade para outros homens de boa-vontade.

Eis porque essas criaturas serão postas *fora*, isto é, desterradas para mundos inferiores, como se faz com a semente má, que é lançada ao fogo. *Aí*, passarão, para elas, eternidades de prantos e de gemidos, pois que eternidades de séculos amontoados são necessárias ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento das terras primitivas, são precisas para que estas atinjam, não o *grau de superioridade* a que se hão de elevar, mas, apenas o *nível em que vos achais*.

A conversão de um pecador causa grande alegria aos que o amam e esperam, porém não elimina as consequências da ofensa feita. Simplesmente as atenua.

De fato, que é a expiação? A conseqüência do mal praticado, o esforço para o *reparar*.

Qual o Espírito arrependido que não conserva, seja qual for o perdão obtido, lembrança tanto mais amarga de suas faltas, quanto maior se tenha manifestado a bondade do Senhor?

Qual o Espírito que não tentará fazer voluntária e alegremente tudo o que possa por apagar os traços de um passado que o aflige e por merecer os favores de que se sente objeto?

A consciência do homem honesto não lhe brada quando, por um arrastamento qualquer, ele se afasta do caminho que reconhece ser o único honroso? E qual o seu maior desejo, senão o de reparar o mal que causou, apagando-o *com o bem*? Ora, se isto é o que se dá *com alguns de vós outros*, que não será em se tratando de Espíritos cujos sentidos alcançaram uma sutileza e um desenvolvimento extremos ?

A justiça do Senhor segue sempre o seu curso no tocante à expiação e à reparação, que constituem, para o Espírito culpado, as sendas da purificação e do progresso. Mas, aquele que volta sobre seus passos consegue atenuar o futuro, *não o esqueçais nunca*.

N. 210. Quais, na parábola, o *objeto* e o *fim* dos versículos 26-32, relativos ao filho mais velho do pai de família?

(Vv. 26-27.) A *resposta* do servo ao filho mais velho, que o chamara para interrogá-lo, tem por fim mostrar o acolhimento que o Senhor dispensa àquele cujo arrependimento é *sincero*, as alegrias que lhe proporciona, os socorros espirituais que lhe concede, por efeito desse arrependimento, que o coloca, em condições de avançar, sem mais desfalecimentos nem paradas, pela estrada de que se desviara.

(Vv. 28-29-30.) A *réplica* do filho mais velho do pai de família, quando este lhe pedia que en-

trasse na sala da festa, *tem por fim* mostrar a tendência do homem para a inveja, para o egoísmo, inveja e egoísmo que o levam a ter ciúmes do que é feito a seus irmãos, considerando-se superior a estes. Aquela resposta põe em destaque esse egoísmo e essa inveja. Não percebendo as graças que cotidianamente lhe são dispensadas, o homem inveja as que *julga* concedidas aos outros.

Que recompensa lhe deve o Senhor? Não basta lhe conceda participar de suas graças? Notai que a festa celebrada por motivo do regresso do rapaz nenhum compromisso envolve com relação ao futuro, de nenhum trabalho, de nenhuma obrigação o isenta. Festejam-lhe a volta, mas amanhã, amanhã, ele terá que ocupar o seu lugar, que trabalhar e trabalhar com tanto mais zelo e atividade, quanto maior tenha sido o lapso de tempo durante o qual esteve paralisada a obra que lhe cumpre executar.

(Vv. 31-32.) As palavras do pai ao filho mais velho têm por fim mostrar a igualdade de todos perante Deus. O pensamento é idêntico ao da parábola dos trabalhadores da última hora.

O pai de família fizera entre os dois filhos a partilha de seus bens. Cada um recebera parte igual da herança. Mas o que não se afastara de casa viveu sempre em comum com o pai (*o que é meu é teu*), isto é, aproveitando das graças já outorgadas e recebendo diariamente novas graças. Como, porém, o hábito o tornara indiferente, não as percebe e então sente inveja do que vê fazer-se aos que voltam a colocar-se na mesma categoria em que ele se acha.

"Teu irmão estava MORTO e RESSUSCITOU, diz o pai, estava PERDIDO e foi ACHADO."

O Espírito culpado, que se obstina no mal, está *morto*, no sentido de que o seu estado é o *emblema* da morte. *A morte*, na acepção legítima

da palavra, é a cessação de todo movimento; logo, numa, acepção figurada, é a cessação de todo progresso. O arrependimento o *ressuscita*, pondo-o em estado de retomar a sua marcha ascensional. É *assim* que ele estava *perdido* e que foi *achado*.

NOTAS DA EDITORA — A palavra *landes*, que se encontra no versículo 16, foi substituída por outros tradutores por — *alfarrobas*, *bolotas*, *vagens*.

A dádiva do anel indicava que o pai não recebia o filho como escravo, visto que naquela época os escravos não podiam usar anéis.

LUCAS, Cap. XVI, vv. 1-9*Parábola do mordomo infiel*

V. 1. Disse também Jesus a seus discípulos: Havia um homem rico que tinha um mordomo e este perante ele foi acusado de lhe haver dissipado os bens. — 2. Ele o chamou à sua presença e lhe disse: Que é o que ouço dizer de ti? Dá-me conta da tua administração, pois que não poderás mais administrar meus bens. — 3. Disse então o mordomo de si para si : Que hei de fazer, uma vez que meu amo me tira a administração de seus bens? Não sei cultivar a terra e de mendigar tenho vergonha. — 4. Já sei o que farei, a fim de que, quando me houverem tirado a mordomia, encontre pessoas que me recebam em suas casas. — 5. Chamou cada um dos que deviam a seu amo e perguntou ao primeiro: Quanto deves a meu amo? — 6. O devedor respondeu : Cem medidas de óleo. Disse-lhe o mordomo: Toma a tua obrigação, senta-te ali e escreve depressa uma outra de cinquenta. — 7. Perguntou em seguida a outro devedor: E tu quanto deves? Respondeu esse: Cem alqueires de trigo. Toma, disse ele, o documento que me deste e escreve um de oitenta. — 8. E o amo louvou o mordomo infiel por haver procedido com atilamento; pois os filhos do século são mais avisados no gerir seus negócios do que os filhos da luz. — 9. E eu vos digo: Empregai as riquezas de iniquidade em granjear amigos, a fim de que, quando elas vierem a faltar-vos, eles vos recebam nos tabernáculos eternos.

N. 211. A comparação que esta parábola encerra não tem sido compreendida. Jesus o que disse foi: Se o amo louva o administrador infiel que, para garantir o futuro, trata de fazer amigos entre os devedores de seu amo, aumentando-lhe as perdas, que não fará o Senhor por aquele que cuidou de preparar amigos para a vida eterna, empregando as riquezas humanas em praticar o bem, em socorrer seus irmãos, granjeando assim

o reconhecimento e a afeição destes? A afeição e o reconhecimento quase que não têm curso, é certo, no seio da humanidade, mas, no mundo dos Espíritos, grandes e vivos são esses sentimentos.

Repetimos : Por esta parábola Jesus não ofereceu um exemplo, como o pretenderam a malevolência e a ignorância dos que se apegam a cada uma das letras de cada versículo. Formulou apenas uma comparação.

N. 212. Em face do que acabais de dizer, quais são, em espírito, o sentido e o alcance do v. 8: E o amo louvou o mordomo infiel por haver procedido com atilamento?

Nessas palavras está o seguimento da *comparação*. Se o homem pode louvar o seu servidor por se haver mostrado previdente, embora procedendo fraudulentamente e em contrário aos interesses que lhe estavam confiados, quão mais indulgente não se mostrará o Senhor para com aquele que houver empregado, como acabamos de dizer, suas riquezas humanas em fazer o bem, granjeando desse modo amigos reconhecidos, cujas ações de graças subirão qual incenso aos pés do Altíssimo !

Tampouco se devem tomar ao pé da letra as palavras — *riquezas de iniquidade* — usadas apenas para mais fortemente ser tocada a inteligência dos homens materiais da época. Aquele termo, expressivo do desprezo, foi empregado para fazer sentir ao homem o pouco apreço que deve dar aos bens terrenos, bens estes que, para a maioria, têm sido, são, ou serão fonte de ações más.

Naquela época, o que sabia tirar partido dos acontecimentos, ainda que praticando uma *ação má*, era qualificado de *hábil*, de *inteligente*, considerando-se, ao contrário, tolo o que se deixava arrastar pela corrente.

Não é desgraçadamente dessa maneira que ainda alguns homens do vosso tempo consideram as coisas?

Jesus procurou tornar compreensível, vulgarizar este pensamento que mais uma vez repetimos: Pois que o homem não hesita em aprovar a previdência de um de seus semelhantes, mesmo quando essa previdência se traduz por um ato fraudulento do qual é ele vítima, que não fará o Senhor por aquele de seus filhos que tiver sabido empregar os bens perecíveis e perigosos da Terra na conquista de amigos que lhe advoguem a causa e o ajudem a entrar no refúgio eterno? Mesmo que esse tenha sido culpado, suas boas ações lhe serão contadas e suavizarão a pena reservada aos maus.

Pois os filhos do século são mais avisados no gerir seus negócios do que os filhos da luz.

Fácil é de apreender o sentido dessas palavras: O homem pensa muito mais no seu futuro material do que no seu futuro espiritual.

Mesmo entre os que têm luz e nutrem o desejo de elevar-se, maior é o número dos indiferentes, que deixam fugir as ocasiões de alcançarem as graças do Senhor, do que, entre os mundanos, o número dos que se descuidam de bem encaminhar seus negócios e de assegurar o seu futuro material.

N. 213. QUAIS SÃO, em espírito, o SENTIDO e o ALCANCE do v. 9: Eu vos digo: Empregai as riquezas de iniquidade em angariar amigos, a fim de que, quando elas vierem a faltar-vos, eles vos recebam nos tabernáculos eternos?

Já o temos dito: Jesus considera "*riquezas de iniquidade*" os bens terrenos, tantas vezes causa de males para o homem. Assim sendo, ele vos diz: empregai esse elemento de faltas e de más ações ou de funestas cobiças — em fazer o bem;

dessa fonte de males — fazei que emanem o reconhecimento e o amor e nela podereis dessedentar-vos, porquanto, se bem sejam maus os vossos atos e numerosas as vossas faltas, achareis amigos gratos pelo bem que lhes houverdes feito, os quais vos ajudarão a suportar as conseqüências daquelas faltas, vos assistirão nas ocasiões dos desfalecimentos e, sem cessar, implorarão para vós a misericórdia divina.

N. 214. *Eis a crítica que não feito dessa parábola do mordomo infiel*: "Um homem pretende despedir o seu mordomo, por haver, ao que se diz, esbanjado os bens que lhe tinham sido confiados. Acresce que o mordomo, para se livrar de dificuldades futuras, junta às suas passadas infidelidades a seguinte notável tratantice: Chama os devedores de seu amo e combina com eles restituir-lhes os documentos que haviam firmado, em troca de outros de menor valor. Assim, quem devia 100 passa a dever apenas 50 ou 80 e desse modo o mordomo garante o seu futuro, adquirindo amigos. Ora, o amo foi informado (não se declara como) do procedimento do seu empregado. Que pensais vai ele fazer? Que vai punir o servidor desonesto, ou, pelo menos, despedi-lo? De modo algum; a última maroteira mudou todas as suas intenções. Tal é o apreço em que tem aquilo a que se dá o nome de esperteza, que louva o infiel mordomo por haver procedido com atilamento. Não se nos diz se o conservou; mas, facilmente se depreende que sim. A conclusão se aplica ao emprego dos bens mal adquiridos. Porém, não foi, como vemos, de bens mal adquiridos que o mordomo infiel lançou mão para salvar o seu futuro; mas de bens que lhe não pertenciam; foi tão-somente de bens do seu amo. O ato que praticou é um roubo, nem mais nem menos."

A explicação, do ponto de vista cristão, é esta: que se deve, por meio de esmolas dadas aos pobres, *santificar* as riquezas *mal adquiridas*.

A explicação não vale mais do que a crítica. É mesmo pior, por *isso* que a crítica não visa senão julgar *pelas palavras e não pelo espírito*. O

único meio de reparar os desvios da consciência, pelo que respeita ao que se adquire mal, consiste na restituição.

Muito vos há de custar conseguir que as massas aceitem o *espírito* despojado da *letra*.

Uns se agarram à letra *por ignorância*, outros *por hostilidade*. Não buscar o sentido do pensamento, adstringir-se às *palavras*, é uma arma segura (*assim pelo menos o crêem*) para destruir com o ridículo aquilo que são *incapazes* de compreender. *Não é que falte* inteligência aos que procedem desse modo pelo prazer de destruir. O que há é que de seus escritos eles excluem a boa-fé, ou então, se boa-fé existe, são o orgulho e a idéia preconcebida, senão a impotência para da *letra* tirarem o *espírito*, o que os transvia nas suas interpretações.

Nada mais temos que dizer, além do que pela terceira vez repetimos: Não há nesta parábola um exemplo a seguir, como o pretenderam a malevolência e a ignorância dos que se apegam a cada uma das *letras* de cada versículo. Há *apenas* uma *comparação*. Compara-se o juízo do homem relativamente a uma ação má, que lhe merece louvores por considerá-la hábil e prudente, com o juízo de Deus acerca dos que se esforçam por fazer o bem, o que milita a favor deles, ainda quando precedentemente tenham cometido faltas.

Atenda-se aos *tempos*, aos *costumes* e aos *homens*, a quem Jesus falava, servindo-se do *manto da parábola*; não se separe a primeira parte da que vimos estudando da parte que se segue e que vai ser explicada e tudo se tornará compreensível. Tudo será compreendido *em espírito e em verdade*, desde que se compenetrem das explicações que temos dado e das que vamos dar e também desde que se abstenham de supor, apoiando-se na "letra que mata", que o sublime modelo tenha pensado em legitimar ou sequer aplaudir o roubo, em sancionar ou aprovar a fraude, as más ações.

LUCAS, Cap. XVI, vv. 10-12

Continuação da parábola do mordomo infiel

V. 10. Aquele que é fiel nas pequenas coisas sê-lo-á. também nas grandes; aquele que é injusto no pouco também o é no muito. — 11. Ora, pois, se não houverdes sido fiéis no tocante às riquezas de iniquidade, quem vos confiará as verdadeiras? — 12. Se não fostes fiéis com o alheio, quem vos dará o que é vosso?

N. 215. Este último período da parábola põe a nu o pensamento de Jesus. Tendo-se servido de um termo de *comparação* que as massas pudessem apreender e compreender, em seguida, desfaz, para os que se dêem ao trabalho de pensar, a aparência, que nas suas palavras pretendam achar, de aprovação ao proceder do servo infiel. Ao contrário disso, ele ataca o que prevarica, não só com os bens celestes, como ainda com os bens materiais, quando diz :

"Aquele que é infiel nas pequenas coisas, também o será nas grandes".

Quer isto dizer: Aquele que deseja caminhar nas veredas do Senhor nunca transija com a sua consciência, nunca considere uma falta qualquer como demasiado leve para lhe merecer atenção, um defeito qualquer como de somenos importância para cuidar de corrigir-se dele, porquanto o que assim fizer pouco a pouco irá escorregando pelo declive. Prevaricador das leis eternas nas pequenas coisas, esse o será, depois, nas grandes.

Vigiai sem cessar sobre vós mesmos, de modo que os vossos atos materiais sejam tão irrepreensíveis quanto os vossos pensamentos.

QUAL A EXPLICAÇÃO especial do v. 11: Se não houverdes sido fiéis no tocante às riquezas de iniquidade, quem vos confiará as verdadeiras?

Os bens do mundo, os bens terrenos, que são as riquezas de iniquidade, *no sentido de que se tornam*, muitas vezes, fonte de males para o homem, elementos de faltas e de ações más ou de desregradas cobiças, não constituem um meio de adquirirem os homens os bens eternos? Ora, se deles fizerdes mau uso, atraireis a justiça do castigo, em vez de bênçãos e recompensas.

A vossa vida humana é a chave com que abrireis as portas do santuário. Essa chave, porém, sendo frágil como é, se quebra nas mãos daquele que não a sabe conservar intacta. Terá ele então que esperar se lhe confie uma outra, da qual aprenda a servir-se melhor.

Qual a explicação especial do v. 12: Se não fostes fiéis com o alheio, quem vos dará o que é vosso ?

Os agravos que fizerdes a vossos irmãos, o mal de que fordes causa recairão sobre vós. Assim como o bem pode apagar o mal que o precedeu, também o mal pode deter momentaneamente a eficácia do bem. Dizemos — *momentaneamente* — porque a infinita misericórdia do Senhor não deixa que se perca nenhuma parcela de bem, por ínfima que seja. O mal muitas vezes prevalece e lhe paralisa os efeitos, mas ao cabo de certo tempo o Senhor a toma em consideração e vo-la leva em conta. Portanto, esperai sempre sem desfalecimento, pois que o mal jamais apaga o bem que foi feito e o bem atenua sempre o mal.

**MATEUS, Cap. XVIII, vv. 15-17. —
LUCAS, Cap. XVII, vv. 3-4**

Palavras de Jesus destinadas a servir de transição, relativas ao perdão e ao esquecimento das injúrias e das ofensas, os quais, segundo ele o proclamou, devem ser absolutos e sem condição

MATEUS: V. 15. Se contra ti pecou o teu irmão, vai e o repreende, mas a sós com ele. Se te atender, tê-lo-ás ganhado. — 16. Se, porém, não te atender, faze-te acompanhar de uma ou duas pessoas, a fim de que tudo seja confirmado pela autoridade de duas ou três testemunhas. — 17. Se também não as atender, comunica-o à Igreja; e, se também à Igreja ele não atender, trata-o como gentio e publicano.

LUCAS: V. 3. Tende cuidado convosco; se contra ti pecou o teu irmão, repreende-o. Se se arrepender, perdoa-lhe. — 4. Se contra ti ele pecar sete vezes no dia e sete vezes no dia te procurar para dizer: Eu me arrependo — perdoa-lhe.

N. 216. (Mateus, vv. 15, 16 e 17.) Se tiverdes de fazer a algum de vossos irmãos qualquer reproche, esforçai-vos por que ele se corrija, dizendo-lhe brandas e persuasivas palavras.

Jesus falando aos Judeus usava de uma linguagem que lhes era adequada. Jamais atacava bruscamente os hábitos desse povo rixento e rancoroso. Tal a razão por que os concitava a recorrer a testemunhas e depois ao julgamento da Igreja nos seus ajustes de contas.

Hoje, porém, o Mestre, por nosso intermédio, vos diz: Apagai a falta do vosso irmão por todos os modos possíveis; esforçai-vos para que ele se reconheça culpado, falando-lhe a sós. Se persistir, se se mostrar insensível às vossas advertências,

tomai por testemunhas da sua obstinação os bons Espíritos que velam por todos. Chamai-os em vosso auxílio, para que vos reconduzam à paz e à concórdia.

Evitai tornar público o erro de vosso irmão, submetendo-o ao juízo da Igreja. Antes de tudo: tendes a certeza de estardes perfeitamente limpo da falta que, cometida pelo vosso irmão, vos ofendeu? Tendes a certeza de que jamais a provocastes ou incentivastes; de que jamais, pela vossa impaciência, pela vossa aspereza, pela vossa má-vontade, ostensiva ou oculta, fostes causa de que o vosso irmão cada vez se transviasse mais, em lugar de emendar-se?

Quando lhe falastes, porventura o fizeste com toda a doçura, com toda a delicadeza indispensáveis para que a sua suscetibilidade, o *seu orgulho*, ou mesmo *a sua vergonha* não fossem despertados? Empregastes todos os *possíveis esforços* para que ele não corasse em face de si *mesmo*?

E, se não procedestes assim, não receais ser, a vosso turno, julgados pelos juizes que fostes procurar para julgar o vosso irmão?

Oh! bem-amados! Escutai o que vos dizemos, *a mandado daquele que deu aos homens esse ensinamento*: "Progredistes, vossos sentimentos também têm que progredir; perdoai, portanto, *com sinceridade*, a ofensa recebida, ocultando-a dos estranhos para que o vosso irmão não se vexa e eu, por minha vez, vos perdorei do mesmo modo por que houverdes perdoado".

N. 217. QUE SENTIDO atribuía Jesus à expressão — *Igreja* — que se lê no v. 17 de MATEUS?

Tendo-se em vista os tempos hebraicos e referindo-se aos Hebreus, ele, por este termo, designava os homens esclarecidos que tinham as mesmas crenças.

Com relação aos tempos evangélicos e aos que se seguiram até aos vossos dias, designava uma assembléia de cristãos.

Com referência a todos os homens, indicava os esclarecidos pelas mesmas crenças.

Nesta frase desse mesmo v. 17: "e se também à Igreja ele não atender, considera-o gentio e publicano", QUE SENTIDO se deve atribuir à expressão: gentio e publicano?

Esses termos foram usados na acepção de homem desprezível, que todos votam ao esquecimento. Eram vingativos aqueles a quem Jesus falava. Portanto, conseguir que eles esquecessem e desprezassem as injúrias, esquecendo e desprezando os que injuriavam, já representava uma conquista imensa.

N. 218. Será ao mesmo tempo cristão e espírita, no interesse de um irmão, sujeitá-lo, com o fito de fazê-lo emendar-se, à prova de ser primeiramente admoestado com brandura e em segredo; de ser *depois*, se resistir, censurado diante de testemunhas; e de, finalmente, se ainda não atender, ser levado à presença da *Igreja*, isto é, de uma assembléia de *verdadeiros* cristãos, de verdadeiros espíritas? Ou será preferível, uma vez que ele nada queira ouvir em segredo, *deixá-lo* entregue à cegueira, ao orgulho, à cobiça, ao ódio, deixá-lo *fora* da linha de suas provações, no estado de *gentio e de publicano*?

Não. Não esqueçais que cada um tem seu fardo a carregar.

Não tenteis tirar publicamente a palha do olho do vosso irmão. Se assim procederdes, em vez de o levardes a emendar-se, vos arriscais a fazer que no fundo do seu coração se gere um ressentimento, *que lhe será* muito pior do que a ofensa que contra vós haja cometido. E, nesse caso, bem deveis compreendê-lo, séreis responsá-

veis pela tempestade que fizésseis desencadear-se no seu íntimo.

Oh! não vos equivoqueis relativamente às obrigações em que vos achais uns para com os outros. Deveis estender-vos reciprocamente as mãos ; nenhum, porém, deve querer levantar o outro com violência. Sustentai-vos uns aos outros, mas não vos afronteis mutuamente. Assim, pois, evitai sempre tornar públicos os erros de vossos irmãos, para que eles não corem publicamente.

Do contrário, levá-los-eis, *antes de tudo*, a ocultá-los a si próprios, impelidos pelo instinto humano, e desse modo os fareis embrenhar-se mais a fundo pelo mau caminho.

Uma palavra branda, uma observação amistosa, feita sem testemunhas, quase sempre conseguirá mais do que todas as censuras que lhe dirigirdes, sobretudo se as formulardes publicamente.

Se a vossa tentativa se malograr, que é o que tereis perdido? Foram vão os vossos esforços, mas não deram resultado contrário ao que desejáveis. Não sereis responsáveis por se haver o vosso irmão obstinado no mal.

Estendei-vos as mãos com brandura, amparai-vos, mas não vos erijais em juízes uns dos outros, não forceis ninguém a comparecer diante do areópago.

Mas, não há, entre os nossos contemporâneos, homens que, entregues a si mesmos, jamais voltarão para a verdade e para o bem e que, no entanto, voltariam, se se lhes applicasse o processo indicado por Jesus aos *Hebreus*, segundo os vv. 15, 16, 17?

Não. Com relação a esses, o objetivo não seria alcançado. O tempo e os guias de cada um fazem a sua obra. O julgamento coletivo, esse nada obteria dessas naturezas orgulhosas e vingativas. Ao contrário: iria despertar no fundo dos seus corações uma raiva surda, que os minaria.

Suas provas se tornariam mais eficazes? Não é melhor, atento o interesse comum, esperar que a persuasão os ganhe gradualmente do que a impor? Dar-se-á conheçais tão pouco os homens que os julgueis capazes de se submeterem *sinceramente* ao modo de ver de uma maioria? Não. Os que, forçados pela voz pública, se confessam culpados, amaldiçoam de todo o coração os acusadores e os juízes que os obrigaram a corar de vergonha diante de todos. Resultará daí que as provações se lhes tornem mais proveitosas? — Indulgência, perdão, esquecimento, eis o juízo de Deus.

N.219. QUAIS O SENTIDO e o ALCANCE destas palavras de Jesus (LUCAS, vv. 3 e 4): "Tende cuidado convosco; se contra ti pecou o teu irmão, repreende-o. Se se arrepender, perdoa-lhe. Se contra ti ele pecar sete vezes no dia e sete vezes no dia te procurar para dizer: "Eu me arrepenho" — perdoa-lhe"?

Não deveis jamais guardar prevenção contra um irmão vosso. Nunca, cedendo a um rancor que, em certos casos, do ponto de vista humano, pode *parecer* legítimo, vos arrisqueis a recalcar para o fundo do coração daquele que vos ofendeu o seu sincero arrependimento. Aliás, já se não vos disse que sereis julgados como houverdes julgado, que se vos fará exatamente como houverdes feito aos outros?

Nunca olvideis que, freqüentemente, não sete vezes no dia, mas setenta vezes sete ofendeis à Majestade divina, transgredis suas leis e tentais subtrair-vos à ação destas. Usai, pois, para com os . vossos irmãos, da benevolência de que tanta necessidade tendes e dizei *com sinceridade* ao Senhor: "Perdoai as minhas ofensas, como perdôo as de meus irmãos".

N.220. Por estas palavras dos vv. 3 e 4 de LUCAS: "*Se ele se arrepender*", será lícito entender-se que o ofendido, *em cujo coração* deve o perdão sempre

estar, nada tenha que declarar ao ofensor que não se arrependa, isto é, que, no tocante à ofensa, persiste no seu orgulho e na sua cegueira?

Ninguém é obrigado a lançar em rosto ao seu ofensor um perdão com que ele pouco se importa. O que cumpre ao ofendido é tê-lo no coração, pronto a lhe dar expansão, quando o ofensor se mostre arrependido.

N. 221. Que se deve AGORA pensar e fazer destas palavras ditas aos *Hebreus*: "Não odeies de coração ao teu irmão, mas repreende-o *publicamente*, a fim de que não fiques em pecado contra ele." (*Levítico*, 19, v. 17) ?

A revelação e os conselhos eram adequados à época. Na sua brandura, a lei do perdão se revestia de muita dureza, como todas as leis aplicadas ao povo hebreu. Tinha o seu lado caritativo, prescrevendo aos homens que se repreendessem publicamente pelas faltas em que perseverassem depois de admoestados em particular. Obrigando-os a se acautelarem dessa humilhação, ela os tornava mais acessíveis aos esforços dos que se empenhavam por melhorá-los. A disciplina e o temor eram mais duros do que hoje, pela razão de que se tratava de atuar sobre caracteres violentos, atrasados, orgulhosos e vingativos.

Ainda agora vos dizemos: Repreende teu irmão pelas faltas que cometa e que cheguem ao teu conhecimento, porquanto podes esclarecê-lo a respeito de um erro filho da ignorância, podes detê-lo quando ainda se ache no alto de um declive forte, pelo qual, se inconsideradamente nele se aventurar, rolará talvez até ao fundo do abismo. Mas, que teus conselhos sejam fraternos, dados em segredo e, quando possível, de modo indireto, a fim de que não o humilhes e não o impeças, o que pode suceder, de aproveitar do teu conselho, por efeito de revolta do seu orgulho. Sê, pois, cauteloso e brando,

corrige os erros, acariciando; nunca o faças, empunhando o látigo.

N. 222. Como conciliar as palavras que acabais de ditar mediunicamente com as dos vv. 15, 16 e 17 de MATEUS?

Não vedes que era indispensável um laço para ligar a lei antiga à nova? Poderiam acaso os homens romper *de súbito* com suas idéias, suas crenças, seus preconceitos, suas tradições? Jesus falou aos daquela época numa linguagem que eles pudessem compreender. Era o plano inclinado por onde escorregariam para esta moral tão doce e sempre tão cheia de perdão. Confrontai o que vos acabamos de dizer e as palavras a que aludis com a parábola da mulher adúltera. Verificai, sondando os vossos corações, se, ao repreenderdes vosso irmão, não merecíeis também ser repreendidos e, neste caso, como sempre, aplicai-vos esta sentença: "*Fazei aos outros o que quiserdes que vos façam*".

LUCAS, Cap. XVII, vv. 7-10*Cumprimento do dever com humildade e desinteresse, com o sentimento de amor e gratidão ao Criador*

V. 7. Qual de vós o que, tendo um servo ocupado em lhe lavar a terra, ou em lhe apascentar os rebanhos, diz a esse servo, ao voltar ele dos campos: Vem sentar-te à mesa? — 8. Não lhe dirá antes: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, até que eu tenha comido e bebido; depois comerás e beberás? — 9. E o amo deve porventura agradecimento ao servo por ter feito o que lhe fora ordenado? — 10. Penso que não. Assim, quando houverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos o que éramos obrigados a fazer.

N. 223. Quer isto dizer que nada sois em comparação com o Senhor, que tem o direito de tudo exigir de vós, a quem tudo foi dado. Não vos orgulheis, portanto, do que fizerdes *tendo em vista* agradá-lo. Esforçai-vos por cumprir o vosso dever. Sobretudo, não vos mova a isso *unicamente* a esperança de uma recompensa. A preocupação do cumprimento do dever, o reconhecimento para com Deus e a esperança de satisfazê-lo, tais os sentimentos *únicos* que vos devem animar.

LUCAS, Cap. XVII, vv. 11-19

Os dez leprosos

V. 11. Ora, sucedeu que, dirigindo-se para Jerusalém, teve Jesus que atravessar a Samaria e a Galiléia. — 12. Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos que pararam ao longe. — 13, e lhe bradaram: Jesus, Mestre, tem piedade de nós. — 14. Assim que os viu, Jesus disse: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram limpos. — 15. Vendo-se curado, um deles retrocedeu, glorificando a Deus em altas vozes. — 16. E se prostrou, rosto em terra, aos pés de Jesus, rendendo-lhe graças. Esse *era samaritano*. — 17. Perguntou-lhe Jesus: Os dez não ficaram limpos? Onde estão os outros nove? — 18. Então, nenhum mais, senão este estrangeiro, voltou para glorificar a Deus? — 19. E, dirigindo-se ao estrangeiro, disse: Levanta-te, vai, tua fé te salvou.

N. 224. Aí tendes mais um fato que, para *ensinamento* dos homens, se produziu, tendo Jesus em mente provar *que não basta* a quem quer que seja haver nascido sob uma lei religiosa qualquer, aceitar, praticar mesmo seus dogmas, para adquirir méritos perante o Senhor.

Qual, daqueles leprosos, o que deu testemunho do seu reconhecimento, rendeu graças a Deus pelo benefício que recebera? Um cismático, que a lei repelia como estrangeiro. Entretanto, *sem a lei*, mau grado à lei, *que ele não aceitava*, a fé o salvou.

Não esqueçais nunca *este exemplo*.

Quer estejais, quer não, *submetidos à lei*, todos sois *filhos do Altíssimo, filhos de Deus* e todos lhe deveis o culto do vosso reconhecimento, do vosso amor. A cada nova graça que o Senhor vos conceda, fazei como o Samaritano: em vez de prosseguirdes no caminho para dar cumprimento a *uma fórmula vã de culto exterior*, retrocedei,

vêde o que éreis, o que sois, o que o Senhor vos fez e prostrai-vos a seus pés num ímpeto de reconhecimento e de amor.

Quanto à cura dos leprosos, já vos demos a tal respeito suficientes explicações (n. 109, página 72 do 2º volume). Não temos que voltar ao assunto.

A cura se operou materialmente no momento mesmo em que Jesus pronunciou as palavras: "*Ide mostrar-vos aos sacerdotes*".

Não vos admireis de que, só algum tempo depois de operada a sua cura material, haja dado por ela o leproso samaritano. Jesus regulara a ação dos fluidos e seus efeitos e foi sob a influência espírita que o Samaritano apreciou a sua própria cura. Impelido então pelo reconhecimento, voltou atrás.

Que pode haver de espantoso em que os leprosos só se tenham inteirado de estarem curados algum tempo depois de efetuada a cura? Alguém vos disse que eles já iam longe? Jesus ainda se achava no local onde a cena se passara. Não podiam, portanto, estar já muito distantes os leprosos, quando o Samaritano deliberou voltar.

Como é, DIZEM, que Jesus, sabendo ser Samaritano o leproso que voltou a lhe render graças, o aconselhou a ir mostrar-se aos sacerdotes? *Por um lado*, não podia ignorar que esse leproso preferiria fugir-lhes a ir mostrar-se aos sacerdotes e, *por outro lado*, não ignorava que o ato que lhe recomendava ia de encontro a todas as convicções do Samaritano.

Os que assim falam não compreenderam nem as palavras de Jesus, nem o pensamento que as ditou. Mandando que fossem apresentar-se aos sacerdotes, o Mestre falava a *todo o grupo dos leprosos*. Aquela recomendação, porém, ele a fez somente aos que, dentre os dez, obedientes à lei de Moisés, como Judeus que eram, tinham que cumprir a formalidade de que se trata. Não falou a cada um dos

indivíduos. O Samaritano partiu juntamente com os outros, não para preencher a dita formalidade, mas para voltar a sua casa. Foi então que o reconhecimento se manifestou.

TAMBÉM DIZEM nada haver de censurável no procedimento dos nove leprosos israelitas. Eles, como o Samaritano, tinham igualmente fé em Jesus, tanto que disseram: "*Jesus, Mestre, tem piedade de nós*". Tomaram ao sério as palavras do Mestre e, obedecendo-lhe, foram mostrar-se aos sacerdotes. Sendo judeus, deram-se pressa, obedientes à ordem de Jesus, em cumprir uma obrigação legal. *Pensavam* que, para testemunhar obediência e reconhecimento ao seu benfeitor, que consideravam um simples profeta, nada de melhor podiam fazer do que, executando pontualmente a ordem recebida, irem, sem voltar atrás, como o Samaritano, satisfazer às prescrições legais, com o que acreditavam agradecer a Deus.

Tiveram fé, *porém*, reconhecimento, *não*. Deveis compreender que Jesus conhecia o sentimento *íntimo* que ditava o proceder de cada um e de antemão conhecia também o *ensinamento* que havia de resultar *do fato*.

PRETENDEU-SE que Jesus se transformou numa espécie de divindade diante da qual o Samaritano se foi prostrar; que, assim, não é o culto de Deus o que se exige, mas o de Jesus.

Há aqui ainda um erro. Se os que assim argumentam houvessem querido lembrar-se de que a cena se desenrolou no Oriente e que lá era costume os inferiores se prosternarem diante dos superiores, teriam compreendido o ato do Samaritano que, reconhecendo embora a ação poderosa de Deus, não se julgou menos devedor de gratidão para com aquele que o Senhor considerara digno de lhe servir de intermediário junto dos homens. Diverso não fora o procedimento dos outros lepro-

sos, se o reconhecimento houvesse primeiro ocupado lugar em seus corações.

Com o ser, *para os leprosos, um profeta*, Jesus, para eles, era apenas um instrumento de que o Senhor se utilizava. A Deus é que se dirigiam as ações de graças e não à personalidade de Jesus. Se um soberano vos mandar por um de seus ministros qualquer favor, o ministro não será como que um laço entre vós e o rei que o enviou? E não é ao ministro que apresentais os vossos agradecimentos para que ele os transmita ao soberano? Atentai no que disse Jesus, quando o Samaritano voltou à sua presença: "*Os dez não ficaram limpos? Onde estão os outros nove? Então nenhum mais, senão este estrangeiro, voltou para glorificar a Deus?* E o Mestre não disse sempre aos homens que ele era *o enviado do pai*, que deste é que tudo lhe vinha e que *nada* podia senão pelo pai?

PRETENDEU-SE também que os homens, em conseqüência de suas falsas interpretações, *de fato* substituíram o culto de Deus, Criador universal, UNO, *único e indivisível*, pelo culto de Jesus transformado em *divindade*.

O fato com que nos vimos ocupando contribuiu para isso e constituiu um dos elos dessa cadeia. Mas estes elos são numerosos. O principal é o título de *filho de Deus*, que Jesus dava a si mesmo, *mal* interpretado em face destas palavras que foram tomadas *ao pé da letra* e entendidas *segundo a letra*: "*Meu pai*".

LUCAS, Cap. XVII, vv. 20-24

O reino de Deus está dentro de nós

V. 20. Como os fariseus lhe perguntassem: Quando vem o reino de Deus? ele respondeu: O reino de Deus não virá de modo a que possa ser notado. — 21. Não se dirá: Ele está *aqui* ou está *ali*, porquanto o reino de Deus está dentro de vós. — 22. E disse aos discípulos: Tempo virá em que quereis ver um dos dias do filho do homem e não o vereis. — 23. Dir-vos-ão: Ei-lo *aqui*, ei-lo *ali*; não vades, não os sigais; — 24, pois, tal como o relâmpago, que brilha de um lado a outro do céu, assim será o filho do homem no seu dia.

N. 225. (V. 20.) O reino de Deus o homem o traz em si mesmo, pois que é no exercício de suas faculdades que se lhe depara o meio de alcançá-lo, isto é: de atingir a perfeição moral: Não virá de modo a ser notado, por isso que só lentamente, de *progresso* em *progresso*, de *ascensão* em *ascensão*, pode o homem aproximar o advento daquele reino. Só a perfeição moral humana o fará vir. Nenhum brusco abalo o trará. Só por um trabalho demorado, penoso, incessante o homem o conquistará.

(V. 21.) O reino de Deus não é um lugar circunscrito, qual o imaginaram os homens. Não é uma habitação feliz, onde logrem penetrar. É a imensidade na virtude. O reino de Deus está em vós, está entre vós, mas não sabeis descobri-lo. O reino de Deus é a união das almas depuradas. Depurai, pois, as vossas, para o possuídes.

(V. 22.) E Jesus disse a seus discípulos: "Tempo virá em que desejareis ver um dos dias do filho do homem e não o vereis." Estas palavras não eram dirigidas aos discípulos unicamente, mas ao povo que os cercava e, por extensão, às gera-

ções então futuras que sentiram e sentem ainda o desejo de ver renovados os atos de Jesus, para crerem depois que virem.

O Mestre dava suas instruções aos que o cercavam e, dentre estes, os discípulos eram sempre os que lhe ficavam mais perto. Daí vem o ter o evangelista usado desta expressão: *E disse aos discípulos.*

Apreeendi bem o sentido daquelas palavras, que foram igualmente pronunciadas para o futuro. Muitas vezes tem já o homem aspirado à liberdade santa, filha do amor e da caridade. Muitas vezes tem procurado em vão fazer que luza ainda um daqueles dias em que Jesus pregava e exemplificava a sua moral. Esse desejo o assalta sempre que ele compreende que o único remédio para os males da humanidade consiste na prática dos dois grandes preceitos do amor e da caridade — prática que implica, dentro da unidade e da solidariedade, a da justiça, do mútuo auxílio sob o ponto de vista do trabalho material, moral e intelectual, assim como a prática da fraternidade.

Aqueles dias, porém, não voltaram. *Ainda* os esperais, vós outros *espíritas*, e para eles apelais com todas as vossas forças. Muito, entretanto, tardarão ainda em vir, porque ainda não sois bastante clarividentes, para a luz deles; porque os vossos entendimentos ainda se não desapegaram das influências e dos apetites da matéria, fontes do orgulho, do egoísmo, do sensualismo e da sensualidade, de modo a poderem assimilar a moral do filho do homem. Enfim, ainda não amadurecestes suficientemente para essa era nova em que o filho do homem volverá ao vosso meio e em que vereis renascer o seu dia.

(V. 23.) *Dir-vos-ão: "Ei-lo aqui, ei-lo ali; não vades, não os sigais".* Estas palavras se applicavam aos abusos que, no correr dos tempos, viria a sofrer e sofreu a doutrina de Jesus, com o emprego do seu nome e da sua autoridade para se

transviarem ou cegarem os fracos e os crédulos. Toda adição feita à lei está *fora da lei*. Tudo o que se afastou do caminho traçado é transviamento. Tudo o que está fora da lei de amor e de caridade é *abuso*. É *abuso* tudo o que esteja fora da lei de fraternidade, de igualdade e de liberdade, pela justiça, pelo amor e pela caridade, fontes de todo direito e de todo dever recíprocos e solidários, a se exercerem e cumprirem sob os auspícios e a prática do perdão, do esquecimento das injúrias e ofensas, do devotamento da liberdade de consciência, da liberdade da razão e de exame.

(V. 24.) *Pois, tal como o relâmpago, que brilha de um lado ao outro do céu, assim será o filho do homem no seu dia. O filho do homem personifica, a sua lei, a sua moral. No momento oportuno, essa lei pura, suave, será despojada dos falazes ornamentos com que a cobriram e se mostrará repentinamente aos homens em toda a sua pureza. Sua luz então, como a do relâmpago, brilhará de um extremo a outro do horizonte. Nessa ocasião estará próximo a verificar-se entre vós o predito advento do filho do homem.*

Os falazes ornamentos com que cobriram a pura e suave lei de Jesus são os *aditamentos* de *culto* externo que lhe fizeram, *despojando-a* do culto espiritual; são tudo o que tendeu a materializar o que está e não pode deixar de estar submetido à inteligência e ao coração dos homens. A lei de Jesus foi feita *para a inteligência e para o coração*. À inteligência e ao coração ela se dirige e se dirigirá sempre.

O momento oportuno, de que falamos, em que essa lei pura e suave, despida dos falazes ornamentos com que a cobriam, se mostrará repentinamente aos homens em toda a sua pureza, é a época em que se fará a reforma do pessoal dos cultos. Deus proverá a isso mediante as encarnações necessárias de Espíritos em missão, os quais conduzirão a humanidade a conhecer em

espírito e em verdade, o pai, o filho e o Espírito Santo.

Essa reforma determinará o desaparecimento dos diversos cultos externos que dividem e separam os homens e os levará à união num culto único: o da adoração sincera do pai, Deus, uno, indivisível, por meio da prece do coração e não dos lábios somente, da prece espiritual, que tem por fundamento os atos de uma vida íntegra e pura diante do Senhor; por meio do jejum espiritual, pela prática do amor ao mesmo Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Semelhante adoração se expressará ainda pelo amor, pelo respeito e pelo reconhecimento para com o filho — Jesus, protetor e governador do vosso planeta e da humanidade terrena, Jesus por quem sois tudo o que sois.

Expressar-se-á também pela *invocação* e pelo *apoio* da sua poderosa proteção; pela invocação feita a Deus e ao seu Cristo para que conceda a suas criaturas o auxílio, o concurso e a proteção do Espírito Santo, dos bons Espíritos. Tal reforma dará cumprimento a estas palavras do Mestre: "Tempo virá em que não será mais no cume do monte nem em Jerusalém que adorareis o pai."

Tornados então os verdadeiros adoradores que o pai reclama, os homens o adorarão em *espírito e verdade*. E todos esses lugares que designais pelos nomes de — sinagogas, igrejas, mesquitas, templos, se tornarão indistintamente lugares de reunião, de prece, de instrução, onde, impelidos pelos sentimentos da humildade, do amor e da caridade, todos se congregarão em assembléia para, sob a influência e a proteção dos bons Espíritos, *elegerem* unanimemente o mais digno, o mais esclarecido, o de maior merecimento para a ela presidir.

O Universo é o templo do Senhor. Não antecipemos o futuro.

LUCAS, Cap. XVII, vv. 25-37

Sinais precursores da segunda vinda de Jesus

V. 25. Mas é necessário que antes ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração. — 26. E, tal como sucedeu ao tempo de Noé, assim sucederá nos dias do filho do homem. — 27. Comiam e bebiam, os homens desposavam as mulheres e as mulheres tomavam marido até ao dia em que Noé entrou na arca; veio então o dilúvio e os fez perecer a todos. — 28. Semelhantemente sucedeu nos dias de Ló: Comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam e edificavam. — 29. No dia, porém, em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, que os fez perecer a todos. — 30. Assim será no dia em que o filho do homem aparecer. — 31. Nesse dia, aquele que se achar no eirado e tiver dentro de casa seus haveres não desça para os tirar de lá e do mesmo modo não volte atrás aquele que estiver no campo. — 32. Lembrai-vos da mulher de Ló. — 33. Todo aquele que procurar salvar a vida perdê-la-á, e todo aquele que a perder salvá-la-á. — 34. Digo-vos que nessa noite, de duas pessoas que estiverem no leito, uma será tomada e deixada a outra; — 35, de duas mulheres que juntas estiverem moendo, uma será tomada e deixada a outra; de dois homens que estiverem no mesmo campo um será tomado e o outro deixado. — 36. Perguntaram-lhe então os discípulos: Onde será isso, Senhor? — 37. Respondeu ele: Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias.

N. 226. Por essas palavras, cujo sentido e alcance, *segundo o espírito, ficaram* intencionalmente velados *pela letra*, aludia Jesus às condições, meios e fases da purificação e do progresso do vosso planeta e da humanidade terrena e aludia também ao que ocorrerá quando a lei de amor e caridade for praticada na Terra, operando a regeneração da espécie humana.

Como sempre, ao proferir tais palavras, o Mestre apropriou sua linguagem às inteligências

e às necessidades da época, de modo, porém, a impressionar os homens de então e as gerações futuras, a preparar o advento da nova revelação, que viria, quando os homens se houvessem tornado capazes de a suportar, explicar e fazer compreensível, *em espírito e em verdade, como sucede atualmente, tudo o que ele disse.*

As explicações especiais que vos vamos dar deverão levar-vos à compreensão daquelas suas palavras.

(V. 25.) Antes que a lei trazida por Jesus pudesse vigorar, foi preciso que o legislador lhe apusesse o selo do seu amor. Entretanto, repeliu-a a geração que a recebeu, como a de hoje ainda a repele. É que muitos Espíritos, rebeldes ao tempo da missão do Cristo, vivem de novo na Terra, sempre rebeldes.

Alguns apenas, discípulos de Jesus, lhe seguem as pisadas, ainda que de bem longe, e procuram descobrir, no solo conspurcado, as marcas deixadas por seus passos.

Acabamos de dizer: "Foi preciso que ele apusesse à sua lei o selo do seu amor". Jesus, que desceu à Terra para dar aos homens o *exemplo* do devotamento sem restrições, teve que levar esse devotamento aos seus limites extremos. Qual efetivamente, *para vós*, o maior de todos os sacrifícios, senão o da vida?

Por sua morte, ele vos ensinou a não ligar exagerada importância à vossa existência, do mesmo modo que, pela sua vida, vos mostrou que não deveis prodigalizá-la inutilmente. É o que significa o cuidado que, *para os homens*, ele tinha, de salvaguardar a sua, fugindo, todas as vezes que ela correu perigo antes do momento em que, pela "morte", remataria o edifício que seu amor construía.

Falando nós por esta forma da morte de Jesus, da *preservação da sua vida, dos perigos* que esta

correu, deveis entender que nada disso havia, senão *segundo o modo de ver dos homens*. Falamos ainda colocados no ponto de vista humano das crenças que existiam durante a sua missão terrena, crenças que teriam de durar por muito tempo depois de cumprida aquela missão e que duram ainda. Referimo-nos às crenças, *por parte de uns*, numa origem de Jesus, humana, ordinária, como obra de José e de Maria; *por parte de outros*, numa origem humana, mas miraculosa, divina, do mesmo Jesus, que é então considerado filho de Maria, por obra do Espírito Santo.

A origem do Mestre, extra-humana, mas de maneira alguma milagrosa no sentido dado a esta expressão, origem, ao contrário, *natural*, de acordo com as leis universais e imutáveis estabelecidas por Deus desde toda a eternidade, vos é agora revelada. Todavia, em face desta revelação que se vos faz daquela origem, preciso é não esqueçais que, conquanto Jesus haja tomado um corpo apenas semelhante ao vosso, mas não da *mesma natureza*, lhe *cumpria* deixar que lhe atribuíssem uma origem humana, lhe *cumpria* preencher, *aos olhos dos homens*, até ao termo da missão, como ensino e exemplo, as obrigações que a natureza humana e a lei de conservação impõem.

(Vv. 26-27-28-29-30.) Alegorias e alusões feitas por Jesus.

Ao tempo de Noé, os homens bebiam e comiam, desposavam as mulheres e as mulheres tomavam maridos; ao tempo de Ló, comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam.

A negligência do homem o engolfava em seus hábitos cotidianos e o impedia de ver os perigos que se acumulavam sobre a sua cabeça, tanto o absorviam os interesses e cuidados da vida material, tão longe se achava ele do pensamento e do desejo de progredir, tão descuidado do progresso e do futuro de seu Espírito.

Desde a vinda de Jesus à Terra, o mundo caminhou sempre, pouco se preocupando com o seu futuro. Caminha ainda pela mesma estrada e nela continuará por muito tempo, até que os homens, compreendendo a *inutilidade* do seu proceder divorciado da moral do Mestre, cuidem de mudar de rumo.

Quanto ao dilúvio do tempo de Noé, a "*Gênese*" universalizou fatos de natureza toda parcial. Como sabeis, pois que a ciência humana o comprovou, aquele dilúvio não foi mais do que um desses numerosos cataclismos que hão feito o vosso globo passar do estado dos fluidos incandescentes ao estado atual. Essa passagem se produziu por meio de transformações sucessivas, acordemente com as leis naturais e imutáveis, por efeito da vontade de Deus, sob a ação espírita que preside às revoluções planetárias e à marcha progressiva e ascensional dos mundos, das humanidades, de todas as criaturas do Senhor.

Quanto à destruição de Sodoma, a ciência a explicou. Não temos que entrar em minúcias a esse respeito. Naquela época, havia na Terra um foco mais incandescente do que agora; amudados terremotos abriam na crosta terrena fendas por onde se escapavam gases inflamados, matérias sulfurosas e betuminosas. Essas matérias, arremessadas aos ares como projetis, pela força de expansão dos gases, iam cair sobre os homens tomados de espanto. A destruição de Sodoma resultou de uma dessas erupções. Houve incêndio e afundamento do solo.

Por estas palavras : "*Assim será no dia em que o filho do homem aparecer*", Jesus estabeleceu uma comparação. Comparou esse dia com o dilúvio porque, de fato, chegará um momento em que todos os Espíritos *materiais*, todos os Espíritos *carneais* serão expulsos do vosso planeta, onde só o Espírito terá que reinar. Efetivamente, no advento do filho do homem, isto é, da lei de amor

e de caridade que ele personifica e que, praticada na Terra, determinará a regeneração da espécie humana, os que se houverem *conservado estacionários*, deslumbrados pela luz que de súbito lhes brilhará aos olhos e devorados pelo fogo do remorso, serão varridos da Terra, sobre a qual, no tempo predeterminado, descerá o unguido do Senhor.

Nesse momento, como já o explicamos, estará *completamente terminada* a separação do trigo e do joio e os Espíritos que ficarem habitando o vosso planeta terão entrado na fase *espírita*. Já explicamos também que a separação será feita a seu tempo e anunciamos estar próxima a época em que começará.

Aqui nos referimos somente aos Espíritos que, até essa época final de depuração, tenham tido permissão para reencarnar na Terra, porquanto, já então, muitos outros mais atrasados e rebeldes do que esses terão sido afastados dela.

Sim, os que até ao último momento se mostrarem recalcitrantes e cujo banimento por isso se executará, ficarão deslumbrados pela luz que de súbito lhes brilhará ante os olhos e o fogo dos remorsos os devorará, que lhes será dado compreenderem o que perdem, a fim de que vivo se lhes torne o desejo de reconquistá-lo. *De reconquistá-lo*, sim, porque *todos* têm que chegar à perfeição. Deus o quer. É a lei imutável do progresso. Os Espíritos errantes, de ordem inferior, dependem, por assim dizer, do planeta em que encarnam. O mesmo, porém, não sucede com os Espíritos *totalmente libertos da matéria*. Estes gozam da independência e da liberdade de irem, conforme ao grau de sua elevação, de um planeta a outro, de voltarem *portanto ao* planeta, já então depurado, donde foram expulsos, banidos, por se mostrarem recalcitrantes em consequência da sua inferioridade moral.

(Vv. 31-32.) Que as preocupações materiais *não dominem* o pensamento do homem, desde que

haja compreendido que lhe cumpre, sem mais demora, pensar no seu futuro espiritual.

Para avançar no caminho da espiritualidade, preciso é que não olhe para trás, nem lamente os bens materiais que porventura perca. A mulher de Ló, preocupada com os bens materiais que abandonava no lugar do desastre, se *demorou* e foi vítima.

Segundo a tradição da "*Gênese*" (cap. XIX, v. 26), ela se "transformou em estátua de sal". Puerilidade de racontos. Foi atingida pelo raio, sem ser atirada ao chão. Caiu depois reduzida a cinzas, o que fez supusessem ter sido transformada numa estátua de sal que se derreteria. Ingenuidade das eras primitivas.

As palavras alegóricas dos versículos 31 e 32, que tocaram e impressionaram as inteligências dos que as ouviram e que haviam de tocar as das gerações que se sucederam, Jesus as dirigia igualmente à vossa e às que se seguirão, porquanto estão próximos agora os tempos em que começará a depuração da Terra. Já desponta a aurora do advento do filho do homem, isto é, da lei de amor e de caridade por ele personificada; já essa aurora começa a tingir os horizontes do vosso planeta. Pensai, pois, nas vossas almas. Não vos deixeis absorver pelas preocupações, pelos cuidados, pelas paixões da vida material. Enchei-vos de zelo e de solicitude pelo vosso progresso moral e intelectual e pelo futuro dos vossos Espíritos, pelo progresso moral e intelectual dos vossos irmãos e pelo futuro de seus Espíritos.

(V. 33.) "Todo aquele que procurar salvar a vida perdê-la-á e todo aquele que a perder salva-la-á".

Compreendi bem, em verdade, segundo o espírito envolto e velado pela letra, o pensamento de Jesus, expresso aqui de um duplo ponto de vista.

Aquele que só vive para o presente, aplicando todos os seus esforços em conservar a existência

corporal, chegará, por mais que faça, ao termo dela, perdê-la-á portanto. Mas como, ao perdê-la, não haja preenchido as condições necessárias, pois que só cuidou de salvaguardar a matéria e não de salvar a alma, ver-se-á obrigado a recomeçar. Assim aquela vida perdida ele a achará de novo, reabrindo-lhe a estrada que terá de percorrer para alcançar o prêmio.

Aquele que trata de salvar a vida espiritual perderá a vida material, mas tornará a achar, do outro lado do túmulo, a que não tem fim. Perdendo uma, pelo pouco apreço que lhe deu com o cuidar especialmente do progresso da sua alma, ganhará a vida que ambicionava, a *reencontrará* para lá da morte.

É essa uma regra geral. Assim *foi, assim será*, em todos os tempos, para todos, de conformidade com a lei imutável da expiação, da reencarnação que, para todo Espírito que faliu, constitui a escada santa que lhe cumpre subir, a fim de se purificar, de se elevar e chegar à perfeição moral que conduz a Deus.

As palavras *alegóricas* e *veladas* de Jesus, constantes deste versículo, aludiam aos Espíritos atualmente encarnados, os quais, por se conservarem atrasados, recalcitrantes, rebeldes, na época da depuração do vosso planeta, onde, até então, se lhes terá permitido reencarnar, serão afastados dele e constrangidos à reencarnação em planetas inferiores, onde terão que *recomeçar, onde encontrarão de novo*, abrindo-lhes a estrada que lhes cumpre percorrer para alcançarem o prêmio, a vida corporal, anteriormente perdida. Também esses, quando se decidirem a salvar a vida espiritual depois de terem perdido a corporal, *reencontrarão*, para lá da morte, a vida que ambicionavam, a que não tem fim.

(Vv. 34-35.) Nem todos se acharão no mesmo grau de adiantamento, na época da purificação

do vosso planeta. Conseqüentemente, não poderão todos ser admitidos à mesma existência. Ter-se-á que fazer uma escolha em todas as condições humanas. a isto que Jesus alude, também *alegórica e veladamente*, referindo-se aos Espíritos a quem se permitirá a reencarnação na Terra, uma vez concluída a separação do joio e do trigo.

(Vv. 36-37.) A esta pergunta dos discípulos: "Onde será isso, Senhor?" dá Jesus a seguinte resposta evasiva: "Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias".

Não devendo os apóstolos e os discípulos compreender, segundo o espírito, o que o Mestre lhes acabava de dizer, efetivamente não compreenderam e tomaram aquela resposta no sentido de que Jesus não queria precisar o lugar.

O Mestre deu caráter evasivo à sua resposta pela mesma razão por que falava usando de *figuras emblemáticas*, que se podiam aplicar ao presente e ao futuro. Dizia aos homens o que estes podiam suportar e da maneira por que deviam suportar e ainda de modo a que, servindo suas palavras ao presente, preparassem o futuro, até aos tempos em que a nova revelação viria despojar o *espírito* da *letra* que *intencionalmente* o envolvia e velava.

A nova revelação nós vo-la trazemos pela vontade do Senhor onipotente, da parte do *Cristo*, em nome do *Espírito da Verdade*.

Eis aqui, posto a *nu*, o pensamento do Mestre: Ele falava *então* do vosso planeta, submetido à sua direção. Pela resposta que deu aos discípulos deveis compreender que a superfície do globo terreno tem que testemunhar a renovação que suas palavras veladas visavam anunciar.

Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias significa: que o progresso tem que atingir todos os pontos do vosso planeta, a fim de que também este possa progredir, que por toda parte onde haja na Terra humanidade, haverá pro-

gresso e mudança, isto é: transformação física, moral e intelectual. Haverá transformação *física* com relação aos corpos, que, como o planeta, passarão progressivamente por estados cada vez menos materiais e depois fluidicos. Haverá transformação *moral e intelectual* com relação aos Espíritos.

Aquelas palavras significam também que, para realizar-se a purificação que há de conduzir àquele progresso e àquela mudança, onde quer que haja faltas haverá o castigo com o fim paternal de melhoramento e de progresso, mediante expiações na erraticidade e reencarnações sucessivas, até que o joio se ache separado do trigo. Significam ainda que, onde quer que a depuração se tenha completado, os Espíritos purificados se reunirão.

O que do vosso planeta dizia Jesus se aplica, como lei geral, natural e imutável, a todos os que, quais a Terra, saíram dos fluidos incandescentes, tendo que seguir igualmente uma marcha progressiva e ascensional. Esses planetas são os que, conforme o explicamos nos ns. 56 e seguintes, servem, uns ao desenvolvimento das essências espirituais primitivas até que, como Espíritos em formação, tenham chegado ao período preparatório da humanização; outros às encarnações dos Espíritos formados que faliram, encarnações estas que se verificam *segundo o grau da culpabilidade deles e nas condições que o progresso desses Espíritos exige*. Sob este duplo aspecto, tais encarnações serão: ou primitivas, isto é, em planeta ainda virgem do aparecimento do homem, ou em planeta que, após esse aparecimento, adquiriu algum progresso, passou por alguma mudança.

N. 227. Desde o aparecimento do homem na Terra se hão dado numerosas revoluções planetárias parciais e nesses cataclismos raças humanas devem ter desaparecido, fósseis humanos devem fazer enterrados nas camadas geológicas. Entretanto, até ao pré-

sente², mal se descobriram vestígios desses fósseis humanos e assim mesmo, no campo da ciência humana, se discute e contesta o resultado das explorações recentemente feitas.

Esta é uma questão que sai do quadro que vos foi traçado. Nem todos os cataclismos que revolveram o globo em que habitais foram testemunhados pelo homem. Muitos lhe haviam conformado a superfície antes que este aí surgisse. O homem fóssil existe parcialmente. Mas, a natureza do arcabouço humano não sendo tão forte, e longe está de o ser, quanto a dos animais contemporâneos do seu aparecimento na Terra, muito pouco resta dele. As explorações se ampliarão e as descobertas da Ciência crescerão. Porém, a tal respeito, nada mais nos cabe dizer, pois que não estamos para vos fazer, *aqui*, um curso de História Natural.

² Esta questão foi proposta no mês de Dezembro de 1864.

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 18-20

*Poder de ligar e desligar dado por Jesus aos apóstolos.
— Sua presença onde duas ou três pessoas se
acharem reunidas em seu nome*

V. 18. Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu; e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu. — 19. Também vos digo que, se dois dentre vós se reunirem na terra, aquilo que pedirem lhes será concedido por meu pai que está nos céus. — 20. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles.

N. 228. (V. 18.) Já explicamos o que deveis *entender* pelo poder de *ligar e desligar* que Jesus declarou terem os seus apóstolos. Reportai-vos ao que dissemos atrás.

Os discípulos de Jesus já eram esclarecidos e ainda o haviam de ser mais quando lhes fosse dada toda a luz, *nos limites da missão terrena de cada um*. Já de si mesmos elevados, inspirados e guiados pelos Espíritos superiores, eles se achavam em condições de julgar com sabedoria, com acerto, da moralidade, dos sentimentos dos homens. Não sabeis, por exemplo, que Pedro condenou a Ananias?³

É que, advertido misteriosamente, isto é, como médium audiente, pelos Espíritos superiores, da perfídia do mesmo Ananias, Pedro se achou em estado de julgá-lo com segurança.

A perspicácia dos apóstolos, que todos eram médiuns inspirados, audientes, resultava da elevação pessoal deles e dos avisos que recebiam de seus guias espirituais.

Depois de *Ihes* haver declarado: "*Em verdade vos digo: tudo o que ligardes na Terra será ligado*

³ Atos dos Apóstolos, cap. V, vv. 1-10.

no céu", Jesus não acrescenta: "*Em verdade também vos digo que tudo o que os vossos descendentes, na sucessão dos tempos, ligarem na Terra será igualmente ligado no céu; e tudo o que desligarem na Terra será desligado no céu*". O Mestre só se dirige aos apóstolos e não a seus "*sucessores*" *degenerados!*

Abstração feita dos cultos externos, entre os sucessores dos Apóstolos (Judeus e Gentios) alguns houve, como entre vós alguns ainda há, que, pela sua santidade e por suas faculdades mediúnicas, com a assistência e o concurso dos bons Espíritos, de seus guias espirituais, podem colocar-se *em estado de ligar* e de *desligar*, no verdadeiro sentido destas palavras, que já vos mostramos qual seja. Mas, quão reduzido é o número desses!

(Vv. 19-20.) Ao proferir estas palavras : "Também vos digo que, se dois dentre vós se reunirem na Terra, aquilo que pedirem lhes será concedido por meu pai que está nos céus", Jesus se dirigia a homens piedosos, cujos pensamentos e aspirações buscavam o céu. Assim, pois, falava do ponto de vista das graças celestes e não do das mesquinhas preocupações da vossa humanidade.

Promete aos que se reúnam em seu nome que o que pedirem lhes será concedido por Deus. Já não o tendes verificado muitas vezes por experiência própria?

Mas, para que Deus escute as preces que se lhe dirigem, preciso é que sejam feitas, não com os lábios, e sim com um sentimento profundo e santo; que aquele ou aqueles que pedem o façam com a ardente confiança de que serão ouvidos, de que serão atendidos. É preciso ainda — escusado nos parece lembrá-lo — que santo e justo deve ser o espírito da súplica.

Muitos dirão: "Temos pedido, animados de todos esses sentimentos, e nada obtivemos". Sa-

beis porventura se era oportuna a vossa súplica? Sabeis se o que pretendíeis com tanto afã não vos seria de resultados desastrosos? Sabeis se o vosso pai não vos atendeu para a vida eterna, quando lhe pedíeis uma graça temporal?

(V. 20.) Jesus promete estar com aqueles que se reunirem em seu nome. Quando estiverdes dois ou três reunidos, assim como quando fordes mil, o Senhor virá até vós e seu ouvido estará aberto aos vossos rogos.

Mas, para que tal se dê, é indispensável que estejais *verdadeiramente* reunidos *em seu nome*, isto é, com o desejo de lhe seguir a lei, animados reciprocamente do amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a vós mesmos, esforçando-vos de modo sério e perseverante por proceder com os outros como queríeis que procedessem convosco, decididos a fazer pelos outros, material, moral e intelectualmente, o que desejaríeis vos fizessem.

Já conheceis a influência atrativa que exercem os fluidos simpáticos. Eles são o laço que aproxima, um do outro, Espíritos, senão da mesma ordem, pelo menos animados dos mesmos sentimentos, dos mesmos gostos, dos mesmos pendores.

Tais fluidos se atraem uns aos outros por analogia de espécie, de natureza, estabelecendo as relações entre os Espíritos. Quando, pois, obedecendo ao mesmo pensamento, concorrendo para uma mesma obra, alguns homens se reúnem, as simpatias que eles atraem se lhes vêm grupar em torno. *Assim*, às reuniões de homens frívolos e vãos acorrem Espíritos vãos e frívolos.

Se, portanto, intimamente unidos pelo amor a Deus, vos reunis para a obtenção de suas graças, se formais uma cadeia simpática, bastante sólida, aquele para cuja proteção apelais acode ao vosso chamado, no sentido de que seus emissá-

rios vos cercam, vos banham nos eflúvios de amor que implorais.

Não deduzais daí seja preciso que vos aglomereis num certo ponto para que as graças do Senhor afluam. Ah! são tão raros os homens animados de bons sentimentos, do verdadeiro sentimento de amor, que, quando se reúnem, ainda que em pequeno número, há sempre entre eles tíbios, indiferentes, ou indignos. O Senhor, porém, sabe contar suas ovelhas e caras Ihes são as cabeças fiéis.

N. 229. Em nome da Igreja romana, o texto do v. 20 é entendido sob diversos pontos de vista. *Em primeiro lugar*, para fazerem de seus concílios uma arma, considerando-os como meio, superior a quaisquer outros, de se obter a verdade, a sã e legítima interpretação das sagradas escrituras, *dizem*: "Que respeito não devem merecer os concílios nos quais toda a Igreja se acha reunida, na pessoa de seus pastores, para *esclarecimento* da verdade, reforma dos costumes, estabelecimento da disciplina e *interpretação* das santas escrituras! — Cegos são os que preferem ou equiparam seus sentimentos aos dessas santas assembléias!"

Nesse instante e quando ia eu prosseguir, fui interrompido. A mão do médium, fluidicamente impelida, escreveu isto, em resposta:

Detende-vos aqui. Jesus disse: "Onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em meu nome, eu aí estarei entre elas".

Jesus sabia quão difícil é reunirem-se os homens em grande número, animados dos *mesmos sentimentos* e do *mesmo espírito*.

Não tendes mais do que perguntar à Igreja em que concílio uma só questão religiosa se resolveu por *unanimidade*, sem discussão, sem controvérsias, muitas vezes acerbas.

Ora, se nos concílios, compostos de "*homens de Deus*", "*infallíveis*" em seus julgamentos, os

pareceres eram diversos; se membros desses mesmos concílios mantinham suas opiniões contra a maioria *triumfante*, *quais* as influências que guiavam os do sacro colégio?

Desde que controvertidas se mostram as opiniões nos concílios, *por que meio* se há de determinar o que é inspirado pelo "Espírito Santo" e o que o é por "Satanás"?

Dirão: pela sabedoria humana, pela experiência, pelo estudo, pelas tradições.

Respondei-lhes vós: pela razão.

Continuai.

Acrescentam: "Só a Igreja pode ter e tem a verdade; só ela, reunida em concílio, é *infallível*, pois que só ela é assistida e inspirada pelo Espírito Santo.

Respondei à Igreja: Infallível só Deus o é. Vossos pastores, quer isolados, quer reunidos em concílio, são tão falíveis quanto os outros homens, sujeitos, como estes, às boas influências, que vêm do *Espírito-Santo*, e às más, que vêm de *Satanás*. Essas influências eles as atraem *conforme à natureza, boa ou má*, de seus sentimentos, pensamentos e inclinações.

Se os vossos pastores, quando reunidos em concílio, fossem infalíveis, por terem a assisti-los e inspirá-los, a lhes guiar o juízo o *Espírito Santo*, haveria entre eles unidades de vistas, suas decisões seriam *unâнимes* e assinaladas todas pelo cunho da caridade, da tolerância e do amor universal.

Não nos objeteis que a infalibilidade está com a maioria dos membros dos vossos concílios. Como o provareis?

Ao contrário, a minoria deles é que tem marchado, como ainda hoje é a minoria dos que compõem a vossa comunidade que marcha nas pegadas do Mestre; que deu e dá, *não* por palavras, *mas* pelos pensamentos e pelos atos, exem-

plos de doçura, de humildade, de desinteresse, de frugalidade, de temperança, de sobriedade, de castidade, de paciência, de resignação, de caridade e de amor para com todos. Quais, dentre os da maioria dos vossos concílios, os que, imitando os apóstolos e os seus primeiros imitadores, não exemplificaram a abnegação e o devotamento, a tolerância e a fraternidade para com todos os homens igualmente (Judeus e Gentios), abstração feita dos cultos externos, chamando-os *todos* a si e lhes dizendo do fundo do coração: Não temos senão um pai, que está nos céus, não temos senão um senhor e mestre — o Cristo e todos somos *irmãos*?

Não era na maioria dos membros dos vossos concílios que se encontravam o orgulho, a ambição, o fanatismo, a intolerância, muitas vezes o egoísmo e não raro a incredulidade?

Quem então os assistia e inspirava, quem lhes presidia às decisões — o *Espírito Santo*, isto é, os bons Espíritos, os Espíritos de luz e de verdade, ou, ao contrário, *Satanás*, isto é, os maus "Espíritos, os Espíritos de erro e de mentira?"

Em segundo lugar, não dito, para afastar da revelação espírita os homens, que só *Satanás* teve e tem o poder de se comunicar, que só ele se comunica mediunicamente com os deste mundo."

Não vos detenhais com essas puerilidades interesseiras, monstruosas em si mesmas, devidas à ignorância ou à má-fé, e que são desmentidas não só pelas tradições históricas, pelos fatos ocorridos em todos os tempos e entre todos os povos, como também pelas sucessivas revelações que o Senhor vos tem enviado. A lei natural é imutável da atração magnética, assim no domínio espiritual como na esfera material, não existiu sempre, de toda a eternidade?

Não é sob a influência atrativa dos fluidos simpáticos que em todos os tempos se verificaram

as relações entre os Espíritos errantes e os encarnados, que estes e aqueles foram e são atraídos uns para os outros, desde que os mesmos sentimentos e pensamentos, os mesmos gostos e inclinações existem nuns e noutros?

Não é em virtude da atração que esses fluidos exercem uns sobre os outros por analogia de espécie, de natureza, que o encarnado, conforme sejam bons ou maus seus sentimentos, pensamentos, gostos e pendores, atrai a si, pela inspiração, as boas, ou más influências ocultas, ou, pelas comunicações mediúnicas, as ostensivas?

A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, a ação mediúnica, oculta ou ostensiva, consciente ou inconsciente, não existiram sempre? Não foram o instrumento e o caminho de todas as revelações feitas aos homens? Não foram elas que desde a origem dos tempos, desde a mais remota antiguidade até aos dias de hoje, inspiraram aos homens a idéia da sua origem espírita, as da imortalidade da alma e da divindade?

Não são elas que os têm trazido sempre sujeitos às boas e às más influências, conforme às condições morais de cada um; que lhes infundiram as crenças politeístas, preparatórias do advento do monoteísmo; que os levaram a fazer de todas as virtudes, como de todas as paixões e de todos os vícios, Deuses?

Não serviram para preparar entre os "Gentios", com o auxílio de Espíritos encarnados em missão, a crença esclarecida na imortalidade da alma, na unidade divina, no monoteísmo, na reencarnação?

Porque, ao povo hebreu, atrasado e supersticioso, mas destinado a constituir-se o depositário da crença monoteísta, para transmiti-la às gerações futuras, proibiu Moisés que interrogasse os *mortos*, que lhes pedisse a verdade, senão para preservá-lo de ser, pelos Espíritos inferiores e impuros que o cercavam, desviado da senda por

onde Ihe cumpria enveredar? E Moisés, bem como, depois dele, os profetas prepostos ao advento da era nova do monoteísmo, não se comunicavam, pela ação mediúnica, tanto oculta quanto ostensiva, com o "*Espírito Santo*", isto é, com os Espíritos bons, com os Espíritos superiores, que os assistiam, inspiravam e guiavam, em nome do Senhor?

A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, existente desde todos os tempos, antes mesmo que Moisés viesse desempenhar a sua missão, antes que a Igreja católica instituísse os dogmas da queda dos anjos, do demônio, de Satanás, da condenação eterna, não continuou a verificar-se até aos dias que correm?

Ao longo da marcha dos séculos não se vos deparam marcos que vos dizem: "Parai aqui e encontrareis traços de fatos idênticos aos que vos surpreendem; escavai, procurai e muitos outros descobrireis, que as chamas das fogueiras, os instrumentos de tortura e os cárceres furtaram ao conhecimento dos homens?"

Onde, senão nessa comunicação entre os mundos espiritual e corporal, tem ido a Igreja buscar os elementos de beatificação dos que viveram no seu meio e que a influência mediúnica não fez sair do círculo de seus ensinamentos dogmáticos, de seus mandamentos humanos? Daquela comunicação entre os mundos visível e invisível não tirou a Inquisição tantas vezes motivo para condenar à morte pelas torturas, ou nas fogueiras, os que a seu ver estavam, por efeito da influência mediúnica, fora do redil da Igreja?

O Espiritismo, lei natural e imutável estabelecida por Deus de toda a eternidade, pelo simples fato da sua *existência*, real, ou considerado como sendo apenas a *comunicação entre o mundo espiritual e o mundo corporal*, não é uma revelação nova. Não deveis tomar esta denominação como indicando que se vos há explicado um mistério

recém-importado para vos reconduzir, não. Trata-se *tão-somente* de uma ampliação dada hoje ao que sempre existiu. A liberdade de consciência, de que hoje gozais, permitiu que fatos outrora abafados se pudessem agrupar, formando um conjunto que vos atraísse a atenção. Porém, essa amplificação das relações entre as almas livres e as prisioneiras não constitui uma revelação nova. O Espiritismo vos traz uma revelação, não pelo simples fato de *existir*, repetimos, *mas pelas explicações que vos dá*, em espírito e verdade, *das vossas origens e fins e pelos meios que vos proporciona de chegardes a esses fins*.

Negar a ação mediúnica, oculta ou patente, do Espírito Santo, isto é, dos Espíritos bons, dos Espíritos de luz e verdade, sobre os homens; negar a comunicação entre eles e estes; não admitir, como comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, senão a de "Satanás", isto é, dos Espíritos maus, dos Espíritos do erro e da mentira, *equivale* a rejeitar todo o passado da humanidade terrena, as tradições de todos os fatos que ela registrou, todas as revelações que vos têm sido sucessiva e progressivamente trazidas, o Antigo e o Novo Testamentos, os fatos, que um e outro relatam, de manifestações espíritas, de comunicação dos "anjos", isto é, dos bons Espíritos, dos Espíritos purificados, com os homens.

Como foi, senão por uma manifestação espírita, por uma comunicação do mundo espiritual com o corporal, que Deus enviou a Moisés, no Sinai, as tábuas da lei, o Decálogo? ⁴

De que modo, senão por meio de uma manifestação espírita, de uma comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, foi o Messias anunciado a Abraão e depois aos Hebreus pelos profetas de Israel? Que eram estes, senão me-

⁴ Ver o que a este respeito se diz nas explicações dos Mandamentos.

diuns inspirados, audientes, instrumentos inconscientes dos Espíritos do Senhor? De que modo, senão por aquele, Jesus, Espírito, puramente Espírito, perfeito, *visualmente* encarnado, *para os homens*, Ihes trouxe, desempenhando a sua missão terrena, a boa nova, a lei de amor, a regeneradora doutrina, que não era sua mas daquele que o enviara? De que maneira, senão por uma manifestação espírita, Ihes fez ele, proferindo palavras proféticas *também veladas*, a *velada* revelação do futuro do vosso planeta e da sua Humanidade? Por que maneira outra Ihes prometeu o advento do Consolador, que é o *Espírito Santo*, do Espírito da Verdade e, conseqüentemente, das comunicações dos bons Espíritos, dos Espíritos purificados, com os homens, nos tempos predeterminados pelo Senhor, tempos cujos sinais se produziram outrora, se produzem hoje e se produzirão cada vez mais na Terra?

Negar a ação mediúnica, oculta ou manifesta, do Espírito Santo, ou seja: dos bons Espíritos, dos Espíritos de luz e de verdade, sobre os homens e não admitir, como comunicação do mundo espiritual com o corporal, senão a de "Satanás", ou seja: dos Espíritos maus, dos Espíritos de erro e de mentira, é insultar a justiça, a bondade e a misericórdia infinitas de Deus; é negar a sua sabedoria infinita, a sua providência e a ação desta entre os homens, negando ao mesmo tempo a lei imutável do progresso, que rege o universo inteiro e que vos conduzirá à perfeição, lei essa da qual a do sofrimento, da expiação, constitui uma modalidade de que a vossa humanidade ainda necessita, no período de inferioridade moral em que ainda se acha o vosso planeta.

Em terceiro lugar, dizem: Se os bons Espíritos, órgãos do Espírito da Verdade, podem comunicar-se com os homens, igualmente o podem os maus, mentirosos, hipócritas inteligentes e hábeis, anjos de tre-

vas, transformando-se em anjos de luz. Falível de si mesma a razão humana e, portanto, incapaz de, com exatidão, distinguir da mentira e do erro a verdade, nas comunicações mediúnicas, impossível se torna saber se a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal é obra da verdade, ou se, ao contrário, é obra de erro e mentira, uma vez que o homem não tem meios de saber com certeza se o Espírito que se comunica é órgão do *Espírito Santo*, do *Espírito da Verdade*, ou de "Satanás".

Esta objeção inquina igualmente de incerteza as decisões dos concílios, que se dizem estar sob a inspiração do Espírito Santo. Como acima vos fizemos notar, desde que não há entre os membros da Igreja, quando reunidos em concílio, *unanimidade* de sentimentos, de pensamentos, de vontade, de aspirações, há dupla influência: *uma boa*, a outra *má*. Quais os que recebem a boa? Tal a questão a resolver.

Para as inspirações da Igreja, como para as dos médiuns, há um critério infalível: a consciência, que exerce a sua ação fiscalizadora por meio da razão, verdadeiro testemunho de Deus entre os homens.

Esquadrinhai a história dos papas, dos concílios e buscai nos julgamentos proferidos os sentimentos de abnegação, de desinteresse, de amor universal que lhes presidiram às decisões. *Quando os houverdes encontrado* podereis dizer: "*Isto* emanou verdadeiramente do "*Espírito Santo*".

Para as comunicações particulares, a pedra de toque é a mesma. Onde quer que se vos deparem o amor e a caridade abatendo o orgulho, a avareza, a ambição, os vícios que disputam a posse da humanidade e a dilaceram, podereis dizer: "*Isto* provém dos bons Espíritos do Senhor; foi o Espírito Santo quem inspirou os médiuns."

Na ordem espiritual, pelo que concerne às verdades de além-túmulo que vos são *espiriticamente* reveladas, bem como pelo que toca às verdades

que surgem no campo da ciência humana, há também o mesmo critério infalível: a consciência, que exerce a sua ação governativa por meio da razão e que, mediante as contradições, sob a ação do progresso dos tempos e das inteligências, assegura a vitória de todas as verdades e determina a condenação de tudo o que seja erro ou mentira.

Não esqueçais as palavras, já por nós explicadas, que Simeão pronunciou no templo, falando de Jesus, que é a *luz do mundo, o caminho, a verdade, a vida, o Cristo de Deus, o Espírito da Verdade*, por ser desta personificação, o complemento e a sanção: "Este menino que aqui vedes vem para *ruína e ressurreição* de muitos em Israel, *para ser alvo das contradições dos homens*".

As revelações são sucessivas e progressivas. Cada uma *explica e desenvolve* a que a precedeu e é *explicada e desenvolvida* pela que a segue. Cada uma é sempre apropriada ao estado das inteligências e às necessidades da época e vem pela vontade de Deus para, segundo a sua presciência e sabedoria infinitas, conduzir a humanidade pela senda ascensional do progresso.

Assim como, sob o regímen da lei antiga, *houve* Moisés e os profetas, que eram médiuns, inspirados, audientes, videntes, conforme a natureza e as exigências da missão que lhes cabia na execução da obra progressiva; assim como, para a revelação que o Cristo vos trouxe, houve os apóstolos, os discípulos, que também eram médiuns, inspirados, audientes, ou videntes, conforme as condições e as necessidades da missão que lhes tocara na grande obra de regeneração da humanidade terrena; hoje, *igualmente*, para a revelação que, em nome do Espírito da Verdade, vos trazem os Espíritos do Senhor, há e haverá cada vez mais, no futuro, médiuns de confiança, fiéis, e missionários encarnados para, com o concurso desses médiuns, receberem mediunicamente e espalharem a luz e a verdade. Dissemos que,

no futuro, haverá cada vez mais médiuns, porque, como já tivemos ocasião de vos declarar, Deus nada espera dos efeitos do "acaso". Tudo tem sido, é e será preparado pelas encarnações necessárias.

As verdades *espíriticamente* reveladas serão alvo *das contradições*, como sucede com todas as verdades que surgem entre os homens. Mas, das contradições, como sempre acontece no seio da humanidade, é que sairá, com o progresso dos tempos e das inteligências, pela ação contínua do vosso desenvolvimento físico, moral e intelectual, o triunfo para aquelas verdades.

Auxiliando-vos nessa empresa, tereis a ação, ora oculta, ora patente, dos Espíritos purificados que, sob a direção do Mestre, trabalham pelo vosso progresso, mediante inspirações e comunicações mediúnicas, e tereis também os Espíritos que virão encarnar com a missão de defender essas verdades e de vos levar a reconhecê-las como tais. Eles vos levarão a reconhecê-las, pela liberdade do Senhor, que vem a ser: liberdade de consciência, liberdade de razão, liberdade de exame. Efetivamente, como também já tivemos ocasião de dizer, a liberdade do Senhor implica, para vós, o uso *livre* da razão, a *apreciação* dos fatos e das coisas, a aplicação da ciência, a *marcha progressiva* em todos os assuntos, mas tudo isso com inteira simplicidade de coração, com humildade de Espírito, desinteresse e desejo de progredir, tendo por guias únicos o amor de Deus acima de tudo e o amor ao próximo *mais* do que a si mesmo.

Em quarto lugar, dizem finalmente: "Todos se devem abster de qualquer comunicação com o mundo espiritual, de quaisquer comunicações mediúnicas, atendo-se todos à revelação trazida por Moisés, à revelação trazida pelo próprio Jesus quando desempenhou a sua missão terrena, às interpretações que a Igreja

deu a essa dupla revelação e repelindo a revelação espírita."

Porventura a revelação que Moisés trouxe *impedi*u o aparecimento dos numerosos profetas que surgiram em Israel, todos esses Espíritos em missão, médiuns inspirados e guiados pelos Espíritos do Senhor, tendo todos por objetivo reconduzir os Israelitas às crenças puras, libertando-os dos laços com que os tinham presos a tradição e a ambição dos levitas?

A segunda revelação, que aceitastes porque a vistes predita no Antigo Testamento, não vos anunciou, por sua vez, que em si não trazia aos homens a última palavra, pela razão de não se achar a inteligência destes em estado de a compreender? — Há mil e oitocentos anos não se têm erguido profetas, quais os de Israel, anatematizando as heresias introduzidas nos Evangelhos tão brandos e simples de Jesus? Combates não se travaram entre os enviados que pregavam a lei *pura* e a ela queriam *voltar* e os que a tinham *falseado* e queriam mantê-la *falseada* pelas práticas materiais, pelos dogmas, pelos mandamentos humanos?

E ainda agora não vedes os sinais dos tempos? Na segunda revelação Jesus predisse e prometeu aos homens que, nos tempos do "fim do mundo", do céu cairiam as estrelas e as virtudes do céu se abalariam; que, em seu nome, o pai Ihes enviaria o Consolador, que é o Espírito Santo, o qual Ihes ensinaria todas as coisas e Ihes lembraria quanto ele dissera; que o Espírito da Verdade viria e que, quando viesse, Ihes ensinaria toda a verdade, porquanto não falaria por si mesmo e sim diria o que houvesse escutado; que Ihes anunciaria as coisas porvindouras e que seria o mesmo Espírito da Verdade quem o glorificaria.

Os tempos preditos chegaram. Os Espíritos do Senhor (virtudes dos céus que se abalaram,

estrelas que do céu caem ao mesmo tempo sobre todos os pontos do vosso planeta, consolador que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade) estão vindo preparar e realizar o fim do mundo do erro e da mentira, glorificar a Jesus, recordar-vos tudo o que este disse, explicando, *em espírito e verdade*, e desenvolvendo os seus ensinamentos, ensinar-vos progressivamente toda a verdade e anunciar-vos as coisas que hão de vir.

A terceira revelação, que assim vos trazem os Espíritos do Senhor, enviados pelo pai em nome de Jesus, vos é feita na medida do que podeis suportar e continuará progressivamente a ser feita, na medida do que vos for sendo possível receber.

Ainda agora, não acrediteis que tendes a revelação integral. Os Espíritos do Senhor vêm preparar o novo advento de Jesus que, quando fordes capazes e dignos de recebê-lo, vos virá mostrar *sem véu a verdade*, da qual ele é, como Espírito da Verdade, o complemento e a sanção.

NOTA DA EDITORA — Na época em que essa obra foi transmitida, ainda não havia sido criado o dogma da infalibilidade papal. — W.

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 21-35

Perdão das injúrias e ofensas. Parábola dos dez mil talentos

V. 21. Então, aproximando-se dele, Pedro lhe perguntou: Senhor, perdorei a meu irmão todas as vezes que pecar contra mim? Fá-lo-ei até sete vezes? — 22. Respondeu Jesus: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. — 23. Por isso o reino dos céus se assemelha a um homem rei que quis tomar contas aos seus servos. — 24. Tendo começado o ajuste, apresentou-se-lhe um que lhe devia dez mil talentos⁵. — 25. Como não tivesse com que os pagar, ordenou seu senhor que fossem vendidos ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía, para pagamento da dívida. — 26. Aquele servo, porém, lançando-se-lhe aos pés, lhe suplicava: Senhor, tem paciência comigo e tudo te pagarei. — 27. O senhor, então, compadecido dele, o mandou embora e lhe perdoou a dívida. — 28. Dali saindo, entretanto, aquele servo encontrou um companheiro que lhe devia cem denários⁶ e, agarrando-o, lhe dizia, a sufocá-lo: Paga o que me deves. — 29. O companheiro, lançando-se-lhe aos pés, lhe rogava: Tem paciência comigo e tudo te pagarei. — 30. O outro não quis; foise dali e mandou metê-lo no cárcere até que pagasse o que devia. — 31. Vendo os outros servos, seus companheiros, o que se passava, ficaram muito contristados e foram contar ao senhor o que havia ocorrido. — 32. Então o senhor o chamou e lhe disse: Servo mau, eu te perdoei, porque me pediste, toda a tua dívida; — 33, não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, como tive de ti? — 34. E, irritado, o entregou aos verdugos até que pagasse toda a sua dívida. — 35. Assim também fará convosco meu pai celestial, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do *intimo do coração*.

⁵ Um talento tinha o valor aproximado de dois mil cruzeiros, moeda brasileira, em 1952.

⁶ Moedas de prata do valor de 20 centavos.

N. 230. Nunca leveis em conta a ofensa, ó bem-amados. Sede sempre prontos a perdoar tantas vezes quantas vos ofenderem. Seja infatigável a vossa indulgência.

Não esqueçais que o Senhor vos julgará do mesmo modo por que houverdes julgado os vossos irmãos. Saldai, pois, todas as suas dívidas, dai-lhes tempo para pagá-las, como o Senhor lhes dá.

Não esqueçais que vós, que haveis recebido ofensas, que sois credores dos vossos irmãos, tendes ofendido a vosso pai e lhe deveis muito mais do que vos devem. Se, portanto, quereis que para convosco use ele de misericórdia, sede misericordiosos. Se quereis que ele esqueça, esquecei. Repeti continuamente, no *fundo dos vossos corações*, esta sentença tão grande e que constitui a chave de todos os ensinamentos: "Não façais a outrem o que não desejaríeis que vos fizessem." Lembrai-vos sempre desta outra ainda mais extensa: "Fazei aos outros tudo o que quereíeis que vos fizessem."

Estas palavras encerram o amor fraterno com o máximo de devotamento.

Para fazer ressaltar a necessidade do perdão das ofensas e apontar, sob forma material, intencionalmente veladas, as conseqüências da falta ou da recusa do perdão, Jesus recorreu a uma parábola apropriada aos tempos e às inteligências, capaz de tocar e impressionar as massas populares.

"E o Senhor, irritado, disse ele, entregou o servo mau aos algozes, até que pagasse o que devia". E acrescentou: "assim também meu pai celestial fará convosco, se cada um de vós não perdoar do íntimo dalma a seu irmão".

Se não relevardes aos vossos irmãos suas dívidas, se fizerdes sobre eles cair o peso da vossa cólera, o peso de suas faltas, o Senhor, juiz reto, usará de represálias. A sua indulgência não se estenderá por sobre aquele que não tenha sabido

ser indulgente. Sim, a falta ou a recusa de perdão das ofensas é egoísmo, secura de coração, muitas vezes efeito do orgulho, vícios estes que são raízes fortes para o *crescimento da carne*. Esforçai-vos, pois, por arrancá-los. Eles constituem casos *de expiação e de reencarnações* e um obstáculo a que o Espírito *saia* dos mundos inferiores, o que só se dará quando se houver tornado capaz de perdoar *sempre, incessantemente, do fundo da alma* a seu irmão.

**MATEUS, Cap. XIX, vv. 1-9 —
MARCOS, Cap. X, vv. 1-9**

Divórcio. — Casamento

MATEUS: V. 1. Tendo acabado de dizer essas coisas, Jesus deixou a Galiléia e foi para os confins da Judéia, além Jordão. — 2. Grandes multidões o acompanharam e ali curou ele os doentes. — 3. Dele se acercaram os fariseus e para o tentarem lhe perguntaram: E lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer causa? — 4. Respondeu Jesus: Não tendes lido que aquele que no princípio criou o homem o criou macho e fêmea e disse: — 5. Por isto o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e serão dois numa só carne? — 6. Assim, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu. — 7. Replicaram eles: Como é então que Moisés mandou que desse carta de repúdio à mulher e a despedisse? — 8. Respondeu Jesus: Por causa da dureza de vossos corações é que Moisés vos permitiu repudiásseis vossas mulheres; mas, no princípio não foi assim. — 9. Eu, porém, vos digo que aquele que repudiar sua mulher, a não ser por motivo de adultério, e casar com outra, comete adultério, assim como aquele que casar com uma mulher repudiada, também comete adultério.

MARCOS: V. 1. Dali partindo, veio Jesus para os confins da Judéia, além Jordão; de novo as multidões se reuniram em torno dele, que recomeçou a ensiná-las, como costumava. — 2. Chegaram então alguns fariseus e para o tentarem lhe perguntaram: E lícito a um homem repudiar sua mulher? — 3. Ele, respondendo, perguntou: Que vos prescreveu Moisés? — 4. Responderam-lhe eles: Moisés permitiu despedir a mulher, dando-lhe carta de repúdio. — 5. Jesus lhes replicou: Por causa da dureza de vossos corações é que Moisés vos escreveu esse mandamento. — 6. Porém, desde o princípio do mundo, Deus os fez macho e fêmea. — 7. Por essa razão o homem deixará pai e mãe e se ligará à sua mulher. —

8. E serão dois numa só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne. — 9. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu.

N. 231. Já vos demos (1º vol., n. 84, página 432) algumas explicações sobre a união do homem e da mulher. Chegou o momento de as completarmos.

Em resposta às duas questões que sucessivamente lhe propuseram os fariseus, Jesus, dando aos homens um ensinamento, se externa, de *modo velado*, sobre a união do homem e da mulher, do ponto de vista da lei divina e do das leis humanas, das leis civis. Respondendo à primeira pergunta, que lhe dirigiram nestes termos: "*É lícito ao homem repudiar sua mulher, por qualquer causa?*" diz ele aos fariseus :

"Não tendes lido que aquele que no princípio criou o homem o criou macho e fêmea" e que disse: "Por isto, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e serão dois numa só carne?"

E acrescentou : "Assim, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu."

Proferindo essas palavras, Jesus atendia ao presente e *preparava* o futuro. Só como consequência e efeito da depuração moral da humanidade, elas se cumprirão integralmente. Por enquanto, continuam sendo palavras ditas para o *futuro*. As forças da civilização e do progresso vos têm preparado para essa obra de depuração moral. O progresso se operou penosamente, lentamente, mas operou-se. Aproximam-se os tempos, se bem estejam ainda muito distantes — em que o homem não mais terá que separar o que Deus uniu.

Cada revelação, como sabeis, apropriada sempre ao estado das inteligências e às necessidades da época, tem por objeto e por efeito servir ao presente e preparar o futuro. O véu que cobre

cada uma delas tem que ser sucessiva e progressivamente levantado pelas que se lhe seguirem.

Assim, à vossa humanidade foi dado o que ela então podia suportar. Dá-se-lhe atualmente o que suportar ela pode e o que puder ir suportando lhe irá sendo dado, na proporção do desenvolvimento do seu progresso moral e intelectual, até ao dia em que Jesus, vosso protetor, governador e mestre, Espírito da Verdade, como complemento e sanção desta, vo-la vier mostrar *sem véu*.

A revelação que trazemos vos vem explicar e tornar compreensíveis, *em espírito e verdade*, o sentido e o alcance das palavras do Cristo.

Já nos ns. 55, 56 e seguintes vos fizemos notar o caráter emblemático da criação segundo a *Gênese*. A formação do homem e da mulher⁷, saindo uma e outro das mãos do Criador, como das do oleiro saem as estatuetas de barro, *é apenas um emblema* representativo da união íntima do macho e da fêmea. Figurou-se que só os dois foram criados, *a fim* de se não separarem.

Moisés, por intuição e revelações mediúnicas, conhecia a origem da alma. Inspirado e guiado pelos Espíritos superiores, revelou, *veladamente*, o que sabia da origem humana. Apresentando o homem e a mulher como saídos *das mãos* do Criador, dava maior importância, quer à obra, quer à queda dos dois e rasgava imensos horizontes ao desejo de coisa melhor. Dizendo que Deus criou à sua imagem o homem e que o criou macho e fêmea, realçava-os a seus próprios olhos', dava-lhes a aspiração do bem, a consciência do que poderiam ser. Ele conhecia, repetimos, a origem da alma, sabia que esta, saída pela vontade de Deus do princípio universal, tem que chegar, progredindo incessantemente, a um estado de pureza que, por assim dizer, a assimila ao Criador.

⁷ Gênese, cap. I, v. 27 e cap. II, vv. 17, 21, 22, 23, 24.

Lembrando as palavras emblemáticas da *Gênese* e acrescentando: "*Assim, já não são dois, mas uma só carne; não separe, pois, o homem o que Deus uniu*", mostra Jesus o caráter de indivisibilidade de que, segundo a lei divina, se deve revestir a união do homem e da mulher, para cumprirem os dois, em comum, unidos os corpos e as almas, todos os deveres decorrentes dessa união na peregrinação terrena.

A lei divina não é somente de ordem material, é também de ordem moral. O casamento, sob o ponto de vista da *natureza humana*, não é mais do que a união de dois corpos para a reprodução. Não se entreguem eles ao deboche, não se maculem, sofram a ação das leis animais da natureza a que pertencem, e a justiça do Senhor não os atingirá.

Mas, ao lado da lei divina de ordem material, que instituiu a união livre dos sexos para cumprimento da reprodução em todos os reinos da natureza, *está* a lei divina de ordem moral, isto é, a lei do amor, que vedes a se executar em todos os reinos da natureza, de acordo com a do progresso. No reino animal, observareis aquela lei afirmando-se primeiramente sob a forma da promiscuidade; depois, manifestando em certas espécies os sinais *precursores* da união íntima dos corpos e das almas e, portanto, do *cumprimento* destas palavras da *Gênese*, *relativas* ao homem e à mulher: *Serão dois numa só carne*.

A união do homem e da mulher virá a ser ao mesmo tempo livre e indissolúvel, de conformidade com o sentido que, *em espírito e em verdade*, têm aquelas emblemáticas palavras da *Gênese*, lembradas por Jesus aos fariseus. Tal união virá a ser ao mesmo tempo livre e indissolúvel perante Deus, de acordo com a lei natural, pela união inalterável e solidária dos corpos e das almas. E dará livremente frutos de justiça e de castidade, sob a ação da lei do amor, praticando os dois que assim

se unirem, ambos criaturas independentes, livres e responsáveis, todos os deveres que lhes impõem, tanto o estado conjugal, quanto a paternidade e a maternidade com relação aos Espíritos que encarnarem como seus filhos, para se submeterem a novas provas.

A esta outra pergunta dos fariseus:

"Como é então que Moisés mandou que desse carta de repúdio à mulher e a despedisse?"

Jesus respondeu:

"Por causa da dureza de vossos corações é que Moisés vos permitiu repudiásseis vossas mulheres; mas no princípio não era assim."

A princípio, a carta de divórcio só podia ser dada à mulher estéril, por ser a esterilidade considerada *uma deformidade oculta*.

Em tempos mais remotos, quando a ambição, o desejo de acumular riquezas ainda não escravizavam o homem, pouco lhe importava que a sua companheira fosse ou não estéril. Ele satisfazia às exigências da animalidade e nada mais buscava.

Quando se lhe fez sentir a necessidade de formar sociedade, quando os povos pastores surgiram, ou, pelo menos, quando se desenvolveram, a multiplicidade dos filhos se tornou uma riqueza. A partir de então é que a mulher estéril começou a ser perseguida, mesmo eliminada.

À vista dos abusos a que dava lugar esse anseio pelo aumento das populações, Moisés autorizou o divórcio, se bem que nessa época não existissem mais os motivos que faziam outrora desejada a multiplicidade dos filhos. É que o homem, orgulhoso de tudo, entrara a considerar como mérito seu, pessoal, o lhe dever a vida maior ou menor número de entes humanos. A mulher es-

térril passou, pois, a ser vítima de todos os maus tratos.

Cumprindo, porém, evitar a dissolução legal dos costumes, praticada abusivamente à sombra da carta de divórcio, porquanto cada homem se acreditava no direito de tomar e abandonar uma mulher logo que houvesse saciado a sua luxúria, Jesus pronunciou estas palavras que, como todas as que proferiu, tinham que produzir frutos no futuro:

Eu, porém, vos digo que aquele que repudiar sua mulher, a não ser por motivo de adultério, e casar com outra comete adultério, assim como também comete adultério aquele que casar com uma mulher repudiada."

Ainda agora, entre vós outros, homens civilizados, mas não depurados, a carta de divórcio, se fosse dada arbitrariamente, ao capricho do homem, não constituiria um pretexto para a libertinagem, uma fonte de dissolução legal dos costumes?

Dizendo que se não separasse o que Deus unira, o Cristo cortou cerce o abuso do século em que desceu à Terra e pôs óbice à corrupção dos séculos que se seguiriam. Mas, ele não condenou dois Espíritos antipáticos a se desencaminharem reciprocamente.

De acordo com a lei divina, não deveis constranger fisicamente dois Espíritos antipáticos a se acotovelarem diariamente. Mas, também não se deve aproveitar dessa faculdade como pretexto para o desregramento. Isto em nada contraria as palavras de Jesus. Ele disse: *"Não separeis o que Deus uniu"*. Porém, não disse: *Forçai a viver em comum os que não se podem aproximar sem se excitarem mutuamente à prática de faltas, transgredindo a lei de caridade.*

O divórcio não pode existir e não existe perante o Senhor, senão quando um Espírito, pelos

seus exemplos ou palavras, impele ao mal um outro com quem antipatize, porque *então*, na ordem moral, há adultério. Os corpos do homem e da mulher nada valem aos olhos do Senhor, *no sentido de que* Deus, ao formar o homem e a mulher, cogitou do *espírito e não* do corpo, *mero* instrumento, para aquele, das suas provações terrenas, na senda da reparação e do progresso. O Espírito, portanto, é que o homem e a mulher devem preservar de máculas. Sendo um ou outra adúltero, não induz o Espírito que lhe está unido a cometer falta idêntica e isso quer o primeiro seja adúltero, isto é, violador da lei de Deus, *de corpo*, por entregar-se aos abusos da carne, quer o seja *de espírito*, por transgredir, com seus exemplos e palavras, a lei de justiça, de amor e de caridade? Não será melhor separar os galhos da árvore do que deixar que esta dê maus frutos?

Notai que entre vós o casamento perde todo o caráter sagrado que deve ter e não passa, na maioria dos casos, da execução de um contrato comercial, no cumprimento de cujas obrigações as duas partes contratantes se mostram mais ou menos escrupulosas.

Ele está submetido a legislações humanas, a leis civis, derivadas da missão terrena de Jesus, como das que Moisés deu ao povo hebreu. Mutáveis, por natureza, como tudo o que, na ordem moral e intelectual, emana da vossa humanidade essencialmente perfectível, essas leis variam de conformidade com os tempos, com os lugares e com o progresso das inteligências. Têm por objeto reprimir, corrigir os abusos e fazer-vos avançar. Essa obra progressiva, mau grado às oscilações, ou às resistências reacionárias, se executa, sob os auspícios das sucessivas revelações, pela impulsão, oculta ou patente, consciente ou inconsciente, que lhe dão os Espíritos do Senhor, providência de Deus entre vós, e os Espíritos encarnados em missão.

Até aos vossos dias se não sucedido as leis civis sobre o divórcio e o casamento, emanadas da renovação social de 1789, que foi um dos mais gloriosos passos da humanidade na estrada do progresso. Elas sofreram as inevitáveis variações devidas sempre à luta incessante entre as influências progressistas e as influências reacionárias, mas a lei do progresso é imutável, como tudo o que vem de Deus.

A lei sobre o casamento precisa ser, depois de profunda meditação, refeita nos moldes *da lei natural perante Deus*. Mas, *para isso*, cumpre que as paixões e a cupidez do homem tenham cedido lugar a sentimentos mais elevados. Cumpre que a missão do homem e da mulher seja compreendida no que tem de santo e de grande *aos olhos do Senhor*. Cumpre que homem e mulher compreendam os deveres imensos que assumem, quando aceitam a responsabilidade do casamento, deveres sagrados aos quais não lhes é permitido esquivar-se, deveres cuja satisfação Deus protege com o seu amor, porque eles consagram as leis da natureza.

A sociedade, porém, está ainda muito submetida aos preconceitos, aos abusos, aos vícios, para que *semelhante reforma* se possa realizar. Entretanto, cada dia traz o seu grão de areia, que se sobrepõe ao precedente. E esses grãos de areia acabarão por formar uma muralha impenetrável aos vícios da humanidade. Esperai, pois, que o progresso se opere, não vos arrisqueis, com o apressá-lo demasiado, a destruir o bem adquirido.

Homens, tornai-vos o que deveis ser — filhos do Senhor. Suas bênçãos então descerão sobre vós e não mais tereis que separar o que Deus uniu.

Sim, a união do homem e da mulher tem que ser e será o que, em nome do Senhor, Moisés *veladamente* anunciou, declarando: "*Serão dois numa só carne*", palavras estas que o Cristo sancionou, dizendo: "*Assim, já não são dois, mas uma só*

carne; não separe, pois, o homem o que Deus uniu."

Como consequência e resultado da vossa depuração moral e sob a influência espírita, o casamento tem que ser e será uma escolha livre, aceita livremente diante de Deus e que livremente se manterá até à morte de um dos cônjuges, Será um acordo e um apoio mútuos, que nada poderá romper. Será um concurso nas provações e a firme vontade de, mesmo depois de interrompido na Terra, conservá-lo na erraticidade e nessa vida, para vós futura, na qual, como o disse Jesus, não há "marido e mulher", porquanto a união contraída na Terra constituirá um laço forte a unir, na eternidade, os que o formaram por uma simpatia para sempre inalterável.

Durante largo tempo, a bênção religiosa foi o único ato de consagração do casamento e ainda o será. Nas épocas anteriores à vinda de Moisés, nessas épocas remotas, os pais e os esposos invocavam a bênção do Senhor. Nos tempos hebraicos, que se seguiram àquela vinda, até ao aparecimento de Jesus na Terra, já se tendo estabelecido um formalismo patriarcal, a bênção religiosa tomou um caráter mais ostensivo. Fazia-se mister convidar os parentes e os amigos. Começou aí o orgulho do brilhantismo das núpcias.

Após o advento do Cristo, a bênção nupcial, nos primeiros tempos do Cristianismo, naquela época da revivescência da fé, revestiu caráter mais religioso. O sacerdote implorava para os jovens nubentes a bênção do Pai de todas as criaturas. Mas, pouco a pouco, esse uso degenerou em hábito. O sentimento da fé viva, que reunia na Igreja todos os que se interessavam pelos noivos, *com o fim* de, juntando suas preces, torná-las mais poderosas, cedeu lugar à sede do fausto, ao orgulho do luxo e da ostentação, corruptor de todos os sentimentos da humanidade.

As núpcias se tornaram ensejo para festas,

para exposição de riquezas. Ninguém mais se preocupava com a simpatia dos assistentes, com o fervor das preces que dirigiriam ao protetor do fraco. Passou-se a escolher os convivas dentre os felizes. A bênção do sacerdote se tornou mera formalidade.

No período, em que ides entrar, se bem se ache ele ainda muito distante, o homem será levado a invocar, no silêncio da natureza e na sinceridade da consciência, para si e para a sua companheira, as bênçãos do Senhor, pedindo com humildade a graça de suportarem corajosamente as provas, a força de se elevarem moralmente, *mais* do que materialmente, a si e aos filhos que lhes incumbirá encaminhar na vida. Mas, para isso, nada de fausto, nada de ruído; apenas as preces dos pais, dos amigos escolhidos, o silêncio e a sombra, a pureza do coração e a esperança em Deus.

A união do homem e da mulher será então, perante Deus, de conformidade com a lei natural, ao mesmo tempo a união livre de dois corpos para a reprodução e a união indissolúvel de dois Espíritos pelo laço divino da lei do amor.

Oh! homens orgulhosos dos vossos costumes, da vossa sociedade, quão velha e horrenda ela é! quão pouco tem os méritos que lhe supondes! Múmia coberta de relíquias douradas e que oculta sua podridão e suas vergonhas sob farrapos de rendas e seda!

Todavia, ainda por muito tempo será assim, pois que só gradual e progressivamente a humanidade será levada ao nível de depuração moral em que o Espírito, purificado, não precisará mais de freios, porquanto buscará espiriticamente a companheira que lhe convenha e, guiado pelo amor e pela caridade, não mais se desfará dela como de um objeto que se torne sem serventia.

Qual dentre vós não cederia à tentação da luxúria?
Qual dentre vós se mostraria bastante forte

sobre si mesmo para não abandonar a mãe de seus filhos por um capricho de ocasião? Qual dentre vós, mulheres tão orgulhosas das vossas virtudes, a que se achará isenta do desejo de uma mudança?

A ignorância e a seqüestração, *de um lado, e, de outro*, o excesso de liberdade e a desmoralização, tais os fundamentos das vossas torpezas.⁸

Compreendeis agora que se faz mister passem sobre vós muitos séculos para polir todos esses calhaus que resvalaram na lama e para fazer sair deles o diamante que há de brilhar ao sol?

N. 232. Qual deveria ser a regra de conduta dos espíritas a quem fosse recusada a bênção religiosa de acordo com o culto externo da seita no seio da qual a reencarnação os tivesse feito nascer?

Que necessidade tendes dos homens para a invocação da bênção religiosa, que eles vos recusam? Rendei homenagem ao Criador, implorai a sua bênção e esta descerá sobre vós. Estais cercados de *levitas* — os bons Espíritos, os mensageiros divinos, sempre prontos a vo-la dar em nome do Senhor.

Já vos dissemos : De conformidade com a lei natural e abstração feita de qualquer formalismo religioso, o casamento, aos olhos de Deus, consiste no acordo livre, livremente aceito e, até à morte de um dos cônjuges, mantido pela união dos dois corpos para a reprodução e pela das almas para a execução da lei de amor e de caridade e cumprimento de todos os deveres que aquela união lhes impõe reciprocamente e com respeito aos filhos, que ambos terão de encaminhar na vida.

Importa, porém, não esquecer que o fruto, seja qual for, só é bom quando maduro. Ora, com-

⁸ (1) Ver *adiante* o n. 233 relativo aos vv. 10, 11 e 12 de MATEUS.

quanto vosso Pai não julgue os atos humanos como vós os julgais, evitai o escândalo. Conformai-vos, *tanto quanto seja humanamente possível*, com as leis que vos regem, assim no que concerne à bênção religiosa, como com relação ao casamento na ordem civil. Ficai certos de que essas leis se modificarão quando as vossas naturezas se houverem modificado. Pretender hoje pôr em prática a lei, aos olhos de Deus, natural, pela união ao mesmo tempo livre e indissolúvel, antes que a depuração moral da humanidade haja preparado e implantado o regímen dessa união, fora querer comer as uvas apenas terminada a floração da parreira. Esperai pela maturação.

Se a intolerância e a cegueira levarem os homens a vos recusar a bênção religiosa que eles ministram, mostrai-lhes que, descendo sobre vós a bênção que implorastes ao Criador e que vos foi dada, em seu nome, pelos *levitas* que vos cercam — os bons Espíritos, os mensageiros divinos, e praticando vós o casamento segundo a lei natural perante Deus, em vós se cumpriram estas palavras de Jesus : "*Já não são dois, mas uma só carne; não separe, pois, o homem o que Deus uniu.*"

Se fordes *obrigados* a dá-lo, depois de fazerdes o que seja humanamente possível por evitar o escândalo, esse exemplo ficará sendo uma baliza plantada para orientar a marcha da humanidade na estrada do futuro, que há de ver cumpridas as palavras, que vos vimos de explicar *em espírito e em verdade*, proferidas pelo Mestre.

**MARCOS, Cap. X, vv. 10-12. —
MATEUS, Cap. XIX, vv. 10-12**

Resposta de Jesus à pergunta que lhe dirigiram os discípulos acerca das condições do casamento. Os que são eunucos desde o ventre materno e que assim nasceram. — Os que foram feitos eunucos pelos homens. — Os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus.

MARCOS: V. 10. Em casa, os discípulos o interrogaram de novo a esse respeito. — 11. Disse-lhes ele: Se um homem deixa sua mulher e casa com outra comete adultério por causa da primeira. — 12. E se uma mulher deixa o marido e casa com outro também comete adultério.

MATEUS: V. 10. Disseram-lhe então os discípulos: Se tal é a condição do homem com relação à esposa, não convém casar. — 11. Jesus lhes disse: Nem todos compreendem esta palavra, mas sim aqueles a quem isso é dado. — 12. Porque, há os que do ventre materno nasceram eunucos; há os que foram feitos eunucos pelos homens e outros há que a si mesmo se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. *Entenda-o quem puder entender.*

N. 233. O que Jesus dissera aos fariseus acerca do que deve ser a união do homem e da mulher segundo a lei divina chamara a atenção dos discípulos, de sorte que, uma vez a sós com o Mestre, o interrogaram de novo a esse respeito. Jesus então, ratificando o que anteriormente havia dito, respondeu: "Se um homem deixa sua mulher e casa com outra comete adultério por causa da primeira; assim como, se uma mulher deixa o marido e casa com outro, também comete adultério."

Jesus, assim falando, tinha em mente aludir à época de progresso e de depuração moral em

que, modificadas as vossas leis como consequência da modificação das vossas naturezas, a união do homem e da mulher será ao mesmo tempo livre e indissolúvel, segundo a lei natural, à face de Deus, porque será a reunião de dois corpos para a reprodução e a ligação de duas almas pelo laço divino da lei do amor. Nessa época, o homem que abandonar a mulher e esposar outra será declarado adúltero, isto é, infrator da lei natural perante Deus, pela violação do acordo livre, *livremente* aceito, para ser mantido *livremente* até à morte de um dos dois.

Tendo esse sentido e esse alcance, as palavras do Mestre não podiam ser compreendidas pelos discípulos. Só o haviam de ser, *em espírito e em verdade*, pelas gerações futuras, nos tempos preditos da nova revelação. É o que se evidencia da observação que os discípulos fizeram : "*Se tal é a condição do homem com relação à esposa, não convém casar.*"

Não vos admireis de que hajam dito isso. Encarnados, eles se achavam sob a influência dos preconceitos hebraicos. Encarando o casamento apenas do ponto de vista das satisfações sensuais, consideravam um embaraço a obrigação de conservar a mulher que tivessem escolhido, houvesse o que houvesse.

Aquela observação serviu para mostrar que muitos acreditam falar sempre por si mesmos e, no entanto, falam pela inspiração que recebem.

Os discípulos acreditavam falar por inspiração própria. Entretanto, haviam recebido a inspiração e a ela obedeciam, tanto mais facilmente quanto era conforme às idéias que lhes advinham dos preconceitos sob cuja influência se achavam. Foram induzidos a externar essa ponderação, porque suas palavras abririam ensejo a que Jesus desse, como deu, um novo ensinamento que, entregue *veladamente* às interpretações humanas, serviria àquela época e, por efeito da ação do tempo,

do progresso das inteligências e dos esforços e lutas do pensamento, preparariam o futuro. Esse ensinamento, que se destinava a ser explicado e desenvolvido pela revelação atual, quando fossem chegados os tempos, tinha por objetivo indicar aos homens, fazendo-lhes compreender os *motivos* de incapacidade ou de abstenção do casamento, a maneira por que hão de proceder para praticar, de acordo com a lei divina, a união simultaneamente livre e indissolúvel do homem e da mulher.

"Nem todos, disse Jesus aos discípulos, compreendem esta palavra, mas sim aqueles a quem isso é dado. Porque, há os que do ventre materno nasceram eunucos, há os que foram feitos eunucos pelos homens e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. Entenda-o quem puder entender."

Aqui tendes, *em espírito e em verdade, o sentido* dessas palavras. Jesus, por nosso intermédio, vo-lo revela.

Como sabeis, o Espírito, quando reveste o corpo de carne, já tem feito a escolha de suas provações. Bem deveis, portanto, compreender (e a esse respeito já vos demos explicações nos números 2 e 3 do 1º volume) que, antes de começar uma nova existência terrena, ele está destinado à vida de família ou à esterilidade. Os arrastamentos da carne também são muitas vezes uma prova de que lhe cumpre esforçar-se por sair vitorioso. Não é dado, pois, a todos enveredar pelo casamento.

"Há eunucos que o são desde o ventre materno e que assim nasceram."

Espíritos há, conforme acabamos de dizer, que, ao fazerem a escolha de suas provações, se impõem, como uma delas, a resistência às tentações da carne. Há outros que, ao contrário, se

sujeitam, por provação, aos desejos veementes da carne e tomam um corpo incapaz de corresponder às exigências do Espírito. Dizemos às exigências do Espírito — porque, como não ignorais, o Espírito "*material*" concorre para as sensações carnis e muitas vezes a imprudência do Espírito é que arrasta o corpo a abusos perniciosos. Não tendes o exemplo de Espíritos errantes perseguidos sem cessar pela concupiscência que, não podendo ser satisfeita, constitui para eles uma tortura?

Pode dar-se que na encarnação que se seguir essas tendências subsistam. O Espírito sofre então o castigo corporal da impossibilidade de ceder a tais inclinações.

Por "*espírito material*" entendei aquele cujos pendores são todos para a matéria e que lhe sentem a influência mesmo quando dela desprendidos, isto porque o perispírito corresponde sempre ao desenvolvimento espiritual. O de um Espírito pouco adiantado, sujeito, conseqüentemente, às atrações da matéria, é muito espesso e bastante aproximado, embora o não vejais, das matérias que compõem os vossos corpos. Assim, o Espírito desencarnado nessas condições pode perfeitamente ser considerado material, no *sentido* de que seus gostos, pendores e constituição perispirítica muito próximos estão da matéria.

Compreendem, portanto, aqueles que do ventre materno saíram eunucos, aqueles cuja natureza os mantém *por essa forma* excluídos das exigências da carne, a causa e o objetivo de tal provação, que eles próprios escolheram. Não lhes assiste o direito de, *visando quaisquer* interesses pessoais, condenar a viver sob o seu jugo uma mulher, qual pássaro privado da liberdade. A natureza humana e suas necessidades constituem um meio que o homem tem para progredir e do qual lhe cumpre tirar proveito. Tudo pode servir para o progresso humano, contanto que este seja bem dirigido.

Esses Espíritos, que como eunucos encarnam, faliram gravemente em existências anteriores, cedendo aos mais culposos transviamentos da carne, esquecidos do que deve ser a união animal segundo a lei divina, olvidados dos deveres da vida de família. Esforçando-se por triunfar da prova, eles, na causa determinante da impotência que lhes é infligida, têm que haurir a inteligência e a força necessárias para vencerem essas tendências, esses desejos da carne, para fazerem de tal impotência, que de outra forma seria uma tortura, meio de depuração moral, de progresso. Assim, pela predominância do Espírito sobre a matéria e por uma vida de castidade, irão preparando-se para se tornarem capazes do casamento e da vida de família, segundo a lei natural aos olhos de Deus, noutra existência.

Haverá nessa prova alguma coisa de molde a vos surpreender? Não vejais no curso dos acontecimentos humanos senão fatos destinados a apagar faltas passadas e a vos manter em guarda contra fatos futuros.

"Outros há que os homens fizeram eunucos."

A castração era de uso corrente na época em que Jesus falava aos homens, uso esse que se conservou por muito tempo depois e que ainda se observa em certos países. Alguns sofrem essa operação para adquirirem belas vozes, ou para se tornarem guardas a quem se possam confiar sem temor as mulheres de um harém. Outros são castrados por vingança. Incluí, entre os que os homens fizeram eunucos, aqueles que se tornaram impotentes por efeito de precoces desregramentos devidos aos conselhos e aos exemplos maléficos, ou ainda aos abusos praticados pelo homem com a criança. Uma educação perniciosa, o vício a que o menino é arrastado, ou por si mesmo ou pela ação malévola do homem, também conduzem àquela

funesta conseqüência. Vergonhas da humanidade, que se refletem sobre a vida inteira, enervando e neutralizando as forças geradoras. Não conheceis homens desses? Não são eles os eunucos da vossa civilização?

Que tão bárbaros costumes, tão odiosos atos, todas essas vergonhas da humanidade desapareçam do vosso planeta! Aqueles que os homens fizeram eunucos pela violência, pelo crime, não devem ver nesse fato senão uma expiação destinada a apagar faltas do passado e, como conseqüência de tal expiação, uma prova a suportarem. Aqueles que os homens tornaram os eunucos da civilização, esses que reconheçam terem falido gravemente nas suas provas.

Abstenham-se do casamento uns e outros, bem como os que nasceram eunucos, e tirem da causa da impotência a que se vêem condenados a inteligência e a força necessárias para vencerem as tendências, os desejos da carne, para fazerem de tal impotência, que de outra forma seria uma tortura, meio de depuração moral, de progresso, meio de se prepararem, pela predominância do Espírito sobre a matéria e por uma vida de castidade, para se tornarem, noutra existência, capazes do casamento e da vida de família, segundo a lei natural aos olhos de Deus.

"Há os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus."

Só devem procurar constituir família os que se sintam bastante fortes para aceitarem, de acordo com a lei divina, as condições da união animal. Não cogite de constituí-la aquele que se sinta leviano e inconstante, que não reconheça em si inclinação para a vida de família, que, numa palavra, não se sinta suficientemente forte para resistir às tentações da carne, aos desfalecimentos da humanidade. Não cogite do casamento esse,

porque arrastará na sua queda a companheira a quem se haja unido e os filhos que lhe tenham nascido.

Dos sofrimentos e mesmo das faltas que aquela e estes viessem a cometer em virtude dos exemplos recebidos, terá ele que dar conta. Está visto que aqui nos referimos tanto à mulher como ao homem. Faça-se eunuco, renunciando aos seus desejos, aquele que se achar em tais condições.

Só se fizeram eunucos *por causa do reino dos céus* os que, não se sentindo com forças para cumprir os deveres que lhes impõem o casamento, a família, renunciaram e renunciam a uma e outro, preferindo combater seus desejos a arrastar outras criaturas à devassidão. Eis porque nem o homem, nem a mulher devem realizar tão sério ato, senão quando se reconheçam com forças para levá-lo a bom termo, seja estéril ou fecundo o casamento. Aquele que, estéril num ponto, é fecundo noutra, vem a falir nas suas provas, propagando o espírito de libertinagem e pregando a revolta contra as provações. Grande é a responsabilidade dos que atraem a si Espíritos culpados, para os erguer e encaminhar, para os fazer progredir. Mas também grande é a ventura dos que bem compreenderam o seu encargo no casamento e na família. A estes, tendo reconduzido ao aprisco ovelhas desgarradas, o pastor considera bons servidores.

"Entenda-o, disse Jesus, quem puder entender!"

Jesus *assim* se exprimiu porque, *de um lado*, não deviam suas palavras ser tomadas unicamente no sentido próprio, *mas também num* sentido figurado, sentido este em que poderiam ser bem ou mal compreendidas; *de outro lado*, ele não queria que, desenvolvendo o seu pensamento, seu discurso tomasse uma forma precisa. Os tempos, os preconceitos, os costumes e o estado das inte-

ligências da época exigiam que aquelas palavras fossem *veladas*, a fim de que pudessem, repetimo-lo, servir ao presente e *preparar* o futuro. Tudo, até mesmo os abusos que se deram e que hoje vos assinalamos, tem a sua razão de ser, no encadeamento dos sucessos humanos, das interpretações humanas, como condição e meio do progresso moral e intelectual.

Nem todos compreenderam as palavras do Mestre. Houve quem tomasse no seu sentido próprio estas: "*Há os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus.*" Como Orígenes que, julgando-se a isso autorizado, se fez eunuco, para colocar-se ao abrigo da calúnia, quando, encarregado de instruir os fiéis de Alexandria, os homens e as mulheres acorriam em multidão à sua escola, alguns outros quiseram mutilar-se ou ser mutilados, visando com isso responder ou forrar-se a falsas acusações de imoralidade. Outros, impelidos por uma fanatismo cego, foram levados a mutilar-se com o fim de porem termo aos ímpetos da natureza.

Também houve os que tomaram em sentido *figurado* aquelas palavras e as interpretaram erroneamente, vendo no estado de continência voluntária e perpétua o meio, por excelência, de ganharem o reino dos céus. Dessa interpretação errônea se originaram os votos de celibato dos padres e de todas as ordens religiosas e monásticas dos dois sexos.

Tudo tem a sua razão de ser, repetimos mais uma vez, até mesmo os abusos que hoje assinalamos.

As associações religiosas foram a salvaguarda dos primeiros tempos. No *seio* delas se refugiavam os fracos, os perseguidos; as ciências e as artes se desenvolviam ao abrigo das violências dos homens e dos poderosos. Eram asilos abertos a tudo quanto a brutalidade houvesse destruído. Desde, porém, que foram desaparecendo as causas

que as fizeram surgir, elas deveram ter sido modificadas.

Não condenamos as associações de homens ou de mulheres que, não se sentindo com a energia necessária para viverem no turbilhão do mundo, buscam, no silêncio do retiro, a sombra e a calma indispensáveis ao cultivo e ao desenvolvimento das faculdades úteis a todos e cuja expansão o rumor da vida mundana não permite. Mas, preciso é que essas *comunidades* se constituam pela *comunidade* de *sentimentos*, de *gostos*, de *desinteresse*, de *generosidade*, que sejam estufas onde as plantas delicadas encontrem a temperatura propícia a se desenvolverem, de *modo* a poderem espalhar *pelo mundo* os frutos maduros e saborosos que produzam num meio favorável. *Preciso é que a liberdade seja grande*, que *nenhuma cadeia* os traga *forçadamente* presos, que *o mesmo desejo de progredir* os ligue e que todos quantos, desenvolvidos no silêncio, se sentirem bastante fortes para voltarem à *vida* de família, tenham a liberdade de fazê-lo, quando bem lhes pareça. *Queremos a liberdade de espírito e de ação*, sempre usada em *proveito de todos e posta ao serviço do progresso de todos*.

Contai entre os fanáticos ou os egoístas os que se seqüestram para fugir às leis naturais e que, esquivando-se aos encargos da família, caem, à sombra do claustro e sob a capa da piedade, em desregramentos piores do que quantos, na sua torrente, arrastam os desgraçados que se acham imersos nos vícios das vossas sociedades. Dizemos *piores*, porque esses tais não têm escusa admissível, uma vez que, na maioria dos casos, a preguiça, o egoísmo, ou outro qualquer sentimento pessoal são o que os impele a semelhante gênero de vida, improdutivo para si próprios e para todos. Membros inúteis da grande família humana, ramos mortos que prejudicam a saúde da árvore, secando a seiva dos galhos vivos que

os cercam, eles não trabalham "para o reino dos céus" e o sacrifício a que se votam, infrutífero para todos, se lhes torna uma causa de condenação.

N. 234. Interpretando as palavras de Jesus (MATEUS, vv. 10, 11, 12), especialmente estas: "*Há os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus*", muitos se têm delas valido para dizerem e ensinarem — "que o estado de continência voluntária e perpétua, tomado para agradar a Deus, é um dom do próprio Deus e constitui a *única* virgindade que ele se compromete a recompensar; — e que Jesus aprovou os votos, implícitos ou explícitos, de celibato e os aconselhou", sendo isso o que levou a Igreja a fazer do celibato uma condição obrigatória para os padres e os membros das ordens monásticas e religiosas de ambos os sexos.

O *ponto de partida* era bom; *falsa*, porém, a *aplicação*. Pela inteligência, que vos demos, das palavras de Jesus, para que as entendais *em espírito e verdade*, deveis perceber que a Igreja não as compreendeu e lhes deu falsa aplicação.

Sim, o celibato *voluntário* é agradável ao Senhor, quando promana de um sentimento *puro e desinteressado*. Desde que não se sintam fortes para cumprir dignamente, com a abnegação e o desinteresse necessários, os deveres que a constituição da família impõe, fazem bem, aos olhos de Deus, o homem e a mulher, abstendo-se de a constituírem, qualquer que seja o sacrifício material, carnal, que isso lhes custe. Quer um, quer outro, porém, deve ter e conservar sempre a *liberdade* de se encaminhar para o matrimônio, para a vida de família, logo que se sinta com força bastante para cumprir, segundo a lei divina, as obrigações que daí decorrem. Em se verificando tal condição, enveredar por aquele caminho representa ao mesmo tempo *uma necessidade e um dever, pois* que será a consagração das leis da natureza.

Repetimos: o homem e a mulher que não sentirem em si a força de cumprir dignamente, com a abnegação e o desinteresse precisos, os deveres que a família impõe, fazem bem, aos olhos de Deus, em se absterem de a constituir, qualquer que seja o sacrifício material, carnal, que isso lhes custe. Mas, que essa abstenção não venha a subtrair da grande família humana um número considerável dos seus membros; que não se torne uma coroa que cause orgulho, sob a influência deletéria, ou do misticismo, ou da preguiça, ou do fanatismo, ou da ambição, ou do egoísmo. Para que serviria em tal caso? Para alimentar no coração o orgulho, o desvario e para fortalecer uma confiança ilusória.

Não disse Moisés que Deus fizera ouvir estas palavras : "*Não é bom que o homem esteja só*"? Não, não é bom que o homem esteja só, porque, em contraposição a um que saiba dominar a carne, mil outros sucumbirão na *sombra* sob o seu jugo e se tornarão hipócritas.

Homens, sois solidários uns com os outros, deveis vos auxílio e amparo mútuos. Não desmancheis, pois, a obra de Deus. À obra, indolentes, à obra! Tendes o dever de trabalhar para o empreendimento geral; estais na obrigação de trazer a vossa gota d'água para o rio que corre sem cessar.

A Igreja se extraviou, interpretando as palavras de Jesus *no sentido* de fazer do celibato perpétuo, por voto explícito, uma obrigação imposta ao padre e aos membros das ordens religiosas e monásticas dos dois sexos; de prescrever, por voto implícito, ao homem ou à mulher que se sentem fortes bastantes para o casamento, para a vida de família, que *se furtem às leis* naturais, que se seqüestrem, *como meio* de ganhar o reino dos céus.

Jesus prometia recompensa à virgindade, mas a virgindade que, constantemente *livre de querer* é oriunda de um sentimento puro e desinteres-

sado, no sentido que vos acabamos de revelar, das suas palavras, se mostre ativa e *produtiva*. Jamais ele prometeu recompensa alguma à preguiça, à indolência.

Entre vós, alguns conquistaram a palma do triunfo. Quantos outros, porém, a viram cair a seus pés, reduzida a pó, justo no momento em que supunham poder arrebatá-la!

Assim, condenais, em nome de Jesus, o celibato que a Igreja impôs, como condição e regra, ao padre, a título de ensinamento da lei evangélica que o divino modelo resumiu nestes dois mandamentos, que declarou encerrarem, para todos os homens (Judeus e Gentios) *toda a lei e os profetas*: amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo?

Sim, três vezes sim. Já o temos dito: os padres devem poder, como os outros homens, buscar o casamento, a vida de família, uma vez que se sintam fortes bastante para lhes cumprirem as obrigações perante Deus, de acordo com a lei natural. Devem dar o exemplo de todas as virtudes que pregam.

Ora, quais são os frutos do celibato perpétuo, desde que seja imposto, obrigatório? Para muitos — a hipocrisia nas dissoluções ocultas que os arrastamentos da carne produzem e que a faculdade de casar, de constituir família, teria evitado, mediante a união conformemente à lei divina. Não raro, os frutos de tal celibato são a ignomínia e a condenação que a justiça humana inflige, quando a luz da publicidade e das provas se projeta sobre essas devassidões.

Como praticam eles as leis da família? Na maioria dos casos, afastados de seus lares, com os corações fechados às afeições tão doces do interior, levam uma vida factícia, que só desenvolve e alimenta o egoísmo, o orgulho e lhes estiola as faculdades da alma.

Servidores inúteis, criam para si uma tarefa inútil. Não *compreendendo* a lei, *fazem* a lei.

Guias *cegos*, eles conduzem seus guiados pelas trevas em que caminham. Falamos *aqui* dos que são padres, como outros são escritores, sapateiros, músicos, ou o que quer que seja, e para os quais o sacerdócio é um meio de saírem da esfera rasteira em que deveriam viver, um estrado para galgarem o primeiro degrau da escada tão perigosa das honrarias e da fortuna.

Longe de nós o pensamento de acusar o pastor humilde que apascenta suas ovelhas no campo da verdade e com a sinceridade no coração, seja qual for a sua ignorância, seja qual for o caminho falso por onde se tenha embrenhado. A intenção, quando pura, purifica os atos. Para esses, a coroa será tecida com as flores que os orgulhosos acreditavam por si mesmos colher.

Combatam com valor e permaneçam no campo de batalha os que se sintam fortes contra a carne, mas fracos ante as obrigações da família, porquanto, se se retirarem da luta, como poderão ser vitoriosos?

Cada um deve experimentar-se a si *mesmo* e jamais enveredar por um caminho, qualquer que este seja, senão com o firme e consciente propósito de ir até ao fim.

Que se deve pensar das ordens religiosas que praticam a hospitalidade, a caridade, e às quais o celibato também é imposto?

A cada um, de acordo com as suas obras. A obra é consequência do pensamento. O egoísmo não pode produzir senão frutos mirrados.

Essas ordens terão que se sumir ou se modificar em consequência do advento da era nova, por efeito da sua influência e da sua atividade, pela conquista da liberdade sob as irradiações da luz que a revelação espírita atual vem projetar, explicando e amplian-

do, *em espírito e verdade*, o pensamento de Jesus, oculto nestas palavras: "*Há os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus*"?

Sumir-se, não; modificar-se, sim. Porque, ao contrário, vereis as associações de caridade se constituírem e se multiplicarem ao infinito. Mas, então, elas seguirão a rota simples e generosa que devem seguir, trabalhando pelo bem geral, *na liberdade do Senhor*, sob os auspícios e a ação das leis de liberdade, de solidariedade e fraternidade humanas, e não pelo bem de cada individualidade, o que afinal é usura mística, reprovada pelo Criador.

N. 235. PRETENDEU-SE que os versículos 10, 11, 12, de MATEUS eram uma *interpolação*, praticada por algum Gnóstico ou Maniqueu, que se aproveitou de uma palavra relativa ao casamento para introduzir, no texto evangélico, um *pretense* testemunho *em favor das opiniões da sua seita acerca do celibato ou mesmo da castração*. ACRESCENTOU-SE: que o ardoroso misticismo desses sectários e também dos cristãos, cujas idéias se aproximavam das deles, não recuava sequer ante esta última e terrível consequência; que a história de Orígenes é por demais conhecida para que seja preciso recordá-la; que Justino, em sua primeira Apologia (XXIX), cita o exemplo análogo de um mancebo de Alexandria que, para responder às acusações de imoralidade que lhe faziam, quis submeter-se à mutilação, sendo, porém, impedido de levar a efeito esse propósito, graças à oposição do magistrado romano; E QUE *a algum místico dessa espécie se deve atribuir a intercalação dos vv. 10, 11 e 12 no Evangelho de Mateus*.

Semelhantes interpretações só se podem atribuir à orgulhosa ignorância dos materialistas ou à dos homens que não sabem compreender o pensamento do Cristo, por incapazes de levantar o *véu da letra* que intencionalmente, como convinha, cobriu o *espírito*. O orgulho, o desejo de criar

novidades sempre arrastam o homem. Desprovido de sentimentos puros, únicos que lhe podem dar luz, ele envereda pelo caminho tenebroso. Todavia, como já vos temos dito, todos os desmentidos opostos às verdades recebidas também atingem os erros e as falsidades aceitas e, assim, sempre servem. *Quando soar a hora*, a verdade se erguerá pura e vitoriosa, deixando o solo a seus pés juncado de erros e falsidades que, em torno dela, desmoronarão. Não temais, pois, os ataques de todos esses *livres pensadores*, cuja *liberdade* consiste em tudo destruir irrefletidamente, em *destruir* o que são incapazes de *substituir*. Eles semeiam e vós colhereis.

A resposta de Jesus aos discípulos vos foi por nós, em seu nome, explicada e desenvolvida, *em espírito e verdade*. O que estava *secreto* está agora *conhecido*, o que estava *oculto* está agora *descoberto*.

**MATEUS, Cap. XIX, vv. 13-15. —
MARCOS, Capítulo X, vv. 13-16. —
LUCAS, Cap. XVIII, vv. 15-17**

A humildade, fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, caminho único que leva à perfeição

MATEUS: V. 13. Apresentaram-lhe então algumas crianças para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas. Como os discípulos as repeliram com palavras rudes, — 14. Jesus lhes disse: Deixai as crianças; não as impeçais de vir a mim, porquanto dos que se lhes assemelham é que é o reino dos céus. — 15. E, depois de lhes impor as mãos, dali se afastou.

MARCOS : V. 13. E lhe apresentavam crianças para que as tocasse. Os discípulos, porém, repeliam com palavras rudes os que as apresentavam. — 14. Vendo isso, Jesus se indignou e lhes disse: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porquanto o reino dos céus é dos que forem tais como eles. — 15. Em verdade vos digo que aquele que não receber, como a uma criança, o reino de Deus, nele não entrará. — 16. E, abraçando as crianças e lhes impondo as mãos, as abençoava.

LUCAS: V. 15. Alguns também lhe traziam crianças para que as tocasse. Vendo isso, os discípulos os repeliam com rudeza. — 16. Jesus, porém, as chamou para junto de si e disse: Deixai vir a mim as crianças, não o impeçais, porquanto o reino de Deus é dos que forem como as crianças. — 17. Em verdade vos digo que aquele que não receber, como a uma criança, o reino de Deus, nele não entrará.

N. 236. Já vos demos (n. 201, 3º vol.) explicações suficientes a este respeito. Jesus repetia essas palavras a fim de que se gravassem na memória dos discípulos. Era sempre o mesmo pensamento, expresso em termos diferentes, em oca-

siões e lugares diversos. A simplicidade de coração e a humildade de espírito são, ao mesmo tempo, a base, a fonte, o meio e o caminho de se alcançarem as virtudes, a depuração, o progresso, que levam à pureza, à perfeição.

LUCAS, Cap. XVIII, vv. 1-8

Parábola da viúva e do mau juiz

LUCAS: V. 1. Disse-lhes também esta parábola, a fim de mostrar que é preciso orar sempre e não se cansar de o fazer: — 2. Havia, em certa cidade, um juiz que não temia a Deus, nem se importava com os homens. — 3. Havia também, na mesma cidade, uma viúva que freqüentemente o procurava, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário. — 4. Ele por muito tempo não a quis atender; mas, por fim, disse de si para si: Se bem que eu não temo a Deus e não considero os homens; — 5, todavia, pois que esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, para que afinal não me venha a fazer qualquer afronta. — 6. Ouvi, acrescentou o Senhor, o que disse esse mau juiz. — 7. Como deixará Deus de fazer justiça a seus eleitos, que para ele apelam dia e noite, como suportará que indefinidamente os oprimam? — 8. Em verdade vos digo que cedo lhes fará justiça. Supondes, porém, que, quando o filho do homem vier, achará na terra fé?

N. 237. Apresenta-se-vos como exemplo um homem sem princípios, sem fé, e que cede unicamente à importunação da viúva para lhe fazer justiça. Notai que se diz apenas *justiça*. Com mais forte razão deveis esperar que o Senhor atenda às vossas súplicas perseverantes e fervorosas, uma vez que justas sejam.

O Espírito não está sujeito às limitações do tempo, só o corpo suporta os instantes da sua duração. Não vos preocupe, portanto, a demora com que sejam deferidos os vossos rogos. Nenhuma só das vossas palavras se perde. Lá onde o tempo não tem limites se vos depararão os efeitos delas.

(V. 7.) Cada um obterá *conforme as suas obras*, quando for chegado o tempo. Dando-se a

cada um de *acordo com as suas obras*, a cada um justiça é feita: ao *justo*, a recompensa; ao *culpado*, o castigo. Graças à revelação espírita, já conheceis, *em espírito e verdade*, o sentido e o alcance destas palavras: — *recompensa e castigo*.

(V.8.) A justiça do Senhor se executa incessantemente. Cuidem os que Lhe quiserem sentir os doces efeitos de se colocar entre os *escolhidos*, o que, aqui, significa — os que seguem as pegadas do Mestre.

O filho do homem foi e é, entre vós, a personificação da sua doutrina moral. O Cristo aludia à nova era, predita, do Espiritismo, do advento do *espírito*, era que se abre diante de vós e que tem por fim preparar a vinda do mesmo Cristo, em todo o seu fulgor espírita, como soberano visível para as criaturas depuradas e existentes na Terra, também depurada. Aludia a essa era nova que, pela revelação espírita, vem restabelecer a lei *tal como dele emanou*.

Estas palavras : "*Supondes, porém, que, quando o filho do homem vier, encontrará fé na Terra?*" significam que, quando a lei pura, personificada pelo filho do homem, for trazida pelos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, não haverá uma fé geral. Podeis julgá-lo por vós mesmos: O filho do homem volta a restabelecer entre vós o seu reino; encontra ele na Terra fé?

Tem-se pretendido que "nenhuma ligação existe entre essas palavras: "*Supondes, porém, que, quando o filho do homem vier, encontrará fé na Terra?*" E AS QUE AS PRECEDEM : "Em verdade vos digo que cedo lhes fará justiça."

Os que *assim* pensam não refletem que, ao contrário, aquelas palavras se ligam diretamente à justiça que será feita aos escolhidos, isto é: aos que, tendo fé, fé verdadeira, traduzida em obras, seguem as pegadas de Jesus e aos que, não

tendo fé ativa, produtora de obras de justiça, de amor e de caridade, se afastam daquelas pegadas e oprimem os escolhidos, perseguindo-os física ou moralmente. Em não havendo na Terra fé, haverá castigo. Uma coisa é conseqüência da outra.

LUCAS, Cap. XVIII, vv. 9-14

Fariseu e publicano

V. 9. Propôs também a seguinte parábola a alguns que confiavam em si mesmos, considerando-se justos, e desprezavam os outros: — 10. Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. — 11. O fariseu, de pé, orava, dizendo intimamente: Meu Deus, graças te dou por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como este publicano. — 12. Jejuo duas vezes na semana e pago o dizimo de tudo o que possuo. — 13. O publicano ficara de longe, não ousava sequer elevar os olhos para o céu; mas, batendo nos peitos, dizia: Meu Deus, tem piedade de mim, pecador. — 14. Digo-vos que este voltou justificado para sua casa e não o outro; porque, todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado.

N. 238. No orgulho tem o homem o seu mais encarniçado inimigo, por ser o que mais se lhe infiltra no coração e o que mais obstinadamente se lhe agarra.

Peca por orgulho todo aquele que, seja no que for, se julgue superior ao seu irmão.

Que merecimento tem ele perante o Senhor? Em ser um rigoroso observador da lei não faz mais do que cumprir estrito dever. Incorre, pois, em grave falta querendo, por assim dizer, impor ao seu Criador a obrigação de levar em conta o mérito que se atribui a si mesmo. Peca contra a caridade, julgando mal o seu irmão, pois que, sejam quais forem as aparências, o irmão, por muito miserável, culpado mesmo, que pareça, pode ter o coração mui puro, pode, quando menos, possuir a humildade que lhe permite uma justa apreciação de si mesmo e o coloca em condições de reprimir em si o mal.

Sede severos convosco, brandos e indulgentes com os outros.

"O publicano voltou para casa justificado. "É que fizera justiça a si próprio, reconhecendo a sua enfermidade. Estava, portanto, no caminho do bem. Um mal reconhecido deixa de existir, a partir do momento em que se lhe aplica o remédio.

O fariseu não foi justificado, porque fizera ato de orgulho e faltara à caridade para com um de seus irmãos, em vez de fazer ato de humildade perante o Senhor, por motivo das suas faltas, ainda que mínimas fossem.

"Aquele que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado." Constituindo o orgulho uma falta grave, o que se exalta será punido. Sendo a humildade *sincera* o melhor agente da reforma, o progresso será a sua consequência.

**MATEUS, Cap. XIX, vv. 16-26. —
MARCOS, Capítulo X, vv. 17-27. —
LUCAS, Cap. XVIII, vv. 18-27**

Parábola do mancebo rico

MATEUS: V. 16. Eis que um mancebo, dele se aproximando, lhe disse: Bom Mestre, que bem devo fazer para alcançar a vida eterna? — 17. Jesus lhe respondeu: Porque me chamas bom? Bom só Deus o é. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. — 18. Perguntou-lhe o mancebo: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não darás falso testemunho; — 19, honra a teu pai e a tua mãe e ama a teu próximo como a ti mesmo. — 20. Retrucou o mancebo: Todos esses mandamentos tenho guardado desde a minha juventude; que mais me falta? — 21. Disse Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. — 22. Ao ouvir essas palavras, o mancebo se retirou triste, porque muitos eram os bens que possuía. — 23. Disse então Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que difícil é um rico entrar no reino dos céus. — 24. Digo-vos mais ainda: É mais fácil passar um camelo por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino do céu. — 25. Ouvindo isto, seus discípulos, muito espantados, perguntaram: Quem pode então ser salvo? — 26. Jesus, fitando neles o olhar, disse: Impossível é isto para os homens, mas para Deus tudo é possível.

MARCOS: V. 17. E, indo ele pela via pública, um homem veio a correr e, ajoelhando-se-lhe aos pés, lhe falou assim: Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna? — 18. Disse Jesus: Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão somente Deus. — 19. Conheces os mandamentos: não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não praticarás fraude, honra a teu pai e a tua mãe. — 20. Ao que o homem retrucou: Mestre, todas essas coisas tenho eu observado desde a minha

mocidade. — 21. Jesus, olhando para ele com amor, lhe disse: Falta-te ainda uma coisa: vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro *no céu*; depois, vem e segue-me. — 22. Mas o homem, aflito com aquelas palavras, se retirou triste, pois possuía grandes riquezas. — 23. Jesus, olhando à volta de si, disse a seus discípulos: Quão difícil é que entrem *no* reino de Deus os que possuem riquezas! — 24. E como os discípulos se mostrassem espantados com as suas palavras, ele lhes repetiu: Filhinhos, quão difícil é que entrem no reino de Deus os que confiam nas riquezas! — 25. Mais fácil é que um camelo passe por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino de Deus. — 26. Maior ainda se tornou o espanto dos discípulos, que uns aos outros diziam: Quem pode então ser salvo? — 27. Jesus, porém, fitando-os, disse: Isto para os homens é impossível, mas não para Deus, a quem tudo é possível.

LUCAS: V. 18. Um homem de destaque o interrogou por esta forma: Bom Mestre, que hei de fazer para ganhar a vida eterna? — 19. Respondeu-lhe Jesus: Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão *somente* Deus. — 20. Conheces os mandamentos: não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. — 21. Replicou o homem: Todos esses mandamentos tenho guardado desde a minha mocidade. — 22. Ouvindo isso, disse-lhe Jesus: Ainda uma coisa te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro *no céu*; depois, vem e segue-me. — 23. O homem, porém, tendo escutado essas palavras, se entristeceu, pois que era muito rico. — 24. Vendo Jesus que ele ficara triste, disse: Quão, difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus! — 25. Mais fácil é um camelo passar por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino de Deus. — 26. Os que o ouviam lhe disseram: Quem pode então ser salvo? — 27. Respondeu-lhes Jesus: O que é impossível para os homens é possível a Deus.

N. 239. O mancebo, impelido por uma influência espírita *a ir ter* com Jesus, *tinha que servir de exemplo* e de lição aos que o cercavam.

Naquela circunstância, como sempre que era conveniente ou oportuno, Jesus recorreu a imagens e locuções materiais, com o fim de tocar e impressionar fortemente as inteligências da época, de servir ao presente e preparar o futuro, de extirpar o egoísmo e o apego aos bens terrenos, de *preparar* o advento do espírito, para quando o reinado *da letra* houvesse produzido todos os seus frutos.

(Mateus, vv. 16-17; Marcos, vv. 17-18; Lucas, vv. 18-19.) Com esta observação "só Deus é bom", Jesus proscovia de antemão toda a divindade que os homens, sabia-o ele pela sua presciência, lhe haviam de atribuir. Dá a entender (*e deveram tê-lo notado mais cedo*) que, conquanto se cognominasse *de filho de Deus*, conquanto o anjo o tivesse designado por *filho do Altíssimo* na revelação feita a Maria, ele não se considerava Deus, de quem, falando mais tarde, disse ser o *único Deus verdadeiro*, uno, indivisível, criador incriado, que cria, mas não pelo fracionamento da sua essência. Se assim não fora, o qualificativo de *bom* lhe pertencia a ele Jesus, que era bom *por excelência, entre e acima dos homens*. Dá, pois, a entender que *é filho de Deus ou filho do Altíssimo* (o que vem a ser o mesmo, porquanto o *Altíssimo é Deus*) *no sentido das palavras pronunciadas pelo profeta (Salmo 81, vv. 1-6)* e que se aplicam igualmente a todos os Espíritos criados. Dá a entender, finalmente, que, em face do monoteísmo do Deus de Israel, ninguém poderia chamar-lhe *Deus*, senão *no sentido de tais palavras*, colocando-o segundo o politeísmo antigo, na categoria "*dos Deuses*", sem que, entretanto, ele deixasse de ser, como todos os Espíritos criados, *filho do Altíssimo* (do Deus *dos Deuses*, conforme ao Salmo citado).

A vida eterna, que, do ponto de vista espírita, é a vida normal e final do Espírito, este não a

ganha senão quando haja atingido a perfeição moral, senão quando, chegado à condição de puro Espírito, liberto de todas as influências da matéria, vem a achar-se em relação *direta* com o seu Criador, podendo, então, dizer, como Jesus : "Meu pai e eu somos um."

(Mateus, vv. 18-19-20-21; Marcos, vv. 20-21; Lucas, vv. 20-21-22.) Jesus lembra os mandamentos a que os homens devem obedecer, dados por Moisés aos Hebreus, e que se resumem no seguinte: jamais fazer aos outros o que não quisermos que nos façam, observando o Decálogo e abstendo-nos de praticar, por pensamento, por palavra e por obra, qualquer deslealdade, de cometer qualquer fraude contra os nossos irmãos, material, moral, ou intelectualmente; — fazer aos outros tudo quanto quereíamos que nos fizessem, amando o nosso próximo como a nós mesmos, praticando para com ele a justiça, a caridade material e moral, o devotamento e a renúncia de si mesmo.

O sacrifício imposto ao mancebo tinha por fim mostrar, *não* que ninguém possa chegar a Deus senão despojando-se de todos os bens humanos, mas apenas que nenhum fruto produz a prática das virtudes e dos mandamentos, se não é escoimada de egoísmo e santificada pela caridade. A caridade e o esquecimento de si mesmo faltavam àquele mancebo. Por isso foi que Jesus lhe disse : "*Ainda te falta uma coisa*", *velando* com a *letra* da imposição de um sacrifício absoluto dos bens humanos, para melhor tocar as inteligências dos homens materiais a quem falava, o *espírito* do ensinamento moral que a revelação espírita, cujos órgãos somos, explicaria às gerações vindouras, quando estas se mostrassem capazes de o suportar. Esse ensinamento era o de que onde está o tesouro lá também está sempre o coração.

(Mateus, vv. 22-23-24; Marcos, vv. 23-24-25; Lucas, vv. 23-24-25.) Jesus, que lia o pensamento

do seu interlocutor, lhe presentira a tristeza. Daí vem o ter escolhido o momento em que ele se dispunha a retirar-se para dirigir aos discípulos estas palavras, que o mancebo ouviu antes de se afastar dali:

"Quão difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus, no reino dos céus."

E acrescentando ao que dissera esta imagem material: "Mais fácil é que um camelo, ou um cabo, passe por um fundo de agulha, do que entrar um rico no reino de Deus, no reino dos céus", ele o fez para tocar e impressionar fortemente a inteligência das massas, proclamar que fora da caridade não há salvação e também para preparar as gerações futuras a compreenderem, pela revelação espírita, que a riqueza constitui, para o homem, uma das provas mais temíveis, um obstáculo absoluto a todo progresso moral, quando, nas suas mãos, não se torna um instrumento e um meio de praticar a caridade e o amor para com seus irmãos.

Da riqueza se originam geralmente o egoísmo e o apego aos bens terrenos. E o homem não pode progredir rapidamente sem ser por meio da caridade, da abnegação, da renúncia de si mesmo.

A justiça se contém nos limites do justo e do injusto, do direito e do ilegal. Aquele que pratica a justiça no sentido humano nem sempre pratica a caridade. Aquele, porém, que pratica a justiça e a misericórdia pratica a caridade, pois que a misericórdia é *una* com a caridade.

A caridade não tem limites, deve estar sempre pronta a todo sacrifício útil aos outros e deve ser sempre pessoal. Com as mãos sempre estendidas para todos os sofrimentos, para todas as necessidades, cumpre-lhe ir ao encontro destas e daquelas, prevê-las, adivinhá-las. Sua ação incessante deve fazer-se sentir não só sobre os homens,

mas também sobre os animais, por mais ínfimos que pareçam. A caridade é a providência oculta *no fundo* do coração do homem, a espalhar de lá seus benefícios por sobre a natureza inteira. Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem, porque então não lhes fareis o que não quiserdes que vos façam.

O devotamento é uma conseqüência da caridade. *Especificamo-lo* para imprimir mais força à explicação, visto que os homens limitam a caridade à esmola que dão do que lhes sobra.

A renúncia de si mesmo decorre, como o devotamento, da caridade. Podeis praticar a caridade sem devotamento, mas, em tal caso, ela será estéril. A verdadeira caridade sai do coração e o devotamento a acompanha sempre. Mas, não podeis ser devotados aos vossos irmãos sem a renúncia de vós mesmos, porquanto penosos sacrifícios necessariamente vos impõe o devotamento que tenha por móvel a caridade, feita com sinceridade de coração. É uma trilogia inseparável.

Tampouco é possível que a caridade seja desacompanhada do desinteresse. Do ponto de vista material, a *verdadeira* caridade é e *deve* ser *desinteressada*. Não só deve ser praticada *sem o objetivo* de qualquer remuneração, porque em tal caso perde o direito ao título de caridade, como não deve sequer *objetivar* as recompensas celestes, porque então ainda será egoísmo. A doce caridade tem que ser praticada *colimando o bem* que possa produzir, as conversões que possa operar por amor do próximo e não de si mesmo. Quem dá ao pobre, qualquer que seja a sua pobreza, seja de ordem material, de ordem moral, ou de ordem intelectual, empresta a Deus.

Guardai-vos, ó bem-amados, de contar com juros de usurários, pois que *então* perderíeis o vosso capital.

Sim, a caridade deve ser devotada, desinteressada, ativa, valorosa e praticada com a renúncia de si mesmo; deve possuir todas as virtudes e todas as coragens; ir aos campos de batalha, por sob o chuva de balas, socorrer os moribundos e os feridos, exortá-los ao arrependimento; deve ocultar-se nas pocilgas, para fazer brilhar aí uma centelha que aqueça os corações e ilumine as inteligências; subir os degraus dos tronos, para dizer a verdade e rasgar a venda com que o orgulho ou a lisonja cobrem os olhos dos que cingem uma coroa; deve apanhar da lama o pobre a quem falta o pão de cada dia; deve, usando de palavras brandas, abater o orgulho do poderoso; fortalecer a coragem e a energia do fraco; deve ter os olhos constantemente abertos e voltados para todos os lados, a fim de descobrir os sofrimentos, as fraquezas, as faltas, morais ou físicas, e dispor de mil mãos sempre prontas a socorrê-los.

(Mateus, vv. 25-26; Marcos, vv. 26-27; Lucas, vv. 26-27.) À vista do diálogo que vinha de travar-se entre Jesus e o mancebo, profundamente espantados das palavras que o Mestre acabava de lhes dirigir e sobretudo da imagem material de que se servira e que lhes parecia querer significar que a entrada "no reino de Deus, no reino dos céus" estava *para sempre* interdita a todo homem rico, mesmo quando houvesse, como aquele mancebo, guardado os mandamentos, perguntaram os discípulos: *Então, quem pode ser salvo?* — Ao que, fitando-os, respondeu Jesus: *"Isto é impossível para os homens, mas não para Deus, porquanto a Deus tudo é possível; o que é impossível aos homens é possível a Deus"*.

O espanto dos discípulos nasceu do fato de não terem eles, que só atentaram *na letra*, percebido senão as dificuldades da conquista do reino do céu. Não perceberam os meios concedidos para se vencerem tais dificuldades e alcançar-se o objetivo. Quem pode então salvar o homem?

E, se só Deus o pode salvar, para que servem as obras e a fé? — Esta questão tem sido formulada muitas vezes.

Pode porventura o homem, na sua curta existência, depurar-se bastante para se salvar? Poderão seus atos ser tão bons e sua fé tão viva que lhe assegurem a salvação?

Quem o pode então salvar, desde que só a perfeição o levará aos pés do Senhor?

Quem o pode então salvar, senão Deus, pai terno e indulgente, que concede *tempo* a todos para se purificarem, que releva ao mau servo a *dívida* até que ele a possa pagar? que concede às suas criaturas o tempo, agente poderoso, com cujo auxílio chega o homem a alcançar a meta, por mais afastado que dela se ache e por mais escabrosa que seja a estrada que lhe cumpra percorrer? Só Deus é bom, só Deus salva, porque só Deus tem indulgência e longanimidade, só Deus tem nas suas mãos a duração do tempo.

O homem carece de capacidade para julgar por si mesmo do grau de pureza que lhe é necessário para elevar-se. Só Deus pode julgar. À revelação espírita estava reservado esclarecer, aos *olhos de todos*, na época predita pelos Espíritos do Senhor, órgão do Espírito da Verdade, o sentido das palavras de Jesus veladas *pela letra* e indicar os meios que Deus concede a seus filhos para vencerem as dificuldades e atingirem o fim. Esses meios são o renascimento, a reencarnação, *a princípio* expiatória e precedida, no espaço, da expiação proporcionada e apropriada às faltas cometidas, depois e por fim gloriosa, dando entrada ao Espírito no reino de Deus, no reino dos céus, isto é: permitindo-lhe atingir a perfeição moral.

**MATEUS, Cap. XIX, vv. 27-30. —
MARCOS, Capítulo X, vv. 28-31. —
LUCAS, Cap. XVIII, vv. 28-30**

Resposta de Jesus a Pedro. — Os doze tronos. — As doze tribos de Israel. — Apostolado. — Amor purificado. — Humildade é perseverança na senda do progresso

MATEUS: V. 27. Pedro então lhe perguntou: Eis aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos; que recompensa será a nossa? — 28. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, ao tempo da regeneração, o filho do homem estiver assentado no trono da sua glória, também estareis assentados em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel. — 29. E todo aquele que abandonar, pelo meu nome, casa, ou irmão, ou irmã, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, receberá o cêntuplo e terá por herança a vida eterna. — 30. Mas, muitos que foram dos primeiros serão os últimos e muitos que foram dos últimos serão dos primeiros.

MARCOS : V. 28. Pedro então lhe observou: Aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos. — 29. Disse Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que deixe, por mim e pelo Evangelho, casa, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos e terras, — 30, que, presentemente, neste século mesmo, não receba, com as perseguições, cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, pais, filhos e terras, e, no século futuro, a vida eterna. — 31. Mas, muitos dos que tenham sido primeiros serão últimos e muitos dos que tenham sido últimos serão primeiros.

LUCAS: V. 28. Disse então Pedro: Aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos. — 29. Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo não haver ninguém que deixe, pelo reino de Deus, casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, — 30, que, ainda nos tempos presentes, não receba muito mais e, no século futuro, a vida eterna.

N. 240. (Mateus, vv. 27-28.) Os apóstolos, quando ainda em missão na Terra, eram assim prevenidos do progresso de seus Espíritos. Tendo,

como encarnados ao tempo do aparecimento do Cristo, cooperado na obra de regeneração da humanidade, eles continuarão ao serviço do Mestre até ao momento em que os homens hajam compreendido a marcha de suas existências.

Ministros das vontades do Justo, já presente mente eles "julgam" as *tribos de Israel*, pois que presidem ao progresso do vosso planeta. Atuando sobre os Espíritos prepostos à vossa guarda, são os intermediários entre Jesus e os Espíritos que de vós se aproximam, tal como, no que respeita ao planeta em que habitais, Jesus é o intermediário entre o Senhor e eles, que só excepcionalmente se comunicam, no desempenho de uma missão espiritual.

O *tempo da regeneração* é aquele em que a revelação espírita regenerará os homens, pondo-lhes desnudas ante os olhos as verdades que até então eles só puderam conhecer cobertas *pela parábola*, sob o véu da letra.

O tempo em que "o filho do homem estará assentado no trono da sua glória" será a época em que todas as frentes forçosamente se curvarão, sob as irradiações da luz espírita, diante daquele que há de ser o único pastor do rebanho que o Senhor lhe confiou.

Estas palavras referentes aos apóstolos — "*Também vós estareis assentados em doze tronos*", traçam uma *alegoria* destinada a tornar compreensível o grau de elevação a que terão chegado, naquela época, os ministros de Jesus.

"A julgar as doze tribos de Israel". Essas doze tribos simbolizam as divisões de povos ainda implantadas na Terra.

Os Judeus, preocupados sempre com a sua nacionalidade, não davam atenção senão ao que pessoalmente lhes dizia respeito e Jesus apropriava sua linguagem à época e ao meio em que falava.

A expressão "*a julgar*" (as doze tribos de Israel) não tinha o alcance que hoje lhes dais: Jesus a empregou muitas vezes em sentidos *diversos*, de acordo com a ordem de idéias ou de revelações que teve de apresentar *veladamente*.

Aqui, *julgar* significa: governar, dar a cada um conforme às *suas* obras e méritos. Os apóstolos *judgam* as doze tribos de Israel, isto é: os povos confiados à vigilância deles, *no sentido* de que velam para que se verifiquem as provações e expiações a que tais povos se acham sujeitos. Podem, conseqüentemente, ser considerados como juizes que aplicam aos culpados as penas que a lei, personificada em Deus, lhes impõe; aplicam o castigo. Ora, a expiação, o remorso são os castigos e os Espíritos que superintendem às expiações lhes determinam a natureza.

Não deturpeis o nosso pensamento: não dizemos que aqueles Espíritos determinem o *gênero* das provações que o culpado deva suportar, voltando à Terra. O Espírito, como sabeis, tem, regra geral, a liberdade de as escolher. A intervenção daqueles Espíritos se cinge em vigiar que elas estejam sempre em relação com as forças do culpado, de modo que não haja para este a impossibilidade de triunfar. A ação deles se exerce sobretudo na execução da pena infligida ao culpado no *estado espírita*. Os remorsos deste, corporificados na visão de suas faltas, os quadros cruéis que o perseguem e que, por assim dizer, lhe cravam de contínuo as lâminas aceradas de uma recordação, já de si cruel, tal a obra da vontade dos Espíritos que "*judgam as tribos de Israel*".

Eles apropriam o castigo à natureza do crime e ao endurecimento do culpado e os Espíritos bons, porém menos elevados, que vos cercam, velam, prepostos que são a esse encargo, pela execução do castigo. Esta, conforme já explicamos, se dá por

meio de visões fluídicas, produzidas pelas combinações de fluidos que esses Espíritos operam, visões que são, para o delinqüente, quadros animados de uma ilusão completa. Nada se faz sem causa. O remorso leva ao arrependimento e este ao desejo de reparar e de progredir.

Temos *agora* que vos chamar a atenção para um ponto importante.

"Em verdade vos digo que vós que me seguistes, quando o filho do homem, ao tempo da regeneração, estiver assentado no trono da sua glória, também estareis assentados em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel."

Estas palavras, cujo sentido e alcance ora conheceis, despojado *da letra, o espírito*, Jesus as *dirigiu*: tanto aos onze apóstolos que se conservariam fiéis, como a Judas Iscariote que, sabia-o ele de antemão, viria a traí-lo, falindo gravissimamente à sua missão. Provam elas, portanto, que, nos séculos futuros, *ao tempo da regeneração*, Judas estará em situação igual à dos outros onze, provando, conseqüentemente, que vias e meios de purificação e de progresso moral e intelectual lhe estavam reservados e lhe seriam proporcionados, com o auxílio do tempo, como a todos os Espíritos culpados, consistindo na *expição e na reencarnação* que, conforme já dissemos, constituem o inferno, o purgatório, a reparação e o progresso.

Aquelas palavras proclamaram *previamente a* falsidade do dogma humano, ímpio e monstruoso, da eternidade das penas para o Espírito culpado; desse inferno eterno que, segundo a Igreja romana, tragou para toda a eternidade a Judas Iscariote, que essa mesma Igreja considera o maior dos *réprobos, condenado eternamente* ao inferno *eterno* que ela instituiu.

Não vos falamos aqui senão dos doze apóstolos porque, tendo que explicar as palavras de Jesus,

não nos quisemos afastar da limitação que lhes ele traçará, dirigindo-se aos *Hebreus*. Ele se referia apenas aos doze: a estes circunscrevemos as nossas referências.

Não vades, por isso, cair em erro a tal respeito. Ainda *aqui* mister se faz que vos esclareçamos. Quando explicamos as palavras de Jesus relativas aos *doze tronos*, não tivemos em mente dizer-vos que só os doze discípulos seriam chamados a desempenhar aquelas funções em torno do Mestre. Os Espíritos bem-aventurados, cujo número é para vós incalculável, têm todos suas missões, seus encargos. Todos velam com solicitude pelo vosso progresso e facilitam o adiantamento dos que, chegados ao ponto de só estarem sujeitos a encarnações não materiais, tenham que progredir nos mundos fluídicos.

(Mateus, v. 29; Marcos, vv. 29-30; Lucas, vv. 29-30.) Também são *figuradas* as palavras de Jesus constantes destes versículos. Devem ser compreendidas, entendidas *segundo o espírito*; mas, desgraçadamente, os homens se obstinam em tomá-las unicamente *à letra*. *Como exemplo*, Jesus apontou aqueles sacrifícios por serem os maiores que o homem possa fazer. Todos os que, em obediência à lei de amor ao seu Deus, à de devotamento aos seus irmãos, fizeram um sacrifício qualquer, serão recompensados por um progresso rápido. De modo que, já desde este mundo, encontrarão centuplicado aquilo de que se houverem despojado.

Os que abandonarem os encantos da família para seguir a lei de Jesus e difundi-la, para levar a boa nova a outras famílias que a ignoravam, acharão para si, no seio destas, pais, mães, irmãos, irmãs, amigos; acharão corações simpáticos e reconhecidos. Isso não sucederá sempre, mas muitas vezes se dará! Para esses, a família se acrescerá de todos os membros que eles conseguirem reunir: a família de Deus, família imensa, à qual todos

devem consagrar a ternura e a dedicação que o filho consagra ao pai, à mãe, aos irmãos, ou às irmãs.

Demasiado egoísta é ainda o homem para compreender essa extensão do amor; para compreender que este sentimento se fortifica e cresce em ardor com o se dividir e disseminar pelas massas. Não, não acrediteis na anulação dos sentimentos que a família particular de cada um lhe inspira. Eles se vos depararão, ao contrário, mais vivos e mais puros, porém menos exclusivistas.

Deus é nosso pai. Todos somos seus filhos e nos devemos amar com ardente amor, dedicando-nos uns aos outros, sacrificando alegremente a nossa própria felicidade à felicidade dos nossos irmãos.

Amai, amai, pois que esta é a *única lei regeneradora*. O amor é a fonte donde brotam todas as virtudes com que deveis fertilizar a vossa existência, tornando-a capaz de dar bons frutos. O amor é a fonte onde a alma hauriu a vida em Deus. O amor é o rio eterno que a leva a se diluir em Deus. Amai a Deus acima de tudo, amai os vossos irmãos mais do que a vós mesmos.

Não vos equivoqueis quanto ao sentido destas palavras : *"que leva a alma a se diluir em Deus"*. O amor não vos une àquele a quem amais? O amor é o sentimento puro que reina por sobre todas as coisas, que tudo aproxima da divindade, toda ela — amor. *neste sentido* que a alma se diluirá em Deus: aproximando-se dele cada vez mais, todavia conservando sempre, na eternidade e no infinito, a sua individualidade e a sua imortalidade.

(Mateus, v. 30; Marcos, v..31.) Depois de dar a Pedro, *usando de uma linguagem figurada*, a resposta constante dos vv. 29 e 30 de Marcos, acrescenta Jesus: *"Mas, muitos dos que tenham sido os primeiros serão os últimos e muitos dos que tenham sido os últimos serão os primeiros."*

O amor, que traz dentro de si a humildade e a caridade, para ser verdadeiro, eficaz, frutuoso, reclama atividade e perseverança na senda do progresso, objetivando em cada criatura o seu próprio aperfeiçoamento e o de seus irmãos. Ora, muitos dos que se houverem posto a caminho antes dos outros chegarão últimos ao fim, por não terem avançado com perseverança naquela senda. São eles os que contam *consigo mesmos* e julgam caminhar com mais segurança e passar adiante de seus irmãos. Esses verão seus passos obstados pelo orgulho e retardada, conseqüentemente, a sua marcha. E o que foi assim no passado, *assim é* no presente e será no futuro.

MATEUS, Cap. XX, vv. 1-16*Parábola da vinha e dos trabalhadores da primeira e da última hora*

V. 1. O reino dos céus se assemelha a um homem, pai de família, que ao amanhecer saiu a assalarar trabalhadores para a sua vinha. — 2. Tendo convencionado com os trabalhadores pagar por dia um denário⁹ a cada um, mandou-os para a vinha. — 3. Saiu de novo por volta da hora terceira¹⁰ e vendo outros na praça desocupados, — 4, disse-lhes: Ide também para minha vinha e vos pagarei o que for justo. — 5. Eles foram. À hora sexta e à hora nona, o pai de família saiu novamente e fez o mesmo. — 6. Por volta da undécima hora, tornou a sair e, encontrando mais alguns, desocupados, lhes disse: Porque passais aqui ociosos o dia todo? — 7. Responderam-lhe eles: Porque ninguém nos assalariou. Disse-lhes então: Ide também trabalhar na minha vinha. — 8. Ao anoitecer disse o dono da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e acabando pelos primeiros. — 9. Apresentaram-se os que tinham vindo para o trabalho por volta da hora undécima e cada um recebeu um denário. — 10. Chegando a vez dos que foram assalariados em primeiro lugar, pensavam eles que receberiam mais do que os outros; porém, não receberam senão um denário cada um. — 11. Então, ao receberem a paga, murmuravam contra o pai de família, dizendo: — 12. Estes, que foram os últimos, trabalharam apenas uma hora e tu os iguais a nós, que suportamos o peso do dia e do calor.

⁹ Moeda de prata que ao princípio valia dez asses, cerca de vinte centavos.

¹⁰ Os Judeus como os Romanos dividiam as doze horas do dia em quatro partes cada uma de três horas. Essas quatro partes se designavam por hora primeira, hora terceira, hora sexta, hora nona, correspondendo a primeira às seis horas da manhã de agora, a terceira às nove, a sexta ao meio-dia e a nona às três da tarde.

— 13. Respondendo a um deles, disse o dono da vinha: Meu amigo, nenhum agravo te faço; não convieste comigo em receber um denário? — 14. Toma o que te é devido e vai-te embora; a mim me apraz dar a este, que foi dos últimos, tanto quanto a ti. — 15. Ou não me é permitido fazer o que quero? Acaso, mau é o teu olho porque sou bom? — 16. Assim, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, pois que muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.

N. 241. Temos que vos explicar, *de dois pontos de vista distintos*, a significação e o objetivo destas palavras: do ponto de vista dos *Hebreus e mesmo dos cristãos que tiveram de viver sob o reinado da letra até ao advento da nova revelação que espiriticamente se vos faz, que vos trazemos*; e do ponto de vista do *espírito que esta revelação vos vem trazer, dando-vos a inteligência do pensamento de Jesus, encoberto pela parábola, a fim de servir àquela época e às que se seguiriam e preparar o advento do espírito.*

Apreciemo-las do ponto de vista *da letra*. Jesus estabelece um paralelo entre os Judeus, chamados ao conhecimento de Deus desde as primeiras idades, e os Gentios, que pela pregação foram levados a esse conhecimento.

Numa época em que o orgulho dos que formavam as camadas superiores dos Judeus erguia alta barreira entre estes e todos os que não se achavam submetidos à lei de Moisés, cumpria abater aquele sentimento em uns e do mesmo passo animar os esforços dos outros. Era mister encher de esperança e de coragem os pecadores que se arrependiam. Necessário se tornava rebaixar a presunção dos que *criam* ser os *únicos* merecedores das graças do Senhor, por terem nascido *Hebreus e não Gentios*. Finalmente,urgia tocar fortemente aquelas inteligências, a fim de as impressionar.

Foi neste sentido e objetivando esse resultado que Jesus disse: "Assim, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, pois que muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos".

Jesus houvera podido explicar pela reencarnação as *diferenças nos* números das horas de trabalho dos obreiros e a *igualdade* dos salários, das recompensas. Mostraria então que os trabalhadores da primeira hora, os que foram em primeiro lugar assalariados, se conservaram estacionários em muitas existências, ao passo que os da última hora trabalharam com zelo e atividade pelo seu adiantamento. Assim, *no fim do dia*, chamados uns e outros a receber o salário, as recompensas, pelo trabalho feito, isto é, pela soma de progresso realizado, as pagas tiveram que ser *iguais*, porquanto, tendo todos produzido a mesma soma de trabalho, todos tinham direito ao mesmo salário, à mesma recompensa. Jesus pudera ter dado essa explicação, mas o tempo ainda não chegara.

Essa a razão por que, notai-o bem, *ele intencionalmente* conserva na obscuridade da parábola a soma de trabalho executado por cada um dos trabalhadores e não diz palavra a respeito, deixando à revelação espírita, então futura e prometida, o encargo de explicar o seu pensamento *segundo o espírito*.

Disse Jesus porventura que os trabalhadores da primeira hora foram diligentes; que não perderam tempo, embora fatigados e tendo diante de si longas horas para o trabalho; que, no fim do dia, haviam feito mais do que os da última hora, os quais, sentindo-se atrasados, se deram pressa em concluir a sua tarefa, de modo a poderem dizer ao dono da vinha: "Senhor, fiz toda a tua vontade?"

Não. Os trabalhadores contratados em primeiro lugar, quando murmuravam contra o pai de família por lhes haver mandado pagar tanto

quanto aos da última hora, não alegaram ter feito *mais* trabalho do que estes, nem que houvessem adiantado *mais do que os outros* a obra. Não falam *senão do* trabalho dos últimos, *senão do* tempo durante o qual estes trabalharam. *Limitam-se* a ponderar que estiveram na vinha suportando *todo* o peso do dia e do calor. Os últimos, disseram eles, não trabalharam mais do que uma hora e lhes pagas como a nós que suportamos o peso do dia e do calor. Daí vem que o pai de família, cujas palavras deveis sempre interpretar de conformidade com a justiça (porquanto deveis buscar sempre a justiça nas obras de Deus, nas palavras de Jesus), responde: "Meu amigo, nenhum agravo te faço; não convieste comigo em receber um denário pelo teu dia de trabalho? Toma, pois, o que te é devido e vai-te embora."

Estas palavras que Jesus põe na boca do pai de família: "A mim me apraz dar a este, que foi dos últimos, tanto quanto a ti. Ou não me é permitido fazer o que quero? Acaso mau é o teu olho porque sou bom?" tinham por fim impedir que a inveja se desenvolvesse entre os homens, animar os que, por terem adquirido tardiamente o conhecimento das verdades evangélicas, temessem não lhes assistir direito às recompensas prometidas aos que adquirissem esse conhecimento desde a primeira hora.

Patenteados pela nova revelação o *pensamento* de Jesus, o *espírito* da parábola, desembaraçada esta *do véu da letra*, ela se reporta à obra dos Espíritos desde o instante da sua criação espírita, isto é, desde o momento em que, investidos do livre-arbítrio, foram, por terem falido, chamados a encarnar na Terra e a progredir aí pelas reencarnações. Um trabalhou durante séculos pelo seu adiantamento e sofreu muitas encarnações, mas negligentemente, deixando que os acontecimentos seguissem o seu curso; enquanto que *outro*, de criação mais recente, se lançou cheio de zelo no

caminho do progresso. Ambos chegarão juntos ao termo da jornada, *igualados* os seus valores. Ambos, conseqüentemente, poderão ter direito ao *mesmo prêmio*. Notai que, na parábola, o trabalhador da última hora não se recusara ao trabalho, esperava-o e, logo que foi chamado, se ergueu alegre, para desempenhar a sua tarefa.

Deveis compreender que as diversas horas em que os trabalhadores foram assalariados pelo dono da vinha para trabalhar nela, assim como aquele fim do dia, momentos em que todos foram reconhecidos com direito a igual salário, não passam de divisões apropriadas à inteligência dos que ouviam o ensinamento. No tocante à eternidade não há divisão de tempo. Foi uma alusão às diversas classes de Espíritos; às épocas em que eles, uns criados posteriormente a outros e chamados todos a começar cada um a sua obra, se encontram no mesmo nível de progresso realizado, cabendo-lhes, portanto, a mesma recompensa. Os mais antigos na ordem da criação sofreram necessariamente maior número de encarnações do que os mais recentemente criados, pela razão de que, por vezes, se deixaram ficar estacionários ou trabalharam pelo seu próprio adiantamento com menos atividade do que os que se puseram ao trabalho depois deles, mas que juntos com os primeiros atingiram a meta, por terem trabalhado com mais zelo e caminhado sem descanso pela estrada do progresso.

Trabalhadores da última hora, não temais aproximar-vos do pai de família. Não temais empreender a tarefa a que vos convida, certos de que ele não considerará o tempo que houverdes gasto em desempenhá-la e sim o zelo e a boa-vontade de que derdes prova.

Mas, para receberdes o salário, ó vós que ficastes na praça pública até à última hora, preciso é não recuseis corresponder ao seu chamado; preciso é não digais todas as vezes que o pai de

família chama os trabalhadores de boa-vontade: "Mais tarde, ainda não estamos dispostos; o dia é longo, ardente o sol e convidativo o repouso; esperemos, para começar o trabalho, pela frescura da tarde". Tende cuidado! pois com a frescura vem a sombra, que vos poderá envolver e então já não será tempo de começar. Ver-vos-eis forçados a aguardar que um novo dia vos venha encontrar, desde os seus primeiros albores, na praça pública, à espera do trabalho.

Trabalhadores diligentes que começastes a vossa tarefa ao nascer do Sol, rejubilai pela bondade do Senhor. Sua generosidade se estende por sobre aqueles que nada de melhor haviam podido fazer, como se estende sobre vós! Não deiteis olhar invejoso para o que ele concede aos vossos irmãos. Que injustiça cometeu convosco a sua bondade? O pai de família, que com seus filhos reparte o que possui, não dá a todos porções iguais?

Não invejeis *nunca* a sorte de vossos irmãos, visto ignorardes as causas que determinam os efeitos, visto não saberdes se aquele que por último foi chamado a trabalhar na vinha não se teria mostrado mais valoroso do que vós, se logo ao romper do dia houvesse escutado a voz do dono dela.

Executai a vossa tarefa e, se puderdes, auxiliai vossos irmãos na execução das suas, e bendizei do pai de família que mais atende à intenção do que à obra, por isso que as vossas obras quase sempre são más.

Deveis agora estar em condições de compreender o sentido e o objetivo destas palavras de Jesus: Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, pois que muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos."

Do ponto de vista da letra, essas palavras, de que o Mestre se serviu, tirando uma conclusão da parábola e aplicando-a, não tiveram por objetivo estabelecer duas classes: *uma dos escolhidos*,

outra dos *réprobos*, pois que todos os trabalhadores, quer os primeiros, quer os últimos, têm que receber e receberão do pai de família o mesmo salário, sob a única condição de o haverem merecido igualmente uns e outros, "no fim do dia", e com a única diferença de que os últimos o ganharam em menos tempo do que os primeiros, porque em menos tempo do que estes adiantaram tanto quanto eles a obra do Mestre. *Todos, pois*, que foram *chamados* hão de ser *escolhidos*. Mas, entre os chamados, há poucos *escolhidos*, porque muitos se atrasam ou perdem o tempo e não executam suas tarefas, sendo poucos os que trabalham com zelo e atividade na obra que o Mestre lhes propôs. *Assim é* que os últimos serão os primeiros e que os primeiros serão os últimos. *Assim é* também que há muitos *chamados e poucos escolhidos*.

Segundo o espírito, estas palavras, de modo geral, se referem aos sentimentos íntimos que inspiram os atos e lhes dão valor real perante o Senhor, pelo amor, pela humildade, pelo desinteresse que demonstrem. Aquele que se exalça será humilhado e aquele que se humilha será exalçado.

Os primeiros chamados ao conhecimento da verdadeira lei, que é a lei de justiça, amor e caridade, pregada por Jesus aos homens, os primeiros colocados na senda da verdade serão os últimos a chegar ao fim, se em vez de seguirem a linha reta, enveredarem pelos caminhos tortuosos. O percurso, então, se tornará para eles longo e a estrada que tomaram os reconduzirá ao *ponto de partida*. Ao contrário, os que, começando por último, caminharem sempre e ativamente para a frente, chegarão sem delongas ao fim.

Os Espíritos que, chamados a percorrer a estrada do progresso, ficarem, de quando em quando, estacionários, ou só avançarem lenta e negligentemente pela via das encarnações, das prova-

ções (esses formam o maior número), conquanto sejam dos primeiros *chamados*, na ordem da criação, serão os últimos *escolhidos*, isto é: os últimos a *chegar à perfeição* moral. Contrariamente, os que tiverem caminhado constantemente com zelo e atividade (esses são em menor número) serão *escolhidos* em primeiro lugar, ainda que sejam dos últimos na ordem da criação, dos últimos, portanto, *chamados*, isto é: dos últimos a entrar na senda do progresso.

N. 242. Esta parábola tem sido objeto de críticas e, para demonstrarem que é APÓCRIFA, dizem: Não é a justiça que preside à remuneração devida a cada um pelas suas obras, mas apenas o arbítrio do Senhor. Verdade é que neste caso ele se contenta com pagar o mesmo salário aos trabalhadores, tanto da primeira, como da undécima hora. Mas, de acordo com o seu princípio: "*Não me é lícito fazer o que quero?*" poderia igualmente dar dez e cem vezes mais aos últimos do que aos primeiros. Ora, quem ousaria sustentar que seja lícito governar com tal princípio qualquer sociedade, ainda que de escravos?"

Ignorantes, que *nunca vedes senão a letra*, ou que, quando buscais o espírito, tudo revestis *do vosso*, *procurai* sempre e encontrareis a *justiça nas obras de Deus*, *procurai* sempre e encontrareis a *justiça nas palavras de Jesus*. E, se as quiserdes interpretar, não o façais *com o vosso parti-pris*, mas *com a vossa consciência*.

A resposta a essa crítica da parábola já vos foi dada: está em tudo quanto acabamos de dizer acerca do seu *sentido* e do seu objetivo. Perscrutem, os que criticam, a linguagem de que usava Jesus e os motivos que tinha para dela usar. Perscrutem o pensamento que o Mestre ocultava sob o manto da parábola, sob o *vêu da letra*, do ponto de vista da criação espírita considerada *em espírito e verdade*, da marcha do Espírito na senda do progresso, mediante as sucessivas encarnações,

verão que não há arbítrio, nem capricho, e sim justiça. Ainda uma vez exemplificamos: Um Espírito, cuja primeira encarnação na Terra remonta a mil anos, só logrou, até agora, chegar à categoria dos habitantes da Nova-Holanda; um outro, que revestiu o seu primeiro invólucro material há apenas trezentos anos, já pode ser classificado entre os Lapônios. Não é claro que este último mereceu mais do que o outro que o precedeu na via das encarnações terrenas?

Suponde que, em vez de avançar tão depressa, o segundo não haja progredido mais do que o bastante para viver entre os Novos Holandeses. Estarão ambos no mesmo grau de encarnação. Longe de haver motivo para se atacar a justiça do Senhor pela igualdade dos salários pagos aos dois, não haveria antes razão para se julgar que o último deveria ser melhor remunerado? Admiti, porém, que o primeiro, com o tempo, alcançou um grau mais elevado, ao passo que o segundo fica um grau abaixo do daquele. Não será justo que ambos recebam a mesma recompensa, desde que o segundo trabalhou, *relativamente*, tanto quanto o primeiro?

MATEUS, Cap. XX, vv. 17-19. —
MARCOS, Cap. X, vv. 32-34. —
LUCAS, Cap. XVIII, vv. 31-34

Predição do sacrifício do Gólgota

MATEUS : V. 17. Subindo para Jerusalém, Jesus chamou de parte os doze discípulos e lhes disse: — 18. Vamos para Jerusalém e o filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte. — 19. Entregá-lo-ão aos Gentios para que seja escarnecido, flagelado e crucificado. E ele ao terceiro dia ressuscitará.

MARCOS: V. 32. Subindo eles a estrada de Jerusalém, Jesus lhes ia à frente, o que enchia de espanto e de temor os que o seguiam. Ele então chamou de parte novamente os doze discípulos e começou a predizer-lhes o que estava para lhe acontecer. — 33. Subimos, como vedes, para Jerusalém e o filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos anciãos, que o condenarão à morte e o entregarão aos Gentios. — 34. Escarnecê-lo-ão, cuspir-lhe-ão no rosto, açoitá-lo-ão, tirar-lhe-ão a vida e ele ressuscitará ao terceiro dia.

LUCAS : V. 31. Em seguida, Jesus, tomando de parte os doze apóstolos, lhes disse: Eis que vamos para Jerusalém e tudo que os profetas escreveram acerca do filho do homem se cumprirá; — 32, pois que será entregue aos Gentios, será escarnecido, açoitado e cuspido. — 33. E, depois que o tiverem flagelado, lhe darão a morte e ele ressuscitará ao terceiro dia. — 34. Eles, porém, nada compreenderam; aquelas palavras lhes eram um segredo; não entendiam o que lhes era dito.

N. 243. Jesus, nessa ocasião, repetiu a predição que já fizera¹¹ da sua "morte" e da sua

¹¹ Mateus, XVI, v. 21; XVII; vv. 21-22. — Marcos, VIII, v. 31; IX, v. 30. — Lucas, IX, vv. 22 e 44-45.

"ressurreição", acrescentando e precisando novas particularidades.

Não há o que comentar nessas palavras, que são positivas. Jesus, *predizando-os*, fundamentava os acontecimentos que iam ocorrer e *desse modo* dava maior peso a suas palavras e fortalecia a confiança na sua missão, pois que suas afirmativas se robusteceriam desde que os fatos as confirmassem. As narrações dos evangelistas se completam umas às outras. Os diversos informes que eles transmitiram são resultados da profecia de Jesus àquele respeito, profecia da qual cada um refere uma parte.

Os discípulos não compreenderam dessa vez melhor do que das precedentes o sentido exato das palavras do Mestre. Não atinavam, já o dissemos, com o que poderia ser "ressurreição" de Jesus. Tinham o entendimento obscurecido quanto a esse ponto, a fim de que os fatos pudessem ocorrer sem obstáculos.

Os apóstolos, diz um dos evangelistas, *muito admirados e receosos* seguiam o Mestre, quando a caminho de Jerusalém. É *que temiam* os sacerdotes e os principais Judeus, sentindo que seria mais difícil escapar-lhes.

**MATEUS, Cap. XX, vv. 20-28. —
MARCOS, Cap. X, vv. 35-45**

Filhos de Zebedeu. — A humildade e o devotamento para com todos são a fonte e o meio único de toda elevação. — Nunca alimentar no coração a inveja. — Seguir o exemplo de Jesus e fazer esforços por andar nas suas pegadas

MATEUS : V. 20. Aproximou-se dele então a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e o adorou, dando mostras de querer pedir-lhe alguma coisa. — 21. Jesus lhe perguntou: Que queres? — Manda, disse ela, que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita, outro à tua esquerda, no teu reino. — 22. Retrucou-lhes Jesus: Não sabeis o que pedis. Podeis porventura beber o cálice que eu tenho de beber? Responderam eles: Podemos. — 23. Disse-lhes ele: Na verdade, bebereis o cálice que eu hei de beber; quanto, porém, a terdes assento à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos dar-vos-lo; isso só é dado àqueles para quem meu Pai o preparou. — 24. Ouvindo aquilo, os dez outros apóstolos se encheram de indignação contra os dois irmãos. — 25. Mas, Jesus os chamou e disse: Sabeis que os príncipes das nações dominam os povos; que os grandes exercem seu poder sobre eles. — 26. Assim, porém, não há de ser entre vós outros: aquele que entre vós queira ser o maior seja o que vos sirva; — 27, seja o vosso servo aquele que quiser ser o primeiro entre vós; — 28, a exemplo do filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela redenção de muitos.

MARCOS: V. 35. Acercaram-se então dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, e lhe disseram: Mestre, queremos nos façás tudo o que te pedirmos. — 36. Perguntou-lhes Jesus: Que quereis que eu vos faça? — 37. Concede, disseram eles, que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda. — 38. Jesus lhes observou: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu hei de beber e receber o batismo com que eu serei batizado? — 39. Responderam os dois: Podemos. Replicou Jesus: Na verdade, bebereis o cálice que eu hei de beber e

sereis batizados com o batismo com que eu o serei. — 40. Quanto, porém, a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos vo-lo conceder; isso será dado àqueles para quem meu Pai o haja preparado. — 41. Ao ouvirem o que pediam Tiago e João, os dez outros apóstolos se tomaram de indignação contra eles. — 42. Jesus, porém, os chamou e lhes disse: Sabei que os que têm autoridade sobre os povos exercem dominação sobre estes; que seus príncipes os tratam com império. — 43. Assim, entretanto, não deve ser entre vós; o que quiser ser o maior tem que se fazer vosso servo; — 44, e o que quiser ser o primeiro tem que ser o servidor de todos. — 45. Porque, o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos.

N. 244. (Mateus, vv. 20-21; Marcos, vv. 35-36-37.)
Insignificante é a diferença que se nota entre essas duas versões, que, aliás, se completam.

A mãe de Tiago e João estava com eles, assim como outras muitas mulheres que, acompanhando seus filhos e irmãos, seguiam a Jesus. Ela e eles dirigiam sucessivamente a palavra ao Mestre. A resposta deste, porém, foi dada aos dois discípulos, como era natural. Ainda aqui, como em todos os casos semelhantes, cada uma das narrações evangélicas explica e completa a outra.

Entre os povos da antiguidade, com um alcance ainda maior do que entre vós, a direita era o lugar de honra e a esquerda, conquanto o fosse também, relativamente aos demais convidados, implicava uma certa inferioridade. Ora, Tiago e João, ao formularem o pedido que fizeram, se colocavam, de acordo com as suas idéias mundanas, nos primeiros lugares para as honras celestiais, logo depois de Jesus, que eles consideravam o anfitrião do festim celeste a que todos seriam convidados. Cumprir não tomar as palavras ao pé

da letra, mas como figurativas da categoria que os dois desejavam ocupar.

(Mateus, vv. 22-23; Marcos, vv. 38-39-40.) "Não sabeis o que pedis; podeis beber o cálice que hei de beber, receber o batismo que hei de receber?"

Por estas palavras aludia Jesus ao sacrifício em que ele seria a vítima e não à água que João Batista lhe derramara sobre a cabeça. Logo que Tiago e João lhe respondem: *Podemos*, ele acrescenta: "*Na verdade bebereis o cálice que hei de beber, receber o batismo que hei de receber?*" aludindo, de modo geral, ao martírio que os apóstolos em sua maioria haviam de sofrer, a exemplo do Mestre.

"Quanto, porém, a terdes assento à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos dar-vos-lo; isso só é dado àqueles para quem meu Pai o preparou."

Por estas palavras Jesus faz ressaltar a supremacia divina com relação a qualquer outro Espírito, por mais elevado que seja. Faz ver que ninguém mais senão Deus sabe quando o Espírito é bastante puro para se sentar "à direita" ou "à esquerda" do Mestre. Faz sentir que só Deus, que é *uno*, que é onipotente, que é o único cuja soberania é absoluta como rei dos reis, senhor dos senhores, pode admitir qualquer das suas criaturas, ou repeli-la, até que a sua purificação seja completa.

Não sabeis o que "pedis", disse Jesus a Tiago e João. Efetivamente, na condição de encarnados, enquanto desempenhavam suas missões terrenas, eles eram incapazes de compreender o *sentido e o alcance* do que pediam, assim como, em espírito e em verdade, o sentido e o alcance das respostas que lhes foram dadas, de compreender as regras e as condições, estabelecidas desde toda a eternidade pela vontade imutável de Deus, para o progresso do Espírito, para sua marcha ascensional colimando a perfeição.

(Mateus, vv. 24-28; Marcos, vv. 41-45.) Diante da indignação de que se encheram os outros dez apóstolos contra Tiago e João, Jesus, chamando-os para perto de si, lhes deu o ensinamento simples e conciso, constante desses versículos, ensinamento que todos deveis compreender, objetivando encaminhar o homem para a humildade, para o desinteresse e a renúncia de si mesmo, para o devotamento a todos.

Essa lição deu frutos entre os discípulos e os primeiros cristãos. Os homens, porém, a perderam de vista, deixaram de a praticar desde o dia em que, passados os tempos apostólicos, fizeram da Igreja *do Cristo* um reino deste mundo, pactuando com as potências da Terra, ou, por vezes, lutando contra elas, caminho pelo qual foram levados ao orgulho, à ambição, à dominação e à intolerância, aos abusos, às aberrações, aos excessos que aquelas fontes de erros e de paixões fazem jorrar.

Chegaram os tempos em que as palavras do Mestre se têm de cumprir e tornar verdade prática, em que aquele que quiser ser entre vós o maior estará sempre pronto a servir aos seus irmãos, será o servo de todos.

Espíritas, primeiros pioneiros da era de regeneração, dai aos vossos irmãos o exemplo da humildade, do desinteresse, da renúncia e do devotamento. Reuni os materiais esparsos e preparei a reconstrução da Igreja do Cristo, sobre os fundamentos inabaláveis e indestrutíveis da liberdade, da igualdade e da fraternidade, pela prática do amor, da justiça e da caridade recíprocas e solidárias. Esses fundamentos lançou-os o próprio Jesus, proclamando estarem *toda a lei e os profetas* no duplo mandamento do amor a Deus, vosso Criador, e ao próximo como a vós mesmos. A prática desse duplo mandamento consiste na observância das leis de justiça, de amor e de caridade, impli-

cando a das leis do trabalho e do progresso, pelo aperfeiçoamento próprio e de seus irmãos.

Preparai a reconstrução dessa Igreja *do Cristo*, que tem por templo o vosso planeta e cujos fiéis serão todos os homens, sem embargo dos diversos cultos exteriores que agora os separam e dividem.

Oh! homens, irmãos nossos bem-amados, tornai-vos todos discípulos de Jesus, esforçando-vos, pela compreensão e pela prática, *em espírito e verdade*, de seus ensinamentos e exemplos, por andar nas suas pegadas.

Em nome do Mestre nós vos repetimos: aquele que, entre vós, quiser ser o maior seja o servo de todos, a exemplo do filho do homem, que veio para vossa regeneração, mostrando a todos a senda da perfeição moral na humildade, no desinteresse, na renúncia de si mesmo, no devotamento a todos, absoluto, levado até ao sacrifício da vida.

Jesus declarou: "O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida pela redenção *de muitos*". Disse "*de muitos*" e não "*de todos*" porque, ao tempo da purificação do vosso mundo, Espíritos rebeldes e obstinadamente culpados haverá que serão afastados desse planeta e mandados para outros de categoria inferior, onde terão que expiar e progredir sob as vistas de *outro* Cristo de Deus. Os degradados serão, nós o esperamos, em número reduzido, porquanto o caminho está aberto a todos. Todos tendes o livre-arbítrio e a lei do amor para vos guiar nesse caminho, de modo a que o percorrais com segurança e sem desvio.

Jesus não estabeleceu duas categorias, uma de "*eleitos*", outra de "*réprobos*". Compreendei toda a grandeza do sentido das palavras do Mestre. Nem todos chegarão ao fim *debaixo da mesma direção*, mas todos *hão de chegar*.

LUCAS, Cap. XIX, vv. 1-10

Conversão de Zaqueu

V. 1. Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. — 2. Vivía ali um homem, chamado Zaqueu, que era dos principais entre os publicanos, rico — 3, e que procurava ver a Jesus para o conhecer, o que não podia conseguir devido à multidão, pois que ele era de muito baixa estatura. — 4. Correndo então adiante de todos, subiu a um sicômoro para o ver, porquanto por ali havia Jesus de passar. — 5. Chegando ao lugar onde ele se achava, Jesus levantou os olhos, o viu e lhe disse: Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa. — 6. Zaqueu desceu a toda pressa e o recebeu com alegria. — 7. Todos os que isso presenciaram murmuravam, por ter ele ido hospedar-se em casa de um homem pecador. — 8. Entretanto, Zaqueu, prostrando-se diante do Mestre, lhe disse : Senhor, vou dar aos pobres metade dos meus bens e, se nalguma coisa defraudei a alguém, restituir-lhe-ei o quádruplo. — 9. Sobre o que, disse Jesus: Hoje entrou nesta casa a salvação, pois este também é filho de Abraão. — 10. Porque, o filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido.

N. 245. Fáceis são de aprender-se as conseqüências deste fato.

Jesus viera em socorro dos que se perdiam. Sua moral persuasiva frutificava em alguns corações e os que tratavam de a pôr em prática eram salvos, pois entravam no caminho do progresso rápido e contínuo.

A moral de Jesus, sempre pura, sempre confortante, esteve e ainda está sob as vossas vistas. Ouvis os que a pregam, mas, infelizmente, na vossa maioria, não procurais aplicá-la a vós mesmos. De quem a culpa: dos que falam ou dos que ouvem?

Fazei como Zaqueu, ó bem amados: Dai-vos pressa em preparar a vossa casa, para nela receberdes o Senhor. Preparai a depuração do vosso planeta, purificando-vos. Escutai e aplicai as palavras de Jesus. Reparai sem demora os danos que porventura tendes causado aos vossos irmãos, *quer* por palavras *quer* por atos. Voltai-vos seriamente para vós mesmos e podereis, como Zaqueu, ouvir, repercutindo suavemente no fundo de vossos corações, as palavras do Mestre.

Sereis também, como Zaqueu, "*filhos de Abraão*". Para os *Judeus*, estas palavras — "filho de Abraão" — significavam: "*herdeiro do céu*". Todo aquele que volve ao bom caminho é, *pois*, *desse ponto de vista*, "*um filho de Abraão*".

Na passagem que estamos apreciando, Jesus repete estas palavras: "*o filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido*". Já explicamos (n. 204, v. 11 de Mateus) *o sentido e o alcance* delas.

MATEUS, Cap. XX, vv. 29-34. —
MARCOS, Cap. X, vv. 46-52. —
LUCAS, Cap. XVIII, vv. 35-43

Cura dos cegos de Jericó

MATEUS: V. 29. Saindo eles de Jericó, grande multidão acompanhou a Jesus. — 30. E eis que dois cegos que se achavam sentados à beira da estrada, ouvindo dizer que Jesus por ali passava, se puseram a clamar: Senhor, filho de David, tem compaixão de nós! — 31. O povo os repreendia, mandando que se calassem; porém, eles clamavam cada vez mais alto: Tem compaixão de nós, Senhor, filho de David! — 32. Jesus então parou, chamou-os e lhes perguntou: Que quereis que eu vos faça? — 33. Responderam os dois: Que se nos abram, Senhor, os olhos. — 34. Compadecido deles, Jesus lhes tocou os olhos e, no mesmo instante, ambos recobriram a vista e o seguiram.

MARCOS: V. 46. Estiveram depois em Jericó. Ao sair daí Jesus, acompanhado dos discípulos e de grande multidão, um cego, de nome Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira da estrada, esmolando. — 47. Tendo ouvido dizer que Jesus Nazareno por ali passava, começou a clamar: Jesus, filho de David, tem compaixão de mim! — 48. Muitos o ameaçavam para que se calasse, porém ele clamava ainda mais alto: Filho de David, tem piedade de mim! — 49. Jesus então parou e mandou que o chamassem. Alguns o foram chamar, dizendo: Tem confiança, levanta-te que ele te chama. — 50. Bartimeu, atirando para o lado a capa, de um salto foi ter com Jesus. — 51. Perguntou-lhe este: Que queres que eu te faça? O cego respondeu: Mestre, faze que eu enxergue. — 52. Disse-lhe então Jesus: Vai, tua fé te salvou. No mesmo instante ele enxergou e foi seguindo a Jesus pela estrada.

LUCAS: V. 35. Sucedeu que, ao aproximar-se Jesus de Jericó, estava um cego sentado à beira do caminho, pedindo esmola. — 36. Ouvindo o tropel da

multidão que passava, perguntou o que era aquilo. — 37. Disseram-lhe que era Jesus de Nazaré quem por ali passava. — 38. Logo clamou ele: Jesus, filho de David, compadece-te de mim! — 39. Os que iam à frente o repreendiam, para que se calasse; ele, porém, clamava cada vez mais forte: Filho de David, tem compaixão de mim! — 40. Jesus parou e mandou que lhe trouxessem o cego. Ao aproximar-se este, perguntou-lhe: — 41. Que queres que te faça? Respondeu ele: Senhor, faze que eu veja! — 42. Jesus lhe disse: Vê; tua fé te salvou. — 43. Imediatamente, o que era cego viu e foi seguindo a Jesus, glorificando a Deus. E todo o povo, tendo visto aquilo, louvava a Deus.

N. 246. Há aqui dois fatos de cura, um relatado por Marcos e Lucas, outro por Mateus. Jesus não permaneceu sempre na cidade de Jericó, depois de ali haver entrado e pedido hospitalidade a Zaqueu. Ao contrário, saiu muitas vezes para instruir o povo. Foi assim que operou a dupla cura, em ocasiões diversas. Isto, aliás, nenhum valor tem, nem conseqüência. Que importa, realmente, tenha sido ao entrar em Jericó ou ao sair de lá que os fatos se hajam dado? Que influência pode essa circunstância exercer sobre os mesmos fatos? Não vos detenhais nunca em minúcias pueris.

Quanto às curas, já vos explicamos (2^o volume, pág. 152) como se operavam.

Jesus as produziu por ato *exclusivo* da sua vontade e pela ação de seu poder magnético.

Nenhuma necessidade tinha ele de tocar os olhos dos cegos para os curar da cegueira. Tocando-lhes os olhos, mostrava aos discípulos o que lhes cumpria fazer.

Operando a cura do outro cego, Bartimeu, filho de Timeu, só com o pronunciar estas palavras: "*Vai, tua fé te salvou*", quis impressionar fortemente as massas, mostrando aos homens o poder de que dispunha e também o amparo e benefícios que uma fé sincera e ardente pode esperar do Senhor.

Homens, que sois cegos do coração e da inteligência, dizei com fé: "*Senhor, que nossos olhos se abram*", e recobrareis a vista moral e espiritual. Dizei com fé: "*Mestre, faze que eu veja*" e vereis, porquanto a *luz espírita* clareará as trevas que vos envolvem, projetando o fulgor de seus raios na estrada reta e segura que tendes de percorrer.

**MATEUS, Cap. XXI, vv. 1-17. —
MARCOS, Cap. XI, vv. 1-11 e 15-19.
— LUCAS, Cap. XIX, vv. 28-48**

Entrada de Jesus em Jerusalém. — Mercadores expulsos do templo. — A casa do Senhor é casa de oração e não, pelo tráfico, um covil de ladrões. Predição da ruína de Jerusalém

MATEUS : V. 1. Quando se aproximavam de Jerusalém, ao chegarem a Betfagé, perto do monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, — 2, dizendo-lhes: Ide a essa aldeia que vos está defronte e lá encontrareis amarrada uma jumenta com o seu jumentinho; desamarrai-a e trazei-mos. — 3. Se alguém vos disser qualquer coisa, respondei que o Senhor precisa deles e logo vo-los deixarão trazer. — 4. Ora, tudo isso aconteceu, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta: — 5. "Dizei à Filha de Sião" ¹²: Eis que vem a ti o teu rei, cheio de doçura, montado numa jumenta e trazendo o jumentinho da que está sob o jugo." — 6. Os discípulos foram e fizeram como Jesus lhes ordenara. — 7. Trouxeram a jumenta com o jumentinho, cobriram-nos com suas vestes e o fizeram montar. — 8. Da multidão muitos então estenderam pelo caminho suas roupas, enquanto outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pela estrada. — 9. E a turba toda, tanto os que iam a frente como os que vinham atrás, clamava: Hosana ao filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas! — 10. Quando ele entrou em Jerusalém, a cidade toda se abalou e perguntavam: Quem é este? — 11. A multidão respondia: É Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia. — 12. Jesus entrou no templo de Deus e expulsou todos os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas, — 13, dizendo-lhes: Está escrito: "Minha casa será chamada casa de oração". E fizestes dela um covil de ladrões. — 14. Vieram então ao templo cegos

¹² Jerusalém era edificada no monte Sião.

e coxos e ele os curou. — 15. Vendo, porém, as maravilhas que ele operava e ouvindo os meninos que clamavam no templo : Hosana ao filho de David, os príncipes dos sacerdotes e os escribas se indignaram, — 16, e lhe perguntaram: Ouves o que eles dizem? Respondeu-lhes Jesus: Sim. E nunca lestes isto: "Da boca dos meninos e das criancinhas que ainda mamam tiraste perfeito louvor"? — 17. E, deles se apartando, retirou-se da cidade e foi para Betânia, onde passou a noite.

MARCOS : V. 1. Quando se aproximavam de Jerusalém, ao chegarem a Betânia, perto do monte das Oliveiras, despachou dois de seus discípulos, — 2, dizendo-lhes: Ide àquela aldeia que está em frente de vós; ao entrardes nela, encontrareis amarrado um jumentinho no qual ainda ninguém montou. Desamarrai-o e trazei-mo. — 3. Se alguém vos perguntar: Que fazeis? respondei: O Senhor precisa dele, e logo vo-lo deixarão trazer aqui. — 4. Partiram os dois discípulos e acharam o jumentinho, numa encruzilhada, amarrado do lado de fora de uma porta e o desamarraram. — 5. Alguns dos que por ali estavam lhes perguntaram: Que fazeis? Porque desamarrais esse jumentinho? — 6. Eles responderam como Jesus lhes determinara e os que os haviam interpelado deixaram que o levassem. — 7. Levaram então eles o jumentinho, cobriram-no com suas capas e Jesus montou-o. — 8. Muitos também estenderam suas vestes ao longo do caminho, enquanto outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam por onde ele passava. — 9. E tanto os que iam à frente, como os que o seguiam clamavam: Hosana! — 10. Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino, que vemos chegar, do nosso Pai David! Hosana nas alturas! — 11. Tendo entrado em Jerusalém, Jesus foi ao templo e, depois de tudo haver observado, como já fosse tarde, se retirou para Betânia com os doze apóstolos. — V. 15. Tendo voltado a Jerusalém, Jesus entrou no templo, donde expulsou os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas. — 16. Não permitia que ninguém andasse pelo templo carregando qualquer vaso. — 17. E ensinava dizendo: *Não* está escrito que

a minha casa será, entre todas as gentes, chamada casa de oração? E, no entanto, fizestes dela um covil de ladrões. — 18. Ouvindo isso, os príncipes dos sacerdotes e os escribas cogitavam do modo por que o haviam de perder, pois o temiam porque o povo se mostrava maravilhado da sua doutrina. — 19. Ao cair da tarde saiu ele da cidade.

LUCAS: V. 28. Depois de ter assim falado, Jesus, à frente de todos, tomou o caminho de Jerusalém. — 29. Ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, junto do monte chamado das Oliveiras, despachou dois de seus discípulos, — 30, dizendo-lhes: Ide àquela aldeia que nos está fronteira; ao entrardes lá, encontrareis amarrado um jumentinho no qual nunca ninguém montou; desamarrai-o e trazei-mo. — 31. Se alguém vos perguntar: Porque o soltais? respondi assim: Porque o Senhor precisa dele. — 32. Partiram os dois emissários e encontram o jumentinho como lhes fora dito. — 33. Quando o desamarravam, perguntaram os donos: Porque desamarrais esse jumentinho? — 34. Responderam: Porque o Senhor precisa dele. — 35. Levaram-lho então, cobriram-no com suas vestes e fizeram Jesus montá-lo. — 36. E muitos estendiam suas capas por onde ele passava. — 37. E quando ia começando a descer o monte das Oliveiras, a turba de seus discípulos começou, transportada de alegria, a louvar a Deus em altas vozes por todas as maravilhas que tinham presenciado, dizendo: — 38. *Bendito o rei que vem em nome do Senhor!* Paz no céu e glória nas alturas! — 39. Então, dentre o povo, alguns fariseus lhe disseram: Mestre, faze que teus discípulos se calem. — 40. Ao que ele respondeu: Eu vos declaro que, se estes se calassem, clamariam as próprias pedras. — 41. Já perto de Jerusalém, ao contemplar a cidade, Jesus chorou por ela, dizendo: — 42. Ah! se ao menos neste dia que ainda te é concedido conhecesses aquele que te pode trazer a paz! Mas, por ora, tudo isto se conserva oculto aos teus olhos! — 43. Porque, desditosos dias te virão, em que teus inimigos levantarão trincheiras ao teu redor, te porão cerco e te apertarão de todos os lados; — 44; em que te deitarão por terra, bem como a quantos de teus filhos estão dentro de ti, não deixando em ti pedra sobre

pedra, por não teres conhecido o tempo da tua visitação. — 45. E, tendo entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam, dizendo-lhes: — 46. Está escrito que minha casa é casa de oração; e dela fizestes um covil de ladrões! — 47. E todos os dias ensinava no templo. Entrementes, os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os maiores do povo cogitavam de eliminá-lo. — 48. Não achavam, porém, o que lhe haviam de fazer, porquanto o povo ficava como que suspenso, ouvindo-o.

N. 247. A humildade praticada por Jesus constitui sempre o objetivo do ensinamento em geral. Nem pompa, nem luxo teve a sua entrada em Jerusalém, que se tornou triunfal apenas pelo entusiasmo que suas virtudes despertaram na multidão. Ele era sempre modesto e simples, como a moral que pregava e exemplificava.

Não vos preocupeis com as diferenças que se notam nas narrações, a propósito do animal que Jesus montou. De nenhum modo influem sobre os fatos. A escolha recaiu no jumentinho, por ser a cavalgada do pobre. Foi escolhido um animal novo e ainda não montado, para mostrar que o mais indomável facilmente se pode curvar ao jugo do Mestre.

"Jesus expulsou do templo os vendilhões." Oh! Jesus, entrasses tu em todos os lugares onde tudo são mercadorias, onde o ouro deslumbra e paga a oração e o perdão, resgata os crimes e faz das bênçãos do Senhor vil objeto de comércio!

Disse ele: *"Está escrito que minha casa é casa de oração; e dela fizestes um covil de ladrões."* O pensamento, que estas palavras do Mestre exprimiam, compreendendo a época em que foram ditas e o futuro, é este: Desconfiai dos que vendem o perdão e as graças, dos que exploram a credulidade e a ignorância, porquanto cometem roubo, vendendo o que lhes não pertence, o que não têm nem mesmo para si.

A turba dos discípulos, tanto os que iam à

frente de Jesus, como os que o seguiam, clamava: *Hosana!* Oh! deixai que suas vozes se elevem ao Senhor. Elas abafarão os queixumes da Terra. Hosana àquele que traz a paz aos humildes e aos pequeninos, que curva a fronte dos soberbos e dos orgulhosos!

(Mateus, vv. 1, 2, 3, 6, 7; Marcos, vv. 1-7; Lucas, vv. 28-35.) As narrações evangélicas, já o temos dito e repetimos, se completam umas às outras. A jumenta estava com o jumentinho; este acompanhava a mãe. Jesus montou o jumentinho, mas, conquanto só deste precisasse, mandou buscar uma e outro, porque as tradições e as profecias se tinham que ligar aos acontecimentos da era messiânica. Marcos e Lucas só falaram do jumentinho por ser o que servira ao Rei que fazia a sua entrada em Jerusalém.

Para que compreendais a previsão de Jesus, a sua presciência do que, cumprida a ordem que dera, se ia passar entre os dois discípulos e os donos da jumenta e do jumentinho, basta o conhecimento que ora tendes da sua *natureza*, da *sua origem* e da sua missão superior e que saibais, como sabeis, que tudo fora de antemão *previsto e preparado* pelas encarnações¹³, a fim de que os fatos ocorressem, como era mister, acordemente com as necessidades daquela missão. Em Jesus, a visão a distância decorria das mesmas causas em virtude das quais lhe era dado ler os pensamentos dos homens. É que era sempre *Espírito*, debaixo daquela aparência corporal humana que tomara, revestindo um perispírito tangível. Para vós, que sofreis a encarnação material, qual ela é atualmente para a humanidade terrena, isso só se pode dar pela influência mediúnica dos vossos guias. E assim

¹³ A palavra *encarnações*, embora não dê sentido perfeito à frase, é a que se encontra no texto original. — *Nota da Editora.*

será até ao momento em que a matéria se torne bastante sutil para que o Espírito lhe possa vencer os entraves.

Os donos da jumenta e do jumentinho, deixando que os levassem, foram a isso impelidos pelos seus guias, cederam à inspiração recebida, sem que tivessem a tal respeito nenhuma idéia assentada.

Conhecendo aqueles Espíritos, que haviam encarnado com o fim de concorrerem para que se verificasse o fato em questão, atinente à missão que ele desempenhava; conhecendo-lhes o grau de adiantamento e a docilidade às inspirações de seus guias, Jesus teve a presciência do que se ia passar.

(Mateus, vv. 4 e 5¹⁴, Isaías, cap. LXII, vv. 1, 2 e 11; Zacarias, cap. IX, v. 9.) Estas palavras do evangelista, assim como as dos profetas Isaías e Zacarias, só pela revelação que atualmente vos é dada e que então era futura, predita, prometida, haviam de ser explicadas *segundo o espírito, em espírito e verdade. Sob o véu da letra*, elas encerravam uma alusão à graduação espírita de Jesus, rei vosso, que para o meio de vós *desceu*. Ele é vosso *rei*, por isso que é, preposto por Deus, o protetor e o governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, encarregado do seu desenvolvimento, do seu progresso e de conduzir à perfeição a humanidade que o veio habitar.

(Mateus, vv. 8-9; Marcos, vv. 8-9; Lucas, versículos 36-37-38.) As palavras de louvor e de alegria, que a multidão, à frente e em seguimento de Jesus, proferia, eram *sugeridas ao espírito* popular por influência dos Espíritos do Senhor.

(Lucas, vv. 39-40.) A manifestação tinha que se produzir. Se os homens, obedecendo à própria vontade, se houvessem oposto a que ela se pro-

¹⁴ Ver também JOÃO, cap. XII, vv. 14-15.

duzisse, os Espíritos que cercavam o Mestre teriam feito que se ouvissem vozes entoando louvores ao "filho de David", àquele que, *aos olhos dos homens*, era filho de David.

(Lucas, vv. 41-42-43-44.) Eram proféticas as palavras de Jesus referentes à sorte reservada a Jerusalém, porquanto tinham que estar acordes com os sucessos *vindouros*. Antevendo aquela sorte, ele se aproveitava dos fatos que ocorriam, para que as inteligências fossem impressionadas quando os acontecimentos previstos se realizassem. Com relação aos filhos de Jerusalém, aquelas palavras, do ponto de vista espírita, eram *também alegóricas*, indicando *veladamente* a sorte que aguardava os Espíritos rebeldes à voz do Senhor. Vós espíritas sabeis que o culpado que faliu nas suas provas tem que expiar e que as faltas de uma encarnação recaem amiúde sobre muitas das que se seguem. Eis porque Jerusalém viria a amargar o seu endurecimento. Seus filhos, Espíritos rebeldes, tiveram que expiar seus crimes e sua cegueira voluntária.

(Mateus, vv. 10-11.) *Quando Jesus entrou em Jerusalém toda a cidade se abalou*. Sim, enorme era a surpresa dos que o viam tão humilde e cercado de tão grande multidão. A fama o precedera, mas o que todos esperavam ver era um doutor orgulhoso do seu saber e trazendo após si longo cortejo.

Perguntavam: "Quem é este?" Desde muito tempo se haviam todos esquecido do menino que no templo ensinava aos doutores.

A multidão que o acompanhava respondia: "É Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia". Jesus nunca disse que era Deus. Seus discípulos é que, influenciados pela época, pelos preconceitos e pelas tradições populares, pelo estado das inteligências, pelos fatos ocorridos e pelas aspirações do momento, foram levados a atribuir ao Cristo a divindade,

depois de finda a sua missão terrena. Mas, isso só se deu porque, firmando-se nestas palavras que ouviram de sua boca — filho de Deus, meu pai que está no céu, etc. — e tendo em vista os "*milagres*" por ele realizados, especialmente o fato "*miraculoso*" da sua "ressurreição" e suas aparições depois desta, não admitindo que a outrem, senão somente a *um Deus encarnado*, fosse possível realizar todas aquelas coisas milagrosas, eles tudo tomaram *ao pé da letra*, como era necessário, para atrair as massas.

A fim de destruir os ídolos, fazia-se mister um Deus visível, palpável. Ora, o deísmo inteiramente espiritual não satisfaria, não produziria esse resultado. Foi preciso então proceder de acordo com os tempos, com as *condições e as necessidades* do progresso humano.

Logo que outras se tornaram essas necessidades, quantas vozes se elevaram a combater o princípio da "Trindade", que representava um esforço feito, em face do monoteísmo, por conservar a unidade na pluralidade e que só tomando um caráter panteísta lograva escapar ao politeísmo! Quantas se elevaram a combater o sacrifício *de Deus* imolando-se a si próprio para satisfazer à sua própria vingança e resgatar, perante si mesmo, homens que ele podia condenar ou perdoar, por ato exclusivo de sua vontade! Porém, não censureis. Na marcha do tempo e do progresso humano, tudo tem sua razão de ser, segundo a presciência e a sabedoria infinitas do Senhor.

A nova revelação, que vos trazemos, vem dizer-vos o que *até aos dias de hoje* os homens foram incapazes de suportar.

Despojando *da letra o espírito*, ela vos vem explicar, *em espírito e verdade*, quem é Jesus-Cristo.¹⁵

¹⁵Ver, sobre a divindade que os homens atribuíram ao Cristo, o Evangelho de João, n. 1, referente aos versículos 1 e 2 do cap. I e a explicação desses versículos *em espírito e verdade*.

(Mateus, vv. 12-16; Marcos, vv. 11 e 15-18; Lucas, vv. 45-48.) Todo tráfico tendo por objetivo o reino de Deus constitui uma impiedade.

Lançai o olhar para os tempos hebraicos. Os Judeus resgatavam suas faltas por meio de sacrifícios e os mercadores lhes forneciam as vítimas, os vasos com perfumes, o que tudo era trazido para o templo e aí vendido. Depois, o negócio se ampliou, as transações comerciais se instalaram na casa de Deus. As Bolsas dos tempos de agora, com as suas baixezas, tiveram um modelo no templo de Israel.

Repetimos com Jesus: "Está escrito: *Minha casa será chamada por todos os povos casa de oração; e fizestes dela um covil de ladrões*". O Espírito da Verdade vem dar cumprimento a essas palavras do Mestre, substituindo o reinado da *letra que mata*, pelo *do espírito que vivifica*.

Tempo virá e já veio para vós espíritas, como para todos os homens que não compreendido e praticam, abstraindo de cultos exteriores, a lei de amor, tempo virá em que não mais se adorará o pai no alto do monte, nem em Jerusalém; em que os homens o adorarão *em espírito e verdade*; em que, *por todas as nações*, a Terra será chamada "casa de oração".

Com a prudência e a habilidade do oculista que, operando a catarata, prepara o cego para ver a luz, os Espíritos do Senhor, como mensageiros do Espírito da Verdade, como missionários, encarnados e errantes, vêm e virão levantar progressivamente o véu que rouba aos olhares dos homens a verdade, a fim de que o que era *secreto* seja *conhecido* e o que estava *oculto* se torne *patente*. Eles vêm e virão encaminhar os homens, mediante a prática da humildade, do desinteresse,

da justiça, do amor e da caridade, da renúncia de si mesmos, da indulgência, do perdão e do olvido das ofensas e das injúrias, do devotamento entre todos e por todos, para a verdadeira fraternidade, que só ela pode estabelecer e estabelecerá entre todos, *com sinceridade*, a igualdade e a liberdade, pela reciprocidade e pela solidariedade, efetivando desse modo a regeneração humana, que o Mestre predisse e prometeu.

Quando a unidade fraternal estiver consumada, o reino de Deus estará estabelecido. Então, no vosso planeta depurado (nova Jerusalém), aparecerá em todo o seu fulgor espírita, como soberano visível para as criaturas igualmente purificadas, o vosso protetor e governador, Jesus, vosso mestre e vosso rei. Então, reboará também o brado imenso que, regenerados, tornados verdadeiramente irmãos, os homens, em conjunto e em uníssono, soltarão, como outrora a multidão que o precedia e acompanhava por ocasião da sua entrada em Jerusalém: *Bendito seja o rei que vem em nome do Senhor! Paz seja no céu e glória nas alturas!*

E os Espíritos que houverem preparado e efetuado a regeneração, a purificação do vosso planeta e da humanidade, farão de novo ouvir o cântico dos anjos que conduziram os pastores ao estábulo de Belém: *Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa-vontade!*

**MATEUS, Cap. XXI, vv. 18-22. —
MARCOS, Cap. XI, vv. 12-14 e 20-
26**

Parábola da figueira que secou

MATEUS: V. 18. Pela manhã, ao voltar para a cidade, teve fome, — 19, e, vendo uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, mas não achou ali senão folhas. Disse-lhe então: Nunca mais nasça fruto de ti. No mesmo instante a figueira secou. — 20. Vendo isso, os discípulos diziam entre si, tomados de assombro: Como secou num instante! — 21. Disse-lhes então Jesus: Em verdade vos digo, que, se tiverdes fé e não hesitardes em vosso coração, não só fareis isto a uma figueira, mas ainda se disserdes a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, assim se fará. — 22. E obtereis tudo o que com fé pedirdes na vossa prece.

MARCOS: V. 12. No dia seguinte, ao saírem de Betânia, ele teve fome, — 13, e divisando ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, porém, nada achou senão folhas, pois que não era tempo de figos. — 14. Disse-lhe então: Nunca mais coma alguém fruto de ti; o que por seus discípulos foi ouvido.

V. 20. Na manhã seguinte, ao passarem por ali, viram eles que a figueira secara até à raiz. — 21. Pedro, lembrando-se da palavra do Cristo, disse: Olha, Mestre, como a figueira que amaldiçoaste secou. — 22. Respondeu-lhe Jesus: Tende fé em Deus. — 23. Em verdade vos digo que aquele que disser a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, de que se cumprirá o que houver dito, verá que assim será feito. — 24. Por isso vos digo: Quando orardes, crede que obtereis o que pedis e assim sucederá. — 25. Mas, quando vos puserdes a orar, se alguma coisa tiverdes contra alguém, perdoai-lha, a fim de que vosso pai, que está nos céus, também vos perdoe os pecados. — 26. Porque, se não perdoardes, também vosso pai, que está nos céus, não perdoará os vossos pecados.

N. 248. Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, as palavras de Jesus, os atos por ele praticados, as diversas manifestações espíritas que se produziram desde o instante em que o seu aparecimento na Terra foi anunciado, preparado e realizado, até o termo da sua missão terrena, o que tudo os evangelistas relataram debaixo da influência mediúnica, *como tinha que ser*, — com as apreciações, as opiniões, as impressões dos homens, respeito à personalidade do Mestre, à sua natureza, à sua origem, às suas palavras e aos seus atos.

Jesus quis dar uma lição a seus discípulos. Da narrativa de Marcos consta que naquele momento não se achavam na estação dos figos. Ora, sabendo Jesus que a árvore nenhum fruto tinha, outra coisa não visou senão lembrar, aos apóstolos e a quantos o seguiam, estes ensinamentos: *que a árvore que não dá frutos é condenada; que, em tempo algum, deve o homem ser estéril; que jamais deve deixar de dar frutos, trabalhando sem cessar pelo seu progresso, pelo seu adiantamento, pelo progresso e adiantamento de seus irmãos.*

Jesus, repetimos, dava a seus discípulos uma lição prática. A figueira nada significa, o fato é tudo. Estivesse lá em lugar de uma figueira uma parreira e do mesmo modo teria sido fulminada. Jesus tinha que atuar sobre as inteligências e não sobre a matéria.

Ó homens materiais, que não compreendeis senão o que vos parece matemático, para Jesus a árvore não passou de um meio de que ele se serviu a fim de tornar compreensível aos homens que lhes cumpre dar frutos em todas as épocas. Os discípulos, que ignoravam a ciência do mundo, mas já tinham a percepção das coisas espirituais, compreenderam, tanto que não disseram ao Mestre: Porque fulminas esta árvore que não pode dar frutos, uma vez que não estamos na estação

própria? limitando-se a dizer: Como secou num instante!

Ao que Jesus respondeu: *A fé tudo pode. Isto* não equivalia a dizer que a vontade forte fora a causa determinante do fato que os surpreendia?

O exemplo que ele deu visava tocar a imaginação dos que o seguiam, fazendo-lhes compreender a necessidade de não serem estéreis em tempo algum; destinava-se a ensinar-lhes o poder e a força da vontade, se apoiada na fé. Cumpria que, quando não mais na Terra estivesse, eles fossem instrumentos simultaneamente dóceis e inconscientes dos Espíritos do Senhor, que os assistiriam no desempenho de suas missões.

Dizendo à figueira, onde só folhas encontrara: *Nunca mais de ti nasça fruto*, e fazendo que a árvore secasse imediatamente, apenas teve em mira, não o esqueçais, atentos o estado das inteligências e as necessidades da época, bater forte para ser compreendido.

Longe vinham ainda os tempos em que as suas palavras e o fenômeno operado haviam de ser explicados *em espírito e verdade*. As massas, portanto, muito materiais, precisavam ser impressionadas materialmente.

Vós, espíritas, compreendereis o fenômeno e de que modo a figueira secou subitamente. A uma ordem mental de Jesus e por efeito de sua vontade, os Espíritos prepostos ao que concerne à vegetação retiraram da seiva, por uma ação instantânea, juntamente com a essência espiritual, que foi levada para outro ponto, os fluidos que dão a vida e os fluidos necessários à vegetação material.

O efeito produzido pela subtração dos fluidos vitais foi idêntico ao que produz o vento do deserto que seca toda planta sobre que sopra. Os discípulos notaram imediatamente a ação exercida sobre a árvore e, no dia seguinte, ainda se detiveram a lhe verificarem os efeitos.

Assim é que as duas narrações evangélicas se completam reciprocamente, com duas ordens distintas de palavras, de diálogos, de ensinamentos.

Compreendi igualmente o *espírito* destas palavras, oculto também sob o véu *da letra: Nunca mais nasça fruto de ti*. Elas encerram a condenação do dogma católico da ressurreição dos corpos. O que se deu com a figueira, que subitamente secou, dá-se com o homem que, alvejado pelo anjo da libertação quando menos o espera, morre de súbito, sem haver produzido nenhum fruto. Porventura, uma vez seco, vosso corpo ainda produz novos frutos? Não. Mas o vosso Espírito, não continua, ao contrário, por meio da expiação na erraticidade e depois por meio da reencarnação, a sua marcha pela senda do progresso?

A figueira que secou não mais podia dar frutos, porém, o princípio espiritual, como acabamos de dizer, fora para outro ponto, a fim de continuar a sua marcha progressiva dentro da unidade infinita em que tudo — pela vontade de Deus, criador universal, inteligência suprema e eterna — procede do infinitamente pequeno e culmina no infinitamente grande, sob a vigência das leis gerais e imutáveis, que se aplicam e executam pela ação espírita, leis que são da essência mesma do criador incriado e constituem o que chamais "as leis da natureza".

A parábola da figueira que secou teve por objeto concitar o homem a utilizar a existência terrena, que o Senhor lhe concede para expiar, reparar e progredir, com o auxílio e o amparo do seu anjo guardião e dos bons Espíritos.

Essa parábola adverte o homem de que o Espírito culpado que, até à época em que se operar a separação do joio e do bom grão, permanecer surdo às inspirações do seu anjo guardião e dos bons Espíritos, rebelde, não obstante acharem-se-lhe abertas as sendas da expiação, da reparação e do progresso, não mais dará frutos na Terra.

Será rechaçado para mundos inferiores, correspondentes ao grau da sua culpabilidade e às necessidades do seu progresso, do seu adiantamento.

Jesus vos mostrou, *de um lado, a esperança* permanente de melhorar o homem e a perseverança dos Espíritos, a quem essa obra está confiada, em intercederem a favor do culpado, até que consigam fazê-lo chegar à condição de dar frutos; *de outro, a natureza ingrata e seca*, que nenhum esforço será capaz de modificar e que, por isso, cumpre seja afastada de um meio onde a sua conservação só poderia ser nociva.

Quanto ao sentido simbólico, *segundo o espírito*, das palavras que Jesus dirigiu a seus discípulos, conforme aos vv. 20-22 de Mateus, e a Pedro, conforme aos vv. 23-26 de Marcos, já recebestes as explicações necessárias, às quais vos deveis reportar. Não temos que voltar a esse ponto.

MATEUS, Cap. XXI, vv. 23-32. —
MARCOS, Capítulo XI, vv. 27-33. —
LUCAS, Cap. XX, vv. 1-8

*Reposta de Jesus aos príncipes dos sacerdotes, aos
escribas e aos anciãos do povo. Parábola dos dois
filhos*

MATEUS: V. 23. Tendo vindo ao templo e estando a ensinar, chegaram-se a ele os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo e lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas e quem te deu este poder? — 24. Respondeu Jesus: Também eu vos farei uma pergunta e, se me responderdes, dir-vos-ei com que autoridade faço estas coisas. — 25. Onde era o batismo de João? do céu ou dos homens? Eles, porém, discorriam assim entre si: — 26. Se respondermos que era do céu, ele nos dirá: Porque então não lhe destes crédito? Se respondermos que era dos homens, teremos que temer o povo, pois que João era tido por todos como profeta. — 27. Responderam então a Jesus: Não sabemos. Replicou-lhes ele: Não vos direi tampouco com que autoridade faço estas coisas. — 28. Mas, que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: Meu filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. — 29. Ao que o filho respondeu: Não quero. Mais tarde, entretanto, tocado de arrependimento foi. — 30. Dirigindo-se ao outro filho, disse-lhe o homem a mesma coisa. Este respondeu: Eu vou, Senhor, e não foi. — 31. Qual dos dois fez a vontade do pai? O primeiro, disseram eles. Observou-lhes então Jesus: *Em verdade* vos digo que os publicanos e as meretrizes vos precederão no reino de Deus. — 32. Porquanto, João veio a vós pelo caminho da justiça e não o acreditastes, ao passo que os publicanos e as *meretrizes* creram nele. Vós, nem mesmo depois de ver isso, fizestes penitência, nem ficastes inclinados a crê-lo.

MARCOS: V. 27. Voltaram novamente a Jerusalém. E, andando Jesus pelo templo, dele se aproximaram os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos. — 28. E lhe perguntaram: Com que auto-

ridade fazes estas coisas? Quem te deu o poder de fazer o que fazes? — 29. Respondeu-lhes Jesus: Também eu vos farei uma pergunta; respondi-me e depois então vos direi com que autoridade faço estas coisas. — 30. O batismo de João era do céu ou dos homens? respondi-me. — 31. Eles se puseram a raciocinar entre si deste modo: Se respondermos que era do céu, ele dirá: Porque, então, não o crestes? — 32. Se dissermos que era dos homens, teremos que temer o povo; porque todos consideravam João verdadeiramente um profeta. — 33. A vista disso, responderam a Jesus: Não sabemos. Jesus lhes retrucou: Nem eu tampouco vos direi com que autoridade faço estas coisas.

LUCAS: V. 1. Sucedeu que certo dia estando Jesus no templo a ensinar e a anunciar o evangelho ao povo, lá se reuniram os príncipes dos sacerdotes e os escribas com os anciãos. — 2. E lhe falaram nestes termos: Dize-nos com que autoridade fazes estas coisas? ou: quem te deu esse poder? — 3. Respondeu-lhes Jesus: Também eu vos farei uma pergunta. Respondei-me: — 4. O batismo de João era do céu ou dos homens? — 5. Eles, consultando-se mutuamente, diziam entre si: Se respondermos que era do céu, ele nos dirá: Porque então não crestes nele? — 6. Se dissermos que era dos homens, todo o povo nos apedrejará, pois está convencido de que João era profeta. — 7. Responderam, portanto, que não sabiam donde era. — 8. Replicou-lhes Jesus: Então, também não vos direi com que autoridade faço estas coisas.

N. 249. Jesus se dirigia aos que, tendo sido testemunhas dos atos de João, não se renderam à evidência. Não tendo compreendido em que *fonte* *hauria* ele a sua *força*, ainda menos compreenderiam e admitiriam o testemunho *da sua palavra*.

Se lhes respondera que o poder lhe vinha de Deus, houvera provocado os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os fariseus a apressarem o momento em que a sua missão terminaria. É o que deixou claramente transparecer, evitando responder diretamente à pergunta que lhe fora feita.

Promessas realizáveis no futuro e estímulo para o presente encontrareis *ainda* nestas palavras do Mestre: "os publicanos e as meretrizes vos precederão no reino dos céus". Esses são os filhos rebeldes que tardam em ir trabalhar na vinha do Senhor, que só vão tardiamente, quando arrependidos, mas que vão. Enquanto que vós, orgulhosos, que destes na Igreja os primeiros passos, que dissestes: "Vou, Senhor", mas ficastes parados, que haveis mesmo, muitas vezes, retrogradado, chegareis tarde, muito tarde ao reino dos céus, pois que será mister *compreendais* a vossa falta. Tereis que ir para "a vinha do Senhor", tereis que trabalhar nela com ardor, a fim de recuperardes o tempo perdido. Quando chegardes, os publicanos e os de má vida, que se arrependeram a tempo, que cumpriram a sua tarefa, lá estarão desde muito à vossa espera para vos estenderem as mãos e vos ajudarem a transpor a entrada.

Ouçam os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os fariseus, vossos *contemporâneos*, que tenham *ouvidos de ouvir*.

**MATEUS, Cap. XXI, vv. 33-41. —
 MARCOS, Capítulo XII, vv. 1-9. —
 LUCAS, Cap. XX, vv. 9-16**

Parábola da vinha e dos vinhateiros

MATEUS: V. 33. Ouvi outra parábola: Um homem pai de família havia que plantou uma vinha. Cercou-a com uma sebe, cavou no interior um lagar, edificou uma torre, arrendou a vinha a alguns agricultores e partiu para longe. — 34. Aproximando-se a estação dos frutos, mandou ele seus servos aos vinhateiros para receberem os frutos que lhe cabiam. — 35. Os vinhateiros, porém, agarraram os servos, feriram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram. — 36. De novo o dono da vinha mandou outros servos em maior número do que os primeiros e os vinhateiros os trataram do mesmo modo. — 37. Mandou por último seu próprio filho, dizendo: A meu filho eles terão respeito. — 38. Mas, ao vê-lo, os vinhateiros disseram entre si: Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo e ficaremos donos da sua herança. — 39. Agarraram-no, lançaram-no fora da vinha e o mataram. — 40. Ora, quando o dono da vinha vier, que fará àqueles agricultores? — 41. Responderam-lhe: Aniquilará os malvados como merecem, arrendará a vinha a outros vinhateiros, que, nas épocas próprias, lhe entreguem os frutos.

MARCOS: V. 1. Começou depois Jesus a lhes falar por parábolas: Um homem plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou no interior um lagar, edificou uma torre, arrendou a vinha a uns vinhateiros e retirou-se para longe. — 2. Chegado o tempo da colheita, mandou um de seus servos aos vinhateiros, para receber o que lhe deviam do fruto da vinha. — 3. Os vinhateiros, porém, agarraram o servo, deram-lhe pancada e o enxotaram sem coisa alguma. — 4. Mandou-lhes de novo outro servo e também a este feriram na cabeça e o afrontaram de toda sorte. — 5. Tornou a mandar outro servo; a este mataram; mandou-lhes muitos; mataram a uns e espancaram a outros. — 6. Mas, como ainda lhe restava

um filho a quem ele muito amava, mandou-o por último, dizendo: Meu filho eles respeitarão. — 7. Porém, os vinhateiros disseram uns aos outros: Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo e será nossa a herança. — 8. E o agarraram, mataram e puseram fora da vinha. — 9. Que fará o dono desta? Virá, exterminará os vinhateiros e a outros a entregará.

LUCAS: V. 9. E começou a dizer ao povo esta parábola: Um homem plantou uma vinha, arrendou-a a uns vinhateiros e se ausentou do país por longo tempo. — 10. Na ocasião própria mandou um servo aos vinhateiros para que estes lhe dessem do fruto da vinha. Os vinhateiros, porém, o espancaram e recambiaram sem coisa alguma. — 11. Mandou outro servo. A este também espancaram, ultrajaram e despediram com as mãos vazias. — 12. Mandou ainda um terceiro, que os vinhateiros feriram e expulsaram da vinha. — 13. Considerou então o dono da vinha: Que farei? Mandarei meu filho muito amado. Talvez que, vendo-o, lhes tenham respeito. — 14. Mas, ao vê-lo, os vinhateiros disseram entre si: Este é o herdeiro; matemo-lo para que fique sendo nossa a herança. — 15. E o puseram fora da vinha e o mataram. Que lhes fará o Senhor da vinha? — 16. Virá, exterminá-los-á e a dará a outros. Ouvindo isto, disseram os príncipes dos sacerdotes: Deus tal não permita.

N. 250. O povo de Israel constitui o emblema da parábola.

Ele é a vinha que o Senhor plantou. A sebe de que a cercou representa os cuidados que tomou para conservar a lembrança do seu nome entre os Hebreus.

O lagar que o pai de família cavou é uma expressão *alegórica*, empregada para completar o pensamento e mostrar que nada fora esquecido, a fim de que a vinha produzisse o que devia produzir. Porquanto, produto da vinha não é somente o fruto que se colhe na época da maturação e que se estraga se não é utilizado nas condições necessárias à conservação do que ele encerra em si mesmo, o

suco, que se extrai espremendo-o e macerando-lhe a *parte material, perecível*, a fim de tirar dela o *espírito*, que não se altera e eternamente dura. *Veladamente*, o lagar era, para os Judeus, como para os outros homens, o emblema da provação, da expiação, da reencarnação.

A torre seria a habitação indestrutível dos vinhateiros, se eles houberam cuidado devidamente da vinha, o lugar seguro onde conservariam o suco da uva, se, pelo trabalho, lhe houberam sabido dar as propriedades e a pureza de que necessitava para ser ali armazenado.

A estação do amadurecimento dos frutos indica a época em que os Judeus deveram ter produzido frutos de justiça, dignos de serem colhidos para a eternidade.

Os servos do dono da vinha são os profetas, que repetidamente vieram fazer sentir aos homens que não estavam trilhando o caminho que lhes fora traçado. Aproximava-se a sazão dos frutos quando, tendo recebido as instruções necessárias ao seu adiantamento, cumpria aos homens aproveitar-se delas, de modo que produzissem bons frutos.

Quanto ao bem-amado filho do pai de família, pronto em sacrificar, aos olhos dos homens, a sua vida, para levar ao pai os frutos maduros da sua vinha, não precisais que vo-lo indiquemos.

Os Judeus são os vinhateiros revoltados, dos quais o Senhor retira a sua proteção, por isso que destruíram o que lhes corria o dever de amar e respeitar.

Este é o herdeiro, dizem os vinhateiros da parábola, *vamos, matemo-lo e a herança será nossa*. Pensamento material, que não permite veja o homem mais do que o instante da sua vida atual e os atos que lhe concernem, ocultando-lhe as conseqüências que advirão do seu proceder, não lhe deixando abertos senão os olhos da matéria, pois que lhe fecha violentamente os da alma.

Aquelas palavras tiveram por fim mostrar

a todos a cegueira dos que, recusando dar a Deus o que é de Deus, repelindo todas as advertências que lhes foram feitas e ainda o são, pensavam nada terem que rezear daquele a quem ofendiam e ainda ofendem com a ingratidão e o endurecimento que demonstram.

Dissemos: "*que lhes foram e ainda são feitas*" e "*daquele a quem ofendiam e ainda ofendem*". Os a quem se aplicavam essas palavras da parábola estão, em parte, reencarnados na Terra. O que elas objetivavam mostrar a todos se aplica a esses, como a vós outros. A geração daquele tempo não passou, conforme o disse Jesus nestes termos: "*Esta geração não passará sem que tenhais visto vir o filho do homem na sua glória.*"¹⁶

Segundo a parábola, não houve mudança de vinhateiros até ao momento em que o filho do pai de família foi "morto". Sucederam-se, até *então*, os servos, os enviados do Senhor e não os vinhateiros.

O povo judeu representa os vinhateiros até à morte aparente de Jesus. A partir do termo da missão terrena do Mestre, a vinha foi retirada do poder dos "maus" vinhateiros e dada a "outros". Vós, cristãos, substituístes os Judeus e fostes até ao presente os novos vinhateiros. A vinha que o Senhor vos arrendou é a humanidade inteira do vosso planeta, Judeus e Gentios. A sebe com que a cercou é a lei de amor, que o seu filho bem-amado, a mandado seu, veio pregar aos homens pela palavra e pelo exemplo, lei essa destinada a unir-vos todos, abstração feita dos cultos, sejam quais forem, que se pratiquem no monte ou em Jerusalém.

Os *novos* vinhateiros foram e serão todos aqueles a quem foi dado o encargo de cultivar a vinha, trabalhando, material, moral e intelectualmente,

¹⁶ MATEUS, cap. XXIV, vv. 3 e 34. — LUCAS, cap. XXI, v. 32.

para seu progresso pessoal pelo aperfeiçoamento próprio e para o progresso coletivo pelo aperfeiçoamento de seus irmãos, fazendo que, pelo ensino e pela prática da fraternidade, a vinha produza frutos de justiça e de caridade, de ciência e de amor.

O lagar, que serviu e há de servir para desses frutos tirar-se o suco, espremendo-se-lhes *a parte material e perecível*, para deles extrair-se o *espírito* que não se altera e dura eternamente, foi sempre e é a reencarnação. Esse o único meio de que dispõe o Espírito que faliu "para ver", como o disse Jesus sob o véu *da letra*, o "reino de Deus", isto é, *em espírito e verdade*, o único meio que há, para ele, de realizar a purificação e o progresso, mediante os quais chegará à regeneração, que o levará à perfeição moral.

A torre é o vosso planeta que, uma vez depurado, se tornará a habitação indestrutível dos vinhateiros que tiverem cuidado da vinha, o lugar seguro onde eles depositarão o suco da uva quando lhe houverem dado, pelo trabalho, a propriedade e a pureza de que necessita para ser guardado nela.

Os *novos* vinhateiros, que, sob o véu da letra, tomaram conta da vinha durante a era cristã até aos vossos dias, depois de, por algum tempo, tê-la feito produzir frutos na época, própria, acabaram por pensar, como os primeiros de quem foram os sucessores, *que lhes ela pertencia*. Em cada nova estação, menor era a colheita e, afinal, chegaram ao ponto de a vinha quase nada mais produzir.

O pai de família *manda* novamente seus servos para reclamarem os frutos *que lhe são devidos*. Não recuseis recebê-los, não repilais os servos, missionários encarnados e errantes, que, enviados do Senhor, vêm, em nome do Mestre, reencaminhar-vos à prática da sua moral simples e sublime, pois que vos vêm ensinar progressivamente toda a verdade, conduzir, pelas vias da justiça, da cari-

dade, da ciência e do amor, à unidade fraternal. Não repilais esses servos, órgãos do Espírito da Verdade, porquanto, se os repelirdes, a justiça do Senhor cairá sobre vós e seu filho virá, é certo, *mas para expulsar da vinha os vinhateiros culpados*, isto é, que não lhe apresentarem os frutos que deveram ter colhido. Então é que se ouvirão "prantos e ranger de dentes". Aprendei bem o sentido destas últimas palavras. Elas se aplicam aos que rejeitarem esta terceira explosão do amor do seu Criador, O filho do homem prometeu voltar na sua glória, *para* escolher os filhos do pai de família, os bons trabalhadores da vinha.

Quando chegar o tempo de ultimar-se a regeneração do vosso planeta (e ele não vem longe), os homens serão *separados*, conforme vos foi dito. Os bons irão para a direita do Senhor, isto é, permanecerão no planeta terreno, prestes a tornar-se um dos mundos superiores. Os maus se verão colocados à sua esquerda: serão mandados para os lugares de trevas, isto é, serão primeiramente submetidos à expiação na erraticidade, depois rechaçados para planetas inferiores. Assim se operará a separação do joio e do bom grão, que completará a depuração da terra.

Deveis contar que vereis renovar-se a raça material do vosso globo e essa renovação não se pode efetuar senão por meio da destruição da matéria compacta que vos envolve e que será substituída progressivamente, pouco a pouco, pela essência que recobrirá os vossos Espíritos, essência que se irá tornando cada vez menos material e aproximando cada vez mais do estado fluídico.

Não creais, todavia, que essa mudança se opere de um momento para outro. Para o Senhor, vós o sabeis, o tempo não tem limites: ontem e amanhã são para ele a mesma coisa.

Cada fase dessa renovação será assinalada pelo que chamais — calamidades públicas, flagelos. Essa a ocasião em que os *maus* vinhateiros

serão expulsos. O dono da vinha é o Senhor. Ele virá quando o seu reino se implantar em todos os corações. Só então estará entre vós. O Senhor é Deus, que reina nos corações dos puros.

**MATEUS, Cap. XXI, vv. 42-46. —
 MARCOS, Capítulo XII, vv. 10-12,
 — LUCAS, Cap. XX, vv. 17-19**

*Continuação da parábola da vinha e dos vinhateiros. —
 Jesus, pedra angular*

MATEUS: V. 42. Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes isto nas Escrituras: "A pedra que os edificadores recusaram se tornou pedra angular; obra foi isto do Senhor, maravilhosa aos nossos olhos"? — 43. Eis porque declaro que o reino de Deus vos será tirado e dado a um povo que dele colha frutos. — 44. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e aquele sobre quem ela cair ficará esmagado. — 45. Ouvindo essas palavras, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus conheceram que era deles que Jesus falava. — 46. Quiseram então apoderar-se deste, mas temeram o povo, que o considerava um profeta.

MARCOS: V. 10. Nunca lestes esta passagem da Escritura: "A pedra que os que edificavam rejeitaram se tornou a pedra principal do ângulo. — 11. Foi o Senhor quem fez isso, que os nossos olhos contemplam maravilhados"? — 12. Eles procuravam meio de prendê-lo, pois perceberam que a eles se referia Jesus nessa parábola, mas, como temessem o povo, lá o deixaram e se retiraram.

LUCAS: V. 17. Mas, Jesus, fitando-os, lhes perguntou: Que quer então dizer esta palavra da Escritura: "A pedra que os que edificavam recusaram veio a ser a pedra angular. — 18. Todo aquele que cair sobre essa pedra se despedaçará e ficará esmagado aquele sobre quem ela cair"? — 19. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas tiveram gana de lhe deitarem as mãos naquele mesmo instante, pois perceberam que aquela parábola fora dita com relação a eles, mas recearam do povo.

N. 251. Essas palavras proferidas sob o manto da parábola abrangiam a época em que

foram ditas e o futuro. Aplicam-se aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos fariseus do vosso tempo, como se aplicavam aos de então.

Jesus se referia, assim, à época humana em que eles viviam, como à em que viveis.

Ele personifica a moral, a lei de amor que pregou aos homens pela palavra e pelo exemplo; personifica a doutrina que ensinou e que, sob o *véu da letra*, é a fórmula das verdades eternas, doutrina que, como ele próprio o disse, não é sua, mas daquele que o enviou. Ele é a pedra angular.

Os que *rejeitam* a pedra que se lhes *oferece* para a construção do edifício que os há de abrigar na eternidade, rejeitam a pedra angular, aquela que os sustentará. Contra ela se despedaçarão.

Os Judeus repeliram a Jesus, o enviado, o ungido do Senhor. Despedaçaram-se de encontro a essa pedra, que havia e há de resistir aos séculos dos séculos.

Não a rejeiteis, a vosso turno, porquanto a mesma sorte vos aguardará.

O Espiritismo não é a personificação do Cristo; é, porém, a expressão do seu pensamento, a *continuação* e a *conclusão* da sua obra. Tendo soado a hora em que o reinado *do espírito que vivifica* substituirá o da *letra que mata*, Jesus, depois de ter estado entre vós, vos envia o *Espírito da Verdade*, por intermédio dos Espíritos do Senhor, missionários errantes e encarnados. Ele vos envia e vos enviará sucessivamente os servos do pai de família.

Não vos choqueis contra essa pedra fundamental do edifício da vossa felicidade eterna; não vos condeneis às trevas, despedaçando-vos contra ela. Não busqueis a "morte", porquanto, para o Espírito, a retrogradação das faculdades *materiais de que ele se serve*, seu sepultamento nos sepulcros de carne constituem o "inferno" com todos os seus horrores e todas as suas torturas.

Na linguagem da parábola, disse Jesus aos

príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos fariseus: "O reino de Deus vos será tirado e dado a outro povo que dele colha frutos."

Sim, o reino de Deus foi, é e será tirado a todos os que, na vossa humanidade, foram, são e vieram a ser *orgulhosos, egoístas, ou materialistas*, por isso que o orgulho, o egoísmo, a cupidez, o sensualismo, a intolerância, a ambição, o fanatismo, o materialismo, a predominância da matéria, ou a escravização aos apetites materiais são outros tantos obstáculos ao progresso, ao desenvolvimento do Espírito e ao seu aperfeiçoamento.

O reino de Deus foi, é e será dado aos que, ainda não tendo visto a luz, não têm estado em condições de compreender; aos que entraram, entram e entrarão, sinceramente, em a nova estrada que o Cristo abriu e para a qual o *Espírito da Verdade* vos vem encaminhar, ajudando-vos ao mesmo tempo a percorrê-la de modo seguro e sem desvios; aos que, tendo vivido "fora da Igreja", pouco importa em que tempo, entraram, entram e entrarão, abstraindo de cultos exteriores, no santuário do justo, pela prática da lei de amor; aos que se prosternaram, prosternam e prosternarão, *cheios de humildade e reconhecimento*, ante a grandeza do Criador, produzindo *assim* frutos de justiça e de caridade.

Novos vinhateiros, homens, irmãos nossos, quem quer que sejais, Judeus e Gentios, cristãos, espíritas, a vinha que vos foi arrendada é a humanidade inteira. Fazei-a produzir frutos e estai sempre prontos, em cada nova sação, a entregá-los aos servos que o Senhor vos envia e enviará com o encargo de recebê-los. O mandamento prescreve que "vos ameis uns aos outros". Pela palavra e pelo exemplo, ensinai aos vossos irmãos da Terra que no progresso coletivo se encontra a condição do progresso pessoal de cada um. Ensinai-lhes que a cada um será dado de acordo com suas obras. Trabalhai ativamente e sem cessar pela união

fraternal de todos os homens, pelos congregar em torno da vossa bandeira, tendo esta por lema — amor e caridade.

Agitai por sobre as vossas cabeças o facho da luz espírita, *a fim* de que ela projete cada vez mais longe o seu brilho, a fim de que seus raios atinjam todos os pontos do planeta e esclareçam a humanidade acerca *de suas origens, de seus fins, de seus destinos*. Ensinai e propagai, pela palavra e pelo exemplo, a lei de amor, os modos e os meios de praticá-la, material, moral e intelectualmente. Preparai *dessa maneira* o advento do *espírito* e a vinda dos tempos preditos e prometidos, em que não mais se adorará o pai sobre o monte ou em Jerusalém; dos tempos em que, tendo rejeitado todos os mandamentos humanos e não obedecendo, abstração feita de cultos exteriores, senão aos mandamentos de Deus, que, conforme o proclamou o seu Cristo, encerram *toda a lei e os profetas*, os homens serão adoradores do pai *em espírito e em verdade*; dos tempos em que, sendo todos um pela comunhão dos pensamentos, dos corações e dos atos, estreitamente unidos pela prática do amor e da fraternidade, todos se reunirão em nome de Jesus, que então estará entre todos, para praticarem a adoração do Criador pela prece e pela instrução em comum, sob a presidência do mais digno, do de maior mérito pelo seu adiantamento moral e intelectual. A esse a presidência será deferida por voto unânime, visto que, então, o "*Espírito Santo*" se achará com os que o escolherem, todos verdadeiros membros da Igreja do Cristo.

LUCAS, Cap. XIV, vv. 1-6*Cura de um hidrópico, em dia de sábado, na casa de um dos principais fariseus*

V. 1. Tendo Jesus entrado em certo sábado na casa de um dos principais fariseus para comer, os que lá estavam se puseram a observá-lo. — 2. Defronte dele se achava um homem hidrópico. — 3. E Jesus, dirigindo-se aos doutores da lei e aos fariseus, perguntou: É lícito curar em dia de sábado? — 4. Todos guardaram silêncio. Jesus então, pondo a mão no homem, o curou e mandou embora. — 5. Disse-lhes em seguida: Qual de vós, cujo boi ou jumento caiu num poço, não o tirará logo daí por ser dia de sábado? — 6. A isto nada puderam responder.

N. 252. O hidrópico, como diz o evangelista, estava defronte de Jesus. Os doutores da lei, os, fariseus e quantos o rodeavam observavam o Mestre. Aquele doente eles o trouxeram para ali com o fim de tentarem a Jesus e de o apanharem em falta. Se, obedecendo aos generosos impulsos do seu coração, curasse o hidrópico, acusa-lo-iam de violar o sábado. Se, por escrupulosa observância do sábado, não o fizesse, acusa-lo-iam de negligente em praticar uma boa ação.

Já vos explicamos tudo com relação ao sábado. Também já recebestes as explicações necessárias para poderdes compreender a cura do hidrópico. Operou-a o poder magnético de que Jesus dispunha, como sabeis.

Os homens se obstinam em não pesquisar as causas para comprovar e compreender os efeitos. Qual a causa originária da hidropsia? Um empobrecimento do sangue, cujo quilo diminui, sendo substituído pelas partes aquosas que ele contém. E esse empobrecimento resulta de uma alteração

dos princípios vitais, por efeito de privações ou de excessos.

Bem dirigida, a ação magnética humana pode deter os progressos dessa decomposição do sangue e mesmo fazê-la cessar, mas só com tempo e perseverança, porquanto os instrumentos ainda não são bastante puros para não alterarem ou apoucarem, pelo seu contacto, os fluidos de que dispõem.

Jesus, magnetizador perfeito, empregava os princípios curativos em toda a sua pureza e, conseguintemente, no seu máximo grau de eficácia. Não se vos disse que a tumefação produzida pela enfermidade cessou inopinadamente. Disse-se apenas que a enfermidade foi curada. O mal fora destruído; o equilíbrio se restabeleceu como consequência da ação magnética exercida, da ação dos fluidos de que Jesus impregnara o organismo do doente.

Operada a cura, mandou ele embora o homem. O mal chegara a uma de suas últimas fases e a fraqueza obstava a que o hidrópico fizesse qualquer esforço. Dissemos acima que ele fora levado para ali propositadamente. Jesus, entretanto, o mandou embora. É que lhe dera forças para se retirar e esse era o prelúdio da cura visível: a desinchação.

LUCAS, Cap. XIV, vv. 7-11*Ocupar o último lugar. — Humildade*

V. 7. Notando, em seguida, que os sacerdotes escolhiam os primeiros lugares à mesa, propôs-lhes esta parábola: — 8. Quando fores convidado para alguma boda, não tomes o primeiro lugar, para não suceder que, havendo entre os convidados pessoa de mais consideração do que tu, — 9, aquele que te convidou a ti e a essa pessoa venha dizer-te: Dá a este esse lugar; e te vejas constrangido a ir, envergonhado, ocupar o último lugar. — 10. Ao contrário, quando fores convidado, vai e toma o último lugar, a fim de que aquele que te convidou, quando chegar, te diga: Amigo, senta-te mais para cima; o que será para ti uma glória diante de todos os que contigo estiveram à mesa. — 11. Porquanto, todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado.

N. 253. "Humildade".

Jesus repete amiúde, sob diversas formas, em ocasiões e lugares diferentes, a lição da humildade, pois que a humildade é a fonte de todas as virtudes, de todo o progresso e de toda a elevação moral e intelectual, sendo o orgulho, ao contrário, o vício mais difícil de desarraigir do coração do homem e a causa principal dos vícios que degradam o Espírito, assim como das suas quedas e das perdas que sofre.

LUCAS, Cap. XIV, vv. 12-15

Convidar os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. — Desinteresse

V. 12. Disse também ao que o havia convidado: Quando deres algum jantar ou ceia, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos ricos, para não suceder que também eles te convidem por sua vez e assim te retribuam. — 13. Ao contrário, quando deres algum festim, convida os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. — 14. E bem-aventurado serás porque esses não têm com que te retribuir; Deus é quem te retribuirá na ressurreição dos justos. — 15. Ao ouvir essas palavras, disse-lhe um dos que estavam à mesa: Bem-aventurado aquele que comer do pão no reino de Deus.

N. 254. Desinteresse! O homem está sempre propenso a só pensar em si. O mais das vezes, o bem que faz não passa de um empréstimo, do qual espera auferir largos juros. Esquadrinhei a maior parte dos atos humanos e descobrirei no homem o desejo de ser pago do bem praticado, seja pelo reconhecimento do beneficiado, seja pelos elogios do mundo, seja pelo merecimento que julgue adquirir desse modo aos olhos de Deus. Estes móveis, particularmente o último, podem ser nobres, mas não devem ser exclusivos. *Nunca*, entendi bem, *nunca* deveis cogitar do proveito que possais tirar de uma boa ação, de um bom pensamento. Deveis sempre ter por objetivo principal dar testemunho do vosso reconhecimento ao Senhor.

Efetivamente, que responderíeis ao vosso filho, que não cumprisse um só de seus deveres para convosco ou para com seus irmãos ou irmãs, sem vos ir imediatamente dizer: "Fiz isto; que me darás em recompensa?" — Sem dúvida lhe

responderíeis: "A principal recompensa está em haveres cumprido o teu dever. Procedendo como procedeste, cumpriste uma pequena, uma insignificante parte das tuas obrigações. Porque hás de tirar ao teu procedimento todo o valor, exagerando-lhe o mérito e reclamando a retribuição dele, em obediência a um pensamento de orgulho ou de egoísmo?"

Não vos atenhais à *letra que mata*, buscai sempre o *espírito que vivifica*, nas palavras de Jesus. Ele não pensou em condenar as relações de família, de amizade. Apenas ensinou a prática do desinteresse, por toda parte e constantemente, no seio da grande família humana. Ensinou que os festins da caridade *material*, que sustenta o corpo, dando-lhe alimento, vestes e abrigo, assim como os da caridade *moral*, que alimenta e desenvolve a alma, devem substituir o luxo, a ostentação e o orgulho desses festins que se originam do interesse calculado, da vaidade, ou da sensualidade, nos quais se dissipa o supérfluo devido aos pobres que, material, moral e intelectualmente, carecem do necessário.

Jesus apropriava sua linguagem às inteligências de homens materiais, a fim de as abalar e impressionar fortemente.

"Bem-aventurado serás, disse ele, porque os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos não têm com que te retribuir; Deus é quem te retribuirá na ressurreição dos justos. Ao ouvir isso, diz o Evangelho, um dos que estavam à mesa disse: Bem-aventurado aquele que comer do pão no reino de Deus."

Perfeitamente compreensíveis são estas palavras. Do ponto de vista humano, aludem aos que participam da vida feliz dos justos. Para homens materiais, qualquer pensamento se reporta à matéria. Daí o apresentar-se ao espírito do Judeu a idéia dos festins celestes.

A ressurreição do justo é o seu regresso à *pátria*. Aquele, que, durante a sua peregrinação humana, viveu submisso às vontades do Senhor, será por este recebido, quando voltar à *pátria*. Para o Espírito, a ressurreição do justo consiste em *libertar-se* ele da necessidade de volver aos mundos inferiores de *provações e expiações*; consiste em ascender a mundos superiores ao vosso.

**MATEUS, Cap. XXII, vv. 1-14. —
LUCAS, Cap. XIV, vv. 16-24**

Parábola das bodas e dos convidados que se escusam

MATEUS: V. 1. Falando de novo por parábolas, disse-lhes Jesus : — 2. O reino dos céus se assemelha a um rei que celebrou as bodas de seu filho. — 3. Mandou que seus servos fossem chamar os convidados para a festa; estes, porém, não quiseram ir. — 4. Mandou outros servos recomendando-lhes que dissessem de sua parte aos convidados: O meu banquete está preparado; estão mortos os meus bois e os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas. — 5. Mas, eles nenhum caso fizeram do convite e lá se foram, este para sua casa de campo, aquele para seu negócio; — 6, enquanto outros agarraram os servos, os ultrajaram e mataram. — 7. O rei, ao saber do ocorrido, se encolerizou e, enviando seus exércitos, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade. — 8. E disse aos seus servos: De fato, o banquete das bodas está preparado, mas aqueles a quem convidei não foram dignos da festa. — 9. Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos os que encontrardes. — 10. Saíram os servos pelos caminhos e ruas e reuniram todos os que encontraram, bons e maus, de sorte que a sala da festa se encheu de convivas. — 11. Entrou em seguida o rei para ver os que estavam à mesa e, dando com um que não trajava a veste nupcial, — 12, lhe perguntou: Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial? O interpelado guardou silêncio. — 13. Disse então o rei a seus servos : Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá pranto e ranger de dentes. — 14. Porque, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.

LUCAS : V. 16. Disse-lhes então Jesus : Um homem preparou uma grande ceia e convidou a muitas pessoas. — 17. A hora da ceia, mandou que um servo fosse dizer aos convidados que viessem, pois

que tudo estava pronto. — 18. Todos, como de comum acordo, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei uma quinta e preciso ir vê-la; peço-te que me dês por escusado. — 19. Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las, disse outro. Rogo-te que me dês por escusado. — 20. Casei-me, disse um terceiro, e por isso não posso ir. — 21. Voltando o servo, tudo relatou a seu Senhor. Encolerizado, disse então o pai de família ao servo: Vai já às praças e ruas da cidade e traze para aqui os pobres e estropiados, os coxos e os cegos. — 22. Disse-lhe depois o servo: Senhor, está feito o que ordenaste e ainda há lugar para outros mais. — 23. Retrucou-lhe o Senhor: Vai por essas estradas e veredas e aos que encontrares obriga a entrar, a fim de que se encha minha casa. — 24. Porque, eu vos declaro, nenhum daqueles homens que foram convidados provará da minha ceia.

N. 255. Idênticos são o sentido e o fundamento das parábolas das bodas do filho do rei e da ceia do pai de família, se bem tenham sido ditas em ocasiões e lugares diferentes. Reunimo-las aqui para evitar repetições e também porque se completam. O sentido de ambas é análogo ao da parábola da vinha e dos vinhateiros.

O Senhor é o rei que casa o filho e convida os vizinhos, é o pai de família que convida muitas pessoas para uma grande ceia. Ele chama a si os que, instruídos no conhecimento do seu nome, têm que se reunir, sem demora, ao seu derredor, a fim de partilharem das alegrias da vida eterna.

Os que não atendem ao chamado são os que, ouvindo a voz dos seus enviados, não lhes respondem e os repelem. A justiça divina se exerce então contra esses ingratos que, por sua vez, são repelidos, até que hajam compreendido e expiado suas faltas.

O servo do pai de família é mandado pelas ruas e praças da cidade - em busca dos pobres, dos estropiados, dos coxos e dos cegos para os levar a tomar parte na grande ceia. E, tendo

levado os que encontrou, como ainda houvesse muitos lugares vazios, saiu de novo a percorrer os caminhos e as veredas com a missão de obrigar todos os que encontrasse a entrar na sala do festim, a fim de que a casa do pai de família se enchesse.

Todos, sejam quais forem, hão de participar do festim celeste que proporciona ao Espírito abundante alimento, proporcionando-lhe adiantar-se moral e intelectualmente; tornar-se rico de coração e de inteligência, pela humildade, pelo saber, pela caridade e pelo amor; recobrar a liberdade de suas faculdades e a de caminhar pela senda do progresso; recobrar a visão espiritual da alma e ver cada vez mais a luz; avançar com passo firme e em linha reta para a perfeição.

Mas, para ser-se admitido na sala do festim, preciso se faz, como o diz a parábola das bodas do filho do rei, estar revestido do *traje nupcial*.

Os servos do rei percorrem, a mandado seu, as encruzilhadas, para chamar os bons e os maus. Sejam bons ou maus os que eles forem encontrando, todos são convidados a participar do banquete das núpcias. Cumpre, porém, que, para entrarem na sala da festa, previamente dispam suas vestes manchadas. É essa uma condição absoluta. Quem quer que não a preencha será rechaçado para as trevas *exteriores*, isto é, para os planetas inferiores, para longe das venturosas moradas onde o Espírito, revestido do *traje nupcial pela regeneração*, continua a se depurar até ao momento em que, havendo atingido a perfeição, terá vestido a túnica *imaculada*, *único* traje com que poderá penetrar no palácio eterno: nos espaços, nas regiões puras, nas esferas celestes, divinas, onde só os puros Espíritos habitam e às quais só eles têm acesso. Aquele o único traje com que poderá o Espírito aproximar-se do foco da onipotência.

Dizendo que, depois de haverem seus servos arrebanhado todos os que tinham encontrado, bons

e maus, depois de estar cheia a sala, o rei só achou um conviva que não trazia a veste nupcial, quis Jesus mostrar, sob *o manto da parábola*, que, nos tempos da regeneração, quando todos indistintamente forem chamados, quase todos compreenderão a felicidade que se lhes oferece. Quis mostrar que apenas uma insignificante minoria se manterá obstinada em resistir aos esforços dos servos de Deus para lhes vestir o traje de núpcias, antes que entrem na sala do festim.

"Disse então o rei a seus servos: Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; aí há prantos e ranger de dentes."

Isso sucederá tanto aos que, tendo acudido ao chamado, não se puserem nas condições de se apresentarem dignamente ao Senhor, como aos que recusarem comparecer às bodas. Mais culpado mesmo do que estes é o que ouve a voz dos mensageiros e responde: "Eis-me aqui" e não se torna digno de apresentar-se diante daquele que o chama.

Estas palavras da parábola das bodas do filho do rei: *"Porque, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos"*, não se referem unicamente ao que foi expulso por não estar dignamente vestido. Referem-se também a todos os que anteriormente haviam cerrado os ouvidos e o coração à voz que os chamava.

Não esqueçais, ó vós todos que procurais explicar o *sentido* das palavras de Jesus, que, aplicando-se aos tempos então vindouros, elas apresentavam um cunho de atualidade e de positividade, de molde a ferir os espíritos materiais a quem ele falava. O Mestre, *veladamente*, apontava os benefícios da reencarnação. Se dissera, naquela época: "Os que, apanhados nas encruzilhadas, vestiram com alegria os trajes nupciais eram os mesmos que anteriormente haviam recusado en-

trar na sala do festim das bodas, os mesmos que feriram, maltrataram e mataram os enviados do Senhor"; se dissera: "Os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos trazidos das ruas e praças da cidade para a sala do banquete; os que, encontrados nas estradas e veredas, se viram obrigados a entrar para que a casa do pai de família se enchesse, foram os mesmos que, anteriormente convidados para a ceia do pai de família pelos seus servos, que lhes diziam estar tudo pronto, recusaram comparecer", ter-lhe-iam retrucado: "Para que nos havemos de apressar? A sala do festim das bodas nos está sempre aberta, não deixaremos de, afinal, saborear a ceia, pois que dia chegará em que nos virão buscar para dela participarmos."

Aqueles espíritos materiais eram incapazes de compreender que, não obstante ter sido lícito dizer-se com relação à humanidade terrena: "Muitos são chamados, mas poucos escolhidos", *todos os chamados*, com o correr do tempo, que bem se pode considerar uma eternidade, têm que ser *escolhidos*. Eram incapazes de compreender as condições, os meios, os caminhos pelos quais, *chamado, como* todos os outros, o Espírito pode chegar e chegará a ser escolhido. Não lograriam perceber que isso se dá sob a ação das leis imutáveis do sofrimento, da expiação, do progresso, que se opera pelo renascimento, conduzindo o Espírito culpado, através da escala ascendente das vidas sucessivas e progressivas, *das terras primitivas* aos mundos de provações e expiações, *destes aos mundos regeneradores*, onde ele enverga o traje de núpcias para entrar nos mundos felizes. *Daí*, revestido da túnica *imácula*, isto é, tendo atingido a perfeição moral, eleva-se aos mundos celestes ou divinos e se torna um dos *eleitos de Deus*, tomando lugar entre os puros Espíritos.

Ainda não soara a hora da revelação espírita. Muitos séculos era preciso que se escoassem, para

chegarem os dias de hoje, os tempos preditos da regeneração, que o *Espírito da Verdade* agora prepara.

A parábola das bodas do filho do rei e a da grande ceia do pai de família se aplicavam aos Judeus e, correlativamente, aos Gentios, conforme o compreendiam os primeiros. Os Judeus, como vizinhos do Senhor, eram os convidados. Os Gentios eram os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos que, bons e maus, foram arrebanhados nas praças e nas ruas da cidade, nas estradas e nas veredas. Aplicam-se também à vossa época, em que os que já deveram ter acudido à voz dos servos, que há tantos séculos os chamam, permanecem surdos e indiferentes; e se aplicam ainda aos que o Espírito da Verdade vem apanhar em todos os lugares, para os reunir num só corpo, num só pensamento, para os revestir, em suma, do uniforme da pureza, que será em todos idêntico.

Este agora é o momento em que, na sala inteira, "só um" será achado indigno de aí permanecer. Quer isto dizer que, relativamente ao número dos que responderão felizes ao convite que lhes é feito, muito poucos deixarão de esforçar-se por se tornarem dignos de participar do festim.

NOTA DA EDITORA — Ao traduzirem os versículos 7, de Mateus, e 21, de Lucas, cada tradutor usou de um verbo diferente: encolerizar, irritar, indignar, etc. — W.

**MATEUS, Cap. XXII, vv. 15-22. —
MARCOS, Capítulo XII, vv. 13-17.
— LUCAS, Cap. XX, vv. 20-26**

Deus e César

MATEUS : V. 15. Retirando-se dali, os fariseus foram reunir-se em conselho, a fim de o surpreenderem no que dissesse. — 16. Mandaram então seus discípulos com os herodianos dizer a Jesus: Mestre, sabemos que és sincero e veraz, que ensinas o caminho de Deus na verdade, sem te preocupares com quem quer que seja, porque não consideras nos homens as pessoas. — 17. Dize-nos, pois, qual o teu parecer: É lícito pagar a César o tributo, ou não? — 18. Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Hipócritas, porque me tentais? — 19. Mostrai-me a moeda com que se paga o tributo. Apresentaram-lhe um denário. — 20. Perguntou ele : De quem são estas imagens e esta inscrição? — 21. De César, responderam-lhe. Disse-lhes então Jesus: Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. — 22. Ouvindo isto, encheram-se de admiração e, deixando-o, se retiraram.

MARCOS: V. 13. Querendo surpreendê-lo em falta por alguma de suas palavras, mandaram ter com ele alguns fariseus e herodianos, — 14, que lhe disseram: Mestre, sabemos que és sincero e veraz e que não se te dá de quem quer que seja, porquanto não te preocupas com a qualidade das pessoas, mas que ensinas o caminho de Deus pela verdade. É lícito paguemos o tributo a César, ou não lho devemos pagar? — 15. Jesus, conhecendo-lhes a hipocrisia, disse: Porque me tentais? Deixai-me ver um denário. — 16. Deram-lhe a moeda e ele perguntou: De quem são esta imagem e esta inscrição? Responderam eles: De César. — 17. Disse então Jesus: Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Todos ficaram tomados de admiração.

LUCAS: V. 20. Sempre a espreitá-lo, mandaram emissários insidiosos para que, fingindo-se de homens

de bem, o apanhassem por alguma de suas palavras, a fim de o entregarem à jurisdição e à autoridade do governador. — 21. Esses emissários o interrogaram deste modo: Mestre, sabemos que só dizes e ensinas o que é reto, que não te preocupas com as pessoas, mas que ensinas o caminho de Deus na verdade. — 22. É-nos lícito pagar ou não o tributo a César? — 23. Jesus, percebendo-lhes a astúcia, disse : Porque me tentais? — 24. Mostrai-me um denário. De quem são a efígie e a inscrição que ele traz? Responderam: De César. — 25. Disse então Jesus: Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. — 26. Não podendo repreender-lhe nenhuma das palavras diante do povo, admirados da sua resposta, calaram-se os emissários.

N. 256. Estas palavras, mau grado a tudo o que se haja dito, provam que Jesus não viera pregar a subversão social, mas apenas o progresso moral. O homem pode e deve aliar seus deveres de cidadão aos seus deveres para com o Criador. O respeito às leis lhe é um dever e muitas vezes *uma provação*.

Aplique-se ele, portanto, a abrandar as que tanto lhe pesam, a aliviar o jugo que suporta com tanto sofrimento e tantas queixas, tanta insubordinação e revolta, trabalhando, *pelo seu próprio proceder*, para as modificar e tornar mais *suaves*. Trabalhe cada um pela sua própria reforma, assim o *potentado* como o *artista humilde* e o jugo por si mesmo se despedaçará. Passará a ser leve, o homem não mais o sentirá e as leis se tornarão brandas para todos, pois que todos caminharão retamente pela senda que lhes é traçada, sem que nenhum precise de ser compelido violentamente a retomá-la.

Se vos pesam as autoridades a que estais sujeitos, se as leis vos parecem arbitrárias, queixai-vos, ó homens, de vós mesmos. Não são as revoluções, nem o desmoronamento dos tronos, nem a violação das leis que outorgam a liberdade.

A liberdade nasce do respeito, do cumprimento do dever, da pureza de coração, do amor e da caridade, que implicam a justiça, o respeito a si mesmo e aos outros.

Quando compreenderdes a força destas virtudes, se bem praticadas, *amor e caridade*; quando compreenderdes os *caminhos e os meios* de as pôr *em prática* nos seus princípios fundamentais e nas suas conseqüências, sob todos os aspectos e em todas as suas *aplicações*, na ordem física, na ordem moral e na ordem intelectual, com relação à sociedade, à família e ao indivíduo; quando submeterdes àquelas virtudes todos os vossos atos e pensamentos, tereis resolvido o grande problema da *liberdade* para todos, tereis alcançado o objetivo pelo qual tanto sangue haveis feito correr *inutilmente* e tanto sangue ainda correrá.¹⁷

Liberdade, igualdade, fraternidade. Estas três palavras, causadoras de todas as desordens sociais, que derribam os reis e esmagam os povos, são filhas *do amor e da caridade*. Só dessa união santa fareis nascer e viver eternamente *a fraternidade, a igualdade e a liberdade*.

N. 257. Diante das revoluções e transformações que se operam nas diferentes fases da vida dos povos e dos governos, como conciliar estas palavras: "*Dai a César o que é de César*" com estas outras: "*e a Deus o que é de Deus*"?

Detende-vos um momento e refleti: Porventura já chegastes ao ponto que haveis de galgar? Não tendes que vos renovar para atingirdes a meta?

Se já hoje bem compreendêsseis as coisas, a obra de redenção não seria deferida para amanhã. Atentai, porém, na vossa cegueira, ó homens que

¹⁷ Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de agosto de 1863.

vos julgais tão esclarecidos! Ainda sois dos que fazem correr o sangue para fertilizar a terra, dos que desencadeiam a guerra para obter a paz, dos que ateiam o incêndio para construir. Cegos, cegos, já chegastes ao ponto donde podeis ver o vosso caminho? Surdos, já chegastes ao ponto donde podeis atender aos vossos interesses reais? Ah! se escutásseis as nossas vozes, se praticásseis o amor, a caridade que vos pregamos, não mais entre as vossas mãos brilharia o ferro, nem o fogo crepitaria ; não mais entre vós o sangue correria nos valados, nem as searas seriam taladas, nem os horrores da fome vos levariam a ceifar o grão e a flor, o carvalho e o arbusto!

Mas, respondei: sois caridosos? *uns aos outros* vos amais? praticais o amor a Deus acima de tudo e o amor ao próximo como a vós mesmos?

As palavras de Jesus: "*Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*" eram ditas para o futuro. Muitos séculos ainda haviam de escoar-se antes que elas fossem bem compreendidas e bem praticadas. Ainda não o são. Cumprir-se-ão quando vós e César derdes a Deus o que é de Deus, praticando o duplo amor ao mesmo Deus e ao próximo. Assim será que, pela prática da fraternidade, criareis, *para todos e entre todos*, a igualdade e a liberdade, na paz, na ordem e na hierarquia, que então terá seu fundamento, seu principio e suas regras unicamente no grau de pureza adquirida, de progresso moral e intelectual realizado.

N. 258. Será acertado dizer-se que "na sociedade cristã tal como se constituiu sob Constantino, com o dualismo e o antagonismo da Igreja e do Estado, o preceito — "*Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*" — foi o principio em cujo nome o poder temporal combateu e venceu as pretensões do poder espiritual; em cujo nome, portanto, se decidiu, no mundo cristão, a vitória das crenças sociais e dos

interesses práticos sobre as crenças e os interesses místicos?

Se tivessem compreendido as palavras de Jesus, o poder temporal do papa não houvera existido, não haveria "*príncipes da Igreja*", nem se teriam dado os conflitos que se deram entre esses príncipes e os da Terra. Tampouco as discórdias, o ódio, a guerra teriam devastado os filhos do Senhor.

Se houvesse compreendido as palavras de Jesus, a Igreja, sem jamais se afastar das sendas da humildade, do desinteresse e do amor, teria sempre dado a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, dando o exemplo de todas as virtudes e do cumprimento de todos os deveres para com Deus e para com os homens, tanto do ponto de vista social, como dos da família e dos indivíduos. Teria sempre vivido em harmonia com César, ensinado às nações, exortando e concitando os homens, Judeus e Gentios, pela palavra, mas sobretudo pelo exemplo, à prática da tolerância, da caridade, da justiça e do amor em todos os terrenos, material, moral e intelectual; exortando e concitando os homens, pela palavra, mas sobretudo pelo exemplo, ao trabalho, ao estudo, ao progresso pessoal e ao progresso coletivo, por meio da ciência, da humildade, do desinteresse e do amor; exortando e concitando-os à pesquisa da verdade, dentro da liberdade que o Senhor concedeu ao homem e que vem a ser, como apanágio do livre-arbítrio, a liberdade do pensamento, de apreciação e, portanto, de consciência, de razão, de exame; exortando e concitando desse modo os homens à pesquisa da verdade, do duplo ponto de vista das revelações sucessivas e progressivas e das leis da Natureza, deixando que assim se cumprissem estas outras palavras de Jesus-Cristo, que é o *caminho, a verdade, a vida* e que *havia de servir de alvo às contradições dos homens: "Nada*

há secreto que não venha a ser conhecido e nada oculto que não venha a ser descoberto e a aparecer publicamente."

Mas, não censureis. O que se deu teve a sua razão de ser, tinha que ocorrer, como condição e meio do progresso humano, sob o império e o véu da letra, e preparou o advento da era espírita, mediante as lutas que se travaram na sucessão dos tempos e mediante as criações do passado. E o que *ainda* se não verificou se cumprirá sob o império *do espírito*. Cumpri-lo-á a Igreja do Cristo, inspirada e guiada pelo Espírito da Verdade.

**MATEUS, Cap. XXII, vv. 23-33. —
MARCOS, Capítulo XII, vv. 18-27.
— LUCAS, Cap. XX, vv. 27-40**

*Saduceus. — Ressurreição. — Imortalidade da alma. —
Sua sobrevivência ao corpo. — Sua individualidade
após a morte*

MATEUS : V. 23. Naquele dia, vieram ter com ele alguns saduceus, que negam a ressurreição, e lhe propuseram a questão seguinte: — 24. Mestre, Moisés disse: Em morrendo algum homem sem deixar filho, case seu irmão com a viúva e dê sucessão a seu irmão. — 25. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem descendência, deixando sua mulher a seu irmão. — 26. O mesmo sucedeu ao segundo, ao terceiro, a todos até ao sétimo. — 27. Por último, depois dos sete, morreu a mulher. — 28. Na ressurreição, de qual deles será ela, uma vez que todos a tiveram por esposa? — 29. Jesus lhes respondeu: Estais em erro, por não compreenderdes as Escrituras nem o poder de Deus. — 30. Na ressurreição, nem os homens terão esposas, nem as mulheres maridos: umas e outros serão como os anjos de Deus no céu. — 31. Pelo que toca à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos disse : — 32. Sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob? Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos. — 33. Ouvindo isso, o povo se admirava da sua doutrina.

MARCOS : V. 18. Vieram depois ter com ele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: — 19. Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer algum homem deixando a esposa sem filhos, o irmão do morto case com a viúva e dê sucessão àquele. — 20. Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem deixar filhos. — 21. O segundo casou com a viúva do irmão e também morreu sem deixar filhos, sucedendo o mesmo ao terceiro. — 22. E assim, sucessivamente, os sete a tiveram por esposa e nenhum deixou descendência. Por último, também a mulher morreu. — 23.

Ao tempo da ressurreição, quando todos ressuscitarem, de qual deles será ela mulher, uma vez que os sete a tiveram por esposa? — 24. Respondeu Jesus: Não vedes que errais, por não compreenderdes as Escrituras nem o poder de Deus? — 25. Porque, ao ressuscitarem dentre os mortos, nem os homens terão mulheres, nem as mulheres maridos: umas e outros serão como os anjos nos céus. — 26. Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes no livro de Moisés o que Deus lhe disse na sarça: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob"? — 27. Ora, Deus não o é dos mortos, mas dos vivos. Estais, pois, em grande erro.

LUCAS: V. 27. Chegaram depois alguns dos saduceus, que negam a ressurreição, e lhe perguntaram: — 28. Mestre, Moisés não deixou escrito: Se algum homem casado morrer sem deixar filhos, case o irmão dele com a viúva e descendência dê ao irmão que morreu? — 29. Ora, sete irmãos havia e o primeiro, que era casado, morreu sem deixar filhos. — 30. O segundo casou com a viúva e também morreu sem deixar filhos. — 31. Desposou-a o terceiro e em seguida os outros quatro sucessivamente, sem que nenhum deixasse descendência. — 32. Por fim morreu também a mulher depois de todos eles. — 33. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela mulher, uma vez que com todos foi casada? — 34. Jesus lhes respondeu: Os filhos deste século se casam e são dados em casamento; — 35, mas, aqueles que forem julgados dignos do século vindouro e da ressurreição dos mortos, esses não casarão, nem serão dados em casamento, — 36, porquanto, não mais poderão morrer, visto se terem tornado iguais aos anjos e serem filhos de Deus, porque são filhos da ressurreição. — 37. E que os mortos hão de ressuscitar, Moisés o mostrou quando, na sarça, chamou ao Senhor Deus de Abraão, Deus de Isac, Deus de Jacob. — 38. Ora, Deus não o é dos mortos e sim dos vivos, pois que todos para ele são vivos. — 39. Tomando então a palavra, disseram alguns dos escribas: Mestre, respondeste bem. — 40. E, desde então, ninguém mais se atreveu a lhe fazer perguntas.

N. 259. Não são, por si mesmos, compreensíveis estes versículos? A palavra de Jesus não está neles clara e precisa, ensinando a fé na vida eterna, escoimado esse sentimento de tudo o que entende com a matéria?

A "ressurreição" é a volta definitiva do Espírito à sua pátria eterna. Ela se verifica quando o Espírito atingiu um grau de elevação tal, que não mais se vê constrangido a habitar mundos materiais, onde a reencarnação se opera segundo as leis da reprodução, conforme ainda acontece no vosso planeta. Aquele, que haja transposto essas fases de encarnações materiais, não mais pode morrer. Em tão elevadas condições, a encarnação, ou melhor, a incorporação se efetua por obra do Espírito, que então baixa ao planeta fazendo nele o seu aparecimento, como o explicamos no n. 14 do 1º volume.

Quando o Espírito, que chegou à condição de habitar os mundos superiores, se afasta daquele onde estiver habitando e retorna à vida espírita, o que então se dá é apenas uma mudança de condição; não se dá a morte *no sentido humano em que Jesus falava e como ainda agora o entendeis na Terra.*

As expressões — "os anjos de Deus no céu" — "os anjos que estão nos céus" — aos quais se assemelharão, se igualarão os mortos, uma vez "ressuscitados", e os homens, uma vez que tenham sido julgados dignos de participar da "ressurreição dos mortos", uma vez que se tenham tornado "filhos da ressurreição", "filhos de Deus", indicam os bons Espíritos que galgaram *as condições elevadas de que acabamos de falar e os puros Espíritos.*

Vós, espíritas, deveis compreender estas palavras que Jesus dirigiu aos saduceus:

Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes, no livro de Moisés, o que Deus lhe disse na sarça: Eu sou

o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob — Ora, Deus não o é dos mortos e sim dos vivos, pois que todos para ele são vivos."

Elas se explicam por si mesmas. Fazendo que um Espírito superior dissesse a Moisés: "*Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob*", não mostrou o Senhor que Abraão, Isac e Jacob existem? Se a alma ou Espírito não sobrevivesse ao corpo, teria ele falado desse modo? Por aquelas palavras dirigidas a Moisés, Deus proclamara e Jesus, lembrando-as, proclamava de novo aos saduceus, aos discípulos e a todos os homens, *a sobrevivência da alma, sua imortalidade e sua individualidade após a morte do corpo; proclamava a vida permanente e imortal dos Espíritos, que todos vivem, quer no estado corporal, quer no estado espírita, sob os olhares do Pai.* Ele preparava as gerações futuras a compreenderem que a vida espírita é a vida primordial e normal do Espírito; que o que chamais "morte" não é mais do que a cessação, *para o Espírito*, de um exílio temporário, cujo termo chega quando este se despoja do corpo material, que, *para ele*, não passa de uma veste de provações, de expiação, de progresso, veste que apenas determina uma modificação momentânea na sua vida normal. De um modo como de outro, o Espírito vive sempre sob as vistas de Deus, pois que a morte mais não é do que um passo mediante o qual ele volta da vida *corporal* à vida *espírita*.

Os saduceus eram os materialistas da época. Consideravam Deus como o arquiteto que constrói o edifício, o homem como a pedra que a ação do tempo reduz a pó.

Não observais entre vós análogas inconseqüências, homens que admitem a crença em Deus, e negam a existência da alma e sua imortalidade?

N. 260. Considerando o que diz o v. 26 de MARCOS : "*Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes no*

livro de Moisés o que Deus lhe disse na sarça: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob"? como se produziu essa manifestação relatada *no Êxodo* (Cap. III, vv. 1-6) ?

Deus, como já o temos dito, não se comunica *ele próprio* com os homens. Houve uma manifestação espírita. Não se vos diz que Moisés viu a Deus, mas que o ouviu. O Espírito superior, que o Senhor incumbiu dessa manifestação, tomou uma forma luminosa, não uma forma humana; produziu uma luz deslumbrante.

Moisés era médium de efeitos físicos, audiente e vidente. Ainda quando, porém, não o fosse, as coisas se teriam passado da mesma forma. O Espírito que chegou à perfeição, que se tornou puro Espírito, é senhor, como sabeis, da natureza e de todos os fluidos, deles dispendo à sua vontade, de acordo com as necessidades e as circunstâncias. Foi com o auxílio dos fluidos, de fluidos sônicos e de outros, que aquele Espírito superior realizou a manifestação. Reunindo-os e concentrando-os, assimilando seu perispírito às regiões terrenas, produziu o som da palavra humana articulada e uma luminosidade ofuscante, com a aparência de uma fogueira. Essa luminosidade foi que fez crer a Moisés que a sarça ardia sem se consumir. Foi o perispírito do Espírito incumbido da manifestação que figurou, com o emprego dos fluidos que reunira, o incêndio da sarça.

**MATEUS, Cap. XXII, vv. 34-40. —
MARCOS, Capítulo XII, vv. 28-34.
— LUCAS, Cap. X, vv. 25-28**

Amor de Deus e do próximo

MATEUS: V. 34. Mas os fariseus, tendo sabido que ele fizera calar os saduceus, se reuniram em conselho; — 35, e um deles, que era doutor da lei, para o tentar fez esta pergunta: — 36. Mestre, qual é o grande mandamento da lei? — 37. Respondeu Jesus: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. — 38. Este é o maior e o primeiro mandamento. — 39. E o segundo, semelhante ao primeiro, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. — 40. Toda a lei e os profetas se contêm nestes dois mandamentos.

MARCOS: V. 28. Então, um dos doutores da lei, que ouvira a discussão e vira quão bem Jesus respondera aos saduceus, se aproximou e lhe perguntou: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? — 29. Respondeu Jesus: O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o único Deus. — 30. E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, de todas as tuas forças. Este o primeiro mandamento. — 31. O segundo, semelhante ao primeiro, é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. — 32. Disse-lhe então o doutor da lei: Na verdade, Mestre, disseste bem que Deus é um só, que nenhum outro há além dele; — 33, e que o amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e com todas as forças, e bem assim o amar o próximo como a si mesmo é coisa de maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios. — 34. Vendo Jesus que o escriba replicara sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E desde então ninguém mais se atreveu a lhe fazer perguntas.

LUCAS : V. 25. Então, levantando-se, perguntou-lhe um doutor da lei, para o tentar: Mestre, que hei de

fazer para ter a vida eterna? — 26. Respondeu-lhe Jesus: Que é que está escrito na lei? De que modo a lês? — 27. Respondeu aquele: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo. — 28. Jesus lhe observou: Respondeste muito bem; faze isso e viverás.

N. 261. Amai o Senhor vosso Deus acima de tudo: a Ele, origem e vida de tudo o que é, a Ele, o pai bondoso e justo de tudo o que vive, o juiz reto de todas as vossas ações.

Amái o Senhor vosso Deus acima de tudo, porquanto nesse amor haurireis forças para cumprir todos os vossos deveres, para adquirir todas as virtudes. O amor de Deus é a força da alma, a quem ele deu a esperança da vida eterna. É esse amor que vos aquece os corações, engendra a fé e produz a caridade.

Amái o vosso próximo como a vós mesmos, porquanto, se não possuídes o sentimento grandioso da fraternidade, não praticareis os atos a que ele dá lugar, sereis ramos secos. Do amor a Deus nascem a submissão, a resignação, a esperança. Praticá-lo consiste em obedecer às leis divinas.

Do amor ao próximo, como a si mesmo, nasce a caridade, sem a qual não fareis boas obras.

A caridade está no socorro que deveis prestar aos vossos irmãos pela vossa inteligência, pelo vosso coração, pela vossa mão direita, deixando esta a outra na ignorância do que fez.

Sede brandos e humildes, para serdes caridosos, pois que o orgulho afastará de vós o "pobre", tornando-lhe penoso, *qualquer que seja a sua pobreza*, o auxílio material, moral ou intelectual, que lhe dispensardes.

Sede brandos e humildes, para serdes caridosos, pois que a brandura e a humildade atraem

os mais inacessíveis, animam os mais tímidos, consolam os mais aflitos, purificam os mais *gangrenosos*. Não sejam, porém, somente *dos lábios* a vossa brandura e a vossa humildade, porque *então* já não sereis caridosos.

Quando socorrerdes o pobre a quem falte o pão, não lhe façais ver que dais do vosso supérfluo; não lhe deixeis perceber que cumpris um dever. Ao contrário, dizei-lhe: "Meu irmão, sou feliz por poder vir hoje em teu auxílio. Peço não me esqueças quando, por tua vez, me puderes socorrer."

Quando socorrerdes o pobre, cuja inteligência se ache mergulhada em trevas, não lhe deixeis perceber até onde chega a vossa luz. Não o ofusqueis, nem o humilheis. Dizei-lhe: "Meu irmão, bem pouco sei; mas estou pronto a te ensinar o que sei, se o ignorares. Faze outro tanto comigo, pois bem me podes recompensar do mesmo modo."

Quando socorrerdes o pobre que precisa de conforto para o seu coração, não lhe deixeis sentir que emprestais para que se vos pague no cêntuplo o que adiantastes. Dizei-lhe : "Amo-te, porque és filho de meu pai; amo-te, porque sofres. Tuas lágrimas me fazem chorar, tuas dores me mortificam. Ama-me como te amo. Faze que eu em ti encontre o eco do que em mim vibra, porquanto só no amor acharemos a coragem e a força de caminhar para Aquele que é todo amor. À volta dele e nele está a fonte do amor, que mana em jorros inumeráveis, a nos inundar da sua frescura. Se me amas, sou *feliz* de te amar."

Nunca deixeis que os vossos inferiores, sejam de que natureza forem, percebam que tendes consciência da vossa superioridade. Nunca lhes deixeis compreender que dais justo valor ao serviço que lhes prestais, ao amor que lhes dedicais, porque esse serviço lhes pesaria e esse amor os chocaria.

Amar a Deus acima de tudo é submeter-se a todas as suas leis, que todas se resumem na do amor; é amar o próximo como a si mesmo.

Amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento, de todas as forças, é amá-lo de todo o pensamento, é amá-lo acima de tudo e amar a todas as coisas por amor dele.

Chamamos a vossa atenção para as palavras que Jesus dirigiu ao doutor da lei e para a resposta deste, resposta que o Mestre sancionou, proclamando-lhe a sabedoria nestes termos: *Não estás longe do reino de Deus.*

Sim, não está longe do reino de Deus, isto é, está em via dos rápidos progressos que conduzem à perfeição moral aquele que crê que o Senhor Deus *de Israel* é o único Deus, que um só Deus existe, uno, indivisível, que *nenhum outro além dele há*. Não está longe do reino de Deus aquele que o ama acima de tudo e ama o próximo como a si mesmo; aquele que compreende que esse duplo amor *vale muito mais do que todos os holocaustos, todos os sacrifícios*. Esse não está longe do reino de Deus, porque é *adorador* do pai *em espírito e verdade*, visto que ama a todos os homens como sendo todos irmãos seus e procede para com todos como irmão *deles*, abstração feita dos cultos exteriores. *É adorador* do pai *em espírito e verdade*, porque pratica aqueles dois mandamentos, reconhecendo que neles estão *toda a lei e os profetas*, que eles constituem, portanto, *integralmente*, a lei divina em seu princípio e suas conseqüências, *a única e verdadeira religião de Deus*, a religião universal que há de levar a Humanidade à unidade e, pois, à realização de seus destinos, pela solidariedade na fraternidade.

Amar a Deus acima de tudo e o próximo como a si mesmo é coisa de *muito maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios*. Em qualquer época, no tempo dos Hebreus, como

depois e nos vossos dias, as *exterioridades* do culto, seja este qual for, nada valem perante Deus. As obras tudo são.

Nesses dois mandamentos se contêm toda a lei e os profetas. Praticando-os, material, como intelectual e moralmente, o homem é levado ao cumprimento de todos os seus deveres no seio da grande família humana, debaixo de todos os pontos de vista, social, familiar e individual.

Faze isso e viverás. As obras levam prontamente à vida eterna, a essa vida em que o Espírito, caminhando nas vias da perfeição moral, não mais sofre a morte, libertado que está dos laços da matéria, das constrictões da carne.

Citando estas palavras do *Deuteronomio*, cap. VI, v. 4: "*Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o único Deus*" e dizendo ao doutor da lei: *Respondeste sabiamente — e não estás longe do reino de Deus*, Jesus sancionava o que o doutor acabara de dizer, isto é, que, "na verdade, não há senão um só Deus, que *outro não há além dele*".

Desse modo Jesus recusava, se eximia de toda divindade como Cristo, proclamando, para base do Cristianismo, que Deus é uno, indivisível, conforme *já* o proclamara Moisés para Israel.

Sim, Jesus nunca pretendeu divinizar-se. Notai que por nenhuma de suas palavras ele jamais conferiu a si mesmo o título de Deus, ao passo que elas muitas vezes se referem a um Deus *único*, como, por exemplo, quando declarou que seu pai era maior do que ele e quando, dirigindo-se a Deus por estas últimas e solenes palavras proferidas pouco antes da hora do sacrifício, disse: "Tu, meu pai, que és o único *Deus* verdadeiro!" (João, VIII, v. 3.)

As necessidades da época, temo-lo dito, exigiam que esta questão ficasse como ficou, até ao momento em que as inteligências se achassem bastante desenvolvidas para aceitarem os misté-

rios da missão de Jesus e bastante humildes para não exigirem que o próprio Deus se houvesse abaixado até aos homens, a fim de lhes resgatar as faltas.

LUCAS, Cap. X, vv. 29-37*Parábola do Samaritano*

V. 29. O doutor da lei, porém, querendo parecer justo, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? — 30. Jesus, tomando a palavra, lhe disse: Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de salteadores, que o despojaram, o espancaram e se foram, deixando-o semimorto. — 31. Aconteceu que pelo mesmo caminho desceu um sacerdote, que o viu e passou de largo. — 32. Do mesmo modo, um levita, que também foi ter àquele lugar, viu o homem e igualmente passou de largo. — 33. Um samaritano, porém, seguindo o seu caminho, veio onde estava o homem e ao vê-lo se encheu de compaixão. — 34. Aproximou-se dele, pensou-lhe as feridas, deitando nelas óleo e vinho, colocou-o sobre a sua alimária e o levou para uma hospedaria, onde cuidou dele. — 35. No dia seguinte, tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata desse homem; na minha volta te pagarei tudo quanto despenderes a mais. — 36. Qual dos três te parece que tenha sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? — 37. Respondeu o doutor da lei: O que para com ele usou de misericórdia. Pois vai, disse-lhe Jesus, e faz o mesmo.

N. 262. Deus olha igualmente, com paternal carinho, para todos os seus filhos, quaisquer que sejam a pátria onde nasceram, o idioma que falem, o culto que professem.

Homens, todos *vós sois* irmãos. Praticai, *pois*, a caridade uns com os outros, a caridade do espírito e do coração, a caridade por atos.

Não repilais a nenhum dos *vossos* irmãos, por valerem suas ações menos do que as *vossas*. Não condeneis nunca, *nunca*, *ouvi* bem, porque *então* faríeis *como os* fariseus, os levitas, os principais Judeus.

Imitai o bom Samaritano. Socorrei a todos os que de socorro precisarem, sem inquirirdes das causas de suas quedas, sem indagardes se podem caminhar direito, quando os houverdes levantado. Começai por socorrê-los. Depois, se vos repelirem, afastai-vos, mas conservando-vos sempre prontos a vir de novo em socorro deles, sem agastamento, sem idéias preconcebidas. Não vos limiteis a providenciar para que o ferido seja tratado: tratai-o vós mesmos, *primeiramente* como o permitirem os meios de que dispuserdes, na medida das vossas forças, dos vossos sentimentos, da vossa inteligência. E logo que as vossas ocupações o consentirem, voltai a tratá-lo pessoalmente. Se o pobrezinho recair, ainda que por culpa sua, demonstrei-lhe tanta doçura, tanta paciência, tanta boa-vontade, que ele não tema confiar-se aos vossos cuidados. Assim fazendo, dar-lhe-eis firmeza aos passos hesitantes, força ao cérebro enfraquecido, calor e vida ao coração paralisado.

Estudai atentamente a parábola do bom Samaritano, porquanto, quaisquer que sejam os ensinamentos tirados desse exemplo que Jesus vos ofereceu e os comentários sobre ele feitos, sempre achareis aí o que aprender, o que meditar. Tratai de apreendê-lo e de o *pôr em prática*.

Duplo fim teve Jesus com essa parábola, em que figurou o Samaritano, que era, ao ver dos Judeus, o *herético*, o *infiel*, o *repelido*, o *réprobo*, a praticar a caridade, e em que apresentou, faltos de caridade, o *sacerdote*, o *levita*, os *ortodoxos*, terminando por dizer ao doutor da lei: "*Vai e faze o mesmo*". *Quis, primeiramente*, mostrar aos homens que, *sejam eles quais forem*, são todos irmãos; que o orgulho é causa de queda, por tornar cega a criatura com relação aos seus deveres; que, perante Deus, não há *heréticos*, nem *ortodoxos*; que a única via de salvação é a caridade. *Quis* proscrever e reprovar, para aquele momento e para sempre, o dogmatismo e a intolerância que deri-

vam da diversidade e do antagonismo de crenças e de cultos externos; proclamar que a fé *sem obras* nada vale, que a fé, aos olhos de Deus, não está em dogmas humanos, frutos exclusivos das orgulhosas interpretações dos homens, mas sim *toda* na caridade, que implica a prática da justiça, do amor, da misericórdia. *Em segundo lugar*, objetivou condenar, de antemão, esta máxima da Igreja Romana: *Fora da Igreja não há salvação e*, condenando-a, consagrar, como *única* verdadeira, esta: *Fora da caridade não há salvação*.

Efetivamente, não há salvação fora da caridade que se exerça e pratique por amor a Deus acima de tudo e por amor ao próximo como a si mesmo, *seja quem for* o próximo: conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo. Não disse ele: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem ou vos caluniam?

LUCAS, Cap. X, vv. 38-42

Jesus em casa de Marta. — Ninguém deve preocupar-se demasiado com as necessidades do corpo. Dever de se aliarem os cuidados do corpo aos que o Espírito reclama. — O alimento espiritual jamais se deteriora

V. 38. E aconteceu que Jesus, tendo-se posto a caminho com seus discípulos, entrou numa aldeia; e uma mulher de nome Marta o recebeu em sua casa. — 39. Tinha ela uma irmã chamada Maria, que, sentada aos pés do Senhor, lhe escutava a palavra. — 40. Marta, que muito atarefada andava no arranjo da casa, parando diante de Jesus lhe disse: Senhor, não se te dá que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude. — 41. O Senhor, porém, respondeu: Marta, Marta, tu te azafamas e perturbas a cuidar de muitas coisas. — 42. Entretanto, uma só é necessária. Maria escolheu a parte melhor, que lhe não seria tirada.

N. 263. Em conseqüência de os terem os homens falsamente interpretado segundo a *letra*, estes versículos hão servido para autorizar a vida religiosa, com exclusão de todos os cuidados materiais. Esse não foi o pensamento do Mestre. Marta se preocupava mais do que devia com os cuidados do corpo, esquecida de que só o necessário bastaria.

De condição modesta, queria oferecer a Jesus uma hospedagem magnífica. Foi por isso que o Mestre a repreendeu.

O homem tem o dever de velar pela conservação do seu ser. É essa uma lei absoluta, que não lhe é dado abrogar. Mas, não lhe assiste o direito de sacrificar ao supérfluo os cuidados que o Espírito requer.

Jesus disse: "Nem só de pão vive o homem." Sabei, portanto, aliar o cuidado de que necessita

o vosso corpo aos que o vosso Espírito reclama. Uns e outros podem emparelhar, sem prejuízo algum, desde que sejam atendidos com critério. A Maria a primeira idéia que acudira foi, naturalmente, a de aproveitar os ensinamentos de Jesus. Quando duas necessidades se vos fazem sentir, não tratais de atender antes de tudo à mais premente?

Nada de exclusivismos, nem num caso, nem no outro.

"Maria, disse Jesus, escolheu a parte melhor, que lhe não será tirada". É que o alimento espiritual jamais se perde. Esse alimento é um grão cujas raízes se prolongam sempre.

Para Maria, como para todos, naquele momento, Jesus trazia um corpo material qual os vossos e não tinha os gostos e as necessidades humanas, contentando-se com pouco. Porque havia ela de se preocupar com inúteis cuidados materiais?

Jesus, como sabeis, só *fazia* refeições diante dos homens, e isso mesmo *na aparência* apenas e não *na realidade*, quando precisava dar uma lição ou exemplo.

**MATEUS, Cap. XXII, vv. 41-46. —
 MARCOS, Capítulo XII, vv. 35-37.
 — LUCAS, Cap. XX, vv. 41-44**

O Cristo, Senhor de David

MATEUS: V. 41. Como estivessem os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou: — 42. Que vos parece do Cristo? De quem é ele filho? Responderam-lhes os fariseus: De David. — 43. Repliquou-lhes Jesus: Como é, então, que David, em Espírito, lhe chama seu Senhor, dizendo: — 44. Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu tenha reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés? — 45. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho? — 46. Ninguém lhe pôde responder palavra, nem mais ousou alguém, desde aquele dia, interrogá-lo.

MARCOS: V. 35. Ensinando no templo, disse Jesus: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de David? — 36. Pois o próprio David não disse, inspirado PELO Espírito Santo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu reduza teus inimigos a escabelo de teus pés? — 37. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho? Grande multidão se comprazia em ouvi-lo.

LUCAS: V. 41. Mas Jesus lhes perguntou: Como dizem que o Cristo é filho de David, — 42, quando o próprio David diz no livro dos Salmos: Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita, — 43, até que eu reduza teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés? — 44. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho?

N.º 264. Fazendo essa observação, tinha Jesus por fim: 1.º dar a ver aos homens que nenhum laço carnal o unia a David, nem, *portanto*, à sua descendência; que não pertencia à Humanidade; 2.º mostrar a distância que havia entre o Espírito de David e o do Cristo de Deus.

Quaisquer que fossem a humildade, a doçura, o desprendimento de Jesus, não vos deveis esquecer da sua origem. Ele é o vosso Senhor e também o nosso. É o filho de Deus, não, porém, do ponto de vista de que vós outros, cristãos, o considerastes, isto é, como sendo o próprio Deus. Ele é uma das suas criaturas, *filho do Altíssimo, filho de Deus e irmão dos homens*, como qualquer Espírito criado. É vosso irmão, mas puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada e, como tal, vosso Senhor, vosso Mestre. ⁽¹⁾

A questão que Jesus propôs aos fariseus e à qual ninguém pôde responder, só a nova revelação a resolveria plenamente, porque só ela daria a conhecer aos homens, *em espírito e em verdade*, a natureza e a origem do Cristo, sua missão, sua autoridade, seus poderes com relação ao vosso planeta e à humanidade terrestre, o modo e as condições em que se verificou o seu aparecimento na Terra para dar cumprimento à sua missão terrena.

Estas palavras alegóricas: *“Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu reduza todos os teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés, isto é, até que se haja completado a obra de regeneração”*, diziam respeito, *veladamente*, à missão de Jesus que, com relação ao vosso planeta, ocupa a direita do Pai, por ser, como é, o encarregado do progresso da Terra, o Espírito que a protege e governa no tocante à sua depuração e à sua transformação física, e bem assim no tocante à depuração e à transformação física, moral e intelectual da sua Humanidade.

(1) Ver o que foi explicado a este respeito no 1º. Volume, ns. 55 e seguintes.

**MATEUS, Cap. XXIII, vv. 1-7. —
MARCOS, Capítulo XII, vv. 38-40.
— LUCAS, Cap. XX, vv. 45-47**

*Orgulho e hipocrisia dos escribas e dos fariseus. —
Ouvi-los, porém não os imitar*

MATEUS: V. 1. Falou então Jesus ao povo e a seus discípulos, — 2, dizendo: Na cadeira de Moisés se sentaram os escribas e os fariseus. — 3. Observai e fazei, pois, o que eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras, porquanto dizem, mas não fazem. — 4. Atam pesados e insuportáveis fardos e os colocam sobre os ombros dos homens e no entanto nem ao menos com o dedo os querem tocar. — 5. Todas as suas ações eles as praticam para serem vistos pelos homens; daí o alargarem seus filactérios e alongarem suas franjas. — 6. Querem os primeiros lugares nos banquetes e os primeiros assentos nas sinagogas. — 7. Gostam de que os saúdem nas praças públicas e de que os homens lhes chamem mestres.

MARCOS: V. 38. E lhes dizia, segundo o seu modo de ensinar: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com amplas vestes e de ser saudados nas praças públicas; — 39, de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; — 40, que devoram as casas das viúvas a pretexto de longas orações. Com mais rigor serão eles julgados.

LUCAS: V. 45. Diante de todo o povo que o ouvia, disse ele a seus discípulos: — 46. Guardai-vos dos escribas, que querem andar com longas vestes, que gostam de ser saudados nas praças públicas, de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; — 47, que devoram as casas das viúvas, simulando longas orações. Maior condenação receberão eles.

N. 265. Em todos os tempos, houve sempre doutores que pregam e ensinam, mas não praticam a moral que preconizam. Aí está o escolho.

A semente que dessa forma lançam pode cair em bom terreno e produzir. Mas, também amiúde se perde, porquanto o *exemplo* constitui o melhor ensinamento.

Poderá o discípulo que preparardes queixar-se da severidade dos costumes que lhe impondes, se a observar nos vossos? Se vos vir indulgente para com os outros, deixará ele de compreender a indulgência? Se lhe fizerdes ver como se pratica a caridade, não será mais pronto em se mostrar caridoso? Não amará a seus irmãos, se com ele praticardes o amor?

Entretanto, não desanime aquele que prega e não pratica. Trate de aplicar a si *mesmo* o que ensina por palavras e chegará a *exemplificar* os seus preceitos. E, assim, mais facilmente atrairá as massas, pois que nada é tão eloqüente quanto o *exemplo*.

Não imiteis os escribas e fariseus orgulhosos. Tornai leve o fardo dos vossos irmãos, mostrando-lhes, por vós mesmos, como se pode carregá-lo sem fadiga.

Dar-se-á que o Cristianismo, mas sobretudo o Catolicismo não haja produzido os frutos evangélicos, que deviam produzir, porque, tanto no passado, como no presente, estas palavras do Mestre: "*Observai e fazei o que vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras, porquanto dizem, mas não fazem*" se tornaram freqüentemente aplicáveis aos que hão pregado e ensinado a sua moral, aos escribas e fariseus que lhe tomaram a cadeira, como aos escribas e fariseus que pregavam e ensinavam sentados na cadeira de Moisés?

Sim, de certo. É que mais fácil é falar do que obrar.

MATEUS, Cap. XXIII, vv. 8-12

Nenhum homem deve desejar ou aceitar o título ou o apelido de mestre. — Deus, único pai. O Cristo, único doutor, único mestre. Os homens, irmãos todos

V. 8. Não queirais vós, porém, ser chamados *mestres*, porquanto um ÚNICO mestre tendes e todos sois irmãos. — 9. A ninguém na terra chameis vosso *pai*, porquanto um ÚNICO pai tendes, que está nos céus. — 10. Nem vos deis o título de *doutores*, porquanto não tendes mais que um só doutor e um só mestre — o Cristo. — 11. Aquele que é o maior entre vós será vosso servo; — 12, porquanto, o que se exaltar será humilhado e o que se humilhar será exaltado.

N. 266. Este ensino, que Jesus deu a seus discípulos e a todos os homens, assim se resume: Humildade, fraternidade.

Ele interdizia a todos os homens *daquela época e do futuro* o uso do título de *pai*, que só cabe a Deus, e bem assim o de *mestre*, que só compete ao Cristo, como protetor e governador do vosso planeta, *o único, como tal*, encarregado dos vossos destinos. Só por orgulho e farisaísmo pode o homem, como fazia outrora, usurpar *ainda* aqueles títulos.

Não vos deixeis empolgar pelo orgulho; não procureis colocar-vos acima de vossos irmãos, fazendo-lhes sentir a vossa superioridade; nunca incenseis inconsideradamente aqueles que julgardes mais elevados do que vós, porquanto, se os colocais acima do lugar que lhes compete, fareis nascer neles o orgulho, com as suas desastrosas conseqüências, do mesmo modo que o despertareis em vós, se vos elevardes.

Também nunca vos rebaixeis, nem vos humilheis diante dos vossos irmãos, pois que só a Deus deveis o vosso incenso e a vossa admiração. Fazei justiça, *com sinceridade*, a quem justiça for devida, mas que nenhum sentimento de abjeta servilidade vos penetre, pois que o vosso orgulho se revoltaria no fundo do vosso coração e faríeis nascer o orgulho no do vosso irmão.

Não esqueçais que quem se tem em alta estima torna-se *desprezível*, pois a estima de si mesmo é considerada como exagerada apreciação do valor próprio, tendência que todos os encarnados descuidosamente deixam se lhes desenvolva no íntimo e que os arrasta a uma dupla falta: a de se orgulharem do mérito que *julgam* ter e a de votarem *desprezo aos outros*, considerando-os inferiores a si. Esse *desprezo muitas vezes se disfarça* com as aparências da *bonomia*, da *condescendência*, da *proteção*, mas nem *por isso deixa* de ser o que é. Tal sentimento se reflete sobre os que o aninham. Descei todos ao fundo das vossas consciências e lá encontrareis esse fermento que queremos destruir. Tão difícil é para o homem uma justa apreciação de si mesmo, que nenhum de vós poderá julgar-se capaz de fazê-la. *Consequentemente, nunca vos acrediteis mais dedicado, nem mais caridoso, nem mais probo, nem mais sábio, nem mais apto do que este ou aquele, ou do que o conjunto dos vossos semelhantes*, porque, se lhes leveis vantagem por qualquer daquelas qualidades, dar-se pode que, com relação a outras, vos acheis muito abaixo deles.

A justa apreciação de si mesmo deve sempre dar ao homem criterioso a convicção de que lhe cumpre trabalhar por destruir em si o que é mau, por cultivar o que é bom, por adquirir o melhor. Não olvideis que aquele que se eleva está perto de cair. Não tenteis, pois, o vosso próximo, provocando nele os ímpetus do orgulho, que poderiam

perdê-lo. Sede eqüitativos, mas nunca sejais lisonjeadores.

*Aquele que for o maior entre vós será vosso servo. Se o orgulho o dominar, ele virá a ser vosso servo quando, ao *recomeçar* a sua prova, tiver que se humilhar.*

Aquele que se exalta será humilhado e aquele que se humilha será exaltado. Aquele que tenta elevar-se acima dos outros, fazer sentir a sua superioridade, é sempre impelido por um sentimento de orgulho. No dia da retribuição, terá que o expiar, do mesmo modo que o humilde de coração (mas não apenas de lábios) terá que receber a sua recompensa.

*MATEUS, Cap. XXIII, vv. 13-22**Escribas e fariseus hipócritas*

V. 13. Mas, ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que fechais aos homens o reino dos céus, pois nem entraís nem deixais que entrem os que desejam entrar. — 14. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que, com as vossas longas orações, devorais as casas das viúvas: mais rigoroso será por isso o vosso julgamento. — 15. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito e que, depois de o terdes feito, o tornais duplamente mais merecedor da geena do que vós. — 16. Ai de vós, guias cegos que dizeis: Jurar um homem pelo templo nada é, mas aquele que jurar pelo ouro do templo fica obrigado a cumprir o seu juramento. — 17. Estultos e cegos! qual o que vale mais: o ouro, ou o templo, que santifica o ouro? — 18. Jurar pelo altar, dizeis, nada é, mas aquele que jurar pela oferenda que está sobre o altar fica obrigado a cumprir o seu juramento. — 19. Cegos! que é o que mais vale: a oferenda, ou o altar que santifica a oferenda? — 20. Quem, pois, jura pelo altar jura por este e por tudo o que sobre ele está; — 21, quem jura pelo templo jura por este e por aquele que o habita; — 22, quem jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está assentado.

N. 267. Ai dos que, afastando-se da senda traçada pelo Justo, dela desviam os que se esforçam por trilhá-la, a fim de os induzir aos erros que propagam.

Ai dos que se abrigam por detrás de uma fé que não têm, a fim de abusarem da credulidade dos homens e desta se aproveitarem para a consecução de seus fins!

Ai dos que, aparentando ter fé, arrastam para suas veredas e fazem cair nos seus desregramentos os que delas se conservavam afastados.

Ai dos p \acute{e} rfidos e dos hip \acute{o} critas, que mercadejam com as suas ora \c oes e vendem as gra \c as do Senhor, assim como a entrada na morada divina!

Ai deles, pois ver \tilde{a} o qu \tilde{a} o falsos eram seus caminhos e sentir \tilde{a} o qu \tilde{a} o criminosos eles pr \acute{o} prios foram. O remorso e a expia \c ao lhes vir \tilde{a} o curvar as frentes orgulhosas e dobrar os joelhos inteiri \c ados!

Cegos guias de cegos, que emaranhais os homens numa teia inextric \acute{a} vel de puerilidades culposas, bem sabeis, \acute{o} guias de Israel, guias das ovelhas do pastor, bem sabeis que as leis mesquinhas e arbitr \acute{a} rias que decretais s \tilde{a} o cadeias pesadas que tolhem os passos daqueles que dev \tilde{e} is fazer avan \c ar, que os det \tilde{e} m na sua marcha. E v \acute{o} s outros, cegos tamb \acute{e} m, e que, no entanto, para verdes a luz bastaria abr \tilde{e} sseis os olhos, porque vos submeteis a um jugo que a raz \tilde{a} o repele?

N \tilde{a} o jureis, oh! n \tilde{a} o jureis, ra \c a fraca, nem pelo altar, nem pelo templo, nem pelo c \acute{e} u. N \tilde{a} o jureis, que n \tilde{a} o tendes for \c as para cumprir os vossos juramentos. Sejam simples as vossas palavras. Dizei apenas : Sim, sim; n \tilde{a} o, n \tilde{a} o. Os sentimentos verdadeiros n \tilde{a} o precisam de palavras fortes para se exprimirem. A simplicidade \acute{e} companheira da verdade.

N \tilde{a} o jureis, n \tilde{a} o fazeis juramento e n \tilde{a} o exijais que vossos irm \tilde{a} os jurem. Sabeis se eles poder \tilde{a} o cumprir o que juraram? Sede simples nas vossas palavras como nos vossos atos. Tende por vossa garantia, assim diante dos homens, como diante de Deus: — a pureza do cora \c ao.

**MATEUS, Cap. XXIII, vv. 23-39. —
LUCAS, Cap. XI, vv. 37-54 e Cap.
XIII, vv. 31-35**

*Doutores hipócritas que têm o coração viciado e
enganam os homens pelos atos exteriores, que os
afastam da luz e da verdade*

MATEUS: V. 23. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e não vos importais com o que há de mais importante na lei: a justiça, a misericórdia e a fé, coisas estas que deveis praticar sem omitir as outras. — 24. Guias cegos, que coais um mosquito e engulis um camelo! — 25. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e que, entretanto, estais por dentro cheios de rapina e de imundícias! — 26. Fariseus cegos, limpai primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo. 27. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos homens, mas que por dentro estão cheios de ossadas e podridões! — 28. Assim também vós: exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. — 29. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que erigis túmulos aos profetas, que adornais os monumentos dos justos e dizeis: — 30. Se vivêramos nos dias de nossos pais, não os teríamos acompanhado no derramamento do sangue dos profetas. — 31. Testificais, assim, contra vós mesmos, que sois filhos daqueles que mataram os profetas. — 32. Enchei, pois, a medida de vossos pais. — 33. Serpentes, raça de víboras! Como podereis escapar da condenação à geena? — 34. Eis porque vos vou enviar profetas, sábios e escribas que a uns matareis e crucificareis e a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade. — 35. É para que sobre vós venha todo o sangue inocente que há sido derramado na terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre

o templo e o altar. — 36. Em verdade vos digo que tudo isto virá cair sobre esta geração. — 37. Ah! Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes tenho querido reunir teus filhos, como a galinha reúne debaixo das asas os seus pintos, e não quiseste! — 38. Eis que deserta vos será deixada a casa. — 39. Porque, eu vos declaro que desde agora não mais me vereis, até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor.

LUCAS: XI, v. 37. E estando a falar, um fariseu o convidou para jantar. Ele lhe entrou em casa e tomou lugar à mesa. — 38. Começou então o fariseu a dizer de si para si: Porque não se lavou ele antes de comer? — 39. Disse-lhe então o Senhor: Vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso íntimo está cheio de rapina e de iniquidade. — 40. Insensatos! aquele que fez o que está por fora não fez também o que está por dentro? — 41. Entretanto, dai de esmola o que tendes e eis que todas as coisas se vos tornarão limpas. — 42. Mas, ai de vós fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda, de todas as ervas e desprezais a justiça e o amor de Deus! Estas coisas, porém, é que devíeis primeiro praticar, sem omitirdes as outras. — 43. Ai de vós, fariseus! que gostais das primeiras cadeiras nas sinagogas e de que vos saúdem nas praças públicas. — 44. Ai de vós, que sois como os sepulcros que não aparecem e por sobre os quais andam os homens sem o saberem. — 45. Observou-lhe então um dos doutores da lei: Mestre, falando assim, também a nós outros nos afrontas! — 46. Respondeu Jesus: Ai, também de vós, doutores da lei, que carregais os homens de fardos que eles não podem suportar e nos quais não tocais sequer com a ponta do dedo. — 47. Ai de vós, que erigis túmulos aos profetas, quando foram vossos pais que os mataram. — 48. Certo, dais assim testemunho de que concordais com as obras de vossos pais, pois que estes os mataram e vós lhes construís os túmulos. — 49. Por isso mesmo disse a sabedoria de Deus: Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos e a uns eles matarão e a outros perseguirão, — 50, para que a esta geração se peça conta do sangue de todos os profetas, derramado desde o

princípio do mundo, — 51, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Sim, eu vos declaro que a esta geração contas serão pedidas. — 52. Ai de vós, doutores da lei, que vos apoderastes da chave da ciência e que não entrastes e impedistes a entrada aos que queriam entrar. — 53. Como desta maneira lhes falasse, começaram os fariseus e os doutores da lei a insistir fortemente com ele, importunando-o com perguntas sobre muitos assuntos, — 54, armando-lhe assim ciladas com o fim de nalguma de suas palavras acharem motivo para o acusar.

LUCAS : XIII, v. 31. Naquele mesmo dia, alguns fariseus lhe vieram dizer: Retira-te, vai-te daqui, porque Herodes te quer matar. — 32. Respondeu-lhes Jesus: Ide dizer a essa raposa que hoje e amanhã ainda tenho que expulsar os demônios e curar os enfermos e que no terceiro dia serei consumado. — 33. Todavia, cumpre que eu caminhe ainda hoje, amanhã depois de amanhã, porque não convém que uni profeta morra fora de Jerusalém. — 34. Jerusalém! Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis reunir teus filhos como a galinha reúne debaixo das asas os seus pintos não quiseste! — 35. Eis que deserta vos será deixada a vossa casa. E eu vos digo em verdade que não mais me vereis até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!

N. 268. (MATEUS, v. 23; LUCAS, XI, v. 42.) "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, da arruda de todas as ervas e que omitis, negligenciais o que há de mais importante na lei: a justiça e o amor de Deus, a misericórdia e a fé; coisas estas de que devíeis cuidar primeiro, sem omitirdes as outras."

Tratai de bem compreender o valor destas palavras de Jesus, vós que vendeis as orações, vós que as comprais, vós que fazeis doações às igrejas e aos conventos, pensando que *assim* resgatais vossas faltas e *pagais a Deus* a sua justiça. Compreendei-as bem, pois que fazeis como os escribas e

os fariseus hipócritas, limitando-vos à prática de atos exteriores, prosternando-vos diante dos vossos altares, curvando as frentes com aparente humildade, mas conservando os corações cheios de fel, de orgulho, de inveja, e confiando no número das orações que murmurastes distraidamente, no das genuflexões que executastes, no das esmolas que deitastes nos mealheiros das igrejas, sem atentardes em que esses números se apagam à menor falta de caridade que os vossos corações denotem.

Não vos curveis tantas vezes nos templos, mas curvai-vos, uma vez por outra, sobre o desgraçado que encontrardes caído, para o levantardes. Não vos ajoelheis tantas vezes no chão dos vossos templos, porém, elevai com mais fé, reconhecimento e amor os vossos corações ao Senhor. Não lanceis no tesouro do templo, com tanta ostentação, o dízimo das plantas inúteis que cultivais, mas, antes, abri mão, ocultamente, do dinheiro da viúva, do órfão, do pobre.

Entretanto, não vos isenteis dos deveres que os vossos cultos impõem, porquanto ainda agora, como ao tempo dos Hebreus e até que estejais bastante adiantados moral e intelectualmente, bastante purificados para não mais adorardes o pai no monte ou em Jerusalém, para serdes adoradores do pai em espírito e verdade, é necessário que tenhais um freio. Fazei, porém, de modo que o cumprimento de tais deveres seja uma homenagem sincera, sinceramente prestada ao grande Ser que reina sobre o Universo e não a marcha monótona e regular da máquina que funciona, porque tem que funcionar. Não vos limiteis às práticas exteriores dos vossos cultos, omitindo, negligenciando a adoração verdadeira e a caridade do coração e dos atos, as quais, quando praticadas, constituem o amor a Deus, a justiça, a misericórdia e a fé.

(Mateus, vv. 24-28; Lucas, XI, vv. 38-41, 43 e 52.)
As palavras de Jesus constantes destes versículos também abrangiam, de acordo com o seu

pensamento, a época em que eram proferidas e o futuro, sendo ainda aplicáveis aos tempos atuais. Ai dos que, limitando-se aos atos exteriores *da fé*, cobrindo-se com manto de hipocrisia, não praticam as virtudes que pregam aos outros. Ai deles, pois que se condenam a si mesmos, por suas próprias bocas se acusam perante o Senhor!

Ai dos que fazem para si uma capa de boas obras *fementidas*, que a tanto equivalem as boas obras *aparentes*, com o fim exclusivo de as impor aos *homens*, e que, *assim* ocultando as iniquidades que lhes pejam as consciências, atraem os outros e os enganam pelos semblantes que lhes apresentam.

Ai dos que, sabendo onde está a verdade, dela afastam seus irmãos, para que não se torne conhecida, para que suas iniquidades não sejam, conseqüentemente, patenteadas! Ai dos que, sabendo onde está a luz, a escondem, para que seus raios desapareçam e as deformidades de suas almas não sejam vistas por seus irmãos.

Ai dos que, tendo-se apoderado *da chave da ciência*, nela *não* penetraram e *lhes vedam a entrada aos que desejariam entrar*. Ai desses, porquanto os que conhecem a verdade têm que viver segundo os seus ensinamentos. Eles possuem a chave: se não entram no caminho que se lhes abre diante dos passos e *desse caminho desviam os que lhes cumpria conduzir por ele, duplamente* culpados se tornam.

Ai dos que, conhecendo a verdade, a velam ou mascaram, a *fim de poderem mais facilmente encaminhar o homem para as sendas tenebrosas, por onde eles próprios enveredam*. São aparentemente escrupulosos; são-no para suas consciências e para as de seus discípulos. No fundo, porém, a iniquidade é que os impele. Incapazes de seguirem o caminho da verdade, *afastam dele os que desejariam trilhá-lo*, dizendo-lhes: "Segui-nos, só nós conhecemos o caminho mais seguro; quem não

nos acompanha os passos se perde." Oh ! ai deles, ai desses *guias cegos de um rebanho de cegos!* Terão que dar conta de todas as ovelhas que houverem perdido, de todas as que hajam *impedido* de salvar-se! Ai dos que ocultam a luz! Sua claridade viva os *cegará!*

Ai dos hipócritas, dos falsários, dos velhacos, que ensinam como verdades o que sabem ser erros, que abrem estradas tenebrosas pelas quais não queriam aventurar-se, *no sentido* de que não abrigam em seus corações os princípios que impõem aos outros. Ai deles, porque se condenam por si mesmos diante do Senhor! Põem sobre os ombros de seus irmãos um fardo pesado e não consentem em suportar o menor embaraço. Mentem aos homens, mas não podem mentir ao Senhor. E o Senhor lhes pedirá severas contas de suas ações desde o começo dos séculos, desde o começo de suas iniquidades.

(Mateus, vv. 29-39; Lucas, XI, vv. 47-51; e XIII, vv. 31-35.) Dizendo o que consta destes versículos, aludia Jesus à morte e às perseguições que os profetas tinham sofrido, ao sacrifício que breve se consumaria no Gólgota, às perseguições, ao martírio e à morte que os apóstolos, os discípulos, os primeiros cristãos viriam a sofrer, aos esforços que ele fizera para reunir as ovelhas em torno do cajado do bom pastor, à destruição de Jerusalém, à dispersão dos Judeus e, finalmente, à época alegórica do fim do mundo, isto é, à época em que, operada pela depuração e transformação do vosso planeta e da humanidade terrena a regeneração desta, vindo o vosso protetor, governador e mestre em toda a sua glória, os homens (Judeus e Gentios), regenerados, clamarão, num brado unísono de amor, como outrora a multidão que o acompanhava à sua entrada na cidade santa: *Bendito o que vem em nome do Senhor.*

Chamamos a vossa atenção muito especialmente para estas palavras do Mestre:

MATEUS, vv. 35 e 36: É para que sobre vós venha todo o sangue inocente que há sido derramado na terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o templo e o altar. EM VERDADE VOS digo que tudo isto virá sobre esta geração. — LUCAS, XI, vv. 50 e 51: Para que a esta geração se peça conta do sangue de todos os profetas, derramado desde o princípio do mundo, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Sim, eu vos declaro que a esta geração contas serão pedidas.

Estas palavras, no seu sentido *oculto*, se referem à reencarnação. Deus é infinitamente justo para não punir nos descendentes as faltas dos ascendentes, *se aqueles não foram cúmplices destes*. Jesus, pois, falava assim porque os que haviam matado os profetas ali estavam na sua presença, dispostos a derramar, *segundo o modo de ver dos homens*, o sangue do Cristo. Eles teriam, portanto, que prestar contas de todo o sangue que anteriormente haviam derramado e de todo o que ainda derramariam. Mistérios são estes da reencarnação, *única* chave que nos permite penetrar o sentido das palavras do Mestre e harmonizar a justiça do Senhor com a sua bondade. Se souberdes procurar, encontrareis sempre, nos ensinamentos de Jesus, dominando-os, esse pensamento, pronto a ser desvendado *logo que o momento chegasse*.

O sangue que os Hebreus derramaram corria sempre, vindo a cair, *por meio da reencarnação*, sobre a cabeça de seus descendentes *segundo a carne*, mas efetivamente sobre a cabeça dos que o tinham vertido em suas existências anteriores, até que ficassem purificados pelo fogo.

Não tomeis aqui esta palavra *no seu sentido literal*, mas sim na sua significação *simbólica*, a de que o fogo tudo purifica. O fogo era considerado como o princípio purificador, como o agente

destinado a fazer subir aos pés do eterno os perfumes do incenso e o ardor dos sacrifícios. Essa a razão por que a todo o instante se fala do *fogo* para purificar os pecadores. Trata-se do *fogo moral* dos remorsos, da expiação, que leva o Espírito culpado ao arrependimento e ao desejo de reparar suas faltas, à purificação pela reparação e pelo progresso.

**MARCOS, Cap. XII, vv. 41-44. —
LUCAS, Cap. XXI, vv. 1-4**

O óbolo da viúva

MARCOS: V. 41. Tendo-se sentado defronte do gazofilácio¹⁸, observava Jesus como o povo deitava ali o dinheiro. Muitos dos que eram ricos deitavam grandes quantias. — 42. Veio, porém, uma viúva pobre que deitou apenas duas pequenas moedas, equivalentes a um quadrante¹⁹. — 43. Chamando então seus discípulos, Jesus lhes falou assim: *Em verdade vos digo que esta pobre viúva mais deitou no gazofilácio do que todos os outros; — 44, porquanto, todos os outros deram do que lhes sobrava, ao passo que ela, da sua mesma indigência, deu tudo o que possuía, tudo o que tinha para seu sustento.*

LUCAS: V. 1. Olhando, viu Jesus os ricos a lançarem suas dádivas no gazofilácio. — 2. Viu também uma viúva pobre deitar ali duas pequenas moedas. — 3. Disse então: *Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais do que todos os outros, — 4, porquanto, os outros fizeram a Deus a oferta do que lhes superabundava, ao passo que ela, da sua pobreza, deu tudo o que lhe restava para seu sustento.*

N. 269. Estes versículos dispensam comentários. Facilmente compreensível é a lição que, por aquelas palavras, deu Jesus aos homens. Toda caridade é meritória, quando feita com desinteresse, sem orgulho, nem ostentação. Maior, porém, do que a do rico que dá do que tem em abundância, *sem de nada se privar, é a dádiva daquele que dá o que lhe é indispensável a outro a quem*

¹⁸ Espécie de mealheiro, ou arca, onde, no templo, se deitavam as ofertas.

¹⁹ Moeda do valor aproximado de um centavo.

falta o necessário. Esse se acha mais adiantado na via da caridade do coração. Daí vem que o óbolo da viúva e do pobre pesam mais na balança de Deus do que o ouro do rico.

**MATEUS, Cap. XXIV, vv. 1-14. —
MARCOS, Capítulo XIII, vv. 1-13. —
LUCAS, Cap. XXI, vv. 5-19**

Respostas de Jesus à pergunta que lhe fizeram os discípulos acerca do seu advento e do fim do mundo, bem como sobre os sinais prenunciadores de uma e outra coisa. — Guerras. — Sedições. — Pestes. — Fomes. — Falsos profetas. — Afrouxamento da caridade. — Perseguições. — Assistência do Espírito Santo. — Língua e sabedoria dadas por Deus. — Paciência. — Perseverança

MATEUS: V. 1. Tendo saído do templo, Jesus se ia embora, quando dele se aproximaram os discípulos para lhe fazerem notar as edificações do templo. — 2. Disse-lhes ele então: Estais vendo tudo isto? Em verdade vos digo que aqui não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada. — 3. E estando sentado no monte das Oliveiras, os discípulos o cercaram e assim lhe falaram em segredo: Dize-nos quando sucederão estas coisas e qual será o sinal de tua vinda e do fim do mundo. — 4. Jesus respondeu: Vede que ninguém vos engane, — 5, pois que muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e a muitos enganarão. — 6. Haveis de ouvir falar de guerras e rumores de guerra. Vede bem, não vos turbeis, porquanto é necessário que assim aconteça, mas não será ainda o fim; — 7, pois, nação se levantará contra nação, reino contra reino, e haverá pestes, fomes terremotos em diversos lugares. — 8. Todas estas coisas, porém, são apenas o princípio das dores. — 9. Sereis então entregues à tribulação e vos matarão; todas as nações vos odiarão por causa do meu nome. — 10. Ao mesmo tempo muitos se hão de escandalizar e se trairão uns aos outros e uns aos outros se odiarão. — 11. Muitos falsos profetas se levantarão e seduzirão a muitos. — 12. E, porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará. — 13. Aquele, entretanto, que perseverar até ao fim, será salvo. — 14. E este Evangelho do reino será pre-

gado por todo o orbe para dar testemunho a todas as nações. Então virá o fim.

MARCOS : V. 1. Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Olha, Mestre, que pedras e que edifícios! — 2. Respondeu-lhe Jesus: Vês todos estes grandes edifícios? Serão de tal modo destruídos que. não ficará pedra sobre pedra. — 3. E como tivesse ido sentar-se no monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, Tiago, João e André o interpelaram em particular, desta forma: — 4. Dize-nos quando acontecerão estas coisas e qual será o sinal de que estão prestes a cumprir-se? — 5. Entrou então Jesus a lhes dizer: Vede que ninguém vos seduza. — 6. Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu o Cristo e enganarão a muitos. — 7. Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos perturbeis, pois é necessário que isso aconteça; mas ainda não será o fim. — 8. Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino; haverá por diversos lugares terremotos e fomes. Estas coisas serão apenas o começo das dores. — 9. Estai atentos, pois vos hão de entregar aos concílios e de açoitar nas sinagogas. Haveis de comparecer perante os reis e governadores por minha causa, para lhes dardes testemunho de mim. — 10. Mas é preciso que primeiro o Evangelho seja pregado a todas as nações. — 11. Quando vos conduzirem para vos entregarem, não premediteis o que haveis de dizer; dizei o que vos for inspirado no momento mesmo; porquanto, não sois vós quem fala e sim o Espírito Santo. — 12. Então o irmão entregará seu irmão à morte e o pai entregará o filho; os filhos se levantarão contra os pais e lhes darão a morte. — 13. Sereis odiados de todos por causa de meu nome. Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.

LUCAS: V. 5. Como alguns lhe falassem do templo, referindo-se às belas pedras e aos magníficos donativos²⁰, que o ornavam, disse Jesus: — 6. Tempo virá em que isto que vedes será de tal modo

²⁰ Estes donativos eram, entre outros, o painel de ouro que o Rei Ptolomeu ofereceu e a parreira de ouro oferecida por Herodes, o Grande. (*N. do T.*)

destruído que não ficará pedra sobre pedra. — 7. Perguntaram-lhe então: Mestre, quando sucederá isso e qual será o sinal de que essas coisas vão começar a cumprir-se? — 8. Ele respondeu: Vede que não vos deixeis enganar, pois muitos virão em meu nome dizendo: Sou eu o Cristo; e esse tempo se aproxima; guardai-vos de os seguir. — 9. Quando ouvirdes falar de guerras e sedições, não vos assusteis, porquanto cumpre que primeiro tais coisas sucedam, mas o fim não virá logo. — 10. E acrescentou: Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino; — 11, haverá grandes terremotos, pestes e fomes em diversos lugares; aparecerão coisas espantosas e no céu grandes prodígios. — 12. Antes, porém, de tudo isso, prender-vos-ão e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e metendo-vos nas prisões, levando-vos à presença de reis e governadores por causa do meu nome. — 13. Servirá isso para dardes testemunho da verdade. — 14. Gravai nos vossos corações que não tendes que premeditar do como respondereis; — 15, pois que vos darei uma boca e uma sabedoria a que os vossos inimigos não poderão resistir nem contradizer. — 16. Sereis entregues mesmo pelos vossos pais, irmãos, parentes e amigos e a alguns de vós morte será dada. — 17. Todos vos odiarão por causa do meu nome. — 18. Mas, nem um só cabelo das vossas cabeças se perderá. — 19. Pela vossa paciência possuireis vossas almas.

N. 270. (Mateus, vv. 1-2-3; Marcos, vv. 1-2-3-4; Lucas, vv. 5-6-7.) As palavras ditas por Jesus, respondendo a esta pergunta dos discípulos: *Mestre, quando sucederão estas coisas e qual será o sinal da tua vinda e do fim do mundo?* tiveram por escopo manter os povos sempre alerta, a pressentirem os acontecimentos que teriam de ocorrer na marcha ordinária dos séculos. *Tiveram por fim* pôr em guarda, não os apóstolos diretamente, mas as gerações que se haviam de suceder. Eram alegóricas no sentido de que, *pela letra*, apresentavam aqueles sucessos como um encaminhamento para o fim do planeta, ao passo que, *segundo o espírito, em verdade*, aludiam a fases de progres-

so, de depuração, de transformação da Terra e da Humanidade e à vinda do mesmo Jesus, em todo seu fulgor espírita, ao vosso mundo então purificado, como visível soberano de seus habitantes, igualmente purificados.

Tudo era apropriado aos tempos e às necessidades da época. O mesmo se dá com relação à em que viveis. A verdade está no que se vos diz, mas, *em certos casos*, não o está *completa*. Nem tudo se vos revelou ainda, pois que ainda não estais suficientemente amadurecidos. As revelações correspondem sempre às necessidades do momento e preparam os tempos vindouros. O homem repele isto, porque o seu orgulho lhe diz que ele se acha apto a compreender tudo e com forças para tudo receber. Não quer admitir que apenas saiu da infância e que só pouco a pouco, depois que haja aberto mão de todas as frivolidades, o véu irá sendo gradualmente levantado, para lhe deixar ver progressivamente a verdade.

(Mateus, vv. 4 e 5; Marcos, vv. 5, 6; Lucas, v. 8.)
Estas palavras: "*Vede que ninguém vos engane; pois que muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e a muitos enganarão*", se referiam, no pensamento de Jesus, àquela época e ao futuro. Aplicam-se aos tempos atuais e aos que hão de vir.

Aplicam-se aos que delas fazem *uma arma*, aos que tomam a si o encargo de conduzir os povos ao Senhor e que os encaminham por falsas veredas.

Tranqüilizem-se os homens: aquele que lhes foi enviado, que se lhes manifestou com um corpo humano aparente, não os abandonou. Ninguém dirá: "*Eu sou aquele que, por vós, cumpre o sacrifício do Gólgota*".

Haverá Cristos, *já* os tem havido. No *sentido próprio* dessa palavra, aqui *alegoricamente* empregada, por Cristos deveis entender — Espíritos enviados ao vosso planeta em missão relativamente superior. Já os houve, pois que Espíritos, *relativa-*

mente superiores, em missão, eram todos os que, desde a mais remota antiguidade que possais alcançar, impeliram a Humanidade à realização de um progresso, todos os que se elevaram acima das massas e as dominaram pelas suas virtudes, pelo seu saber, pelo seu gênio, qualquer que tenha sido para com eles a ingratidão dos homens. A superioridade desses missionários, porém, era sempre relativa ao centro onde encarnavam.

Cristos haverá e os que como tais vierem terão grandes poderes, grande autoridade, mas nenhum se inculcará como sendo o Messias, Cristo de Deus, vosso protetor, governador e mestre. Reconhecê-los-eis, ó homens, vendo-os, a exemplo de Jesus, elevar-se acima das massas pela prática da humildade, da renúncia de si mesmos, do devotamento, da caridade e do amor e pregar pelo exemplo a solidariedade e a fraternidade entre todos, abrindo, alargando, para a Humanidade, a estrada do progresso físico, moral e intelectual.

O Salvador do mundo executa a sua obra. Aproxima-se o tempo, disse ele, em que muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; vede bem, guardai-vos de segui-los. Estas suas palavras aludiam aos tempos que se seguiriam e a todos os que, declarando-se unidos de plenos poderes outorgados pelo Senhor, desviavam, desviam e ainda desviarão os servos de Deus do caminho que a ele conduz. Desconfiai desses Cristos hipócritas, desses falsos profetas, que impõem aos homens leis mentirosas, que os afastam do culto espiritual, para os mergulhar nos abusos da matéria, que se obstinam em manter o reinado da letra que mata contra o advento do espírito que vivifica.

Desses é que o homem precisa afastar-se, a esses é que não deve seguir, porquanto do contrário será por eles levado ao caminho da perdição, caminho que não tem termo e cujo percurso lhe será preciso recomeçar constantemente, até que

encontre a estrada reta e segura conducente ao átrio do templo eterno, que não pode ser destruído.

(Mateus, vv. 6-7-8; Marcos, vv. 7-8; Lucas, vv. 9-10-11.) "Haverá, disse Jesus, guerras, rumores de guerras, sedições; ver-se-ão povos levantar-se contra povos, reinos contra reinos; haverá, em diversos lugares, pestes, fomes, terremotos." Não foi sempre *assim* e não o é ainda agora?

"Coisas espantosas aparecerão". As coisas espantosas que Jesus tinha em mente e a que suas palavras *aludiam* são as abominações que naquela época os homens praticavam e as que praticariam no futuro. A História não vos fornece disso muitos exemplos?²¹

"Grandes prodígios aparecerão no céu". Em se atentando no *espírito* e no *objetivo* dessas palavras ressalta que Jesus não falava de sinais *materiais*. Uma falsa interpretação do que ele disse é que deu lugar a que se considerassem as revoluções de certos planetas como anúncio do fim do mundo. Os prodígios que se haviam e se hão de ver no céu são as influências sob que vos achareis, como vos tendes achado muitas vezes, influências opostas, que serviram, servem e servirão para desenvolver o raciocínio e o livre-arbítrio e para pôr o Espírito em condições de, no futuro, discernir melhor.

Tal é a explicação geral. Não concluais, porém, daí que nenhuns sinais materiais, como efeitos mediúnicos de ordem física, devessem produzir-se no céu.

Jesus predisse a ruína de Jerusalém. Conforme a História vos transmitiu, durante um ano inteiro foi visto sobre aquela cidade um cometa, que aparentava a forma de uma espada, ao mesmo tempo que em toda a província, antes do nascer

²¹ Estas palavras eram mediunicamente ditadas no mês de agosto de 1863.

do Sol, se viam, atravessando as nuvens, carros cheios de guerreiros.²²

O cometa, para os homens, tinha a forma de espada. Os cometas, como sabeis, sempre afetaram mais ou menos essa conformação, terminando em ponta para os que os observam da Terra. Essa forma alongada é que deu origem à crença de que a configuração daquele a que nos referimos era a de uma espada.

A aparição de cometas é freqüente. Sempre os houve mais ou menos visíveis *para os homens*.

Quanto aos carros cheios de guerreiros, atravessando as nuvens, o que havia nesse caso eram manifestações espíritas, efeitos de mediunidade naqueles que as viam. Essas manifestações tinham por fim abalar os Espíritos encarnados, despertando-lhes a atenção. Assim como são freqüentes os cometas, também as visões mediúnicas se produzem freqüentemente entre vós.

"Não vos turbeis, disse Jesus, *porquanto* é necessário que assim aconteça, mas não será ainda o *fim*; será apenas o começo das dores."

Tudo aquilo não aconteceu e não acontecerá ainda? Não foi necessário e não o é ainda agora, dadas a inferioridade física do vosso planeta, a inferioridade moral e intelectual da humanidade terrena?

Todas aquelas coisas não são ainda necessárias para que chegue o fim, pela execução das leis imutáveis do progresso, do desenvolvimento, da transformação, tanto planetária como da Humanidade e de tudo o que vive sobre a Terra, o que tudo, segundo a sabedoria infinita do Criador, provém do infinitamente pequeno e atinge o infinitamente grande?

²² Ver, com efeito, Joséphe — De Bello Judeorum, liv. 6, v. 3.

(Mateus, vv. 9-13; Marcos, vv. 9-13; Lucas, vv. 12-17.) São alegóricas todas as palavras do Mestre constantes destes versículos, isto é: nenhuma delas se aplica taxativamente e exclusivamente aos apóstolos. Não lhes disse Jesus que eles veriam *aquelas coisas* — o seu advento e o fim do mundo — e que a *geração a que pertenciam não passaria* sem que tais coisas *tivessem acontecido*? Por aqui se evidencia que a idéia da reencarnação dominava o pensamento do Mestre. Ora, suas palavras não passarão. Assim, a *geração de Espíritos*, a quem ele anunciava aqueles sucessos, vêlos-ão realizar-se.

Ao aproximar-se o termo da sua missão terrena, Jesus repete a seus apóstolos as instruções e advertências que lhes dera ao começá-la. Têm cabida aqui as explicações que a tal respeito já recebestes (n. 139). Não precisamos reproduzi-las; reportai-vos a elas.

Ele, em mente, aludia às perseguições a que se veriam sujeitos os que se afastassem dos caminhos *forçados*, isto é: dos falsos caminhos que lhes seriam *impostos*. E não sois testemunhas das perseguições que, desde o tempo dos apóstolos até hoje, se desencadearam contra todos os que hão procurado descobrir a verdade, sentindo que esta não era tal como queriam que eles a aceitassem?

Aludia *também* às perseguições religiosas que ainda se praticam em muitas partes²³, embora para vós já tenham deixado de existir, e que estão na iminência de recomençar, mesmo entre os povos mais civilizados. É questão apenas de ocasião. O menor pretexto servirá para desencadear paixões, por enquanto adormecidas. Não vos predizemos guerras religiosas como as que já houve. Referimo-nos a vinganças particulares, a perseguições disfarçadas. Exercê-las-ão os que, sentindo

²³ Estas palavras foram mediunicamente dita-das no mês de agosto de 1863.

abalado o pedestal que para si construíram, se atiram contra todos os que sejam suspeitados de querer derrubá-lo.

(MATEUS, vv. 11 e 12.) Muitos falsos profetas se levantarão, disse Jesus, e seduzirão a muitos. E, porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará.

Alusão a todos os doutores da lei que surgiram desfigurando-lhe os ensinamentos, falseando-lhe as palavras, para lhes dar uma interpretação contrária à lei de Deus, porém mais conforme às suas necessidades, aos seus interesses pessoais e às suas ambições.

A maioria se transviou acompanhando esses falsos profetas e se afastou da senda que deveriam trilhar. A minoria, os que procuram manter-se nas sendas do amor e da caridade, *sem pagar o tributo de submissão àqueles falsos profetas*, foram e ainda são infamados, repelidos por eles e seus discípulos, manietados pelas cadeias que lhes impõem.

(LUCAS, v. 18.) Mas, disse também Jesus, nem um só cabelo das vossas cabeças se perderá.

Qualquer que seja a sorte da matéria, o Espírito triunfará.

(LUCAS, v. 19.) Pela vossa paciência possuireis vossas almas.

Pela vossa paciência sereis senhores de vós mesmos e não cometereis nenhum ato, nem direis palavra alguma, que vos possam prejudicar o adiantamento do Espírito.

(MATEUS, v. 14; MARCOS, v. 10.) E este Evangelho do reino será pregado por todo o orbe para dar testemunho a todas as nações.

As verdades que Jesus ensinou se disseminarão. A fé em Deus, o amor e a caridade hão de envolver o mundo. Bem vedes por aí quão distantes estais do momento predito pelo Mestre. Entretanto, o Espiritismo foi dado ao mundo para fazer chegar mais depressa esse momento, impelindo os homens, sejam eles quais forem, seja qual for o culto a que obedecem, a receber a boa-nova, a ouvir com alegria a pregação do Evangelho da paz e do amor.

Então virá o fim.

Virá o fim, porque, praticando *sinceramente* todos os homens a lei de amor, trabalhando com ardor, em comum, pelo progresso de todos e de cada um, o Espírito se desligará mais prontamente da matéria, que, por sua vez, mudará de *natureza, acompanhando a marcha ascensional do Espírito.*

**MATEUS, Cap. XXIV, vv. 15-22. —
 MARCOS, Capítulo XIII, vv. 14-20.
 — LUCAS, Cap. XXI, vv. 20-24**

*Abominação da desolação no lugar santo. — Males
 extremos. — Cerco de Jerusalém*

MATEUS: V. 15. Quando, pois, virdes implantada no lugar santo (*entenda-o quem ler*) a abominação da desolação predita pelo profeta Daniel, — 16, então fujam para os montes os que estiverem na Judéia — 17, e o que se achar no eirado não desça para tirar de sua casa qualquer coisa, — 18, e o que estiver no campo não volte para tomar a capa. — 19. Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem nesses dias. — 20. Pedi que a vossa fuga não se dê no inverno nem num dia de sábado; — 21, pois que então a tribulação será tal como nunca houve desde o principio do mundo até o presente, nem haverá jamais. — 22. E se não se abreviassem esses dias, ninguém se salvaria; mas, por amor dos escolhidos, eles serão abreviados.

MARCOS : V. 14. Mas, quando virdes implantada a abominação da desolação onde não deve estar (*entenda-o quem ler*), então fujam para os montes os que estiverem na Judéia; — 15, o que estiver no eirado não desça para tirar de casa qualquer coisa; — 16, e o que estiver no campo não volte para tomar a sua capa. — 17. E ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem nesses dias. — 18. Pedi que a vossa fuga não se dê no inverno; — 19, pois que a grande tribulação desses dias será tal como nunca houve desde o principio da criação do universo até agora, nem haverá jamais. — 20. E se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhum homem se salvaria; mas, por causa dos eleitos, que escolheu, ele os abreviou.

LUCAS : V. 20. Quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, sabei que então a sua desolação está próxima. — 21. Os que a esse tempo se acharem na Judéia fujam para os montes; retirem-se os que es-

tiverem dentro da cidade e nela não entrem os que se acharem nas suas cercanias; — 22, pois esses serão os dias da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. — 23. Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem! porquanto oprimida de males será a terra e a cólera pesará sobre este povo. — 24. Muitos cairão a fio de espada, muitos serão levados em cativeiro para todas as nações e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que se cumpram os tempos das nações.

N. 271. As palavras de Jesus, segundo Mateus e Marcos, foram tomadas ao pé da *letra* e não *em espírito e verdade*, no seu sentido próprio, isto é, como alusivas aos vícios de que cumpre a Humanidade se depure e aos abalos físicos por que a Terra tem de passar para sua depuração e transformação, que se hão de efetuar em correspondência com a depuração e a transformação moral e física da mesma Humanidade.

Aproximam-se os tempos, é certo, pois a abominação da desolação (*entenda o que lê aquele que ler*) se acha implantada onde não devera estar e se estende por sobre os homens. Os vícios se ocultam à sombra dos átrios dos templos. A luxúria, a avareza, a inveja, o orgulho, o luxo se apoderaram dos corações, que só deveram abrigar o amor de Deus e do próximo.

Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem, pois que as criancinhas estarão confiadas a esses guias infiéis que lhes profanam as inteligências juvenis, semeando nelas frutos de iniquidade.

Ai de vós, pois que se aproxima o inverno, a áspera estação, em que aumentará o vosso sofrimento. Pedi ao Senhor que o afaste por mais algum tempo, a fim de terdes o de revestir-vos de roupas quentes, antes de nele entrardes. Não pareis no caminho, não saiais donde estejais; não façais provisões próprias da matéria. Executai o vosso trabalho onde o Senhor vos haja colocado.

Não olheis para trás, apressai-vos em concluir a vossa tarefa, a fim de que ela esteja terminada quando chegar o tempo premarcado.

Profundamente vos engolfastes nas trevas e poucos dentre vós teriam podido sair delas, se o Senhor não vos houvesse enviado a luz. Sede, portanto, do número dos justos, que hão de ser sal-vos, isto é: do número dos que, em vez de serem rechaçados para mundos inferiores, serão admitidos a acompanhar a marcha ascensional do espírito do vosso planeta regenerado.

Preparai-vos de antemão as roupagens da caridade e do amor, que vos preservarão dos rigores do frio e não temais que o inverno vos surpreenda.

Dai-vos pressa em executar a vossa obra, seja qual for e onde a tiverdes começado, a fim de que esteja concluída quando dela o Senhor vos pedir conta. Ide e enchei-vos de coragem, pois que os dias de sofrimento foram abreviados. O Senhor vos mandou o amparo, que vos ajudará a transpô-los, a luz que vos clareará a estrada, o bálsamo que vos curará as feridas.

(Mateus, vv. 16-18; Marcos, vv. 14-16.) Estas palavras de Jesus se referem aos revolvimentos físicos que o vosso planeta sucessivamente experimentará para entrar numa nova fase. Aludem aos tremores de terra, que se produzirão em certas partes do globo terráqueo. Os que forem surpreendidos por esse flagelo não terão tempo, nem possibilidade, de fugir. Será inútil que o tentem.

(Mateus, vv. 19-21; Marcos, vv. 17-29.) Que esses acontecimentos não vos colham sem que estejais *espiritualmente* em guarda, sem que estejais *preparados* para suportar essas calamidades, inevitáveis numa renovação planetária.

O frio sucederá ao calor e o inverno ganhará a natureza toda. O fogo consumirá o que o gelo não haja destruído. A transformação mediante a qual o vosso planeta, depois de passar do estado

material a estados sucessivamente menos materiais, atingirá o estado fluídico, não se operará, assim como a transformação pessoal, instantaneamente.

Para lá chegardes, a natureza dos elementos que vos compõem mudará parcialmente e, para que o equilíbrio não deixe de existir, toda a massa tem que se deslocar e mudar gradualmente de direção, conseqüentemente de atmosfera, em busca de um meio próprio sempre a equilibrá-la. Afastando-se do centro gradualmente, pelo seu deslocamento, a esfera terrestre irá pouco a pouco se avizinhandando do meio que terá de ocupar no momento da vossa transformação.²⁴

A renovação planetária, a dos reinos da Natureza e a da Humanidade se operarão parcialmente e sucessivamente, de modo progressivo e contínuo. Porventura percebeis diariamente, pelas revoluções anuais do vosso globo e pelas crises planetárias *preparatórias* do seu progresso e da sua transformação, a distância que percorreis e que vos afasta do centro onde ele haure o calor e a fecundidade?

Por efeito do seu afastamento desse centro o resfriamento se irá fazendo sentir nos pontos menos expostos aos raios do Sol, os gelos alargarão seus domínios e a fermentação interior da Terra provocará explosões, que expelirão de seu seio as matérias primárias, as quais abrem assim para si uma saída, a fim de se perderem na imensidade, deixando que a densidade da Terra se torne gra-

²⁴ É assim que, nos termos da revelação *velada* feita a João (*Apocalipse*, cap. V, v. 11) "a terra e o céu fugirão" — progressivamente — "e que não mais se encontrará sequer o lugar que antes ocupavam", quando estiver terminada a ascensão do vosso planeta às regiões superiores, depois às regiões dos fluidos puros. O que se dará, por efeito desse deslocamento e dessa ascensão depois, está indicado, também *veladamente*, pelas palavras de Jesus que os evangelistas registaram.

dativamente a que é necessário ela tenha no meio que virá a ocupar. Se houvéssemos de explicar os fatos que se darão, preciso nos seria criar palavras novas com que designássemos as matérias primárias a que aludimos. Designá-las-emos pelos nomes de lava, betume, asfalto, matéria vulcânicas, para que o espírito humano compreenda, pelo que lhe está sob as vistas, o que em tempo dado poderá acontecer.

Os homens de então, mais elevados e purificados do que hoje, não terão, *na sua maioria*, as mesmas necessidades que agora, pois que as necessidades humanas se modificarão como a atmosfera.

Será esse o momento em que, refugiando-se nos pontos ainda habitáveis para a Humanidade, os encarnados menos adiantados procurarão um asilo que só encontrarão no progresso moral.

Dissemos: *na sua maioria*, porque haverá sempre, como sempre houve, graus diversos de adiantamento entre as criaturas. Podem porventura as necessidades dos mais adiantados ser as mesmas que as dos inferiores? Não há ainda entre vós, que tão imperfeitos sois, tribos que dia a dia tendem a desaparecer? É que a civilização humana se estende como uma rede e está prestes a colhê-los todos. É que também o progresso moral irá avançando de povo em povo, esmagando os mais recalcitrantes até que igualmente enveredem pelo caminho que todos hão de percorrer. Compreendi bem isto: mesmo quando houverdes alcançado o grau de adiantamento planetário que vos está prometido, haverá sempre diversos graus de inteligência, de saber, de perfeição entre os homens.

Só os que obstinadamente se recusarem a progredir serão excluídos, até que se tenham penitenciado pela expiação, pela reparação e pela realização do progresso relativamente necessário a serem *admitidos*.

Não esqueçais, porém, que tais acontecimentos não serão obra de um dia, mas de séculos, que as raças humanas que hão mudado tanto a partir da formação do vosso planeta, ainda têm que mudar, por isso que, na Natureza, tudo é harmonia. Comparai os homens do meio em que viveis com os de certas partes da Terra, os quais parecem deserdados; comparai esses desgraçados, que mais têm do macaco que do homem, com o encarnado que se vos descreveu qual ele é quando se trata de Espírito que, por haver falido, sofre pela primeira vez a encarnação nos mundos de provação²⁵; acompanhai todas as fases por que lhe foi preciso passar e fareis uma idéia das fases outras pelas quais ainda passará.

Estas palavras de Jesus: "Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem", consideradas do ponto de vista das revoluções físicas, inevitáveis para a renovação planetária, não objetivavam mais do que pôr em destaque a grandeza dessas calamidades, que não pouparão nem a criancinha de peito, nem o nascituro, que ferirão as mães nas suas mais caras esperanças.

"Pedi que a vossa fuga não se dê no inverno, nem num dia de sábado."

Tendes aí uma figura. O sábado é o dia do repouso, o inverno é uma estação rigorosa. Proferindo essas palavras, tinha Jesus em mente concitar os homens a orarem ao Senhor, a fim de não serem improvisamente surpreendidos na preguiça; a estarem prontos sempre a ver chegar o instante de *comparecerem* perante ele, de modo a não terem que suportar o sofrimento, a expiação.

"Pois que a grande tribulação desses dias será tal como nunca houve desde o principio da criação do universo até agora, nem haverá jamais."

²⁵ Ver ns. 56-58 do 1º volume, págs. 287-312.

*Tendo em vista aquelas catástrofes e reportando-vos ao que já vos foi dito sobre a depuração e a transformação que se hão de efetuar, deveis compreender as palavras acima do seguinte modo: desde que se formou o globo em que habitais, suas transformações não têm ido além de um aperfeiçoamento da matéria, ao passo que as que se hão de produzir transformarão *progressivamente* essa mesma matéria em substâncias fluídicas apropriadas às necessidades dos novos corpos humanos. Maior, portanto, do que as até então sofridas será a aflição desses dias vindouros, *quer do ponto de vista das subversões físicas parciais, da natureza e do caráter delas, quer do ponto de vista das conseqüências que daí advirão para os Espíritos obstinadamente rebeldes ao progresso, ou retardatários, os quais, ao tempo daquela depuração e transformação, se verão afastados do vosso e relegados para planetas inferiores.**

Não esqueçais, todavia, que o Senhor *jamaiz* privará qualquer de seus filhos, por pequenino que seja, por mais culpado que possa ser, da faculdade e dos meios de se tornar melhor. Os que forem exilados deixarão de encarnar no vosso planeta, mas as suas reencarnações sucessivas seguirão seu curso, se bem que em outros meios, até que, tendo-se emendado, os culpados hajam merecido, pelo relativo progresso moral e intelectual que conseguiram realizar, voltar à primitiva pátria.

(MATEUS, v. 22; MARCOS, v. 20.) E se o Senhor não abreviasse esses dias, ninguém se salvaria; mas, por causa dos eleitos, que escolheu, ele os abreviou."

Estas palavras de Jesus, compreendidas *em espírito* e não *segundo a letra*, tiveram por fim assinalar a proteção que o Senhor dispensa aos que seguem os caminhos por ele traçados e o apoio que podem dar a seus irmãos.

Dizendo que o Senhor abreviou esses dias *por causa dos eleitos, que ele mesmo escolheu, e que, se os não tivesse abreviado, ninguém se salvaria*, compôs Jesus uma imagem que, apropriada àquele momento, o era também à preparação do futuro; formulou *um exemplo, uma comparação*. Havia nessa imagem um *encorajamento, um motivo de modificação*, no sentido de que os eleitos, isto é: os que seguem o caminho do Senhor trabalhem com infatigável zelo pelo progresso dos que lhes são inferiores, auxiliando assim o adiantamento de todos.

A transformação planetária é uma consequência da transformação moral dos Espíritos, de acordo com as leis imutáveis e eternas do progresso físico, moral e intelectual. Há solidariedade geral. Na ação de Deus nada há de incerto, nem de arbitrário. O futuro, que para ele não existe, se desenrola a seus olhos tal como *para vós o instante presente*.

Melhorando-se e trabalhando pelo adiantamento uns dos outros, os homens concorrem para o cumprimento das promessas que Deus há feito por intermédio de seus messias, de seus enviados especiais. Se, ao contrário, chegados os tempos da transformação, os homens (*o que fora impossível*) houvessem permanecido todos no mal, sem dele quererem sair, seriam todos rechaçados para mundos inferiores, substituindo-os na Terra outros Espíritos, cujo adiantamento estivesse de harmonia com o grau de progresso realizado pelo planeta. Desse modo, *nenhum se salvaria*. Compreendei bem *o sentido sempre poético e imaginoso* das palavras de Jesus, *o objeto e o fim* dessas palavras *hipotéticas*, apropriadas aos tempos e às inteligências e destinadas a frutificar sob o reinado da *letra e a preparar o advento do reinado do espírito*.

Compreendei bem, igualmente, as nossas palavras. Não vos dissemos que tais catástrofes, inevitáveis em se tratando de uma renovação plane-

tária, se houvessem de produzir simultaneamente. Os séculos nada são para aquele que os deixa cair do seu pensamento: — o eterno, o criador de tudo o que existe. Estais no declive, caminhais para o fim, mas não se vos diz: "*Será amanhã; isso durará de um sol a outro.*"

Não vos acabrunheis com a perspectiva dessas catástrofes; antes, *preparai-vos* para delas sairdes vencedores, isto é: purificados, tendo deixado o homem velho entre os destroços do velho mundo e renascendo no planeta renovado. Não vos preocupeis mais do que convenha com o que há de suceder materialmente. Esforçai-vos por preparar o futuro da Humanidade, trabalhando pela melhoria do seu presente. Deixai ao Senhor o cuidado de enviar à Terra os que venham, no *momento oportuno*, rasgar o véu que vos obscurece as inteligências. Tendes um quadro traçado para a vossa ação e dele não deveis sair; permanecei dentro de seus limites, que vos oferecem campo bastante para muito desenvolvimento, para que exerçais vossas faculdades e a vossa boa-vontade.

(Lucas, vv. 20-24.) Em suas preleções, Jesus englobava com os acontecimentos próximos ou de atualidade os que ele divisava num futuro distante e a forma daquelas preleções obstava *intencionalmente* a que se pudesse discernir o que era presente do que era vindouro. Assim é que, respondendo à pergunta que lhe fizeram os discípulos, resposta que Mateus (vv. 1-3), Marcos (vv. 1-4) e Lucas (vv. 5-7) registraram, Jesus reunia no seu pensamento a Jerusalém hebraica e, *figuradamente*, o mundo.

Em suas respostas proféticas, referentes à Jerusalém e aos Judeus e que se nos deparam nas narrações de Mateus e de Marcos, escritas sob a influência mediúnica, o mundo se acha *figuradamente* representado como tendo que suportar, em proporções relativas, o cerco, as calamidades e a destruição preditas para a cidade amada dos Ju-

deus. Na narração de Lucas, também feita sob a influência mediúnica, aquelas respostas apresentam um sentido *figurado* e um sentido próprio. De acordo com o primeiro, elas alcançam o futuro e, de conformidade com o segundo, se referem especialmente à Jerusalém hebraica.

Apropriadas sempre ao meio em que ele se encontrava, as palavras de Jesus tinham um sentido profético e, para a maioria dos homens, oculto, que só ao tempo da era nova do Cristianismo *do Cristo*, da era espírita, havia de ser, progressivamente, compreendido *em espírito e verdade*. Enquanto que os Judeus só pressentiam, naquelas palavras, as catástrofes que lhes ameaçavam a cidade santa, os cristãos, os crentes viam nelas e devem ver sempre as fases por que tem de passar a Humanidade. Tal como a Jerusalém hebraica, o mundo, a Humanidade hão de suportar muitas vicissitudes, muitos assaltos. O terror se espalhará entre vós, pois que os inimigos que deveis temer se reunirão em maior número para vos assaltarem. Esses inimigos são os vossos vícios. Não vos deixeis abater, defendei-vos valorosamente. A Jerusalém atual será destruída, mas uma outra "reconstruireis", eterna, cujos felizes habitantes nada mais terão que recear. O tempo, a reencarnação, o progresso dentro da marcha dos acontecimentos planetários e humanos, executarão a obra de renovação, assim na ordem física, pelo que toca à Terra, como na ordem física e moral, pelo que concerne à Humanidade.

"E Jerusalém, disse Jesus, será pisada pelos Gentios, até que se cumpram os tempos das nações."

Essas palavras *figuradas* se referiam à época que mediará entre a em que eram pronunciadas e a que começa pela nova era do Cristianismo *do Cristo*, do advento do *espírito*, na qual seus ensinamentos seriam restabelecidos em toda a pureza.

O tempo das nações se terá cumprido quando estiver implantado no mundo terrestre o reinado universal da lei do amor e da caridade, que se há de *estender* qual manto para cobrir todos os filhos da Terra e conduzi-los, pela reciprocidade e pela solidariedade, à unidade fraternal.

**MATEUS, Cap. XXIV, vv. 23-28. —
MARCOS, Cap. XIII, vv. 21-23**

Falsos Cristos. — Falsos profetas

MATEUS : V. 23. Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo; ou: Ei-lo ali! não acrediteis; — 24, porque falsos cristos e falsos profetas surgirão e farão grandes maravilhas e operarão prodígios tais que, se fora possível, enganariam até os escolhidos. — 25. Vede que de antemão eu vo-lo predisse. — 26. Se, pois, vos disserem: Ele lá está no deserto! não saiais, ou: Está no interior da casa! não acrediteis; — 27, porque, como o relâmpago que parte do Oriente e se mostra até no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem. — 28. Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias.

MARCOS: V. 21. Se então alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não o creiais. — 22. Porque, falsos cristos e falsos profetas se levantarão, que farão prodígios e portentos que, se fora possível, enganariam os próprios eleitos. — 23. Estai, pois, de sobreaviso; eis que todas as coisas eu vos predisse.

N. 272. Essas palavras encerravam um aviso aos homens, para que estivessem em guarda contra os que, em nome do Cristo, tentariam por *todos os meios* desviá-los da lei de amor e de caridade que ele pregou.

Pronunciou-as Jesus, antevendo as dissidências que as ambições humanas originariam na *sua* igreja, fundada sobre o amor, e que arrastariam os homens ao egoísmo, ao orgulho e a todos os sentimentos materiais que os levaram até a negar a Deus.

A propósito de análogas advertências, já recebestes as explicações que caberiam aqui relativamente aos vv. 23, 26, 27 e 28 de Mateus, ao v.

21 de Marcos. Não há necessidade de as repetirmos. Reportai-vos a essas explicações.

A época que Jesus designou não se acha encerrada entre determinados limites, como muitos o compreenderam e ainda o compreendem, *aferrados à letra*.

No curso dos acontecimentos, terão os homens, como o tendes vós hoje, que combater as más influências que os cercam, influências que já se fazem e continuarão a fazer-se sentir sobre vós.

São "*falsos cristos*", "*falsos profetas*" todos os que vos queiram *escravizar* as consciências, impondo-lhes um culto diverso do que Deus criou: o *amor universal*. Quando eles vos disserem: o "Cristo está aqui, ou está ali", não os escuteis. Ainda por muito tempo procurarão desviar-vos do caminho reto e puro. Não os escuteis, não os sigais. Até ao dia em que Jesus aparecerá na sua glória, isto é: em que todos os homens tiverem sido levados a praticar a sua lei, ouvireis dizer: "o Cristo está aqui, o Cristo está ali". Não vos deixeis prender por palavras mentirosas.

Já explicamos o *sentido* que deveis dar a estas palavras alegóricas: o "*Cristo está aqui, o Cristo está ali*", e já vos indicamos os *meios* de reconhecerdes os que usaram e usam de semelhante linguagem.

Buscando o verdadeiro sentido das palavras do Mestre, não esqueçais nunca que ele se dirigia a orientais e que envolvia sempre o seu falar numa imagem apropriada a lhe modificar o sentido, de acordo com as inteligências dos que o ouviam, dos que eram então e dos que mais tarde seriam chamados a compreendê-lo, primeiro *segundo a letra*, depois *segundo o espírito*, por efeito da ação do tempo e do progresso.

Vós mesmos, por não serdes bastante fortes, ainda não compreendeis a palavra messiânica despida de *todos os véus*. No que se vos diz está a

verdade, porém não totalmente desenvolvida em certos casos. Não se vos dá o sentido completo de algumas passagens, porque seria necessário se precisassem acontecimentos, que ainda devem *permanecer* envoltos na dúvida e na incerteza, até que, pelo *cultivo* da fé, vos tenhais tornado suficientemente fortes para *tudo ver e tudo ouvir*.

Não olvideis que *estais preparando* os caminhos para aquele que há de vir e que o Mestre enviará, a fim de esclarecer as inteligências e inteiramente despojar da *letra o espírito*.

Sim, se alguém vos disser: "O Cristo está aqui ou está ali" não o acrediteis; porque falsos cristos e falsos profetas surgirão, os quais farão prodígios e portentos tais, que, se fora possível, enganariam até os escolhidos.

Também estas palavras do Mestre eram referentes aos tempos que mediaram entre a da sua missão terrena e a época em que a lei de amor, que constituiu objeto de seus ensinamentos e exemplos e da qual disse não ser doutrina sua, mas daquela que o enviara, foi compreendida e praticada *em toda a sua pureza*. Referem-se ainda aos esforços que foram e serão tentados para desviar os homens da obediência pura e simples às leis de Deus e do seu enviado e para forçá-los a se submeterem a um código de *origem humana* — desfiguração da mais grandiosa e mais simples moral que eles possam esperar. Referem-se, igualmente, aos esforços empregados *pelos pastores infiéis e às ciladas urdidadas* aos rebanhos, a fim de os fazer enveredar por *falsos caminhos*.

Jesus, nessa passagem, aludia a tudo quanto se fez, faz e fará para apartar da luz os homens e encaminhá-los para as trevas, *quaisquer que sejam os meios empregados*.

Assim, pois, todos os que vos afastam da prática, do amor e da caridade, que desnaturam o código admirável que o Cristo vos legou, *são falsos cristos, falsos profetas*. Não os escuteis.

As influências ocultas se unem sempre às influências humanas; mas, Jesus, ao proferir as palavras com que nos ocupamos, não pensou em fazer qualquer referência especial às primeiras. Iniciando-vos *nos segredos* de além-túmulo, *nos mistérios* do mundo invisível, na *natureza*, na *causa* dos fenômenos espíritas, *nos efeitos mediúnicos*, quer de ordem material, quer de ordem moral, a revelação e a ciência espíritas vos ensinam que esses fenômenos, esses efeitos, que a ignorância dos homens tomou por *prodígios*, *por milagres*, considerando-os uma derrogação das leis da Natureza, não são mais do que uma aplicação destas leis e que tanto os podem produzir as más como as boas influências ocultas, com o auxílio de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno, do mesmo modo que o mais digno dos encarnados, pode possuir.

A revelação e a ciência espíritas vos ensinaram *assim* que a simples produção de fenômenos espíritas, de efeitos mediúnicos, de maneira alguma constitui o *criterium* pelo qual se possa e deva reconhecer a *moralidade* e a *veracidade* do homem. Já mostramos os únicos caracteres pelos quais podereis e deveis reconhecer os *verdadeiros* Cristos, os *verdadeiros* profetas.

Aquilo que havia de parecer *grandes prodígios e portentos* aos homens a quem Jesus se dirigia e às gerações que se sucederiam até aos vossos dias, em que *aos olhos de todos* brilha a luz espírita, não seria e não é de molde a vos enganar, pois que estais *avisados* e vos achais *agora esclarecidos*.

Tende por *falsos* cristos, por *falsos* profetas, como instrumentos, conscientes ou inconscientes, que são, *de más* influências, de influências de *erro* e de trevas, todos os que, operando extraordinários prodígios, "grandes portentos", sejam quais forem os fenômenos espíritas, os efeitos mediúnicos por eles produzidos, *tentarem* divorciar-vos *da*

prática do amor e da caridade, da prática dos ensinamentos e exemplos do Mestre, da lei simples e pura que ele vos legou. Não os acrediteis, não os sigais.

**MATEUS, Cap. XXIV, vv. 29-31. —
MARCOS, Capítulo XIII, vv. 24-27.
— LUCAS, Cap. XXI, vv. 25-28**

*Predição dos acontecimentos de ordem física e de
ordem moral que precederão o advento de Jesus em
todo o seu esplendor espiritual e predição desse
advento*

MATEUS: V. 29. Logo depois da tribulação desses dias, o sol se escurecerá, a lua não dará sua claridade, as estrelas cairão do céu e as virtudes dos céus se abalarão. — 30. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem e todas as tribos da terra gemerão e chorarão e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade. — 31. E ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e reunirão dos quatro ventos, de um extremo a outro dos céus, os seus eleitos.

MARCOS: V. 24. Mas, nesses dias, após toda essa tribulação, o sol se escurecerá, a lua não dará sua claridade, — 25, as estrelas cairão do céu e as virtudes que nos céus estão se abalarão. — 26. Ver-se-á então o Filho do homem vindo nas nuvens com grande poder e glória. — 27. E ele enviará seus anjos a reunir seus eleitos, dos quatro ventos, do extremo da terra ao extremo do céu.

LUCAS: V. 25. E haverá sinais no sol, na lua, nas estrelas e, na terra, consternação das nações aturdidas pela confusão em que as porá o bramir tumultuoso do mar e das ondas. — 26. Mirrarão de terror os homens na espectação das coisas que sobrevirão ao mundo todo; pois as virtudes do céu se abalarão. — 27. Ver-se-á então o Filho do homem vir sobre uma nuvem com grande poder e majestade. — 28. Quando, porém, estas coisas começarem a suceder, erguei a cabeça e olhai para o alto, pois que se aproxima a vossa redenção.

N, 273. (Mateus, v. 29; Marcos, vv. 24 e 25; Lucas, vv. 25 e 26.) Por essas palavras deu Jesus, *veladamente*, um novo aviso dos acontecimentos de ordem física e de ordem moral que hão de suceder, até ao momento em que o reinado de Deus se achará implantado em todos os corações.

No tocante à ordem física, aludia às revoluções parciais e sucessivas que ocasionarão a transformação do vosso planeta. Nada, entretanto, se produzirá bruscamente em a Natureza. Assim como os séculos transcorridos vos trouxeram onde vos achais, também muitos séculos hão de transcorrer antes que atinjais o ponto que vos está predito e prometido.

O globo terreno, que, como todos, saiu dos fluidos incandescentes e impuros, isto é: carregado de substâncias destinadas à matéria, tem que, despojado de todos os princípios materiais, imergir nos fluidos puros. A fim de lá chegar, tem que seguir, quanto à *decomposição* da matéria, a mesma progressão que seguiu para sua *composição*. Antes, porém, já tereis passado por uma imensa modificação, porquanto, para atingirdes a *pureza*, haveis de passar, vós, por todos os progressos físicos e morais, e o vosso planeta por todos os progressos físicos. Esses progressos se efetuarão parcialmente, por crises preparatórias. Renovar-se-ão as raças humanas pela encarnação de Espíritos mais bem preparados, renovar-se-ão as condições materiais da Terra pela destruição dos princípios primitivos e pelo surto gradual de outros. Do mesmo modo que até aos vossos dias os habitantes do mundo terreno se desenvolveram à medida que ele se ia preparando para lhes suprir as necessidades e sofria as transformações necessárias, a Terra atual será, *igualmente*, posta em condições de se apropriar às necessidades dos Espíritos purificados, que *voltarão* a habitá-la quando aquelas necessidades houverem sofrido as modificações progressivas por que devem passar.

O globo terráqueo oferecerá então condições diferentes de vida para a Humanidade e, ao mesmo tempo, diferentes serão, em diversos pontos da sua superfície, as condições de seus habitantes, no que respeita ao invólucro humano. A diferença dessas condições decorrerá da do adiantamento moral e intelectual dos Espíritos e corresponderá às porções modificadas do planeta.

É o que se verifica em todos os orbes. Qualquer que seja o grau de adiantamento dos Espíritos, uns há mais adiantados do que outros e que auxiliam o progresso dos que lhes são inferiores. As condições obedecem à relatividade do grau de adiantamento.

Observando as diversas raças que atualmente povoam a Terra, se bem as condições físicas ainda sejam materiais para todos, deparar-se-vos-á uma imagem fiel da situação acima descrita na distância que separa, por exemplo, o selvagem da Oceânia, os Esquimós, do homem da Europa civilizada. Este, prosseguindo na sua marcha regular pela via do progresso, será o primeiro a entrar nas novas fases.

No curso dos acontecimentos planetários, progressivos e sucessivos, as essências espirituais ainda não suficientemente adiantadas, *apenas* aptas para o desenvolvimento *material*, serão afastadas do planeta terreno e substituídas por outras nos meios apropriados a essa substituição. Mas, quando a Terra chegar ao ponto fluídico que terá de atingir, as crises que a levaram a esse ponto terão destruído, em grande parte, as sedes materiais onde o Espírito primitivo se desenvolve. Pouco a pouco se irá fazendo, paralelamente ao progresso do homem, uma nova classificação na marcha gradual, quanto aos diversos reinos da Natureza e quanto à habitação terrena.

A alusão *veladamente* feita ao escurecimento do sol, à desapareção da luz da lua, entende com o fato, que se há de verificar, de a Terra se ir afas-

tando daqueles dois astros que a iluminam. Quando depurada, ela se terá afastado do centro onde ora gravita, e então esplenderá de luz.

Com relação aos acontecimentos de ordem moral, as estrelas que cairiam do céu, as virtudes celestes que se abalariam, já se abalaram e começaram a descer para junto de vós, "a fim de, segundo o modo de falar figurado de Jesus, fazerem aparecer no céu o sinal do filho do homem". Esse sinal é a lei de amor e de caridade que ele personifica, iluminada pela luz espírita; é a revelação trazida pelo próprio Jesus aos homens, mas explicada e desenvolvida pelo Espírito da Verdade.

Essas estrelas, essas virtudes celestes, luzes do Senhor, Espíritos protetores dos homens, vos trazem as claridades do céu e as fazem chegar aos vossos olhos. Cada vez em maior número se abalarão essas estrelas, essas virtudes que têm de descer até vós, pois que, quanto mais vos elevardes, tanto mais de vós se aproximarão os Espíritos elevados e farão luzir aos vossos olhos claridades desconhecidas, que neste momento vos ofuscariam.

(Mateus, v. 30; Marcos, v. 26; Lucas, v. 27.) O sinal do filho do homem, que, segundo a predição de Jesus, há de aparecer no céu, é o advento do reinado do amor e da caridade. O joio será então completamente separado do trigo. Esse o momento em que, regenerada, a Humanidade estará pronta para receber em seu coração o reino do Senhor. Nessa época, sim, é que um só será o pastor, a cujos pés todas as ovelhas se prostrarão e, diante das grandes graças que terão recebido, chorarão tanto de reconhecimento e alegria como de pesar por haverem *desconhecido a mão paternal que as dirigia*. Não esqueçais o sentido *figurado* das palavras de Jesus: são *alegóricas* as lágrimas que todas as tribos, todos os povos derramarão.

"E verão o filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder, grande majestade e grande glória". Quando tiverem os olhos bastante puros para isso, verão a Jesus em todo o seu fulgor espírita. Vê-lo-ão vir, ele, o protetor e governador do vosso planeta, vosso Mestre, ao seu reino, *preparado para tornar-se um dos reinos do pai*, como habitação de puros Espíritos.

(Mateus, v. 31; Marcos, v. 27.) Toda criatura, seja qual for a região em que habite, está sob os olhos do Senhor; nenhuma pode escapar ao seu olhar penetrante. Não espere nenhum de vós, portanto, fugir à sua justiça. Em chegando o dia da remuneração, cada um pagará a sua dívida. Sim, cada um a paga parcialmente, mas alguns há que fazem prestações maiores do que as dos outros. Alguns há que procedem de boa-vontade, enquanto outros contam desviar a atenção do credor que os espera. Outros ainda há que, tendo chegado depois de vós, não podem estar no mesmo ponto. A justiça do Senhor fará as contas a cada um com equidade; cada um, pois, receberá de conformidade com seus méritos e, sobretudo, com a sua boa-vontade.

"Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e reunirão dos quatro ventos, de um extremo a outro dos céus, do extremo da terra ao extremo do céu, os seus escolhidos."

Nenhuma intenção especial há nestas palavras de Jesus, que dois dos evangelistas repetiram sob a influência mediúnica. O termo céu, já o sabeis, deve ser entendido como significando o espaço. Mateus fala dos Espíritos que, disseminados pelo espaço, têm que habitar a Terra. Marcos reúne todas as categorias.

Deveis compreender que, quando estiverem percorridas as fases de renovação do vosso planeta, muitos dentre vós se acharão purificados de todas as máculas, terão *consequentemente* despedido

as *velhas roupas* e aguardarão que praza ao Senhor dar-lhes *vestes novas*. Outros, ao contrário, atrasados no seu progredir, precisarão passar pelas últimas fases, para acabarem de se purificar e ainda estarão encarnados por ocasião das últimas revoluções planetárias. Com respeito a esta posição *última* é que Marcos fala daquele modo, não que as renovações se devam operar sobre a matéria viva, mas porque, ao se produzirem as derradeiras crises, muitos dentre vós ainda pisarão o solo em que hoje pisais.

Dissemos: "não *que as renovações se devam operar sobre a matéria viva*". Isto significa que as mudanças que se hão de realizar no organismo humano não se efetuarão repentinamente no curso das existências materiais. Elas se operarão gradualmente e sempre por meio das reencarnações, que trarão, a cada fase nova, uma modificação para melhor e um aligeiramento da matéria humana. Tais modificações, como obra de cada encarnação, só pela reencarnação virão a dar-se. É o progresso da matéria em paralelismo com o do Espírito.

(Lucas, v. 28.) *Quando estas coisas começarem a suceder*, disse Jesus, *erguei a cabeça e olhai para o alto, pois que se aproxima a vossa redenção*. A palavra redenção é aqui empregada e deve ser entendida, de acordo com o pensamento do Mestre, no sentido de *regeneração*.

Sim, a vossa regeneração está próxima, porquanto, para *prepararem* o advento do reinado do amor e da caridade, os Espíritos protetores dos homens, luzes do Senhor, começaram a descer para o meio de vós. Os messias, isto é: os enviados especiais vão suceder-se entre vós, secundados pelos Espíritos em missão. Vão suceder-se igualmente, por obra dos tempos e dos séculos, os acontecimentos planetários, conseqüentes ao vosso progresso moral, para o efeito da depuração e da transformação progressiva da Terra.

**MATEUS, Cap. XXIV, vv. 32-35. —
 MARCOS, Capítulo XIII, vv. 28-31.
 — LUCAS, Cap. XXI, vv. 29-33**

Parábola da figueira. — Predição da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita. — Espíritos haverá que, encarnados ao tempo em que Jesus falava, verão, reencarnados na Terra, as coisas por ele preditas para a depuração e a transformação do planeta e da humanidade terrenos. — A Terra passará, mas as palavras de Jesus não passarão

MATEUS : V. 32. Aprendei uma parábola tomada à figueira: Quando seus ramos já estão tenros e as folhas brotam, sabeis que vem próximo o estio. — 33. Assim, também, quando verdes todas essas coisas, sabeis que o Filho do homem está próximo, está à porta. — 34. *Em verdade* vos digo que esta geração não passará, sem que todas essas coisas se cumpram. — 35. Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

MARCOS : V. 28. Aprendei uma parábola tomada à figueira. Quando seus ramos já estão tenros e as folhas brotam, sabeis que vem próximo o estio. — 29. Assim, também quando verdes que essas coisas acontecem, sabeis que o Filho do homem está próximo, está à porta. - 30. *Em verdade* vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se tenham cumprido. — 31. Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

LUCAS: V. 29. E Ihes propôs em seguida esta comparação: Vede a figueira e as outras árvores: — 30. Quando começam a dar frutos, sabeis que próximo vem o estio. — 31. Assim também, quando verdes que essas coisas sucedem, sabeis que está próximo o reino de Deus. — 32. *Em verdade* vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se cumpram. — 33. Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

N. 274. (Mateus, vv. 32-33; Marcos, vv. 28-29; Lucas, vv. 29, 30 e 31.) Jesus se serviu da parábola, da comparação com a figueira e as outras árvores apenas para exprimir e desenvolver pensamentos que acabara de externar sobre o aparecimento do sinal *do filho do homem no céu*, sobre a proximidade da *vossa redenção*. Teve por fim aquela parábola, aquela comparação chamar mais vivamente a atenção dos que o ouviam, impressioná-los mais fortemente pelo que ele ia acrescentar, prender a atenção das gerações que haviam de suceder-se, *sobretudo* das que, como a vossa, veriam despontar no horizonte, com a nova revelação, o predito advento do Espírito da Verdade e estavam destinadas a compreender, *em espírito e em verdade*, as palavras do Mestre.

Não percais de vista o que já vos dissemos acerca do *reino de Deus*, acerca do *Filho do homem*, como *personificação* da sua moral, e acerca do progresso físico do vosso planeta e da Humanidade, sempre em correspondência com o vosso progresso moral e intelectual, do qual aquele foi, é e será o fruto, a consequência, e compreenderéis que, "se o reino de Deus está próximo", "se o filho do homem está próximo", um e outro o estarão cada vez mais e, portanto, o reinado do amor e da caridade, à proporção que se forem realizando as coisas *preditas*, tanto de ordem moral, como de ordem física. Mais próximos também irão estando, por conseguinte, a depuração e a transformação completas do vosso planeta e da Humanidade.

(Mateus, v. 34; Marcos, v. 30; Lucas, v. 32.) "Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se tenham cumprido". Estas palavras, cujo espírito fora intencionalmente deixado *oculto* pelo *véu da letra*, como todas as palavras *alegóricas* que o Mestre proferiu acerca do seu advento futuro e "do fim do mundo" e ainda como todas as suas outras pala-

vras proféticas, constantes nos Evangelhos, e as que foram ditas a João na ilha de Patmos, tinham por objetivo manter em dúvida, em expectativa, atentas, a geração a quem ele se dirigia e as que se sucedessem até aos vossos dias. Era isso uma condição e um meio de progresso para a Humanidade.

O verdadeiro sentido daquelas palavras só havia de ser apreendido nos tempos atuais, então futuros, da nova revelação, que vos é dada no momento em que a Humanidade se mostra capaz de comportá-la.

Tomadas *segundo a letra que mata*, essas palavras conduziriam ao absurdo, a *uma falsidade que o tempo houvera patenteado. Em verdade, segundo o espírito* que vivifica, Jesus, pronunciando-as, falava da geração *de Espíritos* que vivendo então na Terra, encarnados, nela viveram mais tarde e tornarão a viver, reencarnados, quando a Terra atravessar as últimas fases da sua transformação física e a humanidade terrena as últimas da sua transformação física e moral. De fato, *aquela geração não passará sem que estejam cumpridas todas as coisas preditas*, porque muitos Espíritos que, na condição de encarnados, a ela pertenciam, viverão de novo, reencarnados, por ocasião de se cumprir tudo que *o Mestre predisse*.

Já o dissemos e repetimos: Mistérios são estes da reencarnação, única, chave com que se pode penetrar o *sentido* das palavras de Jesus, de seus ensinamentos. Em tudo quanto ele disse, encontrareis sempre reinando e pronto a desvendar-se, *chegada a ocasião*, o pensamento da reencarnação. *"Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão"*. Tudo o que é de ordem física, no espaço, na imensidade, com relação ao vosso, como a todos os mundos, *passa* pelo cadinho da criação. Quer isto dizer que, de acordo com as leis de destruição, de reprodução e de progresso, tudo se renova, depura e transforma, percorrendo

a escala do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na vida e na harmonia universais.

Mas, as palavras de Jesus, órgão do Senhor onipotente, não passarão, porque são imutáveis e eternas, como eternas e imutáveis são, na ordem física, na ordem moral e na ordem intelectual, a lei do progresso, para o Espírito, e as leis naturais na ordem material e na ordem fluídica. Elas não passarão, porque são ao mesmo tempo princípio fundamental, condição e meio de progresso nos mundos inferiores de provações e expiações, como são o caminho único que pode levar o homem aos mundos superiores, preparando-lhe o acesso a esses mundos e fazendo-o penetrar neles.

**MATEUS, Cap. XXIV, vv. 36-39. —
 MARCOS, Cap. XIII, vv. 32-37. —
 LUCAS, Cap. XXI, vv. 34-38**

Desconhecida é a hora em que se darão os acontecimentos preditos para a depuração da Terra e da humanidade terrena. O homem não pode nem deve procurar devassar os segredos do futuro, mas deve estar sempre pronto a comparecer diante do Senhor e a se tornar digno de evitar tudo quanto há de suceder, trabalhando desde já, ativa e continuamente, pela sua purificação e pelo seu progresso

MATEUS: V. 36. Mas, do dia e da hora ninguém o sabe, nem os anjos do céu, senão só o pai. — 37. Assim como foi nos dias de Noé, assim será também no advento do Filho do homem. — 38. Assim como nos dias anteriores ao dilúvio os homens comiam e bebiam, casavam e davam seus filhos em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, — 39, sem pensarem no dilúvio senão quando este veio e os levou a todos, também assim será no advento do Filho do homem.

MARCOS: V. 32. Mas, do dia ou da hora, ninguém o sabe, nem os anjos no céu, nem mesmo o Filho, senão só o Pai. — 33. Vede bem: vigiai e orai, pois não sabeis quando chegará esse tempo. — 34. É como se um homem, partindo em viagem para longe, deixasse a casa entregue a seus servos, designando a cada um o que tinha de fazer e determinando ao porteiro que vigiasse. — 35. Vigiai, pois, visto que não sabeis quando virá o dono da casa, se de tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã, — 36, a fim de que, chegando de repente, não vos encontre a dormir. — 37. O que vos digo a vós, a todos digo: Vigiai.

LUCAS : V. 34. Tende-vos, pois, em guarda, para não suceder que os vossos corações se tornem pesados

por efeito dos festins e da embriaguez e pelos cuidados desta vida e que aquele dia vos sobrevenha repentinamente; — 35, porquanto, como um laço, ele apanhará todos os que habitam sobre a face da terra. — 36. Assim, vigiai e orai todo o tempo, a fim de que mereçais evitar todas as coisas que hão de acontecer e possais comparecer diante do Filho do homem. — 37. Ele de dia ensinava no templo; e, de noite, saindo, se retirava para o monte chamado das Oliveiras. — 38. E todo o povo acorria de manhã cedo ao templo para o ouvir.

N. 275. (Mateus, v. 36; Marcos, v. 32.) "Do dia e da hora ninguém o sabe, nem os anjos do céu, nem mesmo o filho, senão só o pai."

Dizendo isso, quis Jesus que os homens compreendessem quão orgulhoso e inútil é o pretenderem sondar *o futuro*, que só Deus conhece. Ao mesmo tempo, quis infirmar desde logo a *idéia da divindade* que, pela sua presciência, sabia Ihe haviam os homens de atribuir, *idéia* cuja duração só seria permitida pelo tempo que necessário fosse à transformação do culto *material em culto espiritual*.

Deus releva sempre os erros que, em matéria de crenças, são cometidos de boa-fé. *Unicamente* o orgulho e a hipocrisia, a felonía e a mentira são punidos, porquanto só as faltas tornam culpada a criatura.

Assim, Deus releva o erro que de boa-fé cometem os que crêm na divindade do Cristo. Para esses, a luz se fará mais tarde. Os que, porém, *se apóiam* na divindade atribuída a Jesus e se esforçam por sustentá-la sem *nela crerem*, rejeitando *conscientemente* a nova revelação que os Espíritos do Senhor, órgão do Espírito da Verdade, trazem aos homens da parte de Deus, esses são exploradores do Cristianismo, são velhacos e hipócritas. Longa e dolorosa expiação os aguardará.

Sempre de par caminham o bem e o mal no vosso planeta, que ainda se conta entre os mun-

dos inferiores, e o mal é muitas vezes *empregado* para conduzir ao bem, *no sentido de que* a mão paternal do Senhor susta os maus efeitos que do mal adviriam e faz que ele produza bons frutos. Assim é que, quando o desenvolvimento moral e intelectual tornou possível que os homens contemplassem a verdade sem véu, nem disfarce, embora houvessem mantido o erro, o Senhor permitiu que deste uma grande luz jorrasse, que de *súbito* a claridade se fizesse. Quer dizer que, aparecendo *subitamente* aos homens, despojada do que a ocultava de suas vistas, a verdade brilhou com fulgor mais vivo do que brilharia se eles se houvessem habituado pouco a pouco a vê-la na sua pureza. A revelação atual é que vem levantar o véu que a escondia.

Jesus, repetimos, quis desde logo infirmar a idéia da divindade que lhe seria atribuída, porquanto, se ele fosse Deus, por ser *uma fração*, embora *indivisível*, do próprio Deus; se fosse *igual a* Deus, saberia tanto quanto Deus.

O que, pois, o Mestre teve em vista ao proferir aquelas palavras foi que os homens compreendessem que, seja qual for a extensão do seu poder e da sua presciência, *com relação aos Espíritos que o cercam*, ele não pode nunca ser igualado a Deus; que, por grande que seja a sua perfeição, não deixa de ser um Espírito criado e não pode, conseqüentemente, igualar-se àquele que o criou, ao Criador incriado — Deus.

Teve, portanto, em vista mostrar que, seja qual for a sua elevação, seja qual for a altura em que se ache colocado na hierarquia espírita, ao Espírito não é dado igualar, em ciência e em poder, àquele de cuja vontade tudo procede.

Praticou assim um ato de humildade, ele, que é o maior entre os maiores do vosso planeta.

Imitai essa humildade, ó homens fúteis, e não tenteis igualar-vos *ao* que reina *sobre todas as coisas*, com o pretenderdes devassar os *segredos*

do *futuro*. Dessa pretensão só vos adviriam confusão e vergonha. Se, buscando penetrar mais longe do que vos é permitido, nos mistérios da vida real, vos deixardes levar por vão orgulho, o espírito do erro e da mentira de vós se apossará e caireis em erros fatais.

Espíritas, bem sabeis quais os perigos que vos ameaçam, se ousardes sondar tais profundezas. Não vos abalanceis a essa aventura *inconsideradamente*. Que um vão orgulho, repetimos, não vos impila a querer ir mais longe do que os vossos irmãos, na penetração de *segredos* que *ainda vos não* é dado devassar. A cada dia basta o seu labor. Contentai-vos com a parte que vos coube e deixai aos que hajam de vir depois de vós o trabalho que lhes cumpre executar.

(Mateus, vv. 37-39.) As palavras de Jesus constantes destes versículos, intencionalmente *veladas* como o exigiam a época, e o estado das inteligências, úteis então e *preparatórias* do futuro, encerram uma alusão ao *dilúvio* de Noé, único que se admitia naquele momento, em que *certas* verdades *tinham que permanecer* ocultas ainda por muito tempo. Esse dilúvio não foi mais do que uma renovação *parcial* da Terra, uma das fases de transformação do vosso mundo e de seus habitantes, necessária ao aparecimento de outros produtos. Sendo tudo harmonia em a Natureza, desde que a organização humana se modificou, também os produtos do solo se modificaram, como se modificarão de futuro, acompanhando a evolução do planeta.

Até que a renovação deste se ache completa, os acontecimentos seguirão seu curso de acordo com as condições da encarnação de cada um, variando pouco a pouco as encarnações, conforme o exigir a transformação correlativa do planeta. Ora, como essa variação tem que ir sendo parcial, pois que tudo se há de efetuar dentro da ordem e da sabedoria que regem o Universo, alguns pontos

da Terra receberão Espíritos mais adiantados, cujas encarnações, conseguintemente, corresponderão ao grau de adiantamento por eles alcançado; enquanto que outros encarnarão em condições quase idênticas às vossas atualmente.

(Marcos, vv. 33-37; Lucas, vv. 34-36.) Proferindo as palavras que estes versículos registram, bem como ao pronunciar as dos vv. 37, 38 e 39 de Mateus, quis Jesus concitar os homens a trabalharem pelo seu progresso, vencendo os excessos da matéria. Exortava-os, com esse objetivo, a se manterem de continuo *alerta*, na expectativa de todas aquelas coisas de que ele falava deixando-as ocultas pelo *véu da letra*, e que anunciava como *podendo* verificar-se a cada instante, num futuro próximo. Queria o Mestre forçá-los a uma vigilância incessante *sobre si mesmos*, a um ardor *constante* no progredir e a depositarem *inabalável* esperança nas promessas do Senhor.

O Espírito deve estar sempre diante do Senhor pela prece. Deve orar pelo seu adiantamento e pelo de seus irmãos encarnados como ele. Deve, quando *livre* da carne, orar por todos e a prece então se torna um ato. Não penseis que quando Jesus lhe recomenda que ore, que ore sem cessar, exija do homem ou do Espírito que esteja sempre em oração, na acepção que dais a esta palavra. A prece *eficaz* consiste nas boas obras, que devem, como um *amém* agradável ao Senhor, rematar as vossas orações verbais. Orai, orai sem cessar para atenuar os rigores do julgamento, porquanto, rematando com a prática de boas obras as vossas preces, vos revestis de um manto virginal aos olhos do Senhor.

Estas palavras do Mestre: "Assim, vigiai e orai a todo momento, a fim de que mereçais evitar todas essas coisas que hão de acontecer e possais aparecer diante do filho do homem", bem como estas outras: "Esta geração não passará sem que todas essas coisas se hajam realizado", contêm

uma alusão necessária à reencarnação dos que, retardados, viverão de novo na Terra e habitarão os pontos dela onde se hão de produzir os cataclismos oriundos da transformação planetária. Aludem também à posição dos que se houverem suficientemente adiantado para estar habitando mundos superiores, por ocasião de tais acontecimentos, prontos a voltarem à Terra, a fim de lhe auxiliarem a marcha ascensional, na época em que ele de novo aparecerá, mas dessa vez em todo o seu fulgor espírita, no planeta terreno depurado e transformado.

**MATEUS, Cap. XXIV, vv. 40-44. —
LUCAS, Cap. XII, vv. 39-40**

O homem deve estar sempre alerta. — Palavras muitas vezes repetidas por Jesus com referência à separação do joio e do trigo

MATEUS: V. 40. Então, de dois homens que estiverem no campo, um será tomado, o outro será deixado. — 41. De duas mulheres que estiverem moendo num moinho, uma será tomada e a outra deixada. — 42. Portanto, vigiai; pois não sabeis a que hora virá o Senhor. — 43. Mas, sabeis que se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão certamente vigiaria e não deixaria que lhe arrombassem a casa. — 44. Estai vós, conseguintemente, preparados sempre, porquanto à hora que menos pensardes virá o Filho do homem.

LUCAS : V. 39. Ora, sabeis que, se o pai de família soubera a que hora viria o ladrão, certamente vigiaria e não deixaria que lhe arrombassem a casa. — 40. Estai, pois, vós outros vigilantes, pois o Filho do homem virá à hora que não pensais.

N. 276. (Mateus, vv. 40 e 41.) Já explicamos estas palavras que Jesus proferiu diversas vezes, em ocasiões e lugares diferentes. Reportai-vos a essas explicações. Uns hão de aproveitar da regeneração, outros, porém, serão mandados para planetas inferiores. Sim, uma parte avançará enquanto a outra se conservará indigna de participar das novas encarnações.

(Mateus, vv. 42-44; Lucas, vv. 39-40.) Jesus insiste e frisa a incerteza do dia e da hora dos acontecimentos, quer de ordem física, quer de ordem moral, que predissera, a fim de que os homens estejam cada vez mais alertas e vigilantes. Observai que poucos ainda²⁶ vêem os *sinais dos*

²⁶ Estas palavras foram mediunicamente escritas no mês de agosto de 1863.

tempos, da era nova do Cristianismo do *Cristo*, da era espírita, *da aurora* da regeneração da Humanidade.

A obra do progresso segue a sua marcha; mas, não sabeis até onde ela tem que ir, nem quando quererá o Senhor dar a *última demão* na da regeneração humana. Tende-vos, portanto, em guarda, prontos, pois bem pode acontecer que sejais surpreendidos improvisamente. E o Senhor rejeitará os servidores indolentes que não tiverem sabido esperá-lo.

**MATEUS, Cap. XXIV, vv. 45-51. —
LUCAS, Cap. XII, vv. 41-46**

Parábola do servo fiel e prudente e do mau servo

MATEUS: V. 45. Quem julgais que é o servo fiel e prudente ao qual seu senhor confiou os outros servos seus para que a tempo dê de comer a todos? — 46. Feliz desse servo, se o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo. — 47. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. — 48. Mas, se aquele servo, por ser mau, disser consigo mesmo: "Meu senhor tardará em vir" — 49, e se puser a maltratar os companheiros e a comer e beber com os que se embriagam; — 50, seu senhor virá num dia em que ele não o espera e numa hora que ele não sabe qual seja; — 51, o *SEPARARÁ* dos outros e fará partilhar da sorte dos hipócritas; é aí que haverá prantos e ranger de dentes.

LUCAS: V. 41. Pedro então lhe perguntou: Senhor, esta parábola tu a dizes para nós outros somente ou também para todos? — 42. Respondeu o Senhor: Quem julgas que seja o dispenseiro fiel e prudente, que o Senhor estabeleceu sobre seus outros servos, para que, no devido tempo, distribua por estes a ração de trigo? — 43. Feliz desse servo se o Senhor, quando vier, o achar assim fazendo. — 44. Em verdade vos digo que lhe confiará a gestão de todos os seus bens. — 45. Mas, se esse servo disser no seu íntimo "Meu Senhor tardará em vir" e começar a espancar os outros servos e servas, a comer, a beber a embriagar-se, — 46, virá o senhor desse servo num dia em que ele o não espera, a uma hora em que não cuida, o *SEPARARÁ* dos outros e fará partilhar da sorte dos infiéis.

N. 277. Estas palavras de Jesus, apropriadas, como todas as que ele pronunciou, aos tempos, e às inteligências, se aplicam aos que *tomaram* o encargo de dirigir seus irmãos, de os conduzir

pelo caminho do progresso, de espargir sobre eles a luz.

Felizes dos que, "servos, dispenseiros fiéis e prudentes", distribuírem a tempo e a hora o alimento, dando a cada um sua ração de trigo, isto é: que espalharem por aqueles de cuja direção se tenham incumbido a luz e a verdade, à *medida* que forem reveladas, acompanhando o progresso dos tempos, auxiliando, pela palavra, *mas principalmente pelo exemplo*, a marcha das gerações para a realização de tal progresso, *em vez* de as desviar desse caminho. Grande recompensa terão. Verão abrir-se cada vez mais, diante de seus passos, a estrada que, levando à perfeição, dá acesso ao trono do Senhor onipotente, que então os fará partícipes da sua inteligência, do seu saber e do seu amor, na vida e na harmonia universais.

Os que, porém, *abusam* da sua autoridade, da confiança de que são indignos, para *transviar* os que deviam ser por eles guiados; para mais apertar a venda nos olhos dos que deviam ser por eles esclarecidos e se entregam às voluptuosidades humanas, lançando mão de bens nos quais não deveriam sequer tocar, esses serão severamente punidos.

"Maus servos", são mais culpados e mais castigados serão do que os outros, pois que assumem responsabilidade maior e, assim, terão que sofrer, além do castigo de suas próprias faltas, o das de que tenham sido causadores. Quanto mais viva e forte brilhar a luz, mais retumbante e alta ecoará a voz do Senhor e mais terríveis serão as contas que terão de prestar esses servos indignos, aos quais competia guiar, dirigir, instruir os que lhes estavam confiados. Mais lhes foi dado, mais lhes será pedido.

Sim, aquele que se incumbiu de ser guia de seus irmãos maior responsabilidade tem. Ela faz pressupor um valor mais elevado. Se, portanto, em vez de cuidar dos que se lhe acham entregues,

os despreza; se, em vez de guiá-los, os detém no caminho; se, em vez de os esclarecer, lhes aperta sobre os olhos a venda, impossibilita-os de avançar e de executar a obra do Mestre.

Oh! a esse servo infiel, que tinha a seu cargo o encaminhamento de outros mais fracos, severas contas serão tomadas. Pagará não só o mal que houver feito, mas também o mal que tenha induzido outros a praticar, o mal que não haja impedido, podendo-o. Será mandado para o meio dos *infiéis* e aí, servindo de guia a "cegos", tendo que falar a "surdos", lamentará amargamente não haver desempenhado a missão de que se encarregara, quando se achava entre seres inteligentes, capazes de o compreenderem. Ah ! então é que se ouvirão "prantos e ranger de dentes", pois que, exilado em mundos inferiores, o Espírito sofrerá tanto mais, quanto mais adiantado tenha sido no planeta terreno.

Oh! poderosos da Terra, quem quer que sejais, que pedistes e obtivestes a missão de dirigir vossos irmãos pela senda do progresso físico, moral e intelectual, o que acabamos de dizer, explicando, *segundo o espírito*, as palavras do Mestre, referente a coisas de ordem *espiritual*, também se vos aplica, no tocante às coisas de ordem temporal, do ponto de vista, assim da recompensa, como do castigo.

LUCAS, Cap. XII, vv. 47-48

A culpabilidade e a responsabilidade do Espírito são proporcionais aos meios postos a seu alcance para se instruir e à luz que recebeu

V. 47. Esse servo, que conheceu a vontade do seu Senhor e que, entretanto, não se preparou, nem fez o que seu Senhor queria, *será duramente açoitado*. — 48. Aquele, porém, que, sem conhecer a vontade do seu Senhor, fez coisas merecedoras de castigo, receberá menos açoites. Muito será pedido àquele a quem muito foi dado e aquele a quem muito tenha sido confiado maior conta terá que prestar.

N. 278. Facilmente se compreende que aquele que comete uma falta, depois de ter sido *avisado* para estar vigilante, mais culpado é do que outro que do mal que pratica apenas tem consciência, *sem formar desse mal uma idéia precisa*.

Tal a razão por que, quanto mais a luz brilha aos vossos olhos, quanto mais ensinamentos e conselhos recebeis, tanto mais culpados sois, se vos afastais do caminho que vos é traçado. Muito será pedido àquele a quem muito foi dado. A esse cumpre que faça frutificar o que se lhe confiou. A boa semente nele lançada tem que produzir, em toda a extensão do seu desenvolvimento moral e intelectual, na proporção de cem, sessenta, quarenta por um.

Jesus, na sua linguagem sempre apropriada às inteligências dos homens materiais que o ouviam, lhes apresenta sempre a imagem de um castigo material.

MATEUS, Cap. XXV, vv. 1-13

Parábola das virgens loucas e das virgens prudentes

V. 1. Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando de suas lâmpadas, saíram a receber o esposo. — 2. Mas, cinco dentre elas eram loucas e cinco prudentes. — 3. As primeiras, tomando de suas lâmpadas, não levavam consigo azeite. — 4. As prudentes, porém, levavam azeite em seus vasos, juntamente com as lâmpadas. — 5. Como o esposo tardasse em chegar, começaram todas a toscanear e por fim adormeceram. — 6. À meia-noite se ouviu este brado: Eis aí vem o esposo! Saí ao seu encontro. — 7. Todas aquelas virgens se levantaram e prepararam suas lâmpadas. — 8. Disseram então as loucas às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, pois que as nossas lâmpadas se estão apagando. — 9. Ao que as prudentes responderam: Para que não suceda faltar-nos ele a nós e a vós, ide antes aos que o vendem e comprai-o para vós. — 10. Mas, enquanto elas o foram comprar, chegou o esposo. As que estavam preparadas entraram com ele para as bodas e a porta se fechou. — 11. Por fim, chegaram as outras virgens e disseram: Senhor, Senhor, abre-nos a porta. — 12. Ele, porém, respondeu: *Em verdade* vos digo que não vos conheço. — 13. Portanto, vigiai, pois não sabeis o dia nem a hora.

N. 279. Uns não compreenderam esta parábola e outros lhe falsearam *o sentido e o objetivo*.

Dizendo-a, teve Jesus *em mente* obrigar os homens a estar sempre alerta, fazer-lhes compreender que não devem deixar para o último momento o cuidado de sua reforma, do seu progresso, porquanto talvez seja tarde.

As virtudes de uns em nada podem servir para resgatar os vícios de outros. Aos vossos irmãos podeis dar o amparo dos vossos conselhos e exemplos, mas não podeis repartir com eles

o vosso óleo, isto é: o mérito das vossas obras, mérito que só reverte em benefício daquele que as pratica.

Trabalhe, pois, cada um pela sua própria reforma, pelo seu próprio adiantamento. O indiferente ou o leviano verá que, quando supuser chegado o momento de se entregar a esse trabalho, quando se estiver dispondo a começá-lo, bem pode acontecer soe a hora do seu comparecimento perante o juiz e ele então será colhido de surpresa.

Não, não acuseis a Jesus de haver ensinado a prática do egoísmo. Compreendei que apenas quis que vos resguardásseis da indolência, que vos leva a diferir para o dia seguinte o ato que ele vos concita a executar no mesmo instante; da negligência, que vos induz a *descansar* no mérito dos "santos", das intercessões monásticas, das absolvições clericais, como assecuratórias da vossa salvação, quando é certo que só as *vossas obras pessoais* vo-la podem *garantir*.

(Vv. 6-13.) Não querendo desanimar os que não hajam tomado antecipadamente suas precauções, eles são mandados aos que os podem socorrer.

Aqui, as virgens prudentes sentem que o mérito que possuem apenas lhes basta. Dele não podem dispor em favor de ninguém. E, quando o pudessem, o de que dispõem se tornaria insuficiente. Urge o tempo e elas, que vão ser chamadas, se sentem incapazes de auxiliar, com o que têm, as que necessitam de auxílio. As virgens descuidosas, que por sua vez sentem quão erradas andaram, deixando de fazer provisão, só resta se dirigirem aos que lhes possam dar os conselhos necessários.

Os *que vendem o óleo próprio a encher as lâmpadas vazias* são os bons Espíritos do Senhor. Eles efetivamente vos vendem esse óleo, por isso que, fazendo-vos progredir, a seu turno progridem. Tudo, assim, é comutativo entre vós e eles.

O *preço* que cobram está no progresso que vos fazem realizar, de acordo com a lei de mutualidade e de solidariedade fraternais. Se, porém, tardarem em lhes pedir socorro, em lhes pedir o óleo que alimentará a luz, sem a qual as virgens não podem entrar com o esposo, elas não chegarão a tempo. E quando julgarem que suas lâmpadas se acham suficientemente abastecidas, a sala do banquete estará fechada.

Quer isto, *em verdade*, dizer que, quando os Espíritos indolentes e desidiosos, vendo aproximar-se a época da regeneração, observando os progressos realizados por seus irmãos, quiserem caminhar ao lado destes, não conseguirão acompanhá-los e serão detidos no limiar da *nova habitação*, vendo-se forçados a realizar, *num planeta inferior*, o progresso que se descuidaram de fazer na Terra.

Vigiai, portanto, ó homens, pois não sabeis em que dia e a que hora o esposo chegará: o dia e a hora da regeneração, o dia em que o Senhor virá.

LUCAS, Cap. XII, vv. 35-38

Vigiar. — Estar pronta a receber a Jesus por ocasião da sua segunda vinda

V. 35. Cingidas estejam as vossas cinturas e acesas tende nas mãos as vossas candeias. — 36. E assemelhai-vos aos que esperam que seu Senhor volte das bodas, para, quando chegar e bater à porta, logo lha abrirem. — 37. Bem-aventurados os servos que o Senhor, ao chegar, encontre vigilantes; *em verdade* vos digo que ele se cingirá, fará se ponham à mesa e virá servi-los. — 38. Quer chegue na segunda vigília, quer na terceira, se assim os achar, bem-aventurados são esses servos.

N. 280. Estai sempre vigilantes. Estai sempre preparados a comparecer diante do vosso Senhor e a recebê-lo quando lhe apraza vir, ou mandar-vos emissários seus.

O Mestre veio e os apóstolos estavam prontos para recebê-lo. Grande foi a satisfação. Mas ele voltará. Vai adiantada a noite, a segunda vigília começa pela era nova a que Jesus, em mente, aludia. Ele vos manda emissários, órgãos do *Espírito da Verdade*, que vêm preparar a sua vinda. Estai, pois, atentos para a terceira vigília, que ele vos quer encontrar velando por vós *mesmos* e prontos a recebê-lo, purificados e luminosos pelo mérito das vossas obras, que vos tornarão as almas resplendentes de luz pura e fulgurante em presença do Senhor.

Ele vos fará sentar à mesa e vos servirá. Quer dizer que vos mostrará a verdade *sem véu* e vos levará à perfeição.

**MATEUS, Cap. XXV, vv. 14-30. —
LUCAS, Cap. XIX, vv. 11-27**

Parábola dos talentos. — Servo inútil. — Parábola dos dez marcos

MATEUS : V. 14. Porque, é assim como um homem que, tendo de partir para longe, chamou seus servos e lhes entregou os bens que possuía. - 15. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, de acordo com a capacidade de cada um, e partiu sem mais demora. — 16. Foi-se o que recebera cinco talentos, entrou a negociar com eles e ganhou outros cinco. — 17. O mesmo fez o que recebera dois e ganhou dois. — 18. Mas, o que apenas um havia recebido lá se foi com ele, cavou um buraco no chão e aí escondeu o dinheiro do seu Senhor. — 19. Depois de muito tempo, voltou o Senhor daqueles servos e os chamou a contas. — 20. Veio o que recebera cinco talentos e, apresentando-lhe outros cinco, disse: Senhor, tu me entregaste cinco talentos; aqui estão mais cinco que ganhei. — 21. Disse-lhe o seu Senhor: Muito bem, servo bom e fiel, pois que foste fiel em poucas coisas, estabelecer-te-ei sobre muitas; entra na alegria do teu Senhor. — 22. Veio em seguida o que recebera dois talentos e disse: Senhor, tu me entregaste dois talentos; aqui estão mais dois que com eles ganhei. — 23. Disse o seu Senhor: Muito bem, servo bom e fiel, pois que foste fiel em poucas coisas, estabelecer-te-ei sobre muitas; entra na alegria do teu Senhor. — 24. Veio por fim o que só um talento recebera e disse: Senhor, sei que és um homem severo, que ceifas onde não semeaste e colhes onde não espalhaste. — 25. Temendo-te, fui-me e escondi na terra o teu talento; aqui tens o que te pertence. — 26. Seu Senhor respondeu: Servo mau e preguiçoso, pois que sabias que ceifo onde não semeei, que colho onde não espalhei, — 27, devias ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros e, assim, à minha volta, eu receberia o que é meu com juros. — 28. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. — 29. Porque, a todo o que tem se dará e terá em abundância; e àque-

le que não tem será tirado até o que pareça ter. — 30. E o servo inútil lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá prantos e ranger de dentes.

LUCAS: V. 11. Tendo eles ouvido isso, Jesus, continuando, lhes propôs uma parábola, a propósito de se achar perto de Jerusalém e pensarem todos que o reino de Deus se manifestaria imediatamente. — 12. Disse, pois: Um homem de alta linhagem partiu para um país longínquo, a fim de tomar conta de um reino e depois voltar. — 13. Chamou dez servos seus, deu-lhes dez marcos de prata e disse: Ponde-os em giro até à minha volta. — 14. Mas, como os de seu país o odiavam, mandaram após ele uma embaixada para lhe dizer: Não queremos sejam quem nos governe. — 15. Com efeito, voltou o homem, depois de haver tomado posse do reino, e mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber quanto cada um fizera render. — 16. Veio o primeiro e disse: Senhor, teu marco rendeu dez marcos. — 17. Respondeu-lhe o Senhor: Muito bem, servo bom; porque foste fiel no pouco, terás poder sobre dez cidades. — 18. Veio o segundo e disse: Senhor, teu marco rendeu cinco marcos. — 19. O Senhor lhe respondeu: Tu governarás cinco cidades. — 20. Veio outro e disse: Senhor, aqui está o teu marco, que conservei guardado num lenço. — 21. Tive medo de ti, porque és homem severo, que tiras de onde não puseste e ceifas onde não semeaste. — 22. Respondeu-lhe o Senhor: Servo mau, pelas tuas próprias palavras eu te julgo: sabias que sou homem severo, que tiro donde não pus e ceifo onde não semeei; — 23, porque, então, não colocaste o meu dinheiro num banco, a fim de que, quando eu chegasse, o recebesse com juros? — 24. E disse aos que estavam presentes: Tirai-lhe o marco e dai-o ao que tem dez. — 25. Observaram-lhe: Senhor, esse já tem dez marcos. — 26. Pois eu vos digo que a todo aquele que já tem ainda se dará mais e esse terá em abundância e que, àquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. — 27. Quanto aos meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os na minha presença.

N. 281. Já vos temos dito que não se fala na mesma linguagem a todos os homens. Assim é

que as parábolas de Jesus, repetidas muitas vezes, com pequenas variantes, são, quanto ao fundo, ao sentido, as mesmas, porém sempre apropriadas ao entendimento daqueles que as escutavam.

Isso se verifica também com a parábola dos talentos e do servo inútil, bem como com a dos dez marcos.

Nesta última, Jesus faz uma alusão especial (vv. 11, 12, 14 e 17) primeiramente à lei que ele viera trazer ao mundo, à ingratidão dos homens que a repeliram, falseando-a ou dela se isentando; depois, aos castigos que aguardarão os endurecidos, se, apesar de tudo, perseverarem no egoísmo e no orgulho.

Quanto à ordem que o rei dá para que lhe tragam os súditos revoltados, a fim de que sejam executados na sua presença, o que com isso quis Jesus foi aludir à sentença de banimento que será proferida contra os que permanecerem endurecidos, quando chegar o momento das retribuições gerais. Essa alusão é idêntica à que se encontra (Mateus, v. 30) nas suas palavras relativas ao servo inútil, que será lançado nas trevas *exteriores*, isto é: que será afastado do vosso e degradado para planeta inferior a esse, quando se operar e concluir a separação do joio e do trigo.

Essa ameaça do rei, materializada pelos Judeus, que, ouvindo-a, a tomaram *segundo a letra* e não *segundo o espírito*, assim como o que foi dito com relação ao servo inútil era de molde a enchê-los de temor.

À parte as variantes que vimos de apontar, as duas parábolas, na substância e no sentido, são idênticas. As explicações dadas respeito a uma servem para a outra. Essa a razão por que aqui se acham reunidas, embora tenham sido formuladas em ocasiões e lugares diversos.

Com ambas se deu o mesmo que com a das virgens loucas e das virgens prudentes: uns não

as compreenderam, outros lhes falsearam o sentido e o alcance.

Todas as críticas, variando em seus efeitos, derivam de uma mesma causa. É que, quando o sentido parabólico do ensino embarça a crítica, apegam-se à *letra*; quando o embarço vem da *letra*, procura-se um sentido *oculto*. Desse modo é que se obscurecem, falseiam, ou desnaturam o *sentido e o objeto* das parábolas de Jesus.

Tratem de ler com mais atenção, isentos de idéias preconcebidas, os que desejam destruir, sem compreenderem a causa secreta que os impele, sem verem o alvo que hão de atingir, mau grado à vontade que os anima. E, se com isso não sofrer demasiado o orgulho que os domina, apelem, intimamente, para aquele que abre as inteligências e compreenderão melhor. Mas, para esses o momento ainda não chegou. Presentemente²⁷, eles se ocupam em derribar um edifício que estava prestes a ruir. Atiram ao solo, em desordem, os materiais, sem cogitarem do que possa daí resultar, sem preverem a confusão que há de nascer de tal revolvimento, sem se apiedarem das naturezas fracas que ainda se abrigam sob as abóbadas da velha igreja. Derribam e derrocam. Chegado o momento, os que lhes sucederem virão apartar pedra por pedra, escolher os materiais bons, separar os imprestáveis e reconstruir, sobre bases inabaláveis, o edifício onde todos os homens irão haurir o amor, a caridade, a fé e a esperança.

Não esqueçais (nunca o recomendaremos bastante) que todas as parábolas de Jesus, tendo, *segundo o espírito*, um sentido velado, de aplicação às épocas vindouras, tinham que ser, pelos homens que as escutavam, compreendidas *segundo a letra*, tinham, portanto, que ser aplicadas a fatos materiais correspondentes à época e às inteligências

²⁷ Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de agosto de 1863.

desta. Assim, pois, tomai sempre todas as parábolas de Jesus no *seu sentido velado e profético e também debaixo* do ponto de vista material aplicável, quer pelo exemplo, quer pelas expressões, às inteligências da época.

Eis aqui a explicação, *em espírito e em verdade*, da dos talentos e da dos dez marcos, as quais, repetimos, salvo as variantes que já vos assinalamos, são idênticas no fundo e no sentido.

O Senhor não exige, não reclama de cada um de vós senão o que é justo, atentas as vossas capacidades e a vossa fraqueza humana. Mas, quer que façais todos os esforços por progredir. Dentro de vós colocou o gérmen: desenvolvei-o.

Não vos apegueis, para adormecerdes na preguiça, à desculpa de que tendes menos faculdades do que vossos irmãos. Não alegueis que não sois aptos, que fostes deserdados, que o Senhor exige tanto das suas criaturas que jamais vos seria possível satisfazê-lo; que, ao contrário, poderíeis desmerecer ainda mais, se tentásseis esforços inúteis; que vos poderíeis transviar e atrair em maior escala o que chamais a sua cólera e que é apenas a sua justiça.

O Senhor é justo e eqüitativo. Se é certo que não vos achais todos no mesmo ponto; se é certo que pareceis não ter todos o mesmo número de "talentos", não menos certo é que podeis chegar, pela vossa perseverança, a merecer que maior quantia vos seja confiada. *Todos* partistes do mesmo ponto, *todos* ao mesmo ponto chegareis. Mas, entre vós, uns há mais preguiçosos do que outros. A esses o Senhor tirará o "talento", o marco que possuem.

Quer dizer que, não podendo caminhar de par com os bons servos, eles serão transferidos para outros meios, onde suas disposições lhes bastem. Estes outros meios, está claro, serão inferiores ao em que se encontravam. Doer-lhes-á então terem perdido a posição em que estavam e mais rude

será o trabalho que terão de executar para reconquistá-la.

Jesus não pretendeu dar a entender que o Senhor, justo em tudo, faz que os servos ativos tirem proveito da falta de virtude e de atividade dos servos incapazes. Quis *tão-somente* significar que os primeiros, por terem mais, andarão mais depressa e quinhão maior obterão das graças do Senhor.

Falando do terceiro servo, o Mestre alude a esses Espíritos malévolos que, para encobrirem suas próprias faltas, procuram atribuir faltas aos outros. Longe estava do pensamento do "filho" acusar o "pai". A resposta que *ele põe* na boca do Senhor tem esta *significação* : "*Pois que me julgas exigente e ríspido, capaz de colher onde não semeiei, de exigir o que não dei, como pudeste adormecer sem nada tentar para me satisfazer? Não é evidente que devias, uma vez que te não consideravas bastante forte para, por ti só, o conseguires, buscar o amparo dos que pudessem ajudar-te? Eles te teriam levado ao ponto de me restituíres com juros o que te dei, isto é: de progredires*".

Os *banqueiros, segundo o espírito*, são os que podiam desenvolver no terceiro servo o amor do progresso e, conseqüentemente, *segundo a letra*, conseguir os juros que o Senhor exige do seu servo. *Por banqueiros* deveis entender, de acordo com o sentido *oculto* da parábola, os que podem auxiliar o progresso de seus irmãos na Terra e no espaço: Espíritos encarnados e errantes.

Compreendi também essas mesmas palavras de Jesus do ponto de vista material, aplicável, pelo, que exprimiam e pelo exemplo que continham, às inteligências da época. A lei de Moisés proibia os empréstimos a juros, assim como a escravidão. Era uma lei protetora dos *Hebreus contra os próprios Hebreus*. Dessa circunstância nasceram os abusos contra os estrangeiros. Por efeito de

uma interpretação capciosa, entendia-se que a proibição só existia de *Hebreu para Hebreu*, mas não de Hebreu para com o estrangeiro e assim toda a exação, considerada culposa quando praticada contra um Hebreu, era tida por justa, se praticada contra um estrangeiro. Notai que *aqui* não se trata de banco, do ponto de vista da vossa época, e sim de *troca, transação*, que permitia ao que recebia em depósito uma certa soma operar com ela, trocando-a por mercadorias quaisquer e partilhando dos lucros, mais ou menos igualmente, com o dono dos fundos. Considerai os mil artifícios inventados pela cupidez para fraudar as leis; atentai no que se passa em torno de vós e compreendereis que houvesse quem recebesse fundos e sobre eles pagasse juros, ou que os fizesse render conforme as necessidades da época.

Quanto às palavras constantes nos vv. 29 de Mateus e 26 de Lucas, são idênticas às de que Jesus já anteriormente usara na parábola do semeador. Recebestes acerca dessas palavras as explicações necessárias nas que vos demos em o n. 164 do 2º volume, à pág. 316. Nada temos que acrescentar. Reportai-vos a elas.

Claros são, pois, o sentido e o objetivo das parábolas dos talentos e dos dez marcos. Estais em condições de lhes compreenderdes o sentido *velado e profético*, que é o seguinte:

O pensamento de Jesus, ao propô-las, abrangia a época da sua missão terrena, seu regresso às regiões superiores após o sacrifício do Gólgota, a época preparatória da sua volta ao planeta terrestre, época que é a era nova do Cristianismo do *Cristo*, a era *do espírito*, e a época mesmo dessa volta. Ele adverte os homens de que lhes cumpre, trabalhando com atividade, empregando esforços sérios e porfiados, prosseguir no desenvolvimento de seu progresso moral e intelectual. Adverte-os de que cada um tem e terá que prestar contas,

que a cada um contas serão pedidas das faculdades que recebeu do Senhor, faculdades que todos podem e devem fazer que rendam, que todos podem e devem desenvolver, tendo para ajudá-los nisso os "*banqueiros*", isto é: todos os que lhes podem auxiliar o progresso na Terra e no espaço e cujo amparo importa que busquem.

Previne-os de que para o desempenho dessa tarefa têm eles, os homens, o tempo preciso, a expiação e a reencarnação, porquanto, como sabeis, o joio há de crescer ao lado do trigo até que se verifique a regeneração, cuja hora e cujo dia ninguém sabe quando chegarão. Previne-os de que, nessa época, os Espíritos que ainda se conservarem culpados ou rebeldes, preguiçosos e ignorantes, orgulhosos ou egoístas, incapazes ou indignos de participarem da regeneração, serão afastados da Terra e mandados para planetas inferiores; de que, para esses, grandes serão a dor e os remorsos, longa a expiação e mais rude o labor pela reconquista da posição que perderam. Avisa-os de que os que houverem trabalhado pelo seu progresso, na medida de suas capacidades, serão, de acordo com as obras que tenham praticado e sobretudo de acordo com a boa-vontade de que hajam dado mostras, recompensados na classificação que se fará nesse período de regeneração e de purificação em vosso planeta depurado e regenerado.

MATEUS, Cap. XXV, vv. 31-46*Depuração pela separação do joio e do trigo,
apresentada sob a figura emblemática de um juízo final*

V. 31. Quando o filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono da sua glória. — 32. E, reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas. — 33. Porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. — 34. Dirá então o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde o principio do mundo; — 35, pois, tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era forasteiro e me recolhestes; — 36, estive nu e me vestistes, estive enfermo e me visitastes, estive encarcerado e me fostes ver. — 37. Dir-lhe-ão, então, os justos: Senhor, quando foi que te vimos faminto e te demos de comer; ou com sede e te demos de beber? — 38. Quando foi que te vimos sem teto e te recolhemos, ou nu e te vestimos? — 39. Quando foi que te vimos enfermo, ou preso, e te fomos visitar? — 40. O rei responderá : *Em verdade* vos digo que, todas as vezes que o fizestes a um destes meus *irmãos* mais pequenos, a mim o fizestes. — 41. Aos que estiverem à sua esquerda dirá em seguida: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus anjos; — 42, pois, tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; — 43, era forasteiro e não me recolhestes; estive nu e não me vestistes; enfermo e preso e não me visitastes. — 44. Também esses perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos faminto, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou encarcerado e não te assistimos? — 45. Ele lhes responderá : *Em verdade* vos digo que, quantas vezes o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, tantas o deixastes de me fazer a mim. — 46. E irão estes para o suplicio eterno e os justos para a vida eterna.

N. 282. Estas palavras de Jesus serviram de base a todas as crenças e a todas as interpretações humanas. Apropriadas aos tempos e às inteligências, tinham elas que servir, atento o passado de todos os povos, para aquele momento e tinham que preparar o futuro. Tomadas *ao pé da letra*, foram mal compreendidas e falsamente interpretadas. Mas, tudo tem a sua razão de ser na marcha do progresso para a depuração e transformação assim dos mundos, como das humanidades.

Elas vos vão ser explicadas *em espírito e verdade*.

Pintando para os seus discípulos um quadro imponente do *juízo final*, quis Jesus deixar nas inteligências uma impressão inapagável.

A homens que habitualmente tremiam diante dos juizes e que mal eram contidos pelas leis, se bem fossem estas de extrema dureza, preciso era que se apresentasse um quadro impressionante e material do "juízo" a que teriam de ser sujeitos e das conseqüências desse julgamento.

Dissemos acima: "*A homens que habitualmente tremiam diante dos juizes.*" Em Israel, os grandes sacerdotes do templo eram os juizes, pois que de todos os delitos conheciam. As sentenças arbitrarias que proferiam eram freqüentemente terríveis. Entretanto, não impunham o respeito à lei.

(Vv. 31 e 32.) Quando o filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória e, reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas.

Supuseram tratar-se do "*fim*" de tudo e reuniram os *acontecimentos*. Essas palavras são *simbólicas*. Jesus falava das épocas que se hão de suceder, até ao momento em que *a luz suave e verdadeira virá iluminar o mundo*.

O trono da glória de Jesus é a época em que todos os povos estarão sob o jugo da sua lei. Seu

trono se achará então firmado *no fundo dos corações de todas as criaturas* e os anjos do Senhor o cercarão e descerão ao meio destas.

Não começou já esse período? O trono do Salvador não está sendo preparado para recebê-lo? Os anjos do Altíssimo não descem já até vós para vos ensinar a cantar a glória do Onipotente, preparando-vos, por meio da prática da justiça, da caridade e do amor, para o advento *do espírito*; abrindo-vos, pelo progresso moral, todas as fontes do progresso intelectual; ensinando-vos a ser brandos e dedicados aos vossos irmãos?

As gentes não se encontram todas reunidas sob as vistas do Salvador e não vedes que se há *materializado* uma palavra *simbólica*, como o são todas as dos *Evangelhos*?

Não se procede, desde a origem dos tempos, à separação? Desde o aparecimento do homem na Terra, os Espíritos que pelo seu progresso têm merecido habitar os meios mais elevados do vosso mundo, ou mundos superiores ao vosso, hão ascendido a esses meios ou a esses mundos. Do mesmo modo, os Espíritos culpados têm sido, de acordo com o grau de culpabilidade e com as necessidades do progresso que devem realizar, mandados, como castigo, como expiação, para os meios inferiores do vosso planeta, ou para planetas inferiores ao vosso. Até hoje foi consentido que o joio crescesse ao lado do trigo e o será até à época em que, havendo de efetuar-se a regeneração, se tenha operado progressiva e sucessivamente a depuração do planeta terreno. Nessa época, a separação estará completamente feita: aos Espíritos culpados, refratários ao progresso, não mais será permitido reencarnar na Terra. Só aos que se houverem tornado capazes, dignos de avançar pela estrada da regeneração, será isso permitido, sendo eles colocados nas condições que lhes forem necessárias. É a essa separação que Jesus aludia.

Ela estará inteiramente concluída quando o vosso planeta entrar nas fases da sua fluidificação.

Quanto à determinação *da época* dessa separação, que se interpretou falsamente como sendo um fato único, súbito e instantâneo, não passou de uma figura. Para a realização de semelhante obra, que é progressiva e sucessiva, não pode haver época predeterminada segundo a maneira humana de calcular. Essa época corresponde ao período que precederá a depuração completa da Terra.

Jesus voltará ao mundo, quando a Humanidade estiver prestes a atingir a perfeição moral e ela aclamará a sua vinda, entoando este cântico de júbilo, de alegria, imenso e unânime: *Bendito o rei que vem em nome do Senhor.*

(Vv. 33 e 34, 41 e 46.) Igualmente *simbólicas* são as palavras do Mestre, constantes destes versículos e apropriadas, *pela letra*, às inteligências, que convinha fossem por elas trocadas e impressionadas. Os Espíritos que se houverem regenerado na Terra, bem como os que, suficientemente purificados e adiantados, tenham vindo de outros mundos para, nas condições que lhes forem necessárias, habitar o vosso planeta regenerado, a fim de nele progredir e participar da sua marcha ascensional, esses é que estarão "à *direita do rei*", é que serão os "*justos*" chamados a "*entrar na posse do reino que lhes foi preparado desde a constituição do mundo*". Serão os *benditos do pai*, porque terão trabalhado ativamente pelo seu progresso pessoal e pelo progresso coletivo. Deus abençoa os que trabalham pelo seu próprio adiantamento e pelo de seus irmãos. A bênção desce sobre aqueles cujas obras a atraem.

O lugar reservado aos *eleitos*, isto é: aos *merecedores*, aos *dignos*, são as regiões elevadas onde *todo Espírito*, logo que atinja a maioria espiritual, entrará na posse da parte da herança que lhe está destinada *desde a sua origem*.

Os justos irão para a vida eterna. Caminharão pela via do progresso para a perfeição que lhes dará, na eternidade, a vida espírita, isentando-os de toda e qualquer encarnação, uma vez que se tenham tornado puros Espíritos.

Os que estiverem "*à esquerda do rei*", os "*malditos*", irão "*para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos, para o suplício eterno*". Os Espíritos culpados irão para lugares onde eternamente se sofre, *seja* no estado de erraticidade no espaço, *seja* no de encarnação. São de expiação esses lugares, mas também de provas e de progresso, e constantemente se *renovam*, por meio de depurações e transformações lentas e gradativas, como igualmente se *renovam* as categorias dos Espíritos que os habitam. São mundos inferiores, *preparados* para os Espíritos culposos, no sentido de servirem para habitação deles, que *figuradamente* se designam pelos nomes de "*diabo*" e de "*anjos do diabo*", conformemente ao grau de culpabilidade de cada um. Tais mundos constituem para esses Espíritos um "*inferno*" e, ao mesmo tempo, um "*purgatório*", como meio de expiação, de reparação e de progresso. *Tal é o espírito.* Velando-o *pela letra*, Jesus intencionalmente deu o ensino sob um aspecto material, tendo em vista que ele ia passar sucessivamente através de gerações bárbaras, que precisavam ser aterrorizadas para se deixarem domar.

Teve assim a sua razão de ser o dogma humano da eternidade das penas, como fruto do reinado da letra, necessário por certo tempo, até que a Humanidade se houvesse adiantado bastante na senda do progresso moral e intelectual.

Não vos foi dito: A letra *mata* e o espírito *vivifica*? Palavras proféticas eram estas, destinadas a ser compreendidas e aplicadas nos tempos preditos em que o *espírito* viria esclarecer a *letra* e dar-lhe o verdadeiro *sentido*. Esses tempos chegaram. O Espírito da Verdade, por meio da nova

revelação, vos vem ensinar a verdade, despojando *da letra o espírito*.

Sim, fictícias são as ameaças do *fogo eterno*, do *suplício eterno*, como expressão de uma condenação eterna proferida contra o Espírito culpado. Jamais estiveram no pensamento de Jesus.

Os banidos serão degredados para os lugares de trevas, serão rechaçados para os mundos de expiação, onde o princípio do mal reina soberanamente e onde se verão condenados a viver por séculos no meio da desgraça e das dores. Sim, é aí que se ouvem prantos e ranger de dentes; é aí que um fogo inextinguível requieima o Espírito, porquanto, deportado, pela sua perversidade, para essas desgraçadas terras, ele guardará a lembrança do que haja perdido e *acreditará* que o perdeu *para sempre*. Daí se originam as *chamas* que o devorarão, daí nascem os *demônios* que o torturarão com o seu contacto aviltante — as dores, que serão morais para a sensibilidade do Espírito, mas que também se tornarão, de certo modo, materiais pelos sofrimentos físicos inerentes a tais encarnações, sofrimentos que mais acerbos são para aquele que é punido pela sua reincidência, isto é: que se vê degredado, quando pudera ter progredido e gozar da paz do Senhor.

Mas, a mão paternal de Deus se estende sobre esses pobres exilados como sobre todos e com o correr dos séculos a paz acabará por entrar neles com o remorso do seu endurecimento e o desejo da reparação. Será isso efeito da onipotência do Senhor, expressa na lei imutável do progresso e da perfectibilidade por ele estabelecida desde toda a eternidade e que se executa sob os auspícios da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia infinitas.

Dissemos há pouco, falando do Espírito banido: *Ele guardará a lembrança do que haja perdido e acreditará que o perdeu para sempre*. Isso, entendi-o, se dá no estado de erraticidade. O

Espírito, livre dos entraves da carne, compreende a sua posição, vê suas faltas. Poderá iludir-se durante algum tempo, mas, passado o período de dilação, como nada *de arbitrário, ou* que pareça *tal*, pode o Espírito ver na execução dos desígnios divinos, todo o seu passado se desenrolará às suas vistas e, assim como lhe será dado julgar da justiça da condenação, também lhe será possível apreciar a justiça da recompensa concedida aos bons obreiros.

Compreendi igualmente que, mesmo na condição de encarnado, o Espírito banido experimenta um mal estar indefinível, mas que lhe causa sofrimento e dá uma impressão de superioridade com relação aos outros e, portanto, do aviltamento *relativo* da sua posição.

(Vv. 34 e 40.) Pelas palavras, que estes versículos registraram, Jesus se exime da divindade que as falsas interpretações humanas lhe atribuiriam, declarando-se *irmão* de todos os homens, *dos mais pequeninos dentre estes, filhos* todos, *como ele*, do pai onipotente; declarando-se Espírito criado *como eles*, saído do mesmo princípio, tendo tido a *mesma* origem. Por outro lado, dando a si próprio o título de "rei", indica, *sob o véu que ficava reservado à revelação atual levantar*, a sua posição espírita como protetor e governador do vosso planeta, encarregado do vosso progresso e de vos conduzir à perfeição.

(Vv. 35 a 40 e 41 a 45.) Estando prestes a deixar a Terra, que ele viera subtrair ao erro, às superstições, aos vícios, trazendo-lhe a luz, lançando as bases fundamentais da regeneração humana, traçando e abrindo as sendas do progresso, Jesus, depois de haver prevenido os homens da separação do joio e do trigo, dos bons e dos maus, lhes diz claramente em que se fundará a separação dos "cabritos" e das "ovelhas". Não será porque tenham professado ou deixado de professar tal ou tal crença, *adotando* tal ou tal doutrina,

praticado tal ou tal culto exterior, *mas* por terem ou não praticado, no terreno material, no terreno moral e no terreno intelectual, o amor e a caridade com todos. Os que assim o tiverem feito são os que passarão "*à sua direita*", ficando "*à sua esquerda*" os que se houverem esquecido de assim proceder.

Jesus não se ocupou com os que, não contentes de não terem feito o bem, hajam praticado o mal. A situação desses, mais grave ainda, estava implicitamente compreendida no que já ele dissera dos outros; não precisava ser mencionada.

Portanto, o que ressalta nítida e formalmente de todos os ensinamentos do Mestre é que deveis procurar constantemente ser caridosos, tornar-vos, por todos os meios possíveis, úteis aos vossos irmãos. E cada um, qualquer que seja a sua pobreza material, o pode sempre, ao menos moralmente, no meio em que se ache colocado, pelo exemplo e pelos conselhos, cuja inspiração encontrará nas palavras do Salvador, se bem as compreender.

Ressalta ainda que — *fora da caridade e do amor não há salvação*, isto é: não há progresso, nem adiantamento; que só pela *caridade e pelo amor* podeis progredir e avançar; que, sejam quais forem as vossas crenças, as vossas doutrinas, os vossos cultos exteriores e as práticas materiais desses cultos, enquanto não praticardes a caridade e o amor, enquanto, pois, permanecerdes escravizados ao orgulho e ao egoísmo, assim como aos vícios e paixões que de um e outro decorrem, estareis e continuareis sujeitos à expiação em mundos inferiores, às encarnações *expiatórias* nesses mundos.

Vimos de dizer, aludindo à prática do amor e da caridade: "*no terreno material, no terreno moral e no terreno intelectual*". As palavras de Jesus, de acordo com o seu pensamento, se aplicam ao Espírito e ao corpo, como sendo, para o

Espírito, no estado de encarnação, instrumento e meio de provas, de reparação e de progresso. Conseqüentemente, é do duplo ponto de vista das necessidades e socorros que afetam, assim o corpo como o Espírito, que deveis praticar o amor e a caridade com os vossos irmãos.

**MATEUS, Cap. XXVI, vv. 1-13.—
MARCOS, Cap. XIV, vv. 1-9**

Perfume derramado sobre a cabeça de Jesus

MATEUS: V. 1. Tendo acabado de proferir todos esses discursos, disse Jesus a seus discípulos: — 2. Sabeis que daqui a dois dias se celebrará a Páscoa e o filho do homem será entregue para ser crucificado. — 3. A esse tempo reuniram-se os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo na sala do sumo pontífice chamado Caifás, — 4, e se consultaram para se apoderarem de Jesus à traição e lhe tirarem a vida. — 5. Mas, diziam: Durante a festa, não, para que não se suscite algum tumulto entre o povo. — 6. Ora, estando Jesus em Betânia, na casa de Simão o leproso, — 7, aproximou-se dele uma mulher trazendo um vaso de alabastro com precioso perfume e lho derramou sobre a cabeça, quando estava à mesa. — 8. Ao verem isso, seus discípulos se indignaram e disseram consigo: Para que este desperdício? — 9. Esse perfume podia ser vendido por bom dinheiro, que se daria aos pobres. — 10. Percebendo neles este pensamento, disse-lhes Jesus: Porque molestais a esta mulher, que no que fez comigo praticou uma boa obra? — 11. Pobres, tê-los-eis sempre convosco, ao passo que nem sempre me tereis a mim. — 12. Derramando sobre o meu corpo este perfume, ela o ungiu para ser sepultado. — 13. Em verdade vos digo que, onde quer que, no mundo inteiro, for pregado este Evangelho, narrado também será, em sua memória, o que esta mulher acaba de fazer.

MARCOS: V. 1. Dois dias depois vinha a Páscoa com os pães ázimos e os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam meio de se apoderarem de Jesus à traição e de o matarem. — 2. Mas diziam: No dia da festa, não, para que não se levante algum tumulto entre o povo. — 3. Estando Jesus em Betânia sentado à mesa na casa de Simão, o leproso, ai veio uma mulher com um vaso de alabastro cheio de precioso perfume de nardo e, quebrando o vaso, lhe

derramou o perfume sobre a cabeça. — 4. Alguns dos presentes, indignados com *isso*, diziam entre si: Para que desperdiçar assim este perfume? — 5. Bem podia ele ser vendido por mais de trezentos denários, os quais seriam dados aos pobres. E murmuravam contra a mulher. — 6. Jesus então lhes disse: Deixai-a; porque a molestais? Com o que ela fez praticou uma boa obra, — 7, porquanto, pobres tê-lo-eis sempre convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes *bem*, mas a mim nem sempre me tereis. — 8. Ela fez o que lhe era possível: embalsamou-me antecipadamente o corpo para a sepultura. — 9. *Em verdade* vos digo que, onde quer que no mundo todo se pregue este Evangelho, narrado também será, em sua memória, o que ela fez.

N. 283. De novo a seus discípulos anuncia Jesus sua "morte", *segundo o modo de ver dos homens*, e também, de maneira precisa, a sua crucificação. Aquela mulher foi, por influência espírita, impelida a fazer o que fez, porque o seu ato se prestava a pôr em relevo a presciência do Mestre quanto a essa morte, a essa crucificação, pois que, ao verificar-se o acontecimento predito, todos se lembrariam daquele ato e das palavras que ele proferira com relação ao futuro.

Quebrando o vaso de alabastro cheio de precioso perfume e derramando-o sobre a cabeça de Jesus, ela rendia uma homenagem ao Senhor.

Ainda cegos pela matéria, os discípulos só compreendiam os fatos materiais.

Repreendendo-os pelas suas murmurações, Jesus lhes fez compreender que *nem sempre bastam* os sacrifícios que apenas *visam a matéria*; que o homem precisa saber impor-se sacrifícios tendo em vista *também o Espírito*.

A escolha de perfumes para essa lição, obedeceu à razão de que, pela natureza que lhes é *essencial*, eles dão a ver que os sacrifícios que se hajam de fazer, tendo-se em vista *o Espírito*, não devem ser buscados unicamente nas coisas de ordem *material*, mas também nas de ordem *espiritual*.

"Não molesteis a essa mulher; deixai-a, disse Jesus; e acrescentou: o que ela acaba de fazer é uma boa obra; em verdade vos digo que, onde quer que no mundo inteiro for pregado este Evangelho, narrado também será, em memória sua, o que ela fez."

Sim: era um ato de amor e de desinteresse, *um sinal da vitória do Espírito sobre a matéria.*

"Pobres, disse ainda Jesus, tê-los-eis sempre convosco, ao passo que nem sempre me tereis a mim."

Estas palavras do Mestre não foram compreendidas *em espírito e verdade.*

No que lhe concerne, ele alude ao seu aparecimento na Terra, aos tempos e à duração desse aparecimento, para o desempenho da sua missão terrena, acorde aquela duração com as necessidades dessa missão. Alude também à duração da sua vida, humana *ao ver dos homens.*

Os que tomam sempre as suas palavras do ponto de vista das necessidades humanas, sem se lembrarem de que, antes de tudo, ele considerava as necessidades espirituais, falsearam estas: *Pobres, tê-los-eis sempre convosco*, atribuindo-lhe o pensamento, a afirmação, tão absurda e falsa, quão fatalmente retrógrada, de que a pobreza *material* há de ser sempre, eternamente, apanágio da Terra, da humanidade terrena.

Falando dos pobres da Terra, Jesus não aludia *especialmente* àqueles que carecem de bens *materiais*, mas de todos quantos se encontram num estado de inferioridade qualquer, que necessita do auxílio, do concurso, do amparo dos homens de boa-vontade. Suas palavras se referem às condições dos Espíritos, que uns são *inferiores a outros* em inteligência. Ele, pois, se referia não só aos que são *materialmente* pobres, mas também aos que o são *moralmente* e sobretudo aos pobres *de inteligência.*

No vosso planeta ainda inferior e em via de progresso, bem como em todos os outros igualmente inferiores, sendo a pobreza, tanto a *material* quanto a *moral*, uma conseqüência das *provações*, sempre haverá pobres de uma e outra categoria, até que esteja concluída a separação do joio e do trigo, isto é, que a depuração da Terra e da humanidade esteja completamente terminada pela separação dos bons e dos maus.

Lembrai-vos, porém, do que já diversas vezes temos dito: que da elevação de um planeta não decorre o *nivelamento* das faculdades.

Entre vós sempre haverá pobres, ainda quando do vosso mundo hajam desaparecido tanto a pobreza *material*, como a pobreza *moral*. Qualquer que seja o grau de depuração do planeta terreno, aí haverá sempre, num ponto ou noutro, Espíritos depurados, bons, mas menos adiantados do que outros. Esses são os *intelectualmente* pobres, aos quais os ricos em *inteligência*, em *saber*, darão com abundância o que possuem. Já o temos dito e não deveis esquecer que, do ponto de vista *intelectual*, há sempre, entre os Espíritos, hierarquia, no tocante à ciência universal, mesmo quando todos tenham atingido a perfeição moral.

A pobreza material deixará de existir na Terra quando dentre vós desaparecerem todas as enfermidades morais, que tendes de expiar *renascendo continuamente*. Despojai-vos, portanto, dos vossos vícios, quer advenham da carne, quer do Espírito, que deve dominar a matéria, pois que do contrário os felizes *de hoje* talvez sejam os pobres *de amanhã*.

O desaparecimento, a cessação completa da pobreza *material*, de maneira que cada um viva folgadamente do seu labor, será um sonho enquanto a *vossa depuração moral* não houver suavizado as vossas futuras expiações. As associações, as instituições de beneficência que mantendes são boas, porque provam, em vós o desejo de fazer o bem, de socorrer vossos irmãos. Mas, sem desprezardes

os socorros *materiais*, esforçai-vos por socorrer o *moral* dos homens. Podereis então dizer que a miséria *material* cessará no planeta terreno, quando dele for expulsa a miséria *moral*.

A esse tempo, prestando-se os homens mútuo e esclarecido auxílio, todos em comum trabalharão na obra comum. Quão longe, porém, está essa era bendita em que haveis de entrar!

Preparai-vos, não obstante, para ela e fazei com esse objetivo todos os esforços, organizando, com os corações cheios de *humildade e desinteresse, de justiça, de amor e de caridade*, sociedades para o trabalho de ordem *material*, de ordem *moral* e de ordem *intelectual*. Que os "ricos" dêem abundantemente aos "pobres", trazendo cada um a tais associações o tributo das faculdades de que possam dispor, a fim de que se espalhem e desenvolvam a educação e a instrução *moral e intelectual*, explicando aos homens e fazendo-lhes compreender: o amor a Deus acima de tudo e o do próximo como a si mesmos, as maneiras e os meios de praticar-se esse duplo amor, de praticar-se, observando a liberdade na ordem e a ordem na liberdade, o máximo de mutualidade, de solidariedade, de fraternidade, fonte e regra de todos os direitos e deveres, máxima que se formula nestes termos: *um por todos e todos por um*, em todas as associações, de qualquer natureza que sejam — comerciais, industriais, agrícolas, morais e intelectuais, compreendidas no rol destas últimas as literárias, as religiosas e as científicas, em todas as esferas *da atividade humana: individual, comum ou social*.

**MATEUS, Cap. XXVI, vv. 14-19. —
 MARCOS, Capítulo XIV, vv. 10-16.
 — LUCAS, Cap. XXII, vv. 1-13**

*Pacto de traição feito por Judas Iscariotes com os
 príncipes dos sacerdotes. Lugar escolhido para a
 Páscoa*

MATEUS: V. 14. Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes, — 15, e lhes disse: Que me quereis dar? Eu vo-lo entregarei. Convencionaram dar-lhe trinta moedas de prata. — 16. Desde então, Judas procurava uma oportunidade para entregar Jesus. — 17. Ora, no primeiro dia dos pães ázimos vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram: Onde queres que preparemos o que é preciso para comermos a Páscoa? — 18. Respondeu-lhes Jesus: Ide à cidade, a casa de um tal homem e dizei-lhe: O Mestre te manda dizer: o meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos. — 19. Os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa.

MARCOS : V. 10. Então, Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus. — 11. Ouvindo-o, eles se alegraram, prometeram dar-lhe dinheiro e Judas se pôs à espreita de uma oportunidade para o entregar. — 12. No primeiro dia dos pães ázimos, que era quando se imolava o cordeiro pascal, disseram a Jesus os discípulos: Onde queres que vamos preparar o que é necessário para comer-se a Páscoa? — 13. Chamou ele então dois dos discípulos e lhes disse: Ide à cidade; lá encontrareis um homem carregando um cântaro d'água: segui-o. — 14. Dizei ao dono da casa onde ele entrar que o Mestre lhe manda perguntar: Onde o aposento em que hei de comer a Páscoa com meus discípulos? — 15. Ele vos mostrará um amplo cenáculo mobiliado. Preparai aí o que for necessário. — 16. Os discípulos partiram, foram à cidade e acharam tudo como lhes ele havia dito e prepararam a Páscoa.

LUCAS: V. 1. Estava próximo a festa dos pães ázimos, que se chama a Páscoa. — 2. Os príncipes dos

sacerdotes e os escribas procuravam um meio de tirar a vida a Jesus, mas temiam o povo. — 3. Ora, Satanás entrou em Judas, cognominado Iscariotes, que era um dos doze; — 4, e Judas foi e se entendeu com os príncipes dos sacerdotes e os capitães das guardas do templo sobre o modo de lhes entregar Jesus. — 5. Alegraram-se todos e ajustaram com ele dar-lhe dinheiro. — 6. Judas prometeu e começou a procurar uma oportunidade de lhes entregar o Mestre, sem que o povo o soubesse. — 7. Chegou afinal o dia dos pães ázimos, em que se devia imolar a Páscoa. — 8. Jesus despachou a Pedro e João, dizendo-lhes: Ide preparar tudo para comermos a Páscoa. — 9. Eles perguntaram: Onde queres que a preparemos? — 10. Respondeu Jesus: Ao entrardes na cidade, encontrareis um homem carregando um cântaro d'água; acompanhai-o até à casa onde ele entrar; — 11, e dizei ao dono da casa: O Mestre te manda perguntar: Onde o compartimento em que hei de comer a Páscoa com meus discípulos? — 12. E ele vos mostrará uma grande sala mobiliada; preparai aí o que for necessário. — 13. Os dois foram e acharam tudo como ele lhes dissera e prepararam a Páscoa.

N. 284. Aproximava-se o momento de se cumprirem as coisas preditas e Jesus, falando daquele modo aos discípulos, confirmava as predições já feitas. Enviados por ele, Pedro e João encontram o homem que lhes fora indicado e tudo se passa como ele anunciara. Já recebestes (n. 246 deste volume) a explicação desses fatos, que se verificavam em Jesus, de presciência, de visão a distância, bem como a da influência oculta que concorria para que eles se produzissem. Reportai-vos a essa explicação.

Habitados a tais fatos, os apóstolos a princípio pouca atenção lhes prestaram. Mais tarde, porém, voltando a considerar todas aquelas predições, elas lhes deram, e também aos seus primeiros discípulos, a confirmação da presciência e da missão de Jesus.

Quanto à traição de Judas, essa não resultou de uma predestinação. Aceitá-la como tal, aceitando as interpretações que daquele fato resultaram, importaria em negar a justiça de Deus.

Judas, que era um Espírito desejoso de adiantar-se, mas orgulhoso e por demais confiante nas suas forças, pedira, antes de encarnar, que lhe fosse concedido participar da obra do Cristo, esperando tirar dessa participação abundantes e preciosos frutos. Em vão seus guias lhe fizeram ver os escolhos contra os quais iria chocar-se. Em vão lhe disseram ser ainda muito fraco para suportar tão grande peso e lhe mostraram que, obumbradas suas resoluções e esperanças pela carne, os sentimentos de inveja e de cobiça despertariam e o arrastariam inevitavelmente a uma queda, que tanto mais perigosa lhe seria, quanto mais obstinado ele perseverasse no seu propósito. A nada quis atender.

Jesus conhecia a Judas e lhe aceitara o concurso. A lição terrível que o esperava fá-lo-ia sair afinal purificado de todos os vícios que ainda o dominavam. Foi tendo em vista esse futuro, patente a seus olhos, que o Mestre consentiu naquele ato de Judas. Porque, ficai certos, nada ocorre sem que ao acontecimento presida um princípio de eterna justiça, de inefável amor.

Judas era orgulhoso, invejoso e amante do luxo. Pesava-lhe a sua posição humilde e pobre. Ofuscava-o a auréola que cercava Jesus, a quem não podia perdoar que *por aquela forma* atraísse a atenção de todos. O orgulho, a inveja e o amor do luxo lhe trouxeram, como consequência, a cupidez, a hipocrisia, a inclinação ao roubo.²⁸

Pobre humanidade! que ainda te obstinas em caminhar nas pegadas de Judas, que ainda com tanta dificuldade suportas os reflexos de glória, de fama, de estima, que aureolam alguns dos teus

²⁸ Ver: Evangelho de João, cap. XII, v. 6.

membros! Pobres homens! quanto vos torturais por achar oportunidade de vender aquele contra quem nutris íntimo sentimento de inveja, cujas causas e conseqüências a vossa consciência não ousa reconhecer! quantos dentre vós se esforçam por fazer que desmereçam na opinião pública aqueles de vossos irmãos que julgais se elevam imerecidamente no conceito dos outros homens! com quantos artificios vos pondeis à espreita do momento em que lhes deitareis a mão e os entregareis aos sacerdotes, aos escribas e aos fariseus da vossa época, procurando descobrir, traiçoeira e cuidadosamente, o lado fraco, as faltas dos que desejais sacrificar, colocando-os, em seguida, desnudos diante dos que também aguardam um instante favorável para deles se apoderarem !

Oh! empregai de preferência os recursos da vossa tão perspicaz inteligência em descobrir meios de ocultar a todos os olhares as faltas, reais ou aparentes, dos vossos irmãos. Homens! não façais como Judas. Ah! não sabeis quão terrível é a expiação daquele que "vende" o "justo", que trai a seu "mestre". Não digais: "A culpa não é minha; esse que quero fique perdido perante a opinião pública, esse cuja reputação solapo soturnamente, cujas fraquezas eu, oculto nas sombras, espreito, para expô-las à luz meridiana, às vistas de todos, este não é um justo, não é meu mestre". Que sabeis a tal respeito? Estás bem certo tu, Judas orgulhoso, que sucumbes a uma inveja surda, estás bem certo de que ele não é teu mestre, isto é: de que, se estivesse em seu lugar, não falarias mais gravemente?

Queridos irmãos, desconfiai todos, todos sem exceção, de vós mesmos, pois que estais sempre prontos a dar entrada a "Satanás", ao "demônio" do orgulho e da inveja e muito prontamente sucumbis às suas sugestões. Guarde-vos o Senhor, porquanto a queda é fácil, mas o reerguimento é terrível!

Os discípulos, dizem os Evangelhos, fizeram o que Jesus lhes determinara, tudo se passou como lhes fora dito e prepararam tudo para que ele celebrasse a Páscoa com os doze, portanto com Judas Iscariotes também o qual, sabia-o ele, o havia de trair.

A propósito dos versículos que se seguem aos de que estamos tratando, vamos explicar-vos, *segundo o espírito que vivifica*, quais foram o motivo e o fim que Jesus teve em mente para celebrar com seus discípulos a ceia pascal, *não* numa sinagoga ou num templo construído pelos homens, *mas* num amplo cenáculo *todo* mobiliado, ceia que, como cumpria acontecesse, serviu, sob o império e o véu *da letra*, de base a um culto exterior e que foi, *em espírito e em verdade*, um ato puramente espiritual, emblemático, cujo sentido, alcance e aplicação faremos conhecer.

N. 285. *Nestas frases* : "Quanto à traição de Judas, essa não resultou de uma predestinação. Aceitá-la como tal, aceitando as interpretações que daquele fato resultaram, importaria em negar a justiça de Deus" — COMO SE DEVEM ENTENDER as palavras: *aceitando as interpretações que daquele fato resultaram?*

"Segundo as explicações que os homens deram desses fatos, Judas houvera sido de antemão *escolhido* e entregue ao "demônio"; fora criado para cometer o crime que praticou; sua alma fora vil, baixa, invejosa, cúpida, sanguinária, unicamente para que se cumprissem as profecias do Antigo Testamento. Quão manifesta, entretanto, é a justiça de Deus no ato daquele Espírito presunçoso, que pede para cooperar na grande obra e que, apesar de todas as observações, de todos os conselhos, se obstina em levar por diante a orgulhosa tentativa, confiando mais na sua presunção do que na presciência daquele sob cuja inspiração seus guias lhe declaravam: *Tu vais falir*. Quão patente

se mostra, ao mesmo tempo, naquele ato, a mão paternal sempre estendida para o filho indócil, a fim de o levantar após a queda, que lhe serviria de ensinamento e lhe faria germinar no coração a salutar humildade que aí não encontrara até então acesso!

"Oh! como é grande esse Deus que permite que o filho culpado encontre, na sua própria indignidade, o ponto de apoio que o ajudará a subir para a perfeição!

"Oh! quanto é bom aquele que está sempre pronto a perdoar ao que sinceramente se arrepende, que pensa com suas mãos benfazejas as chagas dos nossos corações culpados, que nelas derrama o bálsamo da esperança e as cicatriza com o auxílio da expiação!

"Bendito sejas tu, meu Deus!

JUDAS ISCARIOTES."

DIANTE DESSA INESPERADA MANIFESTAÇÃO, dirigimos ao *Espírito de Judas* ESTAS PALAVRAS: Nós te agradecemos o te teres assim manifestado, tu que faliste pedindo uma missão superior às tuas forças. Deus, em sua bondade, em sua misericórdia infinitas, permitiu que te reerguesses e tu te regeneraste no cadinho do arrependimento, do remorso, da expiação, da reencarnação, do tempo e do progresso. E te tornaste um dos auxiliares humildes, ativos e dedicados do Cristo, que te prometera, como aos outros onze apóstolos fiéis, que "beberias e comerias à sua mesa" no seu reino e que te assentarias num dos doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" ²⁹. Grandiosa lição essa, "fonte" de esperança e de coragem para todos, a *todos* ensinando que, por maior que seja o crime ou a falta da criatura, jamais é tão grande quanto a bondade de Deus."

A mão do médium, fluidicamente impelida, no mesmo instante e espontaneamente, escreveu ISTO:

²⁹ Ver, para compreensão do sentido destas palavras, o n. 240, neste volume.

"O amor do Senhor se estende por sobre todas as suas criaturas. Vinde, pois, a ele, cheios de confiança. Não são os inocentes os que precisam de perdão. Não são os fortes os que precisam de amparo. Vinde, filhos que chorais as vossas faltas, o Senhor vos enxugará as lágrimas. Vinde, filhos fracos e enfermos, o Senhor vos dará parte maior e mais ativa do seu amor. Vinde confiantes. Como vós, também nós falimos. Como vós, também fomos culpados, amargamos as nossas faltas e expiamos os crimes que cometêramos e as fraquezas que nos fizeram sucumbir, por meio de longo e penoso labor, numa série extensa de existências humanas, que prepararam e realizaram a nossa purificação, graças à qual o Senhor nos admitiu a gozar da sua alegria.

"Imitai-nos, portanto, irmãos bem-amados. Todos tendes, mais ou menos, o que expiar, tendes que pedir perdão. Vinde com confiança aos pés do vosso pai, confessai vossas faltas perante o seu tribunal. O juiz é reto, o juiz é justo, mas também é pai. Sua indulgência há de sempre prevalecer sobre sua justiça; suas sentenças ele as profere sempre dentro dos limites das vossas forças. É credor paciente e brando; esperará que possais pagar a vossa dívida.

"Oh! vinde! Possa a mão que vos entendemos sustentar-vos, fazendo-vos compreender que em nós achareis grandes tesouros de amor.

"Como dissestes, Judas é hoje um Espírito regenerado no crisol do arrependimento, do remorso, da expiação, da reencarnação e do progresso. Tornou-se um dos auxiliares humildes, ativos e devotados do Cristo. Este exemplo vos mostra que não deveis nunca repelir qualquer de vossos irmãos e ainda menos excluí-lo da paz do Senhor."

MATEUS, MARCOS, LUCAS E JOÃO
assistidos pelos apóstolos.
JOSÉ DE ARIMATÉIA, — SIMÃO DE CIRENE.

**MATEUS, Cap. XXVI, vv. 20-30. —
MARCOS, Capítulo XIV, vv. 17-26.
— LUCAS, Cap. XXII, vv. 14-23**

Ceia pascal. — Jesus prediz a traição de Judas

MATEUS: V. 20. Chegada que foi a tarde, Jesus se sentou à mesa com seus discípulos. — 21. E, enquanto estes comiam, disse: Em verdade vos digo que um de vós me trairá. — 22. Os discípulos, profundamente contristados, começaram um a um a perguntar-lhe: Serei eu, Senhor? — 23. Respondeu ele: O que comigo põe a mão no prato, esse é o que me entregará. — 24. O filho do homem, na verdade, se vai, conforme ao que está escrito a seu respeito, mas ai daquele por quem o filho do homem será entregue! melhor lhe fora não haver nascido. — 25. Então Judas, o que o traiu, lhe perguntou: Mestre, sou eu? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste. — 26. Estando todos a comer, Jesus pegou do pão, o abençoou, partiu e deu aos discípulos, dizendo-lhes: Tomai e comei: isto é o meu corpo. — 27. E, tomando do cálice, rendeu graças e o passou aos doze, dizendo: Dele bebei todos. — 28. Este é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que por muitos será derramado para remissão dos pecados. — 29. Digo-vos que desta hora em diante não mais tornarei a beber deste fruto da videira, até ao dia em que o beberei *de novo* convosco no reino de meu pai. — 30. E, entoando o cântico de ação de graças, saíram para o monte das Oliveiras.

MARCOS: V. 17. Chegada a tarde, foi Jesus para lá com os doze. — 18. Estando todos à mesa comendo, disse ele: Em verdade vos digo que um de vós, que comigo come, me entregará. — 19. Começaram eles então a entristecer-se e a perguntar, cada um por sua vez: Serei eu? — 20. Respondeu-lhes Jesus: 2 um dos doze, que mete comigo a mão no prato. — 21. Na verdade o filho do homem vai-se, conforme a seu respeito está escrito; mas ai daquele por quem o filho do homem será entregue, melhor lhe fora não haver nascido. — 22. Enquanto comiam, Jesus pegou do pão, o abençoou, partiu e lhes deu, dizendo: Tomai,

e isto é o meu corpo. — 23. Pegando do cálice, rendeu graças e deu-lhes e todos beberam dele. — 24. Disse ele então: Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que será por muitos derramado. — 25. Em verdade vos digo que não mais beberei deste fruto da videira, até ao dia em que o hei de beber de novo no reino de Deus. — 26. E, entoado o cântico de ação de graças, saíram para o monte das Oliveiras.

LUCAS: V. 14. Chegada a hora, Jesus se pôs à mesa com os doze apóstolos, — 15, e lhes disse: Ardentemente desejei comer convosco esta Páscoa, antes de padecer, — 16, porquanto vos declaro que não tornarei mais a comê-la até que ela se cumpra no reino de Deus. — 17. Depois, pegou do cálice, rendeu graças e disse: Tomai-o, passai-o entre vós; — 18, pois vos declaro que não tornarei a beber do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. — 19. Em seguida, tomou do pão, rendeu graças, o partiu e passou aos discípulos, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado: fazei isto em memória de mim. — 20. Terminada a ceia, tomou igualmente do cálice e disse: Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que se derramará por vós. — 21. Entretanto, a mão daquele que me trai está comigo a esta mesa. — 22. O filho do homem, na verdade, vai-se, conforme está determinado, mas ai do homem, por quem ele será traído! — 23. Começaram então os apóstolos a perguntar uns aos outros qual deles iria fazer isso.

N. 286. Nenhuma idéia material devem despertar nos vossos Espíritos a ceia de Jesus com os apóstolos e a comunhão para a qual convida ele os homens. Naquela ocasião, servindo-se dos símbolos do pão e do vinho, que compara ao seu corpo e ao seu sangue, o Mestre fez um último e solene apelo à *fraternidade entre todos*. Assentados todos à mesa *do festim*, todos tendes que vos servir *igualmente do mesmo alimento e beber pelo mesmo cálice*. O Senhor marcou o lugar que deveis ocupar e indicou os *alimentos* que vos sustentarão. Uni-vos, pois, na vida, como os onze discípulos fiéis se uniram em torno do Mestre, liga-

dos por um único sentimento: o amor ao Pai, o amor ao Salvador, o amor aos vossos irmãos. Compartilhai do mesmo sacrifício, repartindo entre vós o *pão* que Jesus vos passa. Lembrai-vos de que *esse pão* tem que ser o *mesmo para todos*, pois que o sacrifício do Salvador se verificou para servir de *exemplo a todos*. Ao passardes de mão em mão o cálice, lembrai-vos de que a *bebida* que ele contém se destina a dessedentar todos os que se acham sequiosos, visto que seu sangue o Salvador derramou por todos.

Fazei com os vossos irmãos transviados, sejam eles os mais perversos, o que fez Jesus com o duodécimo discípulo — Judas. Embora soubesse que este o havia de trair, que era um irmão falso, um discípulo prevaricador, Jesus permite que ele se sente à mesa com os onze discípulos fiéis, que participe com estes do mesmo alimento, que beba pelo mesmo cálice, isto é: admite-o a escutar, a receber o último apelo feito à fraternidade entre todos. É que Judas era então a ovelha desgarrada, que mais tarde o bom pastor carregaria aos ombros e reconduziria ao aprisco. Ao aproximar-se o momento em que ia deixar a Terra, bem como do alto da cruz, Jesus não teve para Judas que o traía e entregara, nem para os que o insultavam e flagelavam, senão uma palavra de perdão: *Perdoa-Ihes, meu pai; eles não sabem o que fazem*.

Judas, que ouvira a voz do Mestre e o não escutara, presa de remorsos, quando ainda na Terra, e arrastado pelos remorsos ao suicídio, encontrou o perdão após a morte, sob a ação de um arrependimento sincero e profundo e do ardente desejo de expiar e reparar sua falta.

Depois de passar por sofrimentos e torturas morais apropriados e proporcionados à culpa em que incorrera, aos crimes que praticara, ele viu abrir-se diante de si a via da reencarnação, que o é da purificação e do progresso. Como todos, com o tempo, com os séculos, com o auxílio das

provações e da expiação, pôde, por efeito da onipotência de Deus, da sua justiça, da sua bondade da sua misericórdia infinitas, sair e saiu daquela via, purificado pela humildade, pelo desinteresse e pelo amor.

Retomou assim o seu lugar no banquete em companhia dos outros discípulos e hoje, com estes, convida todos os seus irmãos transviados a virem, com e como ele, sentar-se à mesa do Mestre.

Fazei com todos os vossos irmãos transviados o que fez Jesus com o duodécimo discípulo — Judas: reconduzi-os ao bom caminho, opondo à injúria, à ofensa, à traição — a doçura, a paciência, o silêncio, que o Mestre opôs ao ato de Judas, ao proceder dos que o insultavam e dos seus algozes. Não tendes, para os vossos irmãos transviados, senão, como Jesus, palavras de perdão. Encaminhai os mais perversos, exemplificando-lhes a caridade e o amor, perseverando, para com eles, na *prática* do amor e da caridade. Aos que se constituírem, vossos inimigos, aos que vos odiarem, fazei o bem. Orai pelos que vos perseguem ou vos caluniam. Desenvolvendo neles, por essa forma, o sentimento do verdadeiro, do justo, do bom, preparai-os a virem um dia convosco, sob a ação do arrependimento, do desejo de reparar e de progredir, tomar lugar no banquete pascal, isto é: no banquete da fraternidade universal.

O pão e o vinho não são mais que *símbolos*. Jesus nunca lhes pretendeu dar aplicação *material*. Porém, ainda aqui, o que ocorreu tinha que ocorrer, pois que para a *matéria* só a *matéria*. Uma simples comemoração fora de todo estéril. Era mister impressionar os homens, levando-os a se considerarem sepulcros onde todos os dias o Cristo viria *sepultar-se!* sepulcros caiados por fora, e, na sua maioria, indignos de servir de altar de propiciação. Já de há muito, entretanto, as inteligências se preparam para abandonar à *matéria* o que é *matéria* e dar ao *espírito* o que é do *espírito*,

restabelecendo o *verdadeiro objetivo* da *comemoração da Páscoa*.

A rotina, a cegueira, a obstinação, que até agora mantiveram o erro, não de cair.

Bom é, entenda-se, que o homem consagre um dia a essa grande recordação. Bom é que, de idade em idade, a lembrança da dedicação daquele excelso modelo, que até vós se abaixou, sirva para que vos eleveis até ele, a fim de que se aproxime rapidamente o instante em que, reunidos todos nas esferas superiores, possais de novo receber de suas benditas mãos *o pão de vida, o cálice de eternidade*.

Bom é consagreis um dia a essa recordação, apelando séria e profundamente para aquele que vela sem cessar pela humanidade terrena, pedindo-lhe com instância e ardor, do íntimo da alma, *o pão e o vinho* que cumpre partilheis com os vossos irmãos, passando-lhes *o cálice das bênçãos*, entregando-lhes a parte que lhes caiba *do pão de vida*.

Rogai, pois, ao que abençoa o pão e o cálice que os abençoe novamente, antes que convosco os distribua. Será bom que o dia comemorativo fique consagrado a um apelo *mais sério e mais fervoroso* àquele que vos convida para a sua mesa, fazendo-se esse apelo por meio da prece, do estudo, das boas obras, da instrução em comum, das exortações ao bem em todos os sentidos.

Não há necessidade de que vos expliquemos versículo por versículo. Bastam as explicações, que vos temos dado, do ato no seu todo, do pensamento que presidiu à sua realização.

As diferenças que apresentam as narrações do fato em nada comprometem a exatidão dos narradores, visto que as narrativas se explicam e completam umas pelas outras. Cada evangelista referiu a conversação que se travou durante a ceia e na qual Jesus, não empregando sempre as mesmas palavras, insistiu repetidas vezes na exteriorização do mesmo pensamento, a fim de bem gravá-lo no coração de seus discípulos.

Naquela ocasião, como em tantas outras (mais do que nunca deveis ter isto bem presente), Jesus apropriou sua linguagem às inteligências e às necessidades da época, de modo a atender à de então a preparar o futuro. Porque, o reinado da letra, como meio e condição de progresso, tinha que preparar e conduzir a humanidade ao advento *do espírito, cujos primeiros sinais começam a brilhar desde o Oriente até o Ocidente.*

A Páscoa é um símbolo, *nada mais que um símbolo. É o selo* apostado por Jesus aos ensinamentos que ministrara pela sua palavra. É a confirmação *da lei do amor e da união* que devem reinar entre os homens. É a suprema lição do Mestre. É o derradeiro e solene apelo por ele feito *à prática* da lei do amor e da união e, portanto, à fraternidade universal, meio único de operar-se a regeneração humana, senda de libertação. Implantando o reinado de Deus no vosso mundo, a fraternidade fará que, de acordo com a lei ascensional do progresso e da harmonia universal, a Terra se torne reino do *pai*: uma dessas esplêndidas moradas que, na sua casa — a imensidade, o infinito — só os Espíritos purificados habitam, moradas onde tudo é amor, união, liberdade e progresso.

Jesus baixou ao convívio de seus *discípulos* para lhes dar ensinamentos verbais capazes de os impressionar, tendo *sempre* o cuidado *de ligar* esses ensinamentos aos fatos e às tradições do Antigo Testamento.

Não voltará *ao meio deles* senão quando a semente que plantou e que vem germinando há tantos séculos se tenha tornado árvore coberta de galhos carregados de frutos. Quer isto dizer que ele não voltará, visível aos homens, senão quando houverdes atingido tal grau de desenvolvimento, que lhe seja possível manifestar-se sem que precise recorrer a uma encarnação especial, qual a de que se serviu, *encobrimdo* a sua natureza espi-

ritual com um corpo fluídico tangível, em relativa harmonia com o vosso planeta, a fim de que os *homens o pudessem ver*.

N. 287. Dissestes: "O pão e o vinho não são mais que símbolos. Jesus nunca lhes pretendeu dar aplicação *material*. Porém, ainda aqui, o que ocorreu tinha que ocorrer, pois que para a matéria só a matéria." Quais o sentido e o alcance dessas palavras?

Sabeis que os primeiros discípulos de Jesus, cumprindo a recomendação expressa nas derradeiras palavras do Mestre, se reuniam para, em comum, fazerem um repasto comemorativo do último em que com ele haviam tomado parte. Conheceis igualmente as cenas escandalosas que mais tarde se deram nessas reuniões. Em vez da fraternidade que devia reinar entre todos, imperava o orgulho e o rico devorava a sua refeição faustosa junto do pobre que com avidez o contemplava. O cálice deixara de ser um só para todos os lábios e a bebida de ser *uma* só para todos os corações. Para uns, o cálice se enchia de vinho e de mel, enquanto que para outros continha fel e vinagre. Os cristãos tiveram que pôr termo a esses abusos e instituíram a "comunhão", tendo por símbolos o pão e o vinho. Era ainda um repasto em que o *mesmo* pão se repartia por todos e em que todos os lábios se umedeciam no *mesmo* cálice.

Tempos depois, a dificuldade de se reunirem em grande número, os obstáculos que se lhes antepunham, os perigos que corriam, forçaram os cristãos a simplificar o repasto fraterno. Foi então que instituíram a "comunhão", dada pelo sacerdote ao discípulo que se apresentava para recebê-la. Era *sempre o mesmo* pão repartido, o *mesmo* cálice a passar de uns a outros. Chegou-se afinal a substituir o pão pela hóstia, que mais facilmente se conservava e se ocultava, sendo preciso. Só ao sacerdote se tornou permitido beber

no cálice, a fim de se evitar a lentidão dos repastos anteriores e os embaraços que sempre ocasionavam os aprovisionamentos do vinho que se fazia preciso fornecer à comunhão dos fiéis. Essas transformações se foram operando sucessivamente no curso das perseguições de que os cristãos eram vítimas em Roma.

Vedes que tiveram sua razão de ser. Pouco importava o modo de realização do ato *material* comemorativo, uma vez que o ato *espiritual* era praticado com fé, tendo todos o *objetivo* de se aproximarem, pelo pensamento e pelo coração, daquele que o instituíra, todos animados do desejo ardente, da resolução firme de se esforçarem séria e continuamente por marchar nas suas pegadas.

Se tomaram as palavras do Mestre *ao pé da letra* para lhes darem uma aplicação material e se, apesar do que ele dissera: "*Fazei isto em minha memória*", essa aplicação *material* produziu o dogma humano da "presença real", da "transubstanciação", causa de intermináveis controvérsias, foi isso devido a que o homem se atém sempre à crosta superficial, sem cogitar da seiva que lhe dá vida; a que sempre quer dominar, fazer prevalecer a sua idéia, sem se lembrar de que a sua idéia ainda é uma forma material de que ele reveste um ato *espiritual* e de que a forma pouco importa desde que o *espírito* permaneça o mesmo.

A vós outros, espíritas, que compreendeis em *espírito* e *verdade* as palavras do Mestre, já dissemos o que é a Páscoa e como deve ser celebrada, *segundo o espírito que vivifica*: pela prece, mas prece de coração e não dos lábios apenas, prece que tenha por base os atos de uma vida íntegra e pura aos olhos do Senhor, de uma vida humilde, ativa e consagrada ao bem de todos os membros da grande família humana; pelas boas obras praticadas com sinceridade, humildade e caridade, de acordo com a lei de amor; pelo estudo, pela instrução *em comum*, pelas exortações ao bem, assim

no terreno material, como no terreno moral e no intelectual.

Mas, não podeis extirpar de um só golpe todas as idéias. Deixai, portanto, aos que, cristãos e espíritas, buscam o *espírito na forma*, a satisfação *passageira* que encontram no ato material. Não despedaceis de súbito esse jugo, porque os que estão habituados a suportá-lo fugiriam espavoridos. Esperai que o tempo, a razão, o amor e a caridade abram todos os corações, todas as inteligências e *espiritualizem* todos os homens.

Eis porque dizemos hoje a todos quantos o *espírito* ainda não libertou completamente da *letra*: aquele que se julgue no dever de aproximar-se do Mestre por esse ato *material*, pratique-o; mas, reconhecendo valor unicamente no ato *espiritual*. Homens, que praticais os ritos cristãos, não vos envergonheis de aproximar-vos da "mesa santa", pois sejam quais forem as profanações a que ela tenha sido exposta, sempre a podeis santificar *pelo sentimento com que dela vos avizinhades*. Não coreis de vir, curvada a fronte, prostrar-vos aos pés do sacerdote que vos apresenta a hóstia "consagrada". Não atenteis no *homem*, não vos preocupeis com a *matéria*; elevai vossas almas a Deus, lembrai-vos das virtudes praticadas pelo Mestre; escutai-lhe a voz, que ainda vos prega a mesma e perfeita moral que pregou outrora; olhai para a senda luminosa que ele vos abriu e iluminai-a, seguindo-o. Qualquer que seja a forma, considerai unicamente o fundo. Qualquer que seja a mão que vos ofereça o pão, vede somente a Jesus que vos repete: *Fazei isto em minha memória*.

Espíritas, que ainda buscais o *espírito na forma*, que encontras felicidade em vos aproximardes, por meio de uma comemoração *material*, daquele que comeu com os discípulos a ceia pascal, *simbolizando nesta a lei de amor e de unidade, de fraternidade entre todos*, podeis sem temor praticar o ato material sob cuja aparência se oculta

um pensamento espiritual. Mas, se não fordes atraídos para esse repasto espiritual *pelos sentimentos a que ele serve de símbolo*, abstende-vos. É esse o vosso dever, pois o contrário seria hipocrisia.

Cristãos, quem quer que sejais — romanos, gregos, ou protestantes — praticai o ato material comemorativo, se as exigências do vosso coração, ou mesmo os hábitos da vossa infância a isso vos impelem. Mas, não o pratiqueis nunca preocupados com a opinião dos homens. Não transijais com a vossa consciência. Suportai, se for preciso, a censura injusta; porém, sejam puras as vossas ações, ditem-nas a verdade e o amor. Para trás, para trás o covarde, que mais valor dá à consideração dos homens do que à tranqüilidade da sua consciência, que mais teme a censura dos homens do que a da sua própria consciência !

LUCAS, Cap. XXII, vv. 24-30

Orgulho. — Ambição. — Dominação. — Interditos

V. 24. Suscitou-se depois entre eles uma contenda sobre qual deveria ser reputado o maior. — 25. Jesus então lhes disse: Os reis das nações as tratam com império e os que sobre elas exercem autoridade são chamados benfeitores. — 26. Não seja assim entre vós: ao contrário, aquele que for entre vós o maior faça-se como o mais pequeno e seja aquele que manda igual ao que serve. — 27. Porque, qual é o maior, o que está à mesa ou o que serve? Não é o que está à mesa? Entretanto, eu me acho entre vós como o que serve. — 28. Vós, porém, sois os que haveis permanecido comigo nas minhas tentações; — 29, por isso, eu vos preparo o reino, como meu pai mo preparou, — 30, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino e vos senteis sobre tronos, a fim de julgardes as doze tribos de Israel.

N. 288. Ninguém, há de ser excluído, ninguém será repellido. Mas, também ninguém se há de considerar superior a seu irmão e ambicionar lugar mais elevado.

(V. 24.) A discussão que se travou entre os discípulos, quando cogitaram de saber qual deles deveria ser considerado o maior, é, no fundo, análoga ao pedido que a Jesus dirigiram os filhos de Zebedeu e a mãe deles, pedido que causou indignação aos dez outros apóstolos (n. 244, deste volume) e deu lugar à resposta e aos ensinamentos que o Mestre, *nesta outra ocasião*, repetiu, usando apenas de termos diferentes.

Tais discussões surgiam amiúde entre os discípulos, porque, não obstante a missão que desempenhavam, eles se achavam sob o império da carne, sofrendo-lhe os desfalecimentos.

(Vv. 25-27.) A resposta de Jesus consignada nestes versículos já foi explicada pelo que vos

dissemos no ponto acima indicado. Reportai-vos a essas explicações. Repetiremos, entretanto: esta resposta encerra um ensinamento simples e conciso, de molde a induzir o homem à humildade, ao desinteresse e à renúncia de si mesmo. Como tudo o que importe infração da lei de amor, de caridade e de fraternidade, o orgulho constitui uma barreira que se ergue entre o homem e Deus.

(Vv. 28-30.) Não tomeis aqui o termo "*tentações*" na sua acepção vulgar. *Segundo o espírito*, velado pela *letra*, ele significa, com relação a Jesus: tribulações, provas, a que qualquer *outra* natureza *que não a sua* houvera sucumbido.

Do ponto de vista humano, aquela expressão indica os sarcasmos, as perseguições que lhe moviam seus inimigos e que, aos *olhos dos homens*, eram para ele tribulações e provas. Jesus falava a seus *discípulos*, não o esqueçais, e objetivava, empregando o termo *tentações*, deixar uma arma com que de futuro se pudesse combater a *divindade* que mais tarde os homens lhe haviam de atribuir.

Sois, disse Jesus, os que haveis permanecido comigo nas minhas tentações; por isso eu vos preparo o reino, como meu pai mo preparou."

Os apóstolos fiéis eram Espíritos adiantados, mas ainda não perfeitos.

Jesus trazia aos homens os meios de progredirem, tal como o Senhor lhe dera a ele e a todos os outros Espíritos os meios de se elevarem.

Assim como, até então, os Espíritos que tinham querido perseverar no bem, inclusive o seu, haviam tido a assistência dos Espíritos superiores prepostos à obra do adiantamento deles, também os apóstolos seriam auxiliados e guiados, para atingirem a perfeição que ambicionavam e pela qual tantos esforços faziam.

Jesus, Espírito protetor e governador do vosso planeta, único encarregado do vosso progresso, vos prepara o reino, como a seus apóstolos, dando-vos a

assistência de Espíritos relativamente superiores, prepostos ao vosso desenvolvimento, auxiliando-vos e encaminhando-vos para a perfeição que ambicionais. Esforçai-vos, pois, por conseguí-la e, quando a houverdes atingido, quando vos houverdes tornado servidores ativos e devotados do pai, reunidos todos, repartiremos convosco o pão *espiritual* e beberemos pelo *cálice da vida eterna*.

Quanto a estas palavras (v. 30): "*e vos senteis sobre tronos para julgardes as doze tribos de Israel*", reportai-vos às explicações que já vos demos a esse respeito (n. 240, deste volume).

**MATEUS, Cap. XXVI, vv. 31-35. —
MARCOS, Capítulo XIV, vv. 27-31.
— LUCAS, Cap. XXII, vv. 31-38**

Predições de Jesus. — Predição da negação de Pedro

MATEUS: V. 31. Disse-lhes então Jesus: Para todos vós serei esta noite uma ocasião de escândalo, pois está escrito: *Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão.* — 32. Mas, depois que eu haja ressuscitado, vos precederei na Galiléia. — 33. Disse-lhe Pedro: Ainda quando sejas para todos uma ocasião de escândalo, nunca o serás para mim. — 34. Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que, esta noite, antes que o galo cante, me negarás três vezes. — 35. Retrucou-lhe Pedro: Ainda que me seja preciso morrer contigo, não te negarei. O mesmo disseram os outros discípulos.

MARCOS: V. 27. Disse-lhes então Jesus: Ser-vos-ei a todos esta noite uma ocasião de escândalo, pois está escrito: *Ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão.* — 28. Mas, depois de haver ressuscitado, irei adiante de vós à Galiléia. — 29. Pedro lhe observou: Ainda quando sejas para todos um motivo de escândalo, não o serás para mim. — 30. Jesus lhe replicou: Em verdade te digo que, hoje mesmo, à noite, antes que o galo tenha cantado duas vezes, tu me terás negado três. — 31. Pedro, com mais veemência, insistiu: Ainda que me seja preciso morrer contigo, não te negarei. O mesmo disseram os outros.

LUCAS: V. 31. Disse ainda o Senhor: Simão, Simão, Satanás vos reclamou a todos para joeirar-vos como se faz ao trigo. — 32. Eu, porém, roguei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça. E tu, quando te houveres convertido, fortalece teus irmãos. — 33. Respondeu-lhe Pedro: Senhor, estou pronto a ir contigo, assim para a prisão, como para a morte. — 34. Disse-lhe então Jesus: Declaro-te, Pedro, que não cantarás hoje o galo, sem que três vezes tenhas negado

que me conheceis. E perguntou-lhe em seguida: — 35. Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandália, porventura vos faltou alguma coisa? — 36. Eles responderam: Nada. Disse-lhes então Jesus: Pois, agora, tome a sua bolsa e o seu alforje aquele que os tiver; e aquele que não o tenha venda a sua capa e compre uma espada. — 37. Porque, eu vos declaro ser preciso também que em mim se cumpra isto que está escrito: Ele foi incluído no rol dos celerados; porquanto, o que de mim foi profetizado está prestes a cumprir-se. — 38. Eles disseram: Senhor, aqui estão duas espadas. Respondeu-lhes Jesus: Basta.

N. 289. Jesus dá a ver, *de antemão*, a seus discípulos quão frágil é a vontade humana e quão pouco deve o homem contar com as suas próprias forças. Dizendo a Pedro: "*Roguei por ti*", mostra a todos que só na prece pode o homem encontrar amparo. Naquela ocasião, nenhum o compreendeu, tanto que nenhum recorreu a esse cordial da alma, pelo que todos faliram no momento do perigo. Foi uma lição *para o futuro*.

Algumas explicações especiais se fazem necessárias.

(Lucas, v. 31.) Dirigindo a Pedro estas palavras: "*Simão, Simão, Satanás vos reclamou a todos' para joeirar-vos como se faz ao trigo*", aludia Jesus à influência que sobre aquele apóstolo exerceria o temor dos acontecimentos que poderiam dar-se, aos maus pensamentos que lhe germinavam no coração e que, por vezes, o faziam deplorar ter enveredado por aquele caminho. Eram pensamentos fugazes, que não chegavam a corporificar-se, mas que não escapavam ao *olhar do Mestre*. Pedro compreendia que um grande perigo os ameaçava, a eles e ao Mestre, e a fraqueza humana lhe fazia nascer no íntimo, de quando em quando, um vago sentimento de pesar por se haver exposto *de tal modo*.

(Lucas, vv. 35-36.) As palavras constantes destes versículos objetivavam manter os discípulos

em guarda contra os acontecimentos que sobreviriam e fazer-lhes compreender que se aproximava o momento da luta. Falando-lhes da necessidade de se proverem de *alforje*, bolsa, *espada*, queria compreendessem que iam entrar em ação e que cumpria *se armassem*, a fim de poderem resistir aos ataques. Vede que ainda essas palavras do Cristo são simbólicas, pois quando Pedro faz uso, *uso material*, de uma arma *material*, ele lhe ordena: "*Embainha a tua espada, porquanto quem com a espada fere, com a espada será ferido*". Isto é de molde a vos provar que, naquele instante, Jesus mais uma vez falava *figuradamente* a seus discípulos, que o não compreenderam de pronto.

Em espírito, o que ele assim lhes dizia era: "Aproxima-se o momento em que ireis percorrer a Terra. Viajores, tomai cuidado, para não serdes colhidos de surpresa. Despojai-vos de todas as paixões humanas, de todos os impulsos pessoais, de todos os interesses materiais. Jamais busqueis no caminho do céu um degrau para subirdes às coisas da Terra. Sabeis qual o fim da viagem que ides empreender; tomai, pois, todas as precauções, para que nada vos falte. Fazei provisão de ensinamentos, de moral e de exemplos. Sereis atacados, armai-vos para a defesa. As *únicas* armas, porém, de que deveis utilizar-vos são o amor e a caridade."

Contendo um ensino, as palavras de Jesus eram ditas intencionalmente para servirem àquele momento e ao futuro. Assim, todos os que se esforçam por marchar nas pegadas do Mestre, por imitar a seus fiéis discípulos no apostolado da era nova, todos são apóstolos e se devem armar como os apóstolos do Cristo.

(LUCAS, vv. 37-38.) "Pois vos declaro ser preciso que em mim se cumpra também isto que está escrito: Ele foi incluído no rol dos celerados; porquanto o que de mim foi profetizado está prestes a cumprir-se. Eles

disseram: Senhor, aqui estão duas espadas. Respondeu-lhes Jesus: Basta."

Basta: preciso é que os acontecimentos materiais se cumpram. As espadas não passavam de pretexto para um ensinamento. Não houvesse mais do que uma e bastara. Dissemos ainda há pouco: os apóstolos não apreenderam o sentido *figurado* das palavras de Jesus. Os sucessos é que lhes haviam de abrir o entendimento. De fato, eles, os apóstolos, bem como a multidão, receberiam mais uma vez *exemplos* de caridade, de paciência e de poder, no que ia passar e passou com a prisão do Mestre, com o ato de Pedro contra Malco e com a cura operada neste.

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 36-46. —
MARCOS, Cap. XIV, vv. 32-42. —
LUCAS, Cap. XXII, vv. 39-46

Jesus no horto de Getsêmani. — Palavras e ensinamentos dirigidos aos discípulos. — Ele ensina os homens a morrer, depois de lhes haver ensinado a viver, objetivando o progresso do Espírito. — Aparição do anjo com um duplo fim: convencer os homens de que era aparente a condição humana que eles consideravam real em Jesus e na qual haviam de acreditar enquanto durasse a sua missão terrena e acreditariam, sob o véu da letra, até ao advento do Espírito; e prepará-los para, na época desse advento, reconhecerem que deviam pôr de lado a divindade que as interpretações humanas lhe teriam atribuído

MATEUS: V. 36. Em seguida foi Jesus com eles a um horto chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou ali orar. — 37. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a se entristecer e angustiar. — 38. Disse-lhes então: Minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e velai comigo. — 39. E, afastando-se um pouco, se prostrou com o rosto em terra e entrou a orar, dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como o queiras tu. — 40. Veio depois ter com seus discípulos e, encontrando-os a dormir, disse a Pedro: Pois quê! não pudestes velar comigo uma hora! — 41. Vigiai e orai, a fim de não cairdes em tentação; o Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. — 42. De novo se afastou deles e segunda vez orou, dizendo: Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade. — 43. Voltando outra vez a ter com eles, novamente os achou dormindo, pois que tinham pesados de sono os olhos. — 44. Deixando-os, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. — 45. Em seguida,

veio ter ainda com os discípulos e lhes disse: Dormi agora e repousai; eis que chegou a hora em que o filho do homem será entregue às mãos dos pecadores. — 46. Levantai-vos, vamos; aproxima-se aquele que me há de entregar.

MARCOS: V. 32. Foram em seguida para um horto chamado Getsêmani, onde ele disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou orar. — 33. E, tomando consigo a Pedro, Tiago e João, começou a ser presa de pavor e angústia. — 34. Disse-lhes então: Minha alma está triste até à morte. Ficai aqui e vigiai. — 35. E, afastando-se um pouco, se prostrou em terra, rogando que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. — 36. Dizia: Abá, pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice; todavia, faça-se não o que eu quero, mas o que tu queiras. — 37. Foi ter com os discípulos e, achando-os a dormir, disse a Pedro: Dormes, Simão? Pois quê! não pudeste velar uma hora! — 38. Vigiai e orai, a fim de que não entreis em tentação. O Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. — 39. Afastou-se de novo e orou, repetindo as mesmas palavras. — 40. Voltando, encontrou-os novamente a dormir, pois pesados de sono tinham os olhos, e sem saberem o que lhe respondessem. — 41. Voltou terceira vez e lhes disse: Dormi agora e descansai. Basta! é chegada a hora: eis que o filho do homem vai ser entregue às mãos dos pecadores. — 42. Levantai-vos, vamos; vem perto aquele que me há de entregar.

Lucas: V. 39. Saindo dali, foi, como costumava, para o monte das Oliveiras e seus discípulos o seguiram. — 40. Lá chegando, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação. — 41. Afastou-se deles cerca de um tiro de pedra, ajoelhou-se e orou, dizendo: — Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; entretanto, faça-se não a minha vontade, mas a tua. — Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo. Ele, presa de agonia, com mais instância orava. — Veio-lhe um suor como de gotas de sangue que corriam até o chão. — 45. Terminada a sua prece, levantou-se, foi ter com os discípulos e os achou dormindo em consequência da tristeza que os acabrunha-

va. — 46. Disse-lhes então: Porque dormis? Levantai-vos e orai, para não sucumbirdes à tentação.

N. 290. Jesus desceu ao meio dos homens para lhes *ensinar* a viver e a morrer, tendo em vista o progresso do Espírito. Todos os seus atos, todas as suas palavras tiveram esse objetivo.

Depois de lhes haver *ensinado* a viver, foi ao horto de Getsêmani, no monte das Oliveiras, *ensinar-lhes* a morrer.

Tudo o que ali se passou ocorreu *unicamente* como ensinamento, como *exemplo* dados aos homens.

Deveis compreendê-lo assim, lembrando-vos da origem e da natureza de Jesus, origem e natureza que agora vos são reveladas e que "fazem conhecer" *quem é o filho*.

Deveis igualmente compreender que o que se deu tinha que ser assim, lembrando-vos de que os homens então acreditavam ser puramente humana, tal qual a vossa, a origem de Jesus. Tudo, pois, tinha que ser e foi, nos fatos como nas palavras, apropriado a essa crença.

Todos os fatos, todas as palavras do Mestre, durante a sua missão terrena, se encadeavam de forma a que servissem para aquele momento, a que preparassem o futuro e conduzissem a humanidade, com o correr dos séculos, através do reinado da *letra*, à nova revelação, ao advento do espírito.

(Mateus, vv. 36 e 37; Marcos, vv. 32-34; Lucas, v. 39.) Jesus se fez acompanhar dos três discípulos que já levava consigo ao Tabor para a transfiguração e a aparição de Elias e Moisés. Eram eles Pedro, Tiago e João. Chamou-os novamente por serem, como já o explicamos (n. 194, pág. 472 do 2º volume), os que apresentavam disposições físicas mais favoráveis a se tornarem mediunicamente aptos à manifestação espírita que se ia produzir com especialidade à aparição do anjo.

Minha alma, disse-lhes Jesus, *está numa tristeza mortal*. Estas palavras, que ficariam *como um ensinamento*, tiveram por fim fazer que os três discípulos compreendessem e, por seu intermédio, os homens, que, pressentindo o que ia suceder, ele buscava em Deus a força de que precisava.

Ficai aqui: Tendes que testemunhar o que se vai passar. *Velai comigo*: Tendes que ouvir e ver, tendes que narrar o que houverdes visto e ouvido e que deva ser conhecido dos homens, transmitido às gerações futuras, explicado e compreendido de acordo com as interpretações humanas, apropriadas às inteligências e necessidades de *cada época*, interpretações que serão dadas primeiramente *segundo a letra*, depois, nos tempos preditos, *segundo o espírito*.

(Mateus, vv. 39-44; Marcos, vv. 35-40; Lucas, v. 40-42.) Os atos e palavras de Jesus, registrados nestes versículos, foram praticados e ditas *para os homens em geral*, como *ensino*, como *exemplo*. Foram-no também para servirem de lição aos apóstolos e aos que de futuro viessem a ser discípulos do Mestre divino. A uns e outros mostravam aqueles atos e palavras a submissão que lhes cumpre demonstrar sempre nas maiores angústias; a fé e a resignação, que lhes não devem nunca faltar, quaisquer que sejam suas provações, quaisquer que sejam os sofrimentos que lhes estejam reservados; a vigilância que precisam exercer constantemente *sobre si mesmos*, para não falirem; e o socorro eficaz da prece, poderoso cordial da alma.

"Vigiai e orai, disse Jesus aos três discípulos, a fim de que não entreis em tentação, de que não caiais em tentação, de não sucumbirdes às tentações. O Espírito está pronto, mas a carne é fraca."

O Espírito está sempre pronto a conceber tanto as obras boas, como as obras más. A carne, porém, desfalece e o Espírito não a sabe dominar.

Os três discípulos não dormiam um sono ordinário, *como o* entendeis. O deles era um sono físico, mas não moral. Quer dizer que, conservando-se sujeito ao corpo, o Espírito percebia as sensações deste último. Achavam-se nesse estado de entorpecimento exterior, que apresenta todas as aparências do sono e permite que o Espírito acompanhe, como se os visse através de um véu, os atos que se praticam em redor de si e ouça o rumor que se faça, as palavras que se pronunciem. O corpo então dormita e repousa, mas o Espírito, *que se não desprende*, tudo percebe pelos órgãos materiais entorpecidos, produzindo sobre o cérebro, o que ele percebe, o efeito de um sonho.

Aquele sono foi, em Pedro, Tiago e João, efeito da fadiga e da vigília. Não vos sucede às vezes cair no estado em que os três se acharam e que vimos de descrever? Não dormiam; viram e ouviram. Quando Jesus se aproximava deles, os olhos se lhes tornavam pesados sob a influência magnética, a fim de motivar o conselho que lhes dava o Mestre.

Dizendo sempre a mesma coisa, Jesus três vezes foi ter com eles e não uma apenas, para lhes gravar melhor nos corações e na memória aquelas palavras, que tinham de ser por eles citadas quando referissem o que se passara, tinham de ser registradas pelos evangelistas, que atravessar os séculos e chegar a todas as gerações humanas.

(LUCAS, v. 43.) "Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo; e ele, presa de agonia, com mais instância orava."

Aos que admitem a divindade de Jesus, o Cristo, pergunta-se: Deus precisava de amparo? Não trazia ele *em si mesmo* a sua força?

Aos que negam as manifestações espíritas e consideram Jesus um homem como os outros, com uma veste de carne igual às dos demais homens,

pergunta-se: Como se há de admitir que um anjo do Senhor se tenha mostrado a Jesus-homem e aos três apóstolos? Não, os que negam as manifestações espíritas não podem admitir isso e desde então, se foi Jesus quem deu ciência dessa manifestação a seus discípulos, ele era um impostor. Como, porém, nada prova que o Mestre lhes tenha falado de tal coisa, aquela manifestação não passou de pura invenção dos discípulos. Mas, com que fim a teriam estes inventado, uma vez que procuravam estabelecer uma divindade na qual, como o reconhecerá quem se coloque no ponto de vista dessa classe de contraditores, eles não podiam deixar de crer?

Aos espíritas que acreditam nas manifestações, mas que pretendem, ou crêem que o Mestre era um homem como qualquer outro, com uma veste de carne igual à deles, perguntaremos: Como é que, podendo dar-se todos os fatos concernentes a Jesus, só o seu nascimento não podia deixar de ser um ato inteiramente humano? Mas, neste caso, são falsas as revelações que o anjo fez a Maria e depois a José!

Se Jesus tivesse sido fruto de uma união humana, falso seria o mistério que lhe cerca o nascimento. Ora, admitir a *mentira*, a falsidade, com relação a este fato, fora deixar livre o campo para admiti-la em todos os outros casos. Atente o espírita nessa consequência e veja em que situação ela o coloca *diante dos que negam as manifestações espíritas*, dos que declaram fabulosa a obra evangélica, da qual só aceitam, caprichosamente, o que lhes convém à incredulidade admitir. Abra o espírita os olhos à luz da nova revelação que vos trouxemos, da revelação da revelação, que vem *cumprir e não destruir, explicar e não rejeitar*; que, pondo o *espírito* no lugar da letra, vem explicar aos homens, *em espírito e em verdade, a origem e a natureza* de Jesus, de que modo e em que *condições* se deu o seu aparecimento na Terra.

Sendo puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada, protetor e governador do planeta terreno, a maior essência, depois de Deus, respeito à Terra, mas não a única do mesmo grau na imensidade, na hierarquia espiritual e dos mundos; tendo apenas um corpo de natureza perispiritica, que lhe facultava a plena consciência da sua origem, que não tolhia a completa independência e a liberdade do seu Espírito, que lhe deixava ter exata consciência da sua missão e do seu poder, bem como a certeza do porvir; sendo sempre Espírito, podia Jesus receber *outro* amparo que não o do *próprio* Senhor? Sua mesma elevação não o colocava acima dos desfalecimentos humanos?

Compreendei, portanto, que, estando superior aos terrores humanos, Jesus quis apenas dar aos homens um exemplo de submissão nas maiores angústias. E que o exemplo foi proveitoso, podeis verificá-lo. De fato, verificá-lo-eis no espetáculo dos mártires, avançando para o suplício sem experimentarem sequer aquela agonia moral de que falam os discípulos, referindo-se ao Mestre, agonia que eles tomaram por um fato real, quando era apenas aparente, não passando de um ensinamento, de uma lição.

Não esqueçais que Jesus colocava sempre sob as vistas dos homens exemplos práticos da moral que pregava.

Qualquer que seja o invólucro que lhe atribuam, admirai em Jesus o Espírito. Não vos dividais, ó espíritas! Homens, quem quer que sejais, que ainda não sois acessíveis à luz da nova revelação, deixai de lado os fragmentos do vaso e recolhei cuidadosamente o perfume que ele encerrava, porquanto os que o respiram respiram a vida eterna. Sim, a aparição do anjo se produziu, como todos os outros fatos que a precederam e seguiram. Todos se produziram como ensinamento e exemplo dados aos homens, a fim de lhes provarem que Deus ampara sempre os que para ele apelam

com fé e resignação e lhes envia a força de que necessitam; a fim de lhes fazerem compreender que, como já temos dito, sejam quais forem suas provações, sejam quais forem os sofrimentos que lhes estejam reservados, eles acharão sempre no amparo que o Senhor lhes concede a força de que careçam.

A aparição do anjo tinha que ser e foi visível para os três discípulos, por efeito da mediunidade de vidência que eles possuíam. Para todos não teria sido visível. Essa a razão por que Jesus levou consigo apenas Pedro, Tiago e João, que eram os mais aptos a ver.

(LUCAS, v. 44.) "*Veio-lhe um suor como de gotas de sangue, que corriam até ao chão.*"

Foi um efeito fluídico que se produziu em presença dos três discípulos e que se lhes tornou mediunicamente visível, qual sucedera com a aparição do anjo.

Esse efeito fluídico *simbolizava* o sangue que Jesus, devassando o futuro, via que seria derramado *em seu nome!*

Tal manifestação nada tem de "*maravilhosa*" para aquele que já se iniciou na ciência espírita, na história das manifestações espíritas, que regista, com o cunho da autenticidade, efeitos análogos. Estes podem produzir-se e ainda se produzirão em vossos dias aos *olhos de médiuns videntes*.

A esses efeitos *fluídicos* da parte dos Espíritos correspondem efeitos análogos da parte dos encarnados, dos que, como vós, sofrem a encarnação humana. São, em tais casos, efeitos *materiais*, que nada têm de extraordinários, que a ciência dos homens comprovou e comprova como fenômenos de patologia, a que dão o nome de *suor de sangue*. Os anais médicos os registam em grande número. Lembrai-vos em particular, como caso histórico, do

das duas moças conhecidas pela designação de *Estigmatizadas do Tirol*.

Repetimos: tudo o que se passou unicamente ocorreu como *ensino, como exemplo* para os homens.

Que fez Jesus? Retirou-se para orar a sós? Formulou a sua prece apenas com os lábios ou mentalmente? Não; e é esta uma observação que podeis fazer e que não fazem os que negam a todo transe. Leva consigo três de seus discípulos e, afastando-se um pouco, mas permanecendo à *distância de ser visto e ouvido*, se prostra e exprime em voz alta seus temores, suas angústias, sua submissão.

Cegos! Pois ainda não compreendeis que Jesus, o modelo que vos deu o *exemplo* da vida, naquela hora extrema dava o *exemplo* da morte, mostrando a seus discípulos como deve o homem submeter-se às vontades do Senhor, sejam quais forem as angústias que experimente?

Seus discípulos *adormeceram*. Também não vedes uma lição nesse "sono", que lhes não fez perder um só que fosse dos atos, uma só das palavras do Mestre?

Oh! Mestre bem-amado, bendito modelo, como são suaves os teus exemplos! como é fortalecedora a tua palavra!

Jesus! Quem poderá dizer que desde o estábulo, onde surgiste aos olhos da humanidade, até a cruz, donde irradias por sobre o mundo, tiveste um momento de fraqueza, um instante de desfalecimento?

Quem poderá dizer que um segundo houve da tua passagem pela Terra que não consagrasse a instruir os homens pela palavra e pelo exemplo?

Meigo Mestre do mundo, ensina de novo a estes ingratos a se prostrarem diante do Senhor; faz de novo que jorrem de tua boca adorável as palavras de submissão e devotamento que eles devem repetir.

Não vos deixeis vencer pelo sono, vós outros, discípulos, que seguis o Mestre, que lhe ouvis a voz, pois que o momento se aproxima. Todos deveis orar e vigiar, para vos manterdes em guarda contra os vossos inimigos visíveis e invisíveis: os vícios da humanidade, os maus conselhos, as más seduções, as más influências ocultas. Em guarda contra vós mesmos, por meio de constante vigilância sobre os vossos pensamentos, sobre as vossas palavras e os vossos atos, nada tereis que temer dos *outros*, sejam eles encarnados ou errantes.

Jesus, até ao último instante, foi um exemplo para os homens. Se, aos olhos de seus discípulos, não houvesse experimentado as angústias por que passa o homem em presença da morte, seria o mesmo o reconhecimento da humanidade, que então não compreendia, como ainda em geral não compreende, senão as provações físicas, os sofrimentos físicos? Não teríeis todos dito, *até mesmo* vós, sem a nova revelação que vos vem explicar, *em espírito e verdade*, as palavras do Mestre, que vos vem dar a conhecer "*quem é o filho*", assim como a sua missão *inteiramente espiritual* e o objetivo dessa missão, não teríeis todos dito: "Era-lhe fácil devotar-se, afrontar o suplício e mesmo a morte, visto que a sua natureza o punha em condições de triunfar dos sofrimentos que nos abatem?"

Certo ninguém houvera dito, e nem mesmo vós, sem esta nova revelação, direis: "Se é real que os sofrimentos físicos o não podiam atingir, não menos real é que ele experimentava sofrimentos morais, a angústia de ver, desenrolando-se diante de seus olhos, um futuro tão pouco produtivo para os homens. Via correr o sangue que em seu nome os homens derramariam. Esse o sangue que seus discípulos viram a lhe escorrer pelo rosto como suor e que lhes deu a perceber que, quando o homem eleva o coração a Deus, impelido pelo sen-

timento de amor, a fim de lhe pedir forças para suportar as provações, o Senhor manda, ao que nele confia, mensageiros que lhe trazem a consolação e a esperança de que precise."

E Jesus, puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada, que se achava acima e fora da humanidade terrena, descendo até vós, não desempenhava, em bem do progresso dos homens, uma missão superior, toda de devotamento e de amor, permeada de dores morais?

(Mateus, vv. 45 e 46; Marcos, vv. 41 e 42; Lucas, vv. 45 e 46.) *Basta*, disse ele. A lição estava dada aos apóstolos e aos que os imitariam. O ensinamento e o exemplo estavam dados aos homens. Que estes tirem dele proveito.

"A hora chegou, levantai-vos, vamos". É preciso que os acontecimentos materiais se cumpram.

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 47-56. —
MARCOS, Cap. XIV, vv. 43-52. —
LUCAS, Cap. XXII, vv. 47-53

Beijo de Judas. — Um dos que acompanhavam a Jesus corta a orelha de um dos do séqüito do sumo sacerdote e Jesus o cura. — Fuga dos discípulos

MATEUS : V. 47. Ainda ele não acabara de dizer isso, eis que chega Judas um dos doze, e com ele grande turba armada de espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. — 48. Ora, o que o traía lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele em quem eu der um ósculo, esse é que é: prendei-o. — 49. E, aproximando-se de Jesus, disse: Salve, Mestre! e o beijou. — 50. Jesus lhe perguntou: Amigo, a que vieste? Logo avançaram outros, que se lançaram sobre Jesus e o prenderam. — 51. Um então dos que estavam com Jesus, levando a mão à espada, a desembainhou e, brandindo-a contra um servo do sumo sacerdote, lhe cortou uma orelha. — 52. Jesus, porém, lhe disse: Embainha a tua espada, pois que todos os que empunharem a espada à espada perecerão. — 53. Acaso julgas que não posso rogar a meu pai e que ele não me mandará imediatamente mais de doze legiões de anjos? — 54. Como, porém, se cumprirão as escrituras, que declaram dever ser assim? — 55. E, no mesmo instante, dirigindo-se à turba, disse: Aqui viestes armados de espadas e varapaus para me prender, como se eu fora um ladrão. Entretanto, todos os dias, assentado entre vós, estava eu ensinando no templo e não me prendestes. — 56. Z que tudo isto acontece para que se cumpram as escrituras dos profetas. Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram.

MARCOS: V. 43. Ele ainda falava quando chegou Judas, um dos doze, acompanhado de grande tropa de gente armada de espadas e varapaus, mandada pelos sumos sacerdotes, pelos escribas e pelos anciãos. —

44. Ora, o traidor Ihes havia dado um sinal, dizendo: Aquele em quem eu der um ósculo, esse é que é, predeí-o e levai-o com segurança. — 45. Tanto, pois, que chegou, dirigiu-se a Jesus e disse: Mestre, eu te saúdo; e lhe deu um beijo. — 46. Logo deitaram as mãos a Jesus e o prenderam. — 47. Um dos presentes desembainhou a espada e, golpeando um servo do sumo sacerdote, lhe cortou uma orelha. — 48. Jesus então lhes disse: Viestes armados de espadas e varapaus para me prender, como se eu fosse um ladrão. — 49. Todos os dias estava convosco no templo ensinando e não me prendestes. É que é preciso que as escrituras se cumpram. — 50. Então, abandonando-o, seus discípulos fugiram todos. — 51. Seguia-o um mancebo, coberto unicamente com um lençol, e os soldados o prenderam. — 52. Ele, porém, largando o lençol, lhes fugiu nu das mãos.

LUCAS: V. 47. Falava ele ainda, quando surgiu uma turba, vindo à sua frente um dos doze apóstolos, o que se chamava Judas, o qual se chegou a Jesus para o beijar. — 48. Jesus o interpelou assim: Pois que, Judas, com um ósculo entregas o filho do homem? — 49. Vendo os que o rodeavam o que ia acontecer, disseram: Senhor, se os passássemos à espada? — 50. E um deles com um golpe decepou a orelha direita de um servo do sumo sacerdote. — 51. Jesus, porém, disse: Deixai-os, basta; e, tocando a orelha do ferido, a curou. — 52. Depois, dirigindo-se aos príncipes dos sacerdotes, aos oficiais do templo e aos anciãos que tinham vindo prendê-lo, disse: Viestes armados de espadas e varapaus como contra um ladrão. — 53. Entretanto, todos os dias estava eu convosco no templo e nunca me deitastes as mãos. É que esta é a vossa hora e o poder das trevas.

N. 291. São fatos históricos que não reclamam comentários. Somente, não percais de vista (já o temos dito muitas vezes) que aqui, como sempre, as narrações dos quatro evangelistas³⁰ se explicam e completam umas pelas outras.

Eis, concordadas todas quatro, a narrativa in-

³⁰ Ver: JOÃO, XVIII, vv. 1-12.

tegral dos fatos, tal como se passaram, no conjunto e nas particularidades.

Judas, ao aproximar-se de Jesus para o oscular, disse: Mestre, eu te saúdo! Jesus lhe respondeu: Meu amigo, que vieste buscar aqui? Ao mesmo tempo, os que acompanhavam a Judas avançaram. Jesus lhes veio ao encontro e perguntou: A quem buscais? Eles responderam: A Jesus de Nazaré. Jesus retrucou: Sou eu. Todos recuaram e caíram por terra. Segunda vez Jesus lhes perguntou: A quem buscais? Eles responderam: A Jesus de Nazaré. Jesus lhes replicou: Já vos disse que sou eu: e, pois que é a mim que buscais, deixai que estes se vão. Dirigindo-se a Judas disse: Pois que, Judas! entregas o filho do homem com um beijo!

Os que rodeavam a Jesus, vendo o que ia suceder, disseram: Senhor, se os passássemos à espada? E Simão Pedro, levando a mão à espada, a desembainhou e, de um golpe, cortou a orelha direita de um dos servos do sumo sacerdote, o de nome Malco. Jesus, voltando-se para Pedro, disse: Embainha a tua espada, pois que os que puxarem da espada pela espada perecerão. E, tocando com a mão a orelha de Malco, o curou. Continuando, disse ainda: Pensas que não posso rogar a meu pai e que este não me mandaria aqui, de pronto, mais de doze legiões de anjos? Mas, não é preciso que eu beba o cálice que meu pai me deu? Como se cumpririam as escrituras que declaram que isto tem que ser assim? Em seguida, falando à multidão que os Judeus mandaram para prendê-lo, aos príncipes dos sacerdotes, aos oficiais do templo, aos anciões, que com ela vieram, disse: Aqui viestes armados de espadas e paus para me prender, como se eu fora um ladrão. Entretanto, todos os dias me tínheis sentado entre vós no templo a ensinar e não me prendestes. É que é preciso que as escrituras se cumpram. É que esta é a vossa hora e o poder

“das trevas”. Então, os soldados, os oficiais e a gente mandada pelos Judeus se apoderaram dele e o amarraram. Tudo isso se passou assim, a fim de que se cumprisse tudo quanto os profetas escreveram. Nessa ocasião, os discípulos de Jesus o abandonaram e fugiram todos. Entre os que seguiam a Jesus ia um mancebo coberto unicamente com um lençol e fugiu nu das mãos dos que o tinham prendido.

Lembrai-vos de que Jesus, quando estes fatos ocorriam, era tido por um homem *igual aos demais*, de que lhe cumpria *deixar* que essa crença humana subsistisse e compreendereis o *motivo* e o *fim* da linguagem de que usou, das palavras que dirigiu assim a Judas, como aos que o acompanhavam.

É exato que, debaixo da influência mediúnica, João, dentro do quadro que lhe fora traçado, diz, na sua narração evangélica (XVIII, v, 4), *que Jesus sabia tudo o que lhe havia de acontecer*.

É que então *já* se divulgara e espalhara pela multidão a revelação, que o anjo fizera a Maria e a José e que se mantivera secreta durante a missão terrena do Mestre, da concepção e do "nascimento" deste, tidos ambos por "divinos e milagrosos" pelo homens, que os não podiam explicar nem compreender *em espírito e verdade*.

É que então a crença na divindade de Jesus já havia germinado no pensamento dos homens e criara raízes nas inteligências.

Tudo o que se deu com relação à prisão de Jesus, ao ato de Pedro contra Malco e à cura deste, assim como as palavras que Jesus dirigiu a Judas, a Pedro e depois aos que formavam o séquito daquele, foram, conforme já o temos dito, *um exemplo* de caridade, de paciência e de poder.

Quanto à queda dos primeiros que avançaram para se apoderarem de Jesus, ela resultou de uma ação fluídica exercida pelos Espíritos que cercavam o Mestre. Em todos os tempos houve, como há em

vossos dias, exemplos desses efeitos, notadamente quando um subjugado é, pelo seu obsessor, atirado ao chão. Assim foi que aquele efeito físico se produziu. No meio de uma multidão qualquer, sempre se encontram organizações que mediunicamente podem ser utilizadas, *em havendo necessidade*. Sabeis também que os Espíritos superiores não precisam recorrer a esses meios e podem, sem o auxílio nem o concurso dos fluidos animalizados tomados aos encarnados, atrair a si os fluidos de que necessitem.

Quanto à cura da orelha de Malco, o que se voz diz é que, tendo-a tocado Jesus, ela se curou. A orelha fora cortada, mas não totalmente; não fora decepada. Jesus a curou detendo, pela ação magnética, a efusão do sangue. A emissão de certos fluidos magnéticos pode impedir a circulação do sangue, desviá-la ou ativá-la e esses efeitos se podem obter tanto com o magnetismo humano, como com o magnetismo espiritual. O magnetizador humano, auxiliado, se preciso, por Espíritos benfazejos, poderia, *em certos casos*, obter o mesmo resultado. Tais fatos serão estudados e aplicados quando houver passado o tempo da ignorância voluntária.

Quanto às palavras de Jesus a Pedro: "*Embainha a tua espada, pois que todos os que puxarem da espada pela espada perecerão*", encerravam um ensinamento para os apóstolos e para seus discípulos, para os que quisessem ser ou tornar-se seus sucessores, para os que mais tarde se diriam tais e, em geral, para todos os homens daquela época e do futuro. Proferindo-as, mostrava-lhes o Mestre que jamais deveriam defender com violência e com armas *materiais a doutrina* moral que ele personifica, quaisquer que fossem as agressões, quaisquer que fossem seus agressores. Mostrava-lhes que *unicamente morais* deveriam ser *sempre* as armas que empregassem. Significava-lhes que, segundo a lei de talião, serão punidos os que, usando de armas materiais, derem prova de que des-

prezam seus ensinamentos, exemplos e mandamentos. Elas continham igualmente uma advertência aos que, de futuro, se diriam e constituiriam diretores da Igreja *do Cristo*, dando-lhes a ver que jamais deveriam fazer deste mundo um reino para si, empunhando armas materiais como instrumentos de justiça humana, ou de defesa contra os ataques exteriores.

Quanto a estas últimas palavras dirigidas aos príncipes dos sacerdotes, aos oficiais do templo e aos anciões do povo: "*Todos os dias estava eu convosco no templo e não me prendestes. É que esta é a vossa hora e o poder das trevas*", elas não envolvem nenhuma idéia de fatalismo, com relação àqueles a quem Jesus as endereçava. Afirmam, ao contrário, o uso do livre-arbítrio, por parte destes, e exprimem *apenas* que lhes fora deixada a liberdade de êxito, a eles que até então tinham tido obstados os seus intentos.

"Entre os que seguiam a Jesus ia um mancebo coberto unicamente com um lençol. Os soldados o prenderam; ele, porém, largou o lençol e lhes fugiu nu das mãos."

A presença desse mancebo tinha uma razão de ser; encerrava, *segundo* o espírito, um ensinamento. *Previsto e preparado* fora tudo quanto houvesse de concorrer para a realização da obra que o Mestre descera a executar, desempenhando a sua missão terrena.

O Espírito do mancebo, antes de encarnar, aceitara a missão de servir de instrumento e meio para a lição que resultaria da sua presença ali. Assim, sob a inspiração do seu guia e protetor, "*impelido pelo espírito*", ele se foi colocar, coberto apenas com um lençol, entre os do séqüito de Jesus, na ocasião em que este ia ser preso e conduzido ao pretório. De sorte que, por influência espírita, se deu aquilo que havia de suceder.

Aquele mancebo, que, envolto num lençol, seguia a Jesus, simbolizava a *lei antiga*, que trazia consigo o emblema *da morte*. *Detida* no seu curso, ela se despoja de suas *insígnias* e se mostra tal qual o *Senhor a fez*.

Imitando o mancebo que acompanhava a Jesus, deixai vós todos os vossos lençóis nas mãos dos incrédulos que procuram deter-vos os passos. Despojai-vos das insígnias *da morte*. Estais envolvidos em fraudes, maldades e vícios. É esse o lençol que vos cobre, porquanto, perante Deus, sois corpos mortos. Abandonai esse invólucro fúnebre; abandonai-o nas mãos dos que tentam deter-vos os passos na senda do progresso moral. Apresentai-vos *nus* diante do Senhor, isto é, levando unicamente *um coração puro, tal como ele vo-lo deu*. Acompanhai o Cristo no seu trajeto para o pretório e deixai pelo caminho os vossos vícios, causa de sua ida até lá, pois que o que o fere e flagela são os vossos crimes, transgressões e faltas. As vossas desobediências à lei de justiça, de amor e de caridade são os insultos que ele recebe.

Segui a Jesus, caminhando pelas sendas que vos traçou, quando desempenhava a sua missão terrena. Mostrando-lhes os frutos produzidos pelos sofrimentos morais que lhe causastes, à sua passagem pela Terra, abrandareis esses sofrimentos.

**MATEUS, Cap. XXVI, vv. 57-68. —
 MARCOS, Cap. XIV, vv. 53-65. —
 LUCAS, Cap. XXII, vv. 54-55 e 63-
 71**

Jesus levado à presença do sumo sacerdote. Jesus ultrajado e tido por merecedor de condenação à morte

MATEUS: V. 57. Os que prenderam a Jesus o levaram à casa de Caifás, sumo sacerdote, onde se achavam reunidos os escribas e os anciãos. — 58. Pedro o acompanhou de longe até ao pátio da casa do sumo sacerdote e, tendo aí entrado, sentou-se entre os servos, para ver o fim de tudo aquilo. — 59. Enquanto isso, os príncipes dos sacerdotes procuravam um testemunho falso contra Jesus, para lhe darem a morte. — 60. Nenhum acharam que bastasse, não obstante se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Por fim, apareceram duas, — 61, que declararam: Este disse: Posso destruir o templo de Deus e reedificá-lo em três dias. — 62. Então, levantando-se, disse o sumo sacerdote: Nada respondes ao que contra ti depõem estas testemunhas? — 63. Mas, Jesus se conservou calado. O sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro, pelo Deus vivo, que nos digas se és o Cristo, o filho de Deus. — 64. Jesus respondeu: Tu o disseste: eu o sou; entretanto, declaro-vos que mais tarde vereis o filho do homem assentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu. 65. Então, o sumo sacerdote rasgou as vestes, dizendo: Ele blasfemou; que mais necessidade temos de testemunhas? Acabastes de ouvir a blasfêmia. — 66. Que vos parece? Responderam: É réu de morte. — 67. Então, uns lhe cuspiram no rosto e lhe deram murros; outros o esbofetearam, dizendo: — 68. Cristo, profetiza-nos, dize quem foi que te bateu.

MARCOS: V. 53. E levaram Jesus à casa do sumo sacerdote, onde se reuniram todos os príncipes dos sacerdotes, escribas e anciãos. — 54. Pedro o acompanhou de longe até ao átrio da casa do sumo sacerdote, onde, com os que ali estavam, se sentou

perto do fogo a aquecer-se. — 55. E os príncipes dos sacerdotes e todo o conselho procuravam testemunhos contra Jesus, para lhe darem a morte; e não achavam. — 56. Muitos depunham falsamente contra ele, mas seus depoimentos não eram suficientes. — 57. Alguns se levantaram e deram contra ele um falso testemunho nestes termos: — 58. Ouvimo-lo dizer: Destruirei este templo edificado pela mão dos homens e reconstruirei, em três dias, um outro, que não será feito pela mão dos homens. — 59. Mas, mesmo esse testemunho ainda não era suficiente. — 60. Então, levantando-se em meio do Sinédrio, o sumo sacerdote interrogou a Jesus assim: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? — 61. Mas ele se conservou calado; nada respondeu. Tornou o sumo sacerdote a lhe perguntar: És o Cristo, filho do Deus bendito? — 62. Jesus lhe respondeu: Eu o sou; e vereis um dia o filho do homem sentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu. — 63. Logo o sumo sacerdote, rasgando as vestes, disse: Que mais necessidade temos de testemunhos? — 64. Ouvistes a blasfêmia que ele proferiu; que vos parece? Todos condenaram como réu de morte. — 65. Alguns então começaram a cuspir nele, e a lhe tapar o rosto, a lhe dar murros, dizendo: Profetiza e dize quem te bateu! E os criados lhe davam bofetadas.

LUCAS : V. 54. Logo o prenderam e levaram à casa do sumo sacerdote. Pedro o seguia de longe. — 55. E como os que ali estavam acendessem um fogo no meio do pátio e se sentassem ao redor, Pedro também se sentou entre eles. — 63. Os que guardavam a Jesus dele zombavam e lhe davam pancadas. — 64. Vendando-lhe os olhos, batiam-lhe nas faces e diziam: Adivinha, quem é que te bateu? — 65. E, blasfemando, lhe dirigiam muitas injúrias. — 66. Logo que foi manhã, os anciães do povo, os príncipes dos sacerdotes e os escribas se reuniram e, tendo feito comparecer Jesus perante o conselho assim formado, lhe disseram: Se és o Cristo, dize-nos. — 67. Respondeu-lhes ele: Se eu disser que sou, não me acreditareis; — 68. e, se vos interrogar, não me respondereis, nem me deixareis partir. — 69. Mas, desde agora o filho do homem estará sentado à direita do poder de Deus. — 70. Então perguntaram todos: És,

portanto, o filho de Deus? Ele respondeu: Vós mesmos o dizeis, eu o sou. — 71. Eles exclamaram: Que mais necessidade temos de testemunhos, uma vez que nós mesmos o ouvimos da sua própria boca?

N. 292. Do ponto de vista histórico, nenhuma explicação se faz precisa. Os fatos aí estão patentes.

Do ponto de vista espírita, já por várias vezes temos dito qual o sentido que se deve dar às palavras — *filho de Deus* — quando pronunciadas ou aceitas por Jesus.

"*Eu o sou*", respondeu o Mestre ao sumo sacerdote, dirigindo-se, porém, a toda a assembléia. E vereis o *filho do homem assentado à direita da majestade de Deus, vindo sobre as nuvens do céu*. Bem compreensível vos deve ser, *em espírito e verdade*, o sentido destas palavras do protetor e governador do vosso planeta. Nelas tendes mais uma alusão, *velada*, à reencarnação. Encerram também uma alusão àqueles, dentre os que as escutavam, cujos Espíritos, aproveitando a regeneração conseguida, reencarnados, vivendo de novo na Terra, o verão quando ele, em todo o seu fulgor espírita, como soberano, visível às criaturas depuradas, descer novamente ao vosso planeta, igualmente depurado.

Quanto às palavras dirigidas aos anciões do povo judeu, aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, do mesmo modo deveis compreendê-las facilmente, *em espírito e verdade*. Foram pronunciadas, colocando-se Jesus *no ponto de vista dos homens*. Significam: desde agora, conhecidos serão os atos do filho do homem, seu poder, sua posição.

E, com efeito, esse conhecimento não se espalhou e desenvolveu pela ação das interpretações humanas, do progresso gradual dos tempos e das inteligências, sob o império da *letra*, que *preparou* o advento do *espírito*?

E a nova revelação, dando-vos a conhecer *quem é o filho*, iluminando com a sua luz suave e pura a casta e grandiosa figura de Jesus, não vem mostrar que se acham justificadas, desde o momento em que foram proferidas até os vossos dias, estas proféticas palavras que, no futuro, o serão de igual maneira: *Mas, desde agora, o filho do homem estará assentado à direita da majestade de Deus?*

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 69-75. —
MARCOS, Cap. XIV, vv. 66-72. —
LUCAS, Cap. XXII, vv. 56-62

Negativa de Pedro

MATEUS: V. 69. Pedro entretanto estava sentado fora, no átrio. Uma criada se aproximou dele e disse: Tu também estavas com Jesus da Galiléia. 70. Ele, porém, o negou diante de todos, declarando: Não sei o que dizes. — 71. Saindo ele dali para o vestibulo, uma outra criada, que o viu, disse aos que lá se achavam: Este também estava com Jesus de Nazaré. — 72. Pedro o negou segunda vez, jurando: Não conheço esse homem. — 73. Pouco depois alguns que por ali estavam se dirigiram a Pedro e lhe disseram: Certamente tu também és um daqueles, pois até a tua fala o indica. — 74. Ele então se pôs a proferir imprecensões e a jurar que não conhecia aquele homem. Imediatamente cantou o galo. — 75. Pedro se lembrou do que Jesus lhe havia dito: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. Saiu e chorou amargamente.

MARCOS: V. 66. Estando Pedro em baixo, no átrio, uma das criadas do sumo sacerdote ali foi, — 67, e, vendo-o a se aquecer, o encarou e disse: Tu também estavas com Jesus de Nazaré. — 68. Ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem sei o que dizes. E, saindo para entrar no vestibulo, cantou o galo. — 69. A criada, vendo-o de novo, disse aos que por ali estavam: Este é um daqueles. — 70. Ele o negou pela segunda vez. Pouco depois, os que ali se achavam diziam a Pedro: Com certeza tu és um daqueles, pois que também és galileu. — 71. Ele então começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais. — 72. Logo cantou o galo pela segunda vez e Pedro se lembrou do que lhe dissera Jesus: Antes que o galo cante duas vezes, tu me terás negado três. E se pôs a chorar.

LUCAS: V. 56. Uma criada, que o viu sentado ao lume, o encarou e disse : Este também estava com

aquele homem. — 57. Mas Pedro o negou, dizendo: Mulher, não o conheço. — 58. Daí a pouco, um outro, vendo-o, disse: Tu também és daqueles. Respondeu Pedro: Homem, não sou. — 59. Cerca de uma hora depois, outro afirmava: Certamente este andava com ele, pois que também é galileu. — 60. Pedro respondeu: Homem, não sei o que dizes. Ato contínuo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. 61. O Senhor então, voltando-se, olhou para Pedro e este se lembrou do que o Senhor lhe dissera: Antes que o galo cante, tu três vezes me negarás. — 62. Dali saindo, Pedro chorou amargamente.

N. 293. Contando com as próprias forças, Pedro se adiantara demais. Não procurara o *único* ponto de apoio que o pudera sustentar: a prece. Deixara-se levar pela confiança em si mesmo e, mau grado ao aviso de Jesus, não se pusera em guarda.

Grande foi o seu remorso, pois que nele houve apenas fraqueza e não falta. Assim nos exprimimos, porque da sua parte houve tão-somente falta de previdência, de desconfiança de si mesmo, porém não traição premeditada, fruto da covardia e do egoísmo. Ninguém se despoja da covardia e do egoísmo, como tira uma roupa incômoda. Pedro, ao deixar a casa do sumo sacerdote, reconheceu o seu erro e se dispôs a repará-lo. Essa a distinção que se deve fazer entre a fraqueza e a culpabilidade.

Difícilmente pode o *culpado* reparar, no curso de uma existência, uma falta durante ela cometida. Ao passo que o *fraco* pode adquirir a *força de que careça*. *Eis* porque são quase sempre temerários os vossos juízos. *Eis* porque às vezes condenais o que o Senhor desculpa e desculpais o que ele reprova.

Não vos detenhais nalgumas diferenças que os textos evangélicos, nesta passagem, apresentam. São futilidades. Atentai, sim, nos fatos capazes de aumentarem a fé, de convencerem os incrédulos e não em minúcias pueris.

Já o temos dito: essas diferenças, sem nenhuma importância, se explicam pela condição de Espíritos encarnados dos narradores, condição que mais ou menos dificulta as relações mediúnicas diante de informações colhidas aqui e ali. Já o sabeis, as narrações dos quatro evangelistas se explicam e completam umas pelas outras.

Há todavia um ponto acerca do qual é necessário que vos esclareçamos.

Quando o galo cantou, o Senhor, diz Lucas, vv. 61 e 62, *voltando-se, olhou para Pedro e este se lembrou* do que o Senhor lhe dissera: "*Antes que o galo cante, tu três vezes me negarás*". Dali saindo, Pedro chorou amargamente."

No momento em que o galo cantou, Jesus não estava perto de Pedro. Mas, naquele instante, Pedro sentiu uma impressão fluídica que, por efeito *de mediunidade*, a que podereis dar o qualificativo de "mental", lhe recordou as palavras de Jesus, fazendo-o ao mesmo tempo ver o semblante doce e calmo do Mestre, que se limitava a lhe dirigir um olhar triste, quando com a ingratidão era pago da afeição que lhe testemunhara. Na ocasião em que Pedro o negava e cantava o galo, fato que predissera, Jesus, para que ele não deixasse passar despercebido esse momento, se voltou para o ponto em que o apóstolo se achava, *com a vontade* de que este *se lembrasse e o visse*. Houve, da parte de Jesus, ação magnética a distância, ação cujos efeitos observais entre vós, mas em grau muito inferior, e houve da parte de Pedro vidência.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 1-10

Arrependimento e morte de Judas. — Lugar do seu suicídio e da sua sepultura

V. 1. Pela manhã, todos os príncipes dos sacerdotes e anciães do povo se reuniram em conselho contra Jesus para o entregarem à morte. — 2. Depois de o manietarem, levaram-no e o entregaram ao governador Pôncio Pilatos. — 3. Então, Judas, que o traíra, vendo que Jesus fora condenado, tocado de arrependimento, tornou a levar as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciães, — 4, e lhes disse: "Pequei, entregando o sangue inocente. Mas eles responderam: Que nos importa? Isso é lá contigo. — 5. E Judas, depois de arremessar no templo as moedas, se retirou e foi enforcar-se. — 6. Os príncipes dos sacerdotes tendo apanhado as moedas, disseram: Não nos é lícito deitá-las no cofre do templo, porque são preço de sangue. — 7. Depois de o deliberarem em conselho, compraram com elas o campo de um oleiro, para servir de cemitério a forasteiros. — 8. Por isso aquele campo se ficou chamando, até ao dia de hoje, *Hacéldama*, isto é: campo do sangue. — 9. Cumriu-se assim o que fora dito pelo profeta Jeremias: "Tomaram as trinta moedas de prata, preço daquele que com eles os filhos de Israel apreçaram, — 10, e as deram pelo campo de um oleiro, como me ordenou o Senhor."

N. 294. São fatos, mas que, confrontados os termos do v. 18 do cap. 1º dos *Atos dos Apóstolos* com os do v. 7 de Mateus, reclamam explicações, que tornem conhecidos, de modo completo, os pormenores, historicamente exatos do que houve com relação ao que se passou entre Judas e os príncipes dos sacerdotes, à compra do campo que se chamou *Hacéldama*, à morte de Judas e ao lugar da sua sepultura.

Judas levou as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciães. Não tendo

estes querido recebê-las, ele as atirou no templo e foi enforcar-se num campo onde lhe acharam o cadáver em estado de putrefação bastante adiantada. Ao terem conhecimento desse fato, os príncipes dos sacerdotes e os anciães, que haviam apanhado as moedas atiradas por Judas no templo, conceberam a idéia de comprar aquele campo para cemitério dos forasteiros e para nele ser enterrado o cadáver de Judas, uma vez que entre os Israelitas não se concediam as honras da sepultura religiosa ao suicida.

Compraram, pois, com as trinta moedas o campo, que se ficou chamando *Hacéldama*, e lá enterraram o cadáver de Judas.

Nos *Atos dos Apóstolos*, onde se diz que o campo foi adquirido por Judas com o preço do seu pecado, e que ele, depois de o haver comprado, lá se enforcou, houve um erro de narração, devido aos comentários feitos a propósito dos fatos que Mateus relatara, mas ainda não escrevera, e a propósito do lugar do suicídio de Judas e do sepultamento, aí, do seu cadáver.

Pedro foi dos que pensaram que Judas comprara o campo com o fruto de seu pecado e que ali se enforcara. Essa opinião, que se firmou no Espírito de Pedro e da qual Lucas, como narrador, se fez eco, nasceu do fato de se haver Judas enforcado naquele campo e de ter sido nele enterrado. Destas circunstâncias concluíram, primeiro, que o campo lhe pertencia, visto ser costume entre os Hebreus preparar cada um, de antemão, a sua última morada; segundo, que ele o adquirira com o que ganhara da sua traição.

**MATEUS, Cap. XXVII, vv. 11-26. —
MARCOS, Cap. XV, vv. 1-15. —
LUCAS, Cap. XXIII, vv. 1-25**

Jesus diante de Pilatos. — Jesus é entregue para ser crucificado

MATEUS : V. 11. Jesus foi levado à presença do governador e este o interrogou assim: és o rei dos Judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes. — 12. As acusações, porém, que lhe faziam os príncipes dos sacerdotes e os anciães nada respondeu. — 13. Pilatos então lhe perguntou: Não ouves de quantas coisas estes te acusam? — 14. Jesus nem uma só palavra disse em resposta, do que grandemente se admirou Pilatos. — 15. Ora, o governador costumava, no dia da festa da Páscoa, dar liberdade a um preso que o povo indicasse. — 16. E naquela ocasião tinha ele em seu poder um de grande fama, chamado Barrabás. — 17. Perguntou, pois, Pilatos à multidão ali reunida: Qual dos dois quereis que eu vos solte, Barrabás, ou Jesus, apelidado o Cristo? — 18. É que sabia que só por inveja lhe tinha sido este último entregue. — 19. Nesse ínterim, quando ele se achava sentado no tribunal, sua esposa lhe mandou dizer: Não te envolvas no caso desse justo, pois que hoje, em sonho, estranhamente atormentada fui por sua causa. — 20. Mas os príncipes dos sacerdotes e os anciães persuadiram o povo a pedir fosse solto Barrabás e Jesus condenado à morte. — 21. Assim, perguntando-lhes o governador: Qual dos dois quereis que vos solte? Responderam: Barrabás. — 22. Objetou-lhes Pilatos: Que hei de, então, fazer de Jesus, a quem chamam o Cristo? Responderam todos: Seja crucificado! — 23. O governador insistiu: Que mal, porém, fez ele? Com mais força clamaram, em resposta: Seja crucificado! — 24. Vendo Pilatos que nada conseguia, que, ao contrário, o tumulto se tornava cada vez maior, mandou vir água, lavou as mãos diante do povo e disse: Sou inocente do sangue deste justo; isso é lá convosco. — 25. Todo o povo lhe respondeu: Caia sobre nós e sobre nossos filhos o seu sangue. —

26. Pilatos logo pôs Barrabás em liberdade e, depois de haver mandado açoitar Jesus, o entregou à multidão para ser crucificado.

MARCOS: V. 1. Logo pela manhã reuniram-se em conselho os príncipes dos sacerdotes, os anciães, os escribas e todo o Sinédrio e, manietado que foi Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos. — 2. Este lhe perguntou: És o rei dos Judeus? Respondeu Jesus: Tu dizes. — 3. E como os príncipes dos sacerdotes o acusassem de muitas coisas, — 4, disse-lhe Pilatos: Nada respondes? Vê de quantas coisas te acusam. — 5. Jesus, porém, nada mais respondeu, causando isso admiração a Pilatos. — 6. Ora, costumava este, pela Páscoa, soltar um preso cuja liberdade o povo pedisse. — 7. E na ocasião um havia, de nome Barrabás, que num motim, com outros sediciosos, praticara um homicídio. — 8. Acorrendo então a turba ao pretório se pôs a pedir-lhe que fizesse o que costumava fazer. — 9. Perguntou Pilatos: Quereis que vos solte o rei dos Judeus? — 10. Ele bem sabia que só por inveja havia sido Jesus levado à sua presença pelos príncipes dos sacerdotes. — 11. Estes, porém, concitaram o povo a pedir que antes fosse solto Barrabás. — 12. Inquiriu então Pilatos: Que quereis nesse caso que eu faça do rei dos Judeus? — 13. Clamaram os da turba: Crucificai-o! — 14. Pilatos obtemperou: Mas que mal fez ele? Clamando com mais força, responderam-lhe: Crucificai-o! — 15. À vista disso, Pilatos, que desejava satisfazer ao povo, soltou-lhe Barrabás e, depois de, por sua ordem, ter sido Jesus açoitado, o entregou para ser crucificado.

LUCAS: V. 1. Toda a assembléia se ergueu e levou Jesus a Pilatos. — 2. E se puseram a acusá-lo desta forma: Este homem nós o encontramos a subverter o povo, proibindo se paguem os tributos a César e dizendo ser o Cristo e rei. — 3. Pilatos o interrogou: És o rei dos Judeus? Respondeu Jesus: Tu o dizes. — 4. Observou então Pilatos aos príncipes dos sacerdotes e ao povo: Nenhuma culpa acho neste homem. — 5. Aqueles, porém, com mais insistência, afirmavam: Ele subleva o povo com a doutrina que vem espalhando por toda a Judéia, desde a Galiléia, onde começou, até aqui. — 6. Pilatos, ouvindo

falar da Galiléia, perguntou se aquele homem era galileu. — 7. Quando soube que era da jurisdição de Herodes, mandou-o a este, que na ocasião também se achava em Jerusalém. — 8. Ao ser-lhe apresentado Jesus, Herodes muito satisfeito ficou, pois de longo tempo desejava vê-lo, tanto tinha ouvido falar dele; contava que o veria fazer algum milagre. — 9. Dirigiu-lhe muitas perguntas, mas a nenhuma Jesus respondeu. — 10. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas presentes o acusavam com muita insistência. — 11. Herodes, cercado da sua corte, o tratou com desprezo e, escarnecendo dele, vestiu-lhe uma túnica branca e o recambiou para Pilatos. — 12. Naquele dia, Herodes e Pilatos, de inimigos que eram antes, se tornaram amigos. — 13. Pilatos convocou os príncipes dos sacerdotes, os anciãos e o povo, — 14, e lhes disse: Vós me apresentastes este homem como sublevador do povo e eis que, tendo-o interrogado na vossa presença, nele nenhuma culpa achei das de que o acusais; — 15, nem tampouco Herodes, a cuja presença o mandei. Nada tem ele feito, parece-me, que o torne passível de morte. — 16. Assim, depois de o castigar, solta-lo-ei. — 17. Ora, como ele tivesse que soltar, pela festa da Páscoa, um criminoso, — 18, todos à uma entraram a bradar: Morra este e solta-nos Barrabás. — 19. Este fora preso por causa de uma sedição havida na cidade e de um homicídio que cometera. — 20. Pilatos, desejando livrar a Jesus, lhes falou de novo. — 21. A multidão, porém, se pôs a clamar: Crucifica-o, crucifica-o! — 22. Pela terceira vez Pilatos perguntou: Mas que mal fez ele? Não lhe acho culpa alguma que mereça a morte. Manda-lo-ei, portanto, castigar e o soltarei. — 23. Mas eles insistiam, pedindo em altos brados que Jesus fosse crucificado, e seus clamores a todo momento recrudesciam. — 24. Afinal, Pilatos ordenou se fizesse o que eles pediam. — 25. Ao mesmo tempo soltou o que fora preso por causa da sedição e do homicídio, conforme lhe exigiam e permitiu que de Jesus fizessem o que quisessem.

N. 295. A diversidade que se nota entre o texto de Lucas e dos outros evangelistas não vos deve surpreender, nem deter. Como sabeis, cada um deles tinha que entrar em particularidades es-

peciais. Assim, o que um relata sumariamente outro refere descendo a minúcias. É *desse modo* que as narrações sempre se explicam e completam reciprocamente.

Diante de Pilatos, a uma só das suas perguntas consente Jesus em responder; à que entendia com a soberania por ele exercida sobre os Judeus, soberania moral e espiritual, a cujo respeito Pilatos nenhuma dúvida tinha, não porque admitisse a missão do Mestre, mas porque não descobria, na vida nem nos atos daquele que lhe apresentavam como criminoso e revoltado contra o poder dos Césares, qualquer coisa que pudesse dar causa ao clamor público. Impelido por um sentimento *secreto*, tenta salvar o acusado. Ainda mais, tendo-lhe dito sua mulher que, em sonho, vira Jesus a se elevar, luminoso, da cruz e o mundo a se cobrir de trevas, ele procura pôr-se a salvo da responsabilidade do julgamento, *mandando apresentar Jesus* ao sucessor de Herodes. Contava que *dessa maneira* satisfaria às exigências da sua posição política e à sua consciência. Mas, o sucessor de Herodes não quis arcar com as conseqüências de uma condenação capital. Indeciso quanto ao que devesse fazer, indignado com a falta de atenção e de submissão de Jesus à dignidade de um representante dos Césares, inflige-lhe um castigo infamante e o devolve a Pilatos, que era o instrumento que tinha de funcionar.

Nenhuma explicação se faz necessária acerca do que ocorreu na presença de Pilatos e do que se passou entre este e Jesus, constituindo os fatos principais narrados por Mateus, Marcos e Lucas. A apresentação de Jesus ao sucessor de Herodes não foi mais do que um incidente, que nenhuma influência teve sobre aqueles fatos.

Precisamos apenas chamar a vossa atenção sobre pontos relativos ao Herodes da ocasião, à mulher de Pilatos e ao próprio Pilatos.

(Lucas, vv. 7-11.) *Com relação ao sucessor de Herodes:* Ele se indignou com a falta de atenção e de submissão de Jesus à dignidade de um representante dos Césares, porque a todas as suas perguntas opôs Jesus o silêncio, negando-se obstinadamente a lhe responder. Dissemos que, por isso, infligiu ao Mestre um castigo infamante. De fato, *tratando-o com desprezo e dele zombando*, o sucessor de Herodes mandou que lhe vestissem uma túnica branca, porque branca era a túnica dos Augustos, dos príncipes a quem tocava a sucessão do trono, ou que aspiravam a sentar-se nele. Cobrindo-o com aquelas vestiduras, tratava a Jesus como um louco, como um em quem a ambição produzira a loucura.

O sucessor de Herodes, acrescentamos, o mandou de novo a Pilatos, *que era o instrumento que tinha de funcionar*. Em Jerusalém, ele se achava fora da sua jurisdição, ao passo que dentro da de Pilatos estava o lugar onde se levantara contra Jesus a acusação.

(Lucas, v. 12.) "Naquele dia Herodes e Pilatos, diz o evangelista, de inimigos que antes eram, se tornaram amigos". Isso foi a conseqüência da troca de atenções havida entre ambos, das mostras de deferência que cada um dera à autoridade do outro.

(Mateus, v. 19.) *Com relação à mulher de Pilatos:* O que ela tomara por um sonho em que "estranhamente atormentada havia sido por causa de Jesus" e que a decidira a mandar dizer ao marido, quando este se achava no seu trono, presidindo ao tribunal: *Não te envolvas no caso desse justo*, fora uma manifestação, um aviso espírita, que se produziram achando-se ela, não a dormir, como se lhe afigurara, mas num estado de torpor magneto-espírita.

Como sabeis, pelo que toca ao desprendimento do Espírito, diversos graus apresenta o sono sonambúlico causado pelo magnetismo humano. O

mesmo se dá quando o estado sonambúlico resulta da ação do magnetismo espiritual. Este, como aquele, quando ocasiona um desprendimento incompleto, produz apenas a lucidez, levando ao êxtase quando determina a emancipação completa da alma.

A lucidez, que assim, por meio do magnetismo espiritual, os Espíritos prepostos deram à mulher de Pilatos, lhe facilitou a compreensão do quadro que diante de suas vistas os mesmos Espíritos puseram. De tal maneira operaram estes, que ela acreditou, como já explicamos, ter, em sonho, visto Jesus a se elevar luminoso da cruz e o mundo a se cobrir de trevas.

Com esse aviso espírita, dado à mulher de Pilatos, quis o anjo guardião deste, tendo-o Deus permitido, lembrar-lhe que lhe cumpria escolher entre a justiça e a verdade *de um lado* e o orgulho e a cobiça *de outro*.

O recado que recebeu da esposa mais lhe firmou no Espírito o desejo de salvar a Jesus.

Com relação a Pilatos: Quando nele se manifestava o desejo de libertar a Jesus, influenciava-o o sentimento íntimo da inocência do Mestre, sentimento ao qual, porém, se contrapunha o temor de ser prejudicado na sua posição política. Esse temor predominou.

Tudo fora, como se vê, preparado e conduzido, sob a influência e a ação espíritas, para que a inocência do justo e a iniquidade da sua condenação mais impressionassem os homens da época e as futuras gerações.

(Mateus, v. 11; Marcos, v. 2; Lucas, v. 3.) Ao comparecer Jesus na sua presença, Pilatos lhe perguntou: *És o rei dos Judeus? Foi* essa a primeira interrogação que lhe fez. Por que? Primeiramente, porque essa era a principal acusação que lançavam ao Mestre, procurando com ela os seus acusadores atemorizar os Romanos. Em segundo lugar, porque grande surpresa lhe causou

semelhante acusação feita a Jesus, cujo aspecto era o que havia de mais oposto a tão alta pretensão.

Respondendo: *Tu o dizes*, Jesus falou *do ponto de vista* espiritual. Para bem se compreenderem e apreciarem o sentido, o alcance e o objetivo dessa resposta, preciso é que não seja isolada destas palavras já por ele proferidas: "*Em verdade vos digo que doravante não mais me vereis, até ao dia em que digais: Bendito o rei que vem em nome do Senhor!*" (Lucas, XIX, v. 38 e XIII, v. 35.)

Unicamente por escárnio, Pilatos, depois que Jesus lhe respondeu — *Tu o dizes*, duas vezes lhe deu o título de rei dos Judeus. A seu ver, Jesus era um Espírito fraco, mais presa de loucura que de ambição.

NOTA DA EDITORA — Convém ver João, XVIII, 28:40; João, XIX, 8:15.

**MATEUS, Cap. XXVII, vv. 27-30. —
MARCOS, Cap. XV, vv. 16-19**

Flagelação. — Coroa de espinhos. — Ultrajes. Insultos

MATEUS: V. 27. Depois, os soldados do governador conduziram Jesus ao pretório e em torno dele se reuniu toda a coorte. — 28. Despiram-no de suas roupas e o cobriram com um manto escarlate. — 29. Em seguida teceram uma coroa de espinhos entrelaçados e lha puseram na cabeça, colocando-lhe na mão direita uma cana. E, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos Judeus! — 30. Cuspam-lhe no rosto e, tirando-lhe da mão a cana, com ela lhe batiam na cabeça.

MARCOS: V. 16. Os soldados então o levaram ao pátio do pretório e aí reuniram toda a coorte. — 17. Revestiram-no com um manto de púrpura e lhe puseram na cabeça uma coroa de espinhos entrelaçados, que eles mesmos teceram. — 18. E começaram a saudá-lo assim: Salve, rei dos Judeus! — 19. Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspam-lhe no rosto e, ajoelhados diante dele, o adoravam.

N. 296. Sempre *ensinamento e exemplo* dados aos homens. Nos ultrajes que Jesus suportou, na paciência e na resignação com que tudo sofreu se vos depara a linha de proceder que deveis seguir.

Não vos enfileireis *nunca* entre os que acusam e insultam, qualquer que seja a aparência de direito que tenham para assim fazer, porquanto podeis estar cegos e acusar e insultar a um inocente. Fracos são os sentidos humanos e vos enganam muitas vezes. *Este*, que vos parece culpado e o *é para os homens*, pode ser *justo aos olhos de Deus*. Abstende-vos, pois, visto que, na maioria dos casos, por demais fracos são os vossos sen-

tidos e obtusa a vossa inteligência para julgardes com acerto.

Se vos virdes alvo da zombaria, do escárnio dos vossos irmãos, por mais injustas que sejam suas opiniões e seus atos a vosso respeito, oponde-lhes sempre a paciência e a doçura.

Não vos esforceis por demonstrar aos cegos os princípios e as propriedades da luz. Perdereis o vosso tempo. Firmai-vos na pureza das vossas intenções, na pureza da vossa consciência e dos vossos atos e ficai certos de que tereis sempre no Senhor um juiz equânime.

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, XIX, 1:7.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 31-32. —
MARCOS, Cap. XV, vv. 2Q-21. —
LUCAS, Cap. XXIII, vv. 26-31

Jesus conduzido ao lugar do suplício. -- Simão de Cirene o ajuda a carregar a cruz. — Palavras que dirige às mulheres que o lamentavam e pranteavam

MATEUS: V. 31. Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto escarlate, vestiram-lhe de novo suas roupas e o levaram para ser crucificado. — 32. Ao saírem da cidade, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, e o obrigaram a carregar a cruz com Jesus.

MARCOS: V. 20. Depois de o terem assim escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e lhe vestiram de novo suas vestes, feito o que o levaram para ser crucificado. — 21. E como por ali passasse um Cirineu, chamado Simão, pai de Alexandre e de Rufo, o qual voltava do campo, o obrigaram a carregar a cruz com Jesus.

LUCAS: V. 26. Quando o iam conduzindo, pegaram de um certo Simão, Cirineu, que vinha do campo, e o obrigaram a carregar também a cruz atrás de Jesus. — 27. Seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, que o lamentavam e pranteavam. — 28. Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai por vós mesmas e por vossos filhos; — 29, porque dias virão em que se dirá: Ditosas as estéreis, ditosos os ventres que nunca geraram e os seios que nunca amamentaram. — 30. Pôr-se-ão todos então a dizer aos montes: Caí sobre nós; e às colinas: Cobri-nos. — 31. Porque, se isto fazem com o lenho verde, que farão com o lenho seco?

N. 297. Jesus, depois de haver sido objeto do escárnio e das jogralidades de todos, foi manietado para ser conduzido ao suplício. Pilatos

o entregou aos Judeus, que ansiavam por lhe dar a morte. Mas os soldados do Tetrarca eram os guardas do preso e os executores da sentença. Cumpria-lhes vigiar o condenado, a fim de que não escapasse pela fuga, nem lhes fosse arrebatado à força. Essas as ordens militares que os soldados tinham. Até ao último momento, até que os malfeitores crucificados houvessem exalado o último suspiro, eles eram obrigados a velar pelo cumprimento da sentença.

Penosa foi a marcha de Jesus. *Não tinha ele que mostrar aos homens até onde podiam chegar a resignação e a submissão?*

Nem uma só queixa, nenhum protesto lhe saíram dos lábios. Não digais: "Era-lhe fácil; a carne nada sentia."

Jesus, naqueles momentos, sofria, sofria muito no seu coração pelo endurecimento dos homens. Sofria por ver que séculos e séculos teriam que passar sobre as vossas cabeças, antes que o batismo do espírito vos purificasse. Sofria, vendo quantos sofrimentos o futuro reservava a seus irmãos, aos quais votava amor tão ardente que, para lhes mostrar o caminho que devem trilhar, consentiu em perlustrá-lo.³¹

Experimentava as angústias que dilaceram o coração da mãe extremosa que vê transviados, criminosos, seus filhos diletos; que vê prestes a caírem sobre eles os rigores da lei; que lhes brada: "Vinde a mim, vinde a mim e eu vos salvarei; arrependei-vos e obterei o perdão para vós", e os vê surdos, a lhe voltarem as costas para prosseguirem no funesto caminho. Ela não sofre, é certo, na sua carne, a carinhosa mãe; seus ossos não são despedaçados. Mas, todas as fibras do seu coração estalam dolorosamente; torturam-na a ansiedade, a aflição pelo futuro de seus bem-amados !

³¹ *NOTA DA EDITORA* — Ver nº 287 de "O Consolador", de Emmanuel.

Sim, Jesus sofria, sofria no *seu amor* e sofre *ainda*, quando vos vê endurecidos. Amenizai esse sofrimento com o vosso amor e a vossa submissão, único bálsamo capaz de cicatrizar as chagas que a vossa ingratidão e os vossos crimes abriram.

No que disse às mulheres que o pranteavam e lamentavam, aludia *figuradamente* à destruição de Jerusalém, assim como às calamidades, que a necessidade da depuração e da transformação do vosso planeta e da humanidade terrena faz inevitáveis, calamidades que de futuro ocasionarão a destruição da vossa Jerusalém moderna, do vosso mundo, a fim de que uma nova cidade e um templo indestrutível sejam reconstruídos.

Porque, disse Jesus, se isto fazem com o lenho verde, que farão com o lenho seco?

Estas locuções — *lenho verde e lenho seco* — eram proverbiais entre os Judeus, que por elas designavam os *justos* e os *pecadores*. Se daquela forma tratavam o justo, de que modo seriam tratados os pecadores? Essas palavras Jesus as proferiu também *figuradamente*, a fim de impressionar, assim os que tivessem de as ouvir quando repetidas fossem, como os que mais tarde viessem a lê-las, mostrando a uns e a outros a sorte reservada ao culpado que despreza o Justo e a moral sublime que ele personifica.

**MATEUS, Cap. XXVII, vv. 33-38. —
 MARCOS, Cap. XV, vv. 22-28. —
 LUCAS, Cap. XXIII, vv. 32-34 e 38**

*Crucificação de Jesus e dos dois ladrões. Palavras por
 ele ditas como ensinamento e exemplo*

MATEUS: V. 33. Chegaram assim ao lugar chamado Gólgota, que quer dizer — lugar do Calvário (ou da caveira), — 34, e lhe deram de beber vinho misturado com fel. Ele, porém, tendo-o provado, não o quis beber. — 35. Depois de o terem crucificado, repartiram entre si as suas vestes, tirando sortes; a fim de que se cumprisse o que fora dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitaram sortes. — 36. E, sentados, ali o ficaram guardando. — 37. Por cima da sua cabeça puseram escrito o motivo da sua condenação, nestes termos: *Este é Jesus, o rei dos Judeus*. — 38. Com ele também foram crucificados, um à sua direita, outro à sua esquerda, dois ladrões.

MARCOS : V. 22. E o levaram a um lugar, chamado Gólgota, que quer dizer — lugar do Calvário, — 23, e lhe deram de beber vinho misturado com mirra, mas ele não o tomou. — 24. Depois de o terem crucificado, entre si repartiram suas vestes, tirando sortes sobre elas, para verem o que a cada um tocaria. — 25. Era a hora terceira³², quando o crucificaram. — 26. O motivo da sua condenação foi indicado por esta inscrição: *O rei dos Judeus*. — 27. Com ele também crucificaram dois ladrões, um à sua direita, outro à sua esquerda. — 28. Cumpriu-se assim esta palavra da Escritura: E entre os malfetores foi incluído.

LUCAS: V. 32. Com ele eram levados dois criminosos, para também serem executados. — 33. Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, aí o crucificaram a ele e aos dois ladrões, um à sua direita, outro à sua esquerda. — 34. Dizia Jesus: Pai, perdoai-lhes, que eles não sabem o que fazem. Em seguida, repar-

³² Nove horas da manhã.

tiram entre si suas vestes, tirando sortes. — 38. Puseram-lhe acima da cabeça esta inscrição, em grego, latim e hebreu: *Este é o rei dos Judeus*.

N. 298. Vistes como foi Jesus conduzido ao suplício. Chegado ao Gólgota, que quer dizer lugar do Calvário, ficou submetido às leis que então regulavam as execuções pela crucificação. Sua boca não se abre para proferir o mais ligeiro murmúrio. É que lhe *cumprida* aos homens, até ao derradeiro instante, o *exemplo* — da moderação nos atos e nas palavras; da submissão às leis, por mais iníquas que pareçam; do respeito aos seus executores, por mais ínfimos que sejam os agentes destes. A verdade, porém, tinha que se fazer ouvida e brilhar, mesmo no alto da cruz onde o justo fora pregado. Ele é o "*rei dos Judeus*", o rei da Terra, pois que procede dos céus. É o rei dos habitantes da Terra, porquanto seu reino não é deste mundo e não pode, de forma alguma, fazer sombra aos reis deste orbe impuro.

Cumprida-lhe dar o exemplo da misericórdia e do perdão aos insultadores e aos algozes que a ignorância e as más paixões desvairaram. Quando o crucificam, profere palavras destinadas a abrir, no presente e no futuro, como abriram no passado, as sendas do progresso moral: *Pai, perdoa-lhes, que eles não sabem o que fazem*.

Foram os Judeus que, por vontade própria, o crucificaram, mas o ato material foram os Romanos que o executaram. A multidão reclamou a entrega de Jesus e Pilatos atendeu-a, *no sentido* de conceder que lhe fosse dada "morte". E a turba, ávida de espetáculos daquela natureza, o acompanhara, bramindo e injuriando-o. Ele, porém, estava entregue aos soldados romanos, que eram os que tinham o encargo de executar a sentença proferida e que de fato a executaram.

N. 299. Tem-se pretendido que há uma contradição entre as narrativas de MATEUS e MARCOS e a de

LUCAS, consistindo em que, segundo aqueles dois primeiros evangelistas, foram os soldados romanos que levaram a efeito a crucificação, ao passo que, segundo o último, foram os Judeus.

Mantemos o que acabamos de dizer: Foram os Judeus que, moralmente, condenaram a Jesus, sendo Pôncio Pilatos quem materialmente proferiu contra ele a sentença de morte. Do mesmo modo, os Judeus, que o acompanharam ao Gólgota, foram os que presidiram ao seu suplício. Mas, materialmente, foram os soldados romanos que executaram a sentença, desempenhando o papel do carrasco quando executa a condenação à morte sentenciada pelo tribunal do júri.

As duas narrativas têm que ser explicadas e completadas uma pela outra, visto que, no seu conjunto, elas obedeceram ao propósito de destacar o ato *moral* do ato material, salientando-os.

Lucas tomou a ação dos Judeus sob o seu aspecto *moral*, pois que, moralmente, foram os Judeus que condenaram a Jesus.

Esse evangelista assim procedeu considerando que, *sobretudo naquele caso, o ato moral, puramente moral*, muito pior era do que o ato *material*. Os soldados romanos não foram mais do que instrumentos passivos. Alguém há, porventura, que responsabilize o cutelo, que cai sobre a cabeça do inocente, pela sentença iníqua que o condenou? O peso da condenação cai todo sobre os juízes ou sobre o júri que se transviaram e não sobre o carrasco ou sobre o cutelo de que este se serviu.

Mateus e Marcos atentaram somente no ato material. A narrativa de João (cap. XIX, vv. 14-18 e 23), que não deve ser isolada das dos três primeiros evangelistas, abrangeu o ato *moral*, e o ato *material*, o ato *moral*, dizendo (v. 18) que os Judeus crucificaram a Jesus; o ato material, dizendo (v. 23) que os soldados executaram a crucificação.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 39-43. —
MARCOS, Cap. XV, vv. 29-32. —
LUCAS, Cap. XXIII, vv. 35-37

Blasfêmias. — Zombarias. — Insultos

MATEUS: V. 39. E os que por ali passavam, abanando a cabeça, blasfemavam-no, — 40, dizendo: Tu, que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, porque não te salvas a ti mesmo? Se és o filho de Deus, desce da cruz. — 41. Do mesmo modo os príncipes dos sacerdotes, com os escribas e os anciães, o escarneciam, dizendo: — 42. Ele salvou a outros e não pode salvar-se a si mesmo; se é o rei de Israel, que desça agora da cruz e nós lhe acreditaremos. — 43. Ele põe toda a sua confiança em Deus; livre-o Deus agora, se o ama, pois que ele disse: Sou o filho de Deus.

MARCOS: V. 29. Os que passavam, abanando as cabeças, blasfemavam-no, dizendo: Olá, tu, que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, — 30, salva-te a ti mesmo e desce da cruz. — 31. Também os príncipes dos sacerdotes e os escribas o escarneciam, dizendo entre si: Ele a outros salvou, entretanto não pôde salvar-se a si mesmo. — 32. Que o Cristo, o rei de Israel, desça agora da cruz para que vejamos e creiamos.

LUCAS: V. 35. O povo que, ali reunido, contemplava aquela cena e bem assim os anciães zombavam dele, dizendo: Ele que salvou a outros, salve-se a si mesmo agora, se é o Cristo, o eleito de Deus. — 36. Também o insultavam os soldados, que dele se aproximavam e lhe ofereciam vinagre, — 37, dizendo: Se és o rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo.

N. 300. Estes versículos vos mostram ainda a ingratitude e a loucura dos homens, sempre prontos a insultar aqueles a quem mais deviam respeitar. Encerram também um aviso aos insultadores e incrédulos de hoje, que rejeitam a revelação espírita

e, portanto, a missão espiritual do Cristo, como rejeitaram no passado a sua missão terrena.

Os sumos sacerdotes, os escribas, os fariseus, os anciães, Espíritos orgulhosos, atrasados e culpados, o povo, que em torno deles se agrupava, e os transeuntes, um e outros dominados por eles, eram incapazes de compreender a necessidade, o motivo e o fim daquela missão que, preparada desde longos séculos, se cumpria, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, de maneira a servir à época de então, a preparar o futuro e a conduzir a humanidade, através da era cristã, sob o império e o véu da *letra*, da *capa do mistério* e do *prestígio do milagre*, a era do *Cristianismo* do Cristo, à era espírita, que se abre diante de vós, ao advento do Espírito da Verdade, que, por intermédio dos Espíritos do Senhor e da nova revelação, vem, despojando *da letra o espírito*, tornar conhecido o que teve de ficar e ficou secreto até aos vossos dias, pôr *a nu* o que até hoje teve de permanecer e permaneceu oculto.

**MATEUS, Cap. XXVII, v. 44. —
 MARCOS, Cap. XV, v. 32. —
 LUCAS, Cap. XXIII, vv. 39-43**

*Palavras que Jesus dirigiu a um dos dois ladrões, ao
 que é chamado o bom ladrão*

MATEUS : V. 44. Os mesmos improperios lhe dirigiam os dois ladrões que com ele haviam sido crucificados.

MARCOS: V. 32. Também os que com ele haviam sido crucificados lhe dirigiam palavras injuriosas.

LUCAS : V. 39. Um dos ladrões também crucificados blasfemava contra ele dizendo: Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós. — 40. Mas o outro, repreendendo-o, disse: Nem ao menos sofrendo o mesmo suplício temes a Deus mais do que os outros! — 41. Entretanto, nós o sofremos justamente, pois que recebemos o castigo que mereceram os nossos crimes, ao passo que este nenhum mal fez. — 42. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim quando chegares ao teu reino. — 43. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.

N. 301. *Estes versículos se conciliam perfeitamente.* As narrativas de Mateus e de Marcos encontram na de Lucas o seu complemento histórico, do mesmo modo que esta última, para estar completa, precisa que a precedam as duas outras. *A principio, os dois ladrões, ambos criminosos e maus, fazem coro com os príncipes dos sacerdotes, os anciães, os escribas, os transeuntes e a multidão, nos ultrajes que lançavam a Jesus. Depois, continuando um deles a blasfemar contra este, pede-lhe que demonstre o seu poder por um milagre, que também os salve. Se és o Cristo, disse, salva-te a ti mesmo e a nós.*

Tocado pela doçura, pela bondade de Jesus, que respondia rogando pelos culpados aos insultos

que lhe atiravam, o outro ladrão compreendeu que no Mestre alguma coisa havia que o colocava acima da humanidade. Aproximando-se-lhe o momento em que a libertação restitui ao Espírito a luz, esse malfeitor entreviu a verdade, ainda que confusamente, e não hesitou em implorar misericórdia àquele em quem reconhecia maior poder para as coisas do céu, do que para as da terra. E Jesus lhe responde por esta forma animadora: *Em verdade te digo que hoje mesmo entrarás comigo no paraíso.*

Estas palavras não dado e ainda dão motivo a muitas interpretações falsas e suscitaram muitas controvérsias.

Elas não significam que aquele, cuja vida fora cheia de rapinagem e de faltas, *pelo simples fato* de se arrepender, ficasse isento de toda expiação, de toda reparação. Significam *tão-somente* que, a partir daquele instante, ele entraria na senda do progresso, que o conduziria rapidamente ao bem.

Efetivamente, *para o Espírito*, o paraíso não é o que o homem imaginou: um lugar de beatífico êxtase, sem objetivo, sem esperança de coisa melhor. É, *ao contrário*, a entrada na senda luminosa que proporciona ao culpado entrever o prêmio reservado aos esforços do trabalhador. É a compreensão do futuro, junta ao desejo ardente de o alcançar.

Essa senda, esse paraíso, onde o *sofrimento causado pelo remorso das faltas* cometidas constitui uma alegria para o Espírito que compreende o progresso que *está ao seu alcance* realizar, é que Jesus promete àquele que, na linguagem humana, ficou apelidado de "bom ladrão". Ele entraria nesse paraíso desde que, do alto da sua glória, o mesmo Jesus, *por intermédio dos bons Espíritos*, lhe mostrasse o caminho a percorrer e a felicidade que *ao seu termo* o esperava.

N. 302. Sobre essas palavras de Jesus a Igreja Católica erigiu o seu sistema da condenação e da graça, da indulgência concedida à fé, independentemente das obras, colocando o malfetor apelidado de "bom ladrão" no número dos bem-aventurados, *pelo simples fato* de se haver arrependido sinceramente, de haver demonstrado o que ela chama: *a contrição perfeita*.

Falsa interpretação das palavras do Mestre, que ela, não as compreendendo *segundo o espírito*, tomou *ao pé da letra*.

Acabamos de dizer: Aquelas palavras de Jesus significam: "No momento em que eu torne a ocupar o lugar que me compete, voltando à natureza espiritual que me é própria, tu entrarás na vida espiritual; verás distintamente, assim o caminho que te cumpre seguir, como a meta que terás de alcançar."

O arrependimento é, com efeito, um meio de chegar ao fim, de chegar à expiação produtiva, à atividade nas provações, à perseverança no objetivo. É uma venda que se rasga e que, permitindo ao cego ver a luz brilhante que tem diante de si, o enche do desejo de possuí-la. Mas, isso não o exime de perلustrar o *seu caminho*. Ele passa a ver melhor os obstáculos, consegue transpô-los mais rapidamente e com maior destreza e atinge mais prontamente o fim colimado. Nunca, porém, vos esqueçais desta sentença. *A cada um de acordo com as suas obras. As boas apagam as más. Todavia, o Espírito culpado não pode avançar, senão mediante a reparação.*

**MATEUS, Cap. XXVII, vv. 45-50. —
 MARCOS, Cap. XV, vv. 33-37. —
 LUCAS, Cap. XXIII, vv. 44 e 46**

Morte de Jesus, no entender dos homens

MATEUS : V. 45. Desde a hora sexta³³ até a hora nona³⁴ toda a Terra se cobriu de trevas. — 46. Por volta da hora nona, exclamou Jesus em alto brado: *Eli, Eli, lamma sabachtani!* isto é: Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste? — 47. Alguns dos que por ali estavam, ouvindo isso, disseram: Ele chama por Elias. — 48. E logo um deles correu, tomou de uma esponja, ensopou-a em vinagre e, colocando-a no extremo de uma cana, lha apresentou para que bebesse. — 49. Outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias o vem libertar. — 50. De novo soltou Jesus um grande brado e rendeu o Espírito.

MARCOS: V. 33. Chegada a hora sexta, toda a terra se cobriu de trevas até à hora nona. — 34. À hora nona, exclamou Jesus num alto brado: *Eloi, Eloi, lamma sabachtani!* que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? — 35. Ouvindo isso, disseram alguns dos circunstantes: Eis que ele chama por Elias. — 36. Um deles então correu, ensopando uma esponja em vinagre e, espetando-a numa cana, lha apresentou para que bebesse, dizendo: Deixem, vejamos se Elias vem tirá-lo da cruz. — 37. Jesus soltou um grande brado e rendeu o Espírito.

LUCAS: V. 44. Era quase à hora sexta; toda a terra se cobriu de trevas até à hora nona. — 46. Jesus então, clamando em altas vozes, disse: Meu Pai, nas tuas mãos entrego a minha alma. E, tendo dito isso, expirou.

N. 303. As palavras de Jesus foram falsamente interpretadas. Como podia ele, que desempenhara sua missão, ser abandonado pelo Senhor?

³³ Meio-dia.

³⁴ Três horas da tarde.

As *palavras* que o divino modelo pronunciou, no momento em que, deixando na cruz o invólucro perispirítico tangível, que trazia, com a aparência do corpo humano, retomou a sua plena liberdade espiritual, foram estas: *Senhor, tudo está cumprido, eis-me aqui!* De ordem dele, nós vo-las repetimos textualmente.

Para que compreendais donde se originou a falsa interpretação dada às suas palavras, como essa interpretação se introduziu nas narrativas evangélicas de Mateus e de Marcos, como se produziram as de Lucas e de João, temos que vos explicar o que realmente ocorreu, restituindo desse modo aos fatos, também por ordem do Mestre, a exatidão histórica.

Logo depois de haver dirigido àquele dos dois malfetores cognominado o "bom ladrão" as palavras cujo sentido e alcance agora conheceis *em espírito e verdade*, Jesus, como dizem os evangelistas, soltou um grande brado, a fim de atrair a atenção do povo para seus "últimos momentos", atraindo-a para os fenômenos que, ao *mesmo tempo*, iam produzir-se. Os dois ladrões se puseram a gemer, os discípulos elevaram suas vozes em exclamações de imensa dor e todos esses estertores dalma se reuniram formando um só clamor.

Foi quando chegara ao máximo a agitação tumultuosa de toda aquela turba sacudida por tão diversos sentimentos que Jesus, repetimos, disse: *Senhor, tudo está cumprido, eis-me aqui.* A esse tempo, o ladrão, que pouco antes falara movido pelo arrependimento, buscando num ímpeto o seu Criador, dirigindo-se a Deus, exclamou: *Eli, Eli, lamma sabachtani!* Isto é: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*

Alguns, mas não todos, atribuíram a Jesus essas palavras. De modo que a incerteza entrou a reinar sobre o que efetivamente dissera ele, cuja exclamação se perdera no espaço, de envolta com

o rumor produzido pela agitação da turba, que se via presa das maiores preocupações.

Tinha que ser assim, como dentro em pouco vos explicaremos. Tudo tem sua razão de ser.

Mais tarde surgiram os comentários, originando-se destes as versões que se introduziram nas narrações evangélicas.

Desde que estudais a ciência espírita, ainda não compreendestes que o melhor médium, isto é: o mais maleável, o mais dócil dos instrumentos, pode, em certos casos, *ficar entregue a si mesmo, embora* dominado pela sobreexcitação mediúnica, de tal sorte que é a sua própria natureza que atua pessoalmente, quando ele ainda se julga sob a influência espiritual?

Assim é que, em certos casos, os apóstolos referiram os fatos sob a impressão da sua maneira de ver pessoal, ao passo que, em outros, os fatos lhes eram, a bem dizer, postos, mediunicamente, debaixo das vistas.

Assim é também que os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, *embora mantidos* em estado de sobreexcitação mediúnica, ficaram *entregues a si mesmos*, quanto ao aproveitamento, para as suas narrativas, dos diversos informes *em curso*, relativamente às palavras atribuídas a Jesus, e relataram os fatos de acordo com as versões que adotaram, guiados pelo seu critério pessoal. A narrativa mais próxima da verdade é a de João, que, em meio dos clamores, do ruído, das agitações, se conservara perto da cruz.

Dissemos e repetimos que tudo tem a sua razão de ser.

Mateus e Marcos, orientados pelas impressões de Pedro, adotaram a versão que atribuía a Jesus estas palavras: "*Eli, EU, lamma sabachtani*"? isto é: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*

Dentro do quadro que lhes fora mediunicamente traçado, Jesus tinha que parecer *aos homens*, sob o *véu da letra*, um ser excepcional, misterioso,

impossível de definir-se, participando ao mesmo tempo da natureza humana e da divindade, um homem revestido da libré material, um profeta concebido no seio de Maria virgem por *obra do Espírito Santo*, o filho de Deus, o Santo de Deus, o *irmão* de seus discípulos, o rei dos Judeus, gozando da onipotência no céu e sobre a terra.

Mateus e Marcos, *conquanto mantidos* em estado de sobreexcitação mediúnica, ficaram *entregues* a si mesmos, porque era preciso *deixar à opinião* um ponto pelo qual fosse ela reconduzida ao princípio material (ainda que relativo) de Jesus. Aquela frase constituiu para os homens, durante largo tempo, uma prova irrecusável de que Jesus sofrera materialmente e, de certo modo, *fraqueara sob o guante da dor*, o que desculpava as fraquezas humanas *em face da prova*.

A versão falsa, que Mateus e Marcos reproduziram sob o influxo pessoal da natureza que lhes era própria, *isentos* da influência mediúnica, foi também um meio de contrabalançar a crença na divindade do Cristo em as controvérsias a que essa divindade daria lugar, controvérsias necessárias a preparar as inteligências para receberem a revelação atual que, despojando *da letra o espírito*, vos faz conhecer, *em espírito e em verdade*, "quem é o filho".

Escrevendo dentro do quadro que mediunicamente lhe tinha sido traçado, mas entregue, *nesse caso*, a si mesmo, Lucas adotou, de acordo com o critério de Paulo, que via no Cristo o mediador entre Deus e os homens, a versão segundo a qual foram estas as palavras que Jesus pronunciara: "*Pai, às tuas mãos entrego a minha alma.*"

Escrevendo *igualmente* dentro do quadro que lhe fora mediunicamente traçado, de maneira a fornecer às interpretações humanas *segundo a letra* os elementos da crença na divindade do Cristo, fornecendo *ao mesmo tempo* os elementos apropriados à retificação dessa crença, quando do adven-

*to do espírito, e apropriados a servirem de base à nova revelação, que viria dar a conhecer a natureza e a origem do filho, sua posição com relação ao pai, João, entregue, nesse caso, a ai mesmo adotou, com o que pudera apanhar, a versão que inculcava, como proferidas por Jesus naquele momento, estas palavras: "Tudo está cumprido".*³⁵

As versões que Lucas e João adotaram exprimiam, em termos diferentes, o mesmo pensamento que as palavras textualmente proferidas pelo Mestre expressavam. Ambas traduziam um exemplo de submissão e de amor: Jesus, ao apresentar-se ao Senhor depois de tudo cumprido, lhe depunha nas mãos a sua alma.

Jesus, dizem as narrações evangélicas, *rendeu o Espírito, expirou*. Estas duas locuções têm o *mesmo sentido, o mesmo alcance* — o da volta do Espírito à vida espírita, *readquirindo* a liberdade no espaço, que é a sua pátria.

Não há comparação possível entre o regresso de Jesus e o dos vossos Espíritos. Para vós, a encarnação material humana representa um exílio que sofreis a título de expiação, de provação. A vida vos é *arrebataada, tirada*. Quando a tendes deixado, não a podeis retomar; só por meio *da reencarnação* podeis ter uma nova existência. Sejam quais forem os esforços que façais durante a vida terrena, a vossa natureza humana sempre vos arrasta a algum desfalecimento, quando não a faltas; de sorte que, ao regressardes à vida espírita, sempre vos achais sujeitos a julgamento, a um arrependimento mais ou menos penoso, conforme o grau da culpabilidade.

A volta de Jesus à vida espírita era inteiramente diversa da vossa. Disse-o ele próprio³⁶, aludindo ao sacrifício do Gólgota, aos fatos e

³⁵ João, cap. XIX, vv. 28 e 30.

³⁶ João, cap. X, vv. 17-18.

circunstâncias atinentes à sua missão terrena, tanto anteriores como posteriores àquele sacrifício.

Ele deixava a *vida* para a retomar; ninguém lha podia arrancar, ou tirar, e ninguém lha arrancou, ou tirou; era *ele* quem *por si mesmo* a deixava; foi ele que por si mesmo a deixou; tinha o poder de a deixar e o de a retomar. Ele, pois, não sofria a encarnação material, humana, *tal como a sofreis*. Sua ausência da pátria espiritual não era, portanto, como se dá convosco, um exílio. De fato, freqüentemente, muito freqüentemente, quando, presidindo seu Espírito ao governo do vosso mundo, julgavam que se havia retirado para orar na solidão, ele pairava sobre o vosso universo, regrando, com sabedoria, todas as coisas e fazendo executar as ordens do soberano Senhor.

No Gólgota, ninguém lhe arrancou, ou tirou a vida. Ele *por si mesmo* a deixou, no momento em que seu Espírito, retomando a sua inteira liberdade, abandonou na cruz o invólucro que revestira, de natureza perispirítica, tangível com a aparência do corpo humano. E, *"de acordo com o mandamento que recebera de seu pai"*, ele a retomou para reaparecer, operando o que se chamou a sua "ressurreição", e concluir a missão terrena que descera a desempenhar.

Deixou-a, *por si mesmo*, definitivamente, quando, terminada aquela missão, realizou o fenômeno conhecido pelo nome de *ascensão*, despindo-se em definitivo daquele invólucro, restituindo os elementos fluídicos que o compunham às regiões a que haviam sido tomados. Puro de toda falta, nenhuma expiação precisava sofrer, nada tinha que lamentar. Ele, o justo, voltava à pátria como juiz e não como acusado.

Quanto às trevas que, a partir da hora sexta até à nona, cobriram a Terra foram, como daqui a pouco explicaremos, fazendo-vos compreender de que modo se operou o obscurecimento do céu, um

extraordinário efeito físico, produzido por poderosa ação espírita, destinado a impressionar grandemente as massas e a repercutir fortemente nas gerações futuras.

**MATEUS, Cap. XXVII, vv. 51-56. —
 MARCOS, Cap. XV, vv. 38-41. —
 LUCAS, Cap. XXIII, vv. 45 e. 47-49**

*Rasga-se o véu do templo. — Tremor de terra.—
 Aparição dos mortos. — Obscurecimento do Sol. —
 Palavras do centurião*

MATEUS : V. 51. E eis que o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo; a terra tremeu e as pedras se fenderam. — 52. Os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos, que neles dormiam o sono da morte, ressuscitaram. — 53. E, saindo dos túmulos depois da sua ressurreição, vieram à cidade santa e apareceram a *muitas pessoas*. — 54. O centurião e os que com ele estavam de guarda a Jesus, observando o terremoto e tudo o que se passava, se encheram de grande medo e disseram: Este era verdadeiramente filho de Deus. — 55. Lá se achavam, observando as coisas de longe, muitas mulheres, que desde a Galiléia acompanhavam a Jesus, assistindo-o com o necessário. — 56. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José e a mãe dos filhos de Zebedeu.

MARCOS : V. 38. E logo o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo. — 39. O centurião que estava em frente da cruz, ao ver que, soltando aquele brado, Jesus expirara, disse: Verdadeiramente este homem era filho de Deus. — 40. Lá se achavam também algumas mulheres tudo observando de longe, entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago o menor e de José, e Salomé, — 41, as quais seguiam a Jesus quando este andava pela Galiléia, assistindo-o com o necessário; e estavam lá ainda muitas outras que com ele tinham subido a Jerusalém.

LUCAS : V. 45. Escureceu-se o sol e o véu do templo se rasgou de meio a meio. — 47. Vendo o centurião o que sucedera, glorificou a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo. — 48. Toda a multidão dos que assistiam àquele espetáculo, vendo o que

acontecia, se retirava batendo nos peitos. — 49. Todos os que conheciam a Jesus e as mulheres que o seguiam desde a Galiléia lá estavam também, observando de longe o que se passava.

N. 304. Não conseguireis abrir os olhos aos que teimam em conservá-los fechados. Não conseguireis que admitam os fatos espíritas os que negam toda influência ultramundana.

Os fenômenos concernentes à aparente morte de Jesus foram devidos à ação dos Espíritos que o cercavam em número, para vós, incalculável.

Era preciso que aquelas massas ignorantes e grosseiras fossem tomadas de espanto. Era preciso fossem tocados os sentidos materiais daquelas gentes, totalmente materializadas. E, com efeito, o tremor de terra parcial, provocado por uma combinação de fluidos e o vapor que, por instantes, obscureceu a luz do dia fizeram mais do que os "milagres" que, por bondade e caridade, Jesus operara durante três anos.

O obscurecimento do Sol, as trevas que cobriram a Terra foram obtidos pela reunião e combinação de fluidos opacos, sob a ação dos Espíritos prepostos à produção do fenômeno.

O tremor de terra, apenas parcial, se deu na região do planeta onde se encontravam os Judeus que, com seu ódio e seus sarcasmos, haviam perseguido a Jesus e se fez sentir no templo onde os sacerdotes e os Judeus mais eminentes se tinham reunido após o suplício. Foi um fato puramente espírita, devido à ação de Espíritos prepostos, mediante simples combinação de fluidos próprios para produzirem abalos. Os tremores de terra que, na ordem material das coisas, são crises planetárias que ocorrem na execução da obra de transformação progressiva do globo terráqueo, se originam de abalos vulcânicos mais ou menos violentos, conforme o propulsor está mais ou menos afastado, mais ou menos profundamente enterrado. Os aba-

los, porém, que se fizeram sentir no momento em que Jesus "expirava" não resultaram de causas diversas das que produzem a sacudidura de um móvel, ou de um aposento, provocando o deslocamento das peças do mobiliário que nele existam. A ação ali foi mais forte, mas os agentes eram os mesmos.

As pedras se fenderam, dizem os Evangelistas.

Este fenômeno foi igualmente um efeito físico, resultante das mesmas causas, obtido pelos mesmos meios e pelos mesmos agentes que produziram o terremoto parcial.

E o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo.

Este outro efeito físico, devido, como os demais fenômenos, à ação oculta, direta, dos Espíritos do Senhor, se verificou ao mesmo tempo que o abalo sentido naquela parte da superfície da terra, onde estava o templo.

Não digam os incrédulos que os Espíritos do Senhor, prepostos à realização de tais fenômenos, se serviam de meios indignos de seus caracteres e de sua elevação: que faziam *truanices*.

Responderemos de *antemão* a esses críticos que negam ou censuram o que não compreendem. O Senhor pôs nas mãos de seus agentes os meios necessários à direção dos mundos, à conversão dos homens e esses meios são empregados de acordo com as circunstâncias e as necessidades da época.

Os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos, que neles dormiam o sono da morte, ressuscitaram e, saindo de seus túmulos, vieram à cidade santa e apareceram a muitas pessoas.

A narração evangélica, feita sob a influência mediúnica, reproduziu, *como cumpria que sucedes-se*, a apreciação humana, dando o caráter de "mi-

lagroso" a um fato que não passara de simples manifestação espírita, de uma aparição, apenas visível, de Espíritos, e rodeando-o das circunstâncias "maravilhosas" que lhe atribuíram a ignorância e os preconceitos dos homens da época, incapazes de compreenderem e explicarem o aludido fato e crentes numa ressurreição corporal, por efeito da volta do Espírito ao cadáver retomado à sua decomposição, ou reconstituído com o pó. Dessa ignorância e desses preconceitos partilhavam, no tocante à ressurreição, os apóstolos e os evangelistas, na condição de encarnados.

Os Espíritos que se manifestaram tomaram de empréstimo aspectos facilmente reconhecíveis e, portanto, mais de molde a impressionar os homens. Dizemos — *tomaram de empréstimo*, porque não foram Espíritos elevados os que agiram em tais manifestações e sim Espíritos prepostos àquele efeito, Espíritos bons, mas de ordem relativamente inferior.

Os Espíritos elevados, cujos aspectos os Espíritos prepostos tomaram, Espíritos aqueles que, na linguagem material apropriada aos tempos e às necessidades da época, se designaram por "*corpos de santos*", eram os profetas e os que, por uma existência austera e reta, se haviam imposto à admiração pública.

Essa parte da narrativa evangélica, despojado da *letra o espírito*, se reduz, *em espírito e verdade*, a isto: Espíritos se tornaram visíveis aos homens.

Foram vistos *por muitas pessoas: Pelas que* inconscientemente possuíam a faculdade mediúmica da vidência.

O centurião e os que com ele estavam guardando a Jesus, testemunhas que foram do terremoto e dos outros fenômenos que sob suas vistas se produziram no momento em que o Cristo soltou um grande brado, se viram presas de extremo pavor. Elevando então o pensamento a Deus, cuja "*cólera*" se manifestava, *segundo o modo de ver*

deles, contra a iniquidade do suplício, exclamaram: "Na verdade este homem era justo; — ele era verdadeiramente filho de Deus".

Estas duas expressões — *Justo e Filho de Deus* — correspondiam a um mesmo pensamento. A segunda ainda não era considerada do ponto de vista da *descendência*, que mais tarde, sob o reinado *da letra*, deu origem ao dogma humano da divindade do Cristo, como corolário das interpretações dos homens.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 57-61. —
MARCOS, Cap. XV, vv. 42-47. —
LUCAS, Cap. XXIII, vv. 50-56

José de Arimatéia desce da cruz o corpo e o deposita no sepulcro

MATEUS : V. 57. À tarde, um homem rico da cidade de Arimatéia, de nome José, que também era discípulo de Jesus, — 58, foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos mandou que lho entregassem. — 59. José tomou do corpo, envolveu-o num lençol branco, — 60, e o depositou num sepulcro novo, que para si mandara abrir na rocha e, tendo arrastado uma grande pedra, com ela tapou a entrada do túmulo e se retirou. — 61. Sentadas junto do sepulcro estavam Maria Madalena e a outra Maria.

MARCOS: V. 42. Pela tarde, como fosse parasceve (que quer dizer — véspera de sábado), — 43, José de Arimatéia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, resolutamente foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. — 44. Pilatos, admirando-se de que este já tivesse morrido, chamou o centurião e o interrogou. — 45. Afirmando-lhe o centurião que sim, ele deu o corpo a José. — 46. Este o tirou da cruz, o envolveu num lençol que comprara e o depositou num sepulcro que fora aberto na rocha; rolou uma pedra e a colocou à entrada do sepulcro. — 47. Maria Madalena e Maria, mãe de José, viram onde o corpo foi depositado.

LUCAS: V. 50. Eis que um varão de nome José, membro do Sinédrio, homem justo e bom, — 51, que não assentira na resolução de seus colegas, nem no que estes haviam praticado, que era filho de Arimatéia, cidade da Judéia, e também esperava o reino de Deus, — 52, foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. — 53. Tirou-o da cruz, envolveu-o num lençol e o depositou num sepulcro talhado na rocha, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. — 54. Era dia da parasceve (ou seja da preparação) e já raiava o sába-

do. — 55. As mulheres, que desde a Galiléia acompanhavam a Jesus, seguindo a José, viram o sepulcro e que o corpo daquele fora ali depositado. — 56. De regresso, prepararam aromas e bálsamos, depois do que, passaram o sábado sem fazer coisa alguma, como mandava a lei.

N. 305. São fatos históricos que dispensam comentários. O corpo de Jesus é deposto no sepulcro e os acontecimentos vão continuar o seu curso.

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, XIX, 38:42.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 62-66

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus chumbam a pedra que fechava a entrada do sepulcro. Guardas são aí postados

MATEUS: V. 62. No dia seguinte ao da parasceve (da preparação), os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se reuniram, foram ter com Pilatos, — 63, e lhe disseram: Senhor, lembramo-nos de que aquele impostor, quando vivo, afirmou: Depois de três dias da minha morte, ressuscitarei. — 64. Manda, portanto, que o sepulcro seja guardado até ao terceiro dia, para não suceder que venham seus discípulos, lhe furtem o corpo e depois digam ao povo: Ressuscitou dentre os mortos, pois que este último embuste seria pior do que o primeiro. — 65. Pilatos lhes respondeu: Aí tendes guardas, ide e guardai-o como entenderdes. — 66. Eles se foram e, para garantirem o sepulcro, selaram-lhe a pedra e lhe puseram guardas.

N. 306. Os Judeus haviam percebido a importância das palavras de Jesus e a voz íntima de suas consciências lhes fazia temer que fossem verdadeiras tais palavras.

A guarda do sepulcro foi confiada a soldados da milícia romana.

Os Judeus não tinham exército nem comando militar, de sorte que só com autorização do tetrarca que governava a província podiam empregar a força armada.

O que disse Pilatos (v. 65) equivalia a isto: Tendes soldados à vossa disposição; consinto.

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, que sabiam haver Jesus dito que "ressuscitaria" três dias depois de sua "morte", tinham o maior interesse em lhe conservar o corpo como elemento de prova, a fim de poderem confundir o Mestre e seus discípulos, mostrando-o ao povo, caso estes

últimos *tentassem* espalhar o boato da ressurreição. Disporiam *assim* de *uma arma segura* para combater e aniquilar os *inimigos* da fé que professavam, desmascarando-lhes a impostura.

Tomaram por isso todas as precauções para uma vigilância eficaz, esperando que, acabada a festa do sábado, pudessem dar os passos necessários no sentido de confiar à autoridade o encargo de vigiar a gruta e de, assim, lhes salvaguardar os interesses. Começaram colocando agentes da sua confiança de emboscada nas proximidades da cruz.

José de Arimatéia julgava estar fazendo tudo em segredo, mas os agentes dos sacerdotes o espreitavam. Uns foram informar a seus amos do que estava ocorrendo, enquanto outros permaneceram de guarda à gruta, a fim de se certificarem de que ninguém mais penetrara lá. Isto, aliás, estaria em desacordo com os costumes dos Hebreus, que consideravam o sábado inviolável, sobretudo para a prática de um ato tido por impuro, como era reputado o contacto com um corpo morto.

Assim, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, quando foram falar a Pilatos, sabiam muito bem que o corpo estava no sepulcro e que ninguém de lá o tirara, nem os discípulos, nem outra qualquer pessoa. E foi precisamente porque o sabiam, que, depois de terem dito a Pilatos: "Senhor, lembramo-nos de que aquele impostor, quando vivo, declarou: Ao cabo de três dias ressuscitarei", eles acrescentaram: "Manda, portanto, que o sepulcro seja guardado até ao terceiro dia, para não suceder que venham seus discípulos, lhe roubem o corpo e depois digam ao povo: Ressuscitou dentre os mortos, pois que este último embuste seria pior do que o primeiro."

Voltando ao sepulcro, com a escolta de soldados que Pilatos os autorizara a empregar como guardas, trataram de verificar se o corpo ainda lá estava e o viram. Só depois de o verificarem

é que selaram a chumbo a pedra e distribuíram as sentinelas. Exatamente porque tinham verificado que o corpo estava no sepulcro foi que, quando alguns dos guardas lhes relataram "o que ocorrera" (Mateus, XXVIII, vv. 11, 12 e 13), os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se reuniram aos anciãos e deliberaram dar grande soma de dinheiro aos soldados para que espalhassem que "os discípulos de Jesus tinham ido ao sepulcro durante a noite e haviam carregado com o corpo, enquanto eles, os soldados, dormiam". Valendo-se desse suborno, fizeram correr o boato de que o corpo fora roubado do sepulcro, depois de apostos neste os selos e de montada a guarda.

O corpo, conseguintemente, estava no sepulcro quando eles lá foram.

Reflitam nisto os demolidores tão obstinados quanto inábeis, que pretendem ter sido insuficientes e tardias as precauções tomadas pelos Judeus e declaram que, antes de haverem estes posto em prática as suas medidas de providência, aos discípulos sobrava tempo para subtraírem o corpo de Jesus, desde que o quisessem.

Supõem esses demolidores que os príncipes dos sacerdotes e a horda inimiga, que assistiram "aos últimos momentos" de Jesus, tenham sido tão ingênuos que nenhuma precaução hajam tomado, uma vez que se viam obrigados a esperar que a festa do sábado acabasse, para poderem dar os passos necessários no sentido de serem a vigilância da gruta e a salvaguarda de seus interesses confiados à autoridade?

Imaginam que os que se mostraram tão empenhados em evitar a fraude não tenham tido o cuidado de verificar se o corpo estava no sepulcro, antes de o fecharem e de lhe selarem a abertura? Ter-se-iam mostrado, em tal caso, muito bisonhos e confiantes aqueles sacerdotes que, por ofício, deviam conhecer todas as felonias humanas; aque-

les fariseus tão orgulhosos; aqueles escribas tão doutos!

Se eles não tivessem seguido secretamente os passos de José de Arimatéia, não em pessoa, mas por agentes de confiança, a fim de saberem onde e em que condições o corpo se achava depositado, o pedido que fizeram a Pilatos fora, quando menos, uma inépcia.

Efetivamente, se os Judeus, que tanto porfiaram em sacrificar a Jesus, que o perseguiram até depois de "morto", se houvessem descuidado de seguir os passos de José de Arimatéia, de exercer e manter sobre o sepulcro uma vigilância tal que os assegurasse de que ninguém ali penetrara depois do sepultamento, um desazo, uma tolice, eis o que pelo menos houveram cometido, *indo* pedir no dia seguinte que o sepulcro fosse guardado até ao terceiro dia, para não suceder que os *discípulos* lá fossem e *roubassem o corpo*.

Que outra coisa seria senão rematada tolice irem eles, *sem terem* até então exercido qualquer vigilância, *sem terem sequer verificado* previamente se o *corpo permanecia lá*, postar guardas ao sepulcro e selar a pedra que o fechava?

Qual desses demolidores encarniçados e inábeis se confessaria tão confiante, tão crédulo, tão... (não queremos aplicar o termo que aqui se poderia empregar) que fosse fechar uma porta, depois de já se haver escapado o preso, sem ao menos verificar o estado do local?

A quem quer provar demais acontece muitas vezes chegar a resultado contrário ao que se propunha obter.

**MATEUS, Cap. XXVIII, vv. 1-15. —
 MARCOS, Cap. XVI, vv. 1-11. —
 LUCAS, Cap. XXIV, vv. 1-12**

Visita de Maria Madalena e das outras mulheres ao sepulcro. — A pedra que lhe fechava a entrada é encontrada com os selos partidos e derribada. — Aparição dos anjos às mulheres. — Narrativa que os guardas fazem, do que se passara, aos príncipes dos sacerdotes. — Estes subornam os guardas. — Aparição de Jesus a Maria e às outras mulheres. — Narrativa que estas fazem aos discípulos. — Pedro e João, à vista do que elas contam, visitam o sepulcro

MATEUS: V. 1. Passada aquela semana, ao raiar do primeiro dia da semana seguinte³⁷ (1), Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. — 2. Houve de súbito um grande terremoto, pois que um anjo do Senhor desceu do céu, removeu a pedra posta à entrada do sepulcro e se sentou sobre ela. — 3. Seu semblante tinha o brilho dum relâmpago e suas vestes eram brancas como a neve. — 4. Tal pavor causou ele aos guardas que estes ficaram como mortos. — 5. Dirigindo-se às mulheres, disse o anjo: Vós outras nada temais, porquanto sei que procurais a Jesus, que foi crucificado, — 6. Ele aqui não está, pois que ressuscitou, como o dissera. Vinde e vede o lugar onde o Senhor fora colocado. — 7. Dai-vos pressa em ir dizer a seus discípulos que ressuscitou. Ele vos precederá na Galiléia; lá o vereis; eu vo-lo predigo. — 8. Elas partiram apressadamente do sepulcro, amedrontadas, mas ao mesmo tempo cheias de contentamento e correram a dar a notícia aos discípulos. — 9. E eis que Jesus lhes surgiu diante e disse: Salve! Elas se aproximaram dele, abraçaram-se-lhe aos pés e o adoraram. — 10. Disse-lhes então Jesus: Nada temais; ide dizer a *meus irmãos* que vão para a Galiléia, que lá me verão. — 11. Enquanto

³⁷ O domingo.

elas iam indo seu caminho, alguns dos guardas foram à cidade e referiram aos príncipes dos sacerdotes tudo o que sucedera. — 12. Estes se reuniram em conciliábulo com os anciães e deram grande soma de dinheiro aos soldados, — 13, recomendando-lhes que dissessem: Seus discípulos vieram durante a noite e o roubaram enquanto nós dormíamos. — 14. Se isto chegar aos ouvidos do governador, nós o persuadiremos e vos garantiremos.— 15. Os soldados receberam o dinheiro e fizeram como lhes fora recomendado. E, até hoje, essa versão que eles espalharam, tem curso entre os Judeus.

MARCOS: V. 1. Passado o dia de sábado, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para embalsamarem a Jesus. — 2. E no primeiro dia da semana, tendo partido muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do sol. — 3. Diziam entre si: Quem nos há de remover a pedra da entrada do sepulcro? — 4. Mas, olhando, deram com a pedra, que era muito grande, já removida. — 5. Entrando no sepulcro viram, sentado do lado direito, um mancebo envolto num alvo manto e ficaram muito espantadas. — 6. Ele, porém, lhes disse: Não vos assusteis. Buscais a Jesus de Nazaré, que foi crucificado; ele ressuscitou; não está aqui; vede o lugar onde o puseram. — 7. Mas, ide dizer a seus discípulos e a Pedro que ele vos precederá na Galiléia. Lá o vereis, conforme ele o disse. — 8. Elas logo saíram do sepulcro e dali fugiram, pois que as haviam assaltado o espanto e o medo. Nada a ninguém disseram, tal o pavor de que se achavam possuídas. — 9. Jesus, que ressuscitara de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual expulsara sete demônios. — 10. E ela foi levar a noticia aos que haviam andado com ele, os quais estavam aflitos e chorosos. — 11. Eles, porém, ouvindo-a dizer que Jesus estava vivo e que fora visto por ela, não o acreditaram.

LUCAS: V. 1. Mas, no primeiro dia da semana, foram elas muito cedo ao sepulcro, levando os aromas que haviam preparado. — 2. E encontraram removida a pedra que fora colocada à entrada do sepulcro. — 3. Entraram em seguida neste e lá não acharam

mais o corpo do Senhor Jesus. — 4. E como diante disso ficassem consternadas, eis que lhes surgiram dois homens vestidos de refulgentes roupagens. — 5. Mostrando-se elas amedrontadas, a olhar para o chão, disseram-lhes eles: Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo? — 6. Ele não está aqui; ressuscitou. Lembrai-vos do que vos declarou, quando ainda se achava na Galiléia, - 7, dizendo: Cumpre que o filho do homem seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado e ressuscite ao terceiro dia. — 8. Elas então se lembraram das palavras de Jesus. — 9. Ao voltarem do sepulcro, referiram tudo isso aos onze apóstolos e a todas as demais pessoas. — 10. As que narraram todas essas coisas aos apóstolos eram Maria Madalena, Joana, Maria mãe de Tiago e as outras que com essas estavam. — 11. Aos apóstolos, porém, o que elas diziam se figurou um devaneio e não lhes deram crédito. — 12. Pedro, entretanto, se levantou e correu ao sepulcro e, abaixando-se, só viu o lençol no chão. Voltou, maravilhado do que sucedera.

N. 307. As narrativas de Mateus, Marcos e Lucas, confrontadas com a de João (Cap. XX, vv. 1-18), da qual não devem ser separadas, se completam reciprocamente. Debaixo da influência espírita, cada evangelista conservava a independência da natureza que lhe era peculiar. Eis como se explica que, escrevendo eles de acordo com as versões correntes e por inspiração, *de um lado* varie quanto à forma, embora permaneça o fundo sempre o mesmo, a narração de fatos que ocorreram sob suas vistas e, *de outro lado*, que o que haja de incompleto ou de omissos em a narração de um seja mencionado, sob a ação mediúnica, nas dos outros. *É nesse sentido* que cada evangelista teve a sua parte na narrativa.

Daí resulta que, *coordenando e pondo em concordância* as dos quatro, os fatos vêm a ficar estabelecidos de modo integral, assim no conjunto, que nas minúcias.

Ao que todos então acreditavam, como cumpria que acontecesse (os motivos já os temos exposto), Jesus se achava revestido de um invólucro material humano, tal qual os vossos, de sorte que, também na opinião de todos, ele sofrera morte real, como a sofreis.

A presença das mulheres no sepulcro era esperada e o embalsamamento do corpo, sobre o qual iam derramar perfumes, tinha que se efetuar logo que despontasse o sol do primeiro dia da semana por vir. (Marcos, XVI, v. 1; Lucas, XXIII, vv. 55-56.)

Passado o dia de sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de Salomé, Joana e as outras que com elas andavam juntas partiram alta madrugada, quando o dia mal começava a alvorecer e chegaram ao sepulcro ao nascer do sol, levando os aromas que haviam comprado e preparado para o embalsamamento do corpo de Jesus. (Mateus, XXVIII, v. 1; Marcos, XVI, vv. 1.2; Lucas, XXIII, vv. 55-56 e XXIV, v. 1.)

Diziam entre si: Quem nos tirará a pedra da entrada do sepulcro? (Marcos, v. 2.)

De repente, um grande terremoto se fez sentir e no mesmo instante a pedra que fechava a entrada do sepulcro, quebrados os selos que lhe haviam aposto, foi atirada para o lado. De tal pavor se encheram os guardas, que ficaram como mortos. Então, as mulheres viram (elas e não os guardas, pois só elas eram médiuns *videntes* e, além disso, audientes) um anjo do Senhor (um Espírito superior), cujo semblante resplandecia qual relâmpago e cujas vestes eram alvas como a neve, que, tendo descido do céu, se assentara sobre a pedra por ele removida do lugar. (Mateus, XXVIII, vv. 2, 3 e 4.) É o que as narrações de Marcos, Lucas e João, incompletas pela omissão dos pormenores, referem dizendo: que Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e de Salomé, olhando, deram com a pedra, que era muito grande, já

removida" (Marcos, XVI, v. 4); "que as mulheres encontraram removida a pedra que fora colocada à entrada do sepulcro" (Lucas, XXIV, v. 2), — "que Maria Madalena viu que a pedra fora tirada do sepulcro" (João, XX, v. 1).

O anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Vós nada temais, porquanto sei que procurais a Jesus, que foi crucificado. Ele aqui não está, pois que ressuscitou, como o dissera. Vinde e vede o lugar onde o Senhor fora colocado. Dai-vos pressa em ir dizer a seus discípulos que o Mestre ressuscitou. Ele vos precederá na Galiléia; lá o vereis, eu vo-lo predigo. (Mateus, XXVIII, vv. 5, 6 e 7.) Entrando no sepulcro (com o anjo que lhes acabara de falar), viram elas outro anjo (um Espírito), que tomaram por um mancebo, sentado do lado direito do sepulcro, envolto num alvo manto, e ficaram muito espantadas. (Marcos, XVI, v. 5.)

É o que Lucas refere na sua narração, incompleta pela omissão de pormenores, e segundo a qual as mulheres entraram, *em seguida*, no sepulcro. Este *em seguida* quer dizer: depois de haver sido tirada a pedra e de lhes terem aparecido, *subitamente*, vestidos de brilhantes roupagens, dois anjos ou Espíritos que, perturbadas, elas tomaram por dois homens. (Lucas, XXIV, vv. 3-4.)

Tendo penetrado no sepulcro, não acharam lá o corpo do Senhor Jesus, o que lhes causou grande consternação. E como, por efeito do medo que de todas se apoderou, ficaram imóveis a olhar para o chão, os dois anjos (ou Espíritos) lhes disseram: "Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo? Ele não está *aqui*; ressuscitou. Lembrai-vos do que vos declarou quando ainda se achava na Galiléia, dizendo: *Cumpre que o filho do homem seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado e ressuscite ao terceiro dia*". Elas então se lembraram das palavras de Jesus. (Lucas, XXIV, vv. 3-8.) O anjo que estava sentado à direita do sepulcro, como que a guardar-lhe a entrada, lhes

disse: *Não vos assusteis. Buscais a Jesus de Nazaré, que foi crucificado; ele ressuscitou; não está aqui; vede o lugar onde o puseram. Mas, ide dizer a seus discípulos e a Pedro que ele vos precederá na Galiléia. Lá o vereis, conforme o disse".* (Marcos, XVI, vv. 6 e 7.)

Elas saíram imediatamente do sepulcro, amedrontadas, mas, ao mesmo tempo, cheias de contentamento e fugiram, pois que as haviam assaltado o espanto e o medo. Nada a ninguém disseram, tal o pavor de que se achavam possuídas. Correram a noticiar, a contar tudo aquilo aos discípulos, aos onze apóstolos e a todas as demais pessoas. (Mateus, XXVIII, v. 8; Marcos, XVI, v. 8; Lucas, XXIV, v. 9.)

Maria Madalena, Joana, Maria, mãe de Tiago e as outras que com estas andavam é que referiram todos aqueles fatos aos apóstolos. (Lucas, XXIV, v. 10.) Para fazerem a narrativa, separaram-se, tomando diversas direções.

Maria Madalena saiu a correr e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava e lhes disse: *Roubaram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram.* Imediatamente, Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao sepulcro, ambos a correr. O outro discípulo, porém, correndo mais do que Pedro, chegou primeiro. Abaixou-se e viu no chão o lençol, mas não entrou. Chegou em seguida Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro. Viu o lençol que lá estava, bem como o sudário, que haviam posto sobre o rosto de Jesus. O sudário, entretanto, não se achava junto com o lençol e sim dobrado a um canto. Então, o outro discípulo, que primeiro chegara; entrou também, viu e acreditou. Em seguida, ambos voltaram para casa. (João, XX, vv. 2-10.)

Segundo a narração de Lucas, incompleta pela omissão dos pormenores, embora lhes parecesse, assim como a João, um devaneio o que Maria Ma-

dalena lhes contara e não lhe dessem crédito, Pedro se levantou e correu ao sepulcro. Ai se abaixou (como o fizera João que chegara primeiro do que ele), para observar antes de entrar e só viu o lençol que estava no chão. Regressou à casa (depois de haver entrado no sepulcro), admirado do que sucedera. (Lucas, XXIV, v. 12.)

Mas, Maria Madalena (que voltara ao sepulcro com Pedro e João) ficou da parte de fora a chorar. Chorando, ela se abaixou para olhar dentro do sepulcro e viu dois anjos vestidos de branco e sentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um do lado da cabeça, o outro do lado dos pés. Disseram-lhe eles: *Mulher, porque choras?* — Maria respondeu: *É que levaram daqui o meu Senhor e não sei onde o puseram.* Acabando de dizer isso, ela se voltou e viu a Jesus de pé, mas sem saber que era ele. Jesus então lhe disse: *Mulher, porque choras? A quem procuras?* Ela, pensando que fosse o jardineiro, respondeu: *Senhor, se foste tu que o tiraste daqui, dize-me onde o puseste e eu o levarei comigo.* — Jesus disse apenas: *Maria.* Logo ela se virou e exclamou: *Rabboni!* que quer dizer: *Mestre.* Jesus lhe observou: *Não me toques, pois que ainda não subi a meu pai. Mas, vai ter com meus irmãos e dize-lhes de minha parte que: Eu subo a meu pai e vosso pai, ao meu Deus e vosso Deus.*

É o que refere Marcos, na sua narração incompleta pela omissão dos pormenores, nestes termos: "Jesus, que ressuscitara de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual expulsara sete demônios". (Marcos, XVI, v. 8.)

Tendo ido levar a noticia dessa aparição de Jesus aos que com ele haviam andado, então aflitos e chorosos (Marcos, XVI, v. 10), Maria Madalena, que se separara das outras mulheres para correr em busca de Pedro e de João, as encontrara de novo. E eis que Jesus lhes surgiu pela frente

e disse: *Salve!* Elas se aproximaram dele, abraçaram-se-lhe aos pés e o adoraram.

Disse-lhes então Jesus: "Nada temais; ide dizer a meus irmãos que vão para a Galiléia, que lá me verão". (Mateus, XXVIII, vv. 9-10.)

Enquanto elas iam indo seu caminho, alguns dos guardas foram à cidade e referiram aos príncipes dos sacerdotes o que sucedera. Estes se reuniram em conciliábulo com os anciães e deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem : "*Seus discípulos vieram durante a noite e o roubaram, enquanto dormíamos*". E acrescentaram: *Se isto chegar aos ouvidos do governador, nós o persuadiremos e vos garantiremos*". Os soldados receberam o dinheiro e fizeram o que lhes tinha sido recomendado. E, até hoje, essa versão, que então se espalhou, tem curso entre os Judeus. (Mateus,)(XVIII, vv. 11-15.)

Chegadas as mulheres onde se achavam os discípulos, Maria Madalena tomou a palavra para narrar as duas aparições de Jesus e tudo o que tinha visto e ouvido. Por ter sido a *única* a relatar os fatos, só a ela se referem as narrativas de Marcos e de João. Incompletas pela omissão dos pormenores, essas narrativas dizem apenas o seguinte: "Maria Madalena foi, pois, contar aos discípulos que vira o Senhor e que este lhe dissera aquelas coisas". (João, XX, v. 18.) "E ela foi levar a notícia aos que haviam andado com ele, os quais se achavam aflitos e chorosos. Eles, porém, ouvindo-a dizer que Jesus estava vivo e que fora visto por ela, não o acreditaram". (Marcos, XVI, vv. 10-11.)

Tal é, coordenados os diversos fatos que cada evangelista relatou isoladamente, a narração completa do que então ocorreu.

O grande tremor de terra, de que acima se fala, consistiu num forte abalo produzido no ponto em que se achavam os guardas e as mulheres. A ignorância deles e delas a respeito dos efeitos

fluídicos e o pavor de que foram presas os levaram a atribuir esse abalo a um terremoto.

Tal manifestação, que pode e deve parecer pueril aos "*espíritos fortes*", teve por fim encher de assombro os guardas do sepulcro e imprimir mais força ao que era um "prodígio" para eles, que viam tomadas de igual pavor as mulheres ali vindas em busca do corpo de Jesus, quando *houvessem de dar testemunho* dos fatos aos príncipes dos sacerdotes e depois no trato com os outros homens.

O abalo, considerado um tremor de terra, e o derribamento da pedra foram dois atos simultâneos, produzidos fluidicamente por Espíritos prepostos a tais efeitos físicos, de acordo com a vontade do anjo ou Espírito superior.

O abalo dado ao solo, bem como o descolamento da pedra e a sua deslocação, pela força atrativa dos fluidos combinados para esse resultado, nenhuma admiração podem causar aos que compreendem os efeitos que os Espíritos do Senhor produzem. Não lhes podem causar mais admiração do que o fato de se abrir por si só a porta da prisão de Pedro e do que o despedaçamento das correntes que o prendiam.³⁸

Quanto aos que negam a todo transe, o dia deles chegará e para eles também se fará a luz. Mas, a esses ainda não fomos enviados. Sempre que haja no homem uma *idéia preconcebida*, não se deve procurar violentá-lo para que a abandone e sim esperar, do seu livre-arbítrio, do tempo e da reencarnação que, com a expiação e a reparação, é via e meio de progresso moral e intelectual, se lhe abram os olhos para a luz.

Somos mandados aos obreiros de boa-vontade. Arroteamos as terras áridas, por mais secas e duras que sejam. Mas, deixamos ao tempo o

³⁸ Atos dos Apóstolos, cap. V, vv. 18-19 e 22-23; cap. XII, vv. 3-10.

trabalho de *pulverizar os rochedos*, cuja dureza *atual* resistiria aos nossos esforços.

Temos por missão preparar os materiais esparsos, reuni-los um a um e dispô-los para aquele que dará bases sólidas às vossas crenças. Não tenteis penetrar o sentido destas nossas palavras. *A seu tempo* serão compreendidas. Não iremos mais longe.

Ainda não sois mais do que trabalhadores inábeis. Entretanto, trabalhai para a obra do futuro. Não desanimeis porque sejam repelidos ou recebidos com zombarias e sarcasmos os vossos esforços. Caminhai sempre. Ofereci abrigo aos que se vejam despojados de suas crenças e sem saberem onde encontrar a esperança e as consolações. Apresentai-lhes o facho da frouxa claridade que os ajudará a avançar para a luz, que não deixará após si *mais* sombra alguma.

As aparições dos anjos ou Espíritos a Maria Madalena e às outras mulheres, quando se deu o descolamento e o derribamento da pedra que vedava a entrada do sepulcro e quando elas entraram neste, assim como a que só Maria Madalena viu, foram simples aparições visíveis e audíveis. Foram *audíveis* no sentido de que as mulheres desempenharam a função de médiuns videntes e audientes, a fim de escutarem o que, pelos Espíritos, lhes fosse dito ou comunicado em cada uma daquelas aparições.

As repetições e insistências empregadas pelos anjos no seu falar, antes que as mulheres tivessem entrado no sepulcro e depois que entraram, não devem ser de molde a vos surpreender. O terror que lhes causaram aqueles fenômenos tão repentinos e estranhos, o abalo do solo, que tomaram por um grande tremor de terra, o descolamento e o derribamento da pedra, as aparições sucessivas dos anjos não as haviam lançado em grande consternação, numa perturbação profunda? Nessa situação cheia de emoções tão diversas para

elas, que eram simples, ignorantes, ingênuas e amorosas, não se fazia mister tranqüilizá-las, consolá-las e gravar-lhes na memória o que tinham de relatar aos discípulos? Logo depois de terem ouvido os dois anjos, não saíram do sepulcro tomadas de medo e ao mesmo tempo de grande contentamento? Depois, não fugiram espavoridas, aterrorizadas, sem nada dizerem a ninguém, tal o pavor de que se achavam possuídas?

A primeira aparição de Jesus a Maria Madalena foi simplesmente visível e audível, mas não tangível.

Maria não reconheceu de pronto a Jesus, porque este, no primeiro momento, não se lhe apresentou com o aspecto sob que ela até então o vira. Ele usara, para lhe falar, de uma voz que lhe era desconhecida. Em seguida, retomou a que Maria tantas vezes escutara e que, impressionando-a, a fez voltar-se de novo. Então o Mestre lhe mostrou o semblante que tinha habitualmente. Proibiu-lhe que o tocasse, porque só teria encontrado o vácuo, porquanto a aparência humana que diante dela estava era impalpável para o homem. Fenômenos são estes que se hão produzido em todos os tempos, de acordo com as leis da Natureza e que nada têm de surpreendentes. Os que já se iniciaram na ciência espírita sabem que mesmo os Espíritos inferiores os podem produzir, tornando-se visíveis e audíveis a pessoas dotadas das faculdades mediúnicas de vidência e de audiência. Maria Madalena, já o dissemos, possuía essas faculdades.

Procedendo assim, da primeira vez que apareceu a Maria, quis Jesus, poupando-a à perturbação e à surpresa, prepará-la para o reconhecer, para guardar a impressão do seu aspecto e conservar na memória a lembrança das palavras que cumpria fossem por ela repetidas.

Sua segunda aparição às mulheres, aparição que a anterior a Maria Madalena preparara, foi

uma aparição visível e tangível e ainda audível. Jesus se lhes apresentou visível e tangível, tal qual elas o haviam conhecido, com a aparência da corporeidade humana, vestido como sempre o viram. Do mesmo modo que as aparências de pedra, de granizo e neve, de chuva, de quaisquer outras coisas da mesma natureza têm para os médiuns o valor material do objeto ou do corpo representado, também o Espírito que, quando se torna tangível em condições materiais, toma a aparência de uma criatura humana vestida, aparência necessária a lhe comprovar a identidade, dá às suas vestes o aspecto e a consistência da própria matéria, como faz com o corpo. Combinar os fluidos para que apresentem a forma e a cor dos estofos humanos não é mais difícil do que combinar os que constituem o corpo.

No que o médium, inconsciente de suas faculdades, haja visto e ouvido mediunicamente, não há uma opinião de que ele tenha sido *de antemão* imbuído, e sim a consciência de um fato do qual não só guarda a lembrança, mas em que também acredita, como se fora realidade.

A ciência espírita vos explica os fenômenos de aparição que o Mestre operou naqueles dois casos sucessivos. Não é certo que até os Espíritos inferiores os podem produzir? Como pretender-se que não os pudesse operar Jesus, com aquela aparência de corporeidade humana, que não era mais do que um corpo *fluídico*, de natureza *perispírica*, que ele retomara para realizar o seu reaparecimento chamado "ressurreição" e ao qual podia, *à sua vontade*, dar ou retirar a tangibilidade?

Chamamos a vossa atenção para as palavras que ele proferiu, assim quando apareceu só a Maria Madalena, como quando apareceu a esta e às outras mulheres. Essas palavras excluem expressamente a divindade que os homens lhe atribuíram. Se, ao mesmo tempo, as confrontarmos

com todas as outras por ele ditas, também sob o véu *da letra*, acerca da sua natureza, da sua origem, da autoridade e dos poderes que *seu* pai e vosso pai, *seu* Deus e vosso Deus lhe outorgara; acerca do lugar donde descera à Terra e ao qual voltaria, veremos que elas encerram, sob o véu *da letra*, um dos elementos destinados a servir de base à nova revelação, que havia de vir e vem hoje dar-vos a conhecer *quem é o filho*.

"Ainda não subi a meu pai", disse ele a Maria Madalena.

Ainda estou entre os homens, "ressuscitado", vivo.

"Vai ter com MEUS IRMÃOS e dize-LHEs de minha parte que: Eu subo a MEU pai e vosso pai, ao MEU Deus e vosso Deus."

"Ide, disse a Maria Madalena e às outras mulheres, dizer a MEUS IRMÃOS que vão à Galiléia; que lá me verão."

Aos discípulos chama *seus irmãos*, proclamando assim não ser o *Criador* incriado, mas uma das suas *criaturas*, uma *criatura* cujo pai, cujo Deus são os *mesmos* que os dos discípulos, os de Maria Madalena e os das outras mulheres; *criatura* que, semelhantemente a todas as demais, como essência espiritual, teve, na origem *da sua criação*, que se perde na noite das eternidades, o *mesmo ponto de partida*.³⁹

Prepara seus discípulos para o acontecimento da "ascensão" e para a *indicação* do lugar onde ele, "filho de Deus" pela sua pureza perfeita; ele, *em cujas mãos o pai depositara todas as coisas*; ele, "o caminho, a verdade, a vida"; ele, que viera

³⁹ Ver o que ficou dito, nos ns. 55 e 56 do 1^o tomo, sobre a genealogia de Jesus e sobre a origem do Espírito.

do alto, que viera do céu, que está "acima de todos"; ele, que do céu descera, se havia de "elevar para o céu".

Meditai sobre a visita das mulheres ao sepulcro; sobre as aparições que lhes fizeram os anjos ou Espíritos superiores; sobre as palavras que lhes dirigiram, antes que tivessem entrado e depois que entraram no sepulcro; sobre a reaparição dos anjos a Maria Madalena, quando esta se deixou ficar do lado de fora do sepulcro, a chorar; sobre o que então lhe disseram; sobre a aparição de Jesus a ela e depois a ela e às outras mulheres e sobre o que lhes disse; meditai sobre tudo isso vós todos que vedes aproximar-se o momento, para vós *ainda* tão cruel, da morte e suave se vos tornará a idéia de restituir à terra o corpo que ao seu seio tem que voltar; e reconheceréis que o túmulo se vos abre para dar passagem ao vosso *Espírito*, que se elevará radioso para o "céu" — sua verdadeira pátria, para essa imensidade que vos cerca e na qual encontrareis a atividade, a vida, o amor sem fim.

E vós, que vos acercais dos sepulcros para lançar sobre os vossos mortos esse perfume da alma que vos corre dos olhos, oh! não choreis mais. Olhai e vereis diante de vós um anjo luminoso, guardando a entrada da tumba. Escutai-o atentamente e ouvireis uma voz amiga que vos diz: *"Não choreis; aquele a quem buscais não está aqui; caminha à vossa frente; cedo ireis a ele juntar-vos e ele próprio se mostrará aos vossos olhares".* Oh! crede, crede e esperai, vós todos a quem a dor acabrunha, vós que perdeis os que vos são caros. Crede e caminhai para diante com confiança, que bem depressa os vereis.

Do ponto de vista histórico, os fatos concernentes à ida de alguns dos guardas à cidade, à exposição que do ocorrido fizeram aos príncipes dos sacerdotes, à reunião que estes e os anciões realizaram, à deliberação que tomaram e executa-

ram, são reais e *ainda* de natureza a confirmar a exatidão dos anteriores, que os guardas também relataram, isto é: o forte abalo havido na região onde eles e as mulheres se achavam, a deslocação e o derribamento da pedra, o desaparecimento do corpo, que já não estava *no sepulcro quando* a pedra foi *deslocada e derribada*.

Que é o que os guardas relataram aos príncipes dos sacerdotes? Disseram-lhes: Vós e os fariseus selastes, chumbando-a, a pedra do sepulcro, depois de terdes verificado que o corpo lá estava; a terra tremeu; a pedra, por uma ação invisível, foi deslocada, deslocada e derribada; o sepulcro ficou aberto e o corpo desaparecera; o lençol estava no chão e o sudário que havia sobre a cabeça de Jesus se achava, dobrado, a um canto.

Esses fatos os soldados os referiram como tendo o caráter de um *prodígio*, de um *milagre* ⁴⁰, porquanto o descolamento, a deslocação e o derribamento da pedra se deram sem a intervenção de nenhuma ação humana e o corpo, que eles tinham por material, por humano, *como os vossos*, não podia desaparecer, uma vez que lá estava quando os príncipes dos sacerdotes e os fariseus selaram a pedra do sepulcro, que nenhuma semelhança oferecia com os mausoléus que construíis para os vossos corpos. Os túmulos, naquela época, consistiam simplesmente em escavações feitas por mãos de homens na rocha e dentro das quais os corpos eram depositados sobre uma pedra a isso destinada, segundo o costume hebraico de enterrarem o morto numa escavação, ou feita pela mão do homem, ou natural.

Se os príncipes dos sacerdotes e os anciões não se houvessem persuadido da veracidade da

⁴⁰ E não teriam ainda hoje, para vós, esse caráter, se a nova revelação não tivesse vindo explicar tudo *segundo o espírito, em espírito e verdade*?

narrativa dos guardas e não estivessem amedrontados, em vez de lhes darem grande soma de dinheiro para lhes imporem silêncio, mais sensato fora acusá-los de velhacaria, de mentira, de traição. Não o fizeram, porém, porque o terror se apoderara deles.

Assim, os que não tinham hesitado em derramar (*eles pelo menos acreditavam que o haviam feito*) o "sangue" do justo, não ousaram acusar os soldados. É que compreenderam que, se responsabilizassem os guardas por aqueles fatos, dariam a estes *muito maior publicidade*. Preferiram então abafar aquela ocorrência que lhes era de tanta gravidade. De tanta gravidade, sim, porque justificava as palavras proféticas de Jesus e confirmava sua missão. Pilatos nenhuma providência tomou. Que importava ao tetrarca que o corpo de Jesus houvesse ou não desaparecido?

Dissemos acima: "Em vez de darem aos soldados grande soma em dinheiro *para lhes imporem silêncio*"; e: "Preferiram então *abafar* aquela ocorrência, que lhes era de tanta gravidade."

Aos soldados não foi imposto que se abstivessem de dar publicidade ao fato; mas que, contraditando os boatos de "ressurreição", que podiam ser espalhados, a explicassem *"dizendo que os discípulos tinham ido ao sepulcro durante a noite e roubado o corpo, enquanto eles dormiam"*.

Semelhante alegação, mais fácil de imaginar do que de sustentar, não chega a ser uma impostura, porque se desmente a si mesma pela sua absurdidade, como o deveis compreender. Dentro em pouco, explicar-nos-emos a tal respeito.

Quanto à incredulidade dos discípulos, há a considerar o seguinte: Tantas dificuldades materiais apresentava a saída da gruta, que os discípulos, para os quais só havia a "ressurreição" corporal, ou seja — a "ressurreição" *material*, voltando o Espírito a um corpo humano igual ao deles, corpo que assim volvia do estado de ca-

dáver à vida, não podiam admitir que Jesus houvesse conseguido sair daquela gruta. Consideraram, pois, a narrativa de Maria Madalena e das outras mulheres como uma fantasia de imaginação e não lhes deram crédito quando, pela boca da Madalena, disseram que Jesus estava vivo e que o tinham visto.

João, que fora com Pedro ao sepulcro, que o vira vazio, que vira no chão o lençol e a um canto, dobrado, o sudário que haviam posto sobre a cabeça de Jesus, acreditou.

Pedro que, como João, também vira tudo isso, voltou para casa *"admirado do que sucedera"*, isto é: procurando a solução de tal problema, para ele incompreensível.

Os outros discípulos, que nada tinham visto e que nenhum crédito davam ao que diziam as mulheres, se conservaram incrédulos.

Qual foi a "ressurreição" de Jesus? Como se deu? De que modo se operaram, por meio e em consequência dessa "ressurreição", as sucessivas aparições do Mestre às mulheres e aos discípulos?

A revelação nova, que vos trazemos, dá solução a essa problema, *até hoje* incompreensível e insolúvel para os homens. E, com essa solução, iluminadas *pelo* espírito as trevas *da letra*, ela apresenta, numa luminosa harmonia, todos os fatos evangélicos, desde o instante em que o anjo anunciou a Maria e a José o aparecimento de Jesus na Terra, até a época da sua chamada ascensão, época em que, terminada a sua missão terrena, ele desapareceu definitivamente das vistas humanas.

A presença de Jesus entre vós, durante todo aquele lapso de tempo, foi, *com relação a vós outros*, uma aparição espírita, visto que, pelas suas condições fluídicas, completamente fora dos moldes da vossa organização, seu corpo era harmônico com a sua natureza espiritual, mas também relativamente harmônico com a vossa esfera, a fim de lhe ser possível manter-se longo tempo sobre

a Terra no desempenho da missão com que a ela baixara.

O corpo, aparentemente humano, de natureza perispiritica, mas tangível, que Jesus deixara na cruz e que José de Arimatéia depositou no sepulcro, aí ficou até ao momento em que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, na presença e com o auxílio dos soldados romanos que eles ali haviam posto como guardas, selaram a pedra que lhe fechava a entrada.

Selada a pedra, Jesus, fazendo cessar a tangibilidade, chamou ao espaço aquele corpo aparente no estado fluídico e lhe conservou os princípios constitutivos prontos a se reunirem à sua vontade, tal como se dera muitas vezes, conforme o temos explicado, sempre que o supunham no deserto, na solidão, no monte a orar, quando a realidade é que nessas ocasiões seu Espírito pairava por sobre o vosso universo, regulando, com sabedoria, todas as coisas e provendo à execução das ordens do Soberano Senhor.

Foi *assim* que o corpo de Jesus, que não era um corpo humano material como os vossos, mas fluídico, de natureza perispiritual, desapareceu do sepulcro, estando chumbada a pedra que o fechava, de modo que não *mais* se achava lá quando se deu a deslocação e o derribamento da pedra.

Para aparecer, sucessivamente, primeiro a Maria Madalena, *depois* a esta e às outras mulheres, em seguida aos dois discípulos que iam a caminho da aldeia de Emaús e ainda aos dez apóstolos, de uma feita, e, de outra, aos onze, Jesus retomou aquele corpo de natureza perispiritica, que, *para os homens*, constituía a sua vida, vida que ele *podia* deixar e retomar *à sua vontade*, atuando sobre os seus princípios constitutivos, aos quais aquela mesma vontade imprimia as aparências necessárias a servir ao presente e a *preparar* o futuro.

Foi *assim que se deu*, "pela manhã", a "reaparição" de Jesus, chamada "ressurreição". Tam-

bém foi *assim que se deram* as suas aparições sucessivas, umas mediunicamente audíveis e visíveis, ou apenas visíveis e tangíveis; outras visíveis e tangíveis para todos, semelhantes às que ele operara anteriormente, quando desempenhava a sua missão terrena, quando, entre os apóstolos, os discípulos e a multidão, aparentemente vivia a vida humana.

Como haveis de compreender, desnecessário se tornou que, até ao terceiro dia após o enterramento, o corpo aparente de Jesus permanecesse no sepulcro, colocado sob a guarda dos soldados romanos desde o momento em que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus selaram a pedra que lhe fechava a entrada.

Se acontecesse (hipótese que não podia ocorrer e não ocorreu) que, antes do terceiro dia, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, para se certificarem de que o corpo *ainda* lá estava, mandassem abrir o sepulcro, Jesus faria que ali o encontrassem. Ele, que tinha o poder de deixar *a vida* e de a retomar, que a deixara por si mesmo, que dissera: *Ninguém ma tira*, que constituía aquele corpo aparentemente humano, que o abandonara na cruz com todas as aparências de haver sofrido morte real e que o retirara do sepulcro, dissociando-lhe os elementos constitutivos, ele, no caso figurado, o houvera reconstituído dentro do sepulcro, com as mesmas aparências que apresentava no Gólgota, na ocasião em que José de Arimatéia lá o depositou e em que a pedra fora selada sob as vistas dos príncipes dos sacerdotes, dos fariseus e dos soldados.

Esta revelação (reflitam nisto os homens e saibam compreendê-lo) não constitui um sistema que se lhes procure impor à credulidade. É uma luz que mostramos ao espírito humano, chegados que são os tempos de esclarecê-lo, a fim de que todos os dissidentes de boa-vontade se congreguem sob ,o mesmo estandarte.

Esta revelação, que podeis intitular de — *revelação da revelação* e que, repetimos, mostra aos homens todos os fatos evangélicos numa harmonia luminosa, *no primeiro momento* encontrará grande oposição. *Porém*, quanto mais os Espíritos sérios estudarem a questão, tanto mais compreenderão *a sua razão de ser* e verão que, *fora dela*, nada pode ser, nem é, admissível.

Em se atribuindo a Jesus um corpo terrestre, material, humano *como* os vossos e uma morte real, *como a sofreis*, nada, com efeito, pode ser e nada é admissível, *quer* se considere corporal a "ressurreição", operando-se pela volta do Espírito a um cadáver humano, *quer* seja considerada uma simples aparição do Espírito que irrevogavelmente deixou, pela morte, o seu corpo terreno e perecível, *como são os vossos*.

Os apóstolos acreditaram e *tinham que* acreditar na ressurreição corporal. Esta era a *única* que eles podiam compreender, porquanto era a *única, para eles, possível*, de acordo com o estado das inteligências, com as tradições e os preconceitos da época. *Para eles*, Jesus trazia um corpo material, humano *como os seus*, e a morte do Mestre no Gólgota fora real. O *cadáver*, José de Arimatéia o havia depositado no sepulcro. Entregue este à guarda dos soldados romanos e selada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos fariseus a pedra que o fechava, o corpo lá ficara encerrado. Na manhã do terceiro dia a pedra fora deslocada e derribada, não estando *mais* no sepulcro o corpo, quando se deram essa deslocação e esse derribamento. Como havia podido desaparecer? De que modo pudera Jesus, cujo corpo, *segundo eles*, era material, humano *como os seus*, embora ressuscitado, sair do sepulcro, talhado na rocha, estando chumbada a pedra que o fechava?

O fato lhes era incompreensível, insolúvel o problema. Dai a incredulidade que manifestaram. Essa incredulidade, porém, tinha que ser vencida,

pois, do contrário, a que se reduziria o apostolado deles? Haveria o de Paulo, o apóstolo dos Gentios? A que ficaria reduzida a missão terrena do Mestre, do enviado celeste?

Por um conjunto de fatos concatenados, que mutuamente se apoiavam, Jesus lhes deu todas as provas de que precisavam para se convencerem. Esses fatos, apropriados àquela época, do ponto de vista da ressurreição corporal, única que então podia ser compreendida e aceita, *asseguravam* o futuro. A luz fraca que, sob o *véu da letra*, eles difundiam, era de molde a preparar a humanidade terrena para a viva claridade que a nova revelação, por nós trazida ao mundo agora, quando chegaram os tempos, Ihe faria brilhar aos olhos.

Não obstante a narrativa que as mulheres fizeram do que se passara, quando foram em visita ao sepulcro; não obstante a narração, feita por Maria Madalena, das duas aparições de Jesus, uma a ela somente, outra a ela e às demais mulheres, e do que dissera o Mestre, a incredulidade dos discípulos subsistiu. Consideraram aqueles fatos como um devaneio delas e não acreditaram que Jesus estivesse "vivo", "ressuscitado". Ficara-Ihes, entretanto, a impressão recebida.

A aparição de Jesus a Pedro, depois aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús, a exposição, por eles feita, das circunstâncias em que essa aparição se dera, do que lhes dissera o Mestre, de tudo o que ocorrera, Ihes abalou a incredulidade. Contudo, *ainda* não acreditavam.

Finalmente, Jesus lhes apareceu a todos muitas vezes. Só então, diante das provas que lhes ofereceu e às quais Lucas e João se referem nas suas narrativas, eles se convenceram.

Mas, ignorando a *natureza* do corpo de Jesus, a existência da *tangibilidade*, desconhecendo-Ihe as causas e os efeitos, assim como o fenômeno espírita, que já vos explicamos, da desaparecimento dos alimentos, acreditaram na ressurreição corporal.

O fato predominou de modo a não deixar lugar para o raciocínio. Tudo aquilo que se lhes afigurava impossível se sumiu, *para eles no "milagre"*, que daí por diante o homem não mais havia de procurar compreender, nem explicar.

Esta idéia se radicou em seus Espíritos desde que, no momento da chamada "ascensão", viram o Mestre elevar-se, "milagrosamente", *no entender deles*, para o céu e desaparecer numa nuvem, que aos seus olhares o ocultou.

Assim se passaram as coisas, porque assim tinha que ser, para que a missão de Jesus frutificasse naquela época e no futuro. Essa crença dos discípulos teve sua razão de ser. Ao homem de então foi dado o que ele podia suportar e às gerações futuras o que elas poderiam *suportar e debater*, sob a influência incessante da lei do progresso, por entre os esforços e as lutas do pensamento, até ao advento da em nova, que diante de vós se abre.

A crença dos apóstolos tinha que servir e serviu de base às controvérsias e às contradições humanas que se suscitaram no correr dos tempos. Essas controvérsias, que *atualmente* só conduzem ou *à fé cega, ou à incredulidade*, prepararam, através dos séculos, os Espíritos para receber e suportar a revelação nova.

A crença numa ressurreição corporal, pela volta do Espírito de Jesus a um corpo material humano, *igual aos vossos, tornado cadáver* por efeito da morte real, qual a sofreis, essa crença, transitória por natureza, como todas as opiniões e interpretações humanas, produziu seus frutos.

Hoje, constitui erro manifesto, em face dos progressos realizados, e se tornou inadmissível, condenada como está pelo princípio da imutabilidade das leis da natureza, por todos os fatos evangélicos que, iluminados com a luz da ciência espírita, servem de base e de fundamento à nova revelação para explicar, *segundo o espírito, em espírito*

e verdade, o que foi a "ressurreição" de Jesus, como se operou com aquele corpo, formado, segundo a letra, por obra do Espírito Santo, isto é: excluídas toda e qualquer ação, toda e qualquer obra humana, pela aplicação e apropriação de leis naturais diversas das que presidem à reprodução na Terra.

As leis naturais são imutáveis, como imutável é a vontade de Deus que as formulou desde toda a eternidade. Deus, portanto, nunca as derroga.

De acordo com essas leis, quando, em consequência da morte real, o Espírito deixou o corpo material humano de que se revestira e que constituía a sua vida, segundo a maneira de ver dos homens, esse corpo, transformado em *cadáver*, pertence *irrevogavelmente* à Terra e, a não ser pela reencarnação, o Espírito não poderá *reviver* corporalmente.

Logo, se Jesus tivesse tido um corpo material, *como os vossos*, impossível fora que esse corpo não se *achasse* mais, morto ou vivo, no sepulcro, quando a pedra que o fechava foi deslocada e derribada, impossível fora que houvesse *desaparecido* de um sepulcro cavado na rocha, dele houvesse saído, estando *chumbada* a pedra *que o tapava*. Fora impossível que, com *semelhante* corpo, Jesus *desaparecesse* da vista dos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús⁴¹, *achando-se* com eles à *mesa*. Fora impossível que houvesse conseguido introduzir-se, entrar, penetrar no aposento onde seus discípulos se tinham reunido, surgir no meio deles que, *de medo dos Judeus, ali se encontravam* a portas fechadas.

Se estivesse revestido de um corpo humano, *idêntico aos vossos*, como, com *tal* corpo, houvera Jesus podido, *no cume* da montanha de Nazaré, *escapar-se, passando por entre eles*, das mãos dos Judeus que, enfurecidos, o levaram preso até àquela

⁴¹ *Evanuit ex oculis eorum.* (LUCAS, cap. XXIV, vv. 29-30.)

altura, para o atirarem dali abaixo?⁴²

Como, com *tal* corpo, houvera podido livrar-se, sair⁴³ das mãos dos Judeus que o cercavam dentro do templo, na galeria de Salomão, munidos de pedras *para o lapidarem?*

Ora, o que teria sido impossível, com um corpo terreno *igual aos vossos, foi possível e natural*, com um corpo fluídico, de natureza perispirítica, que Jesus podia, à sua vontade, tornar visível ou invisível, ao qual podia dar ou retirar a tangibilidade, como e quando lhe aprouvesse. O que só com um corpo desses era possível, pôde-o Jesus: fazê-lo desaparecer do sepulcro, aberto na rocha, estando selada a chumbo a pedra que lhe tapava a entrada; sumir-se da vista dos discípulos que iam para Emaús, estando com eles à mesa; surgir e permanecer entre seus discípulos, no aposento onde estes, de medo dos Judeus, se achavam reunidos a portas fechadas.

A natureza, que agora vos é revelada, do seu corpo tudo explica, de acordo com a ciência espírita. Explica o fato ocorrido no cume da montanha de Nazaré e o que ocorreu no templo, na galeria de Salomão. Explica, por meio da ressurreição e como consequência desta, o desaparecimento do corpo de dentro do sepulcro, as aparições sucessivas a Maria Madalena e às outras mulheres, a Pedro quando voltava do sepulcro, aos dois discípulos que iam para Emaús e aos apóstolos muitas vezes. Explica ainda a sua ascensão para as regiões etéreas, concluída a sua missão terrena.

Igualmente inadmissível é a "ressurreição" se considerada como simples aparição do Espírito que,

⁴² Ver a explicação dada em o n. 70, pág. 376 do 1º volume.

⁴³ Exivit de manibus eorum. (João, X, vv. 23, 24, 31 e 39.)

por efeito da morte real, deixou o seu corpo material, *idêntico aos vossos*.

Conformemente a essa hipótese humana, o corpo de Jesus teria sido um corpo terrestre *qual* os vossos e, pela morte, passara ao estado de *cadáver*.

Mas, então, impossível fora que esse cadáver houvesse desaparecido do sepulcro talhado na rocha, estando chumbada a pedra que lhe fechava a entrada, que não se achasse mais ali, quando essa pedra foi deslocada e derribada. Entretanto, ele lá não estava mais, havia *desaparecido*.

O simples fato desse desaparecimento afasta e condena aquela hipótese humana.

Se o cadáver estivesse no sepulcro quando se deu a deslocação e o derribamento da pedra, teria caído forçosamente em poder dos soldados romanos e dos príncipes dos sacerdotes; teria sido apresentado ao povo, aos apóstolos, aos discípulos que, iludidos com as sucessivas aparições, proclamavam a "*ressurreição*" do Mestre. E Jesus, desde logo, não seria, para toda gente, mais do que um impostor, que prometera "*ressuscitar*" e não cumprira a promessa. Em se dando tal coisa, que seria feito dos apóstolos? Teriam desempenhado seus apostolados, sofrido o martírio, as torturas, os suplícios, afirmando e sustentando que o Mestre ressuscitara? E a missão terrena de Jesus que valor ficaria tendo?

O corpo deste, dissemos, se fosse material *como* os vossos, teria forçosamente caído nas mãos dos soldados romanos e dos príncipes dos sacerdotes. Para que isso não sucedesse fora mister que o tivessem raptado.

Notai, porém, que esta suposição de um rapto, de uma subtração por mãos humanas é a negação de todos os fatos evangélicos, que se encadeiam no seu conjunto e nos seus pormenores, relativos: — à presença do corpo no sepulcro quando a pedra que o fechava foi selada pelos príncipes dos sacer-

dotos e pelos fariseus, na presença e com o auxílio dos soldados destacados para guardá-lo; — ao desaparecimento do corpo estando selada a pedra; — à deslocação e ao derribamento desta; — à ausência do corpo no sepulcro quando esta foi deslocada e derribada; — ao reaparecimento chamado "ressurreição".

O corpo não podia ser raptado. Por quem o seria? Por quaisquer homens? Pelos discípulos? Esta hipótese, já o dissemos e repetimos, cai por si mesma, tal a sua absurdidade. Por outros homens que não os discípulos, nem os príncipes dos sacerdotes, nem os fariseus, nem os principais Judeus? Mas, então, qual o móvel, por que motivo, com que interesse, com que fim?

Em que ocasião os discípulos ou outras quaisquer pessoas o raptariam? Não poderia ser senão após o ter José de Arimatéia depositado no sepulcro e antes ou depois de selada a pedra.

Poderia o rapto dar-se antes de selada a pedra? Não. Em o n. 306 já mostramos que não podia ser e não foi antes de tomada essa precaução pelos príncipes dos sacerdotes.

Poderia dar-se depois? Mas, como? À revelia dos soldados prepostos à guarda do sepulcro, ou com a conivência deles?

A revelia dos soldados e da sentinela sempre vigilante era impossível. A suposição de um rapto quando todos os soldados dormiam, não suporta exame. É, além de impossível, absurda.

Com a conivência dos soldados? Mas, as ordens recebidas, a honra e as responsabilidades militares não poriam obstáculos a que os soldados romanos praticassem *gratuitamente* esse ato culposo? Doutro modo, como haviam de os discípulos, que eram pobres, pescadores, mendigos sem pão e sem teto, corrompê-los, a peso de ouro, por forma a contarem com a discrição e a participação deles, uma vez que, admitido se prestassem ao suborno, fácil lhes seria obter dos príncipes

dos sacerdotes, dos mais eminentes Judeus e dos fariseus enorme recompensa, se afirmassem e provassem que o corpo de Jesus fora subtraído por mãos humanas?

E os discípulos, que contavam com uma ressurreição corporal, iriam fazer-se autores ou cúmplices de uma tramóia para, *em seguida*, afirmarem e sustentarem mentirosamente que aquela ressurreição se dera, citando todos os fatos circunstanciais que lhe dizem respeito? Teriam sido capazes de afirmar e sustentar sua crença, suportando o martírio, todas as torturas, os maiores suplícios, se essa crença tivesse por base a mentira, se eles se tivessem apoderado furtivamente do cadáver e o houvessem enterrado secretamente?

Repetimos: a insinuação de um rapto efetuado pelos discípulos, de qualquer maneira e em qualquer ocasião, se desfaz pela sua própria absurdidade.

Outros, que não os discípulos, nem os príncipes dos sacerdotes, nem os fariseus, nem os mais graduados Judeus, teriam ousado correr os azares e os graves perigos de corromper a peso de ouro, sem motivo e sem interesse, os soldados, quando é indubitável que, dado fossem estes suscetíveis de *corrupção*, poderiam, no caso, levando por diante a indigna especulação, obter nova e maior paga com o afirmarem e provarem que o corpo de Jesus fora subtraído por mãos humanas, com o entregarem mesmo, operada a subtração, os autores dela aos príncipes dos sacerdotes, aos fariseus e aos Judeus mais eminentes?

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus poderiam ter sido os que praticassem o rapto?

Mas, se eles tivessem roubado o corpo de Jesus, tê-lo-iam feito, não para o destruírem, para o aniquilarem pelo fogo ou de outro modo, e sim para desmascararem as pretensões, tanto dos discípulos, como do Mestre. Toda a conveniência, pois, tinham eles em conservar o corpo, como documento pro-

bante da impostura daqueles. Tê-lo-iam feito desaparecer para impedirem que os discípulos o subtraíssem, mas então, com um objetivo *único*: mostrar ao povo aquele corpo *mutilado, em decomposição*, porquanto, *para eles*, como *para todos os homens da época* e das que se seguiram até aos dias da revelação atual, o corpo de Jesus era terreno, igual aos outros corpos humanos, caso os discípulos pretendessem espalhar o boato da "ressurreição". Desmascarar-lhes a impostura, possuir arma segura contra os inimigos da fé que professavam, tal a única razão que eles teriam para roubar o corpo, antes que os discípulos o subtraíssem.

Fizeram, porém, isso? Perseguraram os discípulos por fomentarem erros entre o povo? Apresentaram prova de embuste contra eles? Não. Subornaram os soldados para que imputassem o desaparecimento do corpo de Jesus a seus discípulos. Mas, mesmo por este fato, que era uma transgressão das leis, o da violação da sepultura, os discípulos foram perseguidos? Não. Não eram, todavia, a indulgência, nem a longanimidade que paralisavam os braços dos juízes de Israel. Era o terror, pois eles estavam plenamente convencidos de que o corpo não fora roubado e que, no entanto, desaparecera!

À luz da verdade agora revelada, tudo, como se vê, no conjunto dos fatos relativos à "ressurreição" do Cristo, é harmonia perfeita. Nenhum dos problemas concernentes a essa "ressurreição" a revelação nova deixa sem solução.

E esta hipótese da parte dos Espíritas: — Se o corpo de Jesus tivesse sido um corpo terrestre — e se os anjos ou espíritos superiores tivessem podido torná-lo invisível, levá-lo e o tivessem levado — no momento mesmo em que a pedra foi erguida

e derrubada, seria a *priori*, *inadmissível e falsa*; ela deve, com efeito, ser *afastada como tal*, — em presença da revelação feita pelo anjo a Maria, depois a José; revelação que então seria mentirosa, que não o pode ser, emanando de um enviado de Deus, e que deve ser interpretada, explicada *segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade*, segundo o curso de leis da natureza e não rejeitada. (Ver *supra*, 3^o vol., págs. 417-418; — 1^o vol., págs. 153 a 168; 191 a 208; 242 a 248; 282 a 307; 338 a 374; — 4^o vol., págs. 82 a 86; 104 a 107; 111 a 119.)

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, XX, 1:18.

NOTA DA EDITORA — Este último parágrafo, omitido pela revisão nos originais da obra francesa, foi reposto pelo próprio J.-B. Roustaing, conforme carta por ele dirigida à "Revue Spirite", de Allan Kardec, e aí registada a págs. 31/32 do número de janeiro de 1867.

**MARCOS, Cap. XVI, w. 12-13. —
LUCAS, Cap. XXIV, w. 13-35**

Aparição de Jesus aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús. — Jesus, estando com eles à mesa, lhes desaparece das vistas

MARCOS: V. 12. Depois disso, apareceu sob *outra forma*, a dois deles que iam para o campo. — 13. Os dois foram comunicá-lo aos outros discípulos que também lhes não deram crédito.

LUCAS : V. 13. No mesmo dia, iam dois deles a caminho de uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios⁴⁴, — 14, falando um com o outro de tudo o que se tinha passado. — 15. Aconteceu que, indo os dois assim a conversar e discutir, Jesus se aproximou deles e os foi acompanhando. — 16. Mas os olhos de ambos foram como que fechados, a fim de o não poderem reconhecer. — 17. E Jesus lhes perguntou: De que ides falando um com o outro a caminhar e porque estais tristes? — 18. Um deles, chamado Cleofas, respondeu: Serás tu o único forasteiro em Jerusalém que não saiba o que ali se tem dado nestes dias? — 19. Jesus retrucou: Que foi? Eles responderam: O que sucedeu a Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo, — 20, e de que maneira os príncipes dos sacerdotes e os anciães o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram? — 21. Ora, nós esperávamos fosse ele quem resgatasse a Israel; entretanto, já hoje é o terceiro dia depois que todas essas coisas se deram. — 22. Verdade é que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos encheram de espanto, porque, tendo ido de madrugada ao sepulcro, — 23, voltaram dizendo não terem achado o seu corpo e terem visto anjos que lhes disseram estar ele vivo. — 24. Alguns dos nossos também foram ao sepulcro e acharam que

⁴⁴ O estádio era uma medida itinerária de 185 metros.

era assim como as mulheres haviam dito, mas a ele não o encontraram. — 25. Exclamou então Jesus: Oh! estultos e de corações tardos em crer tudo que os profetas anunciaram! — 26. Não importava que o Cristo sofresse todas essas coisas e assim entrasse na sua glória? — 27. E, a começar de Moisés, referiu-se a todos os profetas, explicando-lhes o que dele se achava dito em todas as escrituras. — 28. Ao aproximarem-se da aldeia para onde se dirigiam, deu ele a perceber que ia para mais longe. — 29. Os dois, porém, o constrangeram a parar ali, dizendo: Fica conosco, pois que é tarde, o dia já vai declinando. Jesus entrou com eles. — 30. Estando os três à mesa, Jesus tomou do pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu. — 31. Nesse momento os olhos se lhes abriram e ambos o reconheceram. Logo, porém, ele desapareceu de suas vistas. — 32. Um ao outro disseram então: Não é que se nos abrasavam os corações quando ele nos vinha falando pelo caminho, a nos explicar as escrituras? — 33. No mesmo instante ergueram-se, voltaram para Jerusalém e foram ter com os onze apóstolos que se achavam reunidos, juntamente com os que os acompanhavam. — 34. E disseram: Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão. — 35. E narraram o que lhes sucedera em caminho e como o tinham reconhecido quando ele partia o pão.

N. 308. A aparição de Jesus aos dois discípulos, que eram inconscientemente médiuns videntes e audientes, foi visível, tangível e *audível*.

De certo percebeis as *fases* dessa aparição e os meios pelos quais se produziu, assim como a *desaparição* do Mestre, da vista dos dois discípulos, quando *com estes se achava à mesa*.

A ciência espírita vos faculta elementos para tudo compreenderdes e explicardes a esse respeito.

Para o fim de aparecer aos dois discípulos e de caminhar ao lado deles pela estrada, Jesus tornou tangível o seu corpo fluídico, de natureza perispiritica.

Os olhos de ambos, diz o evangelista, foram como que fechados, a fim de não o poderem reco-

nhecer. Quer isto dizer que Jesus se lhes apresentou com uma fisionomia diferente da que eles conheciam e estavam acostumados a ver. Só quando se achou à mesa na companhia dos dois, os *olhos destes se abriram e eles o reconheceram*. É que só nesse momento a figura habitual do *Mestre* se lhes mostrou, só então o Cristo se lhes apresentou como eles o conheciam e tinham sempre visto.

Quanto ao fato de o ouvirem os dois discípulos, já o explicamos no n. 307, tratando das aparições a Maria Madalena e às outras mulheres. Não era fácil a Jesus conseguir que os dois ouvissem o que lhes ele queria dizer, sem precisar para isso de recorrer à palavra articulada, só com o fazer que seus pensamentos repercutissem tão profundamente no íntimo de ambos que os levassem a supor que estavam ouvindo com o sentido material ?

Tais fatos são comuns. Não sentis às vezes que vos tocam, sem que entretanto mão alguma material pouse sobre vós? Não escutais por vezes um ruído, sem que, entretanto, descubrais ao vosso derredor coisa alguma que o possa produzir?

Os dois discípulos, que eram, inconscientemente, médiuns, não só videntes, mas também audientes, receberam a impressão das palavras de Jesus e acreditaram que as tinham escutado, como sucede quando supondes que alguém vos falou enquanto dormíeis.

Fora inútil pronunciar palavras, para falar-lhes, uma vez que bastava aquele outro meio, mais natural, dadas as *disposições* especiais dos dois discípulos.

Para mais os impressionar, para melhor gravar em seus Espíritos o que lhes dissera foi que Jesus lhes falou antes de se dar a conhecer e nas circunstâncias que precederam ao seu reconhecimento por parte deles, *estando os três à mesa*; e foi também que tomou do pão, o partiu e abençoou, no

momento em que os dois o reconheceram, desaparecendo-lhes das vistas em seguida.

Apenas sobre dois pontos do colóquio havido entre Jesus e os discípulos convém chamemos a vossa atenção, dando-vos explicações que vos façam compreender-lhes o sentido, em espírito e verdade.

Não era preciso, disse-lhes Jesus, "que o Cristo sofresse todas essas coisas e assim entrasse na sua glória?" Por estas palavras, aludia ele à natureza humana que lhe atribuíam. Para aqueles dois discípulos, como para os apóstolos e o povo, ele era um homem *igual aos outros*, "um profeta poderoso em obras diante de Deus e diante dos homens" e ao qual haviam estes de atribuir mais tarde a divindade. A crença humana nessa divindade *tinha, como sabeis*, que subsistir, sob o império e o véu *da letra*, até que a natureza e a origem espirituais de Jesus, sua posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta, a natureza do corpo de que se revestira, a fim de aparecer e estar na Terra, fossem, *segundo o espírito*, desvendadas pela revelação *nova*, pela revelação da revelação, que hoje vos é trazida. Jesus, *ignorado* dos homens até ao dia em que ressuscitou, lhes fez *então* sentir sua influência e sua proteção. Só a partir desse momento seu nome e sobretudo suas obras se tornaram conhecidos e divulgados pela Terra.

Ao aproximarem-se da aldeia para onde se dirigiam, deu ele a perceber que ia mais longe. Se, sem esperar que o convidassem, houvera entrado onde os dois depois entraram, Jesus lhes teria igualmente ferido a imaginação por meio do que se ia seguir; mas, dando a perceber que ia mais longe, pôs em prova a caridade deles para com um desconhecido que a noite surpreenderia em viagem. Assim, houve no fato uma lição e um exemplo dados aos homens.

Para ser reconhecido, no momento em que partiu o pão, Jesus fez que cessasse a tangibilidade do seu corpo fluídico e deu a este os traços, a aparência humana que eram familiares aos dois discípulos e, restituindo-lhe, sob esse novo aspecto, a tangibilidade, partiu o pão.

Para lhes *desaparecer das vistas, novamente* fez que cessasse a tangibilidade do seu corpo de natureza perispirítica, e o tornou invisível, voltando esse corpo, como já muitas vezes temos explicado, ao espaço, onde ficou até à aparição subsequente. Tudo, no tocante ao seu reconhecimento pelos dois discípulos, à partição do pão e à desapareição, tudo *foi instantâneo e se passou quando o Mestre se achava com eles à mesa.*

A maneira por que Jesus partiu o pão lhes lembrou o que *já de outras vezes* fizera na presença deles. E isso ocorreu, repetimos, no momento em que o Mestre retomou *instantaneamente* o seu aspecto habitual.

A aparição a Pedro se verificou quando este, voltando da visita que fizera ao sepulcro, procurava a solução do problema que lhe era incompreensível. Foi uma aparição simples, isto é: apenas visível. Jesus apareceu e desapareceu de repente à vista mediúnica, de Pedro, pois, como sabeis, esse apóstolo era médium vidente.

**MARCOS, Cap. XVI, v. 14. —
LUCAS, Cap. XXIV, vv. 36-49**

Aparição de Jesus aos apóstolos

MARCOS : V. 14. Ele apareceu, finalmente, aos onze quando estavam à mesa e lhes exprobou a incredulidade e a dureza dos corações, por não terem crido nos que tinham visto que ele ressuscitara.

LUCAS: V. 36. Quando ainda falavam desses fatos, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco; sou eu; não temais. — 37. Eles, porém, espantados e perturbados, imaginaram estar vendo um Espírito. — 38. Disse-lhes então Jesus: Porque vos turbais e se levantam tantas dúvidas em vossos corações? — 39. Vede minhas mãos e meus pés e reconhecei que sou eu mesmo; apalpai-me e lembrai-vos de que um Espírito não tem carne, nem ossos, como vedes que tenho. — 40. E, dizendo isso, lhes mostrou as mãos e os pés. — 41. Como, todavia, ainda não acreditassem, tantos eram neles a alegria e o espanto, Jesus lhes perguntou: Tendes aqui alguma coisa que se possa comer? — 42. Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. — 43. Ele comeu diante de todos e, pegando do que sobrara, lhes deu; — 44, dizendo: Lembrai-vos de que, quando ainda estava convosco, eu vos disse ser necessário se cumprisse tudo quanto de mim fora escrito na lei de Moisés, nas profecias e nos Salmos. — 45. No mesmo instante lhes abriu o espírito, a fim de que compreendessem as Escrituras. — 46. E lhes disse: Assim é que, estando isso escrito, importava que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; — 47, e que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. — 48. Ora, sois testemunhas destas coisas. — 49. Vou mandar-vos o dom de meu pai, que vos foi prometido; permaneçei, entretanto, na cidade, até que sejais revestidos do poder do alto.

N. 309. Nos atos de Jesus nada há que vos deva surpreender. Não lhe cumpria firmar nos homens a idéia de que seu corpo era de natureza *material*, humana? Não lhe cumpria, para incrementar neles o reconhecimento que seu "sacrifício" devia inspirar, pôr *materialmente* esse sacrifício ao alcance da inteligência de homens materiais?

Deixasse ele que a sua origem espírita fosse compreendida, mostrasse-se a seus discípulos sob uma forma meramente fluídica e aqueles homens supersticiosos ficariam aterrados. Lembrando-se da proibição que tinham de evocar os mortos, acreditariam haver transgredido as prescrições das leis de Moisés. E, então, Jesus seria classificado entre os espectros que saem dos túmulos e incluído na categoria humana. A tangibilidade, porém, cujas causas e existência eles ignoravam, lhes impressionou os Espíritos, impedindo que tal se desse.

Jesus, portanto, para os convencer, lhes forneceu todas as provas necessárias, inclusive a de tomar alimentos, que *desapareceriam* pela maneira que já muitas vezes vos explicamos.

Admiti que ele se houvesse mostrado tal qual era. Que de explicações não fora preciso dar! *E quais teriam sido as conseqüências?*

Que arma perigosa não viera a ser nas mãos dos homens de então a *ciência espírita*, da qual vós mesmos *tão triste uso* ainda fazeis?

Preciso era fosse *cega a fé*, até que os olhos da alma se tornassem bastante fortes a poderem abrir-se *para a luz*.

Aqui, como em todos os casos idênticos, as narrações evangélicas se explicam e completam reciprocamente. As de Marcos e Lucas não devem ser separadas da de João (cap. XX, vv. 19-23 e 24-29).

Marcos se limita a mencionar a aparição de Jesus aos onze apóstolos, sem se ocupar com as sucessivas aparições verificadas antes do momento

da chamada ascensão e com o modo por que se produziram.

A que Lucas aqui relata é a primeira que João também refere (cap. XX, vv. 19-23). As duas narrações se completam mutuamente. *Apenas*, Lucas *omitiu* a aparição que se produziu *oito dias depois, estando presente Tomé*. Em conseqüência dessa omissão foi que deu como presente os onze, por ocasião da de que trata no ponto que estamos apreciando. Tomé viu o Mestre, como os dez outros apóstolos. Mas, conforme narra João, só o viu quando daquela segunda aparição, realizada oito dias após a primeira. Não vos detenhais, porém, nessas minúcias pueris e secundárias, de nenhuma importância para a obra de regeneração que Jesus veio executar, desempenhando a sua missão terrena.

Estas palavras de Marcos, (v. 14): "E lhes exprobrou a incredulidade e a dureza dos corações por não terem crido nos que tinham visto que ele ressuscitara", registram a exprobração que Jesus dirigiu, de modo geral, aos onze apóstolos, em razão de não terem dado crédito ao que lhes referiram Maria Madalena e as outras mulheres, assim como os dois discípulos que iam para Emaús, e, de modo especial, a Tomé, por não ter acreditado no que lhe relataram os outros apóstolos.

Chamamos a vossa atenção para dois pontos. "Jesus se apresentou *no meio dos* discípulos, estando eles reunidos, *no lugar onde se achavam, a portas fechadas, de medo dos Judeus*". Quer isso dizer que ali entrou, penetrou, se introduziu com o seu corpo fluídico, tal qual sucede nos casos. de aparições de Espíritos quaisquer, e que, instantaneamente, no momento mesmo em que se *tornava* visível a todos, deu ao seu corpo aparente a *tangibilidade*.

"A paz seja convosco", disse, "não temais". Eles, porém, espantados e perturbados, "imagina-

vam estar vendo um Espírito". Disse-lhes então Jesus: "Porque vos turbais e se levantam tantas dúvidas em vossos corações?"

Os discípulos ignoravam a existência da *tangibilidade e as suas causas*, mas tinham conhecimento *das aparições de Espíritos*.

Na ocasião em que Jesus se lhes apresentou daquele modo, ainda estavam sob a impressão do que tinham ouvido acerca das aparições a Pedro e aos dois que iam para Emaús, das aparições a Maria Madalena e às outras mulheres. Assim sendo, ao verem o Mestre surgir de súbito no meio deles, estando fechadas as portas, ficaram perturbados e tomados de assombro. Cada um mentalmente perguntava a si mesmo se seria de fato Jesus "ressuscitado", ou, se, ao contrário, seria a aparição de um Espírito qualquer, excluída toda idéia de ressurreição. Dada a perturbação em que se achavam, esta última hipótese era a que predominava em seus Espíritos.

Foi então que Jesus, como se vos disse, lhes deu, por fatos e palavras, todas as provas necessárias a convencê-los.

Era mister que assim procedesse, a fim de atender àquela época e preservar, salvaguardar o futuro, para a revelação atual, então vindoura, que ao mesmo tempo explicaria, assim os fenômenos que se produziram quando da aparição de que tratamos, como a natureza do corpo que ele tomou para desempenhar a sua missão terrena.

Disse-lhes ele também: "Vou mandar-vos o dom de meu pai, que vos foi prometido; permaneci, entretanto, na cidade até que sejais revestidos do poder do alto". Dessa maneira, sob o véu da letra, o Mestre os prevenia de que lhes enviaria em breve, debaixo da forma visível de línguas de fogo, os Espíritos superiores que os assistiriam no desempenho de suas missões. Esse é que era o dom do pai, o poder do alto. Recomendava-lhes igualmente que, quando os houvesse deixado, ele-

vando-se para o céu, quando houvesse assim desaparecido das vistas humanas, voltassem a Jerusalém e lá permanecessem até que fossem revestidos daquele poder do alto.

NOTA DA EDITORA — *Convém* ver: João, capítulo XX, vv. 19-31.

**MATEUS, Cap. XXVIII, vv. 16-20. —
 MARCOS, Cap. XVI, vv. 15-20. —
 LUCAS, Cap. XXIV, vv. 50-53**

Novas e sucessivas aparições aos discípulos. Volta de Jesus à natureza espiritual que lhe era própria, nas regiões etéreas, volta essa chamada: ascensão — Concordância estabelecida a esse respeito entre as narrações evangélicas, que se explicam e completam umas pelas outras

MATEUS: V. 16. Partiram, pois, os onze discípulos para o monte da Galiléia, onde Jesus lhes determinara que se achassem. — 17. E, vendo-o lá, eles o adoraram, se bem que alguns ainda tivessem dúvidas.

18. Aproximando-se, porém, deles, disse-lhes Jesus: Todo poder me foi dado no céu e na terra. — 19. Ide, pois, e ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; — 20, instruindo-os na observância de todas as coisas que vos tenho prescrito e ficai certos de que estarei convosco até à consumação dos séculos.

MARCOS: V. 15. E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. — 16. O que crer e for batizado será salvo; mas o que não crer será condenado. — 17. Aos que creem acompanharão estes milagres: expulsarão os demônios em meu nome, falarão novas línguas; — 18, pegarão nas serpentes e, se beberem qualquer bebida mortal, esta nenhum mal lhes fará; imporão as mãos nos enfermos e estes sararão. — 19. Depois de lhes ter assim falado, o Senhor Jesus ascendeu ao céu, onde está assentado à direita de Deus. — 20. Os discípulos partiram e pregaram por toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando-lhes a palavra pelos atos que se lhes seguiam.

LUCAS: V. 50. Depois do que, levou-os fora dali a Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou. — 51. E sucedeu que, enquanto os abençoava, se afastou deles

e se elevou ao céu. — 52. Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram a Jerusalém cheios de alegria. — 53. E estavam sempre no templo louvando e bendizendo a Deus. AMEN.

N. 310. Ainda aqui as narrações evangélicas de Mateus, Marco e Lucas não devem ser isoladas umas das outras, nem da aparição de Jesus à margem do lago de Tiberíades (João, cap. XXI, vv. 1-22). Coordenando-as e pondo-as em concordância, elas têm que ser explicadas e completadas umas pelas outras.

Após a sua segunda aparição aos discípulos, achando-se presente Tomé (João, XX, vv. 24-29), Jesus os conduziu a Betânia, onde, erguendo as mãos, os abençoou (Lucas, v. 50). Aí é que lhes determinou fossem para o monte da Galiléia, onde o veriam novamente (Mateus, v. 16). *Lá, na Galiléia*, foi que, abençoando-os, deles se separou. Foi ainda lá que os discípulos, ao verem-no, o adoraram e que ele se elevou para o céu. De lá é que eles, depois de o terem adorado, voltaram a Jerusalém, cheios de alegria. (Lucas, v. 51; Mateus, v. 17; Lucas, v. 53)

Quando os discípulos, partindo de diversos pontos, iam a caminho da Galiléia, a fim de aí se reunirem, foi que, à margem do lago Tiberíades, se deu a aparição de Jesus a Simão Pedro, a Tomé apelidado Dídimo, a Natanael nascido em Caná na Galiléia, aos filhos de Zebedeu e aos dois outros discípulos, os quais todos tinham ido pescar juntos.

As palavras de Jesus, que Mateus (vv. 18, 19, 20) e Marcos (vv. 15-19) registraram, ele as pronunciou no monte. Depois de as haver proferido, foi que ergueu as mãos e os abençoou e que, abençoando-os, se elevou para o céu. (Marcos, v. 19; Lucas, vv. 50-51.)

Em seguida, após terem adorado a Jesus, os discípulos voltaram a Jerusalém, conforme narra Lucas (v. 52), omitindo, como os outros evange-

listas, quanto se passou depois da ascensão⁴⁵, e que tudo, sob a influência mediúnica, seria inserto em a narrativa dos *Atos dos Apóstolos*. Exceção feita da estada no monte das Oliveiras, que mais tarde teve menção, foram omitidos os pormenores daquele regresso⁴⁶, por secundários e inúteis, do ponto de vista do que tinha de ser transmitido aos homens da época e às futuras gerações.

Nem todas as aparições de Jesus, assim como nem tudo o que ele fez os evangelistas relataram minuciosamente. Só narraram o que era preciso, para que a missão terrena do Mestre desse os resultados que devia dar, produzisse os frutos que devia produzir, então e no futuro. João vos preveniu disso. (Cap. XX, v. 30 e XXI, v. 25.)

Foi julgado bastante que os homens soubessem, além do que consta nas narrações evangélicas⁴⁷, que Jesus, durante quarenta dias após a ressurreição apareceu aos apóstolos e lhes falou do reino de Deus.

Para se separar deles, de cada vez que lhes aparecia, o Mestre, bem o deveis compreender, fazia o que tantas vezes fizera, antes do sacrifício do Gólgota.

Diz Mateus (v. 17) que os onze apóstolos, ao verem Jesus, no monte, o adoraram, *se bem que alguns ainda se achassem duvidosos*. Estas últimas palavras, como bem o deveis compreender igualmente, não se referiam aos apóstolos, que todos já então estavam convencidos e que, ao verem-no, o adoraram.

Os onze não se encontravam sós no monte. Seguiram-os uma multidão de pessoas. Algumas destas, que da "ressurreição" de Jesus e de suas sucessivas aparições só sabiam o que tinham ou-

⁴⁵ Atos dos Apóstolos, cap. I, vv. 10 e 11.

⁴⁶ Idem, cap. I, v. 12.

⁴⁷ Idem, cap. I, v. 3.

vido dizer, que nada ainda tinham visto, é que se mostravam duvidosos. Mas, o que iam ouvir e ver, sendo de molde a confirmar, de maneira frisante, o que lhes fora dito, dissiparia nelas toda a dúvida e lhes daria a fé que já animava os apóstolos.

Aproximando-se dos discípulos e dirigindo-se a todos eles, Jesus lhes disse:

Todo poder me foi dado no céu e na terra.

Assim falando, aludia, *segundo o espírito*, à sua posição, como protetor e governador do vosso planeta, à onipotência que lhe fora dada sobre todos os Espíritos encarnados e errantes.

"Ide, pois, e ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, instruindo-os na observância de todas as coisas que vos tenho prescrito e ficai certos de que estarei convosco até à consumação dos séculos."

Feito *em nome do Pai*, o batismo invocava o Ser supremo que, no infinito e na eternidade, preside a todos os universos. *Em nome do Filho*, chamava a atenção sobre aquele que vela pela sorte do vosso planeta, filho de Deus *pela sua pureza perfeita, vosso Senhor pelo seu poder*. *Em nome do Espírito Santo*, constituía um apelo dirigido à inteligência secreta que procede do Criador e se vos manifesta, *por intermédio dos bons Espíritos*, nos efeitos espíritas, *ensinando-vos*, em espírito e em verdade, a justiça, o amor e a caridade, todas as virtudes e todos os deveres, de ordem material, de ordem moral e de ordem intelectual, inspirando-vos a prática desses deveres e virtudes, *trazendo-vos a luz e a verdade*, por inspiração e comunicação mediúnica.

Dissemos acima: *por intermédio dos bons Espíritos*. Efetivamente, por *Espírito Santo* deveis entender os Espíritos *bons*, quaisquer que sejam

o grau de elevação que hajam alcançado e a categoria a que pertençam na hierarquia espírita. A *má* inspiração ou a má comunicação não podem provir de um bom Espírito. Estes, quando não são bastante elevados para vos darem a luz e a verdade na medida do que *possais* e *devais* receber e suportar, têm a ampará-los e auxiliá-los Espíritos mais elevados e que, a seu turno, se preciso for, receberão amparo e auxílio dos Espíritos superiores, segundo a escala hierárquica. *É assim* que, vindo de Deus por intermédio dos puros Espíritos, que dele a recebem diretamente, a inspiração vos é transmitida através duma escala descendente. Ou, então, os Espíritos *bons* se eclipsam diante dos mais elevados do que eles, dos que o sejam bastante para eclipsá-los, pois que os *bons Espíritos*, seja qual for a posição que ocupem na hierarquia espírita, são sempre os órgãos da verdade relativa à inteligência do homem, na medida do que este pode suportar e compreender. O erro e a mentira, tendo por fim enganar os homens, são apanágio exclusivo dos Espíritos *maus*, dos Espíritos *inferiores*, dos Espíritos de *trevas*.

O batismo era o símbolo *material* da aliança entre os cristãos.

O batismo que Jesus prescrevia a seus discípulos que administrassem era, ao mesmo tempo, da água e o do Espírito Santo. O *primeiro* só se administrava, *como símbolo*, ao adulto consciente de seus atos. O *segundo* se seguia ao outro, *de acordo com o mérito do neófito*. A assistência dos *bons Espíritos* era sempre invocada, em tal caso, sob a designação de *Espírito Santo*, pelos que batizavam.

O da água, *transitório*, como símbolo *material*, que é, *de aliança* sob o reinado *da letra*, precursor do advento *do espírito*, tem que cessar e desaparecer, para que subsista unicamente o do *Espírito Santo*, que o homem dará a si mesmo alcançando a assistência, a proteção e a inspiração dos *bons*

Espíritos, pela observância ou pelo esforço constante para observar, *segundo o Espírito da Verdade*, todos os mandamentos de Jesus.

Estas palavras: "*E ficai certos de que estarei sempre convosco até à consumação dos séculos*", disse-as Jesus com referência a sua missão de Espírito protetor e governador da Terra, missão que começou quando da formação do vosso planeta e ultrapassará os séculos dos séculos.

Elas compreendiam a época de então e o futuro. Aplicavam-se e se aplicaram, anteriormente à sua missão terrena, como se aplicam hoje e se aplicarão no futuro, a todos os que, abstração feita da diversidade dos cultos exteriores, praticarem ou se esforçarem constantemente por praticar o amor ao Criador e o amor ao próximo como a si mesmos, mediante a humildade do Espírito, a simplicidade do coração, a abnegação, o devotamento, a caridade para com todos, no terreno material, no terreno moral e no intelectual, pois que *assim* e só assim é que os homens são verdadeiramente discípulos de Jesus.

A missão, que o Mestre confiou a seus discípulos, de irem instruir todos os povos e ensinar-lhes a observância de tudo o que lhes ele prescrevera, não constituiu naquele momento e não se destinava a constituir jamais, nem hoje, nem no futuro, um monopólio, ou um privilégio para alguns.

O seu pensamento foi, *em espírito e em verdade*, dirigir então, como ainda agora dirige, um apelo a todos os homens de boa-vontade, feita abstração dos cultos exteriores e dos costumes, um convite para que instruassem os povos acerca de tudo quanto concerne ao progresso do espírito humano, progresso moral, físico e intelectual, ensinando-lhes, *pela palavra e pelo exemplo*, todos os seus mandamentos que, constituindo *toda a lei* e dos *profetas*, se resumem neste: amar a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si

mesmo. Duplo mandamento é este dado aos homens a fim de que, praticando-o *em espírito e verdade*, em toda a sua extensão e sob todos os seus aspectos, todos sejam um pela solidariedade e pela fraternidade, amando-se *uns aos outros*, cada um procedendo sempre com os outros, em quaisquer circunstâncias, como quereria que para consigo todos procedessem.

"Ide por todo o mundo, disse Jesus a seus discípulos, pregar o Evangelho a toda criatura."

Façam os homens os esforços que fizerem para restringir a luz, só *deixando* que brilhem os *raios* de que eles queiram dispor, a palavra do Mestre tem que se estender e se fazer ouvida por sobre todos os pontos do globo terráqueo. Mas, para que dê *frutos*, para que seja *aceita*, preciso é lhe sirva de apoio uma fé viva, forte, inabalável. Necessário é que um vão orgulho não estabeleça entre os homens *diferenças de credos, de dogmas, de religião*.

O Cristianismo do Cristo é um só e único para a humanidade que habita o vosso planeta e consiste na prática da caridade sob todas as formas. Aquele que atinge esse ponto difícil é cristão, cristão segundo o *Cristo*, e do número dos que verdadeiramente caminham *nas sendas por ele traçadas*.

"O que crer e for batizado será salvo, mas o que não crer será condenado."

Ser *batizado* (ato *material*, destinado a dar à *matéria* um sinal visível, hoje — ato *moral*) é colocar-se a criatura, verdadeiramente, sob a proteção de Deus, sob a do Mestre, protetor e governador do planeta, e sob a influência, a inspiração dos bons Espíritos do Senhor. Mas, para que esse batismo *exista*, para que seja *recebido*, mister se

faz que quem o pede tenha fé. Sem esta, de que lhe ele serviria? A fé, irmã da esperança e, como esta, filha da caridade e do amor; a fé que conduz às *obras*, a fé aliada às *obras* e consumada *nelas*.

Aquele que crê desse modo é *salvo*. Quer dizer: não tendo mais que sofrer a expiação reservada ao Espírito culposo, a reencarnação *expiatória*, vê abrir-se para si, pela reencarnação em um mundo mais elevado do que o planeta onde até então encarnara, novas veredas de purificação e progresso.

O que não crê desse modo, o que não pratica a moral simples e sublime que Jesus personifica, é "*condenado*". Quer isto dizer que, depois de haver sofrido, na erraticidade, a expiação proporcionada e apropriada às faltas ou aos crimes cometidos, sofre a reencarnação, *expiatória*, com o fim de reparar aqueles crimes e faltas e progredir, recomeçando o que deixou por fazer.

"Aos que crerem acompanharão estes milagres: *expulsarão os demônios* EM MEU NOME."

Porque terão a assistência, o auxílio, o concurso dos Espíritos superiores, sustentados estes, se for preciso, pelos puros Espíritos, os quais todos têm poder de afastar dos obsidiados e subjugados, instantaneamente, os maus Espíritos.

"Falarão novas línguas."

Tornando-se médiuns falantes *pela* influência e ação fluídica dos bons Espíritos.

"Pegarão nas serpentes e, se beberem qualquer bebida mortal, esta nenhum mal lhes fará."

Anulando, os Espíritos protetores, por meios fluídicos, a ação mortífera do veneno, empregando, invisivelmente, com esse fim, fluidos apropriados a tal efeito. Não neguem, nem zombem disto

os vossos fisiologistas e químicos, que se julgam tão sábios, mas que ainda ignoram completamente a natureza dos fluidos, suas propriedades ativas, suas combinações e os efeitos dessas combinações.

Longe estão e ainda por largo tempo estarão longe de conhecer o poder e o segredo da criação na ordem fluídica.

Muito tem a humanidade terrena que trabalhar, que progredir, que adquirir moralmente e intelectualmente, antes de lá chegar. Cada vez mais ireis aprendendo, à medida que, com humildade de espírito, simplicidade de coração, caridade, amor e desejo de progredir, fordes avançando, pelo trabalho, nas sendas da luz, da ciência, da verdade e, por conseguinte, na do conhecimento das leis naturais que regem os fluidos, suas propriedades de ação e seus efeitos.

Imporão as mãos nos enfermos e estes SARARÃO."

Pela assistência e pelo concurso invisíveis dos bons Espíritos, que podem, conforme aos casos, usar dos fluidos purificadores, regeneradores, ou fortificantes, apropriados à cura instantânea. Por efeito da vontade do homem e mediante a imposição das mãos, o magnetismo humano atua, sob a influência e a ação oculta do magnetismo espiritual.

Eram de atualidade essas palavras de Jesus (Marcos, vv. 17 e 18), ou, pelo menos, alcançavam um futuro então próximo e se cumpriram. Dão disso testemunho os Atos dos Apóstolos.⁴⁸

Eram e ainda são palavras *de futuro*, pois que os fatos de que os apóstolos foram os autores se reproduzirão, a seu tempo, entre vós.

⁴⁸ Atos dos Apóstolos, cap. I, v. 1:4; cap. III, vv. 1-11; cap. V, vv. 12-16; cap. VI, v. 8; cap. IX, vv. 31-42; cap. XIV, vv. 7-17; cap. XIX, vv. 11-12; capítulo XXVIII, vv. 3-10.

*Jesus se elevou para o céu e entrou numa nuvem que o ocultou às vistas deles.*⁴⁹

Jesus se elevou na imensidade do espaço, privando o seu corpo fluídico da tangibilidade, mas conservando-o sempre visível. Quando desapareceu na nuvem que, sob a ação espírita, se formara de fluidos opacos e que o ocultou às vistas dos que presenciavam o fato, ele restituiu às regiões donde os tirara os fluidos que eram os elementos, os princípios componentes daquele corpo de natureza perispirítica, visível e tangível sob a aparência do corpo humano e que constituía a sua vida *segundo o modo de ver dos homens*, corpo que, *para estes*, era material e que lhe servira a ele para desempenhar na Terra a sua missão superior.

"Elevou-se assim para o céu, onde está sentado à direita da majestade de Deus."

Deveis compreender que o lugar ocupado por Jesus não é o que os homens lhe designaram para permanecer inerte na eternidade. A direita, aqui, indica o lugar de honra, de acordo com as vossas idéias humanas. Encarregado do vosso desenvolvimento e do vosso progresso, Jesus continua, como um dos primeiros ministros de Deus, a desempenhar na imensidade a sua missão de protetor e governador do vosso planeta, tendo por objetivo a depuração e transformação deste e da humanidade que o habita.

Depois de haver, como já o explicamos, levado o globo terráqueo do estado fluídico incandescente ao período material que ainda está atravessando, ele baixou à Terra com o corpo fluídico, apto a longa tangibilidade, de harmonia *com a sua natureza espiritual*, mas também relativamente harmônico com o vosso planeta.

Conforme prometeu e predisse e o disseram aos discípulos "os dois homens vestidos de branco que

⁴⁹ Atos dos Apóstolos, cap. I, v. 9.

repentinamente se *apresentaram* diante deles⁵⁰ (1), isto é: os dois Espíritos superiores que lhes foram enviados, Jesus virá de novo à Terra, descendo do céu *da mesma forma* que os discípulos o viram para lá subir: *no estado espírita*; "descendo do céu *sobre nuvens*", mas, dessa vez, "com grande majestade": — em todo o seu fulgor espírita. Isso se dará quando houver levado o planeta e a humanidade terrenos (como também já vos explicamos) do período material ao extremo limite do período fluídico puro, quando estiverdes perto de atingir a perfeição. Tendo-se tornado verdadeiramente "o seu reino", o planeta em que habitais será levado por ele para as regiões dos fluidos puros, onde ficará constituindo "um dos reinos do pai", aos quais só têm acesso os puros Espíritos, que só eles os podem habitar.

Fim dos três primeiros Evangelhos

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, XXI, 1:25.

⁵⁰ Atos dos Apóstolos, cap. I, vv. 10-11.



4

OS QUATRO EVANGELHOS

Fundamentos da Pentecostologia

J-B. Roustaing

Os Quatro Evangelhos

Livro 4

Conteúdo

Prefácio	68
CAPÍTULO I Vv. 1-18.....	77
CAPÍTULO I Vv. 19-28.....	147
Testemunho que de si e de Jesus dá João respondendo aos sacerdotes e aos levitas que, a mandado dos Judeus, o foram interrogar	147
CAPÍTULO I Vv. 29-34.....	149
Outro testemunho de João. — Jesus Cordeiro de Deus	149
CAPÍTULO I Vv. 35-42.....	151
Dois discípulos de João acompanham a Jesus. André lhe traz Pedro.....	151
CAPÍTULO I Vv. 43-51.....	152
Filipe e Natanael.....	152
CAPÍTULO II Vv. 1-11.....	154
Bodas de Caná. — Fato considerado milagroso	154
CAPÍTULO II Vv. 12-25.....	160
Vendedores expulsos do templo. — Jesus restabelecerá em três dias a vida no seu corpo, se os Judeus lha tirarem, conforme ao entender dos homens. — Conhecimento que ele por si mesmo tinha de tudo o que havia no homem.....	160
CAPÍTULO III Vv. 1-21.....	163
A lei de renascimento. — A reencarnação. Perguntas de Nicodemos a Jesus. Respostas de Jesus	163
CAPÍTULO III Vv. 22-36.....	202
João dá testemunho de Jesus	202
CAPÍTULO IV Vv. 1-26	210
Colóquio de Jesus com a Samaritana. — Água viva que Jesus dá de beber e que se torna, naquele que a bebe, uma fonte que jorra até à vida eterna. — Não mais adorar o pai nem no monte, nem em Jerusalém. — Adoração do pai. — Os verdadeiros adoradores que o pai quer. — Os adoradores do pai em espírito e em verdade. — Jesus declara à Samaritana ser o Messias, isto é, o Cristo. — Sentido, alcance e objetivo destas palavras de Jesus: Deus é Espírito. — Explicação que a	

revelação atual dá de Deus	210
CAPÍTULO IV Vv. 27-42	232
Narrativa da Samaritana. — Os Samaritanos vêm ter com Jesus. — Acreditam nele. — Reconhecem-no como sendo o Salvador do mundo. — Palavras de Jesus a seus discípulos.....	232
CAPÍTULO IV Vv. 43-54	237
Cura do filho de um oficial em Cafarnaum	237
CAPÍTULO V Vv. 1-16	239
Piscina de Betesda. — Cura de um paralítico.....	239
CAPÍTULO V Vv. 17-30	242
Ação incessante do pai. — Ação também incessante de Jesus. — Palavras deste aos Judeus que o acusam de se fazer igual a Deus, porque lhe chama seu pai. — Por essas palavras Jesus afirma, sob o véu da letra, sua inferioridade relativamente a Deus e se declara mero instrumento e ministro das vontades do pai. — Sua posição e seus poderes como Messias. — Quais os frutos que sua missão há de produzir	242
CAPÍTULO V Vv. 31-38	258
Jesus tem um testemunho maior do que o de João. Dele deu testemunho o pai, que o enviou. Suas obras é que dão testemunho dele.....	258
CAPÍTULO V Vv. 39-47	262
As Escrituras dão testemunho de Jesus. — Aquele que crê em Moisés crê em Jesus	262
CAPÍTULO VI Vv. 1-15	273
Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes. Jesus, sabendo que dele querem apoderar-se a fim de o fazerem rei, se retira para o monte, sozinho	273
CAPÍTULO VI Vv. 16-24	275
Jesus caminha sobre o mar	275
CAPÍTULO VI Vv. 25-40	276
A moral que Jesus personifica é a fonte de todo progresso e a senda que leva à perfeição. Ela conduz à libertação das encarnações materiais.....	276
CAPÍTULO VI Vv. 41-51	282
Murmurações dos Judeus contra o que Jesus acabava de dizer. — Palavras veladas de Jesus. — Nenhum	

homem jamais viu a Deus, exceto aquele que nasceu de Deus. — Ninguém pode vir a Jesus, se não for atraído pelo pai que o enviou. — O que nele crê tem a vida eterna. — Ele é o pão que desceu do céu. — Ele é o pão vivo que desceu do céu.....	282
CAPÍTULO VI Vv. 52-59.....	287
A moral que Jesus personifica é figuradamente o pão vivo, sua carne e seu sangue. — Aquele que a pratica tem a vida eterna, isto é, chega à perfeição.....	287
CAPÍTULO VI Vv. 60-72.....	290
Murmurações e deserção de alguns dos discípulos de Jesus, motivadas pelo que ele acabava de dizer. — Palavras de Jesus a Pedro. — Resposta de Pedro. — Palavras de Jesus referentes a Judas Iscariotes.....	290
CAPÍTULO VII Vv. 1-9.....	295
Incredulidade dos parentes de Jesus. — Seu tempo ainda não chegara.....	295
CAPÍTULO VII Vv. 10-53.....	297
Jesus vai secretamente à festa dos Tabernáculos. Lá ensina publicamente. — Palavras suas e dos Judeus acerca da sua origem e da sua missão. — Ninguém lhe põe a mão, porque ainda não chegara a sua hora. — Tentativa infrutífera dos príncipes dos sacerdotes para conseguirem fosse Jesus preso pelos archeiros que eles mandaram ao templo para esse fim. — Palavras dos Fariseus aos archeiros. — Nicodemos toma a defesa de Jesus.....	297
CAPÍTULO VIII Vv. 1-11.....	307
A mulher adúltera.....	307
CAPÍTULO VIII Vv. 12-24.....	309
Prédica de Jesus aos Judeus. — Palavras que só pela nova revelação haviam de ser compreendidas segundo o espírito, em espírito e verdade.....	309
CAPÍTULO VIII Vv. 25-45.....	314
Continuação da prédica de Jesus aos Judeus.....	314
CAPÍTULO VIII Vv. 46-59.....	324
Continuação e fim da prédica de Jesus aos Judeus.....	324
CAPÍTULO IX Vv. 1-12.....	328
Cego de nascença. — Sua cura operada por Jesus.....	328

CAPÍTULO IX Vv. 13-34	332
O cego é levado à presença dos fariseus. — Interrogatório a que o submetem e a que também respondem seu pai e sua mãe. — Sua expulsão depois de injuriado	332
CAPÍTULO IX Vv. 35-41	334
O cego que fora curado, sendo encontrado por Jesus, crê nele. — Palavras que Jesus lhe dirige. — Palavras dos fariseus a Jesus. — Resposta de Jesus	334
CAPÍTULO X Vv. 1-10	338
Parábola da porta do aprisco das ovelhas. — Jesus é a porta	338
CAPÍTULO X Vv. 11-21	343
Jesus é o bom pastor. — São suas ovelhas todos os que praticam a sua moral pura. — Sua missão consiste em levar todos os homens a praticá-la, a fim de que não haja mais do que um rebanho e um só pastor. — Ele tem o poder de deixar a vida e de a retomar; ninguém lha tira, nem lha pode tirar.....	343
CAPÍTULO X Vv. 22-42	350
Jesus, acusado de querer passar por ser Deus, protesta, sob o véu da letra, e, também sob o véu da letra, lembrando aos Judeus o Salmo LXXXI, vv. 1 e 6, se proclama filho de Deus, deus como eles, tendo tido, como essência espiritual, a mesma origem que todos. — Proclama ao mesmo tempo, mas ainda veladamente, sua autoridade, sua missão terrena e sua missão espiritual.....	350
CAPÍTULO XI Vv. 1-45	358
Lázaro "morto", segundo as vistas humanas e, no entender dos homens, "ressuscitado".....	358
CAPÍTULO XI Vv. 46-57	383
Informados do que acabava de passar-se com relação a Lázaro, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se reúnem em conselho, com o fim de descobrirem maneira de dar morte a Jesus. — Palavras de Califás	383
CAPÍTULO XII Vv. 1-11	385
Maria perfuma os pés de Jesus. — Murmuração de Judas. — Os Judeus deliberam dar morte a Lázaro	385

CAPÍTULO XII Vv. 12-19	387
Entrada de Jesus em Jerusalém	387
CAPÍTULO XII Vv. 20-26	388
Alguns Gentios querem ver a Jesus. — Palavras suas nessa ocasião	388
CAPÍTULO XII Vv. 27-36	399
Continuação das palavras de Jesus	399
CAPÍTULO XII Vv. 37-43	403
Incredulidade dos Judeus. — Fé que alguns tinham, mas que o respeito humano, o temor de serem expulsos da sinagoga abafavam. — Esses preferiam a glória dos homens à glória de Deus	403
CAPÍTULO XII Vv. 44-50	405
A moral que Jesus pregou não é sua, mas de Deus. — Jesus, que é a luz, veio para salvar o mundo. — O homem se julga a si mesmo, e sua consciência é quem pronuncia a sentença	405
CAPÍTULO XIII Vv. 1-17	407
Jesus lava os pés a seus apóstolos. — Palavras que lhes dirige	407
CAPÍTULO XIII Vv. 18-30	414
Jesus prediz a traição de Judas	414
CAPÍTULO XIII Vv. 31-38	417
Jesus alude ao sacrifício que se vai consumir no Gólgota. — Os discípulos do Cristo devem amar-se uns aos outros. — Por esse sinal é que serão reconhecidos. — Predição da negação de Pedro	417
CAPÍTULO XIV Vv. 1-12	420
Muitas moradas na casa do pai. — Jesus vai preparar o lugar para seus discípulos. Quando voltar, os atrairá a si, a fim de que estejam onde ele estiver. — Ele é o caminho, a verdade, a vida. — Ninguém vai ao pai senão por ele. — Suas relações com o pai. — Aquele que nele crê fará as obras que ele faz e fará outras ainda maiores	420
CAPÍTULO XIV Vv. 13-24	431
Jesus promete a seus discípulos que lhes será concedido o que pedirem ao pai, a fim de que o pai seja glorificado no filho. — Promete conceder-lhes o que	

eles lhe pedirem em seu nome. — Prescreve- -lhes que guardem seus mandamentos. — Promete-lhes o Consolador, que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade. — Declara que todos os que guardarem seus mandamentos, sua palavra, tê-lo-ão e ao pai consigo.....	431
CAPÍTULO XIV Vv. 25-31.....	437
O Consolador, que é o Espírito Santo, ensina todas as coisas. — Jesus dá sua paz a seus discípulos. — Seu pai é maior do que ele	437
CAPÍTULO XV Vv. 1-11	441
Parábola da videira e das varas.....	441
CAPÍTULO XV Vv. 12-17.....	445
Amarem-se uns aos outros. — Os servos, os amigos de Jesus. — Sua missão	445
CAPÍTULO XV Vv. 18-27.....	449
Jesus prediz a seus discípulos o ódio e as perseguições que lhes acarretará o desempenho da missão de que se acham incumbidos. Prediz-lhes o futuro advento do Espírito da Verdade e sua vinda para eles.....	449
CAPÍTULO XVI Vv. 1-15.....	459
Continuação das predições de Jesus quanto às perseguições de que serão vítimas seus discípulos e quanto ao futuro advento do Espírito da Verdade e à sua missão	459
CAPÍTULO XVI Vv. 16-22.....	469
Jesus promete a seus discípulos a alegria após a tristeza.....	469
CAPÍTULO XVI Vv. 23-33.....	471
Promessas de Jesus a seus discípulos. — Predições que lhes faz. — Atesta, sob o véu da letra, sua origem e sua posição espírita. — Declara que venceu o mundo	471
CAPÍTULO XVII Vv. 1-26.....	474
Palavras que Jesus dirige ao pai- diante de seus discípulos — do ponto de vista da unidade e da indivisibilidade de Deus, da natureza e da importância da missão que lhe foi confiada com relação ao nosso planeta e à sua humanidade; do	

ponto de vista da missão dos discípulos e dos progressos futuros que os aguardam após o cumprimento fiel dessa missão e que aguardam a todos os que lhes caminharem nas pegadas	474
CAPÍTULO XVIII Vv. 1-14.....	486
Jesus vai, com seus discípulos, para o jardim situado além da ribeira do Cedron. — Sua prisão. — Circunstâncias relativas a essa prisão. — Palavras que ele dirige aos que acabavam de deitar-lhe a mão. — Palavras que dirige a Pedro, quando este, servindo-se da sua espada, fere a Malco na orelha direita. — Jesus é preso e conduzido a Anás e daí a Caifás	486
CAPÍTULO XVIII Vv. 15-27.....	488
Pedro em casa de Caifás. — Jesus é interrogado pelo pontífice. — Resposta que lhe dá. — Recebe uma bofetada. — Palavras que dirige ao que o esbofeteou. — Negação de Pedro.....	488
CAPÍTULO XVIII Vv. 28-40.....	490
Jesus é levado da casa de Caifás à presença de Pilatos. — Seu reino não é deste mundo. — Seu reino não é agora deste mundo. — Ele é rei e por isto é que não veio ao mundo senão para dar testemunho da verdade. — Pilatos quer livrá-lo, mas os Judeus se opõem e preferem a libertação de Barrabás	490
CAPÍTULO XIX Vv. 1-7.....	494
Flagelação. — Coroa de espinhos. — Eis o homem. — Pedido de crucificação por parte dos Judeus	494
CAPÍTULO XIX Vv. 8-15.....	495
Silêncio de Jesus em face da pergunta que Pilatos lhe dirige. — Todo poder vem do Alto. — Os Judeus persistem em pedir a sua crucificação.....	495
CAPÍTULO XIX Vv. 16-22.....	497
Jesus é entregue aos Judeus. — É conduzido ao Calvário. — Crucificação. — Inscrição feita por Pilatos e colocada no alto da cruz	497
CAPÍTULO XIX Vv. 23-27.....	498
As vestes. — A túnica. — A Virgem e João ao pé da cruz. — Palavras de Jesus a Maria e a João	498

CAPÍTULO XIX Vv. 28-37.....	499
Palavras de Jesus. — Jesus morre, no entender dos homens. — Ossos não quebrados. — Lado aberto.....	499
CAPÍTULO XIX Vv. 38-42.....	507
O corpo de Jesus é depositado no sepulcro.....	507
CAPÍTULO XX Vv. 1-18.....	508
Madalena vai ao sepulcro e comunica o que viu a Pedro e João e estes também vão lá. — Aparição dos anjos e de Jesus a Madalena	508
CAPÍTULO XX Vv. 19-23.....	510
Aparição de Jesus aos apóstolos.....	510
CAPÍTULO XX Vv. 24-31.....	512
Aparição de Jesus a Tomé e aos outros discípulos. — Tomé vê e crê	512
CAPÍTULO XXI Vv. 1-25.....	516
Aparição de Jesus à margem do mar de Tiberíades. — Pesca chamada "milagrosa". — Amor de Pedro a Jesus. — Jesus lhe confia suas ovelhas e lhe prediz seu martírio, abstendo-se de dizer o que será feito de João.....	516
OS MANDAMENTOS Explicados em espírito e verdade	521
DECÁLOGO	521
PRIMEIRO MANDAMENTO — Não terás outros deuses diante da minha face.....	532
SEGUNDO MANDAMENTO — Não farás imagens esculpidas das coisas que estão em cima, nos céus, nem embaixo, sobre a terra, nem nas águas, sob a terra. — Não te prostrarás diante delas; não as adorarás, nem as servirás, porquanto eu sou o Eterno teu Deus, o Deus forte e cioso que puno a iniquidade dos pais nos filhos na terceira e na quarta gerações dos que me odeiam e que uso de misericórdia, na sucessão de mil gerações, com os que me amam e guardam meus mandamentos.	532
TERCEIRO MANDAMENTO — Não tomarás em vão o nome do Eterno, do Senhor teu Deus; porquanto o Eterno, o Senhor, não terá por inocente aquele que em vão houver tomado o seu nome.....	535
QUARTO MANDAMENTO — Lembra-te do dia de sábado para o santificares. Trabalharás seis dias e	

farás a tua obra, mas o sétimo dia é o dia do descanso, consagrado ao Eterno, ao Senhor teu Deus. Não farás obra alguma nesse dia, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu gado, nem teu hóspede, o estrangeiro que estiver dentro dos muros de tuas cidades.	536
QUINTO MANDAMENTO — Honra a teu pai e a tua mãe.	539
SEXTO MANDAMENTO — Não matarás.	550
SÉTIMO MANDAMENTO — Não cometerás adultério.	552
OITAVO MANDAMENTO — Não furtarás.	556
NONO MANDAMENTO — Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.	557
DECIMO MANDAMENTO — Não cobiçarás a casa de teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que seja de teu próximo.	558
AMOR DE DEUS E DO PRÓXIMO — "Amarás ao Eterno teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças." (Deuteronômio, cap. VI, vv. 4-5.)	559

Prefácio

Na véspera do dia 24 de junho de 1861, eu rogara a Deus, no sigilo de uma prece fervorosa, que permitisse ao Espírito de João Batista, patrono que me foi dado por ocasião do meu nascimento, manifestar-se por um médium que se achava então em minha companhia e com o qual me consagrava diariamente a trabalhos assíduos. Pedira também a graça da manifestação do Espírito de meu pai e do meu guia protetor.

Essas manifestações se produziram espontaneamente, com surpresa do médium, a quem eu deixara ignorante da minha prece. Constituíram para mim uma fonte de alegria imensa, com o me provarem que a minha súplica fora ouvida e que Deus me aceitava por seu servo.

O Espírito do apóstolo Pedro se manifestou a 30 de junho, de modo inesperado tanto para mim como para o médium. Não posso, nem devo publicar aqui essas comunicações mediúnicas. Fui mediunicamente prevenido da época em que poderia e deveria publicá-las.

Limito-me a transcrever alguns fragmentos destacados de uma das três manifestações de João, filho de Zacarias e Isabel. "São chegados os tempos em que as profecias se hão de cumprir. Começa o reinado da verdade.

Povos atidos ao culto idólatra da fortuna, desprendeis os vossos pensamentos dessa profunda adoração. Dirigi os olhares para as regiões celestes. Escutai as vozes dos Espíritos do Senhor, que não se cansarão de fazer ouvido este aviso salutar: — os tempos são chegados."

"Chegaram os tempos. Deus envia seus Espíritos aos homens para ajudá-los a sair da superstição e da ignorância. Ele quer o progresso moral e intelectual de todos. Esse progresso, porém, estava entravado pelo orgulho e pelo egoísmo, obstáculo que lhe era impossível vencer, senão mediante lutas sangrentas e mortíferas. O Espiritismo, alavanca poderosa, que vosso pai acaba de colocar nas mãos de alguns apóstolos fervorosos, o fará avançar com passo rápido para o cume que lhe cumpre atingir, arrancando a humanidade toda ao pesado sono que a obrigava a ter o pensamento e o corpo pendidos para a terra."

"Chegaram os tempos em que todos deveis reconhecer vossos erros e faltas."

"Que os santos mandamentos de Deus, dados a Moisés no Sinai, sejam o código dos vossos deveres para com as vossas consciências. Que o santo Evangelho seja a doce filosofia que vos faça resignados, compassivos e brandos para com os vossos irmãos, pois todos sois membros da mesma família. O Espiritismo vos veio ensinar a verdadeira fraternidade e os tempos são chegados."

"São chegados os tempos em que, por toda parte, vai germinar a preciosa semente que o Cristo, o Espírito da Verdade, espalhou entre os homens."

"Sabeis quais são os copiosos frutos que os verdadeiros espíritas vão colher dessa sementeira bendita? São a liberdade, a fraternidade, a igualdade perante Deus e os homens. O Espiritismo é quem os vai convidar a todos para essa abundante messe, pois que o orgulho e o egoísmo, o fanatismo e a intolerância, a incredulidade e o materialismo vão desaparecer da Terra, cedendo lugar ao amor e à caridade, que os Espíritos do Senhor vos pregam. Eles estão sempre convosco e vos assistem, porquanto os tempos são chegados."

Profundamente comovido me senti ao ler AS SEGUINTE PALAVRAS FINAIS de uma das comunicações do Espírito de meu pai, a em que ele, do ponto de vista da era nova que começa, me dava conselhos, lições e avisos:

"Meu Deus, bendito sejas tu que tomaste pela mão o meu filho bem-amado e o levaste, através da pobreza, do estudo e do trabalho, a ter entre os seus irmãos da Terra uma posição livre e independente, que lhe permite consagrar o resto da sua vida a te amar e servir. Meu Deus, sê para sempre bendito, por haveres permitido que sua inteligência e seu coração compreendam e pratiquem tua lei de amor. Sê para sempre bendito, por teres permitido que seu pai terreno, teu humilde escravo, lhe viesse dar estes salutares avisos."

Repetindo essas palavras, minha alma experimentou vivamente a alegria de ser, para meu pai, filho em quem ele encontrava as sementes da vontade divina. Maior então se tornou a minha humildade, tão grande era em mim o temor de não me mostrar sempre digno dos encorajamentos que recebia desse ente querido e

respeitado.

Guardo em meu coração essas palavras, que aí foram postas como um farol a me clarear a estrada e para o qual volto constantemente os olhos, esforçando-me sempre por avançar ao longo dela.

Prosseguia nos meus estudos, nas minhas pesquisas, nos meus trabalhos, quando, no mês de Dezembro de 1861, fui convidado a ir a casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem teria que ser apresentado, para apreciar um grande quadro, desenhado mediunicamente, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço.

Fui e oito dias depois voltei lá, a fim de agradecer àquela Senhora o acolhimento que me dispensara por ocasião da visita que lhe fizera para ver a referida produção mediúnica.

Ao cabo de breve conversação sobre generalidades, como sói acontecer entre pessoas que mal se conhecem e que ainda não se acham ligadas por quaisquer relações de sociedade, tratei de retirar-me. No momento em que me preparava para sair, Mme. Collignon sentiu na mão a impressão, a agitação fluídicas bem conhecidas dos médiuns, indicadores da presença de um Espírito desejoso de se manifestar, impressão e agitação que notei. Então, a instâncias minhas, ela condescendeu em se prestar à manifestação mediúnica e, no mesmo instante, sua mão, fluidicamente impelida, escreveu isto:

(Segue-se a comunicação que se acha integralmente inserta no primeiro tomo, a começar da página 68, assinada por MATEUS, MARCOS, LUCAS e JOÃO.)

Diante dessa manifestação, que me concitava a empreender, com o concurso da médium Mme. Collignon, este grande trabalho da revelação, sentimo-nos tomado de uma surpresa imensa, cheio, ao mesmo tempo, da alegria e do temor de não sermos capaz nem digno do encargo que nos era deferido.

Chamados desse modo a executar esta obra da revelação, que certamente de nosso moto-próprio não ousaríamos tentar, incapaz, ignorante e cego que éramos, metemos ombro à tarefa.

À medida que a revelação avançava, minha alma se ia encontrando cada vez mais presa de admiração ao descobrir todas aquelas verdades, apresentadas até ali aos homens envoltas em tais

mistérios que a razão se recusava a crer em tudo o que lhe era ensinado.

Abandonei-me então, inteiramente, às mãos de Deus, dizendo: "Dispõe da tua criatura, ó meu Deus. Sou teu, pertence-te. Meu coração, meu tempo, minha razão, eu os consagro daqui por diante ao teu serviço. Serei feliz, ó soberano Senhor, se, mau grado à minha fraqueza, puder tornar-me nas tuas mãos um instrumento útil, que te conquiste o amor, o respeito, o coração das tuas criaturas."

Havíamos chegado à explicação da parábola do mancebo rico, estávamos no versículo que diz: "e ama o teu próximo como a ti mesmo." (MATEUS, XIX, v. 19, quando foram escritas, espontânea e mediunicamente, ESTAS PALAVRAS:

"Quando estiveres de posse de todos os materiais acerca dos Evangelhos, far-te-emos empreender um trabalho especial sobre os Mandamentos — "Decálogo" ("Êxodo", cap. XX): — "amor de DEUS e do próximo" ("*Deuteronômio*", cap. VI, vv. 4-5; *Levítico*, cap. XII, v. 18; MATEUS, XXII, vv. 34-40; MARCOS, XII, vv. 28-31; LUCAS, X, vv. 25-28 e 29-37), *trabalho esse que publicarás em seguida ao dos Evangelhos*. — MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO, assistidos pelos apóstolos."

No mês de maio, de 1865, estando reunidos todos os materiais, TANTO com relação aos Evangelhos, coMo com relação aos Mandamentos, aviso me foi dado, espontânea e mediunicamente, de tornar conhecida dos homens, de publicar a obra da revelação, NESTES TERMOS:

"Chegados a uma época transitória em que, lutando com o espiritualismo, o materialismo deixa as almas indecisas; em que, incerta, a fé flutua no ar, sem saber onde pouse; em que, filhos dos séculos de barbaria, de intolerância, de cupidez, os dogmas envelhecidos tremem nas suas bases; em que os princípios fundamentais da fé: a crença num Deus, a esperança de uma vida eterna, se extinguem, à falta de alimento; em que, cansados de mentiras, os homens vão ao extremo de rejeitar as verdades, é tempo de oferecer-se-lhes uma luz suave, porém firme, que possa clarear esse caos e mostrar aos vacilantes, aos pesquisadores o caminho que eles há tantos séculos perderam.

"Essa luz vos é dada pelo Espiritismo, que tem a missão de reacender o fogo do amor universal, abafado no fundo do coração humano, de reconduzir aos pés do Senhor os ateus, que julgam

viver somente pela matéria, de fazer que os homens sigam com amor a casta e grandiosa figura de Jesus, que, do alto da cruz, lança de contínuo fraterno olhar a todas as criaturas, que lhe cumpre levar ao pai purificadas e santificadas.

"Desde alguns anos o nome de Jesus provoca muitas dissidências e dá lugar a muitos sofismas.

"Ninguém mais podendo crer na sua divindade, procuraram explicá-lo pela natureza humana propriamente dita. Mas, ainda aí o homem esbarrou num escolho com que não contara: Jesus, como homem-Deus, era um contra-senso, seu devotamento uma aberração, seu sacrifício uma mentira, sua pureza uma conseqüência fatal da sua natureza. Considerado homem carnal, homem do vosso planeta, seus atos se tornavam incompreensíveis, sua vida um problema, não passando de mistérios, de contos apropriados unicamente a embalar a humanidade infante e destinados a ser por ela repelidos com desprezo e zombaria na sua virilidade, os fatos denominados "milagres", operados pelo Mestre antes do sacrifício do Gólgota, o desaparecimento de seu corpo do sepulcro, estando chumbada a pedra que lhe fechava a entrada, sua "ressurreição" e, como conseqüência desta, suas aparições às mulheres e aos discípulos, sua volta às regiões etéreas, na época chamada "ascensão".

"Agora que o terreno foi lavrado em todos os sentidos pelos trabalhadores do pensamento, a revelação da revelação tem que ser conhecida e publicada, porquanto a obra que vos fizemos empreender vem explicar Jesus aos homens, tal como ele se apresenta aos olhos do pensador esclarecido pela luz espírita, isto é:

"como protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, dirigindo-lhe o desenvolvimento, os progressos, sempre dedicado à ativação da sua obra;

"como revestido de um corpo harmônico com a sua natureza espiritual, mas também relativamente harmônico com a vossa esfera, para aí se manifestar por longo tempo e lançar a semente que havia de germinar durante mil e oitocentos anos, deixando muitos grãos por pasto ao erro, preservada, porém, a vitalidade dos que começam hoje a desenvolver-se e que em breve cobrirão com seus ramos frondentes o universo inteiro.

"A semente destinada a germinar durante mil e oitocentos anos deixou muitos grãos para alimento do erro, porque, em tempo algum,

a verdade inteira pode ser desvendada à humanidade; porque, sobretudo quando esta ainda se acha na infância, a verdade, atenta a maneira pela qual é disposta e apropriada, é sempre relativa ao entendimento da mesma humanidade, ao que ela pode suportar e compreender. Assim sendo, os véus que a cobrem dão lugar a falsas interpretações, que têm sua razão de ser com relação à época.

"A semente vital, que hoje começa a desenvolver-se e que breve estenderá seus galhos frondejantes por sobre o Universo, é a base forte que não pode ser substancialmente alterada. A semente que o Mestre espalhou quando surgiu na Terra e por ela passou, que germinou e vos há de abrigar, é a fé na missão do Cristo, enviado de Deus aos homens para lhes ensinar a viver e a morrer, objetivando o progresso do Espírito (ponto de vista este do qual fez ele todas as suas obras); para lhes mostrar o caminho do "céu" pelo renascimento, pela reencarnação, que é senda de purificação e de progresso, único meio de conciliar a justiça divina com a aparente injustiça da sorte. É a fé primordial, fundamental, definitiva em um Deus, só e único criador de tudo; a confiança e a certeza de que há, para a alma que faliu, uma vida eterna, a princípio expiatória e por fim gloriosa.

"A obra que vos fizemos empreender vem mostrar aos homens que, afastada toda e qualquer idéia de maravilhoso, de divindade da parte do Cristo, se podem explicar e pôr em concordância os livros que tiveram por destino conservar o bom grão, envolvendo-o, para isso, numa camada de mistérios, até ao momento em que o solo se devesse cobrir de frutos, isto é, até aos tempos da era nova que começa, em que o Espírito da Verdade, que o Mestre predisse e prometeu, vai despojar da letra o espírito e, pela sua obra progressiva e incessante, preparar e realizar o reino da verdade e conduzir-vos ao advento de Jesus, que vos virá mostrar a verdade sem véu.

"Fica sabendo e faze saber a teus irmãos que a obra "que lhes colocas sob as vistas é uma obra preparatória, ainda incompleta, uma entrada em matéria; que não passa de um prefácio da que sairá das mãos daquele que o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar INTEIRAMENTE da letra o espírito.

"Aquele que há de desenvolvê-la e cuja obra também será preparatória não tardará a se dar a conhecer, porquanto a atual geração humana verá os seus primeiros anos messiânicos. E os messias, isto é, os enviados especiais se sucederão até que a luz

reine sobre todos.

"Publica esta obra, a que darás o título de — "OS QUATRO EVANGELHOS", seguidos dos MANDAMENTOS, EXPLICADOS em espírito e verdade, de acordo com os ensinamentos ministrados, quanto aos Evangelhos, PELOS EVANGELISTAS ASSISTIDOS PELOS APÓSTOLOS e, quanto aos Mandamentos, POR MOISÉS E PELOS EVANGELISTAS ASSISTIDOS PELOS APÓSTOLOS.

"O trabalho é geral. Se bem que os nomes nem sempre sejam declinados, um de nós presidiu sempre à inspiração, O Espírito que nos anima é o mesmo que anima a todos os Espíritos superiores, sejam quais forem, que prepararam o advento da missão terrena do Mestre, que participaram do cumprimento dessa missão, que para ela concorreram, que trabalharam e trabalham pelo desenvolvimento, pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade.

"Damos nomes para evitarmos nomear aquele que, por nosso intermédio, dirigiu estes trabalhos e dirigirá os que ainda temos que fazer sejam compreendidos.

"O que vais publicar será a PRIMEIRA PARTE da obra geral. A segunda se comporá: 1º da refutação das objeções que esta primeira parte sobre os Evangelhos e os Mandamentos provocar; 2º da explicação, em espírito e verdade, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas, nas passagens que delas extrairemos para dar autoridade ao presente; da revelação, chamada Apocalipse, que João recebeu na ilha de Patmos.

"É chegado o tempo de te colocares na situação de entregar à publicidade esta obra. Não fixamos limites. Emprega com critério e medida as horas, a fim de poupares tuas forças. Tens diante de ti mais de um ano. Alguns meses a mais ou a menos nada são no correr dos tempos, porém são muita coisa na economia das forças humanas.

"A publicação poderá começar no próximo mês de agosto. A partir dessa época, trabalha com a maior presteza possível, mas sem ultrapassar os limites de tuas forças, de tal sorte que a publicação esteja concluída em agosto de 1866.

"Coragem, bons trabalhadores. O Mestre saberá levar em conta a vossa boa-vontade.

MOISÉS, MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO.

Assistidos pelos apóstolos.

Maio de 1865.

Mero instrumento, não faço mais do que cumprir um dever executando essa ordem, dando à publicidade esta obra, que põe em foco a essência de tudo o que há de sublime na bondade e na paternidade de Deus e de tudo o que há de devotamento, de abnegação e de sentimentos fraternais em Jesus, chamado o Cristo, que tão bem mereceu o título de Salvador do mundo, de protetor da Terra.

Aos meus irmãos, quaisquer que eles sejam, quaisquer que sejam suas crenças, ou o culto exterior que professem, corre o dever de se não pronunciarem sobre ela, senão depois de a terem lido integralmente e de terem seriamente meditado; porquanto, esta obra explicativa dos Evangelhos e dos Mandamentos é indivisível no seu conjunto. Cada uma de suas partes apóia as demais, sendo todas solidárias entre si.

O homem, em todas as idades do nosso planeta, passa pela prova de receber ou repelir a luz que lhe é trazida. Muito se pede a quem muito se deu. E a responsabilidade do Espírito está sempre em correlação com os meios postos a seu alcance para que se instrua.

A verdade, para triunfar, para ser aceita, tem PRIMEIRO que se chocar com as contradições humanas.

Do ponto de vista dessa prova a que está sujeito o homem e das condições necessárias a que a verdade triunfe foi que Simeão, inspirado, pronunciou estas palavras, transitórias e preparatórias do advento do espírito, referindo-se a Jesus, que É "a luz do mundo", que É "o caminho, a verdade, a vida":

"Meus olhos viram o Salvador que nos deste e que destinas a ser exposto à vista de todos os povos, como a luz que iluminará as nações e a glória de Israel teu povo."¹

E que, abençoando a José e a Maria, acrescentou:

"Este menino vem para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo das contradições dos homens."²

Deus, que tudo governa, prepara, por meios secretos, os corações e as inteligências para apreenderem o que lhes é possível compreender.

Com esta obra, que eles nos fizeram executar e que damos à publicidade, os ministros do Senhor, explicando em espírito e verdade os Evangelhos e os Mandamentos, têm por fim a felicidade do gênero humano e sua purificação. Ela é publicada com a intenção de glorificar e honrar a Deus e de dar aos homens paz, esperança e ventura, por isso que prepara o advento da unidade das crenças e da fraternidade humana e, pois, mediante o cumprimento das promessas do Mestre, o advento do reino de Deus na Terra, sob o império da lei de amor e de unidade. Confiamos que alcançará esse objetivo.

J.-B. ROUSTAING.

Junho de 1865.

1 e 2 Ver, para explicação destas palavras de Simeão: Evangelhos de MATEUS, LUCAS e JOÃO, reunidos, n. 41, págs. 222-225 do 1º tomo.

EVANGELHO

SEGUNDO JOÃO

"O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida." (João, VI, v. 64.)

"A letra mata e o espírito vivifica." (PAULO, II Epístola aos Coríntios, cap. III, v. 6.)

CAPÍTULO I

Vv. 1-18

O Verbo. — O Verbo com Deus. — O Verbo Deus. — O Verbo feito carne habitou entre os homens e estes o viram. — O mundo não o conheceu. — Ele veio ao que era seu e os seus o não receberam. — Nenhum homem jamais viu a Deus. — O filho único que está no seio do Pai é quem dele deu conhecimento. — Missão de João e testemunho que dá do Verbo

V. 1. No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. — 2. Ele estava no princípio com Deus. — 3. Todas as coisas foram feitas por ele e nada do que há sido feito o foi sem ele. — 4. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. — 5. A luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam. — 6. Houve um homem, enviado de Deus, que se chamava João. — 7. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. — 8. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz; — 9, que era a luz verdadeira, que alumia todo homem que vem a este mundo. — 10. Esse es-

tava no mundo, o mundo foi feito por ele e o mundo o não conheceu. — 11. Ele veio ao que era seu e os seus o não receberam. — 12. Mas, deu o poder de se fazerem filhos de Deus a todos os que o receberam, aos que crêem no seu nome, — 13, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem e sim de Deus. — 14. E o *Verbo* se fez carne e *habitou* entre nós, cheio de graça e verdade, e vimos a sua glória, glória como unigênito do Pai. — 15. João dá testemunho dele, exclamando: Este é o de quem eu disse: Aquele que há de vir depois de mim me foi preferido, porque era antes de mim — 16. E da sua plenitude todos recebemos graça por graça. — 17. Porquanto, a lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus-Cristo. — 18. *Ninguém jamais viu a Deus*; o filho unigênito, que está no seio *do Pai*, esse foi quem dele deu conhecimento.

N. 1. Estes versículos e especialmente os versículos 1 e 2 dão lugar a muitos comentários, interpretações e contradições e contribuíram para a proclamação do dogma da divindade atribuída a Jesus-Cristo.

Os homens, porém, repararão o seu erro. Os que se apegam à letra, sem examinar os textos em *seu conjunto* e sem pesquisar o espírito que a este preside, para lhe apreenderem a harmonia, a necessidade, o motivo e o fim, tendo em vista a sucessão e a progressividade das revelações; para apreenderem a necessidade, o motivo e o fim dessas revelações, como condição e meio de a Humanidade progredir, de prosseguir na sua marcha gradual e ascendente pela estrada da luz e da verdade, *esses não querem compreender* que a inteligência, à proporção que se desenvolve, mais vastos horizontes vai divisando.

Se comentassem e meditassem seriamente e sem a preocupação de manterem o *statu quo*, veriam com quanta providência Deus, que tem a presciência e a sabedoria infinita, tudo preparou, dispôs e apropriou, através dos séculos, para dar

gradual e progressivamente aos homens o que eles possam ir suportando, para ministrar a cada um o pão cotidiano da inteligência, conforme às suas faculdades e necessidades.

Veriam com quanta previdência, para que os homens fossem gradual e progressivamente conduzidos ao conhecimento do Pai, que é ele, e do Filho, que é Jesus-Cristo, Deus tudo preparou, dispôs e apropriou, mediante a revelação hebraica, mediante a que o anjo fez a Maria e a José, conseqüência da primeira, e mediante a obra da missão terrena de Jesus, que os evangelistas registaram, e a da missão dos apóstolos, uma e outra conseqüentes àquela dupla revelação.

Assim, como condição e meio de efetivar-se o progresso humano, ele tudo dispôs, preparou e apropriou, para que os homens fossem levados àquele conhecimento, desde o passado até os vossos dias, através da era hebraica e da era cristã, sob o império *da letra*, a *capa do mistério*, o prestígio do *milagre*, e, daqui por diante, sob o império *do espírito*, através da era nova, que se inicia, do Cristianismo do Cristo, da era espírita, mediante a revelação incessante e sempre progressiva do Espírito da Verdade, que vos conduzirá aos tempos preditos do segundo advento de Jesus. Esse advento se dará quando o mesmo Jesus, como Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade, vier em todo o seu fulgor espírita ao vosso planeta purificado e transformado, na qualidade de seu soberano, visível para as criaturas também purificadas e transformadas, mostrar a verdade *sem véu*.

Pela época em que começou a era hebraica, nos cultos de todos os povos a idéia da unidade divina, do Deus UNO, pairava dominante, é certo, mas apenas entre os iniciados, acima das divindades que as massas adoravam. No seio das camadas populares *reinava* ainda o *politeísmo*, que se originara das relações que a comunicação, oculta

ou patente, do mundo espiritual com o mundo corporal estabelecera entre os homens e todas as categorias de Espíritos, bons e maus, comunicação que constitui uma das leis da natureza, que é, portanto, eterna, como Deus, de cuja vontade todas emanam.

Quanto aos povos orientais, esses, de acordo com os preconceitos e crenças vulgares que mais tarde penetraram no Ocidente, admitiam a existência de "*deuses*" no céu e de "*filhos dos deuses*" na Terra, gerados estes últimos por virgens que a divindade fecundava. Esses *filhos dos deuses* eram *divinizados*; as honras da apoteose os elevavam à categoria *dos deuses*. Os Judeus trouxeram do exílio essas crenças vulgares.

Quando, porém, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, teve que se abrir a era hebraica, a Humanidade, nos centros mais civilizados, chegara, sob o ponto de vista do desenvolvimento intelectual, à fase em que a unidade divina tinha que ser posta em foco *para todos os olhares*, pela revelação, que espiriticamente se fez, do Deus *uno, indivisível*, que cria, mas sem fracionar a sua essência. Chegara à fase em que, graças a essa revelação e sob o seu império, o politeísmo tinha que desaparecer gradualmente, por efeito das revelações que *progressivamente se sucederiam* na marcha dos tempos, de acordo com o desenvolvimento e o progresso das inteligências.

A idéia da unidade divina Deus a pôs em foco, aos olhares de todos, no *Decálogo* que ele outorgou ao mundo no monte Sinai, servindo-lhe de intermediário um Espírito superior¹ que, pela boca de Moisés, fez que os homens ouvissem estas

¹ Ver adiante, nos *Mandamentos*, a explicação do *Decálogo*, na qual se dá a conhecer, *segundo o espírito e em verdade*, como ele foi transmitido e promulgado.

palavras: "Eu sou o Eterno, *Teu Deus; não terás outros deuses* diante de mim".

Ainda pela boca de Moisés, disse ele mais aos homens: "*Eu, o Eterno, o único eterno, Único Deus*". — "Eu sou aquele que é".

Depois, sendo necessário ligar o presente ao passado, a fim de depurar, explicar e desenvolver as crenças, Deus, que fizera fosse proclamado o monoteísmo, proclamou, pelo órgão dos profetas de Israel, inspirados e guiados por Espíritos superiores, ser ele o "Deus *dos deuses*". Fez que os homens escutassem estas palavras: "Deus tomou lugar na assembléia dos deuses e, sentado no meio *deles*, julga os *deuses*". — "Eu disse *Sois deuses* e todos sois *filhos do Altíssimo*". (*Salmo LXXXI*, vv. 1 e 6.)

Falando assim aos homens por intermédio de Moisés e dos profetas, ele se proclamou *uno, indivisível*, criador incriado, que cria, mas sem fracionar a sua essência. Proclamou não haver, *dele, por ele, nele, e*, conseqüentemente, *exceto ele*, senão criaturas. Proclamou que todos os Espíritos, ainda quando qualificados de "deuses", tanto no céu como na terra, e quaisquer que sejam a sua elevação e a sua pureza, são criaturas, *todos* provindos do mesmo princípio, tendo tido a mesma origem, sendo, pois, *seus filhos e*, como tais, *irmãos entre si*.

Ainda não chegara, porém, para os homens (e muitos séculos teriam que passar antes que chegasse) o tempo de compreenderem por essa forma, *em espírito e verdade*, as palavras divinas. Esse tempo só chegaria com o advento do *espírito*, quando surgisse a era nova do Cristianismo do Cristo, a era espírita, depois que a Humanidade, durante longos séculos, se houvesse agitado nas faixas da infância e houvesse, progredindo lenta e laboriosamente, atravessado, sob o véu *da letra*, a capa do *mistério*, o prestígio do *milagre*,

o período da puberdade, da adolescência, e atingido a época precursora da sua virilidade.

Entretanto, para que, por obra dos séculos, o politeísmo antigo se desarraigasse completamente, desaparecesse do pensamento das massas populares no seio dos povos civilizados, aos quais incumbe a tarefa de impulsionarem o adiantamento dos que, sobre o vosso planeta, se encontram nos degraus inferiores do progresso; para que os homens fossem levados a reconhecer que Deus é uno e indivisível, que é o criador incriado, que todos, exceto ele, são criaturas, *Espíritos criados, seus filhos e, portanto, irmãos entre si*; para alcançar-se esse objetivo tão distante então na sucessão dos tempos, *precisa se fazia uma transição*. E esta tinha que ser preparada e executada de maneira adequada às crenças vulgares, aos preconceitos e tradições, ao estado das inteligências, às aspirações e necessidades de cada época, de cada era e, como condição e meio de realização do progresso humano, tinha que ser feita *gradualmente*, com o auxílio de revelações *sucessivas e progressivas*, sob o domínio *da letra*, sob a capa do *mistério*, sob o prestígio do *milagre*.

Claro é, diante disso, que só um enviado de Deus em missão podia executar na Terra a obra de semelhante transição. E essa missão superior Deus não a podia confiar senão a Jesus, que fora por ele constituído protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação, como tal, presidira, e da humanidade terrena; a Jesus, que era e é o único encarregado do desenvolvimento e do progresso dos homens, de os levar à perfeição, de lhes dirigir os esforços, sempre devotado ao prosseguimento dessa obra. Daí a *necessidade*, o *motivo* e o *fim* da revelação hebraica., que anunciou o advento do Messias e preparou as bases e os elementos da sua missão terrena.

Jesus, porém, sendo um puro Espírito, um Espírito de pureza perfeita e imaculada, o funda-

dor, o protetor, o governador do vosso planeta, não podia e não estava adstrito, de acordo com as leis imutáveis da natureza, como já explicamos ao comentarmos os três primeiros Evangelhos², a tomar o corpo material do homem terrestre, corpo de lama, incompatível *com a sua natureza espiritual*. No entanto, cumprindo-lhe, para aparecer entre os homens e desempenhar na Terra a sua missão superior, revestir um corpo, tinha ele que, de acordo com as leis imutáveis da natureza, mediante aplicações e apropriações delas, pois que a vontade inalterável de Deus jamais as derroga, tomar um corpo compatível com a sua natureza espiritual e em relativa harmonia com o globo terráqueo, tal que aos homens desse a ilusão de ser um corpo humano.

Tinha assim Jesus que revestir um corpo que, sem ser de natureza *idêntica* à do dos habitantes da Terra, se lhe *assemelhasse* na forma, a fim de que, vendo nele, graças a essa conformidade, um de seus semelhantes, os homens se sentissem atraídos para ele, tocados pelas suas palavras, pelos seus ensinamentos e exemplos; reconhecessem, diante da sua vida pura, sem mancha, toda de devotamento, de caridade e de amor, quanto lhes ele era superior e fossem impelidos a amá-lo, admirá-lo e Segui-lo. Mais ainda: a fim de que, notando quanto seus atos se distinguiam dos de todos os homens, se enchessem de espanto e admiração e fossem conduzidos a reconhecer nele *um enviado de Deus* e que o *que ensinava* também *de Deus vinha*.

Era, em suma, preciso que, durante a sua missão terrena, Jesus passasse, *aos olhos humanos*, por ser um homem como os demais. Daí a *necessidade*, o *motivo* e o *fim* de acreditarem os homens,

² Ver, para explicações e desenvolvimentos a este respeito: Evangelhos de MATEUS, MARCOS e LUCAS reunidos, ns. 14, 31 e 67, págs. 152-168, 191-208, e 369-373, do 1º tomo.

enquanto durasse aquela missão, ter ele tido um pai e uma mãe humanos. Preciso era que a sua filiação humana, *apenas aparente*, todos a considerassem *real*.

A obra da missão terrena de Jesus-Cristo é que prepararia e efetuaria a transição destinada, *sob o véu da letra*, a capa *do mistério*, o prestígio do *milagre*, a arrancar do espírito das massas o politeísmo antigo, a substituí-lo aí pelo conhecimento *do filho* e pelo conhecimento *do pai*, a preparar e levar a Humanidade, mediante os esforços e as lutas do pensamento, as interpretações e contradições humanas, aos tempos em que *o espírito* pudesse ser despojado *da letra*. Assim, também, os homens seriam preparados e levados, mediante uma nova revelação feita pelo Espírito da Verdade, a crer, recebendo essa crença em toda a sua pureza e em toda a sua verdade, num Deus, criador incriado, *uno, indivisível*, de modo que dele, por ele e nele não há senão criaturas, Espíritos criados, todos provindos do mesmo princípio, tendo tido no ponto inicial a mesma origem, sendo todos filhos do Altíssimo, filhos de Deus (o que vem a dar no mesmo, pois o Altíssimo é Deus) e, conseqüentemente, todos irmãos entre si.

Para efetuar essa transição, e alcançar esse objetivo, necessário era, segundo a presciência e a sabedoria divinas, adaptar as revelações sucessivas e progressivas às crenças vulgares, aos preconceitos e tradições, ao estado das inteligências, às aspirações e exigências da época e das gerações que se haviam de seguir. E era necessário ainda, em face de tais revelações, apropriar a tudo isso a obra da missão superior do Messias, do Cristo.

Entre os Hebreus era vulgar, como atrás dissemos, no seio das massas populares, a crença, por eles trazida do exílio, na existência de *filhos dos deuses, mesmo de deuses*, no meio dos homens, gerados os primeiros por virgens que a divindade

fecundava. Em virtude dessa crença vulgar, os Judeus, conquanto admitissem o monoteísmo que lhes fora imposto³, criam que Deus se comunicava diretamente com os homens sob o nome de — *Espírito Santo*, manifestando-se-lhes por um ato qualquer. Era, entre o vulgo, a idéia da corporeidade de Deus, idéia que Jesus, como explicaremos mais tarde, objetivou destruir, proferindo estas palavras cujo sentido e alcance vos indicaremos: "*Deus é Espírito*".

Assim é que, sempre segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, em face dessas crenças vulgares, desses preconceitos e tradições e em face do monoteísmo que Moisés e os profetas haviam imposto, mas que ainda não fora compreendido, *em espírito e verdade*, pelas massas ao tempo do aparecimento do Messias, do Cristo, na Terra, se tornou necessário, para os homens de então e para as gerações futuras, tendo-se em vista o progresso humano e as necessidades e aspirações da época, que no planeta surgisse um homem divino, um ser que fosse ao mesmo tempo homem e Deus: homem, porque nascido de mulher; *filho de Deus*, porque concebido e gerado no seio de uma virgem *por obra do Espírito Santo*; Deus, conseqüentemente, pois que gerado pelo Espírito Santo, que, como dissemos acima, era considerado o próprio Deus.

Nessas condições, ficou ele destinado, graças aos véus e imprecisões da letra das revelações hebraica e messiânica, a ser *deificado* pelos homens, mas como filho único do pai, como *parte* destacada, ainda que inseparável, do Deus *uno*, igual, portanto, a este, Essa deificação resultou naturalmente da obra de sua missão terrena, da sua vida pura, sem mancha, da sua origem *misteriosa, milagrosa, divina*, dos "milagres" que rea-

³ Ver: *Êxodo*, cap. XXXII, vv. 1-32; capítulo XXXIII, vv. 1-23; cap. XXXIV, vv. 1-35.

lizou, da sublime apoteose que foram o sacrifício do Gólgota, sua "morte" e o que os homens chamaram sua "ressurreição", de suas aparições às mulheres e aos discípulos, de sua ascensão para as regiões etéreas.

Houve que ser assim e assim foi, a fim de que os homens fossem levados a depurar suas crenças, desprendendo-se das teias do antigo politeísmo e esforçando-se por encerrar a pluralidade na unidade. Porque, o filho do Eterno, do *único* eterno, do Deus *uno*, que dissera: "Eu sou o Eterno, teu Deus; não terás *outros* deuses diante de mim", não podia deixar de ser o filho único do pai, *único* Deus com ele. Não esqueçais que, para os Hebreus, como para os Cristãos, a Terra era a criação toda, o *único* lugar habitado pelas criaturas do Senhor.

Daí a *necessidade, o motivo e o fim* de uma maternidade "milagrosa" para o aparecimento de Jesus, que surgiu como concebido e gerado por uma virgem, em vez de uma maternidade e uma paternidade humanas. Aquela maternidade "milagrosa", *apenas aparente*, tanto quanto a maternidade e a paternidade humanas, *tinha que ser* considerada real pelos homens.

Tais foram a *necessidade, o motivo e o fim* de uma maternidade "milagrosa", para que na Terra surgisse, *às vistas dos homens*, o Messias, o Cristo, considerado homem como os outros, porque nascido de mulher, e filho de Deus, porque concebido e gerado no seio de uma virgem *por obra do Espírito Santo*. E os homens, influenciados pelas suas crenças vulgares, pelos seus preconceitos e tradições, pelas contingências e aspirações da época e dos tempos que se seguiram, tinham que ser induzidos, e foram, sob o império *da letra*, sob a capa *do mistério*, sob o prestígio *do milagre*, a tomar, como tomaram, aquele *filho de Deus* pelo próprio Deus.

Para que, em face e por efeito da sua missão terrena e da dos apóstolos, o tomassem pelo próprio Deus, como sendo uma parte destacada, ainda que inseparável, do Deus *uno*; para que o considerassem igual a Deus, porque gerado no seio de uma virgem por obra do Espírito Santo, também concorreu o haverem tomado *ao pé da letra e interpretado segundo a letra*, isoladamente, fora do conjunto de todas as que ele proferiu, certas palavras veladas do Mestre, acerca da sua natureza e da sua origem espirituais, da sua posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta, da natureza humana que lhe atribuíam, da sua natureza extra-humana, do modo por que se deram seu aparecimento e sua passagem pela Terra.

Jesus tinha que Ser e foi, *durante a sua missão terrena*, considerado um homem igual aos outros, tendo Maria por mãe e José por pai. *Somente depois de cumprida aquela missão*, só então, tinha que ser considerado filho da Virgem Maria, como concebido e gerado no seio desta, sendo ela virgem, por obra do Espírito Santo, como *filho do Altíssimo, filho de Deus*.

Eis porque e com que fim a revelação hebraica anunciou, para "aquele em quem todas as nações da terra serão benditas", *primeiro*, de modo preciso, uma origem humana, dizendo que ele sairia da posteridade de Abraão, da casa de David; *depois*, por intermédio dos profetas de Israel, *mas veladamente*, sob a imprecisão e a obscuridade da letra, uma origem extra-humana, milagrosa, divina, falando "de um filho para a casa de David, à qual o Senhor mesmo daria um prodígio", de um filho que "uma virgem conceberia e pariria e a quem dariam o nome de Emmanuel", palavra esta cujo verdadeiro sentido permaneceu velado e que o Evangelista Mateus, por influência e inspiração espírita, revelou, acrescentando: "isto é, Deus conosco" (*quod est interpretatum nobiscum Deus*).

Em virtude das interpretações que deram às profecias é que os Hebreus, ao verificar-se o aparecimento de Jesus na Terra, esperavam, no Messias, no Cristo, um libertador material que havia de sair da raça de Abraão, que seria, pois, um homem como eles, um "filho de David".⁴

Daí a necessidade, o motivo e o fim da revelação que o anjo fez a Maria e a José, em condições e circunstâncias tais, que houvesse de ficar e ficasse secreta até depois de cumprida a missão terrena de Jesus, para só se espalhar entre a multidão quando, instruídos secretamente os apóstolos por Maria, aquela revelação pudesse e devesse ser por eles divulgada, com oportunidade e proveito, debaixo da inspiração dos Espíritos superiores que os assistiam e guiavam no desempenho da missão que lhes tocara.

Eis, então, porque e para que, dispostas, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, como condição do progresso humano, e *apropriadas* à marcha progressiva da Humanidade pela estrada da verdade e da luz, *sob o véu da letra*, a *capa do mistério*, o *prestígio do milagre*, durante sua infância, sua puberdade, sua adolescência, até aos vossos dias, precursores da Sua virilidade, *foram dadas aos homens*: 1º) por intermédio de Moisés e dos profetas de Israel, *a revelação hebraica*, que anunciou o advento do Messias e preparou as bases e os elementos da sua missão superior; 2º) como consequência dessa, *a revelação* que o anjo fez a Maria e a José; 3º) em face dessas duas revelações, *a obra* da missão terrena de Jesus, o Messias, o Cristo, obra que os Evangelhos, escritos sob a vigilância e a inspiração dos Espíritos superiores, registaram; 4º) finalmente, *a obra* da missão terrena dos apóstolos e sobretudo do apóstolo Paulo.

⁴ ISAÍAS, VII, vv. 13—14. — MATEUS, I, vv. 21—23.

Foi, primeiramente, para, pela ação dos séculos, desarraigá-lo completamente o antigo politeísmo e fazê-lo desaparecer do seio das massas entre os povos civilizados, aos quais incumbe, como acima dissemos, impulsionar o progresso dos que, no vosso globo, se encontram nos degraus inferiores; para levar os homens a depurarem suas crenças, desembaraçando-se das teias do mesmo politeísmo e procurando, *de um lado*, por efeito das idéias politeístas, das crenças vulgares sobre Deus e o Espírito Santo e, *de outro*, por efeito do monoteísmo, encerrar a pluralidade na unidade, pela concepção do Eterno, *único* eterno, *único* Deus — o pai; *do filho*, fração, ainda que inseparável, do pai, *igual* a este — portanto, Deus; *do Espírito Santo*, igualmente fração, ainda que inseparável, do pai, *igual* a este — também, por conseguinte, Deus.

Foi, depois, para que, sob o império da *letra*, sob a capa *do mistério*, sob o prestígio *do milagre*, os homens, por esses meios e processos *transitórios e preparatórios* do advento do espírito, fossem levados a saber e reconhecer que Deus é *uno, indivisível*, é o criador incriado, que cria mas não fracionando a *sua essência*, que dele, por ele e nele, *exceto* ele, só há criaturas, Espíritos criados, *todos* oriundos do mesmo princípio, tendo tido *todos*, no ponto inicial, a mesma origem, sendo *todos*, portanto, filhos do Altíssimo, filhos de Deus, *irmãos entre si*.

Foi também para que chegassem a saber e reconhecer que o Messias, o Cristo, *filho do Altíssimo, filho de Deus e irmão deles*, pois que proviera do mesmo princípio que eles, tivera, no ponto inicial, origem idêntica à deles; que Jesus, pela sua pureza e pelo seu poder, filho *único* do pai relativamente a eles, é um puro Espírito, um Espírito de pureza perfeita e imaculada, cuja perfeição se perde na profundidade da eternidade; é o fundador, o protetor, o governador da Terra, a cuja formação presidiu; é o único encarregado do desen-

volvimento e do progresso de todas as criaturas do Senhor no planeta terreno, em todos os reinos da natureza, mineral, vegetal, animal e humano, o único encarregado de conduzir a Humanidade à perfeição.

Foi, ainda, para que viessem a saber e a reconhecer: — que não há mais do que um só Deus, o pai, o criador incriado; — que o filho, Jesus-Cristo, não é Deus, nem uma fração, ainda que inseparável, de Deus, nem igual a este; — que o Espírito Santo também não é Deus, nem uma fração, ainda que inseparável, de Deus, nem igual a este; — que, sob essa denominação simbólica, o Espírito Santo é, com relação a Deus e à Humanidade, a falange sagrada dos Espíritos do Senhor: puros Espíritos, Espíritos superiores, bons Espíritos, segundo a ordem hierárquica da elevação espírita, os quais recebem as inspirações divinas para as transmitir aos homens, ministros ou agentes das vontades de Deus, da sua providência, da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia infinitas, executores de seus desígnios quanto ao progresso universal, quanto à vida e à harmonia universais, trabalhando todos, no que respeita ao vosso planeta, sob a direção de Jesus, vosso protetor e governador, vosso único doutor e *único Mestre*, como delegado e representante de Deus, que é o *pai de tudo e de todos*.

Foi, ainda mais, para que os homens viessem a saber e reconhecer que Jesus, o Messias, o Cristo, não podendo nem devendo, de acordo com as leis imutáveis da natureza, por ser um puro Espírito, um Espírito de pureza perfeita e imaculada, revestir o corpo material do homem terreno, corpo incompatível *com a sua natureza espiritual*, revestiu, para fazer a sua aparição na Terra e aí desempenhar a sua missão superior, um corpo especial fluídico, apto a longa tangibilidade, formando segundo as leis que regem os mundos superiores, *compatível com a sua natureza espiritual* e rela-

tivamente harmônico com a esfera terrestre, mediante a apropriação e a aplicação daquelas leis aos fluidos ambientes que no planeta terreno servem para a formação dos seres humanos que o habitam.

Foi, conseguintemente, para que chegassem a saber que a gravidez e o parto de Maria, os quais, se reais houvessem sido, teriam exigido o concurso dos dois sexos, de acordo com as leis imutáveis de geração dos corpos e de reprodução na Terra, foram *apenas aparentes*, por isso que resultaram de uma operação, de uma obra do Espírito Santo, isto é: *dos Espíritos do Senhor*, de uma obra, portanto, *puramente espírita*, mas realizada em condições tais, que aquela gravidez e aquele parto fossem, *como cumpria que sucedesse*, considerados *reais* por Maria. Foi, pois, ainda, para que pudessem vir a saber e compreender que a paternidade e a maternidade humanas de José e de Maria, tidas pelos homens como reais enquanto durou a missão terrena de Jesus, conforme também *importava que sucedesse*, eram, do mesmo modo, *apenas aparentes*.

Foi, finalmente, para trazer os homens aos dias, que despontam, da nova era do Cristianismo do Cristo, da era espírita, que, a seu turno, mediante revelações sucessivas e progressivas do Espírito da Verdade, os levará aos tempos preditos em que, tendo a humanidade chegado aos limites da perfeição, Jesus-Cristo, Espírito da Verdade, virá de novo à Terra depurada e transformada como seu soberano, visível às criaturas também depuradas e transformadas, a fim de lhes mostrar a verdade sem véu. Dessa vez, porém, virá em todo o seu fulgor espírita e será recebido com esta aclamação imensa e unânime: "*Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o rei que vem em nome do Senhor!*"

Obedecendo às necessidades, aos motivos e aos fins que acabamos de assinalar e *tendo em vista*

a obra de transição que cumprira fosse aparelhada e executada, Jesus, que não podia dar, aos homens da época e às gerações que se seguiriam até aos dias atuais, senão o que fossem capazes de suportar, teve que velar e velou *intencionalmente* a sua natureza e a sua origem espíritas, como já o haviam feito a revelação hebraica e a do anjo a Maria e a José. Desse modo, atendia ele àquela época e preparava o futuro, pela *letra*, mas também atendia ao futuro *pelo espírito que vivifica*, visando os tempos por ele preditos e designados da revelação, então vindoura, do Espírito da Verdade, cujas bases, cujos elementos e meios estabeleceu desde logo, enunciando proposições que se destinam a ser e são *de fato a sanção prévia* dessa revelação.

Para ser compreendido e sobretudo atendido, para que sua missão fosse aceita e produzisse frutos, ele teve que velar a sua linguagem, *apropriando-a*, assim como seus atos, ao estado das inteligências da época, aos preconceitos e tradições que, mediante as profecias da lei antiga, Ihe haviam preparado o advento. Teve que os apropriar também às aspirações dos homens e ainda, como condição e meio *transitórios* de progresso, ao objetivo e às exigências das crenças que se desenvolveram durante e após o desempenho da sua missão terrena. Foram essas crenças que fizeram dele, sucessivamente, um homem como os demais, durante todo o tempo daquela missão; um profeta, quando entrou a desempenhá-la publicamente; depois, terminado o desempenho dela, um homem-Deus, atribuindo-lhe a divindade: homem, *como os outros*, porque revestido do corpo material do homem da Terra, porque nascido de mulher, e Deus, porque filho de Deus, fração, ainda que inseparável do Deus *uno*, do Deus criador incriado, imutável, eterno, infinito, — *igual*, portanto, a Deus. Assim é que fizeram o corpo de um homem, corpo *finito, circunscrito, conter o infinito*.

Assim é que fizeram do Deus *uno* um homem sujeito à morte como os que habitam a Terra, que submeteram à vida e à morte, em um corpo material e perecível como os deles próprios, o Eterno, único eterno — Deus, que é, foi e será *imortal* desde e por toda a eternidade, que só ele possui, desde toda a eternidade, a imortalidade.

Tais aspirações e crenças, cuja necessidade, motivo e fim já deixamos indicados, tiveram sua razão de ser, *como meio transitório e preparatório* do advento do *espírito que vivifica*, em substituição da *letra que mata*. Elas serviram, na marcha dos tempos, de campo para os esforços e lutas do pensamento a se agitar nas trevas da letra; para os esforços e lutas das interpretações e contradições humanas, cujos embates fizeram emergir das profundezas ocultas do *espírito* luminosas centelhas e prepararam o advento do espírito que vivifica, e que, levantando o véu da *letra*, tirando a capa ao *mistério*, aniquilando o prestígio do *milagre*, mostrará a luz e a verdade.

Foram essas aspirações e crenças que, trabalhadas pelos séculos e fazendo progredir as inteligências, vos trouxeram à era nova do Cristianismo do Cristo, à era espírita que diante de vós se abre. E a revelação espírita, predita e prometida, vem, pelo Espírito da Verdade que desce até vós por vontade do Pai, glorificando o Mestre, dizer-vos o que Jesus não podia dizer durante a sua missão terrena e, despojando da *letra o espírito*, ensinar-vos a verdade que agora estais aptos a receber.

Advertindo-lhes que desconfiassem *da letra*, disse o Cristo: "*O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida.*" (João, VI, v. 64.)

Foi *precisamente* o apóstolo João aquele a quem, dentro do quadro que lhe traçou a influência espírita, coube, por inspiração mediúnica, re-

gistar essas palavras do divino modelo, do bem-amado Mestre.

E o apóstolo Paulo, aplicando às interpretações humanas aquelas mesmas palavras, disse: "*A letra mata e o espírito vivifica.*" (2º *Epístola aos Coríntios*, cap. III, v. 6.)

A interpretação *segundo a letra* é a morte, porque conduz ao erro. A interpretação *segundo o espírito* é a vida, porque conduz à verdade.

Mas, o reinado da letra, *transitório e preparatório* do advento do espírito, é e foi previamente necessário, porque a *letra* é que convém aos povos primitivos, à humanidade nas fases de infância, de puberdade, de adolescência, até aos tempos precursores de sua virilidade, só convindo o *espírito* aos povos que hajam chegado a tal grau de desenvolvimento, que queiram compreender o que *devem crer*; aos povos para os quais não mais basta a fé cega, que, desde então, unicamente produz a dúvida ou a incredulidade, visto lhe faltar a razão de ser, do que resulta ficar sem alimento a crença; aos povos, enfim, que precisam receber o pão cotidiano da inteligência, de acordo com as suas faculdades e necessidades.

Por isso, aquelas palavras de Jesus e do apóstolo Paulo eram ditas *para o futuro*, eram palavras que só em séculos ainda muito distantes se haviam de cumprir.

Também por isso é que, em face e em consequência da revelação hebraica, e da que o anjo fez a Maria e a José, Jesus, por obra da sua missão terrena, pelos atos que praticou, pelas palavras que proferiu, pelos acontecimentos que formam os pontos culminantes do desempenho daquela missão, tudo *dispôs e apropriou*, de maneira a servir à época de então e a preparar o futuro para a era cristã, sob o império e o véu *da letra, a capa do mistério* e o prestígio *do milagre*, e de maneira também a deixar as bases, os elementos, a sanção prévia de uma nova revelação, de uma

revelação da revelação, que viesse despojar *da letra o espírito* para a era atual do Cristianismo do Cristo, para a era espírita, sob o império *do espírito*.

Os apóstolos, especialmente Paulo e João, este na sua narrativa evangélica, inspirados pelos Espíritos do Senhor que os assistiam e guiavam no desempenho de suas missões, *a fim de que o que tinha de ser dito e feito o fosse*, caminharam pelas sendas que Jesus traçara.

Jesus proferiu palavras que, em face da revelação hebraica e da revelação do anjo a Maria e a José, em face dos atos que ele praticou e da obra da sua missão terrena, tinham que, na sucessão dos tempos, de acordo com o estado das inteligências, os preconceitos e as tradições, as necessidades e aspirações de cada época, chamar *primeiramente* a atenção dos homens e ser, como aquelas duas revelações, consideradas *segundo a letra*. Pronunciou igualmente palavras destinadas a só prenderem a atenção dos homens quando *pudessem* e *devessem* ser explicadas em *espírito e verdade*, por uma nova revelação tornada necessária e que viria ao mesmo tempo corrigir os erros de todas as interpretações humanas a que houvessem dado lugar, dentre aquelas palavras, as que tivessem servido de base às crenças produzidas, *segundo a letra*, pela infância da humanidade.

Do mesmo modo, os apóstolos Paulo e João, seguindo os caminhos que Jesus traçara, proferiram palavras destinadas também a fixar *primeiramente* a atenção dos homens e a ser tomadas *segundo a letra* e palavras outras, das quais eles próprios não compreendiam o sentido exato, nem o motivo e o fim com que lhes foram inspiradas, destinadas a só despertarem a atenção dos homens, para lhes procurarem o *espírito*, quando *pudessem* e *devessem* ser explicadas *em espírito e*

verdade pela nova revelação, sob o império *do espírito*.

A missão das apóstolos, especialmente a de Paulo, consistia em preparar e abrir os caminhos à era cristã, sob o império *da letra*, proferindo palavras cujo espírito, *como era mister sucedesse*, se conservava para eles velado pela letra e destinadas a servirem de base, de elementos, de meios e de *sanção prévia* à revelação futura, à revelação da revelação.

Aqueles dois apóstolos, como os outros, serviram assim, segundo as vontades do Senhor, àquela época e prepararam o futuro, cada um *nos limites* da sua missão terrena, *no meio, no tempo e nas condições* que a sábia providência de Jesus *dispusera*.

Nenhuma das palavras de João, como *nenhuma* das de Paulo, acerca da natureza e da origem espirituais de Jesus, da sua posição espírita com relação a Deus e ao planeta terreno, da *natureza* do corpo que ele tomou, do modo e das condições em que esse corpo se formou, para sua aparição e passagem pela Terra, deve ser rejeitada. Ao contrário, *todas* têm que ser entendidas e explicadas *segundo o espírito que vivifica e, portanto, em espírito e verdade*.

Os versículos de João referentes a esses pontos (vv. 1, 2, 3, 14 e 18) precisam não ser isolados das palavras de Jesus registadas pelos quatro evangelistas e das de Paulo dirigidas, *de um lado, aos Hebreus e, de outro, aos Gentios*.

Antes de vos explicarmos de maneira especial, *em espírito e verdade*, os versículos de João, vejamos primeiro o que o próprio Jesus disse e, depois, o que disse o apóstolo Paulo.

Quanto às palavras de Jesus, essas, iluminadas pela luz do *espírito que vivifica, excluem a divindade* que os homens lhe atribuíram; proclamam *a sua inferioridade* com relação *ao pai*, que ele declara ser *o único Deus verdadeiro* e do qual se

diz *servo e enviado*; mostram, *veladas pela letra*, a natureza e a origem extra-humanas, estranhas a toda genealogia humana, que ele conservou quando apareceu na Terra a desempenhar entre os homens a missão superior, que trazia, de Messias, de Cristo; mostram, *também veladas pela letra*, sua posição espírita de Espírito fundador, protetor e governador do planeta terreno, constantemente em comunicação direta com o Pai, por ser ele o único encarregado do desenvolvimento e do progresso desse planeta e da Humanidade que o habita, único encarregado de a levar à perfeição.

Apreciemos primeiramente as que excluem a divindade que os homens lhe atribuíram e as que proclamam a sua inferioridade com relação ao Pai, que ele declara ser o único Deus verdadeiro e do qual se diz *servo e enviado*.

Jesus nunca se disse Deus. Não somente nenhuma de suas palavras permite se afirme ou mesmo se pense tal coisa, como, ao contrário, elas excluem a divindade que os homens lhe atribuíram.

A seus discípulos disse: "*Em verdade, em verdade voz digo: Aquele que crê em mim fará as obras que eu faço e fará outras ainda maiores, pois que me vou para meu pai*"⁵. Se ele fosse Deus, uma fração, ainda que inseparável, de Deus, como poderia o homem igualá-lo e, ainda menos, sobrepujá-lo nos atos?

Ao mancebo rico, que lhe chama "bom Mestre", responde com esta interpelação: "Porque me chamas *bom*? *Bom só Deus o é.*" (MATEUS, XIX, v. 16; MARCOS, X, v. 17; LUCAS, XVIII, vv. 18-19.) — Ele, pois, não é Deus. Se o fosse, conforme explicamos no comentário aos três primeiros Evangelhos, direito lhe assistia ao qualificativo de *bom*. Assim podia ser qualificado ele, que era bom por excelência, cuja bondade o colocava tão acima de todos os homens, quando

⁵ Ver infra, no n. 47 (cap. XIV, v. 12), a explicação destas palavras segundo o espírito.

no meio destes. Respondendo, pois, daquela forma, teve em mente protestar, indireta e veladamente, contra a divindade que, *sabia-o ele*, os homens lhe haviam de atribuir.⁶

Ao escriba, que lhe pergunta qual o primeiro de todos os mandamentos, responde: "O primeiro de todos os mandamentos é este: "Escuta, *Israel*: o Eterno, teu Deus, é o único eterno; tu amarás o Eterno, TEU Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito, com todas as tuas forças. Esse é o primeiro mandamento."

A essa resposta faz o escriba a seguinte observação: "Mestre, o que disseste é muito verdade, isto é: *que não há SENÃO UM SÓ Deus, que não há outro além dele*".

Vendo Jesus que era criteriosa a observação do escriba, disse: "*Não estás longe do reino de Deus.*" (MARCOS, XII, vv. 28-29, 32-34.)

Citando desse modo o *Deuteronômio* (cap. VI, vv. 4-5) e sancionando com a sua aprovação a observação do escriba, Jesus, como já explicamos no comentário aos três primeiros Evangelhos⁷, proclama que o Deus de *Israel* é o eterno, o único eterno, que é o Deus *uno*, o único Deus dos *Hebreus*, por ser o único Deus verdadeiro; proclama que *nenhum outro há além desse*. Por essa forma, proscreeve, de *antemão*, em nome do *monoteísmo hebraico*, a divindade que, com a presciência que tinha do futuro, sabia lhe viria a ser atribuída pelos homens.

Quando os Judeus, tendo ouvido dele estas palavras: "Meu pai e eu somos um" e, preparando-se para lapidá-lo, lhe declararam: "Queremos apedrejar-te *por causa da tua blasfêmia*, PORQUE, sendo homem, tu te fazes passar por Deus", Jesus lhes responde: "Não está escrito na vossa lei isto: "Eu disse — Sois *deuses*?" Ora, se ela chama *deuses* àqueles a quem a

⁶ Ver: Evangelhos de MATEUS, MARCOS e LUCAS reunidos (3º vol., n. 239, pág. 196).

⁷ Ver 3º vol., n. 261, pág. 284.

palavra de Deus é *dirigida* e se a Escritura não pode ser anulada, como dizeis *que blasfemo* por haver dito que *sou filho de Deus*, eu a quem meu pai *santificou* e enviou ao mundo?" (JOÃO, X, vv. 31-36.)

Dizendo isso, citando as palavras do profeta do Salmo LXXXI, v. 6, e deixando *intencionalmente* obscura *uma parte* da citação, Jesus prepara a *transição* que se havia de operar *sob o véu da letra*, a capa do *mistério*, o *prestígio do milagre*, e cuja necessidade, motivo e fim há pouco explicamos, e ao mesmo tempo proscreeve, *de antemão*, a divindade que lhe atribuiriam, infirmando desde logo o *sentido* que, *sob o império da letra*, seria dado a esta expressão — *filho de Deus*, para servir de base àquela divindade, para fazer dele uma *fração*, se bem que *inseparável*, de Deus, para fazê-lo *igual a este*. Do mesmo passo confirmava e salientava o que havia dito ao escriba, porquanto, como sabeis, o Salmo LXXXI vv. 1 e 6, reza: "Deus tomou parte na assembléia *dos deuses* e, sentado no meio *deles*, julga os *deuses*"; e: "Eu disse: Sois *deuses* e *todos sois filhos do Altíssimo* (*filhos de Deus*, porquanto o Altíssimo é Deus, o Deus dos *deuses*").

Dessa maneira, citando o *Salmo LXXXI* que é "Escritura que não pode ser anulada", Jesus proclama que, como os Judeus, *que o acusavam de blasfemo*, como *todos* os homens, ele é *filho do Altíssimo*, *filho de Deus*, do Deus dos *deuses*; que é, pois, *deus*, como *todos* o são, *por serem filhos do Altíssimo*. Fulmina assim, embora velando seu pensamento com as palavras, *como importava que o fizesse*, a acusação que lhe lançavam de querer fazer-se Deus, o Eterno, o único eterno, fazer-se igual ao Deus de *Israel*, ao único Deus *verdadeiro*, *uno e indivisível*. Ainda mais: repele e condena desde logo o *sentido* que ao que ele acaba de dizer: "Meu pai e eu somos um", dão os Judeus, pretendendo que, com o dizer isso, ele se faz passar por

Deus. Finalmente, citando aquele *Salmo*, Jesus proclama que, *em espírito e verdade*, segundo o *espírito* despojado *da letra*, é irmão dos homens, como Espírito criado que, oriundo, semelhantemente a *todos*, do mesmo princípio, tivera no seu ponto inicial a mesma origem; que *é filho do Altíssimo, filho de Deus*, como todos o são, do Deus *dos deuses*, que *é seu pai* e, conforme ele o disse e daqui a pouco lembraremos, pai dos homens, que *é seu Deus* e Deus dos homens, isto é, daqueles a quem a palavra divina é dirigida, dos homens irmãos dele, que o Eterno, *o Deus de Israel, o Deus uno, indivisível*, que cria, mas sem fracionar a sua essência, *santificou e enviou ao mundo*. Em Suma, citando o *Salmo*, Jesus proclama que ele é deus como os homens são deuses, *quer* no sentido politeísta, *do ponto de vista transitório dos Hebreus*, *quer* em espírito e verdade⁸, visto que *todos são deuses*, como *filhos do Altíssimo, filhos de Deus*, filhos do *Deus dos deuses*, criaturas, Espíritos criados, todos oriundos, *igualmente*, do Criador incriado.

Quando aparece a Maria Madalena, Jesus lhe ordena: "Vai ter *com meus irmãos* e dize-lhes de minha parte que: subo a *MEU pai* E *VOSSO pai*, a *MEU Deus* E *VOSSO Deus*." (JOÃO, XX, v. 17.)

Quando aparece a Maria Madalena e às outras mulheres, diz-lhes: "Ide dizer *a meus irmãos* que vão à Galiléia; que lá é que me verão." (MATEUS, XXVIII, v. 10.)

Após a Ceia, no momento em que vai entregar-se aos homens, solenemente condena *a divindade* que as interpretações humanas lhe *havam*

⁸ Ver adiante, no n. 35 (JOÃO, X, vv. 31-36), a explicação destas palavras de Jesus e do *Salmo* LXXXI, vv. 1 e 6, e, aqui em seguida, na explicação dos vv. 1 e 2 do cap. 1.

de atribuir e confirma tudo quanto dissera antes contra essa divindade, bem como o sentido, *em espírito e verdade*, das palavras do profeta (*Salmo LXXXI*, vv. 1-6), o monoteísmo hebraico, a existência de um Deus *uno, indivisível*, que cria mas sem o fracionamento *da sua essência*, declarando:

"A vida eterna, ó meu pai, consiste em te conhecer a ti, que és o único Deus VERDADEIRO, e em conhecer a Jesus-Cristo, que tu enviaste." (JOÃO, XVII, v. 3.)

Proclamando que o *pai* é o único Deus *verdadeiro*, Jesus-Cristo proclamou a sua *inferioridade* com relação ao Pai e, proclamando a sua inferioridade, repeliu e condenou de *antemão a divindade* que os homens lhe atribuíam.

Ele disse: "Meu pai é maior do que eu." (JOÃO, XIV, v. 28.) Se ele fosse Deus, uma *fração, uma parte*, ainda que *inseparável*, de Deus, igual a Deus, seria tão grande quanto seu pai, que é igualmente o PAI dos homens, quanto o SEU DEUS, que é também o DEUS dos homens.

É filho do Altíssimo, filho de Deus, como os homens, que são seus irmãos. (JOÃO, X, v. 36 e *Salmo LXXXI*, vv. 1-6.)

É filho único de Deus (JOÃO, III, v. 18), com relação à vossa humanidade, pela sua pureza, pela sua elevação espiritual e pelo seu poder sobre o planeta terreno.

A Tiago e a João, filhos de Zebedeu, disse ele, diante dos outros discípulos: "Pelo que respeita a vos assentardes à minha direita ou à minha esquerda, NÃO ESTÁ em mim vo-lo conceder; isso só é dado *àquele para quem meu pai o preparou*." (MARCOS, X, v. 40.)

Ora, se ele fosse Deus, parte, ainda que inseparável, de Deus, igual a Deus, necessariamente lhe caberia, em comum com o Pai, conceder a Tiago e a João o direito de se sentarem à sua direita ou à sua esquerda, de lhes *preparar* essa situação.

Mas, precisamente por não ser Deus, Jesus-Cristo proclama a supremacia de Deus sobre todo e qualquer Espírito criado, por mais elevado que este seja, e proclama que ninguém, senão somente Deus, *sabe* quando um Espírito é bastante puro para "se sentar à direita ou à esquerda do *seu enviado*".

A seus discípulos, falando-lhes do fim do mundo, disse:

"Quanto a esse dia e a essa hora *ninguém* os conhece, NEM MESMO os anjos do céu, SENÃO SOMENTE meu pai." (MATEUS, XXIV, v. 36.) — Quanto a esse dia e a essa hora, NINGUÉM o SABE, NEM os anjos que estão no céu, NEM o filho; só o pai o sabe." (MARCOS, XIII, v. 32.)

Se o filho, Jesus-Cristo, fosse Deus, fração, ainda que inseparável, de Deus, igual a Deus, ele saberia tanto como Deus.

Também disse: "Minha doutrina NÃO É minha, É *daquele que me enviou*." (JOÃO, VII, v. 16.) — "Não digo no mundo senão o que ele me *ensinou*." (JOÃO, VIII, v. 26.) — "NÃO DIGO SENÃO o que meu pai me ensinou." (JOÃO, VIII, v. 28.)

Se Jesus-Cristo fosse Deus, parcela, ainda que inseparável, de Deus, igual a Deus, a doutrina daquele que o enviou seria, dada essa inseparabilidade, também sua e ele nada teria tido que aprender de Deus, pois que era Deus; nada lhe poderia ter sido *ensinado* por aquele que o enviara, uma vez que, em virtude daquela inseparabilidade, ele tudo devia saber de toda a eternidade, como Deus que era.

Mas, precisamente porque não é Deus e sim, como Espírito criado, irmão dos homens, tendo Deus por pai, como estes, em consequência de ser idêntica a *criação* de todos, sendo Deus, portanto, *seu pai e pai deles, seu Deus e o Deus deles*, é que

proclamou a sua inferioridade como *servo* e *enviado* de Deus, dizendo:

"Meu pai, que me *enviou*, é quem, por SEU MANDAMENTO, *me prescreveu* o que *devo* dizer e *como devo* falar." — (JOÃO, XII, v. 49.) — "Sei que *seu mandamento* é a vida eterna; o que, pois, eu digo, digo-o *conformemente ao que meu pai me ordenou*." (JOÃO, XII, v. 50.)

Estas palavras, *puramente figuradas*, de Jesus-Cristo: "Meu pai e eu somos um" (João, X, v. 30), tomadas *ao pé da letra*, consideradas, *segundo a letra*, em sentido material, isoladas de todas as que ele pronunciara, *quer* das que já citamos, *quer* das que vamos citar, é que *serviram* de fundamento às interpretações humanas por efeito das quais Ihe foi atribuída *a divindade*.

Essas mesmas palavras, também tomadas *ao pé da letra*, consideradas, *segundo a letra*, em sentido material, é que serviram aos Judeus de base para a acusação de blasfemo feita a Jesus. *Criam* eles que, dizendo-as, tinha Jesus em mente inculcar-se como sendo Deus, atribuir a si próprio *a divindade*.

Mas, como acabamos de vos explicar, a resposta que ele deu aos Judeus, *imprecisa e velada* de propósito, tendo em vista a transição que cumpria fosse aparelhada e executada, é exatamente que, compreendida *em espírito e verdade*, combinada com o texto integral do *Salmo LXXXI*, vv. 1-6, repele e condena, de antemão, a divindade que Ihe havia de ser e foi atribuída pelos homens, pelas falsas interpretações humanas segundo a letra destas expressões "*filho de Deus*" e "*meu pai*".

Aquelas palavras: "*Meu pai e eu somos um*", foram ditas, repetimos, *figuradamente*, para exprimir a unidade de pensamento que existia, pela afinidade fluídica, pela pureza e pelo amor, entre Deus e o Cristo; que existiria entre os discípulos

e os outros homens, conforme ia em breve estabelecer-se entre os discípulos e o Consolador, o Espírito Santo, o Espírito da Verdade, isto é: entre os discípulos e os Espíritos superiores que desceriam até eles, a fim de os inspirar e guiar no desempenho de suas missões terrenas, estabelecendo-se assim, por intermédio desses Espíritos superiores, a mesma unidade de pensamento entre os discípulos e Jesus. É o que ressalta evidente do confronto daquelas palavras com as que o Mestre proferiu a esse respeito (João, XIV, vv. 16, 17 e 20; e XVII, vv. 11, 20-23 e vv. 1, 2 e 3), as quais são formalmente condenatórias da divindade que os homens lhe atribuíram, como ides ver.

Após a Ceia, disse a seus discípulos ⁹: "*Pedirei a meu pai e ele vos dará outro consolador que fique eternamente convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece; vós, porém, o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. — Não vos deixarei órfãos, virei a vós; nesse dia, conhecereis que EU ESTOU em meu pai E VÓS em mim E EU em vós.*" (JOÃO, XIV, vv. 16-17, 18-20.)

A seu pai dirige estas palavras: "*Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, a fim de que eles sejam UM, como NÓS. Não peço por eles somente, mas também pelos que não de crer em mim pelas suas palavras, a fim de fique todos sejam um; a fim de que, pai, assim como tu estás em mim e eu em ti, eles sejam do mesmo modo um em nós, para que o mundo creia que me enviaste.*" — "*Dei-lhes a glória que me deste, a fim de que sejam um, como nós somos um.*" — "*Estou neles e tu em mim, a fim de que eles sejam consumados NA UNIDADE e o mundo conheça que me enviaste e que os amaste como me tens amado.*" — "*Meu pai, a hora é chegada; glorifica a teu filho, a fim de que teu filho te glorifique, assim como lhe deste poder sobre todos os homens, para que ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste.*"

⁹ Ver adiante a explicação, em espírito e verdade, das palavras destes versículos.

Ora, a vida eterna é conhecer-te a ti que és o único Deus verdadeiro e conhecer a Jesus-Cristo que tu enviaste." (JOÃO, XVII, vv. 11, 20-23 e vv. 2 e 3.)

Com relação ao seu aparecimento e à sua passagem pela Terra, ao modo por que um e outra se deram, as palavras de Jesus, veladas pela letra, como cumpria que fossem, conforme já explicamos, a bem do preparo da transição, cuja necessidade, motivo e fim deixamos apontados, colocam a sua natureza e a sua origem fora da humanidade, mostram que ambas eram extra-humanas, estranhas à maternidade de Maria e à paternidade de José, das quais o julgaram fruto *enquanto durou a sua missão terrena*; estranhas a toda e qualquer maternidade milagrosa, ao mesmo tempo humana e extra-humana, da virgem Maria, como os homens acreditaram, *depois de concluída aquela missão*.

"Que pensais do Cristo? De quem é ele filho?" perguntou Jesus aos Fariseus e estes responderam: "De David." Diante dessa resposta, ele lhes observou: "Ora, David disse, pelo Espírito Santo, no Livro dos Salmos: "O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu tenha reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo. Como é o Cristo seu filho, se ele o chama seu Senhor? Desde que ele o chama seu Senhor, como pode o Cristo ser seu filho?" (MATEUS, XXII, vv. 41-45; MARCOS, XII, vv. 35-37; LUCAS, XX, vv. 41-44.)¹⁰

Aos Judeus que lhe observaram: "Ainda não tens cinqüenta anos e dizes que viste Abraão", respondeu Jesus: "*Em verdade, em verdade vos digo*: EU Sou, antes que Abraão fosse." (JOÃO, VIII, vv. 57-58.)

Dirigindo-se a Deus, seu pai, que ele acaba de declarar ser o único Deus verdadeiro, diz: "Tu me amaste *antes da constituição do mundo*." (JOÃO, XVII,

¹⁰ Ver a explicação, em espírito e verdade, das palavras destes versículos, no comentário sobre os três primeiros Evangelhos. (3º vol., n. 264, pág. 295 e 296.)

v. 24.) — "E agora glorifica-me tu, pai, em ti mesmo com a glória que tive em ti *antes que o mundo fosse*. (JOÃO, XVII, v. 5.)

Tendo dito ao povo: "Sou a luz do mundo; aquele que me segue não caminha nas trevas, terá, ao contrário, a luz da vida", os Fariseus o acusavam de dar um testemunho que não era verdadeiro. Ao que ele retrucou: "SEI *donde venho e para onde vou*; vós, porém, *não sabeis donde venho nem para onde vou*." — Aos Judeus que, quando ele disse: "Não podeis vir onde eu vou", declaravam: "Quer dizer *que se suicidará*", observou: "Vós sois *deste mundo*, mas, eu sou *do alto*; sois *deste mundo*, EU, *porém, não sou deste mundo*." — "Quem me convencerá de pecado?" (JOÃO, VIII, vv. 23 e 46.) — "DESCI DO CÉU, NÃO para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade *daquele que me enviou*." (JOÃO, VI, v. 38.)

No seu colóquio com Nicodemos, disse-lhe: "*Ninguém* subiu ao céu senão *aquele que desceu do céu*, a saber: *o filho do homem, que está*¹¹ *no céu*." (JOÃO, III, v. 13.)

Aludindo ao seu aparecimento na Terra e à sua passagem por este planeta, à sua morte no Gólgota, morte *aparente*, mas que os homens, *como era mister sucedesse*, consideraram *real*; *aludindo* à sua ressurreição, às suas aparições às mulheres e aos discípulos, disse ele: "Deixo a vida para a retomar; *ninguém ma tira*, sou eu que *a deixo por mim mesmo: tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar*; este MANDAMENTO RECEBI de meu pai." (JOÃO, X, vv. 17-18.)

A seus discípulos, quando entre si murmuravam por haver ele dito aos Judeus: "*Desci do céu*", pergunta: "Que será então se virdes o filho do homem subir para onde antes estava?" (JOÃO, VI, v. 62.)

Palavras de Jesus e de João, o Precursor, também veladas umas e outras intencionalmente *pela letra*, que mostram a posição espírita do primeiro com relação a Deus, ao planeta que habitais

¹¹ Sendo sempre Espírito, debaixo daquele perispírito tangível, com a aparência do corpo humano, ele estava sempre no céu.

e à humanidade terrena, apontando-o *como Espírito fundador, protetor e governador* do mundo terrestre, a cuja formação presidiu, tendo, na qualidade de *representante e delegado de Deus*, plenos poderes, *no céu e na terra*, sobre todos os Espíritos que nesta encarnam:

Falando *de si*, que sofria a encarnação humana, e de Jesus, que não a sofria, e para proclamar a supremacia deste sobre o vosso planeta, como seu governador e protetor, João, o Precursor, inspirado pelos Espíritos superiores que o assistiam e guiavam no desempenho da sua missão, diz àqueles de seus discípulos que haviam discutido com os Judeus: "Aquele que veio *do alto* está *acima de todos*; aquele que *é da terra* é da terra e *da terra* fala. Aquele que *veio do céu* está *acima de todos*. — Aquele que *Deus* enviou fala as palavras de Deus, pois que Deus não lhe dá o Espírito *por medida*. — O pai *ama* o filho e *tudo lhe pôs nas mãos*." (JOÃO, III, vv. 31, 34 e 35.)

Tendo dito aos Judeus: "Quanto a vós, sois deste mundo, mas, quanto a mim, sou do alto; sois deste mundo, eu, porém, não sou deste mundo", os Judeus lhe perguntaram: "*Então, quem és tu?*" Ao que ele respondeu: "*Princípio, eu que vos falo*"¹². (JOÃO, VIII, vv. 23 e 25.)

Também, respondendo aos Judeus que, por tomarem estas palavras — "meu pai" — segundo a letra, materializando-as, e não em espírito e verdade, o acusavam de se fazer igual a Deus, diz: "Em verdade vos digo que o filho nada pode fazer de si mesmo, senão apenas o que vir o pai fazer; o que, pois, o fizer o filho semelhantemente o faz. Porque o pai ama o filho e lhe mostra tudo o que faz e obras ainda maiores do que estas lhe mostrará, que vos maravilharão." (JOÃO, V, vv. 19-20.)

Protestando dessa forma, *como era necessário que o fizesse*, tendo em vista a transição que cum-

¹² Ele, pois, *não é Deus*, porquanto nenhum homem jamais viu a Deus. (JOÃO, I, v. 18.) Assim, ele é o princípio, não porque seja Deus, mas por ser fundador da Terra, como ministro de Deus.

pria fosse, sob o véu da letra, aparelhada e executada, contra a acusação, que lhe lançavam, de querer igualar-se a Deus, como parte destacada de Deus, embora inseparável deste, Jesus proclama que *a sua personalidade, a sua entidade* são distintas do pai e *inferiores ao pai*, declarando que *nada faz como poder criador, pois* que este só a Deus *pertence*, mas que tudo faz *no desempenho de um ministério*. Quer isso dizer que o que faz lhe é inspirado, mostrado e, conseqüentemente, ensinado por Deus. E, se assim é com relação ao que tem feito, assim será com relação às obras ainda maiores que fará.

Designando a Deus por seu pai e ao mesmo tempo designando-se, quando de si fala dirigindo-se a Deus, por "teu filho", tudo em obediência à necessidade de aparelhar e executar, sob o véu *da letra*, a transição, diz, referindo-se a si próprio como filho de Deus: "Assim como lhe deste poder sobre todos os homens, para que ele dê a vida eterna, a todos os que lhe deste. Ora, a vida eterna é conhecer-te *a ti que és o único Deus verdadeiro* e conhecer a Jesus-Cristo que tu *enviaste*". (JOÃO, XVII, vv. 2-3.)

A seus discípulos diz: "Meu pai tudo me pôs nas mãos". (Mateus, XI, v. 27.)

Desse modo proclama, *em espírito e verdade*: que Deus é uno, indivisível, único que cria, mas sem fracionar a sua essência; que, como filho, ele, Jesus, não é Deus e sim Espírito criado por Deus e Espírito protetor e governador do planeta terreno, tendo recebido de Deus todo o poder sobre os homens, *a fim* de os levar à perfeição; que foi e é entre estes um enviado de Deus e que aquele poder lhe foi dado *com esse objetivo, com esse fim*.

Sempre dentro da mesma ordem de idéias é que responde a Pilatos: "*Tu o dizes, sou rei*. Para isto nasci e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da

verdade escuta a minha voz". (João, XVIII, v. 37); — é que diz a seus discípulos por ocasião da sua chamada ascensão, quando, terminada a sua missão terrena, ia elevar-se, diante deles, para as regiões etéreas, voltando à natureza espiritual que lhe era própria: "*Todo poder me foi dado no céu e na terra*", isto é: *sobre todos os Espíritos encarnados e errantes do vosso mundo*. (Mateus, XXVIII, v. 18); — é que disse também a seus discípulos: "Vós me chamais mestre e senhor e dizeis bem, porque eu o sou". (João, XIII, v. 13.) "Sou o caminho, a verdade, a vida; ninguém vem ao pai senão por mim". (João, XIV, v. 6.)

Palavras de Jesus que, sempre sob o véu da letra, o mostram em relação direta com o pai, como sendo o único encarregado do desenvolvimento e do progresso do vosso planeta e de vos conduzir à perfeição.

"Aquele que me enviou ESTÁ comigo e não me deixa só, porque faço o que é do seu agrado." (JOÃO, VIII, v. 29.)

"Eu sou o pão de vida." (JOÃO, VI, v. 48.) "Eu sou o pão vivo que desci do céu." (JOÃO, VI, vv. 41 e 51.) — "O pão de Deus, disse ele falando de si, é o que DESCE DO CÉU e dá vida ao mundo." (JOÃO, VI, v. 33.) — "Sou a luz do mundo; aquele que me segue não anda em trevas; terá, ao contrário, a luz da vida." (JOÃO, VIII, v. 12.) — "Eu, que sou a luz, vim ao mundo, a fim de que todo aquele que em mim crê não permaneça nas trevas." (JOÃO, XII, v. 46.)

Depois de haver dito (MATEUS, XI, v. 27): "Meu pai tudo me pôs nas mãos", acrescenta: "E ninguém conhece o filho senão o pai, nem ninguém conhece o pai senão o filho e aquele a quem o filho o tenha querido revelar"; tendo dito também: "A vida eterna é conhecer-te a ti que és o ÚNICO DEUS VERDADEIRO e conhecer a Jesus-Cristo que tu enviaste." (JOÃO, XVII, v. 3.)

Mostrando assim que, pela revelação espírita, Deus daria a conhecer, *em espírito e verdade*, quem é o "Filho", que só por essa revelação os homens

adquiririam esse conhecimento e que só ele, "o filho", *podia e havia* de dar aos homens o conhecimento *integral* de Deus, isto é: de lhes mostrar a verdade *sem véu*, de os levar à perfeição, Jesus, ao chegar o momento em que ia entregar-se aos homens, para que se consumasse o sacrifício do gólgota, exclama:

"Meu pai, é chegada a hora; glorifica a teu filho, a fim de que teu filho te glorifique; assim como lhe deste poder sobre todos os homens, que ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste. Ora, a vida eterna é conhecer-te a ti que és o ÚNICO DEUS VERDADEIRO e conhecer a Jesus-Cristo que tu *enviaste*." (João, XVII, vv. 1-2-3.) — "Quero que onde eu estou estejam comigo aqueles que tu me deste — (e os que não de crer em mim pela palavra deles) — para verem a minha glória, que foste tu que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo." — "Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei, a fim de que sejam um como tu, meu pai (que és o único deus verdadeiro) és em *mim e eu em ti*, para que também *eles sejam* um em *nós*, — A fim de que sejam um como *nós somos* um." "Eu *estou neles e tu estás em mim*, para que *eles sejam consumados na unidade* e para que o mundo *conheça* que tu me *enviaste* e que *os amaste como me amaste a mim*." (JOÃO, XVII, vv. 24, 26, 22, 21.)¹³

Vejamos agora as palavras de Paulo acerca da natureza e origem espirituais de Jesus, da sua posição espirita com relação a deus e ao vosso planeta, da natureza do corpo que ele revestiu para aparecer na terra e desempenhar a sua missão terrena, coisas todas essas veladas para aquele apóstolo, como para todos os outros, pela *letra* da

¹³ Ver *adiante* a explicação, *em espírito e verdade*, desses diversos versículos, dessas palavras *veladas e figuradas* que, como o disse Jesus, devem ser entendidas *segundo o espírito que vivifica* e que são *espírito e vida*. (JOÃO, VI, v. 64.)

revelação hebraica, pela da revelação do anjo a Maria e a José e pela das palavras do mestre.

Por inspiração dos Espíritos superiores que o assistiam e guiavam no desempenho da sua missão, Paulo disse tudo quanto devia dizer, a fim de que o que tinha de ser se verificasse, e o disse de maneira que, de um lado, servisse àquela época, preparasse e realizasse a transição, cuja necessidade, motivo e fim já vos explicamos, e que se ia efetuar, como se fazia mister, de acordo com a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, pela era cristã sob o império e o véu *da letra, a capa do mistério, o prestígio do milagre*; e, de outro lado, estabelecesse as bases, os elementos e os meios da revelação então futura e que, nos tempos preditos por Jesus, havia de progressivamente explicar, pelo Espírito da Verdade, *segundo o espírito que vivifica*, tudo o que estivesse *oculto e mantido sob o véu da letra, sob a capa do mistério, sob o prestígio do milagre*.

Dentro dos limites em que lhe cumpria desempenhar a sua missão terrena, Paulo ignorava e tinha que ignorar a natureza e a origem *espirituais* de Jesus, sua posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta e a *natureza* do corpo que revestira para fazer seu aparecimento e sua passagem pela Terra. Tinha Paulo que ignorar tudo isso, porque aos homens só é dado aquilo que podem suportar e porque só a revelação predita e prometida do Espírito da Verdade deveria, quando eles se houvessem tornado capazes de a receber, pôr *a descoberto* o que estava *oculto*, dar a *conhecer* o que era *secreto*, iniciando-os nos segredos de além-túmulo.

Para aquele apóstolo, como para todos os outros discípulos e para a multidão, Jesus era um ente excepcional, que a inteligência humana não sabia definir; que tinha, sob o véu *da letra, sob a capa do mistério, sob o prestígio do milagre*, uma origem e uma natureza, ao mesmo tempo, *humanas*

e *extra-humanas, divinas*. As crenças que, durante e após o desempenho da missão terrena do Mestre, se desenvolveram, segundo os preconceitos, as tradições, a letra da revelação hebraica e da do anjo a Maria e a José, em face e por efeito da obra daquela missão, de acordo com o estado das inteligências, as necessidades e aspirações da época, é que haviam de levar os homens, com o caminhar dos tempos, a ver em Jesus-Cristo um homem tal como os do planeta terrestre, *quanto ao invólucro corporal*, e um Deus, como *filho de Deus*, encarnado no seio de Maria *virgem*, uma parte destacada de Deus, embora *inseparável* dele, *igual a Deus*.

Mas, tendo que ser transitórias essas crenças, preciso era que se preparassem as bases e os elementos da futura revelação do *Espírito da Verdade*, destinada a explicar, sob o império *do espírito*, *segundo o espírito que vivifica*, despojado da *letra o espírito*, a dupla revelação hebraica e messiânica, a necessidade, o motivo e o fim de ambas, assim como a necessidade, o motivo e o fim da obra da missão terrena de Jesus-Cristo e da obra da missão dos apóstolos.

Estando tudo então preparado e previsto, desde longos séculos, com o fito do progresso humano, como condição e meio de realização desse progresso, quer relativamente ao que havia de ser *transitório e circunstancial*, mas necessário, sob o *véu da letra*, como *preparação*, quer relativamente ao que havia de ao mesmo tempo conter as bases, os elementos e os meios das revelações progressivas que se seguiriam, Jesus era "filho de David", *segundo a letra* da revelação hebraica que, semelhantemente à revelação do anjo a Maria e a José, tinha, o que sempre se verifica, *seu sentido oposto*.

Essa origem e essa natureza *humanas* de Jesus, eis como o apóstolo Paulo as proclama:

Dá-o *como*, "segundo a carne, provindo dos patriarcas, pais dos Israelitas" (*Epístola aos Romanos*,

IX, vv. 3, 4 e 5), como "provindo, pois, da vossa humanidade", sujeito, portanto, à morte, como vós, "morto" pelos pecados dos homens e "ressuscitado". (1^o *Epístola aos Coríntios*, XV, vv. 13-16; *Epístola aos Romanos*. VIII, v. 34.) — "Que é o homem, pois que (Deus) se lembra dele; e que é o filho do homem, pois que o visita? — Deus o tornou um pouco menor do que os anjos, o coroou de glória e de honra, por causa da "morte" que sofres, tendo o mesmo Deus querido que ele por todos morresse. — Porque, bem digno era de Deus, para quem e por quem todas as coisas são; que, querendo conduzir à glória muitos filhos, consumasse, aperfeiçoasse¹⁴ pelo sofrimento aquele que havia de ser o chefe e o autor da salvação deles e ao qual Deus sujeitou todas as coisas, pondo-as debaixo de seus pés." (*Epístola aos Hebreus*, II, vv. 6-7, 9-10.) — "Ele se tornou, *não* o libertador dos anjos, *mas* o libertador da raça de Abraão. Eis porque importava que fosse, em tudo, semelhante a *seus irmãos*, para ser perante Deus um pontífice misericordioso e fiel no seu ministério, a fim de *expiar* os pecados do povo, pois é das penas e sofrimentos mesmos pelos quais foi *tentado e experimentado* que ele tira o poder de socorrer os que também são tentados. Como, pois, os filhos que Deus lhe deu são de uma natureza mortal, composta de carne e de sangue, ele, por isso, participou dessa mesma natureza, a fim de destruir pela morte o principio da morte, isto é: o diabo." (*Epístola aos Hebreus*, II, vv. 16-17, 13-14.)

Essas palavras foram de atualidade para aque-

¹⁴ Aquele que seria o *próprio Deus*, como parte *destacada* deste, embora *inseparável* dele, *igual* a Deus, destinado a se consumir, a se *aperfeiçoar* pelo sofrimento e feito um pouco *inferior* aos anjos!... Palavras são estas ditas *para aquele* momento, *transitórias*, necessárias *então* a uma humanidade que se achava na infância, a homens materiais, que não podiam compreender outros sofrimentos que *não* os sofrimentos físicos; palavras necessárias, tendo-se em vista o progresso humano, a *preparar e conduzir* os homens, *pela letra*, ao *espírito que vivifica*, a reconhecerem mais tarde que Jesus não era NEM homem do planeta terreno, mortal, sujeito à morte humana, NEM DEUS.

la época e, para as gerações que se seguiriam até aos vossos dias, foram *transitórias e preparatórias* do advento do espírito. Foram elas que trouxeram a humanidade à era, que diante de vós se abre, do Cristianismo *do Cristo*, à era espírita, em que o Espírito da Verdade vem, *da letra* das revelações hebraica e messiânica, da obra da missão terrena de Jesus e da dos apóstolos, *tirar o espírito*.

Jesus era um ser ao mesmo tempo misterioso, excepcional, divino, com uma origem e uma natureza *extra-humanas*, mas *misteriosas, obscuras*, conforme à *letra* da revelação hebraica, da do anjo a Maria e a José e, em face dessas duas revelações, conforme ainda às palavras do próprio Jesus, à sua vida pura, sem mancha, aos "*milagres*" que realizou, aos acontecimentos culminantes da sua missão terrena, à sua morte, à Sua "*ressurreição*", às suas aparições às mulheres e aos discípulos, às circunstâncias em que se deram esses fatos, finalmente à sua ascensão para as regiões etéreas.

O mesmo apóstolo Paulo que, *segundo a letra* da revelação hebraica, proclamou a existência de uma natureza e de uma origem *humanas em Jesus*, também oportunamente proclamou ter ele uma origem e uma natureza *extra-humanas, estranhas* a quaisquer concepção e nascimento, Seja meramente humanos, como filho de Maria e de José, seja por efeito de uma maternidade "*milagrosa*" de Maria, sendo ela virgem.

Comprovou assim que a concepção e a gestação em Maria e, conseguintemente, sua gravidez e seu parto *por obra do Espírito Santo, destinados* a ser tidos como reais pelos homens, foram *apenas aparentes*. Comprovou, pois, que o que se formara no seio de Maria, por obra do Espírito Santo, fora *simplesmente aparente*, fora obra espírita e não *uma realidade*, que não houvera realmente concepção, gravidez e parto, os quais, na Terra, não podem verificar-se sem o concurso dos dois sexos.

E essa origem e natureza extra-humanas de Jesus, Paulo as proclamou também, exatamente como fizera com relação à natureza e à origem humanas do mesmo Jesus, de acordo *com a letra* da revelação hebraica. É que tudo estava preparado e previsto, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, para que, em cada época, em cada era, como já o temos dito, fosse fornecido aos homens o pão da inteligência, de acordo com suas faculdades e necessidades, e para que, por meio de revelações sucessivas, eles fossem progressivamente conduzidos pelo caminho da luz e da verdade.

Apreciemos as palavras com que Paulo proclamou a origem e a natureza extra-humanas de Jesus.

Foi Deus quem formou para Jesus um corpo, declara-o ele nestes termos: "O filho de Deus ao entrar no mundo diz: "Não quiseste hóstia nem oblata, mas *me formaste um corpo*." (*Epístola aos Hebreus*, X, v. 5.)

Depois de, *por essa forma*, haver dito que Deus formou um corpo para Jesus, proclama que este, como Melquisedec, *é sem pai, sem mãe, sem genealogia*, dizendo:

"Pois este Melquisedec, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, *que veio ao encontro de Abraão*, quando este voltava da matança dos reis, e o abençoou e com quem Abraão repartiu o dízimo de tudo, e que se chama, primeiramente, por interpretação do seu nome, *rei de justiça*, depois, rei de Salém, que quer dizer *rei de paz*, que *É sem pai, sem mãe, sem genealogia*, que não tem começo *de seus dias*, nem fim *de vida, semelhante assim ao filho de Deus*, continua sacerdote para sempre." (*Epístola aos Hebreus*, VII, vv. 1-3.)

Desse modo, numa linguagem *velada pela letra*, Paulo declara que Jesus surgiu na Terra e fez sua passagem por esse planeta, cumpriu a sua missão

terrena, com um corpo que não se formou mediante concepção, gravidez, gestação e parto humanos, quer como obra humana de Maria e de José, quer como obra milagrosa produzida em Maria virgem, e *sim* com um corpo formado por Deus, isto é: de acordo com as leis naturais e imutáveis que Deus instituiu de toda a eternidade, mas diversas das que, no vosso planeta, regem a formação do corpo humano, exigindo, para esse efeito, o concurso dos dois sexos.

Proclama ainda, também sob o *véu da letra*, que aquele corpo que Jesus tomara, que constituía, ao ver dos homens, a sua vida e que não era idêntico aos corpos humanos da Terra, não estava sujeito, como estes, à morte. De sorte que sua morte no Gólgota, *destinada* a ser pelos homens considerada *real*, foi *apenas aparente*, como *apenas aparentes* foram — a concepção, a gravidez, a gestação e o parto em Maria virgem, *por obra do Espírito Santo*, a maternidade humana de Maria e a paternidade humana de José, enquanto ele desempenhou a sua missão terrena, a maternidade de Maria, virgem, depois *do desempenho daquela missão*. Assim, igualmente e *pela mesma razão*, apenas aparente foi a sua vida "humana", porquanto, *segundo o espírito oculto pela letra*, o seu aparecimento e a sua passagem pela Terra foram o que tinham sido o aparecimento e a passagem de Melquisedec, *que veio ao encontro de Abraão* e que, semelhantemente a Jesus, era sem pai, sem mãe, sem genealogia — uma manifestação espírita, uma aparição, ora visível e tangível ao mesmo tempo, ora simplesmente visível, de acordo com as *necessidades e as circunstâncias* da missão que viera desempenhar, antes e depois do sacrifício do Gólgota.

Eis como a tal respeito se expressa aquele apóstolo:

Depois de haver dito que Jesus é pontífice eter-

no, sacerdote eterno, *segundo a ordem de Melquisedec* (Epístola aos Hebreus, VI, v. 20 e VII, v. 17), acrescenta, sempre falando de Jesus: "que ele se fez pontífice eterno, *não segundo a lei* de uma sucessão *carnal*, MAS pelo poder de sua VIDA *insolúvel* (que lhe não pode ser tirada, destruída) — "*non secundum legem mandati carnalis, SED secundum virtutem vitae insolubilis.*" (Epístola aos Hebreus, VII, v. 16.) Isto porque, como já ele o dissera, Jesus-Cristo é "*sem pai, sem mãe, sem genealogia*", "não tem NEM começo *de seus dias*, NEM fim *de sua vida*" e porque "NÃO TENDO Deus QUERIDO *sacrifício nem oblata*, *lhe* formou um corpo."

Aquelas palavras de Paulo são *uma conseqüência e uma aplicação explícita* das de Jesus aludindo ao corpo que trazia, corpo que, *segundo a maneira de ver dos homens*, constituía a sua vida, mas que era apenas instrumento e meio de execução da sua missão terrena; aludindo ao seu aparecimento e à sua passagem pela Terra, *ao sacrifício do Gólgota*, à sua ressurreição, às suas aparições sucessivas às mulheres e aos discípulos, à sua volta para as regiões etéreas, na época da chamada *ascensão*:

"Deixo a vida PARA a retomar; *ninguém ma tira*, sou *eu* que a deixo *por mim mesmo*; tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar; MANDAMENTO QUE RECEBI de meu pai."

Declarando que Jesus era sem pai, sem mãe, sem genealogia, e que, para entrar no mundo, Deus *lhe* formara um corpo e acrescentando que esse corpo era a imagem *da substância* de Deus, o apóstolo Paulo comprova e proclama, *sob o véu da letra*, que Jesus fez seu aparecimento e sua passagem pela Terra com um corpo fluídico em estado de tangibilidade, *semelhante* ao do homem terreno, *mas não* da mesma natureza. Comprova, portanto, e proclama que Jesus fora *sempre Espírito* nesse corpo fluídico apto a longa tangibilidade, sujeito inteiramente à ação da sua vontade e que

era, desse modo, dada a correlação que existe entre o *finito* e o *infinito*, entre a *criatura* e o *criador incriado*, a *imagem da substância de Deus*, de Deus que é *Espírito na substância*: inteligência, pensamento, fluido; de Deus para quem o fluido universal, que dele emana e o toca de perto, constitui o instrumento e o meio pelos quais ele opera todas as criações, assim de ordem espiritual e de ordem material, como de ordem fluidica, fluido universal esse que se acha na culminância de tudo quanto dele provém.

Eis o que diz Paulo sobre isso:

"Jesus é o esplendor da glória de Deus, a *imagem DA sua substancia*." (*Epistola aos Hebreus*, I, v. 3.) — "Nem toda carne é a mesma carne. Há corpos *terrestres* e corpos *celestes*. O primeiro homem é o da terra, o terreno; o segundo homem é o do céu, o *celeste*. O primeiro Adão foi feito em alma vivente; o último Adão em *espírito vivificante*." (*V Epistola aos Coríntios*, XV, vv. 39-40 e 45-47.)

Todas essas palavras daquele apóstolo, *sobre a natureza* do corpo que Jesus tomou *fora* da humanidade terrena, eram ditas para o *futuro*, eram palavras destinadas a só prender a atenção dos homens quando chegasse o momento de serem explicadas *em espírito e verdade* pela revelação da revelação, que vem despojar *da letra o espírito*, levantar o *véu*, pôr a *descoberto* o "mistério" e o "milagre", explicando um e outro como *atos naturais*, executados de acordo *com as leis da natureza*.

Paulo também proclama, Sob o véu da letra, a origem e a natureza espirituais de Jesus, apresentando-o como irmão dos homens, portanto como Espírito criado da mesma forma que estes, provindo, em sua origem, do mesmo ponto inicial que todas as outras criaturas de Deus, que todas as outras essências espirituais, que todos os outros Espíritos; oriundo do mesmo princípio que estes:

o Pai; apresentando-o também como um puro Espírito, um Espírito para sempre perfeito, de pureza perfeita e imaculada.

Eis de que maneira ele o proclama:

"Deus: NOSSO pai e Jesus-Cristo: NOSSO Senhor." (*Epístola aos Efésios*, I, v. 2 e *Epístola a Filêmon*, v. 3.) — "Aquele que santifica (Jesus-Cristo) e os que são santificados (os homens) VÊM todos de um só princípio; EIS PORQUE ele (o que santifica) não se vexa de lhes chamar irmãos¹⁵, dizendo: Anunciarei teu nome a meus irmãos e te louvarei no meio da assembléia deles." (*Epístola aos Hebreus*, 11, vv. 11-12.) — Ele é SANTO, INOCENTE, SEM MÁCULA, SEPARADO dos pecadores — e mais elevado do que os céus (parte integrante e acessória da terra, para os Hebreus." — Ele é "perfeito para sempre." (*Epístola aos Hebreus*, VII, vv. 26 e 28.)

Ainda sob o véu *da letra*, Paulo também proclama a unidade indivisível — Pai, como sendo o único Deus verdadeiro, condenando assim *toda divindade* que se haja atribuído no passado e que se viesse a atribuir então e de futuro a qualquer outra entidade *diversa do Pai*, seja *no céu*, seja *na terra*. Proclama a posição espírita de Jesus com relação a Deus e ao planeta terreno, como sendo o fundador, o protetor e o governador deste, como sendo o único encarregado do desenvolvimento e do progresso dos homens e de os levar à perfeição, onde, segundo uma locução *figurada*, Deus será *tudo em todos*.

Eis como se exprime o apóstolo:

"Não há mais do que um só Deus, pai de todos e que está ACIMA de todos, que estende por todos a sua

¹⁵ Estas palavras, que Paulo toma ao *Salmo XXI*, v. 21, e que não devem ser separadas das do *Salmo LXXXI*, vv. 1 e 6, *segundo o espírito que vivifica* atribuem, *sob o véu da letra*, a todos os Espíritos *criados* uma origem comum e divina como *princípio espiritual*.

providência e que ESTÁ em todos nós." (Epístola aos Efésios, IV, vv. 5-6.) — "Aquele que é SOBERANAMENTE bem-aventurado, ÚNICO poderoso, o rei dos reis, o senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, aquele que nenhum homem jamais viu nem pode ver, a quem cabem a honra e o império na eternidade." (1^o Epístola a Timóteo, VI, vv. 15-16.) — "O DEUS de Nosso Senhor Jesus-Cristo, o pai de glória que vos dê um Espírito de sabedoria e de revelação para o conhecimento dele." (Epístola aos Efésios, I, v. 17.) — "Dele, POR ele e nele são todas as coisas." (Epístola aos Romanos, XI, v. 36.) — "Nele, vivemos, nos movemos e somos." (Atos dos Apóstolos, XVII, v. 28.)

"Nenhum outro Deus há senão só um; porquanto, ainda que haja os que são chamados deuses, *quer* no céu, *quer* na terra, não há, todavia, PARA NÓS, sendo um só Deus que é o pai, de quem todas as coisas procedem e em quem existimos; SENÃO um único Senhor, que é Jesus-Cristo, por quem todas as coisas foram feitas e por quem somos o que somos." (1^o Epístola aos Coríntios, VIII, vv. 4-6.) — "Jesus-Cristo é a cabeça." (Epístola aos Efésios, IV, v. 15.) — "Ele é a cabeça de cada homem e Deus é a cabeça de Jesus-Cristo." (1^o Epístola aos Coríntios, XI, v. 3.) — "Jesus-Cristo há de reinar até que haja posto sob seus pés todos os inimigos. Ora, a morte é o inimigo que por último será destruído, pois a Escritura diz que Deus tudo *lhe pôs* sob os pés, tudo *lhe sujeitou*. Mas, quando ela diz que tudo *lhe está* sujeito, sem dúvida excetua *aquele que lhe sujeitou* todas as coisas. Quando, pois, todas as coisas estiverem *sujeitas ao filho*, o filho estará então *sujeito* AQUELE QUE *lhe sujeitou* todas as coisas. A FIM DE QUE Deus seja *tudo* EM todos." (1^o Epístola aos Coríntios, XV, vv. 25-28.)

Também essas eram palavras ditas para o futuro, eram palavras que só haviam de prender a atenção dos homens quando chegasse o momento de lhes serem explicadas pela revelação da revelação, em espírito e verdade.

Mas a *transição*, vós o sabeis, pois que já vos explicamos sua necessidade, motivo e fim, tinha

que ser aparelhada e executada pela era cristã sob o império *da letra* e favorecida por esta, *sob a capa do mistério*, sob o prestígio *do milagre*, para *que os homens fossem* conduzidos à era nova do Cristianismo *do Cristo*, à era espírita, ao advento *do espírito que vivifica*. Foi com o objetivo dessa transição *que* o apóstolo Paulo, guiado pela inspiração, proferiu, de acordo *com* a revelação hebraica, estas palavras que, destinando-se a ser tomadas *ao pé da letra* e entendidas *segundo a letra*, tinham que ser e foram também palavras de atualidade para aquele momento.

"Ele é filho de Deus." (2^o Epístola aos Coríntios, I, v. 19.) — "Ele, segundo a carne, descende dos patriarcas, pais dos Israelitas. E Deus *acima de tudo*." (Epístola aos Romanos, IX, vv. 4 e 5.) — "Deus nestes últimos dias falou pelo filho, que ele constituiu herdeiro de todas as coisas e *por quem* criou os séculos." (Epístola aos Hebreus, I, v. 2.) — "E como ele é o esplendor da sua glória e a imagem da sua substância e tudo sustenta pela expressão do seu poder, está sentado, nas maiores alturas, à *direita* da majestade — sendo tanto mais elevado do que os anjos quanto mais excelente do que o destes é o nome que recebeu, pois, a qual dos anjos disse Deus jamais: Es meu filho, eu hoje te gerei¹⁶ ? e doutra vez: Ser-lhe-ei pai e ele me será filho¹⁷ ? E ainda, quando introduz seu primogênito no mundo, diz: Que todos os anjos de Deus o adorem¹⁸. E, a respeito dos anjos, diz a Escritura: Deus faz dos Espíritos seus embaixadores, seus anjos e das chamas ardentes seus ministros¹⁹. Acerca do filho, porém, ela diz: Teu trono, ó Deus!, será eterno e o cetro do teu reino um cetro de equidade; amaste a justiça e odiaste a injustiça e por isso, ó Deus!, o teu Deus te sagrou, com um óleo

¹⁶ Salmo II, v. 7.

¹⁷ Os Reis, liv. II, cap. VII, v. 14.

¹⁸ Salmo XCVI, v. 7.

¹⁹ Salmo XCVI, v. 7.

de alegria, superior *aos que têm parte contigo*²⁰. E diz também: Tu, Senhor, no princípio, fundaste a terra e os céus são obra de tuas mãos; eles perecerão, mas tu permanecerás; eles envelhecerão todos como uma veste e tu os mudarás como um manto e eles serão mudados; tu, porém, serás sempre o mesmo e teus anos não acabarão²¹. Enfim, a qual dos anjos disse jamais o Senhor: Senta-se à minha direita até que eu ponha teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés²²? Os anjos não são todos eles Espíritos que lhe servem de ministros, enviados *a exercerem seu ministério a favor dos que hão de herdar a salvação?*" (*Epístola aos Hebreus, I, vv. 2-14.*)

Despido da *letra o espírito*, explicadas *em espírito e verdade*, combinadas com as do *Salmo LXXXI*, vv. 1 e 6, com todas as que temos citado, proferidas por Jesus, sobretudo com as que pronunciou aludindo àquele *Salmo*; combinadas com todas as que Paulo proferiu, das quais não devem ser isoladas para, por uma interpretação *segundo a letra*, serem apontadas como contraditórias, quando, *interpretadas todas segundo o espírito que vivifica*, se reconhecerá que entre elas perfeita harmonia existe, as palavras acima, ditas pelo apóstolo dos Gentios, mostram Jesus como sendo: — *filho de Deus*, porque *filho do Altíssimo*, segundo o que disse o anjo a Maria; — *filho*, como todos, do Eterno, do *único* eterno, do Deus uno, indivisível, criador incriado; — *irmão dos homens*, oriundo do mesmo princípio que estes, tendo tido, *no ponto inicial, a mesma origem*; — *Espírito de pureza perfeita e imaculada*; — *filho do Deus dos deuses*, a quem se pode dar o título de Deus, no sentido de ser ele fundador, protetor e governador da Terra, vosso *único* Senhor, colocado, porque *filho do Deus dos deuses*, como Deus, acima de tudo: de todos

²⁰ *Salmo XLIV*, vv. 6-7 (Lemaistre de Sacy) e v. 45 (Ostervald).

²¹ *Salmo CI*, v. 25.

²² *Salmo CIX*, v. 1.

os homens, de todos os anjos ou Espíritos que o cercam e trabalham no desenvolvimento do vosso planeta e da humanidade terrena, de todos os anjos ou Espíritos que junto dele desempenham as missões de ministros de Deus, todos, porém, pelo menos em saber universal, inferiores, dentro da ordem hierárquica, aos Espíritos protetores e governadores de mundos.

Aquelas palavras, destinadas também a preparar e executar a *transição* de que temos falado, aquelas palavras, ditas para os Hebreus, eram dirigidas a homens que acreditavam não existir mais do que um só mundo — a Terra, a homens para os quais a Terra era a *única* criação de Deus, não passando o céu, o firmamento, de um apêndice necessário, de um *acessório integrante*, de uma *parte complementar* — a abóbada da Terra. Para eles, os corpos luminosos, sol, lua e estrelas, eram simples luminares feitos e suspensos nessa abóbada unicamente para utilidade da Terra, a fim de separarem o dia da noite, de servirem de sinal para a marcação dos tempos e das estações, dos dias e dos anos, a fim de clarearem a Terra: o sol, presidindo ao dia; a lua, presidindo à noite; as estrelas, presidindo, com o seu luzir sobre o planeta, ao dia e à noite, separando da luz as trevas.²³

Em face dessas crenças então correntes e às quais, para ser compreendida e sobretudo escutada, fora apropriada a linguagem da revelação hebraica, é que precisam ser entendidas, *em espírito e verdade*, as palavras de Paulo tomadas aos *Salmos* e que não devem ser *isoladas das do Salmo LXXXI*, vv. 1 e 6.

Como fundador, protetor e governador da Terra, Jesus foi instituído por Deus "herdeiro *de todas as coisas*" e, *por ele*, Deus criou os "séculos".

²³ Gênese, cap. I.

Jesus fez a terra e, *para os Hebreus, de acordo com o seu modo de ver*, fez também o céu, como apêndice necessário, acessório integrante, parte complementar da terra.

"Quando Deus introduziu no mundo o seu primogênito, disse: "que todos os anjos o adorem."

Quando investiu a Jesus no mandato de fundador, protetor e governador da Terra, Deus colocou os anjos ou Espíritos designados para trabalharem, dirigidos pelo mesmo Jesus, na obra de formação, desenvolvimento e progresso desse planeta, submissos, respeitosos e cheios de amor para com aquele que sendo, tal qual eles, filho do Altíssimo, filho de Deus e, como filho do Deus dos deuses, deus, era o representante direto da vontade do Altíssimo; para com aquele que estava, como "deus", porque filho do Deus dos deuses, acima de tudo, acima de todos os anjos ou Espíritos enviados para, sempre debaixo da sua direção, exercerem o ministério que lhes fora confiado em favor *dos que haviam de ser os herdeiros da salvação*: em favor dos homens de boa-vontade.

"Jesus *está* assentado nas maiores alturas, à direita da majestade."

Está na primeira categoria, ocupa o primeiro lugar, o lugar de honra, junto de Deus, com relação ao planeta terreno, do qual é fundador, protetor e governador.

"Santo, inocente, sem mácula e Espírito para sempre perfeito, ele é filho único do pai."

Quer isso dizer que, sendo um puro Espírito, um Espírito de pureza perfeita e imaculada, que, na santidade e na inocência, sem nunca haver falido, conquistou a perfeição e foi por Deus ins-

tituído fundador, protetor e governador da Terra, Jesus, com relação aos anjos ou Espíritos que Pai trabalham na obra do progresso do vosso planeta e da humanidade terrena, é verdadeiramente filho *único* do pai *pela sua pureza e pelo seu poder*, o chefe supremo.

Assim é que Deus é "seu pai" e que ele é "filho único de Deus". Assim é que Deus, o Eterno, *único* eterno, para quem não há presente, nem passado, nem futuro, para quem só há a instantaneidade na eternidade, o gerou "hoje", assim é que ele foi gerado como filho do Altíssimo, filho do Deus *dos deuses e irmão* dos homens. Assim é que Deus o gerou como Espírito, de acordo com as leis imutáveis que ele mesmo, Deus, promulgou desde toda a eternidade e que presidem à criação de toda essência espiritual. Assim é que o gerou, para fazer o seu aparecimento na Terra e estar entre os homens, formando-lhe, fora da humanidade terrena, um corpo, segundo as leis imutáveis que regem a formação de tais corpos nos mundos superiores, mediante a apropriação delas aos fluidos ambientes que, no vosso planeta, servem para a formação dos seres humanos, de modo que aquele corpo fosse *semelhante* aos dos habitantes da Terra, mas não *da mesma natureza*. Assim é que ele, Jesus, "tanto mais alto está do que os anjos, quanto mais excelente do que o destes é o nome que recebeu" e assim é que, com um óleo de alegria, foi sagrado superior aos que com ele têm parte.

"Amou a justiça e odiou a injustiça; seu trono será *eterno*; o cetro do *seu império* será um cetro de equidade."

Tudo isso com relação ao vosso planeta, até que o haja levado às regiões dos fluidos puros, às condições de só ser habitável, acessível aos puros Espíritos e também com relação, posterior-

mente, a todos os outros planetas que ele houver de proteger e governar, de conformidade com as missões superiores que Deus lhe dará, no infinito e na eternidade.

Deus fê-lo sentar-se à sua direita, ainda com relação ao planeta terreno, quando o instituiu fundador, protetor e governador da Terra, "até que ponha seus inimigos a lhe servirem de escabelo para os pés", isto é: até que, no seio da humanidade, todos os vícios e imperfeições, morais, físicas e intelectuais, tenham sido destruídos; até que os Espíritos que habitam a Terra ou a circundam tenham chegado à perfeição moral humana, tenham galgado a categoria de puros Espíritos, época em que a missão de Jesus, como vosso protetor e governador, estará terminada e em que, portanto, "o filho se achará submisso a Deus", para receber nova missão.

"A terra e o céu perecerão, mas Jesus "permanecerá". "Uma e outro envelhecerão qual veste e Jesus os mudará como um manto e eles serão mudados." "Quanto a Jesus, permanecerá sempre o mesmo e seus anos não terão fim."

A Terra, como tudo o que se lhe acha ligado, como todos os mundos, quer os formados, quer os que estão por formar-se, perecerão depurando-se e transformando-se. Jesus, porém, *Espírito para sempre perfeito*, puro Espírito, que tem a vida espírita eterna, *se conservará* sempre o mesmo em sua pureza perfeita e assim seus anos não terão fim.

A Terra e tudo o que se lhe acha ligado *envelhecerão qual veste* e Jesus os *mudará* como um manto e *serão mudados*. "A Terra e todas as criaturas, de todos os reinos da natureza, mineral, vegetal, animal e humano, que a habitam, que nela se sucedem, se reproduzem por efeito da lei do renascimento, *envelhecerão todos como uma veste*; aquela, a Terra, depurando-se e transforman-

do-se para passar progressivamente do estado material ao estado fluídico; as criaturas, depurando-se e transformando-se, sob a ação da lei do renascimento, para chegarem à pureza, à perfeição, mediante o progresso moral, físico e intelectual. É *assim* que a Terra e tudo o que a ela se acha preso "serão mudados" e que Jesus "os mudará como um manto".

Dizendo, sob a inspiração dos Espíritos superiores que o guiavam no desempenho da sua missão terrena, mas sem consciência dessa inspiração, que Jesus "é Deus acima de tudo" (*Epíst. aos Rom.*, IX, v. 5), ao mesmo tempo dizendo que, "*segundo a carne*, ele descende dos patriarcas, pais dos Israelitas" (*Idem*, v. 14), Paulo não proferiu palavras que tivessem por objeto e por fim atribuir a Jesus a divindade, do mesmo modo que não tiveram semelhante objetivo estas outras que ele tomou aos *Salmos*: "Ó Deus, teu trono será um trono eterno, o cetro do teu império será um cetro de equidade. O Deus, teu Deus, com um óleo de alegria, te sagrou superior aos que contigo têm parte"

As primeiras "Ele é Deus acima de tudo" não tiveram por objeto e por fim atribuir a Jesus a divindade, colocando-o *acima do pai*, que é o único Deus verdadeiro, do mesmo modo que estas outras — "ó Deus, teu Deus" — não tiveram por objeto e por fim apresentar Jesus como participe da divindade com o *pai*, que é o *único Deus verdadeiro*, como uma parte destacada de Deus, se bem que *inseparável deste*, como *igual* a Deus.

Tanto aquelas não tinham, quando ditas por Paulo, esse objetivo, que ele também disse: "Não há *nenhum outro* Deus além do *único Deus*, que é o *pai*."

Tais palavras, tomadas, por inspiração, aos *Salmos*, assim quanto à letra como quanto ao espírito, se acham em correlação com as do *Salmo LXXXI*, vv. 1 e 6, das quais não devem ser separa-

das, palavras estas que já citamos e vamos recordar: "Deus tomou lugar na assembléia *dos deuses* e, sentado no meio *deles*, julga os *deuses*." — *Eu disse*: "Sois *deuses* e sois todos *filhos do Altíssimo*."

Estas palavras *figuradas*: "é Deus acima de tudo" — "ó Deus" — "ó Deus, teu Deus", no seu verdadeiro sentido, objetivavam exprimir, no meio em que, por inspiração, foram ditas pelo profeta e depois por Paulo, o seguinte pensamento: Sendo filho do Altíssimo, filho de Deus, como os homens, como todas as criaturas, como todos os Espíritos criados, *irmãos destes*, portanto, e "deus", porque filho do Eterno, *único* eterno, porque filho do Deus *dos deuses*, Jesus estava e está acima de tudo com relação aos homens, era e é o *Senhor*, o único Senhor com relação a eles e superior a todos os Espíritos encarnados ou errantes que, sob a sua direção, trabalham ou cooperam no desenvolvimento e no progresso do vosso planeta e da humanidade terrena.

Assim, aquelas palavras, no seu verdadeiro sentido e no meio em que foram ditas, se referem ao poder que Deus outorgou a Jesus relativamente ao planeta terra, cujo fundador, protetor e governador ele é, e relativamente à humanidade terrena, da qual é ele o *Senhor*, o único Senhor.

De maneira especial, chamamos toda a vossa atenção para as palavras de Paulo na 1ª. *Epístola aos Coríntios*, VIII, vv. 2, 4, 5 e 6. Elas são da mais alta importância do ponto de vista da autoridade que dão ao presente, *no sentido* de serem a base e a sanção prévia da nova revelação, da revelação da revelação, que vos trazemos de Deus. Elas foram, para o passado, a condenação do antigo politeísmo e, para aquela época e para o futuro, a condenação antecipada das interpretações humanas que, graças ao *véu da letra*, à *capa do mistério*, ao *prestígio do milagre*, como meio *transitório* e *preparatório* do advento da verdade acerca do "*pai*", do "*filho*" e do "*Espírito Santo*", haviam

de produzir o dogma humano da divindade atribuída pelos homens a Jesus-Cristo, o dogma humano das três pessoas, da trindade dos católicos e dos cristãos ou protestantes *ortodoxos*.

Elas foram a condenação prévia das interpretações que, tudo materializando sob o reinado *da letra*, tomando *ao pé da letra e segunda a letra* as revelações hebraica e messiânica e algumas palavras de Jesus, isoladas do conjunto das que ele pronunciou, fizeram do mesmo Jesus um homem do vosso planeta quanto ao invólucro corporal humano e ao mesmo tempo um Deus, o próprio Deus, *como parte destacada* de Deus, embora, *inseparável* dele, *igual* a ele.

Elas encerram a condenação das interpretações humanas que, sob a influência das idéias hebraicas acerca do *Espírito Santo* que, para os Hebreus, era *o próprio* Deus manifestando-se por um ato qualquer, produziram, com relação à divindade atribuída a Jesus, o dogma humano das três pessoas e que, em face do monoteísmo hebraico, tentaram encerrar a pluralidade na unidade, a pluralidade de deuses na unidade Deus, sem atentarem no caráter panteísta dessa trindade, que não podia e não pode despir-se desse caráter, senão para constituir um politeísmo *restrito*, reduzido a *três* entidades.

Dessa trindade, *tal como foi instituída e é entendida pelos homens* (já tivemos ocasião de vo-lo dizer²⁴, tendes a fórmula no que se passou às margens do Jordão onde, enquadrada semelhante interpretação nas idéias politeístas e não podendo perder esse aspecto senão para constituir um politeísmo *restrito a três*, se mostraram *duas frações* de Deus. Considerou-se o Deus uno dividido *em três partes*, sendo *uma das suas frações* Jesus, em um corpo idêntico aos vossos, sujeito às necessidades da existência humana e às contingên-

²⁴ Vol. I, págs. 351 a 353.

cias humanas de vida e de morte. *Outra fração* de Deus foi o *Espírito Santo*, debaixo da forma corporal de uma pomba que desceu sobre Jesus-Deus. Em terceiro lugar, Deus, de quem *aquelas duas frações* se haviam *destacado*, a fazer que se ouvisse uma voz do céu, dizendo: "*És meu filho bem-amado em quem pus todas as minhas complacências.*"

As *duas primeiras frações* de Deus, depois de se terem *por essa maneira* separado do *grande todo*, a ele voltaram e nele se reintegraram, *reconstituindo-se a unidade*, ficando, entretanto, destinadas a se separarem de novo do *grande todo*, a voltarem a ele e a nele se reintegrarem, recompondo-se outra vez a unidade. Quanto à fração *Espírito Santo*, essa separação se verificaria e se verificou, segundo o dogma, quando ele desceu sobre os apóstolos, afetando a forma de "línguas de fogo". Quanto à fração Jesus, ela se dará por ocasião do seu segundo advento.

As palavras, constantes da 1' *Epístola aos Coríntios*, cap. VIII, vv. 2, 4-6, que o apóstolo Paulo proferiu por inspiração, sem que tivesse consciência desta, sem lhes compreender o sentido exato, foram ditas para o futuro, para as gerações vindouras, para só serem compreendidas e explicadas *em espírito e verdade* pela nova revelação, para só então prenderem a atenção dos homens, com oportunidade e proveito.

São as seguintes essas palavras:

"Se alguém presume que sabe alguma coisa, esse ainda nada sabe como é preciso que o saiba." — "Sabemos que os ídolos nada são no mundo." — (1' *Epístola aos Coríntios*, VIII, vv. 2 e 4.)

Ele começa, *assim*, por proscrever todas as falsas divindades engendradas pelo paganismo, pelo politeísmo antigo.

Fala, pois, *para o passado*, quando diz: "Sabemos que os ídolos nada são no mundo." Em seguida, dirigindo-se principalmente à época de então e ao futuro, acrescenta:

"E (sabemos) que *nenhum outro Deus há além do único Deus*, pois, conquanto haja os que são *chamados deuses*, QUER *no céu*, QUER *na terra*, de modo a haver muitos deuses e muitos senhores, *não há*, todavia, para nós, *senão um só Deus, que é o pai, de quem* todas as coisas tiram o ser e QUE nos fez PARA SI; *senão um só Senhor, QUE É Jesus-Cristo*, por quem todas as coisas foram feitas e por quem somos tudo o que somos." (1 *Epístola aos Coríntios*, VIII, vv. 5 e 6.)

Conforme se vê, ele não se contenta com proclamar a *unidade indivisível do pai*, como sendo o Deus único, criador incriado, que cria mas sem fracionar *a sua essência*; com proclamar que o *pai é o único Deus*, que Deus é uno, indivisível. Vai além: proscreeve *expressamente*, tendo em vista aquela época e o futuro, *toda divindade* que se atribua a *quem quer que não seja o pai*.

"Pois, conquanto haja os que são chamados deuses, QUER no céu, QUER na terra, de modo a haver muitos deuses e muitos senhores, NÃO HÁ, todavia, para nós, senão um só Deus, que é o pai... senão um só Senhor, que é Jesus-Cristo."

Estas palavras: "pois, conquanto haja os que são *chamados deuses*, quer *no céu*, quer *na terra*" aludem à divindade que havia de ser, por dogma humano, atribuída a Jesus-Cristo, ao dogma humano, que se *havia* de produzir, das três pessoas, dos três deuses num só, distintos e impessoais. Foi uma alusão que, sem ter dela consciência, Paulo fez por inspiração dos Espíritos superiores que o assistiam e guiavam no desempenho da sua missão, do mesmo modo que, inspirado por esses Espíritos, mas inconsciente dessa inspiração, ele falava de uma mesma coisa em diversos sentidos, *de maneiras*

diversas e opostas, contraditórias entre si *segundo a letra*. Isso se dava, a fim de que o que tinha de ocorrer ocorresse, de um duplo ponto de vista: do *daquele momento*, para a transição que cumpria fosse preparada e realizada, de acordo com a presciência e a sabedoria infinitas de Deus; e do *futuro* para, sob o império do *espírito*, se assentarem as bases, os elementos e os meios necessários à revelação então vindoura do Espírito da Verdade, à revelação da revelação que, *segundo o espírito que vivifica*, precisaria ter e achar a sua sanção *antecipada* nas revelações precedentes, na obra da missão terrena dos apóstolos, como na da missão terrena de Jesus.

"*Chamados deuses, quer na terra*" — pelos homens: "quer *no céu*", isto é, no espaço, no estado de erraticidade, por Espíritos pouco esclarecidos. Os Espíritos que voltam ao estado *espírita*, ao estado *fluídico*, levam consigo suas idéias, seus preconceitos e os conservam por mais ou menos tempo. *Daí* o permanecer neles a idéia da divindade atribuída pelos homens a Jesus-Cristo, a idéia que fazem do Filho e do Espírito Santo, tomando-os pelo próprio Deus. *Daí* o serem, quer *no céu*, quer *na terra*, chamados *deuses* o filho — *Jesus* e o *Espírito Santo* que, em realidade e verdade, é o conjunto dos Espíritos do Senhor, que recebem e transmitem, mediata ou imediatamente, por ordem hierárquica, a inspiração divina.

Há também os que eram e ainda *são chamados deuses no céu*, isto é, no espaço. Esses eram e são grandes Espíritos, aos quais Espíritos ignorantes, imbuídos de idéias politeístas, dão essa designação, *ou por desprezo, ou figuradamente*, conforme o grau de elevação dos que empregam aquela maneira de designar.

O *sentido* das palavras de Paulo na 1^a. *Epístola aos Coríntios*, cap. VIII, vv. 2, 4, 5 e 6, palavras que, repetimos, foram ditas para as futuras gera-

ções, é este, despojado *da letra o espírito, em espírito e verdade*:

"Sabemos que todas as falsas divindades do politeísmo antigo nada são neste mundo — e que não há *nenhum outro* Deus senão o Deus ÚNICO, pois, conquanto haja os que são *chamados deuses*, quer *na terra*, quer *no céu* (o filho e o Espírito Santo), de maneira a haver *muitos deuses e muitos senhores*, para nós, *todavia*, NÃO HÁ SENÃO UM Só Deus *que é o pai*, de quem todas as coisas TIRAM o ser E QUE nos fez PARA SI —, SENÃO UM SÓ *Senhor*, que é *Jesus-Cristo*, por quem todas as coisas foram feitas e *por quem somos* tudo o que somos; Jesus-Cristo — o fundador, o protetor, o governador da terra, o ÚNICO encarregado do nosso desenvolvimento e do nosso progresso, o ÚNICO encarregado de nos levar à perfeição; Jesus-Cristo que, com relação à terra e a nós, é o ÚNICO SENHOR, por ser o nosso *único* doutor, nosso *único* Mestre, nosso rei, primeiro ministro de Deus; Jesus-Cristo, que é ao mesmo tempo *irmão* dos homens, por ser, como todas as essências espirituais, como todas as criaturas, um Espírito *criado*, oriundo do *mesmo* princípio, e que teve, no ponto inicial, a mesma origem que todas as criaturas de Deus; — Jesus-Cristo, que é filho do Altíssimo, filho de Deus e *deus*, ele próprio, porque filho do Deus *dos deuses*, do Eterno, ÚNICO eterno, criador incriado, UNO, INDIVISÍVEL, que cria, mas sem fracionar a *sua essência*."

Assim, ante a alvorada, que surge, das irradiações *do espírito*, dissipa-se, por efeito da nova revelação, a noite em que vos envolveram as trevas *da letra* e as interpretações humanas nascidas do seio dessas trevas.

Sim, não há senão um só Deus, que é o pai, aquele que é *soberanamente* bem-aventurado, único poderoso, o rei dos reis, o senhor dos senhores, *único* que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que *jamaís* foi nem pode ser visto por homem algum.

O filho, portanto, não é Deus. É *sim, com*

relação ao planeta e à humanidade terrenos, o único Senhor, mas também vosso *irmão*.

O Espírito Santo, igualmente, não é Deus. Essa expressão *figurada* designa a falange sagrada dos Espíritos do Senhor, composta dos puros Espíritos, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, que, como já o temos dito, recebem imediata, ou mediatamente a inspiração divina; que são, guardada a ordem da hierarquia e da elevação espíritas, os servidores, os ministros, ou os agentes de Deus, da sua providência, no cumprimento da sua vontade e na execução de suas obras, na realização do progresso universal, dentro da vida e da harmonia universais, especialmente com relação a vós e ao vosso planeta. É por eles, pelo Espírito Santo, pois, que até vós desce a inspiração divina e se faz sentir a ação da divina providência, desempenhando cada um a missão que lhe foi confiada.

"Eu João Evangelista, quando encarnado, partilhei pessoalmente da idéia, da opinião, comuns entre os outros discípulos e o povo, acerca da divindade de Jesus-Cristo. Mas, escrevendo o que escrevi como apóstolo, como evangelista, fui o que foram Paulo e os demais Apóstolos — instrumento das vontades do Senhor, sob a inspiração dos Espíritos superiores que me assistiam e guiavam no desempenho da minha missão, a fim de que o que tinha de ser dito e feito o fosse, conservando-me entretanto inconsciente dessa inspiração. Assim escrita, a narração evangélica que compus, na época determinada e dentro dos limites que me traçaram a influência e a ação mediúnicas, teve por objeto e por fim, como o tiveram a obra da missão terrena de Jesus e a da de Paulo, conforme se vos acaba de explicar — aparelhar e executar a *transição* que era necessário se operasse e ainda preparar e estabelecer as bases, os elementos e os meios, a sanção prévia, da futura revelação do Espírito da Verdade.

"Apreciado em seu conjunto e entendido *segundo o espírito que vivifica*, o que escrevi *sob véu da letra tinha* que estar em luminosa harmonia com o que escreveram os três outros evangelistas sobre a obra da missão terrena de Jesus, sobre a origem e a natureza *espirituais do bem-amado* Mestre, sobre a sua posição *espírita* com relação a Deus e ao vosso planeta, sobre a natureza *extra-humana* do corpo que revestiu para fazer sua aparição e sua passagem pela Terra.

"Como disse o apóstolo Paulo, *a letra mata e o espírito vivifica*, *Eu* mesmo, guiado pela inspiração, registei estas palavras de Jesus: "*O espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida.*"

"Quando escrevi: "O Verbo era Deus", não compreendia o sentido e o alcance com que essas palavras me eram inspiradas em obediência à vontade do Senhor. Não lhes compreendi, portanto, exatamente, o sentido e o alcance, *segundo o espírito que vivifica, em espírito e verdade*. A prova de que assim foi é que, como o apóstolo Paulo, escrevi por inspiração superior palavras que, tomadas *ao pé da letra*, interpretadas *segundo a letra*, são contraditórias, de significações opostas, ao passo que, consideradas *segundo o espírito que vivifica*, compreendidas e explicadas *em espírito e verdade*, entre elas existe, como não podia deixar de acontecer, luminosa harmonia. Desconfiai, pois, *da letra*. Notai, em confirmação do que vos venho de dizer, que, tendo acabado de escrever que "o Verbo era Deus", que os homens haviam visto o Verbo e que este entre eles habitara, escrevi: "Nenhum homem jamais viu a Deus."

"O que escrevi, guiado pela inspiração, na minha narração evangélica., desde que seja compreendido e explicado *em espírito e verdade*, despojando-se *da letra o espírito*, mostra Jesus tal como vos acaba de ser apresentado e torna evidentes, como vos foram patenteadas, sua origem

e sua natureza *espirituais*, sua posição com relação a Deus e ao vosso planeta, sua origem e natureza extra-humanas, no tocante ao seu aparecimento na Terra e à sua passagem por esse mundo.

"Na obra da missão dos Apóstolos e na dos quatro evangelistas, tudo, pela inspiração, se encadeava, objetivando, em face e por efeito, assim da revelação hebraica, como da do anjo a Maria e a José, e ainda em face e por efeito da obra da missão terrena de Jesus, este duplo fim: de um lado, preparar e realizar a transição, sob o império e o véu da letra, a capa do mistério, o prestígio do milagre; de outro lado, preparar, estabelecer a base, os elementos e os meios necessários à revelação futura do Espírito da Verdade, que se verificaria no momento em que os homens pudessem e devessem receber essa nova revelação, a revelação da revelação, pela qual, ao tempo da era nova do Cristianismo *do Cristo*, da era espírita que se abre diante de vós, o espírito seria despojado *da letra*, o *mistério* seria *posto a nu* e o *milagre* explicado segundo as leis imutáveis da natureza, segundo as aplicações e apropriações dessas leis. Assim, o que se tinha de dar deu-se como condição e meio de realização do progresso humano, e o que ainda se tem de dar vai dar-se.

"Ides agora receber a explicação da minha narração evangélica, *segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade.*" Ei-la.:

V. 1. No principio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

De Deus, Espírito genérico, emana todo princípio espiritual. Nesse sentido é que o Verbo, denominação dada a Jesus, como todo Espírito, estava com Deus desde toda a eternidade, era Deus. Também nesse sentido é que todos os Espíritos criados são *deuses*, são *filhos do Altíssimo*. É que todos, considerados como *principio espiritual*, têm uma

mesma origem divina. Todavia com relação a Jesus, há uma distinção a fazer-se, em virtude da qual ele se nos apresenta como tendo uma origem excepcional. Provém essa distinção do fato de não haver ele jamais falido. Assim sendo, jamais se afastou daquele princípio, guardou sempre a pureza típica *da origem divina*.

A palavra — *Verbo* — designa a *causa*, o *ser*. Como *causa*, entenda-se a ação por efeito da qual a Terra foi tirada do caos, segundo a expressão bíblica, o que quer dizer: foi tirada da massa dos fluidos, que Deus preparara e dispusera para serem os materiais constitutivos desse planeta, fluídos que continham *em si* as essências espirituais destinadas a se tornarem criaturas do mesmo planeta e os elementos formativos deste. Como "*ser*", entenda-se a personificação da vontade de Deus em Jesus, sempre como entidade distinta do ente supremo, que é uno, indivisível, criador incriado, sem cujo querer nada se produz; a personificação de Jesus, como órgão direto de Deus, para sustentação de tudo, respeito à Terra, pelo poder da sua palavra; personificação que tomou forma material *para as vistas humanas*, enquanto o Mestre desempenhou a sua missão terrena.

Jesus, já o sabeis, não é o único *Verbo* de Deus. São *verbos* de Deus todos os fundadores de planetas, os quais todos são Espíritos de pureza perfeita e imaculada, isto é: Espíritos que conservaram a pureza primitiva, que atingiram a perfeição sideral, sem jamais haverem falido.

Também podeis, não mais, entretanto, no sentido espiritual, porém empregando a expressão na sua acepção geral, chamar *verbos* de Deus, por serem *seus enviados*, aos Espíritos purificados que, tendo chegado à categoria dos puros Espíritos, podendo, conseqüentemente, aproximar-se do foco da onipotência, se fazem mensageiros diretos do Senhor onipotente, e, nessa qualidade, desempenham missões nos planetas confiados à direção dos

Espíritos que os fundaram e são os seus governadores e protetores.

Reportai-vos ao que já vos foi dito (n. 60, págs. 326-330 do 1º vol.), acerca dos Espíritos fundadores, protetores e governadores de planetas e lembrai-vos de que ninguém pode nem deve falar do futuro. Contentai-vos com lançar as vistas sobre o espaço que podeis descortinar.

O *Verbo* estava com Deus e era Deus *no sentido de que* tinha em si, sem que ela houvesse perdido a sua primitiva pureza, a centelha divina que o formara.

Desconfiai *da letra*. Nunca será demais insistamos nisto, razão pela qual ainda aqui repetiremos: Como disse Paulo e diz João (v. 18), nenhum homem *já viu* a Deus, nem o pode ver. No entanto, os homens viram a Jesus-Cristo e este habitou entre eles. Se Jesus fosse, como os homens o supuseram nas suas interpretações, uma fração de Deus, se bem que *inseparável* deste, se fosse *igual a* Deus, seria tão grande quanto Deus. Ora, Jesus disse: "Meu pai é maior do que eu". E, citando aos Judeus, que o queriam apedrejar, o *Salmo LXXXI*, vv. 1 e 6, em resposta à acusação que lhe lançavam de pretender passar por ser Deus, fazer-se igual a Deus, ele se declarou um Espírito criado pelo Eterno, que é o *único* eterno, o *único* Deus. Declarou-se, portanto, irmão dos homens, visto que criatura, como estes, do Senhor onipotente, do Deus uno, indivisível, que cria mas sem fracionar a sua *essência*, do Deus além do qual nenhum outro há, do Deus do *monoteísmo* hebraico, do Deus *de Israel*, do Deus dos *deuses*.

V. 2. Ele estava no princípio com Deus. — 3. Todas as coisas foram feitas por ele e nada do que há sido feito o foi sem ele.

As palavras — "*no princípio*" — se referem aqui à criação do vosso planeta. Deus cria os

universos e, por conseguinte, os materiais que eles encerram. Os Espíritos puros, protetores dos planetas, reúnem esses materiais e formam com eles os mundos em que habitais. Deus é o Criador, os Messias são seus primeiros ministros.

Jesus estava com Deus, quando da criação do vosso planeta, pois que obrava por inspiração do Pai e de acordo com a vontade deste. Todas as coisas foram feitas por ele e nada o foi *sem ele*. Quer isso dizer que, no tocante à formação do planeta terreno, tudo foi feito, sob a sua direção, pelos Espíritos que trabalhavam naquela obra. Logo, tudo foi feito por ele.

Não atribuais poder *criador a* Jesus. Dando-lhe tal poder, multiplicareis o vosso Deus. Fazendo o que fez e faz, Jesus, como todos os que recebem missões semelhantes, apenas exerce *um ministério* no reinado eterno do Senhor onipotente, sem cuja vontade nada poderiam. Eis porque, *sendo* uno, único, indivisível, Deus consente que presteis ao seu messias a homenagem que lhe é devida.

V. 4. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens.

Nele estava o poder de constituir o vosso mundo, centro de vida. Fora-lhe dado guiar, esclarecer as existências humanas e espirituais, cujo desenvolvimento auxiliava. A missão de Jesus não se limita a encaminhar e guiar corpos de lama. Ele a exerce principalmente sobre o Espírito. Todos nos conservamos sob o seu bendito império até que nossas luzes nos possam *bastar*. *É* ele quem nos esclarece; é o nosso farol e o nosso refúgio.

V. 5. A luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam.

Há aqui uma alusão à ignorância de que eram escravos os homens e que os impedia de compreenderem quais as vias da salvação em Deus.

Essa alusão abrange os resultados de todos os esforços empregados, na conformidade do desenvolvimento das inteligências, para facilitar aos homens a compreensão do destino que os aguarda, para lhes abrir os olhos à luz.

Podeis aplicar essas palavras, que aqui se referem especialmente à missão terrena de Jesus, a todos os esforços em geral, feitos naquele sentido, porquanto a revelação de Deus é permanente e progressiva. Ela se produziu sempre no passado, assim antes como depois daquela missão, do mesmo modo que se produz hoje por intermédio de todos os Espíritos que descem em missão ao vosso mundo, de acordo com as vontades de Deus e sob a direção do vosso protetor e governador.

V. 6. Houve um homem, enviado de Deus, que se chamava João. — 7. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele.

A missão de João explica essas palavras. Os Espíritos humanos precisavam ser preparados para o acontecimento que ia mudar a face moral do globo terráqueo.

O evangelista diz: *"a fim de que todos cressem por meio dele"*. Não é assim ainda agora? A missão de João não está concluída.. Não é exato que ela prossegue nos Evangelhos, no sentido de que quem os entende ou apenas os lê encontra neles a missão preparatória do Precursor? Não está ele sempre, por esse meio, a concitar os homens ao arrependimento?

Mas, repetimos, a missão propriamente dita de João não se acha concluída. Jesus não disse: "Ele já veio". Ele tem ainda que vir. Suas possantes mãos ainda têm que abrir a senda por onde passará o Espírito da Verdade: Jesus, trazendo ao mundo o complemento e a sanção da verdade.

V. 8. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz.

Nós, igualmente, vos dizemos hoje: Quando ele tornar a descer ao mundo terreno, não será a verdade, mas dará testemunho da verdade.

V. 9. Do que era a luz verdadeira, que alumia todo homem que vem a este mundo.

É uma alusão à missão de Jesus e ao império que ele exerce sobre o vosso planeta.

Neste versículo se vos diz, com relação a Jesus, que este "é a luz que alumia todo homem que vem a este mundo". Protetor e ordenador do vosso planeta, é ele principalmente quem vela pelo desenvolvimento de todas as coisas e, em particular, pelo da vossa inteligência. É ele, diretor inteligente e dedicado, quem escolhe os professores esclarecidos e adequados ao ensino de cada classe dos filhos que à sua guarda confiou o pai de família.

V. 10. Esse estava no mundo, o mundo foi feito por ele e o mundo o não conheceu.

Isto quer dizer: Ele existia antes do mundo. Como, desde a origem deste, os homens jamais se tivessem achado aptos a compreender a tarefa que ele se impusera, nem os benefícios que desta haviam de colher, não o conheciam, tanto mais que nunca o tinham visto. Para Espíritos materiais se faz mister o que toque e abale a matéria.

Esta afirmativa — "e o mundo o não conheceu" — alude à disposição de espírito em que se encontravam os homens antes da missão terrena do Mestre e mesmo após. Têm-no *conhecido* os homens, depois que ele esteve no mundo? Ainda agora, entre vós, quantos podem dizer: *Conheço a Jesus?*

V. 11. Ele veio ao que era seu e os seus o não receberam.

Não recebe a Jesus aquele que não se conforma com os seus preceitos.

V. 12. Mas, deu o poder de se fazerem filhos de Deus a todos os que o receberam, aos que crêem no seu nome, — 13, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem e sim de Deus.

De conformidade com o que vos acabamos de dizer, filhos de Deus são os que seguem seus mandamentos. Supondes, porém, que creia no seu nome quem vergonhosamente transgrida a sua lei?

Aquele que crê no seu nome caminha nas suas pegadas, pois que confia nas suas promessas. E filho de Deus se torna aquele que segue, sem se desviar, os caminhos que ele traçou, que carrega a sua cruz, perdoa a seus inimigos e esvazia a taça de fel sem a derramar sobre os que a encheram.

Os que, como vimos de dizer, seguem os passos de Jesus, quer caminhando pelas ridentes margens do Jordão, quer subindo o seu Gólgota, esses os que podem tornar-se filhos de Deus. Mas esses não nasceram do sangue, nada têm de comum com a carne. Que é o que tem capacidade para se elevar, compreender, aperfeiçoar-se? O vosso corpo ou o vosso Espírito? E este nasce da carne, ou do Espírito? Quer dizer: tem origem material, ou origem espiritual? Ora, sendo espiritual a sua origem, quanto mais ele se purifica e eleva, tanto mais se solta dos laços que o prendem à matéria.

As palavras dos vv. 12 e 13 podem aplicar-se a todos os que *receberam* a Jesus, não só durante e após a sua missão terrena, mas mesmo antes dela e sem o saberem, *praticando* o amor de Deus e do próximo, no qual, segundo o declarou o protetor e governador do vosso planeta, estão e se contêm

"toda a lei e os profetas"; praticando, portanto, com doçura, humildade e desinteresse, a justiça e a caridade com um coração sincero. Esses foram filhos de Deus.²⁵

V. 14. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade, e vimos a sua glória, glória como a de unigênito do pai.

O Espírito revestiu um corpo visível *para os homens* e estes lhe presenciaram os atos e os puderam apreciar. Foram postos em condições de compreender que nenhuma criatura igual a eles seria capaz de lhe trilhar as pegadas sem falir. Foram obrigados a reconhecer que vinha de Deus aquele que tais atos praticava.

Quanto à natureza do corpo de Jesus, reportai-vos ao que já vos dissemos a esse respeito comentando os três primeiros Evangelhos (ns. 14, 31, 64-67, 1º vol.).

Revestindo um corpo próprio de certos mundos elevados, Jesus tomava um invólucro corpóreo *relativamente material*, uma carne verdadeira, mas

²⁵ "Justino, um dos primeiros cristãos, verdadeiro pai da Igreja do Cristo, e que pela Igreja romana foi incluído no rol dos santos, se exprime DESTA MODO na sua segunda apologia para os cristãos: Todos os que hão vivido em conformidade com a razão e o Verbo, são CRISTÃOS, AINDA QUE parecessem não estar ligados a nenhum culto. Tais foram, entre os Gregos, Sócrates e Heráclito, e, entre os Bárbaros, Abraão, Ananias, Azarias, Misael, Elias e muitos outros, cujos nomes e ações, se fossem lembrados, formariam uma lista demasiado longa. Do MESMO MODO, os que entre os antigos viveram antes de Jesus-Cristo e não se conduziram de conformidade com a razão e o Verbo, foram inimigos de Jesus-Cristo e perseguiram os que viviam uma vida conforme à razão e ao Verbo. Mas, os que viveram e ainda vivem agora segundo a razão e o Verbo são cristãos, estão isentos de todos os temores e nada os perturba."

relativa, porquanto "nem toda carne é a mesma carne", como o disse Paulo (1ª *Epístola aos Coríntios*, XV, vv. 39-41, 44, 45 e 47), servindo-se de palavras cujo sentido exato não compreendia, palavras apropriadas ao futuro, do ponto de vista da aplicação que viriam a ter nos tempos, então distantes, da nova revelação.

Assim como "há corpos terrestres", também há corpos celestes.

Assim como o homem terreno tem um corpo animal sujeito à corrupção, formado segundo a lei natural de reprodução no planeta que ele habita, e um corpo espiritual, a que chamais perispírito, incorruptível, que constitui o envoltório fluídico da alma ou Espírito, também o homem celeste tem um corpo celeste, isento da corrupção, fluídico por sua natureza, formado, não mediante o contacto da matéria com a matéria, mas segundo as leis naturais que regem certos mundos elevados, operando-se a encarnação, ou, melhor, a incorporação, por efeito de uma atração fluídica, conforme explicamos no 1º vol., n. 14.

Relativamente à essência de Jesus, o corpo de natureza perispírica que ele tomou era carne. Era carne verdadeira, carne como a de qualquer outro homem, o que quer dizer: era *relativamente* material às *vistas humanas* e à opinião que os homens tinham de formar e conservar.

Do ponto de vista dessa opinião, que cumpria fosse conservada pelos homens até quando a nova revelação lhes viesse explicar, em *espírito e verdade*, a aparição do Mestre na Terra, é que João, sujeito à influência e à inspiração espírita, das quais entretanto não tinha consciência, como instrumento inconsciente das vontades do Senhor, escreveu isto, cujo sentido *exato* e, menos ainda, o objetivo transitório, ele não compreendia:

"No mundo muitos impostores se levantaram que não confessam ter Jesus-Cristo vindo em carne verdadeira. O que tal coisa não confessa é

um sedutor e um anticristo." (João, 2' *Epístola*, v. 7.)

V. 15. João dá testemunho dele, exclamando: Este é o de quem eu disse: Aquele que há de vir depois de mim me foi preferido, porque era antes de mim. — 16. *Da sua plenitude* TODOS recebemos graça por graça.

Estes versículos confirmam o que vos temos dito sobre a origem do Cristo e das suas relações com o vosso planeta.

V. 17. Porquanto, a lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus-Cristo.

Moisés deu aos homens mandamentos, ordens imperiosas a que tiveram de se submeter.

Jesus veio explicar aos homens a razão de ser desses mandamentos e lhes trouxe a graça, mostrando-lhes o pai, o Eterno sempre pronto a perdoar ao culpado que se arrepende. Trouxe-lhes a verdade, mostrando-lhes o objetivo de suas existências na Terra e o salário pela conquista do qual trabalham.

O véu, com que *de intento* cobriu suas palavras, levanta-o agora a nova revelação, que vos mostra, desses dois pontos de vista, a graça e a verdade.

V. 18. Ninguém jamais viu a Deus; o filho unigênito que está no seio do pai, esse é quem dele deu conhecimento.

Para ver a Deus é preciso ter chegado a um grau de pureza tal como o da dos messias, dos grandes Espíritos, *únicos que* dele podem aproximar-se.

Mas, esse versículo de João não encerra pensamento velado, suas palavras têm o sentido que lhes é próprio; entre os homens jamais houve

manifestação pessoal de Deus. A razão disso encontrá-la-eis no grau de elevação em que estais, isto é: no estado de inferioridade moral e intelectual e de encarnação material em que vos achais. Os Espíritos que, libertos da matéria, vos falam "de Deus", do esplendor das regiões que ele habita, ou usam de uma figura de linguagem, a fim de intensificar o vosso ardor, ou tomam os grandes Espíritos, dos quais puderam aproximar-se, como uma irradiação ou uma personificação do Altíssimo. Dissemos que usam de uma figura de linguagem. Diremos, se quiserdes, que assim falam por ouvir dizer. Compreendendo que de esplendores deve estar cercado o Senhor dos universos, sentindo esses esplendores, aqueles Espíritos se esforçam por incutir em vossas almas o desejo ardente, que eles experimentam, de progredir, a fim de se aproximarem do foco de toda a vida.

Só o Espírito que haja atingido o estado de pureza perfeita, que se haja tornado um puro Espírito, pode ver a Deus.

Ver a Deus é aproximar-se sem nenhum véu do centro da onipotência; é compreender a sua própria essência; é poder receber diretamente, sem intermediário, a ação da vontade divina, para a transmitir, através dos diversos graus da escala da pureza, até ao nível em que vos encontrais e até a níveis ainda mais baixos.

Esta frase: "O filho unigênito que está no seio do pai" é um composto de expressões figuradas, indicativas da elevação de Jesus, quer com relação ao vosso planeta e à humanidade que o habita, quer com relação aos Espíritos que, sob a sua direção, trabalham pelo vosso desenvolvimento e pelo vosso progresso. É um modo de indicar as relações existentes entre Deus e o seu mensageiro.

CAPÍTULO I

Vv. 19-28

Testemunho que de si e de Jesus dá João respondendo aos sacerdotes e aos levitas que, a mandado dos Judeus, o foram interrogar

V. 19. Eis aqui o testemunho que deu João, quando os Judeus mandaram a Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu? — 20. Ele confessou, não negou; confessou: Eu não sou o Cristo. — 21. Aqueles lhe perguntaram: Quem és então? És Elias? Ele respondeu: Não sou. És profeta? Respondeu: Não. — 22. Retrucaram-lhe: Dize-nos então quem tu és, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram. Que dizes de ti mesmo? — 23. Disse-lhes ele: Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías. — 24. Tinham vindo da parte dos Fariseus os que o interrogavam. — 25. Assim, interpelaram-no ainda, deste modo: Se não és o Cristo, nem Elias, nem profeta, como é que batizas? — 26. Respondeu-lhes João: Eu batizo com água; mas, entre vós está um a quem não conheceis. — 27. É aquele que há de vir depois de mim, que foi feito antes de mim, de cujas sandálias não sou digno de desatar as correias. — 28. Isto se passou em Betânia, além Jordão, onde João batizava.

N. 2. Já recebestes explicações acerca desta passagem (n. 53, 1º vol., págs. 265-273). Nada temos que acrescentar.

O único ponto sobre o qual precisamos deter-nos é o em que João negou que fosse Elias.

Primeiro, a pergunta a que ele respondeu com essa negativa prova que os Judeus esperavam tornar a ver Elias, vivo entre eles, mediante uma nova encarnação. Segundo, a resposta dada prova que, como sucede à maioria dos homens, João não tinha lembrança de suas encarnações anteriores. Essa

lembrança, se ele a tivesse, houvera trazido complicações prejudiciais ao curso que deviam seguir os acontecimentos.

Dissemos — *como sucede à maioria dos homens* — porque, em casos raros e excepcionais, essa lembrança se pode verificar. Tem então um motivo, um fim: ou corresponde às necessidades da vida atual, ou representa uma provação, por efeito da incerteza em que envolve as idéias e das saudades ou temores que às vezes infunde. Em certos casos pode ser também uma prova evidente, assim para o encarnado, que fica, em conseqüência, predisposto a admitir a nova doutrina, como para os que o escutam e nele crêem.

Nos casos raros e excepcionais em que ela ocorre, essa lembrança o homem geralmente a adquire quando seu Espírito se acha desprendido durante o sono, recebendo-a ele então por uma comunicação espírita do seu guia e conservando-a, ao despertar, por inspiração do mesmo guia. Algumas vezes é obtida no estado de vigília, mediante intuição dada ao encarnado pelos Espíritos que o cercam.

Quanto ao batismo d'água (v.26) já recebestes as devidas explicações nos comentários feitos aos três primeiros evangelhos.

A imersão na água foi considerada em todas as épocas como um ato de purificação. Daí vem que João, preparando os caminhos àquele que havia de vir, derramava água sobre a cabeça de seus discípulos, tendo em vista com esse ato levá-los ao arrependimento. Mas, ao mesmo tempo, como Precursor, anunciava a vinda daquele que era esperado e que viria batizar com o *Espírito, derrocando o império da matéria*. João tinha consciência da sua inferioridade comparativamente ao Mestre, que ele sabia ser um enviado em missão superior e ocupar junto do Pai uma posição excepcional.

CAPÍTULO I

Vv. 29-34

Outro testemunho de João. — Jesus Cordeiro de Deus

V. 29. No dia seguinte viu João a Jesus, que vinha ter com ele, e disse: Eis aqui o Cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado do mundo. — 30. Este é o de quem eu disse: Depois de mim vem um homem que me foi preferido, porque era antes que eu fosse. — 31. Eu não o conhecia, mas vim batizar com água, para que ele se manifeste em Israel. — 32. E João deu testemunho dele dizendo: Vi o Espírito descer do céu como uma pomba e pairar sobre ele. 33. — Eu não o conhecia, mas o que me enviou a batizar com água *me disse*: Aquele sobre quem vires descer e pairar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo. — 34. Eu vi e dei testemunho de que ele é o filho de Deus.

N. 3. Comparando Jesus a um cordeiro, João o fez por influência dos usos hebraicos. O cordeiro sem mancha era o que se oferecia em holocausto de propiciação. João anunciava assim, *de antemão*, numa linguagem *apropriada* às inteligências dos que o ouviam, que haveria um sacrifício solene para "resgate dos homens".

E, efetivamente, o sacrifício do Gólgota não estava destinado a ser o meio, a alavanca, que prepararia a regeneração humana e vos conduziria ao advento do Espírito da Verdade? Notai que em tudo há quase sempre o lado material, próprio a impressionar os sentidos humanos, e o lado espiritual, destinado a ser mais remotamente apreendido.

O que me enviou me disse (v. 33). Como encarnado, João se achava imbuído das tradições da

época. Era, vós o sabeis, médium, não só vidente e inspirado, mas também audiente. Tomava pelo próprio Deus os Espíritos superiores que lhe falavam. Na suposição em que estavam os homens de que toda manifestação vinha de Deus *mesmo*, elas como tais se produziam. Quando ele diz: — *O que me enviou* — deveis entender que João se refere aos Espíritos que o guiavam, porquanto, já o temos dito e repetimos, Deus jamais se comunica *diretamente* com os homens.

Encarnado, João perdera *a lembrança* de quem era Jesus. Este, *para ele, como para todos, era, conforme* cumpria *que sucedesse*, um homem *qual os outros*. Mas, para ele, Jesus também era o filho de Deus, enviado, muito mais elevado do que ele e desempenhando missão muito superior à sua. Da missão de Jesus, porém, João não fazia idéia exata, pois que, dentro dos limites da que lhe cabia desempenhar, tinha que ser apenas, quanto à linguagem e aos seus atos, um instrumento dos Espíritos superiores incumbidos de o inspirarem e guiarem, a fim de que o que precisava ser dito e feito por ele, como Precursor, o fosse.

Com relação aos outros versículos, já recebestes todas a explicações necessárias no comentário aos três primeiros Evangelhos (ns. 51, 53 e 54, 1º vol., págs. 263-281).

CAPÍTULO I

Vv. 35-42

Dois discípulos de João acompanham a Jesus. André lhe traz Pedro

V. 35. Ao outro dia, João lá estava ainda com dois de seus discípulos, — 36, e, vendo a Jesus que passava, disse: Eis ali o Cordeiro de Deus. — 37. Os dois discípulos, ouvindo-o dizer isso, seguiram a Jesus. — 38. Voltando-se este e notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: Que buscais? Eles responderam: Rabi (o que quer dizer Mestre), onde assistes? — 39. Disse-lhes Jesus: Vinde e vede. Os dois foram e viram onde Jesus assistia e ficaram aquele dia com ele. Era então por volta da hora décima. — 40. Um dos dois que tinham ouvido o que João dissera e que seguiram a Jesus era André, irmão de Simão Pedro. — 41. André, encontrando-se primeiro com Simão, lhe disse: Encontramos o Messias (que quer dizer — o Cristo). — 42. E o levou a Jesus. Jesus o fitou e disse: És Simão, filho de Jona. Chamar-te-ás Cefas, que quer dizer Pedro.

N. 4. Estes versículos *não* precisam de explicações. São compreensíveis. Com relação a estas palavras de Jesus, dirigidas a Simão, filho de Jona: "Chamar-te-ás *Cefas*, que quer dizer — *Pedro*", limitar-nos-emos a lembrar-vos o que dissemos no 2º volume, pág. 163, isto é: que o apelido de Cefas, significando Pedro, dado a Simão, filho de Jona, dizia respeito à sua missão terrena e espiritual, indicando que ele havia de ser a pedra angular da Igreja *do Cristo* (n. 184, págs. 425-436, 2º vol.).

CAPÍTULO I

Vv. 43-51

Filipe e Natanael

V. 43. No dia seguinte, quis Jesus ir à Galiléia e, encontrando Filipe, disse: Segue-me. — 44. Filipe era natural da cidade de Betsaida, donde também eram André e Pedro. — 45. Encontrando Natanael, disse-lhe Filipe: Achamos aquele acerca de quem Moisés escreveu na lei e os profetas falaram, Jesus de Nazaré, filho de José. — 46. Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair coisa que boa seja? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê. — 47. Jesus, vendo aproximar-se Natanael, disse, referindo-se a este: Eis aqui um verdadeiro Israelita, em que não há dolo. — 48. Natanael lhe perguntou: Donde me conheces? Respondeu Jesus: Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas debaixo da figueira. — 49. Natanael exclamou: Mestre, tu és o filho de Deus, tu és o rei de Israel. — 50. Observou-lhe Jesus: Crês, porque disse que te vi debaixo da figueira. Pois verás maiores coisas do que esta. — 51. E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis aberto o céu e os anjos de Deus a subirem e descerem sobre o filho do homem.

N. 5. Natanael creu por o ter visto Jesus numa ocasião em que ele se achava fora do alcance dos olhares humanos. Embora dotado do que se chama *segunda vista*, qualquer encarnado, para *ver*, tem necessidade de ser assistido. Preciso se faz que seus guias o auxiliem, colocando-o sob a influência de uma magnetização espiritual, que nem sempre produz o sono, mas que desenvolve as faculdades.

Superior a todos os Espíritos que o cercavam, Jesus, que não sofria a encarnação humana, via a distância, via o que quer que estivesse fora do alcance dos olhares humanos. É que, revestido

apenas de um corpo de natureza perispírica, conquanto *parecesse aos homens* achar-se encarnado, era sempre *Espírito*. Conservava, portanto, sob a aparência de um homem, a vista espiritual, a consciência exata da sua origem, a independência da sua natureza e de suas faculdades espirituais.

Usou de uma linguagem figurada, quando disse:

"EM VERDADE, *em verdade vos digo* que vereis aberto o céu e os anjos de Deus a subirem e descerem sobre o filho do homem."

Indubitavelmente, sua vida excepcional, os perigos a que escapou de maneira que os *homens tinham por "milagrosa"*, haviam de fazer crer na intervenção dos anjos a seu favor. Aliás, essa intervenção foi real, não para o fim de protegê-lo, mas para, obedientes à sua vontade, lhe prestarem o devido concurso. Sabeis que Jesus se achava constantemente cercado de Espíritos superiores, prontos sempre a cumprir suas ordens.

CAPÍTULO II

Vv. 1-11

Bodas de Caná. — Fato considerado milagroso

V. 1. Três dias depois, celebraram-se umas bodas em Caná da Galiléia, a que esteve presente a mãe de Jesus. — 2. Este, com seus discípulos, também foi convidado para as bodas. — 3. Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. — 4. Respondeu-lhe Jesus: Que há de comum entre mim e ti, mulher? Ainda não é chegada a minha hora. — 5. Disse sua mãe aos que serviam: Fazei tudo o que ele vos disser. — 6. Ora, havia ali seis talhas de pedra destinadas às purificações que eram de uso entre os Judeus, cada uma com a capacidade de duas ou três metretas²⁶. — 7. Disse-lhes Jesus: Enchei de água as talhas. Encheram-nas até à borda. — 8. Feito isso, disse ele: Agora, tirai do que está nelas e levai ao arquitriclino²⁷. Assim fizeram. — 9. Tanto que provou da água mudada em vinho, o arquitriclino, não sabendo donde este viera (o que sabiam os criados, que haviam tirado das talhas a água), chamou o noivo, — 10, e disse: Todo homem serve primeiro o bom vinho; só depois que os convidados têm bebido bastante, lhes apresenta o inferior; tu, ao contrário, conservaste guardado até agora o vinho bom. — 11. Com este, realizado em Caná de Galiléia, deu Jesus começo aos seus milagres, manifestou a sua glória e seus discípulos creram nele.

N. 6. Já conheceis bastante, de modo geral, os efeitos magnéticos, para compreenderdes *a perfeita naturalidade* desse fato que foi considerado um "*milagre*". Não ignorais que Jesus dispunha de *grande poder sobre os fluidos*. Pois bem, o que houve ali foi o resultado de uma ação magné-

²⁶ Medida que tinha a capacidade de 27 litros.

²⁷ Mordomo.

tica exercida por ele. A água não se transformou em vinho, como o supôs e espalhou o vulgo ignorante das causas do fenômeno produzido. Por efeito daquela ação magnética, a água tomou, para o paladar dos convivas, o sabor do vinho, o sabor que Jesus lhe impôs.

Não vos admireis de que, *assim magnetizada*, apresentando o sabor de vinho, a água tenha sido tomada por vinho legítimo e que o fato, como consequência da ignorância em que todos estavam das causas e dos meios pelos quais se produzira, haja dado lugar à crença, que se espalhou, de que um "*milagre*" ali se operara, de que a água fora mudada em vinho. Quando a Jesus foi observado que não havia mais vinho o festim estava a terminar e já o dia declinara bastante. Os vasos, com que os que serviam tiravam das talhas o líquido, eram uma espécie de ânforas de barro. Foi de uma delas que o arquitriclino, ou mordomo, provou o líquido que lhe apresentaram e foi em vasos mais ou menos idênticos a esses, quanto à forma e à matéria de que eram fabricados, que o líquido circulou entre os convivas. Jesus impôs a estes a sua vontade, por meio de uma ação magnética. Já não é do vosso conhecimento o efeito do magnetismo, quer humano, quer espiritual, sobre o homem?

Para compreenderdes que Jesus, operando a distância, tenha exercido ação magnética sobre todos os convivas, basta refletis em que um forte magnetizador humano pode, a grande distância relativamente aos homens, atuar sobre um paciente apropriado a essa ação. Ora, Jesus possuía no máximo grau a faculdade magnética. Quando mesmo, porém, não tivesse o poder de atuar por si sobre todos os convivas, o que é uma suposição gratuitamente falsa, os Espíritos superiores que o cercavam, em número, para vós, incalculável e sempre prontos a lhe obedecerem às vontades, teriam reforçado o valor magnético de que ele

dispusesse e teriam atuado por seu lado, de sorte a preparar os pacientes para experimentarem a influência do Mestre. Isso, entretanto, era desnecessário.

É o que sob *as vossas vistas muitas vezes* ocorre, quando um médium adormece, sem que dele se haja aproximado magnetizador algum. No caso de que tratamos, desde que à água foi dado o sabor do vinho, houve, por meio do magnetismo espiritual, ação sobre o pensamento dos convivas, uma inspiração que os preparou a sentirem na água o sabor do vinho, *como era preciso que acontecesse*.

Para tachar-se de imoral, como não ousado fazer, o ato de Jesus, sob o fundamento de que ele assim acoroçoara a orgia, fornecendo-lhe alimento, é preciso se desconheça completamente a sobriedade de que os Orientais sempre deram provas. O banquete estava a terminar. Os convivas, embora houvessem bebido muito, *no dizer do mordomo*, tinham *apenas* tornado alegre o festim, sem que absolutamente tivessem chegado à *licença*, *nem à embriaguez*. Os que censuram devem raciocinar e sobretudo refletir antes de falar.

Se na minha narração, falando *da água* que, por ordem de Jesus, os criados tiraram das talhas e apresentaram ao mordomo para provar, eu, João, o evangelista, disse "*que ela se transformara em vinho*", foi porque, ignorante das causas, como o vulgo, reproduzi a narrativa corrente do fato, considerando-o também um "*milagre*", sem lhe buscar a explicação. E não busquei, não só porque era inútil que eu a desse, como ainda porque não podia nem tinha que a dar. Cumprindo que guardasse silêncio a tal respeito, fiquei, com relação a esse caso, privado da inspiração mediúnica, entregue às minhas impressões pessoais.

Quando o fato a que nos vimos referindo se deu, Jesus ainda não começara o desempenho ativo da sua missão.

Consideremos as palavras que ele dirigiu a Maria: "*Que há de comum entre mim e ti, mulher? Ainda não é chegada a minha hora.*" Não tendo até então operado nenhum "*milagre*", Jesus lembrava a Maria que lhe não deveria ter pedido fizesse um naquela circunstância, visto que *ainda não chegara* para ele o momento de começar a desempenhar *publicamente a sua missão*. Aquelas palavras não foram dirigidas pessoalmente a Maria e sim a todos os que o rodeavam, porquanto ao pedir o "*milagre*", dizendo a Jesus: "*Eles não têm mais vinho*", e aos criados: "*Fazei tudo o que ele vos disser*", ela se achava sob a influência espírita, falava por inspiração, mas sem ter consciência de uma nem de outra. E porque foi inspirada no sentido de pedir o que pediu? Porque aquela manifestação era conveniente, como preparatória das sendas que se iam abrir e como de molde a pôr em destaque a pessoa de Jesus.

Quanto ao mordomo, dizendo ao esposo (vv. 9 e 10), depois de provar da água que, *no entender de todos os presentes*, "se mudara em vinho": "Todo homem serve primeiro o bom vinho; só depois que os convidados têm bebido bastante, lhes apresenta o inferior; tu, ao contrário, conservas-te guardado até agora o vinho bom", apenas pôs em confronto com o caso ocorrente os costumes da época.

Tendo sido o fato em questão uma obra *preparatória* que o Mestre achou conveniente executar, podeis, das palavras do mordomo ao noivo, deduzir que Jesus trouxe aos homens a bebida perfeita, destinada a substituir o grosseiro licor que até então lhes matara a sede.

N. 7. Houve quem dissesse: Jesus, sua mãe e seus discípulos foram convidados para umas bodas. Como, *quase ao terminar o festim*, viesse a faltar vinho, estando já os convivas embriagados, Jesus, diz o evangelista, mandou que enchessem água seis talhas,

cada uma com a capacidade de duas ou três metretas, e transformou essa água em vinho. Calculou-se que essas dezoito metretas equivaliam a oito ou dez hectolitros, o que quer dizer uma quantidade de vinho suficiente para embebedar toda a cidade de Caná. *Em geral, os milagres* de Jesus têm um fim útil, ou uma significação moral. Onde, porém, AQUI, a utilidade, a moralidade *dessa transformação da água em vinho* para ser tomada por pessoas que já haviam bebido demais?

Muito embora Jesus nos informe de que os Judeus lhe chamavam comilão e beerraz, *voraz et potator vini* (MATEUS, I, v. 19), *sabemos que ele era modelo de temperança*. Conseqüentemente, a ter de fazer um milagre, mais natural fora que *transformasse o vinho em água, pois que assim* daria àqueles convivas intemperantes uma lição de sobriedade.

A resposta está nas explicações que acabamos de dar-vos. Dessas reflexões se teriam absterido os que as fazem, se se houvessem reportado à ação magnética, que deu à água o sabor do vinho, sem lhe comunicar o princípio alcoólico.

Quanto ao lado moral do fato, atente-se em que este foi um fato preparatório, como dissemos acima, e que funda impressão causou nos Espíritos exatamente por haver tocado os sentidos materiais dos que o observaram. Fez que a fé despontasse nos discípulos, que começavam a grupar-se em torno de Jesus e que com ele estavam presentes ao festim. "Com esse, realizado em Caná de Galiléia, *deu* Jesus *começo* a seus *milagres*, manifestou a sua glória e seus discípulos creram nele." "*Milagre*" realmente não houve, segundo a significação que esse vocábulo tem, isto é: no sentido de *derrogação* das leis da natureza. Deus, já o sabeis, nunca derroga as leis naturais que a sua vontade imutável estabeleceu desde toda a eternidade.

O fato ocorrido nas bodas de Caná foi um fato *natural*. Somente a ignorância das causas que o produziram é que, repetimos, levou os ho-

mens a qualificarem-no de *milagre*, supondo que efetivamente a *água se transformara em vinho*.

Quanto ao que concerne às seis grandes talhas, tendo Jesus dito: "*Enchei água as talhas*", os criados as encheram, por mofa, até à borda, crentes de que aquilo não passava de uma mistificação. Quanto ao sabor do vinho, só a *água que foi tirada* das talhas para ser levada ao mordomo e servida aos convivas o adquiriu, por efeito da vontade de Jesus e da ação magnética que ele exerceu. Só nessa porção água era necessário que se sentisse tal sabor.

Não se vos diz que o mordomo, terminada a festa e depois que os convivas se tinham ido embora, haja deixado de examinar a água que restara nas talhas. Ele a examinou e reconheceu que se encontrava no seu estado natural. Despejaram-nas e ninguém mais pensou nisso.

Esse outro fato, dada a ignorância das causas, que continuava a mesma, se o houvessem divulgado, um "*milagre*" a mais se contaria: — o da *transformação do vinho em água*, depois de *ter sido a água mudada em vinho*.

A ignorância que, entre os que não sabem explicar o caso ocorrido, produz a incredulidade, deu lugar, entre os convivas de Caná, à *crença* numa transformação da água em vinho. *Diante do fato*, que não podiam negar, tão fortemente *lhes tocara os sentidos materiais*, e que não achavam meio de explicar nem de compreender, eles se viram constrangidos a considerá-lo um "*milagre*".

Tudo estava *preparado* e previsto para o desempenho da missão do Mestre.

CAPÍTULO II

Vv. 12-25

Vendedores expulsos do templo. — Jesus restabelecerá em três dias a vida no seu corpo, se os Judeus lha tirarem, conforme ao entender dos homens. — Conhecimento que ele por si mesmo tinha de tudo o que havia no homem

V. 12. Depois disso, ele desceu a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, mas não permaneceram ali muito tempo. — 13. Estando próxima a Páscoa dos Judeus, Jesus subiu logo para Jerusalém. — 14. Aí achou o templo cheio dos que vendiam bois, ovelhas e pombas e de cambistas sentados às suas bancas. — 15. Ele então fez de cordas um azorrague e os expulsou a todos do templo com as ovelhas e os bois e atirou ao chão o dinheiro dos cambistas, derribando-lhes as bancas. — 16. Aos que vendiam pombas disse: Tirai tudo isto daqui, não façais da casa de meu pai casa de comércio. — 17. Lembraram-se então seus discípulos de que está escrito: Devora-me o zelo da tua casa. — 18. Interpelaram-no os Judeus assim: Por que milagre nos mostrarás que tens o direito de fazer o que fazes? — 19. Respondeu-lhes Jesus: Destruí este templo e eu o restabelecerei em três dias. — 20. Retrucaram-lhe os Judeus: Quarenta e seis anos foram gastos em edificar este templo e tu o restabelecerás em três dias?! — 21. Ele, porém, falava do templo de seu corpo. — 22. Quando, pois, ressuscitou dentre os mortos, seus discípulos se lembraram de que dissera isso e creram na Escritura e no que Jesus havia dito. — 23. Enquanto ele esteve em Jerusalém pela festa da Páscoa, muitos, vendo os milagres que fazia, acreditaram em seu nome. — 24. Mas Jesus não confiava neles, porque os conhecia a todos. — 25. Não precisava que alguém lhe desse testemunho de homem algum, pois que ele, por si mesmo, conhecia o que havia no homem.

N. 8. Os evangelistas, ao narrarem os fatos, não obedeceram à ordem cronológica deles. Limitaram-se a registrar o que viram ou lhes fora contado.

Assim, os versículos de João acima transcritos não se referem a um único fato. Diversos fatos foram reunidos em um mesmo ponto e dispostos por maneira a estabelecer-se entre eles uma ligação, mas não por ordem cronológica. apenas um conjunto de fatos ocorridos.

O Evangelho de João se liga, de certo modo, aos três outros, completando-se reciprocamente os quatro, porquanto se, de um lado, ele omite fatos de que os outros trataram, cita alguns a respeito dos quais os outros guardaram silêncio.

Quanto ao dos mercadores expulsos do templo, já recebestes as explicações convenientes no comentário aos três primeiros Evangelhos (n. 247, 3º tomo).

Notai o que disse Jesus acerca do templo de seu corpo: *"Destruí-o e eu o restabelecerei em três dias"*, aludindo desse modo à sua ressurreição, e o que diz João, como expressão dos fatos de que ele, os apóstolos e os discípulos tinham sido testemunhas: *"Não precisava que alguém lhe desse testemunho de homem algum, pois que, por si mesmo, conhecia o que havia no homem."*

Confrontai aquelas palavras com estas outras do Mestre, aludindo ao mesmo tempo ao sacrifício do Gólgota, ao desaparecimento do seu corpo de dentro do sepulcro, estando *selada a pedra* que o fechava, à sua "ressurreição", às suas desapareições durante o desempenho da sua missão pública, sempre que se ocultava aos olhares humanos: *"Deixo a vida para a retomar; — ninguém ma tira; — sou eu que a deixo por mim mesmo; — tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar. É mandamento que recebi de meu pai."* (João, X, vv. 17 e 18.)

Confrontai-as também com estas outras: "Vós, sois *deste mundo*; eu, porém, sou *do alto*; sois *deste mundo* e eu não sou *deste mundo*; — desci *do céu*, não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou." — Ninguém nunca subiu ao céu, senão *aquele que* desceu *do céu*, o filho do homem que está no céu". (João, VIII, v. 23; VI, v. 38; III, v. 13.)

Fazei esse confronto e vereis que estas, de João: "Não precisava que alguém lhe desse testemunho de homem algum, pois que, *por si mesmo*, conhecia o que havia no homem", assinalam a origem extra-humana de Jesus. Sendo sempre Espírito debaixo daquele envoltório fluídico, tangível, Jesus lia *por si mesmo* o pensamento dos homens, penetrando-lhes as intenções. Sendo sempre Espírito, sua morte, que os homens consideraram real, foi *meramente aparente* e assim é que, pelo seu reaparecimento chamado "ressurreição", retomou aquele corpo de natureza perispírita, com a aparência do corpo humano.

CAPÍTULO III

Vv. 1-21

*A lei de renascimento. — A reencarnação.
Perguntas de Nicodemos a Jesus.
Respostas de Jesus*

V. 1. Havia na classe dos Fariseus um homem chamado Nicodemos, magnate entre os Judeus. — 2. Esse uma noite veio ter com Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que como Mestre vieste da parte de Deus, pois ninguém pode fazer os milagres que fazes se Deus não estiver com ele. — 3. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que ninguém pode entrar no reino de Deus se não nascer de novo. — 4. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode renascer um homem que já seja velho? Pode, porventura, entrar de novo no ventre de sua mãe e nascer outra vez? — 5. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que não pode entrar no reino de Deus aquele que não renascer pela água e pelo espírito. — 6. O que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é espírito. — 7. Não te admires de haver eu dito: É necessário que torneis a nascer. — 8. O espírito sopra onde quer, tu lhe ouves a voz, mas não sabes donde ele vem nem para onde vai: assim é todo aquele que é nascido do espírito. — 9. Nicodemos lhe replicou: Como pode isso fazer-se? — 10. Observou-lhe Jesus: És mestre em Israel e ignoras estas coisas? — 11. Em verdade, em verdade te digo que dizemos o que sabemos e damos testemunho do que temos visto; entretanto, não recebeis o nosso testemunho. — 12. Se não me credes quando vos falo das coisas terrenas, como me creereis, quando vos fale das celestiais? — 13. Também ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, a saber: o filho do homem, que está no céu. — 14. Assim como Moisés alçou no deserto a serpente, do mesmo modo importa que o filho do homem seja alçado, - 15, para que todo o que nele crê não pereça e tenha, ao contrário,

a vida eterna. — 16. Porque, Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu filho unigênito, a fim de que todo o que nele crê não pereça, tenha a vida eterna. — 17. Porquanto, Deus não enviou seu filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. — 18. Quem nele crê não é condenado; mas o que não crê já está condenado, pois que não crê no nome do filho unigênito de Deus. — 19. O motivo desta condenação é que a luz veio ao mundo e os homens amaram mais às trevas do que à luz, por serem más suas obras. — 20. Porque, aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se aproxima da luz, a fim de que suas obras não sejam argüidas. — 21. Mas, aquele que pratica a verdade se chega para a luz, a fim de que sejam manifestas suas obras, visto que são feitas em Deus.

N, 9. A pergunta de Nicodemos e a resposta de Jesus confirmam, como sabeis, a reencarnação, para a qual o Mestre chamava constantemente a atenção dos homens, tanto assim que a encontrastes indicada sob *o véu da letra* em muitos daqueles de seus ensinamentos que os três outros Evangelhos registaram, os quais já vos explicamos *em espírito e em verdade*.

A síntese das palavras de Jesus a Nicodemos é esta: se o homem não recommençar sua vida até que atinja o limite que lhe está assinado, que é a perfeição, não entrará no reino de Deus, isto é: numa existência pura e luminosa que constitui a verdadeira vida do Espírito.

Tomai pensamento por pensamento e vos daremos as explicações necessárias.

V. 1. Havia na classe dos fariseus um homem chamado Nicodemos, magnate entre os Judeus. — 2. Esse, *uma noite*, veio ter com Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que como Mestre vieste da parte de Deus, pois ninguém pode fazer os milagres que fazes, se Deus não estiver com ele. — 3. Respondeu-lhe Jesus: *Em verdade, em verdade* te digo que ninguém pode entrar no reino de Deus *se não nascer de novo*.

Nicodemos tinha consciência da missão de Jesus. Os chefes da sinagoga também a tinham, mas o orgulho e os interesses pessoais os levavam a fazer então o que tantas vezes haviam feito com relação aos profetas.

A instrução teológica o pusera em condições de compreender, do ponto de vista das interpretações hebraicas, dadas às profecias referentes ao advento do Messias, que aquele homem simples e humilde, a operar milagres que só a mão de Deus poderia realizar, devia ser o enviado prometido desde tantos séculos. Mas, dominado pelo respeito humano, temia muito o — *que se dirá?* Jamais, portanto, ousaria entrar desassombradamente em a morada humílima do "filho do carpinteiro". O ridículo lá estava para lhe tolher os passos. Porque lhe lia o pensamento, foi que Jesus disse ser preciso que o homem renasça.

Essa resposta o Mestre a deu em particular a Nicodemos e em geral a todos os que não ousam externar suas opiniões, seus pensamentos, embora sintam que umas e outros são honrosos e santos.

Para Nicodemos, aquelas palavras significavam: É preciso que o homem se despoje desse corpo de que usa, composto de preconceitos, de egoísmo, de ignorância, de vis paixões, para renascer livre, puro, apto a progredir. É preciso que seja simples diante de Deus, como simples é aos olhos de sua mãe a criança que nasce. É preciso que seja puro, como a criança que os pais apresentam no templo. É preciso que seja santo, como é santa a criancinha consagrada a Deus.

Entretanto, declarando: "*Em verdade, em verdade te digo que ninguém pode entrar no reino de Deus se não nascer de novo*", Jesus tinha em mente afirmar a realidade da lei natural e imutável do renascimento, da reencarnação; a obrigação de reviver na carne, como sendo, para o Espírito, o único meio de se depurar e de pro-

gredir, de chegar à perfeição, de entrar, *assim, no* reino dos céus.

Mas, esse pensamento do Mestre só havia de ser compreendido, de modo exato e completo, pelas gerações então futuras, ao tempo da revelação predita e prometida: a revelação espírita, que vem explicar, *em espírito e verdade*, pondo-a claramente diante dos olhos de todos, essa lei natural e imutável do renascimento, da reencarnação, mostrando o princípio de justiça a que obedece, suas aplicações, seu objetivo e suas conseqüências.

Aquele que não se despoja do *homem velho*, que não despe a túnica da impostura e de iniquidade que o cobre, para envergar a roupagem branca e pura do levita, as vestes de finíssimo linho, não entrará no reino dos céus, pois que só com os trajes nupciais se pode lá entrar. Esse o sentido figurado daquelas palavras.

Pelo que toca à realidade, à matéria, elas significam: Se o Espírito não despir a veste de carne com a qual se maculou, se não atirar para longe de si essa matéria imunda e infecta, a fim de comparecer perante seu juiz, lá não chegará.

Mas, despir a veste de carne não é tudo. Dar-se-á porventura que lhe basta despojar-se do corpo carnal, restituí-lo à terra, para que desapareçam todos os vícios e imperfeições a que esse corpo serviu? Não.

Pois que os vícios e imperfeições não nascem do corpo, que mais não é do que um instrumento passivo que o Espírito aciona, também o Espírito não deixa, ao abandonar o corpo, o fardo que trazia ao tomá-lo.

Revestindo-o, o Espírito encerra consigo nele os princípios bons ou maus que consigo traz, princípios que encontram no corpo um agente apropriado a auxiliá-lo nas suas manifestações.

O Espírito dirige o instrumento de que se serve. Cumpre-lhe servir-se bem dele, guiá-lo bem.

Abandonado pelo Espírito, o corpo não passa

de um amálgama de podridões, incapaz do menor movimento.

Quando o obreiro atira fora, abandonando-o definitivamente, o instrumento de que se utilizou, a ferrugem e os vermes o corroem.

Ora, o amo do obreiro não é ao instrumento que pede contas da obra a ser executada. Pede-as àquele que o manejava. Indaga do trabalho feito e, em sendo este mau, diz ao obreiro: *Recomeça*. O instrumento que te servia está inutilizado pelo uso; toma outro. Toma-o e trata de manejá-lo melhor; porque o trabalho tem que ser feito. É preciso que a obra se *conclua e seja perfeita*. Faliste: observa-te, estuda, vê por ti mesmo o que te arrastou à queda, o que te falseou o golpe de vista e a mão. Atira para longe de ti tudo o que tenha sido causa do teu transviamento e, quando me mostrares acabada a tua obra, receberás o salário prometido ao obreiro.

Dizei-nos, ó bem-amado, não é este um pensamento consolador, caricioso, reconfortante? Este dogma da natureza não é mais consolador, mais caricioso, mais reconfortante do que os dogmas humanos da Igreja? do que o da eternidade das penas para o Espírito culpado, dogma cuja monstruosidade só é igualada pela sua falsidade, dogma que, como dissemos noutro ponto, teve a sua razão *de ser*, mias que já fez a sua época, não produzindo hoje senão a incredulidade? do que o de um purgatório, vago, obscuro e falso, qual a Igreja o formulou, não apresentando mais do que uma única via de expiação — a dos seus suplícios, não oferecendo ao Espírito culpado que sai da Terra, ainda um dos mundos inferiores, meios *de reparação*, de purificação, pelos quais seja levado progressivamente à perfeição moral e intelectual, que só ela abre as portas do reino dos céus?

Quando a pena de morte alcançava, assim o ladrão, como o homicida, que importava àquele

que já se sentia condenado, cometer um crime mais ou um crime menos?

Não lhe inspiravam confiança a misericórdia dos juizes, nem as promessas dos homens de armas. Falira, continuava a falir. Não podia ser de outro modo.

Para aquele que viveu vida condenável, que vê, tomado de angústia, chegar o momento da partida; que, sem fé, espera o aniquilamento no nada; ou que, perguntando, empolgado pelas recordações da infância, se há um Deus, por única resposta vê um gládio prestes a vará-lo, que poderá haver de mais animador e reconfortante do que a idéia da reencarnação, da faculdade de recomeçar a tarefa mal cumprida?

Para o coração do homem que tem a animá-lo uma idéia generosa e nobre, que sonha com o progresso de seus irmãos, com o progresso da humanidade, que sente grandes coisas germinando no seu íntimo e que se vê atingido por essa impiedosa cega que é a morte, não será gratíssimo pensar que a obra incompleta pode ser acabada?

Oh! para aquele que só lobriga, além-túmulo, uma vida eterna contemplativa, a morte do corpo acarreta a paralisia da alma. Esta, separada do seu invólucro, não é mais um ser. Torna-se coisa abstrata, que não compreende as lutas do passado, a marcha do progresso, que nada mais espera do futuro, a menos que algumas transgressões "às leis da Igreja" a condenem aos suplícios do "purgatório".

Para aquele que sabe, a idéia do renascimento, da reencarnação não é a mais consoladora, a mais grata em face da morte?

O que faliu na sua obra, nas suas provas, pode a si mesmo dizer: "Fali; mas, meu pai, o meu Deus onipotente, em sua bondade, em sua justiça, em sua misericórdia infinitas, me permitirá recomeçar a obra mal feita. Meus crimes ou minhas faltas, eu as expiarei, após a morte, na

erraticidade, passando por torturas ou sofrimentos morais que lhes sejam proporcionados e apropriados e cujo aguilhão sinto já nos remorsos e dores que, como aqueles mesmos sofrimentos e torturas, têm sua fonte de origem na consciência culpada.

Arrependido e submisso, cheio do desejo ardente de reparar e de progredir, depois de ter visto o que me arrastou à queda, o que me falseou o olhar e a mão, pedirei a Deus a graça de *reviver*, de *nascer de novo*, para recomeçar a obra mal feita. E Deus, meu pai, cujos tesouros de misericórdia são inesgotáveis, me concederá essa graça. E, provado no fogo moral da expiação, recomeçarei a tarefa, pela reencarnação, mediante novas provas."

O que deixou incompleta, inacabada a obra que empreendera, visando a felicidade de seus irmãos, o progresso da humanidade, pode a si mesmo dizer: "Sem dúvida, a humanidade teria aproveitado da minha obra, das minhas inspirações, do meu gênio. Mas, quem sabe? Talvez que nos meus projetos se haja infiltrado algum fermento de humano orgulho, que meu pai, previdente e bondoso, quis extinguir desde logo. Talvez os projetos por mim formados, as empresas que desejava fundar, precisassem de aperfeiçoamentos que eu era ainda incapaz de lhes dar. Vou então para junto do Mestre indulgente e infalível estudar o que ignoro, aperfeiçoar o que sei. Voltarei mais forte, mais jovem de corpo, mais inteligente, mais instruído, acabar o que empreendera. Ó morte, sê bem-vinda! Vais restituir-me a juventude, a força, a bondade, a ciência!"

Essa idéia de recomeçar a tarefa não é mais suave do que qualquer outra, perguntamos?

V. 4. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode renascer um homem que já seja velho? Pode, porventura, entrar de novo no ventre de sua mãe e nascer

outra vez? — 5. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que não poderá entrar no reino de Deus aquele que não *renascer* pela água e pelo Espírito.

Imbuído das idéias de sua época, como vós o sois das da vossa, Nicodemos, conquanto inteligente e desejoso de instruir-se, não se achava em estado de compreender o *alcance das* palavras de Jesus, que tinham de permanecer *veladas*. Como tantos dentre vós, ele temia o ridículo e o sarcasmo. Não ousava crer abertamente e a sua falta de iniciativa lhe obscurecia a inteligência. Entretanto, ao formular a sua observação, apenas fez um jogo de palavras, pois que a consciência o fizera compreender o sentido que Jesus dava ao que havia dito. Por isso mesmo é que o Cristo se limitou, na sua segunda resposta, a reafirmar o que dissera. "Em verdade, em verdade te digo que não poderá entrar no reino de Deus aquele que não *renascer* da água e do espírito."

Efetivamente, dizendo — "se não renascer da *água* e do *espírito*" — outra coisa não teve o Mestre em mente senão *reafirmar* o que acabara de dizer: "se não *renascer* de novo."

Aquelas palavras, como vos vamos mostrar, significam, *em espírito e verdade*: "se não renascer", se não recomeçar sua vida segundo a lei de reprodução; se não recomeçar, *pela água*, tomando um novo corpo, *"pelo espírito"*, vindo sua alma habitar esse corpo, do qual lhe cumpre servir-se bem e que constitui para o homem, por efeito do renascimento, da reencarnação, o meio único de entrar "no reino de Deus", isto é: de enveredar pelo caminho da reparação e do progresso, que o levará a uma existência pura e luminosa, a qual constitui a verdadeira vida do Espírito.

Disse o Cristo: "O reino de Deus está dentro de vós." (Lucas, XVII, v. 21.) Está no meio de

vós e não sabeis descobri-lo. O homem, já o temos explicado, traz em si mesmo "o reino de Deus", visto que no exercício de suas faculdades é que ele encontrará meio de lá chegar e lá só chegará lentamente, indo de progresso em progresso, de ascensão em ascensão. Aquele reino não é um lugar circunscrito, como os homens imaginaram, uma mansão feliz onde lhes será dado penetrar. É a perfeição moral humana. É a imensidade na virtude. É a união das almas purificadas, pelo renascimento, no cadinho das vidas sucessivas e progressivas, a *princípio* expiatórias e, por fim, gloriosas, que conduzem à perfeição sideral. À pluralidade das existências corresponde a pluralidade dos mundos ao longo da trajetória ascensional do progresso.

Em cada época se fala a linguagem apropriada às suas idéias, às suas interpretações científicas, às suas tradições.

Assim é que Jesus apropriou à época em que falava a linguagem de que usou nesta resposta a Nicodemos: "Não poderá entrar no reino de Deus aquele que não renascer da *água* e do *Espírito*."

De modo geral, segundo as interpretações científicas, e em especial para os Hebreus, segundo as tradições do *Gênese*²⁸, que refletiam as interpretações científicas, a *água*, naquela época, era considerada um princípio primitivo, um princípio gerador, organizador de todas as coisas, elemento genésico dos reinos orgânicos e inorgânicos, princípio, fonte originária do corpo dos animais vivos, que se supunha produzidos por ela, do corpo do homem.

Portanto, "renascer da *água*" era nascer *de novo* com um corpo; "renascer do *Espírito*" era vir o *Espírito* animar esse corpo, habitá-lo.

De sorte que o renascimento, a reencarnação

²⁸ Cap. I, vv. 2, 6, 7, 9, 10, 11 e 20; cap. II, vv. 1, 4, 5, 6 e 7.

eram uma realidade e não uma alegoria. Tais são, *em espírito e verdade*, o sentido e a explicação das palavras de que se serviu Jesus na sua segunda resposta a Nicodemos, resposta pela qual, empregando termos que tinham sua significação determinada no livro sagrado dos Hebreus, ele, repetimos, apenas reafirmou o que antes dissera.

Alguns, nos primeiros tempos, assim o compreenderam. Dizemos — alguns — porque a crença no renascimento era partilhada por muitos, mas não estava generalizada.

Eu, João evangelista, nesse sentido é que entendi e apliquei o termo *água*, isto é, como princípio primitivo, gerador e organizador do corpo humano, quando escrevi (*Epístola 1^o*, cap. V, v. 8): "*Há três que dão testemunho na Terra: o Espírito, a água e o sangue; esses três são um.*"

Estas palavras se referem ao homem. O Espírito dá testemunho ao Espírito: ao pai; a *água e o sangue* dão testemunho da existência da matéria unida ao Espírito. E os três são um: o "homem".

Na imagem, a água representa o princípio primitivo, gerador, organizador do corpo do homem e o sangue figura como elemento da vida, derivado daquele princípio.

Assim é que, eu, João evangelista, sob a influência espírita e sob a inspiração mediúmica, das quais, entretanto, como encarnado, não tinha consciência, disse (mesma *Epístola 1^a* cap. V, v. 6) que Jesus "*viera com a água e o sangue*"; *não somente com a água, mas com a água e com o sangue*, para, *segundo o espírito e em verdade*, comprovar que ele viera realmente entre os homens. Dizendo que viera não somente com a *água*, isto é: com um corpo, e sim com a água e o sangue, quis dizer que viera com um corpo, mas um corpo vivo, porque *habitado pelo seu Espírito*, corpo em tudo *semelhante ao* dos homens, porém, *não da mesma natureza*, do ponto de vista da água, do princípio orgânico, e do sangue, ou seja, do elemento da

vida, porquanto nem toda carne é a mesma carne e há corpos terrestres e corpos celestes.

V. 6. O que é nascido da carne é carne, o que é nascido do Espírito é Espírito .

O nascimento do homem não depende senão da carne. A matéria deriva da matéria. O Espírito apenas anima a matéria perecível.

Nascido do Espírito, isto é, emanado da inteligência suprema que rege todas as coisas, nenhuma afinidade tendo com a matéria, o Espírito independe dela, preexiste ao corpo e lhe sobrevive, pois que é imortal, como o Espírito genérico do qual emana.

Fazendo aquela distinção entre o corpo e o Espírito, quis Jesus pôr em evidência, sobrelevar o pensamento que acabara de exprimir quanto ao renascimento *pela água e pelo Espírito*, isto é: *pela matéria unida ao Espírito*, por um *corpo e um Espírito* que o venha animar, habitar. De maneira que, assim como, *para nascer* um homem, um Espírito toma um corpo e o anima, habitando nele, também *para renascer*, *nascer de novo*, o mesmo Espírito toma um novo *corpo* e o anima e habita, consistindo nisso o renascimento, a reencarnação.

A Igreja, tomando por base de suas interpretações o nascimento pela água e pelo Espírito, fez dele, *pura e simplesmente*, o emblema da purificação pelo batismo e da inspiração pelo Espírito Santo.

Desde que não admitia, como ainda não admite, a existência senão de um único mundo habitável, *a Terra*, e, para o Espírito, senão uma única vida corporal, assinando, de acordo com *suas leis* e seus *dogmas*, como destino para o homem, após a morte, "o inferno eterno", ou "o purgatório", lugares um e outro circunscritos e determinados, ou ainda "o paraíso", igualmente lugar circuns-

critico e determinado, destinado a uma eterna vida contemplativa na inércia, na inação, a Igreja também não admitiu o sentido próprio, ou, seja, a realidade do renascimento, da reencarnação. E, uma vez que não admitiu o sentido próprio, teve que procurar um sentido *figurado*.

As palavras realmente pronunciadas por Jesus e que constam na tradução rigorosamente fiel do texto original são estas: "Em verdade te digo que aquele que não renascer pela água e pelo Espírito não poderá entrar no reino de Deus."

A Igreja diz, alterando as palavras do Mestre e do texto original: "não renascer da *água* e do *Espírito Santo*."

Se vos colocardes no ponto de vista dessa tradução inexata e do sentido emprestado ao vocábulo "água" para o fazer significar o emblema da purificação pelo batismo de água, descobrireis sempre, nas palavras atribuídas a Jesus, mas diversas das que ele proferiu, o *sentido necessário* de uma *realidade*, o renascimento, a reencarnação, e não de uma alegoria.

Mas, ainda quando se queira explicar e compreender do ponto de vista do batismo d'água, o *sentido* e o *alcance* destas palavras: "Se não renascer da água e do Espírito Santo", não será por meio do batismo, qual aprouve à Igreja imaginá-lo, que se conseguirá. Será, sim, *unicamente*, considerando o batismo que existia e era praticado ao tempo em que Jesus falava a Nicodemos.

Não suponhais que o batismo d'água, que João administrava a seus discípulos e que a Igreja continuou a administrar, seja uma criação sua. Sê-lo-á na forma, no fundo não. O batismo que João empregava era uma purificação emblemática do corpo, praticada como preparatória da purificação do Espírito pelo arrependimento. Segundo o uso judaico, a criança que nascia era levada ao templo e aí passava por uma ablução para ser purificada. No batismo que João dava, *apenas a*

ocasião fora mudada. Ele só derramava a água batismal sobre a cabeça dos que já estavam aptos a compreender a importância do ato que praticavam, enquanto que a purificação judaica, tal qual o batismo da Igreja, não passava de um simulacro, de uma formalidade, que se empregava, como se emprega hoje, sem ter o batizando idéia nem consciência da cerimônia em que é parte.

No batismo de água que a Igreja administra, o que constitui uma criação sua é o sentido emblemático que lhe ela empresta: o de apagar no recém-nascido um pecado original que *Adão* lhe transmitiu, fazendo-o herdeiro de uma falta toda pessoal, por ele *Adão* cometida. Surge assim a criança trazendo, segundo a Igreja, a culpa, a responsabilidade de um ato praticado por outrem, culpa de que só o batismo a livra, muito embora tenha sido a alma daquele novo ente humano criada expressamente, também segundo a Igreja, para o corpo em que está habitando, o que implicaria a pureza dessa alma, visto que das mãos do Criador nada pode sair com mancha. esse um dogma que o progresso repeliu por absurdo.

No que vos revelamos (ns. 56 e seguintes do 1º volume), com relação à origem do Espírito, à sua queda, a seus caminhos, seus fins e destinos, se encontra a *explicação* do que a Igreja chama pecado original, *quer* do ponto de vista da queda, de que resulta a. encarnação material humana, *quer* do da reincidência, que leva à reencarnação.

Do ponto de vista humano, que é o em que a Igreja se coloca, do da significação que ela atribui ao termo "*água*", nas palavras de Jesus a Nicodemos, pretendendo que signifique um renascimento por meio do batismo d'água — o sentido daquelas palavras não pode ser determinado senão pela razão e pelo objetivo desse batismo, buscando-se essa razão e esse objetivo, *ou* na purificação judaica, que consistia na ablução do corpo para o purificar (todo corpo que vinha ao mundo era

lavado para se expungir de suas impurezas materiais), *ou* no batismo que João administrava sob um aspecto emblemático: o da *purificação da carne*, pela ablução *do corpo*, como preparatória da purificação do Espírito.

Sendo o batismo de água que João ministrava a seus discípulos a purificação do corpo pela ablução e sendo, como batismo de penitência, *preparatório* do batismo *do Espírito*, do "Espírito Santo", ele significava — purificar-se o homem de *corpo e de inteligência*.

Assim, pois, nascer da *água e do Espírito*, do "Espírito Santo", é purificar-se de *corpo e de inteligência*. *Ora*, o corpo não recebia mais que um único batismo *d'água*, quer quando a criança era levada ao templo para a purificação judaica, quer quando era João quem batizava, como não recebe hoje da Igreja senão um só batismo. Portanto, para *renascer* pela *água ou da água*, isto é, para se purificar *novamente de corpo*, preciso era que o corpo se renovasse, como preciso é hoje que se renove. Quer dizer: era preciso que o Espírito tomasse, é preciso que tome um *novo* corpo para *de novo* receber aquele símbolo *material* de purificação. De sorte que, mesmo quando vos coloqueis no ponto de vista das traduções inexatas e no ponto de vista das palavras que a Igreja atribuiu a Jesus, o renascimento, a reencarnação, para a ablução de um novo corpo, se apresentam sempre como realidade e não como alegoria.

Nessas condições, o batismo d'água lembrava e ainda lembra ao homem, que *renasce, que nasce de novo* e o recebe, que ele recebeu um corpo novo isento de impurezas e que lhe cumpre preservá-lo de todas as máculas. É um vaso novo que foi lavado para que ficasse em estado de conter o Espírito que nele se encerrou. Importa que esse Espírito não fermente, a fim de não escorrer pelo vaso, deixando neste marcas que interessariam à sua própria pureza.

O nascimento do homem não depende senão da carne, repetimos. A matéria deriva da matéria e o batismo dá-gua apenas se destina a simbolizar a purificação dessa matéria, para lembrar ao homem que o *corpo*, nada sendo por si mesmo, nenhuma impureza traz, proveniente *da sua feitura*. Privada do Espírito, a carne é inerte, inconsciente, incapaz de um ato qualquer, portanto de uma falta.

Só o Espírito anima essa matéria perecível.

O *Espírito*, que é nascido *do Espírito*, isto é, que emana, também o repetimos, da inteligência suprema que rege todas as coisas, que nenhuma afinidade tem com a matéria, não pode ser batizado *senão com* o Espírito, o que vale por dizer — esclarecido *de inteligência*, auxiliado pelo Espírito Santo, ou seja, pelos bons Espíritos que o cercam e que constituem, para ele, uma como emanação da divindade, pois que são os submissos instrumentos desta.

À Igreja e a seus doutores em teologia, que tomam por alegoria e não por uma realidade as palavras de Jesus a Nicodemos, que não admitem tenha o Espírito mais de uma existência na Terra, que repelem a lei de renascimento, de reencarnação, pedi que, sem esta, expliquem e tornem compreensíveis as seguintes palavras do Mestre a seus discípulos, falando-lhes do fim do mundo, dos sucessos que o assinalarão: "*Em verdade vos digo que esta geração não passará antes que todas essas coisas hajam ocorrido*", palavras pelas quais ele proclamava que, dentre os daquela geração a quem se dirigia, alguns estariam vivos na Terra pela época do fim do mundo.²⁹

A Igreja, que rejeita a reencarnação e cujos erros todos provêm de haver tomado por alegoria o que era realidade e vice-versa, considera excluído de

²⁹ Ver a explicação, dessas palavras, *em espírito e verdade*, à pág. 347 do 3º tomo.

todas as vias de salvação o homem que, devendo e tendo podido receber, não recebeu o batismo *d'água*, deixando ela *por* isso de o acolher em seu seio *como sua mãe*. E tal homem, simplesmente porque, sabendo que, segundo o dogma da Igreja, devia receber o batismo e o não recebeu, se absteve disso, não o quis, por considerá-lo um ato material inútil, ela o repudia em absoluto, ainda que, sem o batismo, ele, praticando todas as virtudes e cumprindo todos os seus deveres, haja posto em prática, com a maior sinceridade e em toda a extensão, o amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo, duplo amor que o Cristo, dirigindo-se a todos os homens (Judeus e Gentios), sem distinção de cultos nem de nacionalidades, declarou encerrar toda a lei e os profetas, assim com relação ao passado, como com relação àquela época e ao futuro. Que dizeis a isso?

É uma pretensão humana, que não suporta exame.

Para se admitir que só os que renasçam *da água e do Espírito*, como a Igreja o entende, se salvem, preciso fora admitir que o Cristo, tipo de bondade, de justiça e de amor, houvesse excluído da paz do Senhor todos os que não recebam o *batismo d'água que a Igreja administra*.

Verdade é que ela admite a possibilidade de salvação para o homem que segue a lei natural. Mas, que vem a ser essa lei? Quais os seus limites? O antropófago segue a lei natural. Competir-lhe-á lugar idêntico ao de um dos pais da Igreja?

Se não lhe é dado atingir o mesmo grau de felicidade, por que há de ter o Senhor absoluto do universo lançado o infeliz, que vive de carne humana, nas regiões selvagens onde habita, tão longe da Igreja, das suas pias batismais, dos dons do "Espírito Santo"? Pode este, na realidade, descer para criaturas tão abjetas? Que responde ela?

Não entraremos aqui em minudências a propósito da Igreja, de seus preconceitos e de suas exigências. Limitar-nos-emos a perguntar a todo homem que pensa:

"Que é que está mais conforme à justiça do Senhor, à sua bondade, ao seu amor para com todas as criaturas: a lei da Igreja, que não admite como seus filhos senão os que ela arrebanhou para a sua comunhão, tenham ou não tenham virtudes e fé, contanto que se hajam submetido a seus dogmas; ou a lei natural do renascimento, que a todas as criaturas do Senhor concede direitos iguais, iguais títulos para alcançarem a meta; que não se preocupa com os atos senão quando se acham em relação com a consciência e que não admite boas consciências sem bons atos; que não separa a caridade da fé, porquanto aquele que *crê ama* e aquele que *ama com sinceridade* necessariamente há de crer e esperar, como o declarou João o Precursor, dizendo: a esperança é irmã da fé e ambas são filhas da caridade e do amor?"

Acabamos de falar da Igreja e de seus dogmas, considerando-os unicamente do ponto de vista em que ele se coloca. Efetivamente, para a Igreja, para os que a representam, toda a fé se encontra encerrada na observação de seus dogmas. Quem a estes se submeta ostensivamente poderá pecar contra Deus, pois que, se declarar que se arrepende, a absolvição estará sempre pronta a lhe abrir as portas do "paraíso". Se, porém, pecar contra os dogmas da Igreja, não obstante admitir esta que eles são obra *semi-humana*, ela se mostrará severa, por vezes inexorável.

Que é a absolvição que o sacerdote dá ao moribundo? Um dogma de criação e instituição humanas, pois que Jesus de tal coisa não falou. Entretanto, se o enfermo se esquecer de pedir que lhe chamem um sacerdote para assisti-lo nos seus últimos momentos, repelirá a Igreja esse filho insubmisso, ou irrefletido, negligente, senão apenas, o que é quase sempre o caso, ignorante, e lhe recusará a sepultura eclesiástica? E quando, como às vezes sucede, ela abre mão dessas particularidades formalísticas, será unicamente o res-

peito humano o que a contém? Será o temor da opinião pública? Não esqueçais que, em tudo o que vimos de dizer, nos colocamos, mesmo no tocante à forma da linguagem, estritamente no ponto de vista da Igreja.

Há quem tenha perguntado por que motivo e com que fim Jesus deixou de dar à pergunta de Nicodemos (v. 4) a *resposta clara, precisa e completa* que os Espíritos do Senhor, órgão do Espírito da Verdade, dão hoje aos homens por meio da Nova Revelação, resposta esta que teria poupado ao Cristianismo e à Igreja o erro em que ela incorreu de negar a reencarnação, demorando o progresso social e humano. Por que motivo e com que fim deixou Jesus de responder a Nicodemos: "Não, o homem que envelheceu não pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, mas pode e tem que RENASCER, isto é: depois de haver morrido, seu Espírito tem que tomar, nas entranhas de outra mãe, um novo corpo, a fim de reviver novamente. Tem que RENASCER *desse modo* tantas vezes quantas forem necessárias, para se tornar, depurando-se no cadinho da reparação, do progresso, um bom Espírito e merecer não mais voltar a este mundo que, para os vossos Espíritos, é apenas um lugar de exílio, de expiação e de provação. Tendo-se tornado bom e tendo transposto, conseqüentemente, os mundos inferiores, o Espírito, ainda assim, pode e deve renascer sucessiva e progressivamente em mundos cada vez mais elevados e superiores, física, moral e intelectualmente, até que haja atingido a perfeição sideral e se tenha tornado puro Espírito?"

Os que formulam semelhante questão e usam de tal linguagem não sabem ou, se o sabem, esquecem que as palavras de Jesus a Nicodemos não podiam e não deviam ser claras e positivas para todas as inteligências, como não o foram estas: "*Há muitas moradas na casa de meu pai*". Para dar maiores esclarecimentos a Nicodemos, fora mister que Jesus entrasse, acerca da reencarnação, bem como da pluralidade dos mundos e da

sua habitabilidade, em explicações mais amplas do que as que podiam ser dadas e os homens podiam suportar. Isso não era então conveniente, nem oportuno, atentas as condições em que se opera. o progresso da humanidade e os meios pelos quais se realiza.

Já dissemos que a reencarnação e as relações entre o mundo invisível e a humanidade tinham que permanecer veladas para a maioria dos homens. Era uma necessidade, compreendi-o. O progresso da vossa raça nada sofreu com isso, como nada sofre a árvore que é podada na primavera, época própria para o seu desenvolvimento. Deixai, portanto, que a sabedoria do Senhor dirija o vosso planeta. Secundai os esforços que não sido feitos para vos tirar das faixas infantis e preparar os tempos precusores da virilidade do gênero humano e não esqueçais que a criança não pode e não deve ser tratada como o homem. A cada idade o grau de ciência que lhe seja possível comportar.

V. 7. Não te admires de haver eu dito: É necessário que TORNEIS a nascer.

Desse modo insistia Jesus no que dissera antes, a fim de que Nicodemos voltasse a atenção para o princípio do renascimento do homem, mediante nova encarnação, mediante a reencarnação do Espírito.

Em nome da Igreja, os que a representam, sempre do seu ponto de vista alegórico, explicam esse versículo da seguinte maneira: "Quem conheça bem o coração humano não se admirará de que seja preciso que o homem se transforme num homem novo, de que lhe seja necessário novo espírito, novo coração, novo principio de vida e de ação.

É esse renascimento, todo espiritual, que lhe dá o direito de pedir, em todas as ocasiões, o espírito novo, de pedir a Jesus, santo dos santos, seu Espíri-

to, suas inspirações, sempre espirituais, sempre santas, como princípio da nova vida."

E é numa *única* existência que a Igreja pretende seja o homem transformado *assim* em um novo homem, segundo a expressão do apóstolo Paulo, de homem animal em homem espiritual, quer se trate do antropófago, quer do selvagem da Oceania, quer do Neo-Zelandês, quer do habitante da Europa civilizada. Sim, porque a Igreja não pode, sem desconhecer a bondade, a justiça e a misericórdia infinitas do Senhor, negar direitos iguais a todas as suas criaturas, iguais títulos a todas para alcançarem a meta.

Mas, como, segundo ela própria o diz, isso nem sempre é possível, imaginou dois lugares circunscritos e determinados, para um dos quais manda o Espírito que, naquela única existência, não se transformou em novo homem, servindo de base à sentença a natureza da infração de seus dogmas.

Esses dois lugares são: um inferno eterno e um purgatório.

O inferno eterno é o reino de Satanás, do diabo, verdadeiro rival de Deus na eternidade, mais poderoso, de certa forma, do que o próprio Deus. Nesse inferno eterno é que, segundo a Igreja, o *Espírito culpado* se acharia *eternamente* sujeito a torturas incessantes, materiais na opinião de alguns dos seus representantes, morais na de outros. *Haveria assim ovelhas desgarradas* que o meigo e bom pastor se veria impossibilitado de carregar ao ombro para levá-las de novo ao aprisco, por só muito tarde as ter encontrado. Haveria assim filhos pródigos aos quais estaria interdita a entrada na casa paterna, por só muito tarde se terem lembrado de voltar, *embora* o pai de família estivesse sempre a esperá-los à porta. *Inutilmente* esses filhos pródigos clamariam por Deus, pai deles. Deus se conservaria impotente ou surdo ao clamor de tais filhos arrependidos e à súplica que lhe dirigissem para expiar e reparar suas faltas, para progredir, para *recomeçar* a obra mal feita, para, uma vez que bem a executassem, poderem reclamar e receber o salário prometido ao trabalhador.

O purgatório seria uma estância de suplícios temporários não definidos e que não levariam ao "paraí-

so" o Espírito culpado, pois que, segundo a Igreja, se ele "não renascer da *água* e do Espírito Santo", dentro da sua única vida corporal, isto é, se não conseguir como homem durante a única existência terrena que, para esse efeito, ela lhe concede, um renascimento que o mude em homem novo, não poderá entrar no reino de Deus, o qual, sempre *segundo a Igreja*, é o "PARAÍSO".

Não deveria a Igreja, inclinando-se diante da nova revelação, compreender que, dizendo: Não te admires de haver eu dito: "*É necessário que TORNEIS a nascer*", Jesus insistia no que já dissera, a fim de chamar a atenção de Nicodemos para o princípio do renascimento do homem, mediante uma nova encarnação, uma reencarnação do Espírito?

Não deveria ver nessas palavras e nas que antes Jesus proferira a indicação da lei natural do renascimento, da reencarnação, a obrigação de reviver? Não deveria ver o inferno, o purgatório, a expiação, a reparação, o progresso nas sucessivas fases espíritas que se seguem a cada existência terrena, nas reencarnações múltiplas, precedida cada uma de sofrimentos ou torturas morais, na erraticidade, proporcionados e apropriados aos crimes ou faltas cometidos pelo Espírito e que levam o culpado ao arrependimento, ao desejo de reparar suas culpas e de progredir para o bem? Não deveria a Igreja ver em tais palavras a indicação dos caminhos e dos meios pelos quais, graças à onipotência de Deus, de acordo com a lei natural e imutável da expiação e do progresso, o homem, criado perfectível, é chamado inelutavelmente a transformar-se em novo homem, seja qual for o uso que tenha feito do seu livre-arbítrio, sejam quais forem os seus transviamentos ou atrasos na jornada?

Não deveria reconhecer que as reencarnações sucessivas, a princípio expiatórias nos mundos inferiores, depois gloriosas nos mundos superiores, são a alta escada que o homem tem de subir e que, subindo-a, ele se eleva progressivamente até atingir a perfeição moral humana, que o conduz a Deus?

Certamente. Deus quer que todos os seus fi-

lhos se salvem³⁰ e que partilhem todos do conhecimento da verdade, assim o selvagem da Oceânia, como o homem da Europa civilizada, tanto o Neo-Zelandês, o Lapônio, o Esquimó, como o "pai da Igreja". Ele quer que todos cheguem à "casa paterna", em cumprimento desta sentença de Jesus: "Sede perfeitos, como é perfeito vosso pai que está nos céus".

V. 8. O Espírito sopra onde quer; tu lhe ouves a voz, mas não sabes donde ele vem, nem para onde vai: assim é todo aquele que é nascido do Espírito .

Jesus era nascido do Espírito. Todo homem, que não vive em seu corpo, mas em sua inteligência, pode dizer-se, como Jesus, nascido do Espírito.

Do corpo procede o corpo. Todos conhecem a fonte donde ele provém e a matéria que o compõe. Quão poucos, porém, são hoje, como ao tempo de Nicodemos, os que podem dizer *donde vem e para onde vai o Espírito, qual a sua essência, em que momento anima o vaso de argila que lhe serve de envoltório!* Que é, para a humanidade, a inteligência? Será um corpo palpável, sensível? Pode fixar-se o momento da sua presença ou da sua ausência? Sabe-se donde o Espírito vem e para onde vai?

Só o pode saber aquele que nasceu do Espírito. Precisamos explicar e desenvolver o nosso pensamento. Entre os homens, poucos se acham em estado de viver *pelo Espírito*. Compreendei, amigos, que não falamos dos que entre vós são tidos por "inteligências de escol", por "homens notáveis". Sob o ponto de vista do saber, da profundidade dos conhecimentos, ah! bem pouco va-

³⁰ Ver 1ª Epístola de Paulo a Timóteo, cap. II, vv. 3-4.

lem na sua maioria, diante do que ignoram e não cuidam de compreender, acerca da escala dos seres e dos mundos, diante da eternidade, do infinito, dos mistérios que os envolvem, mesmo na Terra. A matéria corporal é o agente de que fazem a sua principal divindade. Falamos, muito ao contrário, das almas simples, simples não como os homens, por ignorância ou incapacidade intelectual, o entendem, mas *simples pela humildade do coração e do Espírito*; dessas almas que, tanto quanto lhes permite a sua condição de homens, escapam aos entraves da carne e vivem realmente a vida humana, porém como se dela não fizessem parte. Está claro, compreendi-o bem, que isto dizemos, não com relação às necessidades, sejam estas quais forem, do animal e sim com relação às necessidades do Espírito e da inteligência.

Somente os que compreendem a sua origem divina e se esforçam por aproximar-se cada vez mais do divino modelo sabem que nasceram do Espírito; sabem *donde vêm e para onde vão*; sabem que o Espírito sopra onde quer e *lhes ouvem a voz*; sabem *donde ele vem e para onde vai*.

Assim, quando vos dizemos: "Todo homem que não vive em seu corpo, mas em sua inteligência, pode dizer-se, como Jesus, nascido do Espírito", compreendi que falamos do homem que não vive em seu corpo, mas em sua inteligência esclarecida pelo facho espírita que os Espíritos do Senhor empunham, para sobre ela projetarem a luz, inspirando-lhe ou revelando-lhe a verdade.

Só é nascido do Espírito aquele que se encontra em condições de compreender os mistérios que vos desvendamos. Todavia, entre os que recebem a luz, muitos há que *continuam cegos*; entre aqueles a quem é concedida a faculdade de ouvir, muitos há que *continuam surdos*. Não basta que o homem receba a revelação, que saiba *donde vem e para onde vai*. Cumpre-lhe viver como vivem os que *nasceram do Espírito*, no sentido de que,

exercendo seus Espíritos domínio sobre a matéria, eles se esforçam por aproximar-se cada vez mais do divino modelo. Ah! quão poucos ainda se hão libertado da escravidão da matéria! Não invoqueis, por desculpar-vos, as necessidades da vida, as obrigações materiais, as leis da sociedade, para com a qual, membros que sois da grande família humana, tendes que cumprir todos os deveres atinentes ao vosso progresso pessoal e ao progresso coletivo, exemplificando todas as virtudes, de acordo com a lei de amor, pela prática da justiça, da caridade, da fraternidade. Nada disso é incompatível com a vida espiritual.

Em meio do turbilhão da existência terrena, podeis sempre volver os olhos para o farol que mantemos aceso por cima das vossas cabeças. Se assim fizerdes, passareis sem vos manchardes por entre todas as baixezas da humanidade, por entre as necessidades factícias, que vos tornam cúpidos, avaros e duros; por entre as ambições do orgulho, que vos levam a esmagar todos os que se vos antepõem, a pisá-los para vos elevardes; por entre todas essas aberrações da animalidade, que fazem de uma necessidade qualquer um objetivo, um desejo insopitável, para cuja satisfação ideis a todos os excessos, a todos os crimes.

Não, não. De nada serve ouvir a revelação, desde que se continua a viver como se não a tivesse recebido. De nada serve saber-se de onde se vem e para onde se vai, desde que se muda de caminho, porquanto aquele que assim faz se afasta do ponto de partida e não mais pode, senão com grandes dificuldades, atingir o ponto de chegada.

V. 9. Nicodemos lhe replicou: Como pode isso fazer-se?

Nicodemos tinha do renascimento uma idéia *confusa*.
(*Intencionalmente* empregamos este qua-

lificativo). Ele o considerava como uma superstição dos antigos tempos. Tocado pelas palavras de Jesus, desejou uma explicação que o esclarecesse. A resposta que obteve, salientando-lhe a ignorância e fazendo-o reportar-se ao passado, foi apenas, como ides ver, para lhe tornar compreensível que, no que Jesus dissera, estava a sanção de uma realidade, de uma verdade já entrevista pelos sacerdotes e pelos escribas, pelos eruditos, em suma, e espalhada no seio das massas populares.

V. 10. Observou-lhe Jesus: Pois quê! És mestre em Israel e ignoras estas coisas!

Essa resposta de Jesus equivale ao seguinte: "Ignoras o que te digo sobre o renascimento, sobre a obrigação de *renascer*, de *reviver*! Entretanto, como mestre em Israel, devias estar a par de tudo isso, pois que muitos o disseram e ensinaram antes que eu destas coisas falasse." *Assim*, bem apreendido o sentido destas palavras: "*Não te admires* de que eu *haja dito* ser necessário que *torneis a nascer*", vê-se que Jesus se referia a uma coisa que no domínio *do passado* já era *realidade*; que ele não compunha apenas a forma *alegórica* de uma idéia ou de uma noção *nova*; que não apresentava uma *simples alegoria destinada a servir de base* às futuras interpretações humanas da Igreja, relativas a um renascimento *puramente espiritual* por efeito do batismo d'água, que ela administra, e da inspiração do *Espírito Santo*.

Nos livros antigos do templo, livros em que os levitas hauriam toda a *sua* ciência, o *renascimento* se encontrava assinalado. Não é que constituísse um ponto de fé, mas dele ali se falava como de um fato ordinário.

Os magos, que, como sabeis³¹, se comuni-

³¹ Ver os Evangelhos de MATEUS, MARCOS e LUCAS reunidos, 1^o tomo, n. 43, pág. 228.

cavam com os Espíritos, que eram médiuns, tinham conhecimento da reencarnação, mas de modo menos desenvolvido do que vo-lo traz a nova revelação.

Todos os povos antigos conheceram, antes do aparecimento de Jesus na Terra, a lei natural, universal, do renascimento. *Consultai a história* antiga da Ásia e da Europa, especialmente a da Índia, do Egito, da Caldéia, da Grécia, dos Latinos, das Gálias. Citamos apenas alguns nomes, mas essa crença estava espalhada por toda a parte, era, repetimos, universal.

Quando Jesus apareceu na Terra, a idéia do renascimento, formando um amálgama de erros e verdades, constituía apanágio de reduzido número de eruditos, de iniciados.

No seio das massas populares ainda tinha voga, mas velada, imprecisa, coberta de superstições que a tornavam quase incompreensível.

Por toda parte encontrareis traços dessa crença. Entre uns, ela se vos mostrará positiva; entre outros, vê-la-eis incluída no rol dos contos da carochinha, das histórias de lobisomens e fantasmas. Mas esse legado das passadas eras, essa consciência da origem, varou as crenças populares. Era um gérmen destinado a substituir sempre até chegarem os tempos em que houvesse de produzir rebentos fortes e vigorosos. Foi para que esse gérmen se mantivesse vivo que, veladamente, Jesus lembrou o princípio do renascimento em muitos de seus ensinamentos, esparsos, como vos mostramos, pelos três primeiros Evangelhos; foi que o proclamou como fato verificado na pessoa de João, filho de Zacarias e de Isabel; foi que o proclamou ainda no seu colóquio com Nicodemos. Sempre, porém, o fez deixando à revelação que ele predisse e prometeu e que seria trazida ao mundo pelos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, o encargo de fazer brotar daquele germe os rebentos fortes e vigorosos, isto é: de desenvolver e explicar, *em espírito e verdade* a lei natural

e universal do renascimento, em seu princípio fundamental, suas aplicações e conseqüências, mostrando-a como pedra angular do edifício do progresso humano, como via e meio de depuração do Espírito, de alcançar este a perfeição moral.

Mas, conforme dissemos em explicações anteriores³², essa tão grave questão tinha que permanecer *na sombra*. É que a reencarnação implica forçosamente as relações espíritas, as relações de além-túmulo, entre a humanidade terrena e o mundo invisível e isso era uma arma que o homem ainda não estava em condições *de manejar*. Assim, em vez de ser de utilidade para aquela época e de preparar o futuro, teria prejudicado a obra de regeneração, a marcha do progresso.

A quantos dos atuais pastores se podem dirigir estas palavras que Jesus dirigiu a Nicodemos: *Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas!*

Se os "doutores de Israel" houvessem estudado, esquadrinhado os arquivos, trabalhado enfim por instruir-se, com o desejo de instruir os outros e não com o propósito de se servirem da luz como de arma contra o vulgo, teriam sabido aquelas coisas, como as devera saber Nicodemos. Mas, a ignorância é filha do orgulho, deriva deste, e o orgulhoso se julga sempre bastante sábio. Pensa sempre ter ascendido ao fastígio da ciência, por ver que há outros mais ignorantes do que ele. Também, por vezes, teme descer ao fundo de certos conhecimentos, receando encontrar lá a sua própria condenação.

Entre vós, quantos "doutores de Israel" vivem!

V. 11. Em verdade, em verdade te digo que dizemos o que sabemos e damos testemunho do que

³² Evangelhos de MATEUS, MARCOS e LUCAS, reunidos (29 tomo, pág. 498).

temos visto; entretanto, não recebeis o nosso testemunho.

Palavras proféticas, que se podem aplicar a todos os homens, em todas as épocas.

A incredulidade, como a sua companheira — a ignorância, é também filha do orgulho. Aquele que se julga *sábio* não aceita o que diz o humilde, o pequeno, *como ele o considera*. Não se dá sequer ao trabalho de estudar a questão que lhe é proposta e que sem mais exame repele. Para quê? O que temos basta. Para que procurar outra coisa?

As palavras, com que Jesus declarou que não dava testemunho (relativamente à reencarnação) senão do que vira, são mais uma prova da sua origem extra-humana. Proferindo-as, *ele declara ter conhecimento e lembrança* do que vira. Ora, esse conhecimento e essa lembrança não os *pudera* ele ter e não teria, se estivesse sofrendo a encarnação humana como a sofreis. Só na condição de Espírito livre os podia ter, como de fato tinha, precisamente porque era *sempre Espírito*, apenas revestido de um corpo de natureza perispirítica, tangível.

Entretanto, não recebeis o nosso testemunho. Estas palavras eram especialmente proféticas. Profetizavam que os Judeus, a Igreja, as seitas cristãs dissidentes e os outros homens diretores das massas populares haviam, como Nicodemos, de lhe interpretar mal as palavras ou de não as compreender, de rejeitar, *portanto*, a reencarnação que, conseqüentemente, só pela revelação espírita, pela nova revelação, seria posta em foco *para todas as vistas*, em espírito e verdade, quanto a seu princípio fundamental, suas aplicações e suas conseqüências.

V. 12. Se não me credes quando vos falo das coisas terrenas, como me creereis, quando vos fale das celestiais?

Nicodemos e os magnates da Igreja deviam conhecer os mistérios da reencarnação tal como o passado lhes punha diante dos olhos. Porém, a ignorância de uns (ignorância que provinha do nenhum desejo de se instruírem e não da falta de elementos para isso) e o interesse de outros, levando-os a conservar oculto o que sabiam, faziam que ignorassem ou fossem tidos por ignorantes de um fato que deviam conhecer.

Despojado da *letra o espírito*, aquelas palavras significam: "Se, quando vos falo do renascimento do Espírito em um corpo novo, coisa que deveríeis saber, pois que se passa sob os vossos olhos, não me credes, como poderíeis, inteligências limitadas e rebeldes que sois, elevar-vos ao ponto de compreender o que se passa numa região donde tão afastados estais? Como compreenderíeis as coisas do céu, isto é: os segredos da inteligência, dos astros, da natureza, da criação inteira, se não podeis compreender o ato material que se efetua debaixo das vossas vistas?"

Oh! homem baldo de inteligência, mas enfunado de orgulho, queres elevar-te às regiões em que habita o Espírito, essência de todos os princípios, e tens tão obscurecida a vista, que não logras ver o que se passa a teus pés! Queres conhecer a origem do Espírito e nada conheces das transformações do corpo.

Estuda, homem ignorante, eleva-te e poderás compreender!

V. 13. Também, ninguém subiu ao céu senão aquele que *desceu do céu*, a saber: o filho do homem, *que ESTA no céu*.

Estas palavras queriam dizer: "Só eu posso saber o que se passa no céu, porque só eu descí ao meio de vós, para desempenhar uma grande e santa missão, conservando a lembrança da pátria donde *vim e da qual não estou separado*. Só eu,

na Terra, posso *voltar* para junto de meu pai. Só *eu, essência diferente da vossa, posso*, vivendo entre vós, viver igualmente entre meus irmãos e repousar a cabeça no regaço de meu pai. Só eu, portanto, posso saber o que se passa na casa paterna, pois que, ausentando-me dela para vos visitar, não a deixei e não tardarei a de novo entrar nela."

Despojai aquelas palavras do caráter *figurado* que apresentam e. vereis que Jesus, referindo-se, como sempre, ao vosso planeta, aos encarnados que o habitam e aos Espíritos que, sob a sua direção, trabalham pelo desenvolvimento e progresso da humanidade terrena, afirma a sua posição espírita e a sua natureza extra-humana. Dizendo que "*ninguém subiu ao céu senão ele, o filho do homem*", afirma que só ele, dentre vós, atingira a perfeição sideral. Dizendo que "*ninguém descera do céu senão ele, filho do homem, que está no céu*", afirma que só ele, vivendo *entre os homens a quem fala*, está *na terra*, tendo descido *do céu*, e está ao mesmo tempo *no céu*, é sempre Espírito, livre no espaço. Afirma, *desse modo*, que só ele, entre os homens, não estava sujeito a um corpo material de carne como os vossos, não lhe sofria o jugo; que se achava revestido de um corpo que lhe deixava ao Espírito toda a liberdade e toda a independência para aparecer entre os homens ou desaparecer no espaço. Afirma, por conseguinte, sua origem e sua natureza extra-humanas, naquele corpo de natureza perispirítica, mas tangível. Afirma que está constantemente em relação com o Pai, que sabe o que se passa na imensidade, que, salvo quando atendia às exigências da sua missão terrena, ocupava seu lugar na falange celeste.

V. 14. Assim como Moisés alçou no deserto a serpente, do mesmo modo importa que o filho do homem seja alçado.

Alusão à morte aparente que havia de sofrer e que serviria de símbolo de aliança para todos os que queriam e viessem a querer seguir-lhe as pegadas.

Essa morte e as circunstâncias em que ocorreu serviram para tocar as inteligências e para atrair sobre ele todos os olhares.

Homens, quem quer que sejais, volvei com confiança os olhos para a cruz. Qualquer que seja a nação a que pertenceis, qualquer que seja o vosso culto, pensai naquele que, humilhando-se, se elevou aos olhos da humanidade e compreendei que, caminhando nas suas pegadas, podeis, por mais humilde que seja a vossa condição, elevar-vos na cruz de miséria e de humilhação, para alcançardes o "reino dos céus": a perfeição moral humana.

Todo aquele que se voltava com fé para a serpente de bronze que Moisés alçou no deserto, todo aquele que elevava para esse emblema os olhos, ficava curado de seus males físicos. Moisés tratava materialmente um povo material. Jesus, alçado na Cruz do Calvário, atrai os olhares dos que sofrem moralmente e os que se voltarem para ele com esperança e fé acharão a cura de seus sofrimentos, porquanto aprenderão a suportá-los com coragem, resignação e mesmo reconhecimento, sobretudo se forem iluminados pela luz espírita, que lhes mostra a existência humana como sendo, para o Espírito, o único meio de se purificar e progredir, passando pelas provas que escolheu, caminhando pelas sendas da expiação e da reparação que se impôs, ou que lhe foram traçadas e abertas pela sabedoria e pela providência paternas do Senhor e por intermédio de seus mensageiros. Aquele que sabe sofrer e sabe porque sofre já não sente o seu mal.

Como se operava a cura dos males físicos quando Moisés alçou a serpente de bronze no deserto?

Pelo concurso dos Espíritos protetores. Moisés, como sabeis, era um Espírito em missão, assistido, conseqüentemente, pelos seus iguais e mesmo pelos seus superiores. Poderoso médium, guiavam-no as influências ocultas e benfazejas que o cercavam. A serpente não era mais do que um meio material de prender a atenção dos Hebreus, sempre inconstantes e revoltados, e de lhes fazer compreender o poder da fé, pois que só a fé operava a cura. Os Espíritos do Senhor atuavam sobre os corpos materiais humanos, por meio do magnetismo espiritual, aplicando à cura dos mesmos corpos os fluidos necessários.

V. 15. Para que todo o que nele crê não pereça e tenha, ao contrário, a vida eterna.

Quer dizer: Para que todos os que lhe seguirem os passos se depurem, se expurguem do fermento do homem velho e possam elevar-se de seus calvários para a morada celeste, isto é, possam, transpostos os mundos inferiores de provações e expiações, chegar aos mundos superiores e, galgando orbes cada vez mais elevados, atingir a perfeição sideral que, nas regiões dos fluidos puros, dá acesso à vida eterna, à vida dos puros Espíritos, os quais, libertos de toda influência da matéria, não estão mais sujeitos a encarnação ou incorporação alguma, seja fluídica, seja material.

Crer em Jesus é pôr em prática a sublime moral que ele personifica pelos seus ensinamentos e exemplos.

V. 16. Porque, Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu filho unigênito, a fim de que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Deus, para vos auxiliar na vossa salvação, para ativar entre vós a obra do arrependimento,

vos enviou um modelo a ser por vós imitado. Enviou-vos um guia que vos ensinasse o caminho. Segui-o confiantes, pois que ele empunha o archote que brilha no "reino de Deus". Ele é o filho *único* do Pai, com relação aos homens, *pela sua pureza e pelo seu poder*, e por ser o *único encarregado* do desenvolvimento e do progresso do vosso planeta e da humanidade terrena, de vos conduzir à perfeição.

V. 17. Porquanto, Deus não enviou seu filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele.

Não, o Senhor não enviou aos homens um juiz, mas um guia, um amigo, um protetor. Tornai-vos, pela vossa confiança, merecedores da grande prova de amor que assim vos deu. Que a vossa submissão e o vosso reconhecimento ao Pai Ihe provem que o que ele fez *por seus filhos* produziu frutos.

V. 18. Quem nele crê não é condenado; mas o que não crê já está condenado, pois que não crê no nome do filho unigênito de Deus.

Aquele que não crê em Jesus não cuida de Ihe seguir os passos e só os que caminham nas suas pegadas podem esperar chegar ao fim. Mas, seguir a Jesus não é somente invocar o *nome* do Cristo, com aparentes mostras de reconhecimento, afetando uma prerrogativa de salvação. Seguir a Jesus é caminhar humilde, brando, resignado, casto, confiante, submisso, pela estrada que está aberta, pondo toda a esperança em Deus, aplicando a inteligência em viver santamente sob as inspirações da própria consciência. Seja qual for o culto que professe, o homem tem um sumo-sacerdote que o guia e ensina a honrar a Deus por atos, que não por palavras: a consciência. Que a escute. Jesus preside aos ensinamentos desse sacerdote e

o que por ele se deixa guiar segue as trilhas do filho do homem, do filho único do pai, com relação, repetimos, a vós, do pai eterno e onipotente, que é o único eterno, o único poderoso e o único Deus verdadeiro.

Quem nele crê não é condenado.

Quem não comete delito não tem que temer julgamento. Aquele que se esforça por acompanhar os passos do modelo que vos foi dado está precatado contra toda falta e, portanto, não tem que temer julgamento, pois deveis tomar o termo julgamento como sinônimo de condenação, no sentido de que o homem se condena a si mesmo pela falta que comete, visto que a sentença quem a profere é a sua própria consciência, sede do tribunal de Deus.

Mas o que não crê já está condenado, pois que não crê no nome do filho unigênito de Deus.

Esse que não crê faliu e, por conseqüência, está condenado. Os que se afastam das sendas de Jesus só o fazem por lhes parecerem estas muito difíceis de ser perlustradas. Preferem andar pelas bordas floridas dos precipícios e neles caem.

Destas palavras: "*Pois que não crê no nome do filho unigênito de Deus*", consideradas *ao pé da letra*, como o faz a Igreja romana, poder-se-ia concluir que aquele que não crê em Jesus, na sua missão terrestre, na sua divindade, *já está condenado*, isto é, segundo a Igreja, *condenado por toda a eternidade*? Poder-se-ia igualmente concluir que aquele que não crê na origem e na posição espíritas de Jesus como Espírito puro, protetor e governador do nosso planeta, segundo a nova revelação, já está condenado, isto é, submetido à expiação na erraticidade e depois à reencarnação na Terra ou em outros mundos inferiores? Não fora falsear a interpretação das palavras de Jesus admitir *que pudesse ser assim*, fosse qual fosse a boa-fé

do homem, mesmo quando, apesar da sua incredulidade *no nome* do filho único de Deus, isto é, na divindade que a Igreja lhe atribui *ou* na sua posição verdadeira, segundo a nova revelação, ele, não vendo em Jesus mais do que um homem como os outros, um filósofo ilustre, um reformador, houvesse, durante a sua existência terrena, como o Samaritano, tecido um manto de caridade, construído para *si* um pedestal de boas obras, praticando, com simplicidade de coração e humildade de Espírito, o trabalho, o amor, a caridade, a justiça e a fraternidade?

A Igreja romana afastou os homens da interpretação *segundo o espírito*, que dá o verdadeiro sentido *da letra*, porque tinha necessidade de os conservar no círculo estreito que ela lhes traçara, pois que tudo tem a sua razão de ser na marcha dos tempos, de conformidade com as fases, as condições e os meios de progresso do espírito humano.

Já o temos dito e repetimos: os atos são o que há de principal na existência humana. A fé em Deus é a base dos atos. Crede no vosso Deus; obrai por amor dele; sede caridosos, brandos e humildes de coração; *segui os preceitos de Jesus*, quer os atribuais a um enviado do Senhor, segundo a verdade evangélica, espírita, quer os imputeis ao *próprio* Deus, segundo o erro dogmático da Igreja, quer ainda os considereis de uma criatura *tal como vós*, dotada de inteligência mais elevada do que a de seus irmãos, segundo o erro dos que se mostram incrédulos, não por orgulho, mas por ignorância. Seja como for, segui-lhe os mandamentos, segui-lhe a moral e sereis "cristão". Deixai que a *vaidade humana* se apegue à *glória das palavras*. Que importa à grandeza divina, à luminosidade do facho da verdade, que lhe rendais, por palavras, as homenagens que lhe são devidas, ou que, por ignorância ou por efeito de falsas e mentirosas interpretações, a rebaixeis até a vossa estatura? Avançai, avançai pela estrada

que Jesus vos abriu; segui as pegadas que ele aí deixou, quer vejais nelas a luz do facho divino, quer a marca dos passos do homem. Ide sempre para diante e no termo da jornada o encontrareis, pronto a vos receber e mostrar a *verdadeira luz*.

Assim, o que importa é que não haja senão ignorância e boa-fé e que o erro ou a incredulidade não sejam companheiros do orgulho, nem fruto de um sentimento por este inspirado?

Certamente, pois que mesmo os atos não passam de obras mortas, se praticados unicamente por orgulho ou respeito humano, como também não passam de obras mortas, se praticados por egoísmo.

Aquele que vê a luz, que sente no coração os efeitos de seu calor vivificante, mas que a repele, que a nega, impellido por interesses materiais, por sentimentos mundanos, ou por orgulho, esse deixa de ser "cristão" de fato, já não está no caminho, já não segue o modelo.

Aqui só falamos dos homens de boa-fé, que não crêem porque não compreenderam; que não aceitam a verdade, senão porque suas inteligências, ainda pouco desenvolvidas, não estão maduras para a colheita; que vivem na ignorância, porque ninguém os veio esclarecer, ou porque os que os esclareceram tão mal o fizeram que a cegueira foi a conseqüência.

Repetimos: Falamos dos homens simples e conscienciosos e não dos fanfarrões da incredulidade ou dos hipócritas da fé.

V. 19. O motivo desta condenação é que a luz veio ao mundo e os homens amaram mais às trevas do que à luz, por serem más as suas obras.

Dupla explicação se faz aqui necessária: uma — "*cristã*"; outra — "*espírita*". Por "*cristã*" en-

tenda-se — atinente à época de Jesus feito "homem". Os que viam fecharam os olhos, porque não queriam introduzir no seu proceder as reformas necessárias, sem as quais não caminhariam na via da salvação.

Do ponto de vista *espírita*, são as mesmas a interpretação e a explicação. Supondes que o Senhor tenha por inocente o homem que, esclarecido pela nova revelação, dada ao mundo para confirmar *todos os fatos* do Cristianismo, recusa entrar no caminho que lhe ela abre, não por incredulidade, mas por não impor a si mesmo um jugo que lhe parece excessivamente pesado? *não* por escrúpulo de consciência, *mas* porque não quer ser forçado a escutar de contínuo a voz que em vão há tanto tempo lhe brada: "Caminhas por uma estrada coberta de flores, mas que exalam sutil veneno; a morte te apanhará, antes que hajas chegado ao fim da tua caminhada"?

Sim, julgados e condenados são os que rejeitam a reforma, porque não se querem reformar; que rejeitam a luz, porque esta os esclarece e eles preferem as trevas; que rejeitam a palavra de verdade, porque a seus ouvidos ressoa a mentira e eles preferem suas vozes melodiosas às ásperas censuras da consciência.

Sim, esses são condenados. Eles são os juizes de si mesmos e a si mesmos infligirão as penas.

V. 20. Porque, todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se aproxima da luz, a fim de que suas obras não sejam argüidas.

É o resumo do que acabamos de dizer. Aquele que se compraz nas suas iniquidades, nos seus transviamentos, recusa aceitar a lei que o força a rejeitar, com vergonha e asco, aquilo mesmo que era motivo de suas alegrias ou de sua vaidade. Prefere, portanto, as trevas à luz, o silêncio às vozes amigas da consciência e do dever. Feita

assim a sua escolha, ele se tem julgado a si mesmo, a si mesmo se tem condenado. *Escolheu a sua pena, sofrê-ia-á.*

"Orai, ó bem-amados, orai por esses pobres pecadores endurecidos, que nada querem ouvir, e *dizei conosco:*

Senhor, permitiste que a tua luz descesse até nós para nos aquecer os corações, para nos reanimar as inteligências e para despertar os nossos sentimentos entorpecidos.

Faze, ó Deus de misericórdia, que todos, sem exceção, participemos dos benefícios dessa luz regeneradora. Faze, ó Deus, que ela brilhe igualmente para todos. Envia, Senhor, teus Espíritos àqueles que ainda se acham afastados da *verdade*. Que eles rasguem o véu que a oculta, para mostrá-la, em toda a sua beleza, aos que dela desviam a vista. Que, seduzidos pelos seus encantos, esses repilam para longe de si, com horror, os ídolos vãos que ainda incensam, se aferrem à verdade e a sigam com amor.

Deus de bondade, pai de misericórdia, permite que as nossas fracas vozes possam fazer ressoar aos ouvidos de nossos irmãos palavras persuasivas. Concede que os nossos corações regenerados possam enlaçar, num impulso de amor, os dos nossos irmãos que se acham distanciados. Dá-nos as propriedades do ímã, a fim de que, atraindo a nós todos os que temem, sofrem, negam, se transviam, possamos carregá-los nos braços e, apertando-os de encontro ao coração cheio de amor, depô-los a teus pés, Senhor, como braçada de flores escolhidas, cujo perfume subirá ao teu trono.

Deus de bondade, secunda os nossos esforços. Dá-nos a persuasão, a doçura, a perseverança, a fé forte que transporta montanhas, a confiança inabalável, o amor, Senhor, o amor que

nos aproxima de ti, estendendo-se por sobre todas as tuas criaturas."

JUDAS ISCARIOTES.³³

V. 21. Mas, aquele que pratica a verdade se chega para a luz, a fim de que sejam manifestas suas obras, visto que são feitas em Deus.

Aquele que procede de acordo com a verdade é, foi e será, em todos os tempos, o que se esforça, esforçou e esforçará por submeter seu pensamento, seus atos à lei divina, tal como Jesus a proclamou, declarando *encerrar ela toda a lei e os profetas*. Esse ama a luz, pois que só esta o pode guiar e ele a busca, porquanto nada tem em si de vergonhoso, que ela possa pôr em evidência.

Ó bem-amados nossos! sede do número dos que buscam a luz. Sede do número dos que podem mostrar-se nus aos ardores do sol divino, sem remorsos, nem vergonhas.

Vinde, filhos que educamos com amor, que carregamos em nossos braços, vinde receber os eflúvios dessa luz deslumbrante, que irradia de todos os lados, a toda a parte levando a seiva e a fecundidade. Vinde aquecer vossos corações transidos, vossos membros inteiriçados. Vinde, nós vos sustentaremos, vos carregaremos como criancinhas, para que, com o nosso amparo, vos possais aproximar dela cada vez mais e fertilizar as vossas almas sob a ação de seus raios benfazejos.

³³ Ver, no comentário dos três primeiros Evangelhos, a manifestação precedente do Espírito de Judas Iscariotes. (39 tomo, págs. 392-393.)

CAPÍTULO III

Vv. 22-36

João dá testemunho de Jesus

V. 22. Depois disso veio Jesus com seus discípulos para a terra da Judéia e ali se demorou com eles a batizar. — 23. João também batizava em Enon, perto de Salim, porque havia lá muitas águas; e muitos lá iam e eram batizados. — 24. Porque, a esse tempo, João ainda não tinha sido metido no cárcere. — 25. Uma questão surgiu entre os discípulos de João e os Judeus acerca do batismo. — 26. Aqueles, indo ter com João, lhe disseram: Mestre, esse que estava contigo além Jordão e de quem deste testemunho, eis que também batiza e todos vão a ele. — 27. João lhes respondeu: Não pode o homem receber coisa alguma, se do céu não lhe foi dada. — 28. Vós mesmos me sois testemunhas de que eu disse: Não sou o Cristo, sou apenas um enviado adiante dele. — 29. O a quem pertence a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que com ele está e o ouve, muito se regozija por escutar a voz do esposo. Pois este gozo eu agora o experimento. — 30. É preciso que ele cresça e que eu diminua. — 31. *Aquele que VEIO* do alto está acima de todos; aquele que tira da terra sua origem é da terra e da terra são suas palavras. O que veio do céu está acima de todos. — 32. Dá testemunho do que viu e ouviu e ninguém recebe o seu testemunho. — 33. O que recebe o seu testemunho atesta que Deus é verdadeiro. — 34. Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois Deus não lhe dá seu Espírito por medida. — 35. O pai ama o filho e tudo lhe pôs nas mãos. — 36. O que crê no filho tem a vida eterna; o que, porém, não crê no filho não verá a vida e a cólera de Deus permanece sobre ele.

N. 10. (V. 22.) Destas palavras: *"e ali se demorou com eles a batizar"*, eis aqui o sentido exato e real: Jesus batizava por intermédio de

seus discípulos, não por suas próprias mãos. Mas, como os discípulos obravam em seu nome, a ação estava toda sujeita à sua personalidade. Do mesmo modo é que dizeis: "Recebeu o batismo do Cristo." É o que se encontra expressamente declarado nos vv. 1 e 2 do cap. IV de João.

Jesus mandava que seus discípulos administrassem o batismo d'água, que João o Precursor já administrava, para lhe conservar o caráter simbólico e material. É o que a Igreja pudera e devera ter compreendido. Ela devera ter continuado a praticá-lo, sem lhe alterar o objeto e o fim, e, sobretudo, sem o sujeitar às suas errôneas interpretações dogmáticas, que lhe desnaturaram e falsearam o sentido e o alcance.

(V. 25.) Quanto à questão que surgiu entre os discípulos de João e os Judeus, acerca do batismo, ou da purificação, porque no caso os dois termos são sinônimos, ela se originou de não reconhecerem os Judeus a Jesus o direito de fazer o que João fazia. Não esqueçais que, quando Jesus deu começo à sua missão, João já era considerado como um profeta enviado à casa de Israel. Jesus, pois, era tido geralmente por um impostor, que usurpava o respeito devido a João, ou por um discípulo infiel, que desviava do Mestre a multidão. Para eles, o Messias tinha que se anunciar com mais brilho. Refleti nisso e lembrai-vos de que esperavam um chefe temporal, que viria restabelecer o reino de Israel.

(V. 26.) Não vos admireis de que, em conseqüência dessa questão, os discípulos de João lhe tenham ido dizer: "Mestre, aquele que estava contigo além Jordão e de quem deste testemunho, eis que também batiza e todos vão a ele." Somente alguns deles haviam assistido ao que se passara entre João e Jesus às margens do Jordão. Esses mesmos, porém, à falta de faculdade e de ação mediúnica, não tinham *visto*, nem *ouvido*, as manifestações espíritas. E, não obstante o que tinham

ouvido de João, em virtude da discussão com os Judeus e por efeito das interpretações dadas às profecias da lei antiga, se achavam influenciados pela idéia de que o Messias anunciado, ao fazer a sua aparição, realizaria coisas mais espantosas do que o ato do batismo, ou purificação, executado pelo Precursor.

Assistido constantemente pelos Espíritos superiores que o guiavam no desempenho da sua missão, João, na resposta a seus discípulos, debaixo da influência espírita e por inspiração mediúnica, dá testemunho de Jesus, se humilha diante deste. Como ele próprio o declara, sua missão consistia em preparar os caminhos ao enviado divino. Rende, pois, homenagem àquele que acima dele está, afirmando a natureza celeste da sua missão.

Temos que, despojando da letra o *espírito*, vos explicar, *em espírito e verdade*, o sentido e o alcance da resposta de João a seus discípulos.

V. 27. Não pode o homem receber coisa alguma, se do céu não lhe foi dada.

Estas palavras se referem ao ato que Jesus praticava por intermédio de seus discípulos. Elas significam: Se Jesus não tivesse o direito de purificar os pecadores, não se teria arrogado esse direito; e o próprio João não lho teria consentido, se ele não fosse realmente o Cristo.

Depois de lembrar a seus discípulos que já declarara não ser o Cristo, mas apenas um enviado adiante deste (v. 28), acrescenta João (vv. 29 e 30):

"O a quem pertence a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que com ele está e o ouve, muito se regozija por escutar a voz do esposo; pois, este gozo eu agora o experimento; é preciso que ele cresça e que eu diminua."

Já tivemos ocasião de vos dizer que estas locuções — "o esposo", "o amigo do esposo" — eram tomadas às idéias, às tradições, aos costumes hebraicos. João empregava *figuradamente* a expressão "o esposo" para designar a Jesus, tendo em vista a honra que se prestava entre os Hebreus àquele que se casava. Jesus, que descera do *céu* para desempenhar na Terra a sua missão, era apresentado como o mancebo puro que, também ele, depõe a sua coroa nupcial, a fim de tomar e governar a família que para si constituiu.

Pela "*esposa*" que pertence ao "*esposo*", a Jesus, se designa a humanidade, que ele governa como Espírito protetor do planeta terreno e que lhe pertence *no sentido de que só ele se acha encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, só ele tem a missão superior de lhe falar quando desce ao seio dela.*

A expressão — "*o amigo do esposo*" — também João a empregava figuradamente, para designar-se a si mesmo, pela razão de que o amigo do esposo é o que deste mais se aproxima e mais caro lhe é.

Falando do "*amigo do esposo que com ele está e o ouve e muito se regozija por escutar a voz do esposo*", João ainda se designa a si mesmo, como precursor de Jesus, seu devotado auxiliar, cheio de respeito e de amor para com ele e obedecendo-lhe à voz, jubiloso por tê-la ouvido, isto é, por ter visto começada a missão terrena do Mestre.

João "*experimenta o gozo de escutar a voz do esposo; é preciso que Jesus cresça e que ele diminua*". Quer isso dizer: ele experimenta o gozo de ver começada a missão de Jesus; é preciso que esta se desenvolva e que a sua, que era preparatória, se apague e termine.

Assim, pois, pelas palavras *figuradas* dos vv. 29-30, o que João disse a seus discípulos, despojado da *letra o espírito, foi*: "Jesus é aquele a quem, como governador do vosso planeta, per-

tence a humanidade terrena, é o *único* que tem a missão superior de lhe falar, quando desce ao seio dela. Eu, João, que apenas sou o seu precursor, seu auxiliar devotado, cheio de amor e de respeito para com ele, lhe obedeço à voz e me sinto jubiloso por ver começada a sua missão. Ela o está e é preciso que se desenvolva e que a minha, simplesmente preparatória, se apague e termine."

Em seguida, João, que, como sabeis, era médium, não só vidente e audiente, mas também inspirado, que falava por inspiração, conforme os casos, as circunstâncias e as necessidades da sua missão, profere, debaixo da influência espírita e da ação mediúmica, sem ter destas consciências, palavras, cujo sentido exato não compreendia, afirmativas da missão de Jesus, referentes à sua *natureza*, à sua *origem*, à sua *posição* e a seus *poderes*, com *relação ao vosso planeta*, à humanidade terrena e a todos os Espíritos que, sob a sua direção, trabalham ou concorrem para o desenvolvimento e para o progresso planetário e humano. Essas palavras são as seguintes:

V. 31. Aquele que veio do alto está acima de todos; aquele que da terra tira sua origem é da terra e da terra são suas palavras. O que veio do céu está acima de todos. — 32. Dá testemunho do que viu e ouviu e ninguém recebe o seu testemunho. — 33. O que recebe o seu testemunho atesta que Deus é verdadeiro. — 34. Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois Deus não lhe dá seu Espírito por medida. — 35. O pai ama o filho e tudo lhe pôs nas mãos.

Dizendo isso, João estabelece uma comparação entre ai próprio e Jesus. Ele, João, é um homem terreno, sofre a encarnação humana e suas palavras são da terra, emanam do homem *terrestre*. Segundo o *espírito que vivifica*, afirma a origem *extra-humana* de Jesus, quando diz: ele veio do

alto; não tira da terra a sua origem; não é da terra; veio do céu; é, portanto, não "homem terreno", revestido de um corpo terrestre, mas "homem celeste", revestido de um corpo celeste, isto é, fluídico por sua natureza e visível, para olhos humanos, pela tangibilidade, sob a aparência humana, mas considerado material pelos homens.

Dizendo: "Ele está acima de todos", João afirma a superioridade de Jesus sobre todos os Espíritos, encarnados ou errantes, *quer os que se achem na Terra passando por provações e expiações para se desenvolverem e progredirem, quer os que se achem em missão, assistindo a Jesus e trabalhando sob a sua direção pelo progresso do vosso planeta e da humanidade terrena.*

Afirma ainda essa superioridade, essa supremacia, que Jesus exerce, como Espírito protetor e governador da Terra, com os poderes ilimitados que recebeu do pai, declarando: "*O pai o ama (tem confiança nele) e tudo lhe pôs nas mãos*". Afirma que Jesus está em relação direta com o Pai e que não fala senão como órgão direto do Senhor onipotente, dizendo que, quando ele fala, *dá testemunho do que viu e ouviu, e que aquele que recebe o seu testemunho atesta que Deus é verdadeiro.* Não tendo tido *origem na terra, não sendo da terra, não sendo homem terrestre, suas palavras não procedem da terra.* Sendo homem *celeste, em relação direta com o pai, cumprindo as vontades deste, que só ele conhece e que transmite, confiando a cada um tarefa proporcionada às suas forças, não profere senão as palavras de Deus. Não diz senão palavras de Deus, porque Deus não lhe dá seu espírito por medida.* Quer isto dizer: porque ele conhece os mistérios da vontade divina e a verdade. Estando apto a compreender as vontades celestes e a contemplar o brilho da luz, não é necessário que Deus lhas vele.

V. 36. O que crê no filho tem a vida eterna; o

que, porém, não crê no filho não verá a vida e a cólera de Deus permanece sobre ele.

Por estas palavras João afirma que Jesus é vosso modelo, vosso guia, o encarregado do vosso desenvolvimento e do vosso progresso e de vos conduzir à perfeição; que só caminhando pelas suas sendas, acompanhando-lhe os passos, podeis chegar ao fim que vos cumpre atingir.

Nas explicações que já vos foram dadas em o n. 9, sobre os vv. 15, 16, 17 e 18, tendes o sentido e o alcance destas palavras, *segundo o espírito*. Muito fácil é compreendê-las. Aquele que crê — ama, obedece e merece. Mas, aquele que não crê se afasta, delinqüe e atrai sobre si o julgamento. *Não verá a vida*; permanecerá nas vias tenebrosas da encarnação material. *E a cólera de Deus permanece sobre ele*: a justiça do Senhor o conservará submetido a expiação.

Explicando, no n. 9, o v. 18, também já explicamos o que deveis entender, *em espírito e verdade*, por estas palavras: "*Aquele que crê no filho*." Acrescentaremos: Jesus personificava a moral, que ele declarou ser toda *a lei e os profetas*, que é anterior ao seu aparecimento na Terra. Aquele que, seja quem for, Judeu ou Gentio, católico ou protestante, cristão ou muçulmano, seja qual for a nação a que pertença, sejam quais forem seu culto, suas crenças, segue com simplicidade de coração e humildade de espírito a linha da justiça, do amor e da caridade, esse "*crê no filho*", *o conhece*.

Não esqueçais que aquele que hoje é, por exemplo, judeu, talvez tenha sido ontem um missionário da fé cristã e será, quem sabe, amanhã, um de seus mártires. Tende sempre em mente a reencarnação. As palavras de João, como as de Jesus, se aplicam aos Espíritos em via de reencarnar. Não se aplicam, no seu sentido próprio, isto é, *segundo a letra*, aos Espíritos encarnados

no momento e sim aos que acabam de o estar e aos que o estarão de futuro.

Quanto a estas palavras de João: "*E ninguém recebe o seu testemunho*", têm, *do ponto de vista geral*, o mesmo sentido das que já explicamos (n. 9, v. 11), dirigidas por Jesus a Nicodemos: "*E, entretanto, não recebeis o meu testemunho.*"

Essas palavras de João eram *de atualidade* para seus discípulos, que não reconheciam a missão de Jesus; *de atualidade e ditas para o futuro* com relação aos Judeus e aos outros homens, que viriam a desconhecer aquela missão, a cerrar ouvidos à palavra do Mestre, a não caminhar nas suas sendas, a não lhe seguir os passos.

CAPÍTULO IV

Vv. 1-26

Colóquio de Jesus com a Samaritana. — Água viva que Jesus dá de beber e que se torna, naquele que a bebe, uma fonte que jorra até à vida eterna. — Não mais adorar o pai nem no monte, nem em Jerusalém. — Adoração do pai. — Os verdadeiros adoradores que o pai quer. — Os adoradores do pai em espírito e em verdade. — Jesus declara à Samaritana ser o Messias, isto é, o Cristo. — Sentido, alcance e objetivo destas palavras de Jesus: Deus é Espírito. — Explicação que a revelação atual dá de Deus

V. 1. Quando Jesus soube que os Fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia mais discípulos e batizava mais pessoas do que João, — 2, se bem Jesus mesmo não batizasse e sim seus discípulos, — 3, deixou a Judéia e voltou para a Galiléia. — 4. E, como precisasse atravessar a Samaria, — 5, foi ter a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, próxima à herdade que Jacob dera a seu filho José. — 6. Havia ali um poço que se chamava a fonte de Jacob. Cansado da caminhada, Jesus se sentou à borda do poço para repousar. Era por volta da hora sexta (meio-dia). — 7. Uma mulher de Samaria veio então tirar água ao poço e Jesus lhe disse: Dá-me de beber. — 8. (Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos.) — 9. Mas, aquela mulher samaritana lhe disse: Como é que, sendo tu Judeu, me pedes de beber a mim, que sou Samaritana? Porque, os Judeus não se comunicam com os Samaritanos. — 10. Jesus lhe respondeu: Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que diz: Dá-me de beber, talvez lhe houvesse tu pedido e ele te teria dado da água viva. — 11. Observou-lhe a mulher: Senhor, não tens com que a tires e o poço é fundo; donde haverias então a água viva? — 12. És porventura maior do que nosso pai Jacob,

que nos deu este poço, que dele bebeu, assim como seus filhos e seus rebanhos? — 13. Jesus respondeu: Todo aquele que bebe desta água tornará a ter sede; mas, o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. — 14. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte que jorrará até à vida eterna. — 15. Disse a mulher: Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem venha aqui tirá-la. — 16. Disse-lhe Jesus: Vai, chama teu marido e volta aqui. — 17. Respondeu-lhe a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Disseste bem, dizendo que não tens marido; — 18, porque cinco maridos tiveste e o que agora tens não é teu marido; nisto falaste verdade. — 19. Disse a mulher: Senhor, vejo que és profeta. — 20. Nossos pais adoraram neste monte e vós outros dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. — 21. Jesus lhe disse: Mulher, crê-me, virá tempo em que não será nem neste monte nem em Jerusalém que adorareis o Pai. — 22. Vós adorais o que não conheceis, nós, porém, adoramos o que conhecemos, pois dos Judeus é que vem a salvação. — 23. Mas virá o tempo e já veio em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; esses os adoradores que o Pai quer. — 24. Deus é Espírito e os que o adoram em espírito e verdade é que o devem adorar. — 25. A mulher lhe retrucou: Sei que virá o Messias, chamado Cristo; quando ele vier nos anunciará todas as coisas. — 26. Jesus lhe disse: Eu o sou, eu que te falo.

N. 11. (Vv. 1-2.) Com relação ao batismo que, por intermédio de seus discípulos, Jesus administrava, já recebestes, no n. 10, as explicações necessárias. Reportai-vos a essas explicações.

Quanto ao colóquio com a Samaritana, esse é da mais alta importância, de um duplo ponto de vista; do da compreensão das palavras do Mestre, *segundo o espírito*, e do das explicações que dessas palavras, como órgãos do Espírito da Verdade, temos que vos dar, daquilo que temos para

vos dizer, de acordo com o que agora podeis suportar.

Ao que refere a narração evangélica, Jesus, por estar fatigado da caminhada, se sentou à borda do poço para repousar. Isto reflete a apreciação humana dos narradores do fato, dos quais o evangelista foi eco fiel e que, como este, consideravam Jesus do ponto de vista *humano*. Porque, não o esqueçais, Jesus, *para a Samaritana*, como *para todos*, era um homem *igual aos outros*, revestido do corpo material do homem planetário, sujeito, *portanto*, às necessidades, às contingências da existência humana.

Ele ali se sentou, porque previa a vinda da Samaritana, do mesmo modo que só lhe pediu de beber para entabular a conversação. Notai que não se vos diz que a Samaritana lhe deu de beber, nem que ele bebeu. O colóquio se trava imediatamente e Jesus o dirige de maneira que o ensinamento decorre dele, como da rocha a água viva.

Tudo, o lugar, a pessoa e o ato que esta vinha executar, tudo, naquele momento, de acordo com os preconceitos e as tradições da época, tinha que servir de base, de elemento e de meio para o diálogo e para os ensinamentos que dele haviam de derivar, de conformidade com as necessidades de então e do futuro, ensinamentos destinados a só se tornarem evidentes, claros, para as gerações vindouras, para aquelas, sobretudo, que teriam de receber a nova revelação, a revelação da revelação.

O primeiro ensino de Jesus está nos vv. 9-15. Tendo-se em vista as últimas palavras da Samaritana: *Sei que virá o Messias, chamado Cristo; quando vier, ele nos anunciará todas as coisas*, e o que Jesus lhe responde: *Eu o sou, eu que te falo*, verifica-se que as respostas do Mestre às diversas perguntas da mulher tiveram por fim ensinar, fazer compreender aos homens o seguinte: que, perante Deus, aos olhos do pai, não há *heré-*

ticos, nem *ortodoxos*, mas *tão-somente* filhos mais ou menos ternos, mais ou menos submissos, aos quais ele transmite suas instruções, sejam quais forem suas pátrias, suas crenças, contanto que seus corações os encaminhem para ele e que se mostrem prontos a receber os ensinamentos, os benefícios que ele lhes manda; que o Cristo, seu enviado celeste, vosso Messias, Espírito protetor e governador do vosso planeta, dá a todos os homens de boa-vontade, que lhes peçam, sejam eles o que forem, quaisquer que sejam seus cultos, crenças, nacionalidades, aqueles ensinamentos, aqueles benefícios, que abrem ao Espírito as sendas do progresso, de ordem física, de ordem moral e de ordem intelectual, e os encaminham para a perfeição.

Para os Judeus, que os perseguiram com seu ódio e seu desprezo, os Samaritanos eram *heréticos*. Eles, os Judeus, se consideravam os *únicos* filhos do Senhor, os *únicos* com direito a herdar o reino de Deus. Eram os *ortodoxos*.

Essa a razão por que, ao lhe dirigir Jesus, com o fito de travar o colóquio, estas palavras: "*Dá-me de beber*", a Samaritana lhe observa: "Como é que, sendo tu Judeu, me pedes de beber a mim, que sou Samaritana, pois que os Judeus não se comunicam com os Samaritanos?"

Jesus que, como Judeu, representa, para a Samaritana, a *ortodoxia* e que era tratado de *Samaritano* pelos Judeus, que usavam, para com ele, desse tratamento, como expressão suprema do ódio, da injúria e do desprezo que lhe votavam, responde, sendo o Messias: "Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que te diz: "*Dá-me de beber*, talvez lhe houvesse pedido e *ele te teria dado da água viva*."

Suas palavras eram "*espírito e vida*". Tomando-as, porém, no sentido *literal e material*, a Samaritana lhe pondera: "Senhor, não tens com que a tires e o poço é fundo; donde haverias então

essa água viva? És porventura maior do que nosso pai Jacob, que nos deu este poço, que dele bebeu, assim como seus filhos e seus rebanhos?"

Jesus, continuando, lhe responde: "Todo aquele que bebe desta água tornará a ter sede; mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte que jorrará até à vida eterna."

Assim, em nome do Pai de quem é ele o representante direto perante vós, de quem é o enviado, Jesus, vosso Messias, dá de beber *da água viva a todo aquele*, Judeu ou Samaritano, *que conheça o dom de Deus* e o conheça a ele; a todos os homens, sejam quais forem suas pátrias e suas crenças. Se a Samaritana conhecesse o *dom de Deus* e se o conhecesse a ele, talvez lhe houvesse pedido dessa água viva e, se a tivesse pedido, Jesus lha *houvera dado*.

Para os Hebreus, o dom de Deus era o dom do *Espírito Santo*, isto é, a inspiração, o amparo, o concurso dos bons Espíritos, coisas que Deus concede a todo homem cujo coração o encaminha para ele e que se mostra pronto a receber seus ensinamentos, seus benefícios. O dom de Deus é a assistência, a inspiração, o amparo, o concurso dos bons Espíritos, que o homem recebe consciente ou inconscientemente e que lhe abrem ao Espírito, à inteligência e ao coração as sendas do progresso e o encaminham para a perfeição.

O que chamais a inspiração, o gênio da ciência e da caridade, e que o homem, na sua ignorância e no seu orgulho, atribui *exclusivamente a si mesmo*, é "o *dom de Deus*".

Conhecer o "dom de Deus" é saber que a assistência, a inspiração, o amparo, o concurso dos bons Espíritos podem ser dados por Deus ao homem.

Conhecer o Messias, isto é, o Cristo, é conhecer a moral que ele personifica, que declarou ser *toda a lei e os profetas*, que veio sancionar na

Terra e que é a lei divina, eterna e imutável como Deus, escrita na consciência de todas as criaturas e deposta no fundo de todos os corações.

A água do poço de Jacob era o símbolo *da matéria* que alimenta o corpo. A *água viva*, que Jesus teria dado à Samaritana se, conhecendo "o dom de Deus" e, conhecendo-o, ela lhe houvesse pedido, e que dá a todo aquele que o conheça e conheça o dom de Deus, *é o símbolo das verdades eternas*, do progresso moral, que alimentam a alma e a elevam, que asseguram a predominância do espírito sobre a matéria, de tal maneira que aquele nunca mais se tornará escravo desta.

Assim, pois, despojado da *letra o espírito*, a resposta de Jesus à Samaritana exprime o seguinte: "Pedindo-te de beber, provei que eu, o Messias, isto é, o Cristo, sou enviado a todos os homens, quaisquer que sejam suas pátrias e suas crenças, sejam eles Samaritanos, Judeus ou Gentios; que, portanto, Deus nenhuma exceção faz de pessoas; que ele é o pai de *todos*; que todos os homens são seus *filhos*. Se soubesses que Deus pode dar ao homem a assistência, a inspiração, o auxílio e o concurso dos bons Espíritos, se conhecesses o objeto e o fim dessa assistência, dessa inspiração, desse auxílio e desse concurso; se conhecesses a moral que eu personifico, talvez me houvesse pedido de beber; e, se fosses assistida, inspirada, auxiliada pelos Espíritos do Senhor ter-me-ias, com o concurso deles, pedido de beber e eu te teria dado da *água viva*, isto é, da "água espiritual", que emana da fonte das verdades eternas e que dessedenta a alma, abrindo à inteligência e ao coração do homem as sendas de todo progresso."

"Tornará a ter sede quem quer que beba água idêntica à do poço de Jacob. Aquele que vive pelo corpo e para o corpo, sob o império da matéria, terá sempre sede das coisas da matéria. Ao contrário, aquele que beber da água que eu lhe der,

que dessedentar a alma com a água *espiritual* que lhe eu der, tirada por mim à fonte das verdades eternas; aquele que a saciar, praticando a moral que personifico, nunca mais terá *sede* das coisas da matéria. Ainda mais: a água que lhe eu der *se tornará* nele *uma como fonte* que *jorrará* até à vida eterna, isto é: será nele uma fonte de progresso moral, que *jorrará* até à perfeição, pois que todos os progressos são inseparáveis e solidários, se prestam, por assim dizer, apoio mútuo na senda da perfeição, a fim de que o Espírito a esta chegue."

A Samaritana, não tendo compreendido, *segundo o espírito que vivifica*, o sentido e o alcance das respostas de Jesus, lhe pediu: "Senhor, dá-me *dessa água*, para que eu não tenha mais *sede*, nem volte a tirá-la *aqui*."

Quão poucos dos que se dizem representantes do Cristo na Terra compreenderam aquelas respostas do divino Mestre! Em vez de esperarem que os irmãos, a quem chamavam *heréticos*, lhes pedissem "a água viva" e em vez de darem dessa água aos que lha houberam pedido, eles, para com esses irmãos, aos quais deviam *amar*, usaram de intolerância, os perseguiram moral e fisicamente, condenando-os às torturas, aos suplícios, à fogueira, à morte!

Ainda hoje, quão poucos, dentre os vossos sacerdotes, levitas e "doutores da lei", compreendem, *segundo o espírito que vivifica*, aquelas respostas do Mestre e praticam o ensino que delas decorre!

Os versículos 19-26 encerram muitos ensinamentos que vos devem ser explicados de modo distinto e especial.

Diante das impressões que, do seu ponto de vista e de acordo com a sua inteligência, a Samaritana recebera por efeito das respostas de Jesus às suas perguntas, o divino Mestre, dando desde logo uma prova de suas faculdades extra-humanas

à mulher, prepara a continuação do diálogo, que a nova questão por ela formulada provocaria e que lhe abriria ensejo para os ensinamentos que ele queria e tinha de dar aos homens.

A mulher, conforme se deduz da sua linguagem quando diz: "*nosso pai Jacob, que nos deu este poço*", pertencia a uma família de Israelitas, que se associara ao culto dos Samaritanos, originários da Caldéia. Assim sendo e tendo em vista a autoridade do marido sobre a mulher entre os Israelitas, Jesus, em resposta ao pedido que ela lhe faz da água viva, para não mais voltar a tirar da do poço, lhe ordena: "Vai, chama teu marido e volta aqui." Ao que ela responde: "Não tenho marido." Diz-lhe então Jesus: "Disseste bem, dizendo que não tens marido, porque cinco maridos tiveste e o que agora tens não é teu marido; nisto falaste verdade."

Deu-lhe desse modo o Mestre uma demonstração de suas faculdades extra-humanas e, diante de tal prova, ela o considerou desde logo um "*inspirado por Deus*", tanto que lhe disse: "Senhor, vejo que és um profeta."

Muito espantada de que Jesus, sendo Judeu e, ainda mais, profeta, *qual ela o considerava*, entrasse "em relações com os Samaritanos", a mulher lhe dirige esta observação, que dá lugar a que ele lhe declare ser o Messias, isto é, ser o Cristo em pessoa que lhe falava: "Nossos pais adoravam neste monte e vós outros dizeis que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar."

As respostas do Mestre a essa observação foram de natureza a só serem compreendidas e sobretudo praticadas, *em espírito e verdade*, pelas gerações vindouras, em tempos ainda *para vós futuros, como* fruto e consequência da nova revelação.

"Mulher, crê-me", diz ele, "virá tempo *em* que não será nem neste monte, nem em Jerusalém que *adorareis o pai.*"

Referindo-se tanto àquela época como ao futuro, Jesus prediz a cessação, o desaparecimento de todos os cultos externos, que já então dividiam e separavam os homens, que haviam de surgir e de separá-los nos tempos que se seguiriam. Prediz a adoração do pai, abstraindo de todos os cultos que existiam e existiriam, praticados "nos templos construídos pelos homens" em qualquer parte, fosse "no monte, fosse em Jerusalém", mediante a celebração de cerimônias materiais. Prediz a adoração *do pai* no íntimo dos corações que, quando puros, são o seu único e verdadeiro templo, servindo-lhe de santuário a consciência e consistindo a adoração na homenagem a ele prestada pelo pensamento e pelos atos de justiça, de amor e de caridade praticados com sinceridade e humildade; consistindo também na prece espiritual, que é o culto interior da alma, único e verdadeiro culto que os homens prestarão ao pai, elevando-se por essa forma até ele, *em espírito e em verdade*.

As palavras de Jesus eram ditas para o futuro e ainda o são para muitos dentre vós.

Não continuam os homens a adorar a Deus "no monte e em Jerusalém?"

Não continuam divididos e separados pelos diversos cultos externos ainda existentes?

Não há ainda "Judeus e Samaritanos", *heréticos e ortodoxos*?

Desprezando, assim os ensinamentos, como os exemplos do Mestre, afastando-se da linha que os apóstolos traçaram ao prepararem os caminhos para a Igreja, *una, universal*, não continuou a Igreja a manter os preconceitos e as pretensões dos Judeus e dos chefes da sinagoga? E, subordinada a esses preconceitos e pretensões, não atirou os Judeus para a categoria dos Samaritanos, dos heréticos? Apropriando-se do privilégio de *ortodoxia* que os Judeus se arrogavam, não declarou *heréticos*, não perseguiu, não condenou mesmo à

morte, como *tais*, todos os que professavam crenças contrárias a seus dogmas humanos, a suas interpretações humanas?

Não afirma que *somente* os que lhe pertencem à grei são filhos do Senhor, que só esses hão de herdar o reino de Deus?

Não adora "em Jerusalém" e não repele todos os que adoram "no monte"?

Homens, por Jesus e com Jesus vos dizemos:

"Crede-nos, aproxima-se o tempo em que não será mais nem no monte nem em Jerusalém que adorareis o pai.

"Aproxima-se o tempo do desaparecimento e da cessação de todos os cultos externos que vos dividem e separam; o tempo em que, reunidos pela tolerância e pela fraternidade, em nome do que constitui *toda a lei e os profetas*, reunidos sob uma bandeira única que tem por exergo — "*Amor e Caridade*" — adorareis o pai em todos os lugares onde vos encontréis, "no monte", como em "Jerusalém."

Vós adorais, disse Jesus, *o que não conheceis*; NÓS, PORÉM, adoramos o que conhecemos, pois *dos Judeus é que vem a salvação*.

De acordo com o pensamento do Mestre, estas palavras tinham um sentido especial com relação à Samaritana e se aplicavam àquela época. Mas, ainda de acordo com o seu pensamento, tinham um sentido geral, como ensinamento dado aos homens, e se estendiam ao futuro.

A última frase — "*pois dos Judeus é que vem a salvação*" leva à compreensão delas, *segundo o espírito que vivifica*, desse duplo ponto de vista. Proferindo a frase citada, Jesus aludia às encarnações de messias de ordem inferior, relativamente a ele, que se verificaram de contínuo em a nação judia, a fim de manter puro o pensamento de Deus e preparar o advento do Verbo.

Quanto à Samaritana e a todos os homens entre os quais o pensamento puro de Deus se alterara por efeito de erros grosseiros, ou de culto idolátrico, esses todos "adoravam o que não conheciam", porque entre eles o pensamento de Deus não se conservara *puro*. "Nós, porém, os Judeus, adoramos o que conhecemos", por isso que entre os filhos da Judéia os profetas mantiveram puro o pensamento de Deus.

Essas palavras de Jesus se dirigem, *ainda hoje*, a todos os que, depois da sua missão terrena, se afastaram da idéia *pura* de Deus, conservada pelos profetas entre os Judeus, e multiplicaram a divindade, o *pai*, o Deus uno, indivisível, tentando encerrar na unidade a pluralidade.

Elas se aplicam à Igreja romana, como a todas as seitas cristãs dissidentes, que, por meio do dogma humano das três pessoas, adoram, não somente o *pai*, mas também "o filho" e o "Espírito Santo", não obstante haver Jesus, como o haviam feito Moisés e os profetas, proclamado a unidade e a indivisibilidade do Deus de *Israel*, quando disse, dirigindo-se ao *pai*: "A vida eterna consiste em te conhecer a ti, que és o único *Deus verdadeiro* e em conhecer a Jesus-Cristo que tu *enviaste*."

"Vós adorais o que não conheceis". Devendo adorar unicamente a Deus, o *pai*, adorais o que não conheceis, adorando o *filho* e o *Espírito Santo*, pois que não sabeis *quem é* "o filho", nem quem é "o *Espírito Santo*". Adorais o filho, que é uma criatura de Deus, filho bem-amado do *pai*, seu filho *único* pela sua superioridade, porque superior a todos, relativamente ao planeta terreno, pela sua pureza e pelo poder que o pai lhe outorgou. Adorais o filho, que é um Espírito de pureza perfeita e imaculada, vosso Messias, vosso protetor, mas também vosso *irmão*, porquanto, *em sua origem*, partiu do *mesmo* ponto inicial que vós outros, para chegar onde haveis de chegar, isto é,

à perfeição, e que a ela chegou sem jamais haver falido, momento esse que se oculta na noite das eternidades.

Adorais o "Espírito Santo", como se fora uma individualidade, quando essa expressão *figurada* designa um conjunto de criaturas de Deus, nas quais a vontade divina se reflete, o conjunto dos Espíritos do Senhor, dos puros Espíritos, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, encarregados de executar as vontades do *pai*, de transmitir até vós, mesmo até mais abaixo — aos planetas inferiores ao vosso, a inspiração divina; compreendendo-se também naquela designação simbólica os messias, os protetores e governadores de planetas, como Jesus, primeiros ministros *do pai*, e todos os outros enviados ou missionários, seus ministros ou agentes, dentro da ordem hierárquica que lhes assina a elevação espírita.

A Igreja romana não relegou para segundo plano o pai, fazendo do filho o objeto exclusivo de seu culto de adoração?

E o culto prestado a Maria já não ameaça substituir o que ela, a Igreja, presta ao filho?

"Mas, virá o tempo, e já veio, em *que os verdadeiros adoradores adorarão o pai EM ESPÍRITO E VERDADE*; esses são os adoradores que o *pai* quer."

Estas foram palavras de atualidade, para aquela época, e palavras ditas para o futuro.

O tempo, de que falava Jesus, veio com ele, porquanto seus discípulos adoravam o pai em espírito e verdade. Depois deles, sempre houve, entre os homens, Espíritos mais esclarecidos do que os outros que, repelindo a *materialização* do culto, cultuavam o Senhor redendo-lhe as homenagens do pensamento, do coração e dos atos. Esse culto, *único* agradável a Deus, cada vez mais se generalizará no seio da humanidade e acabará por predominar.

Apóstolos da nova revelação, preservai-vos de cair no exclusivismo da Igreja romana, de fazer do grande progresso espiritualista, que abrange todo o vosso planeta e toda a humanidade, de fazer do Espiritismo, que é uma das fases da revelação permanente e progressiva de Deus — *uma seita*. Muitos homens há que, sem usarem o *título* de espíritas, sem de nenhum modo acreditarem nas manifestações de além-túmulo, adoram, entretanto, o Senhor *em espírito e verdade*.

Os *verdadeiros* adoradores que *o pai reclama*, seus adoradores *em espírito e verdade*, são todos aqueles que, seja qual for o rito que a encarnação os tenha levado a praticar, fazendo-os nascer em tal ou tal meio, repelem a *materialização* do culto, não reconhecendo, como templo único *do pai*, senão o coração do homem, nem outro Santuário que não a consciência do homem. São todos os que se elevam para *o pai*, prestando-lhe as homenagens do pensamento, do coração e dos atos, empregando sérios e porfiados esforços por praticar o amor a Deus acima de tudo e o amor ao próximo como a si mesmos. São todos os que, *vendo nos outros* homens *irmãos* seus, têm fé em Deus e praticam a caridade sob todas as formas, segundo a lei do amor. São todos os que se esforçam sempre, com sinceridade, por não fazer aos outros, no terreno físico, como no terreno moral e no intelectual, seja por palavras, seja por atos, o que não queriam que lhes fizessem e se esforçam igualmente por fazer aos outros, do ponto de vista do bem, do que é justo, verdadeiro e bom, seja por palavras, seja por atos, tudo o que desejariam que lhes fosse feito.

Apóstolos da nova revelação, espíritas, espiritualistas! não sejais *dogmáticos*, pois que, se o fordes, vos tornareis *sectaristas*; falireis na tarefa que vos está confiada, falseando a missão que o Espírito da Verdade vem desempenhar no vosso mundo.

As verdades eternas, que sucessiva e progressivamente são reveladas ao homem, preciso é que ele as aceite livremente.

A aceitação dessas verdades tem que ser e é de fato obra do tempo e dos progressos do espírito humano.

Homens! todos vós, quem quer que sejais, qualquer que seja o lugar ou a situação que ocupeis nas raças humanas, quer se trate de civilizados, quer de selvagens, todos sois *chamados a aceitar*, com o correr dos tempos e mediante a reencarnação, essas verdades eternas, por efeito da liberdade de consciência, da liberdade da razão e da liberdade de exame.

Todos sois *chamados a crer no pai*, que é Deus, Deus uno, único e indivisível; *no filho*, que é Jesus, vosso Messias, Espírito protetor e governador do vosso planeta, *único* encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, como dos da humanidade terrena e de a levar à perfeição; no *Espírito Santo*, que são os Espíritos do Senhor, Espíritos que trabalham ou concorrem, sob a direção do Mestre, para esse desenvolvimento e esse progresso.

Mas, sede adoradores do pai *em espírito e verdade*. Uni-vos, quaisquer que sejam vossas crenças, quaisquer que sejam, dentre os que ainda vos dividem e separam, os cultos exteriores que professeis. Uni-vos pela lei do amor, porquanto da prática dessa lei é que decorrerá o reinado da solidariedade, da fraternidade, da liberdade e da igualdade. Ela é que vos conduzirá à *unidade*.

Deus é *Espírito* e, os que o adoram, *em espírito e verdade* é que o devem adorar.

Estas, do mesmo modo, foram palavras ditas para *aquele momento e para o futuro*.

Dizendo-as para aquela época e referindo-se também ao passado, quis Jesus desligar o homem

da crença na *materialização* de Deus. Falou *assim* com vistas principalmente aos Gentios, porquanto, para os Judeus, Deus era "*Espírito*", se bem que entre eles, no seio das massas populares, igualmente existia e era necessário extirpar a crença na *materialização* de Deus.

As palavras do divino Mestre guardavam relação com a inteligência dos que o ouviam. Moisés definira Deus, usando desta expressão de imenso alcance na sua simplicidade: "Eu, o Eterno, *único* eterno, eu sou aquele que é". Deus é. Sua essência enche o espaço ilimitado; o universo infinito é a sua morada. Não há limites, nem medidas que o possam explicar. Ele é. Esta idéia, porém, tão ampla que a vossa inteligência, conquanto mais desenvolvida do que há dois mil anos, ainda não a compreende, estava por demais acima da dos homens a quem Jesus falava. *Ser*, para eles, era viver, era viver quase como eles viviam. *Daí* a existência, no espírito da maioria (referimo-nos ao vulgo), da idéia de *corporeidade material* em Deus, idéia que Jesus combateu, dizendo: "Deus é *Espírito* e, os que o adoram, em *espírito* é que o devem adorar." Quis com isto dizer: Deus é *inteligência* e a inteligência não tem forma palpável. Deus é *pensamento* e o pensamento não pode ser tocado. Deus é *fluido* e é, ao mesmo tempo, *infinito*, por conseguinte não *tem corpo* que o *circunscreva*.

O ensino era apropriado aos que o recebiam.

Aquelas palavras Jesus as disse também *para o futuro*, no *sentido de que* se destinavam a preparar, cada vez mais, para o homem, o conhecimento *do pai*, por efeito da compreensão que ele cada vez teria melhor do que é o *Espírito* e por efeito ainda da distinção que seria levado a fazer e a compreender entre o *infinito* e o *finito*, entre o que é *sem limite* e o que é *circunscrito*, portanto, entre o *criador incriado* e a *criatura*.

Deus é *Espírito*, no sentido de que todo princípio inteligente emana da suprema inteligência.

Deus é o Espírito dos Espíritos, indicando estas palavras humanas a superioridade de ser.

Se a linguagem humana pudesse exprimir o pensamento divino, tentaríamos conseguir que compreendêsseis Deus.

Deus é inteligência, pensamento e, como tal, criador incriado. É fluido e o fluido universal, que dele parte, com ele confinando, é o instrumento e o meio de todas as criações, que, no infinito e na eternidade, se operam de acordo com as leis naturais, imutáveis e eternas que ele mesmo estabeleceu. Essas leis são imutáveis e eternas, como eternas e imutáveis são a sua inteligência, o seu pensamento. Sob esse duplo aspecto é que ele é criador incriado, essência de toda vida.

Deus é o universal princípio inteligente que, por ato da sua própria vontade, atua sobre o fluido universal, operando neste todas as combinações, todas as transformações, de conformidade com aquelas leis imutáveis e eternas.

Esse universal princípio inteligente é que produz a criação universal, por vós chamada — a natureza, e é que tudo leva, segundo a lei imutável do progresso e da harmonia, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, assim na ordem espiritual, como na ordem fluídica e na ordem material.

Não é Deus o motor de tudo o que é? Não é ele o eixo principal em que se apóia toda a máquina? a roda fundamental de todas as engrenagens? Sem ele, o Espírito seria alguma coisa? Não é ele o princípio originário de tudo, de tudo o que vive, de tudo o que se move, de tudo o que é, no infinito e na eternidade?

Deus, como o disse o apóstolo Paulo (1' *Epístola aos Coríntios*, VIII, v. 5), *por ser o criador incriado*, é o *pai, de quem* todas as coisas tiram o ser. E ele nos fez *para si*, no sentido de que

todas as suas criaturas, com o objetivo da vida universal, do progresso universal, da harmonia universal, têm que atuar sobre a natureza, em todos os reinos e em todas as criações, segundo suas leis imutáveis e eternas, sob a impulsão da sua vontade superior.

Muito limitados são ainda as vossas inteligências e os vossos meios de comunicação para compreenderdes Deus em sua essência e na sua maneira de obrar como criador incriado. Todavia, imaginai-o qual sol do universo infinito, luz cintilante que só a águia da pureza pode contemplar face a face. Seu calor se derrama por sobre todos os mundos e os fecunda. Inteligência suprema, cria com o seu sopro a inteligência. Seu olhar cria a vida. E, no entanto (oh! quão nua é a vossa linguagem, quão indigente a vossa inteligência, que nos forçam a restringir a imensidade de Deus, sujeitando-o a comparações materiais), e, no entanto, Deus, o princípio de todos os princípios, a fonte inesgotável de todas as vidas, não é um corpo limitado como os homens o figuram, procurando compreendê-lo.

Já o dissemos e repetimos: Deus é o *princípio exclusivo e único* de tudo o que é, luz de tudo o que vê, fertilidade de tudo o que produz. Deus é a causa de todas as causas, que inutilmente os vossos sentidos grosseiros buscam apreender. Essa causa primária, inefável, se acha tão acima de qualquer inteligência, que só os que dela estão próximos a podem compreender.

Não haveis adorado a materialização de Deus? O Espírito, puro e santo, que se abaixou até ao vosso nível, para vos ensinar a *amar*, a sentir, a viver *nele*, não é a mais frisante imagem que Deus vos há podido dar de si mesmo?

Tudo o que acabamos de dizer acerca de Deus vos prepara a compreenderdes estas palavras que, debaixo da influência e da inspiração espíritas, mas sem ter consciência de uma e outra e sem

conhecer o sentido exato do que dizia, o apóstolo Paulo proferiu palavras cujo alcance integral *ainda* não podeis apanhar:

NELE *temos a vida, o movimento e o ser*: IN IPSO VIVIMUS ET MOVEMUR ET SUMUS.³⁴

Tudo É *dele*, tudo É por ele e tudo É *nele*: *ex ipso* ET *per ipsum* ET in ipso SUNT *omnia*.³⁵

Temos agora que vos explicar as seguintes palavras que, também debaixo da influência e da inspiração espíritas, mas sem ter disto consciência e sem compreender o sentido exato do que dizia, o apóstolo João escreveu, palavras essas que, de utilidade para aquele momento e destinadas a preparar o futuro, só a nova revelação tornaria compreensíveis aos homens, *segundo o espírito que vivifica*, em espírito e verdade:

"Três são os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e esses três são um."³⁶

Influenciada, ao mesmo tempo, pelas idéias hebraicas acerca do "*Espírito Santo*", que era considerado o *próprio* Deus obrando junto dos homens, e pelas interpretações humanas de que resultou fazer-se do "*Espírito Santo*" uma personalidade do *próprio* Deus, uma parte de Deus, se bem que inseparável dele, e tendo em vista a *divindade* que era atribuída a Jesus, a Igreja se apegou a essas palavras de João para, interpretando-as *ao pé da letra*, formular o seu dogma humano *dos três deuses em um só*, porém *distintos*, embora *impessoais*, dogma a que ela chamou — "Santíssima Trindade". É um dos erros de que se emendará.

Sim, há três que dão testemunho no céu. Há, primeiro, o pai, *criador, causa única de tudo, aquele*

³⁴ Atos dos Apóstolos, XVII, v. 28.

³⁵ Epístola aos Romanos, XI, v. 36.

³⁶ JOÃO, 1ª Epístola, V, v. 7.

que é; Deus, pai de todos, que está acima de todos, que estende por sobre todos a sua providência e que é, portanto, o mesmo para todos.

Há, depois, o Verbo, manifestação palpável e visível da ação do criador sobre vós, do criador sob cujo vigilante olhar estais constantemente e que vos envia âncoras de salvação a que podeis e deveis agarrar-vos; o Verbo, que é o vosso Messias, Espírito puro e santo, protetor e governador do planeta terreno e vosso irmão, porque é, como vós, uma criatura de Deus, de Deus seu pai e vosso pai, seu e vosso Deus.

Há, em seguida, o Espírito Santo, a inspiração, *no sentido* de ser um reflexo da vontade divina, que só vos chega e é comunicada por intermédio dos enviados celestes, dos Espíritos do Senhor, *também* vossos irmãos, porque são, como vós, criaturas de Deus, que é igualmente vosso pai e pai deles, vosso Deus e Deus deles; o Espírito Santo, que são os Espíritos do Senhor, puros Espíritos, Espíritos superiores e bons Espíritos, os quais, como intermediários entre o pai e vós, são, de modo geral, no infinito e na criação universal, e, de modo especial, particular, com relação ao planeta e à humanidade terrenos, a personificação, os agentes da vontade divina, no tocante ao progresso universal, à vida e à harmonia universais.

"E os três são *um*." Estas palavras compõem uma linguagem *figurada*. Não materializeis. Os três são *um, porque o Verbo e o Espírito Santo*, isto é, os Espíritos do Senhor, como intermediários entre vós e o pai, se acham *na dependência* dessa causa infável a que chamais Deus, na vossa linguagem humana. Os ramos, as folhas, os frutos *não dependem* da árvore que os faz nascer?

São um, porque o mesmo pensamento os anima. São um, como o vosso corpo é um, embora composto de membros que obedecem aos ditames da cabeça. É impossível, com a linguagem humana,

dar definição *exata* do que pertence *totalmente* aos *domínios espirituais*.

Os três não se confundem como *individualidade*, mas se confundem como *pensamento*.

Ficai sabendo: ainda depois de haver adquirido a perfeição moral humana, a perfeição sideral, o Espírito conserva, como antes, a sua individualidade, eternamente, por mais que se adiante, por maior que seja a sua superioridade no saber. Sendo ilimitado o progresso em ciência universal, o Espírito criado jamais pode igualar a Deus.

Homens, que se dizem filósofos e que acreditam haver penetrado o segredo do princípio de todas as coisas, sustentam e ensinam que Deus É o todo universal; que constitui *uma ingenuidade* pretender-se que o criador incriado seja pessoal e distinto da natureza, de tudo o que É na ordem da criação.

Ingenuidade grande é a desses Espíritos "profundos". Eles chamam *todo universal* — à *causa primária* de todas as coisas. Que troquem os termos e encontrarão Deus; e terão, *no todo universal*, o instrumento e o meio de criação de todas as coisas, um *efeito sob a ação* da potência criadora; e terão, *como causa primária*, Deus, criador incriado.

Sim, nada pode ser *sem uma causa primária*. Deus é, aos vossos olhos, "*a causa genérica* de todas as causas *primárias*". Dizemos — genérica, no sentido de princípio criador de toda a geração em todos os reinos.

Perguntai a esses *sábios*, que não passam de pobres cegos a disputar sobre *cores*, qual a *nascente* desse todo universal, donde eles tiram todas as *coisas*. Que respondam, que o expliquem sem Deus, criador incriado, inteligência, pensamento, fluido; sem Deus, de quem parte e com quem confina o fluido universal, que, como instrumento e meio de todas as criações, de ordem espiritual,

de ordem fluídica, de ordem material, comanda tudo o que de Deus deriva, mediante leis eternas, imutáveis, como imutável é a vontade daquele de quem elas emanam; mediante a aplicação, a apropriação e o funcionamento, sob a ação espírita universal, dessas leis, que participam da essência mesma de Deus.

Eles dirão: *natureza, leis universais, acaso*. Mas, a causa, a causa primária, o tronco, onde o encontrarão? A natureza, como fonte primitiva e geratriz, o acaso, a harmonia universal não são apenas, *na boca desses homens orgulhosos e impotentes para compreender e explicar*, meras palavras com que disfarçam o *pensamento profundo* que só o termo Deus pode *traduzir*?

Deus, criador incriado, é pessoal e distinto da criação, como a causa é pessoal e distinta do efeito, se bem que este decorra dela e lhe permaneça ligado.

Deixai que divaguem. Deus é uma essência tão *acima* de toda e qualquer imaginação, que o homem *ainda* não pode nem deve tentar analisá-lo.

Não façais como as crianças de colo que, vendo brilhar uma chama, temerariamente estendem a mão para pegá-la. A dor é a consequência imediata da imprudência. Para *procurardes* compreender o que, dada a vossa natureza, vos é agora incompreensível, *esperai* que tenhais saído *das faixas infantis* que *ainda* vos envolvem.

Aguardai que vos tenhais purificado, para poderdes compreender. Por enquanto, não vos podemos dizer mais do que isto:

"Deus, o nosso Deus é o ser que é e será, desde e por toda a eternidade; é o soberano indulgente e benigno que reina sobre todas as coisas, inteligência suprema que dirige tudo o que é, no universo, na imensidade, no infinito".

Quanto tendes que progredir, pobres criancinhas, que ainda não abristes os olhos à luz, para poderdes suportar o brilho desse astro luminoso!

Dizemos — astro luminoso, por se nos não depararem na linguagem humana termos que possamos empregar para exprimir tão elevado quão grande pensamento!

Deixai que todos os pensadores devaneiem à vontade. Caminhai para diante e não esqueçais que, não sendo a luz feita para cegos, os que lhe quiserem pôr olhares indiscretos possivelmente ficarão atacados de cegueira.

CAPÍTULO IV

Vv. 27-42

Narrativa da Samaritana. — Os Samaritanos vêm ter com Jesus. — Acreditam nele. — Reconhecem-no como sendo o Salvador do mundo. — Palavras de Jesus a seus discípulos

V. 27. Nisto chegaram seus discípulos e se admiraram de estar ele falando com uma mulher; nenhum, porém, lhe perguntou: Que é o que lhe perguntas? ou: Porque lhe falas? — 28. A mulher, entretanto, largou o cântaro, foi à cidade e se pôs a dizer a toda a gente. — 29. Vinde ver um homem que me disse tudo o que tenho feito. Não será o Cristo? — 30. Muitos então saíram da cidade e foram ter com ele. — 31. Nesse interim, seus discípulos lhe rogavam que tomasse algum alimento, dizendo: Mestre, come. — 32. Disse-lhes ele: Eu, para comer, tenho um manjar que vós não conheceis. — 33. Ouvindo isso, os discípulos se puseram a inquirir uns dos outros: Ter-lhe-ia alguém trazido de comer? — 34. Jesus lhes disse: Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou, é executar a sua obra. — 35. Não dizeis que ainda há quatro meses daqui até à ceifa? Eu, porém, vos digo: Levantai os olhos e observai os campos já branqueando, prontos para a ceifa. — 36. Aquele que sega recebe recompensa e acumula frutos para a vida eterna, a fim de que, assim o que semeia, como o que sega, juntamente se regozijem. — 37. Porque, nisto é verdadeiro o ditado: Um é o que semeia, outro o que colhe. — 38. Eu vos enviei a segar aquilo que não é fruto do vosso trabalho. Outros trabalharam e vós entrastes nos seus trabalhos. — 39. Muitos foram os Samaritanos daquela cidade que creram nele, pelo que lhes referira a mulher, afirmando ter ele dito tudo quanto ela havia feito. — 40. Os Samaritanos que foram ter com Jesus lhe pediram ficasse na companhia deles e ele lá ficou dois dias. — 41. E muitos outros creram nele pelo que dele ouviram. — 42. Assim é que di-

ziam à mulher: Já não é pelo que nos disseste que cremos, mas pelo que nós mesmos temos ouvido dele é que sabemos ser este verdadeiramente o Salvador do mundo.

N. 12. Estes versículos encerram duas ordens de idéias e de fatos perfeitamente distintos: uns dizem respeito à Samaritana e aos Samaritanos, outros a Jesus e aos discípulos.

Com relação à Samaritana (v. 28), o que a impressionara fora o testemunho que Jesus lhe dera das faculdades extra-humanas que possuía. Muito menos a havia impressionado a afirmação do Mestre quando lhe declarara ser o Messias, isto é, o Cristo, dizendo: "*Eu o sou, eu que te falo.*" Isso não bastara para convencê-la; ela continuara a duvidar. Raça de incrédulos, tereis dificuldade em compreender a dúvida daquela mulher?

Com relação aos Samaritanos (vv. 30, 39, 40, 41 e 42), será preciso vos expliquemos o que com eles se passou? Não vedes ainda hoje, nos dias que correm, muitos "Samaritanos" que, para crerem, necessitam do testemunho de fatos a que chamais "adivinhação", enquanto que outros, tocados pela moral suave, simples e pura, nada mais pedem nem procuram para se tornarem crentes?

Dentre vós, os que *deveriam* ser os *primeiros* a crer são os que se curvam diante da verdade? Não. Os primeiros a crer são os repelidos pelos que *judgam* ter o *privilégio* da fé. São os "réprobos" os que *primeiro* se reúnem ao redor do Mestre, para lhe dizerem: "Senhor, a tua palavra penetrou em meu coração, a luz me deslumbrou, *eu creio.*"

Com os homens de hoje se dá e se *dará* ainda mais o que se deu com os Samaritanos. Muitos há que crêem e muitos virão a crer na revelação espírita pelo que tenham dito ou disseram pessoas que lhes mereçam crédito, relatando manifestações físicas ou fatos mediúnicos, que atestam necessária-

mente uma ação extra-humana, oculta ou patente; ou, então, porque hajam pessoalmente observado essas manifestações e fatos mediúnicos. Muitos acreditarão, depois que, nas manifestações mediúnicas inteligentes, tiverem ouvido falar os *Espíritos do Senhor*. Esses dizem ou dirão: "Já não é pelo que nos fora narrado, pelo que vimos, que acreditamos *neles*; mas, porque os ouvimos e sabemos que eles são verdadeiramente os *órgãos do Espírito da Verdade*."

Quanto às palavras de Jesus, constantes dos vv. 31-38, foram ditas com o objetivo de mais uma vez, como sempre, atrair o espírito dos discípulos para as coisas do céu, mostrar-lhes a obra do progresso humano já executada pelos que os haviam precedido, mostrar-lhes que era mister continuassem a tarefa que lhes cumpria desempenhar, mostrar-lhes a recompensa reservada a seus esforços.

Aquelas palavras o Mestre as disse sobretudo com o propósito de provar aos discípulos que ele só tinha um objetivo, um pensamento — prosseguir na obra de regeneração que empreendera. Ele se nutre *com um alimento* de que *ninguém mais* senão ele dispõe, porquanto a pureza é o que o coloca acima de tudo o que é humano, acima de toda necessidade. Dai-vos, portanto, pressa em receber esse alimento divino, que sacia e nutre o Espírito que busca a vida e a verdade.

(Vv. 31, 32 e 34.) Na resposta que deu a seus discípulos, quando estes, dizendo: "Mestre, come", lhe pediam que se alimentasse, Jesus afirma, *veladamente*, não estar sujeito às necessidades e contingências materiais da humanidade. Afirma, pois, *veladamente*, sua natureza extra-humana.

Confirmando o que dissemos no comentário dos três primeiros Evangelhos (n. 65, págs. 362-363, 1º tomo), essa resposta mostra que Jesus não fazia realmente refeições, *como os homens o supunham*; que só as fazia aparentemente, quando

era necessário, *ou* para convencê-los de que de fato tinha a natureza humana que lhes atribuíam e na qual era preciso que acreditassem, a fim de que a sua missão fosse aceita e produzisse frutos; ou para lhes dar um ensinamento, um exemplo de caridade, de perdão, de amor.

Dando aquela resposta, o Mestre também obedeceu ao propósito, repetimos, de provar, a seus discípulos, que um só objetivo tinha, um *único* pensamento — prosseguir na obra de regeneração que empreendera.

(Vv. 35, 36, 37 e 38.) Os campos, de que fala Jesus a seus discípulos, convidando-os a contemplá-los, já alvejantes e prontos para a sega, representam os países aonde ele os mandava adiante de si e nos quais se encontravam homens preparados a receber a boa nova, a ouvir e guardar a palavra de verdade, a se lhes grupar e a segui-lo a ele.

Jesus era "o que semeia", os discípulos eram "o que colhe". Trabalhando pelo progresso de seus irmãos, eram recompensados pelo progresso pessoal que realizavam. Neste progresso estavam os frutos que colhiam e que lhes aparelhavam o caminho para a perfeição.

Eu vos enviei, disse-lhes Jesus, a segar aquilo que não é fruto do vosso trabalho. Outros trabalharam e vós entrastes nos seus trabalhos.

Segundo o espírito que vivifica, Jesus, por essas palavras, exprime um duplo pensamento. Alude, primeiramente, à influência espírita que, por sua ação oculta sobre os homens e sem que estes tivessem dela consciência, os preparava a escutar e receber a palavra dos discípulos. Os Espíritos preparavam "os campos" onde Jesus mandava que seus discípulos "segassem".

Alude também aos Espíritos que, ou errantes, ou encarnados em missão, trabalharam, antes

dos discípulos, pelo progresso do espírito humano, prepararam o advento do Verbo, executando obra que aos mesmos discípulos tocava continuar.

Mais longe ia ainda o pensamento de Jesus. Alcançava o futuro, os tempos da era nova do Cristianismo *do Cristo*, a era espírita que se inicia.

Ele é ainda agora o que semeia. Fá-lo por intermédio dos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade.

Apóstolos da nova revelação, vós todos que caminhais nas pegadas do Mestre, que vos esforçais por difundir a fé e reconduzir ao aprisco as ovelhas tresmalhadas, todos vós semeais com Jesus, que é o Espírito da Verdade, porque sois "o que sega" e partilhais da alegria do Mestre, ao virdes que surgem as espigas da próxima colheita.

"Os campos que já branqueiam e se mostram prontos para a ceifa" são todos os homens que, escutando as palavras de verdade, as pesam e comentam e volvem à fé *pura* e adoram *em espírito e verdade*. E esses, a quem tal acontece, não se rejubilam e vós não partilhais da sua alegria, não rejubilais com os que colhem essa alegria? Sim, que eles, por sua vez, se tornam "o que semeia com Jesus e sega."

Mas, sobretudo, diante do pai de família é que experimentareis arroubos de ventura e de reconhecimento, vendo ali agrupados os que semeiam e os que colhem, a entoarem, estreitamente unidos, louvores ao Senhor.

Que assim seja com relação a vós, ó bem-amados. Essa a bênção que vos enviam os que velam por vós.

JOÃO.

CAPÍTULO IV

Vv. 43-54

Cura do filho de um oficial em Cafarnaum

V. 43. Passados aqueles dois dias, Jesus dali partiu e foi para a Galiléia. — 44. Porque, ele próprio deu testemunho de que nenhum profeta é honrado em sua pátria. — 45. Chegando à Galiléia, os Galileus o receberam alegremente, porquanto tinham visto o que fizera em Jerusalém, por ocasião da festa, à qual também eles estiveram presentes. — 46. Voltou então a Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho. Ora, lá se encontrava um oficial do rei, cujo filho estava doente em Cafarnaum. — 47. Esse oficial, ao saber que Jesus viera da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele e lhe rogou que descesse a Cafarnaum, para lhe curar o filho que se achava à morte. — 48. Disse-lhe Jesus: Vós outros, se não vedes milagres e prodígios, não credes. — 49. Retrucou-lhe o oficial: Senhor, desce, antes que meu filho morra. — 50. Vai, disse-lhe Jesus, teu filho está curado. O homem acreditou no que Jesus lhe disse e se retirou. — 51. Quando já ele ia descendo, seus ser-vos lhe vieram ao encontro e disseram: Teu filho está bom. — 52. Perguntou-lhes então o oficial a que horas se sentira melhor. Responderam-lhe os servos: Ontem, à hora sétima, a febre o deixou. — 53. Verificou logo o pai que aquela fora a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho está curado. Ele, pois, creu e bem assim toda a sua família. — 54. Esse foi o segundo milagre que Jesus fez, depois que viera da Judéia para a Galiléia.

N. 13. Relativamente a estes versículos, já recebestes as explicações necessárias, de todos os pontos de vista, especialmente acerca das curas materiais, nos comentários feitos aos três primeiros Evangelhos. (1º tomo: n. 74, págs. 388-390; n. 81, págs. 426-427; 2º tomo: n. 109, págs. 72-74; n. 110, pág. 76, n. 115, págs. 93-95; n. 121, páginas 131-132; n. 124, págs. 147-151; n. 125, pá-

ginas 152-155; n. 157, págs. 265-267; n. 177, páginas 401-404; n. 183, págs. 416-423; 3° tomo; número 246, págs. 231-232; n. 252, págs. 261-262.) Fora inútil repeti-las aqui.

CAPÍTULO V

Vv. 1-16

Piscina de Betesda. — Cura de um paralítico

V. 1. Depois disto, como chegasse o dia da festa dos Judeus, Jesus subiu a Jerusalém. — 2. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, chamada em hebreu Betesda, e que tinha cinco alpendres. — 3. Nestes jazia uma multidão de enfermos, de cegos, de coxos, de paralíticos, esperando todos que a água se movesse. — 4. É que, em certas épocas, um anjo do Senhor descia à piscina e agitava a água; e aquele que primeiro entrava na piscina, após ter sido agitada a água, ficava curado de qualquer enfermidade que tivesse. — 5. Um homem lá se achava, que, havia trinta e oito anos, estava enfermo. — 6. Vendo-o deitado, Jesus, ao saber que ele desde tanto tempo se achava assim doente, lhe perguntou: Queres ficar são? — 7. Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho quem me meta na piscina quando a água é movimentada; enquanto para lá me dirijo, outro desce antes de mim. — 8. Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda. — 9. No mesmo instante o homem ficou são, tomou do leito e se pôs a andar. Era sábado aquele dia. — 10. Disseram então os Judeus ao que fora curado: Hoje é sábado e, pois, não te é licito levares o teu leito. — 11. Respondeu-lhes o homem: Aquele que me curou me disse: Toma o teu leito e anda. — 12. Perguntaram-lhe os Judeus: Quem é esse homem que te disse: Toma o teu leito e anda? — 13. Mas o que fora curado não sabia quem era aquele homem, porquanto Jesus logo se retirara do meio da multidão ali reunida. — 14. Depois, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Eis que estás são; não tornes a pecar, para que te não suceda coisa pior. — 15. O homem foi comunicar aos Judeus ter sido Jesus quem o curara. — 16. Por isso perseguiram os Judeus a Jesus, por fazer dessas coisas em dia de sábado.

N. 14. A narrativa de João, no tocante à

piscina de Betesda, exprime e resume as crenças vulgares de que ele próprio partilhava.

Abalos vulcânicos por vezes agitavam aquela fonte. Suas águas, tornadas tépidas por um efeito térmico, eram apropriadas à cura de certas moléstias. Desconhecendo a causa do fenômeno, os homens de então o atribuíam a uma ação "milagrosa".

Havia exagero da opinião pública.

Quanto às épocas em que o fenômeno se produzia, nada tinham de regulares. A aproximação delas era pressentida por um ligeiro movimento na superfície da água. É que pequenos abalos a encrespavam algum tempo antes que fosse agitada pelas matérias calcáreas, que a invadiam por ocasião das erupções subterrâneas.

Aquele que primeiro entrava na piscina, diz a narração evangélica, depois de ter sido fortemente movimentada a água, ficava curado de qualquer doença de que sofresse. Como nem sempre a cura fosse obtida, deduziram desse fato que, para que ela se operasse, eram necessárias determinadas condições.

Curavam-se os que mergulhavam com fé na piscina. Os que se achavam atacados de moléstias para as quais aquelas águas tinham aplicação curavam-se, auxiliados pelo magnetismo espiritual. Aqueles para cujas enfermidades elas nenhuma eficácia apresentavam eram curados *direta e unicamente* por efeito *desse* magnetismo. Atraídos pela fé ardente com que esses enfermos ali iam, os Espíritos do Senhor exerciam sobre eles, invisivelmente, a ação magnética, servindo-se de fluidos apropriados à natureza da moléstia de que se tratava e *desse modo* produziam a cura.

Sabeis o que a fé pode alcançar. De fato, aquele que mergulhava na água, cheio de confiança, de reconhecimento e, mais que tudo, de submissão aos decretos da Providência, podia contar com a sua cura. Porém, ainda mais talvez do que

atualmente, os que buscavam a piscina se limitavam, na sua maioria, a acompanhar a corrente, a cumprir uma mera formalidade, dominados pelo egoísmo, que não permitia se elevassem os Espíritos e rendessem graças àquele que é o autor de todos os dons perfeitos.

Daí, não conseguirem muitos doentes curar-se, o que deu lugar à crença de que a cura dependia de uma condição especial. Por seu lado, os anciões e os doutores para evitarem a confusão e o tumulto que resultavam de quererem todos os doentes entrar na piscina, se aproveitaram daquela suposição e fizeram crer que só obtinha a cura o que primeiro entrava, donde a reputação que as águas de Betesda conservaram.

De modo que, havendo sempre doentes apressados e sucedendo, portanto, que muitos mergulhavam ao mesmo tempo, cada um julgando ser o "primeiro", se alguns se curavam, era pela razão de que, por terem molhado seus corpos no mesmo instante, todos esses tinham sido *cada um o primeiro*. Se a cura não se dava, isso não podia provir senão de que os não curados, embora parecendo ter mergulhado ao mesmo tempo, só o haviam feito sucessivamente, sem que tivessem sido *cada um o primeiro*.

Quanto à cura do homem que se achava enfermo havia trinta e oito anos e que, como o diz a narração evangélica, era paralítico, já recebestes sobre isso todas as explicações necessárias. Para vos inteirardes da maneira por que se deu esse fato qualificado de "milagre", não tendes mais do que vos reportardes ao que foi explicado com relação a casos análogos ou idênticos em o 2º tomo, n. 110, pág. 76; n. 121, pág. 131, e n. 157, pág. 264.

Quanto ao sábado e às curas que nesse dia Jesus operava, também não tendes mais do que vos reportardes ao que ficou dito nos comentários aos três primeiros Evangelhos.

CAPÍTULO V

Vv. 17-30

Ação incessante do pai. — Ação também incessante de Jesus. — Palavras deste aos Judeus que o acusam de se fazer igual a Deus, porque lhe chama seu pai. — Por essas palavras Jesus afirma, sob o véu da letra, sua inferioridade relativamente a Deus e se declara mero instrumento e ministro das vontades do pai. — Sua posição e seus poderes como Messias. — Quais os frutos que sua missão há de produzir

V. 17. Jesus então lhes disse: Meu Pai até agora não cessa de obrar e eu também obro incessantemente. — 18. Isso fez que os Judeus procurassem ainda com mais ânsia dar-lhe a morte, porquanto ele não só violava o sábado, como dizia que Deus era seu pai, fazendo-se assim igual a Deus. A vista disso Jesus lhes disse: — 19. Em verdade, em verdade vos digo que o filho nada pode fazer de si mesmo e não faz senão o que vê o Pai fazer; pois que tudo o que faz o Pai o filho também o faz semelhantemente. — 20. Porque, o Pai ama o filho e lhe mostra tudo o que faz e lhe mostrará obras ainda maiores do que estas e que vos maravilharão. — 21. Pois, assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, também o filho dá vida aos que quer. — 22. Pois, o Pai a ninguém julga, mas deu ao filho todo o poder de julgar, — 23, a fim de que todos honrem o filho como honram o Pai; aquele que não honra o filho não honra o Pai que o enviou. — 24. Em verdade, em verdade vos digo que o que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, esse tem a vida eterna e não incorre na condenação; ao contrário, já passou da morte à vida. — 25. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e já veio, em que os mortos ouvirão a voz do filho de Deus e os que a ouvirem viverão. — 26. Pois, assim como o Pai tem

a vida em si mesmo, também deu ao filho ter a vida em si mesmo. — 27. E lhe deu o poder de julgar, porque é o filho do homem. — 28. Não vos admireis disto, porquanto vem o tempo em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a voz do filho de Deus. — 29. E os que tiverem feito boas ações dali sairão, ressuscitando para a vida; porém, os que obraram mal sairão, ressuscitando para a condenação. — 30. Eu de mim mesmo nada posso fazer; assim como ouço, julgo; e o meu julgamento é justo, porque não busco fazer a minha vontade, mas sempre a vontade daquele que me enviou.

N. 15. Tudo prevendo e dispondo sempre com o objetivo do progresso do Espírito, Jesus aqui, como em tantas outras ocasiões, *velou* o seu pensamento, usando de uma linguagem *figurada*, o que era condição e meio de realização do progresso da humanidade. Essas palavras, por ele proferidas, tinham de servir para aquele momento e de preparar o futuro. Só haviam, portanto, de ser compreendidas, *em espírito e verdade*, pelas gerações vindouras, às quais *a nova revelação*, quando chegados fossem os tempos em que os homens se mostrassem capazes de suportá-la., as explicaria *segundo o espírito que vivifica*.

(V. 17.) Aos Judeus que o perseguiram com seu ódio por fazer ele curas em dia de sábado, diz Jesus: "*Meu pai até agora não cessa de obrar e eu também obro incessantemente.*" Dizendo isso, quis fazer-lhes compreender que não há dia de repouso para a prática do bem. Mas não é tudo. Sob o véu *da letra*, proclamou, por essas palavras, que a ação de Deus, do Deus uno, indivisível, pai de quem todas as coisas tiram o *ser*, criador incriado, é incessante no infinito e na eternidade; que ele, à semelhança de todos os outros messias, Espíritos puros como ele e, como ele, fundadores, protetores e governadores de planetas, também obra incessantemente, a exemplo do pai; que só este, porque é o Deus *único*, tem e exerce o poder

de criar; que, quanto a ele, o seu poder é o de *um ministro*; que, no exercício *de um ministério*, é que obra; que obra *como ministro* no desempenho da sua missão, começada com a formação do planeta terreno, tornada manifesta com o seu aparecimento na Terra e que continua a ser desempenhada com o escopo de vos levar à perfeição.

Proclamou também, sob o véu *da letra*, além da atividade incessante e eterna de Deus, a atividade incessante e eterna do Espírito, porquanto todo Espírito criado igualmente obra, por toda parte, no espaço, na erraticidade e nos mundos, em prol do progresso universal, da vida e da harmonia universais, conformemente ao grau que ocupe na escala da criação. A ação provém de Deus e se transmite dele aos puros Espíritos, que a comunicam aos Espíritos superiores e estes aos bons Espíritos, segundo a ordem hierárquica de elevação espírita, de grau de pureza.

(V. 18.) Ouvindo-lhe as palavras "*meu pai*", ditas com relação a Deus, ainda de mais ódio a Jesus se encheram os Judeus e com mais furor entraram a persegui-lo, acusando-o de se fazer, *assim*, igual a Deus.

Tomando aquelas palavras "*meu pai*" ao pé *da letra*, num sentido exclusivo, pessoal e privativo, eles se irritavam com a pretensão, que *imputavam* a Jesus, de se atribuir a si mesmo a divindade. E foi precisamente nessas palavras, com que tanto se escandalizaram os filhos de Abraão, que os cristãos se apoiaram para estabelecerem a divindade de Jesus. Por uma interpretação falsa, os Judeus atribuíram a Jesus aquela pretensão. Por uma outra interpretação humana, igualmente falsa, das palavras — "*meu pai*" — e "*filho de Deus*", os cristãos, tomando-as, por sua vez, em sentido *exclusivo, pessoal e privativo*, estabeleceram a divindade de Jesus.

Ainda aqui, como sempre, o Mestre tudo pre-

via e dispunha, objetivando o progresso do Espírito. As palavras que dirigiu aos Judeus tinham que servir para aquele momento e que preparar o futuro. Eram destinadas a só ser compreendidas *segundo o espírito que vivifica* pelas gerações vindouras, às quais a nova revelação, quando fossem chegados os tempos em que os homens se mostrassem capazes de suportá-la, as explicaria em espírito e verdade. Preciso era que, pela missão terrena de Jesus, tudo fosse apropriado aos tempos, às inteligências e às aspirações de cada época; que aquela missão se cumprisse por maneira a produzir os frutos que produziu no decurso da era cristã, graças ao véu *da letra*, à *capa do mistério*, ao *prestígio do milagre*, e a produzir os que "*o Espírito da Verdade*" vem fazê-la dar neste período preparatório do segundo advento do Cristo.

Ao passo que os Judeus o acusam de querer fazer-se igual a Deus, por haver dito, referindo-se a este: "*meu pai*", Jesus, pronunciando essas palavras, afirma, numa linguagem *velada e figurada*, a sua posição inferior relativamente a Deus, dependente deste, ao mesmo tempo que evidencia sua posição e seus poderes de Messias, de enviado de Deus.

O espírito vem iluminar a *letra* e mostrar que o Mestre proclamou *veladamente* a sua condição de Espírito fundador, protetor e governador do planeta terrestre, de encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, do progresso e do desenvolvimento da humanidade terrena, de encarregado de a levar à perfeição.

V. 19. O filho nada pode fazer de si mesmo.

Foi esta a resposta à acusação dos Judeus. Jesus, por essa forma, se declarou inferior ao pai e dependente dele. *Segundo o espírito que vivifica*, essas palavras têm um sentido mais dilatado, um alcance maior, como vos explicaremos dentro em

pouco, tratando do v. 30, no qual de novo se lêem estas outras palavras ditas pelo Mestre: "Eu *nada* posso fazer *de mim mesmo*."

Ele só faz aquilo que VÊ o pai fazer.

Em geral, o Espírito não tem sentidos, como os do corpo. Para o Espírito elevado, o pensamento é *luz*. Ora, para os *grandes Espíritos*, que se acham próximos do foco de toda vida e da onipotência, a vontade divina é *visível*. Eis porque Jesus diz que não faz senão o que vê o pai fazer. Quer dizer que ele nada faz que não seja da vontade do Senhor, *vontade* que ele vê logo que ela é.

Não vos equivoqueis acerca do termo *ver*. Quando dizemos *vê*, não pretendemos indicar que Jesus tenha uma simples intuição. Queremos significar a existência *de uma luz que lhe ilumina a inteligência*, como a todos os grandes Espíritos que se elevaram a essas puras regiões. *Para o Espírito*, o pensamento é um corpo visível e palpável e quanto mais puro é o Espírito, tanto mais *luminoso* se lhe torna o pensamento. Este é, *para o Espírito*, um corpo visível e palpável, *no sentido* de ser *conduzido e transmitido por uma corrente fluídica*. Deveis agora compreender que, para o puro Espírito, ele seja *a luz que lhe ilumina a inteligência por meio de uma corrente fluídica pura que parte de Deus*, constituindo o *veículo do pensamento divino*.

Não sabeis já que o fluido universal, em todos os seus estados de combinação e de transformação, é, na imensidade, o veículo do pensamento, sob a influência atrativa dos fluidos mediante os quais se estabelecem as relações, entre os Espíritos, por analogia de natureza, ou de espécie?

Tudo o que faz o pai, o filho também o faz semelhantemente.

Alusão à formação dos planetas, obra essa a que presidem os Espíritos puros. Deus, pela ação da sua vontade, cria os fluidos que de todos os lados o cercam e nos quais se contêm as essências espirituais e os germens donde saem os mundos e todos os reinos da natureza, para serem levados, segundo leis imutáveis e eternas, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, conforme já dissemos nos comentários aos três primeiros Evangelhos, explicando a origem do Espírito, suas fases e seus destinos (1º tomo, ns. 56 e seguintes).

Os Messias criam os mundos que se formam desses fluidos, *no sentido de que*, sob a vigilância e em obediência à vontade deles, é que tais fluidos se aglomeram por obra dos Espíritos prepostos que assistem os fundadores de planetas e trabalham, debaixo da direção deles, para que se efetue aquela aglomeração, donde há de sair a formação dos ditos planetas.

Nesse sentido e de acordo com o que acabamos de dizer a propósito do v. 19, é que: *tudo o que o pai faz o filho também o faz semelhantemente*, nada fazendo *de si mesmo* e só fazendo o que vê o pai fazer.

V. 20. O pai ama o filho e lhe mostra tudo o que faz.

O pai tem confiança no filho. *Porque este*, pelas suas obras, chegou à perfeição sideral e adquiriu o saber e a pureza que o colocaram em condições de *ver* e de *compreender*, e o pai, deixando que ele veja e compreenda, *lhe* mostra todos os atos que pratica como criador. Assim é que *lhe* comunica a previsão dos acontecimentos e dos progressos *que se hão de realizar*, planetários e humanos.

E lhe mostrará obras ainda maiores do que estas e que vos maravilharão.

Quando isso diz, alude Jesus aos acontecimentos e progressos que o pai lhe mostrará, isto é: que se *realizarão* por vontade do pai e por intermédio do filho, *não só* durante a sua missão terrena, *mas* principalmente depois dela. E os homens a quem o Mestre falava, a geração que então vivia se maravilhariam, porque de tais acontecimentos seriam testemunhas todos aqueles Espíritos. Testemunhá-los-iam, ou no estado de erraticidade, ou reencarnados, os que, dentre esses Espíritos, se achassem ainda presos ao globo terráqueo, nas épocas em que eles se verificassem. Quanto aos que, nessas épocas, por se terem purificado, já houvessem ascendido a mundos mais elevados, também seriam testemunhas dos mesmos acontecimentos e progressos, presenciando-os, ou das esferas superiores onde se encontrassem, ou da posição em que se achassem como Espíritos em missão na Terra, quer encarnados, quer errantes.

Mas, Jesus se dirigia a homens incapazes de lhe compreenderem, *segundo o espírito*, o pensamento. Forçoso era, portanto, que este se conservasse velado *pela letra*. Assim, aquelas palavras suas, para tais homens, também tinham por fim evidenciar-lhe a posição inferior e dependente com relação a Deus.

Foi o que eles não puderam e não souberam compreender, como não o puderam nem souberam as gerações, que se lhes seguiram, da era cristã, sob o império e o véu *da letra*, sob a capa *do mistério*, sob o prestígio do *milagre*.

V. 21. Pois, assim como o pai ressuscita os mortos e lhes dá a vida, também o filho dá a vida aos que quer.

Aqui, Jesus alude ao homem, ao Espírito encarnado. Esses "os mortos". Alude também à *vida espírita*. Essa a *vida*.

O pai ressuscita os *mortos* e lhes dá a *vida*.

Isso ele o faz com os Espíritos que faliram e que, em conseqüência, foram mandados para os tenebrosos lugares da encarnação. Esses são os que, *de tal maneira*, se acham espiritualmente "*mortos*". O pai os ressuscita e lhes restitui a *vida*, fazendo-os galgar a escala do progresso por meio das reencarnações expiatórias e das que, depois dessas, levam o *Espírito* à perfeição. É assim que o *Espírito ressuscita* e que a *vida* lhe é restituída, porquanto, desde então, tem ele, em definitiva, a *vida espírita*, que é a vida normal do *Espírito*, vida *que perdera*, falindo. O pai ressuscita o *Espírito* que ele criara puro e que "morrera" espiritualmente por haver *falido*, *dando-lhe os meios* de se purificar. A vida lhe é restituída, desde que, pelo progresso realizado, pela pureza e pela perfeição conquistadas, ele se tornou puro *Espírito*, não mais sujeito a encarnação alguma.

Assim, o filho dá a vida a *quem quer*, dando-a aos que se tornam capazes e dignos de a receberem, visto que a sua missão tem por objeto fazer que os *Espíritos* saiam dos sepulcros *de carne*, onde tanto se comprazem, e restituí-los à *vida espiritual*.

V. 22. Pois, o pai a ninguém julga.

O Senhor, na sua imutabilidade, espera, longânime, que pouco a pouco se aproximem os filhos que dele se afastaram. E todos acabarão certamente por ir a ele, pois que a lei do progresso, imutável como o próprio Deus de quem emana, é da essência mesma de tudo o que é. E o *Espírito*, obra da vontade divina, criado perfectível, com a consciência do bem e do mal, está inelutavelmente submetido a essa lei, quaisquer que sejam as oscilações, os desvios, os desvairamentos do seu livre-arbítrio.

Dizendo: "*O pai a ninguém julga*", Jesus se coloca no ponto de vista humano, no ponto de

vista donde os homens encaravam, e, na sua maioria, encaram ainda os atos espirituais, considerando o "juízo" como a decretação de uma sentença, precedida da exposição das faltas, de audiência dos Espíritos prepostos à defesa dos acusados, mesmo de requisitório, se for preciso, e de deliberação.

O juízo de Deus existe, *de fato*, porque, desde toda a eternidade, constitui lei tão imutável como as da gravitação, do fluxo e refluxo, da alternância do dia e da noite, e ainda mais imutável do que essas, no sentido de que a Terra pode passar e passa, sofrendo suas revoluções e transformações planetárias, sem que o Espírito retardatário lhe acompanhe a marcha ascensional; e no sentido de que a lei a que está sujeito o Espírito não passa, não passará nunca.

O juízo de Deus, porém, não existe *como ato*, como sentença formulada e aplicada em consequência de julgamentos parciais, proferidos com relação *a cada culpado*, após acalorados debates sobre seus crimes, faltas e delitos.

O juízo e sua aplicação estão, desde toda a eternidade, na lei de atração espiritual, lei imutável e eterna como o próprio Deus de quem emana e que, conforme o pendor de cada um, determina as relações entre os Espíritos, por efeito da influência atrativa dos fluidos, que a si mesmos se atraem uns aos outros, por analogia de espécies, de natureza. É essa a lei que, como sabeis, por meio dos fluidos magnéticos, religa todos os mundos no Universo, une todos os Espíritos, encarnados ou não, constitui o laço universal que os prende a todos, fazendo que formem um único ser, e os auxilia a subirem para Deus, conjugando-lhes as forças, determinando que os superiores trabalhem sem descanso pelo progresso dos inferiores.

O Espírito é quem livremente aplica a si mesmo essa lei, com a consciência, que Deus lhe outor-

gou, do bem e do mal, e ao julgamento da qual ele se acha inelutavelmente submetido.

O Espírito tem o livre-arbítrio. Cumpre-lhe a ele corrigir e reparar os transviamentos desse livre-arbítrio. É ao próprio Espírito que compete abrir para si o caminho que leva ao progresso e avançar por ele.

Se o anima o firme propósito de renunciar ao mal e de entrar na senda do bem, atrai a si as boas influências e se põe em relações com os bons Espíritos, encarnados e errantes, principalmente com estes, os quais, animados de idênticos pendores, dos mesmos sentimentos, o ajudam a progredir. Sob a inspiração e a proteção dos bons Espíritos, ele se adianta e o julgamento de Deus não o atinge.

Se, ao contrário, se compraz no mal e não atende às vozes amigas que o chamam para afastá-lo daí e fazê-lo enveredar pela senda do bem, o Espírito atrai a si as más influências e entra, inconscientemente, em relações com Espíritos maus, encarnados e errantes, com estes sobretudo, animados dos mesmos pendores e sentimentos que ele. Permanece então estacionário, porquanto o Espírito não retrograda, e o juízo de Deus o atinge.

O juízo de Deus é a ausência de progresso.

É a lei imutável do sofrimento que, cedo ou tarde, atinge o culpado, provocando-lhe o remorso. Imutável e, portanto, certa, inevitável, é, para o Espírito culpado, essa lei, como o são a consciência, que ele tem, do bem e do mal e, em face dessa consciência, a lei de perfectibilidade, ambas as quais de Deus emanam.

É o tempo que se escoar sem trazer ao Espírito melhora alguma, sem lhe satisfazer às aspirações. E o Espírito nem sempre aspira ao progresso, visto que também tende para o crime, para a preguiça, para a maldade, para a luxúria, a intemperança, o orgulho, a inveja, o egoísmo, a avareza. Pois bem! desde que seus desejos não são

satisfeitos, aí tendes a condenação que ele a si mesmo inflige, como consequência de seus pendores.

O juízo de Deus é, finalmente, a luta sem resultado em que o Espírito permanece, enquanto não toma o propósito firme de renunciar ao mal e de entrar na senda do bem. Porque, não podendo, na sua condição de culpado, caminhar para Deus, o Espírito se vê retido, pela influência atrativa dos fluidos que assimila, entre Espíritos inferiores, nas esferas *de expiação*, e constringido a *renovar suas* provas, até que estas o induzam a querer progredir, e a sofrer outras, até que haja realizado o progresso que isenta o ser espiritual de reencarnar nessas esferas.

Eis o que vos podemos dizer acerca do juízo de Deus. Guardai-vos de atribuir às coisas do mundo espiritual as mesmas intenções, as mesmas consequências que às do vosso mundo. Sereis induzidos em erro. Não temos meio de deixar de usar da vossa linguagem para que possais perceber atos que estão muito acima da inteligência do homem.

O "juízo" de Deus é uma locução humana que coloca o homem em condições de compreender que, sendo Deus a origem, a fonte de todas as coisas, dele procede tudo o que é. Se bem que impróprio, *debaixo de certos pontos de vista*, esse termo precisa ser mantido, por ser o *único* capaz de lembrar ao Espírito do homem a ação incessante da divindade sobre tudo o que existe. Sem essa expressão — "juízo de Deus" — à maior parte dos encarnados pareceria uma fatalidade, sem causa originária, sem razão de ser e talvez sem objetivo, a sorte dos Espíritos quando deixam a vida terrena. O "juízo de Deus" assina à sorte de cada um o valor que deve ter aos olhos de todos.

Mas deu ao filho todo o poder de julgar (v. 23), a fim de que todos honrem o filho como honram o

pai; aquele que não honra o filho não honra o pai que o enviou.

Estas palavras de Jesus, para serem bem compreendidas e completamente explicadas, têm que ser apreciadas juntamente com estas outras:

"Vós julgais segundo a carne, eu, porém, a ninguém julgo." (JOÃO, VIII, v. 15.)

Entre os homens, o julgamento é seguido de condenação. Assim, do ponto de vista humano foi que Jesus disse: "Vós julgais segundo a carne; eu, porém, a ninguém julgo."

Jesus espera, mas não condena. O homem é quem, por seus atos, se condena a si mesmo. O julgamento é o resultado das obras humanas, sua consequência inevitável. Nada há que não produza frutos, não o esqueçais. Tudo está em saber colhê-los a tempo. Jesus apenas aplica a lei. O Espírito culpado é quem livremente se julga a si mesmo e se condena.

Deste ponto de vista foi que ele disse: *"Mas o pai deu ao filho o poder de julgar."* Ele é quem vigia a marcha de cada um, quem apressa este, modera o ímpeto aventureiro daquele e ajuda todas as ovelhas entregues aos seus cuidados a trilharem a vereda que conduz ao aprisco.

A repressão dos Espíritos culpados não é um julgamento seguido de condenação, mas tão-somente um meio paternal de os reconduzir à senda do bem, *de os salvar de si mesmos*, forçando-os a que entrem *em expiação*, a fim de que se julguem e se condenem a si mesmos.

Neste sentido é que, como intermediário entre Deus e vós, Jesus recebeu do pai o poder de julgar, isto é: de presidir ao desenvolvimento e ao progresso dos homens, de os ajudar, por todos os meios, a se adiantarem, conformemente às faculdades e necessidades de cada um, "a fim de que honrem o filho como honram o pai."

Jesus é o tipo da moral que leva a Deus. O único meio de honrar o pai consiste em lhe seguir a lei. Não o honra todo aquele que não pratica a moral que a ele conduz. Assim sendo, não honra o pai aquele que não honra o filho, praticando a moral que este personifica, visto que essa moral não é doutrina do filho e sim do pai que *o enviou*.

V. 24. Em verdade, em verdade vos digo que o que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, esse tem a vida eterna e não incorre em condenação; ao contrário, já passou da morte à vida.

Aquele que consegue caminhar com bastante pureza pelas sendas de Jesus, de modo a não se desviar, e que, pois, obedece aos preceitos que conduzem a Deus, entra numa nova fase de progresso e de provações que o fazem adiantar-se para a perfeição. Esse não se acha sujeito a entrar *em expiação*. Passou, conseqüentemente, da morte "*à vida*", sob o ponto de vista do progresso e relativamente ao grau de purificação que alcançou, porquanto não está mais adstrito a permanecer ligado às esferas de expiação. Se o grau de sua purificação o comporta, pode ele ser libertado das provações materiais no planeta terreno e ficar isento de revestir um corpo de carne qual os vossos, corpo que, para ele, é, figuradamente, um sepulcro.

V. 25. Vem a hora, e já veio, em que os mortos ouvirão a voz do filho de Deus e os que a ouvirem viverão.

"*E já veio.*" Alusão aos profetas e missionários, isto é, aos Espíritos em missão ou enviados e aos "*justos*", que haviam encarnado antes da missão terrena do Mestre, os quais já então "*viviam*", no sentido de já estarem bastante purificados para se verem livres das provações mate-

riais na Terra e isentos, conforme ao grau de pureza alcançado, de tomar um corpo de carne idêntico aos vossos.

Eles "vivem", porque *ouviram a voz do filho de Deus*. Dizendo isso, Jesus alude à sua posição de Espírito protetor e governador do vosso planeta, de encarregado do desenvolvimento e do progresso da humanidade terrena.

Os "mortos", isto é, os encarnados, que *ouvirem a voz do filho de Deus*, "viverão". *Desse modo*, Jesus prediz e promete aos que, desde o tempo de sua missão até agora, houverem trilhado as suas sendas, como o fizeram os profetas, os Espíritos em missão, os justos, que o tinham precedido, e promete também aos que de futuro caminharem por aquelas sendas, libertarem-se das provações materiais na Terra e do corpo de carne da natureza dos vossos.

V. 26. Pois, assim como o pai tem a vida em si mesmo, também deu ao filho ter a vida em si mesmo.

Esta declaração ainda uma vez vos mostra a condição relativamente inferior e dependente em que Jesus se coloca às vistas de todos.

"O pai tem a vida em si mesmo", pois que tem em si todas as perfeições. *"Deu ao filho ter a vida em si mesmo"*, dando-lhe a possibilidade de adquirir todas as perfeições.

V. 27. E lhe deu o poder de julgar.

Já conheceis, *segundo o espírito que vivifica*, o sentido destas palavras, pelo que dissemos acerca do v. 22. O julgamento do Cristo não é coisa diversa da imprescritível aplicação que ele faz da lei a todo Espírito sujeito a humanizar-se: da lei do progresso, se o Espírito trata de se melhorar; da lei de estagnação, se persevera em suas faltas.

Porque ele é o filho do homem.

São figuradas estas expressões. Quer isso dizer: porque, mau grado à superioridade que adquiriu pelas suas obras, ele se acha em relações com os obreiros ainda presos à obra que se executa sob a sua suprema direção.

V. 28. Não vos admireis disto, porquanto vem o tempo em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a voz do filho de Deus.

Tempo vem em que todos os que estão nos sepulcros, isto é, todos os encarnados, visto que os vossos corpos de carne são sepulcros para os vossos Espíritos, ouvirão a voz do filho de Deus.

Aludia Jesus, em mente, aos frutos que a sua missão terrena havia de produzir, ao desempenho das missões que os apóstolos traziam, ao cumprimento de suas promessas pelo Espírito da Verdade e à época de sua segunda vinda.

V. 29. E os que tiverem feito boas obras sairão dali (dos sepulcros), ressuscitando para a vida; porém, os que obraram mal sairão, ressuscitando para a condenação.

Ainda expressões *figuradas*; sempre a mesma ordem de idéias. Os que hajam progredido serão chamados *a prosseguir* na marcha ascensional, ou no vosso planeta, *ou* em mundos superiores, conforme ao grau alcançado de purificação. Os culpados endurecidos, esses serão conservados nas esferas inferiores, aí reencarnarão, de acordo com o grau de culpabilidade que apresentem, com as condições em que devam sofrer a expiação e com as exigências do progresso que tenham de realizar.

Os túmulos são sempre os corpos de carne, verdadeiros sepulcros para o Espírito. A "ressurreição para a vida" é o renascimento, a reencarnação, mediante os quais o Espírito reinicia a

marcha ascensional pela via do progresso. A "ressurreição para a condenação" é o renascimento, a reencarnação, pelos quais o Espírito repete suas provas "nos mundos de expiação", recomeça a obra mal feita.

V. 30. Eu de mim mesmo nada posso fazer.

Jesus nada pode fazer *de si mesmo*, porque se limita a aplicar a lei universal e imutável da reencarnação e das provas, executando assim os decretos eternos, a vontade imutável do pai, regulando os efeitos e as conseqüências do livre-arbítrio do homem, o uso que este faz desse livre-arbítrio e classificando o Espírito para o renascimento, de acordo com o *seu estado fluídico*, isto é, classificando o que venceu a prova, na condição correspondente às suas faculdades e à sua aptidão para progredir; classificando o culpado, na condição correspondente à necessidade que tem de reparar e de progredir.

Assim como *ouço* julgo e o meu julgamento é justo, porque não busco fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.

Não tomeis a palavra *ouvir* no sentido que lhe dá a faculdade humana da *audição*. Tais distinções não existem para o Espírito puro, cujas sensações e percepções se verificam *em todo o seu ser*, sem que ele tenha *nenhum sentido material e especial*.

Jesus julga, poder-se-ia dizer, porque *ouve* e vê, uma vez que a lei imutável do progresso, ou a do estacionamento, ele só as aplica em conseqüência dos *pensamentos* e dos *atos* dos encarnados. E seu juízo é justo, porque não busca fazer a sua vontade, mas a vontade daquele que o enviou, isto é: fiel à inspiração que recebe diretamente de Deus, só faz a vontade de Deus, executando suas leis universais, imutáveis e eternas.

CAPÍTULO V

Vv. 31-38

*Jesus tem um testemunho maior do que o de João.
Dele deu testemunho o pai, que o enviou.
Suas obras é que dão testemunho dele*

V. 31. Se sou eu que dou testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro. — 32. Outro é o que de mim dá testemunho e sei que é verdadeiro o testemunho que de mim ele dá. — 33. Enviaste mensageiros a João e ele deu testemunho da verdade. — 34. Eu, entretanto, não é de homem que recebo testemunho; digo-vos, porém, estas coisas a fim de que sejais salvos. — 35. Ele (João) era uma lâmpada que ardia e alumia e vós quisestes exultar por algum tempo com a sua luz. — 36. Mas, testemunho maior eu tenho do que o de João; porquanto as obras que meu pai me concedeu fazer, as obras mesmas que eu faço, elas são que de mim dão testemunho e de que é meu pai quem me enviou. — 37. E meu pai, que me enviou, ele mesmo deu testemunho de mim. Nunca lhe ouvistes a voz, nem nada vistes que o representasse. — 38. E a sua palavra em vós não permanece, porque não credes naquele que foi por ele enviado.

N. 16. Pela obra é que se reconhece o obreiro e quem o emprega.

(Vv. 31, 32 e 33.) Jamais deve o homem apresentar-se como modelo. Deve, sim, de modelo servir. Só as obras que pratique, os exemplos que dê podem e devem testificar a seu favor. Esses os únicos testemunhos *verdadeiros* que o homem pode dar de si mesmo. Os outros, não ele próprio, é que devem dar dele testemunho.

Tal o ensino que decorre destas palavras do Mestre: "Se sou eu que dou testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro."

E, tendo dito: "Outro é o que de mim dá testemunho", acrescenta: "E sei que é verdadeiro o testemunho que de mim ele dá."

Atesta, assim, que tem consciência exata da sua origem e certeza do futuro, do ponto de vista da missão que recebeu do pai e que lhe cumpre desempenhar. Mostra que, sob o invólucro corporal que tomou para se tornar visível aos olhares humanos, seu Espírito conserva a independência e a liberdade.

(Vv. 34, 35 e 36.) No que disse aos Judeus que o foram interpelar, João deu testemunho da verdade, declarando não ser o Cristo, ser apenas seu precursor. De Deus é que Jesus recebe o testemunho da sua missão de enviado celeste.

"Digo-vos, porém, estas coisas a fim de que sejais salvos." Os que creram na sua missão foram postos em condições de se *salvarem*, isto é, de lhe ouvirem com confiança e fé a palavra, os ensinamentos, e de caminharem pelas suas sendas.

João era um Espírito superior em missão. Os Judeus lhe escutaram a palavra como sendo a de um profeta, de um enviado de Deus. Mas a sua missão era *preparatória* e, como tal, pouco tempo devia durar. O Precursor tinha que se apagar diante do Cristo, tinha que ver terminada a missão que trouxera, quando Jesus começasse a desempenhar publicamente a sua.

Jesus tem um testemunho maior do que o de João (v. 36).

Esse testemunho dão-no os atos que lhe fora concedido praticar, o poder que lhe foi conferido, os *"milagres"* que realizou. Estes testemunharam ser ele o enviado do pai.

"E o pai, que me enviou, ele mesmo deu testemunho de mim."

Por essas palavras Jesus alude às manifestações espíritas que se produziram quando, pelo Precursor, ele foi batizado às margens do Jordão e quando se transfigurou no Tabor. Em ambas essas manifestações, como sabeis, uma voz se fez ouvir, dizendo: "*Este é o meu filho bem-amado, em quem hei posto todas as minhas complacências; escutai-o.*"

E Jesus acrescenta (v. 37):

"Nunca lhe ouvistes a voz, nem nada vistes que o representasse."

Duplo sentido encerram essas palavras do Mestre e duplo objetivo tinha ele em mente ao proferi-las: fazer notar aos Judeus, ali então presentes, que não haviam presenciado essas manifestações espíritas verificadas às margens do Jordão e no Tabor, assinalando assim a importância delas; e, além disso, comprovar, *segundo o espírito que vivifica*, dando um ensinamento, que Deus nunca se manifesta pessoalmente aos homens, como sabeis e nós temos dito.

V. 38. E a sua palavra em vós não permanece, porque *não* credes naquele que *foi por* ele enviado.

Jesus, perante os homens, era o órgão de Deus, sua palavra era a palavra de Deus. Não crendo os Judeus na sua missão e, ainda mais, repelindo-lhe a moral, os ensinamentos, os exemplos, neles não ficava a palavra de Deus. Em seus corações só tinham guardada os preconceitos, os vícios e as paixões que os dominavam.

Se, por ignorância ou escrúpulo, mas de boa-fé, houvessem renegado a missão de Jesus, crendo, entretanto, na moral que ele personificava e praticando-a, tal qual se cresse na sua missão, teriam sido, não *de nome*, porém *de fato*, seus discípulos, como o foram os profetas e os justos em Israel, antes da sua vinda à Terra.

Até aos vossos dias assim foi e ainda é. São *de fato* discípulos de Jesus todos aqueles que, sejam Judeus ou Gentios, sejam quais forem suas crenças, sejam quais forem as seitas a que pertençam, *procedem como* se cressem nele, praticando a moral que resume o mandamento divino em que se encerram toda a lei e os profetas, embora, na *presente* encarnação, lhe reneguem o nome.

Dissemos — "na *presente* encarnação". É que, na encarnação *atual*, tomando para exemplo um Judeu, o fato de ele renegar o nome do Mestre pode ser fruto de preconceitos e do meio onde nasceu e vive, desde que, por efeito de *precedente* encarnação, tem a maneira de *proceder como se cresse* em Jesus.

CAPÍTULO V

Vv. 39-47

As Escrituras dão testemunho de Jesus. — Aquele que crê em Moisés crê em Jesus

V. 39. Lede atentamente as Escrituras, vós que julgais ter nelas a vida eterna: são elas mesmas que de mim dão testemunho. — 40. Mas não quereis vir a mim para terdes a vida. — 41. A minha glória não é dos homens que me vem. — 42. Mas eu vos conheço e sei que não tendes em vós o amor de Deus. — 43. Vim em nome de meu Pai e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, recebê-lo-eis. — 44. Como podeis crer, vós que requestais a glória que uns aos outros dais e não buscais a glória que só de Deus vem? — 45. Não julgueis seja eu quem vos acusará perante o Pai; tendes um acusador, que é Moisés em quem esperais. — 46. Porque, se cresceis em Moisés, certamente também crerieis em mim, pois de mim foi que ele escreveu. — 47. Se, porém, não credes no que ele escreveu, como haveis de crer no que vos digo?

N. 17. Estes versículos são de si mesmos compreensíveis e ainda de mais fácil compreensão diante das explicações que vos temos dado.

(Vv. 39, 40 e 41.) Mostra Jesus que, de acordo com as interpretações dadas às palavras de Moisés e dos profetas, ele é o Messias prometido aos Hebreus e faz sentir que os Judeus não o recebem por *não ser dos homens que lhe vem a glória, isto é, por não ser ele um libertador material*. Viera dar-lhes a vida *espiritual*; os Judeus, porém, não o procuravam para tê-la.

Mas eu vos conheço e sei que não tendes *em* vós o amor de Deus.

Dessa forma declara Jesus que lê os pensamentos dos que o ouviam e os conhece. Fazendo essa declaração, afirma as suas faculdades extra-humanas e a *consciência que delas tem*. Afirma, portanto, a sua natureza e a sua origem também *extra-humanas*.

(Vv. 43 e 44.) Estes versículos se traduzem assim: "Sou o enviado de Deus e não me recebeis. Se outro vier em seu próprio nome e se vos apresentar na qualidade de libertador material, recebê-lo-eis. Como podeis *crer*, isto é, *aceitar a minha missão, que é toda espiritual, e caminhar nas minhas sendas*, se o que buscais é a independência e a glória na vida *material*, se não buscais a glória que só de Deus *vem*: a vida *espiritual*?"

V. 45. Não julgueis seja eu quem vos acusará perante o pai; *tendes um acusador, que é Moisés em quem esperais*.

Tinham eles seguido pura e fielmente a lei de Moisés? Não, tanto que Jesus *já* lhes dissera: "Eu vos conheço e sei que não tendes *em vós o amor de Deus*."

(Vv. 46 e 47.) Se credes em Moisés, certamente em mim também creíeis. — Se, porém, não credes no que ele escreveu, como haveis de crer no que vos digo?

Moisés anunciara a vinda do Messias, do Cristo. Proclamara e prescrevera aos Judeus o amor de Deus e do próximo como de si mesmo, o que implica e compreende a observância do Decálogo.

Crer em Moisés e no que ele escrevera era crer na missão de Jesus, era obedecer pura e fielmente à lei que o Mestre estendera a todos os homens, Judeus e Gentios, preceituando aquele duplo amor e declarando que esse preceito encerra *toda a lei e os profetas*.

"Se cresceis em Moisés, que anunciou a minha vinda como Messias, também creíeis em mim quando vos digo que sou o Messias, que de mim foi que ele escreveu. Se não acreditais no que ele escreveu, isto é, se não obedeceis pura e fielmente à sua lei, observando o Decálogo, praticando o amor de Deus e do próximo como de si mesmo, de que modo creíeis no que vos digo eu, que vos venho reconduzir à prática pura e simples dessa lei, guiando-vos para as sendas da luz, da justiça, da caridade e da verdade? De que modo haveis de receber a minha palavra e seguir os meus ensinamentos e exemplos?"

Estas palavras de Jesus aos Judeus: "Não julgueis seja eu quem vos acusará perante o pai; tendes um acusador, que é Moisés em quem esperais", são de molde a provar aos homens, de lhes ensinar, e esse foi, segundo o espírito que vivifica, o objetivo com que o Mestre as disse, que, sejam quais forem suas crenças, seus cultos, sejam eles judeus, cristãos ou muçulmanos, Judeus ou Gentios, seus atos é que, perante Deus, testificarão pró ou contra eles.

Moisés, como se sabe, disse: "E TODAS AS NAÇÕES DA TERRA SERÃO BENDITAS NAQUELE QUE DE TI SAIRÁ (referindo-se a Abraão), porque obedeceste à minha voz." (*Gênese*, cap. XXII, v. 18.) — "O cetro não será tirado a Judá, nem o príncipe de sua posteridade, até que tenha vindo aquele que há de ser enviado e em quem todas as nações esperarão." (*Gênese*, cap. XLIX, v. 10.) E disse mais, no *Deuteronômio*, cap. XVIII, v. 15: "O Senhor teu Deus te suscitará um profeta como eu, da tua nação e dentre teus irmãos; É A ELE que escutarás." E, no v. 18: "*Do meio de seus irmãos eu lhes suscitarei um profeta semelhante a ti e na boca lhe porei as minhas palavras e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar.*"

Diante dessas palavras e do que disse Jesus segundo os vv. 39, 45 e 46, acima transcritos, SERÁ ACER-

TADO entender-se que, mandando se reportassem os Judeus ao que dele escrevera Moisés, portanto, aos trechos que vimos de citar, Jesus tinha em mente proscriver a divindade que lhe atribuísem, excluir a possibilidade de suporem ser ele DEUS e que, ASSIM, condenou *de antemão* a divindade que os homens, que as interpretações humanas lhe atribuíram?

Certamente. Porém, notai que Jesus não manda que os Judeus se reportem *somente ao* que dele escreveu Moisés, mas a tudo o que a seu respeito haviam escrito *Moisés e todos os profetas*, porquanto o que ele disse foi: "Lede atentamente *as Escrituras*, vós que julgais ter nelas a vida eterna; *são elas mesmas que* de mim dão testemunho."

Por Jesus e com Jesus também nós vos dizemos: Lede atentamente as Escrituras, tanto as da antiga lei, quanto as da lei nova. Naquelas encontrareis: *intencionalmente* velada, por ter de servir às interpretações humanas, de conformidade com as necessidades dos tempos, com as condições e os meios de realização do progresso humano, com o estado das inteligências e as aspirações da época, a revelação feita por intermédio de Moisés e dos profetas, anunciando o Messias, preparando o advento de Jesus, seu aparecimento e o modo por que este viria a dar-se, assim como a missão que desempenharia; preparando os caminhos que levariam ao desempenho dessa missão, *tal qual foi desempenhada*, e às conseqüências que havia de produzir, segundo o curso dos acontecimentos que a ela presidiram e segundo as interpretações humanas; preparando as bases, os elementos e os meios de verificar-se a revelação que havia de ser feita pelo anjo a Maria e a José para o aparecimento de Jesus; as bases, os elementos e os meios de realização da obra da sua missão e da continuação dessa obra. E vereis que tudo isso tinha de ser preparado e o foi, de um duplo ponto de vista: do da transição, que era

mister se executasse sob o império e o véu *da letra*, a capa do *mistério*, o prestígio do *milagre*; e do aparelhamento das bases, dos elementos e dos meios apropriados à revelação futura do Espírito da Verdade, a verificar-se nos tempos da era nova do Cristianismo *do Cristo*, da era espírita que se inicia.

Lede com cuidado as Escrituras da lei antiga; reportai-vos a todos os textos que recomendamos em o n. 1 e vereis que, com o objetivo *dessa transição*, que tinha de ser e foi disposta e operada, a revelação hebraica apresentou o Messias prometido, o Cristo, como um ser excepcional, com uma origem, uma natureza ao mesmo tempo humanas e extra-humanas, milagrosas, divinas, *ao ver dos homens*. Apresentou-o com uma origem e uma natureza humanas, indicando que ele sairia da posteridade de Abraão, da casa de David, que seria um filho de David, um profeta semelhante a Moisés, mas que também seria "aquele em quem todas as nações da Terra serão benditas", aquele de quem Deus disse, por intermédio de Moisés: "É a ele que escutareis." Apresentou-o com uma natureza, uma origem extra-humanas, uma origem, uma natureza, *ao ver dos homens*, milagrosas, divinas, dando-o como um prodígio concedido à casa de David, como concebido e gerado no seio de uma virgem, como o Senhor de David, gerado por Deus, filho do Altíssimo, filho de Deus, conforme se vê destes tópicos: "Eu te gerei hoje" — "és meu filho" — "Serei seu pai e ele será meu filho"; dando-o ainda como tendo fundado a terra e os céus, cumprindo notar que estes, *para os Hebreus*, eram um acessório integrante da terra.

Lede as Escrituras da lei antiga, reportai-vos a todos os textos que citamos em o n. 1 e verificareis que, tendo em vista aparelhar as bases, os elementos e as meios da futura revelação do Espírito da Verdade, a produzir-se na era nova

do Cristianismo *do Cristo*, na era espírita que se inicia, a revelação hebraica apresentou *veladamente* o Messias prometido, o Cristo, como sendo *sem pai, sem mãe, sem genealogia*, semelhante nisto a Melquisedec que foi ao encontro de *Abraão* e o abençoou, recebendo deste o dízimo de tudo; como tendo Deus, por não haver querido *hóstia nem oblata*, formado para ele um corpo, a fim de que fizesse a sua entrada no mundo; como não tendo começo de sua vida nem termo de seus dias; como sendo pontífice eterno, sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedec, não por efeito de uma sucessão carnal, mas pelo poder da sua vida imortal, vida que ninguém lhe pode tirar — *vitae insolubilis*. Verificareis que o apresentou como sendo aquele a quem, pelo órgão dos profetas, foi anunciado: "És meu filho" — "oh! Deus" — "Deus, teu Deus"; mas que também o apresentou como *irmão* dos homens, como "*Deus*" e "filho do Altíssimo", tal qual os homens, pondo-lhe na boca estas palavras: "Anunciarei teu nome a meus irmãos" e registando estas outras dirigidas aos homens: "Deus tomou assento na assembléia dos Deuses e julga os Deuses." — "*Sois Deuses e todos sois filhos do Altíssimo*", mostrando assim que o Deus *do filho* é o Deus *dos Deuses*, o *único* eterno, o Deus de Israel, o Deus do monoteísmo e que o filho o é do Deus *dos Deuses*. Ele, porém, é *santo, inocente, sem mácula, distinto* dos pecadores, fundou a Terra e tem o encargo de a governar. Sob esse aspecto é que, *com relação a vós*, Espíritos falidos e que por isso vos achais nos tenebrosos lugares da encarnação humana, lhe cabe o título de "filho único do pai".

Lede atentamente as Escrituras da lei nova e vereis Jesus aparecendo na Terra e desempenhando a sua missão, conformemente ao que fora preparado e disposto pela revelação hebraica.

Vereis que, graças à revelação feita pelo anjo

a Maria e a José, em condições e circunstâncias tais que ficasse, como ficou, em segredo durante todo o tempo da sua missão terrena, o aparecimento de Jesus se deu por maneira que, enquanto durou aquela missão, ele teve, *aos olhos dos homens*, paternidade e maternidade humanas, como descendendo de David, e, concluída aquela missão, passou, *também segundo o modo de ver dos homens*, a ser fruto de maternidade milagrosa, divina, porque concebido e gerado *por obra do Espírito Santo* que, para os Judeus, era o *próprio Deus* a se manifestar *por um ato qualquer*.

Vê-lo-eis, durante a sua missão, tido *pelos homens* como filho de José e de Maria, filho, pois, de Abraão, filho de David, por descendência; como um homem *igual aos outros*; como um profeta semelhante a Moisés; e o vereis declarar-se profeta e também filho de Deus, chamar-lhe *seu pai* e ao mesmo tempo chamar *seus irmãos* aos seus discípulos, dizer-lhes, com relação a Deus: "*Meu pai e vosso pai, meu Deus e vosso Deus*" e dizer, dirigindo-se a Deus: "*Tu, que és o único Deus verdadeiro.*"

Vê-lo-eis fazendo tudo o que era necessário para que acreditassem na natureza humana que lhe foi atribuída e, *ao mesmo tempo*, por seus atos e palavras, sob o véu *da letra*, sob a capa *do mistério*, sob o prestígio *do milagre*, preparando pouco a pouco os homens para, concluída a sua missão terrena e quando pudesse ser divulgada com oportunidade e proveito, entrarem no conhecimento da revelação que o anjo fizera a Maria e a José e que até então se conservou secreta, acerca da sua natureza, da sua origem extra-humanas, "*milagrosas, divinas*", *como obra do Espírito Santo*. Vereis que essa revelação, *intencionalmente* velada, estava destinada a servir de base às interpretações humanas, para o fim de operar-se a transição, que cumpria fosse prepa-

rada e executada, de acordo com as necessidades e aspirações da época, com as condições e meios de realização do progresso humano e com o estado das inteligências.

Vê-lo-eis a velar, *também propositadamente*, suas *palavras* e a dispor tudo para que aquela transição se efetuasse, como condição e meio de progresso, por maneira a servir àquela época e ao futuro sob o império e o véu *da letra*, a *capa do mistério*, o *prestígio do milagre*, ao mesmo tempo que preparava as bases, os elementos e os meios da revelação vindoura, por ele predita e prometida, do "Espírito da Verdade" precursora do seu segundo advento, igualmente predito e prometido. Essa revelação é a atual *revelação da revelação*, que vem substituir *a letra pelo espírito que vivifica* e fazer que os homens compreendam que o primeiro aspecto, o humano, por efeito de humana descendência, que as duas revelações veladas, a da antiga lei e a da lei nova, lhe emprestaram, era transitório e circunstancial, mas necessário a preparar os homens e a trazê-los aos dias de hoje, à aurora do advento "do *espírito*". É a nova revelação, que vem explicar, *em espírito e verdade*, quando os homens se tornarem capazes de a suportar, a natureza e a origem espirituais de Jesus, sua posição espírita relativamente a Deus e ao planeta terreno, seus poderes e sua missão, sua natureza extra-humana, seu aparecimento na Terra e o modo por que se deu esse aparecimento, conforme às leis da natureza, para desempenhar a sua missão, todos os fatos qualificados de "*milagrosos*", que ele praticou entre os homens, o sentido e o alcance de suas palavras, de seus atos, ensinamentos e exemplos, visando o progresso do Espírito e tendo por fim ensinar os homens a *viverem* e a *morrerem*.

Mas, *não* é de prever que muitos se prevaleçam

destas palavras do *Gênese*: "*Naquele que de ti sairá*", falando de Abraão, e destas outras do *Deuteronômio*: "*Um profeta como eu, um profeta semelhante a ti*", para contestarem a natureza extra-humana de Jesus, tal como é agora revelada?

Os que assim procedam abrirão exceção na revelação da lei antiga e na da lei nova. Mas, não lhes é lícito dividi-la, admiti-la numa parte e rejeitá-la em outra. Ora, dessas duas revelações, *intencionalmente veladas*, repetimos, *uma* fala do Messias prometido, *a outra* apresenta Jesus como a personificação do Messias e fala do seu advento, atribuindo-lhe origem ao mesmo tempo humana e extra-humana, "*milagrosa*", "*divina*".

As palavras de Moisés *no Gênese* e *no Deuteronômio* encerram apenas um dos aspectos, uma das faces da revelação da lei antiga, transitória e circunstancial, conforme o temos dito, mas necessária, como condição e meio de progresso, a preparar a revelação da lei nova, que havia de conduzir os homens aos dias de hoje.

A discussão sobre esse ponto tem que se travar e se travará. Porém, um momento de reflexão bastará para compreenderdes que Moisés não podia anunciar aos Hebreus um fato *que eles não perceberiam* e que, na condição de encarnado, o próprio Moisés não *podia*, nem *tinha* que compreender. Fazer o contrário fora desvendar-lhe a missão de Jesus e levá-lo a semear o *bom grão* em campos onde ainda só *ao joio* era possível crescer. Cada época tem os seus missionários. Moisés era *inspirado*, não há dúvida, mas, *por isso mesmo*, não dizia senão o que *convinha* que dissesse. Como encarnado, não tinha consciência do que havia de ser o Messias, nem do ponto de vista da missão que desempenharia, nem do de seu aparecimento e do modo por que este se daria na Terra. O mesmo sucedeu com os profetas que surgiram depois de Moisés e que revelaram

a natureza extra-humana, "milagrosa", "divina", do Messias. Eram *inspirados*, como Moisés o fora; mas, *por isso mesmo*, também não diziam senão o que *convinha* que dissessem, nenhuma consciência tendo igualmente, como encarnados, do que havia de ser o Messias, nem do modo por que se daria o seu aparecimento na Terra. Nem mesmo os que tinham de assistir a esse aparecimento e ao desempenho daquela missão deviam compreender uma e outra coisa. Só nos tempos atuais é que teriam de ser explicadas, como o faz a nova revelação. A cada época, a cada era, só é dado o que ela pode comportar.

Não sabeis que as revelações são sucessivas e progressivas, apropriadas às condições e aos meios de progresso das gerações humanas, de maneira a guiá-las em sua marcha ascensional? Não sabeis que cada uma prepara a que se lhe há de seguir?

Não devendo ser por eles compreendida a revelação *velada* da antiga lei, os Hebreus, por efeito das interpretações humanas a que ela deu lugar, entenderam que o Messias seria um libertador material, que lhes viria restituir a independência e restaurar a nacionalidade, restabelecer sobre todas as nações da Terra o império de Israel.

De outro lado, não devendo a revelação da lei nova ser compreendida pelos "cristãos", estes, por efeito das interpretações humanas a que a sujeitaram em face da que a precedera, viram no Cristo, no Messias que, prometido, viera, primeiramente um homem revestido do corpo material humano como os demais e, como os outros, sujeito à morte; depois, atribuindo-lhe a divindade, considerando-o parte destacada, se bem que *inseparável*, do Deus uno, igual a este, viram nele um Deus, o próprio Deus *milagrosamente* encarnado.

Finalmente, indo buscar sua base, seus elementos e meios nas revelações *veladas* que a precederam e explicando-as *segundo o espírito que vivifica*, a nova revelação, graças à ciência do magnetismo e à ciência espírita, que Deus fez reviver, fazendo-as ressurgir às *vistas de todos*, e graças a tudo o que elas vos têm revelado, vem mostrar Jesus tal qual ele é, *em espírito e verdade*: Espírito que, provindo, em sua origem, do mesmo ponto de partida que vós outros, se conservou puro na via do progresso e chegou à perfeição sideral, se tornou, sem jamais haver falido, puro Espírito; Espírito, portanto, de pureza perfeita e imaculada, Espírito cuja perfeição se perde na noite das eternidades; vosso *irmão*, fundador, protetor e governador do planeta terrestre, encarregado do vosso desenvolvimento, do vosso progresso, de vos levar à perfeição. Essa nova revelação vos vem explicar ainda, *em espírito e verdade*, a concepção, a gravidez e, conseqüentemente, a gestação e o parto de Maria, como obras do "Espírito Santo", o aparecimento de Jesus na Terra e o modo por que se operou esse aparecimento, de conformidade com as leis da natureza, tomando ele um corpo fluídico, tangível, aparentemente igual ao corpo humano, formado, não mediante derrogação das leis naturais, mas de acordo com essas leis, com suas aplicações e apropriações.

CAPÍTULO VI

Vv. 1-15

*Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes.
Jesus, sabendo que dele querem apoderar-se
a fim de o fazerem rei, se retira para o
monte, sozinho*

V. 1. Depois disto, passou Jesus à outra banda do mar da Galiléia, que é o lago de Tiberíades. — 2. Seguia-o grande multidão de gente, porque viam os milagres que ele operava nos que se achavam enfermos. — 3. Jesus subiu a um monte e ali se sentou com seus discípulos. — 4. Ora, estava próximo o dia da Páscoa, que é a grande festa dos Judeus. — 5. Como, levantando os olhos, visse uma grande multidão que com ele vinha ter, disse a Filipe: Onde compraremos pão para dar de comer a essa gente? — 6. Isso, porém, Jesus dizia apenas para o experimentar, pois bem sabia o que havia de fazer. — 7. Filipe lhe respondeu: Duzentos denários de pão não bastariam, para que cada um recebesse um pouco. — 8. Um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, lhe disse: — 9. Está aqui um rapazinho que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isso para tanta gente? — 10. Disse-lhe Jesus: Fazei que se assentem. Havia naquele lugar muito feno. Sentaram-se todos, em número aproximado de cinco mil pessoas. — 11. Jesus tomou então dos pães e, tendo dado graças, os distribuiu pelos que estavam sentados; e dos peixes lhes deu quanto eles quiseram. — 12. Saciados todos, disse Jesus a seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram, a fim de que não se percam. — 13. Os discípulos os recolheram e encheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram aos que haviam comido. — 14. Tendo visto o milagre que Jesus fizera, toda aquela gente dizia: Este é verdadeiramente o profeta que tinha de vir ao mundo. — 15. Como, porém, percebesse que o viriam arrebatado para o fazerem rei, Jesus se retirou de novo, a sós, para o monte.

N. 18. O fato da multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes já vos foi explicado no comentário aos três primeiros Evangelhos³⁷. O que então se vos disse tem inteira aplicação aqui. As narrações evangélicas se explicam e completam reciprocamente.

Quanto aos cestos, repetimos o que então dissemos: os discípulos, depois de terem feito o que Jesus mandara, os deixaram lá e com eles não mais se ocuparam. Não se tratou mais disso.

Com relação ao que a narração evangélica refere, dizendo que Jesus, como percebesse que a multidão que presenciara o fato qualificado de "milagre" o queria arrebatár para fazê-lo rei, se retirou de novo, a sós, para o monte, temos a dizer-vos o seguinte: Sabeis a que móvel, a que intento obedeciam os Judeus que pensavam em fazê-lo rei. Queriam que ele fosse um libertador material. Jesus, entretanto, havia dito: "Meu reino por agora não é deste mundo."

Sabeis igualmente, pois também já o temos explicado muitas vezes, o que era feito de Jesus quando longe das vistas humanas, quando *supunham* que ele se retirara para o deserto ou para o monte.

³⁷ Ver: 29 tomo, n. 173, págs. 373-379.

CAPÍTULO VI

Vv. 16-24

Jesus caminha sobre o mar

V. 16. Quando veio a tarde, seus discípulos desceram para o mar. — 17. Meteram-se numa barca e atravessaram o mar em direção a Cafarnaum. Era já noite e Jesus não tinha ido reunir-se-lhes. — 18. E o mar se empolava por causa do vento rijo que soprava. — 19. Tendo navegado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, deram com Jesus que caminhava por sobre o mar, aproximando-se da barca, e ficaram apavorados. — 20. Jesus, porém, lhes disse: Sou eu, não tendes medo. — 21. Eles então se dispuseram logo a recebê-lo na barca e esta chegou imediatamente ao lugar para onde iam. — 22. No dia seguinte, o povo, que ficara do outro lado do mar, notou que lá não havia na véspera senão uma só barca e que Jesus não entrara nela com os discípulos, que estes tinham ido sós. — 23. Outras barcas, entretanto, chegaram de Tiberíades, perto do lugar onde comeram o pão, depois de o Senhor haver dado graças. — 24. Quando, enfim, a multidão viu que Jesus não estava ali, nem seus discípulos, entrou nessas barcas e foi para Cafarnaum à sua procura.

N. 19. O fato de Jesus caminhar por sobre o mar também já vos foi explicado no comentário aos três primeiros Evangelhos. (2º tomo, n. 174, págs. 380-386.) Reportai-vos a essas explicações. Ainda aqui, como sempre, as narrações evangélicas, relativamente ao mesmo fato, se completam umas pelas outras.

CAPÍTULO VI

Vv. 25-40

A moral que Jesus personifica é a fonte de todo progresso e a senda que leva à perfeição. Ela conduz à libertação das encarnações materiais

V. 25. Ao encontrarem-no do outro lado do mar, perguntaram-lhe: Mestre, quando chegaste aqui? — 26. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade vos digo que me buscais, não por causa dos milagres que vistes, mas porque comestes dos pães que vos dei e ficastes fartos. — 27. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que se conserva para a vida eterna e que o filho do homem vos dará, porque nele foi que o Pai, que é Deus, imprimiu o seu selo. — 28. Perguntaram-lhe eles: Que havemos de fazer para obrarmos as obras de Deus? — 29. Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creais naquele que ele enviou. — 30. Perguntaram-lhe então: Que milagre obrarás tu para que, vendo-o, te creiamos? que de espantoso farás? — 31. Nossos pais comeram o maná no deserto, conforme está escrito: Deu-lhes de comer o pão do céu. — 32. Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; meu Pai é quem dá o verdadeiro pão do céu. — 33. Porque, o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá a vida ao mundo. — 34. Disseram-lhe então: Senhor, dá-nos sempre desse pão. — 35. Jesus lhes respondeu: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não mais terá fome e aquele que em mim crê nunca mais terá sede. — 36. Mas eu já vos disse que vós me tendes visto e não credes. — 37. Todo aquele que o Pai me dá virá a mim e o que vem a mim eu não o lançarei fora. — 38. Porque desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. — 39. Ora, a vontade de meu Pai, que me enviou, é que eu não perca nenhum dos que ele me há dado; que, ao contrário, os ressuscite a todos no último dia. — 40. A

vontade de meu Pai, que me enviou, é que todo aquele que vê o filho e nele crê tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

N. 20. A turba que presenciara a multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes, que, diante desse fato, *qualificado* de "milagre", dissera: "*Este é verdadeiramente o profeta que tinha de vir ao mundo*", ao verificar que Jesus passara para o outro lado do mar, sem que nenhuma barca houvesse na qual pudesse ter feito a travessia, suspeitando que um novo "*milagre*" se operara, perguntou-lhe "*Quando chegaste aqui?*"

Jesus se absteve de responder a essa interrogação, de tornar conhecido o fato de haver caminhado por sobre o mar. Esse fato, que mais tarde se divulgaria, se naquele momento se espalhara, teria impressionado fortemente a multidão e despertado nela a idéia de se apoderar dele para fazê-lo rei.

Sua missão tinha que ser cumprida, seguindo o seu curso natural.

Ele se vale então do fato da multiplicação dos pães e dos peixes para, ao mesmo tempo, fazer a revelação velada da sua origem e de sua missão e dar um ensinamento, revelação e ensinamento que só haviam de ser explicados, *em espírito e verdade*, na época atual, pela nova revelação, quando os homens se acham em vias de ser preparados para a suportar e compreender. Assim é que afirmou serem extra-humanas a sua natureza e a sua origem, afirmando consistir a sua missão em prover, não só ao alimento do corpo, mas sobretudo ao da alma por meio do "verdadeiro pão do céu", do "pão de Deus", do "pão de vida", que multiplica para os que nele crêem, isto é, para os que se esforçam por trilhar as suas sendas.

Dizendo que "nele, o filho do homem, foi que o pai, que é Deus, imprimiu seu selo", dizendo

que "pão de Deus é aquele *que desceu do céu e que dá a vida ao mundo*", Jesus afirma serem extra-humanas sua natureza e sua origem, indica qual a sua missão e os poderes de que se acha investido como fundador, protetor e governador do planeta terreno.

Nele, o filho do homem, imprimiu Deus o seu selo, porquanto ele, *por sua natureza, é a imagem da substância de Deus*. Traz o selo divino porque, sob aquela aparente corporeidade humana, ele é, ao mesmo tempo, inteligência, pensamento e fluido, o que quer dizer — um puro Espírito, revestido de um corpo fluídico tangível, para ser visível aos homens.

Pois que descera do céu, era, como já o temos explicado, o homem celeste, revestido de um corpo celeste, isto é, de um corpo, por sua natureza, fluídico.

Dá a vida ao mundo.

Como enviado, Jesus, pelo desempenho da sua missão terrena, deu vida ao mundo, por isso que estabeleceu as bases, os elementos e os meios da regeneração humana. Continua a dar vida ao mundo, visto que, concluída a sua missão terrena, prosseguiu e prossegue, do alto dos esplendores celestes, nessa obra de regeneração que a revelação nova do *Espírito da Verdade* vem impulsionar e executar, na era que diante de vós se abre.

Como fundador do planeta terrestre, deu vida ao mundo e, como seu protetor e governador, continua a dar-lha, visto que, depois de haver presidido à formação desse planeta, dirigiu e dirige o seu desenvolvimento e o seu progresso.

DESCI *do céu, NÃO* para fazer a minha vontade, MAS a daquele que me enviou.

Por essas palavras, Jesus declara a sua dependência e a sua inferioridade com relação a Deus e declara nada fazer senão de acordo com as inspirações que recebe diretamente de Deus, de acordo com a sua vontade.

(Vv. 28 e 29.) O que os homens devem fazer "*para obrarem as obras de Deus*" é amar a Deus acima de tudo e amar o próximo como a si mesmos. Obra de Deus é crer em Jesus, é caminhar nas suas sendas e aquele que pelas sendas de Jesus caminha pratica esse duplo amor.

(Vv. 32, 33, 34 e 35.) O verdadeiro pão do céu, que o pai dá aos homens, o "pão de Deus", o "pão de vida", que Jesus personifica, é a sua moral, é a doutrina que ele pregou e exemplificou, doutrina que, disse-o, não é sua, mas daquele que o enviou.

São também suas estas proposições: "*O espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida.*"

Aquele *que vai a Jesus*, que *nele crê*, isto é, que se esforça por andar nas suas trilhas, por pôr em prática sua moral, seus ensinamentos, seus exemplos, jamais terá *fome*, jamais terá *sede* das coisas da matéria. Saberá dominá-las pelo Espírito e fará delas instrumento e meio de caridade, de amor, de progresso pessoal e de progresso coletivo, assim de ordem material, como de ordem moral e intelectual.

Mas, disse Jesus aos Judeus, vós me haveis visto e não credes.

Haveis visto as minhas obras e não credes na minha missão, na minha palavra.

Vv. 39 e 40. A vontade de meu pai, que me enviou, é que eu não perca nenhum dos que ele me há dado; que, ao contrário, os ressuscite a todos no último dia. — A vontade de meu pai, que me enviou,

é que todo aquele que vê o filho e nele crê tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

Por estas palavras: "*que eu os ressuscite a todos no último dia —, e eu o ressuscitarei no último dia*", Jesus se refere ao termo das encarnações materiais. Submetido à encarnação material, não está "morto" o Espírito, do ponto de vista da vida espírita? Os esforços empregados para levá-lo à perfeição não o levarão à ressurreição no último dia, isto é, quando haja alcançado um grau de pureza que o livrará do contacto do corpo material?

Ao proferir aquelas palavras, Jesus num só pensamento envolvia o presente, a época em que falava, e o futuro; referia-se aos que o escutavam e às gerações vindouras.

Consideradas com relação àquela época, significam que, de conformidade com a vontade do pai, ele não perderia nenhum *dos que o pai lhe dera*, isto é: com olhar vigilante acompanharia, ajudando-os a avançar, *todos os* que haviam pedido para agrupar-se ao seu derredor, como discípulos, durante a sua missão terrena; *todos os* que, dóceis às advertências, aos conselhos de seus guias, haviam pedido, por devotamento, uma missão, uma tarefa qualquer que, estando na medida de suas forças, lhes seria possível desempenhar; *todos os* que, tendo-lhe escutado a voz, o seguissem, ele os ressuscitaria, libertando-os da encarnação material, desde que houvessem atingido o necessário grau de purificação.

Consideradas com relação ao futuro, tais palavras significam que todos quantos, sejam eles quais *forem*, vêem a Jesus nas obras que o personificam e nele crêem, pondo em prática sua moral, seus ensinamentos e exemplos, terão a vida eterna, isto é, chegarão, de progresso em progresso, de ascensão em ascensão, à perfeição, à vida dos

puros Espíritos, que é a vida eterna do Espírito. E Jesus os ressuscitará *no último dia*: — libertá-los-á da encarnação material, *desde que tenham alcançado o necessário grau de purificação*.

(V. 37.) Jesus não lança *fora* os que venham a ele. Quer dizer: não expulsa para mundos inferiores os que enveredam pelo caminho da prática da sua moral. Não expulsará para esses mundos, na época da depuração do vosso planeta, da separação do joio e do trigo, os que *então* já tiverem entrado e caminharem pela via do progresso.

Contudo, os Espíritos culpados e endurecidos que, nessa época, forem expulsos do planeta terreno, não serão "*réprobos*". Tendo sido "*chamados*", como os outros, eles, nesse momento, não serão *escolhidos*, *mas* estão destinados a *sê-lo*. Com o exílio para mundos inferiores, abre-se-lhes a estrada da expiação, da reparação e do progresso, pela qual também chegarão a "*ressurgir no último dia*" e a alcançar "*a vida eterna*".

CAPÍTULO VI
Vv. 41-51

*Murmurações dos Judeus contra o que Jesus acabava de dizer. —
Palavras veladas de Jesus. —
Nenhum homem jamais viu a Deus, exceto aquele
que nasceu de Deus. — Ninguém pode vir a Jesus,
se não for atraído pelo pai que o enviou. — O
que nele crê tem a vida eterna. — Ele é o pão que
desceu do céu. — Ele é o pão vivo que
desceu do céu*

V. 41. Os Judeus se puseram a murmurar dele por haver dito: Eu sou o pão vivo, que desci do céu. — 42. E diziam: Este não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos? Como é então que ele diz: Desci do céu? — 43. Respondeu-lhes Jesus: Não murmureis entre vós. — 44. Ninguém pode vir a mim, se meu pai, que me enviou, o não atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. — 45. Escrito está nos profetas: Serão todos ensinados por Deus. Todos aqueles, que do pai têm ouvido a voz e aprendido dele, vêm a mim. — 46. Não é que alguém tenha visto o pai, pois só aquele que nasceu de Deus tem visto o pai. — 47 Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em mim tem a vida eterna. — 48. Eu sou o pão de vida. — 49. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. — 50. Aqui está, porém, o pão que desceu do céu, a fim de que todo o que dele comer não morra. — 51. Eu sou o pão vivo que desci do céu.

N. 21. Aqui se vos deparam um exemplo e uma aplicação do que já dissemos: que mesmo aqueles que presenciaram a aparição de Jesus na Terra e o desempenho de sua missão não podiam e não deviam compreender uma e outra coisa; que só nos dias de hoje a nova revelação as havia de

explicar *segundo o espírito*, pois que a cada época não pode ser e não é dado senão o que ela comporte; que, durante a sua missão terrena, Jesus tinha que ser e foi considerado *pelos homens* como um homem igual aos outros, como filho de José e de Maria.

Estas palavras: "Sou o pão vivo *que descí do céu*" chocaram os Judeus, muito embora não as compreendessem. Vislumbraram nelas confusamente a afirmação de uma origem celeste, *extra-humana*. Daí o murmurarem e dizerem: "Este não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos?"

Era mister que Jesus se abstinhasse de responder a essa interrogação, porquanto a revelação, *intencionalmente* velada, que o anjo ou Espírito enviado fizera a Maria e a José, tinha, como sabeis, que se conservar secreta, enquanto durasse a missão terrena do Mestre, e tinha que ficar incompreendida, mesmo depois de divulgada. À futura revelação do Espírito da Verdade estava reservado responder, nos tempos atuais, *segundo o espírito que vivifica*, a tal pergunta, explicando aquela revelação quando os homens houvessem entrado nos caminhos por onde chegariam à condição de a suportar e compreender.

Jesus não responde à observação dos Judeus; limita-se a lhes dizer: "Não murmureis entre vós."

Diante das murmurações que suas palavras ocasionaram, repete o que acabara de dizer, fortalecendo suas afirmações com o lhes dar aspectos novos que, também, serviam para aquele momento e para o futuro e estabeleciam as bases, os elementos e os meios convenientes à nova revelação.

As palavras que Jesus acabara de dizer e repete são estas do v. 44: "E eu o ressuscitarei no último dia" e mais as dos vv. 47, 48, 49, 50 e 51.

As explicações que já demos em o n. 20 vos colocam em condições de compreendê-las.

Cingimo-nos, pois, a chamar vossa atenção para estas do v. 49:

Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.

Os Espíritos encarnados, que comeram o maná no deserto, eram atrasados, ignorantes e materiais. Precisando ainda purificar-se no cadinho da reencarnação material, foram lançados nele.

Aqui está, porém, o pão que desceu *do céu*, a fim de que todo o que dele comer *não* morra.

"Aqui está, porém, a moral que eu personifico, que tem de regenerar os homens e que lhes trago eu que entre vós apareci vindo das regiões celestiais, a fim de que todos os que a pratiquem e sigam meus passos cheguem a libertar-se da encarnação material, alcancem a perfeição e, por *consequente*, não morram.

V. 44. Ninguém pode vir a mim, se meu pai, que me enviou, o não atrair.

Segundo o espírito, estas palavras foram ditas para assinalar a ação dos Espíritos junto dos homens e lhes fazer compreender que só os encarnados que atendem às inspirações dos bons Espíritos, que lhes são dóceis, podem ir a Jesus, enveredar pelas suas sendas e caminhar para ele, empregando esforços sérios e contínuos por praticar sua moral, seus ensinamentos e exemplos.

Não imagineis que Deus seja um centro espiritual e fluídico que atraia a si *diretamente* qualquer Espírito. Se assim fora, todos os Espíritos teriam que ser igualmente atraídos e não é o que se dá. O Senhor nenhuma determinada ação

atrativa exerce senão sobre os Espíritos que se purificaram bastante para poderem senti-la e a ela se submeterem. Somente sobre os Espíritos purificados essa ação é direta. Sobre os demais, sobre os encarnados, é indireta, exercendo-se por intermédio dos Espíritos superiores ou dos bons Espíritos, conforme ao grau de elevação daqueles.

Sobre o homem, a ação atrativa de Deus não se pode fazer sentir, senão em se tratando de um Espírito que já tenha alcançado um grau de purificação que lhe permita assimilar, de certo modo, alguns dos eflúvios divinos. Quanto aos Espíritos inferiores, esses, sem dúvida alguma, lá chegarão a seu tempo pela intervenção dos bons Espíritos que os guiam e impelem para diante. Mas, as palavras de Jesus, naquele momento, se dirigiam aos que o cercavam, sem o que, houvera dito: "*não poderá vir a mim*", em vez de: "*não pode*". Isso claramente indica que se referia aos graus de adiantamento dos Espíritos encarnados que o rodeavam. Da diversidade desses graus é que se originava o fato de uns o seguirem e de outros o perseguirem.

Disse ele: "*Se meu pai o não atrair.*" Não sendo oportuno revelar a escala espírita, não tinha meio de fazer derivar a ação atrativa, senão do seu ponto originário — o pai, Deus. Demais, falando assim, se exprimia de maneira, a ser compreendido e, principalmente, atendido pelos Judeus, visto que, para estes, segundo suas idéias, seus preconceitos e tradições, Deus se entretinha diretamente com os homens, se comunicava diretamente com eles, exercia, portanto, sobre eles uma ação direta.

V. 45. Escrito está nos profetas: Serão todos ensinados de Deus. Todos aqueles que do pai têm ouvido a voz e aprendido dele vêm a mim.

Segundo o espírito que vivifica, o sentido destas palavras do Mestre é idêntico ao das do v. 44 e decorre do que acabamos de dizer sobre estas.

O Espírito em via de progredir e de purificar-se experimenta de modo mais direto a impulsão que lhe dão os bons Espíritos, mais diretamente recebe a inspiração, que tem no Senhor a sua fonte de origem. Acha-se, portanto, disposto a escutar aquele que o Senhor enviou.

Está escrito nos profetas: Serão todos ensinados de Deus. Sê-lo-ão pelo órgão de seus enviados, de seus missionários, encarnados e erráticos, e pela inspiração dos bons Espíritos. Assim, todos os que agasalharam essa inspiração, que é "*a voz do pai*" a se fazer ouvir no íntimo de cada um; todos os que dele receberam o ensino por intermédio de seus missionários, de seus enviados, todos esses estão dispostos a escutar e seguir a Jesus.

V. 46. Não é que alguém tenha visto o pai, pois só aquele que nasceu de Deus tem visto o pai.

Segundo o espírito, oculto pelo véu *da letra*, estas palavras de Jesus tiveram por fim fazer sentir que o homem de então, o Espírito que então sofria a encarnação material, como o homem de hoje, como qualquer encarnado na Terra, não podia e não pode estar em relação *direta* com Deus; que ele, Jesus, puro Espírito, é o único, em face do vosso planeta e da humanidade terrena, que está em relação direta com o pai, que deste recebe a inspiração.

Ao dizer, falando de si: "*Aquele que nasceu de Deus*", bem como ao dizer "*que desci do céu*", Jesus reafirma sua origem extra-humana.

CAPÍTULO VI
Vv. 52-59

*A moral que Jesus personifica é figuradamente o
pão vivo, sua carne e seu sangue. — Aquele
que a pratica tem a vida eterna, isto é,
chega à perfeição*

V. 52. Aquele que comer deste pão viverá eternamente; e o pão que eu darei é a minha carne, que tenho de dar pela vida do mundo. — 53. Os Judeus disputavam entre si, dizendo: Como pode ele dar a sua carne para ser comida? — 54. Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. — 55. O que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. — 56. Porque, minha carne é verdadeiramente uma comida e meu sangue verdadeiramente uma bebida. — 57. Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue fica em mim e eu nele. — 58. Assim como o pai, que me enviou, vive e eu vivo por meu pai, assim aquele que me come também viverá por mim. — 59. Aqui está o pão que desceu do céu; não é como o maná que vossos pais comeram, os quais, não obstante, morreram. Aquele que come este pão viverá eternamente.

N. 22. *Não vos apegueis à letra*, como fizeram os chefes da Igreja. Aqui, como em quase todos os pontos dos Evangelhos, *a letra* das palavras de Jesus é um envoltório que cobre o *espírito*.

Todas as que constam destes versículos são figuradas. São de ordem espiritual todos os pensamentos a que elas servem de vestidura. Jesus alude à *moral* que ele viera ensinar. Essa a sua *carne*, esse o seu *sangue*, porquanto ele era a pureza mesma praticando em toda a sua extensão o preceito de amor que descera a pregar.

Ora, os que se nutrem desse amor, *figuradamente* se alimentam *da carne e do sangue* daquele que é *todo amor*. Esse alimento não perece, nem o que dele usa, pois que, ao contrário, o fortifica e fará viver eternamente na glória do Senhor.

É incrível que homens sensatos, instruídos, tenham errado ao ponto de assimilarem a essência espiritual do Cristo salvador a um alimento sujeito em parte às macerações do estômago e suscetível de ser carregado pela digestão! Pobre humanidade!

Acerca do dogma humano da presença real, material, da transubstanciação, já recebestes todas as explicações necessárias. Não tendes mais do que vos reportardes a elas (3º tomo, ns. 286 e 287, págs. 396-404).

Os que o proclamaram teriam evitado tão grosseiro erro, oriundo *da letra*, e teriam compreendido, *segundo o espírito que vivifica, em espírito e verdade*, as palavras de Jesus, se houvessem meditado proveitosamente sobre as seguintes, que o Mestre dirigiu a seus discípulos por ocasião da Ceia: "*Fazei isto em minha memória*" e sobre as que daqui a pouco apreciaremos, também dirigidas aos discípulos, em consequência dos murmúrios que no meio deles se levantaram, motivados *precisamente* pelas que estamos considerando neste momento. Essas outras palavras são: "*O espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida.*"

Sim, só come o pão vivo, só come a carne e bebe o sangue de Jesus, consubstanciados na moral que ele veio pregar pelos seus ensinamentos e exemplos, aquele que a pratica, aquele, pois, que pratica a fraternidade humana. Só esse tem a vida eterna, porque avança pela senda do progresso, certo de que, perseverando, chegará à per-

feição, à vida dos puros Espíritos. E Jesus "*o ressuscitará no último dia*": libertá-lo-á das encarnações materiais, no dia em que houver alcançado um grau de purificação que o isente do contacto do corpo material. A moral de Jesus é verdadeiramente um alimento e é verdadeiramente uma bebida para o Espírito que, praticando-a, se nutre de amor, se dessedenta na fonte das verdades eternas e, assim, progride e se purifica.

Sim, só aquele que pratica a moral que Jesus veio pregar *fica em Jesus e Jesus fica nele*. O princípio de amor os une e coloca sob o pálio de um mesmo pensamento. Assim como Deus, que enviou Jesus à Terra em missão, tem toda existência em si desde toda a eternidade e assim como Jesus, essência pura, vive *pelo pai*, por se achar em relação direta com a essência divina, também aquele que pratica a moral de Jesus *viverá por ele*, visto que som ele se achará em relação direta, quando houver alcançado o necessário grau de purificação. *Viverá eternamente*: chegará à perfeição, à vida dos puros Espíritos.

Se o homem não praticar a moral de Jesus, *não terá em si a vida*. Quer dizer: não progredirá, não se purificará, permanecerá estacionário, porquanto a vida, para o Espírito, é o progresso, a purificação. Continuará sujeito à encarnação material expiatória.

CAPÍTULO VI

Vv. 60-72

Murmurações e deserção de alguns dos discípulos de Jesus, motivadas pelo que ele acabava de dizer. — Palavras de Jesus a Pedro. — Resposta de Pedro. — Palavras de Jesus referentes a Judas Iscariotes

V. 60. Estas coisas disse-as Jesus ensinando na sinagoga de Cafarnaum. — 61. Muitos de seus discípulos, ouvindo-as, disseram: É duro este discurso, quem o pode ouvir? — 62. Conhecendo, porém, Jesus, em si mesmo, que seus discípulos murmuravam do que ele dissera, perguntou-lhes: Isto vos escandaliza? — 63. Que será então se virdes o filho do homem subir para onde estava antes. — 64. O espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida. — 65. Mas, alguns há, dentre vós, que não crêem. Porque, desde o princípio, Jesus sabia quais os que não criam e qual o que o trairia. — 66. Continuou, pois: É por isso que vos tenho dito que ninguém pode vir a mim, se lhe não for concedido por meu pai. — 67. Desde então muitos de seus discípulos voltaram atrás e deixaram de o acompanhar. — 68. A vista do que, perguntou Jesus aos doze: E vós, não quereis também retirar-vos? — 69. Respondeu Simão Pedro: Senhor, para quem havemos de ir? Tu tens as palavras da vida eterna. — 70. Nós cremos e conhecemos que és o Cristo filho de Deus. 71. Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi em número de doze? Entretanto, um de vós é um demônio. — 72. Isto dizia ele de Judas Iscariotes, filho de Simão, pois esse era o que o havia de trair, se bem fosse um dos doze.

N. 23. Alguns dos que ouviam a prédica de Jesus fizeram o que mais tarde fez a Igreja: tomaram-lhe as palavras *ao pé da letra*.

Com relação ao que ele disse a respeito de

Judas, já vos explicamos, nos comentários aos três primeiros Evangelhos (3º tomo, n. 284, páginas 389-394), que as palavras do Mestre, referentes a esse discípulo, de nenhum modo significavam ter sido ele objeto de uma predestinação, nem de uma condenação prévia. Proferindo-as, Jesus apenas mostrou que previa o desfalecimento daquele que tomara sobre os ombros tarefa superior às suas forças.

A expressão "*demônio*", de que usou Jesus, não tem a significação que lhe emprestou a Igreja, interpretando-a mal. Ele a empregou no sentido de "Espírito mau". Assim o qualificou por saber que Judas era um Espírito orgulhoso, que se encarregara de tarefa superior às suas forças, por ambição e não impelido pelo sentimento puro e desinteressado do devotamento. Já se vos tem dito várias vezes que o orgulho e o desejo de chegar depressa, a ambição, enfim, eram os sentimentos que o moviam.

Como sabeis, esse "*demônio*" é hoje um Espírito purificado, que se tornou um dos discípulos fiéis de Jesus, um de seus dedicados auxiliares na obra da regeneração humana.

Que será, então, se virdes o filho do homem SUBIR *para onde ESTAVA antes?*

Fazendo essa observação a seus discípulos, por estarem murmurando do que acabava ele de dizer, Jesus alude ao fato, então vindouro, da sua chamada "*ascensão*", atrai para esse fato a atenção dos discípulos e sobretudo dos apóstolos e mais uma vez afirma serem extra-humanas a sua natureza e sua origem. Não tendo sofrido a encarnação humana, ele habitava as regiões etéreas e para lá voltaria, terminada a sua missão. Já mostramos, comentando os três primeiros Evangelhos, ser absolutamente inadmissível a suposição de haver Jesus sofrido encarnação material

qual a sofreis, de haver sofrido morte real, humana, de haver feito aparições e depois ascendido ao espaço como qualquer Espírito que, por efeito da morte, abandonou seu corpo reduzido ao estado de cadáver.

Insistimos nisso. Para admitir-se que tal tenha sido a realidade, preciso é se admita igualmente que os discípulos de Jesus fossem velhacos ou bastante insensatos, ao ponto de sacrificarem suas vidas pelos devaneios de um que sabiam ser impostor. Sim, Jesus não podia ser para seus discípulos senão um impostor, desde que estes se tivessem visto obrigados a fazer que o corpo do Mestre desaparecesse, a fim de acreditarem, *sem dúvida eles mesmos*, na veracidade do que ele lhes dissera. Semelhante aberração se compreende? A fé viva, ardente, dos apóstolos não se explica muito mais racionalmente pelo fato de se ter realizado a "ressurreição" que lhes fora prometida?

Perde-se nas trevas da profundidade aquele que se abalança a sondar demais. Aquele que não se decide a passar da superfície, esse se agarra às asperezas do terreno e nelas rasga as carnes.

Os homens só não compreendem, só não querem admitir a encarnação fluídica de Jesus, *única* que *poderia* tolerar um Espírito da *natureza* do seu, por se acharem demasiadamente presos à matéria. Que esperem um pouco e, desenvolvendo-se-lhes a inteligência, poderão estudar mais seriamente e, sobretudo, com mais segurança. Compreenderão, então, *a razão de ser e a necessidade* desse fato, que agora lhes parece impossível e inútil, e se humilharão, percebendo claramente, de um lado, a ignorância orgulhosa em que se achavam imersos e, de outro, a bondade extrema do Senhor.

O espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo SÃO espírito e vida.

Facilmente compreensível vos devem ser o sentido, *em espírito e verdade*, destas palavras, o objeto que tiveram e o fim com que as pronunciou Jesus.

Foram ditas com o objetivo de fazer compreendessem os homens que não deviam tomar e entender *segundo a letra*, mas *segundo o espírito*, as que ele acabava de proferir num sentido *figurado* e exprimindo pensamentos *todos de ordem espiritual*. Isso, porém, o espírito humano não havia de perceber e explicar, senão mediante a nova revelação.

O espírito é que vivifica, por ser a causa, a fonte da vida, da inteligência humana. A carne de nada serve, porque, em si mesma, não passa de matéria inerte; porque não é, para o Espírito no estado de encarnação humana, mais do que o meio material de que se serve para as manifestações da vida, da inteligência. As palavras de Jesus são *espírito e vida*, porque provêm de uma essência espiritual perfeita, não obumbrada pela carne *material e perecível*.

Resta-nos explicar estas outras palavras do Mestre:

V. 65. Mas, alguns há, dentre vós, que não crêem. — Eis porque vos tenho dito que ninguém pode vir a mim, se lhe não for concedido por meu pai. É que (disse o evangelista, debaixo da influência espírita, da inspiração mediúnica) Jesus sabia, *desde o princípio*, quais os que não criam e qual o que o trairia.

Em pedindo o Espírito uma missão qualquer, Deus lha concede, embora preveja os resultados que daí advirão. Ora, a missão concedida aos apóstolos tinha que dar frutos de amor e de fé. A de Judas e as de tantos outros, que se acercaram de Jesus como discípulos, haviam de dar maus frutos ou de permanecer estéreis, porque os Espíritos que as tomaram, só o tendo feito pelo

desejo de chegarem mais depressa, ou por orgulho, não conseguiriam realizar o seu intento.

A onisciência do Senhor Ihe patenteia previamente todos os resultados, mas o Espírito goza sempre do livre-arbítrio, quer depois de encarnar, quer antes. Conforme já tivemos ocasião de dizer, ao Espírito são sempre mostrados todos os êxitos, bons e maus, com que pode contar nas provas que solicita. Seus guias o previnem mesmo das conseqüências que elas terão. Fica-Ihe a ele o decidir tentá-las ou não.

Em relação direta com Deus, participando, sob esse aspecto, da onisciência divina, Jesus tinha a presciência dos acontecimentos, sabia *desde o princípio*, isto é, desde que os Espíritos pediam as missões ou provas que desejavam, quais os que produziriam frutos de amor e de fé, por terem solicitado encargos cujo desempenho suas forças comportavam, quais, *portanto*, os "a quem o pai concedera ir a ele". Eram os que haviam pedido e obtido missões e provas de acordo com as advertências, com os conselhos de seus guias. Do mesmo modo sabia quais os "a quem o pai não concedera ir a ele", isto é, os que, tendo pedido e obtido, contrariamente aos avisos e conselhos de seus guias, missão ou prova acima de suas capacidades, movidos pelo desejo de chegar mais depressa ou por orgulho e fiando-se demasiado em suas próprias forças, não alcançariam a meta.

Segundo o que acabamos de dizer é que se explicam: a deserção de muitos dos discípulos que o acompanhavam, a presciência que o Mestre tinha dessa deserção, da traição futura de Judas, da fidelidade dos outros apóstolos e do desempenho que dariam às suas missões, por maneira que produzissem os frutos que deviam produzir.

CAPÍTULO VII Vv. 1-9*Incredulidade dos parentes de Jesus. — Seu tempo
ainda não chegara*

V. 1. Depois disso, andava Jesus pela Galiléia, pois não queria andar pela Judéia, porque os Judeus procuravam matá-lo. — 2. Mas, como estivesse próxima a festa dos Judeus, chamada dos Tabernáculos, — 3, seus irmãos lhe disseram: Sai daqui e vai para a Judéia, a fim de que teus discípulos também vejam as obras que fazes. — 4. Porque, ninguém obra em segredo quando quer ser conhecido em público. Já que fazes estas coisas, manifesta-as ao mundo. — 5. Isto diziam seus irmãos porque não criam nele. — 6. Disse-lhes então Jesus: Ainda não é chegado o meu tempo; o vosso, porém, está sempre pronto. — 7. O mundo não vos poderia odiar, mas a mim me odeia, pois que dele dou testemunho, de que são más suas obras. — 8. Subi vós outros a essa festa; eu a ela ainda não vou, porque o meu tempo ainda não está cumprido. — 9. Tendo dito isto ficou na Galiléia.

N. 24. Estes versículos se compreendem perfeitamente.

No 2º tomo, págs. 311-315, explicamos quais eram os parentes de Jesus apelidados de *seus irmãos*.

Diz o evangelista que estes não criam nele. Os parentes de Jesus eram desses Espíritos que, materializados pelo invólucro de carne, precisam tocar e ver para crer, mas que, ainda assim, nem sempre se reportam ao que seus próprios sentidos testificam. Pertenciam à categoria dos que se haviam reunido em torno de Jesus para servirem à obra que este viera executar, porém que adormeceram na matéria.

Dizendo-lhes: "*Meu tempo ainda não é chegado; — eu a ela (à festa) ainda não vou, porque o meu tempo ainda não está cumprido*", Jesus alude à época em que pregaria e obraria abertamente, de modo a se verificarem os acontecimentos que haviam de ocorrer.

CAPÍTULO VII

Vv. 10-53

Jesus vai secretamente à festa dos Tabernáculos. Lá ensina publicamente. — Palavras suas e dos Judeus acerca da sua origem e da sua missão. — Ninguém lhe põe a mão, porque ainda não chegara a sua hora. — Tentativa infrutífera dos príncipes dos sacerdotes para conseguirem fosse Jesus preso pelos archeiros que eles mandaram ao templo para esse fim. — Palavras dos Fariseus aos archeiros. — Nicodemos toma a defesa de Jesus

N. 25. As explicações aqui têm que ser dadas segundo a ordem das idéias e dos fatos. Dividamos, pois, o trecho.

V. 10. Porém, depois de terem seus irmãos subido para a festa, subiu ele também, não publicamente, mas como se quisesa ocultar-se. — 11. Os Judeus, procurando-o na festa, inquiriam: Onde está ele? — 12. Muitos eram os murmúrios que corriam entre o povo a seu respeito. Diziam uns: Ele é bom. Outros, porém, diziam: Não; antes engana o povo. — 13. Ninguém, todavia, ousava falar dele abertamente, por medo dos Judeus. — 14. Ora, indo a festa já em meio, Jesus subiu ao templo e se pôs a ensinar.

Deveis compreender com que fim procedeu Jesus daquele modo. Subir a Jerusalém com todos os que para lá se dirigiam fora despertar, antecipadamente, a atenção pública e dispor os escribas, os fariseus e os príncipes da Igreja a se prepararem para afrontá-lo.

Esperou, pois, que todos se achassem reunidos no templo para lá surgir e lançar seus en-

sinos à turba influenciada por impressões diversas, oriundas dos murmúrios que a sua notada ausência provocara.

V. 15. Maravilhados, diziam os Judeus: Como sabe este homem as letras sagradas, sem as ter estudado? — 16. Jesus lhes respondeu: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. — 17. Aquele que se dispuser a fazer a vontade de Deus reconhecerá se a minha doutrina é dele, ou se falo por mim mesmo. — 18. O que fala por si mesmo busca sua própria glória; mas o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro, e não há nele injustiça. — 19. Não vos deu Moisés a lei? Entretanto, nenhum de vós cumpre a lei.

O espanto dos Judeus ao ouvirem os ensinamentos de Jesus e isto que disseram: "*Como sabe este homem as letras sagradas (as Escrituras) sem as ter estudado?*" devem prender-vos a atenção.

Os Judeus, efetivamente estavam muito bem certos de que Jesus não estudara. Como era então que *sabia* as Escrituras?

Que Espírito, sofrendo a encarnação material humana, pôde jamais, ou pode, saber as Escrituras, sem que as tenha estudado?

A resposta de Jesus, *evasiva segundo a letra*, resolve a questão, desde que seja entendida *segundo o espírito*: "A minha doutrina (a doutrina que prego) não é minha, mas daquele que me enviou." Atesta, *dessa forma*, que sabe tudo o que dizem as Escrituras, sem as ter estudado; que *sabe* tudo o que ensina, *por estar em relação direta com aquele que o enviou*; que a sua ciência e, por conseguinte, sua natureza e sua origem são extra-humanas, não lhe vêm dos homens.

Concita os Judeus a refletirem sobre o que diz e ensina, reportando-se ao que o homem deve fazer, segundo a lei que Moisés lhes outorgou, para obrar de acordo com a vontade de Deus

cumprindo essa lei. Concita-os a que, comparando, reconheçam que a sua doutrina é de origem divina; que ele é o órgão direto do Senhor; que não busca a vaidade das glórias humanas, mas a glória daquele que o enviou; que suas palavras são palavras de justiça, de amor e de verdade; que ele é delas a personificação mesma.

Moisés, diz o Mestre, vos deu a lei e, entretanto, nenhum de vós a cumpre. A lei estava no Decálogo, no amor a Deus acima de todas as coisas, no amor ao próximo como a si mesmo, proclamados no *Levítico e no Deuterônimo*. E nenhum dos que o ouviam cumpria a lei.

V. 20. Porque procurais matar-me? — Respondeu o povo: Estás possesso do demônio; quem é que procura matar-te? — 21. Replicou Jesus: Porque fiz uma obra em dia de sábado, todos vos mostrais admirados. — 22. No entanto, por vos haver Moisés dado a lei da circuncisão (muito embora esta não venha de Moisés, mas dos patriarcas), mesmo no sábado circuncidais, em obediência a essa lei. — 23. Ora, se, para não ser violada a lei de Moisés, pratica um homem a circuncisão em dia de sábado, porque vos indignais contra mim por haver, em dia de sábado, tornado inteiramente são um homem?! — 24. Não julgueis pela aparência, julgai segundo a reta justiça.

Do ponto de vista do ensino que, proferindo-as, dava Jesus sobre o sábado e o modo de santificar-se esse dia, já vos foi explicado o objetivo dessas palavras. (Ns. 155-156, págs. 259-263, 2º tomo.)

A cura a que o Mestre alude é a do paralítico, realizada em dia de sábado, cura que também já vos explicamos. (N. 157, págs. 265-267, 2º tomo.)

A circuncisão era um uso seguido pelos patriarcas, mas voluntariamente, como medida de precaução. Moisés a tornou obrigatória, fazendo de sua prática uma lei religiosa.

"*Não julgueis, diz Jesus aos Judeus, pela aparência, julgai segundo a reta justiça*". Na acusação, que lhe lançavam, de ter violado o sábado, porque praticara uma boa obra, havia apenas *aparência* de respeito à lei. Para os Judeus havia *aparência* de violação, porque houvera ato e todo ato era proibido no sábado. Mas, a justiça reta forçosamente reconheceria não haver dia algum interdito à prática do bem e que, se algum houvesse, não poderia ser o dia consagrado ao Senhor.

Acusar um homem de violar o sábado, quando nesse dia pratica uma boa obra, não é observar a lei.

De um ponto de vista mais geral, aquelas palavras, segundo o pensamento de Jesus, encerravam o seguinte ensinamento aos homens:

"Não vos deixeis transviar *pela letra*; rejeitai todas as interpretações *literais*, que o *espírito* condena, conformemente à justiça.

"Sede sempre justos com os vossos irmãos, rejubilando-vos sempre, cheio o coração de sinceridade, com as boas obras que eles pratiquem e desprendeí-vos de todo formalismo, de todo espírito de *seita* que vos possam entibiar na prática da justiça, e da caridade para com todos, ou que sejam obstáculo ao cumprimento da lei de amor, lei que, pela fraternidade, há de levar os homens à unidade.

V. 25. Então, alguns, que eram de Jerusalém, começaram a dizer: Este não é o que eles procuram matar? — 26. Eis, porém, que fala publicamente sem que lhe digam coisa alguma. Dar-se-á que os senadores hajam reconhecido que verdadeiramente ele é o Cristo? — 27. Mas, nós sabemos donde este é; ao passo que, quando vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é.

Tendes aqui mais um testemunho da origem de Jesus e do erro em que caíram os Judeus, atri-

buindo uma missão humana ao Messias que esperavam. Efetivamente, contavam eles que o Messias sairia da descendência de David. Logo, não deveriam esperar que surgisse no meio deles, humanamente, sem que se soubesse *donde vinha*. Entretanto, assim era.

Por efeito das interpretações humanas a que dera lugar, a predição relativa ao Messias tivera como conseqüência, como resultado, a crença expressa nesta frase: "Quando o Cristo vier, ninguém saberá donde ele é." A contradição que assim se patenteia não existiria, desde que houvessem aplicado essa dedução à origem *espiritual* extra-humana, de Jesus, como de fato se aplica inteiramente.

V. 28. Jesus, todavia, continuava a ensinar no templo, em alta voz dizendo: Vós outros me conheceis e sabeis donde eu sou; não vim de mim mesmo, mas aquele que me enviou e que vós não conheceis é verdadeiro. — 29. Eu o conheço porque dele nasci e ele me enviou.

Os Judeus conheciam a Jesus do ponto de vista da aparência humana. Todos sabiam qual a sua residência material. Ignoravam, porém, que nada tendo de material a sua missão, imaterial era o seu princípio. Era imaterial *relativamente aos homens*, porque à sua encarnação nenhuma aplicação tiveram as leis de reprodução no planeta terreno. Este fato, contudo, não estava ao alcance dos homens daquela época e mesmo *dos vossos* contemporâneos será mal compreendido.³⁸

Pela sua natureza espiritual, só Jesus, entre os homens, podia conhecer aquele que o enviara. "*Eu*, disse ele, *o conheço*, porque *dele nasci e porque ele me enviou*."

Desse modo aludia à sua natureza extra-hu-

³⁸ Estas palavras foram mediunicamente ditadas em dezembro de 1864.

mana, à sua essência espiritual de enviado, as quais lhe permitiram ter, durante todo o curso da sua missão terrena, consciência exata da sua posição espirita, do conhecimento, que possuía, de Deus e da relação direta em que com este se achava e acha.

V. 30. Procuravam, pois, prendê-lo; mas, ninguém lhe deitou a mão, porque ainda não chegara a sua hora.

Não chegara ainda a hora do sacrifício. Por meio de ação magnética e por ato da sua vontade, Jesus atua sobre os que o cercam, afastando deles a idéia de o prenderem. Se já houvera chegado a hora, não se teria subtraído à perseguição dos que lhe queriam dar a morte.

Conheceis a ação da vontade do magnetizador humano sobre o homem. Deveis avaliar perfeitamente qual fosse a de Jesus, que possuía no máximo grau o poder magnético.

V. 31. Mas, muitos do povo creram nele e diziam: Quando vier, o Cristo fará mais milagres do que este faz? — 32. Ouvindo os fariseus o que a respeito dele murmurava a turba, juntamente com os príncipes dos sacerdotes mandaram quadrilheiros para o prenderem. — 33. Jesus lhes disse: Ainda por um pouco de tempo estou convosco; depois vou para aquele que me enviou. — 34. Procurar-me-eis e não me achareis e onde eu estou não podeis vir. — 35. Os Judeus então inquiriam uns aos outros: Para onde irá ele que o não poderemos achar? Irá para o meio dos Gentios que se encontram dispersos por todo o mundo? Irá instruir os Gentios? — 36. Que significa isso que nos acaba de dizer: Procurar-me-eis e não me achareis e não podeis vir onde estou?

Algumas das vossas traduções dizem: "não podeis vir onde *eu estiver*."

O texto original reza: "*onde estou*". Proferindo essas palavras, que só seriam compreendidas *ao tempo da nova revelação, quando, em*

espírito e verdade, fossem explicadas a sua origem e a sua natureza extra-humana, Jesus afirmava, sob o véu *da letra*, serem extra-humanas a *natureza* e a origem de seu corpo, que era, como sabeis, fluídico, perispírico e tangível para ser percebido *pelos olhares* humanos. Revestido desse corpo, estava *fora* da humanidade, era sempre Espírito e, como Espírito, se achava sempre nas regiões etéreas.

Dizendo: "Não podeis vir *onde estou*", referia-se à encarnação humana dos Judeus, encarnação que os retinha na Terra, pois que eram *da Terra*. Essa encarnação, que Jesus não sofria, os impedia de acompanhá-lo às regiões etéreas onde, pela sua origem e natureza extra-humanas, se achava ele que, por isso, era *do céu*, tendo a faculdade de para lá voltar, quando lhe aprazia, tornando-se invisível *aos olhares dos homens*.

Referia-se também à sua volta definitiva para essas regiões etéreas quando, na época chamada da Ascensão, retomasse a natureza espiritual que lhe era própria. *Nesse sentido, sim, seu pensamento pode ser assim traduzido: "Não podeis vir onde eu estarei."* Este é um dos aspectos que apresenta o duplo sentido daquelas suas palavras.

Espíritos materiais, eles não compreenderam que, dizendo: "*estou ainda convosco por um pouco de tempo; depois volto para meu pai*", Jesus aludia ao que, *para os homens*, seria a sua morte, aludia, à sua "ressurreição" e ao seu regresso, na época da chamada Ascensão, à natureza espiritual que lhe era própria, afastando-se definitivamente da Terra.

V. 37. No último e maior dia da festa, Jesus, de pé, clamava: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. — 38. Do íntimo daquele que em mim crê manarão, como dizem as Escrituras, rios d'água viva. — 39. Isto disse ele referindo-se ao espírito que ha-

viam de receber os que nele cressem; pois o Espírito Santo ainda não fora dado, porque Jesus ainda não fora glorificado.

Era sempre *figurada* a linguagem do Mestre e todos *de ordem espiritual* seus pensamentos. Por meio de imagens materiais, atraía a atenção dos que o ouviam.

Como narrador, João assinala a interpretação que, de maneira especial, se devia dar às palavras de Jesus, indicando o pensamento que o Mestre assim expressara relativamente aos homens daquela época, para os quais apelava. Referia-se aos que, caminhando-lhe nas pegadas e fazendo frutificar a sua missão terrena, receberiam, de modo *patente*, como se deu com os apóstolos, ou de modo *oculto*, como sucedeu aos discípulos que a estes se juntaram, o "Espírito Santo", isto é, a assistência, o auxílio, o concurso dos Espíritos superiores, dos bons Espíritos.

Mas, aquelas palavras, em toda a extensão do pensamento do Mestre, alcançavam todos os tempos e todos os homens. *Segundo o espírito que vivifica*, exprimem o seguinte:

"Aquele que tiver sede de progresso e de purificação venha à fonte que eu personifico pela moral que tenho pregado e beba, a largos tragos, o amor e a caridade, água viva, pura e fresca que dessedenta a alma e dá a vida eterna.

"Aquele que seguir a moral que eu personifico pelos meus ensinamentos e exemplos, que caminhar pela estrada que tracei, produzirá, tendo no coração a sinceridade, boas obras em abundância, trabalhará com perseverança e ardor pelo seu progresso pessoal e pelo progresso coletivo de seus irmãos e será assistido, inspirado, auxiliado e sustentado, consciente ou inconscientemente, pelos bons Espíritos."

V. 40. Dentre o povo, então, alguns, tendo ouvido aquelas palavras, diziam: Este homem é realmente

um profeta. — 41. Outros diziam: É o Cristo. Outros, porém, diziam: Pois quê! da Galiléia é que há de vir o Cristo? — 42. Não diz a Escritura que o Cristo virá da raça de David e da cidadezinha de Belém, donde era David? — 43. Assim é que se produziu entre o povo dissensão a respeito dele. — 44. Alguns queriam prendê-lo, mas nenhum lhe pôs a mão. — 45. Voltaram então os quadrilheiros aos príncipes dos sacerdotes e aos fariseus e estes lhes perguntaram: Porque não o trouxestes? — 46. Responderam os quadrilheiros: Nunca nenhum homem falou como esse homem. — 47. Replicaram os fariseus: Dar-se-á que também vós estejais iludidos? — 48. Porventura algum dos senadores ou dos fariseus creu nele? — 49. Porque, quanto a essa população que não conhece a lei, isso é gente amaldiçoada por Deus.

As dissensões que, a propósito de Jesus, se produziram entre os Judeus, dividindo-os, mostram que a revelação feita pelo anjo a Maria e a José se conservara secreta, como era preciso que acontecesse, pelos motivos que já vos temos aduzido. Mostram também que o fato de ter sido em Belém que Jesus aparecera na Terra era ignorado da maioria dos Judeus, ou fora esquecido. Tudo tinha que concorrer para a realização da obra.

Quanto ao fato de haverem alguns querido prendê-lo, sem que, entretanto, alguém lhe pusesse a mão, e ao de regressarem os quadrilheiros sem o levarem preso, se explicam pelo que dissemos acerca do v. 30.

A linguagem de que usaram os fariseus falando aos quadrilheiros é a de que se servem sempre os *chefes de seitas* por ocasião do advento de uma revelação nova. Não é a de que se servem os fariseus dos tempos atuais?

V. 50. Nicodemos, que era do número deles, o mesmo que fora ter de noite com Jesus, interpelou-os assim: — 51. Porventura a nossa lei autoriza que se condene um homem sem primeiro o ouvir e inqui-

rir do que faz? — 52. Responderam-lhe os outros: Acaso és tu também Galileu? Examina atentamente as Escrituras e vê que da Galiléia não surge profeta! — 53. E cada um voltou para sua casa.

Os fariseus partilhavam da ignorância dos Judeus, relativamente ao lugar onde se dera o aparecimento de Jesus.

As justas palavras de Nicodemos foram de natureza a não ficarem perdidas, do ponto de vista do vosso progresso social, assim como do ponto de vista do sagrado direito de defesa e de julgamento, no tocante à humanidade terrena. Elas concorreram para fazer ressaltar, aos olhos dos homens, a grande e sublime personalidade de Jesus.

NOTA — No original grego não consta a expressão — Espírito Santo, no versículo 39, mas apenas — Espírito. — W.

CAPÍTULO VIII

Vv. 1-11

A mulher adúltera

V. 1. Quanto a Jesus, foi para o monte das Oliveiras. — 2. Mas, ao romper do dia, voltou ao templo e todo o povo veio ter com ele que, sentando-se, entrou a ensiná-lo. — 3. Então os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher, que fora apanhada em adultério, e a puseram no meio de toda a gente. — 4. E disseram a Jesus: Mestre, esta mulher acaba de ser apanhada em adultério; — 5, e Moisés, na lei, mandou que as adúlteras sejam apedrejadas; tu, que dizes? — 6. Diziam-lhe isso, experimentando-o, para terem de que o acusar. *Jesus, porém, abaixando-se, pôs-se a escrever no chão com o dedo.* — 7. Como insistissem na pergunta, ele se levantou e lhes disse: Seja o primeiro a lhe atirar pedra aquele de vós que estiver sem pecado. — 8. E, *tornando a abaixar-se*, continuou a escrever na terra. — 9. Os que o interrogavam, ao lhe ouvirem a resposta, se foram retirando um a um, a começar pelos mais velhos, acabando por ficarem sós Jesus e a mulher, esta no lugar onde a tinham colocado. — 10. Jesus se ergueu e lhe perguntou: Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou? — 11. Respondeu ela: Não, Senhor. Disse-lhe então Jesus: Nem eu tampouco te condenarei. Vai e daqui por diante não peques mais.

N. 26. A estas palavras dos fariseus: "Mestre, esta mulher acaba de ser apanhada em adultério e Moisés, na lei, mandou que as adúlteras sejam apedrejadas: tu, que dizes?", Jesus, sem responder, se abaixa e põe-se a escrever no chão com o dedo. Como insistissem na pergunta, ele se levanta e diz: "Seja o primeiro a lhe atirar pedra aquele dentre vós que estiver sem pecado." Em se-

guida, abaixa-se de novo e continua a escrever no chão.

Assim, pois, Jesus se abaixou duas vezes. Fê-lo para dar tempo, aos que o cercavam, de refletirem, evitando que a sua presença os intimidasse ou levasse a tomar uma resolução sem a plena consciência do que faziam.

Estamos pelo Mestre encarregados de vos dizer o que foi que escreveu no chão, das duas vezes que se abaixou. As palavras que então traçou encerram e resumem todo o ensinamento que objetivou dar aos homens.

Da primeira vez, respondendo à pergunta que lhe dirigiram, escreveu: *"Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam."*

Da segunda, depois de lhes haver dito: "Seja o primeiro a lhe atirar pedra aquele dentre vós que estiver sem pecado", escreveu: "Quando quiseres julgar teu irmão, volve o olhar para dentro de ti mesmo, sonda o teu coração e interroga a tua consciência."

Sim, o homem, que inspeciona o seu íntimo, que sonda o seu coração e interroga a sua consciência, não atira pedra contra seu irmão, porque se reconhece pecador como este e sente que lhe cumpre perdoar para ser perdoado. Abstém-se de fazer aos outros o que não queria que lhe fizessem.

O que Jesus disse à adúltera vale, para os homens, por uma lição e um exemplo de misericórdia e de perdão, que eles devem reciprocamente praticar. Adverte-os também de que todos devem esforçar-se por não recair nas faltas já cometidas.

CAPÍTULO VIII

Vv. 12-24

Prédica de Jesus aos Judeus. — Palavras que só pela nova revelação haviam de ser compreendidas segundo o espírito, em espírito e verdade

N. 27. Também aqui as explicações vos têm que ser dadas de maneira especial, obedecendo à ordem dos pensamentos. Dividamos, pois, o trecho.

V. 12. Tomando de novo a palavra, disse-lhes Jesus: Sou a luz do mundo; aquele que me segue não caminha nas trevas; ao contrário, terá a luz da vida. — 13. Disseram-lhe então os fariseus: Tu és quem de ti mesmo dá testemunho; assim sendo, teu testemunho não é verdadeiro. — 14. Jesus respondeu: Se bem seja eu quem de mim mesmo dá testemunho, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou, ao passo que vós não sabeis donde venho nem para onde vou. — 15. Vós julgais segundo a carne, eu a ninguém julgo.

Jesus era e é realmente a luz que ilumina os homens. Até hoje ninguém se inteirou, com exatidão, de sua origem; ninguém podia segui-lo aonde ele ia. Só *ele* conhecia o lugar donde descera ao seio da humanidade. Só *ele* podia dar testemunho exato da sua origem. Só *ele* tinha dela ciência.

"Vós julgais *segundo a carne*, disse ao povo e aos fariseus. Não sabeis *donde vim* nem *para onde vou*". Em *espírito*, quer isto dizer: "Vós *me* atribuíis natureza e origem humanas, quais as vossas. É que não conheceis a minha natureza extra-humana, a minha origem espiritual e a minha missão."

"Se bem seja eu quem de mim mesmo dá testemunho, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde venho e para onde vou". Eu, que vos falo, sei quais são a minha natureza, a minha origem e a minha missão, por isso que, sob este invólucro que me faz visível a vós, conservo a liberdade e a independência do Espírito".

Quanto a estas palavras: "Eu a ninguém julgo", já as explicamos.

Dizendo: "*judgais segundo a carne*", Jesus aludia à humana sentença de condenação que dentro em pouco seria contra ele proferida.

V. 16. E, se eu julgasse, o meu juízo seria verdadeiro, *porque não estou só; comigo está o pai que me enviou.*

Assim falando, afirma estar sempre em relação direta com Deus, que é a verdade absoluta, mesmo quando se achava *diante* dos homens, no desempenho da sua missão terrena.

V. 17. Está escrito na vossa lei que verdadeiro é o testemunho de duas pessoas. — 18. Ora, eu dou testemunho de mim mesmo e meu pai, que me enviou, também dá testemunho de mim.

Jesus dava testemunho, não de atos humanos, mas de sua natureza *estranha* à humanidade e de sua origem espiritual. Ora, *tido por todos como homem*, dava testemunho de que seu Espírito procedia de uma fonte mais pura do que a de qualquer outro e que o Senhor também dava disso testemunho pelos atos que a vontade do Espírito podia praticar.

V. 19. Eles então lhe perguntaram: Onde está teu pai? Ao que Jesus respondeu: Não me conheceis a mim, nem a meu pai; se me conhecesseis, também conheceríeis a meu pai.

Se os homens houvessem compreendido a origem de Jesus, se tivessem sido capazes de perceber a hierarquia espírita, certamente teriam compreendido a relação existente entre o soberano criador e o Espírito enviado em missão para reconduzir ao caminho da salvação, à senda do progresso, os que se haviam transviado. Tal o sentido das palavras do Mestre.

Mesmo hoje, quando a nova revelação começa a irradiar pelo mundo, longe estais ainda de conhecer o pai, *no sentido de que não sabeis defini-lo. Mas, grande diferença há entre — definir e conhecer.*

V. 20. Isso disse Jesus ensinando no templo, junto do gazofilácio. E ninguém o prendeu, porque ainda não chegara a sua hora.

Não vislumbreis o que quer que seja de fatal nessas palavras.

Domina o espírito dos principais Judeus a idéia de prenderem a Jesus. Como, porém, ainda não houvesse soado o momento do sacrifício, eles, segundo já o explicamos, eram, por influência espírita ou magnética, conforme as circunstâncias, desviados do seu intento e impedidos de pô-lo em execução. Sabeis que a ação magnética de Jesus podia influir sobre as massas de povo. Com mais forte razão, portanto, sobre alguns homens que se encarnavam contra ele. Sabeis igualmente que os Espíritos elevados que o cercavam traduziam em ato, não as suas ordens, porém um sentimento mais pronto do que o pensamento, sentimento esse de que nem a inteligência, nem as palavras humanas podem dar idéia. A ação magnética do pensamento se exercia de Espírito a Espírito.

V. 21. Disse-lhes Jesus de novo: Eu me vou, vós me procurareis e morrereis no vosso pecado. Para

onde vou não podeis ir. — 22. Diziam então os Judeus: Dar-se-á que se suicide, pois diz: Não podeis vir onde vou?

Exprimindo-se *desse modo*, Jesus se dirigia a Espíritos que ele sabia muito atrasados e que, portanto, não tentariam sequer aproximar-se das esferas elevadas para onde o atraía a sua natureza.

Certo disso, quando dizia aquelas coisas, tinha em mente, vós o compreendeis, que nenhum Espírito podia alçar-se ao nível em que ele se achava. Outra, porém, era a idéia dos Judeus. Para estes, o suicídio, destruindo violenta e voluntariamente o corpo, despojava de suas prerrogativas o Espírito e o mergulhava no inexistente nada. Ora, sendo assim, os que ouviam o Mestre não longe estariam de querer imitá-lo, caso tivera a intenção de se aniquilar. Expressando-nos deste modo, nós nos colocamos no ponto de vista deles.

A crença, corrente entre os Judeus, de que o suicídio destruía o corpo e também a alma, tinha origem na sua história e sobretudo nas suas tradições, que os rabinos eruditos conhecem em grande parte. Não derivava de um princípio formalmente estabelecido; era resultado de deduções.

V. 23. Disse-lhes também: Vós sois daqui de baixo; eu sou do alto. Sois deste mundo; EU NÃO SOU deste mundo.

Sob o véu da letra, mas expressamente, Jesus, aqui, declara que a sua natureza e a sua origem estão *fora* da humanidade e torna patente o caráter *espiritual* da sua presença e da sua missão na Terra.

V. 24. Por isso eu vos disse que morrereis nos vossos pecados. Se, com efeito, não crerdes no que digo que sou, morrereis no vosso pecado.

*Segundo o espírito, em espírito e verdade, eis o que isto quer dizer: "Se não credes que sou um enviado de Deus, que desci ao mundo, vindo das esferas superiores, para vos ensinar o caminho da vida; se não abandonardes as veredas lamacentas por onde enveredastes e não tomardes a senda luminosa que vos abro, ficareis estacionários nas trevas, não fareis nenhum progresso, que é o meio *único* de vos elevardes para Deus."*

CAPÍTULO VIII

Vv. 25-45

Continuação da prédica de Jesus aos Judeus

N. 28. Ainda aqui dividamos o trecho, para que as explicações sejam dadas distinta e especialmente sobre cada ponto.

V. 25. Perguntaram-lhe pois: Quem és tu então? Jesus lhes respondeu: O principio, eu que vos falo.

Assim respondendo, proclamou, sob o véu da *letra*, sua posição espírita de fundador, protetor e governador do planeta terreno, como sendo aquele de quem procede e depende, sob o influxo superior da vontade divina e sob a ação das leis imutáveis que de toda a eternidade Deus estabeleceu, tudo o que na Terra é, em todos os reinos da natureza.

V. 26. Muitas coisas tenho que dizer de vós e que condenar em vós; mas aquele que me enviou é verdadeiro e eu só digo no mundo o que dele aprendi.

Jesus baixara ao meio dos homens para desempenhar uma missão de paz e de amor a que bem poucos quiseram associar-se. Como enviado do Senhor, recebia as impulsões divinas e obrava debaixo dessa influência suprema.

Declarando: "E só digo no mundo o que dele aprendi", teve em mente afirmar a sua inferioridade com relação a Deus e fazer sentir que de Deus recebia diretamente a impulsão, a influência, como enviado.

V. 27. E não compreenderam que ele dizia ser Deus seu pai. — 28. Disse-lhes em seguida Jesus:

Quando houverdes levantado o filho do homem, então conhecereis quem sou e que nada faço de mim mesmo, que só digo no mundo o que aprendi de meu pai.

Por essa forma quis tornar mais preciso e definido, sempre, porém, sob o *véu da letra*, o que acabara de dizer sem que os Judeus o houvessem compreendido, porque não podiam e não deviam compreendê-lo *segundo o espírito*.

O próprio João, fazendo-o debaixo da influência espírita, da inspiração mediúnica, das quais, entretanto, não tinha consciência, escrevia palavras cujo alcance e cujo sentido exato não percebia, palavras que só haviam de ser compreendidas nos tempos atuais, quando explicadas pela nova revelação, *em espírito e em verdade*.

Estas palavras "*quando houverdes levantado o filho do homem, então conhecereis quem sou*", foram ditas com um duplo sentido. No sentido positivo, referiam-se ao suplício que lhe seria infligido. No sentido profético, referiam-se à revelação atual, que vem mostrar aos homens, qual ele é, aquele que os homens, desprezando-lhe os conselhos e preceitos, têm erroneamente adorado. Essa revelação, patenteando o lugar que ele ocupa, eleva Jesus no espírito do homem, sem que a impossibilidade dos dados corra um véu entre o mesmo homem e o seu libertador.

"Quando houverdes levantado o filho do homem". Quando, diante de todos, me houverdes erguido, pregado à cruz, no cimo do Calvário; quando houverdes reconhecido que sou do Alto e não deste mundo; quando, por efeito das vossas interpretações humanas, de mim houverdes feito um homem e um Deus, um Deus *milagrosamente* encarnado, um homem Deus; quando aceitando a revelação por mim predita e prometida, do Espírito da Verdade, que vos será dada assim vos tendes tornado capazes de a suportar, me houverdes restituído o lugar que devo ocupar, então

conhecereis, em espírito e verdade, quem eu sou e conhecereis que nada faço senão pela vontade de Deus, de quem sou apenas instrumento e ministro, mas também órgão direto junto dos homens, aos quais só digo o que dele aprendi, pois que dele me vem a perfeição, que adquiri pelas minhas obras, e a presciência do futuro."

V. 29. E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque faço sempre o que é do seu agrado.

Estando, durante a sua missão terrena, pela pureza da sua essência espiritual e pela sua natureza extra-humana, em relação direta com aquele que o enviara, Jesus, Espírito puro, que nunca desmerecera, está sempre em relação com o princípio superior a que, na vossa linguagem, dais o nome de Deus.

V. 30. Ouvindo-lhe dizer essas coisas, muitos creram nele. — 31. Disse então Jesus aos Judeus que nele creram: Se permanecerdes na minha palavra sereis verdadeiramente meus discípulos. — 32. E conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres.

Efetivamente, aquele que toma a senda do Cristo, mas para logo à entrada, não pode dizer-se seu discípulo. Tal só pode ser aquele que o segue tão de perto quanto possível. Só aquele que perseverar *conhecerá a verdade e pela verdade será libertado*. Quer isto dizer: saberá que pelo trabalho, pela justiça, pelo amor e pela caridade é que pode progredir, depurar-se e avançar progressivamente para o conhecimento das verdades eternas; achará no progresso e na purificação a liberdade, ou, seja — o poder de atuar no físico e no moral, de maneira a libertar-se da escravidão do pecado, porquanto, para o homem, na prática da vida humana, a verdade é o bem: tudo o que é verdadeiro, justo e bom. O erro é o mal, isto é: tudo o que

afasta o homem da humildade, do desinteresse, da abnegação, do devotamento, do desejo de progredir pessoalmente e de concorrer para o progresso coletivo de seus irmãos. Numa palavra: é tudo o que o afasta da justiça, do amor e da caridade, do espírito de solidariedade e de fraternidade, únicas bases reais e duráveis da igualdade e da liberdade, para todos, perante Deus e perante os homens, e que, libertando progressivamente o Espírito do sepulcro da carne, lhe prepara o acesso aos mundos superiores.

V. 33. Responderam-lhe eles: Somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém. Como, *pois*, dizes: Sereis livres? — 34. Jesus lhes retrucou: Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado. — 35. Ora, o escravo não fica para sempre na casa, o filho, porém, nela fica para sempre. — 36. *Assim, pois, se o filho vos libertar, sereis VERDADEIRAMENTE livres.*

Deveis compreender, *segundo o espírito*, o sentido destas palavras. O escravo não fica para sempre na casa, porque, não havendo concluído a tarefa, tem que retomar seus instrumentos para continuá-la até que a termine.

Aquele que Jesus liberta, esse caminha pelas sendas do Senhor. Conquistou a liberdade e concedido lhe é o direito de gozá-la. Não torna mais a descer à Terra da escravidão.

Homens, não vades pensar, tomando esta *figura ao pé da letra*, que o vosso planeta esteja destinado a servir indefinidamente de morada a senhores e escravos, a poderosos e humildes, não.

O reino da liberdade, da liberdade humana chegará. Mas, é *necessário que o prepareis.*

Liberdade! Esta palavra vos causa atordoamento e a vossa inteligência obscura não lhe compreende o sentido.

Liberdade! Esta palavra, para vós, significa transferência de poder, substituição das mãos que

seguram as correntes do abuso. Mas, que importa isso, desde que as correntes existam sempre, quer sejam lançadas de cima, quer se elevem de baixo!

Homens, a liberdade vos fugirá, enquanto não achar preparada para recebê-la uma sociedade *de irmãos*, uma família *unida*, a que chamareis pátria ou nacionalidade, como quiserdes, no seio da grande família humana, que é a humanidade inteira, tendo por morada o vosso planeta.

A liberdade é o respeito às leis, da parte de uns, a doçura e a justiça da parte dos outros e, da parte de todos, amparo e apoio recíprocos. A liberdade existirá entre vós quando, tanto no terreno físico, como no terreno moral e intelectual, constituirdes uma associação mútua, formando uma cadeia contínua. Esta será então um verdadeiro cordão sanitário, vedando a passagem ao orgulho, à avareza, à inveja, ao ódio, à ambição, à força, à revolta.

A liberdade adeja por cima das vossas cabeças. Sobre vós, porém, não abaterá o vôo, senão quando puder encontrar corações puros que a recebam, mãos puras que a guiem por entre todas as camadas humanas.

V. 37. Sei que sois filhos de Abraão, mas procurais tirar-me a vida, porque a minha palavra não cabe em vós. — 38. Eu digo o que vi junto de meu pai e vós fazeis o que vistes junto de vosso pai. — 39. Responderam-lhe eles: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, fazei obras de Abraão. — 40. Agora, porém, procurais tirar-me a vida, a mim que vos tenho dito a verdade que aprendi de Deus. Isso Abraão nunca fez. — 41. Fazeis as obras de vosso pai. Responderam eles: Nós não somos bastardos; um pai temos, que é Deus. — 42. Disse-lhes Jesus: Se Deus fosse vosso pai, vós me amaríeis, pois eu de Deus sai e vim; porque, não vim de mim mesmo, ele foi que me enviou. — 43. Porque não compreendeis a minha linguagem? É porque não podeis ouvir a minha palavra. — 44. Sois filhos do diabo e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele

foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque não há nele verdade. Quando diz mentira, fala do que lhe é próprio, porquanto é mentiroso e pai da mentira. — 45. Entretanto, em mim, que vos digo a verdade, não credes.

Também destas palavras deveis compreender, *segundo o espírito*, o sentido. Se bem *que figuradas*, eram apropriadas, pela forma da linguagem, àqueles a quem se dirigiam, ao estado da inteligência deles, a seus preconceitos, a suas idéias, fruto das interpretações dadas às tradições. Eram também apropriadas ao fim que Jesus tinha em vista alcançar.

De um lado, *a letra*; do outro, o espírito. Jesus tudo dispunha, como sabeis, em todas as circunstâncias, do ponto de vista da atualidade e do porvir, objetivando os tempos, então futuros, da revelação do Espírito da Verdade, sob o império *do espírito*.

"Quereis tirar-me a vida", disse. E insiste nisso, repetindo essas palavras que, para o entendimento dos Judeus, equivaliam a estas outras: "Sou homem, mortal como vós", a fim de contrabalançar sempre a crença na divindade que lhe havia de ser atribuída dentro das trevas *da letra*. Essa divindade, como já vos mostramos, teve a sua razão de ser, mas tinha que ser combatida a seu *tempo* e, sob as radiações luminosas *do espírito*, tem que desaparecer, que se apagar diante da nova revelação.

Eu digo o que vi junto de meu pai.

"Tendo descido das esferas elevadas, estando sempre em relação com o Senhor, prego a moral pura, que só *ela* pode elevar os homens aos pés do Eterno e que, naquelas esferas, é praticada pelos Espíritos puros, pelos Espíritos superiores e pelos bons Espíritos".

Fazeis o que VISTES junto de vosso pai.

Jesus alude à origem do Espírito e à rota que este toma quando lhe é dado escolher seu caminho. Enveredando por um caminho falso, incorre na encarnação.

Esta expressão — "vosso *pai*" — de que se serve com referência aos Judeus é, aqui, *figurada*, como estas outras: "Sois *filhos do diabo*." Nessa frase, o *diabo, pai deles*, apenas personifica simbolicamente o mal que, originando-se do orgulho, da inveja, da presunção, produziu a revolta e determinou a queda do Espírito, o fez falir, o constituiu filho do pecado, quando, sendo livre de preferir esta àquela senda, por vontade e impulso próprios, tomou o mau caminho, provindo de sua própria disposição a simpatia que sentiu pelos Espíritos inferiores e que o levou a cair. E isso se dá por maneira tal que só depois da queda se estabelecem relações similares entre aqueles Espíritos e o que faliu.

Assim é que os homens a quem Jesus se dirigia eram "*filhos do diabo*". Eram filhos do pecado por serem filhos da revolta, por terem falido, porque, encarnados, sofrendo o castigo, consequência inevitável do desvio espiritual, *ainda faliam*.

FAZEIS o que VISTES junto de vosso pai. Falistes e continuais a falir.

"Fazeis as obras de vosso pai."

Persistis no mal, pois que más continuam a ser as vossas obras.

Sois filhos do diabo e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque não há nele verdade. Quando diz mentira, fala do que lhe é próprio, porquanto é mentiroso e pai da mentira.

Aos Judeus, segundo o seu modo de entender, estas palavras: *Ele foi homicida desde o princípio*, referentes àquele a quem Jesus aludia, dizendo: "vosso pai", o "diabo", evocavam a lembrança do fato emblemático do assassinio de Abel praticado por seu irmão Caim. Dizemos — "fato emblemático", porque são emblemáticas as figuras de Caim e de Abel, como o são as de Adão e Eva, umas e outras entendendo com a origem do Espírito, com a sua queda e as conseqüências desta, o que tudo já explicamos.³⁹

A posteridade de Caim representa, figuradamente, a série de Espíritos culpados, de Espíritos que faliram e sofrem a encarnação nos mundos materiais de provação e expiação. A figura emblemática de Caim representa o Espírito que se tornou culpado logo na sua origem, desviando-se da senda que lhe estava indicada. Tal Espírito foi homicida de si mesmo, visto que por suas próprias mãos se votou à morte espiritual, condenando-se à encarnação. Foi homicida de seu irmão, desde que este, por vontade e impulso próprios, enveredou pelo mau caminho e com ele firmou relações de afinidade. Conquanto essas relações se tenham estabelecido por efeito da simpatia que ele inspirou a seu irmão, simpatia oriunda das disposições deste último; conquanto o homicídio do segundo seja obra da sua vontade livre, nem por isso o primeiro deixou de ser assassino, uma vez que contribuiu, pelas suas sugestões e influências, para que ele também se condenasse à morte espiritual.

A verdade, a que Jesus se referia, segundo o texto que apreciamos, é o bem, é a pureza que o Espírito conserva ao longo do caminho do progresso que o eleva na hierarquia espírita, conduzindo-o à perfeição e, pela perfeição, a Deus, que é *a verdade absoluta*.

³⁹ Ver ns. 55-56 e seguintes do 1º tomo.

Mentira é tudo o que decorre do mal: falsidades, erros, falsas doutrinas, quer se traduzam por palavras, quer por atos.

Em espírito e verdade, o sentido das palavras do Mestre é este: "Vós, Espíritos *falidos*, sois filhos do pecado, filhos da revolta, e quereis, cedendo às inspirações do mal que vos fez falir, pôr em execução vossos pensamentos, vossas intenções culposas, derramando o sangue do justo."

O Espírito se tornou culpado, em sua origem, desviando-se da senda que lhe cumpria trilhar. Foi homicida de si mesmo porque se votou à morte espiritual, condenando-se à encarnação. Foi homicida daqueles de seus irmãos que se embrenharam pelo mau caminho e com ele estabeleceram relações de afinidade; que desse modo se votaram à morte espiritual, condenando-se à encarnação. Foi homicida destes últimos porque, pelas suas sugestões e sua influência, os arrastou à senda do mal. Faliu, não conservando em si a pureza que o Espírito deve guardar na senda do progresso. Quando de sua boca sai *tudo o que deriva do mal: falsidades, erros, falsas doutrinas*, externa o que, por vontade e impulso próprios, vai haurir na impureza de que se encheu, porquanto é órgão e autor de tudo o que tem origem no mal: falsidades, erros, falsas doutrinas.

Procurais tirar-me a vida, diz Jesus aos Judeus, *porque a minha palavra não cabe em vós*. — Porque não compreendeis a minha linguagem? — *É porque não podeis ouvir a minha palavra*.

Aqueles a quem assim falava o Mestre, *adstritos, pela opacidade* dos fluidos de seus perispíritos, a permanecerem nas regiões inferiores, se compraziam no meio iníquo em que se encontravam e procediam constantemente como Espíritos impuros e atrasados.

Se Deus fosse vosso pai, vós me amaríeis, pois eu de Deus procedo e vim. Porque, não vim de mim mesmo, ele foi que me enviou.

Se eles fossem espiritualmente mais elevados e, assim, verdadeiramente filhos de Deus, teriam de fato amado a Jesus, porquanto maior afinidade haveria entre os fluidos deste e os deles e, conseqüentemente, relação e atração. Jesus procedera de Deus e era de Deus o enviado entre os homens, por ser perfeita e imaculada a sua pureza.

Entretanto, em mim que vos digo a verdade, não credes.

Ouvindo-me pregar a moral pura, que só ela pode levar os homens aos pés do Eterno; vendo-me apontar-vos o caminho da purificação e do progresso, que vos há de conduzir à perfeição, não dais crédito à minha palavra, nem à minha missão.

CAPÍTULO VIII

Vv. 46-59

Continuação e fim da prédica de Jesus aos Judeus

V. 46. Quem de vós me argüirá de pecado? Se vos digo a verdade, porque não me credes? — 47. Aquele que é de Deus ouve as palavras de Deus. Por isso é que não as ouvis, é porque não sois de Deus. — 48. Responderam-lhe então os Judeus: Não temos nós razão de dizer que és Samaritano e tens demônio? — 49. Replicou-lhes Jesus: Não tenho demônio; apenas honro a meu pai, ao passo que vós a mim me desonrais. — 50. Não busco a minha glória; alguém há, porém, que a busca e me fará justiça. — 51. Em verdade, em verdade vos digo: Aquele, que guardar a minha palavra, jamais morrerá. — 52. Disseram-lhe os Judeus: Agora temos a certeza de que estás possesso do demônio. Abraão morreu e também os profetas e tu dizes: Aquele, que guardar a minha palavra, nunca provará a morte. — 53. És, porventura, maior do que nosso pai Abraão, que morreu, e do que os profetas, que também morreram? Quem pretendes tu ser? — 54. Jesus lhes respondeu: Se eu a mim mesmo me glorifico, minha glória nada é; quem, porém, me glorifica é meu pai, aquele que dizeis ser vosso Deus; — 55, se bem não o conheceis. Eu, entretanto, o conheço e, se dissesse que o não conheço, seria, como vós, mentiroso. Conheço-o e guardo a sua palavra. — 56. Vosso pai Abraão desejou ardentemente ver o meu dia; viu-o e exultou. — 57. Objetaram-lhe os Judeus: Ainda não tens cinqüenta anos e viste a Abraão! — 58. Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão fosse, eu sou. — 59. Então pegaram os Judeus de pedras para lhe atirarem, mas Jesus se encobriu e saiu do templo.

N. 29. Claramente compreensíveis são estes versículos.

Como já temos dito, eram Espíritos impuros e atrasados os daqueles homens a quem Jesus falava, de modo que suas palavras eles as tomavam sempre *ao pé da letra*, incapazes que eram, por efeito da impureza e da orgulhosa ignorância que os caracterizavam, de as compreender *segundo o espírito, em verdade*. Chamavam-lhe *samaritano*, injuriosa e desprezivelmente, vazando nessa expressão todo o ódio de que tinham cheios no mais alto grau os corações. Diziam-no possesso *do demônio*, pretendendo dessa forma acusar de estar submetido às piores influências, de ser órgão do erro e da mentira aquele que era Espírito puro e perfeito, que era o enviado de Deus, seu órgão direto entre os homens, o divino modelo.

Chamaremos a vossa atenção tão-somente para aquelas das palavras de Jesus que exigem explicações, a fim de que os homens lhes compreendam o sentido exato, despojado *da letra o espírito*.

"Em verdade, em verdade vos digo: Aquele, que guardar a minha palavra, jamais morrerá."

Para o Espírito que se acha em via de depuração, a estagnação, o permanecer estacionário é a morte. O progresso é a vida.

"*Aquele que guardar a minha palavra*", isto é: que praticar, sem nunca se afastar dela, a moral pura que prego aos homens, esse "*jamais morrerá*". Seu Espírito jamais ficará estacionário. Progredirá constantemente, avançará sempre para a perfeição, purificando-se cada vez mais. Viverá, portanto, sem nunca parar na sua marcha ascensional.

O pensamento de Jesus é de ordem *inteiramente espiritual*. Ele não se referia à vida do corpo, mas à do Espírito.

És, porventura, maior do que nosso pai Abraão,

que morreu, e do que os profetas, que também morreram? *Quem pretendes tu ser?*

A essa interpelação Jesus dá, como sempre, uma resposta *velada pela letra* e que não podia, nem devia, ser compreendida pela geração da época, nem pelas que a esta imediatamente se sucederiam, porquanto a resposta, *segundo o espírito*, em espírito e verdade, só a nova revelação havia de dá-la nos tempos atuais, quando os homens se tornaram capazes de apreendê-la.

"Se eu a mim mesmo me glorifico, minha glória nada é; quem, porém, me glorifica é meu pai, aquele que dizeis ser vosso Deus, se bem não o conheceis. *Eu*, entretanto, *o conheço* e, se dissesse que o não conheço, seria, como vós, mentiroso. *Conheço-o e guardo a sua palavra.*"

Dizendo isso, Jesus dá aos homens *um exemplo e uma lição* de humildade, mostrando não lhes caber o atribuírem-se a si mesmos um valor pessoal, qualquer superioridade sobre seus irmãos; ensinando que, assim como de Deus lhes vem o ser, também de Deus é que lhes vêm o valor, a elevação.

Declarando conhecer a Deus, afirma, sob o véu *da letra*, ser um puro Espírito, porquanto, conhecer a Deus é conhecer-lhe a essência, estar próximo do foco da onipotência e de toda a vida, o que só aos puros Espíritos é dado.

Quando disse — "*Eu guardo a sua palavra*" — afirmou estar, ele que falava aos homens, em relação direta com o pai, recebendo-lhe as inspirações e mantendo-se-lhe fiel às vontades, no cumprimento da sua missão.

"Vosso pai Abraão desejou ardentemente ver o meu dia; viu-o e exultou."

Jesus alude aqui à sua missão terrena, ao seu aparecimento na Terra, aludindo à alegria que causou ao Espírito de Abraão o advento do Messias. Esperado pelos homens, esse advento foi visto com grande júbilo por todos os Espíritos que trabalhavam então e ainda trabalham, sob a direção do vosso protetor, do vosso governador, pelo desenvolvimento e pelo progresso do vosso planeta e da humanidade que o habita.

Os Judeus, que sempre tomavam *ao pé da letra* o que o Mestre dizia, imaginando que este se reportava ao dia do seu nascimento, que supunham houvesse ocorrido por encarnação humana, como o deles, lhe observaram: "Ainda não tens cinqüenta anos e viste a Abraão!" Ao que Jesus responde:

"Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão fosse, EU SOU."

Sempre sob o véu *da letra*, o Mestre, por essas palavras, proclama: que não sofrera a encarnação humana, própria do vosso planeta, que, sob o invólucro que revestira para se tornar visível *aos olhares humanos*, era sempre Espírito independente e livre, Espírito de criação anterior à do de Abraão; que o era naquele momento, como era quando Abraão, Espírito, fora criado e ainda como era quando este viu o seu aparecimento na Terra, na qualidade de Messias.

Antes que Abraão fosse, eu sou. Minha natureza é extra-humana, minha existência entre vós *nada tem de comum* com a da humanidade a que pertenceis.

CAPÍTULO IX

Vv. 1-12

Cego de nascença. — Sua cura operada por Jesus

V. 1. E ao passar viu Jesus um homem, que era cego de nascença. — 2. Seus discípulos lhe perguntaram: Mestre, que pecado cometeu este homem ou cometeram seus pais, para que nascesse cego? — 3. Respondeu-lhes Jesus: Nem ele pecou, nem pecaram seus pais; isto assim é para que nele se *manifestem* as obras do poder de Deus. — 4. É necessário que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem depois a noite e durante ela ninguém pode fazer obras. — 5. Enquanto eu estou no mundo, sou a luz do mundo. — 6. Dito isso, cuspiu no chão, fez lodo com o cuspo e untou com esse lodo os olhos do cego; — 7, e lhe disse: Vai e lava-te na piscina de Siloé (que significa: Enviado). O homem foi, lavou-se e voltou enxergando. — 8. Então, seus vizinhos e os que o tinham visto antes a pedir esmolas perguntavam: Este não é o que se sentava e mendigava? Uns diziam: É ele mesmo. — 9. Outros, porém, diziam: Não; é outro que com ele se parece. Ele, entretanto, dizia: Sou eu mesmo. — 10. Perguntaram-lhe então: Como foi que se te abriram os olhos? — 11. Respondeu: Aquele homem que se chama Jesus fez lodo, ungiu-me os olhos e me disse: Vai à piscina de Siloé e lava-te. Fui, lavei-me e vejo. — 12. Perguntaram-lhe: Onde está ele? Respondeu: Não sei.

N. 30. Sabeis, pois o temos dito muitas vezes, que, quando Jesus teve que desempenhar a sua missão na Terra, um grupo se formou de Espíritos, que tomaram a si a tarefa de auxiliá-lo, ou de servir de instrumento à execução da obra que aquela missão visava realizar.

O cego de nascença pertencia a esse grupo de Espíritos que encarnaram em torno do Mestre. Submetendo-se à prova, que pedira, da cegueira, pôs termo à série das que lhe cumpria suportar.

Atentai na pergunta que os discípulos fazem a Jesus: "Que pecado cometeu este homem, ou cometeram seus pais, para que nascesse cego?"

Ora, para que um pecado daquele homem fosse *causa* da sua cegueira *de nascença*, preciso era que, *ao verificar-se o seu nascimento*, já *ele* houvesse pecado *como homem*, isto é, que tivesse tido uma existência anterior, em a qual houvesse cometido o pecado determinante da cegueira. Isso necessariamente supunha a anterioridade, a preexistência da alma e, por conseguinte, a reencarnação. Sendo assim, nenhum cabimento havia para qualquer alternativa. Desde então, o pecado dos pais não mais podia ser a causa daquela cegueira de nascença.

E de que modo um pecado dos pais pudera ser causa de tal cegueira? Só um pecado cometido por eles antes do nascimento do filho. Mas, concebe-se que uma criatura nasça cega por efeito de pecado que seus pais hajam cometido? Concebe-se que alguém sofra as conseqüências de falta em que outrem incorreu e que de tal falta resulte para esse alguém *o nascer cego*?

Não era isso o que tinham em mente os discípulos. Entretanto, formulando aquela pergunta da maneira por que o fizeram, inconscientemente preparavam a inteligência que a nova revelação, explicando-as *segundo o espírito*, viria dar às seguintes palavras, veladas *pela letra*, com que Jesus lhes respondeu: "*Isto assim é, para que nele se manifestem as obras do poder de Deus.*"

Como encarnados, os discípulos eram, não o esqueçais, pouco adiantados. Enclausurados na carne, seus Espíritos se achavam comprimidos pela matéria. Não se aventuravam a nenhuma das considerações que acabamos de expender. Nenhuma delas lhes podia acudir às inteligências, nem passar pelas idéias. Essas considerações mostram mesmo que a questão foi proposta por

Espíritos que, por se acharem, *como encarnados*, num estado de infância, não lhe mediam o alcance.

Eles não cogitavam senão de um pecado cometido por aquele que *nascera cego*, ou por seus pais. De sorte que o que tinham em mente perguntar era o seguinte: "Será isto a consequência de um pecado cometido por este homem, *portanto, desde o instante de seu nascimento, ou por seus pais?*" "A causa de este homem haver nascido cego terá sido algum pecado cometido por ele, ou por seus pais?"

Jesus respondeu enquadrando a sua resposta *no sentido das* próprias palavras dos discípulos. Assim é que disse: "*Nem ele pecou, nem pecaram seus pais*", o que equivale a ter dito: "Não, ele não expia faltas que haja cometido na sua atual encarnação e ainda menos falta em que seu pai ou sua mãe tenham incorrido."

"É preciso *que as obras do poder de Deus se manifestem nele.*" Preciso é que a expiação imposta ao Espírito culpado siga o seu curso. Este homem não sofre castigo por faltas do presente. Tampouco paga por outrem. Paga dívida contraída pelo seu próprio Espírito. Sua cegueira de nascença representa a expiação, que ele buscou, de faltas anteriores à sua encarnação atual. É assim que as obras do poder de Deus se manifestam nele. A cura da cegueira indica que a sua expiação terminou. Dessa forma ele serve ao cumprimento da missão do enviado de Deus.

Aquele homem, acima o dissemos, era um Espírito devotado que, encarnado em tais condições, para servir à execução da obra do Mestre, concluía suas provas.

"É necessário que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia. Vem depois a noite e durante ela ninguém pode fazer obras. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo."

É mister que eu faça, enquanto durar a minha missão terrena e desempenhando-a, todas as obras que Deus me encarregou de executar. Sou a luz que alumiará os homens, enquanto me achar entre eles. Aproxima-se o momento em que a minha missão terminará. Ninguém poderá impedir que ela tenha fim.

Quanto ao cego de nascença, chegara o momento terminal da sua prova. Jesus, como bem o compreendeis, para curá-lo, atuou fluidicamente sobre os órgãos da visão, exercendo, por ato da sua vontade, uma ação magnética. No 2º tomo, págs. 152-155 e no 3º, págs. 230-231, já explicamos fatos de cura da cegueira. Cabem aqui as explicações que demos então. Reportai-vos a elas.

Deveis igualmente compreender que Jesus nenhuma necessidade tinha de passar lodo nos olhos do cego a fim de lhe operar a cura. Esta se verificou por efeito da ação magnética. Ele fez aquilo apenas para dizer em seguida: *Vai lavar-te na piscina de Siloé.* As águas dessa piscina passavam por virtuosas. Jesus mandou que o cego curado se fosse lavar naquelas águas para mais divulgar o fato da cura, visto que era muito freqüentada a piscina de Siloé.

CAPÍTULO IX

Vv. 13-34

O cego é levado à presença dos fariseus. — Interrogatório a que o submetem e a que também respondem seu pai e sua mãe. — Sua expulsão depois de injuriado

V. 13. Levaram então aos fariseus o que fora cego. — 14. Ora, era um sábado o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos. — 15. Os fariseus também lhe perguntaram de que modo recobrou a vista. O homem respondeu: Ele me pôs lodo sobre os olhos, eu me lavei e vejo. — 16. Ouvindo isso, alguns fariseus disseram: Este homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado. Outros, porém, disseram: Como poderia um homem pecador fazer prodígios tais? Havia, assim, dissensão entre eles. — 17. Perguntaram então ao cego: E tu, que dizes desse homem que te abriu os olhos? Que é um profeta, respondeu. — 18. Mas os Judeus não acreditaram que ele fora cego e tivesse recuperado a vista, enquanto não fizeram vir à sua presença os pais dele, — 19, e os interrogaram assim: É este o vosso filho, de quem dizeis que nasceu cego? Como é que agora ele vê? — 20. Os pais do homem responderam: Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego. — 21. Como é que agora vê não o sabemos e igualmente não sabemos quem foi que lhe abriu os olhos. Interrogai-o; já tem idade; que fale por si mesmo. — 22. Seus pais assim falaram, porque tinham medo dos Judeus, visto que estes já haviam resolvido que fosse expulso da Sinagoga quem quer que confessasse ser Jesus o Cristo. — 23. Por isso foi que disseram: Ele já tem idade; interrogai-o. — 24. Chamaram então pela segunda vez o homem que fora cego e lhe disseram: Rende glória a Deus ⁴⁰. sabemos que esse homem é um

⁴⁰ Fórmula de que usavam os Judeus, sempre que de alguém queriam o juramento de dizer a verdade.

pecador. — 25. Ele lhes respondeu: Se é um pecador, não sei; uma só coisa sei e é que era eu cego e agora vejo. — 26. Perguntaram-lhe: Que te fez ele? Como te abriu os olhos? — 27. Respondeu-lhes: Já vo-lo disse e o ouvistes; porque quereis ouvi-lo de novo? Porventura quereis tornar-vos seus discípulos? — 28. Sobre isto o carregaram de injúrias e lhe disseram: Discípulo dele sejas tu, que nós somos discípulos de Moisés. — 29. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos donde é ele. — 30. O homem replicou: É espantoso que não saibais donde ele é e que me tenha aberto os olhos. — 31. Sabemos que Deus não ouve a pecadores, mas se alguém o honra e faz a vontade, a esse ele ouve. — 32. Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. — 33. Se este homem não fosse enviado de Deus, nada poderia fazer do que tem feito. — 34. Retrucaram-lhe: Tu, que és todo pecado desde que nasceste, pretendes dar-nos lições?! E o lançaram fora.

N. 31. Estes versículos não precisam de comentários. Confrontai esses fatos *com os que ocorrem presentemente*.

CAPÍTULO IX
Vv. 35-41

O cego que fora curado, sendo encontrado por Jesus, crê nele. — Palavras que Jesus lhe dirige. — Palavras dos fariseus a Jesus. — Resposta de Jesus

V. 35. Jesus ouviu dizer que o haviam expulsado e, encontrando-o, lhe perguntou: Crês no filho de Deus? — 36. Ele respondeu: Quem é ele, Senhor, para que eu nele creia? — 37. Disse-lhe Jesus. Até já o viste; é ele mesmo quem te fala. — 38. Disse ele então: Creio, Senhor. E, prostrando-se, o adorou. — 39. Acrescentou Jesus: Vim a este mundo para exercer um juízo, a fim de que os que não vêem vejam e os que vêem se façam cegos. — 40. Ouvindo isto, alguns dos fariseus que com ele estavam lhe perguntaram: Porventura também nós somos cegos? — 41. Jesus lhes respondeu: Se fosseis cegos, não teríeis culpa. Mas, vós mesmos agora dizeis: Nós vemos. Sendo assim, em vós permanece o vosso pecado.

N. 32. Nenhuma explicação se faz necessária para a inteligência destes versículos, *segundo o espírito*, salvo com relação às palavras que Jesus dirigiu ao que se curara da cegueira, quando se prosternou diante dele, e com relação à resposta que deu aos fariseus.

Jesus viera exercer um juízo, *no sentido de* ter vindo esclarecer os homens acerca do caminho que devem seguir e pregar-lhes a moral pura que é o código que lhes cabe consultar, para se absolverem ou condenarem, no foro íntimo de suas consciências, mediante exame sério e completo de seus pensamentos, palavras e atos.

"A fim de que, disse Jesus, os que não vêem vejam e os que vêem se façam cegos."

Estas palavras guardam um sentido *todo espiritual*. Referem-se à cegueira moral, não à cegueira *física, material e*, segundo o pensamento do Mestre, se aplicam a todos os tempos, pois que cumpre ao homem esforçar-se por adquirir a vista espiritual, procurando compreender e pôr em prática a moral pura que ele trouxe ao mundo, seus ensinamentos e exemplos.

Elas tinham, antes de tudo, uma aplicação especial aos que eram testemunhas da sua missão terrena e também têm uma especial aplicação aos que, na época atual, são testemunhas da nova revelação, da revelação do "*Espírito da Verdade*", por ele predita e prometida, da revelação da revelação, que agora vos é dada.

Quanto àqueles que assistiam à sua missão terrena, o ato que Jesus praticara, restituindo a vista corporal ao cego de nascença, *simbolizava* o ato que viera realizar desempenhando a sua missão e praticando todas as obras que praticou, destinadas a causar impressão em homens materiais, a fim de lhes restituir a vista *espiritual*, de os curar da cegueira *moral*, por meio da doutrina que pregava, de seus ensinamentos e exemplos.

Dizendo: "*a fim de que os que não vêem vejam*", aludia a todos os que se achavam privados da vista material, aos quais ele a restituía, e que, recobrando-a, lhe reconheciam a missão, percebiam a luz espiritual que lhes vinha clarear a inteligência e o coração. Aludia igualmente aos que, conquanto gozassem da vista corporal, estavam atacados de cegueira moral, mas que, presenciando os fatos por ele operados, admitindo-os, lhe reconheciam a missão e divisavam a luz espiritual que os vinha curar da cegueira de que padeciam.

Dizendo: "*a fim de que os que vêem se façam cegos*", aludia aos que, vendo os fatos que ele produzia, não os queriam admitir, nem lhe reco-

nheciam a missão. Esses se afastavam da luz e mergulhavam nas trevas por nada saberem distinguir na luz.

Aos fariseus que lhe perguntaram: "*Porventura também nós somos cegos?*" responde: *Se fosseis cegos não teríeis culpa. Segundo o espírito*, Jesus, por essa forma, exprime um duplo pensamento, aludindo à situação do cego de nascença que ele curara e que, Espírito devotado, terminava suas provas com o ver o fim da expiação que escolhera, para servir à execução da obra do Mestre, e com o lhe reconhecer a missão.

"Se fosseis cegos" também, isto é, se vos achásseis na situação deste homem, "não feríeis culpa".

Mas, agora dizeis: Nós vemos, Sendo assim, "em vós permanece o vosso pecado". Estas palavras são a conseqüência e a aplicação das que acabara de pronunciar: "*Os que vêem se façam cegos.*"

Mas, agora, dizeis que vedes: Dizeis que tendes a vista corporal. Dispondo dessa vista, observais as obras que eu faço, porém não as admitis, nem reconheceis a minha missão. Daí vem que em vós permanecem as vossas faltas, os vossos vícios, as vossas más paixões, que são frutos da vossa cegueira moral e vos fazem culpados.

Os fariseus, no seu foro íntimo, reconheciam a missão de Jesus; entretanto, não queriam admiti-la, porque ligavam mais importância aos bens da terra do que aos, para eles, hipotéticos bens do céu. Não tendes que vos admirar do seu proceder e de seus atos com relação a Jesus. A história dos Judeus não vos relata de que modo eram tratados os profetas, quando afrontavam os poderosos?

Quanto à aplicação das palavras que estamos apreciando à nova revelação e aos homens que a testemunham, ocorre perguntar-vos: Não achais que as condições atuais sejam *idênticas*

às da época em que Jesus desempenhou a sua missão? Os Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, não encontram o mesmo acolhimento que teve Jesus? A predição, por este feita, do advento da revelação atual não é recebida como o foi a do advento do Messias, do Cristo? Não há também os que, testemunhas das manifestações espíritas, físicas e inteligentes, reconhecem a missão dos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, e o advento da era nova predita e prometida pelo Mestre, os que percebem, assim, a luz espírita, que vem clarear as inteligências e os corações?

Não há os que, testemunhas de tais manifestações, não reconhecem, entretanto, aquela missão e o advento da era nova, se afastam da luz e mergulham nas trevas, por nada também saberem distinguir na luz?

Não tendes entre vós os novos fariseus, que falam e procedem com referência à nova revelação e aos que a aceitam e propagam pela palavra e pelo exemplo, como falavam e procediam os fariseus de outrora, com referência a Jesus e aos que lhe reconheciam a missão? Não os vedes procurando voluntariamente mergulhar nas trevas, *para salvaguardarem seus mesquinhos interesses materiais?*

A eles se aplica a resposta de Jesus aos daquela época.

CAPÍTULO X

Vv. 1-10

Parábola da porta do aprisco das ovelhas. — Jesus é a porta

V. 1. Em verdade, em verdade, vos digo: O que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, é roubador e ladrão. — 2. O que, porém, entra pela porta, esse é pastor das ovelhas. — 3. A este o porteiro abre e as ovelhas lhe ouvem a voz; chama as suas ovelhas pelos seus nomes e as tira para fora. — 4. E, tendo feito sair as ovelhas que lhe pertencem, vai adiante delas e elas o seguem, porque lhe conhecem a voz. — 5. A um estranho não seguem, antes fogem dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. — 6. Esta parábola lhes propôs Jesus. Mas eles não entenderam o de que ele lhes falava. — 7. Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas. — 8. Todos quantos têm vindo são roubadores e ladrões; as ovelhas não os ouviram. — 9. Eu sou a porta. Aquele, que entrar por mim, será salvo; entrará, sairá e achará pastagens. — 10. O ladrão não vem senão para furtar, matar e perder. Eu, porém, vim para que as ovelhas tenham vida e a tenham em abundância.

N. 33. Jesus é a porta do aprisco. É ele quem abre e ilumina a inteligência e conduz o Espírito à morada do pai: à perfeição.

Os que não têm seguido as veredas por ele abertas; os que, pelo contrário, têm desviado os homens, impelindo-os ao ódio, ao orgulho, à vingança, à cupidez, não são "ladrões e roubadores", visto que não penetraram no coração humano pela única porta que dá acesso ao pastor: o amor e a renúncia.

Jesus, por meio dessa parábola e da explicação que dela oferece, velada *pela letra*, se dirigiu àquela época e ao futuro. Usando de uma linguagem apropriada ao momento, às inteligências dos que o ouviam e que precisavam ser fortemente abalados, chamava a atenção de todos para os falsos pastores de então e a das gerações que se sucederiam para os falsos pastores que se diriam seus representantes, seus discípulos. Indicava os sinais para se reconhecerem esses falsos pastores, dos quais todos devem fugir, e os dos pastores *verdadeiros*, os únicos que devem ser escutados e seguidos. Proclamava a sua autoridade plena e completa sobre o planeta e a humanidade terrenos, a salvação dos homens pela prática da sua moral, a grandeza e o objetivo da sua missão terrena.

V. 1. O que não entra pela porta no aprisco, mas sobe por outra parte, é roubador e ladrão.

Aquele que toma o encargo de instruir os homens e que, em vez de lhes ensinar, pela palavra e pelo exemplo, a moral pura que Jesus personifica e pregou, os desvia dos caminhos simples e retos da justiça, do amor, e da caridade, é ladrão e roubador das almas, é um falso pastor.

V. 2. O que, porém, entra pela porta, esse é pastor das ovelhas.

O que *ensina e pratica* aquela moral é verdadeiro pastor.

V. 3. A este o porteiro abre e as ovelhas lhe ouvem a voz; chama as suas ovelhas pelos seus nomes.

A esse abre o Senhor a inteligência e dá luz. Seus ensinamentos penetram no coração dos homens,

que logo o conhecem e se tornam dóceis aos seus chamamentos.

E as tira para fora.

Tira-as do caminho traçado pelos falsos pastores; tira-as do redil em que as meteram e que é antes uma masmorra trevosa. Havia nessas palavras uma alusão ao que se dera com a lei de Moisés, ao que se daria com o Cristianismo e ao que ocorreria, quer antes da revelação atual, quer ao tempo dela, para que os homens fossem reconduzidos à prática da moral que ele ensinava.

V. 4. E, tendo feito sair as ovelhas que lhe pertencem, vai adiante delas e elas o seguem, porque lhe conhecem a voz.

Compreende-se. Os que caminham nas pegadas do verdadeiro pastor, praticando a moral que estes lhes ensina pela palavra e pelos exemplos de humildade, de caridade, de amor e de renúncia de si mesmo, moral que é a de Jesus, os que efetivamente *reconhecem que acharam o caminho santo do Salvador*, esses não mais se deixam transviar, seguem com entusiasmo o pastor.

V. 5. A um estranho não seguem, antes fogem dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.

Esforços inúteis serão os dos que quiserem levar consigo as ovelhas que hajam escutado a voz do bom pastor. Aqueles, cujas almas tenham sido tocadas por essa harmonia divina, não se deixarão mais seduzir pelos sons discordantes das vozes humanas que procurem desencaminhá-los.

V. 7. *Em verdade, em verdade vos digo*: Eu sou a porta das ovelhas.

Não podem os homens progredir, purificar-se e atingir a perfeição, senão praticando a moral do Mestre, seguindo o caminho que ele traçou com os seus ensinamentos e exemplos. Não podem alcançar essa meta, senão por intermédio dele, que abre e ilumina a inteligência por todos os meios que a providência de Deus lhe confiou e que ele emprega, ele que é o protetor e o governador do vosso planeta, de acordo com as faculdades e necessidades de cada criatura, de cada época, de cada era.

V. 8. Todos quantos têm vindo são roubadores e ladrões; as ovelhas não os ouviram.

Há aqui uma *figura*. O Mestre alude às diversas missões humanas que, mais ou menos maculadas pela fraqueza inerente à natureza do homem, não tiveram a força e o valor da missão divina que ele desempenhou.

Dizendo: "Todos os que têm vindo são roubadores e ladrões", Jesus se serviu, repetimos, de uma linguagem figurada. Tendo, só ele, autoridade plena e completa, estabeleceu o valor *especial* dessa autoridade, valendo-se de uma imagem bastante forte para produzir sensação entre homens que o repeliam em nome dos profetas e que se recusavam a admitir que nele se houvesse verificado o advento do Messias esperado.

"As ovelhas não os escutaram."

Não é fato que os homens se têm afastado dos princípios que os diversos enviados lhes inculcaram? Escutaram-nos no momento, mas pouco a pouco se foram afastando.

Jesus foi repellido por muitos, mas foi acolhido por alguns cujo número de dia para dia aumentou e que agora se multiplicará ao infinito, pois que chegaram os tempos em que os homens *"lhes escutarão a voz"* e em que, pela depuração

e transformação do planeta e da humanidade terrenos, não haverá mais na Terra, como ele o predisse, "*senão um só rebanho e um só pastor.*"

V. 9. Eu sou a porta. Aquele que entrar por mim será *salvo*.

Aquele que praticar a minha moral, que, portanto, caminhar nas minhas sendas, progredirá, se purificará e seguirá uma marcha ascensional que conduz o Espírito à perfeição.

Entrará, sairá e achará pastagens.

Entrará na vida humana, dela sairá e, em todas as condições, achará o pão, não o que alimenta o corpo, mas o que eleva a alma.

V. 10. O ladrão não vem senão para furtar, matar e perder.

Sim; deveis notar que todas as missões precedentes causaram derramamento de sangue, enquanto que Jesus sempre pregou a paz, a união, a fraternidade.

Se *em seu nome* se tem derramado sangue, ah! que esse sangue caia sobre a memória dos que, dizendo-se seus discípulos, não passavam de lobos vorazes!

Orai pelos que ainda não expiaram a sua cegueira sanguinária.

"Eu, porém, vim, para que as ovelhas tenham vida e a tenham em abundância."

Desempenhando a sua missão terrena, Jesus veio mostrar aos homens as sendas e os meios de regeneração, constituídos pela sua moral pura, que é, para a alma, o pão de vida, proporcionando-lhe abundante alimento, que a engrandece, fortifica, depura e eleva.

CAPÍTULO X

Vv. 11-21

Jesus é o bom pastor. — São suas ovelhas todos os que praticam a sua moral pura. — Sua missão consiste em levar todos os homens a praticá-la, a fim de que não haja mais do que um rebanho e um só pastor. — Ele tem o poder de deixar a vida e de a retomar; ninguém lha tira, nem lha pode tirar

N. 34. Grande importância têm estes versículos, do ponto de vista da natureza extra-humana de Jesus; do de sua morte no Gólgota, morte que os *homens consideraram real, mas* que foi apenas aparente; do das condições e do modo por que se deu o seu aparecimento entre os homens; do de seu reaparecimento chamado "ressurreição"; do de suas aparições sucessivas às mulheres e aos discípulos e do de seu desaparecimento definitivo, elevando-se às nuvens, na época dita da "Ascensão". Também grande importância apresentam do ponto de vista da sua missão e dos resultados desta, dada a sua qualidade de protetor e governador do planeta terreno, de encarregado do vosso desenvolvimento e progresso e de vos conduzir à perfeição.

Separai-os e vos daremos sobre cada um as explicações especiais que comportam, *segundo o espírito*.

V. 11. Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas. — 12. O mercenário, porém, e o que não é pastor, aos quais as ovelhas não pertencem, vendo vir o lobo, abandonam as ovelhas e fogem; e o lobo as arrebatava e dispersa o rebanho. — 13. O mercenário foge porque é mercenário e lha não importam as ovelhas.

Estas palavras *figuradas* se referiam àquela época e ao futuro, aos vossos dias. Os que tomaram a si apascentar o rebanho do bom pastor, não se sentindo com forças para combaterem os vícios que os assaltavam, a estes se entregaram e lhes abandonaram as ovelhas, de cuja guarda se haviam incumbido. O bom pastor, porém, o pastor das almas vela pelo seu rebanho e constantemente o ronda, concitando à vigilância, pela palavra e pelo gesto, os guardas fiéis com os quais sabe poder contar e que o ajudam a reunir e trazer para o centro as que denotam tendência a desgarrar.

Para o bom pastor não há *interesse pessoal*, nem *fadiga*.

Dizendo: "Eu sou o bom pastor: o bom pastor *dá a própria vida pelas suas ovelhas*", Jesus preparava os que o ouviam, os homens da época e as gerações futuras, para atenderem à alusão que ele ia fazer ao sacrifício do Gólgota e às suas conseqüências.

V. 14. Eu sou o bom pastor e conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem. — 15. Assim como meu Pai me conhece, assim eu conheço a meu Pai e dou a vida pelas minhas ovelhas. — 16. Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste aprisco. Também estas cumpre que eu as traga; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor.

Aludia Jesus à sua missão terrena, aos frutos que ela há de dar; à sua missão espiritual como protetor e governador do planeta terrestre e aos resultados que há de produzir, resultados que prediz aos homens.

Suas "ovelhas" são todos os Espíritos que, encarnados ou errantes, pertencem à Terra.

As *que o conhecem* são os que praticam a moral pura por ele pregada e lhe reconhecem a missão.

As que não pertencem a este aprisco, mas que a ele serão trazidas e lhe escutarão a voz, são os que ainda não praticam a sua moral, ou que, praticando-a, não lhe reconhecem ainda a missão, sem, contudo, se mostrarem rebeldes ao progresso. São os que virão a praticar a sua moral e a lhe reconhecer a missão, depurando-se continuamente no cadinho do tempo e da reencarnação, percebendo, por esse meio, cada vez melhor, a luz e a verdade que ele trouxe aos homens e que a nova revelação vem fazer brilhar com vivo fulgor.

Ao proferir aquelas palavras, Jesus envolvia no seu pensamento a humanidade inteira, de quem é ele o bom pastor, todas as gerações de Espíritos que, em via de purificação, tinham encarnado na Terra antes da sua missão, estavam encarnadas quando a desempenhava e nela ainda haviam de encarnar e que, dóceis à sua voz de Messias, às dos Espíritos em missão, encarnados e errantes, órgãos do Espírito da Verdade, hão de chegar, de progresso em progresso, de purificação em purificação, à perfeição moral humana. Então é que, sob o império da lei de amor, *não haverá mais que um único rebanho e um só pastor*. Então é que Jesus, vosso protetor e governador, virá, como soberano, visível para as criaturas purificadas, em todo o seu fulgor espírita, ao vosso planeta igualmente purificado. É então que ele, o Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade, virá mostrá-la, sem véu, ao mundo; virá para conduzi-las todas à vida dos puros Espíritos, a tomarem lugar entre os ministros diretos de Deus, entre os seus agentes ativos e devotados, entre os que se consagram à obra do progresso universal, da vida e da harmonia universais, uma vez que, pela pureza que adquiriram, lhes cabe, numa atividade incessante, progredir eternamente em ciência universal, haurindo esse progresso na fonte infinita de todo o poder, de

todo o amor, de toda a justiça, de toda a ciência, de toda a verdade.

V. 17. Por isso o Pai me ama, porque deixo a minha vida para a retomar. — 18. Ninguém ma tira; eu *por mim* mesmo a deixo; tenho o *poder de a deixar* e tenho o *poder de a retomar*. Este mandamento *recebi* de meu Pai.

Estas palavras, a que se não tem dado muita atenção, a que se não tem ligado grande importância, confirmam o que havemos dito sobre a natureza e a origem de Jesus.

"Por isso, disse ele, o Pai me ama, porque deixo minha vida para a retomar. — 18. Ninguém ma tira."

"Pela consumação do sacrifício do Gólgota e pelo que se lhe há de seguir por efeito da minha missão espiritual é que meu pai tem confiança em mim.

"É desse modo que eu deixo, para retomá-la, a vida que os *homens consideram humana*. É desse modo que deixo a vida, *humana no entender dos homens*, para retomar a vida *toda espiritual que me é própria*."

"Ninguém ma tira; eu por mim mesmo a deixo."

Jesus, mesmo que fora um homem carnal como vós outros, teria recebido da mão *dos homens a morte*. Voluntariamente, sem dúvida, ele se houvera oferecido como vítima. Mas, em tal caso, teria com efeito perdido a vida pela ação *dos algozes*.

Sendo, porém, fluídica a sua encarnação, de natureza perispirítica, embora opaco e tangível o corpo que revestira, ele deixava espontaneamente a vida que tomara. Deixava-a por si mesmo. Ninguém lha tirava, ninguém lha podia tirar. Só a poderiam os homens tirar, se pudessem ti-

rá-la a um Espírito que, fluidicamente encarnado em mundo superior, houvesse assimilado seu envoltório fluídico às regiões terrenas, para na Terra aparecer visível e tangível. Igualmente, ele retomava, à vontade, a vida toda espiritual que lhe era própria, deixando o invólucro fluídico que havia tomado, com a aparência do corpo humano, do mesmo modo que um Espírito, fluidicamente encarnado em um mundo superior, retomaria a vida espiritual que lhe é própria, abandonando o envoltório fluídico que houvesse assimilado ao meio terreno para, visível e tangível, aparecer na Terra.

Assim, fazendo uma alusão, *velada pela letra*, à natureza que lhe era peculiar, Jesus, por aquelas palavras, afirmava ser de natureza extra-humana, de natureza fluídica, perispiritual, o seu invólucro corporal, aparentemente humano. E, sendo assim, só era passível de uma morte aparente, mas os *homens consideraram* real a sua morte, porque, como condição e meio de progredirem, mister se fazia que acreditassem ser o Mestre um homem igual a eles, mortal como eles e que por eles efetivamente morrera às *mãos dos seus algozes*.

Era mister que tal sucedesse, como era que, mais tarde, acreditassem, conforme acreditaram, que Jesus fora Deus *milagrosamente* encarnado, fora um homem-deus, que por eles morrera às mãos de seus algozes, crença que se originou da dupla revelação da lei antiga, da revelação que o anjo fizera a Maria, quando essa revelação se divulgou, da vida pura e sem mácula do Mestre, dos atos e acontecimentos verificados durante a sua missão terrena, de suas palavras e bem assim das interpretações humanas a que esses atos, acontecimentos e palavras deram lugar.

"Tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar."

"Tenho o poder de deixar a vida que tomei, *tida* por humana *pelos homens*, para voltar à vida toda espiritual que me é própria, como protetor e governador do planeta terrestre, e de a retomar para reaparecer entre eles, conforme o exija a minha missão terrena. Tenho o poder de deixar a vida que os *homens consideram* humana, quando se consumar o sacrifício do Gólgota; e tenho o poder de a retomar para ressuscitar, isto é, para reaparecer no mundo e para me afastar da Terra às vistas de todos, quando estiver terminada a minha missão terrena, a fim de retomar definitivamente a vida toda espiritual que me é própria e continuar a minha missão de protetor e governador deste planeta."

"É este um mandamento que recebi de meu Pai."

"Tudo isto corresponde à vontade divina, que permitiu me manifestasse eu aos homens, prescrevendo a execução da minha obra, para o progresso deles."

V. 19. Estas palavras suscitaram nova discussão entre os Judeus. — 20. Muitos deles diziam: Está possesso do demônio; perdeu o juízo; porque o escutais? — 21. Outros, porém, diziam: Estas não são palavras de quem está possesso do demônio; pode acaso o demônio abrir os olhos aos cegos?

Eram as mesmas discussões que se travam sempre que uma verdade, tida como nova pelos que se julgam possuidores de *toda a ciência*, assume o direito de cidade no seio da humanidade terrena, sem que tenha antes feito visar seus passaportes pelas autoridades científicas.

Pequeno é sempre o número dos que, desde o primeiro momento, se colocam, como simples curiosos, do lado da novidade, a que depois se

apegam de todo o coração, impelidos pelo sentimento e pela consciência.

Esses serão sempre considerados pobres de espírito, ignorantes, loucos, até que a verdade, tendo-se imposto, seja forçosamente reconhecida e admitida como tal pelas *corporações douradas*, que, então, passam a fulminar com o seu desprezo os que, não obstante, persistam em não acreditar no que elas afinal consentem em admitir.

CAPÍTULO X

Vv. 22-42

Jesus, acusado de querer passar por ser Deus, protesta, sob o véu da letra, e, também sob o véu da letra, lembrando aos Judeus o Salmo LXXXI, vv. 1 e 6, se proclama filho de Deus, deus como eles, tendo tido, como essência espiritual, a mesma origem que todos. — Proclama ao mesmo tempo, mas ainda veladamente, sua autoridade, sua missão terrena e sua missão espiritual

V. 22. Celebrava-se então em Jerusalém a festa da Dedicção; e era inverno. — 23. E Jesus perambulava pelo templo, no pórtico de Salomão. — 24. *Rodearam-no os Judeus e lhe perguntaram: Até quando nos terás tu o espírito em suspenso? Se és o Cristo, dize-o claramente.* — 25. Respondeu-lhes Jesus: "Eu vos falo e não me credes; as obras que faço em nome de meu Pai, essas dão testemunho de mim. — 26. Mas não me credes, porque não sois das minhas ovelhas. — 27. Minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço e elas me seguem. — 28. E lhes dou a vida eterna e elas nunca perecerão e ninguém as arrebatará de minhas mãos. — 29. O que meu Pai me deu é maior do que todas as coisas e ninguém o pode arrebatá da mão de meu Pai. — 30. Meu Pai e eu somos um." — 31. Então os Judeus pegaram de pedras para o apedrejarem. — 32. Disse-lhes Jesus: "Tenho-vos mostrado muitas obras boas feitas pelo poder de meu Pai; por qual dessas obras me quereis apedrejar?" — 33. Os Judeus lhe responderam: Não te apedrejaremos por causa de qualquer boa obra, mas por causa da tua blasfêmia, porque, sendo homem, tu te fazes Deus. — 34. Jesus lhes retrucou: Não está escrito na vossa lei: "Eu disse que sois deuses"? — 35. Ora, se ela chama deuses àqueles a quem a palavra de Deus é dirigida (e a Escritura não pode falhar) — 36, como é que dizeis àquele que o Pai santificou e enviou ao mundo: Tu blasfe-

mas, porque digo que sou filho de Deus? — 37. Se não faço as obras de meu Pai, não me creiais. — 38. Mas, se as faço, quando não queirais crer em mim, crede nas minhas obras, a fim de que conheçais e creiais que o Pai está em mim e eu no Pai. — 39. Tentaram então os Judeus prendê-lo, mas ele se lhes escapou das mãos. — 40. E foi de novo para além Jordão, para o lugar onde João estivera a principio batizando. E lá ficou. — 41. Muitos vieram ter com ele e diziam: João, na verdade, não fez milagre algum, — 42, mas tudo quanto disse deste era verdadeiro. E muitos creram nele.

N. 35. Acompanhai com atenção todos os atos e todas as palavras de Jesus e vereis como ele tudo dispõe para que a sua missão siga o seu curso e se complete; como tudo dispõe, tendo em vista aquela época e o futuro e também tendo em vista a revelação atual que, por ele predita e prometida, *há de encontrar sua base, seus elementos e seus meios, assim como a sua sanção prévia, em a narração evangélica da sua missão terrena.*

Pelas explicações que já vos temos dado, podeis compreender, *segundo o espírito, o sentido destes versículos.* Assim, limitar-nos-emos a chamar a vossa atenção para aquelas das palavras do Mestre que exigem explicações *especiais*, a fim de serem compreendidas no seu sentido exato e preciso, *em espírito e verdade.*

(Vv. 24-28.) As palavras constantes nestes versículos não devem ser separadas destas outras, também por ele proferidas, e que já vos explicamos.

Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Também estas cumpre que eu as traga. Elas ouvirão a minha voz e não haverá mais que um só rebanho e um só pastor.

As palavras do Mestre se encadeiam todas e formam um conjunto harmônico.

Os Judeus, a quem ele se dirigia, não eram suas ovelhas, porque, Espíritos impuros e atrasados, não praticavam os princípios de justiça, de amor e de caridade que lhes tinham sido prescritos por intermédio de Moisés e dos profetas.

Não eram suas ovelhas, porque, repelindo-o, repudiavam a moral pura que ele pregava, *não* apenas, de modo egoístico, para a nacionalidade deles, mas para todos os homens, Judeus e Gentios. Não o eram, porque recusavam aceitar seus ensinamentos e exemplos, sua missão e, assim, não lhe ouviam a voz, nem o seguiam.

Não eram do aprisco do bom pastor, mas haviam de ser todos por ele levados a esse aprisco, visto que todos de futuro viriam a praticar a moral pura que ele personifica, a lhe reconhecer a missão e, *dessa maneira*, a ver cumpridas, no que lhes dizia respeito, estas palavras: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço e elas me seguem. Dou-lhes a vida eterna; elas nunca perecerão e ninguém as arrebatará da minha mão."

É o que havia e há de suceder na Terra, assim com relação aos Judeus, como a todos os outros homens, que tiverem sido, forem e se tornarem dóceis e perseverantes no caminho do progresso e da purificação, que os farão perceber, cada vez melhor, a luz e a verdade.

(Vv. 29-30.) O que Deus deu a Jesus é maior do que todas as coisas e ninguém o pode arrebatá-lo da mão de Deus, pois que se trata do poder que este lhe conferiu relativamente à Terra, quando o instituiu protetor e governador desse planeta, depois de lhe ter dado o de o constituir. Trata-se da superioridade que ele tem sobre todos.

"Meu Pai e eu, disse Jesus, somos um." Pelas explicações que já recebestes a este respeito, estais em condições de compreender, *segundo o espírito,*

o *sentido* dessas palavras. Há unidade, entendida esta no sentido da afinidade que existe entre Jesus e o Criador e que permite àquele estar diretamente em relação fluidica com este. Há unidade de pensamento.

(Vv. 31-36.) Os Judeus acusam a Jesus de fazer-se Deus, por haver dito: *Eu e o Pai somos um*. Não podendo compreender e não compreendendo, no verdadeiro sentido, as palavras que o Mestre lhes dirigia, os Judeus as tomavam sempre *ao pé da letra*.

A resposta que Jesus lhes deu, entendida *segundo o espírito, em verdade*, exclui a divindade que eles o acusavam de se atribuir. Proclama, ao mesmo tempo, ser também ele, como os que o acusavam, uma criatura de Deus, afirmando que, como eles, tirara o *ser*, do pai, do Criador incriado, que é o único Deus; que tivera, como eles, o mesmo início, o *mesmo* ponto de partida, a mesma origem divina comum a todos, *na qualidade de princípio espiritual*, mas que era superior a todos os da Terra pela sua pureza, pelo seu poder, pela natureza da sua missão.

Quando os Judeus lhe dizem:

Não te apedrejamos por causa de qualquer boa obra, mas por causa da tua blasfêmia, porque, sendo homem, tu te fazes Deus.

Jesus responde:

Não está escrito na vossa lei: "Eu disse: sois deuses"? Ora, se ela chama deuses àqueles a quem a palavra de Deus é dirigida (e a Escritura não pode falhar), como é que dizeis àquele que o pai santificou e enviou ao mundo: "Tu blasfemas", porque digo que sou filho de Deus?

Tendo-se em vista o entendimento dos Judeus e a acusação que haviam feito, essa resposta, em que *a letra se opõe à letra*, era peremptória,

apropriada, pelos seus termos, à inteligência deles, de molde a detê-los na atitude acusatória que assumiram e a desviar a acusação formulada. Além disso, encerrava, sob o véu *da letra*, a base, os elementos e os meios de ser explicada, *em espírito e verdade, como o é*, pela revelação atual, que, só ela, havia de dar, em nome do Espírito da Verdade, essa explicação, quando os homens se tivessem tornado capazes de recebê-la.

Estas palavras, de que usa a Escritura, quando fala daqueles a quem *a palavra de Deus é dirigida*, e que Jesus recordou: "Eu disse: Sois *deuses*", tinham por objeto exaltar os homens a seus próprios olhos, fazendo-lhes perceber os *laços que os prendem à divindade*.

Sois deuses, no sentido de que, formados, espiritualmente, do princípio vital que de Deus emana, a ele vos achais ligados pela *infinidade* da vossa existência, desde que fostes criados. *Participais, portanto, da divindade*, do ponto de vista de que, uma vez criados, vos tornastes eternos como o vosso criador. Mas, *da prerrogativa* de estardes em relação fluídica direta com Deus, de serdes, *pelo pensamento, uno* com ele, não podeis gozar, enquanto a vossa perfeição não vos houver feito dignos disso.

Sois deuses, no sentido de *que a essência espiritual* tem por domínio a eternidade, pois que emana de Deus, tira dele o *ser*, isto é, tira o princípio de inteligência e o princípio fluídico que constituirão o Espírito livre, consciente e responsável, destinado a ser conduzido a formar uma individualidade eterna, indo do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, porquanto, se fosse possível a sua eternização no mal, já ele não seria mais divindade. Eis porque aqueles a quem Deus dirige especialmente a sua palavra são chamados *deuses*. *É* que esses, mais do que outros, se acham *em via de* adquirir aquela perfeição *necessária*.

É assim que Jesus se apresenta aos homens como participante da divindade. Ele o é, do mesmo modo que toda e qualquer essência espiritual, e goza da prerrogativa de que se tornou digno, por efeito da perfeição que suas obras lhe granjearam, a de estar em relação fluídica direta com Deus, de ser com ele uno pelo pensamento.

A lei, a Escritura (S. LXXXI, v. 6), depois destas palavras: "Eu disse: Sois deuses", acrescenta: "e todos sois filhos do Altíssimo."

Jesus, porém, se limitou a dizer aos Judeus: "Não está escrito na vossa lei: "Eu disse: Sois *deuses* ?"

Deveis compreender a razão por que não citou as palavras restantes: "*E todos sois filhos do Altíssimo.*"

Além de não ser oportuna, dado o que ele objetivava alcançar, a citação dessas outras palavras o arrastaria a uma nova discussão com homens que não podiam compreender, *segundo o espírito*, o sentido do que diz a Escritura e a aplicação que ele lhe daria, defendendo-se da acusação de que era alvo.

"Sim, sois *deuses e todos sois filhos do Altíssimo.*" Participais da divindade, por isso que, conforme acabamos de explicar, saístes de Deus e estais todos, como suas criaturas, destinados a voltar a ele, constituindo individualidades eternas, pela perfeição que houverdes merecido. Sois filhos culpados, filhos pródigos que regressarão à casa paterna onde, no limiar, o pai de família, com os braços abertos, espera por todos vós.

Podeis agora apreender, *em espírito e verdade*, o sentido e o alcance da resposta de Jesus. São estes:

"Não está escrito na vossa lei que todos os espíritos tiram de Deus *o ser*; que todos são dele; que participam *assim* da divindade; que todos são criaturas suas e não de, constituindo individualidades eternas, voltar a ele, mediante

a perfeição que hajam merecido, por ouvirem a palavra que ele lhes dirige? — Sendo assim e não podendo a Escritura falhar, como é que dizeis que blasfemo, eu a quem Deus *santificou*, porque mereci pelas minhas obras a perfeição, e a quem ele fez seu enviado à Terra para vos dirigir a sua palavra, porque disse que sou filho de Deus, qual de fato sou pela pureza e poder que dele me vêm, visto que sou unia criatura unida ao seu Criador pela afinidade que me permite estar com ele em relação fluídica direta, ser uno com ele pelo pensamento?"

V. 37. Se não faço as obras de meu Pai, não me creiais. — 38. Mas, se as faço, quando não queirais crer em mim, credes nas minhas obras, a fim de que conheçais e creiais que o Pai está em mim e eu no Pai.

Dirigindo-se aos Judeus, Jesus proferia essas palavras não só para aquela época, mas também para o futuro e especialmente para a época da revelação, que ele predisse e prometeu, do Espírito da Verdade, da revelação atual, e ainda para os tempos que a esta se seguirão.

Ó homens, que não quereis crer na missão de Jesus, que ainda nele não credes, quem quer que sejais, crede nas suas obras, isto é, praticai a moral pura que ele pregou pelos seus ensinamentos e exemplos, a fim de chegardes a conhecer o lugar que ele ocupa junto de Deus e suas relações com o pai; a conhecer e a crer que, pela sua pureza, ele está em relação direta com o Criador, que é uno com este pelo pensamento; que foi seu enviado celeste, o Messias que, prometido, desceu ao meio dos homens; que é o Espírito protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu.

Chegareis assim a conhecer e a crer, porquanto progredireis e vos depurareis e, progre-

dindo e purificando-vos, ireis percebendo gradualmente a luz e a verdade.

V. 39. Tentaram então os Judeus *prendê-lo*, mas ele se lhes escapou *das mãos*: *Exivit de manibus eorum*.

Este fato vem confirmar a natureza extra-humana de Jesus e a põe em evidência.

Escapou das mãos dos Judeus, que já o *tinham* querido *apedrejar*, que se achavam tomados de *furor* e o *cercavam*, visto que estavam reunidos *em torno dele*.

Já tivemos ocasião de vos falar deste fato.

Jesus se lhes escapou das mãos, vós o sabeis, fazendo desaparecer a tangibilidade do seu corpo fluídico.

CAPÍTULO XI

Vv. 1-45

*Lázaro "morto", segundo as vistas humanas e,
no entender dos homens, "ressuscitado"*

V. 1. Estava então enfermo um homem chamado Lázaro, que era da aldeia de Betânia, onde residiam Maria e Marta, suas irmãs. — 2. Maria era a que derramara bálsamo sobre o Senhor e lhe enxugara os pés com seus cabelos. Lázaro, o que estava enfermo, era seu irmão. — 3. Suas irmãs mandaram dizer a Jesus: Senhor, eis que se acha enfermo aquele a quem amas. — 4. Ouvindo isso, disse Jesus: *Esta enfermidade não vai até à morte. Ela é apenas para glória de Deus, para que o filho de Deus seja por ela glorificado.* — 5. Ora, Jesus amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro. — 6. Tendo, entretanto, ouvido que este estava doente, *ficou ainda dois dias no lugar onde se achava.* — 7. Depois, passado esse tempo, disse a seus discípulos: Tornemos para a Judéia. — 8. Disseram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora queriam os Judeus apedrejar-te e voltas para lá? — 9. Respondeu Jesus: *Não são doze as horas do dia?* Aquele que anda de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo. — 10. Mas, o que anda de noite tropeça, porque lhe falta a luz. — 11. Falou-lhes assim e *em seguida* disse: *Nosso amigo Lázaro dorme; mas vou DESPERTÁ-LO DO SONO.* — 12. Observaram-lhe os discípulos: Senhor, *se ele dorme, será curado.* — 13. Jesus falara da morte; eles, porém, julgaram que falara do sono ordinário. — 14. Disse-lhes então Jesus abertamente: Lázaro está morto; — 15, *e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais.* Mas vamos ter com ele. — 16. Disse então Tomé, chamado Dídimo, aos outros discípulos: Vamos também nós, para morrermos com ele. — 17. Jesus, pois, foi e achou que havia já quatro dias que Lázaro estava no sepulcro. — 18. Betânia distava de Jerusalém cerca de quinze estádios; — 19, de modo que muitos Judeus tinham vindo ter com Marta e Maria para as consolarem da

morte de seu irmão. — 20. Marta, entretanto, assim ouviu dizer que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro, ficando Maria em casa. — 21. Disse então Marta a Jesus: Senhor, se houveras estado aqui, meu irmão não estaria morto. — 22. Mas sei que, mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Deus te concederá. — 23. Respondeu-lhe Jesus: Teu irmão ressuscitará. — 24. Disse-lhe Marta: Bem sei que ele ressuscitará na ressurreição que haverá no último dia. — 25. *Replicou-lhe* Jesus: "Eu sou a *ressurreição e a vida*; aquele que em mim crê, ainda que tenha morrido, viverá. — 26. E todo aquele que vive e crê em mim jamais morrerá. Crês isto?" — 27. Ela respondeu: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, Filho de Deus vivo, que vieste a este mundo. — 28. E, tendo dito isso, foi-se e falou em voz baixa a Maria, sua irmã, dizendo-lhe: O Mestre está aí e te chama. — 29. Maria, tanto que isso ouviu, levantou-se logo e foi ter com ele. — 30. Porque, Jesus ainda não havia entrado na aldeia; permanecia no lugar onde Marta o tinha encontrado. — 31. Entretanto, os Judeus que estavam com Maria em sua casa e a consolavam, ao verem-na levantar-se tão apressada e sair, foram-lhe ao encalço, dizendo: Ela vai ao sepulcro para lá chorar. — 32. Maria, porém, quando chegou onde estava Jesus, assim que o viu, se lhe lançou aos pés, exclamando: Senhor, se estivesse aqui, não teria morrido meu irmão. — 33. Vendo Jesus que ela chorava e que os Judeus que com ela tinham vindo também choravam, fremiu em seu Espírito e se turbou. — 34. E perguntou: Onde o pusestes? Responderam-lhe: Senhor, vem e vê. — 35. E Jesus chorou. — 36. Disseram então os Judeus: Vejam como ele o amava. — 37. Alguns, porém, disseram: — Não podia ele, que abriu os olhos ao cego de nascença, fazer que este outro não morresse? — 38. Jesus fremiu de novo dentro de si mesmo e veio ao sepulcro, que era uma gruta, em cima da qual tinha sido posta uma pedra. — 39. Disse-lhes aí Jesus: Tirai a pedra. Respondeu-lhe Marta, irmã do que morrera: Senhor, já cheira mal, pois que já há quatro dias que está aí. — 40. Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus? — 41. Tiraram, pois, a pedra. Então, elevando os olhos para o alto, Jesus disse: "Pai, eu te rendo graças por me teres ouvido. — 42. Eu bem

sabia que sempre me ouves, mas falei assim por causa do povo que me cerca, para que creiam que tu me enviaste." — 43. Tendo dito isto, bradou com voz forte: Lázaro, sai para fora! — 44. No mesmo instante saiu o que estivera morto, trazendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço. Disse Jesus: Desatai-o e deixai-o ir. — 45. Então, muitos dentre os Judeus que tinham vindo visitar Maria e Marta e que presenciaram o que fez Jesus, creram nele.

N. 36. Tendo acreditado na morte real do filho da viúva de Naim e na da filha de Jairo, na "ressurreição" de ambos, tomada essa palavra no sentido que lhe davam — o da reentrada do Espírito num *cadáver*, o da sua volta para se unir à podridão, os homens tinham que acreditar também na morte real e na "ressurreição" de Lázaro, ao verem-no sair da gruta que lhe servia de sepulcro e onde estivera depositado durante quatro dias.

Lázaro, porém, não estava morto, como não o estavam nem o filho da viúva de Naim, nem a filha de Jairo. Foi a mesma, nos três casos, a causa determinante daquele estado de morte aparente, que os homens consideraram de morte real. Lázaro estava "morto" *para todos, menos para Jesus. Para este a enfermidade de Lázaro não ia até à morte. Ele apenas dormia, como a filha de Jairo. Jesus não tinha mais do que despertá-lo.*

O da "ressurreição" de Lázaro, dadas as circunstâncias que o rodearam, estava destinado a ser, dentre os atos praticados por Jesus durante a sua missão terrena, um dos mais consideráveis *para os homens*, pela razão de que esse fato os faria reconhecer que ele era o Messias, o Cristo, o enviado de Deus, faria que sua missão fosse aceita e produzisse os frutos que devia produzir, não só naquela época, como também no futuro, para as gerações que se seguiriam à de então e ainda na época da revelação do Espírito da Verdade, por ele predita e prometida, da revelação atual.

Pelas suas palavras, Jesus tudo dispõe de maneira a atender às necessidades daquele momento e a preparar o futuro, estabelecendo ao mesmo tempo a base, os elementos e os meios apropriados à atual revelação. Tudo dispõe por forma a que as opiniões dos homens de então e as interpretações humanas que em seguida surgiriam seguissem livremente o seu curso até que, na época determinada pelo Senhor, a revelação atual viesse explicar, *segundo o espírito e em verdade*, aos homens, já nessa ocasião capazes de as compreenderem, as palavras por ele proferidas, bem como a *natureza* e o *caráter* do ato que praticou com relação a Lázaro, o estado *real* deste, e viesse também mostrar o lugar que ele Jesus ocupa, relativamente a Deus e ao planeta terreno, visto que esse ato, tido por "*milagroso*", foi um dos que serviram de fundamento para a divindade que se lhe atribuiu.

Marta e Maria *criam*, como todos, que Lázaro se achava *morto*. A prova é que cada uma delas disse, por sua vez, a Jesus: "Senhor, se houveras estado aqui, *meu irmão não teria morrido*." A prova é igualmente que os Judeus que lá se encontravam tinham ido para as consolar da morte de Lázaro e choravam com elas. A prova é ainda que entre si diziam: "Vejam como o amava", e — "não podia ele, que abriu os olhos ao cego de nascença, fazer que estoutro não morresse?"

A seu turno, o Evangelista, narrando o fato, mostra haver partilhado, como toda a gente, daquela maneira humana de apreciar o caso, daquela humana interpretação que lhe foi feita, tanto que, tal qual o fizera ao tratar do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo, as reproduz, fazendo se refletissem na sua narração, quando diz: "Marta, irmã do que *morrera*"; — "no mesmo instante saiu o que estivera *morto*, trazendo os pés e as mãos ligados com ataduras."

Os discípulos, que iam assistir ao ato, esses

também tinham que crer naquilo em que todos *acreditavam*. Segui, com atenção, a narração evangélica e vereis, de um lado, *a letra*, de outro, e *espírito*. Vereis o que é *dos homens*, resultado de suas opiniões, apreciações e interpretações, e o que é *de Jesus*, o que está nas suas palavras veladas *pela letra*. Vereis que, para os homens, Lázaro se acha morto, realmente morto e "ressuscita", no sentido que davam ao vocábulo "ressurreição", de acordo com seus preconceitos e tradições; ao passo que, *para Jesus*, Lázaro está morto *apenas na aparência*, simplesmente dorme, ele o vai *despertar e desperta*. Vereis que Jesus, declarando ser aquele um dos atos mais consideráveis da sua missão terrena, junta a esse ato, que ele veladamente pratica, ensinamentos também velados para os homens da época e que, para as gerações que haviam de suceder-se, velados se conservariam, até aos dias de hoje, pois que só hoje, quando já vos encontrais em condições de compreendê-la, pode ser dada a explicação, *segundo o espírito e em verdade*.

Ao ouvir dos enviados de Marta e Maria que Lázaro se acha enfermo, diz Jesus: "*Essa enfermidade não é mortal, não vai até à morte.*" Logo, Lázaro não tem que morrer. Assim, muito embora os homens venham a crer e creiam efetivamente que Lázaro *morreu* daquela doença, *ele na realidade não terá morrido*. Sua morte será real *para os homens, no entender destes*, mas, *para Jesus*, será apenas aparente. Precisamente porque assim deve ser e assim vai ser; precisamente porque os homens vão acreditar, como acreditaram, que Lázaro está realmente *morto* e que ressuscita pela ação poderosa de Jesus e pela volta do Espírito a um cadáver enterrado desde quatro dias, é que o Mestre, depois de ter dito: "*Essa enfermidade não é mortal, não vai até à morte*", acrescenta: "*Ela é apenas para glória de Deus, para que o filho de Deus seja por ela glorificado.*" Quer isto dizer:

Ela se manifesta unicamente a fim de que, mediante o ato que vou executar, seja posto em evidência, diante dos homens, o poder de Deus, cujo instrumento eu sou; a fim de que, para sua glória, nos corações dos homens se desenvolva a fé que nele devem depositar; a fim de que estes creiam que sou o Messias, isto é, o Cristo, enviado de Deus; a fim de que a missão que de Deus recebi seja reconhecida pelos homens e produza frutos; e a fim de que, assim, eu seja glorificado por esse ato.

Jesus, diz o Evangelho, amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro. Tendo ouvido dizer que este estava doente, ficou ainda *dois dias no lugar onde se achava*.

Para os que só vêem a *letra*, para os que tudo *humanizam* na missão de Jesus, isto deve parecer estranho. Pois quê! "Jesus amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro", sabe que este se acha *doente e*, podendo curá-lo, em vez de ir *imediatamente, a toda pressa*, para junto do enfermo, fica ainda dois dias no lugar onde se encontrava!

Jesus *amava e ama* a todos os homens, porquanto ele é, conforme o disse, "*o bom pastor*". Amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro, é exato; mas, amava-os principalmente a título de ensino e de exemplo, para mostrar aos homens que os que caminham pelas sendas do Senhor onipotente se aproximam dele e com ele estabelecem, assim como com o seu celeste enviado, essas relações que no seio da humanidade se consideram relações especiais, oriundas da amizade.

Lázaro, conforme sabeis, era um dos Espíritos devotados que haviam encarnado para trazer o seu concurso ao desempenho da missão terrena do Mestre, do mesmo modo que Marta e Maria eram Espíritos que tinham encarnado para o assistirem e auxiliarem. Jesus permaneceu ainda dois dias lá onde se achava, para que o fato que ele

ia produzir se verificasse nas condições previstas, todas de molde a mais impressionar os homens.

Depois de, por esse motivo e com esse fim, ter passado ainda dois dias no lugar onde lhe fora comunicada a enfermidade de Lázaro, Jesus diz a seus discípulos: "Voltemos para a Judéia."

Eles, que não percebiam as fases, as condições e o objetivo da missão de Jesus, como não compreendiam o motivo oculto que o induzira a demorar a sua partida, lhe disseram:

Mestre, ainda agora queriam os Judeus apedrejar-te e já falas em voltar para o meio deles!

Jesus, sempre velando o seu pensamento *com a letra*, responde:

Não são doze as horas do dia? Aquele que anda de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas, o que anda de noite tropeça, porque lhe falta a luz.

De conformidade com o seu pensamento, estas palavras *figuradas* tinham, *segundo o espírito*, um duplo sentido: exprimiam o que lhe dizia respeito pessoalmente e encerravam um ensinamento para os homens. Significavam, sob o primeiro aspecto:

"A minha missão não está determinada? Cada um dos atos que a ela se prendem não tem que ser praticado? Obrando, como importa que o faça, para que ela se cumpra, não me afasto do caminho, porque tenho a me esclarecer e guiar neste mundo a vontade de Deus, que é a minha luz. Se, porém, eu atendesse ao que dizeis, colocar-me-ia fora da minha missão e me afastaria do caminho, porque não mais teria a me guiar a vontade de Deus, que é a luz sem a qual nada posso fazer para executar a minha obra."

Como ensino dado aos homens, queriam dizer: "Para todo e qualquer Espírito encarnado, seja em prova, seja em expiação, seja em missão,

não tem a vida humana seus limites e não é preciso que o homem, durante ela, suporte as suas provas, ou desempenhe a sua missão? Aquele que, no correr da vida humana, pratica os atos que correspondem às provas que escolheu, ou à missão que lhe foi confiada, tem a assistência dos bons Espíritos que o Senhor lhe envia e é guiado, consciente ou inconscientemente, pela influência deles. Mas, o que se afasta da linha das suas provas ou da sua missão cai, porque caminha nas trevas que lhe obscurecem a consciência, por efeito das influências más que o transviam."

Depois de haver, "dessa maneira", falado a seus discípulos, diz Jesus: "Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou *despertá-lo*, do sono."

Quando ele isso dizia, Lázaro, *para os homens*, estava morto e seu corpo já se achava depositado na gruta que lhe servia de sepulcro.

De acordo com esta idéia, com esta opinião dos homens, Jesus formulou *a resposta* que deu à pergunta dos discípulos, visto que estes iam partilhar daquela opinião, relativamente a Lázaro, como já o haviam feito com relação ao filho da viúva de Naim e à filha de Jairo.

Observaram-lhe os discípulos: "Senhor, se ele dorme, será curado." Jesus responde: "Lázaro está morto e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais."

Veladamente, Jesus lhes exprimiu, dessa forma, o pensamento que, em seu nome, vos vimos tornar patente, despojando *da letra o espírito*, e que é o seguinte:

"Lázaro está morto, mas *para vós, como para os outros homens*. Está-o *para todos*, menos para mim. Para mim, *ele dorme, exatamente como* a filha de Jairo, que *acreditastes* achar-se morta. Dorme, eu o acabo de dizer. Vou despertá-lo e não ressuscitá-lo, no sentido que dais a esta palavra, porquanto ele não está realmente morto. Não está morto, pois que, conforme eu já disse,

essa enfermidade, por efeito da qual crêem os homens que ele morreu, não é *mortal*, não vai até à morte."

Tanto era esse o pensamento de Jesus que, logo depois de ter dito: "*Lázaro está morto*", acrescenta: "*e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá*, a fim de que *creiais*." "*Folgo por vossa causa, de não me haver achado lá e foi para lá me não achar que demorei dois dias, visto ser necessário abalar os homens. Assim, quando chegarmos a Betânia, e ao túmulo, vós, como os outros homens, estareis todos crentes de que Lázaro morreu. Possuídos dessa crença, tomareis por uma ressurreição a volta da alma de Lázaro ao seu corpo, que todos consideram um cadáver sepultado há quatro dias, e acreditareis que sou o Messias, isto é, o Cristo, o enviado de Deus; acreditareis na minha missão terrena e, portanto, na que haveis de desempenhar.*"

Dando tal resposta a esta observação: "*Senhor, se ele dorme, curar-se-á*", teve Jesus por fim dizer e disse, claramente (*segundo o espírito*), a seus discípulos, aquilo em que eles iam crer, como toda a gente.

"Eu, João, o evangelista, quando disse: *Jesus falara da sua morte* (da de Lázaro); *eles, porém, julgaram que falara do sono ordinário*, exprimi, como cumpria que acontecesse, sob a influência espírita, sob a inspiração mediúnica, sem que destas, entretanto, tivesse consciência, o pensamento que os homens atribuíram a Jesus e a suas palavras, a interpretação humana que deram àquele pensamento e àquelas palavras.

Na condição de encarnados, os apóstolos, eu inclusive, os discípulos e as pessoas do povo, incapazes que éramos de encontrar a explicação da natureza e do caráter daquele ato, que ninguém podia compreender, senão como um *milagre* e que como *milagre foi* tido, todos acreditamos na morte real de Lázaro e numa ressurreição,

do mesmo modo que havíamos crido e criamos em morte real e em ressurreição, tanto no caso o filho da viúva de Naim, quanto no da filha de Jairo.

E essa crença humana, que Jesus não devia evitar se formasse, porque era então necessária, visto servir àquele momento sem prejudicar o futuro, porquanto o Mestre bem-amado tudo dispusera e salvaguardara, reclamavam-na o estado das inteligências, as aspirações e as necessidades de então e do porvir até aos vossos dias em que se abre a era da nova revelação. Tinha que concorrer para a obra, de modo considerável, contribuindo para que a missão de Jesus fosse aceita e desse frutos de acordo com as condições e as exigências do progresso da humanidade.

Sim, à observação dos discípulos: *Senhor, se ele dorme, será curado*, Jesus respondeu: *Lázaro está morto e eu folgo*, por vossa causa, *de me não haver achado lá*, a fim de que *creiais*. Mas essa resposta, como todas as palavras do Mestre, se destinava a ser interpretada ou *segundo a letra*, ou *segundo o espírito e em verdade*, conforme acabamos de fazê-lo.

Se Jesus houvesse manifestado aos discípulos todo o seu pensamento que, patenteando a harmonia das suas palavras, afastava toda a aparente contradição entre elas existente; se houvesse dito: *Lázaro está morto para os homens*, para mim não *está*, pois já vos declarei que a sua enfermidade não é *mortal*, não vai *até à morte*; para mim, ele *dorme e vou despertá-lo*, como acabei de declarar; dizendo-vos — *Lázaro está morto* — apenas exprimo a opinião, a apreciação dos homens, *o que eles crêem, o que vós mesmos ides crer*, e folgo *por vossa causa*, a fim de que creais na minha missão e, conseqüentemente, na vossa e a desempenheis — teria tido que explicar também, pois que os discípulos não deixariam

de lhe dirigir essa interpelação, porque e como, *para os homens, para eles*, Lázaro estava morto e não o estava *para ele Jesus*."

Ora, não era possível, nem convinha que isso se desse. Jesus não podia, nem devia revelar os segredos espíritos a homens que ainda não estavam aptos a conhecê-los e a fazer deles bom uso. Falou-lhes, portanto, a única linguagem que lhes era e seria dado compreender durante séculos e que, entregue às interpretações humanas, serviria àqueles tempos, sem prejuízo para o futuro, que ele, ao contrário, preparou, conduzindo-os, pelos esforços e lutas do pensamento e com o auxílio do progresso dos Espíritos e da ciência, até à época da nova revelação que, por efeito dos estudos e das observações realizados sobre o magnetismo humano e o sonambulismo e iniciando-vos na ciência espírita e nos segredos de além-túmulo vos tornou aptos a receber, pela revelação especial que vos trazemos em nome dele, nosso Mestre, a explicação, *em espírito e verdade*, das palavras que pronunciou e dos atos que obrou no curso da sua missão terrena.

Sim, Lázaro estava morto *para os homens*. Só não o estava *para Jesus*, porquanto ninguém mais, senão ele, ou os a quem ele o houvesse dado, dispunha do poder necessário a deter o Espírito de Lázaro, prestes a desferir o vôo para as regiões etéreas.

A Ciência já tem, como sabeis, comprovado muitas vezes os efeitos de um estado prolongado de catalepsia. Durante ele, o Espírito se afasta do corpo e, se o momento do seu regresso se retarda, o laço que o conserva preso ao cárcere de carne acaba por se quebrar e o corpo se torna materialmente morto, há morte real, o Espírito retoma a sua vida primitiva, a vida espírita.

Lázaro se achava em estado de catalepsia completa desde muitos dias. O laço fluídico do perispírito, que lhe prendia o Espírito ao corpo,

cada vez mais se dilatava e enfraquecia, em conseqüência de já o não fortalecer a vitalidade da matéria. Jesus aguarda esse limite extremo para mais fortemente impressionar os homens, facultando-lhes apreciar a ação poderosa da sua vontade.

Lázaro, *para eles, para todos*, estava morto, *menos* para Jesus, porque o laço que lhe prendia o Espírito ao corpo, se bem existisse ainda, já era tão fraco que só a ação do Mestre podia reconduzi-lo à prisão, restituindo-lhe a vida material.

Submisso e devotado, como o do filho da viúva de Naim e o da filha de Jairo, o Espírito de Lázaro estava pronto a voltar ao corpo, mas este, abandonado como fora, necessitava da ação poderosa da vontade do Mestre, da atuação do seu poder magnético, para instantaneamente recobrar, como recobrou, graças aos fluidos que o penetraram, a força e a vitalidade que se achavam quase extintas.

Os que se agarram à letra não hesitarão talvez em dizer que negar a morte real de Lázaro, como as do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo, negar-lhe a "ressurreição", qual eles a entendem, no sentido que dão a esta palavra, mas que Jesus nunca lhe deu, é acusar de trapaçaria e de mentira o Mestre, é acusá-lo de haver enganado os apóstolos, os discípulos, a multidão e, com estes, os evangelistas e todos os que, acreditando-lhe na palavra, creram ter havido, naqueles três casos, morte real e "ressurreição", entendendo-se por isto a volta do Espírito *a um cadáver, a uma podridão*.

Não houve trapaça, nem mentira. Quem ousaria manchar o nome de Jesus com semelhantes vocábulos?

Houve erro da parte dos homens, erro devido à falta de compreensão, por eles, do pensamento do Mestre, oculto sob as suas palavras, devido à incompreensão da natureza e do caráter do ato

que praticou, do estado real de Lázaro, idêntico aos do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo.

Acreditaram na morte real de Lázaro, em virtude da interpretação que deram à resposta de Jesus aos discípulos: *Lázaro está morto e folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais*", tomando essas palavras ao pé da letra e isolando-as das que já proferira e das que acabava de pronunciar *naquele mesmo instante*.

Não perceberam que, para serem devidamente entendidas, as palavras do Mestre têm que ser apreendidas em seu conjunto, por maneira a se conciliarem numa perfeita harmonia e não a se contradizerem.

Não perceberam que, dizendo: *"Esta enfermidade não é mortal, não vai até à morte; nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo"*, Jesus, tendo em vista a inteligência *dos homens*, estabelecia uma limitação à resposta que deu aos discípulos, quando lhe fizeram esta observação: *"Senhor, se ele dorme, se curará."*

Foi como se dissesse: *"Lázaro, para os homens, está morto e morto vai ser considerado por vós. Para mim, porém, sua enfermidade não é mortal, não vai até à morte. Para mim, ele não tem que morrer, não morrerá desta enfermidade. Os homens o julgam morto, mas ele não o está. Apenas dorme e vou despertá-lo e não ressuscitar, no sentido que os homens emprestam e vós mesmos emprestais a essa palavra."*

Não compreenderam que, com o dizer: *"Lázaro está morto"*, Jesus quis exprimir e exprimiu o pensamento, a opinião, a apreciação dos homens e não o seu próprio pensamento, que já externara e acabava, *naquele momento*, de externar, *em sentido contrário*.

Não compreenderam o motivo e o fim daquela resposta aos discípulos e das palavras que serviriam para torná-la compreensível *em espírito e verdade*, tendo-se em consideração as necessidades da

época, o estado das inteligências, as aspirações, os preconceitos e as tradições dos tempos de então e tendo-se em consideração também os meios e condições apropriados ao progresso das gerações futuras. O motivo e o fim que ditaram a Jesus aquela resposta se encontram no fato de que Ihe cumpria atender àquele momento e preparar o futuro, fazendo que sua missão terrena fosse aceita e frutificasse, e no de que Ihe cumpria dispor tudo por forma que, chegados os tempos da revelação, que ele predisse e prometeu, do Espírito da Verdade, da revelação atual, o conjunto de suas palavras oferecesse a base, os elementos e os meios para a interpretação, *em espírito e verdade*, da natureza e do caráter do ato que praticou com Lázaro e do estado real deste.

Para crerem na morte real de Lázaro, os homens se apegaram à resposta de Jesus aos discípulos e, desprezando o conjunto de suas palavras, as puseram em contradição consigo mesmas. Essa a razão de ser falsa, mas de uma falsidade necessária, a interpretação humana de tais palavras, como falsa foi, de comprovada falsidade, a interpretação da resposta que o Mestre deu ao que Ihe perguntaram os discípulos, quando lhes acabava de explicar o fim do mundo e os sinais da sua aproximação.

Perguntaram-lhe nessa ocasião os discípulos: Dize-nos: "quando sucederá isso e quais serão os sinais do teu advento e do fim do mundo?"

Jesus *respondeu*: "Em verdade vos digo que esta geração *não* *passará* sem que *todas* essas coisas se *tenham cumprido*." (Mateus, XXIV, vv. 3, 33 e 34.)

Não era oportuno nem conveniente que Jesus revelasse o sentido oculto de suas palavras na resposta que deu aos discípulos relativamente ao estado de Lázaro e a esta observação por eles formulada: "Senhor, *se ele dorme, curar-se-á*", como não o era que revelasse o das que proferiu acerca do "fim do mundo". Deixadas às interpre-

tações humanas, essas palavras estavam destinadas a ser entendidas, primeiro, *segundo a letra*, para depois o serem *segundo o espírito*, quando a revelação que ele predisse e prometeu as viesse explicar *em espírito e verdade*.

Os discípulos não tinham que saber mais do que aquilo que, como encarnados, podiam suportar e do que, do ponto de vista da missão que lhes cabia desempenhar, importava que conhecessem, compreendessem e ensinassem aos homens da época. Os evangelistas, como os apóstolos, possuíam a fé simples. Instrumentos dóceis do Senhor, não procuravam ir além do ponto a que eram levados, temendo transviar-se. Médiuns historiadores inspirados, *só disseram*, sob a influência espírita, sob a inspiração mediúnica, das quais não tinham consciência, o que deviam dizer, empregando, como o fazem os vossos médiuns, as palavras de que dispunham para relatar os fatos. Debaixo daquela influência e daquela inspiração, cada um reproduziu, dentro do quadro que lhe fora traçado, as manifestações espíritas, os fatos, as palavras proferidas por Jesus, as que os homens lhe atribuíam, os atos por ele praticados, o que diziam e faziam os homens, suas opiniões, apreciações e interpretações relativas à personalidade do Mestre, a suas palavras e a seus atos.

Para explicar, *segundo o espírito e em verdade*, que o sentido oculto das palavras: "Em verdade vos digo que esta geração não *passará* sem que *todas essas coisas se tenham cumprido*", era, como sabeis, este: "Desta geração de Espíritos agora encarnados, aos quais me dirijo, muitos haverá que viverão de novo sobre a Terra nos tempos preditos do fim do mundo", expressão esta que, como também o sabeis, tinha igualmente um sentido oculto que só a nova revelação tornaria compreensível *em espírito e verdade* — fora mister revelar aos homens os segredos espíritas, os segredos de além-túmulo. Mas, isso não era pos-

sível, porque eles não estavam aptos a receber essa revelação, visto serem incapazes de suportá-la e de fazerem dela bom uso. Fora mister pôr-lhes diante dos olhos a lei natural e imutável do renascimento, da reencarnação, em seus princípios e conseqüências, o que então teria sido prematuro, inoportuno, contrário às condições e aos meios próprios ao progresso da humanidade ainda durante longos séculos.

Do mesmo modo, conforme já o temos dito e repetimos, para explicar, *segundo o espírito e em verdade*, o sentido oculto destas palavras: "*Lázaro está morto e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais*", em resposta a esta observação dos discípulos: "*Senhor, se ele dorme, curar-se-á*", resposta essa dada por Jesus em virtude do que antes dissera: "*Esta enfermidade não é mortal, não vai até à morte*" e do que acabava de dizer: "*Nosso amigo Lázaro dorme e eu vou despertá-lo*" — fora preciso que o Mestre lhes explicasse a natureza e o caráter do ato que ia praticar e o estado real de Lázaro. Mas, *para isto*, fora necessário que lhes revelasse uma série de mistérios, que eles não estavam aptos a compreender, que tinham de ignorar, mistérios que deviam permanecer tais, conforme também já o dissemos e repetimos, por longos séculos ainda, até que, em virtude dos progressos da ciência, dos estudos e observações sobre o magnetismo humano e o sonambulismo, precursores da ciência espírita, os Espíritos se houvessem tornado, no cadinho do tempo e da reencarnação, capazes de receber e suportar a luz e a revelação espíritas e de receber, graças a essa luz e a essa revelação, a revelação atual.

Aprendam os que se aferram à *letra* a conhecer os vastos horizontes do presente e do futuro que os olhares de Jesus descortinavam, horizontes que eram sempre abrangidos pelos pensamentos que lhe ditavam as palavras e os atos.

Compreendam que *a letra mata e que é o espírito o que vivifica*.

Compreendam que Jesus, desempenhando a sua missão terrena, dava aos homens da época o que eles podiam suportar, velando-lhes *pela letra* o que não estavam aptos a apreender *segundo o espírito*; que tudo dispunha, tendo em vista as condições em que deveria efetivar-se o progresso da humanidade naquela ocasião e no futuro, de modo que cada época, cada era tivesse o que com ela fosse compatível; que tudo dispunha, tendo em vista o tempo da revelação progressiva, que ele predisse e prometeu, do Espírito da Verdade.

Ao chegar a Betânia, Marta lhe saiu ao encontro. Cumpra vos expliquemos, *segundo o espírito e em verdade*, o sentido das palavras que o Mestre e Marta trocaram no colóquio que então tiveram.

"Senhor, diz ela, se houveras estado aqui, meu irmão não estaria morto."

Marta *crê* que seu irmão *está morto* e tem que *ficar* nessa crença, pelo mesmo motivo e com o mesmo fim que determinavam a necessidade de partilharem dela os discípulos e toda a gente.

Jesus lhe responde: "Teu irmão ressuscitará."

Estas palavras — "*ressuscitar*" e "*ressurreição*" — ele sempre as empregou figuradamente, num sentido oculto aos homens e em acepções diversas, conforme aos lugares, aos casos, às circunstâncias; conforme se tratava de uma morte aparente, ou de dar um ensino. Nunca, porém, as empregou, já o temos dito e repetimos, no sentido que os homens lhes atribuíam, de acordo com o estado de suas inteligências, com as suas impressões, tradições e preconceitos, no da volta do Espírito a um cadáver, a uma podridão, depois de ocorrida a morte real.

"Teu irmão ressuscitará, do mesmo modo que ressuscita, para volver à vida corporal e de relação (já ele o havia dito a seus discípulos), "todo

aquele que, como Lázaro, se acha atacado de uma enfermidade que não é *mortal*, que não vai até à morte; todo aquele que, estando apenas a dormir, pode despertar." Teu irmão "ressuscitará" *no entender dos homens*, que o *crêem* morto, de acordo com o sentido que emprestam ao termo "ressurreição". Também aos *teus olhos* ele "ressuscitará", porquanto, como os demais, *tu* igualmente o *acreditas* morto.

Ao espírito de Marta a resposta de Jesus se apresentou com um duplo sentido, podendo entender-se que ele se referia à "ressurreição atual de um morto", ou à "ressurreição futura", no último dia.

Daí vem que ela hesita e que, não ousando esperar a "ressurreição" atual de Lázaro, que, *a seus olhos*, está morto, diz: "*Bem sei que ele ressuscitará na ressurreição que haverá no último dia.*"

O sentido que, em sua mente, Marta atribuía a estas palavras era idêntico ao que lhes davam as crenças populares dos Hebreus e ao que elas têm, de acordo com a idéia do juízo final, do ponto de vista católico, que se originou daquelas crenças populares. Segundo estas, só era admitida, como ressurreição dos mortos, a ressurreição completa: do corpo e da alma e, ao que geralmente se pensava, semelhante ressurreição não se poderia verificar "senão no fim dos tempos predeterminados para duração do planeta."

Era essa idéia que Jesus sem cessar combatia, lembrando aos Judeus que só a alma existe aos olhos de Deus; que a alma é que é a criatura inteligente e responsável, não passando o corpo de sepulcro onde ela se encerra temporariamente. Notai ainda que, muitas vezes, Jesus também fala alegoricamente da morte espiritual, aludindo às encarnações materiais, que eclipsam toda lembrança para o Espírito que as sofre.

Acabamos de dizer que as palavras de Marta, as quais implicavam a crença na imortalidade da alma, na sua sobrevivência ao corpo, se baseavam *nas idéias populares dos Hebreus*. Como sabeis, pois que o lembramos ao comentar os três primeiros Evangelhos, a crença na imortalidade da alma não era geral entre os Judeus. Apenas certo número deles a admitia, uns como hipótese, outros como matéria de fé, outros ainda por tolerância com as superstições populares. Tal crença se espalhara, sobretudo, a partir da época dos Macabeus, que a fizeram reviver e a sustentavam. Mas, não constituía ponto de fé.

Tendo dito Marta: "Sei que ele ressuscitará na ressurreição que haverá no último dia", Jesus lhe responde: "Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que em mim crê, ainda que tenha morrido, viverá." E acrescentou: "E todo aquele que vive e crê em mim jamais morrerá. Crês isto?"

Duplo sentido apresentavam as palavras: um, segundo *a letra*; outro, *segundo o espírito*.

Tomando-as *ao pé da letra*, Marta compreendeu que Jesus aludia à ressurreição atual daquele que, "*morto*", seria restituído à vida e aludia também ao poder que, para ela, ele se atribuía a si mesmo, de operar uma tal ressurreição". Eis porque, respondendo a esta pergunta do Mestre: "*Crês isto?*" disse: "*Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, filho do Deus vivo, que vieste a este mundo.*"

Aqui tendes, *segundo o espírito, em espírito e em verdade*, o sentido daquelas palavras figuradas, que só haviam de ser explicadas e compreendidas, nos dias de hoje, pela revelação atual: Jesus é "a ressurreição e a vida", porque somente pela prática da moral que ele pregou e da qual seus ensinamentos e exemplos o fazem a personificação, é que o Espírito chega a se libertar da morte espiritual, assim na erraticidade, como na condição de encarnado.

Aqui tendes agora o que deveis entender por morte espiritual para o Espírito *errante*: O Espí-

rito, quando se separa do corpo, volta à vida clarividente que tinha antes de a este se unir. Se, aos olhos de Deus, viveu na Terra como homem de bem, essa clarividência se amplia cada vez mais, suas faculdades se desenvolvem e pode dar-se, tais sejam seus méritos, que ele se veja dispensado de voltar ao vosso planeta, à Terra *do esquecimento*. Se, pelo contrário, cada vez mais se atolou no mal, sofrerá ainda, após a morte material, a morte espiritual, isto é, sentirá em trevas a inteligência, não lhe sendo permitido recobrar nem a memória do passado, nem a clarividência do futuro, enquanto não adquira melhores sentimentos.

Assim, na encarnação material, que tira ao Espírito que a sofre a faculdade da lembrança, há para ele morte espiritual e morte espiritual também há para ele se, ao separar-se do seu corpo de carne, imerge nas trevas da inteligência e fica impossibilitado de recobrar tanto a memória do passado, quanto a clarividência do futuro, até que nutra melhores sentimentos.

Aquele que crê em Jesus, isto é, que pratica a moral que ele pregou e da qual todo homem tem no coração o sentimento instintivo; aquele que crê em Jesus viverá, ainda que para os homens esteja morto. Não sofrerá a morte espiritual, pois que seu Espírito, após a do corpo material, volverá à vida clarividente que tinha antes de encarnar e essa clarividência cada vez se ampliará mais, com o se lhe desenvolverem as faculdades.

Todo aquele que vive e crê em Jesus, isto é, que pratica, sem dela se afastar durante a vida, a moral que ele pregou, não morrerá nunca, viverá eternamente. Quer dizer: não tornará a experimentar a morte espiritual, porquanto seu Espírito, uma vez que se separe definitivamente do corpo de carne, retomará a vida clarividente de antes da encarnação, recobrando a lembrança do passado e a visão do futuro. Não mergulhará nas trevas da inteligência e essa visão se dilatará cada vez mais, de-

envolvendo-se-lhe as faculdades. Ele se achará assim dispensado de voltar ao planeta terreno, Terra *de esquecimento*, e liberto das encarnações materiais que obumbram a memória dos Espíritos que as sofrem.

Mas, repetimos ainda uma vez, por isso que nunca será demais insistir neste ponto capital, que Jesus, dizendo: "*Aquele que em mim crê*" — "*aquele que vive e crê em mim*", não tinha em mente ferir de "morte" os que se não houvessem grupado em torno da sua bandeira, tomando o título de "cristão".

Tal sentença fora uma monstruosidade na boca do Mestre, que era o tipo de todas as caridades. Aquelas palavras se subordinam sempre à lei *natural de amor*, de fraternidade, de respeito ao Senhor, lei que toda criatura traz escrita em seu coração e que se traduz *em atos correspondentes à inteligência do homem e ao meio em que nasceu*.

É "cristão", quaisquer que sejam as suas crenças, qualquer que seja o culto externo que pratique, todo aquele que ama os seus semelhantes, que procura fazer-lhes o maior bem possível, que envida esforços por progredir e auxiliar o progresso de seus irmãos.

Esse é "cristão" segundo o Cristo, é "ovelha do bom pastor".

O Cristianismo, propriamente dito, tal como em geral o ensinam, é um recinto acanhado, ah! muito acanhado, para que possa conter mais do que uma fração mínima da humanidade. Tão acanhado ele é, que bem se poderia dizer estar o universo inteiro condenado, se só fossem salvos os chamados "cristãos".

O Cristianismo *de Jesus* é o Belo e o Bem por toda parte onde exista, onde seja praticado com desinteresse e por amor da humanidade.

Maria, avisada por sua irmã, foi ter com o Mestre no mesmo lugar em que esta o encontrara. Os Judeus que, em casa dela, lhe faziam compa-

nhia a seguiram. E ela, ao aproximar-se de Jesus, disse: "*Se estivesse aqui, não teria morrido meu irmão.*"

Maria e os Judeus que a acompanharam *acreditavam* que Lázaro *morrera* e por isso choravam. Diz o texto evangélico que, vendo as lágrimas que derramavam, Jesus "*fremiu em seu Espírito e se turbou*"; que, em seguida, inquiriu: "*Onde o pusestes?*"; que lhe responderam: "*Senhor, vem e vê*"; que, então, ele chorou. Neste ponto a narração evangélica refletiu e reproduziu, como necessariamente havia de suceder, o que entre si disseram os Judeus. Jesus, modelo de doçura e de amor, dava aos homens uma prova da sua ternura e da simpatia que lhe inspiravam os sofrimentos humanos.

Não acrediteis que com a ruptura dos laços que vos prendem à carne se quebrem todos os da simpatia. Não vedes que os bons Espíritos que vos cercam se afligem com as vossas dores e rejubilam com as vossas alegrias, dentro dos limites do que é puro? Quão mais não se apiedará de vós aquele que, por assim dizer, vos choca com o seu amor, a fim de vos fazer divisar a luz brilhante da pureza?

Jesus deixou ver aos que o cercavam a parte que tomava na dor que os afligia, para dar aos homens uma prova palpável da sua ternura.

Ele bem sabia onde fora posto Lázaro. Mas, naquela circunstância, como sempre, era mister que, tendo em vista sua missão e as conseqüências que esta devia produzir, favorecesse a crença em a natureza humana que lhe atribuíam, do mesmo modo que preciso era deixasse que todos cressem na *morte* de Lázaro.

Foi ao sepulcro e quando disse, diante de todo o povo que o rodeava: "*Tirai a pedra*", Marta lhe observou: "*Senhor, já cheira mal, pois há quatro dias que está aí.*"

Ela se achava certa de que Lázaro *morrera*. Não tendo ido à gruta que servia de sepulcro ao irmão, a opinião que manifestava nascia de uma

presunção natural em face do tempo decorrido desde o momento em que se dera a morte *aparente*, mas por ela considerada real, de Lázaro. Tanto assim que pudera dizer: "há quatro dias que está aí."

Atacado de uma enfermidade pútrida, Lázaro, antes mesmo que seu corpo fosse depositado na gruta, já exalava um odor de putrefação, que naturalmente se conservara, uma vez que o corpo permanecera no mesmo estado até ao momento em que Jesus exerceu sobre ele a sua ação.

Não cheirava mal, no sentido em que Marta o dizia, isto é, não tinha o odor pútrido que se desprende de um cadáver.

Não tendo havido morte real, não havia a decomposição que lhe é conseqüente. Como, porém, Lázaro, pela natureza da sua enfermidade, já cheirava mal, antes mesmo que para Marta e Maria houvesse morrido, antes mesmo que lhe depositassem o corpo na gruta, aquela sua irmã, imaginando qual fosse o estado deste, atenta a época em que ocorrera a morte, que para ela era real, deduziu naturalmente que já devia haver bastante pronunciado odor de cadáver. Daí o dizer: "Ele já cheira mal, pois há quatro dias está aí."

Jesus lhe respondeu: "Não te disse eu que, se creres, *verás a glória de Deus?*"

Como conseqüência das palavras que ouvira do Mestre, quando antes lhe havia ido ao encontro, palavras que ela tomou ao pé da letra, para Marta, isto que Jesus lhe acabava de dizer significava, *também segundo a letra*: "Não te disse eu que, se creres na minha missão e no poder que recebi de Deus, como seu enviado, verás "ressurgir", pela ação desse poder, teu irmão que está morto?"

"*Segundo o espírito, porém, e em verdade*", o pensamento de Jesus, velado pela letra daquelas palavras dirigidas a Marta e que importa não sejam separadas das que dirigiu a seus discípulos antes de partir para Betânia, era este: Conforme declarei a meus discípulos, *Lázaro dorme, mas vou*

despertá-lo. Sua enfermidade não é mortal, não *vai até à morte*, Ela é apenas para glória de Deus, para que seu filho seja por ela glorificado. Ela é apenas para que, *diante dos homens* e mediante o ato que vou praticar, seja posto em evidência o poder de Deus, de quem eu sou instrumento. Ela é apenas para glória de Deus, para que, desenvolvendo nos corações humanos a fé nele, os homens, que *crêem* estar Lázaro morto e *vão crer* que eu o ressuscitei, conforme entendem a ressurreição, também creiam que sou o Messias, isto é, o Cristo e reconheçam a minha missão e esta dê frutos. Verás, assim, a *glória de Deus*, isto é: verás o ato que vou praticar e verás que, por efeito desse ato, os homens que, como tu, *crêem* estar Lázaro morto, *crê-lo-ão*, como tu, ressuscitado e, como tu, terão fé em Deus e acreditarão, como tu o acreditas, que sou o Cristo, o filho do Deus vivo, que vim a este mundo."

Tirada que foi a pedra, Jesus sancionou o sentido, *segundo o espírito*, do que dissera a seus discípulos e proclamou ao mesmo tempo o motivo e o fim do ato que ia executar. Voltando o olhar para o alto disse: "Meu pai, eu te rendo graças por me teres ouvido, por se ir realizar este ato da minha missão. Eu bem sabia que sempre me ouves, que a minha missão se há de cumprir, em todos os seus pontos, tal como tu ma deste; mas, falei assim *por causa do povo* que me cerca, para que todos *creiam que tu me enviaste*."

Disse depois, em tom enérgico: "*Lázaro, sai para fora*." No mesmo instante Lázaro saiu, trazendo os pés e as mãos ligados por ataduras e o rosto envolto num lenço. Ordenou então Jesus aos que o cercavam: "Desatai-o e deixai-o ir."

A morte de Lázaro, considerada real *pelos homens*, como a do filho da viúva de Naim e a da filha de Jairo, fora apenas aparente.

Certamente, sem a intervenção de Jesus, ela se houvera tornado completa, em consequência do

esgotamento da força vital no corpo, por efeito da enfermidade. Porém, até ao momento em que Jesus interveio, o Espírito não abandonara totalmente o invólucro material; achava-se ligado a este por um fio tenuíssimo, que se poderia comparar a uma tira finíssima de borracha esticada até ao ponto de estar quase a rebentar. Jesus chamou o Espírito e este voltou para a sua prisão, cheio de alegria, porque dessa forma servia à grande obra que o Cristo empreendera. Ao mesmo tempo que chamava o prisioneiro, o Mestre reparou o cárcere onde aquele ia meter-se de novo. Houve, portanto, ação magnética sobre o corpo, para lhe restabelecer a saúde e, debaixo da influência magnética, ação espiritual sobre o Espírito de Lázaro para, pelo encurtamento do cordão fluídico, reconduzi-lo ao envoltório de carne.

Explicando os fatos ocorridos com o filho da viúva de Naim e com a filha de Jairo, dissemos e aqui repetimos: Deus jamais força o Espírito a se unir à podridão. Sua vontade imutável jamais derroga as leis naturais que a sua sabedoria estabeleceu desde toda a eternidade. O Espírito que, em consequência de morte real, abandonou inteiramente o corpo, que se tornou assim um *cadáver*, por se haver dele separado o Espírito com o seu perispírito, não mais pode volver à vida corporal, senão por meio da reencarnação.

CAPÍTULO XI

Vv. 46-57

Informados do que acabava de passar-se com relação a Lázaro, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se reúnem em conselho, com o fim de descobrirem maneira de dar morte a Jesus. — Palavras de Califás

V. 46. Alguns deles, porém, foram ter com os fariseus e lhes referiram o que fizera Jesus. — 47. Então os pontífices e os fariseus se reuniram em conselho e diziam: Que faremos nós, visto que este homem opera muitos milagres? — 48. Se o deixamos continuar, todos crerão nele e virão os Romanos e nos tirarão o nosso lugar e a nossa nação. — 49. Mas, um deles, chamado Caifás, que era pontífice naquele ano, lhes disse: Nada sabeis — 50, nem considerais que mais vos convém morra um só homem pelo povo do que perecer toda a nação. — 51. Ora, ele não disse isto de si mesmo; como era pontífice naquele ano, profetizou que Jesus havia de morrer pela nação dos Judeus; — 52, e não só por essa nação, mas também para reunir e unificar os filhos de Deus que estavam dispersos. — 53. E desde aquele dia não pensaram senão em encontrar meio de lhe darem a morte. — 54. De sorte que Jesus não mais se apresentava em público entre os Judeus e se retirou para uma terra vizinha do deserto, para uma cidade chamada Efrém e aí ficou com seus discípulos. — 55. Estando, porém, próxima a Páscoa dos Judeus, muitos daquela região subiram a Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem. — 56. E procuravam a Jesus, dizendo uns aos outros no templo: Que pensais de não ter ele vindo neste dia de festa? — 57. Mas, os pontífices e os fariseus haviam dado ordem que, se alguns soubessem onde ele estava, o denunciassem para que fosse preso.

N. 37. Estes versículos são perfeitamente compreensíveis.

Só temos que vos chamar a atenção para os temores manifestados pelos sumos sacerdotes e pelos fariseus, para as palavras de Caifás e ainda para as reflexões, para o comentário que o evangelista expende a propósito dessas palavras.

Ao ver dos Judeus, se Jesus continuasse a sua obra, acabaria reunindo sob o seu estandarte todo o povo de Israel e libertando-o da dominação romana. Essa a opinião corrente. Ora, entendendo, como os Judeus de mais elevada categoria, que a nação seria incapaz de levar a efeito a sua libertação, Caifás propôs que se sacrificasse aquele pretenso libertador, para salvar o resto do povo, que corria o risco de ser esmagado pelas legiões romanas.

Assim foi que, tendo em vista os interesses materiais e de ocasião da nação judia, ele profetizou, sobre a missão de Jesus e sobre as conseqüências que ela havia de produzir, dizendo: "Não considerais que mais vos convém morra um só homem pelo povo, do que perecer toda a nação."

Ora, observa João, ele não dizia isto de si mesmo. Caifás, com efeito, não pronunciou essas palavras de si mesmo; fê-lo por inspiração, sem que desta tivesse consciência. Estava na situação de muitas pessoas que julgam falar sempre por impulso próprio, mas que de fato receberam a inspiração e a esta ficam sujeitas. Para Caifás, Jesus devia morrer, a fim de que a nação se salvasse, a fim de que sua morte, do ponto de vista em que ele, Caifás, se colocara, obstasse a que o povo corresse para a sua própria perda, revoltando-se contra a dominação romana.

Segundo o espírito que presidira à inspiração, aquelas palavras de Caifás tinham um sentido profético e um alcance que João, debaixo da influência espírita e da inspiração mediúnica, mas sem ter delas consciência, põe em relevo, fazendo ressaltar que se aplicam à missão do Cristo relativa ao gênero humano.

CAPÍTULO XII**Vv. 1-11**

Maria perfuma os pés de Jesus. — Murmuração de Judas. — Os Judeus deliberam dar morte a Lázaro

V. 1. Seis dias antes da Páscoa, veio Jesus a Betânia, onde morrera Lázaro, a quem ele ressuscitara. — 2. Deram-lhe aí uma ceia; Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. — 3. Então, Maria, tomando de uma libra de perfume de nardo puro, muito precioso, ungiu os pés de Jesus e lhos enxugou com seus cabelos; e a casa se encheu do cheiro do perfume. — 4. Então, um dos discípulos, Judas Iscariotes, o que o havia de entregar, observou: — 5. Porque não se vendeu este perfume por trezentos denários e se não deu esta soma aos pobres? — 6. Isto disse ele, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, sendo o portador da bolsa, era quem trazia o que nela se deitava. — 7. Jesus lhe respondeu: Deixai-a, que ela guardou isto para o dia da minha sepultura. — 8. Pobres sempre os tereis convosco, enquanto que a mim não me tereis sempre. — 9. Grande multidão de Judeus logo soube que ele ali estava e lá foram, não só por sua causa, senão também para verem a Lázaro, que ele ressuscitara dentre os mortos. — 10. Por isso, os príncipes dos sacerdotes assentaram matar igualmente a Lázaro. — 11. Pois muitos Judeus, por causa deste, se afastavam deles e criam em Jesus.

N. 38. Já vos demos, em o n. 283, págs. 384-387, do 3º tomo, as explicações necessárias sobre o ato de Maria, o perfume, o embalsamamento, as palavras de Judas e as de Jesus (vv. 1-9). Reportai-vos a essas explicações.

Quanto ao que se vos diz de Lázaro, que, *no entender dos homens*, "morrera" e "ressuscitara", e à ceia em que, *também ao ver dos homens*, Jesus

tomara parte, já recebestes igualmente todas as explicações.

Perguntareis o que foi feito de Lázaro, dada a intenção que os príncipes dos sacerdotes haviam manifestado de fazê-lo morrer. Como a maioria dos que acompanhavam a Jesus, ele se conservou afastado, enquanto teve que recear da cólera imediata dos inimigos encarniçados do Mestre.

Há quem tenha dito que, por ocasião do sacrifício do Gólgota, todos os doentes que Jesus curara em tão grande número e todos os que lhe seguiam desapareceram.

Nada há nisso que vos deva causar espanto. Sendo de ínfima condição na sua maioria, que teriam podido fazer em favor de Jesus? Se houvessem feito uma demonstração qualquer, teriam aumentado o ódio de que ele era objeto. Seguiram, pois, as peripécias daquele drama sublime, mas sem procurarem opor-se ao seu desdobramento, sem provocarem complicações desastrosas.

Esse não era o papel que lhes cabia desempenhar. Uma vez, porém, consumado o sacrifício, quando a doutrina do Mestre começou a formar escola, ei-los que vieram grupar-se em torno dos discípulos e constituir o núcleo dos *primeiros cristãos*.

Quanto à história deles, que necessidade havia de que fosse transmitida à posteridade? Ela se confundiu e perdeu com a de todos os primeiros apóstolos da fé, que viviam para e por Deus.

CAPÍTULO XII

Vv. 12-19

Entrada de Jesus em Jerusalém

V. 12. No dia seguinte, grande multidão de povo, que viera à festa, tendo ouvido dizer que Jesus ia a Jerusalém, — 13, tomou ramos de palmas e saiu ao seu encontro, clamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor, como rei de Israel! — 14. Jesus, tendo achado um jumentinho, montou nele, conforme está escrito: — 15. "Não temas, filha de Sião, eis que aí vem o teu rei montado num filho de jumenta."—16. Os discípulos a princípio não deram atenção a isso; mas, quando Jesus entrou na sua glória, então se lembraram de que essas coisas estavam escritas a seu respeito e que o que com ele tinham feito era o cumprimento delas. — 17. E o grande número dos que se achavam com ele quando chamou a Lázaro do sepulcro e o ressuscitou dos mortos dava testemunho dele. — 18. Foi isso também o que fez que o povo lhe viesse ao encontro: é que ouviram dizer que ele operara esse milagre. — 19. Disseram então os fariseus entre si: Vedes que nada aproveitamos. Eis que todo o mundo o segue.

N. 39. A narrativa de João é um resumo dos fatos que seus irmãos em Deus, os três outros evangelistas, haviam relatado com minúcias, relativamente à entrada de Jesus em Jerusalém. Reportai-vos ao que a esse respeito já vos dissemos (3º tomo, págs. 235-241).

Uma única observação nos cabe aqui fazer, a propósito destas palavras do v. 16: "*Mas, quando Jesus entrou na sua glória.*" As vossas traduções teriam dito melhor: "*Voltou à sua glória.*"

Estas palavras significam: "Quando Jesus voltou à natureza espiritual que lhe era própria."

CAPÍTULO XII

Vv. 20-26

Alguns Gentios querem ver a Jesus. — Palavras suas nessa ocasião

Separai estes versículos, obedecendo à ordem dos pensamentos, a fim de vos darmos sobre eles explicações distintas e especiais.

V. 20. Ora, entre os que tinham vindo para adorar no dia da festa se achavam alguns Gentios, — 21, os quais se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida, na Galiléia, e lhe fizeram este pedido: Senhor, quiséramos ver a Jesus. — 22. Filipe foi dizê-lo a André e os dois o disseram a Jesus.

N. 40. Os Gentios, de quem aqui se fala como tendo vindo para adorar no dia da festa, eram estrangeiros recém-convertidos ao Judaísmo. Chamavam-lhes Gentios por serem ainda tidos como infiéis, idólatras. Mesmo passados séculos, os convertidos eram considerados abaixo dos legítimos filhos de Israel, que não percebiam haver mais mérito em fazer a escolha do bem, do que em adotá-lo inconscientemente.

Atendamos previamente a uma objeção que se pode formular, alegando que o Espírito, antes de encarnar, escolhe o meio onde deva viver, as crenças e os cultos a que deva submeter-se, sempre tendo em vista fazê-los progredir, progredindo ele próprio.

Assim é, com efeito. Mas, aquele que, por provação, procurou encarnar num meio mau, diverso do em que deveria viver, submetido a uma ordem de crenças e cultos diferentes dos de que devia partilhar, tem o mérito da iniciativa, desde que logre emancipar-se de tal meio, dessas crenças e cultos, quando a carne lhe obscurece a visão espiritual, ao

passo que aquele que se colocou em um meio adiantado e que voluntariamente permanece no *statu-quo*, esse não cumpre seus deveres e falta às suas obrigações.

Buscai sempre o que possa desenvolver e engrandecer a vossa inteligência. Entrai com ousadia em todas as sendas que diante de vós se abram, mas entrai como viajor prudente, sondando o terreno ao vosso derredor, orientando-vos de modo a não perderdes jamais de vista a estrela polar — Deus, meta que deveis atingir.

O progresso é proporcionado sempre ao grau da inteligência. Deus não exige que o Caledônio tenha seus Vicente de Paulo, mas exige dele que não exagere os sentimentos brutais que o animam, que não seja feroz pelo prazer de o ser. Tudo é proporcionado, repetimos. As obrigações da humanidade estão sempre em relação com as faculdades humanas.

O selvagem que poupa a vida a um inimigo faz tanto quanto o homem civilizado que sacrifica vida e fortuna para salvar um irmão. Relativamente à sua condição, o sacrifício do primeiro é tão grande, senão maior que o do segundo, e o progresso guarda proporção com o sacrifício.

V. 23. Jesus lhes respondeu: chegada a hora em que o filho do homem será glorificado. — 24. Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo, que cai na terra, não morre, fica só; mas, se morre, produz muito fruto.

Jesus, com isso, aludia ao sacrifício do Gólgota, cujo momento vinha próximo e aos frutos que daria, por efeito da sua missão terrena, congregando todos os homens, então e de futuro, e principalmente nos tempos da era nova que agora se inicia, Judeus e Gentios, sob a bandeira que tem por exergo — *Amor e Caridade* — mediante a prática da moral pura que ele pregou e que, pelos seus ensinamentos e exemplos, personificou.

Aludia à necessidade da sua morte aparente, mas que os *homens considerariam real*, como meio e condição de progresso da humanidade terrena, que tinha de ser, pelo reinado *da letra*, preparada e conduzida à nova revelação, que é a aurora do advento *do espírito*.

Nada existe, no Universo, sem uma causa primária. A semente produz o fruto, mas, para isso, tem que sofrer as transformações necessárias.

Igualmente, o sacrifício de Jesus não podia dar frutos senão depois que se houvesse consumado.

Então e até aos tempos da revelação atual, que teria sido o exemplo da sua vida, para o homem, se o sacrifício o não completasse?

Que força teriam tido suas palavras, suas exortações à renúncia, ao amor, ao devotamento, se ele não houvesse dado o exemplo dessas virtudes que viera impor aos homens?

Se não houvera sofrido, todos teriam dito: "Que lhe custava fazer o bem, ser puro e virtuoso? Não era, por natureza, um privilegiado? Não era, por sua essência, superior a todos os demais?"

A revelação da sua origem não poderá servir de pretexto para que se lhe neguem o sacrifício e os méritos, embora alguns ousem dizer: "Ele não pode ter sofrido como os homens, pois que não era da mesma natureza destes. Sua passagem pela Terra, suas privações, suas dores, sua morte não são mais do que uma fantasmagoria insultuosa para a humanidade, que ele convida a lhe seguir as pegadas, quando sabe que a matéria humana está condenada à sensibilidade exterior, o que não se dava com a sua, e que o homem está adstrito a uma vida que doloroso lhe é deixar, tanto mais quanto, além do sofrimento, há, ainda, a incerteza da sorte futura, incerteza que, para ele, não existia, sofrimento que não era possível experimentar."

Jesus não pode ter sofrido! Que sabeis a esse respeito, ó homens, que não compreendeis nem admitis senão o que afeta a vossa *matéria*, que tendes por insignificantes os sofrimentos morais, não obstante alguns de vós os terem rudemente suportado, e que não percebeis até que ponto excedem aos sofrimentos físicos!

O vós, que recusais valor ao sacrifício de Jesus, por não se achar ele revestido de um corpo de carne, perecível como os vossos, abri os vossos próprios corações e perscrutai, com sinceridade, o fundo de vossas almas. Que preferíreis: suportar a tortura do corpo, ou suportar o desespero de testemunhar a ingratidão, a negrura d'alma, o crime, naqueles a quem mais amor tendes do que a vós mesmos?

Vós todos, que não vos encontrais dominados pelo egoísmo, pais, mães, filhos, criaturas humanitárias que considerais todos os homens como vossos irmãos bem-amados, quais não são os vossos sofrimentos quando vedes aqueles a quem fizestes objeto do vosso mais terno amor vos repelirem com desprezo e vos atirarem pedras?

Jesus não pode ter sofrido como os outros homens, porque não era da natureza destes!

Não, a sua natureza não era idêntica à dos outros homens e por isso ele não sofreu da maneira por que sofrem os habitantes materiais do vosso planeta inferior. Entretanto, por serem de outra ordem, seus sofrimentos não terão sido superiores aos da humanidade terrena?

Seu corpo fluídico, de natureza perispirítica, tangível e visível *para os homens*, não era suscetível de experimentar a dor *material*, porque, efetivamente, as sensações que recebia nenhuma relação tinham com a impressão dolorosa que causam a amputação de um membro, a contusão numa parte qualquer do corpo humano. Era, porém, suscetível de receber impressões exteriores que repercutiam no moral com violência, para vós, inaudita. Eis

por que vos dizemos que Jesus, vítima voluntária do amor que consagra aos seus protegidos — os homens da Terra, se bem não sofresse do ponto de vista carnal, sofreu violentamente.

Para o avaliardes, esforçai-vos por perceber as sensações que certas naturezas de escol experimentam quando as punge uma dor moral, a profundidade do golpe que recebem quando lhes chega uma notícia má, as torturas por que as fazem passar a ingratidão, a maldade, quando elas vêem os que são objeto da sua mais terna afeição alvo da perseguição ou da calúnia.

Não prefeririam essas almas sensíveis uma dor material ao contínuo sofrimento moral que as despedaça? E, levado a certo ponto, esse sofrimento moral que atinge as proporções materiais do sofrimento do corpo, não as ultrapassa até? Não lhe altera os órgãos, ao ponto de causar a sua decomposição? Não vedes muitas vezes a intranqüilidade, a aflição, a consumição lhes acarretarem a morte, *no sentido* de que produzem nos seus organismos estragos a que elas não podem resistir? E ainda vos recusareis a reconhecer que certos sofrimentos morais são verdadeiramente intoleráveis?

Quais não seriam os sentimentos de Jesus para convosco? Quais não terão sido a sua mágoa, a sua tristeza, vendo-vos tão ingratos, tão covardes, tão culpados? Ele sofria e ainda sofre. O sacrifício a que se votou dura ainda e durará até que haja reunido todas as suas ovelhas sob as dobras do seu manto protetor.

Não digais: "Para que serve um sacrifício imaginário?" Seu sacrifício foi real e tanto mais real, quanto só o espírito é capaz de sentir sofrimento.

Os sofrimentos morais de Jesus estão em relação com a carência de esforços da vossa parte, para corresponder aos seus.

A sua solicitude por todos vós não data do momento em que ele surgiu entre os Judeus, mas do instante em que o globo terráqueo, desagregando-se

do turbilhão ardente onde se achava integrado, se constituiu morada para essências espirituais destinadas a percorrer as fases do seu desenvolvimento, solidário e em correlação com o da matéria. Trabalhando sem descanso desde ali, pelo progresso dos princípios espirituais, então em sua origem, ele os fez progredir até ao ponto de se individualizarem, tendo conduzido ao mesmo tempo o planeta à condição de uma terra primitiva, apropriada ao aparecimento do homem e preparada para a encarnação humana de Espíritos *falidos*, cujo grau de culpabilidade lhes impunha essa provação rude, mas necessária. Desde então, tem sempre, sem cessar, impulsionado, sobre toda a superfície do planeta terreno, o progresso em todos os reinos da natureza. Desde então, mediante a encarnação, entre os homens, de Espíritos sempre superiores às massas humanas e incumbidos de dar-lhes o impulso, tem ele feito, a todos os que lhe estão confiados, apelos instantes, e que cada vez mais se repetirão, ao arrependimento e ao progresso. Sua solicitude foi sempre máxima, e sempre a mesma e tal se conservará, enquanto não houverdes atingido as regiões superiores a que deveis aspirar.

Como se pode dizer: "A matéria humana está adstrita a uma vida que lhe é tanto mais doloroso deixar quanto, além do sofrimento, ainda há, para ela, a incerteza da sorte futura, incerteza que para Jesus não existia, sofrimento que lhe não era possível experimentar?"

Pretendeis, então, ó homens, rebaixar Jesus ao vosso nível, ao nível da vossa inferioridade moral, que ainda vos não permitiu compreender que o corpo não é, para o Espírito, mais do que uma veste temporária, o instrumento de suas provas, de suas expiações, de seu progresso? que a morte, para o Espírito, é apenas uma libertação, porquanto lhe restitui a liberdade, tal como é restituída ao prisioneiro para quem se abrem as portas do cárcere

onde fora metido? que a morte é ao mesmo tempo o começo, a fonte, o meio de um novo progresso?

Não; para Jesus, puro Espírito, sempre Espírito sob o invólucro fluídico, de natureza perispírica, que tomara e que fizera tangível para ser percebido dos homens, nenhuma incerteza havia quanto à sorte futura. Ele tinha a consciência exata da sua origem, a certeza do futuro. Nenhum desfalecimento sentiu no momento do sacrifício do Gólgota. Conhecia de antemão os resultados que conseguiria e seus caridosos esforços visavam mais as gerações futuras do que as da época. Não sofreu os terrores e as aflições que assaltam o homem, sobretudo o homem material, quando vê aproximar-se a morte, para tirar-lhe a vida da matéria, que lhe fora grato a todo transe conservar. Disse ele que ninguém lhe tirava a vida no Calvário; *que de si mesmo a deixava*, que tinha o poder *de a deixar e de a retomar*, em cumprimento da missão terrestre que Deus lhe confiara, porquanto descera ao meio dos homens para lhes ensinar a viver e a morrer com o objetivo do progresso do Espírito. Deste ponto de vista foi que ele tudo obrou.

A passagem de Jesus pela Terra teria sido uma fantasmagoria insultante para a humanidade!

Reflitam os que se vejam tentados a usar de semelhante linguagem e elevem-se pelo pensamento acima do nível inferior em que ainda se encontram suas inteligências, enfaixadas pela matéria que, obscurecendo-as, as transvia, e compreenderão os vastos desígnios da Providência com relação à humanidade e ao planeta terrenos. Compreenderão a sabedoria infinita do Senhor, presidindo ao progresso dos homens, dando a cada época, a cada era o que lhe é possível comportar, conduzindo as gerações humanas, em sua marcha ascensional, conforme o exijam as necessidades e faculdades de cada época, de cada era, de acordo com o uso que do livre-arbítrio façam os homens, de acordo com suas oscilações, seus desfalecimentos e suas resistências mesmas.

Compreenderão que as revelações, sendo sucessivas e sempre progressivas, são apropriadas, assim como as missões e os acontecimentos culminantes nelas, às necessidades dos tempos, ao estado das inteligências, às aspirações da época; que cada uma dessas revelações produz seus frutos, por meio da encarnação de Espíritos, superiores relativamente às massas humanas e encarregados de as impelir; que as coisas se passam de tal modo que cada revelação prepara a que se lhe há de seguir e é explicada pela que se lhe segue.

Compreenderão que cada uma das que se têm verificado, entregue às interpretações humanas sob *o império da letra*, tinha que preparar e preparou o advento da que Jesus predisse e prometeu, *a do Espírito da Verdade*, a atual, que vem explicar *segundo o espírito, em espírito e verdade*, as que a precederam. Assim, a era nova que diante de vós se abre vai ter seus primeiros anos messiânicos pela encarnação de Espíritos em missão, superiores às massas humanas, incumbidos de as impulsionar, preparando os caminhos para o segundo advento de Jesus, por ele predito e prometido, de Jesus que é, por si só, o Espírito da Verdade, visto trazer consigo o complemento e a sanção da verdade.

Ó homens, consultai a História da vossa humanidade e observai o meio em que surgiu cada uma das revelações que lhe não sido dadas. Observai a marcha que seguiu a revelação feita por intermédio de Moisés e dos profetas de Israel, seu desenvolvimento e suas fases. Atentai no advento do Messias, do Cristo, vede como ele foi previsto e preparado por Moisés e pelos profetas; atentai na maneira e nas condições em que se verificou o aparecimento do mesmo Messias; notai que apareceu sob duplo aspecto: com uma natureza e uma origem humanas e com uma natureza e uma origem "*milagrosas*", extra-humanas, tendo produzido essa duplicidade de aspectos *o véu da letra* com que aquele aparecimento foi anunciado. Observai a marcha

dos acontecimentos e as interpretações humanas a que eles, as profecias e a revelação moisaica deram lugar, até à aparição de Jesus na Terra. Apreciai a revelação que o anjo fez a Maria e a José e que, ligando-se à que a precedeu, antecede e anuncia aquela aparição. Notai que essa revelação se conservou *secreta* durante a missão terrena de Jesus e até que chegasse o momento oportuno de ser divulgada, de espalhar-se no seio das massas populares, a fim de produzir os devidos frutos, desenvolvendo-se e percorrendo as suas diferentes fases, até ao presente, sujeita aos esforços e lutas do pensamento e das interpretações humanas. Observai o meio em que Jesus apareceu para cumprir a sua missão terrena, apreciái-lhe as palavras, os atos, a marcha dos acontecimentos e das interpretações humanas a que estes e aquelas palavras e atos deram origem, mesmo enquanto durou a sua missão e depois até aos dias de hoje. Atentai no advento, predito e preparado, do "*Espírito da Verdade*". Atentai em tudo isso e compreenderéis que o que sucedeu tinha que suceder, como condição e meio indispensáveis ao progresso da humanidade e compreenderéis que souo a hora da revelação atual.

Jesus não podia desempenhar, como Espírito, a sua missão entre Espíritos desencarnados do vosso planeta, para, em seguida, fazê-los baixar a este, purificados e em plena via de progresso. O Espírito que faliu, não o esqueçais, tem que seguir o seu caminho ligado ao corpo terrestre. É uma das condições do seu progresso. Consequentemente, os meios que se lhe proporcionam para realizar esse progresso são de natureza a só poderem ser por ele utilizados na condição de encarnado. O Espírito, é certo, progride fora do corpo material, em estado de liberdade; *mas, esse progresso é apenas o resultado do impulso que ele imprimiu a si mesmo para progredir durante a encarnação.* É essa uma lei a que não pode esquivar-se, desde o momento em que se condenou a encarnar até o em que deixar de

sentir o peso dessa sentença, que é obra sua, pois não passa de uma consequência de seus atos.

Eis porque Jesus tanta oposição encontrou. É que o Espírito, tendo o seu livre-arbítrio, *livremente* recebe, conforme o grau do seu desenvolvimento moral, as boas ou as más influências. Eis porque a missão de Jesus teve que ser cumprida na Terra. Eis porque, repetimos, ele encontrou tanta oposição. Esta oposição estava prevista, era conhecida previamente, mas nem por isso o foi menos. Eis ainda porque a sua missão não se acha concluída e só terminará com a consumação dos séculos.

Aos homens materiais daquela época era necessário, primeiramente, o aspecto humano da revelação e dos sofrimentos materiais, *únicos* que eles podiam compreender, *únicos* que *para eles* tinham valor. Depois então o aspecto "milagroso" da revelação velada *pela letra* e destinada, por efeito das interpretações dadas às palavras e aos atos do Mestre antes do sacrifício do Gólgota, dadas a este sacrifício e às palavras e atos por ele ditas e praticados desde que reapareceu no mundo até que, pela chamada *Ascensão*, voltou às regiões etéreas, a levá-los a ver no enviado celeste um Deus, um homem-Deus, sujeito como eles à morte e que experimentara a morte *material*, os sofrimentos *materiais*.

Assim compreendidos, o sacrifício do Gólgota, a missão terrena de Jesus tinham que servir para aquela época e que preparar o futuro, preparar o *progresso material e, desse modo*, preparar as inteligências para compreenderem os sofrimentos morais, para receberem a nova revelação, que vem, dissipando as trevas da letra com a luz *do espírito*, explicar, *em espírito e verdade*, o modo por que se verificou e as condições a que obedeceu a aparição de Jesus na Terra, sua origem e sua natureza espirituais, sua posição espírita com relação a Deus e ao planeta terrestre, sua missão terrena, suas palavras e atos, a grandeza e o objetivo dessa missão; revelação que vem mostrar a categoria que ele ocupa

como protetor e governador da Terra, a cuja formação presidiu, encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, assim como dos da humanidade que o habita e de conduzi-la à perfeição.

V. 25. Aquele que ama a sua vida perdê-la-á e o que aborrece a sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna.

Amar a vida é tudo sacrificar ao bem-estar presente, às satisfações da sensualidade, ao orgulho, ao egoísmo. Isso equivale a perder a vida *espiritual*, por importar, para o que assim procede, em permanecer sujeito à encarnação material.

Aborrecer é uma expressão que, na vossa linguagem, tem uma força, um vigor de que carece o termo que lhe corresponde no idioma hebraico e que neste passo foi empregado, significando *apenas* não fazer da vida objeto de culto, não sacrificar o que a honra, o respeito e o amor a Deus concitam o homem a ter em conta. O que Jesus quis dizer, servindo-se daquele vocábulo, foi que cumpre ao homem conservar a sua vida *espiritual*, para caminhar nas sendas que conduzem à perfeição.

V. 26. Aquele que me quiser servir, siga-me; e, onde eu estiver, aí estará também aquele que me serve. Aquele que me serve, a esse meu pai honrará.

Não precisais de explicações. Servir a Jesus é obedecer à lei de amor. Todo aquele que a segue é digno de ser *um filho de Deus*.

CAPÍTULO XII

Vv. 27-36

Continuação das palavras de Jesus

N. 41. Dividi, para que vos demos explicações especiais.

V. 27. Agora minha alma está turbada. E que direi? Pai, livra-me desta hora. Mas, foi para esta hora que vim. — 28. Pai, glorifica o teu nome. Veio então uma voz do céu, dizendo: Já o glorifiquei e ainda o glorificarei. — 29. O povo, que ali estava e ouvira aquela voz, dizia ter sido um trovão. Outros diziam: Foi um anjo que falou. — 30. Jesus respondeu: Não foi por mim, mas por vós outros que esta voz se fez ouvir.

(V. 27.) Jesus dava assim aos homens *um exemplo* de submissão aos decretos da Providência. Essas suas palavras foram ditas com o mesmo objetivo destas outras, que explicamos comentando os três primeiros Evangelhos: "Se é possível, pai, afaste-se de meus lábios este cálice; mas que se faça, não como eu queira, e sim como tu quiseres."

O Cristo preparava os que o ouviam para os acontecimentos que se iam dar, a fim de que, quando lhes voltassem à memória, suas palavras dessem frutos de fé. Ele se dirige ao pai celestial sempre com o fim de atrair o Espírito do homem para o seu Criador e de lhe ensinar em que fonte deve a criatura humana haurir força e fé, em quem deve depositar confiança para obter o prêmio de seus esforços.

A voz que se fez ouvir, efeito produzido, de acordo com a vontade divina, pelos Espíritos que cercavam a Jesus, prontos sempre a secundá-lo, teve por fim provar, de modo positivo, que ele era

realmente um enviado celeste e que, todas as vezes que o homem eleva com confiança o Espírito para Deus, a potência divina o sustenta e fortifica.

Estas palavras: "*Já o glorifiquei e ainda o glorificarei*", significam que Deus, pelas manifestações que já permitira, com o fito de impressionar os homens, os forçou a lhe renderem homenagem ao nome e ao poder e os forçará a isso, sempre que dele se afastarem.

"*Não foi por minha causa*, disse Jesus, *mas por causa de vós outros, que esta voz se fez ouvir.*" Com efeito, Jesus não precisava de manifestações perceptíveis aos homens, para estar certo de que a sua voz chegara ao pai celestial. O que se fazia preciso, sim, era abalar *materialmente* homens *materiais*.

V. 31. Agora vai o mundo ser julgado; agora o príncipe do mundo vai ser lançado fora.

Linguagem *figurada*. Sendo a manifestação *messiânica* a maior de quantas até então se dera e de quantas se dariam até ao advento, predito e prometido, do Espírito da Verdade, era também a que mais positivo efeito havia de produzir. Foi ela que desdobrou a lei de amor como um manto destinado a envolver e abrigar o mundo inteiro. É, conseguintemente, por aquela missão, que se contém toda na lei de amor, que o mundo será julgado, que tudo o que é mal há de ser, por contrário a essa lei, lançado fora, como de fato o será, completamente, na época da purificação do planeta e da humanidade terrenos, pelo afastamento dos Espíritos que então ainda se conservem culpados, rebeldes, endurecidos, obstinados no mal, os quais irão para planetas inferiores.

Dissemos acima que a manifestação *messiânica* era a que produziria mais positivo efeito, porque a manifestação do "Espírito da Verdade", realizada pelos Espíritos do Senhor, errantes e encarnados em missão, é a continuação e o desenvolvimento, ao

mesmo tempo que a confirmação, dada sob a direção de Jesus, da obra que ele executou, desempenhando a sua missão terrena e é também *preparatória* do segundo advento do vosso protetor e governador, que, ele próprio, é o Espírito da Verdade, por ser complemento e sanção da verdade.

V. 32. E eu, quando for levantado da terra, tudo atrairei a mim. — 33. Isto ele dizia para indicar de que morte havia de morrer.

Efetivamente, Jesus fazia alusão ao sacrifício do Gólgota, ao dizer: "Quando eu for levantado da terra." Referia-se, porém, principalmente à sua "ressurreição" e ao que se lhe seguiria até à sua chamada "ascensão", inclusive, isto é, até à sua volta às regiões etéreas.

Tudo atrairei a mim. Deveis compreender que, uma vez tendo "ressuscitado" e "subido ao céu", seus preceitos cada vez mais se disseminariam. Dizendo isso, não tinha em vista apenas os acontecimentos que iam ocorrer: sua "morte", sua "ressurreição", sua "ascensão". Tinha também em mente o progresso incessante que os homens fariam, tendendo sempre para a fraternidade e para a unidade.

V. 34. Respondeu-lhe o povo: Temos aprendido da Lei que o Cristo permanecerá para sempre. Como é então que dizes que o filho do homem há de ser levantado da terra? Quem é o filho do homem? — 35. Jesus respondeu: Ainda por um pouco de tempo a luz está convosco; andai, enquanto tendes luz, para que vos não surpreendam as trevas. Aquele que caminha em trevas não sabe para onde vai. — 36. Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Dito isso, Jesus se retirou e ocultou deles.

Quase nada compreendendo do que dizia respeito à imortalidade da alma, os homens imaginavam que o Messias que lhes fora prometido teria uma infundável existência terrena e material.

Fora possível que Jesus lhes respondesse explicando a imortalidade da alma, seus desenvolvimentos e progressos? Tê-lo-iam compreendido? Teriam aquelas inteligências, ainda obscurecidas, suportado tais revelações, acerca da natureza espiritual, melhor do que uma criancinha suportaria definições algébricas?

Jesus se contenta com lhes dizer: "Eu sou a luz", porque, na realidade, lhes trazia a luz e não o incêndio. Abria-lhes a vista, porém não para lançá-los nas trevas, como sucede após um deslumbramento. Contemplai o Sol e, quando dele desviardes os olhos, tudo será negro em torno de vós. O mesmo se dá com a vossa inteligência. É preciso que a luz celeste vos seja mostrada através de um vidro opaco, que lhe suavize os raios, sem o que vossas vistas muito fracas não a poderiam suportar. Crescei, desenvolvei-vos e podereis, pairando às maiores alturas da espiritualidade, fitar com límpido olhar os esplendores que lá brilham.

Os Judeus disseram a Jesus: "Temos aprendido *da lei* que o Cristo permanecerá para sempre." Entre as massas populares, tudo o que os rabinos ensinavam era considerado como fazendo parte da lei. A crença popular expressa por aquelas palavras, que os Judeus dirigiram a Jesus, era fruto dos comentários que os doutores faziam sobre os livros antigos, sobre o que se continha no Antigo Testamento.

CAPÍTULO XII

Vv. 37-43

Incredulidade dos Judeus. — Fé que alguns tinham, mas que o respeito humano, o temor de serem expulsos da sinagoga abafavam. — Esses preferiam a glória dos homens à glória de Deus

V. 37. Mas, embora tivesse feito tantos milagres na presença deles, nele não criam, — 38, a fim de que se cumprisse esta palavra do profeta Isaías: "Senhor, quem acreditou no que de nós ouviu? E a quem foi revelado o braço do Senhor?" — 39. Não podiam crer porque, como disse ainda Isaías: — 40. "Cegou-lhes os olhos e lhes endureceu o coração, para que não vejam com os olhos e não entendam no coração e se convertam e eu os cure." — 41. Isto disse Isaías quando viu a sua glória e dele falou. — 42. Entretanto, muitos dos próprios senadores creram nele; mas, por causa dos fariseus, não o confessavam publicamente, temendo ser expulsos da sinagoga. — 43. É que amaram mais à glória dos homens do que à glória de Deus.

N. 42. Já explicamos (n. 164, págs. 319-324 e 326-330 do 2º tomo) as palavras do v. 39. Reportai-vos a essas explicações.

O que se passou com Jesus ao tempo da sua missão terrena foi exatamente o que se passa hoje relativamente à nova revelação, à revelação do "Espírito da Verdade", por ele predita e prometida. Observai a incredulidade dos homens da época atual. Não os vedes negando crédito a esta revelação e aos que são seus órgãos, exatamente como os Judeus o negavam a Jesus e à sua missão?

Não vedes, entre os que crêem na nova revelação, muitos que não ousam proclamar publicamente a sua fé espírita, que não ousam confessá-la, por

causa dos fariseus *de agora, para não* serem expulsos de "*suas sinagogas?*" Também esses não prezam mais a glória dos homens do que a glória de Deus?

As palavras de Isaías ainda hoje se cumprem, pois que ainda há Espíritos impuros e atrasados, Espíritos ignorantes e, sobretudo, orgulhosos, que, como os Judeus, os sacerdotes, os fariseus e os doutores da lei, presos às suas ambições, aos seus interesses humanos, a seus prejuízos e às suas humanas tradições, ou a seus vícios e paixões, rejeitam a revelação do Espírito da Verdade e repelem os que lhes servem de órgãos, quando não se açaimam contra essa revelação e esses seus órgãos, *do mesmo modo* que os Judeus, os sacerdotes, os fariseus e os doutores da lei repeliram a Jesus e a sua missão, se açaimaram contra ele, contra a sua doutrina, contra a sua missão.

Mas, com o tempo, com a expiação e a reencarnação, o progresso se fará e a luz poderá então brilhar para os que, segundo a palavra do profeta Isaías, ainda não podem "ver com os olhos e compreender com o coração", isto é, para aqueles que, atacados de cegueira moral, ainda têm a inteligência muito obscurecida pela matéria e suas influências.

CAPÍTULO XII

Vv. 44-50

*A moral que Jesus pregou não é sua, mas de Deus.
— Jesus, que é a luz, veio para salvar o mundo. —
O homem se julga a si mesmo, e sua consciência é
quem pronuncia a sentença*

V. 44. Ora, Jesus exclamou: O que em mim crê não é em mim que crê, mas naquele que me enviou. — 45. E o que me vê a mim vê aquele que me enviou. — 46. Eu, que sou a luz, vim ao mundo para que os que em mim crêem não fiquem nas trevas. — 47. Se alguém ouve as minhas palavras e não as guarda, eu não o julgo; pois que não vim para julgar o mundo, mas para o salvar. — 48. Aquele que me despreza e não recebe as minhas palavras tem por juiz a palavra mesma que hei pregado; será ela que o julgará no último dia. — 49. Porque, *não* é por mim mesmo que tenho falado; meu Pai, que me enviou, é quem me prescreveu, por seu mandamento, o que devo dizer e como hei de falar. — 50. E eu sei que seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que digo, digo-o conforme meu pai mo ordenou.

N. 43. Nas explicações que já recebestes, tendes os elementos e os meios para a interpretação e a compreensão destas palavras de Jesus.

Aquele, que pratica a moral que ele pregou e que a personifica pelos seus ensinamentos e exemplos, não pratica a moral que seja dele, mas a que, por seu intermédio, vem do próprio Deus.

Quando diz: "*O que me vê a mim vê aquele que me enviou*" não fala do seu corpo que, *para os homens*, era material, fala do ser espiritual que, *pelas suas inspirações*, estava em conformidade de pensamento com aquele que o enviara. Nunca materializeis *segundo a letra*; procurai sempre o *espírito*.

Jesus veio para salvar o mundo, porquanto, conforme afirmação sua, ele é a "luz", pela moral que pregou. Todos os que a praticam progredem e se depuram, avançam no caminho que os libertará das trevas da encarnação material, das da inteligência e da expiação após a morte.

Jesus não veio para julgar o mundo, mas para o salvar, pois que veio para ensinar aos homens como devem viver e morrer, tendo em vista o progresso do Espírito. Veio para regenerar a humanidade, ensinando e exemplificando-lhe todas as virtudes; traçando para todos os homens, quaisquer que sejam, Judeus ou Gentios, a estrada que, abstração feita de todos os cultos exteriores, os conduzirá à fraternidade e, por esta, à unidade; obedecendo à lei de amor; praticando, portanto, a justiça e a caridade.

Já explicamos o sentido destas palavras: "*Meu pai a ninguém julga.*" — "*Eu não julgo a ninguém*" O homem é julgado por si mesmo, pelos seus atos. "No último dia" do seu corpo, o julgamento que a sua consciência profere, mas que ele quase nunca quer ouvir, se lhe tornará claro e preciso. E, para a consciência do homem, o critério desse julgamento oferece-o a moral pura que Jesus pregou e na qual, como ele próprio o disse, estão *toda a lei e os profetas*.

CAPÍTULO XIII

Vv. 1-17

Jesus lava os pés a seus apóstolos. — Palavras que lhes dirige

N. 44. Dividi o texto, para que vos demos, de modo especial, as explicações necessárias sobre os versículos que não foram objeto de comentários, quando tratamos dos três primeiros Evangelhos.

V. 1. Antes da festa da Páscoa, sabendo que chegara a hora de passar deste mundo ao pai, Jesus, como havia amado os seus que estavam no mundo, assim os amou até ao fim. — 2. Acabada a ceia, tendo o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o desígnio de o entregar, — 3, Jesus, que sabia que o pai lhe colocara nas mãos todas as coisas, que saíra de Deus e que para Deus voltava, — 4, levantou-se da mesa, depôs as suas vestes e, tomando de uma toalha, com ela se cingiu. — 5. Em seguida, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés a seus discípulos e a enxugá-los na toalha com que se cingira.

Certo não cometeis o erro, tão espalhado entre os que se dizem "cristãos", ortodoxos ou não, de acreditar que Judas estava "possesso do diabo", quando resolveu trair a Jesus.

Sabeis o que se deve entender por "*diabo*", "*demônio*", "*satanás*": a má influência, a inspiração má. O homem, porém, pode ser dirigido pelo seu próprio Espírito, desempenhando este o papel de "*diabo*" ou "*demônio*". Ninguém, entretanto, que reflita pode deduzir daí que Deus *predestine* criaturas suas a ser presas de potências contrárias, mais fortes do que elas, a fim de que essas criaturas sirvam de instrumentos passivos à execução de seus desígnios. Não. Deus criou o Espírito, independente,

livre e responsável pelos seus atos, que são obra exclusivamente sua, ou efeito das más influências que ele atrai pelos seus instintos, sentimentos, pendores, influências que lhe é dado tanto aceitar como repelir, no uso do seu livre-arbítrio.

Conhecendo a sua origem superior, quis Jesus, praticando o ato simbólico de lavar os pés a seus apóstolos, dar aos homens, aos quais chama *seus irmãos*, o exemplo da *humildade e da renúncia*. Foi para isso que, assemelhando-se a um escravo, desempenhou aquela função, privativa dos escravos.

Ah! como estão longe daquele que deu tão grandioso exemplo os que hoje praticam a ablução simbólica de que ele se serviu para dá-lo!

São, porventura, os que assim pretendem imitá-lo, servos dos humildes e dos pequeninos? E, quando preenchem a formalidade vã em que transformaram aquele ato, lembram-se os que a praticam da vida *humilde* do que disse: "Meu *reino* não é deste mundo; as raposas têm suas tocas e as aves do céu seus ninhos, mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça?" Haverá, no que fazem, mais do que simples paródia, uma vez que ocupam um dos reinos da Terra e habitam suntuosos palácios?

Nesta parte da sua narrativa evangélica, referindo o exemplo de humildade e renúncia, que de tal forma deu Jesus aos homens, João, para lhe fazer ressaltar a importância e o objetivo, reproduziu em resumo, debaixo da influência espírita, da inspiração mediúnica, mas sem ter consciência de uma e outra, as palavras ditas pelo Precursor e pelo próprio Jesus, sobre a sua natureza, a sua origem e a sua missão.

"Jesus, que sabia que o pai lhe colocara nas mãos todas as coisas, que saíra de Deus e que para Deus voltava."

Sim, Jesus tinha consciência exata da sua origem, de sua natureza, de seus poderes. Sabia ser o Espírito protetor e governador do planeta terreno,

incumbido do vosso desenvolvimento, do vosso progresso e de vos levar à perfeição. Sabia ser um Espírito criado, que se conservara puro em toda a via do progresso, que se tornara puro Espírito, de pureza perfeita e imaculada. *Assim* era que saíra de Deus. Ia retomar a natureza espiritual que Lhe era própria, ia, *assim*, voltar para Deus.

Com o ato emblemático do lava-pés, ele, o divino modelo, quis mostrar aos homens, todos *seus irmãos*, pois que tiveram todos a mesma origem que ele, saídos todos, portanto, de Deus, de quem depois se afastaram pela queda no pecado, o caminho que abria e percorrera no meio deles e pelo qual lhes cumpre avançar, sem descanso nem parada, para se reerguerem e, purificando-se, voltarem a Deus pela perfeição adquirida. Esse caminho é o da *humildade e da renúncia*: da humildade, traduzindo-se esta pela do Espírito, aliada à simplicidade do coração; da renúncia, expressa pela suplantação do orgulho e do egoísmo, assim como de todos os vícios e paixões que transviam e degradam a humanidade e que são com acerto denominados "pecados capitais"; expressa também pela prática da lei de amor e, conseqüentemente, da justiça e da caridade, da abnegação e do devotamento, sem restrição alguma.

V. 6. Dirigiu-se, pois, a Simão Pedro, que Lhe disse: "Que, Senhor, tu me lavares os pés!" — 7. Ao que Jesus respondeu: Não sabes agora o que faço, sabê-lo-ás depois.

A oposição de Pedro ao ato de humildade de Jesus era efeito natural do respeito que consagrava ao Mestre. Jesus, porém, insistindo, Lhe fez compreender em que condições deve colocar-se aquele que queira apascentar o rebanho do Senhor. A conseqüência foi que Pedro, cedendo, embora inconscientemente ainda, a um impulso de devotamento e de renúncia, se prontificou a ser purificado da cabeça aos pés.

Respondendo-lhe: *"Não sabes agora o que faço, mas sabê-lo-ás depois"*, Jesus deixa entrever a posição que teriam de ocupar Pedro e os que pretendessem ser "os sucessores" deste apóstolo. Fazia alusão à luz que a sua "morte" e a sua "ressurreição", *segundo o modo de ver dos homens*, lançariam sobre as suas palavras.

Os que se arvoraram em sucessores de Pedro sê-lo-iam de fato, *se lhe seguissem as pegadas* e cumprissem as obrigações que daí lhes resultassem.

Todo aquele que proceder como Pedro poderá dizer-se e é, indubitavelmente, seu sucessor.

Sucessores de Pedro serão todos os que, achando-se em condições quaisquer de ensinar, de pregar, de servir aos homens, o fizerem com o coração e por meio do exemplo, com humildade, com renúncia, com amor.

Desçam de seus tronos os que usam oficialmente desse título; *vão, humildes e brandos, pobres e dedicados*, levar a consolação, a coragem e a fé a toda a parte; lavem os pés a seus discípulos, não com pompa diante da multidão a se persignar devotamente, mas a todas as horas do dia, edificando-os ocultamente com as suas virtudes; dêem o exemplo do que pregam, do que Jesus pregou; não lhe desnaturem as palavras de infinito amor, mudando-as em palavras de ódio e de vingança; preguem a paz em vez de semearem a discórdia; façam esmolas em vez de receberem para si, como paga de suas preces, o óbolo destinado aos pobres; e poderão apelidar-se de sucessores de Pedro, de pastores do rebanho de Jesus, rebanho que é toda a humanidade.

V. 8. Disse-lhe Pedro: Jamais me lavarás os pés. Jesus lhe respondeu: Se eu te não lavar, não terás parte comigo. — 9. Disse então Simão Pedro: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.

Respeitando o Mestre tanto quanto o amava, Pedro se afligiu ao vê-lo pretender executar um

ato tão servil. Jesus, porém, insistiu, para que ele, vendo-o a praticá-lo, compreendesse quão necessária é a *humildade* ao homem. Pedro ainda não compreendia o objetivo oculto daquele *ato* e das palavras de Jesus. No primeiro momento, julgou tratar-se de uma *purificação* por ablução, necessária para torná-lo igual ao Mestre. Eis porque pediu que este o lavasse todo.

Mas, o que Jesus tinha em mente ao proferir estas palavras, que se dirigiam à humanidade inteira, naquela época e no futuro: *Se eu te não lavar, não terás parte comigo*, era que, se o homem não se submeter à lei purificadora que ele lhe trouxe, não atingirá o fim a que se propõe.

Não esqueçais que, *de um lado*, a ninguém é preciso que se intitule de "*cristão*" para ser discípulo de Jesus e obedecer à lei de amor; e, *de outro lado*, que, entre os Judeus, a ablução era um meio de purificação levado a tais extremos que eles nunca tomavam uma refeição, sem que previamente lavassem as mãos, a fim de não conspurcarem os alimentos, caso, por inadvertência, houvessem tocado em alguma coisa impura.

V. 10. Disse-lhe Jesus: aquele que já foi lavado não precisa senão de lavar os pés; está puro quanto ao mais. Vós estais puros, mas não todos. — 11. É que sabia qual o que o havia de trair. Por isso foi que disse: Não estais todos puros.

São *figuradas* essas palavras de Jesus; deveis compreendê-lo pelo que acabamos de dizer acerca dos vv. 3, 4 e 5. A lavagem dos pés *simbolizava* também *a maneira por que* os discípulos deviam percorrer o *novo caminho em que iam entrar*, depois de lhes haver o Mestre limpad os pés de todas as sujidades de que o caminho velho os cobrira.

Quanto a Judas, esse não estava disposto, *no momento*, a uma purificação qualquer. Bem e de ver-se que, para Jesus, aquele ato exterior nenhum valor tinha em si mesmo, como ato material; que

sua significação e seu alcance eram inteiramente emblemáticos, pois que, purificando os outros após-tolos, ele só não purificava a Judas.

Sabia Jesus que este o havia de trair, pois sabia, conforme o explicamos ao comentarmos os três primeiros Evangelhos, que tomara uma tarefa superior às suas forças, que, portanto, faliria. O Mestre lia-lhe o pensamento.

V. 12. Depois de lhes ter lavado os pés retomou suas vestes e, sentando-se de novo à mesa, lhes disse: Sabeis o que acabo de fazer? — 13. Vós me chamais Mestre e Senhor e tendes razão, pois que o sou. — 14. Ora, se, sendo vosso Senhor e vosso Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. — 15. Porque, eu vos dei o exemplo, a fim de que o que vos fiz o façais também.

Ao mesmo tempo que afirmava, sob o *véu da letra*, sua posição e seus poderes com relação ao planeta e à humanidade terrenos, Jesus, dirigindo a seus discípulos essas palavras *figuradas*, dava aos homens um *ensino*, como já o explicamos, e um *exemplo* de humildade e de renúncia, ensino e exemplo que, se forem praticados pelos que lhe queiram caminhar nas pegadas, serão meio de progresso e de depuração para todos os de boa-vontade.

V. 16. Em verdade, em verdade vos digo. O servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. — 17. Desde que sabeis estas coisas, bem-aventurados sereis se as praticardes.

"O servo não é maior do que o seu Senhor." Todos os Espíritos são iguais diante do Senhor. Só a virtude estabelece entre eles hierarquia. Para o Senhor, não existem as condições sociais.

"Nem o enviado é maior do que aquele que o enviou." Jesus faz desse modo uma alusão às idéias que germinavam sobre a divindade que lhe havia de ser atribuída. Os homens, propensos sempre à exal-

tação, teriam sido levados a colocá-lo *acima* de Deus; dispostos a constituí-lo *Soberano* dos céus. Sua figura teria apagado a do Criador! E, afinal, não a apagou? Regra geral, não o afastou do pensamento dos homens? O culto principal, as orações, dirigindo-se à "Trindade", não se dirigem especial e nominalmente a Jesus? Não vedes, em vossos dias, Maria ser objeto de um culto, de uma adoração mesmo, que lançam na sombra o Cristo e aquele que é desde toda a eternidade: *Deus, uno*, único, indivisível?

Jesus, que jamais se disse Deus, que, ao contrário, sempre proclamou ser o pai *o único Deus verdadeiro*, teve aqui em vista condenar de *antemão* a exageração humana que o colocaria acima de Deus.

"*Desde que sabeis estas coisas*, disse ele, *bem-aventurados sereis, se as praticardes.*" Desde que compreendais a igualdade entre os homens de boa-vontade e o lugar que deveis dar ao Mestre, sereis bem-aventurados, porquanto praticareis com sinceridade a fraternidade e o amor universal.

O pensamento, que ditou a Jesus essas palavras, por ele dirigidas a seus discípulos, se estende a todas as épocas.

NOTA DA EDITORA — A páscoa era a maior festa dos judeus, recomendada por Moisés e celebrada pela primeira vez quando deixaram o Egito.

A palavra páscoa significa *passagem*, ou seja, a passagem dos judeus pelo Mar Vermelho e do anjo que matou os primogênitos do Egito e poupou os Hebreus, cujas casas estavam assinaladas com o sangue do cordeiro. Páscoa é, pois, para os Judeus, a comemoração da passagem de Israel do cativeiro para a liberdade. — W.

CAPÍTULO XIII

Vv. 18-30

Jesus prediz a traição de Judas

V. 18. Não digo isto de todos vós: Sei quem são os que escolhi; mas, é preciso que se cumpra esta palavra das Escrituras: Aquele que comigo come o pão, contra mim levantará o pé. — 19. Digo-vos isto desde já, antes que aconteça, a fim de que, quando acontecer, reconheçais quem eu sou. — 20. Em verdade, em verdade vos digo: Quem quer que receba aquele que eu houver enviado, a mim me recebe; e quem me recebe a mim recebe aquele que me enviou. — 21. Tendo dito essas coisas, Jesus se turbou em seu Espírito e falou abertamente, dizendo: Em verdade, em verdade vos digo: um dentre vós me trairá. — 22. Os discípulos se entreolharam, sem saberem de quem ele falava. — 23. A um deles, porém, a quem Jesus amava e que estava reclinado sobre o peito de Jesus, — 24, Simão Pedro fez sinal para que perguntasse qual era o de quem falava. — 25. Esse discípulo, que repousava sobre o peito de Jesus, perguntou: Senhor, quem é esse? — 26. Jesus lhe respondeu: É aquele a quem eu der o pão molhado e, tendo molhado o pão, o deu a Judas Iscariotes, filho de Simão. — 27. E assim que este tomou do pedaço de pão, Satanás entrou nele e Jesus lhe disse: O que fazes, faze-o logo. — 28. Nenhum dos que estavam à mesa compreendeu porque dissera ele isso. — 29. Alguns pensavam que, por ser Judas quem tinha a bolsa, Jesus quisera dizer-lhe: Compra-nos o que é necessário para a festa, ou que lhe dava ordem de distribuir alguma coisa com os pobres. — 30. Judas, tendo recebido o pedaço de pão, saiu imediatamente. Era já noite.

N. 45. Já explicamos, comentando os três primeiros Evangelhos, o fato da traição de Judas. A narrativa de João explica e completa as outras.

Dizendo: "Sei quem são os que escolhi", Jesus alude aos onze discípulos *fiéis*, os quais, capazes de

empreender e levar a termo a missão que haviam solicitado, foram escolhidos *no sentido* de que, animados pelos seus guias a pedi-la, a tinham obtido, tendo sido *assim* aceitos por Jesus.

Predizando a traição de Judas, teve Jesus em vista chamar a atenção dos apóstolos, a fim de que, quando o fato ocorresse, ficassem impressionados e reconhecessem, por essa faculdade extra-humana da presciência do futuro, que ele era realmente o enviado de Deus.

Logo em seguida, o Mestre os prepara a compreender, quando se achassem no desempenho de suas missões e ele se houvesse afastado definitivamente da Terra, que, como seus enviados, seriam, por isso mesmo, enviados do Senhor e que aquele que recebesse os ensinamentos que iam espalhar receberia os dele Jesus, do mesmo modo que os que recebem seus ensinamentos recebem os do Senhor. É assim que diz:

Em verdade, em verdade vos digo: Quem quer que receba aquele que eu houver enviado a mim me recebe; e quem me recebe a mim recebe aquele que me enviou.

Mas, assim falando, Jesus se referia igualmente a todas as épocas e a todos os Espíritos que por ele seriam enviados *em missão* entre os homens, para dar impulso ao progresso, ativá-lo e desenvolvê-lo. Essas palavras se aplicam especialmente aos apóstolos da revelação, predita e prometida, do Espírito da verdade, da nova revelação, incumbidos de explicar e desenvolver, *em espírito e verdade*, as suas palavras e os atos que praticou durante a sua missão terrena, de explicar e desenvolver os princípios e as conseqüências desta mesma missão, de preparar e executar a obra da regeneração humana.

Estas palavras *figuradas*, referentes a Judas: "*Satanás entrou nele*", significam, bem o compreendeis, que o pensamento da traição, em gérmen no

Espírito de Judas, se tornou uma resolução, que se ia traduzir em ato.

Os discípulos, diz a narração evangélica, não compreenderam porque Jesus dissera a Judas: "*O que fazes, faze-o logo.*" *Eles*, com efeito, se entregaram, conforme também diz o texto, a suposições. Não podiam imaginar que Jesus mandara que Judas o fosse trair. Admitiam a possibilidade de Judas praticar um ato de tal natureza, mas não *naquele momento*.

Os acontecimentos tinham de cumprir-se e, assim, Judas obedeceu às influências que lhe dominavam o pensamento. As palavras de Jesus significavam: "Põe em execução o que projetas."

CAPÍTULO XIII**Vv. 31-38**

Jesus alude ao sacrifício que se vai consumir no Gólgota. — Os discípulos do Cristo devem amar-se uns aos outros. — Por esse sinal é que serão reconhecidos. — Predição da negação de Pedro

N. 46. Dividi o texto. Dar-vos-emos explicações especiais.

V. 31. Depois de haver ele saído, disse Jesus: Agora, o filho do homem é glorificado e Deus é glorificado nele. — 32. Se Deus é glorificado nele, Deus o glorificará também em si mesmo e o glorificará sem demora.

Estas palavras se referem ao sacrifício que se ia consumir e aos efeitos, aos resultados que produziria no momento e no futuro, em bem do progresso e da regeneração da humanidade. A elevação da criatura à glória eterna é a *única maneira* de ela glorificar e honrar a Deus e o seu celeste enviado.

V. 33. Meus filhinhos, por pouco tempo mais estarei convosco. Buscar-me-eis, mas, assim como disse aos Judeus que eles não podiam vir aonde vou, o mesmo vos digo agora.

Jesus, neste passo, alude ao seu desaparecimento do sepulcro, após o sacrifício do Gólgota, à sua volta à natureza espiritual que lhe era própria, à época da chamada *ascensão*, à missão que seus discípulos tinham de desempenhar na Terra, quando a dele estivesse terminada.

V. 34. Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei, para que vos amásseis mutuamente. — 35. Nisto é que todos reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.

Estas palavras não precisam de comentários.

Eram dirigidas especialmente aos discípulos; mas, segundo o pensamento que as ditou, se aplicam a todos os tempos, porquanto, muitas vezes já o temos dito, a missão do Mestre começou com a formação do vosso planeta, tornou-se manifesta pelo seu aparecimento entre os homens, continua e não terminará enquanto ele não vos houver levado à perfeição, ou seja, à categoria dos puros Espíritos e, pois, aos pés do Pai.

Todo aquele que pratica a moral pura que ele pregou é seu discípulo, visto que pratica a fraternidade e o amor universal.

Amai-vos, portanto, ó homens, uns aos outros. Pelo amor que uns aos outros vos consagrardes é que todos reconhecerão que sois discípulos de Jesus.

Apóstolos da nova revelação, dai aos vossos irmãos o *exemplo* da prática da lei de amor, amando-vos uns aos outros.

V. 36. Simão Pedro lhe pergunta: Senhor, para onde vais? Jesus lhe responde: Aonde vou não me podeis seguir agora; mas seguir-me-eis depois.

Os apóstolos, na condição de encarnados, eram como crianças; mas eram, conforme o temos dito, Espíritos adiantados.

Dizendo a Pedro: "Não me podeis *agora* seguir aonde vou", Jesus dá prova da inferioridade do vosso planeta. Deixa, porém, luzir a esperança do progresso, que faculta a todos os de boa-vontade o se elevarem.

Acrescentando: "*Mas, seguir-me-eis depois*", alude à elevação do Espírito de Pedro, bem como à

dos outros apóstolos que o rodeavam, elevação que, depois de terem eles cumprido a missão que lhes cabia desempenhar, lhes permitiria ascender às regiões superiores, para *seguirem a Jesus*, isto é, para continuarem a avançar pela senda do progresso, debaixo da sua direção.

V. 37. Pedro inquire: Porque não te posso seguir agora? Darei a vida por ti. — 38. Replicou-lhe Jesus: Darás por mim a vida? Em verdade, em verdade te digo: Não cantarás o galo, antes que me tenhas negado três vezes.

Pedro não compreendera a resposta de Jesus. Preocupava-o apenas o perigo que o Mestre poderia correr, separando-se deles. Por isso é que disse: *Darei por ti a vida*; ao que Jesus respondeu, predizendo que Pedro o negaria.

Já explicamos, comentando os três primeiros Evangelhos, essa predição da negação de Pedro.

CAPÍTULO XIV

Vv. 1-12

Muitas moradas na casa do pai. — Jesus vai preparar o lugar para seus discípulos. Quando voltar, os atrairá a si, a fim de que estejam onde ele estiver. — Ele é o caminho, a verdade, a vida. — Ninguém vai ao pai senão por ele. — Suas relações com o pai. — Aquele que nele crê fará as obras que ele faz e fará outras ainda maiores

N. 47. Estes versículos reclamam explicações especiais; precisam ser explicados distinta e separadamente.

V. 1. Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim.

Jesus tranqüiliza a Pedro e aos outros apóstolos. Lembra-lhes a fé em Deus e os exorta também a terem fé na sua missão e, portanto, no que lhes vai dizer, isto é:

V. 2. Há muitas moradas na casa de meu pai. Se assim não fosse, eu vo-lo teria dito, porquanto vou preparar-vos o lugar.

Desta forma Jesus afirma positivamente a habitabilidade que, para os Espíritos que vegetam no vosso planeta, oferecem os mundos disseminados pelo espaço e afirma a hierarquia ascensional desses mundos.

A casa do pai é o Universo, a imensidade, o infinito.

As diversas moradas que nela há são todos os mundos, indistintamente, os quais constituem habitações apropriadas às diversas ordens de Espíritos, pois que a hierarquia ascensional dos mundos corresponde à dos Espíritos que os habitam.

No comentário feito aos três primeiros Evangelhos e notadamente no que dissemos acerca da origem do Espírito e da genealogia espiritual de Jesus (ns. 55, 56 e seguintes do 1º tomo) fizemos entrever as inúmeras moradas existentes na casa do pai.

O Espírito muda de morada à medida que progride. Deixa a em que estava para ir habitar outra mais adequada ao grau do seu progresso e ao desenvolvimento de suas faculdades, assim como às necessidades do adiantamento e às condições em que este deva operar-se.

Tão impossível nos é dar-vos notícia exata e completa de todos os mundos, quanto o descrever-vos minuciosamente o infinito.

O que podeis saber e compreender e o que nos é possível e permitido explicar-vos é o seguinte:

Como não ignorais, a essência espiritual, para ir do seu ponto de origem ao período preparatório do estado *espiritual* de inteligência independente, livre e responsável, investida de razão e livre-arbítrio, tem que passar, conforme vos explicamos tratando da origem do Espírito, pelas fases sucessivas e progressivas da materialização nos reinos mineral e vegetal e da encarnação no reino animal. Tem que passar depois por aquele período preparatório. Transposto esse período e uma vez de posse do livre-arbítrio, ela se acha na condição de Espírito formado, mas em estado de simplicidade, de ignorância, de inocência, cumprindo-lhe passar pela fase da infância e da instrução e ser, pelos seus guias, colocada em situação de se servir do livre-arbítrio. Então, no gozo da sua independência e da sua liberdade, que de uma e outra decorrem, escolhe o Espírito o caminho que prefere tomar. Se se conserva puro no do progresso, dócil a seus guias, seguindo constantemente a estrada simples e reta que lhe é indicada, chega à perfeição, tendo progredido no estado fluídico. Torna-se assim puro Espírito, Espírito *que não faliu*, de pureza perfeita e imaculada,

tal como Jesus, protetor e governador do vosso planeta.

Se, ao contrário, se afasta da estrada simples e reta que lhe é indicada, está falido. (E já dissemos, tratando da origem do Espírito, que este pode falir, ou no início da sua existência livre e independente, ou depois de haver atingido um grau mais ou menos elevado de desenvolvimento e de progresso.) É então submetido à encarnação humana em condições apropriadas ao grau da sua culpabilidade, às suas faculdades e às necessidades da reparação e do progresso. Também o Espírito que faliu chega à perfeição. Depois de se haver depurado completamente, também se torna puro Espírito. Como *seus irmãos*, os Espíritos de pureza imaculada, ele, que teve em sua origem o mesmo ponto de partida que estes, chega à mesma finalidade que eles, embora por diferentes caminhos, tendo sido dado a cada um de acordo com suas obras.

Para que tudo venha assim do infinitamente pequeno ao infinitamente grande é que há as seguintes categorias de mundos:

Mundos *primitivos*, saídos dos fluidos incandescentes, mundos onde se elaboram as essências espirituais que ali são depositadas; onde, quando o globo tem entrado no período material, elas se desenvolvem e progridem, passando, progressiva e sucessivamente, pela materialização nos reinos mineral e vegetal e, depois, pela encarnação no reino animal. Em chegando a época propícia ao aparecimento neles do homem, pela encarnação de Espíritos *que faliram* em condições que exijam a encarnação humana primitiva, esses mundos se tornam, para tais Espíritos, para as humanidades que eles compõem, mundos de provações e de expiações, os quais, todavia, como os Espíritos que os vão habitar, prosseguem na sua marcha ascensional, sempre em correlação com as de seus habitantes.

Mundos *ad-hoc*, onde a essência espiritual, após transpor os reinos mineral, vegetal e animal, é

preparada para o estado *espiritual, para o estado de espírito formado*, de inteligência independente, livre e responsável.

Mundos *fluídicos*, destinados a habitação de Espíritos que, desde o estado de infância e de instrução, *nunca faliram* e que, *conservando-se sempre puros na senda do progresso*, progredem no estado fluídico. Seguindo também marcha progressiva e hierarquicamente ascensional, há, em todos os graus da escala, mundos dessa categoria, apropriados e correspondendo aos estados de desenvolvimento e de progresso dos Espíritos que os habitam, estados que vão desde o de infância e instrução até o de puro Espírito. Eles se tornam moradas de puros Espíritos, quando hão chegado, de maneira progressiva, ao estado fluídico puro.

Diversos mundos destinados a habitação de Espíritos *falidos e, como tais*, sujeitos à encarnação humana. Esses mundos também são apropriados ao estado de desenvolvimento e de progresso dos Espíritos que os habitam. Assim é que são: materiais, mais ou menos inferiores, mais ou menos superiores uns com relação aos outros; mais ou menos materiais, mais ou menos fluídicos. Servindo, para a encarnação dos Espíritos *que faliram*, para seu desenvolvimento e progresso, também têm que, através dos tempos, dos séculos, das eternidades, tomar lugar entre os mundos celestes ou divinos, dos quais só os puros Espíritos podem aproximar-se.

Mundos *de provações e expiações*, uns inferiores aos outros, uns aos outros superiores, havendo-os de todas as gradações ao longo da respectiva escala, desde os apropriados ao aparecimento do homem, à encarnação primitiva, até os que servem de habitação a Espíritos prestes a entrar no período de regeneração.

Mundos *regeneradores*, destinados a preparar os Espíritos, que faliram e que ainda têm o que expiar, para saírem progressivamente do período da materialidade. São mundos de transição, on-

de domina a justiça, onde os Espíritos continuam e acabam a sua depuração, tornando-se capazes de só praticar o *bem* e incapazes da prática do *mal*. Também nessa categoria de mundos, há-os em todos os graus da escala, inferiores uns aos outros, uns aos outros superiores.

Mundos *felizes*, onde, regenerado, depurado de todos os maus pendores, o Espírito só tem que progredir no bem, sem mais ter que lutar contra o mal. Esses mundos, como os Espíritos que os habitam, se acham no princípio do período de semifluidez. Aí começa a desmaterialização do corpo.

Nos diversos mundos regeneradores, preparatórios e intermediários entre os de expiação e os felizes, o corpo se liberta progressivamente de uma parte da matéria putrescível, se torna pouco a pouco mais leve, sem contudo ficar de todo livre da decomposição da matéria. Quanto mais o corpo se aperfeiçoa, em consequência do adiantamento do Espírito, tanto mais volatizáveis se fazem, por ocasião da morte, as matérias e se isentam da decomposição animal. Isto, porém, envolve questões de fisiologia, estranhas ao quadro que se vos traçou.

Na categoria dos mundos *felizes*, também os há inferiores e superiores uns aos outros, em todos os graus da respectiva escala ascensional e progressiva, através da qual eles vão passando por estados cada vez mais fluídicos, de conformidade com os Espíritos que os habitam, até chegarem à condição de mundos celestes ou divinos.

Mundos *celestes ou divinos*, os que atingiram o estado fluídico puro e aos quais só os puros Espíritos podem ter acesso.

V. 3. E depois que me tenha ido e vos haja preparado o lugar, voltarei e vos chamarei a mim, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também.

Os discípulos fiéis de Jesus ainda não haviam terminado a missão que lhes cabia desempenhar na Terra. Não tinham mais que sofrer provas expia-

tórias e sim apenas que cumprir missões. Dizemos — provas expiatórias, porque, para o Espírito que ainda não tomou lugar, pela sua perfeição, entre os puros Espíritos, há *prova* nas missões de que se encarregue.

Segundo o espírito despojado da letra, essas palavras do Mestre significam: "Depois que eu me tiver afastado definitivamente da Terra, concluída a minha missão terrena; quando vós, tendo terminado a vossa entre os homens, houverdes, sob a minha direção, desempenhado a vossa missão espiritual, continuado o vosso desenvolvimento e o vosso progresso; quando houverdes, nos tempos determinados, cumprido a *nova* missão que vos está destinada no seio da humanidade; quando eu vos tiver, *desse* modo, disposto o lugar, voltarei, conforme tenho predito. Preparados, pela perfeição que tereis alcançado e pela pureza perfeita que tereis adquirido, chamar-vos-ei a mim, a fim de que, onde eu estiver, estejais comigo, como puros Espíritos."

Deveis compreender que, *na época* do segundo advento de Jesus, os Espíritos então encarnados, ou, por melhor dizer, incorporados no vosso planeta, estarão quase a atingir a perfeição. Os discípulos, que muito antes de vós entraram na senda do progresso, que nesta se mantiveram e que por ela terão avançado sempre, estarão prestes, nessa época, a tornarem-se puros Espíritos.

Referindo-se ao seu segundo advento, pelas palavras que constam dos versículos acima, dirigidas aos discípulos, Jesus alude à época em que a fé, escoimada de todo erro, terá purificado de toda falta o homem. Estais no início dessa era, que é *a do advento* do Espírito, porém, longe vos achais ainda de haver dado um passo nesse sentido.

V. 4. Para onde vou vós o sabeis e sabeis o caminho. — 5. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como podemos saber o caminho? —

6. Respondeu-lhes Jesus: Eu sou o caminho, a verdade, a vida. Ninguém vem ao pai senão por mim.

Jesus é o caminho, a verdade, a vida, porquanto ele é o *emblema* da lei de amor.

É o caminho: — pela moral que pregou e que personificou pelos seus ensinamentos e exemplos, pois que ensinou os homens a viver e a morrer, tendo por objetivo o progresso do Espírito. Todo aquele, que pratica a sua moral, progride e se depura.

É a verdade, porque é órgão direto de Deus e preposto por este ao encargo de transmiti-la aos homens, de modo progressivo e sucessivamente, na medida do que possam receber.

A verdade é relativa aos tempos e às necessidades das épocas. É una, porém mais ou menos *encoberta*, não se desenvolvendo aos olhares humanos senão à medida que o homem a pode suportar e compreender. Quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais se *lhe rasgam* à vista os véus da verdade. A verdade é o conhecimento de todo princípio que, assim na ordem física, como na ordem moral e na intelectual, conduz a humanidade ao seu aperfeiçoamento, à fraternidade, ao amor universal, mediante *sinceras aspirações* ao espiritualismo, ou, se quiserdes, à espiritualidade. A idéia é a mesma; mas, para o vosso entendimento humano, o espiritualismo conduz ao espiritismo e o espiritismo tem que conduzir à espiritualidade.

Dar aos homens o conhecimento da verdade, que ele personifica, constitui a tarefa que Jesus começou a executar desde o aparecimento do homem no vosso planeta; em que prosseguiu, sem interrupção, para o vosso desenvolvimento e progresso, primeiro, por intermédio dos Espíritos em missão, depois, por intermédio de Moisés e dos profetas entre os Hebreus e dos Espíritos em missão entre os outros povos, missionários todos esses que prepararam o seu aparecimento na Terra. Essa tam-

bém a tarefa que veio pessoalmente executar, desempenhando a sua missão terrena, manifestando-se entre os homens no meio humano de antemão preparado e escolhido. Essa a tarefa que continuou a executar por intermédio dos Espíritos em missão, até aos vossos dias, que vêm abrir-se a era nova do Cristianismo do *Cristo*, a era espírita; tarefa cuja execução ele vai continuar, através dessa era nova, por intermédio de messias ou enviados, de Espíritos em missão, órgãos do Espírito da Verdade, até ao dia do seu segundo advento, no qual, sendo ele próprio Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade, virá, mas dessa vez em todo o seu fulgor espírita, ao vosso planeta depurado, mostrar a verdade *sem véu* às criaturas, igualmente depuradas.

Jesus é a *vida*, porque, progredindo e purificando-se mediante a prática da moral que ele pregou e que personifica pelos seus ensinamentos e exemplos, o Espírito, separando-se do corpo material, se encontra liberto da morte espiritual, representada pelas trevas da inteligência, liberto da expiação. Chega assim, finalmente, a libertar-se da encarnação material, que apaga toda lembrança e que é, pois, para o Espírito, morte *espiritual*.

Ninguém vem ao pai senão por mim. Jesus, vosso protetor e governador, é o único encarregado do vosso desenvolvimento e do vosso progresso, de vos conduzir à perfeição. E, a não ser adquirindo a perfeição, ninguém pode vir, nem vem, ao pai.

V. 7. Se me tivésseis conhecido a mim, também teríeis conhecido a meu pai; mas breve o conhecereis e já o tendes visto.

São *figuradas* estas palavras. Os discípulos jamais tinham visto o pai — materialmente. Tinham-no visto *espiritualmente*, vendo em Jesus a perfeição que a ele conduz.

Se tivésseis conhecido a perfeição que leva ao pai e que está em mim personificada, também te-

riéis conhecido *espiritualmente* a meu pai. Breve, porém, assim o conhecereis. E já o tendes visto espiritualmente, vendo-me a mim que sou a perfeição que a ele conduz.

V. 8. Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos teu pai e isso nos basta. — 9. Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo que estou convosco e ainda me não conheceis? Filipe, aquele que me vê também vê a meu pai. Como é então que dizes: Mostra-nos teu pai.

Jesus insiste no mesmo pensamento, referindo-se sempre à perfeição. Dava àquelas inteligências pouco desenvolvidas um exemplo que pudessem apreender. Deveis lembrar-vos de que, conquanto Espíritos adiantados, os apóstolos sofriam os entraves da matéria de que se haviam revestido.

Para eles e para os homens da época, como para as gerações que se sucederiam até à revelação do Espírito da Verdade, que o Mestre predissera e prometera, só a letra convinha. Eles não tinham que sobre si tomar senão o que, desempenhando suas missões, lhes cumpria dar aos outros homens, ainda incapazes de compreenderem *segundo o espírito*. A letra é que estava reservado preparar o advento *do espírito*.

Aquele que me vê a mim, que sou a perfeição que conduz ao pai, também vê *espiritualmente* a meu pai.

V. 10. Não credes que estou em meu pai e que meu pai está em mim? O que vos digo não o digo de mim mesmo. É meu pai, que mora em mim, quem faz, ele próprio, as obras que eu faço. — 11. Não credes que estou em meu pai e que meu pai está em mim? Crede-o ao menos por causa das obras que faço.

Jesus apropria sempre a sua linguagem às inteligências dos homens da época e tudo dispõe tendo em vista as condições e os meios necessários à realização do progresso da humanidade, naquele

momento e no futuro. Sempre, de um lado, a *letra* e, do outro, o espírito velado pela letra. E ele disse: "É o *espírito que vivifica*; minhas palavras são *espírito e vida*."

Mantendo-se sempre, pela sua pureza, em relação com Deus, nele está sempre a inspiração divina, à qual seus atos correspondem continuamente.

"Não credes que estou em comunicação direta com meu pai, recebendo dele a inspiração, e que meu pai está em comunicação direta comigo e me inspira? O que vos digo não o digo de mim mesmo: é pela inspiração divina que falo. Meu pai, que está sempre em comunicação direta comigo, é quem faz, mediante a inspiração que me dá, as obras que eu faço.

Não credes que estou em comunicação direta com meu pai, recebendo dele a inspiração e que meu pai está em comunicação direta comigo e me inspira? Crede-o, ao menos, por causa das obras que faço."

V. 12. *Em verdade vos digo*: Aquele que crê em mim fará as obras que eu faço e fará ainda maiores, porque *vou* para meu pai.

Aquele, que tem fé, obra em consequência desta e suas obras são todas ascensionais. Aquele que crê firmemente em Jesus, isto é, que segue zelosamente o caminho, que ele traçou, do amor e da verdade, se tornará puro como ele e fará atos semelhantes aos seus, tanto mais que, voltando à esfera que lhe era própria, Jesus deveria ter mais liberdade de ação para inspirar e guiar os seus verdadeiros e sinceros imitadores. Não vos temos dito já: por muito longe que vos acheis de Jesus, não esperais alcançar a meta?

Jesus não praticou, entre os homens, senão as obras que eles pudessem compreender, proporcionadas às suas inteligências. Dizendo — "que eles pudessem compreender" — não temos em mente que

pudessem inteirar-se das causas. Falando desse modo, queremos significar que podiam apenas apreender os resultados, interpretando-os *do ponto de vista em* que se achavam colocados.

O mesmo se dará com os atos que chegareis a realizar, quando o vosso aperfeiçoamento haja atingido um ponto que os torne possíveis. Tendo a inteligência humana progredido, para que as vossas obras possam tocá-la, cumpre sejam obras de ordem superior.

Não peçais explicações a este respeito. Sois *presentemente* incapazes de compreender isso. Semelhante questão seria prematura neste momento. Deveis evitar tocar no futuro.

Notai como Jesus apropria sempre e vela sua linguagem, de maneira a preparar ao mesmo tempo, *segundo a letra*, a transição que tinha de ser aparelhada e efetivada e, *segundo o espírito que vivifica*, os caminhos e os meios próprios à revelação futura do Espírito da Verdade, da revelação da revelação.

CAPÍTULO XIV**Vv. 13-24**

Jesus promete a seus discípulos que lhes será concedido o que pedirem ao pai, a fim de que o pai seja glorificado no filho. — Promete conceder-lhes o que eles lhe pedirem em seu nome. — Prescreve-lhes que guardem seus mandamentos. — Promete-lhes o Consolador, que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade. — Declara que todos os que guardarem seus mandamentos, sua palavra, tê-lo-ão e ao pai consigo

N. 48. Dividi, para que as explicações sejam dadas de acordo com as diversas ordens de idéias que estes versículos encerram.

V. 13. E tudo que pedirdes a meu pai, em meu nome, eu o farei, a fim de que o pai seja glorificado no filho. — 14. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.

Já tendes a explicação do pensamento que ditou estas palavras, no que dissemos, ao comentarmos os três primeiros Evangelhos, relativamente a estas outras: "*Pedi e se vos dará.*" (Mateus, VII, v. 7.) "O que quer que peçais com fé em vossas preces vós o obtereis." (Mateus, XXI, v. 22; Marcos, XI, v. 24.)

Jesus, aqui, dá mais um testemunho, diante dos seus apóstolos, da força, e do poder da fé. Ele não diz aos homens *em que momento* suas súplicas serão atendidas, porquanto o seu pensamento não tem a limitá-lo a duração do tempo. Os meios e condições segundo as quais a súplica deverá ser atendida ficam subordinados sempre aos esforços

do livre-arbítrio do encarnado para receber e secundar a impulsão que lhe é dada, assim como às suas faculdades e às necessidades do seu adiantamento.

O que glorifica o pai é o progresso que os homens realizam e ao qual Jesus preside como protetor e governador do vosso planeta. *É assim* que "o pai é glorificado no filho."

As palavras que então ele dirigiu a seus apóstolos se estendem a todos os tempos. Aplicavam-se aos que, naquela época, como no futuro, caminhassem pela senda que ele traçou, praticando a sua moral, os quais todos, *somente por isso*, seriam seus discípulos.

Igualmente, com Jesus e por Jesus, dizemos nós aos apóstolos da nova era e a todos os homens: Tudo que pedirdes ao pai *em nome* de Jesus, sob o impulso, pois, de um pensamento puro e santo, objetivando o vosso progresso pessoal e o progresso coletivo da humanidade, Jesus o fará, a fim de que o pai seja glorificado no filho, pelo progredir dos homens.

Do mesmo modo, se pedirdes a Jesus alguma coisa *em seu nome*, movidos por um pensamento santo e puro, com o objetivo do vosso progresso pessoal e do progresso coletivo dos vossos irmãos, ele o fará.

V. 15. Se me amais, guardai os meus mandamentos, — 16, e eu pedirei a meu pai e ele vos dará um outro consolador que fique eternamente convosco: — 17, o espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Vós, porém, o conhecereis, porque ficará convosco e estará em vós.

São *figuradas* estas palavras. O Espírito da Verdade, que Deus dá aos homens, é a verdade sempre relativa à inteligência dos que a recebem e cujo conhecimento lhes é revelado pelos Espíritos errantes em missão e pelos encarnados que, também em missão, recebem a inspiração divina por intermédio dos Espíritos superiores que os assistem e

guiam. Deste ponto de vista, o Espírito da Verdade foi sempre dado por Deus aos homens, porquanto a revelação é permanente e progressiva e a verdade sempre foi revelada na medida da compreensão que dela os homens podiam ter. Assim o é, em vossos dias, nos quais começa a nova era, e sê-lo-á futuramente, até à época em que o Mestre voltará para mostrá-la sem véu.

Para os apóstolos, como encarnados, o Espírito da Verdade, que Deus lhes havia de enviar, era o conhecimento da verdade correspondente às necessidades da missão que eles iam desempenhar e nas condições que o seu desempenho o reclamava, isto é, o conhecimento da missão de Jesus e da sua autoridade, conhecimento que, debaixo da inspiração divina, eles teriam, pela assistência, pela inspiração dos Espíritos do Senhor encarregados de os inspirar e guiar; conhecimento que lhes incumbia transmitir aos homens da época e que, pelas narrações evangélicas, chegaria às gerações futuras.

O Espírito da Verdade ficaria eternamente neles, porque, Espíritos devotados e adiantados, cumprida que fosse na Terra a missão que lhes coubera, eles teriam e têm que avançar, eternamente e cada vez mais, no conhecimento da verdade, com a assistência e a inspiração dos Espíritos que lhes são superiores. Ficaria eternamente com eles o Espírito da Verdade porque, como sabeis, se é certo que, para os Espíritos, há igualdade na pureza, não menos certo é que, pelo que toca à ciência universal, há *sempre* entre eles hierarquia, visto que o Espírito criado jamais poderá igualar a Deus.

O mundo não podia receber e conhecer esse Espírito da Verdade, que Deus daria aos apóstolos, porque, impuros, ou materiais e atrasados, os homens não eram capazes nem dignos de receber, como os apóstolos, o conhecimento da verdade sob a inspiração divina, de ter a assistência e a inspiração dos Espíritos superiores, que haviam de Assis-

tir e guiar os discípulos, chamados por Jesus para espalharem a boa nova.

V. 18. Não vos deixarei órfãos: virei a vós. — 19. Ainda, um pouco de tempo e o mundo não mais me verá; vós, porém, me vereis, porque eu viverei e vós vivereis também. — 20. Nesse dia, conhecereis que estou em meu pai e vós em mim e eu em vós.

Palavras igualmente *figuradas e todas de sentido espiritual* são estas de Jesus a seus apóstolos. Adverte-os primeiramente de que não lhes faltará a inspiração superior e de que ele lhes virá *espiritualmente*, enviando-lhes os Espíritos superiores com o encargo de os assistir e guiar.

Depois, alude à época, já então próxima, em que voltaria para a imensidade, época a partir da qual deixaria de ser materialmente visível aos olhos carnis, para só ser visível espiritualmente, aos olhos do Espírito, isto é, *pelo pensamento e pela fé*. Alude, pois, à vida espiritual e às relações espirituais que ela estabelece entre os Espíritos e os homens.

Assim era que o mundo, isto é, os homens impuros, ou materiais e atrasados, que só vêem com a vista corporal, que só vêem materialmente com os olhos do corpo, não mais o veriam; que seus discípulos o veriam *espiritualmente*, vendo, pelo pensamento e pela fé, a perfeição que ele na Terra personificara. Assim era que, para os apóstolos, ele viveria espiritualmente e que também eles viveriam a vida espiritual que lhes permitiria vê-lo pelo pensamento e pela fé. Assim era que conheceriam que ele está em comunicação com o pai, que é por este inspirado, bem como que eles, os discípulos, estavam em comunicação com ele Jesus; que ele os inspirava, por intermédio dos Espíritos superiores e que, reciprocamente, estava em comunicação com eles, inspirando-os e guiando-os.

Quando mesmo não mais o sentiam, os discípulos confiavam nele, confiança que teve a confir-

má-la a manifestação espírita do Espírito superiores que os haviam de assistir, inspirar e guiar, produzida sob a forma de "línguas de fogo".

V. 21. Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. Ora, aquele que me ama será amado por meu pai e eu o amarei também e a ele me manifestarei. — 22. Perguntou-lhe Judas, não o Iscariotes: Senhor, qual a causa por que te manifestarás a nós e não ao mundo? — 23. Respondeu-lhe Jesus: Aquele que me amar guardará a *minha* palavra e meu pai o amará e viremos a ele e faremos nele morada. — 24. Aquele que me não ama não guarda a minha palavra. Ora, a palavra que tendes ouvido não é minha, mas de meu pai, que me enviou.

O que por essa forma disse Jesus tem alcance muito maior do que o que lhe dão os homens e não atinge unicamente o reduzido número dos que se dizem "cristãos", mas todos os que — abstração feita de cultos externos — praticam a moral do Cristo e assim atraem para si a sua proteção e, conseqüentemente, a de Deus.

Deus e Jesus *amam* a todos os homens, porquanto Deus tem em si o amor universal, infinito, e Jesus, que participa desse amor, é, para o vosso planeta, a personificação e o emblema da lei de amor, que ensinou e praticou, em toda a extensão, durante a sua missão terrena. Mas, nem todos os homens *amam* a Deus e a Jesus, pois que a única maneira de os amar, neste mundo, de se lhes dar prova de amor, consiste em obedecer aos mandamentos de Deus, todos enfeixados na moral pura que o Cristo, seu órgão, seu enviado, pregou, estendendo-os e aplicando-os à humanidade inteira e declarando serem eles *toda a lei e os profetas*.

Deus e Jesus *amam* a todos os homens *no sentido* de que os abrangem a todos no seu amor, de que querem o progresso de todos e estão prontos a auxiliar esse progresso. Não os amam, porém, no

sentido de que só lhes dispensam sua proteção, quando eles a atraem, esforçando-se por seguir aquela moral, por obedecer àqueles mandamentos.

Deus e Jesus vêm aos que guardam essa moral, esses mandamentos, aos que os praticam. E "nesses fazem morada", *no sentido* de que lhes enviam, pelos bons Espíritos, incumbidos de a transmitirem, a inspiração de Jesus, que é, a seu turno, inspirado pelo Senhor. E essa inspiração, quando se mostram perseverantes, *permanece neles*, sugerindo-lhes o pensamento e o desejo do que é verdadeiro, justo e bom e, portanto, do belo e do bem, auxiliando-lhes o progresso, o adiantamento moral e intelectual.

É pela inspiração, que assim lhes vem, que Jesus se manifesta aos homens de boa-vontade.

O homem tem o seu livre-arbítrio, a liberdade de seus pensamentos e atos, como a responsabilidade de uns e outros. Os que não guardam os mandamentos que o Cristo deu e se embrenham pelas sendas do orgulho, ou do egoísmo, dos vícios, ou das paixões que transviam ou degradam a vossa humanidade, atraem a si as más inspirações, as más influências e, *desse modo*, afastam a inspiração divina. A eles, portanto, Deus e Jesus não vêm.

CAPÍTULO XIV
Vv. 25-31

O Consolador, que é o Espírito Santo, ensina todas as coisas. — Jesus dá sua paz a seus discípulos. — Seu pai é maior do que ele

N. 49. Dividi o trecho, segundo a ordem das idéias.

V. 25. Tenho-vos dito estas coisas, estando ainda convosco. — 26. Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito.

Jesus anuncia aos discípulos o amparo que lhes trarão os Espíritos do Senhor, incumbidos de secundá-los na missão terrena que vão desempenhar.

O Mestre não promete que os Espíritos do Senhor lhes vêm trazer o conhecimento da ciência universal, mas apenas que lhes virão ensinar todas as coisas correspondentes às necessidades da época. Quem de outra forma compreendesse essas palavras suas estaria no direito de lhes negar valor, fundado em que não tiveram confirmação, porquanto longe ficaram os apóstolos *de conhecer todas as coisas*, tomadas estas expressões em sentido geral e absoluto, quer quanto à ciência, quer quanto à verdade na ordem das revelações. De fato, *o espírito* lhes era velado e eles caminhavam, *como tinha que ser*, do mesmo modo que a geração que os escutava, imersos nas trevas *da letra, do mistério e do milagre*.

Compreendidas de acordo com o pensamento que as ditou, entendidas *segundo o espírito que vivifica*, aquelas palavras significam o seguinte: "Mas, os Espíritos superiores, os bons Espíritos,

que Deus enviará em meu nome, para vos inspirar e guiar, ensinar-vos-ão, por inspiração, todas as coisas que correspondam às necessidades da época presente, ao desempenho da vossa missão e, também pela inspiração, vos farão lembrar de tudo o que vos tenho dito."

Em todas as palavras de Jesus achareis sempre a aplicação que têm ao presente e a promessa que encerram para o futuro.

Também vós tendes aprendido e aprendereis ainda por muito tempo, na medida do que vos seja necessário, até que estejais em estado de conhecer *todas as coisas*, assim na ordem física, como na ordem moral e intelectual, intelectual sobretudo, em relação à eternidade.

V. 27. A paz vos deixo; a minha paz vos dou. Não vo-la dou, como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se encha de sobressalto. — 28. Tendes ouvido o que eu vos disse: Vou-me e volto a vós. Se me amásseis, rejubilaríeis com o ir-me eu para meu pai, porque meu pai é maior do que eu.

Dando a *sua paz* a seus discípulos, Jesus lhes dava a consciência do dever cumprido, a força da fé, a ventura da esperança.

Para os discípulos e para todos os homens, ele estava, como estes, sujeito à morte. Daí vem que, dizendo: "Se me amásseis, rejubilaríeis com o ir-me eu para meu pai, porque meu pai é maior do que eu", lhes faz sentir que o verdadeiro amor não deve inspirar o egoísmo; que o homem, ao invés de lamentar a perda de um ente amado, deveria rejubilar e agradecer a Deus a libertação desse ente. Porque a morte liberta o Espírito da sua prisão terrena, mas não constitui uma barreira que o separe dos que ele na Terra deixou. o termo de suas provações e, portanto, o começo de seu progresso. Ora, o amor verdadeiro não está na união, que ela desfaz, dos corpos, mas na das almas, união esta que a

morte não atinge, que subsiste integral e é indestrutível.

Notai como, em todas as circunstâncias graves, Jesus assinala a sua inferioridade com relação ao Criador. Estas palavras: "*Meu pai é maior do que eu*" deveriam ter prendido a atenção dos que o fizeram, é preciso dizê-lo, participar materialmente de Deus.

Se ele fosse *uma fração da essência mesma de Deus* (falamos do ponto de vista "cristão" propriamente dito, adotado por efeito das interpretações humanas, que fizeram de Jesus uma *parte* da substância do pai, *potencialmente* igual a este), seria igual ao pai e não teria dito: "O pai é maior do que eu."

V. 29. E vo-lo digo agora, antes que aconteça, a fim de que, quando suceder, firme crença tenhais em mim. — 30. Não mais vos falarei, porque o príncipe do mundo vai vir, se bem nada haja em mim que lhe pertença, — 31, mas para que o mundo conheça que amo a meu pai e que faço o que meu pai me ordenou. Levantai-vos, vamo-nos daqui.

Dizendo a seus discípulos (v. 28); "*Tendes ouvido o que eu vos disse: Vou-me e volto a vós; vou para meu pai*", Jesus lhes lembra o que dissera, aludindo ao que os *homens considerariam* sua "morte", aludindo à sua "ressurreição", ao seu reaparecimento entre eles, à sua volta para a imensidade, na época dita da ascensão. Pelas palavras constantes do v. 29, chama-lhes a atenção para a predição que fizera desses acontecimentos, a fim de que, quando se verificassem, quando, pois, a predição se cumprisse, eles tivessem fé inabalável na sua missão e desempenhassem a que lhes pertencia.

As palavras: "O príncipe do mundo vai vir, *se bem nada haja em mim que lhe pertença*", são figuradas. Referem-se às angústias e incertezas que se apoderam do homem à aproximação da morte; que do homem se apoderariam, ao soar a hora de

um sacrifício tal como o do Gólgota. A tais angústias e incertezas ele é inacessível, mas, *para os homens*, que o consideravam homem e, portanto, sujeito à morte humana, vai sofrê-las, "a fim de que o mundo conheça que ama o pai e que faz o que o pai lhe ordenou", isto é, a fim de que o mundo conheça, que ele tem confiança em Deus, que lhe obedece com respeito e amor, que cumpre a missão que Deus lhe confiou; a fim, igualmente, de que a sua missão seja aceita, produza frutos no momento e no futuro, primeiramente segundo *a letra*, depois segundo o *espírito*, nos tempos da revelação, por ele predita e prometida, do Espírito da Verdade.

CAPÍTULO XV

Vv. 1-11

Parábola da videira e das varas

V. 1. Eu sou a verdadeira videira e meu pai é o vinhateiro. — 2. Ele cortará todas as varas que não derem fruto em mim e mondará todas as que dão fruto, para que dêem mais. — 3. Já estais limpos em virtude da palavra que vos anunciei. — 4. Permanecei em mim e eu permanecerei em vós. Assim como a vara não pode dar fruto de si mesma, se não permanecer ligada à videira, o mesmo vos sucederá, se não permanecerdes em mim. — 5. Eu sou a videira e vós as varas. Aquele que permanece em mim e em quem eu permaneço dá muito fruto. Porque, sem mim nada podeis fazer. — 6. Aquele que não permanecer em mim será lançado fora como a vara inútil, secará e o enfeixarão e meterão no fogo para ser queimado. — 7. Se permanecerdes em mim e as minhas palavras em vós permanecerem, tudo o que quiserdes pedireis e vos será concedido. — 8. A glória de meu pai está em que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos. — 9. Como meu pai me amou, eu vos amei. Permanecei no meu amor. — 10. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como eu, que guardei os mandamentos de meu pai, permaneço no seu amor. — 11. Tenho-vos dito estas coisas para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena e perfeita.

N. 50. Usando dessa linguagem *figurada*, apropriada às inteligências dos homens da época, *pela letra*, e destinada a ser explicada e compreendida *segundo o espírito*, Jesus proclama a superior ação dirigente do Criador sobre a vossa humanidade, por seu intermédio, como Espírito fundador, protetor e governador do vosso desenvolvimento e progresso. Explica os modos e *meios* de realização desse desenvolvimento e desse progresso, as *únicas* condições mediante as quais podem um e outro ser

obtidos e a expiação de que se tornam passíveis os que se afastam do caminho que ele traçou. Mostra a seus discípulos o laço de amor que a ele os une, o meio de cumprirem fielmente a missão de que estavam incumbidos, meio que consiste na observância dos mandamentos que lhes deu.

(V. 1.) Estas palavras: *"Eu sou a verdadeira videira e meu pai é o vinhateiro"* encerram mais um testemunho da sua natureza inferior com relação ao pai.

(V. 2.) "O pai corta todas as varas que não dão fruto em Jesus e monda todas as que dão fruto, para que dêem mais." Quer isto dizer: aqueles que, violando o duplo mandamento de Deus, que Jesus declarou conter *toda a lei e os profetas* e cuja observância implica a do Decálogo e a obrigação, para cada um, de proceder com os outros como quereria que os outros com ele procedessem, se desviam das sendas traçadas pelo Mestre e se comprazem no mal, são deixados neste, por virtude da inviolabilidade do livre-arbítrio, mas com a responsabilidade que decorre da posse e do uso desse dom. Submetidos seus maus atos ao fogo da expiação, nada mais produzem senão cinzas, como a vara inútil queimada. Os que de tal maneira se conduzem são relegados em "condições inferiores". O Senhor olha benevolmente para os que tomam as sendas que o Mestre traçou, para aqueles cujas obras são boas. Dá-lhes a faculdade de mais ainda se melhorarem, por meio de provas e missões, a fim de que produzam frutos cada vez mais abundantes.

(V. 3.) Os discípulos *já estavam limpos por efeito da palavra que Jesus lhes anunciara*. Estavam preparados para cumprir fielmente a missão que traziam. Já o dissemos: os discípulos, ainda que em graus diversos de adiantamento, eram Espíritos adiantados, cujas inteligências e faculdades se achavam entorpecidas pelo invólucro material. As prédicas de Jesus lhes auxiliaram o desenvolvimento das faculdades. O desejo ardente de obede-

cerem ao Mestre, o amor sem limites que lhe consagravam os impeliam a avançar cada vez mais pela senda do progresso. A inspiração dos Espíritos do Senhor, que os viriam assistir e guiar, ajudá-los-ia e sustentaria na tarefa que tinham de executar.

(V. 4.) "Permaneço em mim e eu permanecerei em vós. Assim como a vara não pode dar fruto de si mesma, se não permanecer ligada à videira, o mesmo vos sucederá, se não permanecerdes em mim." Estas palavras figuradas, dirigidas aos apóstolos, se referem a todos os tempos e se aplicam, segundo o pensamento do Mestre, a todos os homens. Nenhum pode dar bons frutos, fazer boas obras, desde que se separa da videira, que Jesus personifica e que é o amor e a verdade.

(Vv. 5-6.) Jesus é a cepa da videira e todos os homens, como o eram os discípulos, são as varas. Ele a todos protege e governa e é o único encarregado do desenvolvimento e do progresso de todos. O que permanece nele e em quem ele permanece produz muitos frutos. Quer dizer: aquele que segue, com perseverança e sem se desviar, a moral que ele pregou, esse progride e se depura, avança com rapidez, moral e intelectualmente, e, ajudado pela inspiração divina, que ele lhe transmite hierarquicamente por intermédio dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, produz muitos frutos em suas provas ou missões.

"Aquele que não permanecer em Jesus, será lançado fora como vara inútil, secará e o enfeixarão e meterão no fogo para ser queimado": Aquele, que não segue a moral que Jesus pregou e deixa de praticá-la, se engolfa no mal e, falindo em provas, ficará estacionário, como todo Espírito culpado. Quando soar a hora, a expiação o atingirá. Queimá-lo-á o fogo do remorso, que lhe fará nascer no íntimo o desejo de reparar e progredir, com o auxílio de novas provas, nas condições inferiores em que tiver caído.

(Vv. 7-8-9-10-11.) As palavras, que destes ver-

sículos constam, também dirigidas por Jesus a seus discípulos, as exortações e promessas que contêm se aplicam igualmente a todos os que, de futuro, viriam a tornar-se seus discípulos, caminhando na senda, que ele traçou, do amor e da verdade. E essas palavras não precisam de comentários. Elas se resumem *assim*: força e poder da fé, progresso incessante pela prática contínua da lei de amor, alegria por efeito da paz do coração, da pureza e serenidade da consciência, satisfação do dever cumprido, progresso pessoal e coletivo, obtido com o auxílio das provas e das missões.

Está compreendido que os que permanecem em Jesus, isto é, que permanecem na estrada que ele abriu, não podem pedir senão o que é justo e bom e para lhe ser concedido no tempo e nas condições que só Deus estabelece e determina. Do mesmo modo, compreendido está que Jesus não diz aqui, como jamais o disse, *em que momento* o pedido será satisfeito.

CAPÍTULO XV

Vv. 12-17

Amarem-se uns aos outros. — Os servos, os amigos de Jesus. — Sua missão

V. 12. O mandamento que vos dou é que vos ameis uns aos outros, como eu vos tenho amado. — 13. Ninguém pode ter maior amor do que o de dar a vida pelos seus amigos. — 14. Sois meus amigos, se fazeis o que vos mando. — 15. Já vos não chamarei de servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Chamei-vos meus amigos, porque vos tenho feito saber tudo o que aprendi de meu pai. — 16. Não fostes vós que me escolhestes, eu é que vos escolhi para que vades e deis frutos e o vosso fruto perdure sempre e meu pai vos dê tudo o que lhe pedirdes em meu nome. — 17. O que vos mando é que vos ameis uns aos outros.

N. 51. Estas palavras, dirigidas aos discípulos, têm, como sempre, uma aplicação geral. Aplicam-se a todos os homens de boa-vontade, daquela época e do futuro, pois que tudo quanto o Mestre disse constitui um ensino para a humanidade.

(Vv, 12-13.) Jesus manda que seus discípulos se *amem* uns aos outros como ele os *amou*, isto é: que pratiquem a lei de amor entre si e com relação a todos os homens, conforme ele a praticou em toda a sua extensão.

Formulando esse mandamento, faz um apelo à fraternidade universal, mediante a reciprocidade e a solidariedade no amor.

Dá aos homens o maior de todos os ensinamentos que os Evangelhos encerram, no que diz respeito ao amor universal em o vosso planeta. Efetivamente, o amor puro e abnegado não é a fonte de todas as virtudes, a base do dever, o alvo de todas as aspirações? Aquele que *ama* a Deus outra coisa não pode fazer que não seja esforçar-se

por cumprir, com infatigável zelo, os mandamentos que dele recebeu. Tem que amar a seus irmãos com a abnegação, o devotamento e a caridade incessante com que o *amou* aquele que se fez "homem" para ensinar aos homens o amor. Tem que estender esse sentimento a todos os seres da criação, porque todos são obra do Pai, todos concorrem para sua glória, todos são um hino vivo em sua honra.

(Vv. 14-15.) É amigo de Jesus todo aquele que, como os discípulos, pratica a moral que ele pregou, caminha cumprindo suas provas, suas missões, pela senda que ele indicou. Esse é seu amigo, pois que corresponde aos esforços que pelo seu desenvolvimento e progresso ele fez, e prova, dessa maneira, que lhe tem amor. Esse estabelece assim uma relação, uma atração fluidicas que o depuram e que, fazendo-o progredir, o elevam e aproximam cada vez mais do Mestre amado.

O servo pode ser considerado como o discípulo sujeito à lei material, sofrendo-a, sem inteligência e sem satisfação, qual jugo que lhe é necessário suportar, sem que o possa alijar de si.

Os a quem Jesus chama *amigos* são os que, servindo-se, como os discípulos, da razão, para desenvolverem o coração, sentem que neste lhes crescem o amor e o zelo, à medida que melhor compreendem as intenções e a paternal bondade do soberano a cuja lei amorosamente obedecem.

"Chamei-vos de meus amigos, diz Jesus, porque vos tenho feito saber tudo o que aprendi de meu pai."

Relativamente aos apóstolos, Jesus lhes ensinou tudo o que ele tinha por missão ensinar *naquele momento*. Os apóstolos estavam aptos a apreciar, até certo limite, as vistas providenciais do pai, a compreender o objetivo da vida humana e a lei que a rege. Jesus lhes fizera saber, sob o véu *da letra*, o que ele tinha a missão de lhes ensinar e nas condições apropriadas a que desempenhassem o mandato

que lhes era deferido e a que este desse os frutos que devia dar.

Relativamente aos tempos vindouros, Jesus, além dos ensinamentos ministrados sob o véu *da letra aos apóstolos*, põe os elementos básicos dos que haviam de seguir-se àqueles, *segundo o espírito*. Faz que no solo germinem as raízes destinadas a dar nascimento a um sólido tronco, do qual brotasse galhos carregados de frutos. Em outros termos: assentou as bases da ciência que neste momento desenvolveis e que, crescendo sempre, vos dará, cada vez mais, direito ao título de *amigos do eleito*, pondo-vos, cada vez melhor, em condições de compreender *a causa de todas as coisas, o objetivo e os segredos da vontade divina*.

(V. 16.) Certo, não foram os apóstolos que escolheram a Jesus, que lhe conferiram a missão terrena que ele desempenhou. Certo, não foram os Espíritos colocados neste ínfimo planeta que escolheram aquele que, por devotamento, por amor, aceitou o encargo de conduzi-lo. Ao contrário, foi ele, filho, pela sua pureza, do Deus vivo, que espontaneamente tomou sobre si o pesado fardo de tirar do caos ou da imensidade fluídica os elementos constitutivos do vosso planeta, de lhes dar direção e, de algum modo, a vida, de prover ao progresso da inteligência e da matéria. Foi ele quem tomou o da missão terrena que desempenhou, quem prepôs, visando o progresso pessoal deles e o progresso coletivo da humanidade, os discípulos à missão que desempenharam, cujos frutos jamais hão de perecer e se conservarão imperecíveis, como ponto de partida para os novos progressos que a falange inumerável dos Espíritos em missão, também prepostos do Mestre, têm, desde o tempo dos apóstolos, preparado e realizado até aos vossos dias e continuarão a preparar e realizar daqui por diante.

Foi ele, filho, pela sua pureza, do Deus vivo, que prepôs os discípulos, como prepõe todos os homens de boa-vontade, a fim de que o pai lhes dê,

nas provas, nas missões, tudo que pedirem em nome dele.

Tudo que o homem pede ao pai, invocando o pensamento sublime do filho, lhe será concedido, porquanto o homem que compreender a força de tal pedido nada pode desejar que seja contrário ao bem geral. Nada pedirá com propósitos *egoístas*, nem tendo em vista a satisfação de aspirações *personais*. A felicidade de todos os homens, seus irmãos, o progresso de todas as criaturas, o desenvolvimento do amor a Deus e da caridade, eis o que lhe inspirará as preces; eis o a que o Senhor atende sempre, não como o pai de família que dá ao filho um brinquedo que este quebrará no mesmo instante, porque não lhe conhece a fragilidade, mas como o pai providente que diz a seu filho: "O que pedes é bom e justo. Será feito como desejas, *quando chegar o momento oportuno.*" E, como o homem sabe que tem a eternidade diante de si, como sabe ser preciso, não só que progrida, mas que progridam e se elevem todos os que o cercam, desde a mônade invisível até o gênio encarnado, espera com confiança, certo de que tudo o que pede lhe será concedido, porque tudo o que pede é bom e justo.

(V. 17.) Jesus reitera o mandamento pouco antes dado a seus discípulos — o de se *amarem* uns aos outros. Para os discípulos, a prática do amor era, como é para todos os homens, a fonte e o meio de todo progresso, de toda elevação, a *única* maneira de alcançarem êxito nas provas e nas missões, o *único* caminho por onde a humanidade pode e tem que passar, na sua marcha ascendente para mundos superiores.

CAPÍTULO XV

Vv. 18-27

Jesus prediz a seus discípulos o ódio e as perseguições que lhes acarretará o desempenho da missão de que se acham incumbidos. Prediz-lhes o futuro advento do Espírito da Verdade e sua vinda para eles

N. 52. Separai os versículos, para que cada um tenha a sua explicação especial.

V. 18. Se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou a mim primeiro do que a vós.

Facilmente compreensíveis vos devem ser estas palavras. Os Espíritos inferiores então encarnados, não obedecendo à lei de amor que existe naturalmente no coração do homem, odiavam aquele que é todo amor.

Não tomeis a palavra em sua acepção literal, no sentido que lhe dão os vossos costumes e linguagem. Não se trata de um sentimento de ódio pessoal contra Jesus. O vocábulo aqui significa falta de atração para ele e, por conseguinte, de submissão às inspirações que ele e os bons Espíritos prepostos jamais deixaram de transmitir aos homens, de acordo com o respectivo desenvolvimento e categoria.

V. 19. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria ao que seria seu; mas, porque não sois do mundo e eu vos escolhi do seio do mundo, por isso é que o mundo vos odeia.

Os apóstolos e a maior parte dos primeiros discípulos eram, como temos explicado, Espíritos já adiantados, que aceitaram aquela encarnação,

com o propósito de secundarem o Mestre, de trabalharem pelo adiantamento próprio, facilitando o de seus irmãos. Tinham naturalmente que suscitar contra si os mesmos sentimentos que contra o Mestre se houvessem manifestado, sentimentos que haviam de contra eles externar-se, como sucedera relativamente àquele, pela violência, pelas perseguições físicas e até, para a maioria deles, pelo suplício. Nada disso, entretanto, motivado pelas suas personalidades, mas pela doutrina, pela palavra que lhes incumbia espalhar.

Vede que não há nenhuma idéia de predestinação nisto que Jesus diz: "Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que seria seu; mas, porque não sois do mundo e vos escolhi do seio do mundo, por isso é que o mundo vos odeia". Efetivamente, ao fazerdes as reflexões a que dão lugar estas palavras, que parecem anunciar uma espécie de predestinação, não esqueçais que todo Espírito elevado, superior, que, baixando à Terra em missão, se reveste de carne corruptível, de novo se torna falível. "Escolhido, por essa forma, do seio do mundo, ele pode, em consequência dessa falibilidade, ser, até certo ponto", *do mundo* e o mundo pode amá-lo como a um *que lhe pertence*. Ele se torna de novo falível, não como um Espírito inferior, mas relativamente à sua natureza. Não olvideis que a carne é instrumento ingrato, que precisa ser vigiado com perseverança.

Não se segue do que vimos de dizer que um Espírito superior, que aceita uma missão na Terra e não a desempenha *inteiramente* sem fraqueza, possa retrogradar, não. Mas, menos do que devera ser, fica sendo o seu progresso, por efeito daquele ato de devotamento. Corresponderá ao maior ou menor esforço que ele haja empregado contra os desfalecimentos inerentes à humanidade terrena.

V. 20. Lembrai-vos do que eu vos disse: "O servo *não* é maior do que o seu senhor." Se me perseguiram

a mim, também a vós perseguirão; se guardaram a minha palavra, também a vossa guardarão. — 21. Mas, todos esses maus tratos eles vos darão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou.

Jesus repete o que anteriormente dissera (capítulo XIII, v. 16): "*O servo não é maior do que o seu Senhor.*" Em o n. 44, pág. 412 deste tomo, já demos o sentido e a explicação dessas palavras.

Nesse passo, segundo *a letra*, significavam que, não sendo mais do que ele, que era o Senhor, os discípulos não podiam escapar à perseguição, uma vez que ele próprio fora perseguido.

Elas nenhuma aplicação têm, consideradas do ponto de vista vulgar. Do ponto de vista espírita, porém, amplo sentido encerram.

Do ponto de vista católico, ou de qualquer outro cisma cristão, a alma, criada *para* um que na Terra será servo, pode ser igual, aos olhos de Deus, à alma criada *para um* que será na Terra senhor. Mas, então, razão não há para que sejam diferentes os seus destinos. Assim como o servo pode falir no cumprimento da sua tarefa, também o senhor pode abusar da sua força e do seu poder. Se ambos cumprirem seus destinos, o senhor terá sido sempre mais favorecido do que o servo, o que implica *uma preferência, uma desigualdade*.

Não venha a Igreja dizer que, depois da morte, o servo será mais recompensado do que o senhor. Sendo *iguais os* merecimentos, não há cabida para tal. Aquele que, como senhor, fez todo o bem que podia, desempenhou a sua tarefa, do mesmo modo que desempenhou a sua o servo, desde que cumpriu com zelo, devotamento e resignação todos os seus deveres. Porque será este mais recompensado do que o outro? Com que direito receberia mais do que o seu senhor? Foi ele quem escolheu a posição ínfima de servo? Com que fundamento o senhor lhe ficaria abaixo? Foi ele quem pediu a posição de mando? *Responda a isso a Igreja.*

Como vedes, por qualquer lado que encareis a questão, se puserdes de parte a reencarnação — remuneradora *do passado*, agente de progresso *para o futuro* — caireis inevitavelmente no arbitrário, com relação aos destinos, e fareis de Deus, que é a justiça perfeita, *um poder caprichoso, reinando a seu bel-prazer*.

Do ponto de vista espírita, aquele que é servo "hoje" foi senhor "ontem" e o será "amanhã". Da mesma forma, aquele que é "hoje" senhor foi servo "ontem" e o será "amanhã". Há, pois, igualdade completa em face da lei de reencarnação, que é, repetimos, remuneração *do passado*, agente de progresso *para o futuro*. Não há nem favor, nem sorte, na desigualdade entre os homens. Essa desigualdade deriva unicamente do modo por que os Espíritos cumprem a obrigação de "proceder bem".

Que este pensamento penetre fundo no coração humano e o senhor será o amigo, o amparo, o sustentáculo do servo e o servo será a consolação, o irmão dedicado de seu senhor. Desse modo, sem se subverter a ordem social, nem derramar o sangue humano para, pela violência, conseguir-se a realização das doces promessas de liberdade, fraternidade e igualdade feitas por Jesus, ver-se-á reinar na Terra a unidade, a liberdade *sem limites*, a fraternidade *sem restrições*, o amor universal.

"Se me perseguiram a mim, diz Jesus, também a vós vos perseguirão; se guardaram as minhas palavras, também guardarão as vossas. Mas todos esses maus tratos eles vos darão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou."

O nome de Jesus, como sabeis, apresenta ao Espírito e simboliza a lei que ele pregou. Ora, os que já haviam realizado um certo progresso tinham ou o conhecimento, anteriormente adquirido, ou a intuição da lei de amor que as palavras do Mestre fizeram que despertasse nas inteligências e nos corações.

Os que estavam ainda muito atrasados e se compraziam no orgulho e no mal recusavam admitir essa lei, repeliam tudo o que lhes parecia vir da pessoa de Jesus, por não compreenderem que Deus é a fonte originária donde dimana todo bem.

Entre vós, presentemente, não se dá o mesmo? Não tendes ainda aí, nas igrejas e seitas ortodoxas, egoístas e intolerantes, os "filhos de *Abraão*", a se dizerem *únicos* herdeiros do reino de Deus, não vendo, entretanto, no Pai senão um Deus vingativo, cioso e exclusivista no seu amor?

Os homens não conheciam e poucos ainda conhecem aquele que enviou o seu Messias ao mundo para regenerar a humanidade. Dai vem que Jesus absorveu e personifica, para a maioria dos homens, nesse meio que chamais — "a cristandade", o Deus senhor e criador dos universos, no infinito e na eternidade. Daí, o culto especial consagrado a Jesus, o terem-no feito partícipe da divindade. Meio foi este de se conciliarem as crenças hebraicas com as dos Gentios. Conservou-se a divinização do Messias e do "Espírito Santo" que, sabeis, é o conjunto dos Espíritos do Senhor, encarregados de transmitir aos homens a inspiração divina. Foram-lhes assim oferecidas três divindades *distintas* em *uma*, na mesma personalidade: uma — indivisível, eterna e infinita, da qual duas partes se destacam, para tomarem forma e se circunscreverem no *finito*, voltando depois a se absorverem, a se misturarem, a se perderem na *unidade indivisível*.

V. 22. Se eu não tivesse vindo e não lhes houvesse falado, eles não teriam o pecado que têm; mas agora não têm desculpa do seu pecado.

Mal compreendidas, estas palavras envolvem a idéia de predestinação para a criatura, porquanto Deus, onisciente, ao enviar o seu Messias aos homens, havia de saber que uma inumerável porção deles não o admitiria e, nessas condições, lhes teria

condenado as almas — segundo a doutrina católica — aos suplícios de um inferno eterno. Oh! inconseqüência humana!

Os Espíritos encarnados naquela época, como todos os que revestem um invólucro material, tinham que trabalhar pelo seu adiantamento. Prometidos lhes estavam os meios de o conseguirem.

A eles, pois, competia saber servir-se desses meios, quando fosse tempo.

Assim é que a todos estava facultado ouvirem aquela voz a lhes prometer paz, desde que aprendessem a fazer obras de paz. Eles, porém, esquecendo suas resoluções espíritas, ou atendo-se aos seus maus pendores, taparam os ouvidos e fecharam os corações.

Se o Cristo não houvesse descido até eles, como fora anunciado, o julgamento seria outro, visto que os encarnados não teriam tido os mesmos meios para se adiantarem. Mas, tendo-se feito ouvir a voz do Alto, os que voluntariamente taparam os ouvidos se tornaram culpados, repelindo o "ramo de oliveira" que se lhes estendia e, por isso, se condenaram, eles próprios, a permanecer por muito tempo ainda no lodaçal do vício. E isto que dizemos não se aplica unicamente ao reduzido número de almas que se agruparam em torno de Jesus durante a sua missão, mas a todos os que não querem ver nem ouvir o que lhes é pregado e mostrado *com o objetivo da sua melhoria moral*. Tampouco se aplicam as nossas palavras unicamente aos que repelem a lei de Jesus no vosso continente (sabeis que, de acordo com o pensamento do Mestre, por essa lei deveis entender a lei de amor), porém a todos os que não são postos em condições *de se melhorarem e que não o têm querido*. Todos esses atraem sobre si a condenação, rejeitando a graça.

Ainda uma explicação, pois que, para os ouvidos humanos, se fazem precisos sons claros e inconfundíveis. Não damos o nome de *graça* ao favor que, *segundo dizem*, o pai concede a um de seus filhos,

com preterição de outro, por efeito exclusivo da sua vontade. Chamamos *graça aos meios* dados ao homem para progredir, a luz que, sob qualquer forma e seja qual for o nome com que a designem, lhe é enviada e que ele tem a liberdade de aceitar ou de rejeitar, no uso da sua vontade pessoal.

V. 23. Aquele que me odeia também odeia a meu pai. — 24. Se eu não houvesse feito, entre eles, obras quais ainda nenhum outro fez, não teriam o pecado que têm. Mas agora eles as viram e me odiaram a mim e a meu pai, — 25, a fim de que se cumpra esta palavra que está escrita na lei deles: Odiaram-me sem nenhum motivo.

A propósito do v. 18, explicamos o sentido do termo "*odiar*", com relação a Jesus. A mesma aceção tem esse vocábulo, quando empregado relativamente ao pai.

Comentando o v. 20, também acabamos de explicar o sentido destas palavras, que Jesus *intencionalmente* repete, debaixo de *novo aspecto*: "Não teriam o pecado que têm, *se eu não houvesse feito, entre eles, obras quais ainda nenhum outro fez.*"

Odiar a Deus e o seu enviado é recusar-se a obedecer à lei de Deus, à lei de amor que Jesus pregou, por conseguinte, conservar-se indefinidamente afastado do pai, conservando-se afastado do seu enviado, uma vez que só o sentimento do amor pode levar o homem a aproximar-se deste.

Não é odiar ou aborrecer o pai negar-se a criatura a se elevar para ele? O amor não é a alavanca que impele o homem a se unir, num arroubo de reconhecimento e de alegria, ao dispensador de todos os bens?

O Espírito posto em condições de progredir e que a isso se recusa acorrenta-se, por efeito dessa recusa, à inferioridade. Não vades supor que uma espécie de força fluídica o impeça de elevar-se. São os próprios fluidos do Espírito inferior que o retêm nas esferas que lhe correspondem, enquanto o de-

sejo de progredir não purifica aqueles fluidos. Porque o Espírito tem o seu livre-arbítrio, sua inteligência independente. É senhor, portanto, de ficar estacionário, ou de avançar. É ele quem, por seus pendores, instintos e sentimentos, estabelece para si as relações similares a que, conforme a natureza da atração fluídica espiritual que provocar, se torna acessível, acorrentando-se, repetimos, à inferioridade, ou elevando-se. É ele quem, por seus atos e conforme o uso que faz do seu livre-arbítrio, determina a aplicação, ou da lei imutável de estagnação, da lei imutável do sofrimento expiatório, ou da lei imutável do progresso, lei inevitável através dos tempos e dos séculos, como é a da perfectibilidade sob o império da Providência divina, cujos modos e meios de ação a revelação espírita já vos desvendou até certo ponto, relativamente à humanidade terrena.

Eles me odiaram a mim e a meu pai, diz Jesus, a fim de que se cumpra esta palavra que está escrita na lei deles: Odiaram-me sem nenhum motivo.

Efetivamente, nada se origina do que chamais — o acaso. Existe sempre uma causa, uma razão de ser para todas as coisas. O acaso é a vossa ignorância da razão de ser, da causa do fato que observais.

O estado e as condições de progresso do povo hebreu, quando, sob a inspiração divina, mas sem ter consciência dessa inspiração, o profeta proferiu aquela palavra, davam a ver o que seria esse povo, por ocasião do aparecimento do Messias e o que havia de acontecer. Para Deus, bem o sabeis, não há, como para vós ínfimas criaturas, passado, presente e futuro. Tudo está constante e instantaneamente patente às suas vistas, na eternidade.

“Odiaram-me sem nenhum motivo.” Isto é fácil de compreender-se. Pode a criatura ter uma causa, um motivo para se conservar afastada do Senhor? Aqueles que assistiram ao aparecimento de Jesus na Terra e ao desempenho da sua missão tinham

qualquer causa ou motivo para permanecerem afastados dele?

V. 26. Mas, quando o Consolador, o Espírito da Verdade, que procede do pai e que eu vos enviarei da parte de meu pai, vier, dará testemunho de mim. — 27. E também vós dareis testemunho, porque estais desde o princípio comigo.

Estas palavras de Jesus, segundo o pensamento que as ditou, isto é, *segundo o espírito que vivifica*, compreendem, do ponto de vista do desenvolvimento dos apóstolos e da missão que tinham de desempenhar, a época em que foram pronunciadas e também o futuro, objetivando os tempos então vindouros da era nova que se abre diante de vós e a época para que vos encaminhais.

O *Espírito da Verdade, que procede do pai, é a luz, a ciência, a verdade* que os Espíritos, assim errantes como encarnados, trazem aos homens, aqueles por meio da inspiração ou da ação mediúnicas, os outros por meio da palavra.

Relativamente aos apóstolos, o Espírito da Verdade que Jesus lhes enviaria eram os Espíritos do Senhor que os haviam de assistir, inspirar e guiar, de lhes desenvolver as faculdades pessoais e de, exercendo sobre eles ação mediúnica, supri-los do que lhes faltasse, tanto do ponto de vista espiritual, como do da ação magnética.

Assim, com esse auxílio e esse concurso, é que eles haviam de dar testemunho de Jesus, isto é, da sua doutrina, das palavras que proferira e dos atos que praticara durante a sua missão terrena, dos fatos e sucessos dominantes dessa missão.

E Jesus lhes disse: "Também vós dareis testemunho de mim, porque estais *comigo desde o princípio*." Tendo encarnado para secundá-lo na Sua missão, os apóstolos estavam com ele desde o princípio desta.

Com relação ao futuro, deveis entender por esse Espírito da Verdade, cujo advento Jesus anuncia,

os Espíritos do Senhor, quer errantes, quer encarnados, novos mensageiros seus, que vos tinham de ser enviados ao tempo da era nova que se inicia e que o serão, na época para que vos encaminhais, a fim de acabarem de espalhar sobre o mundo as claridades celestes.

E os novos mensageiros encarnados virão, pela palavra, dar testemunho dele, espalhando a caridade e o amor pelo exemplo e, progressivamente, a luz, a ciência, a verdade, que procedem do Senhor onipotente e que o Mestre personifica para o vosso planeta. E, pois que as personifica, ele as virá completar e sancionar, mostrando a verdade *sem véu*, quando a pureza dos vossos corações e o desenvolvimento das vossas inteligências vos houverem tornado capazes e dignos de a receber, compreender e guardar.

Os Espíritos do Senhor, seus mensageiros, quer na erraticidade, quer encarnados, trazem ao homem o conhecimento da verdade compatível com a sua inteligência. E a consciência do homem recebe esse conhecimento, ou se fecha, repelindo-o. O que recebe o Espírito da Verdade é aquele cuja consciência, esclarecida pelos mensageiros do Senhor, compreende as coisas que até então lhe estavam ocultas.

CAPÍTULO XVI

Vv. 1-15

Continuação das predições de Jesus quanto às perseguições de que serão vítimas seus discípulos e quanto ao futuro advento do Espírito da Verdade e à sua missão

N. 53. Pois que as palavras de Jesus abrangem, conforme ao seu pensamento, a época em que foram ditas e o futuro, com relação a essa época, temos que vos dar sobre elas explicações especiais.

V. 1. Eu vos tenho dito estas coisas, a fim de que não vos escandalizeis.

Quer isso dizer: A fim de que, estando prevenidos da sorte que todo missionário deve esperar entre Espíritos atrasados, a aceiteis como uma conseqüência inevitável.

Essas palavras, dirigidas por Jesus a seus discípulos, encerravam também uma advertência para todos os que, como apóstolos, então e de futuro, desempenhassem a missão de espalhar a verdade em meio atrasado e refratário. Elas se aplicam igualmente, nos vossos dias e nos tempos vindouros, aos apóstolos da nova revelação, os quais devem todos aceitar a sorte que os espera, nos meios em que houverem de executar a sua tarefa, de acordo com o estado de progresso e civilização dos Espíritos a quem se dirigirem.

V. 2. Eles vos expulsarão das sinagogas e vem o tempo em que aquele que vos der a morte acreditará fazer coisa agradável a Deus. — 3. Tratar-vos-ão assim porque não conhecem a meu pai, nem me conhecem a mim. — 4. Ora, tenho-vos dito estas coisas, a fim de que, quando vier o tempo, vos lembreis de que eu as disse.

O pensamento de Jesus, ao falar desse modo, abrangia todos os que, em todas as épocas, como seus discípulos, hão pregado, pregam e pregarão a verdade, combatendo os abusos e os vícios.

Os que hão praticado a intolerância, o fanatismo, a perseguição dos discípulos e lhes deram a morte, acreditando que faziam coisa agradável a Deus, assim procederam porque não conheciam o pai, que é o Deus de amor, que é o amor universal, infinito, e porque não conheciam a Jesus, que era o enviado do Senhor, o *emblema* da lei de amor, nem a grandeza e o objetivo da sua missão, que era a regeneração da humanidade, pela justiça, pelo amor e pela caridade, consequentemente pela fraternidade entre todos os homens.

Os que, desde o tempo em que os apóstolos desempenharam a sua missão até os vossos dias, têm praticado a intolerância, o fanatismo, a perseguição; têm vertido o sangue humano, acreditaram sempre estar praticando atos agradáveis a Deus e assim procederam porque também não conheciam a Deus nem a Jesus. Desconheceram a um e a outro e os ultrajaram, calcando aos pés a lei de amor, que implica a liberdade do Senhor, isto é, a liberdade da razão, a da consciência, o livre exame e, *portanto*, a tolerância e a caridade.

Oh! homens, não repilais a luz e a verdade que vos traz a nova revelação, trazendo-vos o conhecimento do pai e de Jesus. Quando os conhecerdes, não praticareis mais a perseguição, nem moral, nem física. Não mais derramareis o sangue humano. Seguireis, impelidos pelo "Espírito da Verdade", a senda do progresso, com essa liberdade que Deus outorgou ao homem, como apanágio do seu livre-arbítrio, da sua razão, da consciência, e da qual sabereis servir-vos praticando a tolerância e a caridade.

N. 5. Não vo-las disse desde o principio, porque estava convosco; agora, porém, vou para aquele que me enviou e nenhum de vós me pergunta para onde

vou. — 6. Mas, porque vos disse essas coisas, encheu-se-vos de tristeza o coração. — 7. Entretanto, digo-vos a verdade. Convém que me vá, pois, se não me for, o Consolador não vos virá. Se, no entanto, me for, eu vo-lo enviarei.

Durante a missão de Jesus, importava que os apóstolos e os outros discípulos se conservassem na incerteza, quanto à natureza dessa missão e às suas conseqüências. Somente depois de consumado o sacrifício do Gólgota, tinha ela que lhes ser revelada.

Os Espíritos do Senhor, seus mensageiros, eram, como sabeis, o Consolador que Jesus lhes enviaria a inspirá-los e guiá-los no desempenho da missão que lhes cabia. Esse Consolador era, para a época, uma personificação do Espírito da Verdade e os apóstolos também o haviam de ser, visto que igualmente eram mensageiros do Senhor, missionários encarnados para espalharem pelos homens a luz, a ciência, a verdade correspondente às inteligências e às necessidades de então.

Mas, o Consolador, que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade, não tinha sua personificação e sua missão *limitadas pelas* dos Apóstolos. No futuro, teria, como teve naquela época e o tivera no passado, de executar a sua tarefa por meio dos Espíritos do Senhor, quer errantes, quer encarnados, seus novos mensageiros, missionários enviados em auxílio do progresso da humanidade, para ajudá-la a caminhar e avançar pela senda da verdade.

V. 8. E, quando ele vier, convencerá o mundo quanto ao pecado, quanto à justiça e quanto ao juízo. — 9. Quanto ao pecado, porque não creram em mim; — 10, quanto à justiça, porque vou a meu pai e não mais me vereis; — 11, quanto ao juízo, porque o príncipe do mundo já está julgado.

Os Espíritos encarnados naquela parte do globo onde Jesus desempenhou a sua missão, onde fez ouvir a sua palavra e praticou os atos que conheceis,

tinham — *com prova* — de receber ou repelir a luz que lhes era por ele trazida. Ora, os que a repeliam faltavam aos seus compromissos e mais profundamente se enterravam no mal.

O mesmo se dá com relação a todas as épocas do vosso planeta. Os Espíritos encarnados, assim antes como depois da missão de Jesus, tiveram *por prova*, do mesmo modo que os que viviam ao tempo daquela missão, receber ou repelir a luz que lhes era trazida. Os que a repeliram faltaram aos seus compromissos. É também o que ocorre com os Espíritos encarnados que, *nos dias de hoje*, repelem a que se lhes oferece e com os que, de futuro, repelirem a que lhes for trazida. Mas, não esqueçais, muito é pedido àquele a quem muito foi dado e a responsabilidade do Espírito está sempre na razão dos meios postos a seu alcance para se instruir.

Jesus, ao dirigir a seus discípulos as palavras acima, estendia seu pensamento aos tempos que iam seguir-se e, sobretudo, aos tempos, então futuros, da nova revelação. E aquelas palavras se aplicam a todos os que, durante a sua missão terrena, repeliram a luz que ele trazia aos homens, a todos os que depois, até aos vossos dias, a repeliram e a todos os que a repelirem na época atual e nas épocas vindouras da era nova que se abre diante de vós.

"O Espírito da Verdade, disse o Mestre, *convencerá o mundo quanto ao pecado, porque não creram em mim.*" Quer dizer: quanto à transgressão da lei divina por parte dos que, não lhe dando crédito à missão, não aceitaram nem seguiram a moral que ele pregou e, *dessa forma*, faltaram aos seus compromissos e se enterraram mais profundamente no mal.

Os homens foram chamados a reconhecer, muitos reconheceram e todos reconhecerão que quem quer que não segue a moral que Jesus pregou transgride a lei divina e, com o deixar de praticá-la, se torna culpado e passível de "julgamento". É essa a missão do "Espírito da Verdade", do Consolador,

missão que, começada pela dos apóstolos, vai continuar, para que o mundo seja convencido.

"Convencerá o mundo, quanto à justiça, porque vou para meu pai e não mais me vereis." Convencidos, *quanto à justiça*, são os que, tocados pelas provas esplendorosas da missão de Jesus, se rendem à evidência e crêem, submetendo-se à lei de amor universal que ele pregou.

Estas palavras: "porque vou para meu pai e não mais me vereis", dirigidas a seus discípulos, como sendo a base, o elemento e o meio de o "Espírito da Verdade" convencer o mundo, se referem ao sacrifício do Gólgota e à ressurreição, à sua volta para a imensidade na época da chamada *ascensão*, depois de suas aparições às mulheres e aos discípulos. Provas foram essas que esclareceram a maior parte dos incrédulos de então e que a revelação atual vem pôr em evidência, pela explicação que delas dá, *em espírito e verdade*, explicação que a revelação e a ciência espíritas apóiam, com todas as forças do raciocínio, nos Evangelhos.

O Espírito da Verdade convencerá o mundo, quanto à justiça, isto é: quanto à fé na missão divina de Jesus e na lei de amor universal que ele pregou, porque ele consumou o sacrifício do Gólgota, "ressuscitou", reapareceu e, depois das aparições às mulheres e aos discípulos, desapareceu das vistas humanas, desde que voltou para a imensidade na época dita da *ascensão*.

Os homens eram chamados a reconhecer a missão divina de Jesus e a se submeter à lei de amor universal que ele pregou. Muitos reconheceram essa missão e todos a reconhecerão. Muitos se submeteram àquela lei e todos se lhe submeterão. É isso também missão do Espírito da Verdade, do Consolador, missão que começou pela dos apóstolos e vai continuar, para que o mundo seja convencido.

"Convencerá o mundo quanto ao julgamento, porque o príncipe do mundo já está julgado." O juízo é a *retribuição* de acordo com as obras. O

homem o *provoca* pelos seus pensamentos e pendores e o *recebe*, por efeito de suas palavras e atos, conformemente às leis imutáveis e eternas da justiça divina, que a sua consciência aplica após a morte. Essas leis, para os pendores viciosos, contrários à lei divina, bem como para os atos culposos, são as leis imutáveis, inevitáveis do sofrimento, da expiação, da reencarnação, meio *único* de reparação, de purificação e de progresso, caminho único para a perfeição.

Estas outras palavras que Jesus dirige a seus discípulos, como constituindo a base, o elemento e o meio, para o "Espírito da Verdade", de convencer o mundo: "*porque o príncipe do mundo já está julgado*", são um conjunto de expressões *figuradas*, designativas dos pendores viciosos contrários à lei divina, e se referem aos atos culposos que, no passado, sofreram o "julgamento". Desde o princípio, isto é, desde o aparecimento do homem na Terra, não têm os atos culposos recebido a retribuição que lhes era devida? E os maus sentimentos, que germinam e se desenvolvem nos vossos corações, não têm, desde o princípio, sofrido o julgamento? É *assim* que o príncipe do mundo já está julgado. As palavras de Jesus abrangem todas as épocas, pois que se aplicam à natureza falível, ao mal sob todas as suas formas.

O "juízo" não se verificou já para cada um de vós, desde a primeira encarnação humana até os dias atuais? Não se verificará ainda para os Espíritos culpados? Não se verificará, na época da depuração do vosso planeta, para os Espíritos culpados, rebeldes, voluntariamente cegos, que, então, serão afastados da Terra e mandados para planetas inferiores?

O "Espírito da Verdade" convencerá o mundo quanto ao juízo: quanto à retribuição de acordo com as obras, quanto à retribuição que é devida e feita aos pendores viciosos, contrários à lei divina, aos atos culposos, pois que os maus pendores, con-

trários à lei divina, já receberam a retribuição que lhes era devida e os atos culposos já sofrem o "juízo".

Os homens foram chamados a reconhecer essa retribuição, esse juízo. Muitos o reconheceram e todos o reconhecerão. É essa ainda a missão do Espírito da Verdade, do Paracleto, a qual, começada pela dos apóstolos, vai continuar, para que o mundo seja convencido. E o mundo será convencido, porquanto, pela revelação e pela ciência espíritas, pela revelação atual, ele traz aos homens, despidendo da letra o espírito, o conhecimento e a inteligência do que é, *em verdade*, o "juízo".

V. 12. Muitas coisas tinha ainda para vos dizer; porém, não as podeis compreender agora.

O progresso é lei da natureza. Assim a matéria, como a inteligência, tudo tem que progredir. As vestes próprias do adulto embaraçariam os membros da criança, impedindo-lhe a cada passo o caminhar, e suas quedas se sucederiam continuamente.

Como seus contemporâneos, os apóstolos, conquanto mais desenvolvidos espiriticamente do que eles, eram, em consequência da encarnação humana, criancinhas que necessitavam de ser ajudadas no seu caminhar, que precisavam avançar a passos curtos, que não podiam ser impelidas para a frente numa carreira rápida que não suportariam.

A ciência que lhes foi dada estava em relação com as necessidades da época. *Para eles*, o "Espírito Santo" se manifestou, no Pentecostes, e lhes deu os conhecimentos de que tinham necessidade. Mas, os tempos se sucederam, o desenvolvimento intelectual se operou, a princípio com lentidão, depois, acelerando-se, começou a avançar com energia. O "Espírito da Verdade" se revelou de tempos a tempos, para mostrar, de longe, a luz que há de guiar a humanidade nas suas pesquisas e não vem distante o momento em que, pondo-se ao alcance de

todos, abrirá os olhos dos mais cegos e fará que sua voz penetre nas mais surdas consciências.

V. 13. Quando esse Espírito da Verdade vier, ensinar-vos-á toda a verdade, porquanto não falará de si mesmo; mas dirá tudo o que houver escutado e vos anunciará as coisas que hão de vir.

"Ensinar-vos-á toda a verdade." Já o temos dito: a verdade há sido sempre revelada aos homens, na medida do que o homem podia compreender. Os Espíritos do Senhor, seus mensageiros, os missionários, assim errantes como encarnados, desde todos os tempos trouxeram aos homens a luz, a ciência, a verdade que estavam em relação com as necessidades de cada época.

Aqui, porém, Jesus alude à era nova em que entraís e à época em que o homem, guiado pelos Espíritos superiores, receberá os ensinamentos do Senhor em toda a sua extensão, compreendendo a *fonte* donde promana essa graça especial e o *objetivo* com que é concedida. Mas, para aí chegar, tem o homem ainda que aprender por largo tempo, tem que progredir e que se purificar.

"O Espírito da Verdade vos ensinará toda a verdade." Sim, pois que a sua tarefa consiste em mostrar, progressiva e sucessivamente, à humanidade a luz que há de guiá-la nas suas pesquisas e ajudá-la a avançar, ainda e sempre e cada vez mais, com energia, pela senda do progresso moral, físico e intelectual.

"Ele não falará de si mesmo; mas dirá o que houver escutado." Pelo que respeita aos Espíritos do Senhor, seus mensageiros, seus missionários na erraticidade, eles dirão o que, do Senhor provindo, lhes for hierarquicamente comunicado para que transmitam aos homens.

Pelo que respeita aos Espíritos do Senhor, seus mensageiros, seus missionários encarnados, esses não falarão por si mesmos. Falo-ão sob a inspiração divina; dirão o que houverem recebido por *ins-*

piração ou por meio da *audição*, o que, *portanto*, houverem escutado.

"*Anunciará as coisas que hão de vir.*" Quanto ao presente, isto é, quanto aos tempos atuais, em que começais a entrar na era nova que se abre para a humanidade, e quanto ao futuro, a significação dessas palavras é quase idêntica, se bem que de maior alcance com relação ao futuro. Trata-se de anunciar as coisas que hão de vir, não como o fazem os leitores da "buena-dicha", mas tornando claras as partes da revelação messiânica deixadas na obscuridade do véu *da letra*. Trata-se de instruir os homens acerca de seus destinos; acerca do que podem e devem esperar; acerca da ciência do mundo e da criatura, que é o conhecimento das leis de Deus, na ordem física e na ordem moral; acerca do conhecimento, segundo essas leis, da origem do mundo e da criatura e do fim que uma e outro têm que atingir; acerca do conhecimento das obrigações cuja observância conduz a esse fim, que é a realização da perfeição e da pureza, pela do progresso, assim da matéria como da inteligência.

A missão do Espírito da Verdade está começada, porquanto essas coisas, cujo anúncio fora predito, principiaram a ser anunciadas. Os Espíritos do Senhor já começaram a descer para o meio de vós. Missionários, errantes e encarnados, começaram, mediante a luz e a ciência espíritas que vos são reveladas, a espalhar a claridade sobre as partes da revelação messiânica deixadas na obscuridade, sob o *véu da letra*. Começaram a instruir os homens sobre os seus destinos, sobre o que podem e devem esperar, sobre o conhecimento do mundo e da criatura. Começaram a dar-vos a verdade, relativamente ao que dela podeis compreender, guiando a humanidade em suas pesquisas e ajudando-a no seu adiantamento.

Essa missão do Espírito da Verdade vai continuar, pois que, conforme já o dissemos, a vossa geração não passará sem que veja decorrer os seus

primeiros anos messiânicos. Tendes que ser conduzidos e chegar a essa época em que o homem guiado pelos Espíritos superiores, receberá em toda a sua extensão os ensinamentos que lhe virão dar os mensageiros do Senhor, precursores do advento de Jesus, Espírito da Verdade, visto que complemento e sanção da verdade, que ele mostrará *sem véu*.

V. 14. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará. — 15. Tudo o que meu pai tem é meu. Eis porque vos digo que ele receberá do que é meu e vo-lo anunciará.

Jesus se exprime desse modo relativamente ao planeta e à humanidade terrenos. Como vosso protetor e governador, como único encarregado do vosso desenvolvimento e do vosso progresso, ele confere, aos que sob a sua direção trabalham por esse desenvolvimento e esse progresso, as missões que lhes caibam desempenhar, quer como Espíritos errantes, quer como encarnados, e determina a natureza e o termo de cada missão, sob a inspiração do Senhor onipotente, com quem se acha, constantemente, em relação direta.

É assim que tudo o que é do pai é de Jesus e que o Espírito da Verdade recebe do que é dele e vo-lo anuncia.

O Espírito da Verdade *glorifica a* Jesus e o *glorificará* cada vez mais. A missão dos Espíritos que recebem de Jesus uma delegação não consiste em vos fazer compreender a lei de Deus e os meios de cumpri-la? A glória de Jesus em que consiste, senão no vosso progresso e no desenvolvimento deste pelo praticardes a moral que ele pregou e que o Espírito da Verdade vem e virá incitar-vos a seguir, explicando-a *em espírito e verdade*, e pelo acelerardes a vossa marcha progressiva, tornando-a cada vez mais rápida na senda da caridade e do amor, da luz, da ciência, senda na qual o "Espírito da Verdade" vem e virá ajudar-vos a avançar?

CAPÍTULO XVI

Vv. 16-22

Jesus promete a seus discípulos a alegria após a tristeza

V. 16. Ainda um pouco de tempo e não mais me vereis; ainda um pouco de tempo e me vereis, porque vou para meu pai. — 17. Ouvindo isso, disseram seus discípulos uns para os outros: Que quer ele dizer com isto: Ainda um pouco de tempo e não mais me vereis; ainda um pouco de tempo e me vereis, porque vou para meu pai? — 18. Diziam, então: Que significa o que ele diz: Ainda um pouco de tempo? Não sabemos o que quer dizer. — 19. Conhecendo Jesus que eles o queriam interrogar acerca das suas palavras, disse-lhes: Perguntais uns aos outros que é o que vos quis significar quando disse: Ainda um pouco de tempo e não mais me vereis; ainda um pouco de tempo e me vereis. — 20. Em verdade, em verdade vos digo: Chorareis e gemereis e o mundo rejubilará; estareis tristes, mas a vossa tristeza se mudará em alegria. — 21. A mulher, quando dá à luz, se acha em aflição, porque é chegada a sua hora; mas, depois de haver dado à luz um filho, não mais se lembra dos sofrimentos passados, tal a sua alegria por haver dado um homem ao mundo. — 22. Assim é também que vós outros estais cheios de tristeza; eu, porém, vos tornarei a ver, o vosso coração se alegrará e a vossa alegria ninguém vo-la tirará.

N. 54. Como deveis perceber, dizendo: "Ainda um pouco de tempo e não mais me vereis; ainda um pouco de tempo e me vereis, porque vou para meu pai", *Jesus* alude à sua morte aparente, à sua reaparição entre os discípulos e ao seu regresso à condição espiritual que lhe era própria, na imensidade, junto do pai, na época chamada da *ascensão*.

Não são explícitas as palavras com que respondeu à questão que lhe dirigiram alguns dos dis-

cíbulos. É que queria que só depois do seu sacrifício fossem elas compreendidas e que lhes fizessem viva impressão no espírito quando, ocorridos os fatos, as recordassem.

CAPÍTULO XVI
Vv. 23-33

Promessas de Jesus a seus discípulos. — Predições que lhes faz. — Atesta, sob o véu da letra, sua origem e sua posição espírita. — Declara que venceu o mundo

V. 23. E nesse dia nada mais me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: Se alguma coisa pedirdes a meu pai em meu nome, ele vo-la dará. — 24. Até agora nada pedistes em meu nome. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja plena e perfeita. — 25. Tenho-vos dito estas coisas por parábolas. Vem a hora em que não mais vos falarei por parábolas, em que claramente vos falarei de meu pai. — 26. Nesse dia, pedireis em meu nome; e não vos digo que rogarei por vós a meu pai; — 27, pois meu pai vos ama, porque me amastes e crestes que saí de Deus. — 28. Sai de meu pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e volto para meu pai. — 29. Disseram-lhe seus discípulos: "Eis que agora falas claramente e não usas de nenhuma parábola. — 30. Neste momento vemos bem que tudo sabes e que não precisas que ninguém te interrogue. Por isto cremos que saíste de Deus." — 31. Respondeu-lhes Jesus: Credes agora. — 32. Vem o tempo, e já veio, em que sereis dispersos cada um para seu lado e me deixareis só. Eu, porém, não estarei só, porque meu pai estará comigo. — 33. Disse-vos estas coisas, a fim de que acheis a paz em mim. Muitas aflições tereis que sofrer no mundo; mas, tende confiança, eu venci o mundo.

N. 55. Perfeitamente compreensíveis são estes versículos. As explicações que já recebestes vos dão a inteligência deles *segundo o espírito*.

(Vv. 23-24.) Com o fim de certificá-los do poder de que a fé os faria dispor, Jesus repete mais uma vez estas palavras, cujo sentido já vos fizemos conhecer: "*Pedi em meu nome a meu pai alguma coisa e ele vo-la concederá; pedi e recebereis.*"

(Vv. 25-26.) Dizendo o que consta destes versículos, Jesus aludia à época em que os apóstolos se teriam despojado da carne e ao progresso que os aguardava após a desencarnação, época em que deixariam de receber ensinamentos mais ou menos *velados*, como os que lhes ele havia dado *até então*, para recebê-los proporcionados ao grau de elevação que houvessem alcançado, época em que colheriam os frutos do progresso que o feliz desempenho da missão que tomaram sobre si lhes granjearia.

Voltando à natureza espiritual que lhes era própria, receberiam a inspiração divina, dentro da ordem hierárquica, e progrediriam sob a influência e a direção do Mestre.

Assim entendidas em espírito e verdade e traduzindo o seu pensamento integral, essas palavras de Jesus se aplicam a todo Espírito que tenha, como os discípulos, cumprido dignamente suas obrigações terrenas, o qual também, ao voltar para o espaço, colherá os frutos do seu progresso, aproximando-se cada vez mais dele, para mais diretamente receber os seus ensinamentos.

(Vv. 27-28.) Os discípulos gozavam da proteção do Senhor, porque haviam escutado a palavra de Jesus e a tinham guardado para espalhá-la na Terra pela palavra e pelo exemplo; porque tinham crido na sua missão divina e na sua origem celeste, *muito embora não se dessem conta exata dessa origem*.

Dizendo: *"Saí de Deus; saí de meu pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e volto para meu pai"*, Jesus, sob o véu da letra, dá testemunho da sua elevação espírita, da sua natureza e da sua origem extra-humanas; da natureza extra-humana de que se revestira nas regiões etéreas para desempenhar sua missão terrena. Dando testemunho dessa missão, ele lhe anuncia o termo e o seu regresso àquelas regiões donde descera, sua volta, portanto, na época chamada da *ascensão*, à natureza espiritual que lhe era própria e que o põe constantemente em comunicação direta com o pai.

(Vv. 29-30-31.) Aqui, há, como sempre, em as palavras de Jesus, no que se refere à sua origem, à sua natureza, à sua posição e às suas relações com Deus e com o vosso planeta, de um lado a *letra*, de outro o *espírito*.

Foi a letra, apropriada à inteligência deles e a suas faculdades como encarnados, às necessidades daquela época e dos tempos que se seguiriam até aos vossos dias, em que a nova revelação se tornou necessária e vos é trazida, de acordo com as vontades do Senhor, que levou os discípulos a proferirem, num tom afirmativo, as palavras que a narração evangélica menciona. Eles não podiam ter noção exata da origem do Mestre. Criam-no saído de Deus, embora sem nenhuma idéia assentada acerca da divindade que lhe viria a ser atribuída. Só mais tarde se fixaram sobre isso, como sendo o que melhor explicava o poder e a virtude do Mestre, uma vez que ignoravam o sentido das suas palavras, verdadeiro segundo o *espírito* e oculto segundo a *letra*.

(Vv. 32-33.) A seus discípulos prediz Jesus que, quando da sua prisão, da sua condenação e do seu sacrifício, eles se dispersariam. Prediz-lhes igualmente as perseguições, as dores físicas e morais que os esperavam no cumprimento da missão que iam desempenhar.

"*Mas, tende confiança, diz-lhes, eu venci o mundo.*" Desempenhando a sua missão, Jesus venceu o mundo, porquanto estabeleceu as bases, os elementos e os meios da regeneração humana, que predisse e prometeu seria realizada pelo "Espírito da Verdade", sob a sua impulsão e direção, segundo as vontades do Senhor, e por ele próprio, voltando ao vosso planeta, quando depurado, para conduzir as criaturas, igualmente depuradas, à perfeição.

CAPÍTULO XVII**Vv. 1-26**

Palavras que Jesus dirige ao pai — diante de seus discípulos — do ponto de vista da unidade e da indivisibilidade de Deus, da natureza e da importância da missão que lhe foi confiada com relação ao nosso planeta e à sua humanidade; do ponto de vista da missão dos discípulos e dos progressos futuros que os aguardam após o cumprimento fiel dessa missão e que aguardam a todos os que lhes caminharem nas pegadas

V. 1. Assim falou Jesus. Depois, levantou os olhos ao céu e disse: Meu pai, é chegada a hora; glorifica a teu filho, para que teu filho te glorifique a ti, — 2, assim como lhe deste poder sobre todos os homens a fim de que ele dê a vida eterna aos que lhe deste. — 3. Ora, a vida eterna consiste em te conhecer a ti, que és o único Deus verdadeiro, e a Jesus-Cristo, que tu enviaste. — 4. Eu te glorifiquei na terra; acabei a obra de que me encarregaste. — 5. Agora, tu, meu pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que tive em ti, antes que o mundo fosse. — 6. Fiz o teu nome conhecido dos homens que me deste separando-os do mundo. Eles eram teus e tu mos deste; e eles guardaram a tua palavra. — 7. Sabem agora que tudo o que me deste vem de ti, — 8, porque lhes dei as palavras que me deste e eles as receberam e reconheceram que verdadeiramente eu sai de ti e creram que tu me enviaste. — 9. É por eles que rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. — 10. Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu e eu sou glorificado com eles. — 11. Já não sou mais do mundo; eles, porém, ainda estão no mundo; e eu volto a ti. Pai santo, conserva em teu nome aqueles que me deste, a fim de que sejam um como nós. — 12. Quando estava com eles, eu os conservava em teu nome. Guardei os que me deste e ne-

nhum se perdeu; nenhum se perdeu, a não ser o que era filho da perdição, a fim de que a Escritura se cumprisse. — 13. Mas, agora, venho a ti e digo estas coisas estando ainda no mundo, para que eles tenham em si a plenitude do meu júbilo. — 14. Dei-lhes a tua palavra e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo. — 15. Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. — 16. Eles não são do mundo, como eu mesmo não sou do mundo. — 17. Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade. — 18. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. — 19. E por eles eu me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade. — 20. Não rogo por eles somente; rogo igualmente por aqueles que hão de crer em mim pela palavra deles, — 21, a fim de que todos sejam um, como tu, meu pai, és em mim e eu em ti; a fim de que sejam do mesmo modo um em nós; a fim de que o mundo creia que tu me enviaste. — 22. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um. — 23. Estou neles e tu estás em mim, para que sejam consumados na unidade e o mundo conheça que me enviaste e que os tens amado como me amaste a mim. — 24. Meu pai, quero que lá onde estou estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo. — 25. Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci e estes conheceram que tu me enviaste. — 26. Fiz-lhes conhecer o teu nome e ainda farei que o conheçam, para que o amor com que me tens amado esteja neles e eu mesmo neles esteja.

N. 56. Estas palavras, que Jesus pronunciou *em voz alta*, foram ditas com o objetivo de tocar a imaginação dos que o escutavam, pois *tinham que* se lhes gravar na memória, a fim de que, mediante a inspiração que as fazia lembradas com exatidão, servissem para o cumprimento da missão dos apóstolos e de seus imitadores, naquela época e no futuro, fossem transmitidas às gerações vindouras, através dos séculos de séculos, e constituíssem um ensinamento para os homens.

Elas são da mais alta importância, do ponto de

vista da nova revelação, que as vem explicar *em espírito e em verdade*.

(Vv. 1-2-3.) Jesus declara chegada a hora do sacrifício que tem de cumprir-se para o progresso dos homens, cuja direção ele aceitou desde a origem do mundo, a fim de lhes dar a vida eterna, isto é, a vida dos puros Espíritos. Pede a Deus que permita se cumpra esse sacrifício, que é uma das fases da missão terrena de que ele se encarregou, para impelir os homens ao arrependimento e ao progresso universal.

Dá, mais uma vez, testemunho *da unidade individual* do pai, dizendo: "Tu, que és *o único Deus verdadeiro*", e repele, assim, *de antemão*, a divindade que os homens lhe haviam de atribuir e atribuíram.

Dá também, mais uma vez, testemunho da sua missão relativamente ao vosso planeta e à humanidade terrena, dizendo que "*poder lhe foi conferido pelo pai sobre todos os homens, para que ele desse a vida eterna aos que o pai lhe dera*", isto é, a todos os Espíritos que, como seus fiéis discípulos, forem e vierem a ser de boa-vontade na escolha de suas provas, de suas missões e no cumprimento dessas provas, dessas missões quando encarnados. E acrescenta: "*Ora, a vida eterna consiste em te conhecer a ti — que és o único Deus verdadeiro, e em conhecer a Jesus-Cristo, que tu enviaste.*"

Ter a vida eterna, que consiste em conhecer ao pai, é compreender a essência de Deus; é, pela perfeição alcançada, pela pureza perfeita, que só elas permitem que a criatura se aproxime de Deus, estar em comunicação direta com ele, iniciando-se, *assim*, cada vez mais, no objetivo e nos segredos da vontade divina; é, vivendo a vida eterna dos puros Espíritos, progredir eternamente *em ciência universal*, na atividade incessante das obras e das missões.

Mas, para que o Espírito tenha, *dessa forma*, a vida eterna, que consiste em conhecer ao pai, necessário também se faz que previamente conheça a

Jesus-Cristo, que o pai enviou. Quer dizer: necessário é que conheça a essência, a origem, a natureza de Jesus, sua missão referente ao planeta e à humanidade terrenos e os frutos que ela havia e há de produzir por si mesma e pelo cumprimento das promessas e predições que contém. É necessário ainda que adquira a pureza e a perfeição, sem as quais não poderá aproximar-se de Jesus; estar, por efeito dessa pureza e dessa perfeição adquiridas, em relação direta com ele e ser por ele conduzido à vida dos puros Espíritos, porquanto ele é o único encarregado, no tocante ao vosso planeta, do desenvolvimento e do progresso dos homens e de os levar à perfeição, de lhes dar a vida eterna, que consiste em conhecê-lo e em conhecer ao pai.

(Vv. 4-5.) Jesus declara que chegara ao termo a sua missão pública de ensinar aos homens. *Ele glorificou a Deus na terra*, traçando para a humanidade as sendas do progresso, da purificação e da regeneração, que hão de conduzir os homens ao pai.

Dizendo: "Agora, tu meu pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que tive em ti antes que o mundo fosse", alude ao sacrifício do Gólgota, que vai consumir-se como coroamento e sanção da sua missão pública entre os homens, e à maneira por que esse sacrifício se consumará. Alude à sua morte, que os *homens considerariam real*, pois que isso constituía condição e meio indispensáveis ao progresso deles, de conformidade com o que o exigiam os tempos e o estado das inteligências, mas que não podia ser e não seria senão aparente, visto que *no Gólgota ele* era o que já era *antes que o mundo fosse*, isto é, *antes da formação do vosso planeta*: Espírito de pureza perfeita e imaculada, sempre Espírito, debaixo de um envoltório fluídico de natureza perispirítica, em estado de tangibilidade.

Não percais de vista as palavras que anteriormente dissera e cuja explicação já recebestes: "*Deixo a vida para a retomar*"; ninguém ma tira; sou eu que *a deixo por mim mesmo*; tenho o poder *de a dei-*

nar e tenho o poder de a retomar; é este o mandamento que recebi de meu pai." (Cap. X, vv. 17-18.)

(Vv. 6-7-8.) Jesus comprova que deu a seus discípulos, assim como a todos os homens que se conservaram fiéis, o conhecimento de Deus, na medida correspondente às necessidades da época. Comprova que seus discípulos e todos os que se conservaram fiéis, porque haviam sido dóceis aos conselhos de seus guias na escolha de suas provas, de suas missões, e estavam purificados bastante para bem as desempenharem, lhe escutaram a palavra e seguiram a moral que ele pregou e os ensinamentos que Deus o encarregara de transmitir aos homens, reconheceram a sua qualidade de enviado do pai, sua elevação espírita e sua missão, embora, como já temos dito, *sem se darem conta exata dessa missão.*

(Vv. 9-10-11.) Os discípulos tinham ainda rudes provas a suportar. (Não falamos, bem o sabeis, de provas, do ponto de vista da *expição.*) É para fortalecê-los que Jesus profere as palavras constantes destes versículos e cujo sentido, *segundo o espírito*, podeis penetrar, mediante as explicações já dadas sobre textos análogos.

A palavra "prece" pode e tem que ser considerada de diversos pontos de vista. Ao ouvido do homem, ela ressoa como a promessa de um amparo, de uma atração, de proteção divina.

Do ponto de vista *espírita*, a prece é uma emanção dos mais puros fluídos, por meio da qual amparo e força recebem, *mesmo a seu mau grado*, aqueles a favor de quem é ela feita. É uma magnetização moral, que se opera a distância e da qual muito dificilmente vos podeis inteirar. Compreensível, entretanto, deve ser essa expressão — "magnetização moral" — para os que não estudaram e admitem a ação dos fluidos magnéticos. Que ação exerce o magnetizador que, por efeito da sua simples vontade, emite fluidos que envolvem um paciente e lhe dão força ou o condenam à inércia, lhe rasgam novos horizontes ou o mergulham em trevas, lhe

abrandam as dores, ou fazem que experimente sofrimentos fictícios?

Pois bem! A prece é, de um ponto de vista mais alto, o mesmo princípio em ação.

A alma, por efeito da sua vontade e do seu amor a elevar-se ao trono do Eterno, emite fluidos sutis que envolvem aquele ou aqueles em favor de quem a prece é dirigida ao Senhor. E esses fluidos têm a propriedade de fortificar a alma sofredora, de esclarecê-la, de a instruir. Sua ação, porém, é mais forte sobre a alma desprendida do que sobre o Espírito encarnado. A este a matéria torna difícil experimentar os benéficos efeitos da prece, os quais, entretanto, não ficam perdidos. Uma vez desencarnado, o Espírito aproveita sempre do socorro que lhe foi insuficiente durante a encarnação.

Dizendo, com referência a seus discípulos: "*a fim de que sejam um como nós*", Jesus lhes faz compreender que entre eles deve haver *comunhão de pensamento*, como entre ele e o pai, a fim de que sejam entre si um pelo pensamento, como ele e o pai são um, também pelo pensamento.

(V. 12.) Diz Jesus, falando de Judas, a quem designa pelo apelido de — *filho da perdição*: "Nenhum deles se perdeu, a não ser o que era filho da perdição, a fim de que a *Escritura se cumprisse*." Lembrai-vos do que já dissemos a este respeito. Sabido era de antemão que Judas não teria forças para resistir à prova que pedira. Fora disso prevenido por Seus guias, mas o orgulho o levava a persistir. Permitiu-se-lhe então tentar a prova. Eis como ele era "um filho da perdição, a fim de que a *Escritura se cumprisse*".

(V. 13.) Antes que se consumasse o sacrifício do Gólgota, Jesus insiste ainda uma vez na predição, que já fizera, da traição de Judas, para que, lembrando-se do que lhes ele dissera, os discípulos fiéis achassem nas suas palavras mais uma garantia acerca da missão que desempenhara e um apoio nas vicissitudes em que se iam encontrar.

(Vv. 14-15-16.) Os apóstolos "não eram do mundo", por serem, pelos seus sentimentos, Espíritos mais elevados do que os outros então encarnados, os quais, mais atrasados do que eles, os "odiavam", não por causa de suas personalidades, mas por causa da palavra de Deus que eles haviam recebido do Mestre, do Mestre que, também e com muito mais forte razão, não era do mundo, porquanto era Espírito de pureza perfeita e imaculada, a desempenhar uma missão superior, e que, atentos os frutos que esta havia de produzir, se dirigia mais às gerações futuras e sobretudo ao tempo da era nova que se abre diante de vós, do que aos homens daquela época.

(V. 17.) Ele pede a Deus que os *santifique*, isto é, que os faça progredir na verdade, adquirindo o conhecimento da *que lhes compete espalhar*. "Tua palavra, diz Jesus dirigindo-se ao pai, é a verdade." A palavra de Deus, a que os seus mensageiros, quer como Espíritos errantes, quer como encarnados, transmitem à humanidade, sempre deu, dá e dará ao homem, de acordo com as épocas, a verdade que ele deva conhecer, até que o Mestre volte ao vosso planeta, conforme predisse e prometeu, para mostrar a verdade *sem véu*.

(Vv. 18-19.) Assim como recebera uma missão a desempenhar na Terra, Jesus permitira que os Espíritos fiéis igualmente baixassem em missão a esse planeta, correspondendo esta ao grau de adiantamento de cada um. E o progresso, a santificação era, *para todos*, relativa às suas missões e ao modo por que as desempenhavam. Dizemos — *para todos*, porque, como sabeis, pelo que já dissemos, o Espírito por mais adiantado que seja, tem eternamente o que adquirir em *ciência universal*, *sem* que jamais possa igualar a Deus. E o progresso, mesmo para os puros Espíritos, qualquer que seja a superioridade a que hajam chegado em *ciência universal*, é o prêmio, a recompensa das obras e missões mediante as quais tenham, na imensidade, assim com referência à matéria, como com relação à inteligência, feito pro-

gredir seus irmãos, errantes e encarnados, em todos os graus, tanto na ordem material, quanto na ordem fluídica e na espiritual.

(V. 20.) Dizendo: *Não rogo por eles somente, mas também* pelos que hão de crer em mim pela palavra deles", Jesus faz saber ao mundo que o que acabava de dizer e o que ainda diria, relativamente a seus apóstolos, se aplica a todos os que, ouvindo-lhes a palavra, os ensinamentos, crerem na sua missão, aceitarem e seguirem a moral que ele pregou e se tornarem *desse modo* seus imitadores e, conseqüentemente, imitadores de seus discípulos; a todos os que, de futuro, pregarem o bem, tanto pelo exemplo, quanto pela palavra.

Jesus promete a todos os homens de boa-vontade, como a seus apóstolos, e relativamente a cada época, a verdade que devam conhecer e bem assim o progresso, a depuração, pelas provas e missões fielmente cumpridas.

(V. 21.) "A fim de que todos, unindo-se pelo amor e pela abnegação, sejam um pelo pensamento, como, pelo pensamento, Deus é um com ele, Jesus; a fim de que, do mesmo modo, sejam um em Deus e nele, pela purificação, que aproxima cada vez mais a criatura do seu criador, pela inspiração divina, que Jesus recebe *diretamente* do pai e transmite, hierarquicamente, até eles, a fim de que o mundo creia que o Cristo foi o enviado de Deus e creia, pois, na sua missão."

(V. 22.) "Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um." Isto dizendo, alude Jesus ao conhecimento, por ele dado a seus discípulos, da sua origem e da sua missão, *da unidade* de pensamento que existe entre o pai e ele. Alude também à influência que esse conhecimento há de exercer nas relações dos discípulos entre si.

Sabeis que ele muitas vezes lhes falou do poder que exerce sobre o planeta terreno, da proximidade, em que se acha, do Senhor onipotente, de suas relações com este.

Deu aos discípulos o conhecimento da sua origem e da sua missão, a fim de que eles fossem um pelo pensamento, como o pai e ele são um do mesmo modo.

(V. 23.) Dizendo: "Estou *neles* e tu estás *em mim*, a fim de que sejam consumados *na unidade* e que o mundo conheça que tu me enviaste e que os tens amado como me amaste a mim", o pensamento que Jesus exprime é o de que, inspirado e guiado pelo Senhor onipotente, ele inspira e guia seus discípulos e todos os homens que, como estes, forem de boa-vontade, no cumprimento de suas provas, ou missões, e na senda do progresso, a fim de que, unidos pela comunhão de pensamento, em amor e em dedicação entre si e aos seus irmãos, cheguem todos ao mesmo grau de purificação, pois a *unidade* dos Espíritos é a *igualdade* na pureza; e a fim também de que o mundo reconheça que ele foi o enviado do pai e reconheça cada vez melhor a sua missão e que a graça divina, que sobre ele se derramou, se estendeu igualmente aos discípulos, isto é: que o Senhor onipotente os ajudou no desempenho de suas tarefas e lhes concedeu, para que progredissem, os meios compatíveis com o grau de purificação que já haviam alcançado. *Assim é que Deus os amou, como amou a Jesus.*

O termo *amar*, tratando-se do Criador, se entende do ponto de vista da purificação do Espírito e em relação ao grau de pureza já por este atingido. A graça divina se estende, *igualmente*, sobre todos os Espíritos que chegaram *ao mesmo* ponto, quanto à sua libertação da matéria e das influências desta.

V. 24. Meu pai, quero que lá onde estou estejam comigo aqueles que me deste, para que contemplem a glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo.

Não esqueçais que esta prece, como dissemos no começo, Jesus a fez *em voz alta*. O desejo que expressou com essas palavras significa que quer

sustentar os Espíritos devotados, os discípulos e os que, como estes, caminhando perseverantemente pela senda que ele traçou com a sua moral, seus ensinamentos e seus exemplos de amor, de humildade, de desinteresse e de caridade, buscaram a luz, a ciência e a verdade, a fim de encaminharem os homens para o arrependimento e para o progresso universal. Significa que os quer sustentarem, a fim de que, cumprida a tarefa, possam, pelas provas e missões, subir de progresso em progresso até ele.

Aos Espíritos, em chegando às regiões onde Jesus preside ao progresso do planeta e da humanidade terrenos, será dado contemplarem a sua glória. E todos se esforçarão cada vez mais por imitá-lo e por se unir no seu amor e no seu devotamento.

O Espírito protetor de um planeta é, como sabeis, anterior à sua criação e ao tempo desta já se acha investido na confiança do Criador.

Essa missão ele a obtém como recompensa dos progressos que realizou em *ciência universal* e como incentivo para novos progressos nesse campo.

Dizendo: "A glória que me deste, porque me amaste *antes da criação do mundo*", Jesus alude à missão, que Deus lhe confiara, de protetor do vosso planeta, às fases dessa missão, aos frutos que há de dar, mediante o progresso tanto da matéria como da inteligência, desde o instante em que ele presidiu à formação do mesmo planeta, fazendo-o sair dos fluidos incandescentes, até os dias da sua depuração, da sua transformação completa e da sua ascensão às regiões fluídicas puras.

Tal, em *espírito e verdade*, a glória que Deus deu a Jesus, deferindo-lhe a missão de fundador, protetor e governador do planeta terreno, porque depositava nele confiança, já antes de criar os materiais, os elementos constitutivos desse globo. Deus nele confiava porque, sendo um Espírito de pureza perfeita e imaculada, era, por efeito dos conhecimentos que já adquirira, dos progressos que realizara em *ciência universal*, capaz de desempenhar

aquela missão, que constituía para ele, como para todo Espírito protetor de planeta, conforme o temos dito, uma recompensa, um incitamento.

Concluindo, devemos chamar a vossa atenção para estas palavras do Mestre, constantes do v. 24: "que *lá onde estou* estejam comigo aqueles que me deste..."

Ele não diz: "*lá para onde vou*", mas, sim: "*lá onde estou*", atestando assim, mais uma vez, sua natureza extra-humana, que lhe permite, sendo sempre Espírito debaixo daquele invólucro fluídico, de natureza perispirítica, em estado de tangibilidade, ser habitante livre das regiões etéreas, onde tem o trono da sua glória de protetor do planeta terráqueo, e não habitante da Terra, como o homem, que a esta se conserva *preso* pela encarnação humana material.

V. 25. Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci e estes conheceram que tu me enviaste.

Jesus, por esta forma, comprova: que os homens não compreenderam a Deus em sua essência, nem compreenderam o objetivo e os desígnios secretos da sua providência, através da missão que lhe confiou; que ele conheceu a Deus, compreendendo-lhe a essência, o objetivo e os desígnios da sua vontade, por estar em relação *direta* com ele; e que seus discípulos compreenderam ser ele o enviado de Deus e lhe reconheceram a missão.

V. 26. Fiz-lhes conhecer o teu nome e ainda farei que o conheçam, para que o amor com que me tens amado esteja neles e eu mesmo neles esteja.

Servindo-se destas palavras, Jesus declara que o conhecimento de Deus, por ele dado a seus discípulos, aos homens, não estava completo, pois promete que os fará conhecê-lo *ainda mais*.

Sim, Jesus deu a seus apóstolos e aos homens o conhecimento de Deus, mas incompleto. Esse co-

nhecimento ele o vai ampliando cada vez mais, à medida que os homens se depuram e progridem, a fim de que cheguem progressivamente à perfeição que ele conquistou pelas suas obras e, assim, a estar com ele em relação direta, quando se houverem purificado bastante para até a ele subirem.

CAPÍTULO XVIII**Vv. 1-14**

Jesus vai, com seus discípulos, para o jardim situado além da ribeira do Cedron. — Sua prisão. — Circunstâncias relativas a essa prisão. — Palavras que ele dirige aos que acabavam de deitar-lhe a mão. — Palavras que dirige a Pedro, quando este, servindo-se da sua espada, fere a Malco na orelha direita. — Jesus é preso e conduzido a Anás e daí a Caifás

V. 1. Tendo dito essas coisas, Jesus foi, com seus discípulos, para além da ribeira do Cedron, onde havia um horto, no qual entraram ele e seus discípulos. — 2. Judas, que o traía, conhecia também esse lugar, porque Jesus lá fora muitas vezes com seus discípulos. — 3. Judas, pois, tendo tomado consigo uma coorte de quadrilheiros que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus puseram à sua disposição, ali veio com lanternas, archotes e armas. — 4. Mas Jesus, que sabia de tudo o que havia de acontecer, saiu-lhes ao encontro e lhes disse: A quem buscais? — 5. Responderam: A Jesus de Nazaré. Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, que o traía, estava também com eles. — 6. Apenas Jesus lhes disse: Sou eu, eles recuaram e caíram por terra. — 7. Perguntou-lhes segunda vez: A quem buscais? Responderam: A Jesus de Nazaré. — 8. Jesus lhes replicou: Já vos disse que sou eu. Se, pois, a mim é que buscais, deixai ir estes. — 9. A fim de que se cumprisse esta palavra que por ele fora dita: "Não perdi nenhum dos que me deste." — 10. Então, Simão Pedro, que tinha uma espada, puxou dela e feriu um servo do pontífice e lhe cortou a orelha direita. Esse homem se chamava Malco. — 11. Jesus disse a Pedro: Mete a tua espada na bainha. Não tenho que beber o cálice que meu pai me deu? — 12. Então, os soldados, com o tribuno que os comandava e os quadrilheiros prenderam a Jesus e o amarraram. — 13. Levaram-no primeiramente a Anás, porque era sogro de Caifás, que era o pontífice naquele ano. — 14. Caifás era o que havia dito,

como conselho aos Judeus, que mais convinha morresse um só homem por todo o povo.

N. 57. Nos comentários feitos aos três primeiros Evangelhos (págs. 424-429, do 3º tomo) já vos foram dadas as explicações necessárias sobre estes fatos. Reportai-vos a essas explicações.

CAPÍTULO XVIII

Vv. 15-27

Pedro em casa de Caifás. — Jesus é interrogado pelo pontífice. — Resposta que lhe dá. — Recebe uma bofetada. — Palavras que dirige ao que o esbofeteou. — Negação de Pedro

V. 15. Entretanto, Simão Pedro seguiu a Jesus, assim como um outro discípulo que, sendo conhecido do pontífice, entrou com Jesus no pátio da casa do mesmo pontífice. — 16. Pedro, porém, ficou do lado de fora, à porta. Então, o outro discípulo que era conhecido do pontífice saiu e falou à porteira e esta fez que Pedro entrasse. — 17. Essa criada, que era a porteira, perguntou a Pedro: Não és tu também dos discípulos deste homem? Ele respondeu: Não sou. — 18. Os servos e os quadrilheiros que prenderam a Jesus estavam junto do lume a se aquecerem, porque fazia frio. Com eles estava também Pedro, de pé, a se aquecer. — 19. Entretanto, o pontífice interrogou a Jesus acerca de seus discípulos e da sua doutrina. — 20. Jesus lhe respondeu: Falei publicamente a todo mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde se reúnem todos os Judeus. Nada disse às ocultas. — 21. Porque, pois, me interrogas? Interroga os que me ouviram, para saberes o que lhes disse. Eles aí estão os que sabem o que lhes ensinei. — 22. Como ele dissesse isto, um dos oficiais ali presentes lhe deu uma bofetada, dizendo: É assim que respondes ao pontífice? — 23. Jesus lhe respondeu: Se falei mal, dize em que foi; mas, se falei bem, porque me bates? — 24. Anás o enviara manietado ao pontífice Caifás. — 25. Enquanto isso, Simão Pedro, de pé junto do lume, se aquecia. Disseram-lhe então alguns: Não és também dos seus discípulos? Ele negou, dizendo: Não sou. — 26. Então, um dos servos do pontífice, parente daquele a quem Pedro cortara a orelha, lhe disse: Não te ví eu no horto com ele? — 27. Pedro ainda uma vez negou e logo cantou o galo.

N. 58. A narrativa de João se explica e completa pelas dos três outros evangelistas. Nenhuma importância têm as divergências que se notam nas particularidades. Já recebestes a explicação destes fatos nos comentários sobre os três primeiros Evangelhos (3^o tomo, págs. 430-433).

Temos que chamar a vossa atenção apenas para a resposta de Jesus ao oficial que o esbofeteou. Essa resposta, calma e digna, é um ensinamento que, como todos os que o Mestre lhes deu acerca do perdão das injúrias, das ofensas, dos mais fundos ultrajes, os homens precisam não perder de vista.

A todas as relações que mantenham entre si devem presidir sempre a razão, a ponderação, a reflexão, que conduzem à prática da justiça e da caridade.

CAPÍTULO XVIII
Vv. 28-40

Jesus é levado da casa de Caifás à presença de Pilatos. — Seu reino não é deste mundo. — Seu reino não é agora deste mundo. — Ele é rei e por isto é que não veio ao mundo senão para dar testemunho da verdade. — Pilatos quer livrá-lo, mas os Judeus se opõem e preferem a libertação de Barrabás

V. 28. Levaram então Jesus da casa de Caifás ao pretório. Era manhã. E eles não entraram no pretório para não se macularem e poderem comer a páscoa. — 29. Pilatos veio fora ao encontro deles e lhes disse: De que crime acusais este homem? — 30. Responderam-lhe: Se ele não fosse um malfeitor, não to entregaríamos. — 31. Disse-lhes Pilatos: tomai-o vós mesmos e julgai-o segundo a vossa lei. Os Judeus, porém, lhe responderam: Não nos é a nós permitido dar a morte a ninguém. — 32. Para que se cumprisse o que Jesus havia dito quando designara de que morte havia de morrer. — 33. Pilatos, pois, entrou novamente para o pretório, fez vir à sua presença Jesus e lhe perguntou: És o rei dos Judeus? — 34. Respondeu-lhe Jesus: Dizes isto de ti mesmo, ou outros to disseram de mim? — 35. Replicou-lhe Pilatos: Sou porventura judeu? Os de tua nação e os príncipes dos sacerdotes te entregaram às minhas mãos. Que fizeste? — 36. Respondeu-lhe Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se deste mundo fosse o meu reino, certo os meus servidores combateriam para que eu não caísse nas mãos dos Judeus. Mas o meu reino não é agora deste mundo. — 37. Disse-lhe Pilatos: Então, és rei? Retrucou-lhe Jesus: Tu o dizes, sou rei. É por isso que nasci e vim a este mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que pertence à verdade escuta a minha voz. — 38. Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? E, dizendo isso, saiu e foi ter outra vez com os Judeus e lhes disse: Não acho neste homem crime algum. — 39. É, porém, costume entre vós que se vos solte um criminoso pela festa da pás-

coa. Quereis que vos solte o rei dos Judeus? — 40. Então se puseram todos novamente a clamar: Não este, sim Barrabás. Ora, Barrabás era um ladrão.

N. 59. A narrativa de João, neste ponto, como em todos, não deve ser separada das dos três outros evangelistas, por isso que elas se explicam e completam mutuamente, quanto às particularidades. O fundo, com relação aos fatos, é, em todas, o mesmo. Cada narrador, como sabeis, escreveu dentro do quadro que lhe fora traçado pela inspiração mediúnica, mas conservando a independência própria da natureza que lhe era peculiar.

Não temos que vos dar senão algumas explicações especiais, visto que, quanto ao mais, estes versículos são perfeitamente compreensíveis.

Dizendo: "*O meu reino não é deste mundo*", põe Jesus em relevo a natureza espiritual da sua missão, *inteiramente estranha a interesses materiais, a aspirações materiais*.

Dizendo: "*Agora, porém, o meu reino não é deste mundo*", afirma, com o servir-se do vocábulo "*agora*", que dia virá em que o seu reino será deste mundo. Isso se dará quando, regenerados pela verdade, os homens houverem abandonado os atalhos que os extraviam e fazem voltar incessantemente ao mesmo ponto e houverem tomado com decisão a estrada do progresso, tendo a iluminá-la o facho da verdade sustentado pela fé.

Depois de ouvir de Jesus as palavras a que acabamos de nos referir, Pilatos lhe observa: "*Então, és rei?*" Ao que responde ele: "Tu o dizes, *sou rei*; e é por isso que nasci e vim a este mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que pertence à verdade, escuta a minha voz." Apresentando, com essa resposta, testemunho da sua realeza, Jesus confirma a autoridade que já dissera ter recebido de seu pai, antes que a Terra fosse criada. Refere-se, pois, *desse modo*, à sua autoridade de protetor e governador do vosso planeta.

"É por isso", quer dizer: porque é rei, rei do vosso planeta, na qualidade de seu protetor e governador, que ele aparecera na Terra, que viera ao mundo, para dar testemunho da verdade, testemunhando a autoridade que recebera do pai, *antes que a Terra fosse criada*; sancionando com a sua palavra o que, ao longo do passado até então, era obra de verdade; ministrando aos homens, pelo desempenho de sua missão, a verdade correspondente àquela época e ao futuro e destinada, conforme às suas promessas, a se *patentear* aos olhares do homem, à proporção que este se fosse mostrando capaz de a suportar e compreender; a se *patentear* sobretudo na era, que para vós se abre, do "Espírito da Verdade", época por ele predita e prometida.

"Todo aquele que pertence à verdade escuta a minha voz." E Pilatos lhe pergunta: "*Que é a verdade?*"

Reportai-vos às explicações por nós dadas (n. 47, vv. 4-5-6), a propósito destas palavras: "Eu sou o caminho, a *verdade*, a vida"; e às que demos (n. 48, v. 15; n. 49, vv. 25-26; n. 52, v. 26; n. 53, vv. 8, 11, 12 e 13), relativamente à missão do Espírito da Verdade, no passado e nos tempos atuais e futuros da nova era. Fazei-o e encontrareis a resposta à pergunta de Pilatos, sobre a qual Jesus guardou silêncio. Essa resposta o homem não era *então* capaz de a suportar e compreender. Só nos dias de hoje tinha que ser dada.

Pertence à verdade aquele que sabe que a verdade é relativa aos tempos e às necessidades das épocas; que é una, porém, mais ou menos encoberta, para só se ir mostrando na medida do que o homem possa suportar e compreender. Pertence à verdade aquele que sabe que, quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais os véus da verdade se rasgam às suas vistas. Pertence à verdade aquele que sabe que esta é o conhecimento de todos os princípios, de ordem física, moral e intelectual, que conduzem a humanidade ao seu aperfeiçoamento, à

fraternidade, ao amor universal; que a levam a desprender-se da matéria; que desenvolvem nela *sinceras aspirações ao espiritualismo*, à espiritualidade. Pertence à verdade aquele que consagra seus cuidados, suas faculdades e seus esforços à aquisição, à propagação daquilo que, *por essa forma*, sabe ser a verdade.

Todo aquele que pertence *assim* à verdade escuta a voz de Jesus, pois que Jesus é "a verdade". Sua voz sempre se fez ouvir, em todas as épocas, *antes da sua missão terrena, desde a origem dos tempos*, pelos Espíritos do Senhor, seus mensageiros, pelos Espíritos em missão, sempre superiores aos meios humanos onde surgiram, dando a verdade correspondente às necessidades de cada época. Aquela voz se fez ouvir *por ocasião da sua missão terrena*, quando ele veio pessoalmente dar testemunho da verdade. Fez-se ouvir depois, quando esta foi ensinada e propagada pelos apóstolos e discípulos e mais tarde por esses Espíritos em missão a quem chamais homens de escol pela inteligência e pelo coração; gênios benfeitores da humanidade, assim no que respeita à ordem física, como no tocante à ordem moral e à ordem intelectual.

Aquela voz vai fazer-se ouvida ainda por intermédio do "Espírito da Verdade" que, nos tempos atuais e futuros da era nova que se inicia, vem ensinar e ensinará progressivamente toda a verdade, à proporção que a puderdes ir compreendendo. E, nos tempos preditos, quando para isso os messias ou enviados vos tiverem preparado, quando vos houverdes tornado capazes de recebê-la, ele virá mostrá-la *sem véu*.

CAPÍTULO XIX**Vv. 1-7**

*Flagelação. — Coroa de espinhos. — Eis o homem.
— Pedido de crucificação por parte dos Judeus*

V. 1. Pilatos tomou então de Jesus e o mandou açoitar. — 2. E os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, lha puseram na cabeça e o vestiram com um manto escarlate. — 3. E lhe vinham dizer: Eu te saúdo, rei dos Judeus; e lhe davam bofetadas. — 4. Pilatos mais uma vez saiu do pretório e disse aos Judeus: Eis que vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele crime algum. — 5. Saiu, pois, Jesus, trazendo uma coroa de espinhos e um manto escarlate. E Pilatos lhes disse: Eis aqui o homem. — 6. Mas, ao vê-lo, os príncipes dos sacerdotes e a sua gente se puseram a clamar: Crucificai-o! crucificai-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós mesmos e crucificai-o, pois que nenhum crime acho nele. — 7. Responderam-lhe os Judeus: Temos uma lei e, segundo a nossa lei, ele deve morrer, porque se fez filho de Deus.

N. 60. Estes versículos não precisam de comentários. Temos que vos fazer notar apenas que, de acordo com a lei hebraica, o blasfemo incorria na pena de morte por lapidação. Os Judeus acusavam a Jesus de blasfemo, tomando *ao pé da letra* estas palavras por ele ditas, referindo-se a si mesmo — *filho de Deus*, palavras cujo sentido já muitas vezes explicamos, de conformidade com o pensamento daquele que as proferiu. Este sentido delas, porém, só pela nova revelação tinha que ser dado, quando fossem reveladas a origem e a natureza do Mestre e a sua posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta.

CAPÍTULO XIX

Vv. 8-15

Silêncio de Jesus em face da pergunta que Pilatos lhe dirige. — Todo poder vem do Alto. — Os Judeus persistem em pedir a sua crucificação

V. 8. Quando ouviu essas palavras, Pilatos temeu ainda mais. — 9. E, entrando de novo no pretório, perguntou a Jesus: Donde és? Jesus, porém, não lhe deu resposta. — 10. Disse-lhe então Pilatos: Não me respondes? Não sabes que tenho poder para te mandar pregar numa cruz e que tenho poder para te soltar? — 11. Respondeu-lhe Jesus: Nenhum poder terias sobre mim, se te não fosse dado do Alto. Por isso é que aquele que a ti me entregou se tornou culpado de um pecado maior. — 12. Dali por diante, procurava Pilatos um meio de soltá-lo. Mas os Judeus clamavam: Se soltas esse homem, não és amigo de César, pois todo aquele que se faz rei se declara contra César. — 13. Ouvindo essas palavras, Pilatos trouxe Jesus para fora do pretório e se sentou em seu tribunal, no lugar chamado em grego *Litóstrotos* e em hebraico *Gabata*. — 14. Era o dia da preparação da Páscoa, quase à hora sexta. Disse ele aos Judeus: Eis aí o vosso rei. — 15. Eles, porém, clamavam: Tira-o, tira-o do mundo. Crucifica-o. Pilatos lhes disse: Pois hei de crucificar o vosso rei? Responderam os príncipes dos sacerdotes: Não temos outro rei senão César.

N. 61. Também estes versículos não precisam de comentários. A narrativa de João, como já o temos dito, não deve ser insulada das outras três, *porquanto* elas se explicam e completam mutuamente.

Chamamos apenas a vossa atenção para esta resposta de Jesus a Pilatos:

Nenhum poder terias sobre mim, *se te não fosse dado do Alto. Por isso é que* aquele que a ti me entregou se tornou culpado de um *pecado maior*.

Jesus se refere à posição de Pilatos e à de Judas.

Judas tinha querido, como sabeis, desempenhar uma missão em que veio a falir, ao passo que Pilatos encarnara na ignorância dos acontecimentos que iam ocorrer, em condições, portanto, de seguir as suas tendências, *sem haver assumido compromissos*. A pedido seu, feito antes de encarnar, fora-lhe concedido ocupar uma posição importante. Tinha aquele fim a encarnação que escolhera.

Certamente que sobre Jesus ele nenhum poder teria tido, se o que naquele momento sucedia não estivesse dentro das condições a que tinha de obedecer a missão do Mestre.

O poder lhe havia sido dado do Alto, porque pelo Senhor é que lhe fora concedida a posição importante que ele ocupava e em virtude da qual o Mestre se achava em suas mãos. E Jesus estava em suas mãos, porque, tendo chegado a hora do sacrifício do Gólgota, para que esse sacrifício se consumasse, ele fora voluntariamente para o horto onde sabia que seria preso, onde cumpria que se deixasse prender, testemunhando o seu poder, antes que a prisão se houvesse efetuado, com o fazer que os guardas caíssem por terra.

NOTA DA EDITORA — Sobre os acontecimentos, recomendamos a leitura das obras — *Há Dois Mil Anos e 50 Anos Depois*, recebidas mediunicamente por Francisco Cândido Xavier. — W.

CAPÍTULO XIX

Vv. 16-22

Jesus é entregue aos Judeus. — É conduzido ao Calvário. — Crucificação. — Inscrição feita por Pilatos e colocada no alto da cruz

V. 16. Então Pilatos lhes entregou Jesus para ser crucificado. Eles, pois, o tomaram e levaram. — 17. E, carregando a sua cruz, veio ele ao lugar que se chama Calvário e em hebreu *Gólgota*; — 18, onde o crucificaram e com ele dois mais, um de um lado, outro de outro lado, e no meio Jesus. — 19. Pilatos fez também uma inscrição, que mandou colocar no alto da cruz e na qual estavam escritas estas palavras: *Jesus Nazareno, rei dos Judeus*. — 20. Muitos Judeus leram esta inscrição, porquanto o lugar onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade e a inscrição estava escrita em hebreu, em grego e em latim. — 21. Os príncipes dos sacerdotes disseram então a Pilatos: Não ponhas — rei dos Judeus, mas — que se disse rei dos Judeus. — 22. Pilatos lhes respondeu: O que escrevi, está escrito.

N. 62. Já explicamos, comentando os três primeiros Evangelhos, a significação destes fatos, com relação aos quais também não deveis isolar a narrativa de João das de Mateus, Marcos e Lucas, que todas se explicam e completam mutuamente.

Recusando modificar a inscrição, que compusera por inspiração, se bem que desta não tivesse consciência, Pilatos obedecia a um sentimento de orgulho, que lhe não consentia retroceder do que decidira.

CAPÍTULO XIX

Vv. 23-27

As vestes. — A túnica. — A Virgem e João ao pé da cruz. — Palavras de Jesus a Maria e a João

V. 23. Os soldados, tendo-o crucificado, tomaram de suas vestes e as dividiram em quatro partes, uma para cada soldado. Tomaram também da túnica, mas, como não tivesse costura e fosse tecida de alto a baixo, — 24, disseram entre si: Não a rasguemos: deitemos sorte para ver quem a terá; a fim de que se cumprisse esta palavra da Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes; deitaram sorte sobre a minha túnica. E, efetivamente, os soldados assim fizeram. — 25. Entretanto, estavam junto à cruz a mãe de Jesus e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cleofas, e Maria Madalena. — 26. Jesus, vendo sua mãe e ao lado dela o discípulo a quem ele amava, disse a sua mãe: Mulher, eis ai teu filho. — 27. Depois, disse ao discípulo: Eis ai tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a tomou ao seu cuidado.

N. 63. Nenhuma importância tem o fato relativo à túnica, que, segundo o uso, era feita de um tecido de fabricação humana. A singularidade notada nela, pelos que entre si repartiram as vestes de Jesus, proveio de uma influência magneto-espírita, que os impediu de ver as costuras da fazenda, supondo-a inconsútil.

A narração evangélica diz porque isso se deu. Foi "para que se cumprisse a palavra da Escritura."

O ato de Jesus recomendando João a Maria: "*Mulher, eis ai teu filho*" e recomendando Maria a João: "*Eis ai tua mãe*", foi um último testemunho palpável da sua solicitude pelos encarnados e uma homenagem aos sentimentos que devem animar os filhos com relação aos pais; que devem ligar, por meio da adoção, os membros da grande família humana.

CAPÍTULO XIX

Vv. 28-37

Palavras de Jesus. — Jesus morre, no entender dos homens. — Ossos não quebrados. — Lado aberto

V. 28. Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava cumprido, disse, a fim de que se cumprisse uma outra palavra da Escritura: Tenho sede. — 29. Como estivesse ali um vaso cheio de vinagre, os soldados ensoparam no vinagre uma esponja, ataram-na a um hissopo e lha chegaram à boca. — 30. Jesus, tendo tomado o vinagre, disse: Tudo está consumado; e, deixando pender a cabeça, rendeu o Espírito. — 31. Os Judeus, para que os corpos não ficassem na cruz em dia de sábado, pois que estavam na véspera desse dia, na preparação para o sábado, que era dia de grande solenidade, pediram a Pilatos que lhes mandasse quebrar as pernas e tirá-los de lá. — 32. Vieram pois soldados que quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fora crucificado. — 33. Depois, tendo vindo fazer o mesmo a Jesus, como vissem que já estava morto; não lhe quebraram as pernas. — 34. Um dos soldados, porém, lhe abriu o lado com uma lança e logo dali saíram sangue e água. — 35. E aquele que o viu dá disso testemunho e o seu testemunho é verdadeiro. E ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis, — 36, porquanto estas coisas foram feitas para que se cumprisse esta palavra da Escritura: Não lhe quebrareis osso algum. — 37. E também diz a Escritura noutro lugar: Verão o que traspassaram.

N. 64. Para que uma palavra da Escritura se cumprisse, Jesus diz: "*Tenho sede.*" Aquele, a quem fora ordenado que quebrasse as pernas aos crucificados, não quebrou as de Jesus e um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança. Também tais coisas se deram, declara a narração evangélica, para que se cumprisse estas outras palavras da Escri-

tura: "Não lhe quebrareis osso algum; *verão o que traspassaram.*"

Tudo se encadeia nas revelações sucessivas e progressivas, nos acontecimentos, bem como nos progressos da humanidade. A Escritura é um laço que liga sempre o passado, o presente e o futuro, quanto ao ensino progressivo e gradual da verdade, sempre relativa aos tempos e às necessidades de cada época e dada sempre na medida do que o homem pode suportar e compreender, debaixo do véu que a cobre e que se vai rasgando à proporção que o Espírito se eleva.

Já dissemos, comentando os três primeiros Evangelhos: Jesus não bebeu o vinagre. E, a esse respeito, demos todas as explicações necessárias.

Convindo que os homens acreditassem ser realmente humana a natureza que lhe atribuíam e sendo, sobretudo, necessário que essa crença se mantivesse após o seu reaparecimento, cumpria que seus atos e palavras, por ocasião do sacrifício do Gólgota, fossem de molde a justificar essa crença, como foram antes da consumação desse sacrifício e depois de verificado o fato que se chamou a sua "ressurreição". Convinha que tal se desse, porque aquela crença constituía uma condição e um meio de aceitação e de êxito da sua missão terrena, uma garantia dos frutos que ela havia de produzir naquele momento e no futuro. Constituía condição e meio transitórios, mas previamente necessários, de efetuar-se, sob o império e o véu *da letra*, a capa *do mistério* e o prestígio do *milagre*, o progresso da humanidade, que, até aos tempos atuais da era nova, mais não poderia suportar nem compreender e que só nos dias de hoje, ainda, então, muito distantes, estaria apta a receber, pela nova revelação a explicação, *em espírito e verdade*, do que Jesus disse e fez.

Quanto às últimas palavras que ele pronunciou do alto da Cruz, também já as revelamos nos comentários sobre os três primeiros Evangelhos

(págs. 459-465 do 3^o tomo). Nada mais temos que acrescentar.

Dentre os soldados que receberam o encargo de quebrar os ossos dos supliciados, o que tomou a si essa tarefa e a executou era um admirador de Jesus, mas que, por temor, ocultava seus sentimentos. Não quis, portanto, praticar com o corpo do Mestre, que ele acreditava estar bem morto, um ato que os Romanos, como outros povos da antiguidade, consideravam infamante. Quando mesmo, porém, aquele soldado não se houvesse abtido, por impulso próprio, de levar a efeito, no corpo de Jesus, a missão de que fora incumbido, teria sido desviado da prática do ato infamante, por meio da influência magneto-espírita, que lhe inspiraria o pensamento e a resolução de o não executar, por inútil, em um corpo que, *a seus olhos*, já era cadáver.

Um dos soldados, diz a narração evangélica, varou o *lado* do corpo de Jesus com uma lança e *logo dali saíram sangue e água*. Do ponto de vista em que vos mostramos Jesus, fazendo-vos a revelação, *em espírito e verdade*, da sua origem e da sua natureza extra-humana, da sua posição espírita com relação a Deus e ao planeta terreno, esse fato nada tem de espantoso. Jesus que, *no entender dos homens*, estava morto, deixara na cruz o seu corpo fluídico em estado de tangibilidade e com todas as aparências da morte humana, conservando reunidos, pela ação da sua potente vontade, os elementos que o constituíam. Aquele sangue e aquela água que lhe saíram do lado, logo após o lançamento, foram um efeito fluídico, idêntico, na aparência, *para os olhares dos homens*, ao efeito material que o golpe produziria num corpo humano.

Estas palavras da Escritura: *Verão o que traspassaram*, têm uma acepção geral. O pensamento que encerram é todo de ordem espiritual.

Os homens teriam de vê-lo, pelo pensamento, a ele, a vítima voluntária do Gólgota.

Os discípulos, após a sua "ressurreição", teriam

de vê-lo e de haurir, nas suas aparições e nas marcas daquele sacrifício, a confirmação da fé que possuíam e a força necessária para espalhá-la, não obstante as perseguições e mesmo diante do suplício extremo.

Essas palavras da Escritura eram também palavras ditas para ser compreendidas no futuro pelos soldados que haviam sido os instrumentos do sacrifício, bem como por todos os que a ele assistiram, ou o provocaram e fizeram que se consumasse. Todos, com efeito, são chamados a assistir ao segundo advento de Jesus, nos tempos por ele preditos. Mas, então, tantas encarnações terão passado sobre esses fatos, que a dolorosa lembrança deles se lhes terá atenuado pela reparação.

Não creiais que os que condenaram a Jesus sejam tidos por mais culpados do que os que condenaram Sócrates a beber cicuta ou que lapidaram os primeiros mártires. O crime é proporcional à inteligência daquele que o comete. Se, entre os fariseus, os principais Judeus e os príncipes dos sacerdotes houve muitos que condenaram o Justo conscientemente, para servir a baixos interesses humanos, também houve muitos que, Espíritos atrasados, acompanharam a corrente por ignorância.

Entre os que vivem e ainda discutem sob o domínio *da letra* e consideram a Jesus como tendo estado sujeito à morte, do mesmo modo que os homens do nosso planeta, revestido, como estes, de um envoltório humano material, muitos há que, incapazes de compreender e explicar a reaparição do mesmo Jesus chamada "ressurreição", pretenderam que ele não estava morto no Gólgota e que a prova disso é o fato de lhe haverem saído sangue e água do lado atingido pelo lançaço.

Nada disto tem objeto nem valor, diante da nova revelação referente à origem e à natureza de Jesus. E a explicação que vimos de dar é a única digna de prender a atenção dos homens.

Aos que tal pretendem, e *colocando-vos no seu ponto de vista*, podeis fazer notar que Jesus acabava de exalar o último suspiro e que o golpe de lança foi na região do corpo que, *pela sua mesma posição e pelo gênero da morte que se dera*, conserva mais calor e, conseguintemente, vida animal. Nada, pois, de surpreendente haveria em que o sangue, mesmo que fosse sangue humano, estivesse ainda suficientemente líquido para se apresentar nos bordos da ferida, separando-se das partes aquosas que contém e que dele se dissociam ao dar-se a coagulação.

A que resultado poderia semelhante opinião conduzir, perguntamos, *colocados sempre no ponto de vista dos que a sustentam?*

Pretenderão que o corpo do Mestre tenha sido depositado, cheio de vida, no sepulcro e que, havendo os esforços de alguns homens conseguido facilmente remover a pedra que fechava a entrada da gruta, ele haja podido sair de dentro desta?

Mas, por quem, em que momento, obedecendo a que intuítos, a que interesses, por que motivo e com que fim teria sido praticada essa fraude, da qual Jesus necessariamente seria cúmplice?

Como é que tais homens, que ninguém diz quais foram, houveram podido, durante a execução do trabalho de remover a pedra, de retirar o corpo, de chamá-lo à vida, escapar à vigilância ativa que ocultamente exerceram, no Gólgota e, depois, em torno do sepulcro, os príncipes dos sacerdotes, os maiores dos Judeus, os fariseus, todos sabedores de que a ressurreição predita, anunciada, devia dar-se ao terceiro dia, ressurreição que consideravam impossível de verificar-se, senão como fruto de uma impostura, de uma fraude, mediante a subtração do corpo por mãos humanas?

Como teriam podido escapar àquela vigilância oculta, que havia de exercer-se até ao momento em que, passado o sábado, pudessem os sacerdotes

chumbar a pedra e pôr de guarda ao corpo, no sepulcro assim selado, os soldados romanos?

Porventura, esses, que, destruindo a auréola que brilhava em torno de Jesus, nem por isso deixam de reconhecer nele um homem superior pela sua inteligência e, sobretudo, *pela pureza de seus sentimentos*, admitem que, de um lado, houvesse ele, como homem, podido renunciar à propaganda que empreendera e, de outro, fazer-se *cúmplice de uma felonía*?

Acresce que, a um homem como vós outros, a um homem do povo, sem educação, sujeito às fraquezas da humanidade, aos preconceitos do seu tempo, seria necessário, não só um grande discernimento, um extraordinário conhecimento dos homens, mas também a ciência, a presciência do futuro, para prever a influência que o seu desaparecimento exerceria sobre a credulidade dos homens da época e, daí, sobre a moral das gerações porvindouras.

Dado que houvessem podido remover a pedra, como teriam logrado os que praticassem a subtração do corpo, desde que o tivessem reanimado, preservar a Jesus dos ataques da malevolência?

Fora preciso que ele depositasse uma grandíssima confiança nos que, em tal caso, seriam *seus cúmplices na fraude*, para estar certo de que não haveria entre eles um segundo Judas, não obstante a avultada recompensa que qualquer deles seguramente podia esperar dos príncipes dos sacerdotes, dos Judeus mais eminentes e dos fariseus, se afirmasse e provasse que mãos humanas tinham subtraído o corpo. Porque, a ninguém é lícito admitir que a *semelhante felonía* se prestassem homens puros e virtuosos, do mesmo modo que não o é aceitar pudesse Jesus, que, pelas suas palavras e pelos seus exemplos de pureza e de virtude, mostrou ser o modelo divino, encerrar com uma fraude a sua missão superior, a sua vida sem mácula!

Já vos mostramos, porém, comentando os três primeiros Evangelhos (págs. 473-476 e 493-504 do

3º tomo), que o corpo estava na gruta quando os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, com os soldados romanos destacados para montarem guarda ao sepulcro, foram selar, chumbando-a, a pedra que lhe fechava a entrada; — que o desaparecimento do corpo, por efeito de uma "ressurreição", *em espírito e verdade e de acordo com as leis da natureza*, não é possível nem explicável, senão conformemente à revelação que vos foi e é agora enviada por Deus e que vos temos feito em nome e da parte do Mestre, sobre a sua origem e a sua natureza *estranhas à* humanidade do vosso planeta, sobre a *natureza* do corpo que ele tomou, sobre a constituição desse corpo e as condições em que se formou, a fim de ele aparecer na Terra e estar entre os homens, corpo que, repetimo-lo mais uma vez, com a aparência de um corpo humano, era fluídico, de natureza perispirítica, tornado tangível, para ser percebido pelos homens, de maneira tal que houvesse, da parte destes, ilusão completa, *como devia acontecer*, e sabeis já porque e com que fim. Era um corpo compatível, harmônico *com a natureza espiritual* de Jesus, formado segundo as leis que presidem à formação dos corpos nos mundos superiores, mas apropriadas essas leis ao vosso *planeta*, aos fluidos nele ambientes e que servem para a formação dos seres humanos. Era, pois, um corpo também relativamente de harmonia *com esse planeta*.

Aqueles que rejeitam a revelação e os fatos evangélicos, a luz e a ciência espíritas, a nova revelação, que vem explicar e tornar compreensíveis, *em espírito e verdade*, as palavras e os atos do Mestre, sua origem e natureza espirituais, a natureza do corpo que ele tomou, ele, puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada, para desempenhar entre os homens a sua missão superior de Messias, fundador, protetor e governador da Terra e da humanidade terrena; — àqueles que procuram *demolir, destruir, sem poderem substituir* o que destruíam, repetimos o que já tivemos ocasião de dizer:

"Pobres cegos! Tínheis uma luz imperfeita que *vos preparava* para uma viva claridade. Trabalhais por apagá-la e mergulhais nas trevas!

"Pobres cegos! Amontoais as pedras que arrancais desse edifício que o perpassar do tempo abalou e que se tornou *insuficiente*, pois que *a letra* agora mata e soou a hora *do espírito que vivifica*, e não vos apercebeis de que, descurando de lhes dar o emprego que elas devem ter em a nova edificação, construíis para vós mesmos um túmulo, onde profundas trevas vos envolverão!

"Tratai de repelir essa demência que vos ganha e descerrai os olhos. Julgando-vos iludidos *pelo passado*, negais *o futuro* e despedaçais *o presente*. Que quereis então?"

CAPÍTULO XIX

Vv. 38-42

O corpo de Jesus é depositado no sepulcro

V. 38. Depois disto, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, mas às ocultas, por temor dos Judeus, pediu a Pilatos que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. Tendo-lhe Pilatos concedido, ele veio e tirou o corpo de Jesus. — 39. Nicodemos, aquele que da primeira vez fora ter com Jesus durante a noite, veio também trazendo cerca de cem libras de uma composição de mirra e áloes. — 40. Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com aromas, segundo a maneira de sepultar os mortos em uso entre os Judeus. — 41. Ora, havia no lugar em que Jesus fora crucificado um horto e nesse horto um sepulcro novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. — 42. Aí, como fosse o dia da preparação do sábado dos Judeus e o sepulcro estivesse perto, depositaram a Jesus.

N. 65. Estes fatos não exigem comentário algum.

A narrativa que deles faz João e as dos três outros evangelistas se explicam e completam reciprocamente. João não se refere ao dono do sepulcro, porque isso nenhuma importância tinha e já fora dito quem era ele. O sepulcro, como dissemos anteriormente, pertencia a José de Arimatéia. Não vos detenhais em particularidades pueris.

CAPÍTULO XX

Vv. 1-18

Madalena vai ao sepulcro e comunica o que viu a Pedro e João e estes também vão lá. — Aparição dos anjos e de Jesus a Madalena

V. 1. No primeiro dia da semana, Maria Madalena veio ao sepulcro, de manhã cedo, quando ainda estava escuro, e viu que a pedra havia sido tirada do sepulcro. — 2. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava e lhes disse: Tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram. — 3. Pedro saiu logo e o outro discípulo também e foram ao sepulcro. — 4. Corriam juntos os dois, mas aquele outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. — 5. E, tendo-se abaixado, viu os lençóis que estavam no chão, mas não entrou. — 6. Chegou depois Simão Pedro que o seguia e entrou no sepulcro. Viu os lençóis que lá estavam, — 7, e o sudário que haviam posto sobre a cabeça de Jesus, o qual, porém, não estava junto com os lençóis e sim dobrado em um lugar à parte. — 8. Então o outro discípulo, que havia chegado primeiro, entrou também no sepulcro, viu e acreditou; — 9, pois que não sabiam ainda o que a Escritura ensina, que ele havia de ressuscitar dentre os mortos. — 10. E os dois discípulos voltaram em seguida para casa. — 11. Maria, porém, se conservou do lado de fora, perto do sepulcro, chorando. E como, a chorar, se abaixasse para olhar dentro do sepulcro, — 12, viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro aos pés. — 13. Eles lhe perguntaram: Mulher, porque choras? Ela respondeu: Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram. — 14. Tendo dito isso, voltou-se para trás e viu a Jesus de pé, mas sem saber que era ele. — 15. Perguntou-lhe então Jesus: Mulher, porque choras? a quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, lhe disse: Senhor, se foste tu que o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o levarei. — 16. Jesus lhe disse: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse: *Raboni*, que quer dizer — Mestre. — 17. Disse-lhe Jesus: Não me toques, pois

que ainda não subi a meu pai; mas vai ter com meus irmãos e dize-lhes de minha parte que subo para meu pai e vosso pai, para meu Deus e vosso Deus. — 18. Maria Madalena veio então comunicar aos discípulos que vira o Senhor e que ele lhe havia dito estas coisas.

N. 66. Sobre estes versículos já demos todas as explicações necessárias, ao comentarmos os três primeiros Evangelhos, coordenando a narração de João com as de Mateus, Marcos e Lucas. Reportai-vos a essas explicações. (Págs. 477-492 do 3º tomo.)

CAPÍTULO XX

Vv. 19-23

Aparição de Jesus aos apóstolos

V. 19. Pela tarde, porém, daquele mesmo dia, que era o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam reunidos os discípulos, de medo dos Judeus, veio Jesus e se pôs no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco. — 20. Dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos muito se alegraram vendo o Senhor. — 21. E ele lhes disse segunda vez: A paz seja convosco; assim como meu pai me enviou, também eu vos envio. — 22. Ditas essas palavras, soprou sobre eles e lhes disse: Recebei o Espírito Santo. — 23. Perdoados serão os pecados àqueles a quem os perdoardes e retidos àqueles a quem os retiverdes.

N. 67. Pelo que respeita à aparição de Jesus no meio de seus discípulos, estando, por medo dos Judeus, fechadas as portas do aposento onde se achavam reunidos e pelo que toca às provas que lhes deu para convencê-los da sua "ressurreição", já recebestes, nos comentários sobre os três primeiros Evangelhos (págs. 510-514 do 3º tomo), as explicações necessárias.

Por estas palavras: *"Assim como meu pai me enviou, também eu vos envio"*, Jesus exprime o seguinte pensamento: "Deus me encarregara de uma missão e eu a cumpri. Dei-vos uma: ide cumprila."

"Tendo pronunciado essas palavras, soprou sobre eles e lhes disse: "Recebei o Espírito Santo." Humanamente lhes deu um sinal visível da sua influência. Em realidade, comunicou-lhes a inspiração, outorgando-lhes o amparo e o concurso invisíveis dos Espíritos superiores que haviam de assisti-los em sua missão. Assim é que receberam o "Espírito Santo".

Depois de ter soprado sobre eles e de lhes dizer: "Recebei o Espírito Santo", foi que lhes prometeu, conforme vos explicamos comentando os três primeiros Evangelhos, *enviar-lhes* o "dom do pai", isto é, a manifestação espírita dos Espíritos superiores incumbidos de assisti-los na sua missão, sob a forma *visível* de línguas de fogo.

Quanto ao sentido, *em espírito e verdade*, destas palavras: "Perdoados serão os pecados àqueles a quem os perdoardes e retidos àqueles a quem os retiverdes", já vos foi dado, com todas as explicações necessárias, quando comentamos os três outros Evangelhos (págs. 166-170, 428-441 e 443 do 2º tomo). Dissemos e aqui repetimos: essas palavras se dirigiam *especialmente e taxativamente* aos discípulos. Animados de um zelo esclarecido, assistidos e inspirados pelos Espíritos do Senhor, eles tinham, eles, o poder de *ligar e de desligar*, de *remitir ou reter* os pecados, no sentido de que se achavam em condições de julgar da pureza ou da culpabilidade dos que lhes pediam seus conselhos. Justo, portanto, era o juízo que formavam. Nunca, porém, nenhum deles se arrogou o direito de julgar sem apelação, de absolver ou de condenar.

CAPÍTULO XX

Vv. 24-31

Aparição de Jesus a Tomé e aos outros discípulos. — Tomé vê e crê

V. 24. Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. — 25. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Ele, porém, lhes disse: Se eu não vir em suas mãos a marca dos cravos que as atravessaram e não meter o meu dedo nos buracos dos cravos e minha mão na chaga do seu lado, não o creerei. — 26. Oito dias depois, achando-se de novo os discípulos no mesmo lugar e Tomé com eles, veio Jesus, estando fechadas as portas, pôs-se no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco. — 27. Disse em seguida a Tomé: Mete aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega aqui a tua mão e mete-a no meu lado, e não sejas incrédulo, mas fiel. — 28. Respondeu Tomé: Meu Senhor e meu Deus! — 29. Disse-lhe Jesus: Tu creste, Tomé, porque me viste; bem-aventurados os que não viram e creram. — 30. Na presença de seus discípulos fez ainda Jesus muitos outros milagres, que não estão escritos neste livro. — 31. Estes, porém, são escritos, a fim de que creiais que Jesus é o Cristo, o filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome.

N. 68. Do mesmo modo que os outros discípulos, Tomé não conhecia a tangibilidade, sua existência, sua causa e seus efeitos.

Só se convenceu, vendo o Mestre aparecer no meio deles, *em o* lugar onde se encontravam reunidos a portas fechadas, e dar-lhe as provas que ele reclamara para acreditar que seus irmãos em Deus o tinham visto, para crer na sua "ressurreição".

Nestas palavras de Tomé: "*Meu Senhor e meu Deus*" há redundância, pleonasma. A mesma significação têm ambas as expressões. Exprimem o res-

peito, a admiração de que se viu presa diante do Mestre "ressuscitado". Seu pensamento se dirigiu a Deus, que só ele podia, ter operado tal "milagre".

Desde essa época germinou no Espírito de todos os discípulos, como no de Tomé e dos outros apóstolos, a idéia da divindade de Jesus. Não podendo explicar, pelos meios conhecidos, os fatos extraordinários, para eles "miraculosos", que às suas vistas se produziam, os homens foram levados a atribuir a Jesus um poder que só atribuíam a Deus, a lhe atribuir, conseguintemente, a divindade.

Reportai-vos ao que dissemos ⁴¹ sobre essa divindade que foi atribuída ao Mestre, de quem a revelação atual vos faz conhecer, em espírito e verdade, a origem e a natureza espirituais e extra-humanas e a posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta, explicando-vos todos os fatos chamados "milagres".

Estas palavras de Jesus: "Tu creste, Tomé, porque me viste; bem-aventurados os que não viram e creram", se aplicavam aos homens daquela época que, sem as exigências formuladas pela incredulidade daquele apóstolo e sem terem presenciado a aparição do Mestre, haviam crido na sua "ressurreição", por efeito unicamente das suas palavras e de Seus atos e do testemunho dos que o viram "ressuscitado".

Elas objetivavam fazer que os homens de então e as gerações futuras compreendessem que deviam prestar fé ao testemunho dos apóstolos, quando afirmassem a realidade da "ressurreição", fé que cumpria fosse cega até que os olhos se tornassem capazes de suportar a luz que a nova revelação faria brilhar.

Elas encerram um ensinamento, sobretudo para a era nova que começa e em que a fé e a ciência têm que se apoiar uma, na outra, esclarecendo a razão os caminhos.

⁴¹ Ver n. 1. Evangelho de João.

A fé, esclarecida, sólida, forte, durável, se obtém, não só pelo que podem perceber, materialmente os olhos do corpo, mas também pelo que percebam os olhos do Espírito, com o auxílio do estudo e do exame aprofundados e suficientes, feitos do duplo ponto de vista teórico e experimental; com o auxílio do Espiritismo, que é, quanto à sua existência como uma das leis da natureza, a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal e que, na ordem das coisas providenciais, divinas, é o modo e o meio pelos quais Deus transmite aos homens a ciência espírita, os segredos de além-túmulo, a luz e a verdade, fazendo-lhes revelações sucessivas e progressivas, como as fez no passado e fará no futuro. Esse estudo e esse exame, porém, têm que ser praticados com amor e respeito ao Criador, sem idéias preconcebidas, com humildade, desinteresse, moralidade, sem outro móvel que não seja o amor à humanidade, o desejo ardente do progresso pessoal e coletivo.

Vimos de dizer que a fé e a ciência têm que se apoiar uma na outra. A ciência, inseparável da fé, não se reduz à ciência humana, aplicada unicamente à matéria e aos fluídos, do ponto de vista do progresso *material*. Abrange a indagação da verdade, na ordem física, na ordem moral e na intelectual, do ponto de vista do progresso *espiritual*. Abrange, portanto, a inteligência, *em espírito e em verdade*, das palavras, dos atos do Mestre e de suas promessas, na revelação messiânica, que os apóstolos e os evangelistas tiveram por missão espalhar e transmitiram aos homens. Porque, aí estão o princípio e a fonte de toda depuração, pela prática da moral que ele pregou, de todo progresso para os homens. Aí estão os meios de eles se elevarem e de, em consequência, verem rasgar-se pouco a pouco os véus que ainda cobrem a verdade.

A ciência, inseparável da fé, abrange o estudo e o conhecimento das leis naturais que regem o mundo *visível* e o mundo *invisível*, bem como as

relações entre um e outro; a instrução, que os homens precisam adquirir, acerca de seus destinos, do que podem e devem esperar. Abrange o estudo e o conhecimento das leis físicas e morais a que estão sujeitos o mundo e a criatura, que entendem com suas origens, com as fases de seus desenvolvimentos, com o fim que lhes é assinado e com as obrigações que têm de ser cumpridas para chegar-se a esse fim. Abrange o estudo e o conhecimento da ciência magnética e da ciência espírita, destinadas a conduzir e fazer que os homens avancem pelas sendas do progresso e da verdade, esclarecidos, conforme o predisse e prometeu o Mestre, nos tempos da era nova que começa, pela luz que o Espírito da Verdade lhes mostrará, tendo em suas mãos o facho da verdade e guiando-os em suas pesquisas, por intermédio dos mensageiros do Senhor, encarnados em missão, para desenvolver as crenças, ativar o progresso, realizar descobertas novas, de ordem espiritual, material e fluídica.

Far-vos-emos notar, ao concluir, que João declara não ter ele relatado tudo em a sua narração evangélica, aludindo assim às dos três outros evangelistas; mas, que o que escreveu foi para firmar a fé dos homens na missão de Jesus, como sendo o Cristo, o Messias predito e prometido, como sendo o filho de Deus, vós o sabeis, pela sua pureza e pelo seu saber, e para que os homens, caminhando pela estrada que ele traçou com a sua moral, seus ensinamentos e exemplos, cheguem, pela depuração e pelo progresso, à vida permanente que só a perfeição lhes pode dar, libertando-os da matéria e de suas influências.

CAPÍTULO XXI**Vv. 1-25**

Aparição de Jesus à margem do mar de Tiberíades. — Pesca chamada "milagrosa". — Amor de Pedro a Jesus. — Jesus lhe confia suas ovelhas e lhe prediz seu martírio, abstendo-se de dizer o que será feito de João

V. 1. Jesus tornou a mostrar-se depois a seus discípulos às bordas do mar de Tiberíades. Mostrou-se deste modo: — 2. Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam reunidos. — 3. Simão Pedro disse: Vou pescar. Disseram-lhe os outros: Vamos também contigo. Partiram, pois, e entraram numa barca, mas naquela noite nada apanharam. — 4. Ao amanhecer, Jesus apareceu na praia, sem que seus discípulos conhecessem que era ele. Disse-lhes então Jesus: — 5. Filhos, tendes alguma coisa para comer? Responderam-lhe eles: Não. — 6. Disse-lhes Jesus: Lançai a rede do lado direito da barca e achareis. Eles a lançaram imediatamente e quase a não podiam retirar, tão carregada estava de peixes. — 7. Então o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. E Simão Pedro, tendo ouvido que era o Senhor, vestiu a túnica (pois que estava nu) e atirou-se ao mar. — 8. Os outros discípulos vieram na barca; e, como não se achavam distantes da terra mais do que uns duzentos côvados, puxaram a rede cheia de peixes. — 9. Logo que saltaram em terra, acharam brasas acesas, peixe em cima delas e pão. — 10. Disse-lhes Jesus: Trazei alguns desses peixes que acabastes de apanhar. — 11. Então Simão Pedro subiu à barca e arrastou para terra a rede cheia de cento e cinqüenta e três peixes grandes. E, embora fossem tantos, a rede não se rompeu. — 12. Jesus lhes disse: Vinde, jantai. E nenhum dos que se puseram a comer ousava perguntar-lhe: Quem és tu? pois sabiam que era o Senhor. — 13. Veio então Jesus, tomou do pão e lhes deu e fez o mesmo com o peixe. — 14. Essa foi a terceira vez que Jesus apareceu a seus discípulos, após haver

ressurgido dentre os mortos. — 15. Depois de terem jantado, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu me amas mais do que os outros? Pedro lhe respondeu: Sim, Senhor, sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. — 16. Perguntou-lhe outra vez: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro respondeu: Sim, Senhor, sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. — 17. Perguntou-lhe terceira vez: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro, tocado por lhe perguntar ele terceira vez: tu me amas? respondeu: Senhor, tu sabes todas as coisas; sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas. — 18. Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e ias aonde querias, mas quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres. — 19. Ora, ele disse isto para indicar por que morte havia Pedro de glorificar a Deus. E, depois de ter assim falado, disse-lhe: Segue-me. — 20. Pedro, voltando-se, viu que o seguia o discípulo a quem Jesus amava e que, durante a ceia, estivera recostado sobre o seu peito e lhe perguntara: Senhor, quem é o que te trairá? — 21. Pedro, pois, tendo-o visto, perguntou a Jesus: E este, Senhor, que será feito dele? — 22. Jesus respondeu: Se quero que ele fique até que eu venha, que te importa? Segue-me tu. — 23. Correu, logo, a este propósito, entre os irmãos, o rumor de que aquele discípulo não morreria. Jesus, entretanto, não dissera: Ele não morrerá; mas: Se quero que ele fique até que eu venha, que te importa? — 24. Esse mesmo discípulo é o que dá testemunho destas coisas e que escreveu isto; e sabemos que é verdadeiro o seu testemunho. — 25. Muitas outras coisas, porém, fez Jesus, as quais, se fossem referidas uma por uma, creio que o mundo todo não poderia conter os livros que se escrevessem.

N. 69. Os fatos constantes deste capítulo, como tudo o que forma a sua narrativa evangélica, são relatados pelo apóstolo João. Simplesmente, em vez de escrevê-lo de seu punho, ele o ditou a um de seus discípulos. Por erro dos tradutores é que no v. 24 a palavra *ditado foi* substituída pela palavra *escrito*. O texto original rezava o seguinte: "Esse mesmo discípulo é o que dá testemunho destas coi-

sas e que *ditou* isto; e sabemos que é verdadeiro o seu testemunho."

Os fatos referidos neste capítulo o apóstolo João os contou a seus discípulos, quando a sua avançada idade já lhe não permitia escrever. E um desses discípulos escreveu o que ele ditou. Assim é que, com razão, tais fatos foram colocados em continuação da sua narrativa evangélica e como fazendo parte desta.

Conforme aí se vos diz, a aparição de Jesus aos discípulos à margem do mar de Tiberíades foi a terceira. Nos comentários aos três primeiros Evangelhos (págs. 516-517 do 3º tomo) explicamos em que circunstâncias ela se deu.

A presença de Jesus "ressuscitado" impressionava vivamente os discípulos e as aparições, tanto a estes como às mulheres, tinham que, em seu conjunto, servir àquele momento e ao futuro, até aos vossos dias; tinham que preparar a base, os elementos e os meios necessários à revelação vindoura, predita e prometida, do Espírito da Verdade.

Em face do *que veladamente* o Mestre dissera acerca, da sua origem e da sua natureza, acerca, do poder que tinha de deixar a *vida* e de a retomar à sua, vontade, sem que ninguém lha tirasse, deixando-a ele por si mesmo, e acerca do fato de haver o seu corpo desaparecido do sepulcro, aquelas aparições tinham que servir para que, pela revelação atual, fossem explicadas, *em espírito e verdade*, o que os *homens chamaram* a "sua morte", a "sua ressurreição" e, conseqüentemente, o modo por que se deu o seu aparecimento na Terra e, assim, a sua origem e a sua natureza extra-humanas.

Por isso mesmo Jesus ainda se manifestou a seus discípulos sob uma aparência humana que lhes não permitiu a princípio conhecer que era ele.

Uma vez lançada a rede, conforme lhes fora prescrito, ao ver que quase já não mais a podiam retirar, tão carregada estava de peixes, João, não podendo atribuir esse fato "*miraculoso*" senão a

Jesus, disse a Pedro: "*É o Senhor.*" Esse pensamento, expresso por João, dominou o Espírito dos discípulos quando foi retirada a rede cheia de cento e cinqüenta e três peixes e Jesus lhes disse: "*Vinde e jantai.*" Diante daquela pesca "*milagrosa*", ficaram convencidos de que quem ali estava era o Mestre, mas, perturbados, não ousavam perguntar: Quem és tu ?

Só no momento em que tomou do pão e do peixe e os distribuiu com eles foi que Jesus se lhes apresentou com a figura que lhes era familiar e que eles o reconheceram, ouvindo, depois de terem jantado, aquela voz que tanto conheciam, quando o Mestre falou a Pedro.

Sabeis como se operou essa manifestação, que exclui a "ressurreição" com um corpo material humano, qual os vossos.

As explicações, que recebestes nos comentários aos três primeiros Evangelhos, relativas às aparições aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús e a Maria Madalena, bastam. A ciência espírita fornece a explicação desse fenômeno de aparições produzido por Jesus com o corpo fluídico, de natureza perispírita, apto a longa tangibilidade, que ele tomara para cumprir a sua missão terrena, corpo esse de harmonia com a sua natureza espiritual e em relativa harmonia com o vosso planeta.

Quanto à pesca *tida por "milagrosa" pelos discípulos*, explica-se naturalmente, como a primeira em que tomaram parte Pedro e André, seu irmão, Tiago e João, filhos de Zebedeu. A esse respeito já tivestes as explicações necessárias no 1º tomo, n. 71, págs. 382-386.

Dizendo a Pedro o que consta dos vv. 15, 16 e 17, Jesus determinou a parte que cabia a esse apóstolo nos trabalhos de guiar os primeiros passos do Cristianismo. Dirigiu-se, porém, a *Pedro* especialmente e não aos que deram, à sua missão apostólica o caráter de *um governo sucessivamente transmissível*.

Reportai-vos ao que vos dissemos (págs. 433-438 do 2º tomo) acerca do verdadeiro sentido destas palavras de Jesus a Pedro: "Tu és pedra e sobre esta pedra edificarei a minha igreja. Tudo o que ligares na Terra será ligado no céu e tudo o que desligares na Terra será desligado no céu."

Jesus prediz a Pedro (vv. 18-19) seu martírio e o gênero de morte que o espera, proferindo estas palavras veladas: "*Segue-me*". Pedro tinha de *seguir a Jesus*, pois tinha que ser *crucificado*.

Quanto à resposta que lhe deu o Mestre (vv. 20-23) e que, tomada em sentido material e ao pé *da letra*, fez supor — ingenuidade dos tempos — que João não morreria até que o Mestre voltasse, na época predita do "fim do mundo", o que ela dava a entender é que cada um tem bastante com que se ocupar, vigiando seus próprios atos e preparando, enquanto pode, o seu fim, sem cuidar de perscrutar o futuro, para saber qual será o destino deste ou daquele. Tais o sentido e o fim destas palavras, intencionalmente evasivas e veladas: "*Se quero que ele fique até que eu venha, que te importa? Segue-me tu*", com que Jesus respondeu a esta pergunta de Pedro: *E este* (referindo-se a João), *Senhor, que será feito dele?*

A sorte futura de cada um dos apóstolos tinha que lhes permanecer oculta. Daí o cunho evasivo dessa resposta, cujo objetivo, *segundo o espírito que vivifica*, era, sob o véu *da letra*, predizer a Pedro qual a que o esperava e deixar ao mesmo tempo um ensino para os homens.

Era também uma lição dada àquele apóstolo.

Não vejais nestas ultimas palavras (v. 25): "Muitas outras coisas, porém, fez Jesus, *as quais, se fossem referidas uma por uma, creio que o mundo todo não poderia conter os livros que se escrevessem*", mais do que uma expressão exagerada, de que se serviu João, falando a seus discípulos, para lhes fazer compreender, *mediante uma figura* de linguagem, a grandeza das obras de Jesus.

OS MANDAMENTOS Explicados em espírito e verdade

DECÁLOGO

Deus, como sabeis, não se comunica *diretamente com os* homens.

Segundo, porém, a maneira de ver dos Hebreus, era o próprio Deus, sempre Deus, quem falava a Moisés. Era preciso que fosse assim.

Espírito elevado, com relação ao povo hebreu, que ele dirigia; médium, em certas circunstâncias, vidente, audiente, ou inspirado, e também de efeitos físicos, conforme aos casos e às necessidades da sua missão, Moisés se viu obrigado, para dar força e valor aos mandamentos que impunha aos Hebreus, para lhes gravar na memória e nos corações as ordenações e os estatutos que lhes eram indispensáveis naquela época, a cercar-se de todo mistério e de pompas que os impressionassem; a empregar fórmulas capazes de lhes infundir respeito.

Guiado por Espíritos que lhe eram superiores, previa alguns fatos que haviam de dar-se, descobria capacidades, que a multidão desconhecia, isto é, compreendia a ação espiritual sobre o homem e as faculdades materiais necessárias ao desenvolvimento dessa ação. Como sabeis, para que o médium possa operar, é preciso que se ache em determinadas condições fluídicas. Ele tinha a impressão dessas condições e antevia o papel que, *aos olhos dos Hebreus, elas* desempenhariam, verificando-se, primeiro, nele próprio, depois em outros. Mas, se dissera aos Hebreus: *Moisés vos anuncia; Moisés vos concita; Moisés vos ensina*, teria sido apupado, teria provocado o riso.

Do mesmo modo, para fortemente impressionar e abalar homens que ainda por longo tempo tinham de ser conduzidos pelo temor e pelo terror, para impor o respeito à lei que lhes era dada, foi

que no Sinai se produziu aquela formidável manifestação, que precedeu, acompanhou e se seguiu à promulgação do Decálogo e que o cercou de tanto mistério e de tão grande pompa. Dessa manifestação podeis inteirar-vos pelo que sabeis relativamente a efeitos semelhantes produzidos em todos os tempos e ainda agora.

Assim como as outras manifestações físicas de ordem material e de ordem inteligente, relatadas no Antigo Testamento, tudo o que a respeito da de que vimos tratando vos é aí referido foi obra dos Espíritos prepostos à produção de tal efeito.

Esses Espíritos provocaram ruídos mediante o choque de fluidos inflamáveis e desse modo fizeram que a multidão reunida no sopé do monte visse a aparência de um fogo ardente, do qual se desprendia um vapor inflamado, e produziram, como consta do *Êxodo*, XIX, vv. 16 a 19 e XX, v. 18, os efeitos físicos que ali se diz terem sido — *trovões, relâmpagos e uma caliginosa e densa nuvem que cobriu o monte, elevando-se-lhe do alto como se de uma fornalha*. Manejando fluidos sônicos, causaram o efeito físico "*do som de trombeta, que aumentava pouco a pouco e se tornava mais forte e mais agudo*".

A proibição aos Hebreus de transporem a barreira foi motivada pelo perigo, que alguns poderiam ocasionar, do rompimento das colunas de fluidos que se entrechocavam no monte, fato que daria lugar a acidentes semelhantes aos que resultam da passagem do raio.

Estas palavras ditas a Moisés (*Êxodo*, XX, v. 19): "Fala-nos tu mesmo e nós te escutaremos; mas que não nos fale Deus, para que não morramos", aludem ao ribombo "dos trovões", que a multidão tomava pela voz do próprio Deus.

Empregando e combinando fluidos tornados opacos, os Espíritos prepostos produziram — "*aquela obscuridade*" em que (segundo a expressão bíblica, *Êxodo*, XX, v. 22) *Deus estava*, isto é, em

que estava o Espírito superior, seu enviado, e em que Moisés, após a promulgação do Decálogo, foi receber desse enviado as instruções particulares, as ordenações, os estatutos, indispensáveis aos Hebreus naquela época.

As primeiras tábuas da lei, as quais Deus, com a sua presciência, sabia que seriam quebradas, escreveu-as o próprio Moisés, como médium mecânico e audiente, sob a influência espírita. Elas foram, pois, obra de Deus, por intermédio do Espírito superior enviado, Espírito que, invisível para Moisés, lhe fez ouvir as palavras dos Mandamentos, ao mesmo tempo que fazia com que ele os escrevesse *mecanicamente*, sob a impressão de que provinham do próprio Deus.

As segundas tábuas Moisés as escreveu também mecanicamente, debaixo da inspiração do Espírito superior enviado. Tão inconsciente, porém, ele se conservou dessa inspiração, que acreditou tê-las escrito "de memória e trazido aos Hebreus, gravadas e tais como se recordava que eram". Se, entretanto, houvera dito ao povo: "Lembrei-me das palavras gravadas nas primeiras tábuas e as reproduzi", teria feito que duvidassem da procedência delas e que desprezassem a lei. Para que tal não acontecesse foi que, inspirado pelos Espíritos superiores que o assistiam na sua missão, apresentou, crente de ser essa a realidade, as segundas tábuas como escritas, semelhantemente às primeiras, "pelo dedo de Deus" conforme à expressão bíblica. Moisés, no Sinai, acreditava estar em comunicação direta com o Senhor.

Lede com atenção, na linguagem oriental e apropriada aos tempos, aos povos, ao estado das inteligências e ao fim que se tinha em vista alcançar, a narrativa do que se refere à promulgação do *Decálogo*, ao que ocorreu às vistas do povo hebreu relativamente à preparação e ao fato dessa promulgação, ao que ocorreu para serem dadas a Moisés as instruções particulares que ele recebeu e

àquele povo, por seu intermédio, as ordenações e estatutos que lhe eram então indispensáveis⁴²; lede a narrativa do que se passou quando Moisés, tendo recebido as duas tábuas da lei, desceu do Sinai, avisado, pelo Espírito superior, dos atos de idolatria que se praticavam no acampamento⁴³; do que se deu em seguida, desde o momento em que ele atirou ao chão e quebrou as primeiras tábuas na falda do monte, até o em que deste desceu segunda vez trazendo as novas tábuas⁴⁴; e, se atentardes no que se acha dito acerca dos acontecimentos que precederam, prepararam e efetivaram a promulgação do *Decálogo* e acerca do que sucedeu para que Moisés entrasse no desempenho público da sua missão⁴⁵ e do que se seguiu⁴⁶, compreenderéis a necessidade que havia, de acordo com a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, de conduzir-se pelo terror aquele povo atrasado, indócil, sempre pronto a esquecer e desconhecer o seu Deus, a se subtrair à direção do seu enviado, profundamente imbuído dos prejuízos, das idéias politeístas, de tendências para a idolatria e no seio do qual se tinham que preparar o advento do Messias, os elementos e os meios apropriados ao desempenho da sua missão terrena e ao da missão dos apóstolos. Compreenderéis a necessidade que havia de serem os Hebreus, *segundo a sua maneira de entender, postos*, por intermédio daquele que os chefiava, em contacto com o seu Deus, sob as mãos do *próprio* Deus, do "Eterno", único eterno, "Senhor acima de todos os deuses, do Deus forte e cioso, que exerce vingança contra os que lhe desconhecem a lei, *que pune a iniquidade dos pais nos filhos na terceira e quarta gerações dos que o odeiam, que usa de misericórdia*

⁴² Êxodo, cap. XIX a XXVI e XXVIII a XXXI.

⁴³ Êxodo, cap. XXXII.

⁴⁴ Êxodo, cap. XXXIII e XXXIV.

⁴⁵ Êxodo, cap. II a XIX.

⁴⁶ Êxodo, cap. XXXV a XL.

na sucessão de mil gerações para com os que o amam e guardam seus mandamentos, seus preceitos."

Dar-vos-emos, dentro em pouco, ao explicarmos o segundo Mandamento do *Decálogo*, o verdadeiro sentido *destas últimas palavras que, tomadas à letra, seriam uma enormidade e que, segundo o espírito, em espírito e verdade, são a expressão sublime da justiça, e da bondade de Deus.*

Há um fato sobre o qual não devemos guardar silêncio e que, para os que lhe não sabem compreender nem explicar a necessidade, o motivo e o fim, conformemente à presciência e à sabedoria do Senhor, constitui uma monstruosidade. Esse fato, de que, mais tarde, sob o império da branda e pura lei de amor e caridade que o Cristo veio trazer aos homens, a ignorância, o fanatismo, a vertigem do poder e a ambição fizeram uma arma e um exemplo, é o do massacre que Moisés ordenou fosse feito, em nome do Senhor, dentro do acampamento hebreu, nas circunstâncias referidas no *Êxodo*, capítulo XXXII.

"Moisés, diz-se ali, vendo então que o povo ficara inteiramente nu (pois que Aarão o despojara por aquela abominação vergonhosa e o pusera todo nu no meio dos *seus inimigos*), parou à porta do acampamento e disse: Junte-se a mim todo aquele que for do Senhor. E, tendo-se reunido ao seu redor todos os filhos de Levi, disse-lhes ele: Eis o que diz o Senhor, o Deus de Israel: Ponha cada homem na cintura sua espada; passai e repassai através do campo, *de uma porta à outra*, e que *cada um mate seu irmão, seu amigo e aquele que lhe for mais chegado*. — Os filhos de Levi fizeram o que Moisés ordenara e houve cerca de três mil homens mortos esse dia. — Então Moisés lhes disse: *Tendes, cada um de vós, consagrado vossas mãos ao Senhor, mesmo matando vosso filho e vosso irmão, a fim de que a bênção de Deus vos seja dada.*" (*Êxodo*, cap. XXXII, vv. 25-29.)

Quando da encarnação daquela geração de homens, maior talvez do que na época atual era a

mistura dos Espíritos que revestiam o corpo carnal. A maioria deles tomara por missão manter na Terra e popularizar a idéia da unidade de Deus. Mas, sentindo-se demasiado fracos para perseverar, muitos haviam pedido que o curso da existência lhes fosse detido, caso faltassem aos seus compromissos.

Vimos de dizer: "*Sentindo-se demasiado fracos para perseverar.*" Sabeis, com efeito, que o Espírito, sobretudo o Espírito inferior, conserva por mais ou menos tempo, na erraticidade, os preconceitos, as opiniões, as idéias, os pendores, as tendências da sua precedente encarnação. De sorte que, quando se prepara para outras provas, tem que temer e teme que, em a nova existência terrestre, voltem a dominá-lo esses preconceitos, opiniões, tendências e pendores, contra os quais lhe cumpre lutar como encarnado.

Assim é que freqüentemente vedes entre vós mancebos, até crianças, que, apresentando indícios de más paixões, mostrando-se viciosos, mesmo em centros de depuração, vêm a ter cortado o fio de suas existências, a fim de que possam, por meio de reflexões e estudos feitos na erraticidade, adquirir a força que ainda lhes faltava. São Espíritos que pediram lhes fosse detido o curso da vida terrena, caso faltassem a seus compromissos.

Essa categoria de Espíritos é menos culpada. Peca mais por fraqueza do que por vontade. E a morte prematura, que eles pediram nessas circunstâncias, lhes auxilia o desenvolvimento, o progresso.

Entre os encarnados da geração a que nos estamos referindo, havia também uma categoria de Espíritos que tinham de expiar assassínios por eles cometidos (nessa época grosseira se praticavam tantos!) e que pediram aquela expiação para conseguirem, pela aplicação da lei de talião, depurar-se, reparar e progredir.

Os que tombaram mortos aos golpes dos levitas tiveram uma sorte prevista e por eles pedida, porquanto uns pertenciam à categoria dos que ha-

viam tomado por missão manter na Terra e popularizar a idéia *da unidade* de Deus e rogado que o curso da existência terrena lhes fosse detido, caso faltassem aos seus compromissos; pertencendo os outros à dos que, tendo de expiar assassinios por eles cometidos anteriormente, pediram aquela expiação e a sofreram.

Foi *assim* e nenhum golpe se perdeu, porque, *em circunstâncias tais*, como deveis compreender, os Espíritos protetores, prepostos a vigiar as provas e expiações de cada um, para que elas se cumprissem, impelindo os culpados ou dirigindo as espadas dos que acutilavam, faziam que aqueles recebessem o golpe que os prostraria. Deu-se ali o que se dá com a bala que deve ferir a *este ou àquele* e que segue a sua trajetória, mesmo quando toda a probabilidade era de que se perdesse.

Dissemos que os Espíritos prepostos a vigiar as provas e expiações de cada um, a fim de que elas se cumprissem, impeliam os culpados ou dirigiam as espadas dos que acutilavam, *no sentido* de que aqueles Espíritos, para que as provas e expiações se verificassem, atuavam sobre o culpado e sobre o que empunhava a espada: sobre um pela ação do magnetismo espiritual, sobre o outro por meio da inspiração e da ação fluídica. Aqui é que, considerando a Providência divina e a ação, sobre o homem, dos Espíritos prepostos, a obrarem debaixo da direção da presciência e da sabedoria infinitas de Deus, podeis dizer: "*O homem se agita e Deus o conduz.*"

Nada é sem motivo e sem objetivo. O que o homem muitas vezes encara como ato de uma vontade arbitrária, nunca é senão a *conseqüência do passado, ou a preparação do futuro.*

Assim, o massacre que Moisés ordenou em nome do Senhor teve por motivo e por fim: *de um lado*, deter o curso da existência terrena de alguns Espíritos, conformemente ao que eles pediram, nos termos e nas condições das provas escolhidas por uns e das expiações solicitadas por outros, provas

e expiações pelas quais todos tinham que passar, e não apenas fazer arbitrariamente vítimas perdidas, porquanto os que pereceram, repetimos, tiveram sorte prevista e pedida; *de outro lado*, impor, pelo terror, pelo medo, àqueles homens atrasados, indóceis, inclinados à idolatria, à revolta, sempre prontos a esquecer e desconhecer o seu Deus, a se subtrair à direção do enviado deste, absoluta submissão à vontade, aos mandamentos e preceitos divinos; fazer-lhes compreender a necessidade dessa submissão; forçá-los a caminhar, dóceis à voz de seu chefe, pelas sendas que lhes estavam traçadas e a desempenhar a tarefa providencial que lhes fora confiada na marcha do progresso da humanidade.

Moisés era, pois, um instrumento humano que, sob as inspirações dos Espíritos do Senhor que o assistiam na sua missão, obrava para que fosse detido o curso de provas que haviam falhado e se cumprissem determinadas expiações, fazendo que os que caíam aos golpes dos levitas sofressem a sorte por eles mesmos prevista e pedida. E, também, procedendo dessa maneira, preparava o futuro. Cada época, tem seus costumes e necessidades.

Não julgueis, portanto, do vosso ponto de vista e de acordo com os tempos em que viveis. Reportai-vos, com relação aos Hebreus, aos tempos, aos homens, aos preconceitos, às crenças, às condições que era indispensável se verificassem para que se executasse a obra que se tinha de executar naquela época e no futuro.

Desde aqueles tempos bárbaros e em outros nos quais a civilização e a inteligência já estavam muito mais apuradas, não há visto, pelo que toca a coisas de ordem humana, sempre que uma revolta explodiu, a dizimação de homens, para que, num exército, fosse mantida a disciplina, a submissão aos chefes incumbidos de comandá-lo?

Pelo que respeita às coisas de ordem religiosa,

não se hão feito freqüentemente, muito freqüentemente mesmo, massacres em nome de Deus?

Para terdes disso alguns dos numerosos exemplos que a história da vossa humanidade colheu, lembrai-vos das guerras religiosas, dos autos-de-fé espanhóis e por fim da carnificina do dia de São Bartolomeu.

Não são sempre os ministros do culto, por efeito da ignorância, do fanatismo, do abuso do poder, da ambição, impelindo os homens a se matarem reciprocamente, nas guerras religiosas, a fim de consagrarem eles suas mãos ao Senhor e atraírem as bênçãos de Deus? *matando eles* próprios, nos autos-de-fé espanhóis, em honra do seu Deus e para obterem suas graças?

E quais foram os instigadores do massacre de São Bartolomeu? Os sacerdotes, os servidores de Deus! Qual foi aí, como nas guerras religiosas, o móvel? A ambição, porém, não mais a de se engrandecerem aos *olhos de Deus*, e sim a de conservarem o poder.

Recordando estas fases da história do passado, estes massacres e guerras religiosas, não abrimos exceção a favor dos padres protestantes, que também excitaram seus rebanhos contra os católicos e igualmente mataram.

Uns, como os levitas de Moisés, matavam para provar que eram filhos de Deus! Aos outros, estes, como os protestantes, matavam para conquistar o poder; aqueles, como os católicos, para evitar que o poder lhes fosse arrebatado.

E então não havia, como ao tempo dos Hebreus, um enviado de Deus, qual Moisés junto do Sinai, falando em nome do Senhor e dizendo a seus levitas: "Eis o que diz o Senhor, o Deus de Israel"; e dizendo, depois de concluída a obra: "Consagrastes vossas mãos ao Senhor, mesmo matando cada um seu filho e seu irmão, a fim de que a bênção de Deus vos seja dada." Não; a necessidade, o motivo e o fim a que obedecera o ato de Moisés não exis-

tiam mais. Esses massacres, essas guerras religiosas, esses autos-de-fé, esse S. Bartolomeu foram obra humana da ignorância, do fanatismo, do abuso de poder, da ambição, que fizeram, do fato ocorrido ao pé do Sinai, por ordem de Moisés e pelo braço armado dos levitas, uma arma e um exemplo.

E porque esses massacres, essas guerras religiosas, esses autos-de-fé, esse S. Bartolomeu? Porque os homens da Igreja não quiseram compreender que a sua missão não consiste em fazer parar os que lhes estão confiados e obrigá-los a olhar para trás; mas, ao contrário, em impeli-los para diante, pela senda do progresso.

Se, por um lado, instigadores culpados de semelhantes carnificinas tiveram que sofrer longa e dolorosa expiação, por outro lado, os que nelas pereceram, bem como os que tombaram aos golpes dos levitas no campo israelita, não foram vítimas perdidas, porquanto, como já o temos dito e repetimos, nada ocorre que não seja conseqüência do passado e preparação do futuro, sob a influência e a ação dos Espíritos prepostos a vigiar pelas provas e expiações de cada um. Os que pereceram tiveram a sorte por eles prevista e pedida. Deus, mesmo com relação ao instante da morte de suas criaturas, nada espera do que, na ignorância em que vos achais assim das causas como dos fenômenos, *chamais o acaso*.⁴⁷

Vamos agora explicar-vos, *em espírito e verdade*, o *Decálogo*. Vamos dar-vos uma explicação, não relativa e restrita aos Hebreus, aos "Cristãos", mas geral, passível de aplicar-se a todos os povos e a todas as épocas. Podeis começar.

"Então fez Deus que se ouvissem estas palavras: "Eu sou o Eterno, o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito e da casa da servidão."

⁴⁷ Ver o que está dito, acerca do instante da morte, na explicação do quinto mandamento.

Deus, criador de tudo o que é, tirou do *nada* o Espírito (daqui a pouco explicaremos o sentido que deveis *atribuir a essa palavra tomada à linguagem humana*), para lhe dar o *ser*, o *pensamento*, a *personalidade*. Foi por sua vontade onipotente que o homem saiu das faixas da matéria, para ensaiar seus primeiros passos na senda espiritual. Foi ele ainda, o Senhor, quem lhe mostrou o caminho que o leva para fora da escravidão do pecado e da matéria, iluminando-o com o facho da verdade.

Povos da Terra, levantai os olhos! "A coluna luminosa", que vos há de guiar para fora da escravidão, que vos há de conduzir à pátria da liberdade, se move à vossa frente. O Espírito da Verdade acendeu o farol para o qual devem os vossos olhares voltar-se. Caminhai, caminhai sem descanso, pois tendes que chegar à "terra prometida" onde "correm o leite e o mel" da palavra de paz e de amor a Deus.

MOISÉS, ELIAS, JOÃO⁴⁸, MATEUS, MARCOS,
LUCAS, JOÃO
assistidos pelos Apóstolos.

Falando do Espírito, dissemos que Deus o tirara do "*nada*", para lhe dar o *ser*, o *pensamento* e a *personalidade*. O *nada*, na acepção humana em que empregais esse termo, não existe, é uma coisa sem sentido, do ponto de vista correlativo de Deus e da criação.

O *nada*, para o Espírito, é, espiritualmente, a inconsciência *do ser*. Assim, o princípio espiritual

⁴⁸ Conforme vos foi relatado e revelado no comentário sobre os Evangelhos, o Espírito que revestiu as três personalidades terrenas conhecidas pelos nomes de Moisés, Elias e João, filho de Zacarias e Isabel, e desempenhou as três missões correspondentes a essas personalidades, é o mesmo.

contido nos minerais e nos vegetais está *no nada*, com relação ao seu ser.

O *nada* da matéria propriamente dita é a volatilização dos princípios materiais que devem aglomerar-se para constituir, quer os planetas, quer os corpos. É assim que foi explicado haver Deus feito sair do nada, do caos, o mundo. Foi porque ele constituiu em um corpo as moléculas esparsas na imensidade.

*

PRIMEIRO MANDAMENTO

Não terás outros deuses diante da minha face.

Jeová é o Deus só e único, o Criador incriado, aquele que é, aquele de quem, por quem e em quem tudo é. Não desvie o homem do seu Criador o pensamento, para pô-lo na criatura e lhe render culto e homenagem devidas tão-somente ao Senhor, não porque ele seja um Deus cioso, mas porque o homem é um Espírito fraco, que facilmente se afasta do caminho e penosamente a este volta.

*

SEGUNDO MANDAMENTO

Não farás imagens esculpidas das coisas que estão em cima, nos céus, nem embaixo, sobre a terra, nem nas águas, sob a terra. — Não te prostrarás diante delas; não as adorarás, nem as servirás, porquanto eu sou o Eterno teu Deus, o Deus forte e cioso que puno a iniquidade dos pais nos filhos na terceira e na quarta gerações dos que me odeiam e que uso de misericórdia, na sucessão de mil gerações, com os que me amam e guardam meus mandamentos.

A unidade de Deus, sendo o princípio fundamental da fé, teve que ser salvaguardada pelos teólogos. As nossas palavras remontam até à origem da crença. Todos os que se achavam à frente do culto a possuíam firme, embora entre o povo espalhassem outra.

A idéia da *unidade* de Deus se perpetuou em todas as idades, no seio de todos os povos, ainda que sem o caráter de generalidade. Quer dizer, conquanto não fosse geral, era partilhada pelos espíritos intelectualmente mais adiantados, se bem menos virtuosos, que governavam os povos, quer como sacerdotes, quer como filósofos ou sábios.

A proibição de fazerem imitações das coisas criadas não implica, para os homens, a obrigação de se privarem de tais reproduções. Proibiu-se-lhes *apenas que se prostrassem diante delas e as servissem*, a fim de que a *unidade* do princípio criador fosse sempre mantida. Mas, os homens, materiais por natureza, tinham necessidade de representações materiais, para alimentar sua fé. Daí a adoração, o culto prestado ao que, desde a origem, não passava de representações sem importância, isto é, de simulacros colocados nos templos como ornatos. Transportai-vos ao templo de Salomão e, nos quatro cantos do altar, vereis anjos de asas espalmadas, outros voltados para o Oriente, para o Ocidente, *et cætera*. A representação artística e simbólica, não em interdita. *Era-o apenas o culto votado a essas representações.*

Moisés, naquela ocasião, lembrou aos Hebreus o poder de Deus, de quem era ele o representante, apresentando-o como "*forte e cioso*", isto é, sem admitir a partilha de seus direitos e com o poder de os fazer respeitar, não, porém, ferindo o inocente para punir o culpado até à terceira e à quarta gerações, nem concedendo graça aos culpados, através de mil gerações, por favor a um justo que houvesse servido de tronco a essa posteridade. Fraqueza da inteligência humana!

Essa punição, como essa misericórdia, verdadeiras monstruosidades se entendidas *segundo a letra*, são, *segundo o espírito*, a expressão sublime da justiça e, ao mesmo tempo, da bondade infinita de Deus. A explicação e a justificativa de compreender-se aquela sentença desse duplo ponto de vista,

achá-las-eis no princípio da reencarnação, que mostra o castigo a cair sempre, de gerações em gerações, sobre o Espírito culpado e a misericórdia sempre a descer, também de gerações em gerações, sobre o Espírito que se depura e progride para o bem.

Os Espíritos geralmente se agregam, formando categorias de seres similares. Ora, compreende-se que esposos culpados atraíam para o seu lar Espíritos pouco adiantados, dispostos a seguir os caminhos que eles trilham; do mesmo modo que os que observam as leis do Senhor e cuja posteridade há de ser cada vez mais virtuosa atraíam, de geração em geração, Espíritos cada vez mais adiantados.

Vimos de dizer: "Compreende-se que esposos culpados atraíam para o seu lar Espíritos pouco adiantados *dispostos a seguir os caminhos que eles trilham.*" Efetivamente, isso é bem compreensível. Antes de tudo, sabeis haver Espíritos que, pouco desejosos de progredir, procuram os laços de simpatia, seja esta oriunda do bem, seja do mal, que já os prenderam; e outros que, embora impulsados pelo desejo de progredir, escolhem meios cujas influências perniciosas não podem vencer. Repetimos, não obstante já isto vos ter sido dito muitas vezes, que, *sobretudo* neste último caso, o Espírito é prevenido dos perigos que correrá, encarnado, e da queda, quase inevitável, que daí lhe resultará. Se persiste, é por sua livre vontade.

Compreendi, de conformidade com esses princípios, a progressão do castigo e da misericórdia. O castigo se verifica na terceira e na quarta gerações, porque, pouco a pouco, o Espírito se depura ou por efeito da encarnação de outros no meio que ele tem preferido, ou por efeito das provações pelas quais passa aí repetidamente. Desde que um começo de melhora se faz sentir nele, o Espírito entra na senda do progresso, atrai a si companheiros também mais adiantados e, através de mil gerações e mesmo mais, se vai mostrando cada vez melhor, até atingir, por fim, a perfeição.

TERCEIRO MANDAMENTO

Não tomarás em vão o nome do Eterno, do Senhor teu Deus; porquanto o Eterno, o Senhor, não terá por inocente aquele que em vão houver tomado o seu nome.

Este mandamento tem sido, em geral, afastado do seu objetivo. Ele se liga aos dois primeiros, dos quais é corolário.

Não devendo perder de vista a *unidade* de Deus, não devendo prosternar-se diante de nenhuma imagem para adorá-la, também não devia o homem dar o *título* de *Deus*, nem atribuir seu poder, a nenhuma criatura, a nenhuma imitação. Por extensão, não deve tampouco usar mal do nome do Senhor, desde que esse nome lhe desperta um pensamento sério. Igualmente, se não ainda mais, com referência ao Criador de todas as coisas é que se entende a recomendação de Jesus aos homens para que de nenhuma forma jurassem: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; "nem pela terra, porque lhe serve de escabelo para os pés."

Cuidai, pois, de suprimir da vossa linguagem esses juramentos feitos "diante de Deus, à face do céu", ou mediante qualquer outra expressão exagerada, que todas quase sempre ocultam, mesmo àquele que as emprega, a pouca confiança que nelas ele próprio deposita. Esforçai-vos por encaminhar Sempre o vosso pensamento para o Senhor, quando o seu nome invocardes. Constitui um abuso fazê-lo em circunstâncias triviais ou culposas.

A invocação do nome de Deus, feita com o coração cheio de sinceridade, atrai, não o próprio Deus à vossa presença, porquanto *muito longe* ainda está o planeta, terreno *do ponto* que há de alcançar para que isso se dê, *mas* o amparo dos Espíritos superiores, dos bons Espíritos que o pai de família investiu no governo de seus filhos e que lhes transmitem suas vontades, até que, pela purificação e pelo progresso, a inteligência se lhes ache bastante

desenvolvida para não mais necessitarem de intermediários.

*

QUARTO MANDAMENTO

Lembra-te do dia de sábado para o santificares. Trabalharás seis dias e farás a tua obra, mas o sétimo dia é o dia do descanso, consagrado ao Eterno, ao Senhor teu Deus. Não farás obra alguma nesse dia, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu gado, nem teu hóspede, o estrangeiro que estiver dentro dos muros de tuas cidades.

Este mandamento, a que foi dado o cunho religioso, é uma lei inteiramente civil e de utilidade humanitária, que teve de ser imposta aos Hebreus, a fim de domar neles o pendor para o abuso do poder.

A do trabalho é uma lei necessária à humanidade. É pelo trabalho que ela *progride*, que *adquire ou repara*. Mas o repouso não é menos indispensável, assim ao corpo, como ao Espírito.

Dizer aos homens: Daí ao vosso corpo tempo de refazer suas forças, daí ao vosso Espírito ensejo de se libertar dos cuidados da matéria, a fim de que possa elevar-se para o seu Criador e afastar-se da Terra que o retém cativo, a fim de se alcandorar, por meio da esperança e da meditação, às esferas elevadas que o aguardam, não teria bastado. E ainda agora seria bastante?

Havia, nesse mandamento, um sentimento profundo de filantropia, que os homens não souberam apreciar. Os povos antigos, dados todos aos abusos da força, tinham, todos eles, escravos encarregados dos mais rudes trabalhos. Não se fazia mister assegurar a estes um repouso necessário, tornando isso uma obrigação para seus senhores? Os animais, votados ao desprezo, porque tidos como carentes de alma, de inteligência, considerados como coisas, como incapazes mesmo da sensação de dor, teriam

sido, sem esse mandamento, levados, pelo excesso de trabalho, a extrema fadiga, as raças se teriam esgotado e as mais úteis ao homem desapareceriam da superfície da terra, por efeito da degenerescência.

Quanto ao estrangeiro que, considerado hóspede, devia ser respeitado, se o mandamento o não atingisse, provavelmente se teria visto oprimido, no dia de sábado, por todos os trabalhos de que cumpria se abstivessem os fiéis. E violada estaria a hospitalidade, lei santa que os antigos geralmente respeitavam.

Notai que em todos os cultos se vos depara essa salvaguarda da saúde pelo repouso.

Hoje, ó bem-amados, nós vos dizemos: Trabalhai, trabalhai, com coragem e zelo, porém, não ultrapasseeis nunca os limites das vossas forças. Guardai e fazei guardar o sábado, não *por puerilidade, mas porque a razão vos diz que necessitais de descanso um dia ou outro*. Tomai-o quando dele sentirdes séria necessidade. Sobretudo, jamais sobrecarregueis de trabalho os vossos inferiores e respeitai o repouso do gado.

Os Hebreus levavam tão longe a observância do sábado, que a própria terra repousava, não no sétimo dia, mas no sétimo ano. Este método, que parecerá infantil aos modernos agricultores, tinha, no entanto, sua razão de ser. Sendo menos numerosos os homens, menores as necessidades, possível era dar-se à terra o luxo de um repouso que lhe permitia readquirir forças naturalmente, sem o recurso *a artificios, cujo abuso gera muitas das enfermidades de que padeceis, sem lhes descobrires as verdadeiras causas*. Os rebanhos encontravam pastagens nas terras que repousavam e a presença deles ali bastava para restituir ao solo os sais necessários à reprodução dos vegetais. *Isto, porém, sai do quadro dos nossos trabalhos*.

Terminando, nós vos dizemos, *como Jesus e com Jesus: "O sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado."* Nunca esqueçais estas

palavras do Mestre e ponde-as em prática tais quais vos foram explicadas, *em espírito e verdade*, no comentário sobre os Evangelhos.⁴⁹

Em seguida a este Mandamento se lê: "Porquanto, o Eterno, o Senhor, fez, *em seis dias, os céus*, a terra e o mar e tudo o que está neles e *descansou no sétimo dia*. Eis porque o Eterno, o Senhor, abençoou o dia do repouso e o santificou.

Há nestas palavras um comentário acrescentado à *lei* por Moisés, a fim de lhe dar mais força e valor *aos olhos dos homens*. Elas resumem as explicações que ele deu ao povo, para que este compreendesse a necessidade do descanso que se lhe prescrevia. Tão necessário era este, que Deus o impusera a si mesmo.

Falando a homens pouco adiantados, Moisés usava da linguagem que lhes era possível compreender. E ele próprio, conquanto versado nas ciências e mistérios egípcios, não possuía, como encarnado, os conhecimentos que depois o trabalho dos séculos desenvolveu.

Pode conciliar-se o que Moisés, por essas palavras, disse de Deus e da Criação com o que atualmente se conhece e está assente, *tanto* pela ciência humana, *quanto* pela revelação e pela ciência espíritas?

É inútil tentá-lo. Moisés, interpretando, *como o fez*, o mandamento do descanso e dando-lhe origem tão augusta, não teve *outra intenção* além da de gravar mais profundamente, no coração dos Hebreus, o respeito àquela lei.

A criação ele a dividiu em seis *épocas* e não *dias* e o fez, não por efeito de pesquisas científicas, *mas sempre com o mesmo objetivo*. O Mandamento que, reclamado pelas necessidades humanas; im-

⁴⁹ Ver: Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, reunidos e harmonizados, 1º tomo, n. 82, págs. 428-431 e 2º tomo, n. 155, págs. 259-263.

punha o repouso *septenário*, protegia os fracos. E Moisés obrigou os fortes a se lhe submeterem.

É então impossível toda explicação entre os sábios e os padres, com o fim de conciliarem o texto relativo às seis épocas com os dados atuais da ciência humana?

Impossível, com efeito, pois que a própria ciência não tem sobre isso a última palavra.

Os cataclismos que hão ocasionado as transformações do vosso planeta ainda a Ciência os não pode calcular, tanto mais quando, tendo sido parciais, muitas vezes fizeram passar de uma parte para outra os elementos de produção. Ainda não chegastes ao termo deles. Muitos, parciais a princípio, depois gerais, virão a produzir-se, derrocando o estado *atual*, para destruir o princípio *material* e levar o planeta terreno ao ponto *de partida*, isto é, *ao estado fluídico*, mas em que os *fluidos* se acharão expurgados *de todas as moléculas materiais*.

*

QUINTO MANDAMENTO

Honra a teu pai e a tua mãe.

Compreenda os Mandamentos do Senhor, em toda a sua grandeza, aquele que quiser obedecer-lhes. Honra a teu pai e a tua mãe: Estes são os chefes que o Senhor te dá, os guias encarnados que prepôs à tua guarda. Mas, os que se encarregam da tua educação, que te desenvolvem a inteligência, que vigiam a tua adolescência, não são também teu pai e tua mãe — *espirituais*? E, por vezes, não fazem mais do que o pai e a mãe segundo a carne, que esquecem seus sagrados deveres e deixam o filho, que o Senhor lhes confiou, entregue a seus maus pendores, quando não chegam até a fazê-lo ceder às inclinações más que neles predominam, dando-lhe o exemplo do orgulho ou do egoísmo, da luxú-

ria, dos vícios e paixões inferiores que degradam a humanidade e levam o Espírito à perdição, fazendo-o falir em suas provas?

O chefe de Estado, o juiz que governa com sabedoria, que faz justiça a todos, que dispensa sua solicitude até ao mais ínfimo de seus administrados, não é um pai a quem deves honrar, pois governa uma grande família?

E, falando *assim*, as nossas palavras se estendem a todo aquele que, como superior, qualquer que seja a sua condição, cumpre santamente suas obrigações para com os que lhe estão subordinados. A lei do respeito e do amor deve abranger todas as classes, todas as condições. É a cadeia que liga uns aos outros todos os membros da família universal.

A fim de que teus dias sejam prolongados na terra que o Eterno, o Senhor teu Deus, te dará.

Estas palavras, aditadas à *lei*, constituem um acréscimo feito por Moisés ao quinto Mandamento, tendo ainda por fim forçar à obediência e ao respeito à *lei* homens dominados *unicamente* pelo egoísmo e pelo instinto do presente.

Bem viver e viver longo tempo constituía para tais homens a primeira e *única* preocupação. Pelo ponto sensível era, pois, que importava prendê-los. E Moisés bem o percebeu.

Mas, tomai, ó filhos amados, a palavra — *terra* em acepção simbólica e compreendereis como a vossa vida poderá *prolongar-se* em a morada que reservada vos está, *no sentido* de que mais cedo a ela podereis chegar, cumprindo melhor os vossos deveres. Como sabeis, a morada reservada aos homens que o merecem são as esferas superiores, que eles atingem à medida que se elevam e a que tanto mais cedo chegarão quanto mais esforços fizerem por se aperfeiçoar.

Homem, honra a teu pai e a tua mãe e teus dias serão prolongados na terra que o Senhor teu Deus

te dará. Mas, compreende-o bem, essa terra não é o solo que pisam teus pés.

As dificuldades que surgiram na interpretação dos Mandamentos nasceram de não terem querido ou não terem sabido os interpretadores distinguir do princípio exarado na lei as adições feitas à lei, separar o que veio de Deus do que veio do homem, sob a inspiração divina, por intermédio dos Espíritos superiores, com um objetivo *transitório e humano*. O que, na lei, vem de Deus é imutável; o que veio por aquela inspiração divina, foi um meio de que Moisés se serviu *para*, atendendo ao momento, *segundo a letra*, e preparando o futuro, *segundo o espírito*, auxiliar o progresso humano, de conformidade com as necessidades da época.

Na Terra em que habitais, enquanto a ocupardes pela encarnação, vossos dias não podem ser prolongados.

No O *Livro dos Espíritos* se lê, com relação à morte, o seguinte: "De fatal, no verdadeiro sentido da palavra, não há senão o instante da morte. *Em chegando esse momento, ou por um meio ou por outro, não vos podeis subtrair a ele.*" — Depois, como resposta a esta pergunta: "*Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos se a hora não for chegada?*" se lê: "Não, não perecerás e tens disso milhares de exemplos; mas, *tendo chegado a hora de partires*, nada pode obstar à tua partida." — Diante dessas palavras e destas que acabais de proferir mediunicamente: "*Na Terra em que habitais, enquanto a ocupardes pela encarnação, vossos dias não podem ser prolongados*" — em que sentido, em que condições e segundo que regras se deve entender que o instante da morte é fatal? Deve-se entendê-lo de modo absoluto e no sentido de que o homem nada pode conseguir, para abreviar sua existência, pelo uso e abuso do seu livre-arbítrio, por seus atos, pela maneira por que se utiliza da sua existência, deixando de cumprir as obrigações que lhe são impostas para que o corpo lhe dure até ao termo de suas provações?

O *Livro dos Espíritos* era a base da revelação, porém não a revelação toda. Se nessa obra se houvesse entrado em todos os pormenores, mais terríveis teriam sido as tempestades que ela levantou, mais numerosos os antagonistas, mais penosa a luta. Foi preciso, primeiramente, desentulhar o caminho e mostrar a luz que cintilava por entre as aberturas do silvedo. Pouco a pouco, o horizonte foi sendo alargado e ainda o será mais.

Sob certos pontos de vista, como esse que ali se adotou, mas sem que se houvesse entrado em todos os desenvolvimentos, a morte é *determinada*. Credes, porém, fracas e finitas criaturas, que aquele que se move no infinito e abrange com o seu olhar as plêiades inumeráveis de estrelas, de mundos que ele projetou no espaço, mede o tempo com os vossos compassos? Tudo é detido em sua marcha, tudo tem determinada a sua duração, ao simples olhar daquele que é o infinito. Mas, a barreira que se ergue diante de vós não é determinada *como o interpretaís*.

A duração da vida se regula pelo princípio que liga o Espírito ao corpo. O cordão fluídico de que se vos tem falado é a mola que põe em movimento o mecanismo corporal. Determinada é a duração dessa mola, mas dentro de uma amplitude que não podeis compreender e que não se mede pelos minutos da vossa pêndula. Extensão mais ou menos longa que é dada, de acordo com a maneira por que dela fizerdes uso. É como um pedaço de borracha que se pode esticar até certo ponto, conforme a maior ou menor força, a maior ou menor destreza que se empregue.

Conquanto seja difícil fazer-vos compreender esta apreciação, vamos dar-vos o *sentido* e o *alcance* do que acabamos de dizer.

A duração do homem tem um limite natural, *determinado*, *no curso regular* da existência, pelas leis imutáveis da natureza, pela ação e aplicação dessas leis, de conformidade com os meios e os cli-

mas, por isso que os fluidos que servem para a formação e o entretenimento dos seres humanos estão em relação com os climas sobre que eles atuam. E a matéria está em relação adequada com eles, porquanto, segundo a lei de harmonia universal, tudo é determinado. Aí, nesse limite natural, é que está o momento *irrevogável* do fim humano, *fim contra o qual o livre-arbítrio do homem nada pode, no sentido de prolongar além dele a duração do corpo.*

Eis qual é, *na verdadeira significação da palavra*, o instante *fatal* da morte. *Neste sentido* é que os dias da criatura humana não podem ser prolongados. Eles não podem ir além daquele limite natural. Mas, o livre-arbítrio do homem pode, seja por meio de suas resoluções espíritas, isto é, pelas determinações que toma, como Espírito, antes de encarnar, *seja pelo uso que faz da sua existência como encarnado*, interromper o curso desta em *determinado* tempo, entre o instante do seu nascimento e aquele natural limite, que é a hora *fatal* do fim humano.

O livre-arbítrio do Espírito o coloca em condições de marcar, antes da encarnação, a duração aproximada do corpo que lhe servirá de envoltório, *tomando ele o encargo de cumprir as obrigações necessárias a fazê-lo durar até ao termo de suas provas.* Uma vez encarnado, como ignore quanto tempo durarão estas, deve empregar todos os esforços para se pôr em estado de levá-las a cabo.

Neste caso, *tendo*, pelas suas resoluções espíritas, marcado a terminação da prova, portanto a duração de sua existência terrena, o Espírito se acha impedido de atingir o termo geral desta — o seu limite natural. O corpo, então, sob a vigilância e a direção dos Espíritos prepostos à tarefa de velar pelo cumprimento das provas, se forma em condições de durar o tempo predeterminado, *cabendo, porém, repetimo-lo, ao Espírito encarnado cumprir todas as obrigações de que dependa a duração dele até ao fim das provas a que serve de instrumento.*

Cumpridas que sejam todas essas obrigações, o instante da morte é irrevogável, porém não *fatal, no verdadeiro sentido desta palavra*, visto ser o resultado do uso que do seu livre-arbítrio fez o Espírito antes de encarnar.

O homem, todavia, pode, pelo exercício desse mesmo livre-arbítrio, *pelo* abuso que dele faça, pela maneira por que conduza a sua existência, deter o curso desta antes do tempo marcado pelas suas resoluções espíritas, pelas determinações que tomou, como Espírito, antes de encarnar.

Assim é que o doente usa do livre-arbítrio, tanto quanto cuida do seu corpo para torná-lo capaz de levar a cabo as provas que seu Espírito escolheu, como quando *apressa* a sua morte, *quer* descuidando-se dele, o que muito se aproxima do suicídio, *quer* praticando abusos ou excessos, *desde que* esse descuido, esses abusos e excessos *constituam* infração das obrigações que lhe cabia cumprir para fazê-lo durar até ao fim das provas que escolhera.

O tempo não é, pois, limitado *segundo o vosso ponto de vista*, se bem o seja com relação ao infinito e às leis que regem o Universo.

Sim, o instante da morte é fatal, *no verdadeiro sentido da palavra*, porque a vida corpórea não pode ultrapassar certo limite.

Não, o instante da morte não é fatal, relativamente à *duração* da vossa existência *restrita*, porque o limite *natural, no curso regular* da vida terrena, só raramente é atingido, pela razão de que as vossas resoluções espíritas, ou os vossos atos, uns e outras conseqüências do vosso livre-arbítrio, impedem que o atinjam.

Quando, para o homem, *é chegada a hora de partir, nada pode eximi-lo da partida*. E isto se verifica, desde que essa hora chegue, ou porque o limite natural tenha sido alcançado, ou por efeito de suas resoluções espíritas, ou em conseqüência de atos seus, que, dada a maneira por que haja conduzido a sua existência, constituíram infração das

obrigações que ele tinha necessidade de cumprir, para fazer que seu corpo durasse até ao termo das provas que buscara.

Dentro dessa latitude que vos é concedida, podeis mover-vos e usar do vosso livre-arbítrio que, a não ser assim, não passaria de uma palavra oca e infalivelmente traria a todo aquele que raciocina a idéia de fatalismo, de predestinação, de escravidão moral.

Há, porém, uma distinção a estabelecer-se quanto à *duração* da vossa existência, *restringida*, com relação ao limite natural, pelas vossas resoluções espíritas, ou por atos vossos que, conformemente ao emprego que dais à vida corporal, constituem infração das obrigações que tendes necessidade de cumprir, para que o vosso corpo dure até à terminação das provas que escolhestes.

De acordo com o que já vos dissemos, para o homem que cumpriu, que cumpre todas as obrigações cuja observância é necessária para que seu corpo dure até ao termo de suas provas, e que, pelas suas resoluções espíritas, determinou uma duração *restrita* para a sua existência, o instante da morte é e permanece irrevogável. Nesse caso, *qualquer que seja o perigo que o ameace, ele não perecerá se a hora não houver chegado*. Qualquer que seja a situação em que se encontre, os meios apropriados a salvá-lo lhe serão preparados e colocados ao alcance pelos Espíritos prepostos ao encargo de vigiar o cumprimento das provas, das expiações. *Se, ao contrário, a hora chegou*, ele morrerá, perecerá. Disso tendes, como se vos disse, milhares de exemplos. De fato, quantas e quantas vezes, no mesmo lugar, uns perecem, outros se salvam!

Já recebestes sobre isto explicações nos comentários aos três primeiros Evangelhos⁵⁰, quanto aos casos de naufrágio, de incêndio, de desmoro-

⁵⁰ Ver: *Evangelhos* de Mateus, Marcos e Lucas, n. 119, págs. 106-113 do 2º tomo.

namentos subterrâneos, de quedas. Não temos que voltar a esse ponto.

No caso de assassinio, o assassino não é instrumento cego da Providência quando, *em determinado tempo*, põe termo à prova de um que se destinara a essa expiação. Assim procedendo, usou de seu livre-arbítrio. O assassinio é a consequência do livre-arbítrio de um e da escolha das provas, das expiações, feita pelo outro que, aplicando a si mesmo a lei de talião, buscou morrer, ou de morte violenta, mas sem determinar em que época, nem de que gênero seria a morte, ou, então, de uma forma precisa, perecendo assassinado.

No primeiro caso, se o assassino usa do seu livre-arbítrio para domar suas paixões e perdoa ao que ia ser uma vítima, outra circunstância a este se apresentará, que porá fim às suas provas. Estas se cumprirão assim conforme às resoluções que seu Espírito tomou antes de encarnar.

No segundo caso, se o assassino procede da mesma forma, os acontecimentos da vida aproximarão o encarnado, que deva sofrer a expiação de morrer assassinado, de outro encarnado em quem os maus pendores predominam, para que se dê o que haja de dar-se.

O assassino e a vítima, uma vez encarnados, não mais se lembram da escolha que fizeram — *um*, da prova de que terá de sair vencedor ou vencido e que constitui, para ele, a luta contra uma tendência de que lhe cumpre triunfar; — *o outro*, da expiação por que deve passar, como meio de reparação e de depuração. Assim, não é por impulso próprio que a vítima se encaminha para o matadouro. Entretanto, algumas vezes, ela prepara, inconscientemente, o caminho que a conduzirá lá, ou é para lá guiada pelos Espíritos prepostos *a vigiar* o cumprimento *das provas, das expiações*.

Compreendi bem o sentido *destas últimas palavras*. Os guias não dirigem os atos do assassino; dirigem o Espírito daquele que deve sofrer a expia-

ção, dirigem os acontecimentos que o conduzirão ao caminho, seja da prova, seja da expiação. Não deduzais daí que à vítima o Espírito seu protetor dê por inspiração, no momento em que ela desperta, a lembrança da resolução que seu Espírito haja tomado enquanto esteve desprendido, durante o sono, a de se colocar no rumo dos sucessos que tenham de levá-la ao cumprimento da expiação escolhida; não. Isso seria um suplício moral infligido ao encarnado e a Providência é piedosa para com seus filhos. Mas, conforme já vos foi explicado no comentário aos três primeiros Evangelhos (n. 119, págs. 106-113, do 2º tomo), o encarnado, ao despertar, conserva uma impressão vaga, que se torna a determinante da sua vontade, de seus atos.

Se a hora fixada pelas resoluções espíritas, quanto à época da morte, *não soou* e permanece irrevogável, por estar aquele que se acha submetido à expiação cumprindo todas as obrigações de que há de resultar a duração de seu corpo até ao fim de suas provas, os Espíritos prepostos a velar pelo cumprimento destas, das expiações, preparam e põem ao alcance dele os meios próprios a subtraí-lo ao assassínio. Ele se salvará, *qualquer que seja o perigo* que o ameace.

No caso em que, praticando, pelo uso que faz da sua existência, atos que constituam infração das obrigações que lhe era necessário cumprir para que o corpo lhe durasse até ao fim de suas provas, infração, portanto, de suas resoluções espíritas, o homem detém o curso dessas provas, ele apressa o instante de sua morte. *Soa-lhe então a hora de partir*, porque, usando e abusando do seu livre-arbítrio, pôs fim à duração de seu corpo, com o fazer que entrassem em ação os meios pelos quais esse fim chega. É que, procedendo daquela forma, ele atraiu fluidos cuja ação, de conformidade com as leis naturais e imutáveis que os regem, prepara e executa a destruição do corpo, a rutura do laço que a este liga o Espírito, desse cordão fluídico que

é a mola, o instrumento e o meio de que depende a vida. E, ao mesmo tempo que atraía aqueles fluidos, ele repelia os apropriados à conservação do corpo até ao termo das provas por que devia passar.

O homem que se deixa arrastar ao suicídio usa do seu livre-arbítrio, *quer* quando atenta, de qualquer modo, contra a *vida*, quer quando afasta a arma que dirigira contra si mesmo, ou renuncia ao projeto de matar-se e ao gênero de morte que escolhera. Se, porém, *a hora* que ele, ao tomar as suas resoluções espíritas, *fixou* para morrer é e se conserva irrevogável, por haverem sido, de sua parte, cumpridas todas as obrigações que lhe importava cumprir para que seu corpo durasse até ao termo de suas provas, os Espíritos prepostos a velar pelo cumprimento destas prepararão e lhe porão ao alcance os meios adequados a se subtrair à morte. O suicídio abortará, ele será salvo.

Não concluais daí que o homem possa seguir impunemente o seu pendor para o suicídio e a ele ceder, atentando contra a própria vida, porquanto, *de um lado*, o suicídio é crime perante Deus e, *de outro*, o homem não sabe *se chegou ou não a hora da sua partida*.

A duração da vida é limitada, mas o livre-arbítrio do homem pode fazê-lo sucumbir ao mau pensamento de interromper *ele mesmo* o curso da sua existência, ou levá-lo a dominar esse arrastamento culposo.

Aquele que se suicidou, como o que morreu assassinado ou de qualquer outra forma, morreria sempre, mas de maneira diversa, de modo natural, *desde que houvesse chegado para ele a hora de partir*, quer por haver atingido o limite natural marcado para fim da vida humana que segue o seu curso, *regular*, quer por haverem suas provas atingido o termo que ele lhes fixou ao tomar suas resoluções espíritas, quer, finalmente, por ter, pelos seus atos, infringido as obrigações que precisava

cumprir, a fim de fazer que seu corpo durasse até ao termo daquelas provas.

Cedendo ao arrastamento que lhe cumpria combater, o gênero de morte a que sucumbiu resultou de sua escolha, mas ele partiu porque chegara a hora de partir. Se houvesse combatido os pendoros que o impeliam a matar-se, teria saído vencedor *da prova*, não se veria condenado a *recomeçar* nas mesmas condições.

O sentimento que induz o homem a se suicidar não lhe nasce no íntimo instantaneamente. É um gérmen que se desenvolve, como que devido a uma *tendência* constitutiva *de uma prova* de que ele precisa triunfar. Se, em lugar de combater essa tendência, o homem se lhe entrega, morre culpado, faliu. Se, em vez de se lhe entregar, investe contra a idéia de destruir a existência que o Senhor lhe concedeu, a hora da libertação, quando soar, o encontrará isento da mancha de uma ação má e da dos maus pensamentos que a houveram causado.

Combatendo as tendências que o propeliam para a destruição de si mesmo, evitando a série de acontecimentos que poderiam levá-lo a um tal ato de desespero, o suicida teria podido evitar o crime. O homem pode evitá-lo, pois que pode, pela força da sua vontade, repelir as tentações. Aquele que escolheu, como prova, resistir à tendência ao suicídio, pode sair vencedor da luta. A bondade de Deus lhe faculta os meios; cabe-lhe alcançar a vitória, porquanto, nas provas em que o homem, para purificar seu Espírito no cadinho da reencarnação, é chamado a vencer suas tendências, Deus lhe deixa a liberdade de escolher entre o bem e o mal. Assim, há sempre luta e possibilidades de triunfo ou de derrota.

Quer sucumba na prova do suicídio, quer triunfe dela, morre sempre *no tempo preciso*, isto é, quando chega para ele a hora de partir, de uma das maneiras que acabamos de assinalar. Mas Deus, conhecendo todas as coisas, por efeito da sua sabe-

doria infinita e da sua presciência, vê se o homem vencerá ou sucumbirá. Se tiver que sair vencedor, o Senhor, por intermédio dos Espíritos prepostos a velar pela execução das provas, prepara circunstâncias que lhe acarretem um fim natural. Se houver de sucumbir na prova, o Senhor deixa que, na inviolabilidade do seu livre-arbítrio, o homem consuma a obra criminosa, dando à sua existência o fim que *ele próprio* preparou e que constituirá um ato culposo da sua vontade.

Eis tudo o que temos para vos dizer sobre o instante da morte, o qual se fosse, como falsamente alguns o consideram, fatal, de modo absoluto e em todos os casos, seria um atentado ao livre-arbítrio do homem e envolveria, inevitavelmente, a idéia de fatalismo.

*

SEXTO MANDAMENTO

Não matarás.

Não corte aquele que nada pode *criar* o fio da existência das criaturas do Senhor. Não deixe o homem que em seu coração se desenvolva o instinto da destruição, pois não sabe que responsabilidade assume.

Este Mandamento, muito vago em seu enunciado, tem um alcance maior do que supondes e ultrapassa de muito os limites do vosso ser. Em cada uma das fases do seu passado, a humanidade o interpretou segundo as suas necessidades. Em cada uma das fases do seu futuro o interpretará de maneira a lhe ampliar a inteligência e aplicação.

Nos tempos primitivos, o "*não matarás*" significava, para os Hebreus: "Não derramarás, sem motivo, o sangue de teu irmão". Mas, a pena de morte vigorava para o menor delito e o sangue das vítimas oferecidas em holocausto corria incessantemente sobre o altar e tão pouco poupados eram os escravos, quanto os animais.

Mais tarde, a pena de morte se tornou menos

aplicada. Só o era àquele cujo crime se tinha por bem comprovado. Os próprios animais passaram a ser, em parte, menos sacrificados, quando nada, nas cerimônias do culto. Porém, as vinganças, as guerras, a crueldade continuaram, como continuam, a derramar sangue por todos os lados.

Hoje, os que não escutaram a nossa voz, mesmo os que não a têm compreendido ou a consideraram mentirosa, se levantam contra a aplicação da pena de morte ao criminoso, anelam pelo momento em que não mais homens se alinhem diante de homens, para descarregar uns sobre os outros seus mortíferos projetis e alguns — os que nos atendem — poupam a vida de todas essas criaturas fracas que o Senhor lhes pôs no caminho, a fim de desenvolver em seus corações a caridade e fazer-lhes compreender a solidariedade universal. Mas, o sangue ainda corre nos matadouros e, aos magotes, caem, sob os golpes dos cutelos assassinos, as vítimas necessárias à alimentação humana.

Mais tarde, o sangue deixará de ser derramado na Terra. Mais tarde, o homem *não matará*. Amará e protegerá o fraco, quer seja este um homem também, quer um animal confiado à sua guarda. Compreenderá a lei de amor e *saberá* elevar-se *acima das necessidades da carne*, necessidades a que *ainda* precisa satisfazer, porquanto correspondem à *organização* atual da *máquina*, mas que diminuirão gradualmente, à medida que o Espírito crescer na sabedoria e em ciência, porque, de par com este crescimento, também gradativamente se modificará o organismo humano. O progresso físico marcha e se desenvolve concomitantemente com o progresso moral e intelectual, com os quais guarda relação.⁵¹

Neste momento, a abolição da pena de morte é reclamada na França, está proposta nas assembleias legislativas da Itália e da Bélgica.

⁵¹ Ver: O Livro dos Espíritos, págs. 334-345, sobre a Lei de destruição.

São esforços generosos; são promissores começos. *Ainda* não chegou, porém, o momento de abolir-se a pena de morte. É preciso que se depure o moral das classes inferiores, inferiores não do ponto de vista das condições sociais, mas do adiantamento moral, intelectual dos Espíritos. Enquanto não chega esse esperado momento, a vós, homens, a vós espíritas, sobretudo cabe, *pelos vossos ensinamentos e exemplos*, apressar-lhe o advento possível e oportuno.

*

SÊTIMO MANDAMENTO

Não cometerás adultério.

A natureza material do homem o impele para a lubricidade. Nada lhe refreia os desejos, desde que se entregue aos instintos animais. E sabeis que estes instintos, principalmente, dominavam naquelas afastadas épocas. Não vedes que ainda agora eles arrastam muitos de vossos irmãos a vergonhosos transviamentos?

Os laços que prendem um ao outro o homem e a mulher e que os induzem a perpetuar a espécie têm uma origem nobre e pura, de onde a materialidade da encarnação os desviou, mas à qual é *preciso* que voltem.

A proibição de cometer adultério devia bastar para conter os excessos. Mas, ainda aí a interpretação obedeceu às necessidades da época: o homem e a mulher casados, se cometiam adultério, eram punidos, ela com a pena de morte, ele com a pecha de infame.

Este Mandamento, *segundo o espírito*, se estende a toda quebra da união pura. Compreende todos os arrastamentos carnis, sejam quais forem, que impilam o macho para a fêmea e que rebaixam a humanidade até ao nível dos instintos do bruto.

Não vos dizemos: "Deus criou um homem de uma mulher, a fim de provar que uma só existência deviam eles ter." Esse era o lado moral, o fim moral que, sob o *véu da letra*, Moisés adotara, colocando-se no ponto de vista dos Hebreus, e que permaneceram os mesmos para as gerações então futuras. Já vos demos explicações a respeito dessa figura emblemática da criação e acerca da própria criação⁵². Dir-vos-emos, não obstante, o seguinte: os Espíritos se grupam por atração de simpatia. Cada Espírito escolhe o companheiro, ou a companheira, com quem passe o tempo de sua *provação*. Tal a regra, cuja única exceção se encontra no caso do celibato *como provação*.

Os Espíritos encarnam, nascem, geralmente em condições que lhes permitam reunir-se. Os que são reciprocamente simpáticos se acham destinados à união. Mas, as disposições materiais de um ou de outro, como encarnados, podem quebrar acidentalmente a harmonia e lhes retardar a união, quer nos limites da encarnação presente, quer até uma outra encarnação. *Assim* é que um Espírito se vê repellido, desprezado, ou abandonado por outro que lhe é simpático, que o chama, isto é, para o qual ele se sente atraído, porém que se deixou seduzir, ou pelos arrastamentos carnis, ou pelo orgulho, pela ambição, pelo amor do ouro.

Quando Espíritos simpáticos um ao outro chegam a unir-se na Terra, de conformidade com a escolha por eles reciprocamente feita antes de encarnarem, nada mais haverá que os separe, que rompa os laços dessa união, desde que ela se realizou por efeito de idêntica, tendências para o bem. Esses não precisam mais que um mandamento lhes diga: "Não

⁵² Ver, com efeito, o que foi desenvolvidamente dito sobre a origem do Espírito (origem da alma), sobre a do homem e da mulher na Terra e sobre os mundos primitivos. (Ns. 56 e seguintes, tomo 19, *Evangelhos* de Mateus, Marcos e Lucas, reunidos.)

cometereis adultério". Porém, se, uma vez encarnados, descuidando-se dos compromissos assumidos no estado espírita, compromissos cuja lembrança perderam, se bem que um secreto instinto do coração os advirta deles, e dos quais a influência da matéria os afasta, os Espíritos, homens e mulheres, não procuram, na união conjugal, mais do que uma passageira satisfação material, mais do que uma combinação matemática ou social, um negócio de interesse ou de orgulho, os compromissos terrenos quebram os laços de simpatia. Em tal caso, uma afeição pura não enche os corações e os Espíritos buscam compensações na variedade e no mau proceder. A esses o mandamento diz: "*Não fornicarás, não cometerás adultério*, porquanto, se a ti mesmo te impuseste carregar uma pesada cadeia, tens que sofrer as conseqüências; tens que, pelo respeito que deves a esse compromisso irrefletido, atenuar a falta que praticaste contraindo-o; tens que vencer os teus instintos sensuais; tens que dominar a carne e fazer que nasça a simpatia que *deverá reinar* — entre o teu Espírito e o da companheira que inconsideradamente escolheste — *quando começar o dia da liberdade* pela volta de ambos à vida espírita."

Algumas vezes, a união é imposta ao encarnado pela influência e autoridade dos pais, movidos pelo interesse ou pelo orgulho. *Tal* união constitui, para o que a sofre, uma provação por ele escolhida e que será temporária, ou durará todo o tempo da sua existência terrena. No primeiro caso, terá por efeito *apenas* retardar, no curso da sua encarnação atual, a união simpática que ele escolhera antes desta. No segundo, o efeito será adiar essa união para uma encarnação posterior.

E tanto para esse, como para o que se uniu fugindo às suas provas, o Mandamento emprega a mesma linguagem de que usa para com o que, livre e voluntária, mas irrefletidamente, assumiu

um compromisso, desviando-se do caminho que devia seguir.

Algumas vezes também, certos Espíritos, desejosos de vencer a antipatia que experimentam um pelo outro, embora nem sempre seja recíproca, escolhem, *como provação*, unir-se humanamente. Ainda a esses o Mandamento diz: "*Não cometeis adultério.*" E Jesus, com a sua voz meiga, repete: "*Não separe o homem o que Deus uniu*"

Concluindo as nossas observações sobre este ponto, repetimos: Os Espíritos se destinam à união. Antes de encarnarem, escolhem os que lhes sejam companheiros, a fim de juntos passarem o tempo da provação, auxiliando-se mutuamente, ressalvada a possibilidade de uns ou outros fugirem ao cumprimento de suas resoluções espíritas. Mas, quer isto se dê, quer não, a escolha, seja conforme ou contrária a essas resoluções espíritas, não é fruto do que chamais — o acaso e sim o resultado da direção impressa às provas. Dessa direção depende ser o Espírito desviado de sua rota, ou livre e voluntariamente, *ou* porque sofra a imposição de uma vontade.

Feita a escolha e dado que um dos Espíritos ou ambos se afastem do caminho que deviam seguir, pode acontecer, ou que venham a encontrar-se, ao cabo de certo tempo, na encarnação presente, ou que fiquem *momentaneamente* separados, até uma nova encarnação, na qual os reconduzirão um ao outro as mesmas simpatias, ou então, se o caso resultar de antipatia, a intenção de, *por prova*, viverem unidos. A escolha reiteradamente feita acabará por torná-los capazes de levarem a cabo a prova.

O celibato também é, para uns, *prova*; para outros, *desvio*. Os que, *por prova*, se destinam ao celibato, não escolheram companheira para a vida, ou, pelo menos (dizemo-lo, a fim de não deixar margem para falsas interpretações), não determinaram que se verificasse sua união terrena com outro Espírito.

Para explicarmos todos os casos em que o celibato constitui um *transviamento*, teríamos que entrar em muitos pormenores. Bastará, pois, vos fazemos notar que há celibatários — por egoísmo, por lubricidade, por indiferença, por avareza, *por quietismo*, doutrina que, assente numa falsa idéia da espiritualidade, faz consistir a perfeição cristã na inação da alma e em a criatura negligenciar das obras exteriores. Há ainda o celibato por voto decorrente da condição imposta a todo aquele, homem e mulher, que se propõe entrar para as ordens monásticas e religiosas. Conforme vos foi relatado no comentário sobre os três primeiros Evangelhos, a imposição desse compromisso nasceu de uma falsa interpretação e de uma aplicação falsa destas palavras de Jesus: "*Há os que se fizeram eunucos pelo reino dos céus; aquele que puder compreender isto, que o compreenda*"⁵³, palavras que a Igreja não soube nem pôde compreender. O que, a esse respeito, ocorreu, sob o império e o véu *da letra*, na era cristã, postos de parte os desvios e abusos, teve a sua razão de ser, mas tem que cessar e cessará na era nova do Cristianismo *do Cristo*, na era espírita, sob o império do espírito.

*

OITAVO MANDAMENTO

Não furtarás.

O egoísmo e a inveja são inimigos ocultos que todo homem traz dentro de si. São dois sentimentos que o levam a apoderar-se de tudo o que lhe possa convir, quer moralmente, quer fisicamente. São dois sentimentos que o excitam a empregar a astúcia ou a força para conseguir o que deseja.

⁵³ Ver: *Evangelhos* de Mateus, Marcos e Lucas, reunidos e postos em concordância, 39 tomo, páginas 180-188.

Impor-lhe o respeito à propriedade de outrem, *qualquer que ela seja*, é forçá-lo a domar esses princípios de todo mal, conduzindo-o à obediência à lei do trabalho, da justiça, do amor e da caridade que, banindo-lhe do coração o egoísmo e a inveja, lhe excluem do pensamento e dos atos a preguiça, a ignorância, a miséria, os transbordamentos, os desvios, os excessos do Espírito e da carne e, portanto, o instinto ou a vontade do roubo de qualquer natureza, tanto do ponto de vista das pessoas, como do das propriedades de ordem material, moral e intelectual. Tal o objetivo deste Mandamento.

*

NONO MANDAMENTO

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Não é o que entra no homem o que o macula, disse Jesus, porque o que entra no homem vai aos intestinos e daí para o lugar secreto. O que macula o homem são as palavras que lhe sobem do coração aos lábios.

A verdade, em toda a sua simplicidade, deve inspirar as palavras daquele que teme a Deus e procura caminhar nas sendas por ele traçadas.

Este Mandamento, apropriado a uma época em que, pelo testemunho de um só homem, um outro homem podia, em certos casos, ser condenado à morte, se estende, avolumando-se de princípios, a todos os séculos e clareia os que se aproximam.

Vimos de dizer que ele era apropriado a uma época em que, pelo testemunho de um só homem, podia outro ser condenado à morte. Ainda nos dias de hoje as causas subsistem, porém, porque a justiça dos homens progrediu, como todas as coisas, mais raros são os fatos dessa natureza. Na época de que falamos, quando este Mandamento apareceu, no período da era hebraica, bastava que um homem acusasse a outro de blasfemo, ou de um pecado,

para que esse outro fosse lapidado. E esses costumes, essas tradições hebraicas, por longos séculos e sob diversos aspectos e de pontos de vista diferentes, com relação à era cristã, deixaram traços que ainda se notam nas vossas legislações humanas: civis, políticas e religiosas.

Não dar falso testemunho é, em toda ocasião, em todo lugar e em todos os casos, render homenagem à verdade; é desfraldar sem vexame, nem vacilações, o estandarte da verdade; é não temer altear o facho de luz que aclara; é destruir o alqueire que a cobre, para fazê-la brilhar *aos olhos de todos*.

Não pronunciar falso testemunho é marchar sempre de acordo com a consciência.

*

DECIMO MANDAMENTO

Não cobiçarás a casa de teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que seja de teu próximo.

Este Mandamento se prende, dando-lhe maior amplitude, ao que diz: "*Não furtarás.*" Ele ensina ao homem que não lhe basta abster-se de uma ação má; que lhe cumpre ter-se em guarda contra o mau pensamento, pois, para Deus, o pensamento, em muitas circunstâncias, vale tanto quanto o ato. Efetivamente, aquele que concebe um mau desígnio, mas que não o pode executar, seja por temor das leis, seja porque uma série de acontecimentos o impeça, não é tão culpado como o que o executa? Faltou-lhe a ocasião, eis tudo.

Branqueai e limpai os sepulcros dos vossos corações; purificai os vossos pensamentos; que nenhum destes seja de ordem a vos fazer corar diante dos vossos irmãos, pois o que não ousareis confessar a homens falíveis como vós está exposto às

vistas do supremo Juiz, que lê no mais recôndito da vossa alma.

Nada cobiceis; não premediteis nenhum mal; não vos entregueis a nenhum mau pensamento, por isso que aquele que sonda os corações e as entranhas julga, assim os sentimentos, como os atos.

Que sobre vós derrame o Senhor as suas bênçãos.

*

MOISÉS.

AMOR DE DEUS E DO PRÓXIMO

"Amarás ao Eterno teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças." (Deuteronômio, cap. VI, vv. 4-5.)

"Amarás ao teu próximo como a ti mesmo." (*Levítico*, cap. XIX, v. 18. — *Mateus*, cap. XXII, vv. 30-40. — *Marcos*, cap. XII, vv. 28-31. — *Lucas*, cap. X, vv. 25-28 e 29-37.)

"E estes mandamentos que hoje te prescrevo estarão em teu coração; tu os inculcarás a teus filhos e deles falarás quando estiveres em tua casa, quando te puseres a caminho, quando te deitares e quando te levantares; e os atarás como um sinal em tuas mãos e estarão como testeiras entre teus olhos; escrevê-los-á também nos umbrais de tua casa e nas tuas portas. — Ouve, pois, ó Israel e cuida de guardá-los, a fim de que sejas feliz e muito te multipliques na terra onde manam leite e mel, como o disse o Eterno, o Deus de teus pais." (*Deuteronômio*, cap. VI, vv. 6-7-8-9 e v. 3.)

"Toda a lei e os profetas se acham contidos nestes dois mandamentos." (MATEUS, cap. XXII, v. 40.)

Amar a Deus é render homenagem ao princípio do amor, à causa da vida.

Criatura ínfima, que *pode* o homem, que *pode* o Espírito que anima essa forma grosseira fazer como testemunho de *reconhecimento* ao Senhor onipotente por todos os tesouros que lhe pôs nas mãos, a fim de que deles se utilize incessantemente? *Amar*, porquanto o amor inspira a submissão, a gratidão e o respeito; *amar*, porquanto o amor é o

único laço que liga a criatura ao Criador. E esse amor deve manifestar-se *de todos os modos*, visto que representa a *criação inteira*.

Para amar a Deus, deve o homem limpar seu coração, seu Espírito, seu corpo de todas as nódoas, pois o amor induz à aproximação e o que quer que seja impuro não pode aproximar-se de Deus.

Dissemos que o homem deve limpar seu coração, seu Espírito e *seu corpo* de todas as nódoas. Deve limpar o corpo, como o coração e o Espírito, porque o corpo é o instrumento com que este cumpre suas provas e realiza, encarnando, sua marcha ascensional pela senda do progresso moral, intelectual e físico. Deve limpar seu coração, seu Espírito e seu corpo, para, por meio do progresso moral e intelectual, obter a depuração do coração e do Espírito e, por meio desta, conseguir o progresso físico e, em consequência, o do envoltório corporal, isentando-o da liga impura da matéria, com o desprender-se dela cada vez mais, no curso das vidas sucessivas e progressivas e através da hierarquia ascensional dos mundos.

Para amar a Deus, deve o homem trabalhar continuamente por elevar sua inteligência, por desenvolvê-la, por alargar seus conhecimentos, por dilatar sua ciência, porquanto a ignorância não pode aproximar-se da onisciência e tudo o que é amor tende a unir-se.

Amar a Deus é fundir-se na humanidade, é absorver-se no amor fraternal, por isso que todo homem — como todas as criaturas do Senhor — provém do mesmo princípio, tende ao mesmo fim, é uma parte do ser dividido ao infinito, para o efeito de elevar-se do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na individualidade e na imortalidade. Homens, não vos equivoqueis quanto ao sentido e ao alcance destas últimas palavras: "*é uma parte do ser dividido ao infinito*, para o efeito de elevar-se do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na individualidade e na imortalidade."

Mal compreendidas, elas dariam lugar a falsas interpretações, do ponto de vista das idéias panteístas, idéias errôneas e falsas. Para bem lhes compreenderdes o sentido e o alcance, reportai-vos ao que já vos foi explicado no comentário do Evangelho de João (n. 11, v. 24, deste tomo) sobre Deus e, nos comentários sobre os três primeiros Evangelhos (ns. 56 e seguintes, 1^o tomo), sobre a origem da essência espiritual, do Espírito (a origem da alma), suas fases, seus fins e seus destinos, sobre a origem dos mundos, de todas as criações de ordem espiritual, fluídica e material.

O que nesses lugares foi explicado vos mostra que Deus, o Criador incriado, é pessoal e distinto da criação, da criatura, como a causa é pessoal e distinta do efeito que ela gera, que ela produz; como o infinito, o incriado é pessoal e distinto do finito, do criado; como a eternidade é pessoal e distinta do tempo, da duração que ela gera, que ela produz *relativamente à criação, à criatura*.

O que então foi explicado vos mostra que Deus, o Criador incriado, é pessoal e distinto da criação, das criaturas, que são dele, por ele e nele e não *ele*, que são, pois, nesse sentido, uma parte do ser dividido ao infinito, para o efeito de elevar-se do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, *na individualidade e na imortalidade*.

O que em tais pontos foi explicado vos mostra que Deus, Criador incriado, inteligência, pensamento, fluido, habita (no dizer do apóstolo Paulo) uma luz inacessível e possui, ele só, a imortalidade; que o fluido universal, que dele parte e o toca, é, por suas quintessências e mediante todas as combinações, modificações e transformações por que ele o faz passar, o instrumento e o meio de que se serve para realizar, no infinito e na eternidade, pela ação da sua vontade onipotente, todas as criações, espirituais, fluídicas e materiais; a criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os rei-

nos da natureza; a criação de tudo o que se move, vive, é.

O que assim foi explicado vos mostra o Espírito, na origem de sua formação, como essência espiritual, saindo do todo universal, isto é, do conjunto dos fluidos espalhados no espaço e que são a fonte de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluídico, quer no estado material; como essência espiritual formada da quintessência desses fluidos, pela vontade do Senhor onipotente, só e única essência de vida no infinito e na eternidade. É ele quem anima essa quintessência dos fluidos para lhe dar o ser, para, mediante uma combinação sutil, cuja *essência* somente nas irradiações divinas se encontra, fazer dela essências espirituais, os princípios primitivos do Espírito em germen e destinados à sua formação. Neste sentido é que as essências espirituais são partes do *ser* dividido ao infinito, para, efeito de se elevarem do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, individualizadas e imortalizadas.

O que nos pontos indicados acima foi explicado vos mostra a grande lei, cuja ação se exerce por intermédio dos fluidos magnéticos que nos envolvem, como se formáramos um único ser, a fim de nos ajudar a subir para Deus pela conjugação de nossas forças, a grande lei da atração magnética ligando, no universo infinito, todos os mundos, unindo todos os Espíritos encarnados ou não, todas as criaturas oriundas de Deus, criador incriado, imutável, eterno, infinito, como o todo universal de que fazemos parte e que se acha submetido ao seu mando. Tudo e todos têm dele, por ele e nele o ser e se acham presos pelos laços da unidade e da solidariedade.

A humanidade inteira deve, portanto, considerar-se uma individualidade única, um imenso corpo que, em cada indivíduo, tem um membro ligado ao todo. Tudo, portanto, deve tender para a harmonia

humana, aguardando o momento de poder elevar-se à harmonia celeste.

Assim, amar ao próximo como a si mesmo é uma conseqüência do amor de Deus. E é neste sentido e do ponto de vista desta unidade e desta solidariedade, humanas, universais em Deus, que, segundo o espírito e em verdade, depois de haver lembrado o mandamento do amor a Deus e de haver dito: "*Este é o primeiro e o maior dos mandamentos*", Jesus, recordando o do amor ao próximo como a si mesmo, disse: "*Eis o segundo, semelhante ao primeiro.*"

Os dois Mandamentos, segundo a letra e para os Hebreus, objetivavam a nacionalidade deles. Porém, segundo o espírito oculto pela, letra, Israel era, simbolicamente, a personificação da humanidade toda. E Jesus, dizendo: "*Toda a lei e os profetas se contêm nestes dois mandamentos*", proclamou serem eles, para todos os homens, Judeus e Gentios, o único meio de salvação, isto é, de depuração, de progresso. Proclamou-os o caminho único para a perfeição e, portanto, para a vida eterna, para a vida dos puros Espíritos, onde tudo são delícias, claridade, ventura, atividade e perseverança no estudo, para um avanço contínuo e cada vez maior em ciência universal, no infinito e na eternidade; onde tudo é amor e devotamento, para o progresso universal, na vida e na harmonia universais.

Homens, praticai, com sinceridade e zelo, sem afrouxamento, sem cessar, estes dois Mandamentos, nunca, fazendo aos outros, nem por palavras, nem por atos, o que não quereríeis que vos fizessem, fazendo, ao contrário, do ponto de vista do bem e do belo, do que é justo, bom e verdadeiro, assim na ordem material, como na ordem moral e intelectual, tudo o que desejaríeis que vos fizessem, porquanto Jesus também disse: "*Aí estão toda a lei e os profetas*". E, conforme ele igualmente o proclamou, a cada um há de ser e será dado de acordo com as suas obras

e cada um será julgado pelas suas obras no tribunal da própria consciência, sede do Tribunal de Deus.

Preparai assim, praticando, com sinceridade, humildade e desinteresse, a justiça, o amor e a caridade, o advento da fraternidade humana que, só ela, pode estabelecer e fazer reinar, estabelecerá e fará reinar na Terra a liberdade para todos e a igualdade entre todos, diante de Deus e diante dos homens, sob o império da lei de reciprocidade e de solidariedade.

Compreendendo e praticando todos, desse modo, *em espírito e verdade*, o direito e o dever, dos pontos de vista social, familiar e individual, preparai o advento do reino de Deus na Terra, sob o império e a ação da lei de amor e de unidade.

MOISÉS, MATEUS, MARCOS, LUCAS E JOÃO.
assistidos pelos Apóstolos.
FIM DO QUARTO E ÚLTIMO TOMO

NOTA DA EDITORA — Na presente obra, os dez mandamentos não foram divididos e estudados na ordem universalmente adotada. O Autor preferiu seguir a Bíblia, segundo observamos em Êxodo, 20:2 a 17 e Deuteronômio, 5-6 a 21. Isso, porém, em nada alterou o estudo, mesmo porque Jesus simplificou todo o Decálogo, conforme se verifica em Mateus, cap. XXII, 37-40. — W